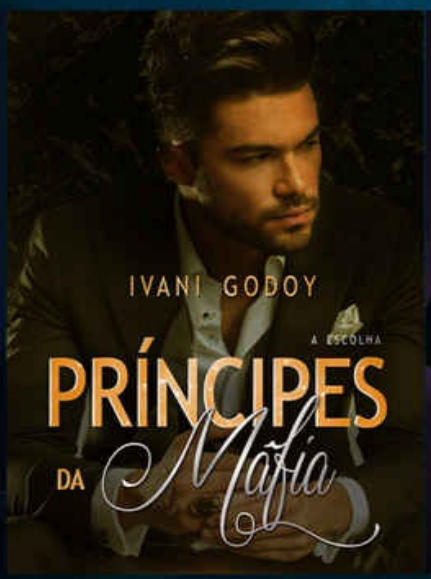
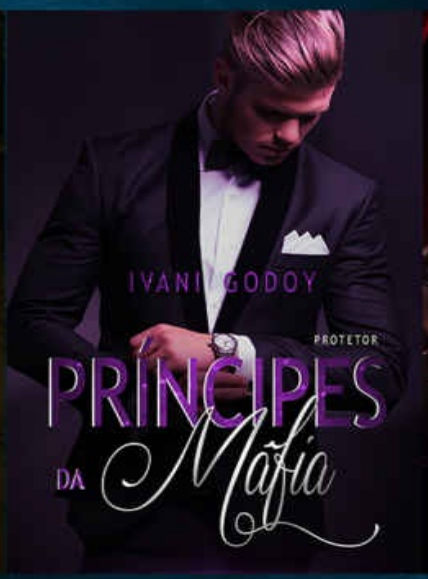
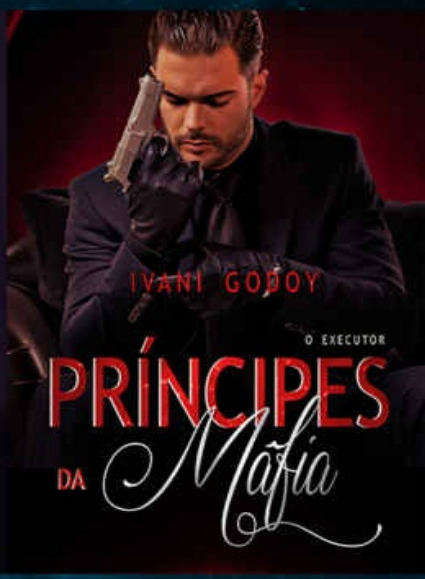
BOX

PRÍNCIPES DA Máfia









IVANI GODOY

BOX

PRÍNCIPES DA Máfia



IVANI GODOY

BOX

PRÍNCIPES DA MÁFIA

IVANI GODOY

Copyright© 2020 - Ivani Godoy

Diagramação: Denilia Carneiro - DC Diagramações

Capa: Barbara Dameto

Revisores: VINGANÇA: Kátia Regina Souza

A ESCOLHA: *Kátia Regina Souza*

O EXECUTR: Sara Ester

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

VINGANÇA
Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Epílogo
Bônus
A ESCOLHA
Sinopse
Prólogo 1
Prólogo 2
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15

Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Epílogo
Bônus 1
Bônus 2
O PROTETOR
Sinopse
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20

Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Epílogo
Bônus
Bônus
O EXECUTOR
Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Epílogo
FIM
Conheça meus outros trabalhos:
Siga-me nas redes sociais:

IVANI GODOY

VINGANÇA

PRÍNCIPES DA MAFIA



Sinopse

Nikolai é conhecido como Dark, e nunca pensou em amor — em seu mundo, inexiste tal palavra, importando apenas a lealdade. Com vinte e três anos, tem um imenso império nas mãos, herdado da máfia russa Dragon. Controla todos com pulso firme, e quem pisa na bola ele simplesmente esmaga: não há perdão ou segunda chance.

Tudo muda ao conhecer Samira, a única mulher que o tocou fundo. O que Nikolai fará? O que terá mais poder em sua vida, o amor ou a vingança? A justiça ou a redenção?

Samira é uma jovem romântica, que esconde um grande segredo das pessoas à sua volta. Sonhava em se apaixonar por alguém que não fosse do seu mundo, logo, jamais imaginou que se envolveria com o chefe da máfia russa, o homem mais influente no universo do crime, e inimigo mortal de seu pai. Samira está disposta a tentar, pois Nikolai acabou mexendo intensamente com seu coração. Entretanto, apesar de lindo, *sexy* e gostoso na cama, isso não é suficiente; ela quer mais.

O que Samira fará? O amor prevalecerá à dor? À traição? Às perdas? Às mentiras? À própria morte?



Prólogo

Dalila com dez anos

Quando tinha dez anos, eu presenciei o casamento da minha amiga Yala, e minha mãe me explicou o que era. A partir dali a minha inocência começou a ser quebrada. Yala se casou com um homem de vinte e quatro anos. Como poderia ser? Éramos crianças, meu Deus! Por isso odiava este mundo. Por que tive de nascer nele?

— Mamãe, não me deixe noivar — pedi a ela enquanto íamos visitar o parque. — Eu tenho dez anos, não posso me casar igual à Yala.

— Não diga isso. Se o seu pai a ouvir, ele se irritará. Vamos apenas nos divertir hoje, tudo bem? — Sua voz estava um pouco trêmula. Ela olhava por todos os lados, como se com medo de sermos pegas ali.

— Mas, mamãe… Ainda sou criança! Por favor, me ajude — supliquei.

Ela não disse mais nada até chegarmos a uma loja de roupas.

— Verei o que posso fazer, mas pare de falar sobre isso aqui. Vamos comprar vestidos, sim? — Sorriu para mim.

Ela era uma mulher linda. Eu me parecia com mamãe, morena e de

cabelos escuros.

— Prometo. — Sorri em retorno.

Todos nós, papai, mamãe e Matteo, estávamos de férias na Rússia. Eu queria ir para a Itália como no ano passado, mas mamãe não quis. Ela disse que adoraria conhecer a Rússia.

Falou em russo com a mulher da loja. Eu não sabia essa língua, mas a moça foi e me trouxe vários vestidos bonitos. Mamãe me obrigou a colocar um antes de chegar em casa. O que me causou estranheza foi que ela ficou com o meu vestido antigo, algo incomum: sempre jogava fora a roupa velha ao comprar uma nova.

— Agora, minha filha, alguém virá para levá-la embora, e onde você vai, eu não poderei ir. Então obedeça essa mulher e nunca volte a nos procurar — disse mamãe.

Lágrimas saíram dos meus olhos.

— Não quero deixar vocês, mamãe. — Peguei sua mão. — Por favor…

— Eles organizaram um casamento para você, e eu não posso permitir que aconteça. Só faça o que pedi, por favor. Um dia, se as coisas mudarem, eu a buscarei — jurou.

Depois desse momento, eu nunca mais veria Giulia, a minha mãe.



Capítulo 1

Nikolai com onze anos

— Mamãe, papai… — Cheguei aos caixões lacrados dos meus pais; ficaram irreconhecíveis devido ao acidente. — Pegarei quem fez isso com vocês e juro por tudo que é sagrado: matarei os desgraçados.

Um homem não podia demonstrar sentimentos em público, papai sempre me ensinou isto. Apesar de que, quando ninguém estava olhando, ele nos mostrava o quanto nos amava. Isso era o que eu odiava na máfia no começo, mas hoje até gostava do que me transformei, e gostaria ainda mais, assim que matasse Andrey Jacov com minhas próprias mãos.

Pela manhã, recebera a notícia de que meus pais sofreram um acidente de carro, ao qual não sobreviveram… No entanto, não foi um acidente qualquer: eu sabia exatamente quem o causou.

Tinha apenas onze anos, não deveria querer vingança, mas funcionava assim no meu mundo. Não éramos diferentes dos adultos. Podia demorar um pouco para pegar o assassino, mas conseguiria.

Os Dragons sempre foram pais excelentes desde que me adotaram na América e me trouxeram para a Rússia.

Nunca conheci meus pais verdadeiros, tampouco me importava. Eles me abandonaram em um hospital quando bebê e simplesmente desapareceram do mapa. Por que não me deram a um lar adotivo? Ou melhor, ficaram comigo? Eram perguntas que eu fazia, porém, jamais obtive

respostas.

Os Dragons se tornaram meus pais, e agora vinha um fodido assassino e os tirava de mim?

Nikolai com dezesseis anos

Cinco anos me preparando para enfrentar certas pessoas ligadas à família Dragon. Precisava adquirir meu título de chefe da máfia, e para isto, eu teria de derrubar alguns obstáculos. Ninguém ficaria no meu caminho ou me impediria de me vingar dos assassinos dos meus pais.

Descobrira há pouco que o maldito do Sebastian Ruiz, chefe de um cartel mexicano, era o meu pai. Ele me abandonou quando bebê, e minha mãe foi morta pelo mesmo homem que assassinou os Dragons. Mas não era por isso que considerava Sebastian abominável, afinal de contas, eu também fazia parte da máfia, e não agíamos conforme a lei. Ele era um monstro porque se tornou um homem cruel com sua própria família.

Acabei descobrindo que tinha uma avó e uma irmã. Estava até pensando em ir procurá-las para conhecê-las, mas após o que aconteceu com meus pais, isso não ocorreria tão cedo, pois precisava manter distância para

protegê-las, já que tinha a intenção de me vingar.

Minha irmã era Tabitta Rodrigues, uma adolescente que vivia com minha avó, Elizabeth, em Austin, nos Estados Unidos. Queria poder ficar próximo a elas, mas tudo o que eu tocava sofria ou morria, então para não trazer as duas ao meu mundo, decidi cuidá-las de longe e não dar nenhuma dica de que tinha família na América.

Naquele dia, faria dezesseis anos. Alexei ocupava a posição de chefe e me ensinou muita coisa; sua ideia era me passar o cargo dele. Eu não tinha idade na época, e agora sim.

Após virar o líder, precisaria me concentrar e proteger Alexei e Irina, os meus irmãos, filhos biológicos dos Dragons.

— Nikolai, você vai assumir, não desejo chefiar nada — Alexei disse com um suspiro triste. — Nossos pais aceitariam essa decisão, contudo, teremos muitos problemas com quem não quiser acatar. Acredito que você saberá lidar com eles.

O meu pai, Aristov Dragon, era o antigo chefe. Com sua morte, Alexei ficou no comando da família. Meu irmão assumiu a posição e foi bem em sua administração, mas não almejava continuar liderando para sempre.

Na máfia russa, há uma espécie de conselho, cujos membros chamam-se *dubrov*. São indivíduos que estão na família há séculos, logo, respeitados. Cumprem ordens do chefe, mas, na ausência de um, auxiliam a eleger um

novo.

Kriger e Russell eram dos *dubrov*. Eles me aceitaram como parte da família Dragon quando cheguei na casa. Todavia, ocupando um cargo? Ninguém estaria de acordo, ainda mais como chefe.

Encaminhávamo-nos ao Squart, um centro de lutas clandestinas, para uma reunião da máfia. Ao chegar, vimos que tinha algo errado: uma rebelião se iniciava no salão da academia de luta.

Horas antes, Alexei mencionara que sairia do cargo e me colocaria no lugar.

— Que porra está acontecendo aqui? — rosnou meu irmão.

— Isso é contra as regras — mal adentramos a sala e Russell rugiu, me olhando com nojo. — Você não pode transformar Nikolai em chefe.

Alexei estava do meu lado, junto a mais de vinte homens. Havia outros com Russell, que compactuavam com o sentimento dele.

— Pode me explicar a qual regra isso vai contra? — perguntou Alexei num tom mortal.

— Ele não é da nossa família, nunca foi! Agora quer ocupar a chefia, sendo que não tem direito nenhum sobre ela?

Ao mencionar a palavra “família”, nos referíamos à máfia, e não ao sangue, porque eles não eram parentes de Alexei.

— Quando Nikolai era criança, vocês o aceitaram — lembrou. — Foi

só porque meu pai estava aqui? Com papai morto, o jogarão fora?

Russell tinha quase quarenta e cinco anos, assim como Kriger, que até o momento estava calado no canto. Eu não sabia de que lado ficaria, se do meu ou no de Russell.

— Ele não merece o cargo — sibilou Russell, fitando-nos. — Caso não aceite a posição, Alexei, votaremos em outra pessoa. Se Nikolai pretende se tornar um membro da máfia, terá de aturar os mesmos sacrifícios que todos nós.

Eu arqueei as sobrancelhas. Poderia apostar que o desgraçado intencionava se candidatar, bem como ia adorar me torturar.

Depois da morte do papai, ele me tratava como se eu tivesse lepra; talvez antes disso, mas não percebi na época.

Alexei estava a ponto de me defender, entretanto, não precisava mais dele para isso: se ambicionava ser chefe, faria as coisas sozinho. Criaria o meu próprio poder para alcançar meus objetivos. O principal deles? Enfrentar Andrey Jacov.

Existe uma passagem bíblica que fala de Davi e Salomão. Davi tinha muitos servos e era um guerreiro impressionante. Seu filho, Salomão, queria ter mais do que o seu pai, portanto se sacrificou, e no final conquistou tudo que almejou. Isso se tornou a minha meta.

Não que eu tivesse lido a bíblia… Era Aristov quem dizia que, para

liderar, é necessário pensar grande e longe, como uma águia. E ficar esperto tal qual um falcão.

Jacov tinha milhões de homens pelo mundo. Meu pai não ficava atrás, mas eu precisava ter mais do que isso se quisesse derrotar Andrey. Conseguiria o que desejava e ninguém se meteria no meu caminho. Eu derrubaria qualquer um.

Olhei para Alexei do meu lado. Russell fazia sua jogada de garantir o cargo e me matar depois, com certeza. Cochichei ao meu irmão para ninguém ouvir:

— Sabe que não haverá volta, certo? Depois que me der autoridade como chefe, você não será mais um, não enquanto eu estiver vivo.

Deixaria Russell dar sua cartada, para depois jogar a minha! Se ele pensou que eu sairia correndo, fugindo para as montanhas, era um imbecil. Desconhecia a besta dentro de mim, louca para matar alguém — ou seja, ele.

A máfia tinha suas regras. Uma delas era que, quando um chefe está no posto, ele só pode sair morto ou cedendo o cargo por livre e espontânea vontade, no caso, o que Alexei pretendia fazer. Se é morto, quem o eliminou toma posse. Isso geraria uma guerra entre o assassino, possível sucessor ao trono, e o filho primogênito do antigo líder.

Uma coisa sempre me deixou confuso: se Andrey Jacov queria meus pais mortos, e também estava de olho na nossa máfia, por que não a pegou

para si? Ou tentou, já que acabaríamos com ele. Por que deixou o sucessor ao cargo crescer e virar um homem, em vez de matar Alexei enquanto adolescente? Era bom pois sobrevivêramos, mas ruim por não sabermos o que ele pretendia, ou quando atacaria. E ao invés de nos unir, estávamos separados, lutando uns contra os outros.

— Eu dou minha vida por você, e não o contrário. Caso alguém pense diferente, será mandado para o Inferno — respondeu, fuzilando Russell e me trazendo ao presente.

Confiava cegamente em Alexei, ele era um irmão fiel.

— Chegou a hora de você correr para a América — disse Russell com um sorriso. — Isso se o deixarmos vivo, já que sabe demais do nosso mundo.

Estreitei meus olhos.

— Desculpe desapontá-lo, mas não estou fugindo. Alexei é o chefe, ele renunciou e me pôs no cargo. Quem for contra isso terá de me derrubar. Garanto que adorarei colocar os rebeldes em seus devidos lugares. — Sorri, cruel.

Russell deu um passo na minha direção, parando para olhar seus homens, que o apoiavam nessa rebelião.

— Você lutará com todos nós. Se vencer, o cargo é seu. Mas duvido, afinal, é um frangote com a alma limpa, e somos assassinos. Quantas pessoas já matou? Nenhuma? — zombou e gesticulou para seus homens. — Nós

dizimamos milhares.

Tudo dentro de mim tremia de raiva. Eu sabia lutar bem, treinei muito para chegar àquele instante, porque entendia que correria o risco de eles não me aceitarem como chefe.

Avaliei cada um dos seus caras; eles podiam ser assassinos, mas não sabiam brigar, não como eu.

— Ótimo, vamos para o ringue — falei, tirando o terno que usava.

— Sem armas — ordenou Alexei.

Olhei para cima e vi armas apontadas para todos os lados, os homens de Alexei contra os de Russell. Fiquei um pouco chocado ao notar que estávamos em maioria, e eles eram poucos. Todavia, ali não se encontravam todos os integrantes da máfia, então seria difícil afirmar se tínhamos ou não vantagem.

Depois que eu ganhasse e me tornasse o chefe, eliminaria quem não concordasse com o meu posto. Com certeza deveria haver muitos que pensavam tal qual Russell. Daria um passo de cada vez.

— Pode deixá-los vir com facas e canivetes, menos armas de fogo, porque aí eu teria de usar a minha, e não posso manchar minha imagem limpa matando alguém, não é? — Sorri para Russell, que fechou a cara.

Se esse bosta soubesse como minha alma era escura e sombria, não diria nada do que disse. Ele encararia a realidade assim que lutássemos.

— Você também devia ter uma faca — Kriger falou pela primeira vez. — Para a luta ficar justa.

Ri para ele, agora sem zombaria.

— Não preciso de facas, vou matá-los com suas próprias armas — anunciei e tirei minha camisa, ficando só de calça e sapato social.

— Você se acha muito, garoto. — Russell acenou para seus homens virem até mim.

— Sei do que sou capaz. Não vou deixar ninguém entrar no meu caminho e me impedir de alcançar meus objetivos. Tenho um inimigo maior, e para chegar até ele, derrubarei todos, inclusive você.

— Acha que se tornando chefe pegará Andrey Jacov? — Gargalhou. — Garoto, quando você estava nas fraldas, Jacov já era dono de milhares de vidas.

— Só existe um ser que é dono da vida, e garanto que ele não anda com assassinos como nós — respondi com dureza.

Acreditava na existência de Deus, apesar de que nunca rezei ou algo do tipo. Achava que Ele tinha gente mais importante com quem se preocupar.

— Vamos acabar com isso — sibilei, indo para cima de um dos capangas de Russell.

O cara era mais alto do que os meus um metro e oitenta e cinco. Eu tinha dezesseis, mas meu corpo já era formado em músculos e agilidade —

foram anos treinando sem parar.

Ele estava com uma faca na mão e sorria para mim.

— Veremos o quanto você é homem, americano.

Voou na minha direção com a faca. Esquivei-me para o lado e dei um soco em seu rim, fazendo-o praguejar. Não parei e lancei mais socos em seu rosto, e em seguida, tomei a faca de sua mão, quebrando seu pulso no processo e a enfiando em sua barriga antes de jogá-lo para longe.

— É isso aí, Nikolai — comemorou Alexei.

Acabei com todos os inimigos, restando apenas o líder do grupo. Vi a hora em que o merda observou os mortos no chão e ameaçou puxar a pistola, mas Kriger o desarmou, dizendo:

— Você quis isso, agora aceite as consequências. Achou que sua rebelião não ia ter custos?

Russell foi para o ringue.

— Devo dizer que o subestimei — admitiu com dois punhais nas mãos.

— Nunca subestime seu inimigo; faça isso e perderá. Felizmente, não terá outra chance de errar, já que hoje é seu último dia respirando. — Apontei para os corpos sem vida. — Assim como foi o deles, mas a sua derrota será lenta e bem dolorosa.

Alexei saiu de onde estava e subiu no ringue ao meu lado.

Russell olhou entre nós dois.

— Vai precisar do irmão para dar conta de mim? — Tinha aço em seus olhos.

Kriger caminhou até nós, irado, indagando a Russell:

— Pensou que eu não perceberia o que fez? Que estava pegando crianças e vendendo no mercado negro?

— Como descobriu?

Ele deu de ombros, desgostoso.

— É o meu trabalho. Não é porque o chefe morreu e Alexei ficou em seu lugar que eu deixaria passar. Você usou isso a seu favor, não? Aproveitou, imaginando que ninguém estava prestando atenção, então roubou crianças de suas famílias para vendê-las.

— Nós somos mafiosos, deveríamos fazer o que queremos, sem regras bestas e infindáveis!

Kriger sacudiu a cabeça. Sorriu para mim.

— O cargo é seu. Todos aqui apoiam a decisão de Alexei. Se ele desistiu da chefia por livre e espontânea vontade, e o colocou no lugar, então aceitamos. Cabe a você dar seu castigo a esse insubordinado.

— Elas eram putas, por que se importa?

Russell foi cortado com um soco na boca desferido por mim, indo ao chão.

— São crianças! Diferente das prostitutas em nossos clubes, que

assinam contratos, garantindo que estão lá por desejarem, e não por serem obrigadas. — Chutei suas costelas.

Ele tentou vir até mim com as adagas, mas as tomei de suas mãos e rodopiei, ficando atrás dele e fazendo-o cair de joelhos. Puxei seus cabelos e coloquei a faca em sua garganta.

— Seu maldito verme…

— Enganou-se ao supor que somos monstros a esse ponto. Nós formamos uma família, e você está fora dela, pois se esqueceu do significado da lealdade que precisa ter ao se tornar um de nós.

— Você é um demônio como qualquer um na máfia, Nikolai. Um bastardo filho da puta — sibilou.

— Está errado quanto ao meu nome: a partir de hoje, serei conhecido como Dark — avisei. — E também em relação à minha índole: nunca machucaria e forçaria um inocente. No meu reinado será assim. Quem passar por cima das minhas ordens, morrerá como você, neste momento. — Puxei a faca, rasgando sua garganta e selando meu destino.



Capítulo 2

DIAS ATUAIS

Samira

Há três anos, eu me mudei da Rússia para os Estados Unidos; estava vivendo em Trenton. Ali eu tinha Mary, Anabelle e Tabitta, minhas melhores amigas.

— Samira? Vamos para a festa, por favor? Sei que você não gosta de baladas, mas hoje é meu aniversário — falou Mary.

Eu suspirei, porque não curtia festas. Gostava mais de ler livros e estudar. Também não ligava muito para a aparência, embora minhas amigas se vestissem com as melhores roupas da moda.

— Tudo bem… Só porque é o seu dia, ok? — Não a desapontaria de

forma alguma. Afinal de contas, amava ela e Anabelle.

Mary gritou animada, batendo palmas.

— Oba! E você vai me dar o meu presente?

Pisquei.

— Claro, está na minha casa…

Ela sacudiu a cabeça.

— Não falo de objetos, e sim de você me obedecer. — Pegou meu braço. — Vamos, Samira… — Fez biquinho. — Só por hoje, faça tudo o que eu disser.

— Um presente para o qual você não poderá dizer não. Vamos nos divertir na Times Square esta noite! — gritou Ana. — Noite das amigas. Nathan liberou, contanto que eu me comporte. Prometi ser uma *santa*.

Eu ri, porque “Anabelle” e “santa” na mesma frase não combinava. Ela namorava há um ano com Jonathan, meu chefe e dono da boate Luxe.

— Prometo fazer tudo o que quiserem, menos sexo. Isso, apenas quando me interessar por alguém. — Não queria sexo banal ou por obrigação.

Na máfia, eu sempre fui forçada a agir conforme os outros exigiam. Todos os meus amigos sabiam que morei um tempo na Rússia; o que desconheciam era que eu não havia nascido lá. Quando tinha dez anos, fui abandonada por minha mãe verdadeira, Giulia. Lucy foi meu anjo da guarda,

tornando-se a minha mãe adotiva. Ela tinha uma filha chamada Lúcia, a minha meia-irmã, um amor de pessoa.

Lucy morrera há três anos, por isso foi difícil continuar na Rússia, então fui para os Estados Unidos estudar e não retornei. Esperava voltar no ano seguinte, assim que eu pegasse folga no trabalho de atendente na Luxe e desse um tempinho na faculdade.

Uma parte minha estava feliz por não participar da máfia. Aquilo não era lugar para mulheres nascerem, aliás, para ninguém nascer.

A máfia italiana tinha regras. Uma delas era que as meninas, ou melhor, crianças, com dez anos, eram obrigadas a casarem com pretendentes escolhidos por seus pais.

Suas infâncias eram perdidas. Eu odiava aquele mundo, e implorava à minha mãe para não me deixar casar. Eu supunha que ela me abandonara para que eu não tivesse aquela vida. Acho que por isso eu não a odiava, mas guardava ressentimentos: eu era uma criança quando ela me largou sozinha na rua. Por que Giulia não me deixou na porta de uma pessoa ou me entregou a um orfanato?

— Samira? — chamou Mary, estalando os dedos na frente do meu rosto. — Isso está proibido nesta noite.

— O quê? — sondei, voltando ao presente.

Não estava a fim de encontrar ninguém, muito menos de sexo. Eu

queria que fosse por amor, ou que, no mínimo, sentisse algo pela pessoa, assim como senti pelo cara que conhecera há algumas semanas. Pois se um dia a minha família me encontrasse, eu perderia isso e seria obrigada a voltar para a minha origem e casar com quem eles ordenassem.

Tentei não me sentir culpada por esconder das minhas amigas essa parte sombria da minha vida. Não podia contar e correr o risco de elas saírem machucadas.

— Você, às vezes, fica longe, sabia? É como se sua mente não estivesse aqui. Hoje, precisa estar com a gente, e não viajando nessa sua cabeça linda. — Deu um tapinha de leve na minha testa.

— Prometo não viajar. Permanecerei com vocês duas. — Levantei minha mão para firmar o juramento.

— Então vamos para o *shopping* nos divertir e gastar dinheiro — falou Mary, mostrando um cartão na bolsa. — Sem limite hoje. Presente do papai.

Os pais de Mary, irmã de Jonathan, eram juízes aposentados, então a menina tinha grana. Embora os Salvatores também tivessem, eu preferia a liberdade ao dinheiro.

Chegamos ao *shopping*, no centro da cidade, onde me levaram para provar um monte de vestidos caros.

— Quem está fazendo aniversário é você, não eu — comentei, saindo com um modelito prata colado ao meu corpo, quase uma segunda pele. —

Nem deveria estar provando roupas.

— O que eu pedi de presente? — perguntou, rodopiando. A menina era linda. Uma morena formosa e cheia de curvas. — Que você faça o que eu quiser sem reclamar. Quero que prove todos e leve o que eu lhe der.

Suspirei, mas deixei quieto; havia prometido, e gostava de cumprir minhas promessas.

— Você está linda, Samira! Deveria se vestir sempre assim, sabia? Fica se escondendo dentro dessas roupas largas e fora de moda, deixa todo esse material belíssimo encoberto. — Gesticulou para o meu corpo.

— Nós não precisamos ir a Nova York para festejar. — Mudei de assunto. Eu adorava usar jeans e camiseta. — Por que não vamos à Prisma? Todos na faculdade gostam de lá. E já que insistem para que eu me divirta, não posso escolher o local?

Há três semanas, saindo da faculdade à noite, pois ficara pintando lá até tarde, passei em frente à Prisma e vi um homem lindo — e não só por ser formoso. Seus cabelos eram loiros, um pouco curtos, com uma pequena mecha caindo no olho direito. Vestia um terno, muito diferente dos adolescentes que eu conhecia e frequentavam boates. Parecia um empresário, mas não aparentava passar de vinte e quatro anos.

Não sei o que me chamou atenção nele, talvez o poder que demonstrava ter, ou seu sorriso *sexy* que quase me fez bater o carro. Ele me deixou mole

com apenas um sorriso. Imagine se me tocasse?

— Você quer ir a um clube? — Mary se surpreendeu. As duas bateram palmas. — Ora! Viva!

— Eu sempre quis ir lá, mas Nathan acha uma traição entrar em outra boate que não a dele. Contudo, esta é a nossa noite. Vamos nos divertir. Ele não vai se importar. Meu gato sabe que o amo.

Assenti, aliviada. Não revelei meu motivo para desejar ir à Prisma. Pela primeira vez na minha vida, um homem fez meu coração pular e partes do meu corpo tremerem. Estava parecendo uma adolescente na escola ao se interessar por um garoto à primeira vista. Vi isso acontecer em livros.

Chegamos lá por volta das nove da noite. O lugar era enorme, com três andares. Ao que parecia, estava lotado.

Eu o vi ali umas quatro vezes. A última havia sido há três dias. Não sabia se ele ia sempre, talvez fosse o acaso. Quem sabe? E se já tivesse namorada?

— Vamos beber! — gritou uma animada Mary. — Dançar e transar.

Eu corei, porque uma turma de garotos olhou para nós três em expectativa.

— Você se lembra do que eu falei? Eu só transarei com o cara que me fizer perder o fôlego — sussurrei para ela. Como, por exemplo, aquele loiro lindo com o qual fantasiava há semanas. Isso se eu o encontrasse ali, e ele me

quisesse, claro! — Mas pode ir lá e se divertir; estarei na torcida.

— Fique tranquila, pois você o encontrará hoje. Tem muito gato nesta boate, e ouvi dizer que o dono é da máfia, mas isto são boatos. Ninguém comprova — contou Mary.

Essa palavra fez com que eu me arrependesse de ter ido, porque se fosse da máfia italiana, eu estava frita. Meu irmão, Matteo, e meu primo, Luca, poderiam estar envolvidos. Ou até meu pai.

— Sabe de qual máfia? — Ambas estreitaram seus olhos. — Russa, japonesa, italiana ou algo assim?

— Acho que russa — respondeu Mary, sem notar meu nervosismo.

Suspirei aliviada por saber disso, avaliando o lugar apimentado. Chequei se eu o via. Para a minha decepção, não o encontrei.

— Espero que esse negócio de máfia não seja verdade. Não quero ter problemas hoje — comentou Anabelle. — Viemos para nos divertir, e não para sairmos fugidas de balas.

— Aqui não tem isso. Com certeza é mentira — afirmou Mary, sentando em uma mesa perto do bar e acenando para o *barman*. — Três *Cosmopolitans*.

Sentei ao lado delas. Logo o cara trouxe nossas bebidas.

— Beba e vamos nos divertir — me instruiu.

Entornei mais um pouco do líquido, com receio de fazer besteira.

Continuei a procurar pelo cara lindo.

— Agora vamos dançar — chamou Anabelle, ficando de pé.

Faria tudo para evitar danças, então pensei em uma desculpa.

— Preciso ir ao banheiro. Podem continuar — disse a elas.

— Não vamos nos separar — frisou Ana.

Sorri.

— Querida, eu trabalho em uma boate, esqueceu? Sei me defender de qualquer mal-encarado, e, além disso, este lugar parece estar cercado de seguranças. Não vou demorar, prometo.

— Não aceite nenhuma bebida de estranhos — falou Mary.

Dessa vez, eu ri.

— Claro, mamãe. — Sacudi a cabeça, ainda sorrindo, e fui ao banheiro, mas como o feminino estava com a fila imensa, optei pelo masculino, que parecia vazio.

Assim que entrei, chequei se não tinha nenhum homem. Fiz o serviço e lavei minhas mãos. Como estava um silêncio bom ali, eu decidi ficar um segundo. Já a ponto de voltar ao salão, a porta se abriu; até achei que fosse uma mulher.

— Não está no banheiro errado? — disse uma voz divertida.

Arfei com a mão no coração e me virei dando de cara com o alvo do meu desejo. Algo em meu corpo acendeu ao fitá-lo. Vestia um terno negro, e

o loiro de seus cabelos resplandecia.

— A fila lá estava muito grande — consegui responder, embora fizesse de tudo para não tremer.

O sorriso dele era deslumbrante.

— Parecia estar se divertindo com suas amigas. — Ele se escorou na porta, impedindo que eu saísse dali.

— Fique ciente de que, se tentar algo, eu sei autodefesa. — Ele era lindo, mas eu não o conhecia, a despeito de não parecer nenhum mafioso, só muito bem-vestido, diga-se de passagem.

Ele desatou a rir.

— Sim, é bom saber disso, mas não precisa levantar seus punhos, pois eu não a tocarei se não quiser. — Meneou a cabeça de lado. — A hora que desejar, é só me avisar que saio da frente.

Assenti, acreditando nele.

— Tudo bem. — Não sabia o que dizer. Não queria sair dali, mas se demorasse, Mary e Ana ficariam preocupadas comigo. — Preciso ir.

Esperei que saísse, mas ele não se moveu, então dei um passo para ver se ele se afastava. O cara bonito não o fez.

— Pode vir aqui, não mordo. — O brilho nos olhos dele me deixava boba, sem fala; fora as sensações em minha pele.

Engoli em seco.

— Então se afaste da porta — pedi com a voz baixa; o seu olhar intenso parecia tocar todas as partes do meu corpo.

Dessa vez a sensação foi fraca, mas continuei seguindo e peguei a maçaneta. Antes que eu abrisse a porta, pôs sua mão sobre a minha. Juro que senti como se uma descarga elétrica se apossasse do meu corpo dos pés à cabeça.

— Não precisa me temer, sou inofensivo. — Ele parecia sério agora. — Sai comigo amanhã?

Pisquei, pensando não ter ouvido direito.

— Sair com você? Mas nem sabe meu nome, nem eu o seu. — Pigarreei, acho que ele pensava que era tapada por ficar divagando assim.

— Desculpe minha grosseria. — Estendeu a mão branca e grande na minha direção. — Eu me chamo Nikolai. O seu é Samira, certo?

— Como sabe? — Franzi a testa.

— Ouvi as suas amigas a chamando assim, é um nome bonito — apontou e suspirou. — E então? Sairá comigo amanhã? Podemos jantar.

Queria passear com ele e conhecê-lo; a princípio, parecia ser uma pessoa boa.

— Tudo bem, mas em um restaurante no centro, nada afastado ou sei lá, afinal, nem o conheço ou sei o que faz.

Riu, deliciado.

— Sou dono desta boate. Pode pesquisar sobre mim, não tenho nada a esconder. Prometo que não machuco inocentes.

Afastou-se da porta, vindo em minha direção. Seu cheiro de perfume masculino me consumiu, o hálito quente me embebedava. Nunca senti tal desejo, não dessa forma, suficiente para ficar sem fôlego e com mil borboletas no estômago.

— Humm, obrigada. — Não sabia o que dizer quanto a isso. — Minhas amigas ficarão preocupadas se eu não voltar.

Assentiu.

— Amanhã, então? — checou.

— Sim, prometo. — Meu coração acelerou com sua aproximação. Ele estava tão perto que eu era capaz de sentir seu calor. — Tem telefone?

Pegou o celular no bolso e digitou o meu número, e eu o dele. Voltei para a festa.

— Já estava indo atrás de você — disse Ana num tom preocupado.

— Desculpe, a fila estava grande — falei, tentando me recuperar.

— Aconteceu alguma coisa? Parece estranha. — Franziu a testa, me avaliando.

Peguei sua mão, pois não queria conversar acerca disso agora, depois contaria a elas sobre o rapaz do banheiro, Nikolai.

— Estou bem, só vamos aproveitar. Cadê a Mary? — Encontrei minha

amiga dançando com um cara alto de cabelos escuros. — Acho que ela se deu bem.

Ana e eu rimos.

— Vamos dançar nós duas, já que não está interessada em ninguém, e eu tenho um noivo. — Puxou-me para a pista antes que eu dissesse algo; eu não era muito boa nisso. Fora que parecia ter perdido o equilíbrio depois de ficar perto daquele homem.

Avaliei o lugar e o vi conversando com dois caras, mas a cada segundo se fixava em mim.

— O que você tanto encara? — Ana seguiu meu olhar. — Aquele loiro? Ele não tira os olhos de você.

— Seu nome é Nikolai, eu o vejo durante a semana sempre que saio da faculdade, mas nunca cheguei nele. — Passei a mão no cabelo, sorrindo. — Agora me cercou no banheiro e pediu para sair comigo amanhã em um encontro.

— Está a fim dele? Oh, meu Deus! Não acredito. — Sua voz se elevou bem no instante de uma passagem de música para outra. Todos se viraram para ela, ou melhor, para nós.

— Shhh — pedi. — Não precisa de todo esse choque, só não fiquei com ninguém antes porque não achei um que me interessasse.

— E ele lhe interessou? É realmente lindo. — Sorriu e começou a

dançar. — Mary vai surtar de alegria quando souber.

Ri e a acompanhei no ritmo da música, deixando que fluísse e me tocasse; gostava de canções, só não muito de dança, pois eu era daquelas que pisava nos pés dos outros.

Alguns caras apareceram querendo dançar conosco, mas Ana mostrou o anel de noivado, e depois se afastaram. Porém, um parou do meu lado e viu que eu não tinha nada, então sorriu. Antes que eu falasse que não estava a fim, ele pegou minha cintura. Já a ponto de empurrá-lo, senti aquele calor inconfundível e relaxei ao notar Nikolai; ele me virou para si, me fazendo ofegar contra seu peito duro. Eu parecia gelatina. Beijou-me na frente de todos.

Bem, não podia chamar aquilo de beijo, porque sua boca consumiu a minha de forma que achei que comeria meus lábios. Foi tão intenso que me deixou de pernas bambas. Vivia um sonho, daqueles que custamos a acreditar serem reais. Por semanas, tive devaneios com esse homem, e naquele momento o beijava.

Sentia-me em brasas vivas. Seu toque e cheiro me levaram à euforia, querendo mais dele do que o beijo. Um prazer que nunca experimentei antes.

Gemi nos seus lábios e apertei minhas pernas uma na outra, tentando controlar o atrito no meu centro. Nikolai se afastou parecendo estar tão sem fôlego quanto eu.

— A gente se vê amanhã. — Deu-me mais um selinho, e eu ali, de olhos arregalados. — Ligo para marcamos de eu ir até a sua casa a pegar.

Assenti. Ele se virou e saiu, e logo Mary e Ana apareceram ao meu lado.

— Que beijo foi aquele? — questionou Mary, pulando de tão feliz assim que cheguei perto delas.

— Menina, ele parecia querer comer sua boca — comentou Anabelle.

— E eu a dele. Estou até mole. — Sorri, me sentindo nas nuvens, tudo graças ao Nikolai.



Capítulo 3

Samira

Quando pensava em meu primeiro encontro, sempre achei que seria em um cinema ou que andaria de mãos dadas; também imaginava que iria a um restaurante. Até fiquei feliz ao entrar em um com Nikolai. Parecia ser russo.

— Vamos jantar aqui? — sondei, curiosa.

— Sim, mas tenho um compromisso antes — respondeu. — Eu vou ali naquela sala para resolver algo importante; prometo não demorar. Pode se sentar à mesa e fazer o seu pedido. Já volto.

Não fiz perguntas. Que tipo de negócio ele teria em um restaurante russo? Achei que estaríamos ali para aproveitar a noite, mas vi que me enganei. Claro que não pensava em transar, mas queria ficar mais tempo com ele, para nos conhecermos melhor, descobrir do que gostava.

Um homem se aproximou; conversaram em russo. Eu fiz cara de paisagem, como se não entendesse nada, mas compreendi perfeitamente.

— Vamos entrar. Nós temos mulheres para satisfazê-lo. — Os olhos do homem pousaram em mim. — Esqueça, acredito que isso não seja possível, pois você já está com uma…

— Cuidado! Ela não é ninguém. — Nikolai soou frio.

Aquilo foi como um soco. Se eu não era ninguém, então o que fazia lá? Não continuaria ali, esperando feito uma idiota enquanto ele fodia outras. Minha expectativa para encontros não estava sendo atendida muito bem.

Não deixei a humilhação tomar conta de mim, mas confesso que senti um aperto insuportável em meu peito. Pensei que ficaria com ele… Pelo visto, Nikolai arrumara coisa melhor.

Precisava chamar um Uber, porém, esquecera minha bolsa no carro dele, então fui à balconista do estabelecimento para conseguir um telefone. Não seria seguro andar sozinha nessas ruas. Nunca estive naquela área, mas ouvi dizer que a taxa de crimes era alta.

— Oi, desculpe interromper, vocês podem me emprestar um celular? Preciso solicitar um Uber — pedi à moça. — Esqueci o meu no carro.

Eu podia ir lá para tentar abrir o veículo, no entanto, o vi clicando no alarme. E não queria chamar sua atenção. A propósito, eu esperava não encontrá-lo tão cedo depois de tudo isso.

— Claro. Só aguarde um segundo, pois preciso atender essa mesa. Já pego para você.

Eu concordei. Poderia ligar para Mary ou Ana, mas não queria incomodá-las dizendo que meu encontro tinha fracassado.

Chamei o Uber e fui esperar lá fora — melhor do que permanecer no lugar, sozinha com um cara que pensei estar a fim de mim.

— O que está fazendo? — questionou Nikolai ao meu lado com um tom de poucos amigos. — Qual o motivo para sair do restaurante sem me esperar? Este bairro é perigoso para uma garota!

— Estou aguardando minha carona, não quero saber nada de você. — Meu tom saiu sarcástico. Fuzilei-o. — O quê? Iria me convidar para o seu harém? — rosnei em russo.

— Harém? E você fala russo? — Amaldiçoou baixinho. — Então entendeu tudo?

— Que eu era uma qualquer? Sim, eu entendi muito bem. — Suspirei. — Pode fazer o que pretendia. Vou embora sem você.

— Acha que a deixarei? O que queria que eu dissesse a ele, Samira?

— Sempre somos *alguém* para uma pessoa. Fui alguém que beijou você. Se não gostou, talvez não devesse ter me convidado para sair — falei, magoada. — Poderia só ter me dado um fora se quisesse isso.

— Pensa que eu deveria dizer quem era para mim? Você não sabe quem eu sou…

Cortei-o. Eu não perdia a cabeça facilmente; permanecia paciente até chegar ao ponto de ruptura.

— Ouvi dizer que você é algum chefe da máfia, mas não tinha certeza. Nesse restaurante, minhas desconfianças se concretizaram. — Pesquisara sobre ele: Nikolai Dragon morava na Rússia e não era uma pessoa muito temente à lei.

— Por isso foi embora? Pelo que eu sou? — Sua voz tinha uma nuance que não entendi.

— Não. Fui embora pelo seu comentário e pelas mulheres que iriam lhe entreter nessa reunião. — Tirei meu cabelo do rosto. Deveria me importar, já que não queria aquela vida, contudo, meu desejo por esse homem era mais forte do que a vontade de ficar longe da máfia. Ainda mais depois de beijá-lo.

— Eu falei que não era ninguém da conta dele. Não posso ser grosso sempre, muito menos demonstrar fraqueza, ou as pessoas me comeriam inteiro. Eles são tubarões, Samira.

— Então só disse aquilo para que ele não desconfiasse do seu interesse? Desde quando gosta de mim? — De repente quis rir por ser tão tola; nunca estive em encontros antes, mas achei que as pessoas se conheciam primeiro. Todo esse saiu de mal a pior, começara tudo errado.

— Pensa que não a vejo passando sempre devagar na frente da boate a fim de me ver? — Limpou algo no meu rosto. — Só me mantive longe pelo que sou, mas não adiantou, pois você veio até mim.

Corei por ter sido pega no flagra.

— Estava de olho em mim? — Surpreendi-me.

— Sim. Agora vamos embora, porque estou louco para possuí-la. A não ser que não queira mais, aí eu a levo para casa.

— Ficou com alguma daquelas mulheres que o homem mencionou? — Havia umas bem lindas lá, o que era um tapa na minha autoestima.

Ele riu, beijando minha testa.

— Não. Eu só queria que a reunião acabasse logo para poder ficar com você — respondeu.

Entrei no seu carro, me sentindo nervosa; não sabia como ia resolver as coisas entre nós, porque não desejava transar tão rápido, mas também não pretendia me afastar dele. Não era a primeira vez que eu idealizara.

— Samira? — Ouvi ele me chamar; pegou minha mão. — Pensei que estivesse com vontade.

Suspirei.

— Lamento, eu só quero ir para casa. Pode me levar? — pedi com a voz baixa.

Ele parou o carro. Preocupei-me com a ausência de pessoas ao redor.

— Samira, olhe para mim. — Uma sombra cruzou sua expressão tão logo fiz o que pediu. — Está com medo? Jamais a machucaria.

Não sabia o porquê, mas acreditei nele. Apenas não intencionava me entregar por inteiro tão cedo. Até não pensava em perder a minha virgindade somente depois de me casar, e almejava vivenciar o que sentia por Nikolai — o desejo, o prazer e a fome —, entretanto, isso estava ocorrendo muito depressa.

— Não temo que me machuque, mas depois do que aconteceu no restaurante, notei que não sou assim, entende? Sair em encontros e transar no mesmo dia não é para mim. Queria ser, mas me parece errado ir para a cama

com alguém sem minimamente nos conhecermos — sussurrei, ciente de que, após dizer isso, tudo acabaria entre nós dois, antes mesmo de começar.

— Samira, se não estiver pronta e não desejar fazer algo, você só precisa me dizer, eu nunca a obrigaria a nada.

Chequei-o de perto; ele estava falando sério.

— Quero encontros. Quero passear, ir ao cinema e me divertir, mas não estou pronta para… Lamento fazê-lo sair comigo imaginando que íamos transar esta noite. Por isso peço que me leve para casa, assim você poderá aproveitar como preferir. — Não gostaria que ele fizesse isso, contudo, fora errado eu não revelar o que tinha em mente desde o início. Ele precisava saber logo de cara que eu não estava pronta, porque poderia me arrepender mais tarde.

Suspirou.

— Acha que saí com você só pelo sexo? — Ele se enraiveceu. — Não vou mentir que não anseio por isso, mas se estou aqui ao seu lado é porque quero, porque sonho com sua boca há meses, e agora que experimentei o seu beijo, eu desejo mais.

— Meses? Eu o vi há apenas algumas semanas. — Lembrei de quando o enxergara pela primeira vez. Não entendia o motivo de desejá-lo tanto, já que nem o conhecia direito.

O seu riso, dado em seguida, provocou sensações em cada parte do meu

corpo.

— Vi você indo para a faculdade e passando em frente à boate, tão linda. — Virou para mim e tocou meu rosto. — Não sei dizer o que me fez ficar encantado à primeira vista, mas ali soube que necessitava de alguém que tomasse conta de você, por ser inocente demais para o mundo cruel lá fora. Parecia uma coelhinha assustada.

Fiz careta. Se ele descobrisse que eu pertencia à máfia, não diria isso. Embora eu não usufruísse dela há anos, as lembranças que tinha de lá não eram boas — à exceção de meu irmão e meus pais, nada valia um segundo do meu pensamento.

— Não preciso de proteção, se está comigo por caridade é melhor ir embora. — Amuei no banco. Estava tão deslumbrada com esse cara elegante que não havia parado para pensar no que ele viu em mim. Claro que não era feia, mas não costumava me arrumar como minhas amigas e outras meninas.

Ele passou os braços à minha volta e me beijou, tirando o meu fôlego; a sua língua era de uma suavidade e, ao mesmo tempo, tão intensa que me senti perdendo minhas forças. Mas tão rápido como começou o beijo, ele acabou me deixando querendo mais.

— Acha que meus beijos são por caridade? — Balançou a cabeça, como se para clarear os pensamentos. — Samira, eu poderia provar toda a minha vontade ao levá-la para a cama, mas como sei que não está pronta, vou

esperar o tempo que for. Reparo que me deseja, pude sentir pelos beijos.

— Só se eu fosse cega para não me interessar. — Suspirei, sacudindo a cabeça. Nosso caso não daria em nada; certamente, no dia seguinte àquele encontro, nem me ligaria, já que não obteve o que queria. Eu estava sendo pessimista, mas o mundo em que vivera doze anos atrás era repleto de pessoas cruéis e falsas; eu era pequena, mas me lembrava de tudo. Esse rapaz lindo ao meu lado também pertencia à máfia, logo, não podia ser diferente. Ou podia?

Riu e voltou a dirigir, mas em vez de irmos para o meu bairro, ele pegou a avenida para sair da cidade.

— Aonde vamos? — Olhei para trás.

— Nova York. Não estou a fim de deixar esta noite acabar, ainda mais com você pensando que amanhã vou sumir do mapa. Quero provar que não será só uma noite, e sim muito mais — disse.

Pisquei.

— Você lê pensamentos? Como sabia que era isso que estava em minha mente? — perguntei aturdida.

— Ler as pessoas é uma coisa útil no meu ramo de vida. E você é muito transparente, quase como água. — Franziu a testa. — Embora, em determinados instantes, seja indecifrável.

Tentei não pensar no meu passado, já que ele era um bom leitor de

expressões. Fiquei feliz em saber que não estava pretendendo me abandonar no dia seguinte.

— Tudo bem, confiarei em você. Mas deixarei avisado às minhas amigas que estou indo a Nova York. — Peguei meu celular e mandei uma mensagem, afinal, não o conhecia.

— Se estiver com medo de mim, acalme-se. Por mais que eu seja da máfia, não a machucaria, ok? Ninguém lhe tocará. — A sua expressão se tornou um tanto soturna.

Esse homem me deixava confusa. Eu gostava de ouvir isso, mas ele parecia muito intenso; tudo em Nikolai era assim. Não reclamei e só aproveitei a noite. Pensei que estaria acabada depois que saí do restaurante, mas me enganara. Esperava que ele não desaparecesse como a Cinderela às doze badaladas do relógio.

— O que faz aqui nos Estados Unidos? — sondei, querendo conhecê-lo mais. — Se você fala russo, deve ter morado na Rússia ou ter parentes lá.

— Tenho negócios aqui, mas vivo lá — explicou.

Não perguntaria que negócios eram esses, porque, com certeza, não seriam legais. Eu era doida por sair com um homem assim: lindo, misterioso e intrigante, porém perigoso. Será que foi por isso que ele me fascinou? Gostei de saber que ficava de olho em mim quando eu voltava da faculdade.

O fato de morar longe me desapontou, pois mesmo se nosso lance

passasse de um segundo encontro, não daria certo.

— Morei na Rússia boa parte da minha vida, e adorava. Quando minha mãe morreu, eu vim para cá. Agora estou na faculdade, cursando arte, o que tanto amo — falei.

— Como foi parar lá? Sente falta? — Apertou minha mão.

Uma coisa não passou despercebida: ele não falou o que a maioria dizia ao saber que minha mãe falecera. Sempre repetiam “Sinto muito”, algo que nunca entendi. Por que a pessoa sentiria, se nem a conhecia? De qualquer forma, era doloroso pensar nela; somente quem passou o mesmo que eu compreendia. Teria Nikolai perdido alguém?

Chegamos em Nova York e me deslumbrei com o lugar. Nunca me cansava de admirar essa beleza.

— Esta cidade é tão mágica, adoraria morar aqui um dia — revelei.

— Por que não o faz?

— Não sei, acho que o custo de vida é alto demais. Onde estou é bom, cabe no meu bolso. — Arregalei os olhos assim que paramos em frente a uma galeria de arte na 555 West 24th Street. — Aqui tem trabalhos do Takashi Murakami!

Saímos do carro. Ele sorriu e veio pegar minha mão.

— Que bom que parece extasiada. Pensei em como estraguei o encontro levando você ao restaurante para tratar de negócios, então achei que

pudesse compensar, já que ama arte.

Impressionada, pulei nos seus braços, beijando seus lábios de leve.

— Obrigada. — Não acreditava que ele tinha feito isso para mim, estava emocionada, a ponto de explodir.

Riu, sacudindo a cabeça.

— Se soubesse que ficaria assim, não teria ido em outro lugar antes; teria trazido você aqui primeiro. — Puxou-me para dentro da galeria.

Sentia-me como se voasse, ou como uma criança em uma sala cheia de presentes de Natal e doces. As cores das artes de Takashi Murakami eram tão vivas; isso me fazia amar suas obras.

— Seus olhos brilham ao ficar na frente desses trabalhos — disse, radiante. — O que você pinta?

— Pinto mais o que sinto, coisas que vejo e que me chamam atenção. Quando estou na frente de uma tela é como se fôssemos nós duas ali, tal um escritor que, ao fazer um personagem, entra na história. — Fiquei na frente de *Flower Matango*. — Adoro esse quadro. Na verdade, sou apaixonada por todos os desse artista. — Virei para ele. — Gosta de algum?

Sacudiu a cabeça.

— Na verdade, não curto, mas estou adorando o seu entusiasmo. — Passou o braço ao meu redor.

Fiquei grata por ele ter feito isso por mim. Já tinha ido ali antes, mas

estar com ele me levou a enxergar um lado que não via há muito tempo. Adorei a ideia de ter um encontro de verdade com um cara, um que entendia minha paixão pela arte. Ficamos o resto da noite aproveitando aquilo, e em nenhum momento Nikolai pareceu aborrecido ou entediado por estar ali comigo. Mesmo não apreciando o assunto, impressionava-se cada vez que eu explicava como as obras foram feitas e sobre o artista em questão.



Capítulo 4

DIAS ATUAIS

Samira

Após me deixar em casa depois da visita à galeria de artes, Nikolai sumiu. No começo, eu achei que fosse aparecer, pois prometeu que nada mudaria por eu não ter feito sexo com ele, mas acho que ele viu que não valeria à pena estar comigo. Aquilo me machucou, porque eu contava nos dedos os segundos para vê-lo de novo. Sumiu inclusive da boate; até fui lá uma noite, mas não o vi.

Passados esses dois dias, eu deixei de querer saber dele, pois se não me

procurou ou ligou tendo o meu número, era porque não se importava em ter um segundo encontro, então foquei em minhas obras e parei de pensar na noite que tivemos.

Falei para Mary e Ana que não aconteceu nada, embora estivesse animada para encontrá-lo de novo, o que acabou não se realizando.

— Esqueça esse homem, podemos ir a outra boate e tentar…

Interrompi Mary:

— Amo você, querida, mas não é assim. Naquela noite, eu soube que não fui feita para isso, entende? Ir ao primeiro encontro e ficar com o cara, talvez agora estaríamos juntos ou não, quem sabe? Mas não sou assim. — Sentei-me na cama. — Até gostaria que fosse do seu jeito…

— Não é a sua praia, eu sei, mas não pode voltar a ficar em sua toca como um coelho. — Ela se embrabeceu.

Pensar em coelho me lembrava de como Nikolai me chamou. Seria por isso o apelido?

— Não estou em nenhuma toca, vou até sair agora mesmo para ver o dono de uma galeria. Romy irá junto, ele que vai me apresentar ao homem. — Deixei no viva-voz e fui me arrumar.

— Meu irmão? Vocês poderiam ficar. — Anabelle parecia ansiosa por isso.

— Não quero pensar em homem neste momento, só focar em minha

carreira. E seja como for, eu não sinto nada pelo seu irmão. Ele é bonito, sim, mas não me faz perder o fôlego só com um olhar, nem me deixa de pernas bambas com seu toque. — Suspirei, indignada por culpa de Nikolai.

— Se eu ver aquele russo na minha frente, vou esganar o maldito por fazê-la se fechar de novo — rosnou Mary. — Foi tão difícil tirar você ao menos uma vez para se divertir e sair com um cara, agora vem ele e a trata dessa forma.

Não queria que ela ficasse com raiva dele, afinal, Nikolai não fez nada, só não estava interessado e pronto. Falei:

— Prometo que sairemos mais uma vez, mas dessa sem me arranjar algum pretendente. Quero um namoro sério, passear e ir a encontros, mas não em um que sei que acabará no dia seguinte.

O meu encontro com Nikolai foi uma noite mágica, mas, tal qual em um conto de fadas, o encanto acabou.

— Vai mesmo fazer isso? — Ela parecia esperançosa. — Tentaremos ir em uma boate em Nova York.

— Certo, depois a gente se fala, agora realmente preciso ir ou vou me atrasar — despedi-me dela, do contrário, ficaríamos ali a tarde toda.

Entendia que elas queriam me ver com alguém porque achavam que eu era solitária. Claro que eu era um pouco, mas não a ponto de sair por aí feito uma louca procurando caras. E também nunca senti nada por nenhum, apenas

por Nikolai, que sumiu.

Foco, Samira, pensei como um mantra. Saí de casa e fui ao restaurante em frente à galeria, onde encontraria o senhor Wright e Rômulo. Eles já estavam lá, mas antes de entrar, o meu celular tocou.

Franzi a testa, porque não reconheci o número.

— Alô? — atendi. Talvez fosse Tabitta, a minha amiga, usando algum outro telefone.

— Samira, nós podemos nos encontrar? — Era uma voz da qual sentira falta nos últimos dias. Contudo, só fiquei com raiva.

— Nikolai? Desculpe, não posso falar. Depois ligo, ok? — Sabia que tinha sido rude, mas não ia perder minha chance de ter minhas obras em uma galeria só para conversar com um sumido que resolveu dar sinal de vida.

Pensando em vida, talvez tivesse acontecido algo para não ligar, né? Como ele era um mafioso, seria uma possibilidade. Depois ouviria o porquê de se afastar. Se ele tivesse dito antes que não iria entrar em contato, eu até teria esquecido, mas Nikolai fez daquela noite memorável.

Esqueci-me dos meus problemas e sorri ao chegar à mesa onde estavam os dois.

— Oi, desculpem o atraso. — Peguei a mão de cada um.

Rômulo era um homem alto e trajava terno. O senhor Wright, bem elegante, usava óculos.

— Acabamos de chegar, não se preocupe, estava aqui contando ao Rômulo que adorei suas obras, parece que elas têm vida — disse assim que me sentei na frente deles.

Contei como fazia e o que sentia quando estava diante de uma tela. Lembrei-me de quando expliquei a mesma coisa ao Nikolai, e ele pareceu maravilhado ao ouvir.

Expulsei esse pensamento e foquei no momento.

— Nossa! É fabuloso. — Foi sua reação à explanação do que a arte significava para mim. — Eu vou adorar tê-las em minha galeria. O gerente, Divã, entrará em contato com você e organizará tudo.

— Ficarei esperando ansiosa. — Pulava de alegria com essa notícia. O senhor Wright foi embora, porque marcara outra reunião. Virei para Romy. — Não acredito que ele gostou das minhas obras!

Rômulo sorriu.

— Você merece, realmente são magníficas. Agora, por que não almoçamos? Ele pode estar ocupado, mas eu não.

Com o senhor Wright, seria um almoço de negócios, mas com Romy? Provavelmente outra coisa, e eu não queria isso. Ele me ajudou, e eu era grata, porém, não gostaria de dar falsas esperanças.

Estava quase inventando uma desculpa, mas uma voz me fez ofegar e arregalar os olhos.

— Ela não vai poder ficar — disse Nikolai do meu lado, fuzilando Romy. — Temos um encontro.

Franzi a testa. Ele passava dias sem aparecer e, quando surgia, me tratava como se fosse sua?

— Na verdade, eu vou almoçar — falei, decidindo ficar. Se ele achava que receberia ordens, estava redondamente enganado. Olhei para Rômulo. — Esse é Nikolai, um amigo. — Virei para o mafioso que parecia cuspir fogo pela cara. — Esse é Rômulo.

— Samira. — Expirou fundo. — Precisamos conversar. — Sentou perto de mim e voltou-se para Romy. — Por que não nos deixa a sós?

Sacudi a cabeça.

— Ele não vai. — Agora sentia raiva. — Por que raios apareceu aqui? Ficou dias sem dar sinal; deveria continuar onde estava.

— Tive minhas razões, não vou discutir na frente de civis — respondeu em russo, checando se Romy conhecia o idioma. Confirmou que não, já que meu amigo franziu a testa. — Tive problemas e não pude aparecer, mas não foi por falta de vontade. Onde estava, eu não tinha contato algum com o mundo exterior.

— O quê? Em Marte? — devolvi em russo. — Achei que nossa noite tinha sido perfeita e que íamos fazer aquilo mais vezes, como me prometeu, então desapareceu, imaginei que não quisesse mais sair comigo.

Pegou minha mão.

— Juro que se pudesse ter ligado ou entrado em contato, eu o faria, não a deixaria pensar que nosso encontro não importou.

Avaliei-o; dizia a verdade. Eu me dei conta de que estávamos falando russo e pondo Rômulo de lado.

— Sinto muito, Romy, mas não posso o acompanhar, vou ficar devendo um almoço. Agora preciso falar com Nikolai. — Fiquei de pé.

Ele se empertigou.

— Vocês estão juntos? — perguntou, parecendo ter algo entalado na goela. Ana me contara que ele tinha uma queda por mim, mas não me falou em amor. Poderia ser? Não, acho que estava só a fim mesmo.

Antes que eu respondesse, Nikolai o fez por mim, mas dando uma resposta diferente da que eu pretendia.

— Sim, estamos namorando. — Passou o braço em volta da minha cintura.

— Não estamos… — fui interrompida com seus lábios nos meus. A sua língua aproveitou que minha boca estava aberta pelo choque, então se apossou da minha de forma faminta, como se não se alimentasse há muito tempo.

Meu coração batia forte, e meu corpo parecia iluminado por milhares de luzes de Natal. Sentia-me prestes a explodir, tamanho o desejo por esse

homem.

Assovios me trouxeram de volta de meu juízo frito, porque naquele ritmo, logo estaríamos sem roupas e seríamos presos por atentado ao pudor. Consegui tirar forças de onde não tinha e o empurrei. Ele não se moveu, mas afastou a boca da minha com um sorriso amarelo.

Pisquei, em busca de coerência. Olhei para a mesa onde Rômulo estava antes, mas ele havia sumido. Enxerguei-o saindo do restaurante de cabeça baixa.

— Me solte — rosnei ao Nikolai.

Não me ouviu.

— Deixe-o ir — ele disse com os olhos escuros, apesar de azuis. — O cara precisa saber que você não será dele.

— Mas também não sou sua, e não gosto de magoar os sentimentos das pessoas. — Puxei meu braço e corri para fora. — Rômulo, espere!

Ele parou e me encarou, os olhos feridos. Como fazer para não o magoar?

— Não precisa dizer nada, Samira, vou ficar bem. — Forçou um sorriso.

— Eu sinto muito por Nikolai ter feito aquilo — sussurrei.

— Você parece gostar dele — observou e olhou por trás de mim. Não foi preciso me virar para ver que era Nikolai, sua aproximação era

inconfundível. — Acho que vocês têm muito a conversar.

Entrou no carro e partiu. Algo no meu peito se apertou, pois não desejava o machucar, mas também não podia ser para Romy o que ele gostaria, embora não quisesse que as coisas acontecessem desse modo.

— O que há com você? Não tem coração? — Virei de frente para Nikolai, que estava de braços cruzados.

— Tenho, sim, ele bate forte no meu peito. Mas se está me perguntando se ligo para os sentimentos dele, a resposta é não. Você não será desse homem, Samira. Você é minha.

— Não sou sua posse para me controlar. Não representamos nada um para o outro — grunhi e fui em direção ao meu carro, pois não queria discutir na rua.

— Na verdade, somos bons juntos, gosto da sua boca — falou atrás de mim. — Diga-me algo, Samira: você queria o cara? Se me disser que sim, eu deixo você agora, neste exato momento.

Sua expressão era séria.

— Não, mas… — não podia mentir, não desejava Romy assim, apenas não era certo como tudo aconteceu.

Assentiu e veio até mim. Pegou a minha mão.

— Entendo que não quer magoá-lo, já que são amigos, mas foi mais fácil desencaná-lo. Você não teria coragem para dizer o que sente, e o cara

iria sempre ter esperança. Foi melhor arrancar rápido o curativo. — Ele não parecia arrependido.

— Curativo? As pessoas têm sentimentos, Nikolai, elas se magoam. Sim, ele devia saber que eu não pretendia ficar com ele, mas não dessa forma, cruel demais. — Sacudi a cabeça.

Tocou meu rosto.

— Você é muito boa, não mereço estar na sua presença. — Uma sombra perpassou seu rosto. — Podia deixá-la em paz, não atrapalhar sua vida, mas não consigo parar de pensar em você.

Arfei. O que fazer? Também não era capaz de parar de pensar em Nikolai, nem quando assumi que tivesse desistido de ficar comigo. Felizmente, existiram razões para ele desaparecer; teria ligado, se pudesse.

— Como podemos nos ver se mora na Rússia? Namoro à distância nunca é bom. — Franzi a testa.

Ele sorriu e me escorou no carro, colocando os braços ao lado da minha cabeça, sem tirar os olhos dos meus.

— Namorar? Nunca fiz, mas farei por você…

Expirei, à procura de alguma compostura com ele tão próximo de mim; me sentia perto de uma fornalha.

— Vamos deixar acontecer naturalmente, mas se quiser ficar comigo, precisa ser *só* comigo. Sei que os mafiosos têm um harém à sua disposição,

mas se aceitar assim, nós podemos tentar. Agora, sobre o sexo…

Beijou meus lábios de leve.

— Sem pressa, não a obrigarei a nada. Tudo bem? — Sua voz era como labaredas em minha pele. — Prometo não sair com ninguém enquanto estiver com você.

Devia ser louca por aceitar, mas queria viver seja lá o que tivesse de acontecer conosco. Não podia perder a oportunidade e fingir que não o desejava. Estava cansada de fugir de tudo que vinha até mim; era hora de aproveitar.



Capítulo 5

Samira

Fazia quase um mês que estávamos saindo; fomos em mais galerias de arte em Nova York, em Manhattan, e em vários restaurantes e pontos turísticos. A cada momento ao seu lado, eu me apegava mais. Tinha consciência de que nosso relacionamento teria de progredir um pouco; nós saíamos, nos divertíamos, então por que esperar para ser dele? Afinal, não estava aguardando um anel de noivado, e me sentia bem ao seu lado. Esse tempo que passamos juntos me fez amar a sensação de estar com um homem, algo pelo qual não me interessava antes dele.

Outra coisa, casamento no mundo da máfia acontecia só com pessoas da própria linhagem; se um dia eu me casasse, e eles descobrissem,

certamente seria o meu fim e o do Nikolai, mesmo sendo um chefe da máfia russa. Poderia acarretar uma guerra entre eles. E também não era hora de pensar em me casar, mal conhecia o cara; seria melhor aproveitar cada segundo.

— Você me surpreendeu ao continuar todo esse tempo ao meu lado — falei a Nikolai assim que sentamos nos bancos do cinema.

Riu baixinho, a despeito de o lugar estar praticamente vazio — ainda faltavam alguns minutos para iniciar, e o filme era em russo, então não deveria haver muitas pessoas ali para assistir.

— Não sou de desistir de algo que quero. — Apertou minha mão.

O longa-metragem narrava a história de uma mocinha que cruzava o Atlântico para ver seu namorado em outro país, mas em meio às dificuldades, não conseguiam ficar juntos; a distância os separava.

— Nós também vamos ser como eles? — sussurrei, encolhida.

— O quê? Não! Isso é um filme, Samira, não é a realidade. Estou aqui com você há um mês, não é? Posso fazer funcionar, tudo bem? Vamos conseguir isso, não desista antes de lutar. — Beijou meu rosto. — Não coloque minhocas nessa sua cabecinha linda. Não foi bom esse mês que passamos juntos?

Meu coração martelou fundo com a certeza em sua voz. Se ele acreditava nisso, eu também iria acreditar.

— Foi um dos melhores da minha vida — afirmei, pois ele tinha razão. — Certo, eu vou confiar em você e aproveitar cada segundo.

Sorriu. Esse homem me deixava de queixo caído, tão intenso e maravilhoso que eu pensava estar sonhando.

— Adoro todo instante ao seu lado. — Pegou minha mão enquanto me levava para o carro. — Quer ir a uma festa comigo? Sei que é algo que você gostaria de que eu ficasse longe, mas preciso ao menos dar uma passada lá.

Desejava ir, e, ao mesmo tempo, temia encontrar algum mafioso italiano, pois se me deparasse com alguém da minha família… Sentia falta deles. Queria ligar e sondar como tudo estava indo, mas correria o risco de voltar para casa, ou seja, não veria mais o Nikolai, nem os meus amigos.

— Vou com você. E me diga uma coisa: não é novo para ser chefe da máfia? — Virei a cabeça. — Nem vinte e quatro anos você tem direito. O que o levou a aceitar? Gosta dessa função?

Passou uma mão na cabeça, com a outra controlando o volante.

— Meus pais foram mortos quando era pequeno, deixando eu, meu irmão e minha irmã. Mesmo não sendo filho legítimo dos Dragons, eles me amavam como se fosse, e após sua partida era para Alexei ocupar o cargo, mas meu irmão não gosta de se prender em responsabilidades grandes, e eu peguei a chance. Teria que encontrar o assassino dos meus pais e só podia fazer isso como chefe, então deu certo. Agora estou aqui. — Deu de ombros,

com certa rigidez.

Coloquei a mão em seus braços.

— Vingança nunca é bom, ela evita que você siga em frente com sua vida — sussurrei.

— O que espera que eu faça? Que deixe os assassinos impunes gozando de imensa saúde? Eles merecem sofrer dia após dia — sibilou com veneno em sua voz. — E quando eu os pegar, terei o que desejo.

Ficar esse tempo ao lado dele, vendo-o sorrir e brincar, até me fez esquecer de quem ele era. Contudo, sua voz mortal não me amedrontava.

— Não sei — admiti, olhando para minhas mãos. Não podia insistir com sua vingança, não era certo, também não pediria para a largar; até porque, pela sua reação, não acreditava que faria isso.

— Desculpe, vamos trocar de assunto, não quero você metida nessa parte da minha vida. O quanto mais longe ficar, melhor. — Colocou a mão na minha perna. Juro que senti um fogo tomar tudo por ali.

— Isso será difícil, já que vou a uma festa da máfia com você — apontei, tentando me recuperar com os círculos que seus dedos faziam em minha coxa arrepiada.

— Verdade. Eles não sabem que você fala russo, então vão soltar alguma coisa ou outra.

Franzi a testa.

— Está me usando?

— Sim, mas se não quiser, eu não a obrigarei. — Ouvi a verdade em sua voz.

— Isso tem a ver com sua vingança? — Fechei minhas pernas, querendo conter o atrito.

— Sim, preciso saber a localização de algo. — Seus dedos subiram alguns centímetros para o meu centro. — Está molhada, Samira?

Não consegui segurar o gemido que soltei, a sensação era tão boa que abri minhas pernas, querendo que de algum modo controlasse a dor ali.

— Tire a sua calcinha, Samira — ordenou, rouco, entrando em um estacionamento de hotel. Parou o carro.

— Nikolai…

— Faça o que mandei, Coelhinha. — Beijou meu rosto e suas mãos foram subindo. — Deseja apagar esse fogo entre suas pernas?

Queria parar o atrito que me consumia, então obedeci e esperei que prosseguisse. Ele sorriu e saiu do carro; veio abrir a porta para mim.

— O que está fazendo? — Achei que fosse me ajudar. Nikolai me provocou sensações que nunca experienciei, e agora me deixaria toda molhada?

Sorriu, beijando minha bochecha.

— Você não sabe o tanto que desejo provar essa sua boceta molhada,

lamber esse suco que aposto ter sabor de mel — disse, me fazendo perder o fôlego. Antes que pudesse suplicar por mais, ele se afastou. — Vamos entrar, depois cuido de você.

— Nikolai, eu não posso ir a uma festa sem calcinha — reclamei, enquanto me rebocava dali.

— Ninguém saberá, só eu, e já estou ansiando para a festa acabar logo para fazer o que desejo nesse corpinho delicioso. — Sua voz era tão *sexy* que me arrepiou inteira.

— Mas…

— Agora apenas desfrute. A cada momento que circular pelo local, tenha em mente que, antes da noite terminar, minha boca estará entre suas pernas, fazendo-a gritar e gemer meu nome. — Beijou meu rosto vermelho e me puxou para sair do elevador no segundo andar.

— Você é um provocador — acusei. *Com certeza gritarei até antes disso*, pensei.

Ele riu, jocoso, e apontou para uma porta fechada. Ficou sério.

— Mesmo que eu saia do seu lado lá dentro por alguns minutos, saiba que jamais deixaria que nada acontecesse com você. — Tinha um selo de promessa ali. — Todos foram avisados do que farei caso a toquem.

— Vai bater neles? — brinquei para aliviar a tensão.

— Vamos apenas dizer que não irão respirar na Terra novamente. —

Deu de ombros e colocou um cartão-chave na porta.

Não duvidei. Só esperava que ninguém se aproximasse, pois não queria ver mortes.

O apartamento grande estava cheio de homens e mulheres elegantes; o local era bem organizado, com garçons e tudo mais. Apertei a mão de Nikolai, mas logo ele soltou.

Franzi a testa.

— Não posso demonstrar fraqueza na frente dos outros — disse em um tom baixo.

— O que pegar na mão tem a ver com isso? Estamos juntos. — Então me lembrei de que na minha família era assim: em casa, papai agia muito diferente, mais carinhoso.

— Normas da máfia. Eu não posso me apegar a nada; e sair de mãos dadas implica intimidade. — Abaixou um pouco o rosto. — Posso ser quem você nunca viu aqui dentro, mas saiba que o eu verdadeiro só você e minha família conhecem.

Não estava preocupada com isso, entendia o seu lado por liderar a organização — uma para a qual eu não queria voltar, mas ali estava eu, ao lado de um mafioso. Isso me deu muito no que pensar, como, por exemplo, em Matteo, que já deveria ser um homem formado.

Giulia prometera aparecer assim que tudo estivesse mudado, ou seja, as

coisas deveriam continuar do mesmo jeito. Chegaria um momento em que eu teria de escolher aparecer lá ou, ao menos, ligar. Nunca busquei informação na internet sobre eles porque sabia que, se os visse, não conseguiria me manter longe. A saudade em meu peito piorava mais nessas reuniões, pois sabia que faziam o mesmo.

— Você está bem? Se preferir, podemos ir embora; não quero que faça nada contra sua vontade — Nikolai disse, entendendo errado minha expressão.

— Não, estou bem, não se preocupe. — Tentei tranquilizá-lo e tirei da minha mente todo o pensamento sobre a máfia italiana.

Assentiu, e entramos no local. Alguns homens vieram falando em russo. Fingi não compreender nada, seguindo as orientações de Nikolai.

— Quem é essa beleza ardente? — perguntou um deles.

— Minha acompanhante — respondeu.

Virei para Nikolai.

— Vou tomar uma água — avisei em inglês e saí antes que dissesse algo. Merda, todos ali pensavam que eu era uma prostituta?

Não deveria sentir raiva dele por me esconder dos demais, mas sentia, então achei bom ficar longe. Peguei a água em uma cozinha que tinha uma ilha de onde dava para ver todos na imensa sala. Não havia muita gente. Sentei em um banquinho e fiquei observando o ambiente.

— Samira. — Nikolai chegou perto de mim. — O que foi? Parece com raiva. Falei: se quiser ir, nós podemos…

Virei a cabeça na sua direção.

— Não é por isso, mas todos pensam que sou a sua prostituta? — disse baixo para somente ele ouvir.

— O quê? Acha que deixaria alguém pensando isso de você? — Ele soltou um suspiro duro.

— Você me chamou de acompanhante — murmurei.

— Isso é o nome dado às namoradas no meu mundo. — Olhando antes ao redor, abaixou-se na ilha e ficou entre as minhas pernas. — Fique quietinha, vou dar um jeito de findar o seu mau humor.

— Nikolai! — avisei baixo. A cozinha estava escura, então não tinha como alguém ver da sala. — O que pensa que está fazendo… — Suas mãos foram entre minhas pernas e as abriram.

— Foque na sala e tente ouvir alguma coisa — pediu, fazendo-me estremecer com seu hálito.

Coloquei o copo na frente do meu rosto.

— Você é louco. — Expirei assim que senti sua língua na minha boceta. — Puta merda!

— Fique quieta — pediu de novo, pegando o meu clitóris. — Agora vou acabar com sua ira, as pessoas tendem a ficar irritadas quando estão com

tesão.

Nesse momento, não estava brava. Talvez devesse me preocupar que alguém pudesse entrar na cozinha e ver o Nikolai abaixado entre minhas pernas, mas não liguei para nada.

Tentei prestar atenção nas conversas dos outros, contudo, não estava fácil com a sensação da sua boca.

— Dark é um homem de sorte. — Ouvi um cara chegar do outro lado do balcão e, para piorar, a intrusão da língua de Nikolai aumentou.

Merda, nunca fizera nada parecido com isso, estar assim com alguém que, a qualquer hora, podia se dar conta do que acontecia. Esforcei-me para deixar minha expressão neutra na frente do cara.

— Não entendo o que fala — menti em inglês.

Sorriu. Ele era alto e tinha cabelos escuros.

— O que é dele? — falou no mesmo idioma. — Ele não deveria deixar uma beleza rara assim sozinha.

Forcei um sorriso, ignorando a vontade de gritar e empurrar a cabeça de Nikolai para me libertar logo. O bastardo estava me provocando.

— Sei tomar conta de mim.

— Se ele não a quiser mais, você pode me procurar, meu nome é Maycon — disse, maroto.

Nikolai parou o que estava fazendo, e o senti se mexendo como se

pretendesse se levantar, mas apertei minhas pernas, prendendo-o no lugar; não queria que fizesse nada. E outra, se ele saísse dali, o que todos achariam? Tremia só de imaginar a cena.

— Estou bem com o Nikolai, mas obrigada por oferecer. — Tentei não grunhir.

Outro homem apareceu ao seu lado e falou em russo:

— Ela entende?

— Não — aquele que conversava comigo respondeu ao recém-chegado.

Fingi estar bebendo minha água e não ligando para eles. Então começaram a falar de um contêiner de garotas sequestradas para serem vendidas no mercado negro. Fiz de tudo para manter a cara de paisagem e não demonstrar o meu nervosismo, porque a merda era fodida.

Nikolai relaxou e começou a alisar minha coxa. Agora, não parecia ser sexual, e sim para me acalmar.

— Elas estão aqui em Manhattan — disse o barbudo. Mencionou um tal de Andrey Jacov e também Sebastian Ruiz, chefe de um cartel.

O segundo nome me causou arrepios na espinha. Sebastian era o pai da minha amiga Tabitta. Ela se tornara policial só para prendê-lo depois que um dos seus homens matou sua avó. Mas parecia que esse Jacov tinha outro objetivo.

Não queria ter ouvido nada dessa merda; gostaria de dar um jeito de avisar Taby, mas dentro de dois dias seria o casamento de Angelina, uma amiga dela que tive o privilégio de conhecer. Eu podia fazer uma denúncia anônima. Depois um pensamento me ocorreu: estaria Nikolai envolvido nisso?

Os homens foram conversar com outros caras, me deixando sozinha, chocada com Nikolai.

— Samira — começou abaixando meu vestido, nem tinha percebido que fora erguido —, descobri o que queria, agora vou avisar que já vamos embora.

— Tem alguma coisa a ver com as meninas sequestradas? — Precisava saber, não podia ficar pensando que talvez ele também fizesse o mesmo.

Nikolai se pôs de pé, e me virei observando atentamente sua expressão.

— Não, preciso resgatá-las, por isso necessitava da informação. Não sabia onde elas estavam, agora sei. — Pegou minha mão. — Não mexo com tráfico humano; claro, tenho negócios ilegais, mas as mulheres estão lá por vontade própria, não rapto ninguém para isso.

Saímos da festa, mas em vez de irmos embora, o elevador subiu para o último andar do prédio.

— O que vamos fazer? Não tenho mais energia para outra festa — murmurei.

— Tenho um apartamento aqui, ficaremos nele. — Prensou-me na parede do elevador. — Podemos aproveitar e terminar o que começamos naquela cozinha, mas se não estiver pronta, não prosseguiremos além disso.

— Aquelas garotas…

— Vai ficar tudo bem, há um pessoal meu trabalhando nisso, não pense nesse assunto esta noite — pediu, devorando minha boca como se fosse sua comida favorita. Eu pretendia retribuir com vigor similar, todavia, a porta se abriu e me afastei sem querer. Ele se separou de mim, mas segurou minha mão.

— Confio em você — garanti, meio ofegante e com a mão em meu coração acelerado. — Mas foi loucura o que fez lá…

— Colocar a boca nessa boceta gostosa? Não chegou nem perto do que farei agora — respondeu com um sorriso de lobo. Suas palavras foram como um tiro no meio das minhas pernas. Remexi-me, incomodada.

— Está sentindo algo? — indagou com um sorriso na voz.

— Você, com certeza, sabe o efeito que tem nas mulheres, não é? — Ainda estava quente com o seu toque.

Ele deu de ombros.

— Não ligo para as outras, só para você. Minha presença lhe afeta? — Arqueou suas sobrancelhas grossas.

— Demais. A primeira vez que o vi quase bati em um poste. Parecia

que eu estava bêbada. — Fui sincera.

— Gosto disso. — Ele abriu a porta e entramos em seu apartamento, uma suíte máster.

A vista era magnífica e brilhante. Decerto, durante o dia, era ainda mais linda.

Eu não me impressionei com o luxo; quando viajava com Giulia e Matteo, nós ficávamos em hotéis assim. Fora as mansões que os Salvatores tinham em vários lugares no mundo.

— Você não sabe o que eu senti quando a vi hoje vestida assim toda linda. Tive vontade de levá-la lá naquele banco do cinema para poder desfrutar de você inteira e nua! — rosnou. — Agora tive um pequeno gosto, e ele é viciante.

Ele mal fechou a porta e já me pegou pela cintura, suspendendo-me do chão e me beijando com vigor e fome. Retribuí com o mesmo desejo. Minhas mãos foram para sua cintura, por baixo da camiseta, e para seus cabelos lindos e macios.

— Gosto de como isso soa — murmurei, sem fôlego e corando.

Nikolai me levou para o quarto sem tirar os lábios dos meus, tão deliciosos como morangos. Ficamos em silêncio, apenas nossos gemidos e o som dos beijos ecoavam pelo dormitório. Eu tirei sua camiseta, me afastando de sua boca um segundo para fazer isto, e tracei os dedos em suas costas,

apertando-o mais contra mim.

— Tem certeza de que você quer isso? Se não, fale agora. — Seus lábios foram para o meu pescoço.

— Estou pronta — garanti, tirando o meu vestido, que caiu no chão. — Mais do que pronta.

Não deixei a vergonha me dominar, apenas queria suas mãos por todo o meu corpo, seu toque, seus beijos, e ele dentro de mim, tanto que já estava molhada, com meu centro latejando.

Senti minhas costas no colchão macio como seda. Ele pairou em cima de mim, ainda com seus lábios em minha pele, fazendo-a estremecer.

— Ótimo! — exclamou, rouco.

Seguiu até meus seios desnudos e abocanhou um deles, sugando-o com fome. Cada toque desses me levava a ter mil sensações de prazer; era uma carícia de que passei a gostar demais.

— Fabulosos!

— Nick… — choraminguei, abrindo minhas pernas.

— Está querendo meu pau ou minha língua que a lambeu mais cedo? Você escolhe, minha pequena Coelhinha — sussurrou, arrepiando-me. — Darei o que desejar.

— O que você preferir… — consegui dizer com dificuldade. — Ou os dois. Você deve ser bom. Amei sua boca mais cedo, apesar de não ter me

deixado gozar, um provocador.

— Oh, eu vou mostrar a você, querida! Coloque suas pernas em volta do meu pescoço.

— Sim… — afirmei, louca para ter sua boca, seu toque, seus beijos e seu pênis. Sabia que estava pronta, não iria me arrepender depois, pois Nikolai não me deixaria após conseguir o que queria. Ficamos muito tempo juntos.

— Adoro vê-la ansiando pelo meu toque. — Ele traçou a língua entre meus seios e desceu para a barriga. Suas mãos seguraram meu quadril, mantendo-o no lugar, já que o atrito era demais. Então seus lábios me degustaram.

Fiz o que ele mandou, ao mesmo tempo que colocou a boca em minha boceta, lambendo e sugando o meu clitóris. Gritei por ele. O prazer era tanto que eu levantava o quadril, querendo mais. Deixava-me tão louca…

— Agora quero ouvi-la gritar, já que não podia na festa. — Puxou meu clitóris com os lábios.

Sempre escutei Mary e Anabelle falando sobre sexo oral; elas diziam que era fenomenal. Contudo, sentindo cada lambida e pressão da língua do Nikolai em meu broto, isso passava do Céu. Era como flutuar no espaço. Meu corpo parecia ter vida própria.

— Oh, Deus! Isso é…

— Saborosa e suculenta. — Deu um puxão de novo em meu clitóris, e eu me arqueei. — Isso, minha linda, se desmanche nos meus braços, goze na minha boca.

Suas palavras foram como um raio direto ao meu centro.

— Agora vou lhe mostrar o verdadeiro prazer. Gritará ainda mais neste quarto. — Pôs-se em cima de mim.

— Os vizinhos não vão se incomodar? — sondei, com o rosto em brasa.

— Não. Ninguém mora neste andar, somente eu. — Riu e seu hálito banhou minha pele. Após, me olhou com fervor, mas não parou por aí: colocou dois dedos em mim.

— Eu vou alargá-la para mim — comentou num tom rouco. Seus dedos me levaram a segurar seus braços.

Não foi por ser virgem que não ficamos antes, e sim porque queria que nos conhecêssemos melhor. Amei estar ao seu lado.

Sua boca foi para o meu seio, mordiscando-o enquanto estocava-me com seus dedos mágicos.

Peguei suas calças e abri o zíper, abaixando-as e apertando sua bunda.

— Nick, por favor… — clamei.

— O que você quer, Coelhinha? — Levava-me ao Céu. Eu brilhava e explodia como os fogos de quatro de julho.

— Quero você dentro de mim. Agora! — implorei, puxando sua cabeça e beijando seus lábios.

Ele se afastou após alguns segundos de amasso. Tirou o resto de suas roupas sem nunca desviar os olhos de mim. Já a minha atenção estava em outra parte de seu corpo, uma que desejava há muito tempo. Bem-dotado, só em vê-lo tudo dentro de mim queimava.

O toque desse homem era como um ímã, me chamava e me guiava. Ansiava por ele a ponto de suplicar caso precisasse.

— Gostando da vista? — Sorriu, se posicionando sobre mim.

— Oh, é ainda melhor do que pensei que fosse. — Corei, sorrindo também.

— Fico feliz em ouvir isso — disse, se encaixando e beijando-me com ferocidade. — Eu vou devagar, ok?

Senti a sua invasão. Os beijos e carinhos amenizaram a dor, restando somente o prazer. Ele começou a acelerar os movimentos, bombeando e me levando ao êxtase.

Minhas mãos se encontravam em suas costas, apertando-o mais contra mim. Ele estremeceu, mas não disse nada sobre o fato de minhas unhas estarem machucando-o, apenas gemeu em minha boca e sugou meus lábios. Trancei as pernas em sua cintura, ao que me penetrou mais fundo. Em seus braços, estava no paraíso.

Devoramos um ao outro. Ao gozarmos, vi milhares de estrelas, ou melhor: uma constelação inteira. Ele deu uma última estocada, me levando ao limite. Seus gemidos eram ferinos em meus ouvidos. Eu adorava isso.

Só esperava que no outro dia eu tivesse mais dele, porque estava longe de saciar meu desejo.



Capítulo 6

Nikolai

Estava animado para passar a noite com a Samira, e não queria que acabasse tão cedo.

Há quase dois meses, eu a conheci. Era uma garota de vinte e dois anos, que ainda cursava faculdade em Trenton.

Eu tinha ido para uma reunião em um dos nossos clubes e a vi passando em seu carro já tarde da noite. A princípio, achei que fosse uma garçonete ou algo assim, mas depois procurei saber dela, ao notá-la andando devagar com o veículo, buscando algo. Sabia que era eu, porque no momento em que nossos olhos se cruzaram pela primeira vez, senti minha respiração engatando ao enxergar curiosidade e desejo em sua expressão. Ela me queria.

Samira ficava até altas horas na faculdade, desenhando. Suas artes eram magníficas; invadi o local para ver seus quadros. O povo da faculdade não podia deixar alguém ficar lá até tão tarde. Permitiam porque era conhecida do zelador e da reitora. Eles gostavam dela. Quem não gostaria?

A despeito disso, uma garota como ela, tão simples e inocente, não deveria estar sozinha a essa hora da noite.

Juro que tentei ficar longe, para o seu bem, pois tudo que eu carregava era pesado para alguém do mundo dela, mas não consegui. Assim que entrou na boate com suas amigas, todas as minhas forças se evaporaram.

Ela se destacava entre as demais mulheres do lugar, com sua timidez e

um toque de boca esperta. Estava linda com um vestido prata que exaltava todo o seu corpo magnífico.

Quando decidi não lutar contra o meu desejo, não pretendia trazer problemas para ela; infelizmente, meu mundo era coberto deles.

Ficamos saindo por quase um mês, e eu não a toquei de fato, só nos beijamos. Sabia que era virgem, então esperei o momento dela, jamais apressaria algo assim. O que me levou a ter bolas azuis por um mês. Não queria outras mulheres, apenas ela, estava louco para possuí-la de todas as formas imagináveis.

Quando finalmente aconteceu, eu não pude ficar a noite toda com Sam como gostaria. Queria passar a madrugada inteira ao seu lado, não tinha tido o suficiente. Porra, a menina era virgem, doce como mel. Contudo, precisei deixá-la sozinha por um tempo.

Hoje era o grande dia — falo “hoje” porque já estava quase amanhecendo. Sonhei muito com esse momento, no qual me vingaria por meus pais, matando o Jacov.

Toda essa merda podia cair sobre mim e atingi-la sem querer, pois soube que Sebastian Ruiz estava na cidade e fez um acordo com os federais. Ele não tinha a intenção de se entregar: só queria Jacov para vingar a morte da minha mãe legítima.

Quando o bandido assassinou minha mãe há vinte e três anos, ela

estava grávida de mim. O monstro a deu para que seus homens a violentassem na frente de Sebastian, por isso entendia seus motivos de vingança. Faria o mesmo se estivesse em sua pele — onde não queria estar de modo algum.

Deixei Samira no quarto em que dormia e fui atender à porta para Alexei.

— Hoje nós pegaremos aquele fodido de merda. Não vamos deixar os federais colocarem as mãos nele — disse meu irmão depois de dar uma nova olhada no plano do dia.

Jacov deveria ser um pouco mais esperto e fugir dos Estados Unidos, mas ele desejava as provas que Sebastian tinha em mãos, as quais estava usando como vantagem sobre os federais. Mal sabia que Sebastian, e muito menos nós, não o queríamos preso.

— Sim. Só preciso fazer uma coisa no quarto, já vamos embora. — Eu me levantei.

— Vou com você — falou, se levantando também.

Eu ergui a mão.

— Não, fique aqui, já volto. — Não queria que Alexei visse minha Coelhinha toda nua e linda. Era uma imagem apenas para os meus olhos, e não dos outros, incluindo meu irmão.

— Tem uma mulher no quarto? Se não estivéssemos tão apressados

para prender o desgraçado de Andrey Jacov, a dividiríamos. — Sorriu em expectativa. — Talvez depois?

Segurei meus punhos fechados para não o socar na cara. Controlei-me: primeiro porque ele era meu irmão, e segundo pois estava confuso com o aperto que senti no peito. Seria ciúmes? Merda, nunca experienciei nada parecido na minha vida.

— Não acontecerá, não a divido com ninguém — respondi, deixando-o chocado. — Nem mesmo com você.

— Sempre dividimos mulheres, e você nunca se queixou. — Franziu a testa. — Quem é a garota?

— Alguém que não quero envolvida no meu mundo tão cedo. — Suspirei.

Eu fui para o quarto antes dele replicar. Não contaria para ninguém o que estava acontecendo comigo e com ela; nem eu tinha tal resposta, só sabia que não parava um segundo de pensar em Samira. A morena linda de olhos castanhos me fascinou.

Samira dormia. Não queria acordá-la, tampouco revelar o que faria dentro de algumas horas, o que tanto sonhei e planejei por doze anos. Enfrentei uma barra, tudo para chegar onde estava e fazer o que precisava. Minha vingança se cumpriria com o assassino dos meus pais, tanto dos Dragons como da minha mãe biológica.

Samira gemeu, se remexendo na cama. Esse som já me faria estar dentro dela de novo; adoraria ficar admirando aquela perfeição.

Eu a beijei na testa. Não acreditava que havia sido o único a tocá-la. Talvez fosse por isso que sentia a necessidade de a proteger.

— Voltarei para você, Coelhinha. Espere por mim. — Cobri seu corpo.

Quando retornei à sala, Alexei zombou:

— Achei que não sairia mais do quarto. Ela deve ser um maldito avião.

Guardei minha arma nas costas e minhas facas na liga perto da bota.

— Não faz o seu tipo. — E mesmo se fizesse, não autorizaria que encostasse na menina.

Ele gostava de loiras com pernas longas e seios fartos, o que Samira não tinha. Bom para mim: ela dispunha de tudo que eu desejava.

— Qual é o meu tipo? — Bufou. — Se você está com ela, com certeza é linda. Mas me diga uma coisa: usou camisinha?

Ergui as sobrancelhas para ele.

— Sério? Vamos enfrentar um chefe de cartel e outro da máfia, e você fica preocupado se eu usei camisinha? — Sacudi a cabeça. — Tenho vinte e três anos, não quatorze.

Ele sorriu.

— Sou mais velho do que você, e mais experiente, siga a minha dica: nunca fique sem camisinha. — Checou sua arma enquanto falava. — Então,

se preveniu?

Não me dei ao trabalho de responder; não era da conta dele. Como poderia explicar que, desde que conheci Samira, eu não andava com camisinhas, simplesmente pelo fato de não querer mais nenhuma mulher, exceto ela? Ficamos um mês saindo sem fazermos sexo, mas também não era isso, queria essa mulher para mim, e termos um filho estava incluso no pacote; não só por eu sonhar em ser pai, mas também porque os anciões me enchiam a paciência para casar e ter herdeiros.

— Porra, você não usou! — Sua voz se elevou.

— Cale-se, Alexei, ou fale baixo. Não quero que ela acorde. Agora vamos, e deixe que isso é assunto meu.

Fui para o carro, e Alexei ao balcão da recepção.

Eu olhei mais uma vez para o hotel onde deixei a Coelhinha dormindo. Merda, queria muito estar lá quando ela acordasse…

— Agora estou preocupado — comentou meu irmão, já sentado ao meu lado.

Ele me observava com os olhos estreitos. Sabia do que falava, mas fingi desconhecer:

— O quê? Tem algo de problemático com o plano? Nada pode dar errado hoje.

— Sabe que não é sobre o plano, tudo vai sair bem. O que me aflige é

esse seu olhar diferente, como de saudade ou algo assim.

Eu ri.

— Alexei, você já sentiu saudade de alguma mulher na sua vida? Nem sabe o que é isso, então não me venha com essa merda. Não vamos mais falar sobre esse assunto. É minha vida, faço dela o que quiser.

— Pode ser. Mas e se a engravidou, já pensou? Está disposto a deixar um filho seu por aí? Se todos da máfia souberem… Oh, puta merda! Você não usou camisinha porque não quis? Isso foi por aquilo que Kriger disse, sobre você se tornar mais respeitado ao casar e ter filhos? — Seu tom se elevou no carro.

— Não, mas se ela ficar grávida, eu não ligo. Há algo na garota que me faz querer cuidá-la. Entende? Não vou abrir mão disso. — Olhei para fora da janela. — Vou viver o momento. Ela sabe que sou da máfia e não pareceu se importar, já que fomos para a cama…

— Ela pode ser uma…

Fitei-o, sombrio.

— Não termine essa frase. — Não gostei dele pensar que ela era fácil, em nada combinava com a personalidade da garota.

Alexei observava meus punhos fechados.

— Você quer me bater… — Ele não podia parecer mais chocado com isso.

Franzi a testa.

— Quando eu não quero? — retruquei. — Ela é diferente, e foi só minha, ninguém nunca a tocou e jamais irá; mato qualquer um que ousar.

Arregalou os olhos.

— Ela era virgem? Oh, merda!

— Sim — respondi e desci do carro. — Agora vamos nos concentrar no que acontecerá hoje.

Ele queria contestar, mas deixou passar.

— Sim, o casamento de Ryan Donovan será às três. Daremos uma última checada em tudo.

Donovan era dono de uma agência de moda. Ele se casaria com Angelina, a melhor amiga de Tabitta. Descobrimos pela fonte infiltrada com Jacov que eles pretendiam atrair Tabitta para fora do casamento, de modo a conseguir Sebastian.

Eu impediria o plano dos dois. Não poderia deixar minha irmã chegar nas mãos desse crápula. Sebastian não dava a mínima para ela.



Estava no submarino vendo as câmeras de segurança, quase na hora de Andrey chegar ao píer de Manhattan.

Meu telefone tocou. Era uma mensagem de Sebastian: “Ela está

grávida, a proteja”.

— Filho da puta! — rugi, puxando as câmeras do lugar.

— O que foi? — inquiriu Alexei, aproximando-se para acompanhar as câmeras também. — Aconteceu alguma coisa? Não estou vendo nada.

— Sebastian mandou uma mensagem… — Antes que eu terminasse de falar, o meu telefone apitou novamente.

Do outro lado da linha estava Hunter, o homem infiltrado na máfia de Jacov e meu aliado há alguns anos.

— Sebastian e Tabitta foram sequestrados — avisou. — Tudo acaba hoje.

— Filho da puta! — repeti. — Vou matar aquele desgraçado por metê-la nisso.

Coloquei o telefone no viva-voz.

— Só temos dez minutos. Nossos aliados lhe darão cobertura, porque a porra estourou aqui — ele disse com um suspiro.

— Vamos cobri-lo também, Dark — informou Alexei. — Jacob e Will ficarão responsáveis por isso. Eu iria, mas preciso localizar os contêineres, conforme o plano. Vá e pegue sua irmã.

— Todos sabem o que fazer — reafirmei aos que estavam no submarino. — Hunter?

— Sim?

— Avise aos seus homens para atrasarem os federais um pouco mais. Eles não podem levar Jacov, porque ele é meu, assim como Sebastian.

— Acho melhor você se apressar — respondeu e desligou.

Hunter era um ex-agente, vivia na Rússia. Pediu demissão após um problema familiar: sua sobrinha foi sequestrada, acreditava-se que para ser escrava sexual ou algo do tipo. Então ele teve de deixar um pouco de lado sua moralidade e se juntar ao submundo do crime.

Eu o ajudava com isso; tínhamos pessoas em todos os lugares tentando localizá-la. Síria era o seu nome. Torcia para que ele a encontrasse um dia.



Capítulo 7

Samira

Acordei tomada por êxtase devido à noite maravilhosa que tive nos braços de Nick. Suas mãos em meu corpo, seus beijos e suas carícias, tanto na hora do sexo quanto depois, ao dormir do meu lado, foram mágicos. Ficamos juntos outras vezes durante a noite, mas não transamos, foi só oral, já que estava dolorida. Não liguei. O prazer que tive superava isso, aliás, superava tudo. Nem acreditava no quanto havia sido tola em esperar pelo sexo por vinte e dois anos — apesar de ter feito com o homem que queria, o homem com o qual sonhava desde a primeira vez que o vi todo lindo na frente da boate.

Alguém bateu à porta, me tirando do sonho que estava tendo com Nikolai. Olhei ao redor para ver se o avistava em algum lugar. Queria checar se ele se sentia igualmente entusiasmado pelo que tivemos.

O quarto era grande e chique, com vista para o centro. Estava claro lá fora, mas eu não sabia o horário, porque só pensava na nossa noite maravilhosa.

— Nikolai? — levantei-me da cama chamando por ele; obtive somente o silêncio.

Coloquei meu vestido, ignorando a nova muda de roupa em uma cadeira perto da cama. Eu tinha certeza de que havia sido ele a deixá-la para mim. Não foi preciso olhar todo o lugar para saber que Nikolai não estava ali.

Já devia ter ido para a Rússia, a uma hora dessas, ou para qualquer outro lugar longe de mim.

Não entendia. Por que sumiu? Então pensei que talvez tivesse acontecido algo, e ele saiu para resolver, afinal, era um chefe da máfia. Poderia ter ido resgatar as garotas do contêiner. Eu não faria tempestade em copo d’água.

O barulho na porta aumentou. Respirei fundo e fui abri-la para quem quer que fosse. Certamente ele não era, porque tinha sua própria chave.

Um homem de meia-idade segurava uma caixinha azul em suas mãos.

— O senhor Dragon mandou entregar isto à senhorita — disse, estendendo a caixa para mim.

— Dragon? — Minha voz saiu rouca.

— Senhor Nikolai — respondeu e franziu a testa. — Não sabe quem ele é?

— Sim, eu sei. — Pensei que tivesse acontecido algo com Nikolai, mas fiquei confusa com esse cara e essa caixa.

— Tem um carro esperando a senhorita para levá-la até sua casa.

Mal ouvi o que ele disse após abrir a caixinha e me deparar com uma joia de diamante, provavelmente mais cara do que as que Giulia usava.

Samira,

Deixei este presente pela noite que tivemos ontem. Como não usei camisinha, e não sei se você toma algum contraceptivo, comprei esta pílula do dia seguinte. Isto vai evitar que engravide; não quero ser pai tão cedo.

Nikolai

Se ele tivesse me batido doeria menos. Fui mais do que humilhada, tanto pela joia que me deu, à guisa de pagamento pelo sexo, quanto pelo fato de me deixar uma pílula e me mandar usar para não engravidar dele.

Um tremendo de um canalha, o qual não quero ver nunca mais na minha vida, pensei.

Eu não desejava engravidar, claro, ainda mais de um cara como ele. Mas essa não era uma decisão apenas de Nikolai; teríamos que a tomar juntos.

Eu era culpada também. Por que não pensei em me prevenir? Estava tão encantada por ele que me esqueci até do meu nome na hora.

— Senhorita? — chamou o senhor, me trazendo de volta à realidade.

— Aqui, fique com isso. Pode fazer o que quiser. — Entreguei a joia para ele.

Mantive somente a caixinha da pílula e a carta, em seguida, saí, ignorando o pobre senhor que começou a gritar por mim. Queria sumir daquele lugar e ir para onde não pensasse em Nikolai, porque isso me

deixava com mais raiva.

Peguei um táxi para ir embora — sem chance de eu aceitar a carona do motorista que ele deixou. Estava grilada, mas não chamaria as meninas, depois conversaria com elas. Mary e Ana demonstravam animação por eu estar com Nikolai, mas agora tudo desandara.

Quem ele pensava que era para me tratar assim, como uma qualquer? A idiota era eu, por ter acreditado nele, confiado que tínhamos algo. Pensei que podia ser uma pessoa legal, tanto que entreguei a ele algo que estava guardando durante anos para o cara por quem meu coração balançasse. Nikolai foi o único que o fez, e no fim, acabou me magoando enormemente. Ele só me usou e jogou fora.

Pelo jeito, nem sentiu necessidade de dizer adeus ou que gostou do que tivemos. Talvez nem tivesse gostado, porque me tratou como uma prostituta.

Sentia-me um pano de chão. Na verdade, menos do que isso, pois o pano você lava e usa de novo, já eu era um objeto descartável, a ser jogado fora.

Se no mínimo ele tivesse explicado por que não poderíamos ficar juntos, eu teria aceitado na boa. Seria mais apropriado que me deixar sozinha em um hotel com um bilhete e uma joia como recompensa.

— Oh, merda! — Limpei as lágrimas de raiva do meu rosto.

Meu telefone tocou. Devia ser uma das meninas ou Taby.

— Alô? — falei com a voz mais composta que pude, assim ninguém desconfiaria que fui humilhada.

— Você está bem? Parece rouca — Taby replicou com um tom preocupado.

— Estou meio gripada, mas bem. — Estabilizei minha voz. — O que houve?

— Nada. Sinto sua falta, já que não nos vemos mais com frequência. Virá para o casamento de Angelina?

— Sim, vou recompensá-la este fim de semana, passarei aí com vocês.

Eu não queria sair de casa, porém, era o casamento de Angie, com a qual fiz amizade quando ela morou com Tabitta.

Não sabia direito o que ocorrera entre Angelina e seu namorado, Ryan Donovan, mas parece que eles haviam brigado, porque ela foi se esconder com a Taby. Depois de muitas reviravoltas, os dois se acertaram. Fiquei feliz, porque eles se amavam demais.

Também estava muito contente por Taby, minha quase irmã. Após anos apaixonada pelo seu primeiro amor, agora os dois viviam juntos.

Eu não tinha inveja — certo, um pouco. Queria que um homem me olhasse da mesma forma que os namorados das minhas amigas olhavam para elas. Eles as adoravam, como se as garotas fossem seu mundo. Almejava ter isso um dia, mas depois de ser rejeitada e abandonada pelo único homem por

quem senti algo… precisava de um tempo para montar uma expressão branda na frente dos outros, assim ninguém descobriria que tive problemas. Lidaria com tudo mais tarde.

— Jura?

— Sim — respondi. — Estou com saudade da Emily.

— Fiquei me sentindo uma amiga ruim, pois me mudei para longe de você.

— Você está feliz com Jason, e isto é o que conta — falei. — Estarei aí e matarei as saudades de todas vocês, e também da minha boneca, Emy.

Esqueceria meus problemas e pensaria somente na felicidade da Angelina. Seria bom tirar um tempo de folga da cidade. E se Nikolai resolvesse aparecer? Acredito que o mandaria para o Inferno!

Arrumei minha mala para ficar o fim de semana em Manhattan. Não podia ir sem antes falar com Mary e Anabelle. Precisava deixar as duas tranquilas e dizer que eu estava bem.

— Meninas? Deu tudo certo na noite passada, depois nos falamos. Agora, vou a Manhattan para o casamento de uma amiga. Ficarei este fim de semana fora, qualquer coisa me liguem. Amo vocês. — Gravei um áudio e enviei para as duas.

Elas não precisavam saber do que aconteceu, para o seu próprio bem e para o meu, que não queria responder à nenhuma pergunta relacionada ao

assunto.



Assim que cheguei onde seria realizado o casamento de Angelina, vi Emily, a minha princesinha linda.

— Oi, tia Samira, como estou? — Emily rodopiou com seu vestido de dama de honra. Ela tinha cabelos castanho-claros, na altura das costas. Seus olhos eram cor de chocolate, iguais aos de Jason. Tudo nela parecia mais com ele do que com a Taby.

— Linda, minha boneca — falei, abraçando-a. — Senti sua falta.

— Eu também. Sabia que meu pai comprou um cachorrinho para mim? É tão fofinho. — Fez um gesto com as mãos, como se apertasse a cara do animal.

— Fico feliz com isso, meu amor. Vou ficar aqui neste fim de semana, então podemos passear no Central Park com ele. O que acha?

Ela deu um grito animado, abraçando minha cintura. Depois foi para seus amiguinhos, e eu fui procurar a noiva.

Entrei no quartinho pequeno e a enxerguei toda linda de frente ao espelho, olhos negros brilhantes de puro êxtase, rosto corado, lábios com batom na cor cereja.

O vestido era tomara que caia, com detalhes em pérola. Ele marcava

bem as suas curvas, deixando-a mais formosa.

— Está pronta? — perguntou Tabitta, olhando de cima a baixo para checar se não faltava algo. — Linda!

Angelina corou.

— Obrigada — sussurrou, emocionada.

— Ainda dá tempo de mudar de ideia. — Taby fez uma bela careta.

Angelina sorriu, porque sabia que Taby não gostava de Ryan — ela o culpava pelo fato de Angie ter quase morrido ao ficar grávida de Victoria. A filha dela era uma mistura dos dois, pele branca com cabelos negros, mas com olhos cor de caramelo iguais aos do pai. Linda garotinha!

— Meninas? Vamos logo com isso. — Samantha Donovan entrou no quarto com seu vestido vermelho-sangue, que combinou com seus cabelos negros. Ela era mulher de Lucky Donovan, irmão de Ryan. — Ryan está impaciente lá no altar, eu tive que dar Victoria para ele, só para não vir até aqui a procurar.

Tabitta sibilou.

— Se aquele desgraçado não me entregar ela na hora da cerimônia, eu o matarei. — Jogou seus cabelos loiros para trás. Sempre fora uma mulher linda, mas nos últimos meses reparei que seus olhos andavam mais brilhantes. O motivo disso se chamava Jason Falcon, o amigo de Ryan. Ficava feliz por minha amiga.

Revirei os olhos. Ryan era bem obcecado pela sua bebezinha, e não deixava ninguém a pegar. Angelina tinha que intervir na maioria das vezes.

Nós estávamos no quartinho da igreja na qual seria realizado o casamento. O ambiente era branco, com um espelho grande.

Ela rumou ao corredor que dava para a entrada do salão. As damas de honra — Emily e Lira, a irmã de Angelina de quatro anos — foram na frente.

Johnny, o melhor amigo de Angie, ia acompanhá-la até o altar, já que não tinha família.

Eu fui para perto de Nasx, o MC da Fênix; conhecera-o há mais de três meses, quando Angelina ficou na casa da Taby em Jersey. Tornei-me sua amiga. Ele tentou ficar comigo algumas vezes na minha casa.

Nasx era o vice-presidente do MC. Um loiro de quase um metro e noventa, cabelos longos nas costas. Seu corpo musculoso forrava-se de tatuagens. Ele usava um colete de couro, com o emblema da Fênix, e dava para ver os enormes dragões desenhados em seus braços. Acredito que tinha mais tatuagens onde eu não conseguiria enxergar. Seus olhos eram azuis-cobalto. Conclusão: lindo!

Também conheci Daemon, o rastreador do MC. Eu não sabia seu nome, apenas o apelido, mas o cara era um deus grego tatuado. Forte, um metro e noventa, olhos caramelo-ouro, cabelos curtos, brincos em sua orelha direita e um alargador. Ele tinha um *piercing* na língua que notei quando riu com

Nasx. Isso nos lugares visíveis — não me interessava em ver o resto. Vestia um jeans rasgado nos joelhos e uma camiseta branca com um colete com o logotipo da Fênix. Usava uma corrente grande no cós da calça, prendendo a sua carteira situada no bolso da frente. Na corrente, havia um par de soqueiras.

O salão da igreja estava decorado com flores de todas as cores e todos os tipos: rosas, tulipas e jasmins. O aroma do ambiente colorido era de outro mundo. A igreja se encontrava lotada de pessoas desconhecidas para mim, amigos de Ryan e Angelina.

Em um lado das cadeiras estavam os motoqueiros do MC da Fênix de Chicago. Dominic e sua esposa, Evelyn, formavam um casal lindo. O cara era um espetáculo de homem: moreno, alto, um metro e oitenta e oito, forte, olhos verde-esmeralda com cílios grossos e cabelos castanho-escuros. Tinha uma tatuagem de cobra no braço direito, como se ela subisse pelo membro, e no antebraço esquerdo o nome “Evelyn”. Havia mais escondidas por baixo da camiseta e jaqueta sem mangas com emblema da Fênix. Seu apelido no clube era Shadow — talvez pelos seus olhos mortais. Já Evelyn era uma ruiva deslumbrante com fios anelados e olhos dourados. A mulher tinha um maldito corpo sarado.

— Garota, você está um avião — declarou Nasx assim que chegou perto de mim.

— Obrigada — agradeci, tímida.

Eu usava um vestido preto justo em meu corpo, mostrando minhas coxas, e calçava um tamanco alto. Meus cabelos negros e ondulados caíam em cascatas em minhas costas.

— Como está? — indagou, chegando perto de mim enquanto avaliava meu rosto. — Parece que tem algo de errado. O que é?

Ele me lia com facilidade. Quem sabe fosse a sua especialidade ou, então, eu não estava escondendo o suficiente o que aconteceu comigo. O bom foi que só ele notou.

— Nada — mesmo assim, menti.

— Samira, eu conheço você, me fale o que houve.

Suspirei vendo Angelina cantar uma música para seu futuro marido. Uma declaração de amor. Assistindo àquilo, eu me arrependi de ter acreditado em Nikolai. Poderia ter esperado pela pessoa certa, pois um dia ela apareceria, mas me deixei levar pela *tentação loira*.

All for love, de Michael Bolton, soava na igreja. A voz da mulher era realmente linda. Angelina cantava muito bem.

Após, disseram seus votos. Eu consegui escutar apenas uma frase — "Você me deu mais razões para viver neste mundo, me deu uma filha linda, um amor pelo qual quero lutar", Angelina afirmava com emoção — antes de pegar o braço de Nasx e levá-lo comigo para uma sala.

— Samira…

— Eu conheci um cara…

— Um cara? Ele lhe fez alguma coisa?

Suspirei.

— Há quase dois meses, eu o vi em frente à boate Prisma, em Trenton. Não sei dizer, mas algo em mim mudou. Comecei a sonhar direto com ele. — Parecia uma alucinada admitindo isso.

— O que aconteceu? Você saiu com esse homem? Ele foi educado e respeitador?

Eu deveria me abrir para minhas amigas, e não para um cara, contudo, com Nasx era assim mesmo, nós conversávamos sobre tudo. Obviamente, depois falaria com elas também.

— Ficamos saindo por um mês. Ele me levou em lugares incríveis, nunca me senti mais viva como quando estava ao seu lado. Então, ontem, fomos a uma festa… — Respirei fundo. Narrei o resto da história, só não os detalhes do sexo.

— Nikolai Dragon? Tem certeza? — Piscou de olhos arregalados, assim que disse o nome.

— Sim. Você o conhece? Ele é dono da boate. — Franzi a testa sem entender.

— É chefe da máfia russa, conhecido como Dark. Apesar de novo,

possui um grande império nas mãos. Vocês… *ficaram juntos*?

Corei e assenti. Estava a ponto de responder quando seu telefone tocou. Ele olhou a mensagem e amaldiçoou.

— Tenho que ir, mas ainda não acabamos. Assim que eu fizer o que preciso, vou à sua casa. Se quiser me esperar, eu lhe dou uma carona.

— Estou com meu carro. Vou me despedir das meninas e ir embora. Ficarei na casa dos pais da Mary aqui em Manhattan. Mandarei o endereço a você e o espero lá para conversarmos.



Capítulo 8

Nikolai

Acabara de entrar no navio e lutar contra alguns homens do meu pai biológico. Estava pronto para abater mais, quando vi a briga de Jacov e Sebastian.

Eu não pretendia interromper. Podia ficar ali apenas assistindo a um matar o outro. Os dois pareciam feridos; decidiram lutar com os punhos, em vez de armas. *Uma bala na testa não causa sofrimento suficiente*, pensei.

Bati palmas.

— Adoraria vê-los se matando, mas estou sem tempo. Além disso, uma morte rápida não é o que desejo.

Ao observarem eu me aproximar, os dois pararam o que faziam e me encararam. Jacov já ia pegar a arma.

— Nem tente, ou morrerá antes da hora. — Lancei-me contra o cara e arranquei sua pistola, entregando-a para Will.

— Nikolai, meu filho… — começou Sebastian.

Eu ri com amargura.

— Filho? Você não sabe o que esta palavra significa. Falei para não meter ela nisso, mas você não me ouviu.

Não precisava dizer o nome, ele sabia a quem me referia. Muitas vezes o alertei para que ficasse longe da Tabitta. Como sempre, nem escutou. A sua cegueira com a vingança não o autorizava a pensar em nada ou ninguém.

Queria me vingar de Jacov, mas não perdi o foco ou virei o mesmo que Sebastian.

Todavia, entendia que a forma como minha mãe morreu pode levar uma pessoa a sentir que perdeu tudo, sua capacidade de raciocinar, sua humanidade. O que Jacov fez foi desumano. Sebastian teve de me tirar da barriga dela para que eu não falecesse também. Em seguida, me deu ao hospital e desapareceu.

— Tabitta veio porque a amiga dela foi sequestrada — disse Sebastian a mim, logo fuzilando Andrey. — Você morrerá hoje, a minha vingança finalmente chegou.

— Eu que vou acabar com a sua raça — urrou Jacov. — Deveria tê-lo matado junto à Luciene, mas queria que sofresse e soubesse por que eu a eliminei.

— Você a tirou de mim por vingança, por eu ter deixado a vida do crime. — Seu tom era frio. — Por isso vivi até hoje, para assassiná-lo. E o farei agora, seu cretino.

Acompanhar os dois discutindo me dava ainda mais raiva.

— Quem matará alguém aqui será eu, de forma lenta e torturante, e não com um maldito tiro — sibilei a Andrey. — Pagará pelo que fez aos Dragons e à minha mãe, seu miserável.

Jacov riu.

— Lamentavelmente, não posso aceitar o mérito por matar os Dragons. — Ele me olhou de lado.

— Não me faça rir. Acha que vou deixá-lo viver se contar uma mentira? — Trinquei os dentes.

— Ele é meu! — Sebastian grunhiu com uma faca na mão.

Jacov sacudiu a cabeça.

— Se vocês querem vingança por Luciene, tudo bem, podem tentar. Há mais homens meus chegando, não terão muito tempo. Mas não responderei pelos Dragons. Você devia ir atrás de Lorenzo Salvatore; ele é o culpado.

— Por que o *capo* mataria os meus pais? Os Salvatores são italianos, não tinham negócios com os Dragons naquela época.

Jacov deu de ombros.

— Lorenzo Salvatore acusou os Dragons de estuprarem sua filha e darem um fim na garota — disse como se isso fosse normal.

— Meus pais não fizeram isso, eles não eram assim. — Pisquei, chocado.

Lembro-me de serem contra a alguns de seus homens machucarem mulheres e crianças. A lei era bem rígida; quem a infligisse acabaria morto.

Eu era um monstro, sim. Pessoas que cresceram na máfia sempre estariam cercadas pela escuridão. No entanto, nunca seria cruel a esse ponto. Os Dragons jamais fariam algo tão brutal.

— Como eu disse, Lorenzo Salvatore *pensa* que foram os Dragons, e colocou a culpa em mim pelo assassinato. Por eles, não sou o responsável. Já Luciene…

Meu sangue ferveu de raiva com sua frieza ante a morte de inocentes. Ele podia não ter assassinado os Dragons, mas feriu minha mãe de modo brutal. Para tanto, não haveria perdão ou misericórdia.

Peguei uma adaga no bolso e me joguei na sua direção. Passei a lâmina afiada em seu pescoço, de fora a fora. Esquivei-me do sangue.

Eu o vi cair no chão com os olhos arregalados. Ambicionava um fim diferente para ele, não tão rápido. Merecia sofrer tal qual minha mãe.

Ouvi um grito no corredor não muito longe dali. Reconheci Tabitta.

— Porra! — Mirei Sebastian, de pé à minha frente. Estava louco para acabar com ele, por meter minha irmã nisso.

— Vai me matar também? — Sorriu. — Pode fazer, estou pronto para ir. Antes, porém, queria dizer que me orgulho do homem que você se tornou.

— O quê? Um mafioso?

— Sim. Você é forte, decidido, fez tudo o que eu não pude. — Parecia aliviado. — Me mate e vá salvar Tabitta, porque o fodido do Lincoln foi atrás dela.

Avaliei-o por um segundo. Minha ação seguinte surpreendeu até a mim mesmo.

— Você tem dois minutos antes que os federais entrem aqui. Vá embora agora e não volte. — Eu me virei para partir.

Deixá-lo viver acarretaria certas consequências: por exemplo, me faria fraco aos olhos dos outros, dar redenção a um traidor. Algo me impediu de matá-lo; talvez saber o quanto amou minha mãe. Nenhum homem buscaria vingança por uma mulher que não significasse nada para ele, em especial ao longo de vinte e três anos.

Ouvi um tiro e meu corpo travou, já a caminho de ir atrás da Tabitta. Virei-me e o enxerguei caído no chão, perto de Jacov. Encerrara sua própria vida.

Eu deveria ter ficado feliz. Não gostava de Sebastian como pai, pois nunca foi um, mas compreendia o motivo de se tornar tão mau. Eu também lutei para chegar até ali e me vingar de um cara que não matou os Dragons. Isso significava que minha vingança não acabara, e sim passara a se dirigir a outra pessoa. Um mafioso italiano logo teria seu fim. Lorenzo Salvatore.

— Me solte, seu filho da puta, traidor — gritou Tabitta.

Não sabia o que sentir ao escutar Sebastian dar seu último suspiro. Só segurei minhas emoções e corri, seguindo os gritos da minha irmã.

— Sua puta desgraçada, sabia que eu tinha colocado uma escuta em você e ainda assim transou com aquele desgraçado para eu ouvir tudo — esbravejou Lincoln. — Você gritando…!

Cheguei após virar em um corredor no navio. Ele colocou as mãos nos cabelos loiros como o louco fodido que era. O desgraçado se apaixonara por Tabitta, mas ela sempre amara Jason Falcon, seu namorado do passado e pai da filha dela, minha sobrinha, Emily.

— Aqueles gemidos me atormentam… — Lincoln estremeceu.

— Ele será meu marido em breve, posso fodê-lo o quanto quiser, e quer saber? O pau dele é bom, ele é bom. Amo tudo no Jason. — Ela cerrou os punhos. — Se quer lutar, então vamos.

Eu sacudi a cabeça, não querendo pensar em Jason tocando-a dessa forma; minha vontade era de matá-lo. Só continuava vivo porque o cara morria por minha irmã.

— Eu poderia e vou, assim que tirar esse bastardo que está na sua barriga. Achou que eu não sabia? Vi você indo comprar um teste de gravidez. Aposto que deu positivo, já que agora há pouco a enxerguei com a mão no ventre — grunhiu Lincoln com raiva.

Meus homens que a protegiam viram esse fodido de merda a vigiando, mas não podiam acabar com ele antes da hora. Eu mataria Jacov primeiro.

— Você andava me seguindo? — Sua voz saiu duas oitavas mais alta, ecoando nas paredes do navio.

— Sim, precisava arranjar um jeito de capturar você para fazer tudo que sempre sonhei com seu corpo. Agora quero rasgar sua barriga e tirar esse

feto imundo de dentro.

Fechei a cara. Veríamos se ele continuaria valente quando eu o torturasse lentamente.

— Não chame meu filho de bastardo ou de feto, ele é alguém que terá muito amor, meu e do seu pai — sibilou, pronta para lutar contra ele. Eu, claro, não a deixaria se machucar. — E você, seu verme, jamais possuirá meu corpo, porque ele pertence ao meu marido, o pai dos meus filhos.

Lincoln gritou, parecendo estar possuído ou algo assim, e foi na direção dela com as mãos em punhos. Ele não foi longe: peguei algumas cordas na parede do navio e o lacei, ao que caiu no chão com os fios enroscados nos pés.

Tabitta arregalou os olhos. Minha irmã se parecia comigo: loira, com íris verde-esmeralda, mas as minhas tinham tons azulados também.

Nós dois lembrávamos nossa mãe, loira e linda demais. Eu guardava uma foto dela em minha corrente, que me acompanhava desde o nascimento. A única coisa que Sebastian deixou comigo ao me abandonar no hospital.

Fui até Lincoln e o virei de barriga para cima, colocando meu coturno preto sobre o torso do miserável, que perdeu o ar, fitando-me como um animal assustado. Lincoln me conhecia de algum lugar ou ouvira falar de mim, porque aparentava ter medo. Bom, e ficaria pior quando eu colocasse minhas mãos nele.

— Jacov ganhou uma passagem só de ida para o Inferno, e agora será sua vez, mas de modo bem mais doloroso. — Olhei de lado para Tabitta, checando se ela estava bem.

— Se você quer a cadela, pode ficar. É uma puta desgraçada que não vale nada, nem uma foda — ele disse com alguma esperança de que eu não fosse matá-lo por isso. Suas palavras apenas aumentaram minha ira.

— Você é quem não vale nada, Lincoln. É um bastardo estuprador. Quantas vezes já fez isso com mulheres, hein? Quantas vezes não aceitou um "não" e levou para o lado da violência? Você é um verme, um lixo. — Ela cuspiu na cara dele.

Eu esbocei um sorriso; gostava da sua forma atrevida de resolver as coisas. A garota não temia nada. Sua separação com Jason há alguns anos a fez ficar muito tempo sozinha e correr certos perigos. Contudo, eliminei todos os problemas dela, deixando Sebastian por último. Uma pena ter fraquejado diante da oportunidade de matá-lo. Não sabia se foi por Samira; algo nela me fazia querer ser bom. Fosse como fosse, não ficaria longe dela.

— Você será preso, seu corrupto, por trair o nosso país, e nunca mais verá o dia de novo — garantiu Tabitta.

Lincoln olhou para mim e franziu o cenho. Ele tinha certeza de que não havia volta, não pelo que fez.

Tabitta era uma agente do FBI. Talvez depois que descobrisse quem eu

era, poderia até querer me mandar para a cadeia.

— Eu vou para a prisão? — indagou, quase feliz com a ideia. Porém, ao notar o meu rosto sombrio, empalideceu.

— Eu até deixaria você ir, se não tivesse tentado colocar suas mãos imundas em cima dela. — Apontei na direção da Tabitta — Ninguém a toca e sai vivo. Tire isso pelo Sebastian, que só se preocupava com vingança e não se importou em trazê-la aqui. Porra! Então não, você não vai para uma prisão federal, e sim para outra muito pior. Lá, desejará morrer a cada maldito segundo, o que não acontecerá tão cedo.

Lincoln estremeceu e começou a implorar por sua vida, gritando para não ser levado às masmorras dos Dragons, e que sentia muito por ter insultado Taby. Suas súplicas não me comoveram: muitas pessoas inocentes, ou melhor, mulheres, igualmente imploraram para ele não as machucar. O merda era encarregado de conseguir garotas para vender no mercado negro.

Acenei a um dos meus homens, que não estava muito longe de mim.

— Leve-o daqui, depois acerto minhas contas com esse verme imundo. — Desferi um soco na cara do Lincoln, que desmaiou.

— Não o mate, você pode ser preso por isso. Entregue-o às autoridades, que saberão fazer o necessário — ela me disse.

Revirei os olhos.

— Vamos sair daqui. — Não respondi. Perdíamos tempo: o lugar

estava repleto de homens meus, mas logo chegariam mais de Jacov.

— Não posso ir embora — Taby sussurrou atrás de mim.

— O quê? Como assim? — Eu me virei para ela com um olhar exasperado, que ignorou completamente. — Tem quase trezentos caras dos Bravatas aqui, e chegarão mais, precisamos ir.

— Minha amiga Samira está aqui embaixo em algum lugar, acredito que no porão.

Dei um suspiro e amaldiçoei em russo. Saí em direção a um corredor estreito. Só podia ser coincidência… Não seria a minha Samira, a mesma que deixei em Jersey. Se bem que Tabitta também morou em Trenton, e tinha uma amiga chamada Sam, abreviação de Samira.

Abri uma porta no final do corredor. Ela estava amarrada com as mãos para cima e nua, com uma venda nos olhos. Vê-la assim fez com que uma fúria quase do tamanho de um tsunami tomasse conta de mim. Era capaz de matar qualquer um desses malditos que entrassem na minha frente.

— *Я нашел тебя кроликом.* — "Achei você, Coelhinha", sussurrei e fui até onde ela estava, para saber se alguém a tinha tocado. — Vou tirá-la daqui — murmurei no ouvido dela. — Finja que não me conhece.

Posso ter parecido egoísta ao pedir isso, mas não queria que ninguém soubesse que eu me interessara por uma mulher. Ela se tornaria um alvo fácil, como foi hoje para trazer Tabitta até o navio. Só não coloquei homens meus

para protegê-la porque assumi não ser necessário.

Escutei-a trincar os dentes. Pelo jeito, eu a ofendi. Depois falaria com ela e explicaria meus motivos.

— Não ouse se aproximar de mim, seu tarado estuprador, pois não o deixarei me tomar à força. Se tentar, cortarei seu pau pequeno e o farei comê-lo inteiro, filho da puta! — berrou a plenos pulmões. Pelo seu tom de voz, não parecia fingimento.

Grunhi no ouvido dela, colocando minhas mãos nas algemas do seu pulso. Se eu soubesse quem a trancou, iria esfolá-lo vivo.

— Coelhinha, tomarei conta de você — jurei. Esta promessa eu cumpriria a todo o custo. — Lamento por você estar aqui. Eu preciso saber, algum deles a tocou?

Não gostava nem de imaginar. Precisava me controlar e não voltar lá para matar todos. Os federais logo estariam ali, e se não fosse por eles era isso que aconteceria.

— Não, um cara me ajudou.

— Hunter — respondi. Eu o agradeceria ainda mais por ter salvado Samira.

Tirei as duas do navio explodindo a lateral dele, porque o corredor estava cercado por Bravatas, os homens de Jacov. A polícia logo adentraria o local, então eu tinha só alguns minutos antes disso.



Capítulo 9

HORAS ANTES

Samira

Saí mais cedo do casamento, após oferecer minhas felicitações aos noivos.

Anabelle e Mary mandaram mensagens dizendo que foram para a fazenda dos pais de Mary para terminarem de comemorar o aniversário dela. Ela perguntou se eu queria ir, mas não estava no clima para festas.

De repente, fui abordada por um desconhecido.

— Venha conosco! — ordenou, pegando meu braço de um jeito nada amigável.

Deixava o prédio da igreja quando surgiram três caras armados até os dentes. Não reparei direito em suas fisionomias, mas notei que usavam ternos caros e eram todos tatuados em sua pele exposta, como pescoço e mãos.

Em choque, nem pensei em gritar. E, se gritasse, eles me fritariam inteira. Como podia lutar contra esses homens armados? Olhei em volta à procura de ajuda, mas não avistei ninguém que pudesse me socorrer.

Cobriram minha cabeça com um saco de pano e me levaram embora dali. Aonde? Não fazia ideia. O medo tomava conta de mim, mas não demonstrei. Rodamos bastante, e todo o tempo eles conversaram em russo, decerto por pensarem que eu não compreendia o idioma.

Seriam homens de Nikolai? Não, ele não poderia querer me fazer mal, não é? Talvez seus inimigos que nos viram juntos?

Meu coração se acelerou. Por um breve segundo, pensei que minha verdadeira família descobrira onde eu estava. Era impossível, não? Giulia deixou bem claro que ninguém saberia minha localização, e quando pudesse, retornaria, mas ela nunca veio. Eu sentia falta de Matteo… Meu irmão sempre me amou e me protegeu contra tudo e contra todos. Já papai era *capo* e tomava conta da família Salvatore em primeiro lugar.

— Ande logo. — O cara me puxou forte para sair do carro, trazendo-me de volta à realidade, em que seria morta, ou pior, estuprada.

Andamos alguns metros. Senti que estava em um convés, balançando com as ondas do mar. Isso me deu mais frio por dentro: tinha pavor da correnteza. Aos sete anos, quase me afoguei por não saber nadar, e Matteo me salvou. Quando pensava nele, o meu coração se apertava tanto que impedia do ar sair dos meus pulmões, tamanha era a falta.

Eles falavam em russo à minha volta. Vozes diferentes estavam por toda a parte, mas havia uma mais grossa que as outras. Esse cara me lembrou meu pai, e pela sua autoridade, com certeza era o líder. Esperava que não fosse o meu fim.

Pelo que entendi, eles me sequestraram para atrair Tabitta, pois ela prendera Sebastian, e esse cara queria as provas que o pai da Tabitta tinha. *Com isso sobrou para mim como uma moeda de troca*, pensei amarga.

Alguém puxou o capuz da minha cabeça e pisquei ante a claridade.

Avistei inúmeros homens, todos de terno e gravata. Poder, ali tinha bastante, em especial emanando do velho de uns cinquenta ou sessenta anos, eu não sabia. Ele era o chefe. Seus olhos frios se fixavam em mim.

— Não precisa temer, ninguém lhe tocará. A não ser que sua amiga Tabitta Rodrigues não me dê o que eu quero. — Pegou um telefone e discou um número.

Eu repudiava qualquer abuso físico ou verbal, pois quando era pequena vi meu tio, Enzo, bater em uma mulher. O velho asqueroso até me deu um tapa no rosto, por presenciar o ato. Só não fez pior porque minha mãe chegou. Suas mãos imundas ainda me davam arrepios. Eu não gostava da forma como o barrigudo me olhava; não era como se eu fosse sua sobrinha e criança, e sim uma mulher. Esperava nunca mais vê-lo na minha vida, ou que morresse. *Coisa ruim não morre cedo*, lamentei em pensamento.

— Fale com ela e diga que, se não trouxer o pai dela aqui, você será uma ótima refeição para os meus homens antes de eu jogá-la ao mar — disse o cara.

Um ruído de choro deixou minha garganta; não consegui falar. Eu não queria morrer, mas também não envolveria Taby. Se o merda procurava o fodido do pai dela, um ser pior que meu tio, por que não ia atrás dele, em vez de Taby?

O mafioso colocou no viva-voz, e ouvi minha amiga. Meu peito doeu

ao pensar no risco que ela poderia correr ali, sendo que no dia anterior descobrira que estava grávida. Nunca a vi tão feliz. Eu que não a traria para esses caras a maltratarem, mas se eu não dissesse alguma coisa, eles me matariam…

Talvez Taby não viesse, afinal de contas, o bandido só queria Sebastian Ruiz, e não ela.

— Oi, Samira. Já chegou em casa? — Tentei segurar o choro. Um cara puxou meu cabelo para eu responder, mas minha voz não saiu. — Samira?

— Se continuar calada, sua amiguinha gostosa pagará por isso — rosnou o mafioso, me lançando um olhar ferino e mortal.

Oh, Deus! Não deixe com que me toquem. Precisava ser forte como a Tabitta. Ela jamais choramingaria por aí como uma pobre-coitada, e sim mandaria todos se foderem.

— Não a machuquem, por favor — suplicou Taby, parecendo com medo. — O que você quer?

— Nós dois sabemos o que eu quero, agente Rodrigues. Esqueçamos as formalidades e vamos direto ao assunto. O seu pai tem algo de meu interesse, provas contra mim, e eu preciso delas ainda hoje. Você terá uma hora, ou a sua amiga pagará o preço.

— Não seria mais fácil eu levar Sebastian até você, Jacov? Para perguntar diretamente a ele, e também ter a sua vingança. — Eu conhecia

aquele tom: ela estava tentando ganhar tempo para vir me resgatar. Torcia para não se machucar, ou eu nunca me perdoaria.

Andrey Jacov riu.

— Você vai entregar o seu pai? Os filhos de hoje em dia não dão valor à família como antigamente — recriminou.

Como se esse fodido soubesse o que era isso; sem dúvida só amava a si mesmo e ao seu poder. Por isso nos ameaçou para obter as provas que Sebastian tinha contra ele. Os dois vermes poderiam matar um ao outro, facilitaria muito para todos nós.

— Sebastian não é meu pai, e sim um assassino que merece morrer — sibilou ela com frieza.

Papai não fez o que esse Sebastian fez à minha amiga: Ruiz matou a avó dela, e até hoje o chefe do cartel ainda não havia sido preso por falta de provas. Soube que estavam tentando trancafiá-lo, acho que tinham um plano, embora Taby não falasse sobre seu trabalho comigo, e eu não cobrasse isso; também guardava segredos dela, para sua proteção.

— As horas estão correndo, agente Rodrigues. Vá buscar seu pai na toca onde ele estiver. Mandarei a localização por mensagem. — Exalou impaciente, desligou o telefone e acenou para o homem ao meu lado, de modo a me tirar de sua presença. Era como se não suportasse mais olhar para mim. Eu até acharia bom se ele me mandasse embora, mas isso não

aconteceria.

O cara me levou a um quarto no barco e me olhou de lado com um sorriso de comedor de merda. Tentei não entrar em pânico por estar sozinha, mas agora tudo em mim gritava querendo sair dessa viva.

— Tire as roupas, e sem choro, porque odeio garotas sentimentais — ordenou, arrumando umas correntes suspensas no teto do navio.

Eu temia pelo pior. Orava para ser salva, de preferência sem nenhum arranhão.

— Por favor… — Não liguei por ter de suplicar, o que importava era sobreviver.

— Agora — rosnou com aço na voz. — Ou tira sozinha, ou eu o faço, você escolhe.

Gelei ao imaginá-lo me tocando… não. Não podia deixar que acontecesse. Fiz o que mandou sem hesitar, tentando não demonstrar fraqueza na frente dele. Dizem que leões sentem a fragilidade de suas presas de longe. Se fosse verdade, então o maldito sentiria a minha, portanto, me controlei e ignorei a vergonha e raiva por ficar nua diante de um monstro.

Ele me puxou na direção das correntes, levantando meus braços acima da cabeça, e os deixou ali, suspensos e presos.

— Não vai chorar? — zombou, tocando meu seio. — Assim que eu terminar, nós vamos ver se não reclamará. Eles não vão vir por você, então

cuidarei de fazer tudo que quero com esse corpinho.

Bile encheu meu peito de tal modo que achei que fosse gritar, mas não podia. E também estávamos em um navio ou barco, isto é, de qualquer forma, ninguém ouviria.

Outro cara chegou à porta e meu coração gelou. Agora não seria apenas um a abusar de mim, e sim dois ou mais. Confiava que Taby me tiraria dali, mas precisava ser forte até ela chegar.

— Não toque na garota sem as ordens de Jacov — disse o homem que acabara de entrar.

— Ele não se importará que eu tire uma casquinha. — O verme encostou em minha barriga e já ia descendo a mão.

Então o novato pegou a arma e colocou na cabeça do cara.

— Estou mandando vazar daqui ou eu estouro os seus miolos — rosnou. — Minha função é não deixar acontecer nada a ela, a não ser quando recebermos a ordem. Agora por que não vai fazer algo de útil e checar o perímetro? Jacov nos proibiu de tocá-la por ter parentesco com a máfia italiana, ela é a filha de Lorenzo Salvatore.

Um frio desceu pelo meu corpo: se sabiam que eu era filha de Lorenzo, tirariam vantagem disso. Talvez me entregassem ao meu pai. Não, eu não queria voltar para a máfia! Dentro dela, havia um ditado: quem entra vivo, só sai morto. Para eles, eu desaparecera ou falecera.

O cara ainda disse para o abusador sumir dali antes que Jacov descobrisse o que ele pretendia fazer comigo, porque o velho tinha planos para mim. O maldito obedeceu.

— Isso vai acabar logo — aquele que me defendeu me avisou. Era moreno e alto, não se parecia com os demais.

— Quem é você? E o que esse homem quer comigo? — sondei, encolhida de medo.

Ele suspirou e pegou uma venda, colocando-a nos meus olhos.

— Na hora certa você saberá. Agora fique quieta e tudo terminará logo. Cuidarei para que ninguém a toque enquanto esperamos. — Saiu da sala, me deixando sozinha, trancada e nua.

Eu não sabia se podia confiar nesse cara, mas ele sequer olhou para o meu corpo, diferente do fodido que me obrigou a me despir. Quem quer que fosse, eu agradeceria por ter me ajudado a não ser estuprada por aquele animal.

Ao menos descobri que não fora Nikolai o responsável pelo sequestro. Por mais que tivesse me dado as costas, isso não poderia ter acontecido.

A porta se abriu quase uma hora depois. Ouvi alguém falando em russo, com um tom nada amigável — maligno, para ser mais exata. Uma voz rouca e linda, que eu conhecia muito bem: a de Nikolai. Ele estava ali? Viera para me salvar?

— *Я нашел тебя кроликом* (Achei você, Coelhinha). — Em seguida, completou em inglês: — Vou tirá-la daqui. — E sussurrando no meu ouvido, prosseguiu: — Finja que não me conhece.

Trinquei os dentes, enraivecida. Além de ter me deixado, dizia para fingir que nem sequer o conhecia? *Com muito prazer*, pensei amargamente. Se queria que eu fingisse, veria do que eu era capaz.

Ignorei a dor e a humilhação de estar ali, presa e nua à sua frente.

— Não ouse se aproximar de mim, seu tarado estuprador, pois não o deixarei me tomar à força. Se tentar, cortarei seu pau pequeno e o farei comê-lo inteiro, filho da puta! — berrei. Pelo menos, a raiva não era mentira. Abandonou-me e agora aparecia para me salvar?

O medo sumiu após ele se aproximar de mim, e fiquei feliz por ser Nikolai a me resgatar, e não a Taby. Eu não a queria no meio disso.

Ele grunhiu no meu ouvido. Mesmo vendada, sentia seu calor perto de mim. Senti também suas mãos nas algemas no meu pulso. Estremeci.

— Coelhinha, tomarei conta de você — jurou baixinho.

Pela forma com que falava, parecia ser real a sua proteção. Porém, igualmente, podia estar dizendo isso só pelo fato de ter alguém olhando.

— Lamento por você estar aqui. Eu preciso saber, algum deles a tocou? — perguntou no meu ouvido, em um tom mortal.

Pelo menos, com sua presença ali, eu não sentia mais medo como antes.

— Não, um cara me ajudou — murmurei.

— Hunter — afirmou.

Eu estava a ponto de perguntar quem era Hunter — talvez fosse um aliado de Nikolai, infiltrado, porque o homem parecia do bem — quando escutei:

— Samira? Sou eu! Não ligue para esse cara, ele não vai lhe fazer mal, ok? Veio para nos tirar daqui — disse Taby perto de mim. Ao ouvi-la, me senti aliviada, apesar de preocupada por ela estar ali.

— Oh, Taby, ainda bem que você está comigo. Sabia que viria para me salvar — sussurrei, fraca, mas firme.

— É claro que sim! Você e Angelina são como irmãs para mim — declarou. Após, falou para ele em um tom curioso: — Qual é o seu nome? Você não me disse como se chama.

— Não disse e não vou dizer — respondeu Nick, depois amaldiçoou ao me pegar. — Prenda suas pernas na minha cintura.

Minha respiração engatou.

— Por quê? — Não queria estar perto dele agora, não nua.

— As correntes estão esticadas demais, e eu preciso delas frouxas para soltá-las. — Suspirou, parecendo irritado com alguma coisa, e colocou as minhas pernas em volta do seu quadril.

Nikolai soltou uma das minhas mãos, me aliviando. Tentei não corar

com aquela posição, mas eu faria de tudo para sumir daquele lugar, inclusive não perguntar o motivo de ele não querer dizer seu nome à Taby.

Tirei minha venda e encarei-o, vestido todo de preto. Uma parte de mim ficou feliz por tê-lo ali, e a outra estava com raiva pelo seu sumiço.

Notei que abria as algemas com um grampo de cabelo.

De repente, Taby gritou quando Nikolai jogou uma faca acima da sua cabeça, acertando a testa de um homem que tombou de imediato, o mesmo fodido que pretendia abusar de mim. O bom era que ele não iria mais tomar ninguém à força; com certeza já estava no Inferno.

— Avise quando for soltar facas por aí, ok? Você poderia ter me acertado! — rosnou ela.

— Isso não aconteceria, sou bom demais. — Liberou as algemas, me desprendendo das correntes.

Eu fiquei em pé. Ele tirou sua camiseta e a entregou para mim. Suas costas eram repletas de tatuagens de dragões, e também algumas caveiras. Sinistro, mas lindo em sua pele branca. Não reparei muito na noite anterior, já que estava bêbada demais por ele.

— Tatuagens legais — observou Taby.

Nikolai não respondeu, apenas olhou para o corredor e amaldiçoou. Depois fechou a porta, trancando-a por dentro. Fitou-nos e conversou em russo com alguém por um relógio no seu pulso, alguma engenhoca feita para

escuta. Ele estava dizendo que ia explodir a lateral para sairmos.

— Você vai explodir o lugar? — arquejou Taby. Ela também sabia o idioma. Acho que aprendeu antes que eu a conhecesse, há três anos. — Vamos morrer afogados!

— Vejo que fala russo. — Ele a encarou, e vi carinho em relação a ela, mas Taby disse que não o conhecia. Será que estava interessado nela? Meu peito apertou, mas ignorei a sensação. — Sim, eu vou, pois não temos escolha. Há mais homens dos Bravatas entrando aqui, querendo usá-la como escudo contra os tiras que estão lá fora, cercando o lugar.

Bravatas era o nome da máfia de Andrey Jacov, ouvi Tabitta dizendo uma vez. Eles estavam tentando pegar esses homens, assim como o pai dela.

Nick escondeu Taby e eu em um canto, usando seu corpo para nos proteger da explosão. A parede foi detonada, e a água começou a encher a cabine. Passei a ofegar; esperava não entrar em pânico.

Taby mirou minha expressão assustada.

— Ela não sabe nadar — informou ao Nikolai, que praguejou.

— Fique comigo, ok? Depois que sairmos daqui, nós vamos nos encontrar — falou com os olhos nos meus. Não respondi, apenas me segurei em sua cintura musculosa. Minha vontade era dizer que isso não aconteceria, pois não queria vê-lo nem pintado de ouro.

A água nos cobriu e me vi afundando nela. Ele não me deixou escapar

de suas mãos nem me afogar, mesmo me debatendo em seus braços. Havia um submarino ao lado do navio, e ele me levou à porta, que se abriu; a água entrou conosco dentro do corredor. Logo me vi livre e aliviada ao respirar normalmente de novo.

A embarcação carregava vários homens de preto, inclusive os MCs da Fênix. Nasx estava ali. Mais cedo, no casamento de Ryan e Angelina, ele falou que tinha algo a fazer; não desconfiei que estava junto no esquema de prender o bandido do Jacov.

— Vocês estão bem? — perguntou Dominic, de pé na minha frente junto a Daemon e Michael. Supus que os homens de preto fossem de Nikolai.

Nasx veio até mim.

— Não teria deixado você se soubesse o que aconteceria. Certamente a levaria para casa, como planejado.

— Estou bem agora, Nasx. — Abracei-o, mas fui rapidamente tirada de seu aperto: Nikolai o imprensou na parede com uma faca em sua garganta.

Meu coração gelou, temendo que o mafioso o matasse. Desconhecia o motivo que o levou a se preocupar comigo abraçando o Nasx. Isso não era da sua conta.

Armas e facas foram expostas de todos os lados, tanto dos MCs quanto dos homens que acompanhavam Nikolai.

— Fique longe dela! — rosnou, o rosto duro como aço.

— Você não tem o direito de reclamar, pois deu no pé após conseguir o que queria…

Eu me levantei depressa e estava a ponto de impedi-los de brigarem quando Taby desmaiou. Dom a pegou antes que caísse no chão. Eu me esqueci da discussão e fui para perto da minha amiga.

— Taby! — Toquei seu rosto. — Será que ela foi ferida?

— Não, Sebastian disse que ela está grávida. Certamente o estresse de hoje foi demais, por isso o desmaio. — Nikolai se distanciou de Nasx. — Colocarei Tabitta no sofá.

Pelo jeito, ele aceitara a verdade de Nasx, que o acusou de ter ficado comigo somente para conseguir o que queria. Não entendia o porquê, ele com certeza era rodeado de mulheres e podia só estalar os dedos para conquistar uma.

— Eu vou com você, não quero deixá-la sozinha. — Não queria o acompanhar, mas não abandonaria Taby com um estranho. Foi esquisito Dominic ter permitido, já que Jason e ele eram melhores amigos.

Taby se molhara, assim como todos nós. Peguei um cobertor e a cobri para aquecê-la. Sua respiração estava normal.

— Você vai ficar bem, amiga. Amanhã nos divertiremos e riremos do que houve hoje. — Alisei seu rosto.

— Vista isso antes que eu mate alguém por olhar sua bunda. — Nikolai

me deu um calção de banho. — Você ia para casa com Nasx? — pronunciou com frieza o nome do meu amigo.

Eu só coloquei o short porque não queria ficar exposta, e não por ele ordenar.

— Não entendo como isso é da sua conta — sibilei com os dentes trincados. — Por que diabos se importa após me deixar sozinha naquele lugar?

— Por que está brava? — Franziu a testa. — Achei que tivesse gostado da nossa noite juntos. Eu não queria sair, mas precisava fazer essa operação hoje, só não contava que você estivesse aqui.

— Não estou a fim de diálogo agora, me sinto esgotada, quero ir embora. — Suspirei, derrotada demais para ter qualquer conversa com ele e entender seus motivos pelo bilhete e a pílula que joguei fora. Não queria engravidar, mas se acontecesse, seria bem-vindo.

Ele foi até mim e tocou meu rosto, aquecendo minha pele.

— Amanhã eu a procuro para conversarmos. Promete que vai esperar por mim? Vou esclarecer tudo a você. — Ele parecia ansioso e um pouco confuso, não entendi sua reação.

Afastei-me dele, virei para cima e me deparei com seu par de olhos verde-azulados.

— Chegamos — disse Nasx ao se aproximar de nós dois, me

impedindo de responder. — Ela ainda está apagada?

— Eu a levo. — Dominic pegou Taby nos braços.

O submarino parou de se mover. Saímos dele rumo a um navio não muito grande. Estávamos perto do píer de novo. Com certeza não foram de submarino para não chamar atenção.

Todos os MCs haviam descido, restando no barco Nikolai e seus homens.

Algo me dizia que Nikolai não me procuraria. Ele vivia cercado de mulheres, por que me desejaria? Não acreditava nisso. E, se viesse, eu não queria nada dele, não depois do que fez.

Taby abriu os olhos. Deitava-se no colo do Dominic — ou Shadow, como algumas pessoas o chamavam. Fitou o navio onde Nikolai se encontrava.

— Eu vou lhe ver depois e descobrir tudo sobre você! — gritou com a voz rouca.

Nikolai olhou para ela e sorriu, mas era um sorriso triste. Não entendi o motivo. Conhecendo minha amiga, ela logo saberia quem ele era. Esperava que não descobrisse sobre nós dois.

— Gostaria que não o fizesse! — replicou, e depois se dirigiu a mim: — Voltarei para cumprir a promessa que fiz a você.

— Ele está dizendo que vai sair comigo em um encontro? — Arregalei

meus olhos, demonstrando surpresa para ela não desconfiar de nada. Não queria minha amiga, agora feliz, metida nisso. Eu não sabia o que poderia acontecer entre mim e Nikolai, mas era óbvio que aquele cara não tinha encontros e nunca teria. Não sei como ficou um mês no meu pé. Decerto não tinha coisa melhor para fazer, e depois que conseguiu transar, se afastou.

— Acho que está pensando apenas no sexo. Caras como ele não têm relacionamentos — sussurrou, adivinhando meus pensamentos.

Taby fitou os MCs, checando se estavam todos ali. Graças a Deus, sim.

— O que aconteceu lá no navio com Jacov e Sebastian? — perguntou ela. Lembrava-me de Nikolai dizendo que morreram, mas como? Será que um matou o outro? Seja como for, o mundo estava melhor sem eles o poluindo.

Dom suspirou.

— Digamos que nenhum dos dois vai respirar neste planeta novamente. Devem estar apodrecendo no Inferno! Agora vamos embora, pois Jason está louco sem saber de você. E precisa de uma consulta médica. Por que não disse que estava grávida?

— Estou bem. Foi só estresse mesmo. Só quero ver Jason — disse Taby com um suspiro.

— Quer que eu vá junto com você, caso passe mal? — sondei.

Sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe. Mas, se quiser, pode ir para a minha casa. — Ela me olhava de lado.

— Vou ficar na Mary. Dou um jeito de visitar você depois. — Não queria tirar a privacidade dela com seu marido, por isso era melhor que eu ficasse em outro lugar. Ainda bem que tinha uma chave extra.

Ela foi para o carro com Dominic, que, por sua vez, ia levá-la a Jason, e eu parti com Nasx, embora preferisse estar com Nikolai. Evitei o aperto em meu peito, porque ele viria…

Ao subir na moto do MC, ele inquiriu:

— Onde a deixo?



Capítulo 10

Nikolai

Samira partiu com os MCs, e eu fui fechar as pontas soltas pela morte de Jacov e Sebastian. Também pretendia resgatar as meninas do contêiner e acertar as contas com o verme do Lincoln. Mas o que gostaria mesmo era de ter ficado com ela essa noite, pois deveria estar temendo tudo depois de ter sido levada por mafiosos.

Sentia-me um caco, passei a madrugada em claro. Estava de saída para ir acabar com o miserável do Lincoln quando soube que foi Nasx quem levou Samira embora; me enfureci por isso, porque vi a forma como ele a olhava, o cara gostava dela e queria o que era meu.

Deixei o Lincoln para depois. Iria até a casa de Samira, mas soube que ela ficaria em Manhattan. Eu precisava vê-la de alguma forma, conversar com ela. Medo de que ficasse com Nasx eu não tinha, porque a garota não era dessas. Apenas não confiava nele de modo algum.

— Achei que fosse cuidar de Lincoln você mesmo — criticou Alexei.

— Tenho que resolver uma coisa antes. Leve-o embora para as masmorras, mais tarde lido com esse maldito verme — falei, já entrando no meu carro.

— Nikolai… — Ele só me chamava assim quando não tinha ninguém perto.

— Só faça isso, Alexei, depois lhe falo tudo. — Saí antes de ele

comentar algo.

Liguei para Samira. Visitei a casa onde ela, em tese, estava ficando, mas a menina não se encontrava lá. Muito menos atendeu ao celular. Uma suspeita me atingiu, então telefonei para o cara que a levou ontem.

— Alô?

Os músculos do meu corpo se enrijeceram ao ouvir a voz dela a essa hora da manhã.

— Samira? Que porra está fazendo atendendo ao telefone do Nasx? — sibilei com os punhos cerrados. — Liguei para o seu celular e você não respondeu, então pensei que estivesse com ele, já que os MCs a levaram, mas atender à sua ligação?

Samira expirou na linha.

— Eu fui sequestrada e me deixaram nua, onde acha que meu telefone estaria? Eles o pegaram. Se você se importasse teria aparecido, não apenas me ligado. Você sumiu desde ontem, então me faça um favor: suma de vez. — Havia dor em sua voz.

Sabia que ela se magoara por eu não aparecer, mas porra! Essa noite foi uma merda, não teria ficado longe de propósito.

Samira visitava o motoqueiro… Só de imaginar isso minhas entranhas se retorciam.

— Nasx está morto! Eu vou acabar com ele se a tocar… — Meu peito

se apertou. Se Nasx lhe encostou de alguma forma, eu iria esquartejá-lo e daria aos tubarões, mas, primeiro, o faria sofrer.

Desligou antes que eu continuasse.

— Maldito seja! — rosnei, discando de novo, mas ninguém atendeu.

— Tenho dó da pessoa a quem está direcionando todo esse ódio. Posso senti-lo emanando de você — comentou Alexei, aproximando-se.

Eu estava do lado de fora do galpão onde Lincoln fora preso mais cedo. Alexei ia levá-lo às masmorras, o lugar onde deixava meus prisioneiros até o acerto de contas. Era para ele ter feito isso enquanto eu ia procurar Samira, mas não a encontrei, então voltei.

— Tenho que fazer uma coisa. Por que não mandou o Lincoln para as masmorras? — sondei enquanto tentava ligar de novo.

— Tive um problema para resolver, voltei para isso. — Deu de ombros.

Assenti tentando controlar minha raiva do Nasx. Samira só disse aquilo porque estava brava comigo. Precisava resolver as coisas com ela, não a perderia.

— Depois de largá-lo lá, volte à Rússia e segure as pontas para mim.

— Por quanto tempo? — Franziu a testa.

— No mínimo um mês, mais ou menos. Se surgir algo urgente, me chame que vou resolver. — Sabia que era errado pô-lo como responsável, mas precisava falar com Samira, e após a raiva que ouvi na sua voz a coisa

não ia ser boa para mim.

Lembrei da vez que saí do nosso primeiro encontro, não apareci por dois dias seguidos e não pude ligar. Ela ficou furiosa comigo, por pouco não me desculpou. Agora era pior, pois a deixei sozinha após transarmos e ainda foi sequestrada, além de passar a noite seguinte sem companhia, já que não pude estar com ela. Algo me dizia que uma simples desculpa não seria suficiente.

— Um mês? Porra, Nikolai, você está mesmo fissurado nessa mulher, não é? Apaixonou-se por ela? Maldição, meu irmão, você foi domado? — Soava incrédulo, ostentando uma expressão estupefata. Em seguida, se tornou sério. — Sabe que não pode ficar com uma pessoa que não pertence ao nosso mundo… Não se envolva demais.

Eu suspirei e não respondi. Não gostava de mentir para meu irmão e melhor amigo, porém, também não sabia o que sentia em relação à Samira. O que não podia deixar era Nasx tocá-la. Pensaria nas consequências depois; agora, só a queria.

Meu telefone apitou antes de ir embora do galpão.

— Temos um problema — falou Hunter com urgência do outro lado da linha.

— Que tipo de problema? — Hunter era o sucessor ao cargo dos levitas, um grupo da organização que ajudava a salvar pessoas, usualmente

vítimas de sequestro e prostituição infantil.

Por ser da máfia, eu não agia dentro da lei, mas não concordava com estupro. Qualquer um dos meus homens que fizesse isso a uma mulher ou criança estava condenado à morte, assim como aconteceu com Russell. Envolvíamo-nos com prostituição, sim, todavia, as mulheres tinham vontade própria, não as sequestrávamos ou as obrigávamos a ficarem.

— Está faltando um contêiner com meninas. Vi na planilha de contas que eram onze; aqui só tem dez.

— E Lincoln sabe o motivo, certo? — cuspi esse nome.

No navio foram encontradas mais de cinquenta mulheres, entre doze e dezoito anos. Havia contêineres também, então fomos atrás deles.

— Sim, preciso que o faça falar. Elas podem estar correndo perigo, sendo vendidas no mercado negro, e não sabemos de nada. — Bufou com raiva.

Hunter odiava tráfico humano, afinal, sua sobrinha fora vítima.

— Vou cuidar disso! — respondi, andando na direção do galpão, que cheirava a sangue. Ali era um matadouro, onde eliminávamos os inimigos.

— Valeu, cara. — Desligou.

Entrei no lugar e olhei para Lincoln, amarrado com correntes nos pés e nas mãos, sangrando em abundância.

— Vejo que cuidou muito bem dele — comentei ao Alexei.

— Odeio homens como esse imundo! Só não o matei para deixar um pouco para você, e porque o bastardo não soltou tudo no interrogatório.

Os olhos de Lincoln estavam quase fechados devido aos machucados.

— Como se sente todo arrebentado? — Meneei a cabeça de lado.

Fulminou-me, rosnando pela mordaça que o impedia de gritar.

— Oh, quer dizer que se arrepende e vai chorar? — Alexei sorriu. — Está sentindo falta dos meus punhos?

Acenei para Baily tirar a mordaça.

— Por favor, Dark, me mate logo, eu já disse tudo o que sabia. O que mais querem? — choramingou.

Peguei minha faca no tornozelo e conferi o corte, sem tirar minha atenção dele. O bosta estava apavorado.

— O quê? Está com medo? Achei que Jacov escolhia melhor seus homens. Por que ficar com um frouxo como você? Só falta se borrar nas calças. — Eu ri.

Ele fechou a cara.

— Bom, é melhor me matar ou juro que, quando sair daqui, enfiarei meu pau em cada buraco da cadela da Tabitta. Nem você vai protegê-la…

Ele foi cortado com meu punho em sua boca; dois dentes caíram.

— Olhe como fala dela! — Dei outro soco em sua barriga. — Agora vou lhe mostrar o que enfio nos buracos.

— Vamos ver se é homem suficiente para aturar um objeto grosso entrando em você, como falou que faria à agente Rodrigues, e, com certeza, já fez a outras mulheres. — Alexei entrou no meu jogo. Ele sabia qual era meu plano.

— Que porra vocês estão dizendo!? — O pavor se evidenciava em sua expressão e voz. — Fiquem longe de mim! — gritou, vendo Alexei com um taco de *baseball* na mão.

Sorri.

— Não gosta de pegar garotas à força e vendê-las no mercado negro? Acha que não gritam por ajuda quando aqueles animais as tomam? — Passei a ponta da faca em sua garganta e desci a lâmina para baixo, em sua barriga. — Vamos, se mexa, quero ver esta adaga entrando em seu pau e rasgado tudo em você.

Aprendi sobre tortura com meu pai, Aristov Dragon. Ele sempre dizia que você tortura um homem mais com a mente do que com a prática em si. Apesar de que, com alguns, não funcionava: se não ferisse seus corpos, jamais obteria respostas. Quanto a Lincoln, bastava atormentá-lo; era fraco. De qualquer maneira, no final, eu o faria pagar por ter pensado em tocar na minha irmã e falar absurdos a seu respeito.

— Por favor, não, conto tudo que quiserem saber… — choramingou, assistindo à faca chegar perto de sua virilha. Ele se remexia igual a uma

lagarta na areia quente.

— O que foi? Assim não tem graça, nem comecei com você. Já tivemos homens mais resistentes. Fomos obrigados a cortar dedos, unhas, dentes e pênis para fazê-los falar, mas este aqui? — Sorri para Alexei, indicando Lincoln. — Vai logo entregar a localização do outro contêiner? Aquele que se esqueceu de mencionar?

— Contêiner? Que contêiner?

— Bom, acho que vou ter de refrescar sua memória, não é? — Meu tom era frio. — Aquele com vinte garotas que você ia vender. Ele não estava junto aos outros que os federais encontraram. Repetirei a pergunta: onde está a porra do contêiner? — Enfiei minha faca em sua perna.

Ele gritou.

— Eu não sei! — gritou mais quando torci a lâmina em sua pele.

— Resposta errada. Veremos o quanto você aguenta — sibilei com dentes trincados. Tirei a faca cheia de sangue e a levei até suas calças, doido para fazer um grande estrago.

— Por favor, estou dizendo a verdade! Pietro que sabe dessa carga, ele disse que tinha alguém lá dentro que lhe garantiria mais poder. — Expirou com dificuldade.

— Pietro Petrova? — indagou Alexei.

— Sim, eu não sei aonde ele as levou, e nem quem procurava…

Pietro Petrova era um sádico, que eu estava louco para matar. Um dos chefes da máfia russa, o desgraçado não fazia nada que não fosse para seu benefício. Agora eu estava confuso: quem ele procurava nesse contêiner que lhe daria mais poder?

Jacov se aliara a Pietro. Os dois eram monstros — claro, de certo modo, eu também, pois torturava um homem para obter respostas.

— Onde Pietro está? — perguntei.

— Eu não sei. A única coisa que me falaram é que Petrova ia para a Rússia. Juro que não sei de mais nada.

Quando alguém mentia, sua expressão mudava. Mesmo nos mais habilidosos em esconder o que sentiam eu via pequenos traços. Em Lincoln, eu não enxergava isso. Ele estava dizendo a verdade. Hunter não ficaria feliz.

Derrotáramos um inimigo forte no dia anterior. Será que teríamos de enfrentar outro, pior que Jacov? Porra, assim eu surtaria. Por ora, precisava descobrir quem estava no contêiner e era tão importante para Pietro.

Antes de terminar o que comecei com Lincoln, meu celular tocou. Achei que fosse Hunter, mas era o número do filho da puta do Nasx. Ou seria Samira?

Dei as costas para Lincoln e fui lavar minhas mãos e a faca, sujas de sangue. Algo que nunca sentira no passado dominou meu coração: remorso por torturar um ser humano. Fitei minhas mãos, que já haviam tirado muitas

vidas. Como poderia deixá-las perto de alguém que desconhecia meu mundo? De uma pessoa tão doce e linda como ela?

Guardei a adaga e mirei Alexei, que estava com o cenho franzido.

— Termine isto e volte para a Rússia. Descubra tudo sobre a pessoa que Pietro queria naquele contêiner. — Fui atender ao celular, que tocava estridente e exigente.

— Nikolai, quem é? — meu irmão inquiriu.

— Alguém que não pode esperar. — Cortei o assunto. — Finalize o cara.

— Sim, o farei — respondeu num tom confuso e preocupado.

Fui o mais longe possível dos gritos de Lincoln, porque Samira não podia ouvir nada. Manteria meu lado sombrio longe dela, o tanto quanto pudesse, embora fosse tremendamente difícil.

— Samira?

— Não é ela, sou eu — rosnou Nasx.

Sentia certo desprazer por esse MC. Ele e os demais ajudaram Tabitta a pegar Jacov, por isto eu era grato, apesar de que teria conseguido sem eles. Mas o Nasx? O cara queria algo que era meu, e isto eu não lhe daria.

— Que porra Samira está fazendo com você? Juro que se a tocar, eu o mato.

Ele riu, nada preocupado com a minha ameaça.

— Você é um desgraçado imundo! Como ousa falar algo assim após transar com ela e ir embora? Usou-a da pior maneira possível.

— Você não sabe o que está dizendo, porra!

Se ele enxergasse como estava minha mente naquele momento, não me provocaria. Algum sangue a mais não faria diferença.

— Sim, eu sei que você a usou, e agora jogarei as cartas na mesa: vou lutar por ela. Não ouse se aproximar, ou…

— Ou o quê? — Ri, sombrio.

— Não me importo com quem é, não tenho medo de você. Pela Samira, eu faço tudo. Se você gosta dela, fique longe. Não a faça chorar depois de deixá-la sozinha em um maldito quarto de hotel.

Desligou antes que eu comentasse algo. Então ela chorou… Mas por quê? Só por eu não ter estado lá com ela quando acordou no hotel? Fiz isso pois tinha uma guerra à frente. Como ela pôde pensar mal de mim, se deixei a joia como um símbolo de que amei nossa noite juntos?

Entrei no carro para sair dali e encontrá-la, evitando que aquele fodido colocasse suas patas em cima dela. Oh, céus, acho que faria uma besteira, mesmo com Nasx significando algo para Samira.



Capítulo 11

Samira

— Olha o que achamos aqui — disse uma voz divertida.

Ergui os olhos, me deparando com dois caras em suas motos, sorrindo para mim em expectativa. Acho que estavam saindo ou entrando no casarão.

Acordei cedo e fui à procura de Nasx; ele quis me fazer companhia na noite anterior, mas recusei. Desejava ficar sozinha depois de tudo o que houve.

Mal pregara meus olhos sentindo falta de Nikolai, de dormir ao seu lado, por mais que ele tivesse errado comigo.

— Onde está indo, princesa? — perguntou o homem moreno e com sorriso *sexy*.

— Linda, não é? — falou o loiro com brinco na orelha direita. — Onde mora? Podemos levar você até sua casa.

Estreitei meus olhos.

— Acha que sou idiota? Nem os conheço. Vocês podem ser estupradores, assassinos, ou me vender como escrava sexual para algum fodido. Minha amiga é policial, e ela está cansada de prender homens assim.

Os dois riram.

— Eu sou Axel — falou o moreno, e gesticulou para o loiro. — Esse é Canon. Somos do MC da Fênix; ele é de Nova York, e eu de Chicago. E você?

Pisquei.

— São amigos de Nasx e Dominic?

— Sim. — Axel franziu a testa. — Conhece eles? Você não parece uma das prostitutas do clube.

— Sou amiga de Nasx. Ele me deu este endereço, mas não aparenta ser uma casa. — Chequei o casarão.

— Bom, porque não é. Considere-se uma garota de sorte, pois acabou de chegar à sede do MC. Levaremos você até ele. Prometo que não sou nenhum estuprador, aliás, abomino esse tipo de coisa. Qual seu nome? — perguntou Canon.

Eu só entrei porque suas jaquetas eram similares à do Nasx.

— Samira — respondi.

Esperava mesmo que Nasx estivesse ali, necessitava falar com ele e espairecer um pouco.

No meu íntimo, tinha medo de cair na tentação e ir embora só para ver se Nikolai fora mesmo atrás de mim, conforme prometera.

Não queria despejar meus problemas em Taby, pois não gostaria de preocupá-la. Ainda mais depois do dia anterior. Ela precisava de tranquilidade, e não de sua amiga reclamando por ter ido para a cama com o cara que nos salvou.

Havia vários carros e motos na frente do casarão. Não tinha visto antes,

devido ao portão.

— Aqui é a sede do clube MC de Nova York. — Axel apontou para a residência de tijolos avermelhados.

Dentro, tinha uma sala enorme com sinuca, sofás e mesas, além de um bar com várias bebidas na parede. Havia gente conversando do lado direito do clube.

— Pessoal? Temos carne fresca — anunciou Axel na minha frente com um assovio.

Travei no lugar, amedrontada. Talvez eu tenha agido errado em ir ali, talvez ele não conhecesse Nasx coisa nenhuma. E se esses caras fossem assassinos? *Oh, Deus! Estou ferrada!* Peguei um taco na mesa perto de mim. Suas jaquetas poderiam ser imitações.

— Carne fresca um cacete! Se encostar em mim, vou acabar com você, idiota! — gritei furiosa, o taco nas mãos, fitando Axel, que me oferecia um sorriso de comedor de merda. — Cortarei seu pau e o farei engoli-lo.

Três mulheres saíram de uma porta, duas morenas e também uma baixinha. Miravam-me com curiosidade. Nenhuma parecia malvada.

— Axel? O que está havendo aqui? — perguntou a pequena de olhos verdes, indo até ele. — Quem é essa garota?

— Nasx? Tem boceta nova para você! — berrou o babaca do Axel. — Se não quiser, eu caio dentro dessa raposa.

Dei um passo até ele com o taco em mãos. A baixinha entrou na frente, como se para protegê-lo, mas um homem alto e barbudo a tirou do caminho. Acho que ele estava pensando que eu bateria nela. Minha raiva, porém, destinava-se a outro. Eu já estava grilada, seria bom descontar em alguém.

— Pensa que eu transaria com você? Um cara que chama uma mulher de boceta? Só pode estar louco! Prefiro rodar bolsinha na esquina, seu estúpido! — Cheguei perto dele e o fulminei. — Falta pouco para quebrar esse taco em sua cabeça e tirar esse sorrisinho de bosta do seu rosto.

Os homens no salão gargalharam. O que mais ria era o barbudo abraçado à baixinha.

— Porra! Eu já gosto de você. — Lembrei dele no navio, estava com Dominic, acho que se chamava Michael.

A pequena deu uma cotovelada em seu braço, repreendendo-o.

— Axel, por que trata as mulheres assim? Temos sentimentos — falou ao estúpido.

— Mulheres foram feitas só para foder e pronto — replicou, sem se importar com nada. O sorriso continuava ali.

Todos reviraram os olhos, acho que deviam estar acostumados ao cara.

— Talvez eu corte o que tem no meio das suas pernas para que vire mulher também e aprenda a nos respeitar — rosnei.

O estranho era que ele não agiu assim na entrada do clube. Deve ter

pensado que eu não o acompanharia se soubesse que era um idiota.

Michael estava debruçado de tanto rir; decerto guardava algum rancor de Axel.

— Talvez eu a dobre sobre meu joelho e ensine…

Cortei-o.

— Ou talvez eu enfie este taco em sua bunda. — Fiquei a um palmo dele.

Axel sorriu e se lançou sobre mim com rapidez, me rodopiando e me abraçando por trás.

— E agora? Como conseguirá escapar, hein, raposa? — Sua voz estava na minha nuca.

Gritei pelo nome do Nasx. Os outros pareceram surpresos, pois não esperavam que eu reagisse assim, mas a raiva se transformou em medo — provavelmente devido ao que passara na noite anterior. Foi o instinto que me fez gritar; dentro de mim, sabia que nenhum deles era malvado.

— Que porra está acontecendo aqui? — rosnou Nasx, nu, descendo rápido a escada. — Estamos sendo atacados?

Aproveitei a distração de Axel para pisar em seu pé com meu salto e sacudir minha cabeça para trás, acertando seu nariz e correndo para o Nasx em seguida. Permaneci atrás dele.

— Samira? — Ele me fitou, depois estreitou os olhos para Axel. — O

que fez com ela?

— Nada do que você vai acabar fazendo. — Sorriu Axel, coçando a testa; minha cabeça deve ter acertado ali, e não em seu nariz, como queria. *Que pena!*

— Porra, Nasx! Cadê suas malditas roupas? — grunhiu Michael, jogando um pano do sofá para ele. — Enrole-se nisso, Bella pode acordar a qualquer momento.

Nasx era bem-dotado. Possuía uma tatuagem de fênix nas costas musculosas, com “MC Fênix” escrito no centro. Na frente, havia uma âncora, um tribal e algumas outras enfeitando sua pele branca.

— Desculpe, ouvi essa gritaria e… — Ele se cobriu e olhou para mim. — Samira, o que houve?

— Eu só queria conversar.

— Tudo bem. Aquele filho da puta do Dark não a procurou? — Sua voz saiu mortal, mas baixa para os outros não ouvirem.

Um aperto surgiu em meu peito, porque mesmo com raiva tinha esperança de que fosse aparecer e se explicar, acho que por isso não dormira direito essa noite.

— Não — murmurei, encolhida. Logo estaria chorando, mas não queria fazer isso na frente de todo mundo.

— Não querem que eu participe também? — perguntou Axel enquanto

Nasx e eu subíamos para o andar de cima.

— Pare de dizer besteira, Axel! Nasx pode estar apaixonado por ela e você fica falando isso — repreendeu a baixinha.

— Isy está certa, ele parecia mesmo preocupado com a menina — comentou outra mulher.

Eles continuaram conversando. Nasx só revirou os olhos, levando-me a um quarto pequeno. Nele, uma mulher morena, alta e muito linda saía do banho.

— Trouxe mais uma para brincar conosco? Adoro um *ménage* — falou a garota, aproximando-se. Fez algo que me deixou chocada e paralisada no lugar: me beijou! É claro que eu não retribuí, apenas arregalei os olhos.

— Tânia, querida, ela não é dessas. Posso conversar com a Samira a sós? — Nasx tirou a mulher de cima de mim.

— Não? Que pena! — Virou-se na minha direção. — Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Eu suspirei, sacudindo a cabeça e tentando organizar meus pensamentos turbulentos.

— Não vou, mas obrigada. — Forcei um sorriso. — Meu negócio é homem, e de preferência um que seja só meu. Não gosto de dividir.

Ela assentiu e me deixou sozinha com Nasx.

— Espere um segundo enquanto tomo um banho? Aí conversamos —

pediu ele, indo para o banheiro após eu concordar.

Seu telefone vibrou na mesinha.

— Nasx? O seu celular está tocando! — gritei por cima do chuveiro ligado.

— Atenda para mim, por favor? — solicitou do banheiro.

— Alô?

Meu coração doeu ao escutar a voz de Nikolai. Ele me viu saindo com Nasx e mesmo assim não veio me visitar, só desapareceu de novo. Também como no navio, quando Nasx comentou que ele tivera o que queria, Nikolai apenas partiu; não retrucou ou disse algo para se defender, só ficou quieto.

Segurei a mágoa, raiva e dor que sentia. Eram emoções confusas e muito negativas.

Não desejava ouvir ameaças, pois se realmente se importasse teria ido atrás de mim em vez de ficar dizendo que mataria alguém. Eu desliguei após ter uma breve conversa com ele, interrompendo-o no meio da frase.

O telefone tocou de novo; ignorei-o.

— Quem era, Samira? — Nasx saiu enrolado na toalha.

— Ninguém…

— O “ninguém” continua tocando. Por acaso é *ele*?

— Sim, mas não vou falar com Nikolai, e nem você. — Tirei a bateria do celular.

Ele suspirou.

— Vou me destapar. Se não quer me ver sem toalha, feche os olhos.

Vestiu uma calça jeans e camiseta e sentou ao meu lado no sofá.

— O que houve? Ficamos de conversar sobre o que aconteceu. — Nasx era espetacular, um amigo para todas as horas. — Ele devia ter sido homem e esperado você acordar. Ou talvez tenha acontecido algo para Nikolai ir embora sem dizer nada. Ontem foi um dia cheio, sobre Jacov e tudo mais.

Sacudi a cabeça.

— Ele disse o mesmo. Se fosse isso, eu até relevava, mas Nikolai deixou um bilhete e uma joia agradecendo a noite. Também me deu uma pílula do dia seguinte para eu tomar, já que não usou camisinha. Mas não é o fato de me entregar a pílula que me chateia, e sim que isso seria uma decisão nossa, não somente dele.

Nasx xingou.

— Vou matar aquele bastardo mafioso! — Levantou-se e colocou de volta a bateria no seu celular. Certamente retornaria a ligação para xingar Nikolai.

— Por favor, Nasx, não mexa com ele, só desejo esquecer que um dia o conheci. — Eu me ergui e peguei sua mão. — Vamos deixar o Nikolai seguir sua vida, e eu seguirei a minha.

— Tudo bem, por você. Eu ia levá-la para sair, mas hoje será a festa de

aniversário da filha de Michael e Isy, então vamos comemorar e esquecer tudo isso. — Tocou meu rosto.

Eu suspirei.

— Certo — sussurrei. Ele era bonito, mas não me atingia fundo como Nikolai era capaz de fazer.

— Que bom, agora nos divertiremos de verdade. — Sorriu, me levando para fora do quarto dele.

— Obrigada por seu meu amigo e estar comigo — agradeci.



Capítulo 12

Samira

Gostei de passar o dia com eles. A animação era contagiante, tanto que esqueci meu problema com Nikolai. Felizmente, não precisaria revê-lo, pois ele vivia na Rússia e jamais iria ali, muito menos para brigar por um ciúme inexistente.

— Então, você e Nasx estão transando? — perguntou uma ruiva assim que eu me sentei à mesa junto com várias mulheres.

Evy era a esposa de Dominic. Eu tinha visto os dois no casamento de Angelina. A menina não tinha papas na língua, falava o que pensava e não ligava para a opinião de ninguém. Ela me lembrava Mary.

Engasguei com a bebida.

— Evy! — as garotas exclamaram.

— O que foi, gente? Só quero saber o que aconteceu, se estão namorando…

— Não estamos namorando e nem transando. — Dei uma pausa. — Fiquei com um cara de quem eu pensava gostar, mas ele não passa de um idiota. Ontem de manhã acordei sozinha em um hotel, ele sumiu, me deixando um bilhete e uma joia que vale mais do que eu sequer poderia imaginar! — Peguei um pãozinho e amassei-o. — Fora a parte de me dar uma pílula do dia seguinte. Dá para ficar pior do que isso? Quem ele acha que eu sou? Uma prostituta?

— Eu sou prostituta e adoraria ter uma joia tão valiosa. — Sorriu uma mulher. — Falando sério, ele foi um tremendo canalha. Ou talvez imaginou que você fosse gostar e não quisesse a insultar. Já pensou nisso?

— De qualquer forma, ele deveria ter me entregado pessoalmente e se despedido. Sei lá, ter dito alguma coisa.

— Não o perdoe! Caras como ele você tem que esquartejar membro por membro e fazer comer o próprio pau. — Evy piscou para mim. — Eu a ajudo com essa parte.

— Eu também. Como ousa dar uma pílula para você tomar? É um merda! — disse Isy. — Essa decisão deveria vir de vocês dois. Podemos acabar com esse salafrário.

— Isso não vai acontecer — Michael, entrando na cozinha, dirigia-se à Isy e Evy. — Vocês duas não vão se meter nisso, seja lá o que conversavam.

— Você não manda em mim! — retrucou Evy. — Sua mulher é a Isy.

— E você é minha irmã, não vai entrar no meio do relacionamento dos outros. Se for algum abusador, Nasx e eu lidaremos com ele.

— Kill tem razão — concordou Nasx, sentando do meu lado. Os outros homens também se juntaram a nós.

— Não se preocupem, não vou ver Nikolai nunca mais, afinal, ele mora na Rússia… E acabei de falar com ele pelo telefone de Nasx, mandei-o desaparecer da minha vida. — Tentei soar tranquila, mas estava nervosa com

o que Michael acabara de falar. *Ele não pega mulheres à força, elas que imploram para tocá-lo*, pensei amargamente.

— Nikolai? — indagou Shadow para Nasx. — O Dark?

— O próprio — afirmou Nasx, bebendo leite.

— E você está pegando a garota dele? — retrucou em um tom duro.

Nasx estreitou os olhos.

— Não estou pegando ninguém. Ontem, falei para Nikolai que se machucasse a Samira, eu acertaria as contas com ele. E vou fazer assim que eu o vir! — rosnou, destemido.

Shadow riu.

— Vai acertar as contas com o chefe de uma máfia russa? Fora a parte de que o homem é uma fera nas lutas, melhor até que Jason, e você perdeu para ele.

— Ele se importa com ela? — sondou o moreno, marido de Andy, acho que Curt (pelo menos foi assim que a vi chamá-lo). Ele era o chefe dali.

Meu amigo acenou a cabeça positivamente. Já eu duvidava que se importasse comigo.

— Você disse que falou com Dark pelo telefone de Nasx — Shadow voltou-se a mim —, como ele reagiu a vocês estando juntos?

— Bom, ele garantiu que Nasx estava morto, mas Nikolai com certeza falou isso só para não sair por baixo. — Vi preocupação nos olhos de todos.

— Gente, por mais poderoso que ele seja, não gosta de verdade de mim. E não mataria a sangue frio um inocente.

— Quando Dark diz que algo é dele, ninguém toca — alertou Curt, fitando Nasx. — Sugiro que você não invista nela ou estaremos fritos. Nos livramos há pouco de uma guerra com ele por causa do *capo* Salvatore; não queremos entrar em outra.

— Isso é exagero. Nikolai jamais deixaria seus afazeres para arranjar briga por minha causa. Não haverá guerra alguma. — Nenhum deles pareceu acreditar nisso. Tentei soar normal, mas o que ele falou do *capo* me deixou preocupada.

— Por que esse *capo* pretendia guerrear contra Nikolai? E como vocês se envolveram? — perguntei num tom curioso e não ansioso, assim ninguém descobriria quem eu era realmente.

— Não é da sua conta — redarguiu Axel com uma piscadela.

— Eu não sei como vocês suportam esse cara. — Fulminei-o. — E também não perguntei a você, ameba.

Michael riu, acompanhado pelos demais, ignorando a careta de Axel.

— Eu suporto porque sou obrigado. Não posso matar o irmão da minha mulher — disse Michael.

— Meus pêsames, querida — falei à Isy, do lado de Michael.

Ela sorriu.

— Axel é um amor; às vezes, extrapola um pouco.

— Eu não concordo, mas tudo bem. E se não puderem me dizer, está ok! Eu só fiquei curiosa sobre essa guerra que mencionou. — Estava louca para saber se Matteo corria perigo. E o que houve com meu pai? E minha mãe? E Zaira? Ela era a mulher que tomava conta de mim, eu a amava. Sentia falta de todos eles e todos os dias, contudo, se eu aparecesse lá, certamente seria presa, jamais conseguiria escapar de novo, e isto se eles não me matassem no processo.

Dominic suspirou.

— A irmã de Nikolai, Irina, foi sequestrada por uma prostituta do nosso clube junto com um homem da máfia chamado Enzo. Se Nikolai souber, ele não perdoará ninguém…

— Mas vocês não tinham nada a ver com isso. Tinham? E essa irmã dele? Ela está bem? — sondei.

— Está. Somos amigas. E não tivemos. A Lisa era uma cadela sem escrúpulos. Ela me odiava, porque queria o Dom…

— Na verdade, Evy, ela queria todos os homens, até mesmo o Michael! — rosnou Isy. — Acabei com ela há alguns meses. Por sua culpa, eu fiquei longe de Michael por longos anos.

— Eu não entendo. Se não se envolveram, por que Nikolai brigaria com vocês? A menina está bem. Então não precisaria atacar ninguém, não é?

Ele é tão monstro assim? — Todo o tempo que passamos juntos não tinha visto esse lado dele. Seria mesmo tão desumano?

— Querida, os Salvatores fizeram algo (e eu não posso contar o que é) que os levaria à morte, e Dark seria o mandante — Nasx explicou. — E não por ser um monstro, mas por vingança.

O que meu pai fez de tão sério contra o Nikolai? Eu só conseguia imaginar que foi ele ou o velho fodido do seu irmão; aquele homem era um sádico. Matteo jamais agiria errado o suficiente para causar uma guerra aos Salvatores. Ele e Luca, meu primo, amavam nossa origem, não prejudicariam a família.

Vingança. Então me recordei do que Nikolai disse sobre pretender matar o mandante do assassinato dos pais dele, e que se tornou chefe da máfia só para cumprir essa promessa. Seria o meu pai que fez isso?

— Você está bem? — sondou Nasx, me avaliando.

Assenti, mesmo não estando de fato. Agora precisava descobrir se era verdade. Não ia perguntar a eles ou correria o risco de desconfiarem da minha ligação com a máfia italiana.

Comecei a ajudar as garotas com os preparativos do aniversário da filha de Isy. A mulher estava grávida, com um barrigão. A menina, Bella, era uma coisinha linda e engraçada, tão pequena e sábia, parecida com os dois: cabelos anelados e volumosos, e olhos verdes. Não havia um segundo em que

não falasse do seu papai. A garota o tinha como um herói.

Ela me lembrava muito a Emy, filha de Tabitta. Eu era sua babá quando Taby viajava. A menina sempre fora viciada em Jason Falcon, tendo descoberto recentemente que ele era o seu próprio pai. Nunca a vi tão feliz em toda a minha vida.

Os homens enchiam balões para pregar no salão e enfeitar o lugar.

— A maioria dos caras aqui são grosseiros. Você devia ter conhecido Dom antes, safado, mulherengo e idiota. Consegui domar a fera — disse Evy. — Além disso, ele é maravilhoso na cama.

Todas riram e começaram a falar de seus motoqueiros. Eu queria sentir o que elas sentiam, amar e ser amada por alguém. Gostaria que um homem fizesse tudo por mim, tipo aqueles amores que eu via nos filmes. Tal como a história de Isy e Michael, na qual o amor prevaleceu à dor da separação.

Se acontecesse algo como no dia anterior, eu queria alguém do meu lado para me dar um suporte. Não gostava de chorar sozinha.

Por volta das três horas já estávamos todos no salão festejando o aniversário de Bella, tão linda com seu cabelo repleto de cachinhos e um vestido rodado bordado com corações.

O salão se encontrava coberto por balões suspensos no teto, além de guirlandas por todos os lados. As mesas, forradas com toalha branca, tinham uma vasilha de flores em cima. Crianças corriam e brincavam.

Alguns minutos depois, Bryan, irmão da Samantha Donovan, entrou acompanhado de sua mulher. Alexia usava um vestido prata colado em seu corpo. Linda. A loira realmente chamava atenção por onde passava, em toda sua glória majestosa. Sua filha era a cara dela. Alexia e Bryan formavam um casal excelente.

Já estávamos quase indo cortar o bolo e cantar parabéns quando ouvi de uma morena — acho que seu nome era Júlia:

— Não acredito que ele está aqui. Nunca o vi pessoalmente. Todos dizem que é bastante poderoso, mas não comentaram sobre ser gostoso.

Segui seu olhar e ofeguei ao me deparar com alguém que não imaginava que viria. Achei que tivesse seguido o meu conselho quando o mandei sumir. Embora houvesse dito aquilo, algo no meu peito não aceitara.

Os MCs ficaram sérios com a entrada de Nikolai e quatro homens vestidos de preto.

Shadow me lançou um olhar de aviso, como se fosse para eu resolver isso e não estragar a festa de Bella ou assustar as crianças puxando armas.

Notei Nasx querendo vir até mim, mas Shadow segurava o seu braço. Agradeci. Não queria brigas e que nenhum deles se machucasse.

— Mamãe? Esses caras são maus? — perguntou Bella perto de Isy.

Fiquei de frente para Nikolai e seus homens. Perguntei em russo o que ele fazia ali, ao que respondeu, fuzilando Nasx:

— Eu vim matá-lo.

— Não vamos discutir agora. Estamos em uma festa de aniversário de uma criança, que neste momento está com medo. Sugiro que você dê meia-volta e retorne para a Rússia, ou então se comporte para não assustar nenhum dos pequenos.

Ele mandou seus aliados esperarem lá fora. Saíram sem dizer nada, o que deixou os MCs um pouco mais calmos.

— Você também devia ir, ninguém o quer aqui. — Dei as costas para ele.

— Não importa se querem ou não. Eu não saio sem você.

Suspirei e me virei.

— Qual é o seu problema? Não entendo por que veio, pelo que notei da nossa noite juntos, você não apreciou e foi embora. Já passou da hora de me dizer tudo o que houve. Precisei de você após ser sequestrada, mas fiquei sozinha em casa e tive pesadelos. Você não apareceu…

— Samira, eu não fiz por mal, iria se pudesse. — Suspirou, parecendo triste. — E falei sobre ter saído, eu precisava agir contra Jacov.

— Bom, vamos lá… me surpreenda com os seus motivos para fazer aquilo. — Vendo que ele estava com a caixinha azul, a mesma que deixei com o cara do hotel, rosnei: — Eu não quero nada que pertença a você! Leve e dê para suas amantes.

— Não tenho nenhuma no momento. E, além do mais, eu não costumo dar presentes para as mulheres que fo…

— Há crianças no recinto — avisei. — Cuidado com o seu linguajar.

— Os caras daqui falam mais palavrões do que eu. Essas crianças já devem estar acostumadas. — Ele me olhou de lado.

Deixei passar, porque tinha razão quanto a isso.

Os demais presentes conversavam entre si, mas sabia que estavam nos observando.

— Então por que me deu aquela joia? O que tivemos foi um erro grande que não vai se repetir. Não precisava ter vindo aqui — murmurei. — Perdeu seu tempo.

— Você é minha, Samira.

— Acha que tem todo esse poder, não é? Que pode falar qualquer coisa só por ser um mafioso?

— Sim, eu posso, e acabarei com Nasx caso tenham ficado. Agora me diga a verdade. — Pelo seu tom, não era brincadeira.

Meu coração gelou. Se eu dissesse que transamos apenas para tirá-lo do meu pé, ele poderia matar Nasx.

— Não, nós não ficamos juntos! — Suspirei, amuada. — Pensei que fosse alguém diferente… Eu não quero mais saber de você.

— Eu lhe dei esse diamante, e você não aceitou. Por quê? — Ignorou

minha resposta, mas o estranho era que sua expressão estava confusa, como se realmente quisesse um retorno.

Fechei a cara também.

— Acha que eu aceitaria um presente seu como pagamento por ter sido *fodida*? — sussurrei esta última palavra. — Posso ter decidido transar, mas isso não lhe dá o direito de achar que sou uma prostituta e tentar me pagar com joias.

Nikolai franziu a testa.

— Foi isso que pensou do presente? — Aparentava confusão ao levantar a caixinha azul em sua mão.

— É o que qualquer mulher entenderia após acordar sozinha em um quarto com alguém estranho lhe dando uma joia — desdenhei.

— Isso jamais foi a minha intenção. — Pegou meu braço e me levou para longe de todos. — Dei essa joia por que queria lhe presentear por tudo o que tivemos e passamos juntos.

Nasx parecia desejar vir atrás nós, mas Shadow falou algo a ele, continuando a segurá-lo. Achei bom, pois não gostaria que meu amigo saísse ferido.

— Vá embora, Nikolai, e esqueça o que aconteceu com a gente. Estava animada para nos dar uma chance, mas…

— Eu não vou esquecer, droga! E não a chamei de prostituta. Só queria

presenteá-la com algo importante pela noite que tivemos. Em vez de aceitar, você deu a joia ao Peter, como se não fosse nada. — Exasperou-se.

— Se você me valorizasse, teria permanecido comigo, pelo menos para dizer que não gostou, para cada um seguir com sua vida. Um homem de verdade faria isso, mas você…

— Eu precisei agir na operação contra Andrey Jacov, por isso saí sem acordá-la, já disse. Por favor, me deixe explicar, Samira! Aquela noite foi a melhor da minha vida, se não tivesse que sair jamais a teria abandonado. — Prensou-me na parede com as mãos ao lado da minha cabeça.

Ele estava certo quanto a isso; não podia ficar com raiva para sempre, porque se não ligasse para mim, não daria a mínima para aqueles com quem eu saía. Viera me procurar e demonstrava uma vontade legítima de conversar.

Olhando para o homem à minha frente, eu considerei que pudesse estar dizendo a verdade. Mesmo assim, eu não ficaria com Nikolai. E se ele descobrisse a meu respeito? O que eu faria? Nikolai planejava uma vingança contra a minha família. O que aconteceria se soubesse que eu era filha de Lorenzo? Meu segredo não podia chegar aos ouvidos de ninguém, muito menos aos de um chefe da máfia. Talvez Nick acabasse me usando contra Lorenzo, e no futuro, descobrisse o que os Salvatores fizeram, o segredo que Nasx não quis me contar.

— Como soube do sequestro? Estava lá para salvar a mim ou à Tabitta?

Vi a forma com que olhou para ela. Saiba que minha amiga jamais vai deixar o marido por você. Taby ama Jason. — Isso era algo que arranhava meu cérebro, porque não ficaria com alguém interessado em minha amiga.

— Acha que gosto dela? Fui protegê-la porque ela é importante para alguém que conheço — explicou, frustrado. — E eu não sabia que você estava lá, só quando a vi presa. Supus que continuava na sua cidade, não a acordei justamente para não aparecer em Manhattan ontem, mas não adiantou. Você foi sequestrada mesmo comigo acreditando que estava segura. Um erro que não irá se repetir.

Meu coração se balançou com isso, por ouvir a verdade da boca dele.

— Recebi a ligação de Peter dizendo que rejeitou o meu presente e o carro que deixei ao seu dispor. — Parecia grilado com esse fato. — Eu precisava vê-la… Ontem foi uma correria, encontrar os contêineres e lidar com traidores não foi fácil, principalmente quando o que mais queria era estar com você. Assim que acabasse tudo, eu ia procurá-la e explicaria o mal-entendido. Lamento que tenha ficado sozinha.

Arregalei os olhos.

— Você ia? — Havia esperança em minha voz. Depois pisquei. — Conseguiu achar as garotas?

— Sim para as duas perguntas. Fui na sua casa hoje, mas soube que estava aqui. Então vim buscá-la. — Soltou um suspiro duro. — Por que

reluta? Se ainda não se deu conta, repito: quando eu decido que algo é meu, nada me faz mudar de ideia. — Nikolai meneou a cabeça de lado. — A partir do momento em que ficamos juntos, eu decidi que seria minha, e continuará assim. Avisei para ir embora enquanto podia; você não quis. Agora é tarde demais para mudar de ideia.

— Isso é meio exagerado, não? Eu nem sei o que faz da vida, além de ser dono de boate e chefe da máfia. Acho que precisamos estabelecer algumas coisas aqui.

— Você tem algo contra a máfia? Contra eu ser um mafioso? É por isso que está tão hesitante em ficar comigo? — Soou magoado, acrescido de uma nuance que não entendi. — Você sabia sobre mim desde o começo e me aceitou, então me diga qual é o real problema?

O problema é que você pode entrar em guerra a qualquer momento com a minha família, pensei. O que seria de mim no meio disso? Certamente ficaria difícil de lidar com tudo. Mas talvez fosse coisa da minha cabeça; talvez Nikolai buscasse vingança por outra razão.

— Podemos conversar depois? Agora quero aproveitar a festa de Bella e me divertir um pouco — falei, tentando ganhar tempo. Estava em conflito sobre nos dar mais uma chance.

— Não terminamos ainda. Assim que acabar a festa, nós vamos ao meu hotel para conversar.

— De jeito nenhum que voltarei a um hotel com você! Da última vez, fui largada sozinha com uma joia e uma pílula do dia seguinte. Como pôde deixar aquilo? Eu não quero ter filhos agora, mas aí você faz isso? Deveríamos ter discutido o assunto e tomado a decisão juntos…

Ele piscou, me avaliando.

— Espere, que pílula? Eu não deixei nenhum comprimido para que tomasse…

— Deixou sim! Junto com a joia e o bilhete que mandou o senhor me entregar. — Franzi a testa.

Frustrado com alguma coisa, negou:

— Não entreguei bilhete algum, só dei a joia ao Peter. Não achei que precisava falar algo. Papai sempre dizia: a mulher é como uma joia, você tem que dar uma a ela todos os dias para lembrá-la de que é importante. Queria mostrar que aquele momento foi mágico, aliás, este mês com você tem sido de outro mundo. — Levou uma mão ao cabelo num gesto exasperado. — E quanto a essa pílula, nunca a forçaria a isso, ainda mais através de um pedaço de papel. Eu posso ser um monstro pelas coisas que faço, mas jamais mandaria que tomasse sem a consultar antes.

— Então quem escreveu este bilhete? — Entreguei o pedaço de papel a ele. Guardei na minha bolsa para ficar lembrando que não deveria confiar nos homens. — Está assinado por você.

Lendo o recado, sua expressão se tornou mortal, mais do que já era.

— Foi meu irmão, Alexei! É a letra dele. Depois acertaremos as contas. — Ele me olhou de lado. — Por isso está com essa raiva toda? Achou que eu fui embora e escrevi o bilhete?

— Sim… — Fiquei aliviada por saber que ele não escreveu nenhum bilhete ou me deu alguma pílula. — Conversaremos mais tarde, pois não quero atrapalhar o aniversário de Bella.

— Certo, mas antes pegue aqui… — Enfiou a mão no bolso da calça e me entregou o meu celular prateado. — Achei que precisaria dele.

— Obrigada. — Segurei o objeto, agradecida com o gesto. — Como conseguiu?

— Tenho meus contatos. — Sorriu, jocoso. Tão lindo que fiquei ali, embasbacada, só admirando sua beleza.

Ele aceitou que deixássemos para falar depois. Eu me juntei às meninas perto da mesa, onde estava o grande bolo. Elas começaram a contar sobre suas vidas.

— Menina, que bofe é esse? — perguntou Emília sentada ao meu lado, olhando Nikolai conversando com Shadow e os outros. Ela morava com Daemon. Era uma morena linda e mãe de Emma, uma menininha fofa.

Nasx estava próximo a Michael. Nick me fitava a todo o momento.

— Um bofe que nunca ia querer você — disse Daemon, aproximando-

se de nós.

Ela estreitou os olhos para ele; vi dor neles, embora tentasse esconder. Vivendo com a Taby e na máfia, aprendi a detectar quando alguém omitia algo, como a angústia presenciada na face dela. Eu estava confusa. Eles não moravam juntos?

— O seu pau pode não levantar estando ao meu lado, mas garanto que os de outros homens levantam. — Emília sorriu, ácida. — Pergunte ao Logan…

Sua frase foi cortada devido à fúria de Daemon, que podíamos sentir de longe. Ele nos deu as costas e subiu a escada pisando duro.

— Mulher, você quer matar Logan? — Nádia repreendeu.

— Ele não se importa com isso. — Tomou sua bebida e virou-se para Alexia, esposa de Bryan. — Ele gosta é de você.

— Não é o que parece — contrapôs a loira fabulosa, preocupada. — Você viu a cara dele quando saiu daqui?

— Ele foi atrás de Logan no quarto — disse Nádia, tensa.

Ouvimos gritos lá de cima, oriundos de uma mulher, e depois um grunhido masculino, como se alguém tivesse levado um soco.

— Porra! Eu não toquei nela, cara! — Escutei Logan falar.

— Maldição! — rosnou Emília, subindo correndo a escada junto com Alexia. Shadow e outros homens os acompanharam para impedir que se

matassem (ou melhor, que Daemon matasse Logan).

Fui segui-los, preocupada com o desfecho, mesmo não os conhecendo. Emília parecia legal, só estava sofrendo por gostar de Daemon, enquanto ele era apaixonado por outra. *Vida injusta!* Contudo, pela reação do cara, assumi que ele gostasse de Emília.

— Você não vai lá. — Nikolai pegou meu braço e me puxou para a porta dos fundos, onde havia algumas crianças brincando no jardim. Tinha homens e mulheres de olho nelas, não sabendo o que podia estar ocorrendo no andar de cima.

— E se precisarem de ajuda?

Ele riu.

— O que pensa em fazer? — perguntou, divertido.

Ele tinha razão. Desejava que eles se entendessem de uma vez por todas, mas não conseguiria auxiliar.

— Você não tem mais nada de importante para fazer em vez de ficar no meu pé? — Eu me esquivei de seu toque. Com ele tão perto, eu perdia a coerência.

— Não, pois nós precisamos conversar. Mesmo dizendo que não fiz nada para magoá-la, ao que parece, ainda está com raiva de mim.

— Ouvirei tudo o que tem a dizer, se prometer voltar para a Rússia e não me procurar mais. — Eu tinha medo de me entregar e me magoar de

novo.

— Não posso. Passarei minhas férias ao seu lado.

— Você pode viajar pelo mundo todo, mas quer passar as férias em Trenton? Comigo? — Franzi a testa. — Além disso, mafioso tira férias?

— O que eu quero está bem aqui na minha frente: uma morena linda e doce que, ao se irritar, não há quem a segure. — Mirou-me de lado com um sorriso deslumbrante. — Se não quiser sexo ou contato físico, não vou questionar ou a pegar à força. Gosto da mulher implorando para ser fodida.

Acreditava que eu realmente imploraria se ficasse perto dele durante o mês todo. Seria capaz de me controlar? Não. Até uma freira cairia sem arrependimento.

Antes que eu respondesse ou inventasse algo para ele ir embora, Nasx apareceu na minha frente.

— Sam, está tudo bem aqui? — Avaliava meu rosto para ver se eu diria a verdade.

Ele era bastante protetor. Eu gostava disso, porque não era apenas comigo: mostrava-se leal a todos, em especial a seus irmãos.

Nikolai rosnou como um leão:

— Este assunto não é pertinente a você. — Deu um passo na direção de Nasx como se quisesse matá-lo. Segurei seu braço.

— Comporte-se! Quer ou não ficar na minha casa? Caso queira, precisa

tratar meus amigos bem, começando pelo Nasx.

— Ele está doido para entrar em suas calcinhas. — Nikolai fuzilava o motoqueiro.

— Eu não sou você…

— Chega, os dois! — Coloquei-me entre eles. — Não vão lutar um com o outro, pois antes deverão passar por mim. Estão me entendendo?

Nasx suspirou e me fitou.

— Controlou a situação lá em cima? — sondei, bem a tempo de ouvir gemidos e gritos. O que me tranquilizou foi que não eram de dor, e sim de prazer. Ao mesmo tempo, um som foi ligado bem alto, acredito que para as crianças não escutarem nada. — Eles estão…

Nasx riu.

— Ganhei a aposta.

— Qual aposta?

— Que, antes de irmos embora, os dois acabariam em um quarto fo…

Cortei-o.

— Ok, entendi.

Ele riu de novo, agora do meu rosto vermelho. O que me chocou foi que Nikolai também estava rindo de mim. Bastardo!

— Preciso ir embora — falei aos dois. Estava nos meus planos ficar ali naquele fim de semana, porém, com Nikolai comigo, eu teria de adiar o

passeio com Emily. Não queria que Taby soubesse que eu estava com um chefe da máfia, ela surtaria, e minha amiga grávida carecia de calma.

— Avisarei aos outros que vou levá-la…

— Não precisa, serei eu a levar Samira — Nikolai o interrompeu. Pelo seu tom, não foi só um aviso.

Eu precisava sair dali antes que os dois acabassem se matando.

— Nasx? Se eu for com Nikolai agora, acha que ele me machucaria? — Eu sabia a resposta; Nikolai jamais faria isso, mas eu intencionava tranquilizar Nasx.

Meu amigo avaliou Nick.

— Não fisicamente. Já se você se apaixonar, sim. Lembra do que ele fez ao deixá-la? Do jeito que ficou? Seria mil vezes pior se gostasse dele.

Sentia a raiva de Nikolai direcionada ao Nasx. Firmei mais minha mão em seu braço, deixando-o no lugar.

— Isso não vai acontecer. Prometo — acalmei-o. — Nikolai me levará, e espero que eu possa voltar a vê-lo logo, Nasx.

— Você tem meu número. Qualquer coisa, me chame que vou correndo — prometeu.

Eu me despedi de todos e fui embora com Nikolai, rezando para não me arrepender dessa escolha mais tarde.



Capítulo 13

DUAS SEMANAS DEPOIS

Samira

Saiu na imprensa a apreensão que Bryan e os federais fizeram. Classificaram mais de mil pessoas envolvidas em crimes, pelos quais foram presas. Isso foi só os que estavam na América, porque, com certeza, esse Jacov possuía mais homens pelo mundo afora.

Segundo o departamento antidrogas dos Estados Unidos, eles confiscaram toneladas de substâncias ilegais e várias caixas com armas nos navios em Long Island Sound, fora as garotas de inúmeras nacionalidades encontradas. Nessa hora dei um beijo em Nikolai, agradecida, porque foi também graças a ele.

O pai adotivo da Taby, o senhor Thomas, disse em uma entrevista que as detenções eram o resultado de mais de nove anos de investigações, com o auxílio de aproximadamente dois mil agentes, tanto dos Estados Unidos quanto da Rússia e do México. E que, na operação, o líder do cartel mexicano, Sebastian Ruiz, foi morto junto ao líder dos Bravatas, Andrey Jacov.

Fiquei confusa, porque em nenhum momento foram citados os MCs ou Nikolai naquelas notícias. Era como se nenhum deles tivesse estado lá de fato. *Talvez eles fossem bons demais para serem vistos pelos policiais*.

Eu estava na cozinha. Ela era pequena, composta por uma mesa com quatro cadeiras, armários brancos, um fogão inox e um balcão na forma de L.

Morava sozinha, já que era maníaca por deixar tudo no lugar.

Quando cheguei da Rússia, tentei ficar nos dormitórios da faculdade, mas não me dei bem com os colegas de quarto. Em uma noite, eu estava vindo da lanchonete, na qual trabalhava três vezes por semana, e conheci Tabitta. Ela chorava porque viu o Jason sem a tatuagem que ambos haviam feito juntos.

Depois disso, nos tornamos melhores amigas, tanto que ela confiava em mim para cuidar de sua filha, Emily, a minha boneca fofa.

Duas semanas se passaram após o sequestro, e Nikolai ficou comigo em todos os momentos. Achei que reclamaria da minha casa simples, mas me enganei. No começo, quando ele entrou ali, eu vi surpresa em suas feições, embora houvesse sido breve. O cara era um tremendo de um mistério, incapaz de decifrar.

Estava arrumada para ir ao serviço, preparando uma macarronada que Giulia gostava de fazer, e eu de comer. Eu era pequena na época, mas me lembrava muito bem.

— O cheiro é delicioso — elogiou uma voz calorosa à minha nuca.

— Argh! — gritei e quase ia deixando o prato cair quando Nikolai o pegou da minha mão.

Levantei meus olhos para ele, parando de respirar no processo. Nikolai estava nu, em toda sua glória e seu esplendor. As coxas fortes, a barriga

tanquinho com seis gominhos, o peito másculo e os braços ao meu entorno me fizeram babar.

Nas últimas semanas, foi um completo martírio resistir a ele. Como uma drogada, lutava contra o meu vício — com o qual, para piorar, eu vivia. *Com o tempo eu não vou conseguir mais*, pensei. Especialmente depois de vê-lo desse jeito.

— Que porcaria! Cadê suas malditas roupas? — grunhi.

Ele sorriu, travesso. Tão perfeito com suas covinhas de menino que eu só pude ficar olhando admirada. O cara sabia o que me deixava a ponto de gritar de frustração sexual.

Ao vir para cá, ele disse que ficaria do meu lado, mas não me tocaria até eu implorar. Contudo, eu não sabia que ele pegaria pesado para me atrair, andando, no começo, sem camiseta, depois só de cueca *boxer*, e agora nu.

— Esta cidade é muito quente. É incômodo ficar com roupas aqui dentro. — Piscou com seu sorriso atraente. — Você já me viu pelado antes, e gostou muito. Até clamou por mais.

Segurei o ar em meus pulmões ao sentir seu cheiro de sabonete de lavanda. Seu calor parecia incendiar minha pele dos pés à cabeça.

— Engraçadinho! — Minha voz estava fraca ao tentar me afastar dele, que não permitiu. — Nikolai, eu tenho que trabalhar, e você disse que não ia me tocar…

— …se você não quisesse — terminou a frase por mim. — Mas vejo como seu corpo reage ao meu toque. — Colocou seus dedos em meu pescoço e desceu por meu decote.

Eu usava um top e uma saia curta, que previamente era um vestido, no entanto, como decidi repaginar minha vida, fiz o serviço completo. Nikolai não gostou ao me enxergar vestida assim na semana anterior. Eu avisei que, se ele ousasse me criticar, seria mandado para fora da minha casa.

Às vezes, eu custava a acreditar que um homem como ele fosse real e que estava ali, do meu lado, aceitando tudo o que eu impunha. Claro que ele questionava, decerto não estava acostumado com as pessoas dizendo para fazer algo. Com certeza era Nikolai quem dava as ordens.

— Nikolai…

— Você não quer sentir minha boca traçando esse corpinho lindo e gostoso? Minha língua sugando seu clitóris com fome e prazer? — Deixou-me de pernas bambas com seu tom *sexy*.

Definitivamente, eu era uma viciada em meio a uma recaída. Queria ter forças para resistir, mas não conseguia mais.

Eu o puxei, me rendendo a seu toque, seus beijos, suas carícias enlouquecedoras. Havia provado dele uma única vez, mas parecia uma eternidade.

Gemi nos seus lábios e o apertei mais contra mim, querendo-o inteiro

logo ou gritaria. Sua língua batalhava com a minha de forma ardente. Senti suas mãos rasgarem minha calcinha, e ele me colocou sentada na mesa. Logo em seguida, adentrou-me, me consumindo. Trancei minhas pernas em seus quadris, apertando-o, exigindo mais.

— Isso, gema, Coelhinha. — Mordiscou minha língua e foi para o meu pescoço, levando seus lábios molhados ao lóbulo da minha orelha. — Clame pelo meu pau e para eu fodê-la com mais força.

Eu não disse nada, aliás, nem voz teria. Arranhei suas costas, fazendo-o estremecer, mas não liguei: apenas queria que matasse a minha vontade.

Seu membro gostoso entrava e saía da minha boceta. Gemia mais e mais a cada estocada.

— Nick… — Choraminguei, olhando suas íris verde-azuladas, tão impressionantes como o céu e o mar em sincronia. — Estou quase…

— Isso, querida! Quero ouvir sua súplica. — Apertou minha bunda, amassando minhas nádegas. — Goze em meu pau, Coelhinha.

Suas palavras foram como um tiro direto no meu centro. Tão poderosas quanto seu membro, que me levava ao paraíso.

Ele rosnou, lambendo meu pescoço, e logo me seguiu, gozando com um ruído no fundo da garganta, apertando mais minha bunda.

— Está de volta? — inquiriu, beijando minhas pálpebras num gesto carinhoso e alisando meu rosto com seus dedos sensíveis. — Você é tão

linda! Devo dizer que amei ficar nu só para tê-la em meus braços.

Estava quase revirando os olhos, porque não me considerava linda — bonita, sim. Todavia, Nick me tratava como sua luz, seu motivo de adoração.

Pretendia reclamar que ele era um trapaceiro por andar nu pela casa, mas um cheiro me trouxe de volta ao presente.

— Maldição! — xinguei, empurrando-o e saindo de seus braços.

— O que foi?

Eu não disse nada, só corri para o fogão e desliguei o macarrão queimado.

— Droga! Estava louco por mais macarrão. — Vi diversão na sua voz.

Peguei a panela e coloquei embaixo da água.

— Sua culpa por andar pelado — acusei. — Agora vou ter que ir sem jantar, e você terá que comer por aí.

— Você bem que gostou, não é? — Ele me abraçou por trás, beijando meus cabelos.

Eu me afastei de seus braços, dando um tapa nele. Peguei minha calcinha rasgada.

— Só me atrasou para o serviço… — reclamei, indo para o quarto e ouvindo-o me seguir. — O pior de tudo é que nós não usamos preservativos de novo. — Da outra vez não fiquei grávida, dei graças a Deus quando menstruei. Terminara há dois dias.

— Eu esqueci. — O impressionante era que ele não parecia preocupado com isso como eu. Eu teria que passar a tomar anticoncepcional.

— Esqueceu? Eu esquecer é uma coisa, já que me deixou bêbada e ludibriada. — Corei. — Mas você? Um homem experiente? Devia ter no mínimo uma dúzia de preservativos. — Joguei a calcinha nele. — Quantos filhos fez por aí? Devo me preocupar com doenças também?

Ele revirou os olhos.

— Na verdade, diferente do que pensa, eu não tenho um harém. Só fiquei com você desde que começamos a sair, e também nunca transei sem camisinha. Acabo esquecendo com você porque não ligo que engravide.

Arregalei os olhos. *Primeira coisa a fazer no dia seguinte: comprar anticoncepcional*.

— Pois, a partir de agora, trate de usar a porcaria do preservativo ou eu não vou mais dar. Tivemos sorte da outra vez. — Até pensei em tomar a pílula que tinha comprado de novo, porém, Nikolai a jogou fora. Fiquei de comprar outra, mas acabei me esquecendo.

— Vamos esperar para ver se não engravidou, e prometo usar preservativo de agora em diante.

— Por que insiste tanto na gravidez? Nikolai, nós nos conhecemos há pouco tempo para pensar em filhos. Geralmente as pessoas namoram, casam, tipo, procuram ter uma estabilidade antes. Você devia saber disso, ou melhor,

querer isso.

— Por quê? Só porque sou chefe da máfia? Acha que não tenho poder suficiente para proteger vocês dois?

— Não se trata de proteção, e sim de ter certeza de que você quer crianças. Se no futuro isso acabar, e eu tiver um filho… — Gesticulei para nós dois. — Seria ele a pagar o preço por ser criado com pais separados. O que você desejaria a uma criança sua? Sangue do seu sangue?

— Eu… — Notei a dor em seus olhos, mas foi breve; após, abaixou a cabeça.

— Depois falamos disso, agora estou atrasada.

Fui para o banheiro. Vendo a bagunça no chão, gritei:

— Nikolai!

— Samira… que porra está acontecendo? — perguntou, preocupado.

Olhei para cima e me deparei com Nikolai vestido com calça social esporte aberta e uma arma apontada para o banheiro, caçando um inimigo inexistente.

— Para que essa arma? — rosnei. — Acha que o invasor iria se materializar aqui?

Ele fez uma careta linda, abaixando a arma.

— Então por que gritou?

Eu o fuzilei.

— Ainda pergunta? Quantas vezes terei de dizer para não deixar meu banheiro sujo, com toalhas jogadas, roupas espalhadas e o lugar molhado?

Não era a primeira ocasião em que discutíamos sobre a sua falta de organização. O cara era um tremendo de um bagunceiro. Não arrumava nada até eu berrar com ele. Nos momentos seguintes a isso, qualquer bagunça que fazia, ele limpava.

— Eu ia arrumar, então fui para a cozinha ao sentir o cheiro do macarrão. Estava com fome. — Direcionou o olhar faminto a mim.

— Eu sei muito bem da sua fome — grunhi e me limpei, vestindo uma nova calcinha.

— Não discordo quanto a isso, porque estou longe de ser saciado.

— Se comporte, eu tenho que trabalhar!



Meia hora depois, eu estava na boate e lanchonete — ali havia as duas coisas: de um lado a casa de festas, e do outro o restaurante. Eu ficava em ambos, uma semana em cada. Hoje, estava na boate Luxe. O lugar se encontrava bem apimentado, cheio de pessoas animadas se divertindo.

— Está atrasada — disse Anabelle com um sorriso. Aposto que ela suspeitava do motivo. — Eu a cobri, não se preocupe. Pelo menos o atraso valeu a pena?

Ela e Mary me encheram de perguntas quando apareci com Nikolai na minha casa. Apenas falei que ele estava de férias e que ficaria comigo, fora a reclamação por ser tentada todos os dias.

— Você é meu anjo. Sim, valeu. O cara é realmente bom, sou incapaz de resistir a ele — sussurrei, risonha.

— Jura? — Revirou os olhos.

— Fico lhe devendo uma. — Só de pensar no sexo com Nikolai, eu me sentia quente de novo.

— Sem problemas. — Ela quicou, animada. — Já aviso: no próximo final de semana, haverá nossa festa de noivado. Nathan quer fazer na casa de praia dos pais dele. Preciso de você lá, sem falta.

— Prometo ir. Jamais perderia. — Sorri, indo atender uma mesa de jovens. — O que vocês desejam? — perguntei aos caras. Eram cinco homens.

— Cerveja, gostosa! — disse um. — E você, se vier de brinde.

Eu já estava cansada de levar cantada de homens, alguns com mãos-bobas, mas ignorava isso completamente. Entretanto, namorando Nick, tudo complicou. O cara era uma tremenda bomba, prestes a explodir.

Nikolai não me acompanhara naquele dia porque insisti para que não fosse. Todas as noites que ele ia e via os caras mexendo comigo, eu reparava em sua expressão assassina. Para não haver mortes, o mandei ficar em casa.

Sorri, educada.

— Estou fora do mercado, mas logo trarei as bebidas. — Saí dali, não dando muita atenção. *Vai que Nikolai apareça aqui e puxe sua arma*.

— Menina, você com esse novo visual está matando os caras — brincou Anabelle. — Cadê aquele pedaço de homem? Não veio hoje?

Eu revirei os olhos.

— Não. Pedi para ele ficar em casa, já que parecia querer assassinar todos que se aproximavam de mim. — Suspirei. — Você viu isso na última vez.

Ela franziu a testa.

— Está gostando dele?

Encolhi os ombros.

— Sim, só não sei se é recíproco. — Não entendia bem o que sentia, mas já era forte. Entretanto, prometi a mim mesma que apenas viveria o momento; pensaria no futuro depois.

— Pelo jeito com que ele a olha e a forma como age com quem dá em cima de você, aparenta se importar. Ali tem algo a mais que apenas uma ficada.

Um chefe da máfia se apaixonando por uma garota como eu? Seria possível? Não podia ter esperança, embora quisesse isso.

— Foi o mesmo que aconteceu comigo e Nathan, e agora vamos noivar.

— Casamento e Nikolai na mesma página? Só quando o Inferno congelar — comentei com um gosto amargo na boca.

Depois disso, eu me esquivei de sua curiosidade, pois não estava pronta para dar nenhuma resposta ainda, aliás, nem eu as tinha. Nosso envolvimento não era algo em que eu queria pensar.



Capítulo 14

Nikolai

Fazia duas semanas que eu estava com a Samira. Foi um baita sacrifício vê-la ali, tão perto de mim, e não poder tocá-la.

Depois que fui buscá-la na sede do MC, senti a fúria que ela estava por eu a ter deixado naquela manhã. Sua raiva se dava em razão de um bilhete e uma pílula do dia seguinte, entregues a ela em meu nome — enviados, contudo, por meu irmão.

Só não acertei as contas com Alexei porque ele estava na Rússia. Merecia uma surra após ter armado tudo para não correr o risco de Samira engravidar.

Uma parte de mim queria que a mulher tivesse filhos meus e que fosse minha, não só na cama, mas em todos os momentos da minha vida. Eu só não sabia como funcionaria, se ela não pertencia à máfia. Estava buscando uma solução para tê-la sem que eu tivesse de quebrar alguma das regras do meu mundo.

Se não fosse possível, eu quebraria por ela. Pagaria o preço. Mesmo sendo chefe, lei é lei, e quando infligimos somos cobrados. O problema seria que quem entrava devia pagar também; ela não suportaria passar pelo que passei, e eu era capaz de matar qualquer um que a tocasse.

Quando um novo membro se juntava a nós, era obrigado a aturar a tortura por alguns minutos sem reclamar, para provar que conseguiria lidar

com tudo. Eu passei por isso após matar Russell. Não poderia deixar o mesmo acontecer com Samira, só para tê-la sempre comigo.

Samira foi trabalhar em um bar, ou melhor, praticamente uma boate. Não gostei de seu novo uniforme, a coisa era muito curta, e quando os caras olhavam para ela como se quisessem comê-la meu sangue fervia. A besta em mim queria sair. Não permiti por Sam e porque não seria racional matar todos que a mirassem. No entanto, minha vontade era essa.

Duas semanas sem sexo e vendo aquela perfeição andando de um lado a outro em sua pequena casa, em Jersey. Devo dizer que gostei do lugar, mas ela merecia coisa melhor, digna de uma princesa.

Samira me proibiu de ir à boate. Quase ri por eu receber ordens de alguém, mas se quisesse mantê-la ao meu lado eu não podia fazer besteira. Mandei Blade, um dos meus homens, ficar de olho se algum engraçadinho lhe encostasse. Blade cuidaria dessas pessoas caso se metessem a besta com ela. Samira não o conhecia, então não sabia que estava sendo vigiada.

Passados vários dias, finalmente consegui tê-la de novo em meus braços. Todas as vezes que andava sem roupas na sua casa, reparava que ela me queria, mas lutava contra. No final, rendeu-se a mim, e porra, eu amei.

Acho que temia que eu a magoasse. Faria o impossível para que isso não acontecesse.

Para evitar pensar nela sendo assediada por seus clientes, fui trabalhar.

Assim que cheguei à Prisma, eu me deparei com Alexei ao lado de duas loiras. Ele estava sentado no sofá da minha sala.

— O que faz aqui? — perguntei, curioso. — Achei que ficaria na Rússia.

— Eu vim conversar — falou em russo. — É sobre Pietro. Mas vamos ficar com essas gostosas antes? Trouxe uma para você.

Fiz uma careta.

— Vou passar, mande-as embora — devolvi na mesma língua.

Nunca tocaria em outra mulher, não queria nenhuma delas, somente Samira. Ainda estava com seu cheiro inebriante em meu corpo após termos fodido antes de eu sair da sua casa. Passei duas semanas atrás dela tentando seduzi-la, e naquele dia a tive novamente em meus braços; não deixaria nada atrapalhar isso.

— Dark…

Eu o cortei:

— Agora, Alexei. — Não gostava de usar esse tom com ele, mas ao vê-lo, fiquei com raiva pelo bilhete e pela pílula. Nós dois tínhamos muito que discutir.

As garotas saíram, nos deixando sozinhos. Fui até ele e o soquei, fazendo-o grunhir.

— Que porra! Tudo isso por trazer as mulheres aqui? — Piscou,

massageando sua boca.

Fechei a cara.

— Não se faça de bobo, porque isto nós sabemos que você não é. Quem mandou deixar aquela maldita carta para ela? O pior, maldição, você comprou uma merda de uma pílula!

Ele suspirou, coçando a boca onde bati. Nem foi tão forte assim; se tivesse sido, precisaria de pontos. Minha raiva por ele já tinha diminuído há duas semanas, embora não em sua totalidade.

— Você não usou uma maldita camisinha, e pior, não parecia preocupado que engravidasse uma garota como aquela…

— *Como aquela*? — Nunca tive tanta vontade de bater nele. — Diga logo, Alexei.

Num gesto frustrado, passou as mãos nos seus cabelos castanho-claros, que, na luz do dia, ficavam quase loiros.

— Cara, ela não é do nosso mundo. Se você se apaixonar, o que fará? Sabe que não pode ficar com essa menina.

— Por que não? — Cerrei os punhos.

— Ainda pergunta? Droga, Nikolai, está mesmo amando? — Ele arregalou os olhos.

Não queria falar da Samira com meu irmão, ou arriscaria acabar o matando. Para não fazer besteira, mudei de assunto, um rumo menos

perigoso.

— O que descobriu sobre Pietro Petrova? — perguntei, indo me servir um uísque. Precisava beber algo de forma a me controlar um pouco.

— Bela mudança de conversa — observou com suas íris azuis um tanto escurecidas. — Pense no que realmente quer, Nikolai. Está disposto a deixá-la fazer tudo que você fez para entrar na máfia? Sabe que só assim ela poderá ficar, o que acredito ser impossível. Vejo a fúria em seus olhos ao apenas mencionar o ritual.

— Estou aguardando as notícias; espero que sejam boas — repliquei, evitando pensar nela tendo que enfrentar as regras do meu mundo.

— Mais cedo ou mais tarde, deverá tomar uma decisão. — Suspirou, frustrado. — Descobri quem é a garota que Pietro busca. Você não vai acreditar…

— Desembuche, cara. — Não estava de muito bom humor.

— Dalila, a filha dos Salvatores. Pietro achou que ela estava no contêiner, mas se enganou. — Alexei entornou sua bebida. — Ele está louco atrás da menina, para usá-la contra o pai dela.

— Lorenzo Salvatore? — Arregalei os olhos. — Não entendo… Como é possível? A filha dele morreu!

Lorenzo era um tremendo sádico, e por isto, entenda que ele raptava crianças e as mantinha em uma localização afastada de Chicago para entregar

a abusadores. Seu azar, e a alegria das garotas, foi que seu filho (o atual *capo*) e os MCs da Fênix desmancharam esse absurdo.

— Parece que não. Na verdade, Pietro quer usá-la contra o novo *capo*, já que Lorenzo está em uma cama, vegetando. O fodido quer algo dele. Estou tentando descobrir o quê. Vou apurar mais a fundo. Hunter não está feliz, porque as garotas desapareceram e não há chance de serem encontradas de forma alguma — lamentou.

Minha vingança estava preparada para acontecer com Lorenzo, porém, soube do seu estado vegetativo e tive de mudar os planos para checar se tinha mais alguém envolvido na morte dos meus pais, além dele. Por isso a espera. Eu era paciente, demorei doze anos para chegar a Jacov, então poderia levar mais algum tempo e ter minha vingança. Já Alexei, eu necessitava controlar para que não fizesse besteira. Ainda bem que meu irmão seguia minhas ordens. Não dissera a ele sobre a revelação de Jacov, estava apurando os fatos; talvez Alexei pudesse me ajudar a desvendar essa merda.

— Você é pessimista. Vamos continuar tentando.

— Sou realista — debateu.

— Pensei que a morte de Jacov me libertaria de todas as coisas… No final, só me trouxe problemas. — Fiz uma pausa. Com calma, prossegui: — Está na hora de lhe contar: não foi ele quem assassinou nossos pais.

Alexei arfou.

— Não foi Andrey Jacov o culpado? Como sabe disso? E quem, se não ele? — Sua voz subiu duas oitavas.

Já era para ter contado, mas logo veio a confusão com Samira… Chegara a hora da verdade. Carecia de buscar o verdadeiro responsável pela morte dos meus pais.

— No navio, quando o confrontei junto a Sebastian, o filho da puta disse que não podia ganhar esse mérito, porque não tinha sido ele. E não vai acreditar em quem citou como o mandante. — Até o momento eu custava a crer; passei anos pensando ser uma pessoa, e no final era outra.

Ele fechou a cara.

— Você sabe disso há semanas e só veio me dizer agora? Por que não o matamos? Já era para termos feito isso. — Enfuriou-se.

— Esqueceu que demoramos doze anos para chegar a Jacov? Não devemos perder o foco. Estou descobrindo tudo sobre esse cara. Agora que você disse que a filha dele não morreu, podemos ver o que ela anda fazendo e chegar a Lorenzo Salvatore…

Ele me interrompeu, alterado.

— O quê? Foi Lorenzo? Por que ele mataria nossos pais? Não havia uma guerra entre eles na época.

Tomei mais um gole da bebida.

— Pelo que Jacov disse, Lorenzo achava que assassinamos e

estupramos sua filha, por isso se vingou de nossos pais. Com Pietro atrás dela, significa que está viva, e podemos… — Deixei a frase inacabada. Ele a terminou por mim:

— …usá-la para chegar ao desgraçado do Lorenzo, ou ir lá agora para matá-lo. Seria mais prazeroso. Por que ainda não fomos? — Alexei parecia ansioso.

— A máfia dele é forte, igual à nossa. Devo checar todos os fatos, assim não seremos pegos desprevenidos. Lorenzo está vegetando em uma cama, seu filho tomou o lugar de *capo*. Só preciso saber se ele está por dentro de tudo o que o pai fez ou não. Entretanto, foi ele e os MCs que derrubaram o antro de Lorenzo. Pode ser um boato, só preciso ter certeza de que lado o *capo* está. Matteo é o seu nome. — Não arriscaria uma luta. Descobriria quem foram os verdadeiros responsáveis, além de Lorenzo.

— Desde quando isso o incomoda? Em outros tempos, você já teria ido lá e matado todos.

Estreitei meus olhos.

— Eu não ando por aí assassinando inocentes — retruquei. — Você sabe que não faço nada impensado ou movido pela emoção…

— Só seguindo seu maldito… — cuspiu como se fosse veneno.

— O que está dizendo? Fale de uma vez! — Trinquei os dentes.

Uma sombra de raiva se apossou de sua expressão.

— Desde que conheceu essa mulher, hesita às vezes quando vai fazer algo, como com o Lincoln. Em outro tempo, não deixaria nada o impedir de matá-lo, mas uma ligação o fez abandoná-lo e ir correndo para ela. Uma boceta vale mais do que uma vingança?

Foi cortado quando o imprensei contra a parede.

— Nunca fale dela dessa forma, Alexei, ou juro que não responderei por mim — ameacei num tom mortalmente frio. Minha carne tremia devido à raiva em meu sistema, tanta quanto o sangue que bombeava em minhas veias. Esse não era meu inimigo, e sim meu irmão, ele só não entendia.

Alexei devolveu o olhar gélido.

— Vai matar seu irmão por causa de uma…

— Olhe! — avisei. — Nunca houve limites entre nós, mas agora há: ela é esse limite que ninguém pode ultrapassar, nem mesmo você.

— Está apaixonado por essa mulher? — Desvencilhou-se de minhas mãos. — Ela é mais importante do que a vingança?

Exasperei-me.

— Não se trata de vingança, ir lá e matar todos, e sim de planejar as coisas. Eu preciso calcular tudo isso ou providenciaremos uma guerra. Em vez de me vingar de um vegetal, por que não buscar a filha dele? Descubra tudo sobre sua família. Se o novo *capo* estava junto do pai, e também de Enzo Salvatore, que é pior do que Lorenzo…

Alexei sacudiu a cabeça, ainda com raiva em sua voz:

— Sabe que haverá uma guerra mais cedo ou mais tarde, não?

Dei de ombros.

— Sim, mas farei tudo da maneira certa. Também desejo a morte de Lorenzo. Ele pagará. Mas de que adianta me vingar de um homem em estado vegetativo? Porra, ele nem saberá por que morreu, não sofrerá com nada.

Quando pensava em vingança contra os assassinos dos Dragons, sempre imaginei demorar cada segundo torturando o mandante e os demais envolvidos. Por que decapitaria um morto-vivo?

— Podemos encontrar essa garota e usá-la para se vingar deles, fazê-la se apaixonar por você e depois largá-la, usando-a para toda sua família ver. — Deu um sorriso cruel.

— Eu não vou me voluntariar. Se quiser usar Dalila, vá em frente e a conquiste você mesmo. — Não faria parte disso. Agia de modo pior, matando e torturando, mas usar uma mulher inocente e depois a deixar? Não daria… Se alguém fizesse isso com minhas irmãs, eu o mataria.

Ele bufou.

— Certo, esqueci que você foi fisgado por uma…

— Cuidado — alertei-o. — Agora tenho de encontrar os mercadores. Já que você está aqui, por que não vai no meu lugar?

— O que vai fazer? — Fez uma careta diante do meu sorriso. — Deixe

para lá. — Pausou. — Agora me diga uma coisa: entrou em contato com sua irmã?

— Não, eu não a quero metida nisso. Até que eu resolva toda essa merda que Jacov jogou para mim, incluindo Pietro, Lorenzo e também Vladimir, tudo estará perigoso. — Vladimir era o líder da Trider, uma máfia rival, e também andava em nosso pé. — Não a deixarei aparecer até acabar com essas ameaças. — Passei as mãos nos cabelos.

— Você tem razão, mas sua irmã é teimosa, ela está averiguando a fundo. Tentei atrasá-la, mas a garota conseguiu a ajuda daquele agente do FBI, Bryan Scott. Ele é bom. — Parecia impressionado. — Pena que não quis trabalhar para nós quando *hackeou* aquela vez para nos ajudar…

Há alguns anos, solicitei os serviços de Bryan porque Alexei estava ferido após uma batalha, e eu não poderia localizar sozinho um *hacker* que me roubou. Bryan o encontrou, e eu acabei com o verme ladrão.

— Sim, ele é excelente, tal qual você. Consiga com que ela fique no escuro o tanto que puder. — Não podia fazer isso para sempre; Tabitta era tão teimosa quanto eu. Puxamos isso de Sebastian, ou talvez de nossa mãe.

Ao ir embora, recebi uma ligação inesperada.

— Precisamos conversar, estarei na minha academia — grunhiu e desligou.

— Quem é? — sondou Alexei, chegando perto de mim.

— Jason. Quer falar comigo em Manhattan. — Guardei o celular no bolso. — Estou indo lá agora.

Tinha planos com Samira, mas resolveria algumas coisas com Jason e sondaria se ele sabia quem eu era. Taby teria descoberto? Pelo seu rosnado rápido, eu acreditava que sim. Ele mal falou, só deu seu aviso e desligou na minha cara.

— Vou com você — disse. — Depois me encaminho à reunião dos mercadores.

Ergui as sobrancelhas.

— Não preciso de proteção. — Abri a porta e entrei na Mercedes.

— Eu sei. Vou mesmo assim — respondeu, sentando ao meu lado. — Já que irá a Manhattan, estragará sua noite com Samira. Nós podemos visitar o Hills, pegar algumas mulheres para foder.

Eu não perderia meu tempo respondendo a isso. Liguei o som com a música *Demons*, da banda Imagine Dragons. *Essa letra resume minha vida*, pensei.

— Merda, não faça isso — reclamou Alexei ao ouvir a canção. — Você não é a porra de um monstro.

— Todos somos.

— Nós somos uma família, Nikolai. Você acha que nossos pais eram demônios também?

Nesse ponto, ele tinha razão: papai e mamãe não eram. Tínhamos partes escuras e sombrias, todavia, não nos considerava ruins ao todo.

Quando não respondi, ele continuou:

— Somos da máfia, e sim, fazemos coisas tenebrosas, mas não quer dizer que sejamos demônios. Você não vê? Aquela mulher está mexendo com a sua cabeça, deveria ficar longe dela. Por isso é contra as regras se envolver com alguém de fora do nosso mundo.

— Não posso fazer isso, tem algo nela que aquieta a escuridão existente em mim. Sua alma acende fogos em meu ser. Preciso ficar longe? Sim. Posso fazê-lo? Não. — Expirei para focar na estrada. — Não sei o que sinto…

Escutei-o bufar.

— Tudo bem. Não vou me queixar, mas sou contra o que está fazendo. Aproveite enquanto durar; nada é para sempre. — A certeza em sua voz me fez encolher, porque ele tinha razão.

Esse era o problema: almejava a perenidade do que havia entre Samira e eu. Faria funcionar, pois não tivera o suficiente dela.

Ficamos em silêncio até chegar à academia de Jason Falcon, onde ele marcou comigo.

Pelo seu tom, coisa boa não era. Felizmente, para meu alívio, não acontecera nada de grave com minha irmã ou sua filha, do contrário, meu pessoal já teria me informado.

Jason lutava bem. Não sabia quem venceria em uma batalha entre nós dois. Obviamente, não brigaria com ele, afinal, minha irmã era louca por aquele homem.

Lembro que uma vez fui vê-la em Austin e os enxerguei juntos. Até pensei em matá-lo, supondo que estava se aproveitando de Taby. Contudo, a forma como ele a venerava me impediu de acabar com o cara. Apenas continuei de olho para ter certeza de que ela estava feliz e não me aproximei, já que tinha uma vingança pela frente — uma pela qual estava obcecado.

Eu deveria ter ficado aquela noite na cidade de Austin. Parece que Sebastian só me esperou sair para se aproximar de Tabitta e da avó dela. Dava graças a Deus que minha irmã conseguiu fugir; lamentavelmente, vovó não.

Cheguei à academia de Jason. Ele estava de pé logo na entrada, fulminando-me, com Bryan Scott e Lucky Donovan ao seu lado. Através das pesquisas de Alexei, descobri que esse tal Donovan era um bilionário, amigo do lutador desde a faculdade.

Quando Tabitta voltou com Jason, pesquisei acerca de todos ao seu redor. Não queria nenhum intruso dizendo que era amigo, para no final levá-la para longe de nós em um sequestro. Alegrei-me ao perceber que todos a amavam.

Entretanto, não tive sorte similar ao procurar sobre a Samira. Apenas

após o acontecimento no navio eu soube que eram melhores amigas.

— Recepção interessante. — Olhei para os três, depois me fixei em Jason.

— A sua também! Não achei que precisaria de guarda-costas. — Apontou o queixo na direção de Alexei, que riu.

— Somos família. Dark não necessita de mim para acabar com vocês. É só estalar os dedos, e você virá pó. — Alexei fez um gesto como se dizimasse o Jason.

O lutador fechou a cara, permanecendo enraivecido.

— Você, seu desgraçado, por ser irmão da Taby, deveria tê-la protegido — rosnou, vindo até mim e socando minha boca.

— Eu a protegi! — retruquei, me esquivando do segundo soco e o acertando.

Já lutei muito na minha vida, não para ganhar dinheiro ou coisa assim — para isso tinha Nilvan. Eu lutava porque amava, era um esporte que adorava.

Depois de algumas porradas (poucas, o cara tinha uma boa defesa, era um campeão dos ringues), Bryan entrou no meio e empurrou nós dois para nos separar.

— Queria poder deixá-los lutar para saber quem venceria, já que são experientes, mas isto não acontecerá, agora que nossos inimigos se foram,

porque alguém eliminou ambos — Bryan disse como uma indireta.

— Está me acusando? — Arqueei as sobrancelhas. — Se for o caso, deveria ter provas.

— Não as tenho, mas sei que foi você — respondeu, logo mirando Alexei. — Você é bom em sumir com rastros; nem mesmo eu descobri nada.

De certa forma, eu estava aliviado. O que planejamos foi bem arquitetado. Até as imagens do ocorrido, capturadas por câmeras de segurança aleatórias, desapareceram graças a Alexei. Isso era bom, assim me impedia de matar os amigos da minha irmã.

— Não quero saber da porra de Sebastian e nem desse mafioso, só desejo ter certeza de que a sua chegada na vida da minha mulher não trará algum perigo a mais para ela e nossos filhos — rosnou Jason.

— Taby está protegida, não se preocupe. Ela sabe sobre mim? — questionei, calmo. Entendia o seu lado, a sua proteção com minha irmã.

— Não, ela suspeita e fez um teste de DNA com um fio de cabelo seu — informou, parecendo também mais tranquilo.

— DNA? Porra! — xingou Alexei, olhando-me. — Onde ela conseguiu seu cabelo?

— Deve ter sido no navio. — Suspirei. — Olha, eu não quero que ela saiba agora, a morte de Jacov deixou a porra de uma bomba em minhas mãos. O que garanto é que nem ela, nem você correm perigo.

Não conseguiria mais adiar o momento em que Tabitta descobriria sobre mim, mas faria o que eu pudesse para protegê-la.

— Que tipo de bomba? — perguntou Bryan, me avaliando.

— Uma com a qual você não precisa se meter — redargui.

— Isso é uma ameaça? — Franziu a testa.

— Um aviso. Se for esperto, fará o que eu disse — apontei.

Fui embora para a casa de Samira. Precisava vê-la, tocá-la, porque somente ela acalmaria meu coração, inquieto naquele instante. Ignoraria o que estava por vir.



Capítulo 15

Samira

— Nick — gemi com a língua especialista de Nikolai me degustando.

Estava de bruços com as mãos abertas e amarradas na cama, a bunda suspensa no ar e meu rosto no colchão. Às vezes, mordia a colcha para abafar o som, porque com o prazer enorme, era capaz de eu gritar e as pessoas ouvirem a quilômetros.

Rebolava em sua boca, não me importando com a vergonha — não conhecia esta palavra, tamanho meu êxtase ao ser consumida pelo homem.

— Por favor, Nikolai — choraminguei, querendo mais dele.

— O que você quer? Diga que eu faço. — Ele chupou meu clitóris. — Quer meu pau? Está faminta por ele?

— Sim…

— Darei a você, minha linda. — Logo em seguida, ele estava dentro de mim, bombeando com tanta força que meus rugidos eram quase constrangedores, no entanto, via-me incapaz de não os soltar.

Suas mãos apertavam meu quadril, enquanto acelerava mais o movimento. As minhas puxavam as algemas que ele me colocou. Seus dedos alisavam meu clitóris, me levando a um orgasmo alucinante, tão forte que tudo em mim brilhava e queimava.

— Nossa! Você é bom — falei depois que voltei a respirar, embora com dificuldade.

— Ainda duvidava? — Beijou meu rosto suado, em cima de mim.

— Não — sussurrei.

— Que bom. — Seu tom era divertido ao me soltar. — Achei que precisaria usar as minhas artimanhas para demonstrar meu talento na cama.

— Querido, eu já presenciei seu talento. — Fui para o banheiro. — Devo tomar um banho para sair.

— Aonde vai? — sondou, vindo atrás de mim.

— Nos Barlonis. Eu lhe disse que sairia.

— Por que não me convidou para ir com você? — Seu tom parecia diferente, como se eu o tivesse magoado ou coisa assim.

— O quê? — Voltei meus olhos para ele, escorado no batente da porta do banheiro.

— É por causa do que eu sou? — Franziu o cenho.

Nessas duas semanas de convivência, nós não conversávamos sobre o que ocorria conosco durante as noites de sexo quente. Eu não queria saber o que se passava na mente dele, porque poderia ser aquilo que eu não estava preparada para ouvir.

Não gostaria que ele retornasse à Rússia, pois já me acostumara à sua presença, ao seu toque e ao seu cheiro, que me deixavam alucinada e eufórica.

Entretanto, isso não era para sempre. Logo, logo Nikolai partiria. Toda

vez que eu pensava a respeito, o meu coração dava batidas doloridas.

— Achei que não quisesse participar, já que não é a sua praia.

— Tudo por eu ser um mafioso? — censurou-me.

— Não tem nada a ver com a máfia, Nikolai, e sim com o que estamos fazendo. — Gesticulei entre nós dois, ainda nus.

— Foder?

— Isso. Como você sempre diz: o que temos é só foda.

— Não foi isso o que eu disse — falou num tom sério. — Então você pensa que o que temos é apenas sexo? Que todo esse tempo nós só fizemos isso?

Era justamente o que eu pensava. No fundo, porém, esperava estar enganada.

— Tenho medo de me apaixonar por você — sussurrei a verdade. — Já sinto algo forte, Nikolai, apesar de não saber discernir ainda. E se isso acontecer, você me quebrará de uma forma irreversível.

Ele chegou perto de mim sem tirar os olhos preciosos dos meus.

— Não tenha medo, Coelhinha. — Tocou minha face com suas mãos abrasadoras. — Nunca a quebrarei ou a magoarei. — Beijou minhas pálpebras molhadas. — Também gosto de você.

— Promete? — Meu coração batia forte e ansioso em meu peito.

— Sim.

Beijou-me com fervor e paixão; achei que entraria em combustão. Suas mãos apertaram minha bunda, imprensando mais meu centro contra o membro duro dele. Logo em seguida, rendi-me a esse homem fabuloso, esquecendo meus medos.



Horas depois, fomos à residência dos Barlonis, pais de Nathan. Toda sua família era importante e grã-fina, então, eu me sentia deslocada. Já Nikolai estava relaxado, como se lidasse com pessoas assim o tempo todo. Com certeza, ele se relacionava com ricos, e pior, no meio do crime. Esperava que ninguém ali fosse um assassino desalmado.

— Não acredito que veio! — gritou Mary, abraçando-me. — Pensei que teria de ir lá os buscar para tirar vocês dois da cama.

Corei, olhando ao redor.

— Fale baixo, e não estávamos na cama… — comecei com um grunhido.

— Na mesa? — Ela arqueou as sobrancelhas.

Nikolai riu.

— Você me lembra a minha irmã — comentou ele.

Eu sabia que ele tinha uma irmã chamada Irina; não chegara a conhecê-la, mas esperava ser apresentada a ela um dia.

Anabelle largou seu noivo e caminhou até nós.

— Você veio, e com… — Anabelle pausou, sorrindo para Nikolai. — Não deixou minha amiga fora de vista um segundo?

— Ou melhor, não a deixou fora do quarto, não é? — Piscou Mary. — Sexo é bom, crianças. Aproveitem!

— Se eu a deixasse, os gaviões fariam a festa. É claro que eu os mandaria para o mundo de Hades. — Sorria enquanto falava, mas ele faria isso mesmo. Estava escrito em sua cara e em seu tom.

Anabelle e Mary reviraram os olhos, imaginando ser uma brincadeira. Não era: Nikolai cumpria suas promessas.

Estava tudo indo perfeitamente bem no noivado de minha amiga na casa de praia. O lugar era luxuoso. As mesas haviam sido forradas com toalhas de seda branca e decoradas com buquês em jarros de cristal. A mansão de três andares era ladeada por vidros. Lembrava muito a casa dos meus pais quando morávamos em Chicago.

Mesmo vendo quanto dinheiro possuíam, não os invejei. Não sentia saudade do meu mundo, ou melhor, da antiga vida que eu tinha antes de ser abandonada.

— Oi, Samira — Rômulo, irmão de Anabelle, me cumprimentou. — Como vai a faculdade de artes? Fui ver algumas de suas obras na galeria no centro de Trenton.

Sorri. Depois do episódio no restaurante, eu não o encontrara mais. Caso tivesse sentimentos por mim, talvez o tempo o ajudaria a mudar de ideia. Esperava que sim.

— Estou feliz por conseguir um espaço para mostrá-las! Tudo graças a você, que me deu uma força. Obrigada.

Há algumas semanas, o dono da galeria me ligara dizendo que queria expor minhas pinturas. Já tinha um tempo que eu havia deixado alguns quadros com o senhor Divã, mas sem nenhuma resposta, tanto que até desistira. Foi recente a proposta de expor minhas obras. Estava eufórica com a notícia, por realizar um sonho que sempre tive.

— Você tem talento. Poderia até conseguir entrar na faculdade em Florença, a melhor do mundo — falou Rômulo, sorrindo.

Assim que Romy me conheceu, ele quis ficar comigo. Como sempre, eu não aceitei. Dispensava quem se aproximasse de mim; não sentia nada em relação a ninguém, exceto Nikolai.

Pela cara fechada de Nick, ele não estava gostando. A sua expressão se tornou sombria como a de um assassino em série.

Apertei seu braço em um pedido silencioso para que se acalmasse e não fizesse besteira com meu amigo fiel.

— Obrigada por me estimular a ir à galeria, Rômulo — agradeci, mas os olhos dele estavam em Nikolai ao meu lado. — Você deve se lembrar de

Nikolai.

— Namorado dela. Em breve, marido. — Nikolai me fitou, sorrindo. — Não é, Coelhinha?

Romy arregalou os olhos.

— Você pensa em se casar? Ana não disse nada… — Franziu os lábios como se estivesse com dor. — Eu preciso ir…

— Ro… — comecei, enquanto ele saía de perto de mim. Fiz menção de ir atrás dele; Nikolai não permitiu. — O que foi? Eu preciso saber se ele está bem.

Ele sacudiu a cabeça em sinal de descrença.

— O cara está com dor de cotovelo por você ter um namorado. E porque logo será minha futura esposa e mãe dos meus filhos.

Ri, nervosa.

— Você está sonhando alto demais. Eu não quero me casar agora, muito menos ter filhos. — Minha aversão a isso era justamente porque, se eu estivesse na máfia, seria obrigada a fazê-lo. Queria namorar sem compromisso.

Ele estreitou os olhos.

— É porque começamos a namorar agora?

— Eu tenho vinte e dois anos, Nikolai, só preciso de mais tempo. Pretendo realizar meu sonho de um dia ver minha arte na melhor galeria de

Nova York, ou até de Londres. — Sorri ante seu espanto. — Sonhar não custa nada.

— Você prefere isso a ter uma família? A ficar comigo para sempre?

Beijei seus lábios de leve.

— Nick, vamos viver o momento juntos, sim? Deixe o futuro para depois — pedi a ele.

Não desejava pensar em nosso relacionamento, principalmente se fosse perdê-lo.

Mudei de assunto e me afastei, mas continuei segurando sua mão.

— Por que me chama de Coelhinha? Sempre tive curiosidade — questionei ao nos sentarmos em uma mesa ao ar livre.

Sorriu com candura e alisou meus cabelos, que estavam soltos nas costas.

— Quando a conheci, você ficava me caçando em todos os lugares nos vidros da boate. Tão inocente e linda. — Ele suspirou. — Depois, no navio, a vi assustada, a despeito de fazer de tudo para acalmá-la. Já encontrei mulheres em cativeiros; elas gritam por ajuda, mas você não fez isto, mesmo querendo, acho que para provar algo, não sei.

— Na minha vida inteira eu fui fraca. Talvez por essa razão aqueles homens tenham me sequestrado, não é? Supus que fosse por isso o apelido; por me enxergar como uma presa fácil — murmurei. Lutava contra o que

sentia, temendo que isso fosse verdade.

— Não a apelidaria de modo pejorativo… Mesmo você não dizendo nada, acho que pensa assim por eu ser quem sou…

— Isso não importa nem um pouco. Só me veio à mente uma vez. Sabe quando você tem algo bom que custa a acreditar ser seu?

— Ainda pensa assim, Samira? Você é linda, por isso aquele cara — indicou Romy, situado perto da porta da casa — se apaixonou e fez tudo para que realizasse seu sonho.

Pisquei, chocada.

— Romy não se apaixonou por mim, ele só está confuso, mas logo vai aparecer outra pessoa e nem pensará mais nisso. — Sabia que tinha uma queda, mas paixão? Não podia ser.

— Romy? Já o chama por um apelido? Quer que eu o mate? — Ele me puxou para perto de si e sussurrou em meu ouvido: — Não se esqueça de que são meus lábios que a deixam louca quando lhe levo ao orgasmo com a língua, e também meu pau que a faz gritar em êxtase, clamando por mais.

Remexi-me com suas palavras, que foram direto para o meu centro. Achei que gozaria na calcinha, tamanho o atrito com o som da sua voz grossa e sensual.

— Nikolai…

— Não chame outro homem por um apelido carinhoso, só a mim. —

Beijou minha bochecha.

Expirei e me afastei para me controlar e não o agarrar na frente dos outros. Logo isso aconteceria caso ele não parasse de dizer coisas do tipo. Como fui me viciar em sexo? Bem, com um homem desses, seria impossível não ter. Qualquer mulher enlouqueceria.

— O que foi? Posso aliviá-la se você me pedir.

— Comporte-se, estamos no noivado da minha amiga — repreendi-o.

— Vou me comportar, mas me tire uma dúvida. Eu vi os quadros em seu apartamento, são lindos, embora um pouco sombrios. As imagens dão a entender que você já sofreu muito. — Meneou a cabeça. — Em que você se inspirou para pintar algo tão intenso?

— No meu passado. Quando vejo as imagens, lembro-me de como fui abandonada por minha mãe… — Minha voz falhou; não queria falar disso com ele, não ali.

— Como aconteceu? Pode me dizer?

— Não lembro bem — menti, porque eu recordava claramente, mas não ambicionava explicar nada a ele para protegê-lo. — Estávamos em um parque quando ela foi embora. Depois disso, Lucy me achou e me criou como se eu fosse dela.

— Onde sua mãe está? — Ele parecia curioso.

— Giulia eu não sei. Já Lucy morreu há três anos, quando eu morava

na Rússia. Por isso, vim para os Estados Unidos. Após sua morte, ficou bem difícil viver lá.

— Vamos deixar de falar em coisas tristes. Eu quero só que fique alegre. — Sorriu, me dando um beijo casto nos lábios.

— Obrigada por estar aqui hoje. Eu não queria ter vindo sozinha. Não pensava em chamá-lo, mas preferiria que viesse.

Ele sorriu.

— Seu prazer é uma dádiva para mim — falou com um tom acalentador na voz.

— Desde quando o chefe da máfia ficou tão sentimental? — mencionei a máfia bem baixinho para ninguém ouvir e acarretar problemas a ele.

— Você acha que, por eu ser da máfia, não devia dizer à garota da qual gosto o que ela realmente é?

— Não. Adoro você assim — respondi.

E adorava mesmo, este era o meu medo de vez em quando. Meu peito apertava temendo que acabasse.

Ocorreu tudo bem no noivado. Minha amiga estava feliz, e eu também, por ela. Vendo-a noivando, não senti vontade de fazer o mesmo. Apenas queria ficar ao lado de Nikolai por um bom tempo.

Após me despedir de todos, Nikolai e eu fomos embora.

Meu telefone tocou quando estava entrando no meu apartamento.

— Samira!

— Oi, Raio de sol — falei para Emily. — Não é tarde para você ficar no celular?

— Sim, mas a mamãe está aqui ao meu lado. Coloquei no viva-voz para ouvi-la também. Estou sentindo sua falta. Meu papai disse que, assim que chegar de viagem da Rússia, vai me levar aí.

— Também sinto sua falta, princesa. Pode vir que vamos nos divertir bastante. Passearemos com o seu cachorro, já que não pude da outra vez. Agora posso falar com sua mãe um segundo?

— Sim, tia Samira — respondeu e, em seguida, Taby entrou na linha:

— Oi, Samira. — Parecia ansiosa com algo.

— Oi, você está bem? — Depois do sequestro, nós não tivemos a oportunidade de conversar. Eu estava tão alucinada vivendo com Nikolai que me esqueci de tudo. Senti-me uma péssima amiga e irmã. — Eu deveria estar aí do seu lado após o que houve.

Ela riu.

— Sou eu quem precisa falar isso — retrucou. — Afinal, você foi sequestrada e mantida nua na frente daquele bando de assassinos e estupradores.

Entrei em casa junto com Nikolai, que estava ao meu lado também no telefone.

— Mas não fui violentada, graças a você e ao gato loiro que me salvou. — Não contei que conhecia Nick, nem que estávamos fodendo igual a coelhos. Teria essa conversa com ela, contudo, não agora; talvez depois que eu soubesse o que estava fazendo.

— Não fale a ela que eu estou com você — Nikolai pediu baixo, para Taby não ouvir.

Meu peito se apertou de modo insuportável. Deixaria para lidar com meu namorado interessado por minha amiga mais tarde, assim que o mandasse para o Inferno. Não transaria com um cara que desejava Taby. Ele disse que a protegeu no navio porque ela era importante para alguém que conhecia, mas talvez isso fosse tudo mentira.

— Não sou eu que estou grávida e fui enfrentar um exército fodido de mafiosos. Uma pena todos não estarem mortos.

— Nunca imaginei você dizendo isso das pessoas. — Riu. — Agora, falando sério, preciso ir à Rússia este fim de semana.

— Você vai à Rússia porque Jason está lá? — Emily revelara há pouco onde ele se encontrava, quem sabe lutando. — E sozinha? Posso ir com você, assim visito minha irmã.

— Não! — exclamou Nikolai para mim; não era um pedido.

Franzi a testa para ele.

— Se quiser, eu saio amanhã, mas eu vou com Dominic, Bryan, Nasx e

Daemon — Taby disse com um suspiro. — Jason não está lá; ele vai comigo, já que não quer me deixar sem companhia.

— Por que precisa de todos na Rússia com você? — sondei, preocupada. Tentei reparar na expressão de Nikolai, porém, ele estava de costas.

— Sabe aquele cara que nos salvou?

Intriguei-me.

— Nikolai?

— Sim, descobri que é o meu irmão. Sebastian disse a ele que eu estava grávida, então Nikolai foi lá naquele dia, para me salvar no navio. — Taby parecia feliz com a ideia de ter um irmão.

Evitei ofegar. Foi um choque descobrir que Nikolai e Tabitta eram da mesma família. Ele com certeza sabia, podia ver em sua face curiosa quando percebeu que era Taby ao telefone.

— Ele é chefe da máfia russa, por isso vão todos, embora eu ache que jamais me machucaria, pois até me salvou. Mas se tranquiliza Jason… Faço qualquer coisa por meu homem.

— Nasx vai ficar bem lá? — a pergunta era mais para Nikolai do que para Taby.

Ele fez uma careta.

— Acredito que sim. Dará tudo certo. E o que você tem com Nasx?

Estão transando? O cara é um deus do sexo, ouvi dizer… — Praguejou baixo: — Ai, que droga, Jason! Estou falando o que escutei.

— Se não quer que eu o mate, pare de chamá-lo de “deus do sexo” — rosnou Jason do outro lado da linha.

Sacudi a cabeça, ignorando sua pergunta, e me despedi dela. Fitei Nikolai.

— Você é irmão da Tabitta? Por que não me disse antes?

Ele estreitou os olhos.

— Acha que só porque estamos fodendo tem o direito de saber da minha vida? — Jamais usara esse tom comigo antes. — O que tivemos foi sexo, nunca pense o contrário. — Saiu porta afora.

O ar deixou meus pulmões ao confirmar o meu pior temor. A suspeita virou realidade, uma capaz de acabar comigo.

Ele estava tão carinhoso e romântico… O que houve? Notei que, enquanto falava com Taby, Nikolai recebeu uma ligação, e esta o transtornou. Ou talvez isto fosse apenas uma desculpa da minha cabeça para não enxergar que fui abandonada e humilhada mais uma vez pelo mesmo homem.



Capítulo 16

HORAS ANTES

Nikolai

Samira e eu tivemos uma conversa bem difícil. Naquele instante, eu não soube o que dizer, mas após notar seu medo e ela querendo colocar uma distância entre nós, percebi que não podia deixar isso acontecer, precisava de Sam na minha vida. Já estava tão ligado, não conseguiria mais ficar longe.

O amor era algo de que nunca fui atrás, afinal, meu suposto pai, louco por vingança, me abandonou num hospital sem ligar para Tabitta e eu. Por isso eu não estava tão afoito para me vingar: não ficaria igual a Sebastian. Faria tudo do jeito certo.

Observando Samira no noivado da amiga dela, vi que os seus olhos brilhavam, como se ela quisesse aquilo também, como se desejasse se casar algum dia. Eu queria isso mais do que tudo, então busquei uma alternativa para tê-la sempre por perto, trazendo-a ao meu mundo. Sim, eu era egoísta demais para perguntar o que ela desejava, pois tinha medo de que a resposta não envolvesse nós juntos pela eternidade.

Algumas pessoas sugeriram que eu me casasse, porque um chefe não poderia liderar muito tempo sem uma esposa. Uma lei absurda, para a qual não ligava. Mas descobri que uma mulher poderia se tornar uma de nós sem precisar levar uma surra, bastava engravidar, pois valorizávamos herdeiros. Então estava ansioso para fazer um filho nela. Eu nem sabia dessa lei, foi Kriger quem a mencionou, e acabei gostando.

Samira me falou de seus medos, tanto de se apaixonar e eu quebrá-la, como o de ser abandonada novamente, tal como o foi por sua mãe, Giulia. Eu já escutara esse nome antes, mas não lembrava quando.

Minha Coelhinha estava hesitante em contar toda a história, porém descobriria depois o que aconteceu com ela. Senti-me um idiota por nunca perguntar nada a seu respeito. Ela tinha razão de pensar que o que tínhamos era apenas sexo e nada mais.

Queria mudar isso, e o faria hoje à noite. Logo tornaria Samira minha esposa, mãe do filho que ainda faríamos juntos. Só assim eu poderia ficar com ela.

Ao adentrarmos sua casa, seu telefone tocou. Na hora não sabia com quem ela estava falando, mas parecia ter muito carinho e amor pela pessoa. Tentei me controlar; ciúmes não era algo que estava acostumado a sentir, nunca experienciei nada disso em minha vida, apenas por ela, no seu trabalho, e com aquele seu amigo Rômulo, no noivado de sua amiga — o cara abriu as portas para que minha garota colocasse suas obras em uma galeria. E agora isso? Se fosse o Nasx, eu acabaria com ele. Pelo modo doce como falava, acho que conversava com uma mulher ou criança.

Depois ouvi o nome de minha irmã e da filha dela, a minha sobrinha. Isso aliviou algo em meu peito.

Eu não conhecia Emily pessoalmente. Era filha de Tabitta e Jason

Falcon, com o qual tive um desentendimento alguns dias atrás. Esperava as coisas ficarem calmas para conhecer a pequena e poder contar tudo sobre mim para a minha irmã.

Deixei-a falando ao telefone e atendi a uma ligação de Alexei.

— Onde você está? — perguntou com tensão na voz.

— Na casa da Samira, por quê? — repliquei com urgência, mas baixo para Sam não ouvir. — Aconteceu alguma coisa?

Escutei Samira comentando sobre mim. Não queria que minha irmã soubesse nada até resolver todos os pepinos do momento.

— Não fale a ela que eu estou com você — pedi baixo à Samira.

Notei uma expressão de dor em seus olhos. Com certeza entendeu errado. Talvez tivesse pensado que eu estava a fim da minha irmã. Antes que eu resolvesse a confusão, Alexei ordenou:

— Mate essa cadela agora.

— O quê? De quem está falando? — Dei um passo para longe de Samira.

— Dessa puta da Samira…

— Alexei, meu irmão, eu levaria uma bala por você, mas nunca a chame dessa forma de novo, ou nosso laço será rompido. — Soei frio.

Ele riu, amargo.

— Ela merece a morte junto a toda sua família. Vou acabar com eles!

— ferveu.

— Que história é essa? — Controlei a raiva.

— Samira é a cadela da Dalila, filha do maldito Salvatore — sibilou.

O chão se abriu debaixo dos meus pés naquele exato instante. Nem em meus piores pesadelos imaginei algo assim. Não, ela não poderia ser filha do homem que matou meus pais. Mas então finalmente reconheci o nome da mãe dela, Giulia Salvatore, esposa de Lorenzo. Recordei também que a esposa dele se suicidou há quase doze anos, logo depois dos meus pais terem sido assassinados.

Samira era Dalila… Expirei para me controlar. Ela contou que sua mãe biológica a deixou, e Lucy a adotou e tomou conta dela como filha. Por que sua mãe a largaria e diria a todos que havia sido morta? E ainda por cima pelos meus pais?

Olhei para Samira, que conversava com Tabitta. Como pude sentir algo por ela? Como fui me apaixonar pela filha do assassino dos meus pais? A vida era realmente uma bosta.

— Não sou eu que estou grávida e fui enfrentar um exército fodido de mafiosos. Uma pena todos não estarem mortos — ela conversava com Tabitta.

Eu pensava em fazê-la engravidar de mim, e descubro essa bomba?

Samira e Taby estavam falando de irem para a Rússia, o que fez meu

coração tremer.

— Não! — exclamei.

Ela franziu a testa. Não podia olhar para aquela mulher, necessitava de tempo para digerir as coisas.

— Vou preparar tudo para atacá-los — disse Alexei. — Já esperamos demais. E você, dê um jeito nessa…

— Cuidado!

— Ainda vai ficar do seu lado depois de saber o que o pai dela fez? O Salvatore assassinou nossos pais, portanto, tem de morrer. Sua mãe a abandonou e disse a todos que a filha havia sido estuprada e morta pelos Dragons. Não existe ninguém bom dessa maldita raça.

— Eu já sabia. — As palavras apenas saíram da minha boca antes que pudesse trazê-las de volta. Nunca menti para ele, mas agora não tinha escolha. Não deixaria meu irmão ir atrás de Lorenzo e Samira. Carecia de tempo para pensar no que fazer, porque se eu matasse Lorenzo, Samira nunca me perdoaria.

— Você sabia? — indagou alterado do outro lado da linha.

— Sim, por isso vim para Jersey, na intenção de conquistá-la e colocar em prática minha vingança — murmurei para Samira não ouvir. — Você não fará nada, eu cuidarei disso, não se preocupe.

— Não acha melhor acabar com todos agora? — sondou ele, parecendo

mais calmo e ansioso.

— Alexei, estou voltando para a Rússia. Conversaremos quando eu chegar aí. — Minha voz soou como se eu tivesse engolido areia, quebradiça.

— Tudo bem, cara, confio em você, sei que nunca mentiria para mim. — A sua confiança era como uma faca em meu peito.

Não a machucaria, ao menos não fisicamente; verbalmente, sim. Eu era um idiota por dizer o que precisava ser dito, mas seria para o bem dela. Protegeria Samira do meu irmão e de mim mesmo.

Ofendi-a e saí porta afora, evitando sua expressão de dor. Cada palavra foi como um tiro em meu peito. Não eram verdadeiras, o que tínhamos representava mais do que sexo, algo intenso que nunca senti no passado. Estava ferrado.

Amar não era para mim. Infelizmente, fora domado pela filha do homem que mais odiava na vida: o assassino dos meus pais.



— Nikolai! — gritou Alexei, não muito longe. — Porra, se controle, cara!

Eu pisquei, exasperado. Estava no ringue lutando contra um oponente, treinando para aliviar minha cabeça de tudo.

Desde que deixei Samira… ou Dalila, em Jersey, há alguns dias, me

encontrava fora de mim. Isso não acontecia com frequência; sempre fui bem centrado, tanto que colocava juízo em Alexei. Todavia, agora, era eu que ficava aluado e furioso com tudo.

Rodopiei, acertando Billy no estômago e Jadir na boca. Ambos os adversários caíram no chão.

— Será que não tem ninguém aqui para me enfrentar? — Ignorei Alexei, limpando o suor do rosto. Raiva era eufemismo para o que sentia naquele momento.

Eu precisava me conter, Tabitta logo estaria ali e não queria que ela me visse desse jeito. Teria uma conversa difícil com ela naquele dia. Falar sobre minha mãe era péssimo, me deixava inquieto e nervoso, com raiva de Sebastian e de mim, por não ter ficado e protegido vovó e Taby.

Estava saindo quando senti alguém pular nos meus braços. Pretendia tirá-la, pensando ser uma mulher qualquer, mas reconheci os cabelos loiros da minha irmã, Tabitta. Ela me pegou desprevenido; cambaleei para trás e pisquei algumas vezes, reconhecendo-a. Firmei-a nos meus braços.

— Que tal lutar comigo? Eu poderia chutar sua bunda — ela disse, ofegante pelo impacto.

Vendo-a ali, tão próxima de mim, pensava no quanto desejei que isso acontecesse durante muitos anos. Agora estava se cumprindo. A despeito de não ser o momento ideal, isto não estragava a alegria de tê-la comigo. Joguei

a cabeça para trás e ri.

— Eu adoraria, mas daqui a uns meses, já que está grávida — falei, deliciado, enquanto ela puxava um dos cachos dos meus cabelos.

Alguém arfou perto de nós. Não precisava olhar para saber que era Alexei. Ele temia que eu fosse engravidar uma garota aleatória, até deu uma pílula para Samira, depois que fiquei com ela sem preservativo — o que me levou a socar sua cara para que não se metesse na minha vida de novo.

— Não acredito que você engravidou uma mulher, cara. O que houve com os preservativos? — arrulhou como uma gralha. — Você estragou toda sua vida.

Revirei os olhos para não lhe bater novamente. Ele sabia o que eu sentia pela Samira, e que não havia a mais remota possibilidade de eu ter engravidado alguém. Não sei por que fingir isso, o bastardo tinha conhecimento de que Tabitta era minha irmã. Talvez ficara com medo de haver espiões ali e acabarem descobrindo quem ela era. Até semanas antes a mantivera no escuro, mas o Sebastian apareceu e estragou tudo, fazendo todos constatarem que eu tinha uma irmã, a qual era uma agente federal. Isso estava me fornecendo dores de cabeça com algumas pessoas.

Ou talvez ele estivesse me dando bronca como uma lição, para eu não me esquecer de usar camisinha no futuro. Ou, ainda, quem sabe apenas fosse um idiota gozando da minha cara em uma situação inapropriada.

Ela se afastou de mim e olhou para Alexei. Eu ri da sua expressão, como se meu irmão fosse um doido — e, com certeza, era, além de um bom ator. Queria dizer a ele que não precisava fingir, ali não havia espiões, e se tivesse, eu acabaria com os caras sem pensar duas vezes.

— Esse é Alexei, meu melhor amigo e ajudante. — Gesticulei para ele. — E também meu irmão.

Alexei pigarreou e me fitou com os olhos cheios de significado. Após, virou-se para ela:

— Tem certeza de que o filho é dele?

Eu bufei. Se ele não parasse de falar besteira, eu ia socá-lo no ringue.

— Se eu fosse namorada de Nikolai e você me fizesse essa pergunta, eu fritaria as suas bolas. — Ela sorriu.

Todos gargalharam. Foi quando notei os MCs, ou uma parte deles: Shadow, Daemon e Nasx. E Bryan também, ao lado de Jason. Lembrava-me de Tabitta dizer à Samira que iria com alguém, embora só tivesse mencionado Nasx, pelo que ouvi. Era óbvio que Jason não concordaria em a levar sem trazer proteção.

— O filho não é dele, e sim daquele homem lindo e gostoso ali. — Indicou Jason, que sorria.

Se o desgraçado não amasse minha irmã, eu fritaria seu fígado, só por pensar nela com qualquer cara, mesmo que em breve eles fossem se casar.

— Ela é o cartão vermelho — falei a Alexei, embora ele já soubesse. Minha vontade era de ordenar que parasse de brincar.

— Meu nome não é esse — ela retrucou. — Tabitta Rodrigues — apresentou-se.

— “Cartão vermelho” significa que você é intocada, tanto na Rússia quanto em toda América. — Pisquei para ela. — Tomarei um banho, e iremos para a minha casa.

Saí para o vestiário enquanto Alexei me seguia.

— Que porra foi aquilo de gravidez? — critiquei, já no chuveiro.

— Estou me precavendo caso mais alguém ouça e pense que ela é sua irmã. Alguns já sabem, mas talvez outros suponham que seja sua amante. Sendo assim, os vermes imaginam que ela não terá serventia, então não investirão em fazer mal à Tabitta.

Fechei minha cara.

— Isso não acontecerá. Tabitta está sendo protegida por Juan e Milles, bem como pelos homens de Jason. Ninguém se aproximará dela. — Vesti meu jeans após tomar banho. Eu gostava de roupas casuais, mas as usava raramente; trajava mais ternos, por viver em reuniões. Apenas durante os dois meses com Samira estive em poucas. Alexei ia a quase todas. — Caso alguém tente, elimine um por um.

— Farei isso. Mas não se preocupe, cada canto da casa está seguro —

garantiu. — Quer falar sobre você ter perdido a cabeça no ringue? Nunca machucou ninguém como hoje, ainda mais um dos nossos.

— Eu não os machuquei, foi uma luta igual às outras — esquivei-me para não falar do que estava sentindo.

— Fugindo do assunto? Não quer conversar sobre aquela…

— Cuidado, Alexei! — Cerrei meus punhos. — Minha cabeça não está em um bom lugar.

Isso não passou despercebido a ele.

— Até tem vontade de me bater por causa dela, admita que se apaixonou! Ela é o inimigo, assim como sua maldita família.

— Admitirei com minha mão na sua cara se não calar a maldita boca — rosnei com os dentes trincados. — Vamos.

Ele bufou, mas ficou calado. Deve ter visto que eu não estava brincando.



Fui para a minha casa, situada não muito longe da academia.

— Agora vamos conversar nós dois… — comecei, dirigindo-me à Tabitta, ao que Jason me cortou:

— Eu não a deixarei — sibilou.

Assenti, gostando de seu lado protetor.

Shadow e Bryan ficaram junto aos meus seguranças, enquanto Daemon e Nasx vigiavam a porta.

Seguimos para o fundo da casa, um quintal cheio de flores de todos os tipos. Eram as rosas que vovó amava. Eu sempre a observei de longe, acompanhando-a cultivar o jardim. Fiz tudo em homenagem a ela. O mar ficava logo adiante.

— Naquela noite, quando os homens do Hector estavam atrás de você, e o filho da puta do Sebastian deixou o México para buscá-la em Austin, eu supliquei para ele não ir, para deixar eu resolver as coisas, mas o que ele fez? Não deu ouvidos. — Expirei e continuei falando, fitando o azul do céu. — Fui atrás dele, mas cheguei tarde. Vovó estava no chão, sem vida. O bastardo desgraçado simplesmente foi embora e a largou lá. Olhei as câmeras para ver se ele tinha levado você com ele, mas graças a Deus, descobri que não.

Ela não disse nada, porém, a ouvi suspirar, como se fosse para se controlar.

— Quando Jacov matou minha mãe — corrigi-me, mirando-a —, *nossa* mãe, ela estava grávida de sete meses, indo para o oitavo. Com ela já praticamente morta, Sebastian cortou sua barriga e me tirou. Depois me levou a um hospital e sumiu do mapa. Passei por vários lares adotivos e fui acolhido pelos pais de Alexei. Eles realmente gostavam de mim.

— Onde estão agora? — sondou com um suspiro triste, certamente

pensando no que passei.

— Foram mortos pelos Bravatas há doze anos, então Alexei tomou seu lugar até eu completar dezesseis. Alexei não queria o cargo de chefe dos Dragons, ele nunca quis. Quando ocupei a função, fui ao México e disse ao Sebastian para ficar longe de você, que não a queria misturada nisso tudo, você merecia mais. — Omiti que os Bravatas não eram os reais assassinos. O que ela acharia se descobrisse que foram os pais de sua melhor amiga? Contudo, Samira não teve nada a ver com isso, e sim Lorenzo Salvatore e Giulia, sua esposa.

— O que ele respondeu? — sondou, se escorando em Jason.

Seria difícil para ela, mas esperava que minha irmã preenchesse as lacunas restantes.

— Não deu ouvidos! Eu devia ter impedido ele naquela época, assim o merda não teria deixado matarem nossa avó. Sebastian foi em busca de sua vingança, enquanto eu procurei arranjar um jeito de salvar sua vida. Seu ferimento em Chicago foi a gota d’água. Cacei Hector Salgado e o matei, mandando um recado a todos que se metessem no meu caminho. Coloquei um cartão vermelho em você.

Hector era o antigo chefe do cartel da família Salgado, os Lobos Solitários. Eu o matei depois que ele tentou acabar com Tabitta.

— Sebastian me disse que foi ele quem assassinou Hector para eu ficar

livre.

Corria um grande risco ao contar toda a verdade a ela, inclusive de Taby me prender. Não lutaria caso ela me levasse para a cadeia.

Ri com amargura ao pensar em Sebastian protegendo alguém.

— Com certeza estava usando você e seu departamento para chegar até Jacov. O filho da puta deve ter adorado quando você saiu das sombras. Assim que apareceu na TV e o ameaçou em público, todos os Bravatas foram para cima. Sebastian tinha provas para Jacov ir para a cadeia, mas ele não o queria preso. Ele queria vingança por ter matado nossa mãe, só pensava nisso e em mais nada. Há algumas semanas, falei para ele não envolver você. Se desejasse fazer, que fosse sozinho. Sebastian não ouviu, como sempre. Fiquei mais furioso ainda quando soube que estava grávida e no meio daquela corja de animais desgraçados. Fui até lá para salvá-la e matar os dois monstros.

— Você os matou? — Sua voz saiu duas oitavas mais alta.

Fitei o mar, ignorando seus olhos. Não queria dizer que Sebastian havia se matado e que, por um breve segundo, se arrependeu do que fez. Tinha raiva demais em meu organismo para esquecer todos os seus erros.

— Estou contando tudo isso correndo o risco de você me prender. Não resistiria, caso queira. E nenhum dos meus homens se meteria. — Entendia o perigo de revelar tudo. Por isso não voltei para Samira, porque comigo preso, ela seria um alvo fácil.

Tabitta arregalou os olhos, me avaliando para ver se eu dizia a verdade.

— Não posso prendê-lo, já que não sou mais uma agente federal. Meu chefe deve estar vendo agora a minha carta de demissão. — Sorriu. — Não nasci para ser policial. Quando atirei naquele homem em Chicago, fiquei semanas indo a uma psicóloga. Até pensei que fosse pela garota que morreu, mas não, foi tudo aquilo. Eu só me tornei policial para chegar a Sebastian. Agora que ele se foi, quero uma vida pacata, sentar em uma varanda e ver meus filhos brincando no jardim; cuidar dos meus cunhados e dos meus pequenos amores. — Alisou a barriga e sorriu para Jason. — E ser uma esposa e dona de casa em tempo integral.

Taby fizera uma apreensão de um contêiner de meninas em Chicago, e o cara atirou em uma das garotas, que acabou morrendo. Tabitta o matou, e isto a deixou transtornada. Até pensei em ir lá, mas não queria que ninguém soubesse dela e do que significava para mim, então fiquei longe, ao menos até ela sair na TV e tudo desandar.

— Você é minha linda e sonhadora esposa. — Ele deu um selinho nela e suspirou.

Gostava que tivesse alguém que a amasse como merecia. Queria sua felicidade.

Fiquei aliviado por não ir preso, assim não passaria mais um dia longe da Samira.

Ela olhou para mim.

— Você também merece ser feliz, meu irmão, ainda mais depois da vida dura que levou. Eu tive sorte de ter vovó por dezoito anos… Aquele desgraçado devia ter dado você à vovó também… — declarou. Em seguida, perguntou num estalo: — Mas me diga uma coisa: se Sebastian o abandonou ainda bebê no hospital, como depois de grande descobriu sobre ele?

Só existia uma forma de eu ser feliz: com Samira, a única mulher que me tocou fundo. Ficar com ela me traria inúmeros problemas, porém, não ligava, se a Coelhinha me perdoasse.

— Após ser adotado pelos Dragons, sempre procurei meus pais verdadeiros. Nunca tive êxito, porque ele não deixou seu nome ao me largar. Quando eu tinha quinze anos, Alexei achou alguém que foi ao hospital à procura de um menino abandonado lá há uma década e meia. Até pensei que fosse a minha mãe, mas a mulher que procurava a criança era de idade. Então Alexei, craque em computador, fez uma busca minuciosa. Descobri que tinha uma irmã e uma avó, a qual meses depois morreu desconhecendo minha localização. Também aprendi tudo sobre Sebastian e sua vingança.

— Por que não foi nos visitar, já que sabia a nosso respeito? — questionou, meio magoada.

— Para protegê-las da vida que levo. Você era vibrante e feliz, não queria atrapalhar. Decidi não interferir. — Passei as mãos nos cabelos. Foi

um erro irreparável, diferente daquele com Samira: faria o impossível para conquistar seu perdão. Eu poderia até rir disso… Quem advinharia que um dia pediria desculpas a alguém?

— Você pode mudar, se não é feliz nesta vida. — Ela tocou meu rosto.

Eu suspirei. Ser da máfia nunca me incomodou até conhecer Samira e pensar que ela era uma pessoa normal. Tendo descoberto sua verdadeira identidade, minha opinião se alterou.

— Não é tão ruim agora que Jacov se foi, espero que continue assim. Além disso, quando se está neste mundo, há uma regra que não pode ser quebrada: você entra vivo e só sai morto. — Puxei-a para os meus braços e a coloquei de frente ao pote de barro onde se encontravam as cinzas de nossa avó, que cremei para juntos jogarmos no mar.

— Isso não é justo — reclamou. — As pessoas têm direito ao livre-arbítrio.

— A vida não é justa, querida irmã. — Apontei para o pote, abstendo-me de falar acerca da minha história complicada. — Peguei o corpo da nossa avó aquele dia e o trouxe comigo. Se fosse por Sebastian, ela não teria nem um enterro. Mas não podia trazer você junto ou dizer o que tinha acontecido. Decidi cremar o corpo de vovó e, assim que nos conhecêssemos, jogaríamos suas cinzas no mar.

Assim o fizemos. Encarando a mulher realizada, perto de mim e de seu

namorado — em breve marido —, decidi que também não desistiria da minha alegria ao lado de Samira.



Capítulo 17

Samira

— Agora basta! — xinguei a mim mesma, furiosa.

Passara uma semana desde que Nikolai havia saído da minha vida. Fiquei em meu apartamento sem ir para canto nenhum, exceto ao serviço e à faculdade. Pintava direto; já tinha uns quinze quadros ali.

Em uma das obras, ilustrara uma menina vestida de negro, com seus cabelos em cascata, como ondas escuras em suas costas, rosto debruçado sobre as mãos e lágrimas caindo por sua face e entre os dedos.

Vendo essa imagem, eu tive raiva, porque estava justamente como aquela menina da pintura, sofrendo por um fodido de merda.

Eu seguiria em frente, não importando se fora rejeitada pelo homem de quem gostava.

Botei um vestido vermelho colado no corpo, um dos que Mary comprou para mim, e resolvi ir ao *shopping*. Ai daquele traste se aparecesse na minha frente, pois eu era capaz de atirar nele.

Liguei para Mary e Anabelle, fiquei de encontrá-las lá. Não falei com elas sobre o fim do meu relacionamento com o Nikolai; pretendia contar.

Meu celular tinha mais de mil chamadas não atendidas de um número internacional. Quem aquele imbecil achava que eu era? Ele me humilhava, ia para a Rússia conversar com Taby, que fora à sua procura, depois me ligava como se eu fosse ficar ao seu dispor? Que se explodisse!

Chegava ao *shopping* quando notei um carro preto me seguindo. Não dava para ver quem era dentro; parecia estar atrás de mim. Peguei uma rua para despistá-lo, e o automóvel continuou a me acompanhar.

Entrei no prédio e logo me arrependi, já que era um estacionamento subterrâneo. Fiquei no meu carro, observando uma picape preta estacionar não muito longe de mim.

Do veículo, saíram três caras. Um deles era loiro, de olhos… acho que azuis; os outros, mais morenos. Aparentavam ser russos, o que se confirmou após alguns segundos, ao falarem comigo no idioma:

— Nikolai nos mandou protegê-la — disse o de íris da cor do céu. Os três vestiam ternos caros.

Minha raiva subiu ao auge. Não me importei com quem os caras eram, só com o fato de estarem ali a mando daquele filho da puta. Fui até eles com meus punhos cerrados — imprudente e idiota, sim; nem liguei.

— Que porra dá a vocês o direito de me seguirem? — grunhi, querendo voar na cara dos três. — Se estão a mando do fodido do Nikolai, digam a ele para ir se ferrar e me deixar em paz.

O cara estreitou os olhos azuis e me advertiu com aço na voz:

— Veja como fala do chefe, sua atrevida! Fique feliz por seguirmos ordens. Se fosse por mim, lhe mandaria com passagem só de ida para o Inferno — sibilou, mortal.

Eu não sei se foi a raiva ou a adrenalina que me levou a fazer aquilo, talvez só estivesse sendo estúpida mesmo. Comecei a gritar pedindo socorro. Baguncei meus cabelos, amassei meu vestido, simulando que tentaram me levar à força.

Acredito que os deixei chocados com minha atitude.

— Maldição, mulher! O que está fazendo?

Eu não disse nada, apenas gritei mais alto para chamar a atenção dos seguranças, que logo apareceram armados. Corri na direção deles, deixando os homens de Nikolai de boca aberta.

O de olhos claros, que parecia o líder, trincava os dentes. Os outros dois foram tirar as armas, sendo interrompidos pelo chefe, que falou em russo:

— Ameacem machucá-la e Dark acabará com vocês!

Uma parte de mim ficou feliz com Nikolai se importando comigo. Todavia, não foi o bastante para impedir que os guardas levassem esses caras.

— O que foi, moça? — perguntou um segurança com a arma apontada para os três mal-encarados.

— Esses homens querem me sequestrar, por favor, não deixem isso acontecer — supliquei, fingindo chorar.

O segurança chamou mais dois colegas e levaram os caras de Nikolai para interrogatório em uma sala do *shopping*. Dei o meu depoimento e logo

fui embora dali. É claro que não ficariam presos por muito tempo: havia câmeras no estacionamento que poderiam comprovar que nenhum deles me fez nada. Eu só queria dar uma lição em Nikolai por mandar me vigiarem, após sumir para a Rússia e dizer que eu era apenas uma foda para ele.

Abandonei a ideia de comprar roupas. Avisei às meninas que eu ia para a galeria ver como andavam minhas obras em exposição. Passara uma semana sem ir lá devido ao que Nikolai me fez, mas não deixaria meu peito idiota doer, não deixaria a raiva tomar conta. Era melhor sair do que chorar sozinha em casa.

Cheguei à galeria Splendor, no centro. No trajeto, não vi nenhum carro me seguindo, ainda bem. Não queria ninguém na minha cola, muito menos homens de Nikolai. Quem ele pensava que era? Partira para a Rússia após dizer que todos os momentos que passamos juntos não foram nada, e mandava homens atrás de mim?

— Que se exploda, Nikolai! — rosnei alto com meus punhos fechados, adentrando a galeria.

— Samira, liguei para você para contar que suas obras foram vendidas a uma única pessoa — disse Divã, o gerente da galeria, aproximando-se de mim. Ele era um senhor de meia-idade, gente fina.

Pisquei, chocada e eufórica. Mas logo depois um pensamento me veio à tona; precisava saber, porque se minhas conjecturas se comprovassem, eu

mataria alguém.

— Quem? — indaguei, curiosa e tremendo, pensando ser o Nikolai.

— Um homem refinado que sabe apreciar arte, Matteo Salvatore…

Parei de ouvir no momento em que ele disse o nome do meu irmão; esqueci até de Nikolai. Torci para que ninguém me achasse, entretanto, não havia como me esconder da máfia. Meu pior pesadelo aconteceu, eles teriam conhecimento de que eu estava vivendo naquele lugar, viriam à minha procura e me levariam com eles.

— O senhor Salvatore deixou um bilhete para você — continuou, não notando minha reação ao nome.

Recebi o bilhete do meu irmão. Abri e li:

Lily,

Você não sabe o quanto sofri pensando que estivesse morta, mas, graças a Deus, descobri que está viva. Olhando para essas telas, eu vejo o que pensa do nosso mundo e do que passou nele. Prometo que a manterei segura, não deixarei que ninguém saiba que está viva, assim não precisará voltar.

Sinto sua falta e espero que um dia eu possa reencontrá-la pessoalmente para dizer tudo que não pude durante todos esses anos, após Giulia afirmar que você estava morta. Ela disse que os Dragons a mataram,

e por isso papai os assassinou, mas no final você está viva e bem.

Eu a amo para sempre, minha irmã.

MS

Meu coração quase parou de bater devido à bomba nuclear estourada.

Agora entendia o grande segredo que Nasx não quis revelar no clube dos MCs em Nova York. Lembrava-me de ele ter mencionado que os Salvatores tinham feito algo contra os Dragons, e se Nikolai soubesse acabaria com toda a minha família. Nikolai procurava por vingança contra quem matou seus pais, mas se ele não fora à máfia italiana, então acho que não sabia quem era o mandante ainda. E quando soubesse, o que iria acontecer? Eles guerreariam.

Oh, Deus! O que fazer? Por que papai agiu assim? Por que Giulia não disse a eles que eu estava viva, e que foi ela que me abandonou, além de ameaçar minha mãe adotiva para que cuidasse de mim? Não entendia o motivo de ela ter deixado meu pai matar os pais de Nikolai, se não tinham nada a ver com meu sumiço.

Quando soube que Taby era irmã dele, eu pesquisei acerca do que houve com Nikolai. Ele realmente foi adotado pelos Dragons, e Nick os adorava. Agora descobrira isso? Que meu pai matou os dele?

Eu nem vi a hora que cheguei em casa. Também não notei que não

estava sozinha até enxergar um vulto na minha sala e escutar vozes da gravação do *shopping* passando no meu *notebook*, com Nikolai sentado no sofá me assistindo bagunçar meus cabelos e chamar por socorro.

Nikolai

Minha cabeça não estava boa, nela só havia Samira, mas precisava me precaver contra a Trider, que estava fechando o cerco sobre mim. Resolveria isso para ir à América.

Fiquei sabendo que Samira não saía mais para canto nenhum, exceto ao trabalho e à faculdade. Ela sofria, e tudo por minha culpa. Isso acabava comigo a cada segundo. Uma semana longe dela foi uma tortura. Não poderia mais a machucar. Era para ter ido vê-la antes, no entanto, devia deixar tudo arrumado para o caso de a Trider entrar em ação, ou Pietro.

Depois de me despedir da Tabitta, meus problemas demoraram mais do que o necessário para se resolverem, e continuavam complexos.

Mandara Alexei tomar conta de Samira. Ele não ia com a cara dela por ser filha de Lorenzo, mas confiava que a protegeria, porque era importante para mim.

Seu irmão, Matteo, esteve na galeria onde se encontravam as obras dela e deixou um bilhete, mas não se aproximou. Parecia almejar sua proteção e felicidade, longe da máfia e dos problemas que o maldito verme do seu pai deixou.

Considerei contar a Sam que eu sabia quem ela era, contudo, seria melhor ninguém descobrir. Se isso vazasse, acarretaria mais confusão para protegê-la de inimigos de todos os lados: do pai dela, de Pietro e até da Trider. Eu era capaz de ferir qualquer um que a machucasse, e não de um jeito sutil.

Meu telefone tocou assim que entrei em sua casa. Era nosso advogado na América, avisando que Alexei, Júlio e Rudy foram presos. Na hora, fiquei furioso pensando que alguém os entregou nas mãos da polícia. Quando Robert, o advogado, me disse o que houve, quase não acreditei. Samira forjou que eles pretendiam a sequestrar. Não sei se pensou que eram realmente bandidos ou se fez isso para se vingar de mim.

Liguei para Cielo, um dos homens no qual mais confiava. Ele tomava conta de Samira no meu tempo fora. Estava com Alexei e os demais, mas em outro carro, por isso não foi preso junto.

— Chefe…

— Onde ela está? — Sabia que ele não tiraria os olhos dela.

— Na lanchonete da esquina, comendo, daqui posso vê-la — disse. —

Deixei um *pen drive* para você em cima da mesinha, no canto da sala. Nele, há as gravações da cena toda.

Caminhei até o local indicado e encontrei o dispositivo.

— Pode descansar, tomarei conta de tudo. — Desliguei.

Meu telefone voltou a tocar. Já sabia quem era antes de olhar para a tela.

— Você acredita que aquela…

— Cuidado, Alexei… — alertei-o, mortal.

— Deve saber o que ela fez comigo e com meus homens, não é? — Ele ferveu.

Sentei no sofá e coloquei o *pen drive*. Entendia a fúria de Alexei, mas não o deixaria falar mal da minha mulher.

— Sim. O advogado resolverá a situação, havia câmeras no estacionamento. Ela, sem dúvida, sabia disso, então não queria de fato seu mal, e sim se vingar de mim. — Eu me encolhi pensando na fúria de Samira assim que chegasse. — Sei que está irritado, mas se controle.

— *Me* controlar? Compreende o ódio que sinto dela? Se eu a visse na minha frente…

— Você não faria nada — falei como um aviso. — Eu disse para se manterem escondidos e discretos, mas pelo jeito não o foram, já que ela os descobriu.

— A mulher deve ter um sexto sentido, não é à toa que é filha de Lorenzo. Pode não ter sido criada na máfia, mas é precavida como um de nós — rosnou. — Onde ela está agora?

— Não importa, fique longe. Só de pensar em alguém a machucando, me dá vontade de matar. — Não queria ferir meu próprio irmão no processo.

— Inclusive a mim? — Seu tom saiu incrédulo. Ele sabia a resposta, por isso eu não disse nada.

Nunca houve algo que me levasse a levantar meus punhos para meu irmão, muito menos uma mulher. Agora, havia. Por ela, seria capaz de tudo, até de ir contra membros de minha família.

— Cielo me deu os vídeos, vou ver e depois nos falamos. — Mudei de assunto, para um rumo que não envolvesse ele a xingando.

— Sim — sibilou, seco, controlando sua raiva, uma que eu não podia fazer nada para amainar.

— Ótimo. — Desliguei.

Assisti ao vídeo dela se fazendo de vítima, descabelando-se como se houvesse sido atacada. Samira estava furiosa comigo, mas não me importei. Por essa mulher eu faria tudo, até me esquecer da vingança pela qual tanto ansiava.

Sentado no sofá, acompanhava seu teatro quando a vi entrar na sala.

— Não achei que fosse uma ótima atriz até ouvir o que fez e ver

pessoalmente estas imagens — critiquei. Por sua causa, Alexei estava furioso.

Ela ofegou de susto ao me encontrar em sua casa. Notei a culpa em seus olhos, só não sabia dizer se era por ter recebido um recado de seu irmão ou por ter feito o que fez. Esperei para ver se me contaria algo sobre sua família — quem sabe quando estivesse com menos raiva.

— Que maldição faz na minha casa? Como entrou aqui? Você tem as minhas chaves? — Gesticulou para a porta, acredito que para eu sair. — Vá embora e não volte mais.

Ignorei sua ira e continuei assistindo ao vídeo e à sua rebeldia.

Samira voou para mim. Por reflexo, eu a coloquei deitada no sofá e subi em cima dela. Prendi suas mãos no alto e sentei em seu quadril.

— Seu filho da puta! Suma daqui ou eu juro que gritarei até os vizinhos chamarem a polícia para prendê-lo, assim como os fodidos dos seus homens. — Tentava se soltar, o que eu não permitiria antes de acalmá-la.

Estreitei meus olhos.

— Você acha que isso é brincadeira? Sabe a fúria que Alexei estará sentindo quando nossos advogados o tirarem da cadeia pela acusação de sequestro? E você, por falso testemunho? Então me diga, Samira, por que fez aquilo com eles? — Expirei para me controlar.

— Por que mandou me seguirem? Aliás, por que está aqui mesmo? — grunhiu, mostrando os dentes.

Eu já a tinha visto fula no nosso primeiro encontro, mas igual àquele instante? Nem de perto.

— Você está furiosa. Tem a ver com o que eu disse quando fui embora? Tentei telefonar, mas você não aceitou nenhuma das minhas ligações.

Cheguei a ficar preocupado por Sam não me atender, apesar de Cielo sempre garantir que ela estava bem — pelo menos fisicamente.

— Aquilo foi a realidade jogada na minha cara. Eu sabia que esse dia chegaria. Agora pegue suas coisas, que estão no fundo da lixeira, e desapareça de uma vez por todas, seu desgraçado! — gritou.

Quando fui embora, deixei meus pertences ali. Minha intenção era voltar para ela, só precisava de tempo para digerir tudo.

— Maldição, Samira! Pare de falar e me ouça! — pedi.

— Eu não quero ouvir! Quero que você saia de cima de mim, seu fodido de merda!

— Porra! Só falei aquilo para protegê-la… — comecei, mas ela não me deixou terminar. De certo modo, quis resguardá-la de mim mesmo.

— Me proteger daquela forma? Me humilhando?

Eu me encolhi. Ao partir, não tive a intenção de fazê-la se sentir assim. Só queria que ficasse mais fácil de Sam me esquecer. No fundo, porém, desejava algo diferente, por isso não levei minhas roupas comigo. Era

complicado, um misto de sentimentos.

— Melhor humilhada do que morta. Se alguém descobrir que tenho um ponto fraco, um calcanhar de Aquiles, além dos meus irmãos, você estaria em perigo, e eu teria que deixar não somente um segurança aqui, e sim três ou quatro. — Era a verdade, mas isso não me afastaria dela. O que poderia ocasionar nossa separação seria outro motivo, seu sangue e sua origem. — No meu mundo, a mulher de um chefe é considerada um alvo fraco para nos derrubar, e você é este alvo, caso descubram o que significa para mim. — Não mentira: se alguém soubesse dela, eu estaria ferrado. Por isso queria que fosse morar comigo, ficaria mais fácil protegê-la.

— Então você me ofendeu para eu me afastar de você? — perguntou, chocada, e parou de lutar. — Não entendo. Por que voltou, se ninguém pode saber que tem uma amante?

Respirei fundo.

— Amante? Você nunca foi uma amante para mim, Samira. Eu só não consegui ficar longe. Mandei Alexei e seus homens para saber como estava, mas você os viu e fez isso. — Apontei para o vídeo. — Meu irmão está uma fera.

— Seu irmão é aquele de olhos azuis? Definitivamente acho que estou morta — falou consigo mesma.

Alexei não era de esconder seus desafetos. Se ele não gostava de uma

pessoa, não demonstrava o contrário, e sim o que era de fato. Esperava que um dia meu irmão aceitasse Samira, entretanto, entendia seu lado. Mas não podia me sacrificar ficando longe dela só porque ele queria isso.

Eu ri, beijando seu rosto para romper a tensão. Confiaria minha vida a Alexei; mesmo furioso e odiando-a, ele jamais tocaria na Samira, por compreender o que a Coelhinha significava para mim.

— Alexei não encostará em você…

— Eu não vou? — inquiriu o Dragon mais velho, entrando na casa. Ela devia ter esquecido a porta destrancada, embora ele soubesse abrir uma fechadura de olhos fechados. — Sabe o que tive de aturar na delegacia? Quantas horas fiquei lá… sua…

Eu me coloquei de pé e fuzilei-o.

— Cuidado!

Ela se levantou também e não vacilou nenhuma vez. Uma mulher forte. Adorava isso.

— Acha que tenho medo de você? — Foi para cima dele, mas eu segurei seu braço. Enfrentar Alexei assim não era uma boa ideia; seria como cutucar uma serpente venenosa.

— Pode me deixar a sós com meu irmão? — pedi a ela.

Samira assentiu e foi para o quarto. Eu me aproximei dele, que mirava o dormitório como se quisesse entrar lá e acabar com ela.

— Controle-se, cara. Não estou a fim de bater no meu próprio irmão — pedi com um suspiro duro.

— As coisas poderiam ser simples, irmos até lá e eliminar todo, inclusive ela. — Acenou na direção da porta. — Você precisava se apaixonar justo por uma Salvatore?

Ele tinha razão, mas a mera possibilidade de alguém machucando Samira me deixava possesso, com sede de sangue.

— Não posso fazer nada quanto a isso — afirmei, passando a mão nos cabelos.

— É claro que pode: transe com quantas quiser, e no final se dará conta de que o sentimento que nutre é só ilusão — rosnou.

Eu sacudi a cabeça.

— Gostaria de ver como seria caso você fosse fisgado por uma mulher. — Sorri, não me permitindo ficar com raiva dele. Entendia que quisesse se vingar. Infelizmente, o que sentia por Sam era muito forte, capaz de superar tudo. Ela não tinha culpa pelas atitudes de seu pai.

Alexei fez uma careta.

— Só quando o Inferno congelar. — Foi na direção da porta e me olhou. — Tem certeza sobre a garota? Vai complicar as coisas.

Ele sempre me perguntava isso, esperançoso. Eu já tomara conhecimento de que tudo se complicaria, mas não podia viver sem Samira.

Estava cansado de ficar longe, doía demais.

— Eu sei, e não vou mudar de ideia, então pare de insistir — grunhi.

— Não custa nada tentar. — Deu de ombros.

— Não quero que ela saiba que conheço sua origem. Conversarei com Samira, mas não agora. Nem sei se me perdoará por ter ido embora e falado algumas coisas que a magoaram profundamente — admiti com um suspiro duro.

Alexei arregalou os olhos.

— Nunca imaginei Nikolai, o chefe da máfia, pedindo perdão a alguém. — Sacudiu a cabeça com um resmungo. — O mundo deve estar rodando ao contrário.

Ele partiu, e eu fui enfrentar a fera no quarto. Torcia para que ela me desculpasse, e se não o fizesse, eu perseveraria até que me aceitasse. Independente de nunca haver insistido tanto em uma mulher, o errado fui eu por ofendê-la, sendo que não tinha nada a ver com o seu pai.

Samira estava no chuveiro quando cheguei ao quarto. Tirei minhas roupas e entrei, vendo aquela beleza nua, uma simetria perfeita, criada por Deus — observando-a ali, até eu conseguia acreditar em milagres.

— Linda! — Só de enxergá-la assim, eu já estava quase gozando.

Veio até mim e me beijou com ferocidade e a mesma fome que eu sentia por ela.

— Nikolai, você ficou…

— …com outra mulher? — Não precisava ler mentes para saber que era esse o seu medo. Meus lábios estavam em sua pele enquanto respondia: — Não teve ninguém, Coelhinha, só você. E vai continuar assim.

— Que bom. Promete não me magoar mais? Se quiser me afastar, basta dizer que acabou…

— Isso não acontecerá. Estou fascinado por você. Acabarei com todos os obstáculos. — Era um fato. E, com certeza, surgiria um monte deles, incluindo a família dela.

Pensaria nisso depois. Por ora, só queria desfrutar dessa mulher linda e maravilhosa.



Capítulo 18

DOIS MESES DEPOIS

Nikolai

Não podia ter sido melhor ao lado de Samira. A mulher me fazia entrar quase em combustão. O melhor jeito de descrever era: eu estava completamente feliz com ela na minha vida.

Ignorei seus motivos para não me contar que tivera notícias do irmão. Não a critiquei, afinal, eu também não revelei que já sabia sobre sua vida na máfia.

Tinha muita coisa para me preocupar: Vladimir, líder da máfia Trider, estava fechando o cerco e me deixando sem opção, a não ser acabar com ele. Em outros tempos, eu já o teria feito; agora, porém, iria à luta apenas se fosse realmente necessário.

Planejava pedir a mão de Samira em casamento. Com tudo que estava acontecendo, Pietro a querendo também, resolvi me apressar e chamá-la para morar comigo, depois casaríamos — um matrimônio no meu mundo requer muita organização, e não havia tempo para esperar por isso.

Se fosse por mim, iria para Vegas e me casaria naquele instante. Uma pena que enlouqueceria as pessoas da máfia, que tinham o casamento como algo sagrado. E também havia outro problema: para me casar com a Samira, carecia do aval do chefe da máfia italiana. Dificultava tudo, porque o *capo* Salvatore, Matteo, irmão dela, jamais me daria isso.

Evitava pensar em Lorenzo, não somente por ter matado os meus pais,

como pelas atrocidades cometidas por ele. Eu já tinha visto de tudo, claro, mas um lunático que prende crianças e as deixa crescer apenas para entregá-las a homens cruéis? Como existe alguém capaz disso? Comparava-se a Andrey Jacov, Sebastian e Pietro; eram a escória na Terra.

Encontrava-me em Kaanapali Beach, em Maui, no Havaí, no casamento da minha irmã. Descobri que o sonho dela e de Jason, desde adolescentes, sempre foi se casar ali. Eu compreendi o porquê: a vista era realmente linda, com o mar azul de um lado, e o altar improvisado do outro, na areia da praia. Ao nosso redor, havia hotéis e casas, enfeitados por coqueiros altos, deixando tudo vivo.

Eu tinha ido com Samira, mas não contamos sobre estarmos juntos, pois não queria que ninguém soubesse ainda, só se ela fosse morar comigo em Moscou.

Ela aceitou fingir por enquanto. Na verdade, quando mencionei a ideia, pareceu aliviada.

Os convidados se sentavam nos bancos dispostos no local onde seria realizada a cerimônia: os amigos da minha irmã; Lucky Donovan e o irmão dele, Ryan; e alguns outros que eu desconhecia.

Saí de perto do evento e fui procurar Taby. Todos estavam impacientes para Jason e Tabitta se casarem logo, devido ao sol quente.

— Oi, você é irmão da minha mãe. — Sorriu uma garotinha similar a

Jason, com seus olhos cor de chocolate e cabelos castanhos. — Você se parece com ela.

— Sim, e você é a Emily. — Retribuí o gesto. — É muito linda, e uma menina inteligente demais.

— Emy, pode ir brincar? Preciso falar com Nikolai um segundo — disse Thomas, aproximando-se de nós.

Ele foi o homem que cuidou da Tabitta quando ela fugiu de Sebastian. O cara a salvou, a protegeu e a amou como filha. Devia isso a ele. Thomas também se encarregou da operação que prendeu os comparsas de Andrey Jacov.

— Sei que não gosta de mim por ser quem sou, mas queria agradecer por ter cuidado da minha irmã durante todos esses anos — falei.

Notei que Alexei não se situava muito longe de mim, e Bryan, igualmente, estava à espreita, como se eu fosse brigar no casamento da minha irmã. *Bem, um chefe da máfia e um agente do FBI juntos era mais do que esquisito*, pensei.

— Eu sei quem você é e o que faz. Juraria que matou Andrey Jacov e Sebastian Ruiz, mesmo não podendo provar — comentou e olhou para a tenda. — Como um agente, preciso cumprir a lei, mas uma parte de mim está feliz por tudo ter acabado. Agora, me sinto sonhando ao vê-la casar com o único homem que amou na vida. Hoje, aqui, sou pai dela, e não um agente do

FBI. Contudo, caso algum dia eu encontre provas contra você, precisarei prendê-lo. Então se mantenha no escuro, porque odiaria trancafiar o irmão da minha filha.

Concordei. Estava animado com a alegria de minha irmã. Quanto ao resto, ninguém jamais comprovaria meus atos criminosos. Não me preocupava nesse sentido.

Procurei Taby, pois todos a chamavam. Cheguei em sua tenda e a encontrei com seu vestido de noiva. Havia mais garotas no lugar: uma morena de olhos azuis, esposa de Lucky; outra de íris negras e fios da mesma cor, casada com Ryan; e duas loiras, a primeira mulher de Bryan, e a segunda Rayla, irmã dos Donovan.

Samira estava no meio, e sempre que a olhava, eu ficava duro, a despeito do momento ser inadequado. Usava um vestido com decote em V, mostrando o vão entre os seios. Hoje, eu teria que repetir um mantra, porque vi muitos caras cobiçando aqueles peitos.

— Você já tem uma coisa nova — uma senhora disse. Reconheci a mulher que cuidou de Tabitta, Sandra era o seu nome, cônjuge de Thomas.

— Então pensamos que precisa de uma coisa azul — falou Samantha, a esposa de Lucky, colocando um broche no vestido da Taby.

— E uma coisa velha…

Taby interrompeu Angelina, a esposa de Ryan:

— Eu já tenho a coisa velha. — Ela levantou o anel. — Jason me deu antes de nos separarmos, há mais de nove anos, então conta, não é?

Samira sorriu, lembrando:

— Agora falta algo emprestado.

Interrompi-a finalmente adentrando a tenda improvisada, feita por um toldo e lençóis brancos. Senti Samira tensa, respirando com dificuldade quando passei próximo a ela. Eu quase ri, mas me mantive focado nos olhos brilhantes de Taby.

— Eu tenho algo emprestado para você, querida irmã. — Coloquei uma corrente com um pingente de coração em seu pescoço. — Era da nossa mãe. Há uma foto de você bebê junto com ela sorrindo. Acredito que estava feliz por tê-la. Eu a carrego comigo desde sempre.

— Obrigada — agradeceu, emocionada.

Thomas chegou e a levou para fora da tenda. Eu fiquei para trás. Após todos saírem, puxei o braço da Samira.

— O que foi? — sondou, olhando ao redor. — Alguém pode nos ver.

— Se mais alguém olhar para a porra desse decote, eu sou capaz de matar um. Por que veio com esse vestido? — Trouxe-a para mim e beijei sua boca aberta antes de ela responder.

Apertei sua bunda, pressionando meu pau duro contra sua barriga, e devorei seus lábios quase a ponto de doer, excitado.

Em seguida me afastei, deixando-a ofegante.

— Você é minha, Samira, e só eu posso ver esse corpo.

Saí da tenda para evitar consumi-la ali mesmo.

Avistei minha sobrinha e a irmã de Angelina como damas de honra.

Eu e Samira éramos os padrinhos. Ao meu lado, já perto do altar, ela corou.

Jason e Tabitta declararam seus votos.

— Desde que eu tinha dezesseis anos, sonhava com um amor que me enxergasse como eu era por dentro, e não meus vestidos largos de vovó. — Ela estava de frente para Jason. — Igual acontecia nos livros. Quando me apaixonei perdidamente por você, Jason, e soube que sentia o mesmo por mim, me vi realizada. Você era mais do que eu merecia. Agradeço aos céus por finalmente conseguir um amor que transcendeu o tempo. Acredito que vamos ficar juntos para sempre.

Ela chorava ao terminar de falar. Depois foi a vez dele:

— Algumas pessoas celebram um ano que virá, ou um presente que ganham. Eu celebro o dia em que a conheci, porque quando você entrou em meu mundo, eu estava perdido, sem rumo e sem direção, mas seu amor trouxe de volta as cores à minha vida. Você me ensinou a amar e ser amado. — Ele sorriu. — Eu prometo amá-la enquanto eu respirar neste mundo. Prometo amá-la para sempre, minha Borboleta azul.

Tabitta já estava nos braços dele antes do padre dar a bênção. Fiquei feliz pelos dois.

Após a cerimônia, eles foram dançar na pequena pista improvisada, e eu me sentei com Alexei.

— Eu acho que não vai querer ver aquilo. — Meu irmão sorriu, olhando para a mesa atrás de mim.

Eu me virei e vi Jordan cercando Samira. Ele ria, doido para ter o que era meu. Parecia um surfista loiro. Seu pai era James Johnson, um cantor de rock cujas músicas intensas tratavam de amor, perdas, dor e corações partidos — aquele amor que foge por entre nossos dedos e não somos capazes de recuperar.

Levantei-me e fui na direção deles. Samira arregalou os olhos para mim.

— Nikolai…

— Vamos — chamei, controlando minha raiva.

A porra do ciúme era uma bosta. Sempre quis matar apenas assassinos e estupradores, mas o ciúme também me dava tal vontade.

— Eu…

— Agora, Samira! — cortei-a.

— Ela não quer ir com você. — Jordan se ergueu, pondo-se à minha frente.

— É melhor ficar fora disso — sibilei, com minha paciência se esvaindo. — Não sabe onde está se metendo.

— Nikolai, vamos. — Sam se colocou de pé e me pegou pelo braço, olhando ao redor como se checando se alguém estava vendo. Eu já não ligava para nada.

Bryan chegou e ficou à direita de Jordan.

— Vá, Jordan, Lucky quer conversar com você. — Não pareceu um pedido.

— Certo, cara — assentiu, meio confuso.

Bryan franziu o cenho para mim e Samira.

— Vocês estão juntos? — Não pareceu uma pergunta.

Minha Coelhinha apenas suspirou, envergonhada.

— Isso não é da sua conta, mas sim, estamos — respondi.

— Jordan é um cara legal, ele não teria se aproximado dela se soubesse que tinha namorado — explicou.

Eu assenti e saí com Sam da festa. Não estava com cabeça para mais nada, só queria me enterrar nela e esquecer esse aperto no peito. E foi o que fiz naquela noite.



Olhei para a mulher debaixo de mim, tão linda com seus gemidos, que

aumentavam a cada estocada. Suas unhas se cravavam em minha pele, aposto que ficariam marcas; não me incomodei, pois adorava sua fome.

— Mais forte, Nikolai — gritou, segurando minhas costas.

Eu sorri e beijei seu rosto.

— Quer mais do meu pau? — Nunca imaginei que pudesse amar tanto alguém.

Sam corou. Essa cor era linda em sua pele de pêssego.

— Sim…

Eu saí dela, fazendo-a ronronar em crítica.

— Vire-se e fique de quatro — ordenei.

Fez o que mandei.

— Agora segure na cabeceira da cama e não solte por nada.

Assim que ela se posicionou, eu enfiei meu pau duro em sua boceta apertada, ao que gritou em adoração.

— Nick…

— Isso, minha querida Coelhinha, gema o meu nome enquanto fodo essa sua bocetinha gostosa. — Peguei um pouco de seus cabelos na minha mão direita e puxei-os para trás, fazendo-a gemer de novo. Acelerei os movimentos, com minhas bolas batendo em sua bunda. — Você queria ser fodida com força? — Coloquei minha mão esquerda entre suas pernas e esfreguei seu clitóris. A garota explodiu e logo se desmanchou em minhas

mãos.

Beijei sua boca ao gozar tão forte que fiquei até mole. Ela caiu na cama, comigo ao seu lado. Sorrimos.

— Obrigada. — Fitava-me meio bêbada.

Beijei suas pálpebras. Ela estava um pouco bronzeada, porque passeamos pelo Havaí. Tínhamos chegado no dia anterior. Jamais a vi tão feliz.

Samira ficou grilada com a cena no casamento, provocada pelo meu ciúme, mas depois que a fodi, esqueceu-se de tudo. Entendeu que nunca tive algo parecido com o que tinha com ela, e que essa mudança me abalou no início.

— O prazer foi meu — respondi, tentando estabilizar minha voz. — Quer vir morar comigo?

Ela arfou, afastando-se de mim e me encarando, surpresa. De todas as expressões que gostaria de ver em seu rosto, o choque não era uma delas. Já estava querendo que ela morasse comigo há algum tempo, apenas aguardava o momento certo para sugerir.

— O quê? — Sua voz saiu aguda no quarto.

— Quer morar comigo? — repeti, pensando que entendera errado, apesar de que fui claro como água.

— Eu entendi. — Sentou-se na cama com os pés no chão e me fitou. —

O que quero saber é por que você deseja que eu more com você.

Eu ri, me sentando também e colocando as mãos nos meus cabelos.

— A maioria das mulheres ficaria em êxtase diante de uma proposta dessas — comentei.

Franziu a testa.

— Achei que ficassem em êxtase ao serem pedidas em casamento — contra-argumentou.

Arqueei as sobrancelhas.

— Você quer se casar? Podemos fazer isso — falei, embora não soubesse como, porque Matteo Salvatore jamais daria sua bênção a nós dois. Se fosse outra pessoa qualquer, eu eliminaria para ficar com ela, mas não poderia acabar com sua família.

Sam se levantou e vestiu minha camiseta.

— Não quero me casar no momento, Nikolai. Eu tenho um sonho, uma carreira aqui na América, não posso desistir disto — sussurrou com a voz fraca.

Eu suspirei.

— Então não quer se casar comigo porque tem algo melhor? Não me ama o suficiente? — Sentia raiva por ela preferir sua faculdade e sua arte, mas uma parte de mim reconhecia que eu estava sendo egoísta; não negava isso. Queria minha Coelhinha do meu lado em Moscou, segura, e não longe,

onde não saberia o que acontecia com ela.

— Não é algo melhor, Nikolai, mas diferente. Ser uma grande artista é meu maior sonho, almejo colocar minhas obras em vários lugares do mundo.

Agora eu ficara irritado comigo por magoá-la.

— Tem razão, eu fui idiota. Arrependo-me de pedir. Por querer você comigo, acabei sendo egoísta. — Aproximei-me dela. — Queria você do meu lado porque tenho que voltar para Moscou hoje.

— Se eu não for junto, vai me deixar? — Mordeu os lábios como se quisesse chorar.

— O quê? Não! — Puxei-a para os meus braços. — Coelhinha, eu preciso ir porque devo resolver uma coisa. É claro que queria levá-la, mas jamais terminaria com você só por não conseguir me acompanhar. — Beijei seus olhos úmidos. — Apenas resolverei esse problema e voltarei para cá.

— Jura? — Expirou no meu pescoço.

— Sim — prometi, jogando-a na cama e me enterrando nela outra vez. Com essa mulher, eu estava no Céu, mesmo sabendo que depois de morto pertenceria ao Inferno.



Capítulo 19

MESES DEPOIS

Samira

Em todo esse tempo saindo com Nikolai, eu não tinha ido para Moscou, na sua casa — na verdade, estava mais para uma mansão, com três andares e repleta de vidros que iluminavam o ambiente, deixando o lugar alegre. O portão era de ferro grosso, vigiado por homens armados, atentos a tudo à sua volta.

Durante esses meses, Nikolai vinha me chamando para morar com ele ali, mas sempre tive dúvida, não em relação a ele, claro, por quem era louca, e sim por ter de abandonar tudo que construí na América, vivendo naquela vida de mafioso novamente. Só de pensar nisso, eu tremia por dentro.

Entretanto, por Nikolai, era capaz de deixar tudo, até os meus sonhos. Quase seis meses juntos, contando a partir do nosso primeiro encontro, e eu já não podia me ver sem ele. Quem diria que eu aceitaria viver uma realidade que odiava apenas por amor? O inevitável aconteceu; eu me apaixonei por ele de forma irrevogável.

No dia anterior, quando disse que o visitaria porque precisava lhe contar uma novidade, estranhei sua voz, como se não estivesse se importando comigo indo lá ou não. Decerto me enganara, porque, ao nos amarmos em nossa cama, eu sentia que ele me queria. Nick não me pediria para viver com ele se não me amasse também. Com certeza devia ter acontecido algum problema, já que ele era o chefe e tudo sobrecarregava-o.

Nosso tempo juntos foi maravilhoso. No entanto, nenhuma vez ele disse que me amava. Logo, eu também não falei, pois não queria ser a primeira. Mas pretendia revelar a ele hoje, acompanhado da notícia de que estava grávida.

Fizera exames alguns dias atrás depois de não menstruar. Obtive os resultados: estava de quase doze semanas. Na hora fiquei chocada, não pensava em ser mãe, mas ao saber que tinha uma vida ali dentro, as coisas mudaram. Pulava de alegria, ansiosa para dizer ao Nikolai; ele estava louco querendo filhos.

Depois de vê-lo, esperava ir à cidade onde fui criada para visitar minha irmã, Lúcia. Guardava algumas lembranças ruins de Moscou, porque foi ali que minha mãe biológica, Giulia, me deixou. Felizmente, isso não me tirava a alegria de estar com Nikolai e de ser mãe em breve.

A felicidade de contar sobre o nosso bebê era tanta que não ligava para as memórias. Torcia para que ele ficasse contente, tanto quanto eu. Estava um pouco nervosa porque, quando transamos pela primeira vez, o seu irmão idiota deixou os comprimidos para eu tomar caso engravidasse.

Nikolai disse que se eu engravidasse nós dois criaríamos a criança juntos, aliás, até insistia para eu lhe dar um filho. Era eu quem supunha não estar pronta para ser mãe. Quando Nikolai visse o ultrassom, amaria nosso bebezinho.

Eu não conhecia nenhum dos homens armados. Sempre que Nick ia na minha casa, ele estava sozinho, jamais acompanhado de seus capangas. Acho que confiava demais no seu poder, afinal, irradiava isso à distância.

Eles me deixaram passar, cientes de que Nikolai avisara sobre minha chegada. Um homem loiro me levou até a mansão. Eu não fiquei babando pela mobília francesa e luxuosa, pois estava acostumada a ver isso na casa de Giulia antes de ela me abandonar.

Era manhã ali na Rússia; pegaria Nikolai na cama e poderíamos comemorar nosso bebê. Só não esperava o encontrar com uma loira dormindo ao seu lado.

Ao entrar e os ver juntos, a dor foi tão forte que não respirei por alguns segundos. Nikolai mentira a respeito de não ficar com mais ninguém.

Eu quase ri. Por que imaginei que seria diferente? O chefe da máfia vivia cercado de mulheres lindas; não escolheria justo a mim entre elas. Por isso ele nunca disse que me amava, porque não sentia isto. Nunca sentiu.

Ele se remexeu na cama e apertou seu braço direito, que estava sobre a garota, e a beijou na testa.

— Bom dia, linda. — Soava rouco pelo sono ou desejo, eu não sabia. A menina não se mexeu; devia estar dormindo.

Ele fazia o mesmo comigo sempre que dormíamos juntos após transar. Eu amava esse lado amoroso de Nikolai. Pelo visto, ele mentira sobre isso

também ao jurar que não tratava outras garotas assim. Eu, tonta, acreditei.

Ofeguei alto, levando-o a se sentar na cama e me fitar parada perto da porta, em choque.

— Oh, Coelhinha! Chegou para a festa. Quer se juntar a nós? — perguntou, sorrindo.

A loira linda sentou na cama e segurou o lençol para se cobrir; com certeza estava nua. Ela me olhava com uma pontada de raiva e tristeza.

Não respondi devido à surpresa, incapaz de formular uma palavra concreta. Como ele ousava me chamar para me juntar a ele? Nikolai era um escroto miserável que só pensava em si próprio.

— Não vai dizer nada? Só ficará aí, olhando para mim como se *eu* tivesse traído *você*?

Suspirei, mas doeu, porque ele tinha feito isso da pior forma possível. Se não me queria, era só ter dito, em vez de montar esse *show* e me deixar pegá-lo com outra… Precisava me recompor dessa bomba jogada na minha cara.

— Você mentiu… — consegui elaborar, segurando o choro. Não desabaria na frente dele; Nikolai não merecia ver como me destruiu com suas mentiras deslavadas.

O maldito arqueou as sobrancelhas, debochando de mim.

— Sobre o quê? Seja específica. — Era frio e zombeteiro.

— Você disse que, enquanto estivesse comigo, não ficaria com outras — sussurrei. Falar isso em voz alta fez eu me sentir uma completa idiota por ter acreditado cegamente em um mafioso.

Ele riu, sem se importar com o que eu estava sentindo.

— Oh, sim. Veja bem, Coelhinha, contarei uma história a você; acredito que já a conheça. Quando eu era bebê, fui adotado pelos Dragons. Eles me amavam muito, até serem assassinados pelos malditos Salvatores. Aquele desgraçado do Lorenzo os eliminou, porque achou que eles tinham matado a filha dele. — Levantou um papel, o mesmo que Matteo me enviou. — Mas você sabia disso, não é? E não me contou.

Faltou ar nos meus pulmões. Então ele havia encontrado o bilhete? Por que não me disse nada? Em vez disso, me forçou a presenciá-lo com outra. Ou talvez já soubesse e só me usou para seus fins vingativos.

Nikolai continuou, uma vez que eu não conseguia falar.

— Lorenzo pensa que matamos e estupramos a Dalila, ou seja, você, e para se vingar, ele assassinou meus pais. — Suas mãos estavam em punho. Era possível ver que os nós dos dedos se destacavam ao se levantar, dando um passo até mim.

Afastei-me, amedrontada. Nunca imaginei que temeria Nikolai, mesmo sabendo do que ele já fez e fazia em seu submundo. O cara diante de mim era vingativo, e não o homem que eu amava e que me salvou da máfia russa uma

vez.

— Acredita que Lorenzo Salvatore fez uma seita para se vingar, usando garotas inocentes? — Avaliava-me com ódio.

Ele tinha razão quanto a eu ser filha de um chefe da máfia. Já era para eu ter revelado meu segredo a Nick. Tive medo de Lorenzo descobrir e o matar. Fiz isso para protegê-lo.

— Seita? — Havia algo entalado em minha garganta. Fora a dor que ameaçava me derrubar.

Ele estreitou os olhos diante do meu tom neutro. Controlava-me com dificuldade. Algo em mim dizia que eu não ia gostar do que ele tinha a contar sobre meu pai.

— Ele começou a sequestrar crianças e as manteve presas e virgens até que completassem dezenove anos, para depois entregá-las aos homens que as estupravam antes de matá-las. — Sua voz era dura como ferro. — Os MCs da Fênix derrubaram o antro de perdição, mas isto não muda o que Lorenzo fez com essas garotas e com meus pais.

Custava a acreditar que o homem que um dia amei fazia essas coisas. Bem, na máfia não havia bondade… a crueldade estava impregnada nele, mas isso? Passara dos limites.

Oh, Deus! Era mais do que desumano. Como papai pôde agir assim com crianças só por algo que eu disse? Lembro-me de pedir a ele para não

me deixar casar nova, e sim com dezenove anos; ou, se casasse, que obrigasse o meu futuro marido a me manter virgem até lá — pois, quando adulta, fugiria. Então era minha culpa o que houve com essas meninas? Ele era um monstro!

— Sim, ele é — reiterou Nikolai.

Eu não sabia que tinha dito esse final em voz alta.

Mirei seus olhos azuis, tão escuros e distantes.

— Você sabe quem eu sou desde quando? Antes do bilhete ou depois? — Uma suspeita terrível surgiu e tudo dentro de mim gelou, temendo pelo pior.

— Quando eu descobri que você estava viva e que tinha outro nome, eu fui para Trenton observá-la e fazê-la se apaixonar…

— Então se aproximou por uma maldita vingança? — Ouvir isso da boca dele estava acabando comigo.

Selou a confirmação:

— Sim, eu sabia que passava todos os dias àquela hora, e fiquei lá para que pudesse me ver e se interessar por mim… Planejava abordá-la, mas você me procurou antes. E nunca me contou que era uma maldita Salvatore! — rosnou. — Eu perguntava direto se tinha algo para me dizer. Esperava que mencionasse o bilhete do seu irmão.

— Você sabia sobre mim e do que Lorenzo fez e não me revelou nada.

Agora vem me acusar? — sibilei com raiva e dor, sentimentos nada bons. — Viajou um maldito oceano para se vingar, em vez de ir lá e acabar com ele.

— Se a puta de sua mãe não tivesse dado você a outra família, os meus pais estariam vivos! — gritou.

— Lamento pelo que houve com seus pais, mas eu não tive culpa. Você não tinha o direito de se aproximar de mim e me fazer amá-lo para depois… — Gesticulei para a garota ainda na cama, calada. — Me fez desistir dos meus sonhos, e tudo para quê?

— Você precisava sofrer tal qual eu sofri. Sabe o sacrifício que foi ficarmos juntos? Dormir e transar com a filha do homem que matou meus pais? Nem com todas as mulheres com quem estive depois eu consegui fazer sumir seu toque repugnante e poluído — disse entredentes. — Não entende minha repulsa ao tocá-la. A raiva de vê-la todos os dias e não a matar.

Dei um passo para trás, como se ele tivesse me batido no rosto. Doeria menos do que essas palavras, que ficariam gravadas no meu cérebro para sempre. Isso explicava ele, um homem elegante e cercado de tudo, transar comigo. Quando olharia para mim sem segundas intenções? Nikolai jamais se apaixonaria por alguém como eu, uma simples estudante, filha do assassino de seus pais.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Não consegui segurá-las para esconder a dor dele, estava visível em meus olhos. Eu me virei e saí correndo.

Nunca fui tão destruída como nesse momento, e ficou pior porque assim que passei pela sala, Alexei entrou com uma garota em cada lado.

— Trouxe mais duas para a nossa festa — disse ele ao Nikolai, que me seguiu.

Estava prestes a vomitar com toda aquela maldita orgia.

— Coelhinha…

Parei na porta e olhei para Nick perto da escada, sem camisa e de short. Tudo em mim morreu, e foi ele que matou.

— Nunca mais me chame assim. Isso saindo de sua boca me dá nojo! Quando o conheci, achei que era o cara certo para mim, mas me enganei… Você não é e nunca será. — Ri com amargura. — Era bom demais para ser verdade. Como um homem como você se apaixonaria por mim?

— Eu…

— Cale a sua maldita boca! — esbravejei, não me importando com seus capangas por perto. — Já me matou hoje ao dizer aquelas palavras, mais do que ao sair fodendo por aí. Você nunca mais me verá. Não quero lembrar que existe, nem você, nem a escória da máfia Salvatore. Que todos vão para o Inferno! — Fitei-o de cima, não abaixaria a cabeça agora. — Não queria que eu o odiasse? Pois conseguiu. A partir de hoje, você está morto para mim.

Eu respirei fundo e continuei:

— Não contei nada sobre quem eu era para protegê-lo deles, e não por

medo de perdê-lo ao descobrir quem eu sou. Se eles soubessem, não existiria mais nós dois. Meu destino seria selado, e da máfia só sairíamos mortos. Mas se deseja vingança, diga a eles quem eu sou, assim me obrigarão a casar. Apenas saiba que, antes disso acontecer, eu prefiro morrer.

Corri porta afora sem saber como ir embora. Fora até ali de táxi, mas o dispensei pensando que ficaria o fim de semana com Nikolai… Fui estúpida por confiar naquele cretino desgraçado! Como um ser humano era capaz de tamanha crueldade?

Queria sumir, desaparecer do mapa; mesmo com isso, a dor nunca iria embora. *Oh, Deus! Uma maldita vingança!* Suas palavras estavam entranhadas em meu cérebro, consumindo-o.

— Seja forte pelo seu filho — falei a mim mesma.

Avistei um carro cuja chave se encontrava na ignição, para a minha sorte. Liguei e parti, nem um pouco interessada em saber a quem pertencia, somente pisei no acelerador.

O portão se abriu para eu sair. Acho que pensaram que era o dono do automóvel.

Pretendia visitar minha irmã, contudo, depois do que aconteceu comigo, não tinha ideia do que fazer da minha vida. Eu saí da faculdade e do meu emprego pelo sonho estúpido de viver com Nikolai. Agora perdera tudo isso, inclusive ele também. Restara apenas o meu bebê.

Distante e com lágrimas nos olhos, só vi que estava sendo seguida quando os tiros soaram contra a lataria. Fiquei feliz pelo carro ser à prova de balas, ou eu já era.

Será que ele resolveu me matar? Não foi o suficiente me machucar, enfiar as mãos em meu coração e esmagá-lo? Pelo visto, não, lamentei. Segurei minha dor, concentrando-me no momento.

Talvez fosse o pessoal do Nikolai, ou até do Lorenzo. Senhor, como eu pude chamar aquele homem de pai? Alguém que sequestrou meninas? O pior de tudo era entregá-las aos seus homens, matando-as depois. Desumano! Ele se tornou um maldito pedófilo.

Acelerei mais o carro para fugir desses caras, mas eles eram bons, devo admitir. Não podia deixar me pegarem, precisava arranjar um jeito de sair dessa pelo meu filho. Ele era o único que me faria ter forças para seguir em frente após essa queda na minha vida.

Um telefone tocou, e não era o meu; não estava solto, e sim enfiado no painel do carro luxuoso. Eu já tinha visto esse modelo de automóvel antes, nas revistas — *Koenigsegg*[1] *é o nome, acho,* pensei. O dono deveria estar surtando por eu ter pego o veículo.

— Coelhinha? Responda. — Sua voz saiu rouca do telefone assim que apertei o botão verde. — Você está grávida?

Houve um tempo em que eu gostava de ser chamada assim. Naquele

momento, apenas parecia que ele estava arrancando mais o meu coração.

Eu me amaldiçoei por dentro; decerto deixei a ultrassonografia cair ao sair correndo de lá.

— Não se preocupe, pois ele não é seu! Pode ficar tranquilo que não vou atrás de pensão, eu não quero seu maldito dinheiro!

Ele suspirou.

— Traga o carro e vamos conversar, Samira.

— Conversar? — Tiros foram dados novamente, me fazendo estremecer. — Não temos mais nada a dizer. Repito: este filho não é seu! Pai não é quem faz, e sim quem cuida…

— Samira, pare de falar. — Assustado, sua voz tremeu. — Isso são tiros?

Olhei para o retrovisor, vendo-os cada vez mais perto. Tentavam atirar nos pneus. Ainda bem que o carro em que eu estava era veloz.

— Como se você não soubesse que eles são seus homens, seu desgraçado! Por que não me matou enquanto eu estava aí? Se queria se vingar, devia ter puxado o gatilho você mesmo…

— Pare de falar e ouça…

— Não escutarei nada! Vá para o Inferno. Aliás, todos vocês! Sairei desta e, juro por Deus, não quero ouvir falar de você de novo — rugi. Não estava com tempo e paciência para discutir com ele, agora precisava ficar

livre e sobreviver a essa perseguição.

— Só se cale um segundo. — Exasperou-se.

— Não me mande calar a boca! — rosnei. Ia desligar, mas não encontrava o botão do aparelho. — Como se desliga essa maldita coisa?

— Aperte o botão azul. E se você estragar meu carro, eu mesmo a mato — Alexei ameaçou.

— Alexei, fique quieto — ordenou com um tom que não deixava espaço para discussão.

— Você é quem precisa se calar e me deixar em paz — sibilei, chorando tanto de dor como de raiva. — Maldição! De todas as formas que pensei que morreria, um acidente de carro em meio a um tiroteio não era uma delas.

— O que está acontecendo? — perguntou Alexei, com certeza preocupado com seu carro, e não com a minha vida. Sem dúvida, ele queria que eu morresse. Agora entendia seu ódio em relação a mim: era a filha do homem que assassinou seus pais.

— Estão atirando nos pneus, acho que para fazer o carro capotar comigo — choraminguei.

— Aperte o botão perto do volante. É uma proteção que fiz caso isso acontecesse. Se eu estivesse aí, mataria esses desgraçados! — urrou Alexei.

— Oh, oh, oh, mas que porra! — gritei, observando a barricada diante

de mim.

— O que foi, Samira? — Nikolai indagou, temeroso. — O que aconteceu? Estamos seguindo o seu carro, logo estaremos aí.

— Estão me cercando — sussurrei. — Mas prefiro ser pega a ver você de novo!

— Esses homens a matariam sem perder uma noite de sono…

Interrompi-o, furiosa:

— E você não? Quer saber? Eu não vou morrer aqui, não antes de sumir da Rússia.

Olhei para o lado e vi árvores entre as quais o veículo caberia, então virei de uma vez, quase capotando. Entrei na mata, desviando dos troncos. Os bandidos pararam na estrada e me seguiram a pé com suas armas.

— Samira? Me diga o que houve. — Ouvi impotência em seu tom.

— Entrei na mata, oh, merda! Tem o mar à frente, e eles ainda estão atrás de mim. — Isso explicava o fato de virem a pé. — Você devia ter me fuzilado na sua casa, assim eu não morreria desta maneira. — Quando ficava nervosa, falava demais.

— Estamos a alguns minutos daí. — Soou urgente e preocupado. Eu devia estar imaginando coisas, porque ele me odiava e desejava que eu morresse.

— É isso! — Animei-me com uma ideia que tive.

— O que aconteceu para estar feliz sendo seguida? — retrucou Alexei.

Não respondi até parar na beira do penhasco. Abri a porta para sair, mas precisava dizer algo.

— Lamento pelo que vai acontecer com seu carro, Alexei. Não me resta opção — falei a ele.

— O que fará, Samira? — questionou Nikolai com terror na voz.

— Não estrague o meu carro, porra!

Eu suspirei. Forjaria minha morte, era uma boa hora para isso. Contudo, não seria cruel a ponto de não contar a Nikolai, por mais que ele não tivesse pensado em mim. Não o deixaria se sentindo culpado.

— Samira e Dalila morrerão neste momento, e uma nova pessoa renascerá longe de todos vocês. Malditos sejam os Dragons e os Salvatores. Criarei meu filho sozinha; serei sua mãe e seu pai, e ele nunca conhecerá suas origens e como foi concebido. — Eu expirei. — Um dia você foi meu mundo inteiro, Nikolai, e ainda é, mas farei tudo que puder para o tirar do meu peito e da minha alma. Adeus!

— Coelhinha…

Desliguei. O aparelho começou a tocar de novo. Sem me importar, puxei o câmbio do carro para fazê-lo ir para a frente do penhasco, caindo com um estrondoso barulho ao bater nas rochas e explodir.

Eu me virei e corri para a esquerda, de modo a me esconder antes que

os bandidos aparecessem e descobrissem que eu não estava no interior do automóvel. Não olhei para trás, deixando tudo de mim.



Capítulo 20

UM DIA ANTES

Nikolai

— Como está a Trider? Ainda em silêncio ou Vladimir fez algum movimento? — perguntei a Alexei.

Estávamos na Rússia. Seria mais seguro trazer Sam para viver comigo somente após saber o que Vladimir planejava. Três dos nossos pontos do porto foram pegos há algumas semanas por ele, e Alexei os conseguiu de volta.

Meu irmão agarrou meu braço e me encaminhou ao quarto; levando o dedo aos lábios, me mandou ficar calado. Eu devia bater nele, mas seu tom era sério.

— O quê?

— Shhh… — sussurrou, como se não quisesse que ninguém ouvisse.

Estreitei meus olhos.

— Alexei, que droga está fazendo? — Se ele não abrisse a boca, eu perderia minha paciência.

— Mirian é uma infiltrada da Trider — respondeu, fechando a porta.

— Mirian?

— A empregada. Não sabe quem é? — criticou com um suspiro exasperado.

— Essa é a sua função. Não pesquisou sobre ela antes de contratá-la? — acusei-o.

— Tudo foi falsificado por alguém muito bom. Quando colocar minhas mãos nele, acabarei com o maldito — rosnou.

— Você a prendeu? Preciso ter uma conversa com ela. — Nunca espanquei uma mulher; eu as torturava mentalmente, e não de modo físico.

— Não…

— Não? — Minha voz se elevou um pouco, então diminuí: — Posso saber por que ela não teve o que merece?

Ele não ligou para minha ira. Estava enraivecido, assim como eu, mas não sabia se era pelo mesmo motivo.

Alexei sempre foi bom em contratar pessoas fiéis, e não um qualquer que quisesse me derrubar no final, porque havia muitos destes.

— Vamos bolar um plano. Eu a ouvi contar a alguém com quem falava ao telefone que você se apaixonou por uma americana, e que esta mulher chega amanhã. — Endureceu. — Você a trará para morar aqui? Pensei que disse que Dalila não viria.

Eu suspirei.

— É a ideia, mas ela não quer, então não vou obrigá-la. Samira só ficará conosco por uns dias — respondi enquanto checava a mensagem que ela me enviou.

“Vou passar um tempo com você”. Estava escrito assim. “Um tempo” significava que ela não ficaria para sempre comigo, mas eu me contentei com

isso. Porém, ciente do novo problema, seria melhor que ela não viesse.

Vladimir era mais perspicaz do que imaginei ao infiltrar seu pessoal dentro da minha casa. Veríamos como agiria quando eu mandasse um cadáver de presente para ele.

Como me descuidei tanto? Minha segurança sempre foi cerrada, por que não antecipei isso? Talvez por viajar com frequência… Não me arrependia: isso me trouxe Sam. Esses caras não poderiam colocar uma mira sobre ela.

— Maldição! — praguejei, furioso e com os punhos cerrados.

— Você precisa fazer uma escolha, Nikolai. Eu não ligo para ela… ei, me deixe terminar — emendou logo que bufei. — O que quero dizer é que se a Trider descobrir quem de fato é Samira, filha do bastardo do Lorenzo Salvatore e de sua mulher, vão caçá-la. Isso sem contar com o imundo do Pietro.

O que fazer agora? Eu queria Samira do meu lado, sim, mas minha prioridade era sua segurança. Ela nunca teria paz comigo, e também seria difícil para realizar seu sonho.

Ademais, os Salvatores saberiam que minha Coelhinha estava viva. Se Matteo já descobrira e não dissera nada a ninguém, havia alguns conflitos na família dele. Enzo, o tio dela, era um maldito verme imundo, pior que Lorenzo. Só de imaginar Samira perto de gente assim, me dava vontade de

matar todos.

Alexei me mostrou os vídeos das câmeras de quando Giulia a abandonou. Sua vida protegida da máfia vinha há mais de doze anos. Eu que não estragaria tudo só por não suportar a ideia de viver longe dela. Não teria outro jeito.

Lembrava-me da mamãe dizendo que, pela felicidade de um filho, ela seria capaz de matar e mentir. Giulia acabou fazendo isso, e Samira teve uma vida plena com pessoas que amava.

Por ela, eu também faria esse sacrifício.

— Você conseguiu descobrir o motivo de Giulia tê-la deixado? E por que Matteo Salvatore foi ver as obras dela em Jersey, mas não se aproximou?

— Não, mas tenho uma suspeita. Naquele tempo, as leis da máfia eram outras, as meninas se casavam com dez anos, ou seja, Dalila…

— Samira — corrigi; para mim, seu nome era esse.

— Que seja. Ela tinha dez anos na época em que foi abandonada por sua mãe, que forjou sua morte. Acredito que a salvou de ser entregue a um homem qualquer.

— Mas Matteo Salvatore mudou as leis, agora as mulheres se casam com dezoito anos.

— Sim, mas se todos soubessem que ela está viva, seria acusada de traição por não ter voltado à família e forçada a se casar com quem

escolherem, afinal, ela tem vinte e dois anos. Para eles, passou da hora de arranjar marido.

— Isso não está acontecendo — sibilei. — Ninguém saberá sobre ela.

— O que pretende fazer? Você já viaja direto para a América, mais do que nunca, alguém suspeitará, incluindo o irmão dela. O *capo* não dará sua bênção; é mais fácil obrigá-la a se casar com outro da sua raça. — Arqueou as sobrancelhas para mim. — Além da parte da Trider saber que ela é sua.

— Vladimir não está muito interessado em quem ela é, e sim em se vingar de mim por ter matado Andrey Jacov. — Ele não ligava para Jacov, aliás, a Trider não ligava para ninguém, mas os dois eram aliados. Com Jacov morto, Vladimir pensava que eu queria o legado de Andrey, então tentava me derrubar, tomando ainda o que sobrou dos Bravatas. Ele era um estúpido por intencionar comandar os Bravatas, com os federais em cima deles. As provas que Sebastian guardava foram entregues; era só questão de tempo para que os Bravatas se tornassem lenda.

— O que pretende fazer?

— Vou terminar com ela. — Tudo dentro de mim dava voltas. — Não deixarei a Trider cair em cima de Samira para se vingar. Preciso mantê-los longe dela até matá-los.

Ele arfou.

— Tem certeza?

Essas palavras me fizeram sentir como se estivesse sendo estraçalhado vivo com lâminas afiadas.

— Sim, até resolver tudo e ela ficar segura de novo. — Não estava pronto para magoá-la, mas não podia deixá-la correr perigo. — É melhor assim do que todos ficarem sabendo a seu respeito… — Minha voz falhou. — Talvez os Salvatores possam querer levá-la consigo e obrigá-la a se casar. Se acontecesse, acabaria tendo de assassinar todos.

— Não compreendo, por que já não o faz? — Ele parecia confuso.

— Porque são da família dela. Samira nunca me perdoaria. — Suspirei, derrotado e com um buraco em meu peito só de pensar na dor que ela sentiria.

— E acha que acabando o namoro terá uma chance? — Franziu o cenho.

— Não sei, mas espero que sim. — Estremeci, impedindo-me de pensar o contrário.

— Vladimir pode contar a todos quem ela é. — Ele parecia falar consigo mesmo.

— Não vai, porque o matarei antes — sibilei com os dentes cerrados.

— Gosto de como isso soa. Já passou da hora de acabar com esse imundo. Procurarei saber tudo sobre ele e achar uma brecha para o atacarmos. — Alexei ansiava por isso.

Assenti, sem me atentar muito bem ao assunto. Terminar com Samira dificultava as coisas e a minha concentração.

— Será que ela vai acreditar que você não a ama mais? Ficaram todo esse tempo juntos… Só se a garota for idiota. E Samira pode ser muitas coisas, mas não isso.

Deixei seu comentário engraçadinho para lá e foquei no que faria no outro dia, assim que ela chegasse.

— Direi a verdade, que descobri quem é, portanto me aproximei dela. — O que era, em parte, mentira: eu desconhecia seu passado até Alexei me dizer, mas ele não precisava saber disso. — Falarei que me aproximei por causa de uma vingança.

Seus olhos azuis se arregalaram em admiração.

— Nossa! Bom, foi o que aconteceu até se apaixonar. É uma informação bem forte, talvez ela não o perdoe nunca. Está certo disso?

Peguei uma bebida e a entornei.

— Eu a destruirei, mas o importante é que continuará viva. Sua segurança é minha prioridade. — Deixei o copo e peguei a garrafa de vodca, tomando um gole grande. — Quando encontrar todos eles, vou demorar com cada um daqueles desgraçados e os fazer pagar pelo que acontecerá amanhã; pela dor dela.

— Irina nos ajudará. Podemos usá-la como se fosse uma de suas

amantes… — Sua mente ágil elaborava ideias para machucar Samira. Aposto que estava gostando disso.

— Não tenho amantes — destaquei com um grunhido.

— Eu sei, mas ela pode pensar que sim. Ou chamamos outra pessoa, contudo, conhecendo você, suponho que não aceitará. — Ele me avaliava. — Não é?

Concordei, sem dizer nada. Sentia-me dormente e, ao mesmo tempo, ferido.



Samira entrou na minha casa e me viu com Irina, a minha irmã; estávamos na cama. Forjei tudo para que sentisse raiva de mim, mas esperava que não por muito tempo. Busquei forças e disse aquelas palavras que a feriram.

Se eu tivesse me vingado de Lorenzo, como sugeriu, talvez ela não me odiasse. No entanto, assim Samira não conseguiria me amar, por ser o assassino do seu pai.

Porém era necessário após ver Mirian espiar pela fresta da porta. Eu não queria feri-la, mas não tive escolha.

Romperia de uma vez para a cadela espiã assistir. Cielo a seguiria e acabaríamos com ela e seu chefe imundo. Ambos pagariam pela dor que

estavam causando à Samira, em especial pelo que viria a seguir.

— Não entende minha repulsa ao tocá-la. A raiva de vê-la todos os dias e não a matar. — Trinquei os dentes.

Ela deu um passo para trás, como se eu tivesse lhe batido. Mais tarde contaria a verdade. Torcia para que me perdoasse; vendo quanta dor lhe infligi, não estava esperançoso.

Seus olhos umedecidos acabavam comigo. Notei que Mirian deixara de espionar e saíra correndo. Decerto sentiu que sua morte estava perto.

Samira fugiu porta afora. Mandei uma mensagem a Cielo para que seguisse Mirian: “Ela está saindo agora, não a perca de vista”.

— Nikolai, veja isto. — Irina estendeu um papel para mim.

— Não estou com cabeça… — Parei de falar quando li “ultrassonografia”. Peguei e conferi: o exame atestava a gravidez de Samira. Meu mundo desabou por completo. Ela estava grávida de mim e veio para contar isto, e eu a afastei dizendo aquelas palavras, que a feriram de forma imperdoável. — Maldição! — Fechei a mão em punho e bati com força na parede. Meus dedos doeram, mas não liguei. Dor tinha a Samira agora, uma que eu mesmo ocasionara. — Porra, porra…

Eu sabia que não devia ir atrás dela para o plano sair perfeito, mas não podia simplesmente deixá-la partir depois de descobrir isso.

— Nikolai, o que está havendo? — perguntou Irina, preocupada.

— Fique aqui.

Corri na direção da escada e estaquei ao vê-la saindo, ao passo que Alexei entrava com uma garota de cada lado.

— Trouxe mais duas para nossa festa. — Sorriu para mim.

Meu irmão fez isso para machucá-la um pouco mais, porque não pedi ninguém. Pelo contrário, peguei minha irmã para forjar a cena porque não suportava pensar em mim tocando outra. Se não estivesse tão desorientado, eu teria quebrado sua cara.

Tentei fazê-la ficar e conversar, não sei… porra, na hora não estava pensando no plano, só queria que ela explicasse sobre a gravidez. A dor que senti ao Samira dizer que a matei com minhas palavras foi como um tiro em meu peito, bem certeiro.

Eu me encolhi, mas não aceitaria o fim. Precisava conversar com ela, apenas não ali. Samira continuou antes que eu comentasse algo:

— Não contei nada sobre quem eu era para protegê-lo deles, e não por medo de perdê-lo ao descobrir quem eu sou. Se eles soubessem, não existiria mais nós dois. Meu destino seria selado, e da máfia só sairíamos mortos. Mas se deseja vingança, diga a eles quem eu sou, assim me obrigarão a casar. Apenas saiba que, antes disso acontecer, eu prefiro morrer.

“Eu prefiro morrer”… Essas palavras se entranharam no meu cérebro como um câncer incurável em estágio crítico. Eu fiz isso tudo para protegê-la,

para que não soubessem dela. Depois que eliminasse a Trider e seus malditos homens, teria uma conversa com Matteo Salvatore. Tomaria uma decisão definitiva, e se eu tivesse de enfrentá-lo para tanto, que assim fosse. Não podia ficar de braços atados.

Quis segui-la, porém, Alexei me impediu.

— Ela mordeu a isca…

Agarrei sua camisa e o imprensei na parede:

— Ela não é um maldito peixe, porra — sibilei. — Samira está grávida!

Seus homens e os meus endureceram ao nos ver brigando, o que nunca aconteceu antes.

— Tem certeza de que é seu?

Fui lançar um soco na sua boca porque estava irritado demais, mas Irina entrou na frente. Nunca cheguei ao ponto de brigar com meu irmão, defendíamos um ao outro, mas isso? A minha fúria com todos e até comigo mesmo era demais.

— Porra! Parem os dois, ou vou chutar suas bundas, maldição! — rosnou Irina, nos separando. — Enquanto vocês discutiam, ela pegou o carro de Alexei e saiu com ele.

— Meu carro? Meu Koenigsegg? — Correu para a rua.

Eu o segui, temendo que ele a tocasse, caso conseguisse alcançá-la. Mas Samira já cruzara o portão.

Se havia uma coisa que deixava meu irmão furioso, mais do que tudo, era mexerem com seus carros. Ele ostentava mais de cem, e tinha mais ciúmes disso do que já sentiu por qualquer pessoa.

— Chefe, nós temos um problema. — Cielo se aproximou de nós com sangue nas mãos.

— O que houve? Cadê a maldita mulher?

— Ela se matou na minha frente, mas antes revelou que há câmeras por toda a casa, então ele sabia sobre a armação que arquitetaram para mandar a senhorita Samira embora. A mulher parecia arrependida; foi ameaçada, caso não nos espionasse.

Fitei o portão onde Samira havia sumido instantes antes. Hunter a seguiria, mas agora, com Vladimir sabendo que tudo fora encenação, ele já estaria atrás dela.

Alexei adentrou um de seus carros, e eu o acompanhei. Ordenei a alguns de meus homens para nos darem reforço, e a outros para tomarem conta de Irina.



Capítulo 21

Samira

Senti o meu estômago revirando por dentro e ouvi vozes não muito longe de mim. Parecia estar em uma onda gigante, tudo girava. Tentei me lembrar do que houve — o carro no penhasco, a explosão, a minha fuga, os vários navios no mar. Corri e me escondi em um deles.

Abri os olhos e me deparei com homens surpresos me observando. Todos falavam em russo. Entendia vagamente o que diziam: “Quem é ela?”, “O que faz aqui?”, “É tão bonita!”.

Eu me sentei depressa, temendo que fossem maus. Tinha dormido enquanto esperava e torcia para não ser pega pelos bandidos ou por Nikolai. Não queria pensar nele agora, pois precisava focar no meu filho e em

sobreviver.

Havia três homens aparentando ter cinquenta ou sessenta anos; todos estavam confusos com a minha sonolenta presença. Eu devia ter considerado os riscos de entrar em um navio e dormir ali, sozinha.

— Conseguem me entender? — sondei. — Alguém fala inglês?

Todos se entreolharam, com dificuldade de compreensão.

— Tudo bem — disse em russo, assim descobriria se eram pessoas boas ou não. Se fossem ruins, eu já estaria na pior. — Conversarei na sua língua para compreenderem o que eu digo.

Sorriram e assentiram.

— Eu sou Bóris. Esses são meus amigos, Igor e Mikhail. Qual é o seu nome?

— Natasha — respondi.

— Bonito, significa “nascimento” — comentou Bóris.

Renascera depois de enterrar duas partes minhas. Agora viveria somente a Natasha.

A onda fez o navio balançar e meu estômago revirar. Eu coloquei a mão na boca.

— Está enjoada? — perguntou Igor. Ele estendeu a mão para mim e ofereceu um comprimido. — Pode tomar. Mas já estamos quase em terra firme. Eu sempre tomo, também enjoo com o balanço da água.

Ergui-me meio tonta. Firmei os pés e saí da cabine, subindo ao convés do navio para ver onde nos encontrávamos. Não tomei o remédio, devido à gravidez.

Não fiquei com medo desses homens, eles não eram criminosos, e sim pessoas bondosas. Agradeci aos céus em pensamento, só assim conseguiria proteger a mim e ao meu filho. Estava grávida de poucos meses; conseguiria tê-lo e educá-lo longe de tudo que era ruim. Ele nunca saberia a identidade de seu pai.

Avistei o oceano gigantesco, encolhendo-me com o frio. Vi a cidade não muito longe. Estava em um navio de pesca.

— Eu não acredito! — exclamei surpresa e feliz, porque logo veria Lúcia, minha irmã.

— O que foi? — inquiriu Bóris, não entendendo o meu idioma.

— Minha irmã mora aqui. Ela é dona de uma floricultura chamada Lux, no centro.

Ele sorriu.

— Eu a conheço. É uma moça doce e meiga. Você é irmã dela? Que mundo pequeno!

O mundo era realmente pequeno: fugi de Nikolai e daqueles homens e acabei na cidade em que vivi uma grande parte da minha vida. Naryan-Mar, minha casa por muitos anos.

— O que aconteceu para vir parar no nosso navio? — perguntou Bóris. — Você dormiu por quase dois dias inteiros, achei melhor não a acordar. Igor é médico e disse que estava bem, então não a incomodei.

— Dois dias? — quase gritei; não me lembrava de ter ficado tão esgotada.

Também não era para menos: fui perseguida e quase morta.

— Estava perdida e acabei no navio. Preciso ver minha irmã. — Eu a encontraria e partiria da Rússia, porque um minuto a mais ali era uma chance de Nikolai me achar.

Estremeci com uma rajada de vento. O clima era bem diferente de Jersey. Quando fui para os Estados Unidos, demorei a me acostumar à temperatura.

Agradeci aos três senhores por me levarem, até ofereci dinheiro, mas eles não aceitaram. Após, fui para a loja na qual vivi com minha mãe depois que ela me encontrou em Moscou.

A floricultura estava fechada. Fiquei admirando as flores através da fachada de vidro. Relembrei os momentos em que minha mãe arrumava os arranjos: seu sorriso ao fazer isso era o que eu mais amava. Sentia tanta falta dela que chegava a doer.

— Lembro que você sempre gostou de rosas vermelhas, até desenhou um buquê e colocou em seu quarto — disse uma voz ao meu lado.

Meu coração deu um solavanco tão grande que pareceu que minha cabeça explodiria. Tonteei, e o cara me pegou, impedindo que eu caísse no chão.

— Você está bem? — perguntou Matteo, me observando com suas íris negras. — Está passando mal? — Sua voz soou preocupada. — Precisa de algo?

Por mais que o tempo tivesse se passado, eu o reconheceria em qualquer lugar do mundo. Estava morta de saudades de meu irmão, mas precisava saber se ele auxiliara Lorenzo a raptar meninas. Esperava que não.

Por isso me afastei dos seus braços. Ainda era o mesmo que um dia me amou e me protegeu contra todos? Ou teria se transformado em um monstro à semelhança de Lorenzo?

Conforme o bilhete, Matteo ia me proteger e não deixaria ninguém saber onde eu estava vivendo. Será que meu irmão disse algo para alguém? Era por isso que estava ali? Eu podia confiar nele?

Acreditei no Nikolai e agora estava despedaçada de forma irrecuperável.

— Estou bem, não se preocupe — falei.

O garoto de treze anos se transformou em um homem lindo. Ele franziu a testa.

— Tem certeza?

— Sim…

Matteo riu baixinho.

— Lily, eu sei que se lembra de mim, não precisa fingir que sou um estranho. Isso dói, sabia? Quis tanto que você estivesse viva para, pelo menos, dizer que eu a amava uma última vez. — Meneou a cabeça de lado. — Você não sabe como eu fiquei feliz ao encontrá-la.

Arfei ao ser chamada pelo meu apelido da infância; parecia surreal depois de tantos anos. Meu coração se apertou com a dor na sua voz.

— Não fingi que não o conheço, só preciso saber se não está do lado de Lorenzo, pois descobri coisas horrendas a respeito dele. É tudo verdade? — Estremeci. — Matteo, o que faz aqui? Veio para me levar de volta? Por favor, não… — Peguei sua mão e a apertei em uma súplica.

— Já disse no bilhete, não os deixarei saber de você, se não quiser. E quanto ao Lorenzo? Sim, a merda é fodida, ele fez tudo aquilo mesmo. — Sacudiu a cabeça com raiva. — Jamais compactuaria com algo tão asqueroso.

Um peso saiu dos meus ombros ao ouvir isso. Fazia tempo que não o via, mas Matteo não parecia mentir. E se ele estivesse me protegendo não me entregaria aos monstros da nossa família.

— Como me achou na galeria? Até onde eu me lembro, não me recordo de você gostar de arte. Ficava grilado com minhas tintas espalhadas por todos os lados — comentei, feliz por revê-lo e por meu irmão ter mantido sua

bondade de garoto.

— “Grilado” é uma palavra forte. Devo dizer que você era bagunceira. — Sorriu com candura. Eu bufei, pois ele não sabia o quanto havia me tornado organizada. — Vi uma foto sua com Nasx. Na mesma hora, soube que era minha irmã. Os anos não mudaram a sua bela fisionomia. — Ele franziu a testa. — Por que não me procurou? Pensávamos que estava morta…

Então era isso o que ela queria?

— Giulia me deu para uma mulher em Moscou. Falou que me buscaria assim que resolvesse as coisas, mas nunca veio. — Sentei-me em um banquinho em frente à floricultura. Ele ficou em pé diante de mim.

— Espere… Mamãe fez isso? Mas por quê?

— Não sei. Não quero vê-la nunca mais na minha vida. — Sentia falta de Matteo (e de Lorenzo, antes de saber o que meu pai havia feito), mas não de minha mãe. Não conseguia perdoá-la. Eu entendia querer me afastar daquele mundo cruel, mas forjar minha morte e deixar pessoas inocentes padecerem por isso? Era demais… — Não posso ir com você, pelo que farão quando souberem que estou viva…

Ele suspirou, concordando.

— Eu sei, mas muita coisa mudou desde então. — Pegou minha mão e me puxou para seus braços. — Senti tanto a sua falta. Não se preocupe, eu sempre irei protegê-la.

Apertei os braços ao redor dele, sentindo-me amada e segura. Ele era ainda mais lindo vestido com um terno caro. Na verdade, trajar-se assim era uma regra da máfia.

— Eu também. Tive que ficar no escuro ou nunca seria livre de novo, entende? — Afastei-me e olhei para ele, suplicante. — Me sinto egoísta, pois não fui procurar vocês, mas não achei que se importasse comigo, já que nunca veio me ver. Não sabia que pensavam que eu estivesse morta… Teria arrumado um jeito de ir até você pelo menos.

— Eu entendo, Lily. Depois falaremos sobre isso. Agora vamos embora daqui, porque os homens que tentaram matá-la estão vindo. Precisamos pegar sua irmã e partir. — Soou urgente.

— Conhece aqueles caras?

— São os Bravatas. Agora se chamam Trider, eles ficaram no lugar do Andrey Jacov. Querem pegar você como arma contra o Dark. Vamos. Se eu a encontrei aqui, eles também acharão.

— Eu não estou mais com ele… — Minha voz falhou.

— Para eles, isso não importa. — Pegou minha mão e me levou na direção da minha casa, ou melhor, da minha irmã. Lúcia devia estar lá, já que era hora do almoço.

— E como sabe que eu estive com o Nikolai? — sondei, curiosa.

— Conversaremos mais tarde — disse, apressado. — Vamos para um

lugar seguro.

Eu assenti e bati à porta da minha antiga morada. Alguns minutos depois, Lúcia apareceu, loira, alta e linda, parecida com mamãe.

— Samira?

— Lúcia? Oh, Deus! — Corri até ela e a abracei forte, não querendo deixá-la por nenhum momento. — Fiquei tão preocupada com você.

— Estou bem. Mas por que estava preocupada comigo? O que aconteceu? — Ela olhou para Matteo. — É o namorado que você mencionou?

— Não. Esse é Matteo, meu irmão. — Lúcia e mamãe sabiam sobre meu passado, pois contei a elas. Eu não achava justo fingir que não lembrava, embora somente há poucos anos eu descobrira que Giulia havia ameaçado mamãe para que ela cuidasse de mim.

— É o chefe da máfia italiana? — perguntou, com a voz saindo duas oitavas mais alta, depois abaixou-a. — Desculpe. Como se encontraram? Ele vai levá-la embora?

— Vamos nos falar depois? Agora precisamos ir.

— Ir aonde? Samira, o que está acontecendo?

— Conto no caminho. — Segurei-a pela mão e a levei para fora da casa. — Há alguns homens maus me perseguindo, e eles com certeza sabem que eu tenho uma irmã aqui. Podem usá-la contra mim.

Concordou e me seguiu. Entramos no carro preto de Matteo.

— Temos que pegar o Benny — lembrou ela.

— Não vai me dizer que o namora? — Sempre foi apaixonada por Benny, um garoto com quem estudamos.

Lúcia sorriu.

— Sim. Já faz uns dois meses. Corro o risco de esses caras irem procurá-lo?

— Não, pois eles querem pessoas que significam algo para a sua irmã. — Matteo suspirou. — Pode ficar tranquila, ele vai ficar bem.

— Então cadê o seu namorado? — sondou ela, sentada no banco de trás, do meu lado, enquanto Matteo dirigia.

Meu coração doeu ao pensar que, até dois dias atrás, eu estava feliz. Agora andava por aí com um buraco no peito.

— Acabou…

— O quê?

— Nikolai Dragon é um tremendo de um filho da puta! — falou Matteo, mirando meus olhos molhados.

— Está transando com Nikolai Dragon? O Dark, chefe da máfia russa? — questionou em choque. Eu tinha dito a ela que comecei a namorar, mas me referi a ele como Nick. Não sabia bem a lei da sua máfia, por isso não disse nada.

Eu me encolhi por dentro.

— Sim, eu o amava. Mas ele se aproximou de mim por vingança contra Lorenzo, que matou seus pais… — Estremeci ao me lembrar de suas palavras duras. — Por isso, fugi da casa dele, parei no navio que vinha para cá e aproveitei para vê-la.

— Nikolai sabia quem você é? — O tom mortal de Matteo saiu alto no carro.

O mafioso russo correria o risco de ser assassinado caso estivesse ali naquela hora.

— Sim, mas não vou falar sobre aquele desgraçado mentiroso. — Tentei demonstrar alguma compostura. Lembrar-me dele me matava a cada segundo. — Então você ajudou a derrubar Lorenzo? Nikolai disse que foram os MCs.

— Eu me aliei a eles. Abomino esse tipo de coisa. — Ele suspirou. — Tenho que voltar para os Estados Unidos. Se o Nikolai sabe o que meu pai fez com os dele, vai atacá-lo e matá-lo.

— Por que se importa com um homem que é pior do que esses malditos atrás de nós? Ele devia estar morto e no Inferno!

Como um dia pude amá-lo? Aquele homem que chamava de pai não era esse monstro; foi-se há muito tempo. Morreu no dia em que Giulia me deixou. Nunca mais queria vê-lo na minha vida. Giulia tinha parte nisso, por não ter dito o que realmente fez.

— Não me importo com ele, mas na máfia há leis, e Lorenzo é protegido por elas. Se eu tiver de guerrear contra os Dragons, o farei, mesmo não querendo. Sou o *capo*, minha função é proteger o meu povo, independente do que nosso pai fez de ruim. Para eu poder matar Lorenzo sem ser condenado pelos demais, precisaria provar que ele assassinou um dos nossos.

Eu não gostava disso. Matteo conseguiria matá-lo sendo próximo a ele. Sei que era ruim pensar assim, mas homens como esse que se dizia meu pai não poderiam existir.

Não queria uma guerra entre Nikolai e Matteo, tremia só de pensar nos dois mortos, a despeito do que Nikolai fizera comigo.

— Quando soube que eu viria para a Rússia? Com certeza me seguiu. Não veio aqui só por curiosidade, não é? — acusei-o.

— Peguei o mesmo voo que você propositalmente. Consegue imaginar a surpresa que tive quando foi para a casa do Nikolai? — Trincou os dentes. — Logo saiu descontrolada e chorando de lá. Temi que tivesse acontecido algo, mas antes de eu checar, você entrou no carro. Eu a segui e vi os caras da Trider atirando.

— Atirando? — indagou Lúcia, que até agora ouvia calada. — Oh! Graças a Deus você está bem.

— Por que não entrou na luta, então? — perguntei, imaginando que, se

ele viu tudo, poderia ter me ajudado.

— Os Triders são da pior espécie e querem a cabeça de Nikolai. Eles sabem que Dark se importa com você, por isso tentaram capturá-la. Matei alguns que estavam lá, assim que você foi para o navio. E gostei do que fez com o carro; acharam que cometeu suicídio. — Ele sorriu. — Menina inteligente. Fico feliz com isso. Só não entendo, por que não fingiu a sua morte para o Nikolai também?

— Não o deixaria se sentir culpado com isso. Eu não tive coragem. — *Quem não devia estar feliz era Alexei, pelo que fiz com o carro dele*. — Não quero criar meu filho dentro da máfia ou olhar para ele pensando em como agi com Nikolai ao forjar minha morte. Pelo visto, de qualquer maneira, não adiantou, já que os bandidos estão vindo. Como descobriram que estou viva?

— Filho? Oh, meus Deus! Eu vou ser titia! — celebrou Lúcia, me abraçando. — Não acredito que terá um filho de Nikolai. Sabia que ele é bem conhecido aqui?

— Não duvido — disse e me afastei. — E o filho é meu, não daquele cretino. *Meu*. Vou amá-lo e educá-lo longe da máfia.

— Os Triders sabem que está viva porque eu matei os que estavam lá. Não pude me controlar. — Sacudiu a cabeça com raiva. — Quem nasce na máfia não consegue fugir dela, Lily, não importa aonde vá — disse Matteo com um semblante triste. — Deixarei você escondida por um tempo, mas se

alguém descobrir, eu não poderei fazer nada, terei de levá-la comigo ou serei caçado e tirado do meu posto, e meu tio tomaria meu lugar.

— Aquele sádico? Ele é capaz de destruir tudo! Acredito que não mudou. — *Espero que ninguém saiba, para o bem de todos*, pensei.

— Está ainda mais cruel — falou com um suspiro, me olhando pelo retrovisor. — Nikolai sabe que terá um filho?

Respirei fundo.

— Eu ia contar, quando o peguei com uma mulher na cama… Mas ele já deve saber, porque deixei cair o ultrassom. Como fui idiota por acreditar que um homem daqueles me amaria? Com todo seu poder…

— Aquele desgraçado estava com outra? Vou matá-lo — rosnou Matteo. — Então ele foi ao extremo… Fazê-la se apaixonar, engravidá-la e traí-la. Tudo por uma vingança?

Isso porque não contei a nenhum deles que Nikolai me convenceu a largar tudo para ir morar com ele, apenas objetivando acabar com meu futuro e me deixar a ponto de não conseguir mais nada.

— É um assunto encerrado. Ele ficou com um monte de mulheres enquanto estava comigo. Até que se cansou e botou um fim nisso, porque ele sabia que eu viria visitá-lo… — Expirei para não chorar ao me lembrar da cena que presenciei. — Agora não quero vê-lo nunca mais.

— Se Nikolai está ciente de sua gravidez, ele já deve estar vindo para

cá. Não há nada que ele não saiba na Rússia. E uma vez que uma mulher engravida de um chefe da máfia, é a obrigação dele protegê-la.

— Não quero a proteção daquele miserável, aliás, não quero nada dele! — grunhi.

— Vamos embora da Rússia enquanto podemos; se ele aparecer, será tarde demais. Para eu levá-la, teríamos de lutar. — Entrou com o carro em um hotel no meio da estrada. — Ficaremos aqui até amanhã cedo, quando rumaremos ao aeroporto.

— Iremos embora da Rússia? Não… Não posso deixar minha cidade, nem o Benny ou a floricultura da mamãe — falou Lúcia.

— Veremos como tirar esses homens da minha cola, assim você não precisará sair daqui.

— Não podemos fazer nada agora, pois isso é com Nikolai. Eu só tenho que salvar você, Lily — disse Matteo. — Aqui estou fraco, porque é o território de Dark. Se ele me ver na Rússia, não sei o que fará, apesar de eu não estar preocupado comigo, e sim com meu povo e com você.

— Nikolai não o machucará. Ele teve a oportunidade de fazer isso junto com a vingança ao se aproximar de mim. — Esperava mesmo que isso fosse verdade. Caso contrário, eu não saberia o que fazer. Ver o homem pelo qual era apaixonada, pai do meu filho, matar meu irmão… Estremecia só de pensar.

— Pode ser — fingiu concordar.

Entramos em um quarto com duas camas.

— Vou ligar para o Benny. — Lúcia foi ao banheiro.

— Ela está preocupada com a ideia de partir — comentei, fitando a porta do banheiro. *Pelo menos ela tem alguém ao seu lado*, pensei. — Foi difícil para você ficar com o Lorenzo ao descobrir o que ele fazia? — Sentei na cama.

— Sim. Tive que esperar mais de dois anos para conseguir derrubar toda sua maldita escória — lamentou. — Vou fazer algumas ligações para deixar o terreno fechado, caso Nikolai nos ataque.

— Vão lutar? — Minha voz falhou.

— Só se eles vierem para cima de nós. Agora deite um pouco e descanse. Arrumarei algo para você comer, porque parece que não se alimenta há dias. Não saia do quarto até eu chegar.

— Não estou com fome — murmurei.

— Precisa comer, já que não é só você agora. — Olhou para a minha barriga.

Sim, não era mais somente eu, tinha o meu bebê dentro de mim. Por ele, eu superaria as dificuldades. Um dia, num futuro distante, me recuperaria da maldade de Nikolai.



Capítulo 22

DOIS DIAS ANTES

Nikolai

Chegamos onde o rastreador indicava, abaixo do ponto de declive da colina, no mar. Saí do automóvel ainda em movimento e me encaminhei ao penhasco, vendo a fumaça subindo.

— Puta que pariu, ela explodiu meu carro! — xingou Alexei.

— Se você falar nesse maldito carro mais uma vez, vou parti-lo em dois. — Exasperei-me com as mãos nos cabelos.

Ao nosso redor, havia corpos estirados no chão.

— Será que foi ela quem matou todos esses homens? — Alexei revirava um dos cadáveres com o pé. — Facada na cabeça, certeiro. Seja quem for, tem uma ótima pontaria.

Samira não faria algo assim, nem conseguia imaginá-la tirando a vida de alguém, mesmo que fosse um bandido. Então quem os matou?

— Seu irmão, Matteo Salvatore, desceu no mesmo voo que ela. — Hunter se aproximava. — Decerto foi o responsável. Pelo que soube, o *capo* é muito bom com facas.

Eu franzi a testa.

— Onde estava que os deixou chegarem tão perto de Samira? Sua função era segui-la ao aeroporto — rosnei, checando as pegadas à nossa volta.

— Fui tirado para fora da estrada. Lutamos e acabamos com alguns

deles — respondeu Hunter. — Mason foi baleado, mas está bem agora; o irmão dele o levou para o hospital.

Assenti, notando dois rastros indo à borda do penhasco, e em seguida para o lado esquerdo. Um era pequeno, com certeza o dela; o outro, de um calçado maior.

— Botas. Provavelmente de Matteo — comentou Hunter.

Acompanhei as pegadas, chegando à beira do imenso mar. Na linha do horizonte, alguns barcos partiam.

— Ela com certeza embarcou em um — Hunter disse.

— Preciso saber da localização de todos, aonde vão e quem está dentro deles. — Torcia para que a tripulação fosse educada e não a machucasse.

— Samira ficará bem até a acharmos. Matteo deve estar no mesmo barco que ela, não a deixaria fora de vista — tranquilizou-me. — Agora precisamos limpar isto. A fumaça do carro chamará a atenção da vizinhança, e a polícia logo estará aqui.

Após nos livrarmos da evidência, partimos para fazer de tudo para localizá-la. Esperava mesmo que Matteo a protegesse até eu encontrá-la.

Mas outro medo me deixava inquieto: que seu irmão a escondesse de mim.

Demoramos dois dias para descobrir aonde Sam tinha ido parar, por estar em alto-mar. O barco que pegara rumava à cidade em que viveu boa

parte de sua vida. Logo que o navio aportasse, estaria lá à sua espera.

Claro que eu reviraria este maldito mundo atrás dela. Não viveria sem Samira. Agora só precisava eliminar Vladimir e seu clã.



Cheguei à cidade de minha Coelhinha. *Meio pitoresca, gostei*. Nunca tinha estado em Naryan-Mar. Samira morou lá dos dez aos dezenove anos.

Ela já não se situava mais ali. Encontramos os dois em um motel de beira de estrada, e não estavam sozinhos: havia cinco carros pretos com homens de Matteo em toda a parte, mantendo a guarda.

— Não puxe a arma — ordenei.

— Você devia falar isso para eles, não é? — reclamou Alexei do meu lado.

— Matteo não vai querer uma luta, ele se preocupa com ela e sua opinião. — Pelo menos eu esperava que sim.

Aproximávamo-nos de um cara alto.

— Como sabe?

— Simples: ele podia ter levado apenas Samira embora, mas se importou com a segurança da irmã adotiva dela, que vive em Naryan-Mar, por isso a trouxe com eles.

O homem na porta era Samuel, braço direito do *capo.*

— Ninguém pode entrar — disse com um tom nada amigável.

— Bom, vamos ter um problema se não sair da frente. Entrarei, querendo você ou não — respondi com um sorriso frio.

Estreitou os olhos e falou em italiano pelo telefone com Matteo. Eu sabia o idioma, então entendi tudo o que disse:

— *Capo*, o verme imundo do Nikolai está aqui, junto com seus séquitos. Quer que eu os elimine? — Fitava cada um de nós.

Arqueei as sobrancelhas, acrescentando em italiano também:

— Nossa luta precisa ser agora, *capo*? Porque não saio daqui sem ela, nem que eu precise derrubar este maldito hotel — falei alto para Matteo ouvir.

Samuel suspirou escutando seu chefe e desligou sem tirar os olhos de nós dois.

— Pode entrar, mas só você…

— Sem chance de eu não ir também — impôs-se Alexei do meu lado.

O cara parecia frustrado e irritado conosco. Bom, éramos dois; seria melhor nenhum deles brincar comigo, porque não estava com muita paciência. Eu só queria vê-la.

Entramos com Samuel e outro cara que eu não sabia quem era. Precisava me controlar para não matar Matteo. Se eu deixasse minha sede de vingança falar mais alto, ela nunca mais olharia para a minha cara.

O quarto era pequeno, com uma cama de casal no canto, onde Sam se encontrava dormindo, tão serena. Fui dar um passo até ela, mas o filho da puta do *capo* se enfiou na frente.

— Não chegue perto de minha irmã — rosnou.

— Mas que visão linda. Posso matar dois coelhos com uma cajadada só. Ou seria matar dois coelhos com um tiro só?

— Alexei — eu o repreendi.

Samira se assustou e sentou na cama, ficando mais amedrontada ao ver as adagas nas mãos do irmão, e a arma na minha. Atiraria nele apenas se não tivesse escolha; só levantei a arma porque ele mostrou suas facas primeiro.

Ela se ergueu depressa e correu para a frente do irmão. Contudo, Matteo a rodopiou e a colocou às suas costas, cobrindo-a da visão de todos e fazendo seu próprio corpo de escudo, caso eu atirasse.

Como se eu fosse machucá-la… Eu a protegia, e não o contrário.

— Saia daqui, Dalila, e vá com Samuel — mandou Matteo.

— Eu não o deixarei! — Pôs-se ao lado dele e me fitou com dureza. — Já que você quer assassinar os filhos do cara que matou os seus pais, então acabe logo com isso. Se pensa que vou suplicar pela minha vida, está enganado. — Vi suas mãos irem para a barriga, onde estava nosso filho. — Mas termine apenas comigo! Como você mesmo disse, é por minha causa que o desgraçado do Lorenzo fez o que fez contra a sua família.

— Dalila… — rosnou Matteo.

Ela tirou uma das adagas da mão dele.

— Dará tudo certo — disse ao irmão e depois me fuzilou. — Ele não tem nada a ver com isso. Sou eu, não é?

Eu não ia dizer nada, mas precisava saber o que ela sentia por ele, afinal, Samira entrou na sua frente para protegê-lo.

— Você se arriscaria por essa raça ruim? — inquiri, fulminando Matteo.

— E por que não? É meu sangue. Só porque eu não queria ser uma Salvatore não significa que não sou. — Cerrou os punhos como se quisesse me bater. — Então, seu cretino, vá em frente e atire de uma vez para acabar logo com isso. Pois é o que você faz, não é? Os malditos mafiosos russos são todos uns fodidos que deveriam estar no Inferno, assim como Lorenzo! Por que não vai lá e acaba com um homem vegetando em uma cama?

— Dalila, controle-se! — pediu Matteo.

— Eu não vou me controlar. — Ela se lançou para mim, mas Matteo a pegou. — Me mate ou eu acabarei com você, seu fodido de merda.

— Maldição, Dalila! O que aconteceu com a garota tímida que mal abria a boca para conversar? Atacá-lo agora seria suicídio.

Eu estava com raiva por ele achar que eu machucaria minha Coelhinha. Bem, não dei motivos para eles pensarem o contrário: apareci na cama com

outra e fingi que ela não era importante para mim.

— Ele já me matou! Não há nada pior do que o que fez comigo. Levou tudo de mim, minha vida, minha felicidade, meus sonhos, minha dignidade…

Essas palavras foram como um tiro em meu peito. Eu preferia enfrentar dez lutadores de uma vez e levar uma surra, do que ver tanto ódio nos olhos dela.

— O que vamos fazer com esses dois, Nikolai? Estou louco para pôr minhas mãos nessa raposa e ensiná-la a nunca pegar nada dos outros — Alexei se interrompeu quando eu rosnei. — Pelo visto, isso não vai acontecer. — Virou-se para Sam. — Você me deve um carro.

— Talvez se eu transar com todos os homens da Rússia, eu consiga lhe pagar — retrucou com escárnio.

Alexei sorriu em expectativa. Faltou pouco para eu não quebrar a cara dele.

— Eu posso torná-la uma pros…

— Termine essa frase, e eu esquecerei que é meu irmão — sibilei.

— Se eu quiser ser prostituta, você não tem o direito de opinar sobre isso. Não tinha um maldito harém na sua casa?

— Isso não vai acontecer! — exclamei.

— E você? Por que não termina a sua vingança? — Ela veio até mim, pegou minha mão com a arma e colocou o cano sobre o seu peito. — Puxe o

gatilho.

— Que porra, Dalila! — soltou Matteo à meia-voz.

Arregalei os olhos, incrédulo que ela pensasse que eu a mataria. Minha Coelhinha não esqueceria tão cedo o que fiz com ela. Eu mesmo me odiava, então por que com Samira seria diferente? Afastei a arma.

— Acha que eu quero matá-la? Merda, eu não vou fazer isso, ainda mais estando grávida de mim. Que tipo de monstro pensa que eu sou?

Ela se distanciou; devo dizer que isso doeu, mas eu a magoei profundamente, merecia seu desprezo.

— Ótimo! Se não vai me matar, façamos assim: eu volto para os Estados Unidos, e você não me procura mais. Até me mudarei para outro lugar, pois não quero ver sua cara. E se for pela criança, não ligue; não é seu filho, e sim do Nasx…

Ela me odiava tanto para me ferir dessa maneira? Por um lado, estava certa: fui eu o errado por quebrar sua fé.

Peguei sua cabeça e a puxei para mim, escorando minha testa na dela e fechando os olhos. Amava seu cheiro inebriante. Isso ajudava a controlar a fera que almejava ser solta para matar Nasx.

— Tem alguma ideia do que quero fazer com ele agora só de imaginar vocês dois juntos? Tem alguma noção do que sou capaz caso isso aconteça? — Inalei um pouco mais do seu cheiro de lavanda; somente ela me deixava

calmo.

Samira se afastou.

— Isso é por ser um imbecil egoísta que só pensa em você e no seu ego de mafioso desprezível! Você me dá nojo! — cuspiu.

Alexei deu um passo até ela, e Matteo a arrastou para longe, com medo de meu irmão bater em Sam; é claro que ele não faria isso. Por mais que Alexei a odiasse, nunca a tocaria.

— Você devia respeitar o chefe da máfia, sua…

— Vigie o que fala — cortei-o.

— Não ouviu o que ela disse? Esse filho não é seu! Temos sorte de ela não ser interesseira; se a garota quer dar o fora, então a deixe ir. — Ele parecia exasperado.

— Alexei, eu não vou falar de novo! — Virei-me para ela: — Não importa o que você diga, Samira, pois eu sei que é meu. Apenas está falando assim para me ferir.

— Ferir? Você não sabe o que é isso, Nikolai! Como me achou aqui? — sondou, olhando para o seu corpo em busca de alguma coisa.

Com certeza desconfiou que botei um rastreador nela. Foi por precaução, porque Cielo a vigiava, e eu não podia correr o risco de perdê-la de vista e alguém sequestrá-la para se vingar de mim.

— Seu maldito! Colocou um rastreador nisso? — Pegou a corrente que

dei de presente no dia em que ficamos juntos e a jogou contra mim, quase acertando meu rosto.

— Foi um presente — argumentei.

— Guarde para alguma das suas amantes, para checar com quem estão transando além de você. — Seus olhos eram punhais na minha direção.

— Você é muito petulante! — reclamou Alexei.

— Se não vão me matar agora, talvez devessem ir embora.

— Acha que quero estar aqui? Não, eu queria estar em casa, mas você simplesmente fugiu com meu carro e… — Ele expirou para se controlar. — Bom, de qualquer forma, faço o que o chefe mandar.

— Já que não pretendem ir, fiquem à vontade. — Foi até Matteo e cochichou algo. Deu um tapa nele enquanto o *capo* gargalhava sem cerimônia. — Pare de rir e vamos embora.

— O que vocês estão cochichando aí? — perguntei, atento para evitar que fugissem. Não suportava a ideia de ela escapar, e eu não a ver mais.

— Se eu quisesse que ouvisse, teria dito alto. Se não o fiz, é porque não é dá sua maldita conta! Espere lá fora. — Ela praticamente cuspiu.

Estreitei meus olhos.

— Sem chance de deixar você sozinha…

— Não estou sozinha. Estou com Matteo, e nele eu confio. — Outra pancada em meu coração.

Ela foi para o banheiro, nos deixando a sós. Estávamos no segundo andar, então não pularia da janela. Samira jamais acabaria com sua vida, mesmo sofrendo ao pensar que eu não a amava e que brinquei com seus sentimentos. Contaria tudo o que houve, mas antes falaria com seu irmão.

— Temos contas a acertar — comecei, sendo direto.

Matteo arqueou as sobrancelhas.

— Vai me matar? Sabe o que isso causará a ela — apontou para o banheiro onde Samira estava —, ver o homem que ama dizimar sua família?

— Seu pai matou os nossos. — Alexei deu um passo até ele.

Os homens de ambas as máfias ficaram em alerta, esperando para impedir o massacre.

— Você disse bem: o meu pai, não eu — objetou com um suspiro.

— Isso não muda nada…

— Alexei, se controle — ordenei. — Não vamos lutar, mas preciso mantê-la protegida. Consegue fazer isso junto do seu povo em Chicago, até eu resolver tudo e ir buscá-la?

— Aproximou-se dela por vingança, acha que ela vai querê-lo de volta? — Seu tom era duro. — Não a deixarei com você.

— Não tem escolha. Samira é minha, será mãe do meu filho. — Aproximei-me de Matteo. — Eu protejo o que é meu. Por ela, eu mato, e por ela, eu morro.

Ele me avaliava.

— Você se apaixonou durante a vingança planejada? — Ele parecia curioso.

Ninguém sabia sobre eu não ter ficado com ela por vingança, e eu também não diria. A única que precisava saber disso era minha Coelhinha, na hora certa.

— Sim — menti.

— Se a ama, por que ficou com outra e disse aquelas coisas? — Ele parecia duvidoso.

Eu expirei. Em meus pensamentos, nunca me vi falando com o filho do assassino dos meus pais. E muito menos apaixonado por sua irmã, que eles pensavam estar morta.

— Fiz aquilo porque não tive escolha — falei a verdade.

— Soube das câmeras na sua casa. Você queria que Vladimir pensasse que ela era descartável, mas no meio disso tudo, só a fez sofrer — disse com aço na voz.

— Como sabe das câmeras? — inquiriu Alexei. — Definitivamente nossa segurança está uma merda.

— Para sua proteção, não faria o mesmo? — ignorei o comentário de meu irmão. — Você se aproximou dela em Jersey, foi na galeria ver suas obras, mas estou curioso: os demais sabem a respeito ela?

— Acha que Dalila estaria aqui se eu tivesse contado? Não concordo com o que fez, porém, sim, faria o mesmo — disse.

— Depois explicarei tudo o que ocorreu e meus motivos — falei a ele.

— Jamais será perdoado. Para enganar Vladimir, você a traiu com uma vadia qualquer…

Alexei se lançou para ele, e eu o segurei.

— Veja como fala da minha irmã, seu maldito…

Matteo se retraiu.

— Irina? Você foi para a cama com sua irmã? — enojou-se.

— Porra! Eu não fodi ninguém, que dirá Irina. Foi tudo armação. Não podia pegar uma garota aleatória, então pedi para que minha irmã me ajudasse.

— Ela não contestou? — Sua voz tinha uma nuance que não entendi.

Eu franzi o cenho.

— Espere, como sabe sobre a Irina? — perguntei.

— Sei tudo sobre vocês — falou, nada abalado.

Havia algo na sua expressão que não identifiquei. Ele era bom em esconder sentimentos; sua máscara me impedia de desvendá-lo.

Irina estudava em Chicago. Lá, usava outro nome, mas acho que isso não serviria mais. Se os Salvatores sabiam a seu respeito, a informação poderia vazar. Deixei passar por enquanto, mas apuraria tudo mais tarde.

— Vamos fazer uma aliança. — Soltei antes de pensar realmente.

— Aliança? Você só pode estar doido — protestou Alexei. — Não nos aliamos a inimigos, e sim os matamos.

— Já temos a Trider e o Pietro querendo Samira, não vou dar isso a eles. Necessitamos de aliados. Se isso ajudar com a proteção dela, não me importo. Quero Sam segura na América, enquanto derrubo a corja da Trider, um por um. — Voltei-me a Matteo. — Aceita?

O *capo* riu de modo sombrio.

— Aceito.

— Fechado. — Mirei a porta do banheiro e a vi saindo. O que enxerguei em seu rosto apertou meu peito, quase me deixando sem ar: seus olhos lindos estavam vermelhos.

— Você está bem? — Matteo também avaliava seu estado. — Estava chorando?

Ela se encolheu.

— Não ligue para mim. Vamos embora…

— Isso é culpa sua! Você não podia simplesmente ter ido até mim ou ao meu pai para buscar por sua vingança? Tinha que seduzir minha irmã e fazê-la se apaixonar?

Abaixei a cabeça para controlar minha dor insuportável. Respirei fundo algumas vezes e olhei para ela. *Pense na segurança de Samira*, entoei como

um maldito mantra.

Não dei importância a ele e prossegui:

— Você está indo para os Estados Unidos, ou seja, para longe dos meus inimigos. Pessoas da minha confiança a vigiarão vinte e quatro horas por dia…

— O problema, Nikolai, é que você não tem o direito de opinar em nada na minha vida. Faço dela o que quiser, então vá se foder!

Samira não era puritana, contudo, dizia palavrões em raras ocasiões. Utilizava-os apenas quando estava com muita raiva.

Não discutiria com ela. Estávamos perdendo tempo ali; quanto mais ficávamos, mais corríamos o risco da Trider nos encurralar. Olhei para o *capo*:

— Leve-a e deixe que eu cuido de tudo aqui. Lúcia estará segura, meu pessoal garantirá isto.

Por mais que eu quisesse acabar com sua dor, não poderia, não naquele momento.



Capítulo 23

Samira

Acordei na cama do jatinho de Nikolai. Não queria ter dormido ali, por isso acabei adormecendo no sofá, perto de Matteo. Acho que eles ignoraram o meu desejo de não ficar em uma cama onde ele pudesse ter levado e transado com milhares de mulheres.

Eu me levantei e fui procurar os outros, que conversavam sentados.

— Já estamos chegando? Porque estou com fome. — Alisei minha barriga. — Esta gravidez me faz comer igual a um elefante; espero não ficar tão pesada quanto um.

Alexei riu. O cara era realmente bonito, com suas covinhas e olhos claros.

— Pois poderia, quem sabe assim meu irmão pararia com essa ilusão de que gosta de você — zombou.

Eu ri.

— Logo pode acontecer justamente o que você não quer — falei, pegando o leite de sua mão e o bebendo em seguida.

Ele fez uma careta.

— Isso é meu! — reclamou, já vindo tomar o copo de mim. — Eu só fico com loiras, de preferência com pernas longas e *sexy*.

— Deixe-a. Quando uma mulher grávida quer comer algo, nós devemos fazer as suas vontades — disse Nikolai, me passando uma torrada

lambuzada no mel; sabia que eu gostava disso. Ele parou ao ver que todos nós o encarávamos. — O que foi?

— Como sabe disso? — sondei, mastigando a torrada.

Ele sorriu. Tentei ignorar a fisgada em meu peito, provocada sempre que sorria desse modo. Era tão lindo.

— Quando fui comprar algo para você comer, eu achei o livro *Tudo sobre gravidez.* Nele, fala que o humor de uma grávida tende a variar muito, o que é normal. E também que seus pés vão inchar e pode chorar facilmente por qualquer coisa, até com animais latindo. — Encolheu-se com a palavra "choro", porque eu não precisava assistir a nada na TV para chorar, bastava me lembrar do que ele me fez, que tudo apertava dentro de mim.

— Porra, meu irmão! Eu espero que ninguém veja você com esse livro ou vão pôr em dúvida o seu poder. E no nosso mundo, sem ele, nós não somos nada, você sabe disso! — Alexei o repreendeu com os olhos arregalados.

Nikolai deu de ombros.

— Eu não me importo. Preciso ficar por dentro para ajudá-la…

— Você não precisará fazer nada, Nikolai, pois eu vou voltar para os Estados Unidos, ou talvez vá para a França ou à Espanha. Não sei ainda, mas farei isso sozinha. Quando o meu filho nascer, você poderá ir visitá-lo, eu não vou tirar o seu direito. Não importa com quem estiver e o que estiver

fazendo. — Saí de perto dele e fui me sentar com Matteo.

— Está tudo bem? — meu irmão perguntou, me puxando para seus braços e beijando minha testa.

— Um dia estará — respondi, não querendo pensar nos meus problemas agora.

— Isso vai acabar logo, eu prometo. — Olhou por cima do meu ombro. Eu não segui seu olhar, mas sabia que era para Nikolai.

Não entendi o que Matteo quis dizer e estava sem energia para perguntar. Só queria que tudo terminasse depressa, e amanhã ou depois, eu pudesse respirar normalmente, sem me sentir morta por dentro.

Lúcia e o namorado estavam protegidos. Fiquei feliz com isso.

Assim que o jatinho pousou no aeroporto de Moscou, todos nós descemos. Eu fui para um carro com seguranças de Nikolai, e Matteo ficou para conversar com ele. Eu me opus, temendo que Nick o machucasse, mas meu irmão disse que precisava resolver alguma coisa da máfia.

Reconheci o cara que me salvou daquele homem no navio. Ele era o motorista.

— Hunter? — inquiri, surpresa.

Ele piscou.

— Como sabe meu nome? — perguntou. — Dark lhe disse?

— Sim.

— Hoje a minha função é levá-la em segurança até o seu voo sair daqui a cinco horas — respondeu.

— A minha também — ressaltou Nasx, entrando no carro e sentando-se no banco de trás, ao meu lado.

Eu arfei e o abracei forte, sentindo-me confortável por ele estar ali.

— Nasx! Fico feliz em vê-lo! — exclamei.

— Não a deixaria por nada no mundo — prometeu com seriedade. — Ainda mais em um momento como este.

— Se tocá-la, eu o matarei, Nasx! — gritou Nikolai. — E não será bonito.

Hunter revirou os olhos.

— Devia ter pensado nisso antes de sair fodendo por aí. Você a deixou! — Nasx berrou de volta, enquanto substituía Hunter como motorista. Eu tinha falado com ele há pouco e contei o que acontecera, por isso ele estava ali. — As cartas agora serão jogadas.

Rodamos alguns quilômetros e paramos diante de um prédio imenso no centro de Moscou.

— Que lugar é esse?

— É do Dark — respondeu Nasx, indo estacionar o carro.

Hunter não deixou de me seguir, em um veículo atrás do nosso. Tentei não me balançar com a ideia de ser protegida a mando de Nikolai. Também

vi homens do meu irmão. Havia três carros ao todo me acompanhando.

— Por favor, eu não quero ficar em nenhum lugar que pertença ao Nikolai. Podemos ir para outro local? — supliquei. — Andar um pouco, sabe? Se eu entrar em um quarto, irei desmoronar e chorar por um ano inteiro.

— Tudo bem — me tranquilizou, apertando as mãos brancas no volante, destacando os nós dos dedos.

Ele estava calado demais, algo incomum — o homem falava pelos cotovelos. Acredito que estivesse com raiva de Nikolai.

— O que você quer fazer? Tenho um guia de turismo aqui em algum lugar. — Fuçou o porta-luvas, entregando-me um folheto com vários pontos turísticos. — Trouxe para podermos passear antes de ir embora. Queria aproveitar a cidade, já que não sei quando retornarei à Rússia; talvez não tenha outra chance. Até vim aqui uma vez com Tabitta e Jason, mas não aproveitei nada naquele dia.

— Moscou tem lugares mágicos. Eu até diria que voltaria com você, mas não quero retornar tão cedo. — Passávamos ao lado de uma praça. — Aqui é a Praça Vermelha, onde fui uma vez com Giulia e Matteo. Éramos pequenos, mas me lembro de tudo. Foi criada em 1493, Ivã III mandou tirar as casas que ficavam em frente ao Kremlin[2] para dar espaço a ela. Recordo Giulia sentada nos bancos, brincando com Matteo. Lembro-me de Lorenzo

estar perto e sorrir também. Como uma pessoa pode mudar tanto?

— Matteo me ligou e contou sobre ser irmã dele. Você realmente quer falar do que Lorenzo fez ou do que aconteceu com Nikolai? Sabe que estou aqui para a ouvir, seja o que for.

— Eu sei. Você sempre está ao meu lado nos momentos mais difíceis. — Expirei. — Algum tempo atrás, Nikolai me convenceu a deixar tudo para vir morar aqui com ele em Moscou. Achei que estivesse fazendo isso por amor, então resolvi aceitar, mas quando cheguei… o vi na cama com uma loira.

— Loira? Quem?

— Eu não sei o nome dela, e também não me interessa. Só sei que ele se aproximou de mim e fingiu estar apaixonado por causa dessa vingança contra Lorenzo. — Não mencionei as palavras que Nikolai me disse naquele dia, pois não aguentaria repeti-las. Já estava bastante difícil suportar.

— Aquele desgraçado fez o quê? — Sua voz mortal se elevou um pouco. — Eu não acredito nisso! Ninguém viajaria um oceano inteiro por nada.

— Não é nada, é uma vingança. Pessoas assim são capazes de tudo. E chega deste assunto, porque acabou e não há volta.

Ele passou uma das mãos em seu cabelo loiro.

— Tudo bem. E quanto ao seu pai, nós descobrimos a respeito dele

através de Evelyn…

Eu arfei.

— A esposa de Dominic? — Pensei na ruiva que conheci na sede dos MCs, em Nova York, quando fui à procura de Nasx.

— Sim, ela era uma das garotas presas. Eles chamavam aquele antro de paraíso, mas era o Inferno na Terra.

— Chegaram a tocá-la?

— Não. Matteo a ajudou a fugir para o nosso clube, e foi onde Evy reencontrou o irmão dela, Kill. Depois disso salvamos todas as outras garotas e destruímos o lugar.

— Mas Lorenzo está vivo ainda no hospital, não é? — Levantei a sobrancelha para ele.

— Quase morto, num estado vegetativo. Você deve saber sobre a lei da máfia, um Salvatore não pode matar nenhum de seu clã; se isso acontecer, o líder é obrigado a caçá-lo e eliminar o indivíduo. Não importa a vontade de Matteo. Como líder, ele é forçado a seguir a regra.

A máfia tinha, ou melhor, tem leis bem rígidas que sempre odiei. Entretanto, também se fundamentava na lealdade que eu admirava, similar à dos MCs — mesmo que, às vezes, isso fosse ruim e atrapalhasse um pouco.

— Eu lembro. — Não sabia o que sentir em relação à situação de Lorenzo.

— Matteo é o *capo*, então está mudando algumas coisas, pelo menos as que pode.

— Alterou o casamento com dez anos? Era o que eu mais odiava. Fiquei um pouco feliz por minha mãe me abandonar. Até entendo que ela só fez isso para eu ter uma chance fora dessa vida — sussurrei.

Eu não estava preparada para ver Giulia ainda; talvez o fizesse mais para frente. Não agora, com as feridas abertas.

Antes que ele comentasse algo, fomos abordados por homens armados até os dentes. Meu coração gelou, porque pensei que seria o meu fim. Os carros pararam e começou o tiroteio. Com certeza, trabalhavam para o mesmo cara que tentou me matar alguns dias atrás.

Hunter e os seguranças me defendiam.

— Oh, meus Deus! — gritei vendo os bandidos nos seguirem.

— Que porra! — rosnou Nasx, fixando seus olhos à frente.

Segui seu olhar e me deparei com sete carros pretos em meio à estrada. Nasx pisou no freio bruscamente, e eu tive de segurar firme. Ao mesmo tempo, fomos cercados dos dois lados, e eu, arrastada para fora do carro, tão rápido que entrei em choque.

— Se você não vier comigo, os seus amigos aqui vão morrer, um por um — falou um dos caras que me carregava.

Dois homens seguravam Nasx. Havia três seguranças mortos e alguns

feridos. Hunter também estava preso com as mãos para trás.

— Diga ao Vladimir que ele está morto, pois Nikolai vai acabar com ele! — Hunter ameaçou.

O homem que me segurava riu.

— Vamos ver o que ele realmente sente por esta gostosura aqui. Ele tem uma hora para me dar o que eu quero ou esta gracinha servirá para um grande banquete.

Nasx sibilou:

— Você já era!

— Por favor, Nasx! — supliquei, pedindo com os olhos para ele não os provocar, ou se machucaria.

Meu coração estava acelerado e temendo que acontecesse algo comigo e com meu filho. Confiava que meu irmão viria me salvar.



Capítulo 24

HORAS ANTES

Nikolai

No avião, foi difícil vê-la se afastando de mim, mas não podia dizer a verdade agora. Antes, precisava pegar Vladimir. Porque se eu revelasse a ela o que sentia, corria o risco de Sam não ir para a América e querer ficar ao meu lado.

Matteo tomaria conta dela, não deixaria ninguém do seu povo acusá-la por ter ficado longe. Eu sabia como as leis eram duras e, algumas vezes, cruéis.

Samira adormecera perto de Matteo. Ela não queria dormir na cabine do avião, acredito que pensou que fiquei com mulheres ali, o que nunca aconteceu. Eu usava o jatinho para negócios, e não para foder.

— Ela é muito teimosa — o *capo* comentou. — Sempre foi. Bom que não mudou.

E como, pensei. Conquistar seu perdão seria mais difícil do que imaginei. Mas não focaria nisso agora, manteria minha mente centrada.

— Vou colocá-la na cama, e faremos nossos planos — disse.

— Que planos? — questionei.

Matteo a carregou nos braços e não respondeu até voltar do quarto.

— Irei junto com vocês para acabar com a Trider. — Sentou-se diante de mim.

— Você a levará para os Estados Unidos — falei.

— Não, eu não vou. Dalila ficará segura até acabarmos com Vladimir. Tenho contas a acertar com ele.

— Não posso deixá-la um segundo aqui. — Suspirei, frustrado.

— Não terá escolha. Não a mandarei sozinha, e vou com você — respondeu. — Meus homens e os seus podem tomar conta dela no hotel.

— O que Vladimir fez a você para querer se vingar? — sondou Alexei.

— Ele era um dos aliados do meu pai. O verme esteve naquele antro algumas vezes e ajudava a sequestrar crianças, enviando-as ao doente do meu tio e a Lorenzo.

— E quanto a Enzo? Não será punido? Soube que é um sádico — comentei.

— Não posso matá-lo, seria contra as regras, a não ser que ele atacasse alguém da nossa família antes. — Ele parecia frustrado com esse fato.

As regras da minha máfia não eram tão diferentes. Todavia, se alguém cometesse traição, eu poderia matá-lo.

— Em relação ao plano, Hunter está cuidando de tudo e esperará por nós — avisei.

— Certo, mas falando de Dalila…

— Samira, o nome dela agora é este — eu o corrigi.

— Por que se importa com o nome? Chamá-la de Dalila faz você se lembrar de quem ela é? Querendo ou não, ela é uma Salvatore. Se isso o

incomoda, renuncie à minha irmã.

— Só morto. E não se trata de quem é, e sim de eu a ter conhecido como Samira, uma mulher inocente e linda, que quando fica nervosa solta as garras e vira uma leoa.

— Dalila sempre foi tímida, mas uma guerreira: já criança, lutava pelo que queria. Sonhava em ser livre, e não fadada a respeitar as regras de nossa família. — Tomou um gole de sua bebida. — Não gostava, como eu, da forma como eram arranjados os casamentos. Será que não viam a pedofilia? Felizmente, dizimei todos os aliados de meu pai que impunham leis absurdas. Sobraram somente Vladimir e meu tio. Espero que logo consiga algo contra eles.

— Eu não sou santo, longe disto, mas jamais faria o mesmo. Odeio Lorenzo Salvatore por isso, além de ter assassinado meus pais. — Suspirei.

— Sabe de que lado Dalila ficará se houver uma guerra entre nós, não é? Teria coragem de lutar contra ela? — Arqueou as sobrancelhas.

— A garota não defenderia o monstro do seu pai, exceto se fosse uma…

— Cuidado com as palavras, Alexei — avisei.

— É sério, Dark, se ela ficar ao lado de um assassino, não merece entrar para a nossa família. — Ele estava com raiva.

— Dalila não concorda com nosso pai, disse que ele está morto para

ela. Mas ficaria do meu lado e do nosso povo, que não tem nada a ver com isso. — Matteo nos fitou. — A escolha é de vocês. Se quiserem guerra, estarei pronto. Talvez perderemos, mas tenho bons aliados, incluindo ela.

Ele tinha razão quanto a isso. Já decidira há muito tempo que não haveria uma guerra contra os Salvatores; quem merecia morrer já estava vegetando em uma cama.

— Não brigaremos — prometi.



Ao pousarmos, Hunter foi levar Samira para o hotel situado no centro de Moscou. Meus homens, os dele e os de Matteo protegeriam ela e Irina, que estava em casa a uma hora dessas. Minha irmã tinha me pedido para visitar o túmulo de nossos pais. Eu não queria deixar, mas ela insistiu bastante e estaria protegida ao sair.

Nasx apareceu ali. Acredito que veio correndo após saber o que aconteceu comigo e Samira. Ele entrou no carro ao lado dela e a abraçou.

— Se tocá-la, eu o matarei, Nasx! — gritei antes de arrancarem. — E não será bonito.

— Devia ter pensando nisso antes de sair fodendo por aí. Você a deixou! As cartas agora serão jogadas.

Dei um passo na direção do automóvel, querendo esquartejá-lo. Matteo

segurou meu braço.

— Controle-se. Prometi ao Shadow que não deixaria vocês dois se matarem — falou. — Temos problemas maiores.

— Se aquele maldito encostar nela, eu acabo com ele. — Isso era verdade.

Em todo esse tempo, Nasx tinha se mantido longe de nosso relacionamento, mas, com certeza, soube do que houve conosco; devia estar animado para fazer investidas, embora isso não fosse acontecer, pois não permitiria.

Tentei me concentrar enquanto Alexei dirigia para poder organizar tudo e atacar o Vladimir. Mas minha mente ia para o que Samira estaria fazendo com Nasx.

Mandei uma mensagem ao Hunter: “Não o deixe perto dela ou teremos contas a acertar”. Em resposta, enviou: “Ele me pediu para ir dirigindo, estou seguindo os dois agora”.

— O quê? — exclamei e liguei para ele. — Que porra você fez? Mandei segui-la e protegê-la, e não a deixar nas mãos daquele MC de merda…

— Relaxe, eles estão bem…

Interrompi-o:

— Não dou a mínima para o imbecil, só me importo com ela. Se algo

lhe acontecer, um arranhão sequer, é sua cabeça que estará a prêmio.

— Acho que você se esqueceu de quem eu sou. Sabia que é crime me ameaçar? Já fui um agente um dia, lembra? — Não parecia uma acusação, mas um esclarecimento.

— O aviso foi dado… — Parei de falar ao ouvir o carro derrapando do outro lado da linha. — O que houve, Hunter?

— Estamos cercados…

Escutei o barulho do telefone caindo e vozes ao fundo:

— Se você não vier comigo, os seus amigos aqui vão morrer, um por um — um homem disse.

— Diga ao Vladimir que ele está morto, pois Nikolai vai acabar com ele! — assegurou Hunter.

— Rastreiem o Hunter agora — ordenei ao ligar para meus homens. Matteo e Alexei estavam no automóvel comigo.

— O que houve? — perguntou o *capo*. Ele falava há vários minutos, mas meus ouvidos pareciam tampados.

Eu não podia pensar no pior, não, tinha de confiar que ela ficaria bem. Não deixaria aqueles monstros colocarem as mãos em Samira…

— O carro de Hunter foi emboscado, e os homens de Vladimir os prenderam. — Estava com medo, algo que jamais pensei que sentiria na vida.

— E Dalila? — indagou Matteo, ligando para alguém, acredito que um

de seus rapazes.

— Não sei o que está havendo. Se eles a tocarem… — Não podia pensar nessa hipótese. Ela ficaria bem.

Alexei pisou no acelerador, desconsiderando o sinal vermelho. Agradeci em pensamento.

— Nada vai acontecer — garantiu Matteo, mas também tinha pavor na voz. — O que ele quer de você?

— O meu título de chefe da máfia…

— Mas os títulos não podem ser detidos só por quem é da família? De sangue, eu quero dizer? — perguntou.

— Se fosse assim, eu não estaria aqui, pois não tenho sangue dos Dragons. É necessário lutar com o sucessor ao trono até derrotá-lo, mano a mano — expliquei. — Ou dar por livre e espontânea vontade.

— Com quem você lutou para virar o chefe? — Ele mexia no celular para falar com seus homens.

— Alexei me passou o título, e Vladimir não consegue superar isto. Ele o queria na época, porém, sabia que não me venceria em uma luta justa no ringue, então o desgraçado buscou alguma fraqueza minha…

— Dalila…

Não neguei: ela era a fraqueza que nunca tive. Se mais pessoas descobrissem, a atingiriam para chegar até mim. Mesmo assim, não me

arrependia de a ter conhecido e a amado com toda a minha alma.

Cheguei onde o sinal do rastreador do carro indicava e vi todos ali, amarrados com as mãos para trás: Hunter, meus homens, os de Matteo e Nasx. Menos ela.

Tremi com medo de a tocarem. A Trider não tinha ética, e não era como Jacov, que a usou apenas de isca para trazer Tabitta até ele — apesar de que, se ela não aparecesse, o salafrário faria coisa pior, como fez com minha mãe enquanto Sebastian assistia; hoje eu entendia seu ódio e sua sede por vingança, porque faria o mesmo caso alguém encostasse na Coelhinha.

— Nikolai… — começou Hunter. Cortei-o com um soco na boca.

— Eu falei, porra! Falei para não ficar longe dela, mas você a deixou nas mãos desse… — Olhei para Nasx com fúria, cerrando os punhos.

Matteo entrou na frente antes que eu o matasse.

— Eles não têm culpa do que aconteceu. — Virou-se para Samuel: — Os homens disseram alguma coisa? Aonde a levariam?

Eu os ignorei e fitei Hunter, que coçava o queixo onde o esmurrei. Foi socorrer seus três seguranças, gravemente feridos ou talvez mortos, eu não sabia.

Lembrei-me de uma coisa.

— Rastreie o anel que ela está usando. Samira devolveu a corrente, mas no anel também há um GPS — disse a Alexei, bem na hora que o telefone

tocou. Atendi. — Você está morto.

— Nem saudação há? — reclamou Vladimir. — Ela é linda, agora vejo por que está apaixonado. Sua pele é tão fresca, aposto que meus homens fariam um bom trabalho com ela. Isso depois que eu aproveitasse cada buraco da garota.

O medo tomou conta de mim, tão profundo que fiquei congelado por um segundo. Eu me contive, porque qualquer palavra minha poderia ser usada contra Sam.

— O que você quer? — Já sabia, mas entrei no jogo.

— Agora sim estamos falando a mesma língua. — Parecia divertido. — Venham sozinhos para se encontrar comigo.

— Aonde? — Trinquei os dentes.

— Veja, eu poderia facilitar para você, mas a ideia não me agrada. Eu lhe enviarei duas fotos, uma de cada menina sua. Decida qual delas é mais importante. A que não for, será um presente a meus homens — contou, achando graça. — Você tem aproximadamente trinta minutos para escolher.

— Quem é a segunda? — Gelei ao pensar que, de alguma forma, ele havia chegado em Tabitta.

— Qual delas é a paixão verdadeira de Nikolai?

Desligou. Logo depois, chegaram as fotos. Não era a Tabitta, mas Irina, a minha outra irmã. Abaixo, vieram os endereços de onde se encontravam,

em lugares diferentes.

— Eu vou matá-lo — urrou Alexei, vendo Irina presa em uma cadeira.

Samira estava sentada também, contudo, não amarrada. Isto não amenizava meu horror.

— Irina? — indagou Matteo, olhando a foto. — Ele a pegou?

Havia uma preocupação inexplicável em seu tom, como a minha em relação à Samira. Seria possível? Não, ele não podia estar interessado na minha irmã… Se fosse o que eu pensava, me ajudaria a salvar as duas.

Repassei a todos o que Vladimir me disse.

— Você salvará Irina, não é? — Alexei tinha medo. — Sei que ama a Samira, mas Nina é nossa irmã.

— Vamos salvar as duas — respondi.

— Como? Ele falou que mataria quem você não escolhesse, ou pior, a daria… — Estremeceu e não foi o único; Matteo o acompanhou, me fornecendo mais certeza do que fazer.

— Simples, dividiremos. Eu e Alexei buscaremos Samira…

Alexei arfou.

— Ficou maluco? Você pode ter escolhido aquela mulher, filha do assassino dos nossos pais, mas não cometerei o mesmo erro. Se minha irmã não é importante para você, eu a resgato. Faça o que quiser — rugiu com aço na voz.

— Você vai comigo — ordenei. — Vladimir está lá com a Samira, ele não a deixaria desamarrada se não estivesse por perto. O desgraçado sabe da importância dela para mim, só usou Irina em seu jogo doentio. Ninguém se machucará.

— Não, eu não vou com você, nem que, para isto, tenhamos de lutar — respondeu, já se dirigindo ao seu carro.

Peguei-o pela gola da camisa e o imprensei contra o veículo.

— Que porra! — xingou, tentando se desvencilhar do meu aperto e acertando minha barriga. Eu me defendi e me esquivei dos seus socos. — Você não pode me impedir de ir salvar minha irmã!

— Quer calar a maldita boca e ouvir o plano? — Tentei falar direito, mas Alexei estava descontrolado.

Matteo entrou no meio de nós, apontando adagas para ambos.

— Controlem-se, caralho! Enquanto discutem, elas correm perigo — rugiu o *capo*. — Eu vou resgatar a Irina, e Nikolai cuidará de Dalila.

— Acha que confio em um Salvatore? — rosnou Alexei, saindo de perto dele.

— Você não tem escolha, nos resta apenas vinte minutos — observei. — Venha comigo. O *capo* resgatará a Irina, junto a Nasx e Hunter.

Alexei riu, irado.

— Enlouqueceu se acha que abandonarei minha irmã sozinha com esse

cara…

— Alexei, eu necessito de você comigo. Enfrentarei Vladimir. Se entrar lá sem você, corro o risco de ser atingido ou coisa pior… — Expirei. — Caso isso aconteça, você precisa proteger ela e meu filho.

Ele parou e me olhou, ensandecido de preocupação.

— Nikolai…

— Irina ficará bem. Se não acreditasse que sim, não deixaria o *capo* perto dela.

Ele assentiu.

— Confio em você, afinal, nunca mentiu para mim. — Virou-se para Matteo: — Um arranhão nela, e eu acabo com sua raça.

O líder dos Salvatores não ligou, somente me olhou:

— Proteja Dalila com a sua vida, se for preciso — pediu.

— Eu vou. — Era uma promessa.



Capítulo 25

Samira

Fui levada para um casarão enorme, afastado do centro. Meu coração estava acelerado pelo medo, um sentimento que só experienciei ao ser raptada. E meses depois acontecia o mesmo? Naquele dia, Nikolai me salvou; só esperava que o conseguisse de novo.

Eu estava em uma cadeira, mas não amarrada, graças a Deus, e muito menos nua como da outra vez. Não seria tola para fugir com tantos homens armados. A minha única esperança era que eles me rastreassem; usava um anel dado por Nikolai que me esqueci de devolver também. Se ele colocou um rastreador em minha corrente, com certeza pôs o mesmo nesse anel.

O lugar ao meu redor estava cercado de bandidos. Um em especial me

assustava mais: alto, moreno, com olhos frios direcionados a mim, similares aos dos leões vendo uma presa fácil.

Eu me segurava para não chorar e implorar para não me tocarem. Também estava preocupada com meus amigos. E se algum desses caras tivesse machucado eles?

— Meus amigos estão bem? — sondei. Não conhecia Hunter, mas já que ele me protegeu, era alguém que eu prezaria sempre.

— Acredito que estejam, porém isso vai depender do que Nikolai fará, se não os culpar por terem perdido você. — Meneou a cabeça de lado. — Deve saber quem eu sou, não é?

— Vladimir — respondi friamente. — O homem que substituiu Andrey Jacov.

Ele sorriu.

— Garota esperta. Jacov era um lixo que precisava ser exterminado, mas não podia ser por mim. Então dei um empurrão para Dark o encontrar na América.

Arfei.

— Queria que Nikolai o matasse para você? Mas por quê? E por que estou aqui? — Tentei deixar minha voz o mais calma possível, embora, em uma circunstância como essa, fosse difícil.

— Veja bem, temos um giro de poder ocorrendo na máfia há anos: os

Bravatas, os Salvatores e os Dragons sempre no topo, e quanto à Trider? Ninguém nem mencionava. — Ele trincou os dentes. — Então pensei: e se os demais forem eliminados?

Ofeguei de pavor.

— Você quer acabar com todas as máfias? — De repente, com assombro, entendi o motivo de estar ali. — Pretende matar Nikolai?

— Exato! Há poucas semanas, eu descobri que o grande e poderoso Dark estava apaixonado por uma Salvatore…

— Ele não está — cortei-o, estremecendo. Talvez dizendo a verdade, Vladimir desistisse de ferir Nick. — Nikolai só se aproximou de mim por uma vingança.

Ele sacudiu a cabeça, rindo como se eu fosse engraçada. Não disse mais nada, então prossegui:

— Você matará Lorenzo também?

— Lorenzo Salvatore é um fraco, nem sequer merecia ser *capo*. Seu irmão, Enzo, sim. Ele tem mais garra. Felizmente, no final, Lorenzo será morto — dizia com naturalidade, como se estivesse falando de algo banal, e não de uma vida.

— Por que quer o fim dos Salvatores? O que eles lhe fizeram? — Eu precisava mantê-lo falando, assim meu irmão poderia me encontrar. Mas no meu interior, tudo gritava, temendo por minha família e Nikolai.

— Os Salvatores são apenas peões que pretendo usar para chegar aonde eu quero, no topo. Derrubarei os chefes das máfias. Estava contando com a guerra entre Dark e o *capo*, Dragon *versus* Salvatore, mas, pelo visto, isso não acontecerá. — Ele me lançou um olhar sombrio. — Tudo porque Dark se apaixonou por você.

— Ele não me ama…

— Claro que ama! O desgraçado sabia que tinha uma pessoa minha infiltrada na casa dele, então simulou que estava na cama com a cadela da irmã, para que você chegasse e os pegasse juntos. Contudo, ele não contava que também havia câmeras no lugar, e eu descobri a armação. — Ele riu. — Mas devo admitir, o garoto é bem convincente, até eu acreditaria caso não soubesse o que estava fazendo. O filho da puta não queria que eu me aproximasse de você. O que o amor não faz…

Então Nikolai me disse aquilo porque era preciso? E a mulher era sua irmã? Por isso notei que ela se parecia com Alexei. Na hora, tomada de dor, achei que aquela observação não significava nada. Agora entendia.

— Está chocada? O amor é uma fraqueza na máfia. Tal palavra não deveria existir. Dark não serve para ser líder; um líder necessita de pulso firme, e não de *fraqueza* — cuspiu o final. — Essa relação de vocês será minha vitória.

— O que pretende fazer comigo?

— Nada, a não ser a tornar minha esposa depois de matar os Salvatores e os Dragons.

Não, eu não podia me casar com esse maldito cruel! *Como ele ousa dizer que matará minha família e o homem que eu amo, para em seguida me ter como esposa? Ele é louco?*

— Não vou me casar com você! — rosnei.

— Bom, você não terá escolha. Eu já conversei com seu tio Enzo. Ele será *capo* dos Salvatores, e eu terei os Dragons sob meu poder. Como parte da aliança, ele me deu você, a última herdeira após a morte de Lorenzo e Matteo.

— Matteo não vai morrer, nem Nikolai! — era para eu ter gritado, mas saiu um lamento. Isso não podia acontecer. Eu não perderia os dois.

Ele gargalhou, aproximando-se. Tive medo de que fosse me bater ou algo pior. Mas uma coisa que disse me chamou a atenção.

— Meu tio Enzo se aliou a você para matar meu irmão?

— Veja como as coisas são, ele eliminou todos os seus obstáculos, mas resta um, Matteo. — Encontrava-se a dois passos de mim. — Enzo é um sádico e não se importa com a própria família: tem uma mulher que matou, um irmão quase morto em uma cama e um sobrinho que anda tentando organizar a sujeira que seu pai deixou. O *capo* devia liberar tudo, e não cortar regras que foram feitas há muitos anos.

— Ele matou a minha tia? — questionei com tristeza. Lembrava-me vagamente de Liliane, a esposa de Enzo e mãe de Luca. Ela morreu quando eu tinha nove anos, de parada cardíaca, supostamente.

— Não só Liliane, Giulia também. Toda mulher é uma fraqueza para o nosso mundo. Ele temia que sua mamãezinha convencesse Lorenzo a não pegar meninas para sacrificar ao pensar que você havia sido assassinada. — Sacudiu a cabeça, descrente. — Um líder de verdade nem ligaria para sua família.

— Isso não é ser um líder, é ser desumano — consegui dizer, querendo vomitar. — Espere, minha mãe morreu?

— Você não sabia?

O meu coração deu um solavanco. Eu não pensei que sentiria a morte de minha mãe, mas me enganei. A dor que se apossou de mim foi profunda.

Giulia não era uma mãe modelo, porém, até os meus dez anos, ela me amou. Preocupava-se comigo, principalmente quando eu pedia, ou melhor, implorava que me livrasse do fardo de casar ainda criança.

Foi o que fez, não é? Talvez ela não pudesse ter me deixado na porta de ninguém para que eu não corresse perigo. Mamãe nunca foi má, só queria me ajudar, e guardei ressentimentos em relação a ela durante todos esses anos. Como pude não enxergar antes? Como pude não ver o seu amor? Giulia só queria me proteger, como eu sempre pedi.

— Oh, Deus! — Queria ter dito tantas coisas, e em todos esses anos eu a odiei por ela ter me abandonado. Giulia só me deixou para que eu não vivesse aquela vida que eu repudiava.

O pior era descobrir que foi assassinada pelo desgraçado do meu tio. Como ele pôde fazer isso com minha mãe? E por quê? Seria só porque ela era a fraqueza de Lorenzo ou tinha alguma outra coisa?

— Suas lágrimas demonstram fragilidade. Assim que nos casarmos, vou educá-la e torná-la uma mulher forte. — Olhou para a minha barriga. — Mas primeiro vamos tirar essa criança. Seu primogênito será meu, e não um Dragon.

Sacudi a cabeça, apavorada. Meu coração batia forte, temendo tanto por minha vida como pela do filho em meu ventre. O que eu podia fazer? Correr? Mal daria alguns passos, pois havia homens por todos os lados.

— Não pode machucar o meu bebê! — implorei. — Você não tem o direito de matá-lo. Nikolai virá aqui atrás de mim e acabará com você.

— Bom, ele terá de escolher entre você e a irmã dele, Irina, que agora está presa também — falou de modo frio.

— Nikolai e Matteo vão chegar… — disse para mim mesma, e depois mais alto: — Quando Nick vier me salvar, destruirá você assim como fez com o pai biológico dele e com Jacov.

Não deixaria o medo tomar conta de mim, só precisava mantê-lo

falando, assim um dos dois chegaria. Matteo e Nikolai salvariam Irina e eu.

Nikolai

Estávamos no lugar marcado. Alexei ficou junto aos meus homens para entrar quando eu desse o aval, após Samira estar segura.

Eu só entrei ao receber a notícia de que Irina estava bem. O *capo* não reclamou por ter de resgatá-la, aliás, foi ele quem sugeriu. Um homem não deixaria a irmã para salvar outra mulher se não houvesse se apaixonado. Eu ia querer saber sobre isso depois.

Escutei a voz linda de Samira, que tanto amava.

— Nikolai e Matteo vão chegar… — ela disse baixo e depois suspirou, aumentando o tom: — Quando Nick vier me salvar, destruirá você, assim como fez com o pai biológico dele e com Jacov.

Não entendi se ela estava dizendo isso para ganhar tempo ou se realmente desejava que o fizesse.

— Dark, o filho de Sebastian Ruiz! O moleque entrou na máfia já ocupando o lugar que seria por direito de Alexei, que acabou provando sua inaptidão ao renunciar ao cargo por não ter capacidade de liderar nada depois

que seu pai matou os dele. Agora vamos ver quem significa mais para ele: você ou a irmã?

— Quando o pegarmos, quero uma chance com esse verme — cuspiu Alexei.

Estávamos nos comunicando através de uma escuta, assim ficaria mais fácil de mandá-lo invadir a área.

— Você não vai tocar no que me pertence! — Era minha vez de aparecer e encenar até o ataque.

Seus homens apontaram as armas para mim, loucos para me matar. Mas nada importava além de Samira.

— Nikolai… — Ela veio até mim com preocupação nos olhos.

Após tudo que eu disse, minha Coelhinha ainda se preocupava comigo! Eu não a merecia, contudo, era incapaz de deixá-la ir. Egoísta demais, sim.

— Não devia ter vindo, ele quer matar você e tomar seu lugar.

— Vai ficar tudo bem — jurei, logo fuzilando o verme do Vladimir. — Se ele deseja meu cargo e poder, que os tenha.

— Não, por favor… — pediu, chorando. — A máfia sempre foi sua vida!

Olhando para ela ali, com os lábios tremendo devido à intensidade das lágrimas que desciam por suas bochechas, pensava no quanto Sam era importante para mim.

— Você é a minha vida, Samira, a mulher por quem eu mato, e também por quem eu morro. Você e nosso filho ficarão bem. Eu prometo. — Não me incomodei em demonstrar meus sentimentos na frente dos outros. Por ela, eu quebrava qualquer regra.

Esperava que Alexei escutasse isso e seguisse conforme o programado, na hora que as coisas ficassem feias. Torcia para que eu a protegesse antes.

— É repugnante um líder expressar um sentimento assim — enojou-se Vladimir. — Você não serve para a sua posição.

— E você, sim? — Puxei-a para mais perto de mim, a cobrindo o máximo possível da visão dos seus cúmplices. — Um homem como você afundaria a máfia em pouco tempo. Veja pelos Triders: são uma raça fraca e sem estrutura. Precisam cometer atos horrendos para chegar aonde querem. Você nunca conseguirá nada, Vladimir. Hoje será o seu último dia, porque tocou nas pessoas que eu mais amo.

Mencionar sua falta de poder o deixaria furioso. Queria acabar logo com tudo; terminar com ele por tocar em minha mulher e na minha irmã.

— Chegou a hora — disse Alexei no meu ouvido. Agiu tal qual combinamos. A explosão foi provocada para tirar um pouco dos seus homens dali e levá-los para o lado direito, liberando o esquerdo para Alexei entrar.

— Acabarei com você usando ela. — Vladimir apontou a arma para Samira, mas a cobri com o meu corpo.

— Nikolai! — gritou meu irmão.

De um segundo para o outro, qualquer barulho parecia distante. Superando a dor, mantive Sam atrás de mim. Fora baleado, mas não podia apagar agora; antes, precisava tirá-la do fogo cruzado.

Fomos a um corredor. A dor aumentava, e o sangue escorria.

— Nikolai? — Minha Coelhinha chorava observando o mar vermelho. — Oh, meu Deus!

Estava a ponto de puxá-la dali para irmos embora, quando segui seu olhar assombrado para trás de mim. Um dos caras da Trider apontava a arma para nós.

— Samira! — eu gemi.

Ela tentou me cobrir, contudo, a impedi. Encostei-a na parede e a defendi com o meu corpo, sentindo outro tiro. Rezei para que a bala não me ultrapassasse.

— Que porra, Nikolai — gritou Alexei não muito longe.

— Por favor, não… — implorou, chorando, lutando para sair do meu aperto. — Me deixe protegê-lo.

— Você e nosso filho precisam de segurança…

A escuridão se apossou de mim, mas antes, eu vi Alexei matando o cara e correndo até nós.

— Eu a protegerei. — A promessa de meu irmão foi a última coisa que

ouvi na escuta.



Capítulo 26

Samira

Fiquei histérica na hora: ele tinha levado outro tiro. Escutei Alexei gritar o nome do irmão. Os homens de Nikolai nos cercaram para impedir que ele fosse atingido novamente. Eu não ligava para mais nada além dele. Tremia em desespero.

Meus sentimentos estavam uma bagunça. Por piores que tenham sido os motivos de Nikolai ao se aproximar de mim, eu não o queria morto, não suportava a ideia de perdê-lo… de vê-lo nesse estado… Não, ele precisava ficar bem. Confiaria nisso, afinal, Nikolai era um homem poderoso! *Pena não ser à prova de balas*, pensei, amarga.



Meus olhos estavam molhados ao chegar ao hospital. O lugar era clandestino, contudo, não me importava, contanto que ele ficasse bom, que aqueles tiros não fossem nada… que logo se levantasse da maca e desse o sorriso lindo que só ele tinha.

Alexei e eu estávamos sozinhos há alguns minutos no corredor do hospital, comigo toda inchada de chorar, enquanto o médico tentava salvar Nikolai.

— Você o ama muito, não é?

Sentia minha mente fora de órbita. Foquei em Alexei: sua expressão, pela primeira vez, não era de raiva. Parecia surpreso. Imagino que ele viu a hora em que tentei entrar na frente de uma bala para proteger Nikolai. Obviamente, foi uma ação impensada; não quis machucar meu filho.

— Sim, não me interessa mais seu motivo para se aproximar de mim. Apenas não posso o perdoar por ter ficado com outras.

Ele riu.

— Acha que Nikolai a traiu? Devo dizer que até me choquei ao vê-lo rejeitar todas as mulheres. Era como se fossem homens. Perguntei o que estava havendo, mas ele não quis me contar, e olha que não escondemos nada um do outro. Meu irmão não me disse sobre você para eu não buscar vingança. Eu o segui até Nova Jersey e enxerguei os dois juntos; o modo como ele sorria diante de você era diferente.

— Você não sabia da vingança?

Ele negou.

— Nunca foi vingança para Nikolai, apesar de ele sempre afirmar isso. Ele a olhava como se a amasse mais que tudo na vida. — Passou a mão

direita nos cabelos. — Eu quis matar todos os Salvatores por terem feito o que fizeram, mas ele não deixou, mesmo o velho fodido merecendo. Acredito que foi por sua causa.

Meu coração estava apertado. Na máfia, ninguém era santo, todos possuíam seus lados obscuros. Nikolai tinha isso; essa parte foi o que o levou a se aproximar de mim. Já seu outro lado o fez me amar e se arriscar por minha causa.

— Ele não ficou com ninguém? Vladimir disse que sabia da armação com a irmã de vocês… — Arregalei os olhos. — Ele falou que sequestrou Irina e que Nikolai teria de escolher qual de nós salvar… será…

— Irina está bem, o *capo* a resgatou enquanto Nikolai foi até você.

— Matteo? Ele está seguro? E Nasx? Hunter?

— Sim, todos estão — respondeu, olhando fixamente para o corredor imenso pelo qual levaram Nikolai.

Eu não queria pensar no pior, precisava continuar falando ou enlouqueceria.

— Eu sinto muito — murmurei. Era por culpa de Lorenzo que os pais dele não estavam vivos, e minha também, de certa forma.

Ele me olhou de lado.

— O quê? Está se sentindo mal por estarmos aqui? Não foi sua culpa, eles cercaram o carro e a levaram. E ficando com esse anel você ajudou

bastante para a rastrearmos.

Eu sacudi a cabeça.

— Não, estou falando sobre o que Lorenzo fez…

Alexei não disse nada, então continuei:

— Quando eu era pequena… — Encostei a cabeça na parede, mirando o teto. — Não conheço as leis da máfia russa, mas as da italiana eram o Inferno. Obrigavam as meninas a se casar com dez anos, e com companheiros adultos. Já os homens se casavam em torno dos vinte e quatro. Por que conosco era diferente? Qual o maldito problema deles? Apenas pois somos mulheres? Injustiça absurda!

— Por isso não voltou ou deu sinal de vida?

— Odiava aquela situação. Vi minhas amigas sendo levadas tão cedo… Sabe o quanto isso é desprezível? Muitos dos maridos são cruéis. Como podem deixar isso acontecer às suas filhas? Por que não fazem nada? Essas eram perguntas que eu colocava ao Lorenzo todos os dias. — Fechei os olhos. — Cheguei a suplicar para que me deixasse intocada até os meus dezenove anos… se ele ordenasse, certamente, o homem com quem eu me casasse cumpriria.

— As meninas que ele sequestrava morriam violentadas com essa idade. — Seu tom saiu alto na pequena sala de espera. — Lorenzo fez isso porque pensava que você estava morta.

— Parece que sim, e eu culpava Giulia por deixar isso acontecer, mas Vladimir disse que meu tio a matou, inclusive se aliou à Trider, bolando um plano para assassinar Matteo e Nikolai, e forçar-me a me casar com ele! — Alisei minha testa para aliviar a dor.

— Está passando mal? — indagou, vindo sentar ao meu lado.

Eu arqueei as sobrancelhas.

— Você, preocupado comigo?

— Não seja esperta! Prometi ao Nikolai que se acontecesse algo com ele, eu tomaria conta de você. Nunca o enxerguei tão destruído como quando terminaram, vendo o seu rosto destroçado, mas não tínhamos escolha. Ele foi atrás de você, algo que jamais fizera na vida. E, antes disso, até ia para a América direto. Não foi só vingança, meu irmão realmente a ama.

— Você também se importa muito com ele, não é? — Ficou claro pela forma que falava de Nick.

— Andrey Jacov sequestrou Luciene, mãe de Nikolai. Ela estava grávida de sete meses, indo para o oitavo, quando o crápula a entregou para que seus homens a violentassem na frente de Sebastian Ruiz. Deixou-a praticamente morta, e Ruiz vivo, assim ele teria de conviver com aquilo. O pai de Nikolai foi quem cortou a barriga de sua mulher para tirar o bebê antes que morresse junto com a mãe, mas acabou entregando-o a um hospital. Sebastian ficou cego com a vingança, não se importando com nenhum de

seus filhos. Sumiu do mapa, aparecendo há pouco tempo. Lembra que, por culpa dele, Tabitta parou no navio dos Bravatas?

— Sim, eu lembro. Então seus pais o adotaram ainda bebê no hospital ou já em um orfanato? — Nikolai havia dito que tinha sido adotado, mas sem muitos detalhes.

— Nikolai passou por vários lares adotivos até entrar para a nossa família. Nós realmente gostávamos dele como um irmão. Meus pais estavam tão animados, eu era novo na época; mamãe dizia que Nick era charmoso até pequeno.

— Sei muito bem do charme dele — murmurei.

Ele me fitou.

— Nikolai se aproximou de você por vingança, sim, mas no final se deu conta de que não queria se tornar o mesmo que Sebastian, por isso a deixou no dia do noivado da sua amiga. Ele tentou ficar longe e não conseguiu.

Meu coração deu um solavanco pensando na mãe biológica de Nikolai e no que esse monstro do Jacov fez. *Que apodreça no Inferno!*

— Nikolai perdeu a mãe dele, e a única família que o recebeu de braços abertos foi assassinada por meu dito pai, Lorenzo. Sua maldade chegou ao limite, deixando-o cego. A vingança é um caminho que, às vezes, não tem volta.

— Então não o perdoará quando ele levantar daquela cama? Nikolai é um guerreiro, logo abrirá os olhos — assegurou Alexei.

— Eu não sei o que pensar… Neste momento, só quero que ele fique bem. — Sentia-me fraca. — Meu tio rapidamente descobrirá que estou viva e, Vladimir, morto; planejará o meu destino na máfia. — Expirei. — Eu quero lhe pedir um favor: caso seja forçada a ir embora, necessito que cuide de Nikolai. Eu sei que é estúpido dizer isso, ainda mais para um chefe da máfia… Contudo, quando eu voltar aos Estados Unidos, não sei o que será da minha vida, o que eles vão decidir. Matteo pode ser *capo*, mas mesmo com o seu poder, ele não conseguirá mudar todas as leis. E se eu fugir, isto acarretará problemas a ele. Vão considerá-lo fraco. Seja qual for o destino a que me condenarem, aceitarei. Talvez, no futuro, eu seja feliz.

— Não conhece mesmo o Nikolai, não é? Meu irmão não permitirá que nada lhe aconteça. Jamais deixará alguém tocá-la. O cara morreria por você, e não no sentido figurado. Você presenciou isto hoje.

Eu estava a ponto de responder quando o médico entrou na salinha. Meu coração gelou, temendo que ele não tivesse conseguido. *Por favor, que Nikolai esteja bem*, recitei como um mantra.

— Então? — perguntou Alexei, se levantando junto comigo.

Aquela expressão de preocupação com o irmão havia se esvaído, era como se Nikolai fosse um desconhecido. A máfia e suas regras absurdas de

não demonstrar sentimentos na frente das pessoas…

Já meus olhos molhados denunciavam toda a dor e todo o medo que sentia.

— Ele está vivo? Por favor, diga que sim…

— Sim, foi operado. Por sorte, a bala não atingiu nenhum órgão vital. Um projétil se instalou no ombro, e o outro na barriga. Agora devemos esperar ele acordar. Se quiserem entrar, fiquem à vontade.

Suspirei de alívio. Iria vê-lo, mas Matteo entrou no recinto junto a Enzo, vindo em minha direção.

O velho me olhava com ódio. Aposto que, se estivéssemos sozinhos, ele me bateria, isso se não fizesse coisa pior.

— Eu a protejo desse verme imundo! — Alexei falou baixo para apenas eu ouvir.

— Não comente nada sobre o que descobri por meio de Vladimir. Preciso provar que foi ele quem matou minha mãe. Se eu o acusar agora, dirá que estou mentindo — pedi.

Quem diria que o homem que amava seus carros e que não gostava de mim enfrentaria o meu tio por minha segurança? Talvez só estivesse cumprindo ordens de Nikolai; fosse como fosse, eu agradecia.

Matteo, muito sério, não me abraçou. Estava claro que queria, mas não podia devido ao meu tio.

— Viemos buscá-la. — Não pareceu um aviso ou um pedido, e sim uma ordem, sem poder de recusa.

Esquadrinhei o olhar de Matteo por uma explicação, todavia, permaneceu austero.

— Em razão dos últimos acontecimentos, decidimos levá-la embora. Com Dark, você corre muito perigo — explicou meu irmão. Em sua expressão, suplicava para eu não retrucar.



Capítulo 27

Nikolai

Abri meus olhos, deparando-me com paredes brancas ao meu redor, um soro enfiado em meu braço e uma sonda no meu nariz.

Lembrava-me de estar lutando contra Vladimir… então…

— Samira! — Fui me levantar, mas parecia que tinha sido atropelado por um tanque de guerra. Algo apitou perto de mim, e não liguei, só queria saber se a minha Coelhinha estava bem, se as balas que me atingiram não entraram nela e no meu bebê.

Uma mão segurou meus ombros e me colocou no lugar.

— Ela está bem, Nikolai, fique calmo — disse Alexei, em pé ao meu lado com uma expressão preocupada.

— Não foi ferida? Aonde ela está? Preciso vê-la agora. — Suspirei, me escorando nos travesseiros. A coisa no meu nariz me incomodava. — Que merda é isso? Como tiro esta porcaria?

Alexei chamou o médico, que logo retirou a sonda, deixando o soro.

Assim que o doutor saiu, Alexei falou:

— Samira não foi ferida. Ela está em Chicago, na casa do *capo*.

Senti-me sem ar ao saber que ela tinha voltado para eles, longe da minha proteção. Como a manteria segura caso decidissem castigá-la?

— Você não devia deixar Sam sozinha com eles, porra! — Ergui-me, ignorando a dor no abdômen, e me sentei. Alexei me ajudou.

— Eu disse que ela está bem. Não a abandonaria se não tivesse certeza. Adrian e Cielo estão com a garota vinte e quatro horas por dia.

Eu o avaliei para ver se dizia a verdade. Ele a odiava pelo que o pai dela fez, embora Samira não fosse culpada de nada. No entanto, não vi mentiras ali, e podia ler Alexei como um livro aberto. À minha semelhança, meu irmão escondia muito bem seus sentimentos de todos, exceto de mim.

Eu me sentia culpado por mentir a respeito de me aproximar da Coelhinha por vingança, mas, no fundo, achava que ele já se dera conta de que eu realmente amava Samira, por isso a protegeu.

— Quero ir para a América. — Arranquei o fio do meu braço.

Ele me impediu.

— Precisa se recuperar. Eu já disse que ela está bem, agora necessitamos que você melhore — falou, sério. — Temos uma merda para resolver aqui, ela está mais segura lá com o irmão.

— Segura? O velho desgraçado do Enzo estava junto com o Vladimir. Sam corre perigo lá.

— Matteo está ciente do que o tio fez, ele tem um plano para Enzo pagar, só nos resta esperar. O *capo* tem tudo sob controle. — Ele se ergueu e foi até a janela. — Há algo que descobri que está me deixando inquieto.

Fitei suas costas e o senti tenso.

— O quê? — Minha garganta estava seca, como se não bebesse água há anos. *Ficar de cama é realmente uma merda*, pensei. Desejava estar bom para ir ver Samira, em vez de continuar ali sem poder fazer nada.

— Pietro não quer mais a Samira, pois soube que ela é sua. — Deu um suspiro duro.

Eu pisquei.

— Isso é bom, não é? Impede de começarmos uma guerra, porque nunca o deixaria tocar nela. — Meu corpo todo doía, porém, não ficaria deitado em uma cama de hospital, imobilizado, fraco. Droga, odiava me sentir impotente.

— O problema é que ele quer fazer uma parceria com você, conosco… — ele me avaliava enquanto falava.

Eu ri e logo me arrependi, porque parecia que tudo se rasgava dentro de mim.

— Você só pode estar brincando! — exclamei. — Jamais me aliaria a alguém como ele.

Alexei assentiu com os olhos duros.

— Penso da mesma forma, Nikolai, e até disse isso a ele… — Ele parecia sentir raiva.

— Pietro teve a audácia de vir aqui? — Sentei numa cadeira. — Quanto tempo eu fiquei fora?

— Você ficou desacordado durante alguns dias, e precisava disto, afinal, levou dois tiros… Eu não entendo, por que arriscar sua vida por uma mulher que não tem seu sangue? — Meu irmão não compreendia que, se algo acontecesse a Samira, eu morreria, o mundo sem ela não existiria.

Balancei a cabeça, ou tentei: sentia meu corpo pesado devido ao fato de ter ficado muito tempo acamado.

— Só entenderá no dia em que amar alguém. Essa pessoa fará parte de você, se tornará toda sua vida. — A partir do momento em que conheci Samira, ela se tornou tudo para mim. Algo que nem pensei ser possível: estava amando, e assim que eu fosse para a América, diria a ela. — Preciso falar com Sam e esclarecer as coisas, pedir que me perdoe.

Ele revirou os olhos.

— Ela sabe sobre a Irina e todo o plano, então ficará tudo bem — disse.

Eu precisava acreditar que sim. Uma coisa era saber que armei tudo, outra era ela assumir que eu pensava assim. Fui bem convincente, era treinado para mentir muito bem. Todavia, nada do que falei era verdade. Nunca pensei nela daquela forma, jamais poderia. Ela não tinha culpa do

assassinato dos meus pais.

— Deus! Espero nunca me apaixonar, o amor deixa as pessoas fodidas. — Estremeceu.

— Ser fodido é bom — respondi sorrindo. — Mas falando sério, o que Pietro quer? Pergunto por curiosidade, porque seja o que for, eu não darei a ele.

Eu não fazia acordos com assassinos sanguinários. Sim, eu era um também, mas não cometia as mesmas atrocidades de Pietro. Ele era pior que Jacov e Vladimir foram.

Dentro da máfia, eu considerava todos como serpentes. Assim como nós tínhamos nossas origens, as serpentes tinham as delas, algumas mais venenosas e mortais do que as outras. Todos éramos serpentes, e no final, a mais poderosa ganharia. Esperava que o lado vencedor fosse o nosso. Não desistiria de lutar pelas pessoas que amava, e se uma guerra fosse inevitável, eu a encararia.

Pietro era uma cobra filipina, que solta seu veneno a quase três metros. O cara já causou tanto estrago e não foi preciso nem se levantar do banco. Fez coisas horrendas. Colocaria Jacov no chinelo; Lorenzo, idem.

Eu não era bom, e não queria ser, pois isto destruiria minha família, apenas não era cruel tal alguns mafiosos se tornaram — acho até que sempre foram; nascemos com algo bom ou ruim, que floresce mais tarde, nos

transformando naquilo que desejamos. Eu era uma mistura dos dois.

— Pietro teve a audácia de dizer que, se não quisermos guerra, teremos de nos aliar a ele, porque se não podemos contra, devemos nos juntar ao verme. Prefiro matar a dar o que esse desgraçado pediu, ou melhor, exigiu.

— O que você disse a ele? — Estava irado com o merda por sequer pensar em tocar na minha mulher.

— Falei que nada feito, e que não me importo em guerrear, aliás, adoraria vê-lo morto. Ainda me pediu a mão de Irina, para solidificar a aliança. Já imaginou o quanto isso é fodido? — Sacudiu a cabeça com raiva.

— Irina? Ela está bem depois do sequestro? — Minha voz se elevou de repente, preocupado.

— Sim. O *capo* estava comigo quando Pietro mandou um dos seus subordinados para nos dar o recado. — Ele franziu o cenho.

— Pietro não veio pessoalmente? Que líder de merda é esse? — Jamais deixaria um dos meus homens sozinho. Não temia nada; bom, exceto perder Samira.

— Não, mandou um dos seus séquitos. — Meneou a cabeça de lado. — Mas um detalhe me deixou confuso e com raiva na hora, fora minha ira por Pietro.

Já antecipava ao que ele se referia. Matteo escutou sobre a proposta de casamento para Irina; decerto não reagiu bem. Eu, no seu lugar, faria o

mesmo, se não pior. Mandaria o homem direto para o Inferno.

— O *capo* deixou o cara vivo? — sondei, me ajeitando na cadeira, desprezando as pontadas de dor na ferida. Precisava sair desse lugar. Não gostava de hospitais, pois lembravam-me dos meus pais.

Estreitou os olhos.

— O que você sabe? Pela forma como ele agiu, enfurecido, me parecia que os dois tiveram algo. Quase matou o Said, se não fosse pelos três caras que vieram com ele e por Irina, que apareceu e o impediu. — Sacudiu a cabeça. — Você não viu, assim que Matteo escutou a voz dela, foi como se desligasse o monstro que estava ali, querendo esquartejar o homem. A sombra escura em suas feições me dizia que lá há muitos demônios.

— Todos que têm esta nossa vida escondem demônios, Alexei. Matteo é apenas mais um de muitos — comentei, coçando onde a agulha estava enfiada sob minha pele. — Você, com certeza, guarda-os também. Significa que ainda somos humanos.

— Tem razão. E quanto à Irina? Eles têm algo, não é? Perguntei isso a ela, mas respondeu que não é da minha conta. Não acabei com ele porque nossa irmã me pediu para ficar longe disso. — Alexei parecia chateado.

— Não sei o que houve entre eles, mas algo aconteceu. Percebi ao reparar na reação dele quando ela foi sequestrada. Foi atrás dela, escolhendo deixar a própria irmã para que eu protegesse. Só um homem que ama faria

isso por uma mulher. — Era o mesmo que eu fiz.

— Ele gosta dela, sim. Não sei como se conheceram e o que houve entre os dois, mas foi na América — rosnou baixo.

— Descobriremos tudo depois — assegurei. — Se estão juntos, por que não vieram falar conosco?

— Conversaremos com os dois após resolvermos o que fazer com Pietro. Não gosto de ter ajuda de um Salvatore, mas como forçou uma aliança, chegou a hora dele provar seu valor e nos auxiliar a vencer a guerra. — Veio até mim. — Você precisa se deitar…

— Merda, não me trate como um inválido, eu estou bem. Uma maldita bala não vai me dominar, não sou um frangote — grunhi.

— Duas balas, na verdade — retrucou, encolhendo com a lembrança.

Eu já estivera ferido antes, mais grave do que isso. Ficar amarrado era uma bosta, me impedia de fazer o que queria, como estar ao lado da minha Coelhinha.

— Vamos embora daqui. — Arranquei o soro do meu braço.

— Precisa esperar a alta do médico. — Pegou o fio da minha mão com a agulha e levou para longe. — Não devia ter tirado isso antes do doutor dizer que podia.

Arqueei as sobrancelhas.

— Lembra quando levou aquele tiro na coxa e ficou hospitalizado, e

assim que acordou foi correndo embora? O que eu disse? Nada. Então não venha me obrigar a ficar aqui ou acabo com você, mesmo não podendo lutar — grunhi, indo me levantar, mas ele me impediu.

— Não é a mesma coisa, o seu foi mais grave, e eu preciso ter certeza de que ficará bem, certo? Não posso deixar você simplesmente sair andando por aí e correr o risco de os pontos estourarem.

— Se espera que eu vá embora em uma cadeira de rodas, está louco. — Cerrei os punhos. — Uma bala não me fará andar por aí inutilizado, demonstrando fragilidade para aqueles que desejam me derrubar.

Ele suspirou, frustrado. Alexei sabia que eu tinha razão. Não gostava de (e não poderia) me sentir fraco.

— Tudo bem, só vamos falar com o médico antes, depois iremos para casa — insistiu.

Eu assenti. Entendia que era humano e tinha fraquezas, não era idiota ou me imaginava imortal. No entanto, vivi a minha vida inteira assim, sem poder exprimir debilidades; agora, isto fazia parte de mim.

O médico veio e me liberou para ir para casa, passando uma lista de remédios. Vi em seus olhos que ele não queria me deixar ir, entretanto, não podia discutir comigo. Por isso Alexei contratou Scolan, e não uma pessoa de fora do nosso mundo, que já envolveria a polícia, acarretando um monte de burocracia.

Tentei ligar para a Samira, mas ela não atendeu, acho que estava ocupada — era o que eu dizia a mim mesmo, evitando o pensamento de que ela não me queria mais em sua vida. Eu não tirava sua razão; a forma como a tratei me deu uma puta raiva de mim mesmo. Apenas não era altruísta o suficiente para deixá-la ir, embora sabendo que seria o melhor. Sam era minha; enquanto eu vivesse, sempre seria.

Caminhei meio duro até o carro, não deixei Alexei me escorar nele na frente das pessoas, somente no elevador e no estacionamento subterrâneo do prédio. Tudo doía, por dentro e por fora.



Capítulo 28

Nikolai

Assim que chegamos ao estacionamento, eu me deparei com vários carros — cinco, na verdade. Meus homens e os de Alexei estavam com suas armas apontadas para eles.

Amaldiçoei quando Alexei entrou na minha frente para me proteger. Fiz a burrada de puxá-lo para o lado, e a porra do meu corpo reagiu como se fosse triturado aos poucos. Mesmo com muita dor, mantive a minha expressão neutra e fria ao ver um homem sair do carro. Logo o reconheci.

Alto, forte e sombrio, varreu os olhos sobre mim e arqueou as sobrancelhas. O que ele esperava? Ver-me sair dali todo destruído e usando uma cadeira de rodas, por não conseguir me locomover? Ele não me conhecia.

Eu vestia um terno preto. Não dava para ver que fui ferido.

— Ouvi dizer que estava todo arrebentado, mas pelo visto era conversa fiada. — Gesticulou para mim com o dedo. — Parece muito bem para quem foi baleado.

Dei de ombros.

— Não se pode acreditar em tudo que se ouve. — Não demonstrei nenhum sinal de emoção. — O que você está fazendo aqui? Duvido que veio me parabenizar por ter sobrevivido.

Ele riu, uma risada fria que faria qualquer pessoa normal correr para as montanhas, mas não eu, que convivia com monstros o tempo todo. Eu era um, quando precisava, contudo, minha maldade tinha limites.

— Na verdade, eu vim aqui justamente por isso. Imaginei que estariam feridos, pela forma que deixaram meu homem todo machucado, tanto que mal conseguia andar direito… — grunhiu, avaliando sutilmente a sua retaguarda, como se estivesse esperando aparecer alguém. — Supus que você não acreditou em minha palavra…

Eu o cortei:

— Palavra? — desdenhei, trincando os dentes. — Você mandou um dos seus para falar em seu lugar. Isto não faz seu estilo. Por que não veio?

— Tenho meus motivos — retrucou, cerrando os punhos. Não vi uma arma na sua mão, o que não queria dizer que não carregasse uma.

— De qualquer modo, não me aliarei a alguém como você — anunciei.

— Não? — Riu de novo, agora sombrio. — Você é como eu, Nikolai, um monstro assassino capaz de matar qualquer um na sua frente.

— Pode ser, mas não cruzo certas linhas, ao contrário de você —

apontei.

Havia uma lenda que rolava pelo mundo da máfia: um dia, Pietro ordenou um massacre numa cidade da Rússia. Foram centenas de mortos, tanto que hoje o lugar se tornou uma terra de ninguém. Falo “lenda” porque nunca provaram que ele era o culpado, existiam apenas boatos. Então sim, ele era um demônio completo. Jamais nos aliaríamos.

Pietro sacudiu a cabeça, como se soubesse o que eu estava pensando.

— Você é um líder muito jovem para entender o poder de uma aliança em nosso mundo. — Não era uma acusação, só uma observação.

— Posso ser jovem, mas nos meus oito anos no comando, nunca afundei os Dragons me aliando a alguém capaz de me derrubar. E quem ousou tentar me levar para o chão, hoje não passa de um verme debaixo da terra. É para lá que todos vão. — Isso era verdade, alguns não me aceitaram bem no poder, e agora estavam mortos.

Prosseguiu, inabalado:

— Eu também sou assim, por isso sei que podemos nos aliar. Casaremos você com minha filha, e eu com sua irmã…

Eu ri, mas me arrependi, porque foi como se tivesse levado um soco. Não aparentei, permaneci neutro. Não importava quanta dor eu sentisse, não demonstraria fraqueza na frente de um inimigo, meu pai sempre nos ensinou isto.

— Tenho uma má notícia. Eu já sou comprometido, e em breve, ela será minha esposa — informei a ele.

— E nossa irmã pertence ao chefe da máfia italiana — acrescentou Alexei, sombrio. — Seu homem levou uma surra porque mencionou o casamento na frente dele. Devo dizer que gostei.

Pietro se tornou taciturno; não havia como piorar.

— Preferiram se aliar ao assassino dos seus pais, em vez de a mim? — Estava descrente.

— Não fiz uma aliança com *Lorenzo Salvatore* — cuspi este nome —, e sim com o filho dele, o mesmo que derrubou o antro mantido por seu pai.

— É, Matteo destruiu o seu próprio pessoal, por esta razão não propus uma aliança a ele. Se arrasta quem é da família por qualquer coisa, como garantir que não fará o mesmo comigo? — Amargurou-se. — Ele devia ficar com os seus.

Minha vontade era de quebrar sua cara, para não dizer coisa pior. Sorte dele que eu estava arrebentado.

— *Qualquer coisa*? Aquelas garotas foram raptadas e presas para serem entregues a homens por uma vingança distorcida de um doente desgraçado. Você as acha insignificantes?

Ele respirou fundo.

— São insignificantes, porque não são do nosso mundo.

Eu não ficaria ali conversando com esse cara. Meu corpo estava todo dolorido, os analgésicos tinham acabado de sair do meu sistema.

— Você não devia dizer isto — comentou Alexei, com aço na voz. — Afinal, tem uma filha, Rayssa Delacurt. Leva o sobrenome da mãe dela, que morreu de enfarte. Agora me explique: de que modo uma mulher em plena saúde enfarta? E como se sentiria se sua filha passasse o que aquelas meninas passaram? Sendo estuprada repetidas vezes, e depois morta?

— Deixe minha filha fora disto, ela não tem nada a ver com a minha vida. — Parecia desejar bater em Alexei.

Meu irmão sorriu, não ligando para a fúria do homem.

— Rayssa estuda em Dallas e não se interessa pelo pai. Acredito que ela sabe o você fez com a mãe dela. Se Lorenzo saísse de seu estado vegetativo e fosse procurá-la, ainda acharia algo insignificante?

Pietro deu um passo na direção de Alexei com seus punhos cerrados. Peguei a arma guardada às minhas costas e levantei-a, mirando nele. Alexei permaneceu parado com um sorriso idiota no rosto. Merda.

— Você está ameaçando a minha filha? Sabe quantas pessoas eliminei por isso? — rugiu.

— Nem mais um passo — alertei. — Não somos como você, que machuca inocentes. Sabe por que odeio homens que o fazem? Porque se fosse com um dos meus, eu os mataria da pior maneira possível, de forma lenta e

torturante.

Meneou a cabeça de lado e não disse nada, só me observou atentamente com uma expressão indecifrável. Dado seu silêncio, continuei:

— Sugiro que dê meia-volta e retorne para o lugar de onde veio. Não vou me aliar a você, fique ciente disto. Se quer guerra, a terá — adverti.

— Estamos prontos, temos mais aliados que lutarão conosco — Alexei falou bem quando mais de nossos homens chegaram.

Eu podia acabar com Pietro agora; não seria tão fácil, mas venceríamos, estávamos em maior número. Havia uns quarenta dos nossos contra apenas quinze seus.

Minha arma ainda estava apontada para ele, pronta para lhe dar um fim.

— O que me diz? — Indiquei o seu carro. — Se partir agora, não precisará haver uma guerra.

Pietro suspirou, frustrado.

— Tentei conversar com você e propor uma aliança…

Interrompi-o:

— Você não depende de uma aliança nossa, já tem milhares de servos, várias pessoas na folha de pagamento. — Franzi a testa. — Por que insiste tanto? Há alguma coisa errada?

— O que você quer com a Samira, filha de Lorenzo Salvatore? — perguntou Alexei.

— O nome dela não é Samira — retrucou. — Contar com ela ao meu lado seria bom para o que tenho em mente.

— Posso saber o que é? Seja o que for, não se concretizará. Samira é minha, ninguém a toca e sai vivo — grunhi.

— Já que não somos aliados, pois você deixou isso bem claro, não tenho nada a responder — retrucou com um olhar ácido.

— Podemos fazer você falar. — Sorriu Alexei de modo sinistro. — Adoraria cada segundo.

— Vocês… — ele começou, mas parou ao fitar a tela de seu celular.

Avaliei-o mais atentamente: havia algo indecifrável nele. O homem era bom em esconder seus sentimentos.

Tinha um motivo para insistir em uma aliança comigo.

Olhei para seus homens. Por que se arriscar vindo com tão poucos?

Pietro era vivido, e não falo sobre sua idade, quarenta e cinco anos, mas de sua experiência e sabedoria. Não apareceria despreparado em território inimigo. Eu estava deixando passar algo, algo que o fez se arriscar, algo que tornava sua expressão sombria sempre que olhava o celular, algo que o deixara louco por uma aliança.

Eu precisava ganhar tempo para descobrir a razão de tudo.

— Me dê dois meses para pensar — pedi.

Assim, conseguiria as informações das quais necessitava. Evitaria uma

guerra a qualquer custo. Se fosse antes de eu conhecer Samira e ter um filho a caminho, Pietro já era, mas agora tinha de pensar nas consequências, caso eu fizesse alguma besteira.

Alexei me mirou com confusão, mas não disse nada.

— Um mês é tudo que vocês têm — disse depois de me analisar. — Após, se eu não tiver notícias suas, retornarei, e não será bonito.

— Não gosto quando me ameaçam. Sabe que eu poderia matá-lo agora, não é? — Escondi minha antipatia por ele.

Ele riu, nada feliz.

— Não faria isso, Nikolai. Se tem uma coisa que sei sobre você, é que nunca atacaria um homem desarmado — apontou. — Hoje não haverá luta.

Ele tinha razão. Só acabava com quem vinha nos matar, e naquele instante, não era esta a intenção de Pietro.

Não queria que ele suspeitasse que pedi o prazo para descobrir o motivo que o levou a solicitar uma aliança, sendo que, um tempo atrás, ele desejava minha mulher. O que mudou?

— Tudo bem. Até lá, mantenha seu pessoal bem longe do meu, incluindo os Salvatores — avisei.

— Certo. Então qual de vocês se casará com a minha filha? — Olhava de mim para Alexei, que fez uma careta.

— Me tire fora dessa, não vou me casar agora — protestou.

No nosso mundo, nos casávamos até no máximo vinte e oito anos. Ele ainda tinha algum tempo pela frente, e não deixaria de aproveitar.

— Não haverá casamento. Já tenho uma noiva. E, segundo Alexei, a sua filha não vai com a sua cara, aposto que também não aceitará se casar. E eu não forçaria uma mulher a nada — falei com um suspiro duro, ignorando a dor em meu corpo.

Matrimônios eram importantes para fortalecer alianças, logo, muitos obrigavam suas filhas a casar. Nesses longos anos em que detinha o título de chefe, tentava mudar isso; fizera algum progresso. Não estragaria tudo por uma aliança.

Pietro assentiu, todavia, não gostou muito.

— Certo. Diga ao Hunter que o que ele procura está em Milão. Passarei o endereço assim que sair daqui. — Seu tom tinha algo que não consegui identificar.

— Por que pegou um contêiner inteiro de garotas? Isso tudo era para chegar à Dalila? — sondei, curioso, querendo saber o que se passava em sua mente.

— Não sei quem deu essa informação a você. Não procurava Dalila, e sim outra pessoa, que não vem ao caso, pois não a encontrei. — Sua expressão endureceu, contudo, controlou-se. — Mas achei quem Hunter sempre buscou. Ela está com as outras meninas.

— Todas intocadas? — inquiri, duvidando disto, ainda mais estando nas mãos de homens como ele e Jacov.

— Não toquei em nenhuma, nem meus homens o fizeram. Enquanto estavam com Jacov, eu não sei. — Antes de se virar, observou: — Você é bem diferente de Sebastian Ruiz. Sei que posso confiar em sua palavra.

Fiquei quieto, assistindo a um dos chefes da máfia russa ir embora.

— Também notou sua displicência, não é? — indagou Alexei.

Guardei a minha arma.

— Sim, Pietro se arriscou muito vindo aqui sozinho. Não me pareceu preocupado com o que viesse a acontecer com ele. — Sacudi a cabeça, confuso.

— Acho que está planejando algo, porque ninguém apareceria desprotegido para firmar uma simples aliança — assegurou Alexei.

— Também penso assim. Pedi esse tempo para descobrimos o que planeja. Não faço ideia do que é. — Entrei no carro, me escorando no banco.

— Tudo bem, desvendarei o mistério. — Sentou-se ao meu lado. — Agora vamos cuidar de você para se recuperar desses ferimentos e ficar bom daqui a um mês.

Fechei os olhos, não querendo pensar em nenhum dos meus problemas. Desejava apenas a presença dela.

Coelhinha, em breve, estarei aí para reivindicar o que é meu.



Capítulo 29

Samira

Uma semana se passou de minha partida da Rússia. Meu tio e Matteo me trouxeram para Chicago, à casa do meu irmão. Eu não queria deixar Nikolai, mas não tive escolha. Se eu não cumprisse uma ordem do *capo*, daria mais motivos para Enzo querer tirar meu irmão do poder.

Eu conversava direto com Alexei. Não ficamos amigos, porém, se encaminhava para isso. Nikolai abriu os olhos no dia seguinte à cirurgia, e era para ter continuado mais alguns dias no hospital, todavia, não quis; não houve ninguém que o fizesse mudar de ideia.

Pedi a Alexei que, para uma melhor recuperação de Nikolai, não revelasse que eu estava no hospital quando ele foi baleado. E que também

não comentasse o que eu enfrentaria na casa de Matteo. Alexei não queria mentir para o irmão, mas sabia que eu tinha razão. Se Nikolai descobrisse, certamente tentaria me resgatar. Eu só o desejava recuperado e sadio.

Havia muitos anos que eu não frequentava essa casa. Parecia tudo novo, embora cheio de recordações de Giulia e minha infância.

O local era enorme como eu me lembrava, apinhado de objetos da Itália, de quando mamãe vivera lá. Eu gostava dali, somente odiava a máfia e as suas leis.

Matteo me tratava bem, assim como meu primo Luca. O cara havia se tornado um homem lindo: moreno, alto e de olhos negros conquistadores.

— Senti sua falta, pequena — falou, me puxando em um abraço apertado. — Assim que eu soube que estava viva e aqui, vim correndo para vê-la. Você se transformou em um mulherão, bem diferente daquela menina magricela.

— Eu também senti sua falta, Luca. — Sorri, me afastando dele. — E digo o mesmo de você, deve arrasar corações por aí.

Ele riu.

— Eu dou o que elas querem. — Piscou, ao que Matteo bufou.

— Você? — indaguei.

— Não, minha querida, prazer — redarguiu, *sexy*. — E como está? Soube do que passou essa semana.

— Bem — menti. Nikolai estava a salvo e se recuperando, mas o nosso relacionamento estagnara por enquanto, com meu tio opinando acerca do meu destino, insistindo para que eu me casasse.

Não cheguei a contar a Matteo sobre Enzo, pois estava esperando pegá-lo sozinho, o que raramente acontecia. Não queria que Enzo descobrisse que eu sabia o que ele havia feito, assim eu buscaria a verdade e encontraria provas. Poderia haver pessoas dele nos espionando, por isso Alexei enviou dois homens seus para ficarem vinte e quatro horas por dia comigo. Foi a condição que impôs para me deixar vir, pois não confiava nos homens do meu irmão, muito menos nos do meu tio. Eu também não, mas não tinha escolha.

Quando entrei no meu antigo quarto pela primeira vez depois de tanto tempo, eu me deparei com emoções fortes da minha infância. Foi ali que Giulia cometeu suicídio… ou melhor, onde foi assassinada por aquele monstro do Enzo. O ambiente permanecera intocado, com uma cama de solteiro, meus ursinhos sobre ela, e fotos dos meus pais sorrindo felizes.

Giulia era morena, parecida comigo; aliás, eu parecia com os dois. A dor da perda veio forte, me fazendo cair de joelhos no chão, segurando a foto deles, sentindo saudade de Giulia e do meu antigo pai, aquele antes de se tornar um monstro cruel.

Eu não fui vê-lo no hospital e também não queria ir. Para mim, Lorenzo

não existia mais. Matteo insistia para que eu lhe desse adeus, porque a situação dele estava piorando.

Agora eu estava ali, solitária naquele quarto cor-de-rosa, com minhas telas que eu adorava pintar. Parecia tão vazio.

Peguei minhas tintas para fazer passar o tempo e, quem sabe, a dor. Sempre que eu estava sofrendo, gostava de pintar, pois me ajudava a clarear a mente, embora a saudade que eu sentia de Giulia nunca se esgotasse. Também estava com raiva por ainda não ter descoberto uma forma de provar o que Enzo fizera. Ele não podia ficar impune.

Quando peguei a última tinta, vi um *pen drive* preto bem escondido ali, onde ninguém acharia, pois eu era a única que amava pintar. Será que quem deixou isso sabia que um dia eu voltaria para casa? Ou a pessoa escondeu ali justamente porque jamais seria encontrado?

Deixei as tintas de lado e fui para o *laptop,* colocando o *pen drive*. Precisava ver se aquilo era algo que a Giulia deixou para mim ou outra coisa.

Havia alguns vídeos salvos nele. Cliquei em um para iniciá-lo, então a vi com toda sua glória e perfeição. Ela estava usando um vestido luxuoso, com seus cabelos negros presos em um coque.

— *Minha filha amada, se você estiver assistindo a isto é porque meu plano falhou, e eu não estou mais ao seu lado,* bambina. *Dalila, você pedia tanto para que eu a tirasse desta vida, mas eu nunca tive coragem.*

Meu coração palpitava forte no peito por estar ouvindo a voz dela de novo.

— Eu também odiava a vida na máfia. Casei-me com dez anos, mas tive a sorte de ser com seu pai, que pretendia esperar até que eu fosse adulta para ficarmos juntos. Ninguém sabia, este segredo era nosso. Mas quando fiz quinze anos, os pais dele exigiram netos, então não tivemos mais opções. Felizmente, eu já o amava. — Ela limpou as lágrimas.

Lorenzo era bom? Por que então se tornou um monstro que acabou em um hospital? Como se respondesse às minhas perguntas, mamãe explicou:

— Mas aquele homem bom está indo embora. Posso ver a cada dia a sombra dele andando por aí, fazendo coisas que nunca fez, coisas que irão me marcar para sempre. — Giulia olhou para a porta, depois para a câmera. *— Acabei de presenciar algo horrendo. O seu pai, junto ao seu tio, sequestrou crianças e as levou a um lugar afastado daqui. Eu os vi pegando uma jovem à força… Seu pai simplesmente entregou-a aos homens, como se a garota não valesse nada. Pergunto-me: para onde foi a humanidade dele?*

Ficou em silêncio por um segundo, numa tentativa evidente de se controlar.

— Eu me arrependi brevemente por tê-la abandonado para a sua salvação, minha filha, e eu quero que me perdoe. Sei que não mereço, mas quando ouvi a armação de seu tio Enzo, não consegui deixar passar —

sussurrou. — *Ele se aliou a Pablo Zachur, que seria seu noivo apenas em aparência, porque o seu tio se tornaria o seu marido. Por isso a deixei naquele parque e ameacei Lucy, uma mulher trabalhadora, para tomar conta de você. Preferi vê-la fora da minha vida a ser esposa daquele monstro. Ele matou minha irmã, Liliane, e eu presenciei tudo; para a sua proteção e de Matteo, fui forçada a não abrir minha boca. Agora esse ser asqueroso quer casar com você para ocupar o trono… Acredito que eliminaria o seu pai e o Matteo antes.*

Estava prestes a vomitar. Nunca vira tanta crueldade em uma só pessoa. Não me surpreendi, afinal, eu já havia descoberto muitos podres de Enzo com Vladimir.

— *Tenho provas contra ele, estão escondidas em um cofre. A senha é a sua digital, e só você terá acesso, podendo fazer o que eu não pude quando viva. Após presenciar as atrocidades dos líderes Salvatores, não posso mais aceitar. Pretendia expor tudo, mas seu pai me trancou em casa. Agora ele saiu, então estou fazendo este vídeo com seu antigo celular, já que ele confiscou o meu. Não sei até quando aguentarei viver assim.*

Respirei fundo para controlar a dor.

— *Amo vocês dois, Dalila, minha artista tímida e graciosa, e Matteo, meu menino lindo e protetor.*

O primeiro vídeo acabou. Em outros, ela narrava que estava cada vez

pior suportar a vida ao lado de Lorenzo. Depois de assistir a tudo, eu guardei o *pen drive* no meu bolso e fui caçar meu celular, já que ela gravava nele. *Talvez lá tenha mais coisas, comprovando que ela não se matou*.

Procurei em todo o quarto. Não o achei em nenhum lugar, então saí de fininho e fui para o antigo dormitório de Giulia e Lorenzo. Ele era imenso; vasculhei-o por inteiro, e também não encontrei. Isso significava que alguém estava com ele ou que haviam jogado fora — duvidava da segunda alternativa, já que todos os meus pertences de criança continuavam no quarto. *Será que havia algo lá para provar o assassinato de Giulia?*

Em todos os vídeos ela falava comigo, e quando Lorenzo chegava, mamãe interrompia a gravação rapidamente para ele não descobrir. Se isso ocorreu na última vez que ela gravou, talvez mostrasse Enzo a surpreendendo.

— O que faz aqui, *bambina*? — Zaira, perto de mim, olhava para o quarto de Lorenzo, do qual eu acabara de sair.

Não deixaria ninguém saber que eu estava com medo. Mas era Zaira, a mulher que cuidou de mim como uma segunda mãe. Logo que cheguei à casa, ela me abraçou, me beijou, nunca a vi tão feliz.

— Você acha que há escutas ou câmeras aqui? — Se havia na casa de Nikolai, poderia ter ali também, a mando de Enzo.

— Não, o menino Matteo é bem rigoroso, todos são da confiança de

seu irmão. Mandou embora quem trabalhava para Lorenzo. — Zaira franziu o cenho. — Por que, Dalila?

Eu puxei a senhora de idade para o meu quarto de novo.

— Não acho que minha mãe tenha se matado, aliás, tenho certeza. Só não encontrei provas suficientes para incriminar quem a assassinou.

Mostrei os vídeos a ela.

— Está vendo? Esse último é de um dia antes de ela morrer. Se gravou o próprio assassinato, deve ser por isso que meu celular sumiu. Procurei em meu quarto e no dela; não achei nada — sussurrei.

— Nesta casa não está, menina, faço faxina direto e nunca o vi. Até pensei que a senhora Giulia tinha sumido com ele e nunca disse nada. — Ela me olhou de lado. — Acha que a pessoa que a matou o levou?

— Se ela não se suicidou, como eu sei que não fez, o culpado está com o celular. — Era a minha única esperança de acusar meu tio.

— Você sabe quem a matou?

— Sim. Por enquanto não posso dizer, até encontrar provas.

Ela assentiu.

— E se a pessoa que fez isso já jogou o celular fora ou simplesmente deletou o vídeo?

— Nos filmes o assassino sempre guarda os objetos incriminadores consigo. Espero que esse cara seja burro a esse ponto também. Agora vou

precisar de uma pessoa boa em tecnologia para localizar o meu número. Você lembra qual era? Faz tantos anos, não me recordo.

Ela sorriu.

— Sim, ainda tenho gravado na minha agenda. Pensando em quantas vezes você me ligava, a saudade batia forte… — Sua voz falhou no final.

Eu a abracei.

— Quero que saiba que Lucy, a minha mãe adotiva, cuidou de mim muito bem. — Eu me afastei. — Também senti saudades de você e do Matteo. Acredito que me verá agora por um bom tempo.

— Espero que sim, menina, mesmo com eles querendo que case. Ou melhor, com seu tio impondo isso; ele deseja fazê-lo a todo custo.

Enzo me dava náuseas; sabia muito bem qual era o seu plano atual, já que o anterior não deu certo. Com Vladimir morto, jamais seria *capo*, então voltou à estratégia antiga: me obrigar a casar com um dos seus servos, de fachada, pois ele mesmo seria meu marido. Eu preferia morrer, ou melhor, acabar com ele.

— Não deixarei isso acontecer, mas agora tenho que resolver uma coisa. Se meu irmão ou Enzo aparecerem, me avise. — Ninguém podia desconfiar que eu buscava provas contra o meu tio até que eu as tivesse em mãos.



Cheguei ao clube dos MCs da Fênix, louca para ver Nasx e pedir a ajuda dele. Eu o tinha visto há dois dias; como não podia sair sempre, ele me visitava. No entanto, andava ocupado resolvendo um problema do clube. Não quis me contar o que, e eu também não o forcei.

Assim que entrei no salão, enxerguei todos sentados e conversando entre si. Dominic estreitou os olhos para os meus seguranças — dois de Alexei, e o Samuel da parte do Matteo.

— Vocês não podem esperar lá fora? — perguntei a eles.

— Não — respondeu Samuel, um cara alto e bem protetor.

— Tenho ordens de não a deixar longe de nossas vistas por nem um segundo — disse um dos homens de Alexei, acho que Adrian ou algo assim.

Suspirei e assenti.

— Cadê o Nasx?

— Estou aqui, preciosa — respondeu uma voz débil no sofá.

Olhei para cima e me deparei com ele sentado meio torto. Havia contusões em seu rosto, e acredito que em outros lugares do corpo.

— Nasx? O que aconteceu com você? — Corri até ele. *Dois dias atrás ele estava bem!*

— Não era para você sair da segurança da mansão Salvatore —

repreendeu-me. — Eu estou ok, Samira, foi só um problema aqui no clube. Não importa agora, não posso falar sobre isso.

— Já foi ao médico? — Não insisti para que ele me contasse, afinal, todos nós tínhamos segredos. — Por que não me chamou?

Ele suspirou.

— Não se preocupe comigo. Garanto que não estou tão mal quanto Dark esteve, e o fodido sobreviveu — brincou. Estremeci lembrando como Nikolai ficou. — Desculpe, não quis preocupá-la. — Ele respirou fundo. — Posso perguntar uma coisa?

Concordei.

— Claro que sim, qualquer coisa — repliquei com ferocidade.

— Você o ama demais, não é? — Senti dor na sua voz. Não precisei indagar a quem ele se referia, eu sabia que era a Nikolai.

— Sim. Não me importo com seus motivos para se aproximar de mim. Vladimir disse que nossa briga foi uma armação. A loira era a irmã dele, Irina. Alexei jura que Nikolai não ficou com ninguém. Pretendia conversar com Nick, mas estou esperando ele se curar primeiro. — Olhei em seus olhos. Havia apenas nós dois no salão. — Por que me pergunta isso? Por acaso…

— Sim, é porque eu a amo — murmurou, encolhido. — Mas eu sabia que nunca conseguiria lutar contra o que sente por Dark, seria em vão. Eu

perderia. Tive esperança depois do que ele fez com você. Após ele levar tiros para protegê-la, eu vi que nunca venceria, então desisti.

— Nasx…

— Não precisa dizer nada. — Puxou-me para seus braços.

— Sinto muito. — Não ficaria com ele, não só por amar Nikolai, mas também por sermos de mundos diferentes. Não podia me casar com alguém de fora da máfia. Nasx seria feliz no futuro, quando se apaixonasse de verdade.

Ele beijou a minha testa.

— Não sinta. Agora você precisa ficar segura na mansão da sua família.

— Lá não é seguro. Vladimir me contou que foi Enzo quem matou minha mãe. Estou indo atrás de provas.

— Aquele velho sádico fez isso? — Enfuriou-se.

— Sim, achei um vídeo que minha mãe deixou. Onde encontro um *laptop* para lhe mostrar algo?

— Hush! — chamou Nasx.

— Não faça esforço, eu posso pedir a ele.

Hush apareceu junto aos demais; estavam na cozinha.

— O que foi, cara?

— Preciso de um *notebook* para mostrar algo ao Nasx e a vocês. Bom,

e ver se alguém pode me ajudar.

Hush me deu o computador. Coloquei o vídeo. Espantados, terminaram de assistir.

— Sabe onde fica esse cofre que ela mencionou, no qual guardou os documentos que comprovam todas aquelas atrocidades? — sondou Dominic.

Dei um tapa na minha bolsa.

— Os documentos estão aqui, mas não posso os entregar à polícia. Além disso, vocês acabaram com quase todos os traidores. Restam apenas Lorenzo e Enzo. Isto botaria os dois na cadeia, mas…

— Traria muitos problemas para Matteo, já que ele é o *capo* — concluiu Nasx.

— Isso. Pretendo dar a ele, assim meu irmão verá o que fazer. Olhem esse último vídeo… Conferiram a data?

— Sim, o que tem ela? — perguntou Dom.

— Foi gravado um dia antes da minha mãe morrer. Ela usava meu telefone para fazer os vídeos, já que Lorenzo confiscou o dela. Muitas vezes, ela interrompeu alguns deles quando chegava alguém. Fiquei pensando: e se no último ela estivesse gravando e o assassino apareceu? Zaira disse que meu celular não está em nenhum lugar da casa. Eu sei que é um tiro no escuro, mas preciso ter certeza. Acredito que Enzo deva tê-la presenciado gravando e a matou.

— Rastreie o celular — sugeriu Daemon. — Posso fazer isso se quiser, só preciso do número.

— Consegue descobrir onde o celular está e com quem?

— Sim, se ele ainda existir, claro! Afinal de contas, isso foi há doze anos. Se for mesmo o Enzo, ele pode ter sumido com o aparelho. No entanto, por pertencer a alguém da família Salvatore, talvez fosse mais seguro para ele guardá-lo — comentou Daemon. — Me dê alguns segundos, e eu já vejo isso. Qual o número dele?

Forneci o número. Daemon subiu a escada quase correndo, pois o *laptop* dali não servia para o que faria.

Aguardamos, comigo nervosa.

— Ele consegue? Eu ia pedir a ajuda de Bryan, sei que ele é bom.

Nasx sorriu.

— Daemon é o melhor, acredito que até mais do que Bryan.

— Obrigado por isso, irmão — disse Daemon, se aproximando de nós. — Não vai acreditar onde o celular se encontra.

— Com meu tio? — chutei.

— Sim, na boate Plaza Streep. O lugar é dele. — Estreitou os olhos. — O que pretende fazer? Não pode ir lá pegá-lo.

— Uma pergunta: como fiquei longe muito tempo, não sei… Vocês acham que Luca é de confiança? Trairia seu pai por uma boa causa?

— Acredito que sim, porque ele ajudou o *capo* a libertar Evy do cativeiro de Lorenzo. Pode confiar — assegurou Dom. — Pedirá a ele para pegar o celular?

— Sim, darei uma festa amanhã à noite, para anunciar o meu retorno. Matteo sugeriu. Apesar de eu não querer, isso tiraria Enzo da boate. Luca poderá descobrir o que tem no celular para ele tê-lo guardado durante todos esses anos.

— Samira, será perigoso… — alertou Nasx.

— Ficarei bem, Matteo estará lá. — Esperava mesmo que eu ficasse. — Convidaria você, mas a reunião será somente para pessoas do nosso mundo, pois revelarão alguns segredos que não poderão sair de lá. De qualquer forma, não se preocupe. Amanhã, Enzo pagará.



Capítulo 30

Nikolai

Acordei com dor no abdômen. O corte estava cicatrizando. A minha ânsia por me curar não era tanto por minha saúde, e sim para poder ficar perto de Samira. Estive muito ocupado me organizando para ir de encontro a ela, acho que por isso não me recuperei cem por cento. Demoraria algum tempo para ficar bem.

Maldição! Queria estar na América, mas precisava resolver algumas coisas antes de ir encontrá-la, ou melhor, pedir desculpas por ter sido um idiota. Pensei que fosse a proteger, o que não ocorreu; Samira foi justamente para o perigo naquele dia. Se Vladimir não estivesse morto, eu o estraçalharia; pena não ter o poder de ressuscitá-lo para assassiná-lo de novo.

Irina me fez tomar remédios. Eu me opus, pois me deixavam um tanto quanto inútil, incapaz de cuidar dos meus amigos, da minha família e de mim. Apagava na maioria das vezes.

— O que está fazendo fora do hospital? Era para ter ficado mais tempo lá! Deixe-me adivinhar, você se deu alta, estou certa? — Irina reclamou

assim voltei para casa, uma semana antes.

Permiti que me levasse para o quarto e tomasse conta de mim naquele momento. Precisava falar com ela, mas antes conversaria com Matteo e procuraria saber qual era a dele com a minha irmãzinha.

Meu celular tocou, me trazendo ao presente. Era Cielo, para quem ligava direto, de modo a checar a situação de Samira. Tentei telefonar para ela, mas Sam não retornava minhas ligações. Até o fodido do seu irmão estava me ignorando.

Se não fossem as pontas soltas na Rússia, já teria voado para lá logo que saí do hospital.

— Chefe, a senhorita Salvatore está na sede do MC, falando com todos sobre uma suspeita quanto ao tio dela, Enzo, ter matado sua mãe. Parece que eles têm provas e vão atrás do cara na festa amanhã — informou. Contou ainda sobre os vídeos gravados por Giulia e o plano de Enzo de arrumar um casamento para Samira.

— O quê? — Minha voz se elevou no quarto. — Casamento? Maldição! Por que porra você a deixou sair da casa?

Meu peito se apertou. Ela não me procurou, mas foi atrás de Nasx? Daquele MC com cara de surfista? Caralho, minha vontade de matá-lo cresceu mais do que nunca.

Cielo suspirou.

— Não podia simplesmente trancá-la dentro de sua casa. Mas Samuel, o homem do *capo*, está aqui comigo de olho nas coisas. — Não parecia preocupado com isso.

— Ela corre perigo…

— Senhor, desculpe dizer, mas ela corre mais perigo lá naquela casa do que aqui — murmurou.

— Tudo bem. — Desci as escadas quando ouvi a conversa de Alexei ao telefone. — Continue me repassando o andamento da situação e a protegendo. Se algo acontecer à Samira, sua cabeça estará a prêmio.

— Sim, senhor. — Desligou.

Merda, isso não era bom. Enzo matou a mãe dela? Suspeitava de algo assim; uma mulher que salvou a filha a levando para longe não se suicidaria.

— Que droga está fazendo na sede do MC? — Alexei não soava nada amigável.

Corri pela sala, ignorando as pontadas de dor em meu corpo. Peguei o telefone de sua mão, imaginando que deveria ser ela na linha. Então Samira falava com ele, mas não comigo?

— Quer me deixar surda? — minha garota o xingou. — Por que fica gritando? Não corro perigo com Nasx e os outros aqui — garantiu, e de repente ficou preocupada. — Nikolai está bem?

Senti-la temerosa por mim amenizou minha raiva.

— Estou bem, Coelhinha. Mas que festa é essa que dará amanhã? — perguntei, referindo-me ao que Cielo mencionou.

— Como soube? — Antes que eu dissesse algo, emendou: — Preciso resolver uma coisa nesse dia…

— Que coisa? — rugi, e em seguida gemi pela dor na minha barriga. Eu já sabia, contudo, almejava que ela confiasse em mim e se abrisse comigo, a despeito de eu não ter oferecido motivos para tanto. Eu mudaria isto.

— Fique quieto! Cadê o Alexei que não está tomando conta de você? — grunhiu com um suspiro exasperado.

Fechei a cara para o meu irmão, já suspeitando da razão de ele não ter dito nada a mim a seu respeito. O maldito estava me protegendo para eu não me estressar. Todas as vezes que eu me feria, demorava a cicatrizar; acho que se devia ao fato de eu não conseguir parar quieto um segundo.

— Não preciso que tomem conta de mim, e sim saber o que está acontecendo aí. Liguei para o *capo*, mas o filho da puta disse que estava ocupado.

Respirei fundo para me controlar. Havia dois homens com quem acertaria as contas quando estivesse bom: Alexei e o fodido do *capo*.

— Fui eu que pedi para não o incomodar e deixar você se curar — disse, um tanto nervosa. Não sei se era por medo de eu acabar com seu irmão ou com o meu. Provavelmente pelos dois.

Eu não podia ficar longe dela, deveria voltar para os Estados Unidos e resolver as malditas pontas soltas lá também. Pelo visto, havia mais do que imaginava. Felizmente, em Enzo não precisaria dar um jeito por ter se aliado a Vladimir: com os Salvatores arranjando os vídeos de Giulia como prova, Matteo conseguiria acabar com ele dentro da lei da máfia.

— Irei para a América. Assim que chegar, eu a procuro. Só quero pedir que não fique longe dos meus homens e não se aproxime do seu tio sozinha…

— Nikolai, você, com certeza, está sentindo dor, não deveria se preocupar comigo…

— Não me preocupar? — esbravejei. Ela só podia estar louca se pensou que a dor me impediria. Maldição! Pela segurança de Samira, iria até o Inferno. — Descobri que esses fodidos estão querendo arrumar um casamento para você, porra! Estou ficando louco aqui, minha vontade é de matar todos eles. — Era verdade, não falava por falar.

— Tudo bem, amanhã esperarei você na minha casa. Tenho um plano.

— Plano? — sondei, não gostando nada disso. — Que tipo de plano?

— Meu tio quer me casar de fachada com um servo dele, e ser meu real marido — enojou-se. — Dá para imaginar que doente isso é? Meu próprio tio?

Fechei os olhos para me conter. O bastardo pagaria por sequer pensar

em tocar nela. Por ao menos sonhar em tê-la… Que porra!

— Sim, e você passando por tudo isso enquanto estou aqui sem saber de porcaria nenhuma. Se ele…

— Ele não encostará em mim, e nem ninguém, prometo a você. Fique calmo, certo? Daemon localizou o celular no qual minha mãe gravou os vídeos para mim. Está com Enzo… — Sua voz tremeu no final. — Ela nunca me abandonou de fato, Giulia fez isso para me proteger dele. Eu a acusei tanto…

— Não se culpe, Coelhinha. Amanhã estarei aí e resolveremos esses problemas. Inclusive explicarei meus motivos para dizer aquelas coisas a você…

— Nikolai… — Havia mágoa em seu tom.

— Prometa que me ouvirá depois que essa merda se desenrolar, por favor. Você é minha, Samira. E que ninguém ouse dizer o contrário, muito menos o seu tio.

— Ele comentou ao meu irmão que estou velha demais para ficar solteira. Por isso, às vezes, odeio este nosso mundo. — Parecia falar consigo mesma. — Ao menos agora sou maior de idade. Sei que não posso escapar do casamento…

— Você não se casará com ninguém que não eu, Samira — jurei. — Se seu irmão entrar no meio, será derrubado junto a Enzo.

— Não pode matar meu irmão!

— Por você, sou capaz de tudo. Agora volte para a mansão de Matteo e continue perto dos meus homens, assim ficarei mais calmo e não enlouquecerei aqui.

Ela permaneceu em silêncio por um segundo.

— Nikolai, me alegro por estar vivo… Eu tive…

— Eu sei, mas estou bem agora. O importante é que você e nosso filho estão seguros. — Não queria parar de ouvir sua voz. Gostaria de dizer que a amava, mas não o faria por telefone.

Após desligar, lancei um soco na cara de Alexei, levando-o a cair. Meu corpo deve ter doído mais que o dele, por efeito dos malditos ferimentos.

Merda! Ofeguei, segurando a barriga para evitar que os pontos abrissem. Quase ri disso: como me recuperaria com tantos problemas?

— Maldição! — Ele coçou a boca, onde o soquei, e começou: — Nikolai…

Cortei-o:

— Eu não acredito que você me manteve no escuro todo esse tempo, porra! — Fui para cima dele de novo.

— Cacete, Nikolai! Contenha-se ou acabará se machucando ainda mais. — Suspirou, esquivando-se. — Eu estava tentando protegê-lo, seu idiota.

— Eu não precisava de proteção; ela, sim, e você a mandou para aquele

ninho de vespas — grunhi. — Só pedi uma coisa a você, que não o fez.

— Eu a protegi. Não aconteceu nada com Samira, continua sob os cuidados de nossos homens. Ela não corre perigo — argumentou.

Gargalhei, ácido.

— Exceto pelo bastardo do tio dela estar lhe arrumando um casamento — sibilei. — Se algum deles…

— Ninguém tocará na garota, droga, Nikolai! Nossos rapazes estão lá, encarregados da segurança dela — Alexei tentou me tranquilizar. — Vamos para a América no próximo voo, e amanhã participaremos da festa na casa do *capo*.

Eu me sentei no sofá.

— Você mentiu para mim. — Estava sendo egoísta, pois escondia um segredo dele também, mas este não se comparava à proteção dela.

— Ela me pediu para não dizer nada a você. — Cruzou os braços.

Levantei as sobrancelhas.

— Desde quando é amigo de Samira para fazer o que lhe pede? — redargui. — Da última vez que chequei, você a odiava por ser filha de quem é.

Ele fez uma careta.

— Pode ser, mas tudo mudou quando ela tentou entrar na frente daquela bala por você. Ninguém que não o amasse de verdade agiria tão

estupidamente. Isso me fez gostar dela. — Deu um meio-sorriso. — Aquela Salvatore é perfeita para você.

Amainou um pouco minha ira. Pela primeira vez, fiquei feliz em ter levado um tiro, pois motivou os dois a se entenderem. Necessitava de ambos na minha vida.

— Temos um voo esta tarde, e amanhã estaremos lá — disse com um suspiro.

Sim, amanhã ela estaria em meus braços, e eu não a deixaria fugir nunca mais.



Capítulo 31

UM DIA DEPOIS

Samira

— Como estão as coisas lá embaixo? — perguntei à Zaira.

Arrumava-me de frente para o espelho. Precisava ser forte, mais do que um dia fui, porque estaria cercada de tubarões querendo a cabeça do meu irmão e também a minha. Não daria esse gostinho a eles.

— Todos estão aqui, aguardando pela senhorita — disse ela. — Ouvi o seu tio insistindo com o Matteo sobre o seu casamento.

Irritei-me.

— Vou quebrar a crista dele hoje, não se preocupe. — Cerrei meus punhos, querendo acabar com Enzo.

— Conseguiu as provas de que precisava, menina?

— Sim, mas não posso dizer nada agora. Na hora em que eu pedir, necessito que coloque isso na TV da sala, na frente de todos. Pode ser? — Dei o *pen drive* a ela.

Zaira assentiu.

— Sim, faço. E quanto ao noivado?

Não podia fugir de um noivado, e nem Matteo me livraria dessa. Não pensaria nisso agora, apenas queria dar o castigo que Enzo merecia por ter matado minha mãe. O bom era que Nikolai me ajudaria com o meu plano.

Olhei-me de corpo inteiro no espelho. Cabelos pretos longos, vestido prata com as costas nuas e decote caído nos seios, charmoso sem ser sensual

demais. Minha barriga era pequena, entretanto, a notícia da gravidez já estava na boca do povo. Aposto que foi Enzo que fez isso, assim meu irmão não teria escolha a não ser arrumar um casamento para mim com quem ele quisesse. Maldito!

Desci a escada e me deparei com a casa cheia de pessoas — rostos conhecidos e outros que nunca vi antes.

— Nossa! Ela está grávida sem se casar! — Ouvi as mulheres cochichando umas às outras.

— Pobrezinho, um bastardo sem pai…

Uma gravidez precedendo casamento, no meu mundo, tornava a mulher equiparável a prostitutas.

— Vocês deviam cuidar das próprias vidas, suas fofoqueiras — grunhi baixo ao passar por elas, inclinada a arrancar seus dentes por falarem mal do meu bebê. — Com certeza, seus maridos andam por aí pulando a cerca, já que são umas mal-amadas. E meu filho não é um bastardo, ele tem pai, que logo estará aqui.

Nikolai já se encontrava na América. Apareceria para me auxiliar a enfrentar esse bando de abutres.

— Minha irmã linda! — Matteo beijou meu rosto. — Está deslumbrante!

— Obrigada, meu irmão — falei enquanto ele me levava para perto de

alguns mafiosos, inclusive o velho do meu tio.

Segurei todo o ódio que sentia por esse homem. Por culpa dele, minha mãe estava morta. Luca me ligara instantes atrás, garantindo que o celular comprovava as palavras de Vladimir; o verme do Enzo realmente fez aquilo. Era só esperar meu primo chegar para desmascará-lo.

— Olá, sobrinha, vejo que se tornou uma mulher linda — disse o velho fodido.

A bile subiu por minha garganta.

— Obrigada.

— Estava falando com o *capo* sobre como as leis mudaram. Agora as mulheres se casam com dezoito anos, e você já passou da hora. Não se preocupe, consegui um pretendente, ele se chama Milton Neves, é uma pessoa responsável que trabalha para mim… Como você está grávida de um filho sem pai, não tem direito à escolha. — Animou-se.

— Desculpe desapontá-lo, tio, mas não vou me casar com ele. — Tentei não mandá-lo para o Inferno.

A mandíbula de Matteo trincou com a sugestão do Enzo.

— Não? Pretende desobedecer às ordens de um *capo*? — Notei seus punhos cerrados, como se quisesse me bater. — Sabia que está sujeita a um castigo?

— Dificilmente, pois não desobedeci às ordens do *capo*. Eu só não

posso me casar porque já tenho um noivo…

Ele me cortou.

— Não está autorizada a se casar com alguém de fora da máfia! — rosnou. — Essa lei não pode ser mudada.

Sorri, nervosa. Bem a tempo, Nikolai entrou na nossa sala junto com Alexei e Irina. Ela trajava um vestido vermelho na altura das coxas, mostrando parte do corpo. A garota era uma loira linda!

Nikolai deixou-os e veio até mim. Embora andasse normal, notei que sentia dor. Não o levaria ali se não precisasse dele. Nick merecia descansar e se recuperar.

— Cheguei atrasado? — questionou, me puxando para o seu lado. Senti-o estremecer.

— Não, bem a tempo de eu poder apresentá-lo ao meu tio e a esses senhores como o meu noivo e pai do meu filho — anunciei a todos, mirando seus olhos arregalados. — Senhores, não violei nenhuma regra e não fui contra o *capo*. Acredito que todos aqui conheçam Nikolai Dragon, o chefe da máfia russa.

— Sim, você violou uma regra, e com isso merece ser castigada. — Enzo aparentava orgulho e satisfação.

Eu me encostei mais em Nikolai, buscando proteção. Não gostava da palavra “castigo”; na linguagem desse velho, significava apanhar.

— Posso saber qual regra? — Eu conhecia a resposta, e Matteo também, vi pela tensão em seu corpo.

— Você ficou foragida por doze anos, e agora aparece viva, sendo que todos nós pensávamos que falecera. Isso mostra que Giulia mentiu, não é? E seu pai, no caso o meu irmão, sequestrou crianças e entregou-as a homens por conta de uma vingança sem sentido. Vocês acham que esta família está apta a ocupar o mais alto cargo da máfia? Um *capo* que não consegue nem controlar sua própria irmã, como dará conta de assumir suas obrigações?

Fulminei-o.

— Pensa que não tenho pulso para lidar com minha família? Com meu povo? — sibilou Matteo, no seu melhor tom de *capo*. — Está tão doido assim para ter o meu cargo?

— Você não nasceu para ser líder — respondeu sem se abalar.

Trinquei os dentes e explodi. Ele e Vladimir eram dois vermes imundos; um estava no Inferno, quem dera esse rumasse para lá também.

— Se você está pronto, me diga uma coisa: se fosse *capo*, o que faria? Governaria nossa raça com firmeza e destreza? Castigaria quem não cumprisse as regras? Mataria? Bateria? Estupraria? Ou terceirizaria tudo para seus homens?

Irado, deu um passo até mim, mas Nikolai me puxou para trás de si, mortal.

— Não ouse lhe tocar ou não respirará mais um dia.

Dirigi-me a todos na sala:

— Não conheço muitos de vocês, e lamento ter ficado todo esse tempo fora. Odiava a vida na máfia, a ponto de preferir permanecer escondida. Tenho certeza de que vários aqui também odeiam, apenas não possuem coragem para admitir na frente do meu irmão ou do meu tio. — Respirei fundo. — Confesso que nenhuma família é perfeita. Lorenzo…

— Ela nem o chama de pai. Como uma filha não honra sua família? — grunhiu Enzo.

— Eu honro quem tem honra, e *Lorenzo* perdeu isso no momento em que Giulia me abandonou em Moscou. Eu a odiei por todos esses anos pelo que fez a mim, mas descobri os seus reais motivos para me deixar. — Sinalizei para Zaira, que rodou o vídeo. — Estão vendo esse vídeo? Minha mãe o gravou para mim, e eu o encontrei ontem. Ela o fez com meu antigo celular.

Enzo estava branco como um fantasma. O restante se chocava com o que Giulia falava.

— Neste nosso mundo, existem muitas pessoas boas, claro que com um lado sombrio também, mas isso? Você fez o impensável. E sobre as regras? Bom, eu não fui a única a quebrá-las. O meu castigo Nikolai me dará depois, já que sou a noiva dele e não pertenço mais ao meu irmão — falei friamente.

— Mas me lembro muito bem de Lorenzo dizer que um Salvatore não pode tirar a vida de outro membro da família, ou seria morto como um indigente, sem merecer justiça. Como você, titio.

— Fora a parte de Enzo se aliar com Vladimir, o chefe da Trider, para matar a mim e ao *capo* de vocês, e depois poder reinar como o novo líder — revelou Nikolai. Voltou-se ao meu tio: — Se eles não derem um jeito em você, eu darei. Não me importo com uma guerra; você tocou no que é meu e pagará por isso.

Matteo me fitou de olhos arregalados.

— O que quer dizer? Quem Enzo matou da nossa família?

— A tia Giulia e a minha mãe… — Luca apertou o *play* do celular, e outro vídeo foi ao ar, tanto no aparelho quanto na tela imensa da sala.

— *Meus amores, este vídeo é para dizer que amo os dois. E Matteo? Quero lhe pedir que, se acontecer algo comigo, proteja sua irmã, pois ela está viva, e tenho fé de que feliz, longe deste antro de atrocidades que se tornou nossa família…*

— *Então a puta da sua filha não morreu?* — Enzo interrompeu Giulia. O celular caiu, mas vimos o rosto dele.

— *Enzo, você é um monstro! Ousou bolar um plano para ter sua sobrinha como noiva só para um dia ser* capo*? Mesmo se casando com Dalila, Matteo é o eleito!* — gritou ela, chorando.

— Darei um jeito daquele moleque ser morto ou considerado inútil. Ele não nasceu para liderar; eu, sim. Muito menos Lorenzo, um fraco controlado por sua família. Só depois do que houve com a cadela da filha de vocês é que ele virou homem! — rosnou Enzo com fúria e bateu em Giulia, que tombou.

Seguiram-se cenas dele subindo em cima dela.

— Hoje forjarei a sua morte para que pareça um suicídio, por você se sentir culpada com tudo o que aconteceu à sua preciosa filha. E quando eu encontrar Dalila, quebrarei todos os seus frágeis ossos.

Fechei os olhos, não querendo ver aquele final. Nikolai colocou meu rosto em seu peito. Escutei os gemidos de mamãe até que tudo silenciou. Ela havia ido embora para sempre.

— Eu estou aqui, Coelhinha.

— Nunca imaginei que seria capaz de chegar a esse ponto! — berrou Luca. — Você matou minha mãe também. Por quê? Só para se casar com Dalila e ter um maldito cargo?

Enzo fechou a cara, mostrando suas garras.

— Ela era uma inútil, e estava me atrapalhando na conquista do trono, meu por direito.

Todos ao redor ficaram chocados com a descoberta. Enzo foi desmascarado na frente dessas pessoas; seu reinado de mafioso teria fim,

ainda mais se dependesse do meu primo.

— Trono? Seu desgraçado de merda! — Luca se lançou contra ele e o socou no rosto, fazendo o velho cair para trás.

— A reunião acabou! Samuel? Prenda os capangas desse homem. — Havia dor nos olhos de Matteo, que se voltou a mim. — Pode ficar com Nikolai esta noite? Só confio nele ou nos MCs.

Assenti, louca para sair dali e ter alguma tranquilidade, pelo menos em relação à minha família. Agora Matteo cuidaria de tudo. O que ele faria com Enzo não seria bonito.



Pensei em ir para o clube do Nasx, mas precisava falar com Nikolai e tomar uma decisão definitiva sobre nossa vida, se o casamento seria somente de fachada ou real. Eu ouvi da boca de Alexei e Vladimir os motivos de Nikolai para se aproximar de mim; agora, porém, precisava escutar dele.

Entrei em uma casa imensa, não muito longe da de Matteo, no mesmo estilo italiano, até nas mobílias. Não reparei muito, estava nervosa e preocupada com Nikolai. Notei-o cada vez mais ofegante.

— Sente dor? — sondei assim que fomos para um quarto luxuoso com uma cama no estilo *California King*. Podia ver as luzes da cidade brilhando do lado de fora.

— Estou bem — gemeu, deitando-se no colchão.

— Fique quieto. Onde estão os analgésicos?

— Não quero remédios — grunhiu. — Eles me dão sono. Preciso ficar acordado e proteger você.

Eu ri.

— Me proteger? Você tem uns mil guardas lá fora pagos para isso. E não corro mais perigo. — Encontrei os comprimidos na gaveta da mesinha perto da cama e dei a ele. — Tome.

Engoliu-os após eu insistir muito.

— Não gosto de me sentir impotente — resmungou, encolhido nos travesseiros.

— Você tem poder, Nikolai, mas é humano, e não uma máquina capaz de tudo. Agora vamos tirar isso, pois eu preciso ver seu ferimento. — Removi o paletó e a camisa que ele usava, encontrando a atadura.

— Estou bem, Samira, já quase cicatrizou, não é nada demais. Sente-se aqui. Logo a dor aliviará — pediu, batendo na cama ao seu lado.

— Agora me diga, por que mentiu para mim? Sobre ter ficado com as mulheres e… — Não consegui concluir.

Ele se encolheu novamente; desta vez não tinha nada a ver com suas dores físicas.

— Alexei e sua boca grande… Sorte de meu irmão eu estar ferido ou

acabaria com ele por deixá-la vir com esse maldito… Estremeço só de pensar nele tocando em você enquanto eu estava apagado em um hospital.

— Ele não contou para protegê-lo, você precisava se curar antes. E seus capangas não me deixavam um segundo, assim como Samuel, o homem do meu irmão. — Mirei seus olhos. — Mas então, me dirá toda a verdade?

— Quando a conheci em frente à minha boate, eu não sabia quem você era, só achei intrigante alguém passar ali a uma hora daquelas e não ligar para a música e tudo o mais. Você apenas ficava procurando por mim, como se quisesse me ver. Considerei fascinante o seu modo constrangido ao ser encontrada no banheiro masculino. — Sorriu.

— Talvez não fosse você quem eu procurava, quem sabe eu apenas estivesse achando a boate bonita — menti. Sim, procurava por ele, sem ter ideia de que Nikolai me olhava de algum lugar.

— Todas as vezes? — comentou com um sorriso na voz.

Mudei de assunto:

— Não sabia quem eu era? Quando descobriu?

— No dia do noivado de Anabelle, Alexei me ligou para contar. Falou o que pretendia fazer com sua família. Então eu disse que já sabia e por isso estava com você, e não o contrário. Queria ganhar tempo para impedir que ele a matasse… — Seus olhos se entristeceram. — O primeiro e único segredo que escondi dele, pois necessitava protegê-la.

— Foi quando me disse que nosso relacionamento era só foda e que eu não tinha o direito de saber de nada da sua vida… Não foi para minha proteção, certo? Estava com raiva de mim por meu pai ter feito o que fez — sussurrei.

— De determinada forma, era para sua segurança contra mim. Fiquei atormentado, descobri que a única mulher por quem já senti algo era filha do meu pior inimigo, um que eu queria morto, mas não podia assassinar sem provocar uma guerra, pois você também sairia ferida — murmurou. — Consegui me manter afastado por uma semana para entender o que sentia, se me deixaria levar ou esqueceria você de vez.

— Por qual motivo voltou? Por vingança ou outra coisa?

— Nunca foi vingança com você, Samira. Acredito que pensei nisso, mas a mera ideia de machucá-la assim doía minhas entranhas. Gostei de seu jeito inocente, tão linda. Só de pensar em alguém lhe fazendo mal, me sinto furioso. Não consegui me distanciar por mais de uma semana. Pensava em você vinte e quatro horas por dia, achei que ficaria louco se não voltasse. Retornei e não me arrependo. — Ele alisou meu ventre.

— Por que insistia tanto para eu engravidar? — Lembrei das pessoas falando mal de mim por ter um filho fora do casamento.

— No meu mundo, um líder de verdade é considerado mais respeitado quando tem herdeiros, por isso eu queria um filho. Algumas pessoas

comentam (nunca na minha frente) sobre eu ser novo para tomar conta de um império, ainda mais não tendo sangue legítimo da máfia. — Seu tom saiu sombrio, e depois leve. — Você foi a única mulher que despertou sentimentos em mim, me fazendo querer ter uma família. Relutei ao conhecê-la pois pensava que não podia a trazer à minha vida, já que eu não tinha conhecimento de sua ligação com a máfia. Perdi minhas forças quando a beijei, e decidi não a deixar escapar.

Estava de boca aberta com o que ouvi. Então ele não se aproximou de mim por vingança? Realmente se importava comigo e me amava, enxergava em seus olhos.

— Queria que eu desistisse de tudo para ir morar com você só para ter uma família?

— Não foi só isso; desejava *você* ao meu lado, Samira. Eu estava muito sobrecarregado com as coisas do meu mundo, com a Trider fechando o cerco contra mim, eu tendo que me ausentar da Rússia para ficar com você. — Acariciou minha mão. — Acredite, eu quero você e nosso filho. — Deu um suspiro triste. — Lamento por dizer aquilo, saiba que foi como se metade da minha alma se partisse ao meio. Mas era preciso. Infelizmente, a magoei em vão; o desgraçado descobriu tudo. Pena que não posso o matar de novo.

Na hora da luta, eu não reparei em quem atirou no Vladimir, eu só me preocupava em salvar Nikolai, que estava ferido.

— Eu sei, Vladimir me falou sobre o infiltrado na sua casa e das câmeras no lugar.

— Um erro que não cometerei de novo. Sua proteção é mais importante do que tudo. É a mulher por quem eu acabei me apaixonando perdidamente. — Tocou meu coração, que martelava alto.

— Quando descobriu que me amava?

— Não sei bem. Mas no decorrer do tempo que passei ao seu lado, eu vi que meus sentimentos mudaram. Seja como for, eu me apaixonei. — Encostou em meu rosto. — Lamento pelo que sofreu. Você é minha essência, o meu tudo. O que mais amo neste mundo. Espero que me perdoe, porque, sinceramente, não saberia viver sem você.

Meu peito estava aliviado por descobrir que ele me amava de forma intensa.

Tirei meu sapato e meu vestido e deitei ao lado dele, alisando seu rosto, com o qual sonhei por semanas. Aproximei-me devagar e o beijei de leve. Ele me apertou nos seus braços e devorou minha boca com fome e sede, como se estivesse há muito sem se alimentar de mim.

Eu me afastei assim que Nick gemeu com a dor.

— Nikolai, fique quieto ou vai arrebentar os pontos. Aposto que o médico recomendou repouso.

— Não é ele que está com o pau duro há eras! — rosnou. — Eu

aguento.

— Fique bem quietinho, cuidarei de você — pedi, beijando por cima das ataduras onde levou os tiros para me salvar.

— Samira…

Passei a língua em sua barriga e fui descendo. Tirei sua calça e cueca, deixando-o nu com seu membro duro saindo pré-semen na cabeça inchada. Abaixei-me e tracei a língua na ponta, apertando com os lábios. Após, levei mais fundo, até onde consegui, degustando, lambendo-o. Eu também estava faminta demais por isso.

— Se você se mexer, eu não vou chupar este pau gostoso — ameacei, beijando a cabeça do membro.

— Vou me comportar, só não pare, esses lábios são o maldito Céu!

Voltei a saboreá-lo. Não consegui colocar tudo na boca; peguei com a mão, balançando conforme me movimentava, até que ele gozou forte, clamando meu nome com adoração. Senti bater no fundo da minha garganta e não parei de chupá-lo até não restar mais nenhum líquido.

Eu estava com vontade, mas, naquele momento, era somente para ele, já que não podia se esforçar muito. Sorri.

— Está melhor para dormir agora? — perguntei, observando seus olhos um pouco pesados por causa dos remédios.

Ele balançou a cabeça.

— Não, é a sua vez…

— Estou bem, durma um pouco — afirmei, alisando seu rosto lindo.

— Samira, sinto a sua boceta latejando, me querendo tanto quanto eu a desejo. Prometo ficar quieto, só tire a calcinha e sente no meu rosto.

Eu corei, mas fiz o que ele mandou: sentei-me nua em seu rosto. Olhei para baixo e fitei seus olhos azuis lindos me mirando já com a boca em minha boceta.

— Eu vou me movimentar, e não você, ou eu paro, ok? — falei, corada.

— Sim. — Sugou o meu clitóris com uma força precisa, de um jeito que me deixou nas nuvens. Eu rebolava mais contra seu rosto, quase querendo entrar nele, tamanho meu êxtase.

Segurei meus seios, apertando-os de forma enlouquecedora. Com um puxão de sua língua especialista, eu gozei, chamando pelo seu nome. Fiquei ali em sua boca até parar de tremer em meu orgasmo.

— Nossa! Estou toda mole. — Deitei com a cabeça em seu ombro bom.

— Eu também. — Beijou meus cabelos. — O calmante que eu precisava.

— Obrigada por não me deixar chorar hoje. Com tudo o que houve, era para eu estar aos prantos, mas com você do meu lado consegui suportar. — Beijei seu peito.

— Eu agradeço por isso, querida. De agora em diante, ficarei feliz em

fazê-la feliz. É uma promessa! — jurou com ferocidade.

— Se você sempre estiver ao meu lado, eu serei. Só não quero que minta para mim de novo, não importa se for para minha proteção. Se vamos nos casar, eu preciso que seja sempre sincero. Daremos um jeito de resolver juntos os problemas. — Olhei para ele com as sobrancelhas erguidas. — Vai mesmo se casar comigo?

— Claro! Acha que eu deixaria você se casar com outro? Só se eu estiver morto, e apenas porque não tem como eu sair do túmulo para matar o bastardo.

Bufei com um sorriso.

— Fico feliz por você não ter se aproximado de mim por vingança.

Ele tocou meu rosto.

— Eu também, minha Coelhinha. Sinto muito por ter feito você sofrer. De agora em diante, será diferente.

— Eu amo você, Nikolai.

— Também a amo, para sempre.



Capítulo 32

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Samira

Falei com a Tabitta para não deixá-la preocupada comigo, por isso estava indo visitá-la em Manhattan. Nikolai foi na frente. Ele queria me acompanhar, mas avisei que devia conversar com ela primeiro antes de mencionar o meu casamento.

Matteo e Luca acertaram as contas com Enzo. Não sei o que fizeram, e também não me interessava. Não precisava saber tudo de sombrio deste meu mundo. Acreditava que estivesse morto. Lorenzo também faleceu, ou melhor, desligaram os aparelhos; houve uma votação do conselho ou coisa assim, e decidiram que ele não tinha honra para viver. Eu não chorei, não conseguia, não depois do que ele fez.

Toquei a campainha da mansão da Tabitta e do Jason, meio nervosa. Não sabia o porquê; acho que me sentia culpada por não ter dito a verdade a ela durante todo aquele tempo. Que amiga eu era? Bem, queria protegê-la dos meus múltiplos problemas.

Anabelle e Mary ficaram eufóricas quando contei que ia me casar. Elas não viam a hora de conhecer a casa de Nikolai e a Rússia, já que o casamento seria lá.

— Oi, Samira. — Abraçou-me forte com seu barrigão. — Estava sumida. Como foi o passeio na Rússia?

Taby era uma loira linda, de olhos verdes, muito parecida com Nikolai.

— Oi, Taby. — Afastei-me sorrindo, evitando sua pergunta. Contaria para ela depois.

— Vamos entrar. Estávamos a esperando para almoçar. — Puxou-me para sua sala de jantar com uma mesa de oito cadeiras. Nelas, estavam Jason (seu marido, um homem alto, de cabelos castanhos e olhos cor de chocolate) e, surpreendentemente, Nasx junto a Nikolai.

— Nasx?

Ele sorriu, um tanto forçado.

— Olá, Sam. Sua amiga Tabitta me convidou, acredito que ela pense que estamos juntos.

— Espere, o quê? — Olhei para o sorriso da Taby.

— Depois que conversamos, você falou que estava namorando, e só a vi com Nasx. Por isso o convidei para o almoço, assim ficamos todos unidos. — Sorriu, batendo palmas como uma criança animada. — Agora sente-se perto dele.

Nikolai rosnou, segurando uma faca. Estremeci com medo dele fazer besteira.

— Nem pensar! Samira não está com *Nasx* — sibilou o nome do meu amigo. — Ela é minha namorada e vamos nos casar na Rússia na próxima semana. Viemos aqui hoje para lhe contar e convidá-la para o casamento.

Tabitta arfou. Antes que ela se recuperasse, eu a arrastei para outro

ambiente, fazendo cara feia a Nikolai, que apenas sorriu.

— Você vai se casar com meu irmão? — Seu tom saiu alto em sua cozinha luxuosa com prateleiras brancas, um fogão e uma geladeira de inox, e uma bancada em mármore.

— Você é contra?

— O quê? — Piscou, ultrajada. — Era esse o seu medo? De eu não aceitar? Samira, sua boba! Eu fico contente por você ter meu irmão. Ele a faz feliz? E por que não me contou antes?

Em seguida, narrei tudo a meu respeito, desde minha verdadeira origem até meu relacionamento com Nikolai.

— Ele se apaixonou por mim, e eu por ele. Tivemos todos esses imprevistos. Não contei antes porque minha vida corria perigo por causa desse inimigo dele, que ocupou o lugar de Jacov. Eu não queria você enrolada nisso, ainda mais estando grávida. Sinto muito por não ter dito nada.

— Tudo bem. Não estou com raiva de você, só quero que seja feliz. — Ela me abraçou de novo.

Voltamos para a sala de jantar. Taby foi direto abraçar Nikolai também.

— Meus parabéns, irmão. — Quicou, toda animada. — Espero que faça minha amiga feliz ou o partirei em dois.

Seu ferimento estava quase cicatrizado; mesmo assim, gemeu com o abraço.

— Farei. — Havia um selo de promessa em seu tom.

— Ele levou dois tiros para me libertar do cativeiro na Rússia, e ainda está se curando — expliquei a ela.

— Tiros? — Soou preocupada. — Por que não me contou?

Ele suspirou.

— Para protegê-la. Eu não podia a deixar se aproximar de lá, não agora, pois já havia muitas pessoas que eu amava em perigo. Lamento por tudo. Quero que saiba que amo a Samira e o nosso filho.

— Filho?

— Esqueci de mencionar isso. — Passei a mão na barriga. — Estou grávida.

Tabitta gritou, em êxtase, dizendo que íamos comprar roupas de criança juntas.

Foi quando notei uma coisa.

— Cadê o Nasx?

Nikolai me puxou para o seu lado.

— Foi embora, acho que tinha outra coisa para fazer.

Eu sabia que não havia sido por isso. Torcia para que, em breve, ele conseguisse uma pessoa que o amasse.



Epílogo

CINCO DIAS DEPOIS

Nikolai

Após sair da festa do *capo*, fui embora com Samira para a casa que eu comprara há algum tempo, localizada perto da mansão do irmão dela. De alguma forma, eu a queria próxima de sua família.

Ela me perdoou pelas coisas que eu disse, o que adorei. Apaixonava-me a cada dia mais por aquela mulher deslumbrante. Sua alma era a minha luz. Samira incendiava toda a minha escuridão.

Matteo se encarregou de Enzo. Vi o ódio do *capo* e de Luca, filho do maldito. Nunca senti algo como aquilo pelo meu pai; embora odiasse Sebastian, não o matei, pois não tive coragem. Talvez tivesse, se não fosse por Samira aparecer em minha vida e me fazer entender o lado de Sebastian ao perder minha mãe daquela forma.

— O que você fez com Enzo? — perguntei a ele, em frente ao púlpito onde seria realizado o meu casamento com minha linda mulher.

Meses após conhecer Sam, finalmente estava feliz ao seu lado. Seu nome podia ser Dalila, mas ela sempre seria minha Samira, a Coelhinha por quem me apaixonei perdidamente.

Derrubei a Trider, os vermes estavam mortos agora, todavia, restava um problema: naquele dia, venceria minha trégua com Pietro. Eu não sabia o que fazer. Não me aliaria a ele, pois não concordava com o jeito que levava as coisas. Apesar de que, quanto às meninas do contêiner, Pietro cumpriu sua

palavra: estavam intocadas por seus homens. A sobrinha de Hunter se encontrava entre elas, viva. Não a vi depois que a resgatou, porém, Hunter viria a meu casamento, assim conversaria com ele.

Eu tinha que proteger minha mulher e meu filho. Não deixaria ninguém colocar as mãos nos dois. Logo, pensaria em uma forma de me livrar da guerra num futuro próximo.

— Ele teve o que mereceu — respondeu Matteo, olhando-me de lado. — Mudando de assunto, vai mesmo se aliar a Pietro?

— Não tenho escolha. Não posso causar uma guerra. Depois do casamento, entrarei em contato com ele, ou esperarei que venha até mim. — Suspirei.

— Bom plano. Mas sabe que, se preferir lutar, estaremos ao seu lado. Aliar-se a Pietro significa concordar com seu *modus operandi*. — Franziu a testa.

— Sim… Poderia bater contra e eliminar todos. Teríamos perdas, mas venceríamos — disse Alexei, aparecendo perto de nós.

— É um risco que não quero correr. Perder os meus não está nos planos — rosnei.

— Fico feliz em ouvir isso — respondeu uma voz atrás de mim.

Eu me virei, assim como Matteo, Luca e Alexei. Olhei para Chris, servo de Pietro.

— Não deveria estar aqui — respondi friamente, mas num tom baixo, para não chamar a atenção dos convidados.

— Precisamos conversar. Não tem um lugar mais reservado? — sussurrou. — Há pessoas aqui que não são da máfia, não quero que entrem em pânico.

Não o expulsaria dali, se desconhecia o que Pietro escondia por debaixo das mangas. Fomos para a minha sala.

Faltavam alguns minutos para o casamento começar. As amigas de Sam e minhas irmãs, Irina e Tabitta, estavam com a noiva, tal qual Samuel e Cielo. Enviei uma mensagem a Cielo: “Não deixe ninguém suspeito se aproximar das garotas”.

Já longe dos olhos do público, indaguei a Chris:

— Por que Pietro não veio e preferiu mandar um capanga? — fui direto ao ponto.

— Pietro foi morto hoje cedo. — Soltou um suspiro duro.

— O quê? Como assim? — Minha voz se elevou. — Se está aqui querendo vingança, aviso que não somos os responsáveis.

— Eu sei que não, foi gente de dentro. Trouxe o vídeo do que houve lá hoje cedo — falou, encaminhando-se ao nosso computador.

Alexei correu e parou na frente dele, estendendo sua mão.

— Ninguém mexe neste computador, apenas eu e o chefe! — avisou.

— Dê-me o que quer nos mostrar.

Chris suspirou e lhe entregou um celular. Torci para que não fosse outra bomba. Porra! Era o meu casamento, só queria tranquilidade.

Alexei exibiu o vídeo na tela grande da parede ao lado. O rosto de Pietro apareceu.

— *Não era assim que pensei que acabaríamos nos falando de novo, Dark, embora receasse que algo do tipo ou pior ocorresse.* — Fitou a porta, como se esperasse alguém, e depois a câmera. — *Prometi aguardar um mês para fazermos nossa aliança, mas acho que não estarei aí com você.*

Permaneci atento. Ouvi tiros; ele estava sob ataque.

— *Não sou bom, e nunca desejei ser. Não me sentia preparado para ter filhos, mas Lídia engravidou de mim para extorquir meu dinheiro. Não lhe dei nem um centavo, ela não conseguiu nada. Tirei a filha dela e a coloquei em um colégio interno até a garota entrar na faculdade, longe do meu mundo. Por que o fiz? Até hoje, eu não tenho ideia. Acho que nunca saberei, não é?* — Suspirou. — *Se Rayssa adentrasse nosso universo, ele a engoliria. Minha menina não sobreviveria um dia sequer. Não deixaria isso acontecer, por isso a aliança.*

Ele continuou:

— *Com minha morte se aproximando, eles irão atrás dela. Dark, você é a favor do que é correto e poderá protegê-la dos meus inimigos. Com a*

queda de Andrey Jacov e Vladimir, meus poderosos aliados, outros surgiram. Chris tem a lista dos nomes. É claro que não almejo que vingue minha morte… Apenas que cuide de Rayssa, minha herdeira. Ela não sabe que seu nome é o único que consta no meu testamento. Se souber, é capaz de botar fogo em tudo.

— Menina esperta — comentou Matteo baixinho para mim, sem tirar os olhos da tela.

— Acredito que nenhum de vocês a matará para ter o que lhe pertence; o seu senso de bondade e justiça veio a calhar neste momento. Portanto, engoli meu orgulho e o procurei. — Riu, amargo. *— Ela, provavelmente, não sabe do meu sacrifício, e espero que vocês também não lhe digam nada. Se eu não sair com vida desta luta, você receberá este vídeo. Proteja a minha filha, porque se os homens que estão me atacando a tocarem, vão estraçalhá-la. Seria como jogar um gatinho domesticado entre leões. Faça isso, Dark, não porque mereço, mas porque ela é inocente, uma vítima desprotegida na mão desses homens.*

— Puta merda! — exclamou Luca quando a foto da garota apareceu.

Era uma morena com óculos de grau, vestida com jeans e blusas largas. Segurava livros ao entrar na faculdade. Parecia-me bem tímida.

— Sim, definitivamente, seria morta em segundos — concordou Alexei. Virou-se para mim: — O que pensa em fazer?

Eu suspirei.

— Vou ajudá-lo. Pietro devolveu as meninas do contêiner e a sobrinha do Hunter. Devo isso a ele, e pago minhas dívidas, esteja o beneficiário vivo ou morto — disse a todos na sala. Em seguida, voltei-me a Chris: — Quem eram os caras que atacaram ele? E como só você sobreviveu?

— Há meses, Pietro descobriu que uma rebelião tomava forma. Gente sua viria para derrubá-lo, bem antes do que aconteceu com Vladimir. Eu avisei para que eliminasse as ameaças desde a raiz.

— E por que ele não o ouviu? — Estava confuso com essa parte.

Chris bufou.

— Você o mataria? — Apontou o dedo para Alexei. — Acabaria com seu irmão?

— Está dizendo que o assassino de Pietro é o irmão dele? Patrick Petrova? Achei que estivesse morto! — Sacudi a cabeça, descrente.

— Pelo visto, o morto ressuscitou e com muita sede de vingança, já que derrubou Pietro — observou Matteo. Em seguida, mirou-me: — Está disposto a encarar essa guerra? Porque haverá uma, caso tomemos partido para proteger a garota. Não estou reclamando, somente apontando o fato. Apoiarei você seja qual for sua decisão. Também não concordo com não agir ao ver uma inocente pagar por algo de que não faz nem ideia.

Samira ambicionava trabalhar e terminar seus estudos. Como a

autorizaria a fazer isso se eu assumisse tamanha responsabilidade? Patrick Petrova poderia atacar minha família… No entanto, eu não conseguiria deixar a menina de Pietro desprotegida.

Sempre supus que a guerra dos Dragons seria contra os Salvatores, mas me enganei. Após nossa aliança com a máfia italiana e o *capo* salvar Irina, Matteo provou ser de serventia. Agora, afirmava que ficaria ao meu lado, independente de minha decisão. Era um bom homem.

O acordo entre mim e o líder dos Salvatores ia bem. Nossas desavenças foram superadas e passamos a ter uma coisa em comum — aliás, duas: sua irmã e a minha.

— Pelo que ele disse, a garota está na faculdade, e não sabe que seu pai é chefe de uma máfia russa. Só que Pietro foi um pai ruim, que a deixou em internatos — comecei e olhei para Chris. — Esse irmão do Pietro já descobriu que ela existe?

— Não, mas descobrirá. Basta Patrick procurar onde foi parar o dinheiro de Pietro. Até então, o chefe escondia tudo relacionado à Rayssa. Buscava sua proteção…

— Não podemos dar a Patrick o que Pietro deixou para ela? Evitaríamos toda a dor de cabeça — sugeri, isso facilitaria a situação.

Ele negou.

— Não há possibilidade de reembolso. Por isso, se Patrick souber que

Rayssa tem o dinheiro, virará sua prisioneira. Aposto que irá forçá-la a se casar com ele, assim o maldito administraria tudo. — Tinha um gosto amargo em seu tom.

— Não permitirei que isso aconteça. Agora preciso ir me casar, para não deixar minha mulher esperando. — Da porta, fitei o grupo. — Alexei tomará conta pessoalmente da garota.

— Espere, o quê? — alarmou-se meu irmão. — Você…

Interrompeu-se diante de meu olhar. Sempre evitava desobedecer a uma ordem minha na frente dos outros. Viver de aparências, às vezes, era um porre.

— Por que devo tomar conta dela, e não Luca ou o *capo*? — questionou com a voz controlada e os dentes trincados.

— Tenho muitos problemas para resolver, não posso me ausentar de Chicago. Continuo derrubando o que meu pai e Enzo construíram — explicou-se Matteo.

— E minha cabeça não está em um bom lugar. Ela correria ainda mais perigo por minha causa, o que não quero — falou Luca, passando as mãos em seus cabelos negros.

Entendia seu lado. Não devia ter sido fácil para ele descobrir que o próprio pai matou a mãe; atormentaria qualquer pessoa, até alguém como nós.

— Merda — rosnou Alexei, frustrado.

Pedi a todos que me deixassem a sós com ele, assim falaríamos abertamente. Matteo foi buscar Samira no quarto, então só tinha uns minutos antes de ir para o altar.

— Alexei…

— Droga, Nikolai, por que não pode mandar um dos nossos homens?

— Porque você é o único em quem confio, e que não se interessa pela maldita herança do fodido do Pietro. — Apontei para a garota na tela. — Ela é fácil de se enganar, olhe para a menina.

— Eu não sou amigo de mulher, só as uso para…

— Eu sei para que você as usa, mas não é o caso. Ela é linda e tudo o mais, mas não faz o seu tipo. — Tentei brincar para mudar sua carranca. — Depois do casamento, vá e se matricule em sua faculdade. Alugue um apartamento no mesmo prédio dela, assim ficará mais fácil protegê-la. Mantenha Rayssa coberta o quanto puder. Coloque na sua identidade falsa que tem vinte e três ou vinte e quatro anos. Ou invente algum outro disfarce, é bom nisto.

— Sabe, se não fosse meu irmão, eu o mataria — exprimiu, calmo.

Sorri.

— Não viveria um dia sem mim. Agora me deixe ir para o altar esperar minha futura esposa. — Parei por um instante. — E Alexei? Não quero que

Samira saiba de nada disso, para não a preocupar mais do que nos últimos meses. Faz mal para o nosso bebê.

Ele riu.

— Você continua lendo aquele maldito livro sobre gravidez?

— Sim, quero entender tudo para ajudar minha esposa linda com seus enjoos e…

— Chega, não vamos falar dessa merda, isso me faz querer vomitar também. — Deu um tapa no meu ombro. — Feliz casamento, meu irmão.

— Obrigado — agradeci, comovido. — Dará certo lá, só devemos mantê-la no escuro.

Alexei assentiu, sem responder. Gostaria de não ter de envolvê-lo nisso, entretanto, talvez fosse uma boa ideia: o levaria a amadurecer. Ele precisava começar a desenvolver interesses além dos seus carros; amar pessoas que não Irina e eu. Quem sabe Rayssa mudasse isso. Não revelei a ele esse pensamento, porque seria capaz de meu querido irmão desistir.

Samira

Caminhava em direção ao altar, até o meu homem. Matteo me levava.

O casamento estava sendo realizado no quintal enorme da casa dele, com vista para o mar. Meus amigos se encontravam ali, menos Nasx. Não consegui deixar de me sentir culpada com isso, mas o prazer de estar com Nikolai superou tudo.

Rômulo apareceu com uma namorada; fiquei feliz. Graças a ele, tive um pedido grande das minhas obras, que seriam levadas à França no próximo mês.

Ignorei todos nos seus assentos, e só olhava para o meu futuro marido, meu mafioso gostoso, que trajava um terno preto. Ficara lindo com seus cabelos loiros e íris da cor do mar.

Seu sorriso e olhar eram de adoração, como se agradecesse por eu estar em sua vida, mas era eu quem agradecia por tê-lo na minha.

— Faça ela feliz ou eu o mando para a cova. — Matteo me entregou a Nikolai.

— *Matteo*!

— É só um alerta, minha querida. — Beijou minha testa e se afastou.

— Você está deslumbrante — elogiou Nikolai, sorrindo. Eu usava um vestido longo no estilo tomara que caia, meio frouxo na cintura, afinal, casaria grávida. Nem me importei com isso. Meu filho era uma bênção na minha vida. — Está pronta para ser a senhora Dragon?

Seus olhos brilhavam. Ele estava gostando disso.

— Eu nasci pronta, ainda mais esperando o meu castigo depois. — Mencionei para ele no dia anterior que precisava me castigar por eu ter ficado longe da máfia. O fodido do Enzo pensava em uma surra, já eu imaginava outra coisa. Nikolai adorou a ideia.

— Estou contando com isso — ele sussurrou em meu ouvido. — Em especial após esses dias sem foder direito, todo remendado.

O padre ministrou a palavra. Nem acreditava que esse homem agora era meu, e não tinha vingança nenhuma no meio do caminho.

— Agradeço por conhecer você. — Fitou-me com adoração. — Não prometo que será sempre um mar de rosas, porque no nosso mundo paira eternamente um ar obscuro, mas prometo que a farei feliz. Prometo zelar, proteger e cuidar de você e de nosso filho até meu último dia na Terra. Com você, eu me caso; e com você, eu me uno. Com sangue é gerado e com sangue é concebido. Recebo você, minha mulher. Uma vez que esta união foi selada, só será rompida com a morte.

Os votos da máfia eram um tanto diferentes do mundo onde vivi naqueles doze anos. Nikolai queria mudar, mas seu irmão Alexei não deixou. Se alterasse, as pessoas começariam a reclamar. Por isso Nick falou mais em poder e conquista ao me ter, do que declarou seu amor. Um chefe abrindo seu coração na frente daquele bando de poderosos não pegaria bem. Meu lindo marido guardou seus votos reais para quando estivéssemos sozinhos.

— Agradeço por eu ficar até tarde pintando na faculdade, porque se não fosse por isso, eu não estaria aqui ao seu lado. Não teria voltado à minha família e nem desvendado segredos do passado. Hoje me caso com o homem mais lindo e cobiçado da Rússia, sortuda por tê-lo em minha vida. Não ligo para o mar de rosas, contanto que eu tenha você para sempre ao meu lado.

Repeti as palavras dos votos da máfia.

— Para sempre — disse e me beijou, selando nosso destino juntos.



— Está bem presa? — sondou Nikolai, checando as minhas algemas e correntes na parede.

— Sim. Você prometeu que me faria gritar hoje; conto com isso.

Ele sorriu e beijou meus lábios de leve.

— É meu prazer, senhora Dragon. — Tapou meus olhos com a venda. — Uma vista linda! — sussurrou bem em minha boceta. Eu podia sentir o ar quente de sua boca e suas narinas, o que me arrepiou inteira.

Pegou uma das minhas pernas e a colocou em seu ombro, degustando-me. Meu mafioso lindo, sempre faminto.

— Isso é tão bom… — murmurei com a voz grossa de desejo. Gritei quando ele deu um puxão no meu clitóris.

— Isso, minha esposa gostosa, goze para mim. Eu quero senti-la em

minha boca! — ordenou, indo direto ao meu centro.

— Nikolai…

— Adoro o seu gosto, meu amor — murmurou nos meus lábios.

Em seguida, me fodeu com força. Pus minhas pernas à sua volta e o senti entrar mais fundo, me levando ao ápice do prazer. Ele estocava e me beijava ao mesmo tempo.

— Nikolai, eu amo você. Queria dizer nos votos, mas temi o preconceito da máfia — comentei ao parar de tremer do meu orgasmo.

— Eles aceitam o amor, contudo, demonstrá-lo em público é sinal de fraqueza. — Tirou minha venda e sorriu. — Está gostando?

— Adorando, meu marido saboroso. — Sorri em retorno.

— Que bom. — Ele me soltou e me levou para a cama. — Agora vamos ao segundo *round*.

— A noite é uma criança.

Mais tarde, enquanto Nikolai tomava banho, eu fui para a varanda da minha nova casa. Enrolei o robe à minha volta e suspirei mirando a cidade de Moscou. Tinha uma vista linda do quarto dele — bom, agora meu também.

Minha mente viajou para a guinada em minha vida; há doze anos fui dada a uma mulher para seguir fora da máfia, mas o destino me enviou Nikolai, um chefe russo. Estava ali casada com ele, me reunira à minha família e engravidara.

— No que tanto pensa aqui sozinha? — Senti os braços de Nikolai à minha volta.

— Em muita coisa. — Virei e notei-o sem camisa, com a cicatriz do tiro perto do peito, então me curvei e a beijei.

— Você sempre faz isso. Por quê? — Engoliu em seco.

— Estou dando graças a Deus por você continuar vivo e comigo. Não há dádiva maior. — Toquei seu rosto. — Eu sei que, neste nosso mundo, vamos enfrentar muitas coisas nem sempre boas, mas vale a pena viver nele para estar ao seu lado.

— Farei de tudo para proteger você e o nosso filho dos inimigos à minha volta. Eu não os deixarei saber que tenho uma fraqueza. — Beijou minhas pálpebras com amor. — Uma pela qual derrubaria o Inferno e o Céu…

— Nunca irá me perder, Nikolai. — Selei meu juramento com um beijo.

Ali, nos braços daquele homem, encontrei um caminho que eu queria seguir para sempre.



Bônus

Samira

Às vezes achava que estava sonhando com a vida que tinha agora ao lado do homem que amava, ainda mais com aquelas novas bençãos: os nossos filhos lindos.

— Como a gente acorda a mamãe? — ouvi Nikolai falando não muito longe de mim.

Não entreguei que estava acordada há alguns minutos, apenas pensando no que planejavam para o meu aniversário.

— Com muitos beijos — disse Nikolas. Então senti lábios melados no meu rosto. — Acorde, mamãe.

Pisquei, fingindo despertar, mas pela expressão do meu marido, ele já sabia que mentia; o homem era um bom leitor. Tirei a sorte grande por Nick me amar e me dar meus bens mais preciosos.

Eu fitava o rostinho lindo do meu filho, loiro e a cara do pai, exceto pelos olhos escuros. Depois, mirei nossa filha, no colo de Nick.

— Estou acordada! — Puxei-o para os meus braços, beijando suas

lindas bochechas. Sua boca estava doce, acho que comeu bolo antes de ir ali.

— Tem bolo, mamãe. — Remexeu-se e sorriu. — É surpresa, papai disse.

Sorri.

— Estou surpresa, meu amor, e adoraria comer o bolo. — Sentei-me e coloquei meu pequeno no chão.

Nikolas tinha cinco anos e era muito esperto. Já Sasha Wendy completara apenas um aninho.

— Podemos ir para a sala? O bolo está lá — sondou, impaciente para se deliciar com mais guloseimas.

— Vá na frente, querido, logo chego para comermos juntos. — Pus-me de pé e sorri para Sasha, que queria ir para o chão.

Nikolai a colocou no piso. Minha menina parecia uma fada linda com um vestidinho rodado.

— Bôo — balbuciou ela.

— Sim, queria lhe dar bolo, mas papai disse para esperar a mamãe — Nikolas fez uma careta, explicando à irmãzinha. Pegou a mão dela para levá-la à sala. — Podemos comer outras coisas enquanto aguardamos.

— Não coma tanto doce, pode fazer mal — adverti.

Cielo estava lá fora, assim como Lúcia. Ela se mudou para a nossa casa após terminar com seu antigo namorado, que a traiu. Morava conosco há

alguns anos. Ela era meus pés e minhas mãos com as crianças. Cielo e minha irmã me ajudavam muito quando Nikolai não estava.

— Sim, mamãe — respondeu e sorriu para Sasha, que andava devagar, firmando-se após dar seus primeiros passos algumas semanas atrás. — Vamos, não vou deixar você cair.

Sasha sorriu com confiança e os poucos dentinhos que tinha. Tão fofinho ver os dois juntos…

Nikolas era muito protetor com sua irmã: se chorava, ele corria para checar se caíra e se machucara, um pouco diferente das outras crianças. Amava meu menino, extremamente cuidadoso.

— Coisa mais linda do mundo — sussurrei com meu coração derretendo.

Nikolai assentiu, também admirado nossos filhos saírem unidos do quarto.

— Muito, não acredito que recebi uma benção assim. Farei qualquer coisa para proteger vocês três. — Havia um selo de promessa ali.

Pisquei e virei-me para Nikolai.

— Quando chegou? — Essa noite, ele tinha saído a negócios, e não vi a hora que retornou.

— Tarde, não quis acordá-la. — Puxou-me para os seus braços. — Feliz aniversário!

Ele parecia cansado.

— Como estão as coisas? — Andávamos seguros, com os inimigos sem fazer nada há alguns meses. Então surgiu um problema na Itália, e ele teve de ir lá.

— Nada bem, mas hoje não quero falar disso. — Beijou a ponta do meu nariz.

— Nikolai...

— Samira… — Tocou meu rosto. Sempre me chamava assim, em vez de Dalila. Quase todos o faziam, menos meu irmão. — Sei o que sou, mas não temos de pensar nisso vinte e quatro horas por dia, em especial agora. Por hoje, quero esquecer a máfia e os meus inimigos. Desejo aproveitar cada segundo e focar em minha família. Pode ser?

Entendi seu lado, por isso deixei quieto. Esperava que seus adversários fossem destruídos de uma vez por todas. Claro que, em nosso mundo, sempre haveria problemas, mas gostaria que ficássemos pelo menos um tempinho livre dessas pessoas desagradáveis.

Algum tempo atrás, os inúmeros ataques o atormentaram demais. Torcia para que nada do gênero acontecesse de novo.

— Tudo bem, mas estou curiosa… — Olhei de esguelha, mudando de assunto. Embora soubesse a resposta, falei para descontrair e tirar sua tensão: — Você fez o bolo?

Bufou.

— Não, a sua irmã fez. — Agarrou-me e beijou meus lábios. — Estava morrendo de saudades, ficar longe dos três acaba comigo.

Nada me faria mais feliz que senti-lo dentro de mim. Quando me tocava, eu esquecia tudo; os problemas desapareciam e só existia esse homem. Mas antes de prosseguirmos nessa linha de pensamento...

— Mamãe, meu tio Matteo está chamando — Nikolas gritou do corredor, já se encaminhando até nós.

Nikolai se afastou, fechando a cara.

— Ainda acabo com esse *capo* — resmungou, fixando o olhar na porta como se quisesse estripar meu irmão.

Dei um tapinha nele.

— Se comporte, ele só veio me desejar parabéns. — Sabia que Nikolai jamais tocaria Matteo, não só por minha causa, mas também por Irina, sua irmã, casada com o meu.

— Se quisesse mesmo, teria ligado. O bastardo mandou Nikolas nos interromper de propósito — redarguiu com acidez.

Sacudi a cabeça, indo para o banheiro enquanto colocava um vestido rosa.

— Não pense coisas negativas do meu irmão — reclamei, ajeitando o cabelo.

Saí do toalete me deparando com Nikolas nos braços do pai. Os dois homens da minha vida.

— Papai, o tio trouxe um presente para a minha mãe, mas não para Sasha e eu — reclamou ao Nikolai. — Ele disse que vai trazer depois, mas sempre esquece.

— Comprarei presentes para você e sua irmã mais tarde. Seu tio não trouxe porque hoje é o aniversário da mamãe — explicou.

Decerto quem escolheu meu presente foi Irina; Matteo e Nikolai estavam muito envolvidos com seus problemas, o *capo* não pensaria nisso.

Quando decidi cair de cara nessa vida, antes mesmo de voltar para o meu mundo, sabia o que teria de fazer e aceitar. Qualquer sacrifício valeria para estar com esse homem na minha frente.

Nikolas sorriu.

— Eba! — exclamou.

Queria congelar a cena dos dois juntos. Quem diria que um mafioso tão duro e frio lá fora seria protetor e amoroso dentro de casa, comigo e com seus filhos?

Um dia, Nikolas precisaria seguir a linhagem, tornando-se chefe no lugar de seu pai. Confiava que meu marido conseguiria treinar nosso filho para o mundo ao qual pertencíamos.

Como se pudesse adivinhar meus pensamentos, Nikolai franziu a testa.

Ou talvez estivesse estampado em minha expressão preocupada.

— Vá tomar conta de sua irmã e diga ao seu tio...

— …que estamos indo — cortei-o com um sorriso, embora soubesse que não falaria nada ruim ao nosso menino. De qualquer forma, achei melhor aliviar.

— Vou dizer à Sandy que receberemos presentes também! — Matteo e Irina tiveram uma linda menina. Eu adorava minha sobrinha e estava contente pelos dois.

Sorrindo, Nikolas saiu do quarto.

— Qual o motivo dessa cara? Parecia preocupada. Se for sobre os perigos que estão se aproximando, não se preocupe, nada chegará a você e nossos filhos, prometo.

Confiava cegamente nesse homem.

— Só me dá medo pensar no futuro… Nikolas será um chefe. Sei que ainda é muito cedo para me preocupar. — Inspirei profundamente.

Ele se aproximou e tocou meu rosto.

— Meu amor, queria dizer que isso não acontecerá, mas não é verdade. Só posso prometer ensinar a ele tudo que sei, assim como meu pai me ensinou. — Beijou minha testa. — Nikolas ficará bem, não se preocupe. Agora vamos para a sala, não pense mais nisso.

Deixei o assunto para depois. Ademais, Nikolai e eu estaríamos sempre

ao lado do nosso filho, para orientá-lo e protegê-lo.

Estávamos de saída quando o parei, querendo contar uma notícia boa antes de compartilhar com todos na sala.

— Tem algo que preciso lhe dizer — anunciei, mal segurando meu entusiasmo.

— O quê? — Checou meu rosto, talvez imaginando que eu tinha outra preocupação. Ao notar minha leveza, sorriu, e antes que eu abrisse minha boca, indagou: — Está grávida?

Desatei a rir.

— Querido, amo meus filhos, mas vou parar nesses dois. — Apertei sua mão. — Não é isso, é que fui convidada para ir à França palestrar numa galeria.

Minhas obras estavam sendo bem procuradas no mundo da arte. Isso me emocionava, era o meu sonho desde criança e se tornou realidade.

— França? — Seu tom me chamou atenção, mirrando meu sorriso.

— O que foi? Acha que não posso ir devido ao que está acontecendo?

— Samira, apoio você em seus sonhos, inclusive estou orgulhoso por essas palestras que ministra, mas agora não é um bom momento, entende? Meus inimigos resolveram voltar à ativa, não posso tê-la longe dos meus cuidados. — Estremeceu. — Morreria se colocassem as mãos em você como da outra vez.

Fiz muitas palestras sobre arte na Rússia, nos Estados Unidos e na Itália, mas nunca na França. Com o nascimento de Sasha, diminuí o ritmo. Não queria ficar longe com ela ainda pequena.

Claro que gostaria de participar de eventos onde se concentravam os melhores artistas do mundo, no entanto, a segurança da minha família era mais importante que tudo.

— Samira… — Nick, como meu marido e chefe da máfia, poderia impor sua decisão, mas ele nunca agiria desse modo.

— Entendo, Nikolai, vou esperar até os problemas se resolverem. — Abracei-o. — Não tornarei as coisas mais difíceis para você. Eu o amo, e a segurança de nossos filhos vem em primeiro lugar.

Beijou minha testa.

— Não sei como tive a sorte de encontrar uma mulher como você. — Suspirou. — Protegerei os três com a minha vida, se for preciso.

Gelei.

— Nada acontecerá com você, Matteo ou nossos filhos — afirmei.

— Claro que não.

Fomos para a sala, onde se encontrava a minha família. Lúcia conversava com Irina. As duas se viraram assim que entramos. Rayssa, esposa de Alexei, estava com elas — sim, meu cunhado fora domado.

— Achei que não pretendesse aparecer. — Meu irmão veio até mim,

me puxando para os seus braços e me tirando de Nikolai. — Feliz aniversário, maninha.

Sorri e me afastei.

— Obrigada. — Recebi os parabéns gerais. — Agradeço por terem vindo.

— Não perderia por nada. — Irina sorriu. — Viemos da Itália direto para cá.

Senti-me emocionada com sua presença.

— Então, cunhada, parece que foi ontem que domou meu irmão. — Alexei me abraçou.

— Verdade… — Ri. Há muito nos tornáramos amigos (família, melhor dizendo). No começo, tivemos altos e baixos, por ser filha do homem que matou o pai dele, mas, por fim, passamos a nos dar bem.

— Não esqueça, querido, você também está domado. — Rayssa sorriu para mim e me apertou. — Felicidades!

Lúcia e Cielo igualmente me parabenizaram. Pela troca de olhares entre os dois, logo estariam em um relacionamento. Esperava que tudo desse certo para ambos.

Cercada por essas pessoas, sentia-me realizada, agradecida por tamanha dádiva. Não poderia pedir mais nada.

Virei a cabeça na direção onde meus filhos brincavam. Sim, por esses

dois e Nikolai, seria capaz de tudo. Rezaria para que o perigo no horizonte passasse depressa, assim desfrutaria com qualidade dessa nossa vida.

— Queria que tudo se resolvesse para que pudesse seguir seu sonho. — Nikolai me abraçou por trás.

Aconcheguei-me nele.

— Meu maior sonho é a segurança de você e dos meninos. Nada mais importa — afirmei com convicção. — Sei que os manterá bem.

— Destruiria este mundo para protegê-los — jurou, apertando o braço à minha volta. — Amo vocês demais.

— Também os amo — declarei, beijando seus lábios.

Desconhecia o que o futuro nos reservaria, mas de uma coisa tinha certeza: sempre estaria ao lado do meu marido nas horas boas e ruins, como diziam os votos tradicionais de casamento. Todavia, esperava que só viessem momentos felizes. De qualquer forma, agradecia aos céus por estarmos reunidos.

Nunca me arrependeria de escolher amar o chefe da máfia russa.

— Mamãe, mais bolo — pediu Nikolas, me fazendo sorrir ao afastar os lábios do meu esposo.

Sim, ali estava meu futuro, minha vida e minha felicidade.

Fim

IVANI GODOY

A ESCOLHA

PRÍNCIPES DA MAFIA

Sinopse

Matteo Salvatore é o *capo*, líder da máfia italiana. Agora, com o título de chefe, colocará ordem no que seu pai destruiu. Tudo estava dando certo, não haveria uma guerra contra os Dragons no futuro, e, se tivesse, ele estaria pronto. Mas Matteo não contava com o fato de que se apaixonaria pela irmã de Nikolai, a única mulher que não poderia ter, a única que lhe era intocável.

“O que eu faço? Se contar a verdade a ela, irei perdê-la para sempre”.

Um segredo desesperador separava os dois.

O amor vencerá todos os obstáculos? Seria forte o suficiente para prevalecer?

Irina Dragon é a irmã caçula de Nikolai, o chefe da máfia russa. Vivendo nos Estado Unidos, longe do berço da máfia, e escondida de todos os inimigos de seus irmãos, achava que estaria protegida. O que Irina não imaginava era que fosse se apaixonar pelo *capo*, o mafioso italiano alto, moreno, lindo, *sexy* como o pecado, com olhos negros e mortais.

“Como posso amar alguém que está apaixonado por outra? Como posso ficar com Matteo Salvatore, sendo que ele esconde um segredo de mim?”.



Prólogo 1

Irina

Saía da boate Square, onde fui disfarçada. Se meu irmão soubesse que eu estava ali, me mataria. Na melhor das hipóteses, me trancaria e jogaria a chave fora. Ainda mais se descobrisse por que fui a esse lugar.

Algumas semanas atrás, eu conheci Matteo Salvatore. Apenas o vi de longe, mas não parei de pensar nele um segundo, então soube quem era e o que fazia. Na hora fiquei chocada pelo cara ser um mafioso italiano, entretanto, não ligava para isso, só queria que ele me olhasse nem que fosse uma vez na vida.

Vesti um espartilho e uma calça colada, quase uma segunda pele. Fazia o que queria, não devia nada a ninguém.

Fiquei algumas horas sentada no bar com uma identidade falsa, claro que não podia entrar ali sem estar preparada, mas tudo bem. Arriscaria para vê-lo. Contudo, ele não apareceu, e por volta de uma hora da manhã fui embora.

Estava de saída, quase chegando ao carro, quando esbarrei em um cara.

— Linda, o que faz a essa hora sozinha neste beco? — perguntou,

exalando um bafo de cachaça.

Eu podia ter ido com Sara ou Jerry, os meus amigos, todavia, estava tão ansiosa para ver Matteo preferi correr um risco. Idiota, sim, por não pensar direito.

— Fique longe de mim — sussurrei com a voz tremendo. Sabia lutar, mas eu daria conta de um homem?

— Vamos ficar juntos, não é por isso que mulheres como você vêm a lugares como este?

— Mulheres como eu? — grunhi com os dentes trincados.

— Sim, putas querendo ser fodidas.

Eu devia estar louca para discutir com um estranho em um beco… O medo deu espaço à raiva, minha vontade era de matá-lo.

— *Puta*? Acha que por vir a uma festa e estar indo embora agora, sou uma vadia que precisa ser fodida por um idiota como você? — sibilei. — Um aviso: vá à merda, seu babaca!

— Cadela! — Foi para cima de mim. Eu corri; um grande erro, pois calçava uma gladiadora de oito centímetros.

O cara pegou meu braço e me prensou na parede com força, me fazendo perder o ar. Alexei, o meu irmão, sempre disse que minha boca suja ia acabar me levando à morte. Agora estava vendo isso.

— Me solte, seu merda! — Preferia lutar a ceder que me tocasse.

Talvez ficasse traumatizada depois. Porém, naquele instante, meu sangue fervia de ódio, então lutei contra ele, chutando e gritando.

De repente, o cara foi tirado de mim e jogado longe com uma força surpreendente. O tarado estava mesmo bêbado.

Olhei para cima e me deparei com um Matteo mortal imprensando-o na parede, com adagas em sua garganta, pronto para matá-lo.

— Você gosta de pegar garotas indefesas? Vou lhe ensinar uma lição que nunca esquecerá — sibilou Matteo, pronto para cortá-lo.

Eu estava prestes a interromper e fazer alguma coisa, tipo ajudar a acabar com o verme, mas alguém falou em russo não muito longe dali. Congelei por um segundo e saí correndo rumo ao carro que tinha pegado de Sara — não ia usar o meu.

Era a voz de Paul, um dos homens do meu irmão. Já o vira algumas vezes com Alexei. Fiquei curiosa para saber por que um russo estava no território de um italiano… Talvez fazendo negócios?

O importante foi que não me reconheceu, afinal, eu usava aquela roupa *sexy* e os cabelos negros escondiam parte do meu rosto, bem distintos dos meus fios loiros.

Ignorei os gritos de Matteo me chamando e corri, não podia arriscar que meu irmão soubesse que eu estava ali naquela boate e o que houve lá fora. Por mais que eu quisesse falar com o mafioso Salvatore, não era o

momento ideal.



Prólogo 2

Matteo

Saí do escritório do meu pai pisando duro, furioso. Na verdade, não devia mencioná-lo como um pai, afinal, ele não sabia o que era isso. Um dia, fora diferente, mas não mais, não depois que minha irmã, Dalila, e minha mãe, Giulia, morreram. Lorenzo se tornou amargurado, a princípio, e depois cruel, a ponto de machucar inocentes.

Há três anos, eu descobri que ele estava raptando garotas para levar à fazenda que antes servia para nós passarmos os feriados. Hoje, era um antro de pedofilia. Meu pai subornou muitos para não vazarem nada aos federais; tinha uma série de indivíduos no bolso. Burlava inclusive a lei que proibia casamentos com meninas de dez anos. Isso era errado, um crime, e ninguém fazia nada para impedir. Lutaria com unhas e dentes para eliminar todos, até Lorenzo.

Tantas vezes fui ao quarto do meu pai e o vi dormindo, a sede que tive de matá-lo ali era tanta… Seria tão fácil, porque há muito Lorenzo Salvatore deixara de ser minha família. Para mim, o verme imundo estava morto, só não podia dizer “enterrado” porque o asqueroso gozava de boa saúde.

Entretanto, assassiná-lo assim me traria vários problemas. Se fosse só eu a pagar o preço, eu faria, correria o risco, mas isso afetaria todos à minha volta: a minha verdadeira família, e não me referia apenas à de sangue, e sim à minha origem, àqueles contra o que meu pai fazia. Dependiam de mim para derrubar todo o esquema e trazer a a paz que lhes foi tirada.

Lorenzo pegava crianças inocentes e levava àquele inferno — era isto que a fazenda se tornou. Depois, entregava-as aos homens para abusarem delas e matarem-nas. Em sua mente distorcida, ele via sua atitude como vingança contra minha irmã, que morreu em Moscou há doze anos. Dalila, com dez anos, foi estuprada e assassinada. Não restou nada além de suas roupinhas.

Meu peito apertava ao pensar nisso, a dor se apossava dele, o que me impedia de respirar. Naquele dia, era para eu estar com Dalila e mamãe, no entanto, Lorenzo precisava me treinar, me espancando para virar um homem de verdade — palavras dele, não minhas. Se eu estivesse com a minha pequena, ninguém teria lhe tocado…

Odiava o maldito, pois tudo era sua culpa, por não me deixar ir ou mandar pessoas a mais para protegê-las. Agora, ficava aí, querendo vingança contra inocentes, sendo que nenhuma dessas meninas tinha nada a ver com a história.

Nesses últimos anos, quando soube do que meu pai fez com nossa

fazenda, transformando-a em um matadouro, tentei salvar quantas garotas pude. Porém, não conseguiria fazer muito, não enquanto não estivesse no poder.

Em uma dessas situações em que me esforcei para auxiliar suas vítimas, conheci Evelyn, uma ruiva exuberante que salvei de um dos homens do meu pai, Salvir, que a pegava à força. Por isso o mandei para o Inferno.

Depois daquilo, viramos amigos, e pela primeira vez na minha vida me apaixonei por alguém, mas ela não nutria o mesmo sentimento por mim. Eu não sabia se era porque fiz o que fiz a ela ou por ser filho do meu pai, o homem que a levou de sua família e a trouxe para aquele buraco.

Há dois anos, Evy me pediu para bater nela, pois não podia lidar com a perda daqueles que amava. A única forma que achou de amenizar sua dor foi encontrando outra. Insisti para a garota mudar de ideia, mas não consegui. Se eu não fizesse isso, ela se meteria em encrenca e seria presa na maldita cruz, acorrentada e açoitada por três dias, passando fome e sede. Escolhi cintadas em vez das chicotadas que os homens do meu pai usavam para castigar alguém.

Céus! Ao pensar nesta porra de mundo, ficava irado. Éramos para ser uma família e proteger uns aos outros. Meu pai e o tio Enzo nos enterraram, e eu seria o único a derrubá-los e tomar o controle da situação. Desmancharia esse antro.

Como uma pessoa se transformava de boa a ruim? Lorenzo se tornou o diabo. Eu também era, por ter compactuado com tirar o sofrimento da Evy por meio da agressão. Cada cintada que dava nela doía igualmente em mim. Não fiz o suficiente, talvez devesse prendê-la, não lhe dando chance de ferir a si própria, como eu sabia que faria, caso eu não a ajudasse.

Estava tão absorto em meus pensamentos que quase não ouvi o grito de uma mulher. Acabara de chegar à boate Square, após uma reunião com Lorenzo, na qual me repreendeu por não ser cruel o suficiente.

— *Puta*? Acha que por vir a uma festa e estar indo embora agora, sou uma vadia que precisa ser fodida por um idiota como você? Um aviso: vá à merda, seu babaca! — ela berrou.

Era louca? Enfrentar um estranho na saída de uma boate?

Fiquei cego após ver o cara a prendendo contra a parede. Lancei-me na direção dele, riscando sua garganta com minhas adagas.



Capítulo 1

Matteo

Meu telefone tocou assim que cheguei à fazenda. Um dia o lugar foi chamado de Paraíso; hoje estava mais para a porta do Inferno.

— Matteo, onde está? — inquiriu Luca, ansioso. — Preciso conversar com você.

— O que quer? Aconteceu alguma coisa? Estou na fazenda — falei com um suspiro.

— Sim, vou aí agora. Conversaremos e ficarei com você, para não fazer besteira com seu pai.

— Pode me adiantar o assunto? — Ignorei sua preocupação, ele me conhecia muito bem para saber que passar um segundo na presença do meu pai me tornava um vulcão prestes a entrar em erupção. Eu logo explodiria e o mandaria pelos ares.

— Lorenzo comprou mais meninas, e algumas delas são menores de idade, roubadas de suas casas ou vendidas por familiares. — Havia ácido em sua voz e desprezo pelo que Lorenzo fez.

— Onde elas estão? — sondei, bolando um plano para impedir que ele

tivesse essas meninas também.

Não ligava se as mulheres quisessem se prostituir, faziam o que desejavam da sua vida. Apenas não concordava com gente como meu pai e meu tio obrigando garotas e crianças a trabalharem com isso. Como famílias vendiam uma filha? Deus! E eu pensando ser um monstro, quando havia gente pior na Terra.

— Chegarão ao porto amanhã, às dez da noite, na hora da reunião na fazenda.

— Entre em contato com o federal Dylan Whis e o informe para ele dar um jeito de os policiais certos saberem disso, os que meu pai não comprou, para prepararem uma emboscada. Lorenzo estará distraído amanhã, isto é bom para nós.

— Muitos dos nossos serão presos — informou.

— Aqueles desgraçados merecem isso. Nenhum deles ousará nos citar quando forem, todos têm medo do que meu pai é capaz. — Era verdade. Por conta disso, dificultou que eu encontrasse aliados.

— Cuidarei de tudo e vou aí ficar com você — disse e desligou.

Amanhã seria o grande dia, o dia em que eu tiraria Evelyn daquele lugar. Com ela fora, conseguiria os aliados de que precisava para derrubar esse antro sem me envolver diretamente. Estava fazendo parceria com algumas pessoas, no intuito de destruir essa escória maldita.

Eu tinha eliminado a maioria dos homens de Lorenzo e colocado os meus de confiança na fazenda, principalmente onde ficavam as crianças. Não queria que ninguém as tocasse. Por isso, lutava por sua liberdade.

A ala sete era onde Lorenzo levava as meninas que completavam dezenove anos para serem estupradas e mortas logo em seguida. Por quê? Porque ele era um doente sádico, igual ao meu tio, Enzo. Dois monstros.

Meu pai pretendia me passar a seita doentia, mas isto não aconteceria, porque acabaria com todos eles. Era o meu objetivo. Quando descobri o que faziam com as garotas maiores de dezenove anos, minha vontade foi de botar fogo em todos, pois só atirar era fácil: mereciam morrer sofrendo, de preferência, com muita dor.

Eu não era santo, longe disso, sangue corria em minhas mãos, tanto que jamais poderia quantificar. Contudo, nunca pensei ou fiz o que esses caras faziam. E o pior: meu pai era o seu chefe. Porra!

Tudo por vingança, para amenizar a dor da perda de Dalila. Minha irmã era tão linda: de pele branca, cabelos negros longos, olhos escuros como duas pedras de ônix. E tímida; aonde íamos, ela mal falava com as pessoas.

Eu não concordava com as ações de Lorenzo. Odiava algumas regras que não podia quebrar. A máfia impunha limites; um deles era não matarmos os nossos. Se isso acontecesse, seríamos eliminados. Não importava o que tivessem feito. Eu não podia matar Lorenzo e Enzo, a não ser que eles

assassinassem um membro da família Salvatore. Por isso, estava de mãos atadas. Por enquanto. Somente servos podiam ser mortos, se desobedecessem o *capo*, e agora eu não era um.

Lorenzo acusou os Dragons de serem os mandantes do crime bárbaro contra Dalila, mas eu tinha uma vaga lembrança de que aquela família não era assim, mesmo antes de o casal Dragon falecer e deixar o legado para seus filhos… Suspeitava que não foram eles. No entanto, não tinha como provar sem nos afundar mais nessa merda. Apenas apurava tudo sem que ninguém soubesse.

Meu pai matou os Dragons, pais de Nikolai — mais conhecido como Dark, chefe de uma máfia russa —, mas ele e seus irmãos pensavam que o assassino era na verdade Andrey Jacov, outro mafioso. Quando essa bola de neve estourasse, seríamos todos derrubados, só meu pai não via isso. Ele não parecia ligar para nada, nem para os inocentes do meu mundo que pagariam pelo seu erro estúpido.

Os Dragons não fizeram aquilo com minha irmã. Se fossem eles os responsáveis, eu já teria ido atrás e buscado vingança, só nunca contra inocentes, igual Lorenzo fazia com as meninas. Não era apenas uma seita, e sim um canal de estupro controlado por ele e seus amigos. Os policiais poderiam ajudar a salvá-las, mas Lorenzo comprou quase todos. Se eu não conseguisse parceria entre os meus, acharia os tiras certos e derrubaria tudo,

nem que levasse o nome da minha família para a lama. Melhor do que viver vendo atrocidades nesse lugar.

Eu já tinha planos para a noite seguinte, na festa que haveria na fazenda. Lorenzo estava doido para matar mais garotas. Ele próprio não ficava com ninguém, mas isso não mudava o fato de fornecer crianças a caras piores que animais.

Todo ano, no aniversário de morte da família de Evelyn, ela demandava aquelas coisas… Desta vez, eu não estaria por perto, pois precisava tirá-la do lugar antes. Uma parte de mim ficava feliz por não mais infligir dor a ela, mesmo que tivesse me pedido. Sentia-me um doente desgraçado por isso. Foi só uma vez, no aniversário passado, e este ano seria a segunda, mas estava pensando em ficar com ela a noite toda e impedi-la de se machucar, porque não achava que seria capaz de repetir o ato. Porra, eu morreria.

Entretanto, algo me atormentava: aonde ela iria assim que eu a tirasse dali, eu não poderia impedir que fizesse algo a si mesma. Felizmente, dias antes, eu encontrara seu irmão, Kill, ao buscar pela família de Evy — seus pais foram mortos quando pequena, mas ele sobreviveu. Esperava que Kill mudasse isso e que fosse o suficiente para motivá-la a viver.

Foi uma surpresa saber que seu irmão era um sargento de armas dos MCs da Fênix, um clube de motoqueiros cujo líder era Shadow. Torcia para que, tão logo Evelyn fosse embora, eu conseguisse estabelecer uma aliança

com eles, assim derrubaríamos o que meu pai construíra. Conhecendo Kill, seria justamente disso que ele correria atrás.

Avisei à Evelyn sobre a festa que Lorenzo faria na casa da fazenda. Eu pretendia dar um jeito de, misturando-a entre os convidados, tirá-la de lá sem que ninguém desconfiasse que fui eu a ajudá-la. Luca me auxiliaria nisso.

Meu pai trancava as meninas nos seus quartos quando havia festas como essa. Seria uma reunião de agradecimento ao senador Raul Wainer, que ajudou Lorenzo a concluir um negócio. A transação envolvia novas meninas para prostituição. Meu pai estava animado, mas eu arrancaria esse contentamento dele e dos depravados dos seus aliados. Enzo era um deles, um velho doente, psicopata filho da puta — algumas mulheres com quem transava desapareciam.

O que o senador Wainer não sabia era que, na verdade, encontraria o seu fim na festa: Lorenzo o mataria por negar ceder uma parte de Chicago à máfia. Sim, como dizem, não há honra entre assassinos.

Sentia-me impotente sem conseguir ajudar todas as meninas à minha volta, mas tentaria, nem que eu morresse no processo. Não ficaria parado, fingindo não ver nada. Eles eram animais: se uma garota inocente fosse jogada em seu meio, logo estaria despedaçada. Eu descobrira a existência desse lugar há apenas três anos; aos poucos, fui me preparando para lutar contra meu pai. A maioria das pessoas tinha medo dele e do seu poder.

Samuel era meu braço direito, o cara em quem confiava cegamente. Ele me ajudava, não deixando os homens do Enzo tocarem nas garotas e crianças. Havia também a dona Zaira, nossa segunda mãe — minha, de Luca e, um dia, de Dalila.

As palavras de Evy me trouxeram de volta ao presente, tirando-me de minha mente escura, repleta de pensamentos turbulentos e sombrios:

— Se eu fugir, como ajudarei as outras meninas? Não consigo deixar todas aqui para o lunático do seu pai…

Ela era uma ruiva valente, forte e decidida, que não levava desaforo para casa.

— Ao longo desses três anos, venho mandando pessoas de confiança para cá, principalmente no setor infantil. Ninguém as toca. Contudo, estou preocupado com você e mais dez desta ala, que fazem aniversário este mês. Ao completarem dezenove anos, é quando ele as leva… — Meu tom saiu mortal no final ao imaginar meu pai cometendo tais atrocidades.

— Vamos dar um jeito de desmanchar isso e fazer Lorenzo queimar no Inferno.

O que eu mais gostava em Evelyn era que sempre se mantinha segura de si, não tinha medo de falar o que sentia ou pensava. Só assim para lidar com esse lugar maldito.

O corredor onde estávamos se assemelhava ao de um hospital.

Entretanto, mesmo que as garotas não ficassem algemadas, ainda eram prisioneiras. A fazenda era envolta por uma cerca elétrica e seguranças que trabalhavam vinte e quatro horas por dia.

Separavam-nas por idade. Meninas dos sete aos dez ficavam numa casa à direita da nossa, com o nome de ala cinco. Onde Evelyn se encontrava, junto às meninas dos onze aos dezenove, era a ala seis, uma imensa casa branca.

— Como aquele desgraçado acha que minha irmã se sentiria se visse isso? Queria chegar perto dele e matá-lo eu mesmo, mas na nossa família, temos leis. Se eu o assassinar, perderei o direito ao trono, já que sou o único filho. Preciso do poder dos Salvatores para tomar conta de tudo aqui e tentar arrumar a bagunça que Lorenzo fez. Sem contar que meu tio está de olho no título, e Enzo é um tremendo psicopata, pior que meu pai — comentei com raiva.

Dalila jamais se interessaria por algo tão macabro, ela o abominaria. A minha princesinha linda era doce e meiga, mas teve um fim trágico. Ainda tentava descobrir o que houve com ela de fato.

Expirei, ignorando a dor que assolava minha alma ao imaginar que nunca mais veria minha pequena.

— O senhor Lorenzo acabou de chegar e procura por você, menino — disse Zaira, aproximando-se.

Zaira era uma bela mulher de meia-idade, que usava pesados óculos de grau. Fui com ela ao seu aniversário no ano passado, quando completara cinquenta e sete anos. Eu a considerava uma mãe desde criança.

Muitas noites após vir da cela onde meu pai me treinava — aquilo não era um treino, mas espancamento —, ela cuidava das minhas feridas.

Eu não queria deixar Evelyn sozinha na fazenda, mas sabia que não podia ficar ou levá-la comigo. Se meu pai aparecesse ali, precisaria fingir estar do lado dele, concordando com toda essa porcaria. Por ora.

Samuel e Zaira me garantiram que tomariam conta de Evy e das outras meninas que fariam aniversário naquele mês.

Fui embora, mas antes ouvi Zaira dizer algo que fez meu coração bater forte. Eles tinham fé em mim, mais do que eu seria capaz de ter algum dia.

— Esse garoto é tão diferente do senhor Lorenzo… Ele vai limpar o nome da família que seu pai sujou depois da morte da menina Dalila e da senhora Giulia. — Ouvi dor na sua voz, assim como havia em meu peito sempre que pensava em minha maninha e também em minha mãe.

Foi a minha mãe quem perdeu Dalila de vista em um parque. Em seguida, encontraram só suas roupinhas com sangue. Até o momento, não achamos sequer o seu corpo. Tudo isso foi demais para minha mãe, então ela se suicidou no quarto da minha irmã.

Giulia sempre batalhou muito, afinal, a vida na máfia não era fácil, em

especial para mulheres. No meu mundo, as meninas se casavam aos dez anos, uma abominação, algo que eu odiava e mudaria quando fosse o novo *capo*. Pretendia derrubar algumas leis, mas outras não seria possível, porque foram feitas há mais de séculos pelos Salvatores, passando de geração a geração, inquebráveis. Como, por exemplo, jamais casar com alguém de fora da máfia ou não assassinar membros da família.

Nunca achei que mamãe fosse se matar. Primeiro porque ela nos amava; Dalila e eu éramos tudo na sua vida. Por mais que a culpa a destruísse, eu não entendia por que ela me deixou sozinho com um pai que se tornou um assassino. Bom, assassinos nós dois éramos, mas fazer como ele? Não havia perdão, de nenhuma forma.

Cheguei em casa e encarei o monstro que adoraria matar da pior maneira possível. Poderia parecer um tanto insensível, já que ele era meu pai, mas não me importava, ele deixara de ser isto há muito tempo, a partir do dia em que eu soube do que ele fazia com meninas inocentes.

Eu o odiava com todas as minhas forças. A cada segundo perto de Lorenzo, tentava me controlar ao máximo para não enfiar minhas adagas em sua garganta e rasgá-lo ao meio. Precisava manter a calma.

Por isso meu primo, Luca, estava comigo: sabia que eu odiava ficar perto do meu pai. Às vezes, eu ainda o intitulava assim, “pai”, para não perder o hábito e cometer o erro de chamá-lo pelo nome na sua frente ou

perante terceiros. Isso seria o meu fim, um desrespeito total à família. Todavia, não o considerava um pai, e sim um desgraçado que eu amaria matar.

Luca compreendia que eu não gostava de ficar sozinho com Lorenzo, ainda mais naquele lugar horrendo. Minha ira subiu ao auge.

Meu primo e eu nos parecíamos bastante, não só fisicamente, por dentro também. Ele era mortal, de cabelo negro (tal qual o meu) e olhos castanho-chocolate, enquanto os meus eram pretos como ônix.

Lorenzo tinha cabelos alvos. Em seus sessenta anos, não parecia um velho acabado, embora nesses últimos doze tenha envelhecido mais e se tornado desumano.

— Onde estava, meu filho? — Sentava-se no sofá, bebendo uísque. A sala ali era grande e branca, de estilo italiano.

Expirei profundamente. Luca me lançou um olhar como se pedisse: “Controle-se, cara”. Fiz isto.

— Com Zaira, lá fora — comentei, o que era verdade, só omiti a parte da Evelyn estar junto.

Havia câmeras no interior e exterior dos prédios, mas quem tomava conta das filmagens era gente minha, então eles as deletavam quando eu aparecia com Evelyn, assim ninguém saberia de nada. Também ficavam de olho caso o pessoal do meu pai quisesse fazer mal a uma das meninas, para

Samuel se livrar deles.

Na máfia, considerávamos família aqueles com os quais compartilhávamos laços sanguíneos, nascidos nesta vida, como tios, primos e irmãos. Estes nos proibiam de matar, e eram justamente os que eu queria eliminar: Enzo e Lorenzo. Já quem trabalhava para nós, julgávamos uma espécie alternativa de família, mas não nasceram na máfia, então as regras eram mais flexíveis. Vários desses se corromperam desde o meu avô e o meu pai, contudo, ouvi dizer que meu bisavô era igual a mim — assim contou Zaira. Isso me alegrava, fornecendo esperança de que a máfia não necessitava desse *show* de horrores para permanecer ativa. Os Salvatores voltariam a ser fortes sem recorrer a abusos de inocentes.



Capítulo 2

Matteo

Eu estava na festa. Era mais para uma reunião, já que não tinha nenhuma mulher ali; ao menos não as mulheres dos associados do meu pai, só as ajudantes e Evelyn.

Ela usava um vestido em tom prata e sapatilhas. Seus cabelos ruivos estavam presos no alto da cabeça, com alguns fios soltos. Eu a vi mexer em suas adagas, presas em uma cinta-liga na coxa, debaixo do vestido.

Eu a fiz prometer que não as usaria de modo algum.

— Farei isso por você, Matt, não por seu pai. Minha vontade é de matá-lo…

Suas palavras se infiltravam em meu cérebro. Se ela agisse, eu não teria como protegê-la, ainda mais com meu pai e o tio Enzo lá.

— Promete não atacar Lorenzo? Todos os nossos planos seriam em vão, levaria à pena de morte, e eu não poderei impedir.

— Juro me comportar como uma santa. — Sorriu. Ela não se meteria em encrenca, não ali. Então a deixei na cozinha e fui para a sala.

Todos estavam falando da mercadoria, ou seja, das mulheres que o

bastardo do Raul conseguiu para meu pai, muitas prostitutas — palavras deles, não minhas. Isto me fazia odiá-los ainda mais, mas era paciente para tornar a sua queda mais prazerosa.

Luca e eu ficamos até tarde na noite anterior trabalhando nisso, para Lorenzo perder essas meninas. Dei pistas a um cara que conhecia no FBI, que preparou uma emboscada, a qual aconteceria enquanto rolava a festa.

— Está preparado? Será assim que eu a levar para o quarto — falei ao Luca.

Ele estava do meu lado, em pé, vendo a Evelyn andando e entregando as bebidas aos convidados.

— Sim. Espero que essa menina se controle. Reparou que ela escondeu as facas na mesinha no canto? — Soava simultaneamente impressionado e como se a achasse estúpida.

— Ela prometeu se comportar. — Ao menos eu torcia, ou estaríamos ferrados. Evelyn carregava suas adagas. Por que precisava de facas? Pensava poder lidar com todos ali?

— Sabe que, mesmo depois desta noite, vocês dois jamais ficarão juntos, não é? — disse Luca baixinho.

Suspirei com uma pontada em meu peito, ele tinha razão quanto a isto. Eu não podia namorar e me casar com quem não pertencia à máfia. Odiava essa lei por impedir meu livre arbítrio.

— Eu sei, mas Evelyn não pensa em mim dessa forma.

— A menina o vê como um irmão — enfatizou. — Não acredito que ela seja ou vá se tornar sua…

— É melhor parar por aí, jamais faria algo do tipo com Evy. Quando estiver lá fora, ela terá o que quiser. — Suspirei com tristeza. — O irmão dela cuidará disso.

— Kill não vai deixar ninguém chegar perto, o cara a procura há anos — comentou. — Por isso tenho certeza de que, se você se aproximar da irmã dele, ele o matará.

Era verdade, mas eu não ligaria se ela me amasse. Havia uma coisa que admirava nos MCs: eram leais aos seus, menos o crápula do Barry, que estava nessa reunião. Via seus malditos olhos de gavião sobre Evelyn por onde ela passava, o que exigia todo o meu autocontrole para não fazer nenhuma besteira.

Tudo ia bem, Evelyn estava se policiando, até que enxerguei o maldito do Raul a puxar para o seu colo.

— Esta com certeza tem o rabo apertado — disse em italiano. — Vamos ver o quão bem ela chupa.

Tudo dentro de mim travou, a fúria parecia sair dos poros. Cerrei os punhos para não o rasgar com minhas adagas e fazê-lo comer seu maldito pau mole e gordo.

Todos da sala riram, parecendo animados com a ideia de Raul Wainer.

— Esta porra vai feder bem agora — rosnou Luca. — Matteo, se controle.

Raul virou a cabeça para o meu pai, como se pedisse permissão para tê-la.

Porra! Isso não podia estar acontecendo, faltava pouco para irmos embora e tirá-la dali. Não conseguiria simplesmente ver aquilo e ficar calado, ninguém lhe tocaria.

— Me dê esta de presente por fecharmos o negócio — disse Raul, apertando a bunda de Evy.

Lorenzo gargalhou, fazendo-me querer arrancar com minhas adagas o sorriso de seu rosto.

— Eu dou. Você merece por me conseguir mais mercadorias para trabalhar na boate — respondeu. — Afinal, tenho muitas em meu estoque.

Filho da puta! Ele não sabia, mas, naquele momento, o FBI estava entrando no local das garotas. E “estoque”? Achava que as meninas eram objetos? Aonde foi parar a humanidade desse homem? Aquele que um dia se preocupava conosco, com sua família.

— Matteo… — Luca segurou meu braço.

— Me faça um boquete, sua puta. Ajoelhe-se e me chupe agora — ordenou Raul.

— Sabe quando serei sua, verme imundo? Nunca! Apodreça no Inferno — grunhiu ela, enfiando uma estrela ninja na garganta de Raul, abrindo um corte que fez o sangue jorrar longe.

— Puta merda! — Luca arregalou os olhos.

Evelyn saiu do colo do desgraçado, que caiu mole no sofá. Antes dela ou eu reagirmos, as armas foram apontadas na sua direção, prontas para atirar.

— Você vai morrer, sua vadia — rosnou Shan Ruy, o japonês dono das indústrias Shan, uma rede de lojas de eletrônicos.

Evelyn já estava indo pegar as facas que havia escondido. Se fizesse isto, aí sim morreríamos, porque eu preferiria padecer a deixá-la nas mãos desses homens.

— Rapazes, atirem nessa vagabunda, ela feriu o Raul e merece morrer agora mesmo — rosnou Mike, a fuzilando com seus olhos mortais.

— Esperem, pessoal! — pedi, indo para a frente de Evy, me tornando um alvo.

Eles me fitaram com ódio e descrença por eu defender uma pessoa que atentou contra um dos seus homens.

Raul parecia sem vida, ou logo estaria. Pela quantidade de sangue derramado, decerto ela cortou uma artéria ou algo do tipo.

Os guardas dos convidados apontavam as armas para mim também. Os

do meu pai e meus miravam os seguranças de Raul, Shan e Mike.

— Ficará contra nós e a favor de uma mulher? Uma vadia barata? O quê? Ela chupa tão bem assim para que você se oponha à nossa família? — rosnou meu tio Enzo, sombrio.

Ele era gordo, moreno e ostentava um rosto mortal. Se demônios existissem, esse cara seria um deles.

Eu tinha de agir rápido, ou nos assassinariam. Embora não temesse a morte, ela vindo tão cedo seria uma lástima; morto, não salvaria ninguém. Precisava permanecer bem e libertar essas mulheres, para que tivessem um futuro pela frente.

Estava furioso com todos esses vermes que queriam vingança, sendo que já pensavam em matar Raul essa noite. Dariam um fim nele de qualquer forma, então por que a maldita preocupação? Pois não foram eles que fizeram o serviço?

— Não é nada disso, tio. — Forcei-me a soar calmo e tranquilo, contudo, minha vontade era de jogar minha adaga em sua garganta. Eu o ignorei e fitei meu pai. Sua expressão denotava raiva pela traição. — *Capo*, não queria que eu provasse minha lealdade a você, já que disse que não faço muitas coisas? Esta garota me desobedeceu hoje mais vezes do que o tolerável, por isto estava aqui, servindo a todos. Mas ela fez de novo, e agora pior. — Apontei para Raul. — Deixe-me levá-la à ala sete, a revezaremos. Eu

começo. — Senti-me andando sobre navalhas ao enunciar essas palavras. Foquei em todos na sala, que, por sua vez, se desfizeram de sua fúria. Agora os doentes se mostravam animados com a ideia de usarem Evelyn e depois a matarem.

Evelyn entenderia que eu estava dizendo isso para não acabarmos mortos, e que não compactuaria com tal abominação.

— Ótima ideia, meu filho. — Lorenzo sorriu e levantou uma taça, como se eu tivesse falado que acabei de matar um assassino. Sempre fizera isso em meus treinamentos de criança. Havia tanto sangue em minhas mãos que daria um maldito rio. Um pouco a mais não faria diferença, especialmente de homens como aqueles.

Peguei o braço dela e puxei sem delicadeza. Não podia ser gentil ou colocaria tudo a perder.

— Oh, isto não acontecerá — disse Talis, que trabalhava para Raul. — O que nos garante que você cumprirá sua promessa?

— Atreve-se a chamar meu filho de mentiroso? — rosnou Lorenzo.

Fiquei bem surpreso por ele tomar meu partido. As armas foram levantadas novamente, me fazendo gelar por dentro. Protegeria Evy caso eu precisasse, o que talvez acarretasse minha morte e a dela.

— Mande alguns de seus homens comigo para conferir o serviço, depois que *encerrarem* aqui… — Omiti o resto, por segurança: o segredo,

para alguns, era que o *capo* queria acabar com o senador Raul e Vinnie, prefeito de Chicago, que ainda não chegara, mas deveria estar perto.

Todos sorriram e abaixaram as armas.

— Ela deve ser bem apertada — comentou Barry com um sorriso. Seria um dos primeiros que eu mataria assim que derrubasse esse antro, ou talvez eu o deixasse para Kill, afinal, o verme era presidente dos MCs Fênix. Os outros MCs e o vice-presidente, Shadow, desconheciam o que Barry andava aprontando pelas costas deles e com quem se aliara para assegurar seus objetivos.

Saí da sala puxando Evy para perto de mim, furioso com o que os guardas diziam. Eles me acompanharam para conferir se eu ia mesmo estuprá-la. Merda, só de pensar nesta palavra, me dava vontade de colocar fogo em todos daquela sala.

Seguimos a trilha cheia de mato em ambos os lados. A rua estreita ia para a casa do terror, onde muitas vidas haviam sido tiradas, e outras poderiam ser. Faria tudo o que estivesse ao meu alcance para que isso não voltasse a acontecer.

— Vamos ver se a putinha vai continuar apertada depois que eu comer sua bunda e sua boceta — disse um cara de Shan, olhando para ela. — Delícia.

— Você fode a boceta, enquanto eu como atrás…

Aquilo me ferveu por dentro. A minha raiva chegou ao auge, fiquei cego. Parei subitamente, colocando-a atrás de mim para protegê-la, caso eles atirassem, e lancei as minhas adagas nas gargantas dos homens que ainda estavam falando sobre Evy. Os vermes caíram sem vida.

Expirei para me controlar, ignorando a vontade de retalhá-los, mas me concentrei em Evelyn do meu lado.

— Você está bem? Está tremendo. — Eu a puxei para os meus braços. — Lamento pelo que ouviu desses caras.

— Fiquei com medo de que tivéssemos de fazer… — Sua voz falhou.

Afastei-me dela e arregalei os olhos. Ela pensou que eu ia consumar tudo o que eu citei?

— Acha que eu tocaria em você assim? Só disse aquilo para sairmos de lá…

— Claro que não pensei isso, mas achei que precisaríamos fazer na frente deles — ela me interrompeu.

— Evelyn, eu jamais lhe tocaria contra sua vontade, nem que tivesse uma arma apontada para a minha cabeça! Nunca deixarei algo acontecer com você, não enquanto eu respirar neste mundo. Aquilo que eu disse foi para ganhar tempo para fugirmos. — Levei-a ao estacionamento. — Agora eu quero que me escute: pegue isto aqui e dê ao cara chamado Kill, aonde você vai…

— Mas ele mata pessoas…

Ela não estava errada quanto a isso, todavia, Kill, assim como eu, não machucava inocentes. Tal fato não nos absolvia, no entanto, removia um pouco da culpa.

— Ele a ajudará. Entregue a Kill só quando tiver certeza de que vai nos auxiliar a salvar as garotas. Esse grupo de MCs tem muita influência e não está na folha de pagamento de Lorenzo. Soube que abominam esse tipo de gente, pelo menos a maioria deles. — Entreguei uma carta onde falava a respeito da aliança de que precisávamos; só assim minha família ficaria segura. Nosso encontro estava marcado para a tarde do próximo dia.

Guardou-a em seu sutiã.

— Vamos em qual carro? — sondou com excitação na voz.

Eu a arrastei ao veículo de Luca.

— Não posso sair daqui, eles desconfiariam que estou com você. Ficará escondida neste porta-malas, até alguém abri-lo.

— Quem?

— Alguém de confiança, do nosso lado, que estava na reunião. — Não podia dizer quem era, para sua proteção e a de Luca. Abracei-a e beijei sua testa. — Tome cuidado lá fora, ok? Eles não a machucarão de nenhum modo. Só o presidente é um rato, os outros são legais e não gostam desse tipo de coisa. — Acabaria com Barry antes dele me causar problemas.

— Como tem certeza? — inquiriu, amedrontada.

— Apenas tenho. Assim que eu resolver tudo aqui e eliminá-los, levarei você à minha casa.

— Tipo para morarmos juntos? — Li sua expressão. Evy não estava pronta para eu dizer o que sentia, porque não era recíproco.

Eu ri, um tanto forçado.

— Não falo de casar, já que isto eu não posso fazer nem mesmo depois de ser o novo *capo* no lugar de Lorenzo. — Meu tom era triste no final. — E também porque você não me ama desse jeito, não é? Posso sentir.

— Eu…

— Não precisa dizer nada, Evy, sei que gosta de mim como um irmão. É por este motivo que a levarei para morar comigo depois que acabarmos com esses malditos. — Enfrentaria problemas com meu pai e tio em relação a isto.

Entrou no porta-malas do carro de Luca, e eu a fechei lá dentro. Fui aonde estavam os homens que matei. Agora viria a segunda parte do plano.

Luca fitava os corpos no chão; pena não poder dizimar todos.

— Ela está no carro? — inquiriu meu primo assim que me aproximei.

— Sim, chegou a hora — falei, pegando a arma de um dos caras e a entregando a Luca.

Ele suspirou.

— Não acredito que você vai realmente se deixar ser ferido por causa de uma mulher. Merda, Matteo, que amor é esse?

— Não é só por Evelyn, mas por todas as garotas presas. Preciso da aliança com os MCs, eles vão voltar aqui e resgatar essas meninas sem que necessitemos mover uma palha, assim seu pai não terá motivos para querer tomar o lugar do Lorenzo, meu por direito. — Suspirei. — Não posso deixar Enzo ser o *capo*, o homem é o mais sádico da máfia.

Preferia morrer a ver mais uma menina desse local machucada. Céus, não queria nem imaginar o que faria.

— Nisso concordamos. Tudo bem, vamos lá.

Respirei fundo e fiquei olhando meu primo levantar a arma para mim e puxar o gatilho. Senti a queimação da bala atingir meu ombro e o sangue escorrer pelo terno.

— Merda, agora faça o resto. — Trinquei os dentes devido à dor.

— Matteo… — começou a reclamar, não querendo prosseguir.

— Agora, Luca — rosnei. Não podia estar consciente quando os demais me encontrassem.

Ouvia vozes ao longe.

— Levarei a garota daqui, ok? Espero que não seja forte demais — falou com um suspiro frustrado. — Eu o verei no hospital, primo.

Então me lançou um soco no rosto. Tudo ficou escuro.



Capítulo 3

Matteo

Após acordar com o ferimento no ombro, meu pai ficou preocupado comigo. Foi a primeira vez que notei emoção nele, em vez de só escuridão e desgosto com a vida.

— Matteo, meu filho, você está bem? — indagou assim que eu abri os olhos.

— Sim, agora preciso resolver uma coisa — comentei, saindo da cama e tirando os fios do meu braço.

Meu pai riu.

— Você nunca gostou de ficar em hospitais, desde criança — disse.

Notei que meu ombro fora enfaixado, mas não sentia dor. Ainda bem, não gostaria de ficar um segundo mais ali, precisava saber se tudo tinha dado certo. *Onde está Luca?*, pensava.

— O que aconteceu? — perguntei, vestindo uma camisa. Agiria normalmente para ele não desconfiar do que eu fiz. Pela sua preocupação, realmente acreditou que fui atingido por aqueles merdas.

— Você não se lembra? Alguém levou a puta da garota embora, ou ela

fugiu.

Escondi minha expressão de asco, querendo acertá-lo com minhas adagas por ele chamar Evelyn de “puta”. A menina nunca foi tocada, e ele a rotulava assim só porque matou um homem que já ia morrer?

— Lembro que estava levando a garota, mas os vermes que foram junto me atacaram. Acabei com eles, porém, fui nocauteado. Na hora não liguei para a menina. — Guardei minhas adagas na bota.

— Eu sei, nós vamos pegá-la de volta e matá-la, ninguém pode saber daquele lugar. — Seguia-me para fora do quarto. — Não pretende esperar a alta?

Expirei baixinho, me controlando.

— Garanto que o senhor já cuidou disto. Por isso estamos neste hospital, onde não se vê uma alma viva no corredor, não é? — O lugar parecia deserto.

Ele assentiu.

— Mas precisamos ter certeza de que esteja bem para sair por aí. A princípio, a bala atravessou o ombro e não pegou nenhum lugar que o prejudique.

Luca tinha uma boa pontaria, acertava o alvo até se fosse à noite. Por esta razão o escolhi, meu primo sabia onde atirar e não deixar nenhuma sequela.

— Estou bem, pai, não posso continuar aqui, tenho muito trabalho a fazer. — Não sabia como lidar com a preocupação dele. Desde que mamãe morreu, o cara era um tremendo estranho, raras vezes falava comigo, exceto quando necessário. *Agora que levei um tiro ele fica deste jeito?*, refleti.

— Tudo bem, se você diz, estou indo para resolver uma situação que me deixou grilado. — Parecia furioso.

— O que aconteceu? — Eu sabia a resposta.

— O FBI apreendeu ontem à noite as mercadorias que Raul conseguiu para mim. — Seu tom era sombrio. — Pena estar morto, ou acabaria com aquele desgraçado de novo.

Fiquei quieto, feliz que os federais realizaram a apreensão, levando as meninas para suas casas. Muitas se iludiam com promessas de se tornarem modelos ou coisa do tipo, contudo, acabavam sendo arrastadas para fora do país e prostituídas. Quem fazia algo assim deveria pagar, eu me asseguraria disto. Com meu pai como *capo*, não podia agir, mas iria logo que eu me tornasse um.

Samuel entrou no hospital, conversando no celular, e parou ao me avistar. Lorenzo já fora com Romulo, o seu segurança, para checar o que dera errado. Não obstante, Luca fez tudo certinho, sem deixar que envolvessem nós dois na apreensão das garotas.

— O senhor Matteo acabou de sair do hospital — disse ele. — Sim,

senhor — falou e estendeu o celular para mim. — O senhor Luca quer falar com você.

Peguei o aparelho e atendi. Estava mesmo louco para conversar com ele, saber como tudo aconteceu. Precisava ouvir de meu primo, e não do meu pai.

— Luca, ela está bem? Deixou-a onde combinamos? Evy entrou no clube…

— Sim, ela entrou, e todos descobriram que Evelyn é, na verdade, irmã dele, só não sei como isso aconteceu. Talvez Kill a reconheceu de alguma forma — contou. — Como você está? Não era para ficar no hospital até amanhã?

— Sim, mas você me conhece, preciso ir ao encontro com Kill e Shadow, está marcado para daqui a pouco, e esses malditos remédios quase não me deixaram partir — rosnei, entrando no carro.

— Quer que eu vá junto? Meu pai está aqui na boate dele. Se eu sair, ele pode desconfiar de alguma coisa. Aquele homem não perde nada.

— Não vou precisar de você, levarei uns homens de confiança, só por precaução.

— Então assim que falar com eles me dê um toque, ok? — pediu.

— Aviso sim. Não se preocupe, dará tudo certo — garanti, desligando o celular e entregando-o ao Samuel, que dirigia. — Vamos para o lugar

marcado.

Esperava que Evelyn tivesse repassado ao Kill o bilhete que deixei com ela, e que estivesse bem. Falaria com eles sobre o resgate das meninas e também sobre o miserável de seu presidente.

— Senhor, ontem à noite, Barry foi morto na porta do clube — disse Samuel, ecoando meus pensamentos.

Arregalei os olhos.

— Jura? Já foi tarde. Quem o matou? Um dos nossos? — Isso atrapalharia meus planos. Pretendia, sim, acabar com o miserável, mas estava apenas pensando em sumir com ele, não em matá-lo na frente dos outros.

— Não, parece que foi gente de Ramires. Eles terão um grande problema, mas pode vir a calhar, se usarmos a nosso favor. Precisarão formar uma aliança também, para o caso de o chefe do cartel resolver atacá-los — Samuel informou.

Franzi o cenho por um segundo. Concordei com ele: poderia ser bom para nós.

— De fato, Samuel. Vamos resolver sobre as meninas e ver isso em seguida. — As garotas eram minha prioridade, mais do que inimigos e até eu mesmo.

— Tudo bem — assentiu.

— Como está a Lis? — perguntei.

A primeira e última vez que visitei a ala sete, havia uma garota sendo abusada. Os homens a deixariam praticamente morta, se não fosse a minha intervenção. Disse a todos que ela falecera e que a levaria para ser enterrada. Meu pai parecia ter ganhado na loteria, o desgraçado. Quando tirei um cara de cima dela, estava quase sem pulso nenhum. Dei a desculpa de que ia terminar o serviço e matá-la depois. Todos os miseráveis saíram, fiquei sozinho com a menina, porque exigi. Forjei sua morte, e Samuel cuidou dela até que se recuperasse. Seu nome era Liliane, apelidada de Lis. Mais de vinte homens lhe abusaram. Eu poderia ter chegado antes e tentado impedir de alguma forma, mas descobri sobre o que faziam lá tarde demais.

Samuel deu um suspiro triste.

— Bem, na medida do possível. Não pode ver nenhum homem na sua frente que começa a gritar. O único com quem não surta sou eu. — Passou a mão direita nos cabelos.

— Acha isso ruim? É bom que ela esteja se aproximando de você…

— Não é nada bom, a garota me tem como seu salvador, quando na verdade foi o senhor que a resgatou daqueles monstros. — Mirou-me pelo retrovisor.

— Pode ser, mas você cuidou dela, a manteve protegida, e garanto que vai continuar assim até que ela resolva ir embora e continuar sua vida com sua família.

— Ela foi vendida, chefe. — Seu tom era frio e cheio de fúria.

Eu pisquei.

— Espere… o quê? Como sabe disso? — Minha voz saiu alta no carro, então me controlei.

— Sim, ouvi Lis sonhando, implorando ao pai para que não a vendesse, que ia se tornar uma menina melhor… — Respirou fundo para se controlar.

— Merda! Luca não achou nenhum registro dela nos documentos que Lorenzo guarda de quem sequestra. Lunático, não? — Sacudi a cabeça, contendo a fúria, triste. — Poderia ir atrás dele, porém, não posso sair daqui com tantos problemas a resolver.

— Chefe, eu vou acabar com o bosta, pode deixar — disse Samuel com ferocidade. — Já coloquei um amigo meu no caso, ele vai achá-lo e me dizer onde mora. Só não fui eu mesmo porque o senhor precisa de mim agora.

— Lamento, Samuel, não podemos deixar as meninas da fazenda sozinhas. Assim que as libertarmos, você estará livre para buscar esse desgraçado que a vendeu. E se precisar de mim, é só chamar — informei, entretanto, sabia que ele lidaria com tudo. Samuel era o executor da máfia, realizava os serviços que o *capo* ordenava, não importava quem precisasse eliminar. Depois, limpava a sujeira a ser encoberta.

— Obrigado, senhor.

Chegamos ao lugar marcado. Trouxera comigo alguns homens de

confiança.

As motos pararam ante os nossos carros, e todos os meus caras saíram armados. Eu também saí, ficando escorado no automóvel, já que a dor no meu ombro estava piorando.

Shadow, um homem alto e letal, vinha na dianteira, parando na minha frente. Kill caminhava na minha direção, furioso. Samuel e os outros puxaram as armas, e assim fizeram os MCs. Shadow o segurou.

— Você bateu nela com um cinto, seu cretino, e a escondeu de mim, sendo que sabia há bastante tempo que eu era seu irmão! — Kill esbravejou. Evelyn tinha revelado aos MCs o que eu fiz, uma coisa que me assombraria para sempre.

Distanciei-me do carro e o encarei. Não temia a briga. Claro que não o faria, mesmo se não estivesse ferido. No entanto, também não deixaria ninguém me peitar.

— Relaxe, Kill, nós não viemos aqui para isso. E o *capo* está machucado, já que levou um tiro, não? — Shadow me fuzilou com o olhar.

Eu me controlei, porque a porra do meu ombro ardia muito, com certeza o efeito dos analgésicos estava passando. Segurei-o e não demonstrei emoção; já me acostumara à dor. Quando completávamos dez anos, momento em que nos tornávamos homens, segundo meu pai, aprendíamos a ser valentes — em nosso meio, sinônimo de esconder o sofrimento de todos. Ele

nos ensinava a matar e lutar até que não aguentássemos mais.

— Abaixem as armas, agora — ordenei aos meus guardas. Foquei em Kill, que continuava nervoso. — Descobri só há alguns meses, quando ela mencionou seu nome, então puxei a sua ficha para investigá-lo. Precisava de tempo e aliados para tirá-la de lá sem demonstrar que havia traído minha família.

— Não me importo com isso — rosnou Kill, saindo de perto de Shadow, sem nunca deixar de me encarar.

— Eu me importo, porque se eu não der um jeito no meu pai, ele irá atrás dela. Agora mesmo estão caçando Evy para executá-la, já que atingiu um companheiro na garganta e fugiu logo depois.

— Pelo que sabemos, ele foi morto com a garganta cortada e tiros na cabeça — comentou Shadow. — Ela disse que não atirou, então quem foi?

— Guerras territoriais. O senador não queria ceder Chicago para meu pai, então, na verdade, ele já seria morto na reunião de ontem, mas as coisas se complicaram quando o desgraçado tocou nela. A minha vontade era de matá-lo; Evy foi mais rápida. — Não deveria estar orgulhoso disso, contudo, estava. — Ela tem um gênio forte. Ainda bem que o acertou, porque eu já ia mandá-lo para o Inferno por dizer aquelas coisas. A garota nem sabe o que é um maldito boquete. Se fosse em outro momento, eu o teria feito comer seu pau. — Trinquei os dentes.

Evelyn não conhecia muita coisa do mundo lá fora. Ensinei algumas a ela, mas outras eram novas, não tinha como explicar tudo, então dava livros para ler. Infelizmente, nada se compara à experiência.

— Você está apaixonado por ela? — grunhiu Kill.

Eu ri, ignorando a fisgada no ombro.

— Quem não estaria? Quando a conheci e a vi naquela maldita cruz toda machucada, fui aonde meu pai dormia. Minhas mãos apertaram as adagas para matá-lo, mas não podia, porque, se o fizesse, o meu tio tomaria meu lugar por direito, e o velho é mais sádico que Lorenzo. — Nesse dia, estava furioso, por isso cedi ao pedido de ajudar com a dor dela; se não o fizesse, a menina caçaria confusão, voltaria para lá e seria açoitada de novo.

— E sobre essas garotas presas? — sondou Shadow, enraivecido. — Ela disse que tem umas duzentas, e que seu pai as entrega a abusadores assassinos.

— Sim, descobri três anos atrás, fui convocado por ele para participar daquilo. Não sou santo, longe disto; tenho sangue em minhas mãos. Daí a fazer aquela barbaridade? Ao chegar lá, encontrei três garotas mortas e os homens fazendo a festa. Tive de me controlar para não matar todos, até Lorenzo, porque a culpa daquilo é dele e do doente do meu tio.

Enzo e Lorenzo eram os piores, mas havia muitos homens de fora também, não só da máfia. Acabaria com todos, estava chegando perto de

ganhar a guerra e eliminá-los. Os de fora seriam os primeiros, depois os de dentro.

— Então é pedofilia e estupro? — perguntou Daemon, um dos MCs, com os dentes trincados.

Eu sabia sobre cada um deles, exceto Daemon: não dispunha de passado, como se tudo sobre ele tivesse sido apagado. Consideravam-no bom em sumir com rastros, e um rastreador excelente. O cara era moreno, coberto por tintas nos braços e no pescoço, expostas pela gola de sua camiseta. Tinha *piercings* na orelha direita, no nariz e na língua.

— O miserável do meu pai assume que está fazendo justiça, porque minha irmã foi morta e estuprada. Não acharam o corpo, só havia sangue em seu vestido encontrado na Rússia. Ele acusa a máfia Dragon. — Falar em Dalila sempre me fazia ficar triste e com raiva por não entender o que houve realmente com ela.

Eu a busquei tanto, vasculhei a maldita Rússia inteira à sua procura, e nada.

— Dark? — indagou Shadow. — Não é do feitio de sua família, ele abomina isso.

Dark era o apelido de Nikolai Dragon, um rapaz de vinte e três anos que já possuía um imenso poder em suas mãos, após a morte dos seus pais, assassinados por Lorenzo.

— Seu pai matou os Dragons? Então por que Nikolai acha que foram os Bravatas que os assassinaram? — questionou Shadow.

— Na época, os Dragons estavam em guerra com os Bravatas. Quando Lorenzo matou a família de Dark, ele e seu irmão, Alexei, deduziram terem sido seus inimigos, e meu pai saiu ileso. Não entraríamos em guerra com os dois; temos poder, mas eles têm mais — admiti. — Quero limpar toda essa sujeira logo. Assim que os Dragons decidirem se vingar contra o meu pai, precisarei arrumar um jeito de controlá-los. Há muitos inocentes nessa história.

— Porra! Se eles souberem o que Lorenzo fez, vocês estão fritos. — Kill pareceu gostar disto. *Bastardo de coração frio*. — Ainda bem que minha irmã está longe de tudo, longe de vocês.

Não discutiria com ele, compreendia sua raiva em relação a mim, eu também me odiava pelo que fiz à Evelyn. Toda surra que eu levasse seria pouco.

— Não importa agora, o que interessa é que preciso salvar aquelas garotas e crianças sem envolver o FBI e essas merdas. E sem que meu pai descubra que ajudei, ou estarei morto. — Não ligava muito se sobreviveria, e sim para as pessoas boas que dependiam de mim. — Lorenzo manteve o FBI no bolso por muitos anos para que fechassem os olhos quanto àquele antro de tortura.

— Supus que algo assim acontecia. — Tinha veneno na voz de Daemon. O cara era forte. — Sequestro de crianças, por causa do alerta Amber, chama a atenção da polícia, além da pedofilia que rola solta na sua máfia, com esses casamentos entre marmanjos e meninas.

— Sempre fui contra, embora haja muitos Salvatores que não tocaram nas meninas com quem se casaram até que completassem a maioridade. Ao me tornar *capo,* estes manterei comigo; eliminarei os demais. Espero sobreviver até lá. — Descobrira recentemente que vários se opunham ao que Lorenzo fazia. Isto me estimulava a ser forte e vencer os obstáculos para proteger minha família.

— Você não me faria nenhuma falta — sibilou Kill.

Eu ri para provocá-lo.

— Bom, Evelyn sentirá. — Ela se importava comigo, apenas não da forma que eu queria.

— Pode ser, mas não ficaria sabendo, pois quando tudo isto acabar, você não vai mais vê-la. — Kill cerrou os punhos.

— Dificilmente, já que ela irá morar comigo. — Sorri, animado. Pelo menos era este o plano; dependeria de Evy, se ainda desejasse minha companhia.

Kill se lançou para mim. Samuel e meus outros homens o impediram.

— Porra, isso não vai acontecer! Acha que não sei sobre vocês,

Salvatore? Não pode se casar com alguém de fora da sua origem mafiosa, e se mencionar que vai fazê-la sua amante, juro que o mato agora mesmo! — esbravejou Kill. Sua barba e cabelos eram longos, ele me lembrava um hippie.

Não a transformaria em minha amante, Evelyn não nasceu para isto, e sim para ser livre. Dei sinal para meus homens se afastarem de Kill. Não precisava que me defendessem, podia fazê-lo sozinho.

Fechei a cara para ele.

— Eu jamais agiria dessa forma. Evy me ama como um irmão. No final, decidirá o que quer fazer da vida, e garantiremos que nenhum perigo recaia sobre ela, nem sobre ninguém. — Ignorei uma pontada de dor em meu ombro. — Agora vamos ao que interessa: resgatar os inocentes. Enfrentarei todos para isso acontecer ou morrerei tentando.

— Acho que você está pensando errado, neste caso — disse Shadow.

Estreitei meus olhos.

— Sobre o quê?

— Veja bem, você não pode matar seu pai ou ser acusado de traição, perderia seu legado. Se o FBI entrar no caso, vão confiscar o que vocês têm, então precisa de nós para invadir esse lugar que não sabemos onde fica, armados até os dentes, para resgatar todas as crianças e moças que estão sendo mantidas em cativeiro. Faremos o seguinte: você limpa o local,

apagando quaisquer menções ao nome de sua família, e o resto deixa conosco. Um aviso: quando entrarmos, derrubaremos todos.

— Não, há pessoas de minha confiança lá dentro que protegem as meninas… — falei, temendo que saíssem feridos. Não ligava se meu pai morresse, apenas tinha de esperar a oportunidade certa.

— Remova-os. Não podemos entrar e matar somente alguns, ou desconfiarão que você estava por trás de tudo, não é? — continuou Shadow.

Praguejei, pois ele tinha razão. Se o fizesse, meu tio suspeitaria. Meu pai talvez não, mas Enzo andava de olho em mim como um falcão.

— Se eu os tirar, ele também estranhará. Meu tio já diz que não tenho pulso firme para controlar o legado, porque não sou a favor do que fazem — anunciei com raiva. — Quando tudo isto acabar, como *capo,* mudarei muitas coisas.

— Tenho uma ideia, só será um pouco complicado — falou Nasx. Ele era loiro com cabelos grandes, presos em um rabo de cavalo.

— Mande. Não há nada pior do que o que acontecerá caso não peguemos as meninas. Principalmente dez delas, que estão para fazer aniversário. — *Custe o que custar, fecharei aquele antro e devolverei as garotas às suas famílias,* completei em pensamento.

— O que um aniversário tem a ver com isso? Evelyn comentou algo, não entendi muito bem. — Daemon estreitou os olhos caramelo.

— É um ritual do culto que meu pai criou. Ao completarem dezenove anos, ele oferece as meninas à minha irmã, que morreu, depois as entrega aos homens para fazerem o que quiserem delas. Todos têm de apodrecer no Inferno — sibilei no final.

— Incluindo seu pai? — questionou Shadow.

— Sim, e não sentirei nada por sua morte, será um alívio. Lorenzo só não pode ser morto agora, tenho planos antes disto, mas seu dia chegará. Espero que, quando acontecer, ele esteja lúcido, assim sentirá o que preparei. Vocês não podem ser os responsáveis, porque ao me tornar *capo*, mesmo sem querer, precisarei caçar o assassino do meu pai, e o cara deverá ser muito bom em encobrir todos os rastros. É uma lei da minha família, não poderei quebrá-la — informei a todos.

— Resolveremos o problema das meninas e deixaremos a situação de Lorenzo para você, Matteo — Shadow assegurou.

Por fim, olhei para Nasx.

— Qual é o plano?

— Como não podemos entrar e matar só o pessoal do cretino do Lorenzo e manter os seus vivos, e já que eles não podem sair de lá, vamos ter de atingi-los…

— Porra, não! São boas pessoas e acreditam em mim. Não podem matá-los. — Trinquei os dentes. Jamais machucaria nenhum dos meus.

— Ninguém falou em matá-los, e sim em atingi-los em algum lugar não fatal. É a nossa única chance.

Permitiria que meu pessoal fosse ferido para tirar as meninas de lá sem causar desconfiança no meu tio?

— Como diferenciaremos os do seu pai dos seus? — inquiriu Hush, um loiro com cara surfista, tal qual Nasx. A diferença entre eles era que Hush tinha olhos negros, enquanto os de Nasx eram azuis.

— Falarei com eles primeiro, para saber o que acham — avisei. Não faria nada sem comunicá-los.

— Estamos nesta com você até o fim, chefe.

— Obrigado, Samuel — agradeci e fitei os MCs. — Depois que conversarmos, dou a resposta. Temos no máximo quinze dias para resgatá-las.

— Fechado. Bolaremos um plano para pegar esses desgraçados e acabar com todos — disse Shadow, veemente.

Eu fiquei ali, vendo-os irem embora, as motos aceleradas chegavam a levantar poeira. Uma parte de mim se aliviou por ter conseguido mais um grupo aliado. Com a ajuda deles, conseguiria libertar as meninas e derrubar tudo que meu pai construiu na fazenda.

— Merda! — rosnei, me movendo; a ferida pulsou forte. — Isso não devia acontecer.

— O senhor está bem? — sondou Samuel num tom preocupado.

— Estou, sim, não me refiro a mim, mas à bosta de vocês precisarem ser feridos com aqueles crápulas.

Eu me machucar para protegê-los era uma coisa, mas atingir meu pessoal? Não podia permitir. Droga, o que faria?

— Senhor Matteo, todos concordarão comigo, nós damos conta. Queremos isso resolvido — garantiu Samuel. — Não dá para viver assim, vendo aquelas jovens sofrendo, vendo acontecer com elas o que houve com Lis, ou até pior. Não importa se eu tiver de ser torturado.

— Sim, somos leais a você — concordou Frank. — Vamos falar com os outros…

Cortei-o.

— Eu faço isso…

Samuel me interrompeu.

— Não acho que seja uma boa ideia você ir lá agora, pode gerar suspeitas quando as meninas forem levadas — interveio. — Cuidaremos de tudo. Com o senhor não aparecendo no local, Enzo não poderá culpá-lo pelo barco afundar.

— Concordo, seu tio anda desconfiado e procurando descobrir algum podre seu para anulá-lo como candidato a *capo* — disse Frank. — Eu soube pelo Romulo que Lorenzo queria passar o cargo a você.

Arregalei os olhos.

— Jura? Eu o vi na saída do hospital, mas ele não sugeriu nada — sussurrei. Meu pai ficou assim tão preocupado comigo levando um tiro?

— Enzo tirou a ideia da cabeça dele, argumentando que você não concordaria com o que fazem com as meninas — explicou Samuel, me olhando de lado. — É bom ficar longe de lá por enquanto, chefe.

— Não posso deixar elas sozinhas naquele lugar, alguém…

— Cuidaremos das garotas até os MCs as resgatarem — assegurou Samuel. — E quanto ao Pablo?

Pablo era um dos garotos que tomava conta da ala onde Evelyn costumava ficar; os dois eram amigos antes de eu aparecer. Falo “garoto” porque ele tinha dezenove anos na época, hoje estava com vinte um. Lorenzo mandou matá-lo após ele conseguir um purgante e entregá-lo à Evelyn, que o administrou a todos os homens da fazenda, levando a maioria para o hospital. Ela foi castigada, e, Pablo, mandado para a morte. Eu intervim e disse ao meu pai para prendê-lo na solitária, seria o castigo por desobedecer a uma ordem do *capo*.

Claro que não o deixei todo esse tempo preso, sem nada, como era a ideia do meu pai. Acreditava que ele nem pensava mais nisso ou sequer sabia que Pablo existia.

— Por segurança, forjaremos a morte de Pablo até Lorenzo e meu tio

estarem sob controle e eu ser o *capo*, aí o trago de volta.

— Diremos ao Shadow para fazer isso ao resgatarem as meninas, pois não teremos outra oportunidade — sugeriu Samuel.

— Certo, vamos resolver tudo — concordei, com a esperança de que logo as meninas estivessem fora daquele maldito lugar, na companhia de suas famílias.



Capítulo 4

Matteo

Entrando na boate de Shadow para falar com ele sobre o resgate das meninas, conheci uma garota e a salvei no processo. Um filho da puta a assediou e não aceitou a rejeição como resposta. Odiava homens assim, não era por ser um mafioso que precisava me tornar um cretino sem coração. O nome do maldito? Frederic Reis. Ele fazia isso direto; foi um erro seu agir desse modo em meu território.

A garota usava uma peruca morena e roupas que destacavam suas curvas perfeitas. Descobri sobre a peruca porque ela caiu na hora em que correu, revelando cabelos loiros. Não cheguei a ver o rosto direito, pois era noite, mas ela cheirava a morangos. Enquanto eu lidava com o cara, foi embora.

— Espere! — gritei. A loira não me ouviu ou simplesmente não quis parar para me agradecer por livrá-la do verme imundo que intencionava machucá-la.

Matar alguém era fácil, o difícil era viver com isto em nossa mente. Afetava-me até certo ponto quando eu tinha uns doze ou treze anos; hoje, não

sentia culpa ao eliminar um bandido delinquente.

Procuraria saber quem era a garota que me fascinou e não ficou para se identificar. Estava me deixando inquieto. Precisava descobrir onde ela morava e o que fazia na boate.

Voltei a vê-la no mesmo local. Aproximei-me dela, que fugiu de novo. Fiquei intrigado: por que correu? Por que não me deixou chegar perto e perguntar o seu nome? Agora eu a tinha visto de frente, e porra! A mulher era uma tremenda deusa. Já encontrara garotas lindas, inclusive possuí muitas, só nunca iguais àquela: uma loira fabulosa, com curvas incríveis nas quais eu amaria passar minhas mãos, e olhos azuis cintilantes. Eu a reconheci pela pulseira de brilhantes com um pingente de estrela, que usava no braço direito, e também pelo aroma. Quando ela me olhou em cheio, correu no meio da multidão.

Pretendia procurá-la, mas Luca me puxou dali, porque tínhamos uma reunião com uns negociantes do porto que eu queria comprar. Depois a rastrearia, seja lá onde estivesse. Acessaria as câmeras de segurança e localizaria a mulher que me deixou fascinado.

Eu estava repleto de problemas, portanto adiei a busca. Acabara de saber o que os MCs fizeram, tanto os daqui de Chicago como os de Nova York. Ficara imensamente satisfeito: as meninas foram levadas em contêineres e deixadas em uma cidade vizinha. Shadow chamou policiais de

confiança para passar o recado, em uma denúncia anônima.

Meu pai surtou, pois resgataram as garotas e botaram a fazenda em chamas. Não restou nada além de pó e ruínas.

Agora eu estava ali, de frente para todos, na reunião em que me elegeram *capo*, porque meu pai se encontrava em coma no hospital. Como era possível uma pessoa se tornar um vegetal por um motivo tão merda? Quando minha mãe e Dalila morreram, ele não ficou assim. Aliás, se tornou um monstro, ou talvez sempre tenha sido.

— Meus parabéns pelo título. — Meu tio apertava minha mão.

Arqueei as sobrancelhas.

— Sério? Poderia jurar que você queria o cargo — desdenhei, ficando diante dele.

Enzo piscou e se controlou. Enxerguei veneno e aço em seus olhos negros desprovidos de emoção.

— Nunca quis ser chefe — mentiu, descarado. — Fico feliz que esteja no poder.

Um cacete, pensei, amargo. Sentia seu corpo tenso, era quase palpável a sua fúria. Se ele me odiava tanto, devia ao menos disfarçar direito ao me felicitar.

— Obrigado, tio. — Fingi acreditar, fazendo força para não grunhir. Daria um jeito de Enzo descumprir uma ordem minha, só assim poderia

acabar com ele.

— Então, em seu primeiro ato como *capo*, ordenará que consigamos as meninas de volta?

Fitei o homem à minha frente, que se dizia meu tio. Queria tirar sua vida naquele momento, mais do que já desejei qualquer coisa antes.

— Parabéns, novo *capo*. — Luca veio até mim, batendo no meu ombro de leve. No final, deu um aperto, como se pedisse para eu me controlar, mas eu já estava moderadamente calmo. Mais tarde arrancaria esse sorriso diabólico do rosto do meu tio.

Assenti, depois me concentrei em todos na sala, os dez negociantes, os quais chamávamos de anciões. Eles tomavam conta de cada ponto da máfia Salvatore em países diversos: Itália, França, México e alguns outros. Quem mandava em todos era o *capo*, ou seja, eu. Seria difícil mudar algumas coisas, mas não impossível.

Havia famílias mafiosas em praticamente todos os países. Considerava as máfias italianas, russas, mexicanas, japonesas, jamaicanas e albanesas as mais poderosas. Na Itália, especialmente na Sicília, onde a minha família se originou, existiam grupos muito importantes: Salvatore, Cosa Nostra, Colombo, Banchi e Esposito. Há mais de um século, porém, nos estabelecemos nos Estados Unidos.

Algumas dessas famílias, como a Banchi e a Esposito, estavam ao meu

lado e permaneceriam, caso acontecesse uma luta contra os Dragons no futuro. As outras eram organizações controladas por famílias que usavam métodos inescrupulosos para fazer prevalecer seus interesses ou para controlar uma atividade — mercado negro, tráfico de drogas, etc. Crime organizado.

Nós também fazíamos muitas coisas ilegais, mas tráfico humano não era uma delas, pelos menos não seria mais comigo no poder. Cortaria a crista de todos que considerassem isso.

— Eu, como o novo *capo*, mudarei certas questões. E não vou tolerar que ninguém me desobedeça — afirmei, apesar de querer que alguns o fizessem, só assim os eliminaria com autorização.

— Que lei será mudada? — perguntou Hadid, o chefe do ponto da Itália.

Chegara a hora de ver quem estava do meu lado e quem seriam os bastardos contra mim.

— Em primeiro lugar, o casamento com meninas de dez anos não existirá mais, apenas a partir dos dezoito. Os que já forem casados com garotas menores terão de devolvê-las aos seus pais e poderão pegá-las quando tiverem a idade certa. — Preferiria que elas escolhessem quem quisessem, mas esta lei eu não conseguiria mudar tão bruscamente ou haveria retaliação.

Alguns arfaram, e outros sibilaram entre si.

— Você não pode fazer isso, seu desgraçado! — disse Liam, um dos homens do chefe do México. — Somos casados com essas putas e temos o direito de foder nossas cadelas…

Eu o fuzilei com o olhar e meu sangue ferveu em minhas veias, tão forte que achei que explodiria ali mesmo. Nessa hora, a besta queria ser solta e estraçalhar o cara. Peguei minha adaga e a lancei; o cabo encostou entre seus dois olhos. O maldito merecia que eu demorasse mais, sofrendo igual eu acreditava que ele fazia com sua esposa.

Respirei fundo, controlando minha fúria.

— Mais alguém se opõe à mudança de lei e ousa me insultar? Fale agora e o acompanhe até o Inferno. — Apontei para o morto com frieza. Todos na sala ficaram calados; seria possível ouvir um grão de areia caindo no chão. — Não sou meu pai, não vou compactuar com o que ele fez. Quem me conhece, sabe que eu era contra; só cumpria as diretrizes do *capo*. Agora, mudanças estão vindo. A escolha deve ser feita já, mas suas vidas nunca mais serão as mesmas. Alguém os vigiará, e se o mundo lá fora souber dos nossos negócios, suas cabeças estarão a prêmio. Será melhor morrerem antes de eu colocar minhas mãos em vocês.

Mirava cada rosto na sala de reunião. Mudos, me observavam.

— E quanto às meninas que saíram do cativeiro, ninguém as tocará ou se aproximará delas. Os homens que consentiram com aquilo, machucando

mulheres, serão vigiados, e se ousarem fazer algo parecido de novo, sua sentença será a morte, uma similar à das garotas assassinadas. Olho por olho, dente por dente. — Queria matar todos os pedófilos daquela fazenda, todavia, não podia, não agora, afinal, agiram sob a aprovação do meu pai. Se eles desacatassem alguma ordem minha, aí as coisas mudariam.

Sobraram poucos guardas na queda da Babilônia — assim apelidara o local após a chacina. Claro, eu não era nenhum Deus para limpar o mundo do pecado e da imundície, porque no fim eu seria levado para baixo também. O morto na sala e as outras vidas que tirei comprovavam meu lado assassino; não importava se eram homens ruins ou não, matar jamais seria certo.

— Vocês ouviram o chefe, agora vão cumprir suas ordens — mandou Luca. Virou-se para mim: — Estarei do seu lado, *capo*. Qualquer coisa, me livro deles.

Luca era um executor muito bom, à semelhança de Samuel. Meu primo descobria o que precisava ser interrompido antes mesmo de se tornar um problema. Confiava minha vida a ele, de olhos fechados. Não podia dizer o mesmo do meu tio.

— Tudo bem, agora preciso ficar a sós com Luca, o restante pode sair — ordenei, indo me sentar na cadeira onde meu pai costumava ficar. — E Ryler, cuide disso. — Indiquei o cara morto no chão. — Depois, passe a todos o que falei na reunião e leve as meninas menores de idade para a casa

dos seus pais. Se algum marido interferir, mate-o.

Samuel, Frank e outros estavam feridos por terem sido atingidos na queda da fazenda, por isso não se encontravam comigo. Nada grave, o que me deixou aliviado. Depois os visitaria.

— Sim, senhor — respondeu e levou o cadáver dali. A mancha de sangue permaneceu.

Ryler era um homem fiel; limpava a sujeira, como essa que fiz na sala de reunião. Todos diziam que ele não tinha alma. Mas quer saber? Nenhum mafioso possuía uma, do contrário, respeitaríamos a lei e não cometeríamos atos ilícitos.

Enzo deixou a sala junto aos demais, ainda em silêncio. Eu mostraria quem mandava em tudo agora.

— Teve notícias da Evelyn? — perguntou Luca. — O que fará agora que ela não corre mais perigo?

— Não falei com ela depois da boate. E não farei nada por enquanto, vou deixá-la aproveitar sua liberdade. — Há dois dias fui à boate de Shadow e os vi conversando. Ela fugiu do clube dele nessa ocasião, não sei bem o que houve; parece que Evelyn ficou com alguém. Na hora, quis matar quem a tocou. Delegaria esta tarefa ao Kill.

Eu a queria comigo, no entanto, não podia tê-la para mim, não da forma que eu desejava. Sabia que precisava renunciar a ela. Não era fácil, doía

pensar em Evy com outra pessoa… No entanto, ela merecia a vida de que foi privada por longos anos.



Um mês depois, eu ainda não tinha conseguido resolver todos os meus problemas. Estava longe de ajeitar a sujeira que meu pai deixou para mim.

Lorenzo continuava em coma, em estado vegetativo. Poderiam me chamar de monstro ou o que for, mas não sentia remorso. Com tudo que ele fez, tal consequência não chegava nem perto de ser suficiente, aliás, foi fácil demais.

Enzo se manteve quieto todo esse mês, não soube nada dele, nem dos outros que compactuavam com a pedofilia de merda. Decerto aprontavam algo, nenhum aceitaria a derrota. Eu contava com isso, que me desobedecessem, para poder eliminar todos de maneira lenta e torturante.

Eu estava indo abrir o arquivo da mulher em quem não parei de pensar nas últimas semanas. Por mais incrível que parecesse, ela até ajudou a tirar Evelyn um pouco da minha cabeça. Com certeza eu a procurava somente por gostar de um desafio, o que se tornou ao se afastar de mim.

Devia estar louco por me interessar por uma mulher que vi apenas duas vezes. Eu nem sabia se ela era comprometida. E pior: ela também não pertencia ao meu mundo. Por que só curtia garotas de fora da máfia? Era uma merda; se eu gostasse dessa desconhecida, seria pedir para sofrer, tal foi com

Evelyn nesses dois anos e meio a desejando.

Fitava a pasta com seus dados, que pedi para Samuel conseguir para mim. Pretendia abri-la quando meu telefone tocou, então atendi.

Era Shadow, que falava com urgência. Fiquei confuso na hora.

— Surgiu um problema gigante. Faz seu pai parecer um animal doméstico perto do que virá se não conseguirmos impedir a catástrofe. Uma das nossas prostitutas, Lisa, que eu tinha mandado embora, sequestrou uma amiga da Evelyn. Ligou para Evy encontrá-la, caso quisesse a amiga viva…

Não me preocupei tanto com Evelyn, os outros MCs a protegeriam. Kill jamais deixaria algo acontecer à sua irmã.

— Só que Lisa acabou levando a garota para o seu território, no clube de Enzo, Plaza Streep. Daemon a seguiu.

— Não mandei ninguém fazer isso — reclamei, gélido. — Resolverei a situação. Mandarei meus homens à procura dela…

— Vá pessoalmente para checar se não houve nada com essa menina, senão estaremos todos ferrados, inclusive você — interveio Shadow.

— Por quê? O que há de diferente na garota? É filha de alguma figura pública? — Não consegui pensar em ninguém que pudesse me afetar tanto.

— Irmã de Nikolai e Alexei Dragon… É conhecida por Jamile, mas seu nome verdadeiro é Irina.

Praguejei em italiano.

— O quê? — rugi. — Maldição! Isso não está acontecendo, droga! Dark não pode vir aqui. Nem consegui arrumar metade dos estragos de meu pai. Se ele souber do que Lorenzo fez antes da hora, eu estarei frito. — Não me preocupava tanto comigo: em uma guerra, muitos inocentes seriam mortos. Faria qualquer coisa para evitar. Entretanto, se acontecesse, não fugiria.

Meu tio não ficou sem fazer alguma merda, óbvio. Fui procurar Irina. Ao entrar no meu carro, liguei para Luca.

— Olá, primo — saudou. Ele sempre me cumprimentava assim. Além de familiares, éramos melhores amigos.

— Seu pai pegou uma tal de Jamile, cujo nome real é Irina Dragon, a irmã do Dark. — Meu tom saiu furioso. — Onde você está?

— Entrando na Plaza Streep… — interrompeu-se, praguejando. — Oh, merda!

— Estou chegando, não deixe Enzo tocar nessa garota ou teremos uma guerra antes da hora — rosnei. Por um lado, sentia-me contente, pois hoje acabaria com o infeliz.

— Lidarei com isso enquanto você vem. O que fará com o meu pai por desrespeitar sua ordem?

— Receberá o castigo que merece. Tendo o meu sangue ou não, ninguém me desobedece e fica impune — sibilei, acelerando o carro. Não o

perdoaria por ser da família. Estava doido para acabar com ele.

— Entendo sua raiva, mas não pode matá-lo… Não falo por ser meu pai, só preciso checar uma coisa antes — começou.

— Que coisa? — perguntei, sem gostar do tom de sua voz.

— Não posso falar por telefone, peço que confie em mim, não o mate. Dê seu castigo e tudo o que quiser, apenas o mantenha vivo. Precisamos dele para algo, lhe contarei depois.

Não gostei disso. Minha vingança contra Enzo pelo que fez com as meninas chegara, e agora teria de esperar mais um pouco? Bosta. Mas nunca houve motivos para desconfiar de Luca, ele sempre foi leal a mim antes mesmo de eu ser chefe. Controlaria a minha raiva.

— Tudo bem, após essa merda conversaremos. Espero que o que tenha a me dizer seja importante e valha o sacrifício de não acabar com esse verme.

Luca não ligava que eu xingasse seu pai, aliás, ele era a favor disto. O velho sempre fora um tremendo psicopata. Para iniciarmos na máfia, éramos treinados desde criança. Em vez de nos casarmos, igual às garotas, nos ensinavam a matar. Meu pai foi cruel em suas lições, mas Enzo? Era brutal com Luca, de cortes a ossos quebrados. Em nossas infâncias roubadas, fomos moldados para nos tornarmos quem éramos hoje. Havia partes de que não reclamava, todavia, poderia ter virado um homem forte sem precisar fazer tudo o que meu pai me obrigou.

Expulsei esse pensamento e foquei no agora. Quinze minutos depois, entrei na boate do meu tio. Ele estava num canto, conversando com Luca. O que me travou mesmo foi ver a garota por quem estive fascinado ao longo daquele mês; levei um minuto para descobrir que era Irina, a irmã de Dark. Senti como se um balde de água fria tivesse sido jogado em cima de mim e, de repente, eu acordasse.

Não podia ser ela. O que fazer, se nem a conhecia? Ela fugiu de mim, deixando-me loucamente intrigado. Agora, sabendo quem era, não deveria continuar fixado nessa mulher.

Merda! Por que tinha de ser irmã de Dark? Até gostar de alguém de fora da máfia me daria menos dor de cabeça.

— Que porra está acontecendo aqui? — Cerrei meus punhos, louco para acertar Enzo.

Irina pulou ao ouvir a minha voz. Seus olhos se arregalaram. Em vez de ficar assustada, como qualquer pessoa normal diante de um *capo*, parecia ter raiva, e não era pouca. Senti-a crescer ao me fuzilar.

— Você, seu cretino, foi quem mandou me trazer a este lugar? — Situava-se em pé no canto e se lançou sobre mim. Antes que me alcançasse, Daemon apareceu e a segurou, falando algo em seu ouvido, que eu escutei.

Estreitei meus olhos perante sua braveza. Ela me lembrava uma raposa, talvez uma tigresa feroz. Ou melhor: uma gatinha selvagem e arisca.

— Não pode bater no *capo*. A pena para isto é a morte — explicou Daemon.

Irina suspirou e se afastou dele, sem nunca tirar a atenção de mim. Se seus olhos fossem lâminas, eu estaria todo retalhado.

— Por que queria sequestrar Evelyn? — rosnou.

Eu suspirei. Sua garra e fibra me deixavam mais louco por ela, e meu corpo reagiu a isto. Ignorei a sensação e foquei no problema.

— Não tenho nada a ver com a história.

Avaliou-me para checar se eu estava sendo sincero. A menina não perdia nada. Aparentava ter uns dezenove ou vinte anos.

— Foi tudo obra de uma descarada que não aceitou o fora de um homem. Não é, Lisa? — disse Nasx, entrando no lugar.

Havia uma mulher sentada em uma cadeira com Slink, um homem meu, a vigiando; eu não a conhecia. Era morena, alta e chegada à maquiagem.

— Por culpa daquela cadela, o Shadow não me quis mais — rugiu Lisa.

Irina estreitou os olhos, sibilando:

— A única cadela aqui é você, sua puta descarada. Acha que um homem feito Shadow ficaria com uma vadia qualquer?

— Vocês têm três segundos para dizer o que está acontecendo ou vão fazer companhia para os tubarões no maldito oceano! — urrei, dirigindo-me à

Lisa e ao Enzo. — Os dois se uniram para sequestrar uma mulher que ordenei que fosse deixada em paz?

Enzo ficou branco devido à fúria estampada em minha cara, tal qual Lisa. Irina parecia alheia a mim. Devia estar acostumada ao poder de seus irmãos.

— Ela foi a culpada de tudo ao fugir e se aliar com esses caras — disse Enzo, apontando o dedo aos MCs. — Graças a essa vaca, meu irmão está em um hospital.

— Não finja que se importa com meu pai, porque nunca o fez. Só sente raiva por eu ter assumido o controle e anulado as leis horrendas que praticava. Não ficou feliz com as meninas livres, certo? Vocês são uns malditos pedófilos que deveriam queimar no Inferno.

— Como ousa…

— Cale a porra da boca, estou falando! — Lancei-me contra ele, que deu um passo para trás. Eu era mais novo e uma cabeça maior em comparação, mas nada ali se tratava de força, e sim de poder, que eu tinha de sobra. Provaria ao meu tio quem mandava nessa merda. — Quando eu falo, você ouve. — Peguei minha adaga e ameacei enfiá-la em sua cara, fazendo-o fechar os olhos. Cravei-a na parede. — Está proibido de chegar perto de Evelyn, dos MCs e de qualquer uma das garotas da fazenda. Se eu souber que desobedeceu, pagará o preço. E acredite, tio, terei o maior prazer em fazê-lo.

Fui claro?

Não o matar naquele momento custou todo o meu autocontrole. Seria paciente.

— *Capo*…

— Eu perguntei se fui claro, porra! — esbravejei na sua cara, ao que se encolheu na parede.

— Sim, claro como água. — Ignorei o aço na sua voz; se pensasse nisto, eliminaria o verme. Cumpriria a promessa a Luca, confiaria nele.

— Luca, leve esse homem da minha frente. — Fitei Enzo. — Amanhã, me procure cedo. Acho melhor não me desrespeitar de novo.

Ele não disse nada, deu as costas e foi embora, com Luca o seguindo. Enxerguei a raiva de Enzo. Meu tio odiava que mandassem nele, ainda mais na presença de outros.

— Mas que porra! — praguejou Daemon.

Olhei bem a tempo de ver Irina grudada nos cabelos de Lisa.

— Vou lhe ensinar a nunca mais querer sequestrar a minha amiga, sua cadela. — Irina puxou-a pelos fios, batendo em seu rosto.

— Merda! — Tirei a Dragon de cima de uma Lisa toda descabelada e com o rosto vermelho de porrada. — Slink, leva a…

— Lisa! — Shadow, com mais MCs, irrompeu na boate. — Você queria sequestrar a minha mulher, porra?

Mulher? Meus músculos travaram ao ouvir isso. Então era nele que Evelyn estava interessada? O meu peito se apertou, me deixando sem fôlego.

— Ela me roubou você… — choramingou encolhida ao ouvir o veneno na voz dele.

O MC riu, amargo.

— Nunca fui seu, você era só mais uma puta que eu comia, não passava disto! — Seu tom era sombrio e mortal.

Shadow parecia furioso. Se não fosse mulher, Lisa estaria morta. Até me fez pensar: ele gostava mesmo de Evelyn? Queria perguntar sobre isso, mas tinha assuntos mais urgentes ali. Depois falaria com Evy e descobriria a verdade, embora, no fundo, soubesse que os dois estavam juntos e que talvez eu não pudesse fazer nada para mudar isso. Ela não pertencia ao meu mundo, jamais iria.

— Eu prometo me comportar…

— Você não é mais assunto meu, e sim do *capo,* já que não trabalha para mim. Acho bom desaparecer ou eu mesmo o farei.

Quando tudo se resolveu, ou quase, Slink levou Lisa. Mais tarde eu lhe daria seu castigo, ela pagaria por suas ações. Shadow e os MCs foram embora, e eu fiquei sozinho com Irina. Não havia expediente no clube naquela noite.

— Posso ir para casa? — perguntou, me avaliando. — Já que não estou

sendo sequestrada?

— Não, você vai ficar comigo…

— O inferno que eu vou! — Alterou a voz, enraivecida.

— Precisamos conversar — comecei, ignorando sua fúria.

— Não tenho nada a lhe dizer. — Ela suspirou.

— Não? Salvei sua vida naquele beco e você simplesmente correu para longe de mim…

— Agora eu lhe devo a minha vida? — Seu tom era cheio de descrença. — As pessoas salvam alguém por bondade, não por egocentrismo.

— Temos um problema então. Eu não sou bom e jamais serei. — Ri, me aproximando.

Ela engoliu em seco, mas vi a forma com que olhava minha boca, como se quisesse devorá-la.

— Por que fugiu e simplesmente não disse seu nome, Irina? — indaguei, ignorando o meu pau ficando duro com seu olhar quente.

— Aqui sou Jamile, não Irina; me chame assim — retorquiu com teimosia.

Arqueei as sobrancelhas. Ela ficava mais linda quando irritada. Segurei-me para não a foder ali mesmo.

— Por quê? — Coloquei alguma compostura na minha voz, queria saber seus motivos para me ignorar.

— Pois esse é o meu nome… — Piscou, hipnotizada, me observando mexer minha boca.

— Não, por que fugiu? Chamei por você naquela noite, mas me ignorou, e na boate de Shadow também.

Ela franziu a testa.

— Não posso ser vista em clubes… Se as outras máfias soubessem da minha identidade, me usariam para atingir meus irmãos por alguma rixa.

— Não tenho nada contra os Dragons, não há com o que se preocupar — menti, embora um pouco fosse verdade: excetuando o crime de meu pai, que assassinou os seus, não éramos inimigos.

Mais um motivo para não pensar nessa menina. Ela não era para mim, mas meu pau discordava: já estava duro, vendo a maneira com que ela parecia me comer com os olhos, nada envergonhada ou discreta.

— Eu sei. Não posso ir embora?

— Não. — Fiz uma pausa. — Parece que você quer correr para o mais longe possível. Sou um lobo às vezes, mas prometo não morder. — Dei um sorriso maroto.

— Não confio em mim perto de você. — Mordiscou os lábios, retribuindo o sorriso.

A minha vontade era tanta de sugar aqueles lábios até ouvir seus gritos. Como seriam? Gemeria alto? Baixo? Não demonstrava timidez, suas ações

comprovavam o oposto. Estava faminto por essa mulher.

— Não lhe tocarei, pode ficar tranquila. — Seria a porra de um sacrifício. — Só preciso ficar de olho em você, não quero que seus irmãos saibam do que houve aqui esta noite. Cuidarei do meu tio e da Lisa.

— Seu tio é um tremendo de um idiota. — Soltou um meio-sorriso. — Gostei da forma que impôs sua ordem. Uma pena não ter enfiado a faca na garganta dele.

— Não posso discordar — falei, enquanto saíamos do lugar. — Agora vamos embora, está tarde.

— Obrigada por me salvar aquele dia no beco. Sei que não devia sair sozinha, mas achei que estivesse segura — sussurrou.

— Não deveria mesmo… Já pensou no que poderia ter acontecido se eu não tivesse chegado? — disse num tom de acusação.

— Concordei que fui idiota, não precisa me criticar. — Expirou, frustrada.

— Você realmente foi. O bom é que aprendeu uma lição — emendei, porque ela já ia retrucar.

— *Obrigada* — agradeceu, sarcástica.

A menina me enlouquecia. Agora, sabendo quem era, ficara impossível tocá-la. Não colocaria a segurança de meu povo em risco a troco de uma noite de sexo com a loira deslumbrante.

Irina merecia mais do que isso, mais do que ser usada. Jamais cometeria tal atrocidade, principalmente com essa mulher, que me fazia esquecer tudo à minha volta quando em sua presença.



Capítulo 5

Irina

Estava na casa de Matteo há uma semana. Desejava imensamente o homem, mas ele se negava a se relacionar comigo. Entretanto, eu não desistia fácil: quando queria algo, corria atrás. Foi por isso que tive a ideia de o esperar em seu quarto vestindo somente roupa íntima, sem me importar de parecer atirada.

— Tem certeza de que quer isso? — sondou Matteo, olhando-me deitada em sua cama.

— Sim. Chega de me evitar — falei, erguendo uma sobrancelha. — Ou seu pau não levanta por mim? Não fica excitado ao me ver assim, necessitada?

Notei ele duro através de sua calça, aumentando a minha excitação.

— Você quer acabar comigo, não é? — grunhiu, dando um passo até mim. — Seus irmãos vão me matar, caso descubram que a toquei.

— Minha boca é um túmulo. — Levantei minha perna e trisquei os dedos dos pés em sua calça, fazendo-o endurecer ainda mais.

Ele grasnou e pairou em cima de mim, me deitando no colchão; não

tirou suas roupas. Eu soube por uma fonte que, quando Matteo transava, não se despia, apenas baixava as calças e *puf*.

Desejava Matteo nu, todavia, estaria abusando muito. Já fiquei essa semana no pé dele e só consegui que me olhasse hoje. E apenas porque entrei em seu quarto quase pelada, impossível para qualquer homem resistir.

— O que está esperando? — enfatizei, pegando seu cinto e puxando-o para perto.

Eu o desafiei a me impedir com o olhar; ele não o fez. Então continuei tirando o cinto e abaixando a calça e cueca preta. Logo testemunhei sua dureza.

Minha expressão era de fome. Eu já tinha feito um boquete em Jerry antes e gostado, mas isso? Nunca. Jamais senti tanto desejo por um pau. Matteo não era um homem qualquer, e sim alguém com quem eu fantasiava há meses, mesmo antes de ele me salvar na boate.

Fugi aquele dia e no clube de Shadow também, quando conheci Evelyn. Corri porque não queria que ninguém me visse tendo uma paixonite por um cara como Matteo, inatingível para mim — ou, pelo menos, eu achava que era.

Esqueci meus problemas e foquei no momento. Peguei seu pênis e apertei um pouco, com pressão, fazendo-o assoviar por entre os dentes. Gostei do som animalesco. Tracei com meu dedo a cabeça inchada, liberando

pré-sêmen, e levei à minha boca, sem nunca tirar os olhos dos dele, que ficaram mais escuros do que já eram. Sim, havia fome ali, e outra coisa que não identifiquei.

— Irina… — Seu pau ganhou mais vida.

Adorava como meu verdadeiro nome soava em sua boca, parecia intenso e bom. Sorri, me curvei para frente e tracei com a ponta de minha língua a sua cabeça rosada e grossa.

— Pare de me provocar… — Pegou meus cabelos em sua mão direita e deu um puxão. Isto me fez remexer com o fogo no meio das minhas pernas. — Deixo você excitada ao agarrar seu cabelo?

— Sim — admiti. — Estou toda molhada agora, pode conferir.

— Porra! — rosnou e me deu outro puxão, me fazendo gemer alto. — Coloque meu pau inteiro em sua boca linda.

Não sabia se podia fazer isso, o homem não era pequeno. Levei o quanto pude, lambi a ponta e suguei forte. Seu pênis ia para fora e para dentro, suas mãos em meus cabelos ajudavam no movimento, mas ele não me forçou a chupar mais do que eu conseguia.

Peguei sua bunda e o apertei contra mim, querendo mais.

— Estou quase gozando…

Acelerei meus movimentos, deixando-o louco, tanto que seus rosnados se tornaram mais ferozes, conforme chegava ao orgasmo. Eu observava a sua

perfeição, tão lindo, os músculos rígidos com o prazer, os olhos fechados com força na ânsia do desejo, as mãos sobre meus cabelos. Poderia contemplá-lo direto, sem nunca me cansar. Só o tirei da minha boca quando não tinha mais nenhuma gota.

— Sua boca é o maldito Céu. — Seus olhos se abriram, encontraram os meus e ficaram assim um segundo. Havia algo indecifrável neles, mais do que prazer. Talvez eu estivesse imaginando coisas, só podia ser.

Ele me pegou pelos ombros e me suspendeu, levando os meus lábios para os seus, me beijando de um modo faminto que adorei. Apertei minhas pernas em sua cintura e os braços em seu pescoço, e o tomei com ainda mais fome.

Matteo me colocou no meio da cama, os olhos como labaredas ao passarem em cada centímetro do meu corpo.

— Vai ficar aí só admirando ou pretende agir? — indaguei, meio sem fôlego.

Ele sorriu, tão perfeito que eu só podia apreciar suas covinhas lindas.

— Oh, eu vou agir, sim. — Aproximou-se de mim. — Gosto da forma que fala sem um pingo de vergonha, só aparece esse rubor em sua face.

— Não tenho motivos para ter vergonha. Eu quero isto, ou não teria ficado no seu pé todos esses dias. — Puxei um pouco da beirada da minha calcinha para o lado, num gesto provocativo.

Ele gemeu, tirou minhas mãos, arrancou a peça pelas minhas pernas e as abriu, dobrando meus joelhos e me expondo.

— Tão molhada, caralho! — rosnou. Devorou-me com sua língua e boca. Seus dentes roçavam em meu clitóris, dando um puxão forte, que doeu. A dor, em vez de me fazer sentir desconfortável, me garantiu mais prazer. Tanto que eu gritei, o chamando. — Isso, clame pelo meu nome.

Peguei seus cabelos e apertei sua cabeça em mim. Já tinha recebido sexo oral antes, mas nunca como aquilo. A forma com que me devorava era fora do comum. De outro mundo, na verdade; um animal faminto que de repente encontra a sua comida preferida.

— Matteo — balbuciei, desejando-o mais do que qualquer um antes.

Prometi aos meus irmãos que me manteria virgem até me casar com o noivo que eles dois escolhessem, porém, não exatamente cumpri com a minha palavra: fizera sexo oral com Jerry no passado, pois isto não deixava vestígios. Se meus irmãos soubessem, me matariam.

Pelos perigos que andavam rondando os Dragons, logo me levariam embora dos Estados Unidos para a Rússia. Alexei tocara no assunto na noite anterior, aumentando minha vontade de ficar com Matteo.

Queria o italiano como o meu primeiro. Depois, casaria com alguém de quem provavelmente não iria gostar. Claro, poderia lutar contra meus irmãos, contudo, não tinha escolha: se não fizesse o que mandassem, as

consequências seriam grandes demais para Nikolai. Ele perderia sua credibilidade como líder, e eu não almejava isso.

Se não fosse por tais questões, já teria ficado com Jerry. Cheguei a gostar dele, mas o cara era mulherengo em demasia, então nós dois nos tornamos amigos. Com Matteo, arriscaria; havia algo nele que me fazia desejar levar essa lembrança de nós juntos para sempre.

— Diga o que você quer, Irina. — Puxou novamente meu clitóris; fui à loucura. — Diga, pois lhe darei qualquer coisa.

— Você…

Parou o que estava fazendo, o que me fez gemer em frustração. Matteo arregalara os olhos, um tanto nostálgico.

— Eu? — Sua voz tinha um tom que não compreendi. Pensei nas minhas palavras. *O que ele entendeu?*

— Sim, eu quero você dentro de mim. — Decerto imaginava que eu me apaixonara por ele, o que não deixava de ser verdade, mas ele não precisava saber disso. Depois de tê-lo, findaria minha ilusão.

O *capo* suspirou, aliviado com a resposta.

— Sei das regras da máfia russa… A mulher deve casar virgem, do contrário, passa a não ser mais bem-vinda em seu mundo, todos a tratam como uma prostituta — falou com o cenho franzido. — Você já ficou com homens, não é? Se não ficou, não posso seguir em frente e ser o seu primeiro.

Não quero que ninguém a desrespeite por minha causa.

Eu ri.

— O quê? Acha que vou obrigá-lo a se casar comigo por me desonrar? Estamos no século XXI. E não se preocupe, não sou virgem — comentei com o máximo de naturalidade possível.

Se revelasse que não fui tocada por ninguém dessa forma, Matteo não encostaria em mim. Esperava conseguir fazer uma cara neutra quando ele enfiasse de uma vez; soube que doía para caramba.

O homem colocou a camisinha e se encaixou entre as minhas pernas. Senti sua cabeça em minha entrada e me forcei a não ficar tensa, assim ele não notaria. Matteo era um cara experiente, capaz de detectar uma mentira de longe.

— Irina, me diga a verdade, você é virgem? Está tensa demais…

Ele se afastaria assim que eu abrisse minha boca. Não deixaria isso acontecer, então prendi minhas pernas em sua volta, fazendo-o entrar de uma vez. Devo dizer que foi idiotice da minha parte, porque seu pênis grande desceu rasgando meu hímen.

— Puta merda! — Eu respirava irregular.

Ele estava petrificado e com os olhos arregalados.

— Que porra, Irina! Você disse que não era virgem — rosnou.

Expirei, tentando me acostumar com o seu tamanho.

— Não sou, você que é grande.

— Caralho, acha que não reconheço uma virgem? Vejo a dor em seus olhos por eu ter entrado de uma vez. — Já ia saindo; não deixei, apertando mais as pernas à sua volta.

— Não pare agora — pedi. — Vamos terminar o que começamos.

— Maldição! Sabe dos meus princípios? Perguntei se era virgem, e você mentiu…

— Em vez de ficar bravo, continue, já me acostumei com o seu tamanho, agora se mova! — Remexi-me debaixo dele. O movimento me incomodou, mas também senti prazer. — Matteo, por favor… Se você não terminar, outro o fará. Quem sabe seu primo Luca. — Só disse esta última parte para ele agir logo. Desejava apenas Matteo.

Ele hesitou por um momento, me fitando com uma expressão difícil de ler. Abaixou-se e capturou meus lábios, mordendo-os no processo. Suas mãos passeavam em meu corpo. Começou a se mover mais rápido, me fazendo gemer. O fogo aumentou, deixando a dor esquecida. Eu a enfrentaria mil vezes se no final pudesse ter esse homem de novo e de novo.

Não liguei para os meus arquejos e gritos, sua boca abafou os sons. Ele colocou uma das mãos entre nós e esfregou meu clitóris, então explodi, apertando as unhas em suas costas — só não o perfuraram porque usava uma camisa. Logo em seguida, soltou um rosnado.

Abri meus olhos e encontrei os dele, também abertos e vidrados com uma expressão que não consegui ler.

— Voltou à Terra? — sondou, beijando meus lábios de leve.

Sorri.

— Você é melhor do que ouvi falar.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Andam falando que sou bom na cama? — divertiu-se.

— Sim, e também sobre ser bem-dotado.

Saiu de mim, me fazendo estremecer.

— Desculpe.

— Está tudo bem, só fiquei dolorida. Não que eu seja virgem…

— Irina…

— Certo, eu era, mas fiz sexo oral com alguns caras — discorri. Não precisava mencionar que foi apenas com meu amigo.

Ele estreitou os olhos.

— Quantos? — Tinha um gosto amargo em seu tom ao perguntar isso.

— Agora vai querer saber com quantos homens fiquei? — Eu ri. — Garanto que não mais do que as mulheres com quem esteve.

— Não nego. — Suspirou, tirando a camisinha e jogando-a no cestinho no canto da cama.

Eu me levantei nua, não me preocupando em estar exposta, afinal, ele

já tinha me visto. E também não era tímida.

— Tatuagem legal — comentou à meia-voz. — “Foda-me”?

Olhei para Matteo por cima do ombro e o vi erguendo sua calça. Fitava os dizeres perto da minha bunda, feitos há algum tempo, logo quando fui morar em Chicago.

— O bom é que você já me fodeu, não é? — Entrei no toalete grande com banheira de hidromassagem e tudo.

Seu quarto era enorme, de paredes brancas, com uma cama maravilhosa *king size* e TV gigante na parede.

Senti minha pele esquentar como se perto de uma fornalha. Na hora, soube que ele estava atrás de mim.

— O que vai fazer? Tomar banho vestido? — provoquei, sem olhar para trás. — Um homem que não tira as roupas quando fode…

— Por que eu tiraria, se foi só uma foda?

Um aperto sufocou meu peito ao ouvir isso. Não entendi o motivo de ter doído, se eu já sabia. Ainda bem que estava de costas, assim ele não veria minha expressão desapontada, a qual não consegui controlar.

— Sim, você tem toda a razão. Já que não vai tomar banho, pode me deixar sozinha? — Tentei me tranquilizar o máximo que pude.

— Irina…

— Vá, Matteo — pedi. Estava me sentindo mais do que nua, e não só

por fora, por dentro também.

Pensei que ele diria algo mais, como um pedido de desculpas. Era idiota por cogitar que, no fundo, o toquei de alguma forma. Em todos os momentos que sonhei em ficar com ele, não era desse jeito que tudo terminava, não mesmo.

Tomei banho depressa para sair dali, não queria vê-lo. Estava confusa pelo ocorrido, por meus sentimentos exaltados.

Ouvi um som de conversa ao entrar na sala, então andei devagar, temendo que fossem meus irmãos.

— Porra! Você transou com ela? — alguém com uma voz grossa questionou. Acho que a escutara antes… Sim, era de Luca. — Está maluco? Sabe o que os irmãos da garota farão caso descubram sobre vocês dois?

Eles estavam falando de mim? Matteo foi abrir a boca e contar que transou comigo? Controlei minha raiva, eu que não ia sair dali com a cabeça entre as pernas.

— Não se preocupe, Luca, Nikolai e Alexei não vão saber de nada. E Matteo não é o primeiro cara que *fodo*… — cuspi a última palavra. — A cabeça dele não ficará a prêmio.

— Irina…

— Para você, eu sou Jamile — rosnei. — Agora preciso ir, espero não vê-lo mais.

— Por que está com raiva? Foi pelo que eu disse? Eu…

— Você não falou mais do que eu já sabia. — Não o deixei complementar. Um carro buzinou na frente da sua mansão. — Meu táxi chegou.

— Você não vai na porra de um táxi — ferveu Matteo.

Ri.

— Querido, *eu* mando aqui, não você ou meus irmãos. Não se preocupe, o que faço da minha vida só diz respeito a mim. — Saí rápido dali, antes que ele respondesse mais alguma coisa.



Capítulo 6

Matteo

DIAS ANTES

Entrei na boate dos MCs. Não havia expediente, mas precisava falar com Evelyn sobre o que eu ouvi dela e Shadow. Ela estava trabalhando no lugar e parecia adorar.

— Oi, Matteo. — Sorriu.

Em pé no meio da sala, observava a garota sentada na cadeira do escritório. Em seguida, se levantou e ficou na minha frente. Tão linda… E nunca me pertenceria. Mesmo assim, diria o que sentia por Evelyn; se ela o escolhesse, pelo menos seria sabendo a verdade.

Antes que eu falasse alguma coisa, veio me abraçar.

— Primeiro, quero agradecer a você por tudo o que fez por mim naquele lugar, e depois de lá também. Você sempre será importante. — Sabia que ali teria um mas…

— Eu faria tudo de novo, Evelyn — garanti, retribuindo o abraço, querendo mantê-la comigo para sempre.

— Eu preciso lhe contar uma coisa antes que ouça pelos outros. —

Afastou-se dos meus braços.

— O que é? — Já antecipava o que ela me falaria, e não estava preparado para ouvir.

— Estou namorando o Dom — chamou Shadow por um apelido carinhoso para seu nome verdadeiro, Dominic. — Mais para frente, vamos nos casar. Lamento muito. Nunca teríamos um futuro, Matteo, e você sabe disso. Logo ficará com alguém do seu mundo e, se eu me apaixonasse, como seria? Sofreria por vê-lo com outra…

— Não casarei, Evelyn, podemos ficar juntos e dar um jeito de continuarmos assim. Conseguirei ajudar o meu povo ao mesmo tempo. — Minha esperança era mínima neste lado.

— Sabe que é impossível. E eu amo o Dom, não vivo sem ele — sussurrou.

— Shadow pode estar só usando você…

— Não. Lembra do que pediu a ele para fazer com o Pablo? — perguntou.

Solicitei que forjasse a morte de Pablo, no dia em que salvaram as garotas. Ele o fez, e Pablo se esconderia até o momento certo. Meu pai estava em coma, mas restava o meu tio.

— Eu o vi atirar nele. Naquele momento, eu disse palavras que o machucaram tanto… nós dois sofremos com isso. Não desconfiaria dele de

novo. — Pegou minha mão. — Quando você se apaixonar de verdade…

— Já estou apaixonado — declarei com firmeza.

— Então me diga uma coisa: quando descobriu esse amor?

Franzi a testa.

— Desde que a vi pela primeira vez. No começo, achei que estava só iludido por uma garota bonita. Logo notei que sentia mais, tanto que queria fazê-la minha esposa.

— Depois desse dia você ficou com alguma mulher? — sondou e acrescentou, logo que hesitei: — Responda, Matteo, por favor.

— Sim, porque não podia ter você.

— Você não está apaixonado por mim, Matteo…

— É claro que estou. Não significa que eu não a ame apenas porque transei com outras.

— Não estou dizendo que não me ama, e sim que não está apaixonado. — O tom de voz dela era determinado. — Matteo, nós somos amigos há muito tempo. Você me protegeu mais vezes do que consigo me lembrar. Eu o amo muito e acredito que você também me ame. Contudo, não é aquele amor que nos leva a ver a pessoa de uma forma única, que faz com que ninguém mais importe. Não conseguiria ficar com outra se estivesse apaixonado. Se fosse verdade, e uma mulher nua desse em cima de você, logo a descartaria, porque não sentiria prazer ou desejo por ela, somente pela garota que domou

seu coração, sua alma. Isso é amor, Matteo, é paixão. Foi o que aconteceu com Dom desde o dia em que entrei naquele clube, toda assustada. Ele não ficou com ninguém, porque só eu importava. Até lutou contra o que sentia por mim, pois achava que eu merecia mais, mas não tocou em nenhuma mulher.

— Eu… — Não sabia o que dizer. No momento, não queria pensar nela com outro cara.

— Você me ama, e eu não duvido disto. Porém, quando sua alma gêmea chegar, ela o consumirá, no bom sentido, é claro! Todas as mulheres à sua volta desaparecerão. — Ela me abraçou. — Espero que encontre isso com sua futura esposa, pois um relacionamento depende da paixão para que haja felicidade.

— Eu a amo, Evy. E vou amá-la para sempre — sussurrei.

— Eu sei. Eu também amo você, Matteo, e sempre amarei — declarou. — Obrigada por tudo. Torcerei para que ache um "para sempre" no seu casamento, seja ele com quem for.

Não queria focar nisso, não quando estava com um aperto insuportável em meu coração.

Shadow chegou na hora, um *timing* perfeito. O bastardo, com certeza, estava de olho, mas eu não tinha nada a esconder, exceto um amor não correspondido por uma garota comprometida.

Ele me fuzilava com o olhar. Para melhorar, trouxe logo à tona uma memória que me afligia:

— Como pôde bater nela? Não importa se Evy pediu, você devia ter feito algo para impedir. Se fosse comigo, jamais conseguiria, pois cada cintada doeria em mim também…

— Acha que eu quis aquilo? Acha que os gritos de dor não me atormentam toda noite? E que pode ser este o motivo dela não ter se apaixonado por mim? — esbravejei, me sentindo um lixo ao recordar o que fiz com Evelyn.

— Matteo, sinto muito. Saiba que não o acuso. Sou grata por me ajudar tanto naquele lugar. Agora é a nossa vez de sermos livres, porque, de alguma forma, você também ficou preso lá comigo e com aquelas garotas, que por sua insistência e ferocidade poderão ter uma vida com suas famílias. E você também merece uma, sem pesadelos e culpa. Não é por causa das surras que não o amo, e sim porque não somos destinados um ao outro.

— Evelyn…

— Você tem um legado a seguir. Transformará o que hoje está ruim em coisas boas, diferente do seu pai. Mesmo se eu o amasse, nós não poderíamos ficar juntos — murmurou num tom dolorido e segurou minha mão. — Tenho fé de que há algo maravilhoso aí fora para você. Com alguém que será seu mundo inteiro, assim como Dom é o meu.

— Eu vou tentar. Mesmo sofrendo agora, desejo que seja feliz, Evelyn. — Fulminei Shadow. — E você não a machuque, ou o mandarei com uma passagem só de ida para o Inferno.



Os dias se passaram. Com Irina em minha casa, as palavras de Evelyn se provaram verdadeiras. Descobrir que ela estava com Shadow me mortificou, no entanto, quando via Irina, o aperto sumia. Ou seja, não amava Evy, e sim gostava dela, conforme a minha amiga antecipara. Merda, como isso aconteceu? Era para ter tomado conta de Irina e impedido uma guerra com os seus irmãos. Ela tinha de vir e ficar daquele jeito tão sensual e tentador? Mas não a culparia por eu ser fraco; eu a queria, e muito.

— O que vai fazer? Tomar banho vestido? Um homem que não tira as roupas quando fode… — provocava.

A mulher era linda, com um corpo escultural de deusa e curvas nos lugares certos. Nenhuma vez ela corou estando nua na minha frente em toda a sua glória. Ela sabia o quanto era bela.

— Por que eu tiraria, se foi só uma foda? — Assim que falei isto, me arrependi, pois a vi ficar tensa.

— Sim, você tem toda a razão. Já que não vai tomar banho, pode me deixar sozinha? — Ela tentou esconder a dor na sua voz, mas eu a detectei.

— Irina…

Com Evy, meu peito jamais ardeu como ao escutar o pesar nos dizeres de Irina diante de minhas palavras.

— Vá, Matteo — pediu.

Maldição! Ela entendeu errado. Era para ser só sexo, mas não foi o que aconteceu, teve algo mais quando nos conectamos. Seu cheiro, seu gosto… Porra! Talvez fosse por saber que ela nunca transou antes. Fez outras coisas com caras, mas eu não queria pensar nisto nunca, ou correria o risco de caçá-los e matá-los.

Poderia estar sendo cruel, contudo, era melhor assim. Não deveria ficar com ela, não sabendo quem era. Eu não me importava que fosse uma Dragon, e sim por meu pai ter eliminado os dela.

Virei as costas e saí do banheiro, deixando-a ali.

Não podia sentir nada por aquela mulher, mas parecia ser tarde demais. O que não dava mesmo era para ela se apaixonar por mim, então me afastei. Quando descobrisse o que meu pai fez, isto a destruiria, e seria guerra na certa. Não queria que ela tivesse de escolher entre sua família e eu.

Parei no corredor e fiquei olhando a porta, como se pudesse vê-la através das paredes. Eu era um estúpido mesmo.

Estava furioso com Lorenzo. Por culpa dele, nunca mais teria aquela mulher em meus braços ou sentiria seu gosto de morango.

Dei um soco na parede. Meus dedos doeram; não liguei. Meu peito se

apertou, me sufocando tão forte que achei que teria um infarto. Não sabia que sentimento era esse, nunca experienciara nada parecido. Talvez cheguei perto quando soube de Evelyn e Shadow, mas nada como isso. Ao me imaginar magoando Irina, sentia vontade de acabar comigo mesmo.

— Caralho! — Lancei outro soco, na intenção de tirar o aperto em meu peito. Uma mão segurou meu braço.

— Que merda é essa, cara? — perguntou Luca ao meu lado.

Eu me esquivei do seu toque.

— Nada — respondi, ainda fitando a porta do meu quarto e querendo estar lá.

— O que você fez? — Meu primo tinha um tom preocupado. Arregalou os olhos ao ver onde estava minha atenção. — Porra! Você transou com ela? Está maluco? Sabe o que os irmãos da garota farão caso descubram sobre vocês dois?

— Não se preocupe, Luca, Nikolai e Alexei não vão saber de nada. — Irina apareceu. — E Matteo não é o primeiro cara que *fodo*… A cabeça dele não ficará a prêmio.

Perguntei se estava com raiva pelo que eu disse, o que, com certeza, era o caso. Queria explicar o que houve, embora não soubesse como. Ela não deixou, apenas cuspiu seu ódio e saiu antes que eu a impedisse. Nem tentei, inicialmente: partir seria bom para ela. E me ajudaria a pensar direito na

minha decisão de tocá-la, algo que não podia ter acontecido.

Senti vontade de trazê-la de volta; até dei um passo em sua direção. Era impossível conciliar os dois desejos.

— Você não vai atrás de Irina de forma alguma — ordenou Luca, entrando na minha frente.

— Preciso falar com ela e explicar…

— O quê? Que seu pai matou os pais dela?

Dei um passo para trás. Ouvir isso era pior que levar um soco na boca do estômago; aposto que não doeria tanto. Ele estava certo. De que modo eu explicaria? Irina tinha oito anos na época em que seus pais foram tirados dela. Como revelar algo desse teor?

— Você precisa ficar longe, cara, essa garota não é alguém para se brincar…

Cortei-o com os dentes cerrados.

— Sei disso, porra! Eu só queria… — Sentia-me sufocado pelo pesar que presenciei em sua expressão.

— Ela gosta de você, vejo na forma como lhe olha e sorri, e agora, escondendo a maldita dor. O que você fez? — Continuou antes que eu falasse que não era da conta dele: — Esqueça, não quero saber, só fique longe dela, ainda mais depois de transarem. Que droga, Matteo!

De fato, era melhor manter distância. Eu não servia para Irina, nem

para ninguém. Havia muita escuridão em mim, o suficiente para sufocar o planeta.

Mudei de assunto ou logo estaria indo atrás dela de alguma maneira. Como uma mulher entrou assim na minha pele após tão poucos encontros? *Agora que transamos, isto será muito pior*, lamentei em pensamento.

— Onde está Enzo? — inquiri, indo tomar uma bebida.

Depois que meu tio foi exilado por alguns dias, passando um tempo fora da cidade, eu quis dar o castigo que ele merecia por ter ido contra minha ordem. Mas Luca me disse que precisava dele livre, pois pretendia segui-lo. Seu pai estava tramando algo, nós só não sabíamos o quê.

Ele suspirou.

— Por isso estou aqui, descobri o que ele tanto procura. Tenha em mente que não pode surtar e dar bandeira de que sabemos de algo. — Avaliava-me.

— O quê? — Peguei a bebida na mesinha branca e tomei um gole grande. Pela sua expressão, não seria boa coisa.

Minha casa era grande, de estilo italiano, com sofás cor creme e mesas com flores que Zaira colocava — fazia isto direto porque mamãe adorava. Ao pensar em minha mãe, meu peito apertou de saudades. Ela poderia ter sido mais forte, e não desistido de mim…

— Ele, de algum modo, descobriu que sua irmã não morreu. — Seu

tom saiu ansioso, havia felicidade ali. — Dalila está viva!

Ofeguei, quase deixando o copo cair. Pensei ter ouvido errado, não podia ser… Meu coração estava acelerado com a notícia. No meio de tantas coisas ruins, uma informação boa; aliás, a melhor da minha vida.

— Espere… o quê? Que porra quer dizer? Ela está viva? — Aliviei-me, esperançoso.

— Não sei como meu pai descobriu, só sei que ela está.

Sacudi a cabeça, confuso e eufórico. Não acreditava que minha bonequinha continuava em algum lugar deste mundo. Se estivesse mesmo, eu iria encontrá-la.

— Por que ele não nos contou ou a trouxe para nós? Para mim? — perguntei, preocupado. — Enzo está com ela?

— Não, ele não a encontrou ainda, por isso as saídas constantes.

Posicionei-me à sua frente, com o coração apertado.

— Tem certeza? — Temia ter esperança e, no final, ela não estar ali para eu abraçá-la e protegê-la. — Por que minha mãe falou que Dalila morreu, se não era verdade?

— Recebi uma ligação de Leon, ele grampeou o telefone do meu pai a meu pedido. Eu precisava saber o que andava fazendo. — Suspirou, bebendo o uísque também.

Leon era um policial que trabalhava para nós. Ele nos mantinha

informados caso algum dos federais que não estavam na nossa folha de pagamento planejassem uma emboscada.

— Então Enzo sabe que Dalila está viva e não nos disse nada? Vou matá-lo — sibilei, furioso. Buscava formas de acabar com ele sem que configurasse uma traição da minha parte. Enzo me desobedeceu, tinha o direito de castigá-lo como eu quisesse, mas agora precisava descobrir o que sabia sobre minha irmã. Escondeu-a todos esses anos? Dalila fugiu dele? Alguém cuidou bem dela? Eram respostas que só teria ao encontrá-la. Rezava para minha princesinha estar bem. Oh, céus, o quanto eu a queria perto de mim…

Luca suspirou.

— Sei que quer fazer isso, mas precisamos estudar suas intenções e o que o fez esconder essa informação — murmurou. — Matteo, tenho um pressentimento de que não será nada bom.

— Descobrirei onde ela está antes do meu tio. E, depois, veremos por que omitiu isso. Se de algum modo Enzo pretende fazer mal a ela, seja lá onde minha irmã estiver, eu preciso impedir. — Necessitava dela ao meu lado. Quando acontecesse, não a perderia de vista nem por um segundo.

— Coloquei um pessoal de confiança nisso. Não se preocupe, o bastardo do meu pai não vai saber, prometo. — Sorriu. — Espero que aquela pestinha tímida esteja bem.

Eu sorri também, lembrando-me dela desenhando em seus quadros, às vezes deixando a casa suja de tinta. Dalila amava a arte. *Será que ainda ama?*, eu me perguntei, emocionado. Lorenzo não ligava para isso, apenas sorria e a beijava, dizendo para não bagunçar muito. Os tempos mudaram, bem como o homem que um dia chamei de pai. *Por que uma perda afeta tanto alguém?*

Às vezes eu sonhava com ela correndo pela casa, toda pintada, tal qual fazia quando pequena. *Que saudades… Torço para que não tenha lhe acontecido nada de errado.*

— Preciso achá-la o quanto antes. Quando eu conseguir, diga ao Romeo para sumir com quaisquer informações dela: onde viveu, com quem andou e tudo mais. Não quero Enzo tendo acesso. — Passei as mãos nos cabelos para me controlar. — Algo me diz que ele não tinha a intenção de me contar sobre Lily.

— Também acho, por isso pedi para não o matar ao ignorar sua ordem. Não foi a primeira e nem será a última vez que o fará. Vai ser bom, assim que descobrirmos o que meu pai sabe, acabaremos com ele. Teremos muito do que acusá-lo.

— Sim, Enzo quer ocupar o lugar de *capo*, eu sempre soube disso — falei com um suspiro. — Precisamos fazer de tudo para derrotá-lo, seja qual for o seu plano. Não vou tolerar ver o que vi naquele maldito lugar e não

fazer nada. Seria capaz de denunciar todos os nossos negócios e romper com esta família de vez. Claro que morreria por traição, mas prefiro a morte a presenciar tudo de novo.

— Eu também não vou. Só precisamos saber o que ele anda aprontando. Seria tão fácil torturá-lo e tirar a verdade dele… Porém, estamos com muitos problemas agora, algumas pessoas não aceitaram bem a mudança nas leis. — Luca se sentou no sofá, fitando-me.

— Quem? Você pegou os nomes? Faremos uma visita a eles. — Deixei o copo na mesa e dirigi-me para o carro.

— Agora? Não podemos esperar até amanhã? Sua cabeça não está em um bom lugar. Com o que houve com Irina e sabendo de sua irmã…

— Minha mente está onde deveria — retruquei. — Preciso sair daqui ou enlouquecerei, então vamos. Antes, quero ver as garotas que eram casadas.

— Elas ainda são, você não pode anular os matrimônios, mas voltarão para seus esposos só quando forem maiores de idade — disse. — E já está tarde para visitarmos as meninas, vamos outro dia.

Por que eu não podia simplesmente ter esse poder? Jogaria todos aqueles homens que as tocaram em uma fogueira, eliminando-os um por um. Por outro lado, se eles se opusessem à minha ordem, poderia fazer isso com o maior prazer.

— Você tem aqueles três que lhe pedi? Ruben, Daniel e Miles? — Por esses eu sentia mais ódio, desde o dia em que os peguei participando dos rituais na fazenda, maltratando Lis. Naquele tempo, não podia interferir. Agora, acabaria com os vermes imundos, e um dia seria o Enzo no seu lugar.

— Sim, estão no galpão. Vá no seu carro e me encontre lá. Ou quer ver as garotas primeiro? Aliás, qual é o motivo? — sondou, abrindo a porta de seu Bugatti preto.

— Para saber quais maridos não as respeitaram. Porque, nem em um milhão de anos, se me casasse com uma criança, encostaria nela. Preferiria cortar fora meu maldito pau. Se eles forem corretos, mantiveram distância, e se forem desprezíveis, como os três miseráveis que pedi para prender, então terei muita sujeira para limpar. — Alisei meu rosto num gesto frustrado.

— Adiantei isso para você, estão em seu e-mail os nomes de quem abusou das meninas. Há muitos. São eles que abominaram as novas regras, querendo suas *esposas* a todo custo. Foi um reboliço na frente da casa dos pais das garotas, protestaram. Entretanto, há também uma série de homens que só mantinham as aparências e não as machucaram. Estão mais do que felizes pela mudança na lei.

Fiquei contente por saber que existia gente boa em minha família. Achei que Lorenzo e seu irmão tivessem corrompido todos; pelo jeito, sobraram alguns. Por eles, lutaria, para manter nossa raça unida e

humanizada.

— Acabarei com quem ousou me enfrentar.

Luca riu.

— Sabia que diria isso. Samuel está cuidando deles agora. Vamos lidar com os três que estão no galpão, apesar de Samuel querer esses caras também por tocarem na garota de que toma conta. Falei que os malditos eram seus.

Samuel era leal a mim. Mesmo desejando algo, não contrariaria uma ordem ou vontade minha. Poderia deixar para ele terminar o serviço, mas precisava descarregar minha raiva hoje em alguém, e seria neles.



Cheguei ao lugar onde estavam os caras desgraçados, presos em correntes e sem camisa. Escorria sangue pelos seus peitos e suor em suas peles.

— Você já se divertiu aqui, não é? — Sacudi a cabeça para Luca assim que entrei no galpão, que ficava afastado de Chicago, para ninguém saber de sua existência.

Luca riu.

— Um pouco. — Bateu na cara de cada um dos homens, fazendo-os abrir as pálpebras e olharem para mim. — Acordem, chegou a hora de o chefe brincar com vocês.

— Nós dissemos tudo o que sabemos sobre quem frequentava a

fazenda — falou Ruben. Este eu via com mais ódio, pois era o pior deles.

— Será mesmo? Ainda está faltando citarem uns cujo envolvimento descobri recentemente. A palavra “russos” lhe remete a algo? — Há não muito tempo, soube que Vladimir, chefe da Trider, outra máfia da Rússia, se envolveu com meu pai no sequestro e na compra das meninas.

Era nesse ponto que eu queria chegar: pegar o cabeça, o responsável por comercializar jovens. Acabaria com ele. Vladimir também desejava o trono de Dark. Haveria uma guerra, pois Nikolai jamais cederia. Desconhecia as regras da máfia Dragon, mas, com certeza, não era como a nossa, com a chefia passando de geração em geração aos primogênitos homens.

— Eu não sei…

— Sim, você sabe quem vendia as meninas para o meu pai. Quero nomes, além do Vladimir. — Peguei minhas adagas e esfreguei uma na outra, amolando-as.

— Não sabemos… — começou Ruben.

— Resposta errada. — Cheguei mais perto e passei as lâminas com força em seu rosto, fazendo um rastro de sangue. — *Os nomes*.

Durou mais alguns minutos. Há um limite de dor que o ser humano consegue suportar; quando chegamos nele, pedimos misericórdia, até os mais poderosos caem. Esses caras eram iguais: um pouco de sofrimento, e lá estava a minha resposta.

— Haverá uma reunião, daqui a alguns meses, só com os cabeças dessa organização. Se fosse você, não mexeria com eles, são todos poderosos, mais que os Salvatores. Não sei nomes, só da Trider; os outros são piores.

— Deixe que isso eu resolvo — rosnei e olhei para Luca. — Onde estão os celulares deles? Quero que rastreie as chamadas e conversas, preciso saber quando será essa reunião e fechar a maldita porta. Também quero conhecer todos os envolvidos.

— Sim, farei isso.

Voltei-me para os homens ali. Ruben estava todo vermelho de sangue e gemendo, devido aos cortes que fiz nele.

— Agora vamos para outro assunto. Lembra-se da garota? — perguntei ao Ruben.

Ele piscou, confuso.

— Garota? Que garota?

Fechei a cara e cerrei os punhos, socando sua boca. Sua cabeça chegou a virar.

— Você não recorda? A loira que implorava para que não a machucassem. O que os três e aqueles imundos fizeram? Quase a mataram; quando cheguei, estava praticamente sem vida. — Se não fosse por mim, teriam acabado com Lis.

— Ele nem sabe o nome dela — retrucou Luca, maneando a cabeça. —

O que devemos fazer? Refrescar sua memória?

Os caras balançaram as correntes, querendo fugir. Não tinham para onde correr.

— Esquartejar e matar, mas antes, nós vamos brincar — respondi, sorrindo e manejando minha adaga com o sangue dele. — Lembram-se dos gritos dela implorando para ser solta? Para que não a tocassem? Vocês a machucaram mesmo assim. Principalmente você, Ruben.

— Por favor… — suplicava, apavorado.

— Ela também disse isso — retaliei, enraivecido. — Muitas e muitas vezes, mas você não ouvia, querendo enfiar esse lixo que chama de pau em uma garota jovem que estava presa naquele maldito lugar.

— Eu não queria matá-la… — Piscou. — Você também ficou com ela e até a fo…

Minha raiva chegou ao extremo ouvindo isso. Nunca toquei em mulher nenhuma contra sua vontade. Ele se interrompeu, gritando, quando enfiei a faca no meio de sua perna e puxei a lâmina, rasgando-a.

— Eu não a toquei, e para a sua informação, ela está viva. Ao contrário de vocês três em um futuro próximo…

— Você é o *capo*, somos seus servos — disse Miles em desespero. — Não pode nos matar.

— Servos? Vocês a tocaram da pior maneira possível. Acham que eu

queria aquilo? Que isso acontecesse com inocentes? — Meu tom era sombrio. — Não sou meu pai ou meu tio, vocês terão o que merecem, assim como eles em breve.

— Por favor, *capo*… — suplicou Daniel.

Luca sacudiu a cabeça.

— O que acha, *capo*? Devemos ter clemencia? — zombou.

— Não conheço essa palavra. — Tirei minha faca de Ruben. O lugar se encheu dos seus gritos, e eu não poderia ligar menos. Adorava vê-lo berrar, gemendo de dor. Merecia isso por todo o sofrimento pelo qual as garotas passaram antes de eu saber o que acontecia naquele lugar.

Eu poderia ter descoberto mais cedo, assim, arrumaria rápido um jeito de salvá-las. A culpa era como um veneno que corroía a minha alma. Não fui eu quem fez aquilo, mas isto não amenizava o que sentia.

— Vamos ver como vocês reagem sem seus malditos paus. — Alcancei Miles, que estava com os olhos arregalados de medo, vendo o sangue sair de Ruben.

— Fique longe de mim! — gritou o verme.

— Alguns falaram que você, ao matar alguém, vira um monstro irreconhecível. Não acreditava, mas agora vejo o demônio em seus olhos — balbuciou Daniel.

— Sim, há muitos deles, e você não tem ideia de como querem ser

alimentados — concordei, diabólico. — Os três desejarão a morte a cada segundo.

Não conseguia mudar o passado, mas podia eliminar gente como esses homens e tornar o futuro melhor, mandando a escória para o Inferno. Depois deles, buscaria os cabeças, os chefões de merda. O que era deles estava por vir.



Capítulo 7

Irina

Estava amarrada com correntes, sem roupas e vendada. Sentia seu hálito no meio das minhas pernas, fazendo-me remexer incomodada, mas de um jeito bom, louca por ele. “Ansiando” era a palavra certa.

— Matteo! — clamei, abrindo mais as pernas em um pedido silencioso.

— Você está querendo minha língua, Irina? — Amava quando ele me chamava assim. Era um simples nome, porém, na sua boca, parecia mel.

— Você…

— Você já me tem — respondeu, beijando minhas coxas e minha barriga, e nunca onde eu mais desejava. — Espere, já volto.

Ficou alguns segundos em silêncio. Escutava-o mexendo em algo não muito longe.

— O que está fazendo? — De repente, senti na minha pele o que parecia uma pena ou um chicote, não sabia dizer. A sensação me inquietou.

— O que sente? — Sua voz era rouca. Eu me arrepiei ao tê-lo atrás de mim.

— Estou molhada para você, só esperando sua boca e língua —

respondi fracamente.

— Hummm… — Deu uma chicotada em minha bunda e, por Deus, acho que gozei na hora, pois minhas pernas se molharam. Eu estava ao menos perto.

Gritei, chamando seu nome, enquanto ele repetia as chicotadas.

— Matteo! — berrei de novo, agora com sua boca sugando cada canto. A língua se encontrava em meu clitóris, me levando ao…

Não, não, não…

— Filho da puta! — rosnei, acordando com o barulho do despertador. — Eu o odeio, Matteo Salvatore.

Toda noite, sonhava com ele e acordava bem no instante em que estava quase gozando. Odiava Matteo nessa hora, porque agora eu tinha de cuidar de mim mesma. Enquanto isso? Ele, com certeza, deveria estar com alguma mulher aleatória.

Esqueci Matteo e fui me arrumar, sem nenhuma vontade de ir para a faculdade. Por que continuaria, se precisaria deixar de lado para me casar com um estranho no futuro? Depois, seria uma dona de casa enquanto o meu marido andaria por aí, fodendo tudo que se movia. Não havia homem fiel no mundo, não sem amor, ainda mais na máfia, onde só o que eles sabiam fazer era matar. Meus pais se amavam, mas acho que eram uma exceção.

Eu poderia lutar, desobedecer meus irmãos, todavia, seria um

desrespeito ao chefe. Naquele universo, quem contrariava o líder sofria consequências nada bonitas, principalmente para uma mulher. Não desejava trazer problemas a Nikolai, nem para o nome da minha família.

Foi muito difícil Nikolai chegar onde estava, e não seria eu quem o atrapalharia. Ainda mais por ele não ser filho legítimo dos meus pais. Amava-o como um irmão biológico e faria qualquer coisa por ele e Alexei, até me casar com alguém de quem não gostasse, apenas para fortalecer a máfia.

Meus irmãos me deixaram ir para a América estudar há alguns anos. Também me mantiveram fora do radar de todos os seus inimigos, o que acreditava não serem poucos. Até mudei meu nome para Jamile e não fiquei com seguranças, assim ninguém saberia quem eu era. Supliquei muito para eles fazerem isso.

Quando conheci Evelyn, a mulher de um MC da Fênix, motoclube de Chicago, tudo se desencadeou. Não me arrependia de nada; nesse dia, revi o Matteo, e o que senti por ele foi exposto. Agora, sonhava com o bastardo direto. Eu não podia perder a chance de ter aquele homem nos meus braços, nem que fosse uma única vez.

Fiquei com o *capo* na sua casa, depois que ele enfrentou Enzo, o seu tio, por minha causa. Ele não queria transar comigo de novo porque tinha medo do que meus irmãos fariam, caso descobrissem sobre nós.

Não contava com o fato de que Matteo fosse se instalar sob minha pele, como uma tatuagem. Devia ter notado isso antes, afinal, sonhava com ele direto depois que o conheci. Por isso fui a uma boate disfarçada só para vê-lo.

Matteo deixou claro que seria apenas uma noite de sexo e nada mais. Aceitei, porque também queria o mesmo, pois logo voltaria para a Rússia. Mas viciei-me no seu toque, nos seus beijos, nas suas carícias que me deixavam mole como um *marshmallow* e cheia de luxúria.

Fechei meus olhos, lembrando da minha primeira noite com ele. Ainda o sentia em mim, então ficava tendo sonhos eróticos. Expulsei tal imagem da minha cabeça.

Não poderia ousar pensar em Matteo, não depois do que ele disse, que o lance que tivemos foi só uma foda. Entendia que seria uma única noite, ele não precisava dizer algo assim. O pior: não me impediu de ir embora, simplesmente mandou um dos seus homens me seguir até meu apartamento.

Não o vi após aquele dia; isso foi há semanas. Com certeza estava fodendo por aí.

Como fui me apaixonar por ele? Certo, Matteo me socorreu duas vezes, mas isto não devia ser motivo suficiente. Como amar alguém que não sentia o mesmo por mim? Ele deixou tudo bem claro com suas palavras.

— Jamile, o que foi? — perguntou Jerry, o meu amigo, assim que cheguei perto dele na faculdade.

Quando o conheci, ficamos juntos algumas vezes, e eu gostava, porque ele nunca me cobrou por fazer somente sexo oral ou questionou os meus motivos para não transar. Mas eu sabia que não podia ficar com alguém de fora do meu mundo. Sempre achei um absurdo, porém, nem meus irmãos conseguiram mudar a lei, ou seja, não seria eu a fazê-lo.

Algumas semanas antes de conhecer Matteo, fiquei uma última vez com Jerry. Brigara com Alexei, que falou sobre eu me casar ao acabar meus estudos. Para esquecer tudo, recorri ao meu amigo. Até pensei em perder minha virgindade com ele, mas não achava justo, ainda mais depois de saber que ele tinha sentimentos por mim. Se fizesse isso, seria uma mera vingança contra meu irmão.

Jerry me disse que deixaria a mulherada se eu falasse que ficaria com ele por completo. Garantiu que me amava, todavia, eu pensava que se gostasse mesmo de mim, não ia querer outra pessoa em sua cama ou na sua vida. Sabia disso porque me apaixonei por Matteo e, depois dele, não desejava mais ninguém.

— Não foi nada — respondi.

Nós nos encontrávamos na frente da faculdade, junto à Evelyn, que foi nos visitar. Ela estava tendo aulas particulares com um amigo de Shadow.

Enxerguei Sara chegando com David e Matt… O nome me fez pensar em Matteo, o que não podia acontecer, precisava manter meu rosto neutro.

— Quando quiser se abrir comigo ou com Sara, é só dizer, ok? — começou Evelyn.

O que contaria a ela? Que eu estava apaixonada por Matteo, o mesmo homem que a amava? Meu orgulho não me permitia revelar, em especial após ser humilhada no quarto ao transarmos, ou melhor, termos uma foda de uma noite.

Evy era minha amiga, assim como Sara. Eu não tinha isso na Rússia, vivia cercada de empregados e seguranças. Quando qualquer pessoa se aproximava, era porque estava interessada em meus irmãos ou em algo que beneficiava a si mesma. Achava tão bom ser normal, vivendo nos Estados Unidos, andando por aí sem ser notada ou cobrada.

Evy até se abriu comigo sobre o que houve com ela todo esse tempo. Ela foi raptada quando pequena e trancada em um lugar onde as crianças cresciam e eram entregues aos homens ao completarem dezenove anos. O que me deixou mesmo chocada foi que o mandante de tudo isso era o pai de Matteo, Lorenzo Salvatore. Matteo derrubou o antro, e o velho teve um infarto, que o pôs em estado vegetativo em uma cama de hospital. *Pena que não morreu de uma vez*, pensei.

Ela me contou que Shadow a salvou, assim como o seu irmão, o Kill, que ela jurava ter falecido. Todos diziam que Kill matava pessoas, mas meus irmãos também, não? Quem era eu para julgar?

— Tudo bem, Jamile? — avaliou, preocupada, me trazendo ao presente.

— Hoje vamos à boate nos divertir. Quer vir conosco? — perguntou Jerry, colocando o braço à minha volta.

Eu me esquivei dele.

— Não posso, vão vocês. — Saí do meio dos dois; minhas barreiras estavam querendo desmoronar.

A dor não me consumiria, não hoje. Aliás, nunca. Apaixonar-se não era fácil. Bem, o que eu sabia? Só me apaixonei por Matteo na minha vida. Apenas ele fez meu maldito coração bater forte em meu peito.

Mais tarde, naquela noite, encontrava-me sozinha em casa, sem ter nada para fazer. Evelyn me ligou e reiterou o convite para ir à boate onde trabalhava. Não tinha aceitado mais cedo. Mudei de ideia: não queria ficar sem companhia, isto me levava a pensar demais.

Coloquei uma sandália de salto alto e um vestido prata colado em meu corpo, destacando cada uma das minhas curvas. Deixei meus cabelos soltos nas costas. Fui me divertir e esquecer todos os meus problemas — ou um, especificamente: o deus mafioso *sexy* como o pecado.

Cheguei à boate do Shadow, onde marquei com as meninas, Evelyn, Sara e algumas do clube de MCs. Não conhecia nenhuma delas ainda. Matt, David e Jerry também iriam para nos divertirmos juntos. O lugar estava

apimentado quando entrei, com pessoas dançando, e eu faria o mesmo.

Sara era uma morena linda, um pouco tímida; eu a amava. Matt e David tinham cabelos pretos, e, o primeiro, olhos castanho-claros, e o segundo íris verdes. Jerry era loiro com sardas em suas bochechas, que o deixavam um gatinho. Sentavam-se uma mesa antes da dos MCs, acompanhados por uma baixinha de cabelos anelados, que foi para onde Kill estava e o abraçou. Ele era forte, com cabelos grandes e barba por fazer. Sua expressão sombria amolecia sempre que olhava para a pequena mulher.

Evelyn disse que seu irmão teve uma namorada no passado, a qual agora retornara. Deveria ser essa garota. Mesmo após anos, os dois pareciam se amar demais.

Daemon também se mostrava presente. Era calado, mas, porra! Isso o fazia ainda mais lindo. Atuava como o rastreador do clube. Eu desconhecia seu nome verdadeiro. O cara era um deus grego tatuado: forte, um metro e noventa, olhos caramelo, cabelos curtos, brincos em sua orelha direita e um alargador. Tinha um *piercing* na língua, que notei quando ele riu com Nasx. Isso nos lugares visíveis, pois podia jurar que havia em outros locais também — não que eu quisesse ver. Vestia um jeans rasgado nos joelhos e uma camiseta branca, além de um colete com o logotipo da Fênix. Usava uma corrente grande no cós da calça, prendendo a sua carteira, que estava no bolso da frente. Na corrente, havia um par de soqueiras.

Nasx, ao seu lado, era o vice-presidente do clube, um loiro de quase um metro e noventa, com cabelos longos nas costas. Seu corpo musculoso cobria-se de tatuagens, como os dragões nos braços despidos; provavelmente havia mais onde eu não conseguia enxergar. Usava um colete de couro semelhante ao de Daemon. Seus olhos eram azuis-cobalto. Tinha um sorriso *sexy* de molhar calcinha; molhava a minha antes de eu conhecer Matteo.

Shadow era um *show* de homem, moreno, alto, pouco mais de um metro e oitenta e cinco, forte, olhos verde-esmeralda, cílios grossos e cabelos castanho-escuros. Exibia uma tatuagem de cobra no braço direito, como se ela estivesse subindo pelos músculos, e o nome de Evelyn no antebraço esquerdo. Tinha mais escondidas embaixo da camiseta e do colete. Seu apelido se devia aos seus olhos, que pareciam ser mortais.

Havia outros MCs no lugar, mas não reparei muito nisto, pois vi alguém ao lado do Shadow: Matteo sentava-se ali, todo de preto, os olhos fixos em meu corpo, cobrindo cada centímetro.

Matteo

Fui convidado pelo Shadow para ir à boate dele para o aniversário de Kill. Não aceitaria o convite por ter muito a fazer, contudo, me convenci do contrário diante da oportunidade de reencontrar Irina. Precisava falar com ela, saber se estava bem.

Depois que Irina saiu da minha casa após eu ser um completo idiota,

não a vi mais. Fiquei sabendo que ela estava estudando muito na faculdade, acredito que para ocupar a cabeça e esquecer minhas palavras. Ela trabalhava em uma lanchonete no período vago.

Meu peito batia forte, ansioso por sua chegada. Parecia um adolescente de escola, encantado com uma garota.

— Então, *capo*, como vão as meninas que foram entregues às suas famílias? — questionou Shadow.

Minha antipatia por ele diminuía a cada dia. Vendo-o junto à Evelyn, podia notar que ele a amava, adorava o chão em que a menina pisava. Eu a chamava de “menina” por sua idade, a mesma de Irina, dezenove anos. Eu tinha vinte e cinco.

— Estão bem e protegidas, tem alguém tomando conta delas até eu saber quem está por trás disso — comentei, entornando uma bebida.

Em nossa mesa reuniam-se os homens. As mulheres ficavam em uma ao lado.

— Não era seu pai que sequestrava as meninas? Ou seria seu tio? — sondou Shadow.

Sacudi a cabeça.

— Não, há uma organização por trás, coloquei gente minha para descobrir onde e quando se encontrarão. Fiquei sabendo por uma fonte que, num certo dia, os cabeças pretendem se juntar. — Suspirei. — Preciso

derrubar todos eles.

— Se precisar da gente, é só avisar, tenho uma dívida com você — disse Shadow, olhando para Evelyn, que conversava com seus amigos.

A garota estava deslumbrante, linda, mas meu coração não batia por ela igual fazia antes. Não sabia se era porque estava comprometida, ou se isto se devia à loira fabulosa que conheci há quase dois meses e não saía da minha cabeça.

— Você não me deve nada, eu fiz o que tinha de fazer — falei a verdade. Mesmo se não desenvolvesse sentimentos por ela na época, teria agido de modo similar. — E quanto à corja de animais, não quero envolver vocês, a coisa é mais barra pesada do que pode imaginar.

— Damos conta — assegurou Daemon com os dentes trincados. — Não podemos deixar esses caras vivos.

— Tem todo o meu apoio e dos meus irmãos. A bosta é que, mesmo prendendo alguns, sempre haverá pessoas assim, gente que faz esse tipo de coisa — lamentou Shadow.

— O mundo é uma merda. — Nasx suspirou.

Franzi a testa para Nasx, que fitava o seu telefone.

— Não ligue. — Sorriu Daemon. — Nasx só está apaixonado por alguém que ele não pode ter.

O cara o fuzilou.

— Olhe quem fala, não sou eu quem está casado com uma mulher cujo pai você matou… — Nasx se interrompeu no meio da frase ao ver a expressão atormentada de Daemon. — Desculpe, cara, foi mal.

Daemon balançou a cabeça. Havia algo de escuro e profundo em seus olhos que, apesar de claros, pareciam vazios; mortos, na verdade. Não apenas pelo comentário de Nasx… Tinha algo a mais.

— Você não falou nada que eu não soubesse. — Não existia acusação ali.

— Eu sei, só não foi legal. Não importa como eu esteja me sentindo neste momento — sussurrou, depois piscou para algo na entrada. — Puta que pariu, aquela é a…

Evelyn se encaminhou até nós com uma baixinha, Isabelle, mulher de Kill, que parecia uma anã em vista do cara cheio de músculos. O amor era evidente nos olhos de ambos.

— Jamile, venha aqui — gritou Evelyn antes de Nasx terminar.

Virei a cabeça e a vi na entrada da boate, com um vestido pegando cada curva de seu corpinho delicioso. Os bastardos do lugar a encaravam; ela não parecia ligar.

Irina me enxergou e travou por um segundo, talvez pensando em ir embora. Era fácil ler sua expressão. Recompôs-se e caminhou em nossa direção.

Um cara alto e loiro sorriu assim que ela se aproximou da mesa. Seu nome era Jerry, estava com mais dois garotos, Matt e David — pelo menos foi assim que Evelyn os chamou. Juntaram as mesas com a nossa e ficamos todos ali.

— Você veio, linda! — disse Jerry, se levantando e indo beijar o rosto de Irina. Ela retribuiu o gesto, o que me fez querer quebrar a cara do fedelho.

Não entendi a súbita necessidade de protegê-la de outro homem. Irina era livre, não? Então por que minha vontade foi de matá-lo por tocá-la?

— Está espetacular hoje — elogiou David, sorrindo.

Ela se afastou de Jerry, mas ele continuou com a mão em seu braço. Precisei de bastante autocontrole para não o quebrar, isto se não fizesse coisa pior.

— Achei que eu estivesse espetacular sempre — brincou, indo sentar ao meu lado, o único lugar disponível. O carrapato ficou do outro.

— Os dois deviam namorar — disse Evelyn, observando Irina e o merda do Jerry. — Vocês já fo…

— Evelyn, querida — Shadow a interrompeu com um beijo, impedindo-a de concluir. Eu sabia que seria “foder” a palavra.

Franzi a testa. Então foi com esse cara que ela ficou? Ao menos não transaram. Não queria imaginar o que Irina fez com outros homens.

Ela riu.

— Poderíamos, mas somos só amigos — respondeu, não me olhando uma única vez. Era como se eu não estivesse ali.

— Por vontade sua, não minha — declarou Jerry, puxando o cabelo dela e cheirando-o.

Meu sangue ferveu, achei que estouraria de fúria assistindo a essa cena. Peguei minha bebida e bati o copo na mesa, fazendo todos pularem e derramando um pouco do líquido.

— Mas que… — Jerry estacou vendo minha expressão, que não devia estar boa. Ele se afastou de Irina, cujas sobrancelhas se erguiam.

A Dragon se aproximou de mim e sussurrou em meu ouvido:

— Não devia sentir ciúmes, Evelyn jamais vai querer você. — Afastou-se com um sorriso falso.

Franzi a testa e olhei para Evelyn, que se distanciou de Shadow; nem notei que eles ainda estavam se beijando. Voltei minha atenção à Irina. Ela pensou que fiquei assim por causa de Evelyn? Isso me surpreendeu e me deixou mudo por um minuto, porque não senti nada vendo os dois juntos. Estava furioso era por Jerry tocar na loira.

— Desculpe, esqueci… — pediu Evy a mim.

Irina grunhiu e se levantou.

— Aonde vai? — perguntou Sara.

— Dançar e me divertir — respondeu, indo para a pista. Assim fizeram

todas as meninas e os amigos delas: Jerry, David e Matt. Fiquei com os MCs, que estavam com as sobrancelhas erguidas.

Eu devia ter dito algo na hora, mas ela precisava ouvir isso de mim quando estivéssemos sozinhos, e não na frente de terceiros. Não gostei da dor em sua voz ao destacar minha suposta paixão por Evelyn.

— Puta merda! O *capo* interessado na irmã dos Dragons? Homem, você está ferrado — disse Nasx entre risadas.

— Você também, já que se apaixonou pela mulher de Dark — falou Shadow a ele.

Eu pisquei.

— Dark tem uma mulher? — sondei. Assim eles não perguntariam nada sobre Irina. Não que fosse revelar algo, não era da sua conta.

— Sim, já faz um tempo. Pela forma que age com ela, o cara está verdadeiramente apaixonado — respondeu Shadow, arqueando as sobrancelhas. — Irina? — objetou.

— Não vou falar sobre ela com vocês — rosnei, vendo-a dançar ao lado dos amigos.

— Então, Evelyn…

Olhei para ele.

— O quê? Se ainda a amo? Sim, só não como antes. Algo mudou, não senti nada quando vocês dois se beijaram — admiti. — Já com Irina sendo

tocada por aquele cara, eu quis…

— …matá-lo — concluiu Daemon com um suspiro triste. — Ainda bem que não o fez. Arrependimento é uma merda! Ela jamais perdoaria você. — Deu as costas e saiu da boate.

Fiquei curioso para saber mais de sua história. Daemon matou o pai de sua mulher, quase igual ao que aconteceu comigo, porém, no meu caso, quem puxou o gatilho foi o meu pai.

— Daemon salvou uma garota, acabando com o pai da menina, que a violentava e até a engravidou com quinze anos. Ele agiu certo, mas agora que gosta dela, acha que fez errado — comentou Shadow, como se lesse minha mente. — No seu caso, não foi você quem matou os pais de Irina, e sim Lorenzo. Ela vai entender. — Apontou o queixo na direção da Dragon.

Não confiava muito nisso; se ficasse com ela, Irina sofreria logo que a bomba estourasse. Não respondi a Shadow. Recomeçaram a falar de coisas banais, cientes de que eu não diria mais nada. Meu olhar estava fixo em Irina dançando com os outros.

— Porra! — disse Nasx, mirando a pista também.

Irina executava uma *pole dance* com perfeição. Seus cabelos balançavam com os movimentos que fazia. Meu pau ficou duro vendo-a rodopiar no poste. Eu não era o único: cada maldito desse lugar estava com a mesma sensação, de gozar nas calças.

Deixava todos babando por ela, os babacas principalmente. Meus punhos cerraram. A menina parecia bêbada, porque ao terminar a dança, foi cambaleando até o palco e começou a tirar a roupa.

Iniciou-se um coro de pedidos para se despir, o que me levou à fúria. Ao me levantar, vi alguns dos MCs amaldiçoarem, nervosos.

Não liguei, passei por todos e fui até ela.

— Desça desse maldito palco ou vou tirá-la daí! — rosnei, ficando na frente dela. Como não desceu, eu subi.

Primeiro sorriu para mim, depois ficou triste.

— Você é um bastardo de coração frio. — Começou a me esmurrar.

— Irina, por Deus, se controle. — O bom era que ninguém a ouvia devido à música. — Vamos embora comigo.

— Para sua casa? Não quero foder, quero fazer amor — disse, embriagada, com a voz arrastada.

— Em casa conversaremos — esquivei-me, pois não tinha a mais remota possibilidade de eu tocá-la nesse estado.

Ao tirá-la da boate, coloquei-a no meu carro. Então Jerry apareceu.

— Jamile está chateada com alguma coisa, sempre que fica assim ela bebe bastante.

— Sim, e também faz *striptease* — comentou Sara, confusa. — O que houve? Ela não me falou nada.

Ignorei suas perguntas e me concentrei em levá-la embora. Jerry não queria permitir, Shadow teve de intervir, ou eu perderia o resto do meu controle e mataria o garoto.

Em vez de ir para a minha casa, fui para a dela. Peguei a chave na sua bolsa e entrei com a menina nos braços.

— Não precisa me carregar, não sou um bebê — retrucou.

— Eu sei que não é.

O apartamento era simples e bem organizado, com sofás de dois e três lugares, e uma mesinha no canto, com flores em um jarro. Não reparei em mais nada, pois ela começou a cheirar meu cabelo, me fazendo tremer.

— Você é cheiroso.

— Obrigado.

— Que *shampoo* usa? — indagou, beijando meu pescoço.

Merda, meu pau já estava duro com seu toque. Jamais ficaria com uma mulher que corria o risco de não recordar depois. Não era esse tipo de homem.

— Não sei, nunca li o rótulo — desconversei, indo para o corredor. — Onde é seu quarto?

Ela suspirou.

— A última porta.

Entrei no recinto com ela nos braços. Havia uma cama com lençóis cor-

de-rosa, uma estante com livros e ursinhos, e, na parede, um *banner* de atores da série *Diários de um Vampiro*. Então ela gostava de filmes de vampiros? Tinha uma foto de um cara chamado Ian Somerhalder bem em cima da sua cama.

Coloquei Irina sentada no colchão.

— Fique aqui, vou arrumar algo para tirar sua resseca — falei, indo para a cozinha.

A copa era pequena, com um balcão na forma de L, armários brancos, e geladeira e fogão de inox. Em algum lugar deveria haver um remédio para curar a ressaca do dia seguinte ou ajudá-la um pouco, pelo menos. Achei um Engov, isto serviria. Estava me virando para ir ao quarto quando senti a barra da calça sendo puxada.

Olhei para baixo e vi uma bola de pelos brancos, tão pequena que cabia quase na palma da minha mão.

— April, filha, não rasgue a calça do seu papai — disse Irina com a voz arrastada.

Virei para cima, me deparando com a imagem que quase me fez esquecer de que ela estava bêbada. Porra! Precisaria de um banho gelado e muito autocontrole.

Irina estava só de sutiã e sem calcinha. Endureci ainda mais. Era uma tentação grande vê-la assim e não poder encostar nela. Expirei e me

concentrei no meu objetivo: deixá-la bem e dar um jeito de ela não amanhecer com a cabeça doendo.

— Caralho! Cadê suas malditas roupas? — Peguei o comprimido e a água e lhe entreguei.

— Estava calor, então tirei o vestido. — Colocou o remédio na boca.

— Pelo jeito, não foi só o vestido que tirou — retruquei, apontando para a parte nua debaixo.

— Usar calcinha com vestido deixa marca — disse e se abaixou para pegar a bolinha de pelos. Por pouco não caiu em cima da cachorrinha.

Corri até ela e ajeitei seus ombros, agora com April nos braços. Quem dava um nome assim para um cachorro?

— Mamãe chegou, meu amor, e papai também. — Cheirou o animal e a estendeu para mim.

— Papai? — Arqueei as sobrancelhas, rindo.

— Você é mais lindo quando sorri. — Olhava minha boca.

Pigarrei, porque sua inocência alcoolizada estava mexendo comigo, me deixando tonto e bêbado também.

— Obrigado, agora bote a cachorrinha no chão…

— É April o nome dela — retrucou com um biquinho. — Nossa filha.

Dei uma gargalhada, depois me forcei a ficar sério. Irina bêbada era outra coisa, admito que estava linda.

— Tudo bem, coloque *April* no chão e vamos tomar um banho. — Peguei a cachorrinha dos braços dela, a pus no chão e puxei Irina para o banheiro.

— Vamos juntos? Vai me foder de novo?

— Você tomará banho, eu não. — Se eu tirasse minhas roupas, seria capaz de cometer um pecado que não teria volta. Merda! Quando fui tão fraco assim? Nunca.

Conduzi-a para o banheiro, a auxiliei no chuveiro e a enxuguei. Nesse tempo todo, ignorei seu toque, que provocava labaredas em minha pele.

— Por que você não quer me dar ele? — sussurrou tão baixo que pensei ter ouvido errado. Ela estava deitada na cama com a coberta até o pescoço.

— Dar o quê? — perguntei, confuso.

— Por que você não me dá seu coração? A Evelyn não o ama, mas eu sim, tanto que dói. — Encolheu-se nos travesseiros, como se tomada de dor.

Meu peito se apertou ao ouvir a sua angústia. Deitei ao seu lado e toquei aquele rosto lindo. Ela expirou e se aconchegou em mim como um gatinho. Lembrava-me do felino de Dalila, que fazia sempre isso com ela.

— Eu não amo mais a Evelyn, acredito que nunca amei. Acho que sentia algo só por ela ser diferente das outras mulheres que conheci. Lamento não ter esclarecido antes de você tomar todas. — Beijei sua testa. — Mesmo

que não se lembre amanhã, esta é a verdade. Fiquei furioso porque o moleque cheirou seu cabelo, e não por Evy.

— Ele sempre faz isso. Jerry é só um amigo — sussurrou.

— Espero que ele seja esperto e não apareça mais na minha frente, ou não sei do que sou capaz.

Ela riu e colocou a cabeça no meu peito.

— Você não machucaria um amigo meu — falou. — Você é muito bom, Matteo.

Se Irina ao menos sonhasse com tudo que já fiz na minha vida, ela não diria isso. Deixei quieto.

— Vá dormir.

— Ficará comigo? Não quero adormecer e amanhã descobrir que estou sonhando — murmurou.

— Eu vou ficar — prometi. — Ao acordar, ainda estarei aqui.

— Obrigada por não ter mais a Evelyn em seu coração. — Suspirou baixinho. — Espero que um dia eu esteja nele. — Beijou meu peito.

— Você já está — garanti, mas Irina adormecera.



Capítulo 8

Irina

Levantei cedo com uma ressaca imensa, mas pensei que estaria pior. Acordei com a campainha tocando. Vi um bilhete na mesinha e, ao ler, ofeguei. Merda, isso não aconteceu!

Irina,

Espero que amanheça melhor. Deixei dois comprimidos que vão ajudar com a ressaca. Torço para que esteja bem, desculpe não cumprir com a promessa.

MS

Promessa? O que ele me prometeu que não pôde cumprir? Não conseguia me lembrar de nada do que houve ontem, só que… *É isso!* Nós estávamos na boate, de repente Matteo ficou com ciúmes de Evelyn por beijar Shadow. Depois, fui beber e não recordo mais nada.

Li mais uma vez o bilhete. Então ele foi à minha casa por um tempo ou nós ficamos juntos? Estava de calcinha e sutiã. Merda, como pude esquecer?

Talvez fosse bom, afinal, Matteo não cumpriu seja qual for a promessa que me fez.

Vesti uma blusa e fui abrir a porta. Não recorri ao olho mágico — estava com a cabeça doendo e só queria ficar sem barulho nesse momento. Encontrei Sara, acompanhada de Evelyn.

— Liguei, mas não atendeu — disse Evelyn.

— Eu vim checar as coisas, porque ontem começou a fazer *pole dance* e tirar as roupas no meio da boate.

Ofeguei de pavor.

— Oh, Deus, eu fiquei nua na frente dos outros? Onde vocês estavam que deixaram isso acontecer? — acusei, virando e entrando na sala. Por isso não gostava de beber, era fraca. Droga! Ontem foi difícil fazer diferente, vendo Matteo demonstrar sentimentos por Evelyn.

— Não se preocupe, o Matteo tirou você do palco e trouxe para cá.

Cortei Sara.

— Vocês deixaram ele me trazer? E se não fosse um cara decente? — Não lembrava o que tinha acontecido, mas sabia que não me tocou, não comigo bêbada. Só estava grilada por não me lembrar do que houve. Sempre que bebia cometia bobagens que jamais faria na vida caso sóbria.

— Matteo nunca a tocaria — falou Evelyn com veemência. — Confio nele, por isso não intervim.

— Eu também, podia ver a preocupação dele com você. — Sara me olhou de lado. — Não sabia que eram tão amigos. Ou tem algo mais?

Sacudi a cabeça, indo alimentar April. Para a minha surpresa, havia ração em seu pote. *Será que foi Matteo?* Pergunta idiota, só podia ter sido ele. Passei a gostar do cara ainda mais, mesmo não querendo.

April era uma Maltês, raça que ama devotar toda a sua afeição ao seu dono. Além disso, era vívida e enérgica, portanto, adorava brincar. Até sofria de ansiedade pela separação, se deixada sozinha por muito tempo. Logo, jamais o fazia. Por ser toda coberta por uma pelagem branquinha e sedosa, April precisava de escovações diárias.

Nem sempre foi assim: encontrei-a na rua quando vinha do serviço, ela estava machucada, com sinais de correntes nas patas e no pescoço. Não tinha nenhum pelo, fora toda raspada, e a lâmina machucou sua pele. Eu a peguei para mim, não me importando de procurar seu o dono, pois se ele gostasse mesmo de cachorros, não a teria maltratado e deixado minha fofinha naquele estado. Estava há quase dois anos com ela e a amava demais.

— Jamile? — chamou Sara, me trazendo ao presente.

— Não o conheço bem. Queria ter vindo para casa com uma de vocês, não com ele — comentei.

Não revelaria que amava Matteo, não agora, mesmo para minhas amigas. Preferia esperar. Ele se apaixonara por Evelyn, era melhor deixar isso

quieto.

— Não entendo — admitiu Sara.

— Quando bebo, cometo muitas gafes, faço muita coisa errada. Já pensou agir assim na frente daquele homem? Tremo só de imaginar. — Era verdade, e não me recordar de nada estava me incomodando.

— Você não se lembra do que houve? — sondou Evelyn.

— Nops.

Elas ficaram a tarde inteira comigo; escapei de falar de Matteo durante toda a conversa. Não tinha ânimo e fingi não ligar para ele. Não gostava de mentir para nenhuma das duas, eu contaria, só não naquele momento. Carecia de tempo para apagar da memória Matteo com ciúmes da minha amiga.



Uma semana e meia sem notícias de Matteo… Queria que ele aparecesse, ainda mais depois de notar que as fotos do Ian Somerhalder estavam todas rasgadas e no lixinho do banheiro. Parecia que as amassou, furioso, como se quisesse fazer aquilo com o ator.

Talvez, no fundo, ele goste de mim também, pensei inicialmente. Conforme a semana ia passando, acabei por reparar que a minha vontade dele se importar comigo foi só uma ilusão, já que não foi me ver.

Por volta das cinco, cheguei ao restaurante onde trabalhava. Não precisaria de um emprego, contudo, integrava meu disfarce. Jerry também era

funcionário no local, pois o estabelecimento pertencia aos seus pais, ou melhor, à sua mãe; o pai dele morreu alguns anos atrás. Dona Benita era uma senhora de uns quarenta e cinco anos, mais ou menos. Ela tomava conta do lugar.

Ao entrar, notei algo estranho: estava vazio, exceto por dona Benita, Jerry e dois homens vestidos de preto, mal-encarados. Encontravam-se todos perto do balcão. Ela estava congelada de medo. Jerry também parecia temeroso, porém, tinha os punhos cerrados, como se prestes a atacá-los.

Fiquei confusa e curiosa para saber quem eram aqueles caras. Por que estavam ali? O que queriam com meus amigos, para deixar os dois aterrorizados? Seja o que fosse, parecia importante, e não coisa boa.

— Não vamos vender nosso restaurante, aqui está toda a minha vida — disse Benita, segurando o choro. — Não há ameaças que me forcem a isto.

Fechei a cara e fui até eles. Jerry ficou rígido ao me ver. Antes de entrar, eu havia chamado a polícia. Talvez fosse um assalto ou algo assim. Seria estupidez minha me aproximar, mas não podia ficar de fora sem fazer nada, como o policial me pediu.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei num tom irritado.

Os dois homens se viraram para mim. O de cabelos negros franziu a testa, e o ruivo me olhou, malicioso.

— Não é da sua conta — respondeu o moreno, ácido.

— Está enganado, eles não vão vender a propriedade para uma gangue de araque — retruquei, ficando ao lado de Jerry e da senhora Benita. — Sugiro que deem meia-volta e vazem — proferi num tom firme, embora sentisse medo deles; tudo dentro de mim gritava para correr. Era para eu ser mais corajosa, nasci no meio de homens como esses, talvez até piores.

O ruivo riu, amargo.

— Você sabe com quem está falando? Tem alguma noção?

— Conheço caras como vocês, acham que podem tudo só porque pertencem a alguma gangue e, como querem certos territórios, usam a força, fazendo as pessoas venderem suas propriedades. Minha pergunta é: por que vocês desejam este bairro? Quem é seu chefe? — Maneei a cabeça para o lado. — Este lado de Chicago é dividido entre dois grupos: o MC Fênix e a máfia Salvatore. Vocês não parecem ser de nenhum desses. Shadow ou o *capo* jamais se sujeitariam a tal baixaria, forçando uma família a vender seu imóvel.

Esperava mesmo que não; do contrário, consideraria ambos uns malditos. Achava não ser a praia deles, nem de Matteo, nem de Shadow.

Os homens franziram suas testas.

— Quem diabos é você? — O ruivo deu um passo até mim, e o outro cara segurou seu braço, parando-o no lugar.

Precisava enrolar até a polícia chegar e levá-los. Se não ficassem presos

de modo permanente, pelo menos passariam algum tempo na cadeia.

— Eu que pergunto. Vão responder ou vou ter de chutar? Veja bem, as gangues são conhecidas por suas marcas, algumas tatuagens. As suas, pelo que percebo… — Apontei para os braços dos dois. — Esses escorpiões devem significar que são homens de Sírios… Já ouvi falar dele. Rico, poderoso, capaz de comprar qualquer um usando todos os tipos de artimanhas, desde chantagem até coisas piores. Mande um recado para aquele idiota: esta família não vai vender, e se o desgraçado insistir, os nomes citados anteriormente resolverão a situação. Não acho que os MCs ou os Salvatores aceitarão muito bem. — Eu estava blefando, mas eles não precisavam saber disto. De qualquer modo, era provável que, se pedisse sua ajuda, tanto Shadow como Matteo me auxiliariam.

— Você quer me fazer acreditar que os motoqueiros e os italianos se importarão com essa família? Acha que sou burro? — sibilou o de cabelos negros com barbicha de bode.

— Depende. Se forem embora agora e desistirem do que pretendem aqui, saberei que são inteligentes. Se ficarem, nem tanto. — Poderia tirar o chapéu para mim, estava me saindo bem. Aprendi com meus irmãos.

Os dois olharam de um para o outro e riram com zombaria.

— Menina… — começou Benita.

Eu a ignorei, atenta ao cara. Corria o risco de o meu verdadeiro nome

ser descoberto; não importava, logo iria embora. *Que diferença faz?*, pensei, amarga. Pelo menos, aconteceria da maneira certa, salvando uma família de perder seu restaurante.

— Garota, você devia dar o fora e não se meter nisso. O que acontece aqui não é da sua conta — avisou o ruivo. — Não acredito em nada que saia da sua boca.

Eu sorri.

— Tentei alertá-los. Se insistem em desconsiderar… — Bem na hora, a viatura da polícia parou na frente do restaurante, e dois policiais entraram.

Os bandidos ficaram rígidos, encarando os tiras.

— Recebemos uma ligação contando de uma ameaça — disse um deles. Avaliou todos e pousou os olhos em Benita. — Tudo bem, senhora?

Antes que ela falasse algo, revelei a verdade. Esperava que isso não trouxesse problemas para meus irmãos; torcia para que ninguém descobrisse meu nome verdadeiro.

— Sim, esses dois homens querem forçar a dona Benita a vender o restaurante. — Apontei para ela.

— Desde quando estão ameaçando a senhora? — perguntou o policial à Benita, acenando para que seu parceiro prendesse os crápulas.

Cheguei perto dela e segurei sua mão.

— Pode contar a verdade — incentivei. — Eles não a machucarão, eu

juro.

Ela assentiu. Não sei por que, mas confiou em mim. Eu esperava mesmo protegê-la, e sabia que não podia sozinha, porém, por ela eu buscaria ajuda seja lá onde fosse.

— Aconteceu umas três vezes — respondeu.

— Mamãe, por que não me disse? — questionou Jerry com raiva.

— Não queria preocupá-lo, meu querido — explicou num tom triste.

Os policiais levaram os bandidos. Nenhum deles disse nada, no entanto, o esgar do barbicha direcionado a mim foi maligno. Conhecia um olhar de vingança, e ali havia um mortal, cheio de fúria. *Puta merda, aonde fui me meter?* Não demonstrei medo, escondia minhas emoções muito bem.

Os policiais pegaram nossos depoimentos. Não queria que ninguém soubesse quem eu era, entretanto, não tinha escolha. O que não poderia era deixar uma coisa errada acontecer.

— Jamile? Posso falar com você? — Jerry me puxou para longe dos policias, ao fundo do restaurante. — Que merda aconteceu aqui?

Franzi a testa.

— O quê?

— Você enfrentou dois homens que, com certeza, estavam armados e poderiam ter revidado. — A raiva era evidente na sua voz.

Suspirei.

— Eles não iam, não à luz do dia. Conheço Sírios, o merda age à espreita, ameaça pessoas e, quando não consegue o que quer, ele…

— …mata, porra! — esbravejou, me pegando desprevenida.

Jerry era um cara legal, nunca soube dele perdendo o controle por nada. Então por que ficou assim? Temia por sua mãe? Talvez pensasse que coloquei a senhora Benita em perigo, ou a nós três.

— Se está assustado pela vida de sua mãe e a sua, não se preocupe, eu sabia o que estava fazendo. Se teve esse medo é porque não me conhece, jamais faria algo que provocasse consequências negativas para vocês. — Meu tom saiu ácido no final. — Você não sabe muita coisa a meu respeito.

Ele deu um suspiro frustrado. Antes que comentasse algo, a senhora Benita foi até nós.

— Não devia ter enfrentado aqueles homens de modo algum, menina — repreendeu-me após os policiais irem embora.

Sempre me chamou assim, desde que comecei a trabalhar com ela na lanchonete.

— Gente, entendo que estejam com medo. Peço que confiem em mim, tudo bem? — solicitei, segurando as mãos dela. — Resolverei as coisas sem correrem risco algum.

— Como pretende fazer isso? — retrucou Jerry, nada feliz. — Vai pedir ajuda aos MCs ou à máfia? Acha que eles nos auxiliariam?

Fechei a cara.

— Deixe comigo, ok? Agora vamos trabalhar, os clientes estão chegando, e não vamos fechar por causa de alguns idiotas…

— Não são idiotas, maldição! São gente da pesada, Jamile.

— Jerry, conversaremos depois — me esquivei.

Ele não queria deixar isso passar, mas após um segundo, resmungou e foi atender as mesas de uns adolescentes que tinham entrado.

Enquanto trabalhava, bolei um plano para não deixar dona Benita e Jerry perderem seu restaurante. *Isso não acontecerá, ou não me chamo Irina Dragon*.



Capítulo 9

Irina

Não acreditava que ele teve a cara de pau de trazê-la onde trabalho, como se fosse para esfregar na minha cara que eu não tinha nenhuma chance. Maldito Matteo!

Eu amava Evelyn, ela era minha amiga, tal qual Sara, mas sentia ciúme de vê-la com ele, mesmo sabendo que Evy era apaixonada por Shadow.

Merda!

Queria ir lá e socar a cara do infeliz. Contudo, não estava em minha casa, e sim em um ambiente de trabalho. Enfim, por que cobraria ou iria acusá-lo de levá-la ali, sendo que não tínhamos nada um com o outro? Foi só uma foda. Jamais me humilharia por causa de um homem que não sentia nada por mim.

Lembrar daquela noite me fez pensar em como fui estúpida. Claro que eu sabia que não íamos sair de lá direto para o altar, embora também não cogitasse que acabaria do jeito que acabou.

Porra!

Coloquei a mão direita no meu peito, para ver se assim aliviava as

pontadas de dor, pontadas essas que me deixavam sem ar, como se com um problema cardíaco. Porém, era só um coração partido, estraçalhado, que batia exclusivamente por Matteo.

Expirei várias vezes, não deixaria isso me consumir. Torci para Jerry ir atender aquela mesa, mas ele não estava à vista, e eu não podia ser mal-educada com um cliente, mesmo que fosse o chefe da máfia, o cara que me despedaçou. Decerto ele nem sabia disso, não sabia o que eu sentia.

O *capo* e a Evelyn conversavam. Algo que ela disse o fez colocar as mãos em seu queixo, além de trocarem um olhar. Se eu não conhecesse Evy e Dominic, poderia pensar que a cena era íntima demais.

Concentre-se, Irina, repeti o maldito mantra para não ferir mais o meu coração.

— Eu amo você — ouvi-o dizer a ela, carinhoso, diferente de tudo que já escutei sair dele.

Foi como ser atropelada por um trem em alta velocidade, me deixando sem ar nos pulmões. Tudo dentro de mim gritava em protesto, devido à dor que essas palavras causaram.

Vamos, Irina, reaja, não fique aí parada, falei para mim mesma.

Forcei meus pés a irem até a mesa deles e busquei todo o meu autocontrole para não chorar e demonstrar fraqueza diante de Matteo. O que sentia devia ser mantido em segredo, ninguém poderia saber que o amava.

Assim como ele fez com Evelyn, apesar dela logo ter descoberto — só um cego não enxergaria.

— Que cena linda! — Sorri ao me aproximar. — Não deixe Shadow ver ou ele fritará suas bolas, *capo*.

Quando ouviu minha voz, sua mão saiu do rosto dela, como se tomado por uma descarga elétrica. Talvez eu apenas estivesse vendo coisas.

Seus olhos se estreitaram para mim. Matteo sempre foi difícil de ler, agora não seria diferente. Não tinha como saber o que estava pensando e também não me importei; nem queria descobrir.

— Irina…

Cortei-o.

— *Jamile* — corrigi com escárnio, depois sorri para Evelyn, que estava revirando os olhos, alheia a tudo. — É bom vê-la, querida.

— Dom sabe que minha alma, meu corpo e meu coração são dele. — Ela sorriu para Matteo, que não pareceu notar, porque sua atenção estava em mim.

— Não se lembra de nada do que aconteceu em sua casa na noite depois da boate? — Tinha algo no seu tom que me pareceu frustração.

Franzi o cenho.

— Espero que vá me dizer o que houve, como um cavalheiro.

Antes que ele respondesse, meu telefone tocou, e o peguei em meu *top*.

Vestia um *top* preto e uma saia jeans curta, deixando minha pele à mostra. Tinha um corpo curvilíneo e não era fácil mantê-lo, ainda mais com as comidas americanas; corria todos os dias pela manhã para queimar calorias.

— Lugar interessante para guardar um celular — comentou Matteo. Ignorei, não desejava falar com ele ou desmontaria minha expressão neutra, que era difícil de sustentar. Arriscava mandá-lo ir se foder.

Uma coisa não passou despercebida: ele não respondeu sobre me dizer o que houve.

— Espero que seja importante, Jules! — falei baixo em russo ao atender o telefone. Os dois ali sabiam quem eu era, então não liguei em usar outro idioma, a despeito de não ter certeza se eles entendiam. Evelyn eu acreditava que não, já Matteo, não fazia ideia.

— *Baby*, tenho notícias daquele cara que me pediu, estou indo agora para a praça no centro e nos encontramos lá — respondeu na mesma língua.

— Certo, já vou. — Desliguei, guardando meu celular de novo.

— Aconteceu alguma coisa? — sondou Evelyn. — Você falou nessa língua que não entendo.

Fitei-a e sorri. Vi pelo canto do olho que Matteo entendeu, então ele devia saber russo, o que não me surpreendia, afinal, era um mafioso, com gente trabalhando para ele em vários países.

— Está sim, era só um amigo meu.

Chamei Jerry para atender a mesa. Ele foi aonde eu estava, com o cenho franzido para mim, e depois sorriu para Evelyn.

— Oi, Evy.

— Olá, Jerry. — Ela retribuiu o gesto.

— Jerry, cuide dos dois, preciso dar uma saída — pedi. — Diga à dona Benita que não volto hoje, tenho um compromisso à noite.

Demonstrou preocupação.

— Jamile…

Abracei-o para sussurrar em seu ouvido:

— Não conte nada do que aconteceu a ninguém, ok? Conheço alguém que vai nos ajudar. — Afastei-me.

Estava preocupado, não se esforçou para esconder.

— Algum problema? — sondou Matteo, avaliando nós dois. — Iri…

Fuzilei-o.

— Nada que seja da sua maldita conta — rosnei e me distanciei antes que replicasse ou alguém fizesse mais perguntas que eu não podia responder.

Tentei me controlar enquanto ia para o carro, não querendo pensar em Matteo. Até cogitei buscar sua ajuda, mas depois do que ouvi, não desejava envolvê-lo em nada. Aliás, não pretendia ficar perto dele para não matar alguém sem querer.

Depois que aqueles caras de Sírios saíram do restaurante, entrei em

contato com um amigo russo que morava em Chicago, um *hacker* excelente. Só meu irmão Alexei ganhava dele, contudo, não podia recorrer à sua ajuda, ou ele e Nikolai me levariam para longe antes do prazo.

Julian, apelidado de Jules, me auxiliaria a encontrar provas de que aquele cretino do Sírios era um assassino canalha e andava ameaçando pessoas inocentes para venderem suas propriedades, incluindo dona Benita.

Vi Matteo deixando a lanchonete furioso, a julgar pelos seus punhos destacados e sua expressão rígida. Não liguei e pisei fundo no acelerador, querendo sair logo daqui.

Cheguei onde Jules estacionara, um parque vazio devido à hora, quase sete e meia. Julian era um *bad boy*, alto, lindo, com barba por fazer e olhos claros, mas jamais me tocaria, pois valorizava suas bolas — palavras dele. Tinha medo de que meus irmãos acabassem com a sua raça.

Escorava-se em seu Porsche, parecendo um modelo.

— Quando vai parar de me olhar e ficar babando? — Deu um sorriso de molhar calcinha; a minha já umedecera várias vezes.

— Talvez até você mudar de ideia e ficarmos juntos? — brinquei, abraçando-o. — É bom revê-lo.

Jules riu e se afastou.

— Menina, se eu tocá-la, serei um homem morto. Aquele seu namoradinho só não foi ainda porque nenhum dos Dragons tem

conhecimento dele.

Revirei os olhos.

— Jerry é meu amigo, assim como você — respondi, embora não tenha ficado com Jules. Decidi mudar de assunto, porque nenhum homem importava, exceto o que acabara de se declarar a outra mulher. — O que descobriu?

Ele suspirou.

— Vamos para o meu carro, não é seguro ficar aqui, ainda mais se tiver alguém a seguindo. — Adentrou seu automóvel preto e reluzente.

Sentei-me ao seu lado e peguei a pasta que me deu, onde, com certeza, estavam escritas as falcatruas daqueles bandidos. Abri e me deparei com um careca que parecia ter seus cinquenta anos. Reconheci-o como sendo Sírios — eu o vi uma vez na boate dos meus irmãos. Outro cara, ao seu lado direito, assemelhava-se a um japonês ou coisa do tipo. Coreano, quem sabe? Minha intuição me dizia que era tão ruim quanto o seu colega.

— Esse é Hung Shi, um japonês da pesada que mora aqui nos Estados Unidos, dono de várias imobiliárias — disse Jules. — Pelo que soube, ele consegue o que quer, inclusive tem vários locais no Pier, os quais não adquiriu de um jeito lícito.

— Há provas que possamos usar para prendê-los? — Se não houvesse, não poderíamos denunciar esses vermes.

— Isso que é estranho, as pessoas que venderam suas propriedades não prestaram nenhuma queixa ou coisa do tipo… — murmurou. — Acho que não arriscariam suas vidas.

— Devem ter sido ameaçadas. — Criada na máfia, entendia que eles podiam fazer isto. Meus irmãos, até onde eu sabia, nunca perturbaram inocentes. Claro que não eram santos; neste mundo, os únicos inofensivos eram os bebês e as crianças, até que se tornassem assassinos.

— Também acredito nisso. O duro é provar. Pelo que sei, Sírios tem um pessoal na polícia, por isso nunca foi preso. — Passava as fotos em minhas mãos. — Estou vendo com um amigo meu se conseguimos entrar mais a fundo e localizar provas contra esse cara. Mas, Irina, isso pode ficar feio. Não acha melhor chamar seus irmãos? Eles resolveriam tudo.

Jules e eu nos conhecemos há alguns anos, na Rússia, então ele se mudou para cá. Depois de algum tempo, nos encontramos de novo, na saída da faculdade. Éramos próximos desde então.

Respirei fundo, passando a mão nos meus cabelos, presos em um rabo de cavalo.

— Não posso envolver meus irmãos. Se Nikolai ou Alexei desconfiarem do que está acontecendo, me levarão embora. — Olhei para ele. — Vamos fazer tudo sem dar sinal ou sermos descobertos, tudo bem?

Assentiu.

— Certo, não é como se eu fosse sair por aí na rua pesquisando sobre esse cara. Meu serviço é mais no computador, em câmeras e no resto — murmurou, ligando o Porsche, que estava a alguns metros do meu automóvel. Olhou para o retrovisor. — Não entre em pânico, mas tem um carro indo em direção ao seu.

Arregalei os olhos e me virei. Um veículo escuro se aproximava. Dele, saíram três homens. Usavam casacos e estavam armados.

— Maldição! Se eu ligar o carro eles vão ouvir, e se não ligar os bastardos nos pegarão — rosnou Jules, exasperado.

Merda, não deixaria meu amigo correr perigo por minha causa. Era melhor arriscar partir e torcer para eles não nos perseguirem.

— Pise no acelerador rápido e siga para a Square — falei com urgência.

— A boate dos mafiosos italianos? — guinchou, obedecendo. Coloquei o cinto de segurança. — Por que não vai para a do seu irmão?

— Não quero que Alexei saiba. Se eu pisar no clube dele, descobrirá em segundos e me levará embora. Posso tentar pedir a ajuda de Luca ou Matteo. — Não queria, mas se fosse para manter meus amigos protegidos de tudo, faria tal sacrifício.

Assim que ele pisou no acelerador para sairmos de trás de uma árvore, os caras olharam para nós e correram até o carro deles.

— Pegue o beco e dê a volta, não estamos longe do território de Matteo. Não acredito que sejam estúpidos para nos seguirem até lá.

Tive medo deles nos alcançarem ali e acabarem conosco. Preocupava-me mais com Jules, metido nisso por minha causa. Fui eu quem pediu sua ajuda para colocar Sírios e os outros na cadeia. Tentei manter a calma e não tremer ao sermos perseguidos por esses trogloditas.

O “sequestro” de Enzo não me assustara tanto: ele disse que tinha assuntos importantes a tratar comigo sobre meus irmãos, por isto o acompanhei, e não fui machucada, presa ou coisa assim.

Senti o carro indo para a frente após eles se chocarem contra nós.

— Puta merda! — sibilei, segurando no banco. — Nós vamos morrer.

Julian grunhiu, concordando comigo e acelerando ainda mais. Ouvi buzinas enquanto ele desviava dos veículos nas ruas para ultrapassar todos, tomando cuidado para não provocar nenhum acidente com a gente ou inocentes. Seria uma catástrofe.

Eu já fui perseguida antes, quando era criança. Inimigos do papai nos emboscaram e houve um tiroteio para todos os lados. Na época, fiquei com medo e chorei, mas mamãe disse que tudo acabaria bem. Acreditei nela. Logo fui tirada do carro e levada por Kriger, que era como um segundo pai para mim. Alguns quilômetros depois, o carro dos meus pais capotou e explodiu, por causa dos homens que atiravam neles.

“Irina, meu amor, vá com Kriger. Não grite ou faça barulho”, pediu mamãe com os olhos molhados. Não queria deixá-la, nem papai, mas não me deram escolha, apenas me entregaram ao Kriger.

Era para eu estar com eles. Mamãe pareceu prever que seria seu fim. Nunca mais os vi.

— Irina! — gritou Jules, me trazendo ao presente.

Concentrei-me no momento, expulsando os pensamentos que me atormentavam.

— Desculpe! Ser perseguida me traz lembranças… — comecei a falar, sendo interrompida quando minha cabeça bateu no vidro do lado do carro em uma curva. — Caralho!

— Você está bem? — sondou, preocupado comigo, sem diminuir a velocidade. — Esses homens estão pegando pesado com a gente. Ainda acho que seria melhor ir para a boate russa, e não para o território dos italianos.

— Só chegue nesse clube logo — pedi, me encolhendo com uma pontada dolorida na cabeça. — Não vou para a dos russos, já falei.

Julian andou mais alguns quarteirões e paramos em frente à boate. Esperamos no carro para ver se atirariam no território de Matteo. Seriam estúpidos a esse ponto? Queria que fossem, assim os caras dos Salvatores acabariam com eles.

Minha mente continuava nebulosa, em outro lugar, doze anos atrás,

quando um grande pedaço do meu coração foi arrancado. Retornei ao agora para não surtar.

Por fim, os perseguidores resolveram nos deixar em paz. Só podiam ser os homens de Sírios. Seria muita coincidência eu enfrentar dois caras dele, mandando-os para a cadeia, e logo depois ser perseguida por alguém diferente.

— Bosta, isso não pode acontecer, sou pago o suficiente para deixá-la no escuro, encoberta de todos os trabalhos sujos dos Dragons.

— Muito reconfortante saber que você ganha para me proteger — retruquei, brincando. Não estava com raiva: Jules me amava, e eu também gostava dele.

Sorriu e beijou minha testa.

— Adoro você, menina, por isto a ajudei. Mas se seus irmãos souberem, vão me matar. — Suspirou e olhou para onde os malditos estiveram minutos antes, e depois para os dois homens de Luca se aproximando.

— Saia já, aqui não é lugar para estacionar. — Um cara bateu na janela. Não ouvi sua voz, só li seus lábios. Minha cabeça ainda pulsava e meus ouvidos pareciam tampados; ignorei a dor.

— Irina…

— Está tudo bem, Jules — falei. — Deixe que eu converso com eles.

— Sei que ficou com Matteo após ser enganada e trazida para cá pelo filho da puta do Enzo, dei cobertura porque me pediu, mas se seus irmãos descobrirem… — repetiu. — Você me deve uma maldita vida.

— Dizem que gatos têm sete vidas — zombei.

— Engraçadinha. — Revirou os olhos.

Jules tinha a minha idade. Meu irmão o selecionou para me proteger como um escudo virtual, graças ao qual ninguém seria capaz de me encontrar. Também era muito bom em localizar pessoas. Alexei, igualmente, teve sua parte em eu estar escondida com sucesso há tanto tempo, mas como ficava mais na Rússia, não podia me manter sempre segura, então contratou Julian. O cara era um *nerd* bem talentoso.

— Não vai acontecer nada, eu prometo para você, ok? — jurei. Nem Matteo, nem Luca nos fariam mal. Pelo contrário: nos ajudariam com esse problema.

Ele assentiu e saímos do carro. Olhei para a boate, lembrando a última vez que fui ali.

Por fora, estava escura, ainda era cedo para as pessoas chegarem. Não reparei muito no ambiente ao redor, porque sentia dor de cabeça e precisava mantê-la no lugar.

Eu só esperava não ver o sádico do Enzo. Aquele homem me dava calafrios em todas as partes do meu corpo. Tremia ao pensar no seu olhar

naquela noite, tão desdenhoso.

— Preciso falar com Luca — avisei meio ofegante, como se eu tivesse corrido muito. A qualquer momento alguém poderia começar a soltar fogo em nossa direção.

O homem me olhou com cara de poucos amigos. Pelo jeito, não parecia saber quem eu era, e se sabia, não poderia ligar menos para isto.

— Você acha que tem o direito de chegar aqui e demandar algo? O chefe tem mais o que fazer do que vir receber uma puta — rosnou.

Eu estava prestes a mandá-lo longe quando ouvi uma voz que conhecia muito bem.

— Irina?



Capítulo 10

Irina

Ao escutar sua voz grossa e profunda, meu coração deu um solavanco, como se fosse sair do meu peito. Nem me virei: ignorei Matteo e a sensação da qual queria distância. Fuzilei com o olhar o bastardo à minha frente, que me ofendera.

— Olhe aqui, seu babaca, estou por um triz de chutar sua bunda. — Obviamente, não seria capaz, porque o segurança com certeza estava armado. Apenas fiquei sem paciência com toda essa merda: Matteo, ser perseguida e tudo o mais. — Tive uma droga de dia, meus amigos foram ameaçados por um velho idiota, corrupto e salafrário — sibilei com meus punhos cerrados, louca para socá-lo na cara. — Fui perseguida, esses caras poderiam atirar em nós aqui fora, e você ainda me chama de puta? Vá se foder, imbecil.

Gritava, contudo, o cara não prestava atenção em mim, e sim no homem às minhas costas. Conseguiria senti-lo mesmo se não tivesse ouvido sua voz um minuto atrás. Era como se eu estivesse perto de uma fornalha incapaz de queimar; ela só me aquecia, de uma forma que eu adorava e odiava ao mesmo tempo.

Não desejava sentir nada por Matteo, não sem ser correspondida. Não passara muito tempo desde que o deixei com Evelyn. Queria entender sua raiva de quando saiu do lugar, logo depois de mim. Bom, por que me importar? O que ouvi dele esmagou meu peito, e com a lembrança dos meus pais falecendo, tudo piorou.

A expressão de Matteo, direcionada ao homem, era sombria. Dialogou em italiano, acho que para nós não entendermos. Ele nem desconfiava que eu falava sua língua.

— O que está acontecendo aqui? Por que a chamou assim? — sibilou com os punhos cerrados e dentes trincados, controlando a raiva.

Não entendi por que ele ligava se alguém me xingasse. Talvez fosse pois Matteo era bom, na medida do possível; na máfia não havia ninguém puro. Graças aos céus, ele não era um monstro como seu pai.

— Pensei que ela fosse mais uma das garotas com quem o Luca ficou, sempre vêm algumas aqui querendo o contato dele — respondeu o cara.

— Depois acerto as coisas com você — declarou, passando a me fitar e voltando ao nosso idioma em comum: — Como assim foi perseguida? Quem está atrás de você? Responda. — Não era um pedido, e sim uma ordem.

Eu suspirei.

— Não sou um de seus homens para você me tratar como quiser — repliquei em russo, pois sabia que ele entendia. — Não quero sua ajuda, eu

vim falar com Luca, não com você — soltei, enraivecida por sua grosseria.

Seus olhos preciosos escureceram.

— Luca não fará nada se eu não permitir. Eu sou o chefe desta porra, não ele — esbravejou. — Agora me diga em que droga você se meteu para estar em apuros.

Não queria discutir com Matteo no meio da rua; se não deixasse Luca me ajudar, procuraria Shadow. E se ele também não quisesse, iria atrás de meus irmãos. Não permitiria que Benita perdesse seu lugar.

— Então não vou querer sua ajuda, darei meu jeito, não preciso de nada de você. Vamos embora, Jules. — Peguei o braço de Julian, que estava calado do meu lado. Sentia-o tenso, avaliando cada um ali.

Quem Matteo pensava que era para mandar em mim? Somente eu controlava a minha vida. Bom, meus irmãos até o faziam, mas eles não estavam comigo. Fiquei livre por todos esses anos nos Estados Unidos. Sim, iria embora em pouco tempo, porém, até lá, ninguém me daria ordens. Se eu quisesse isso, voltaria para a Rússia, procuraria Nikolai e Alexei. Eles me ajudariam, contudo, nunca mais veria o solo americano de novo, apenas em sua companhia.

Matteo pegou meu braço e me puxou para si. Bati em sua parede de músculos, arfando e sentindo uma pontada em meu crânio machucado. Não liguei, porque, de repente, cada célula do meu corpo vibrava. *Corpo idiota,*

por que me trai?

Ele chegou mais perto, seus lábios encostaram em meu ouvido, me fazendo estremecer tanto pelo toque como pelo seu hálito quente banhando minha pele. Evitei a todo custo gemer com o contato.

— Deixe eu lhe dizer uma coisa, Irina: não brinque comigo, você não vai gostar das consequências — avisou com a voz sedutora, embora furiosa. — Por mais que esteja com raiva de mim, sua segurança vem em primeiro lugar.

Empurrei seus ombros para que me soltasse; ele não fez nenhum movimento para se afastar. Não queria continuar tão próxima do *capo*, não quando o desejava como um drogado querendo seu veneno preferido. Ele era o meu. Provei uma vez e fiquei viciada.

— Largue-me!

— Vamos conversar. — Não parecia um pedido.

— Solte ela agora — mandou Jules.

Armas foram levantadas de todos os lados pelos homens do *capo*, apontadas para Jules, que, por sua vez, tinha a sua na direção de Matteo.

Gelei, temendo que os dois viessem a se machucar. Se Jules atirasse em Matteo, seria morto pelos guardas dele. Nenhum sairia com vida dessa bagunça, e a culpada seria eu.

— Você está armado, Jules? — Arfei quando Matteo me colocou atrás

dele, para me cobrir com o seu corpo.

— Claro que sim, você anda pesquisando homens perigosos que podiam segui-la ou nos encurralar! — Deu de ombros. — O que acabou acontecendo.

Conhecia seu lado *nerd*, no entanto, nunca o vi com a expressão dura e mortal presente em seu rosto naquele momento. Bem, se trabalhava para meus irmãos, devia saber se cuidar quando a situação exigia.

Eu estava com o coração na mão, pensando na catástrofe que aconteceria caso alguém começasse a atirar.

— Jules, abaixe a arma, vamos entrar e conversar com ele — pedi, indo em sua direção. Matteo me segurou perto de si, sem nunca tirar os olhos do meu amigo. *Merda! Isso não vai ser bom*, pensei, aflita.

— Mandei você soltá-la — silvou para Matteo. Em seguida, dirigiu-se a mim: — Falei para não virmos para cá, e sim à boate dos seus irmãos.

Jules deu um passo até nós, o que levou todos os homens ali a prepararem seus revólveres, prontos para atirar. Não demoraria muito para isso acontecer.

— Não somos inimigos e estamos do lado de fora da boate com armas para todos os lados. Caralho! Quem nos seguia pode voltar e acabar com a gente a qualquer instante. — Não queria entrar em pânico, mas estava difícil. Peguei o braço de Matteo e supliquei: — Por favor.

— Vamos baixar as armas e entrar — ordenou aos seus homens. — E você? — Olhou para Jules. — Dê a sua ao Samuel. Quando for embora, devolveremos.

Jules riu, tenso.

— Não ficarei vulnerável em uma casa cheia de mafiosos capazes de nos matar. — Sua voz era firme. — Irina, vamos procurar Hunter, ele pode nos ajudar.

Droga, necessitava de controle ali. Hunter era legal, um ex-agente do FBI que trabalhava para meus irmãos; não sei o que o levou a se distanciar da lei.

— Matteo, me solte e me deixe ir até ele — solicitei, querendo impedir a luta.

— Não. — Seu tom não deixava espaço para discussão. — Ou seu amigo abaixa a arma, ou eu a tiro da mão dele.

— Teremos um problema aqui, porque não vou abaixar nada enquanto não se afastar dela. — Segurava firme seu calibre trinta e oito.

Fiquei furiosa por Matteo usar esse tom de *capo* e dar ordens para dizer que acabaria com meu amigo. Se eu não me metesse, logo veria os dois lutando, e Matteo com certeza venceria; não queria que Jules se ferisse.

— Que porra! Jules é meu amigo. Se algum de seus homens o machucar, eu vou acabar com você. — Bufei, irada. — Ele não vai me fazer

mal, ao contrário, está tentando me proteger de vocês…

— De você, *capo*, especificamente, com sua mão no braço dela. — Julian mirou Matteo. — Não dou a mínima para quem seja, não ficarei longe de Irina, muito menos desarmado.

Matteo estreitou os olhos para mim e depois para o meu amigo. Deu um suspiro exasperado e furioso. Não sei o que viu na expressão de Jules, porém, baixou a guarda — apenas não o suficiente para me deixar livre.

— Você tem sorte, poderia matá-lo agora por me enfrentar. Só não o faço por Irina — falou, sem soltar o meu braço, levando-me para dentro da boate. — Vamos entrar. Preciso saber o que está acontecendo.

Queria tirar sua mão de mim e gritar, frustrada por suas ameaças. Evitei, pois deixaria Jules mais sombrio ainda. Não desejava trazer mais problemas. Se meu amigo notasse que eu não gostava de estar perto de Matteo, lutaria e acabaria ferido.

— Vamos resolver a situação para irmos embora, Jules. Pode abaixar a arma, ninguém vai atirar em ninguém — pedi em russo, complementando diante de sua hesitação: — Por favor, só quero terminar isso.

Ele suspirou, mas guardou sua arma, o que me deu um grande alívio.

— Ele ainda está segurando seu braço. Se esse *capo* tentar algo, vou atirar, não estou brincando. Não posso deixar que eles a machuquem. Não é só porque seus irmãos me matariam; eu a adoro.

Ri, ignorando quem escutava a conversa em nosso idioma.

— Matteo não me machucará. Ele me salvou do velho do tio dele, o qual espero não encontrar aqui — falei. — Não estou a fim de vê-lo, ou eu mesma posso acabar atirando na cara dele.

Gargalhou e segurou minha mão logo que Matteo soltou meu braço para subirmos a escada. O salão estava vazio, exceto pelos homens dos Salvatores. Não vi Luca em lugar nenhum; talvez estivesse em outra parte da boate.

— Não pode fazer isso, seus irmãos ficariam furiosos. Cada máfia tem suas regras. Pelo que soube, o capo tem de vingar a morte de sua família querendo ou não, isto é, se você matasse o tio dele, ele teria…

— …que me matar — terminei a frase com a voz engasgada. — Puta merda!

— Isso resume tudo. — Apertou minha mão num gesto silencioso. — Assim que sairmos daqui, pode ficar na minha casa, prometo me comportar.

— E se eu não quiser que se comporte? — brinquei, sorrindo de lado para ele.

— Quem sabe? — Ampliou mais o sorriso quando Matteo se virou de uma vez, quase fazendo com que nós dois topássemos consigo, fuzilando-o com o olhar sombrio.

— Isso não acontecerá — grunhiu, mortal, em inglês, abrindo uma

porta grande de madeira. Passamos por ela e nos levaram para outra sala, que tinha só uma mesa e três cadeiras.

— O que faço da minha vida é problema meu, não seu. Você… — Já ia dizer para que ele fosse se danar, mas ver aquela sala parecida com as de interrogatórios que acompanhei na TV me deixou furiosa.

— Irina… — começou Jules.

Cerrei os punhos e dei um passo na direção de Matteo. Julian me puxou de volta. O *capo* estava à minha frente, ainda calado. Seu rosto era como pedra.

— Só pode ser brincadeira, não é? — Tentei me controlar para não socar sua cara. — O quê? Nos trouxe para nos interrogar nesta sala? Talvez pegar suas facas e arrancar nossas unhas como um bando de mafiosos desgraçados?!

Respirou fundo algumas vezes, mantendo a calma o quanto pôde.

— Você devia ficar quieta e sentar lá naquela cadeira. Agora. — Usava seu tom de *capo,* similar ao de Nikolai ao dar ordens aos seus homens. — Assim evitaremos passar a noite toda aqui.

Desconsiderei a forma com que falou comigo, como se eu fosse um de seus capangas, e não a garota que um dia fodeu. Talvez Matteo pensasse em mim como uma qualquer. Bem, “talvez” não, com certeza; ele mesmo disse isso quando ficamos juntos.

O que mais me doía era imaginar que ele jamais tratou Evelyn de modo desdenhoso. Eu não devia ter ciúmes, ela tinha um namorado que era um monumento de homem, mas, no fundo, não aguentava, mesmo com Matteo não me pertencendo.

Sentei no banco, dura como uma tábua. Poderia retalhá-lo e mandá-lo pastar, entretanto, estava sem energia. Esgotada, na verdade, depois das paredes da memória serem derrubadas.

Só queria terminar logo isso, me afundar em minha cama e chorar por um longo tempo. Meu peito doía, quase me deixando sem ar. Não pretendia desmoronar na frente dele, então me segurei.

Jules se sentou do meu lado. Notei sua sobrancelha erguida, estranhando eu ceder tão facilmente à ordem de Matteo. Minha cabeça latejava, parecia que explodiria em razão da pancada que recebi no carro.

— Vá depressa com essa merda, tenho mais coisas para fazer do que ver sua cara. — A frase saiu seca, fria como uma maldita geleira, se não pior. Não liguei para sua expressão sombria e seus olhos estreitos devido ao meu tom.

Nunca pensei em me apaixonar assim. Claro que sabia que ia me casar, mas pensava que seria sem amor, pois ficaria mais fácil suportar quando meu futuro marido me traísse, o que, sem dúvida, aconteceria. Como me casar com um homem se amava outro? Como seria feliz algum dia?

A vida era realmente uma merda! Por que tudo dava errado comigo? Podia ter me apaixonado por Julian, já que ele trabalhava para a máfia do meu irmão. Nem me importaria com o fato de ser um tremendo de um mulherengo.

Matteo ignorou meu tom e fez sua pergunta:

— O que eu quero saber é: há homens atrás de você? São inimigos de seus irmãos? Se forem, precisa avisá-los para que mandem alguém para protegê-la ou levá-la à Rússia.

Cheguei a cogitar que ele se importava e não queria que eu fosse embora; decerto era só mais uma ilusão, igual à de quando ele jogou fora o pôster do Ian e dos outros caras que eu tinha na parede do meu quarto. Fiquei lhe esperando durante semanas, e nada de aparecer. *Às vezes, desejamos tanto as coisas, mas, no final, não são reais*, amarguei.

Porém, por um breve segundo, eu o vi se encolher ao sugerir que eu partisse. Tudo enganação: Matteo não ligava para mim, não romanticamente. Apenas Evelyn lhe interessava.



Capítulo 11

Irina

— Cadê o Luca? — perguntei. Se ele estivesse ali, eu não precisaria falar com Matteo.

— Isso não é com ele. Conte logo no que se meteu.

Devia retrucar, mas não queria prolongar as coisas, precisava ficar um pouco sozinha, de preferência, longe dele, pelo menos até minha dor passar.

— Conhece Sírios, o dono de várias imobiliárias aqui em Chicago?

Aquiesceu. Sua expressão se tornou até mais mortal, se é que era possível.

— Por que diabos Sírios está tentando matar você? — disse alto, afiado como uma faca.

Narrei tudo a ele sobre os dois homens na lanchonete e sua prisão. Duvidava de que tivessem de fato ficado presos, com Sírios envolvido.

— Por isso aquele garoto estava preocupado com você. — Não era uma pergunta.

— Sim, o namoradinho dela — respondeu Jules, empurrando meu braço com seu ombro.

— Ele não é meu namorado, somos amigos — retruquei.

— Tiveram um lance, e ele ficou todo apaixonado.

Mirei-o, mortificada.

— Não é verdade. Certo, Jerry pode gostar de mim, mas não tem nada a ver com nós termos ficado juntos.

— Querida, você tem esse efeito nos homens, os domina sem ao menos transar com eles. — Piscou com um sorriso provocativo. — Por que acha que não nos envolvemos? No dia em que a tocasse, me tornaria um cara domado.

Gargalhei, não ligando se não era hora para isto. Merda! Estávamos tratando de um assunto sério, e ele ali, falando de garotos que se interessaram por mim.

— Podemos resolver isso hoje, se você mudar de ideia… — Fui cortada após um punho bater na mesa, nos fazendo pular.

Estreitei meus olhos para um Matteo furioso à minha frente.

— Você não ficará com ele — rosnou com os dentes trincados.

Poderia mandá-lo ir se danar, contudo, não lhe daria esse gostinho.

— Vamos ao que interessa, tenho um encontro ao sair daqui. — Claro que não me relacionaria com Jules. Disse aquilo para Matteo ver que não tinha controle sobre mim. Porra! O italiano se declarou mais cedo para a minha melhor amiga.

Achei que ele fosse discutir; Matteo ficou calado, com certeza por não

se importar. Só estava bravo por termos fugido do assunto que me obrigava a sentar ao seu lado. Em um momento, ele ligava para mim, e no outro se tornava distante.

— Eu sabia que tinha algo ali na hora em que abraçou aquele garoto.

— *Jerry* — corrigi.

Ele me ignorou.

— Mesmo ciente dos perigos, você saiu e foi se encontrar com esse…

— …Julian — completou o meu amigo. — Ela me ligou para conseguir informações sobre Sírios; descobri muitas, estão no meu carro. E também a respeito de Hung Shi. Apenas não o suficiente para eles ficarem um bom tempo na cadeia.

— Por que você se meteu nisso? — Matteo olhou para mim de lado. — Resolveu caçar uma briga só pelo restaurante da mãe do garoto?

Dei de ombros, não querendo falar tudo sobre mim. Não desejava estar ali, perto dele.

— Não posso deixar que dona Benita perca seu patrimônio porque um canalha quer construir hotéis ou seja lá o que for. — Estava decidida, não mudaria minha opinião.

Matteo riu com uma mistura de pesar, pavor e outras emoções, como raiva, talvez direcionada a Sírios. Ainda bem.

— Você não sabe que tipo de homem Sírios é…

Suspirei.

— Oh, eu sei, é um homem capaz de me matar. Não ligo, só não o deixarei ganhar de forma alguma — falei, nada amedrontada por seu tom ácido.

— Ele pode ir atrás de você, como aconteceu hoje. Sabe disso, não é? — Não consegui apontar se estava sombrio por minha teimosia ou por esse cara querer acabar comigo.

— Não aceitarei que dona Benita perca sua propriedade.

— Você não pode lutar sozinha contra isso — respondeu. — Eu vou ajudá-la.

— Não quero sua ajuda — afirmei com veemência.

Ele arqueou as sobrancelhas negras e perfeitas diante da minha tenacidade.

— Não? Então por que veio direto para a minha boate?

— Eu vim à procura de Luca, não de você. Prefiro buscar auxílio de Shadow ou dos meus irmãos.

— Por que não quer minha ajuda especificamente? — perguntou, prosseguindo antes que eu respondesse: — Luca não lhe socorrerá, tampouco Shadow.

— Ainda restam seus irmãos, Irina — lembrou Jules.

— Vai mesmo trazê-los da Rússia para solucionar um problema que eu

poderia resolver? — interveio Matteo, me olhando de esguelha.

Ele tinha razão, eu não podia envolver meus irmãos, por mais úteis que Nikolai e Alexei fossem em tal situação. Os dois estavam com problemas na Rússia, acho que com outro chefe da máfia, não sabia bem, não me deixavam a par dessa parte.

Precisava ajudar dona Benita a não perder seu sustento e proteger meus amigos, não os queria no meio de fogo cruzado. Talvez esses caras resolvessem trazê-los para isso. Faria esse sacrifício por eles.

— Tudo bem, vou aceitar — soltei essas palavras como se tivesse sal na minha língua. Quase as trouxe de volta, mas fui firme.

Ele sorriu, maroto, me molhando toda. Tive de me segurar para não me remexer no banco.

Meu instinto dizia que eu não devia fazer um acordo com o diabo, todavia, no fundo, ele tinha algo doce, embora outras vezes fosse frio — uma mistura nada boa, devo mencionar. Esperava não me machucar ao final. *Tarde demais,* lamentei em pensamento.

— Eu acho… — comecei, quase dizendo que me arrependi; ele me interrompeu.

— Tudo bem. Samuel, leve o garoto para sua casa, eu tomo conta de Irina — ordenou a um homem vestido em um terno preto, o que combinava com ele. Soturno, de corpo forte e olhos escuros, lembrava o vácuo que

absorve tudo e não devolve nada.

Samuel assentiu.

— Sim, senhor.

— Não deixarei Irina com você. — Jules se pôs de pé num salto.

— É claro que vai. — Seu tom não admitia espaço para discussão. — Não pretendo ficar aqui debatendo. Preciso falar com Irina.

— Não confio em você com ela. — Jules chegou mais próximo de mim.

Matteo riu.

— Eu já a protegi antes, acho que posso fazer de novo. — Havia uma promessa ali.

Queria dizer que não ficaria com ele, não obstante, estava cansada demais e sem energia para argumentar. Almejava que o dia acabasse para eu me afundar em minha cama. Pela manhã, estaria renovada e, as portas das lembranças, fechadas de novo. Assim eu esperava.

— Está tudo bem, Julian, pode ir, depois lhe ligo ou vou à sua casa…

Matteo me cortou:

— Isso não vai acontecer — rosnou à meia-voz. — Você não vai para a casa dele.

Ignorei Matteo e cheguei mais perto de Jules. Ele me puxou para seus braços, beijando minha testa. Sempre o fazia, mas agora sua boca estava indo

para os meus lábios, como se fosse me tomar de verdade. Não entendi o porquê, se teve tanto tempo e nunca chegou em mim.

— Porra! Quer morrer? — sibilou Matteo, agarrando meu braço e me levando para longe. — Acho melhor você ir, antes que eu perca a paciência.

Jules fechou a cara. Sua atenção estava em mim.

— Ligue quando chegar ao seu apartamento. Se precisar de mim, estarei lá na mesma hora.

— Ela não necessitará de nada. Agora vá, ou farei algo estúpido — grunhiu Matteo.

Meu coração tremeu. Se ele fizesse uma besteira, eu morreria, pois não aguentaria que ninguém machucasse meu amigo. Convenci Jules a ir, garantindo que ligaria mais tarde.

— Então, o que mais você quer saber? — perguntei ao ficarmos sozinhos.

Ele suspirou.

— Por que está com raiva de mim? — sondou, realmente curioso e um tanto triste.

— Não vim aqui para isso — eu me esquivei. — Se terminou, me leve para casa ou eu chamarei um táxi. Meu carro ficou no parque, saímos às pressas de lá.

— Droga, Irina! Só quero saber por que me odeia tanto. Foi por aquilo

que eu disse quando transamos? Não era minha intenção. Nunca foi só uma foda entre a gente, e você sabe bem. — Pela primeira vez, seu tom não estava carregado, e sim melancólico.

Odiá-lo? Matteo estava louco? Era apaixonada por ele, perdidamente. Não foi só o que ele disse que me deixou grilada, mas o que declarou à Evy e o ciúme dela com Shadow. Não devia fazer diferença, porque ele não sentia o mesmo que eu, e ninguém decide quem amar. Precisava me manter longe, até a dor e as feridas sumirem.

— Não odeio você, Matteo — assegurei.

— Era eu quem devia estar brabo, já que bebeu demais e acabou esquecendo o que houve naquela noite no seu apartamento.

— O que aconteceu? E que promessa foi aquela que você quebrou? — Tentava lê-lo; era impossível.

Ele não respondeu, mesmo após vários segundos pensando. Em quê? Não fazia ideia, o cara era realmente complicado.

— Eu acho melhor ir para casa. — Tentei passar por ele, e Matteo segurou meu braço. Meu corpo ficou colado ao seu, tão perto que senti seu calor contra a minha pele. Lembrei-me dos sonhos que tive com ele nessas últimas semanas.

— Sei que às vezes sou grosso, e até frio, mas é melhor assim — falou com uma pontada de tristeza que apertou meu peito.

— Não entendo — sussurrei. — Enfim, vamos esquecer aquela noite.

— É impossível, jamais esquecerei a melhor noite da minha vida — declarou. — Abri minha alma em seu apartamento, expressei como me sentia em relação a nós, e você nem recorda.

Não entendia por que, então, ele reagiu como se não tivesse gostado do que tivemos e decidiu se abrir quando eu estava bêbeda. Matteo amava Evelyn, mas talvez gostasse um pouco de mim, esta era a minha esperança. Era uma droga não me lembrar do que houve por ter bebido demais.

— Foi mesmo a melhor noite da sua vida? — sondei, fragilizada. — Você devia ter esperado eu ficar sóbria.

Estava mal, pois tudo aconteceu ao mesmo tempo: ele declarando o que sentia por Evy, a minha perseguição e as memórias ressurgindo.

— Sim… E, de fato, poderia ter esperado, mas não consegui ver você sofrendo, precisava dizer a verdade. — Tocou a ponta do meu nariz e me puxou para fora da sala, para sairmos da boate, que já estava lotada, com as pessoas festejando, bebendo e dançando. — Vamos, Irina, a levarei para casa, amanhã conversaremos.

— Posso ficar na festa? Vá fazer o que precisa, eu espero até retornar. — Não queria mesmo ir embora, e sim beber um pouco, de modo a tentar esquecer tudo o que revivi sendo perseguida. Ao menos agora, sabendo que Matteo gostou do que tivemos, me sentia aliviada e queria permanecer ao

lado dele.

Sua resposta foi automática:

— Não.

Suspirei com raiva.

— Então me deixe no Jules…

Cortou-me e me imprensou contra a parede:

— Irina, não me provoque, já aturei hoje mais do que pensei ser possível, minha paciência está no limite. Se for para a casa daquele garoto, acabarei o matando. — Seu hálito maravilhoso banhou meu rosto.

Eu estava a ponto de responder que ele era um homem confuso, pois num momento se importava comigo, e no outro se distanciava. Decerto tinha dupla personalidade.

— Preciso falar com você, *capo* — disse Luca perto de nós dois.

Não vi Luca se aproximando; ou ele era silencioso, ou meus sentidos estavam inebriados por Matteo, com seu corpo perto do meu, me deixando quente e necessitada. A música alta no salão da boate também não ajudava.

Antes de se afastar, Matteo sussurrou em meu ouvido, *sexy*, tão cálido que quase me derreteu, encharcando minha calcinha e fazendo o líquido escorrer pelas minhas pernas:

— Não saia daqui, ainda não acabei com você. Estou louco para degustar essa boceta, aposto que está toda molhada para mim. Posso sentir a

forma como sua respiração fica fraca e ofegante. — Fez uma pausa. — Está incomodada com minhas palavras? Espere até eu cuidar de você.

Fiquei mole com sua fala. Era para eu ter forças e me afastar, no entanto, não conseguia. O sonho com Matteo voltava à minha mente; relembrava todas as noites que acordei com um baita tesão.

Aquiesci, muda, incapaz de achar minha voz. Ele saiu e foi com Luca para uma sala ali perto. Deveria ficar e esperar, mas precisava de ar fresco ou algo gelado. Optei pelo gelado, não arriscaria ir para fora da boate, não quando poderia haver alguém me aguardando.

Encaminhei-me ao bar. Não estava muito produzida para uma festa, felizmente, saia jeans e *top* eram roupas aceitáveis para uma balada.

— Preciso de uma bebida — pedi ao me sentar no banco.

O rapaz foi me atender com um sorriso bonito. Era moreno e com um bigode pequeno.

— Tem documento? — perguntou. — Você parece menor de idade.

Eu sorri, doce.

— Fiz dezenove alguns meses atrás.

— Só liberamos bebida para maiores de vinte um.

Fiz uma careta.

— Quem criou essa regra absurda? — rosnei com um suspiro exasperado.

— Não sei. — Sorriu. — Talvez o governo? Inclusive, aqui só entram maiores. Como passou pelo segurança?

Merda! Devia ter mentido minha idade; quando entrei, não tinha esse tanto de pessoas.

— Eu vim com… — Virei-me bem a tempo de ver Matteo caminhando em minha direção, com uma mulher alta e morena ao lado dele, segurando seu braço.

Foi como um soco no estômago. Ele pediu que eu esperasse só para ir ficar com outra? Filho da puta, eu que não continuaria assistindo a essa cena, já bastava vê-lo com Evelyn. Pelo menos, no caso da minha amiga, nunca haveria nada entre eles, porque ela amava Shadow.

Assim que nossos olhos se encontraram, corri em direção à saída. Pegaria um táxi e iria embora, não olharia mais para a sua cara ou pensaria nele.

Escutei-o gritar. Não quis parar, só desaparecer dali. Se ele não sabia o que eu sentia, naquele momento, descobrira.

Estava prestes a entrar em um táxi que parou para mim, quando Matteo pegou meu braço e me puxou para os seus. Eu o empurrei.

— Irina…

— Solte-me, estou indo embora. — Minha voz soava falha, devido às lágrimas que desciam por minha bochecha. — Por favor, Matteo, me deixe

ir…

Ele não respondeu e me encaminhou ao seu carro, dispensando o taxista.

Sentia-me tão esgotada que não falei nada. Se tentasse, minha voz falharia, com certeza, como agora há pouco. Ao entrar no automóvel, fechei meus olhos, não querendo pensar no meu dia, que foi uma merda. Parecia que a cada hora piorava mais.

Ser perseguida, recordar dos meus pais, sentir que teria Matteo e, logo a seguir, vê-lo com outra mulher… Acabou comigo, tanto física quanto mentalmente.

— Irina…

— Não quero ouvir nada, Matteo — falei com a cabeça apoiada no banco.

— Mália é da minha família, não outra coisa. — Suspirou. — Abra-se comigo, Irina. Sei que gosta de mim, você me disse quando estava bêbada. Desde quando me ama?

Eu me xinguei por dentro por ter revelado a ele. *Um lembrete: nunca mais beber*, acordei comigo mesma. Não queria falar do que sentia, não queria descobrir que não era recíproco. Não tinha energia para tanto. Mas meu coração se aliviou ao saber que ele não estava com outra mulher.

Resolvi contar sobre os meus pais, de modo a fugir de sua pergunta e

arrancar aquilo que estava preso em meu peito, me sufocando.

— Quando eu era pequena, estava no parque, brincando com um garoto. Não lembro o nome dele, era uma criança normal. Por “normal”, digo que ele não era da máfia.

Matteo não falou nada.

— Estava no escorregador e vi dois caras, não muito longe, nos vigiando. Devia ter dito aos meus pais, contudo, por alguma razão, fiquei quieta. Talvez, se eu os tivesse alertado, não teriam sido assassinados a caminho de casa, naquele mesmo dia. — Ri, amarga, fechando os olhos de novo. — Quanta ironia!

— Irina…

— À noite, voltando para casa, fomos emboscados. Eu estava com eles no carro, e os seguranças seguiam ao nosso entorno, em talvez dez automóveis ou mais, não sei bem. Foi tudo tão rápido que mal deu para assimilar.

“Irina, vá com Kriger”, relembrei as palavras tristes de mamãe.

— O carro havia parado no meio da estrada, os seguranças nos cercaram. Ouvia os tiros por todos os lados. Papai insistiu que mamãe fosse junto comigo; ela não quis deixá-lo. Dá para imaginar um amor assim? Ficar e aturar tudo, correndo o risco de os dois morrerem…

Meus pais se amavam, algo raro no meu mundo. Quando acontecia,

tínhamos de dar graças a Deus.

— Lembro-me de Kriger me puxar para fora e tapar minha boca para eu não gritar. Ficamos escondidos no mato enquanto os carros partiam com mamãe e papai. Depois, houve o acidente, fatal para os dois.

Matteo parou o veículo. Não sabia onde estava, e também não me importei.

— É minha cul…

Mãos abrasadoras traçaram meu rosto, me fazendo abrir os olhos. Encontrei suas duas pedras de ônix me encarando.

— Não é sua culpa, ouviu? — O hálito quente e maravilhoso banhou meu rosto. Aproximou-se de mim, os lábios em minha face, sem nunca tirar os olhos dos meus. Em um gesto carinhoso, beijou as lágrimas que escorriam e sussurrou algumas palavras em italiano, as quais reconheci como “linda”, “doce” e outras que realmente me deixaram um pouco melhor.

Não pensei: só queria esse homem agora, queria senti-lo de novo. Subi em seu colo, colocando os joelhos de cada lado. Beijei-o de forma intensa e faminta.

Passei os braços em volta de seu pescoço, me aconchegando mais. Nessa hora, nada se colocaria entre nós.

O *capo*, faminto, me deixava sem fôlego, desejosa, louca para tê-lo dentro de mim. Depois que o vi com Evelyn, descobri que não podia ficar

perto dele, não assim, como nesse momento, mas poderia me despedir. Se ele ao menos dissesse que sentia algo por mim, lutaria para ter seu coração. Chegou a mencionar algo comigo bêbada; se eu lembrasse, seria mais fácil não desistir e brigar para que me amasse. Precisava que ele repetisse as palavras, desta vez estando sóbria. Falar que gostou da nossa transa não era suficiente para eu ficar.

Ele abaixou meu *top*, expondo meus seios, os quais abocanhou, circulando com a língua o bico do meu peito, me fazendo gemer. Fui tirar sua camisa; sua mão segurou a minha, então me afastei, ou tentei.

— Tire — permitiu, rouco.

Devia estar preocupada por ficarmos na rua, mas os vidros eram escuros e já era tarde. E, bem, se a polícia batesse ali, eu mesma seria capaz de atirar neles.

Arranquei seu terno e sua camisa, deliciando-me com seu peito duro e malhado. Queria que estivesse claro para eu poder apreciá-lo ainda mais.

Ele deu puxão em minha calcinha, rasgando-a, e levantou um pouco minha saia. Não demorou muito para me preencher como nunca. Suas mãos se movimentavam em todos os lugares, a boca capturou a minha, e me derreti rebolando em cima dele.

— Isso, Irina, rebole no meu pau — rosnou, puxando meu cabelo, me fazendo gemer alto, não ligando para quem ouvisse.

Só queria sentir o prazer de ser tocada por aquele homem. Experienciar seu cheiro, seu calor. Tudo nele eu amava, tanto que doía.

— Matteo, eu estou…

— Goze para mim, querida — ordenou. Sua voz foi direto para o meu centro.

Explodi, clamando seu nome. Não desejava esquecer esse momento, porém, precisava seguir em frente, não podia ficar sonhando com ele como fiz desde o dia em que o conheci. Maldição!

— Você está bem? — indagou após alguns segundos. Respirávamos irregularmente.

Estava com a cabeça em seu pescoço, respirando seu cheiro rico e masculino, que eu amava, como tudo dele, inclusive a risada *sexy* e a voz rouca e, ao mesmo tempo, sombria. No entanto, precisava dizer adeus ou seria pior mais tarde. Não dava para ter sexo causal com o cara por quem me apaixonara.

Saí de cima de Matteo e me ajeitei no banco, abaixando minha saia e arrumando minha roupa.

— Estou sim — menti. Forcei minha voz a sair normal.

— Porra! Nós não usamos preservativo — amaldiçoou. — Isso nunca aconteceu antes.

Merda! Era só o que faltava. Não podia nem transar, muito menos

engravidar de um mafioso.

— Não se preocupe, eu tomo remédio, então não corro perigo — comentei com a voz mais calma possível, para tranquilizar a nós dois. Assim esperava. — Meus irmãos surtariam caso isso acontecesse. Eles já selaram meu destino.

— Destino? — Vestiu sua roupa; senti-o aliviado depois que eu disse usar anticoncepcional.

— Quando acabar meus estudos, vão arrumar um casamento para mim. Não acho que meu futuro noivo me aceitaria grávida de outro homem. — Suspirei, olhando ao redor. Era uma rua deserta, cheia de árvores. — Pode me levar para casa?

Tive esperança de que contestasse, mas ele não o fez. Aliás, Matteo não falava muito. Ambicionava que se abrisse comigo, dizendo o que realmente sentia. Poderia jurar que ele gostava de mim, só não sabia o quanto. Não ficaria com um cara em cima do muro. Pretendia deixá-lo antes que eu quebrasse de vez.

Assim que ele disse as próximas palavras, parte de mim se despedaçou.

— Sim, vamos embora. — Seu tom não tinha emoção alguma.

Eu me afundei no banco, evitando chorar. Não faria isso ali, esperaria até estar sozinha em meu quarto.



Capítulo 12

Matteo

Eu estava furioso com quem seguiu Irina até a boate. Fiquei com mais raiva quando soube de quem eram os homens. Sírios, o maldito bastardo.

Paguei uma imobiliária para conseguir terrenos para mim; sabia do que Sírios fazia e da sua falta de escrúpulos. Deixei claro que não queria que usasse seus truques sujos para garantir os contratos do bairro no porto.

O maldito mandou seguir Irina e seu amigo, e quase a tiraram da estrada. Ele já era, porque ninguém tocaria na garota e continuaria respirando.

Fui com ela até sua casa e a deixei lá após termos transado no carro. Senti-me um canalha por ficar com Irina tendo escutado a história do assassinato de seus pais. Deveria ter contado a verdade, o segredo que levava e que atormentava minha alma. Pela primeira vez, tive medo de algo, medo de ver o ódio em seus olhos. Preferia a morte.

Queria ir com ela para seu apartamento, mas não podia deixar Sírios impune pelo que tentou fazer, assim como seus homens.

A menina estava sozinha, sofrendo, pensando que eu não a desejava. Na sua cabeça, nosso relacionamento não passava de uma transa, não era

preciso ser leitor de mentes para saber disso. Senti e vi a dor nos olhos dela quando a abandonei. Ela não se lembrava do que eu disse sobre não amar mais a Evelyn. Eu também era culpado de não revelar de novo, agora com a loira sóbria. Ao terminar ali, iria até Irina e repetiria minhas palavras.

Tudo com ela era real e intenso. Eu a queria, desejava e adorava, também a amava. Irina me arrebatou.

Porra, isso nunca aconteceu comigo. Ela apareceu para me colocar de joelhos, e nem sabia disto. Eu botaria abaixo todos que a tocassem ou pensassem em fazer mal a ela. Há muito, desistira de lutar contra os meus sentimentos. Era como nadar, nadar e morrer na praia.

Assim que resolvesse esse pepino do maldito Sírios, ficaria com Irina. Diria que, na verdade, a queria de todas as formas possíveis, não só agora, mas sempre, dormir e acordar ao seu lado.

Peguei meu telefone e liguei para o meu primo.

— Olá, *capo* — cumprimentou num tom raivoso.

— Tem alguém com você? — Não era bem uma pergunta: ele só me chamava desta forma quando havia alguém por perto, pois pareceria desrespeito na opinião de terceiros, se não o fizesse.

— Posso dizer que sim — respondeu com aço na voz. — Meu pai e eu estamos conversando sobre os negócios que temos com os MCs.

Saí do único lugar onde adoraria ficar; em breve voltaria para o lado de

Irina.

— Já falei que os MCs são nossos aliados, não quero mais discutir este assunto ou saber de problemas com eles.

— Acredito que papai entendeu agora; pareceu não ouvir muito bem antes. Coloquei no viva-voz, caso queira acrescentar algo.

— Compreendi perfeitamente, claro como a água. Minha obrigação é cumprir suas ordens, afinal, você é o *capo* — chamou Enzo, venenoso.

Trinquei os dentes.

— Sim, eu sou e não vou permitir que me desobedeça de forma alguma. Gosto de pensar que famílias ficam juntas. Creio que a lealdade não se perdeu na nossa, não é? — Foi um alerta. Não havia lealdade alguma da parte dele e de outros do meu mundo. Ainda bem que não eram todos iguais.

— Sim, nós estamos juntos, *capo*, como família — disse, forçado, falando através dos dentes cerrados.

Parei em um sinal e vi um casal de namorados atravessando o local. Não era hora para pensar em relacionamentos, em especial com meu tio intencionando me derrubar, todavia, queria andar assim com Irina, segurar sua mão enquanto passeávamos pela rua.

Foco, Matteo, concentre-se ou nunca fará nada disso.

— Ótimo — falei, voltando ao agora e deixando minha cabeça e meu coração para depois.

— Mais alguma coisa? — perguntou Luca. — Preciso encontrar com alguns fornecedores.

— Sim, cancele todos os negócios que temos com Sírios Reis — ordenei, passando a mão direita nos cabelos para aliviar minha raiva.

— O que você disse? — A voz do meu tio se elevou do outro lado da linha.

Eu suspirei.

— Você sabia que ele usa de ameaças para conseguir os contratos no porto? — Óbvio que sim, mas precisava ouvir da sua maldita boca.

Ele suspirou.

— *Capo*, muitos não aceitaram vender seu patrimônio — tentou argumentar, como se isso fosse motivo suficiente.

— Então acharam correto perseguir famílias? — Por um breve segundo, não quis estar ao telefone falando com Enzo, e sim acabando com ele. Já que não podia, era melhor me manter longe.

— Às vezes, para alcançarmos nossos objetivos, temos de perder algo — Enzo justificava. — Fazer sacrifícios.

Céus, o quanto eu queria matar esse homem chegava a doer meus nervos. Faria de tudo para lhe dar um fim. Só precisava ser paciente.

Sabia que o velho desgraçado se aliou à Trider, uma máfia russa, no intuito de me derrubar e tomar meu lugar, assim poderia jogar seu veneno tal

qual meu pai fez por doze anos.

Não via a hora de colocar minhas mãos nele e fazê-lo gritar muito, como algumas pessoas que Enzo eliminou; não falava apenas de gente ruim, e sim de mulheres boas também.

Já cometi muitas atrocidades. Matava e não vivia dentro da lei. Se existia um Deus no Céu que fosse me condenar pelos meus atos, eu aceitaria. Não me fingiria de santo, pois não era um. Não obstante, iria para o Inferno com a certeza de que Enzo e toda a sua corja de pedófilos desgraçados me acompanharia.

— Não comigo no poder, Enzo — alertei-o. — Não tomaria o trabalho de uma pessoa ou a ameaçaria para conseguir algo. Se elas quisessem vender por livre e espontânea vontade, tudo bem, senão procuraríamos outro local. Não foi esse o combinado? Ninguém me informou que Sírios usava seu *método de persuasão*. Não fico surpreso, ele é um maldito filho da puta.

— Sírios usou de ameaças? — perguntou Luca, duro e mortal. — Não é à toa que o FBI está atrás dele.

— Preciso que você localize dois caras, acho que foram presos hoje. Se ainda estiverem na cadeia, dê um jeito de serem soltos. Também quero ter um encontro com Sírios.

Ele suspirou.

— Sim, farei isso, não se preocupe. Para onde os levo?

Meu primo nunca questionava os motivos quando eu solicitava algo, apenas cumpria a ordem, ao contrário do Enzo, que, se pudesse, me mataria ele mesmo.

— Leve-os para o galpão na Hills. E quero Hung Shi lá…

— Soube que está no Japão há mais de três semanas, só volta na próxima — comentou Luca.

Eu franzi a testa. Se ele estava viajando, então não foram seus homens que seguiram Irina e o amigo dela. Minhas suspeitas se confirmaram: era o bastardo do Sírios o responsável. Quando colocasse minhas mãos nele, o verme se arrependeria.

Desliguei e segui para o hospital onde meu pai fora internado. Não era por opção ou bondade, porque isto eu não tinha, nem queria. Por mim, ele apodreceria lá.

Eu precisava ficar de olho nas coisas e torcer para Lorenzo não acordar, não antes de eu encontrar Dalila e ela decidir seu destino.

Entrei no quarto e o vi ali, estirado na cama, com aparelhos apitando, vegetativo — foi o que os médicos disseram do seu estado.

Comigo ao seu lado, seria muito fácil matá-lo e alegar uma parada respiratória. Contudo, precisava do miserável vivo. Assim que achasse Dalila, acabaria com Lorenzo sem levantar suspeitas quanto a mim ou a alguém da minha família.

Acreditava que Dalila logo reapareceria. Continuava à sua procura e a encontraria, não importava onde estivesse, na Terra ou na maldita Lua. Mas outra coisa me inquietava: meu tio e seus motivos para não nos dizer nada acerca de minha irmã.

Ademais, havia mais uma questão preocupante: o que pensariam quando descobrissem que ela estava viva e não voltou para casa ao longo desses anos? Alguns a acusariam de traição. Precisava eliminar todos os problemas que cercavam Dalila.

Quando ela chegasse e soubesse o que nosso pai fez, decidiria se preferia se despedir dele ou não. No final, de qualquer forma, ele seria eliminado.

— Dalila está viva, sabia? — disse ao Lorenzo. Provavelmente não ouvia coisa alguma, mas eu necessitava desabafar. — Mamãe mentiu sobre ela ter morrido, então o que você fez com essas garotas, os raptos, a vingança, foi tudo em vão. Aliás, nunca houve motivo, só uma mente doentia pensaria isto. Eu poderia dizer que sua vida depende dela, porém, não seria verdade: assim que Dalila o visitar, mandarei você para o Inferno — sussurrei. — Talvez ela queira se despedir… Duvido muito. O que você fez com as garotas foi monstruoso demais. As coisas poderiam ser diferentes, mas você ficou cego em uma vingança inexplicável. E, por culpa disso, hoje não posso ficar perto da mulher que eu realmente amo, a única que enche de

luz a minha escuridão. — Minha raiva era muita, ficava difícil me controlar. — Ela vai me odiar por causa do que fez, culpou um casal inocente e o assassinou. Juro, Lorenzo, que não voltará a respirar tranquilo neste mundo. Darei um jeito de você sofrer pelas lágrimas que Irina derramará ao descobrir quem matou os seus pais.



Cerrei meus punhos ao entrar no galpão onde Sírios (o velho de meia-idade com barriga de cerveja) e os demais estavam. Ele aprenderia que ninguém se mete com a minha garota.

Sírios me olhava soturno, tentando demonstrar sua fúria. Oh, ele não vira fúria ainda…

— Você não pode terminar a nossa parceria — começou. Cortei-o com meu punho em sua boca, fazendo-o cair longe no chão.

— Seu miserável de merda, eu faço o que quiser, não sigo as ordens de ninguém, muito menos de um verme como você — sibilei com os dentes trincados. — Não sou obrigado a manter nossa negociação.

Sorri de modo sinistro. Ele não tinha ideia do que eu era capaz de fazer, da besta em mim querendo ser solta, e do quão louco eu estava para deixar isso acontecer. Minha cabeça não se encontrava em um bom lugar, depois de ver meu pai e largar minha garota sozinha em seu apartamento. O merda achava que podia me desafiar?

— Como ousa mandar seus homens ameaçarem, extorquirem e machucarem pessoas para fechar um maldito contrato? Sabe o que você fez? O FBI pode estar agora na minha cola por sua estupidez. — Sentei em uma cadeira na frente dele, caído no chão, e peguei minhas lâminas nas minhas botas.

Seus olhos se encheram de medo.

— Fiz meu trabalho. De que maneira conseguiria os contratos sem isso? — tentou se explicar, mas o silenciei com o olhar.

— De vários jeitos. Sempre há um meio-termo para conquistar qualquer coisa. — Estalei os dedos para Samuel e Frank, que seguravam por trás os caras de Sírios.

— De frente para o *capo* — sibilou Samuel, fazendo os vermes se ajoelharem diante de mim e ao lado de seu chefe.

— Eu queria garantir aquela área do jeito certo, oferecendo dinheiro a eles, não ameaçando suas famílias. — Apontei a adaga na sua direção, ao que se encolheu. — Meu pai tinha uma lei diferente da minha, não sou ele e jamais serei. Agora, provarei isso a você.

— Não precisa nos matar, não chegamos a machucar ninguém, só os ameaçamos — Sírios suplicava.

Maneei a cabeça para o lado.

— Você cometeu um erro hoje, que não vou tolerar ou deixar impune.

Tentou tocar em quem não deveria.

Por culpa deles, Irina estava assombrada com as lembranças da morte de seus pais. Não devia ser fácil para ela recordar aquele momento; o pesar que ouvi e enxerguei não era pouco, tudo por esses desgraçados a terem perseguido.

Certas lembranças deveríamos manter trancadas em nossa memória, para o nosso bem e a nossa sanidade. Os acontecimentos do dia destravaram o que ela guardava, fazendo Irina chorar e quase implorar para que eu ficasse com ela. Maldição! Como se precisasse… A mulher já estava em cada célula do meu corpo. Se eu pudesse tirar sua dor com as mãos, eu o faria; e fiz, pelo menos naquela hora.

— Está falando da cadela que nos levou a ser presos? — rosnou Flin, o cara de Sírios. — Maldita seja, com sua puta sorte! Não consegui pegá-la na perseguição, nem no seu apartamento esta noite.

Luca foi até a cadeia para libertá-los, contudo, os dois já estavam livres. Sírios conhecia pessoas na delegacia também, deve ter ajudado na soltura.

— Você está assim só por causa de uma… — iniciou Sírios, calando-se em face à minha fúria.

Foi a gota d’água. Eu me levantei às pressas, chutei-o na barriga e caminhei até Flin, posicionando minha adaga em sua garganta.

— Você entrou no apartamento dela, porra?! — urrei. Olhei para

Samuel e acenei, indicando que fosse até a casa de Irina. O bom era que o crápula disse que não a encontrou.

Minhas mãos tremiam de tanta raiva. Bem, “raiva” seria eufemismo, eu estava puto.

— Você morrerá por ousar tocá-la ou sonhar em causar mal a ela. Ninguém faz isso e continua vivo. Querer machucá-la foi o seu maior erro — rosnei com frieza.

— Ela… — Enfiei a lâmina em sua garganta e a puxei.

Deixei-o sangrando no chão e virei para o outro cara do lado de Sírios. Ambos estavam de olhos arregalados.

— Não participei da perseguição do carro, só da ameaça à lanchonete. Ela falou que pediria sua ajuda e dos MCs, eu avisei para Flin não se meter nisso — justificou Boris. — Ele não ouviu, e a acusou por ter ficado algumas horas na cadeia.

Eu o avaliava para checar sua sinceridade. Reconheceria um mentiroso de longe, era bom em detectar falsidade. Aceitei suas palavras.

Sírios estava branco como papel ao ver seu homem caído em uma poça de sangue.

— Eu não os mandei perseguirem ninguém, já estava com muitos problemas com eles dois presos. — Apontou o queixo na direção de Boris e do falecido Flin. — Devia ter deixado eles lá. Vai nos matar também?

— Não o matarei, Sírios, mas terá de anular todos os contratos que fez sob ameaças. Darei um jeito de construir o que quero em outro lugar. — Limpei minha faca na roupa de Flin e a guardei no bolso. — Se você se meter em meu caminho de novo, não haverá misericórdia. Desconheço tal palavra.

— Obrigado por poupar minha vida — agradeceu com a voz grossa.

— Não poupei porque sou bom e misericordioso, apenas não sou estúpido de fazer isto com o FBI tão perto de prendê-lo e confiscar seus bens. Não quero eles na nossa direção. Quando for encarcerado, é melhor manter sua boca fechada sobre qualquer coisa que nos envolva, ou se tornará comida de tubarão.

Naquele momento, o restante das provas contra Sírios estava sendo entregue à polícia em anonimato. O verme imundo passaria um bom tempo na cadeia.

— Não vou dizer nada a ninguém — jurou, tal qual Boris.

Abandonei o galpão para conferir como Irina estava. Luca me parou lá fora.

— Meu pai saiu da cidade de novo, com certeza procurando Dalila. Precisamos ser rápidos. Sei que está preocupado com Irina, pude ver que se importa com ela, mas carecemos disso — ele disse.

— Sim, Irina é importante. — Suspirei e liguei para Samuel, que atendeu no primeiro toque. — Como ela está?

— Bem, dormindo no apartamento de sua amiga. É um local seguro, ficarei aqui esta noite. Não se preocupe, chefe.

Isso aliviou meu coração. Estava louco para encontrá-la e, ao mesmo tempo, desejava me manter o mais longe possível. Minha proximidade a machucava de uma forma imperdoável, e pioraria quando a verdade viesse à tona.

— Não precisa ficar, estou chegando. — Não podia ir embora sem a ver primeiro.

— Se está seguro sobre Irina, precisa contar a verdade, Matteo — falou Luca assim que desliguei o celular. — Será duro, mas se ela o ama, vai perdoá-lo, afinal, você não teve culpa pelo que o tio Lorenzo fez.

Sabia disso, todavia, ainda apertava meu peito pensar na dor que ela sentiria logo que eu revelasse tudo.

— Chegou a hora de abrir o jogo.



Capítulo 13

Irina

Matteo me deixou em frente ao meu prédio e foi embora sem ao menos me olhar ou falar comigo outra vez depois que fodemos no banco do seu carro. Eu era idiota por correr para ele, incapaz de resistir. Precisava ser forte para cumprir a promessa de que aquela seria a última vez que ficamos juntos.

Estava chegando ao meu apartamento no quarto andar; não havia muitos inquilinos ali, Alexei cuidou desta parte. Meu irmão disse que não queria ninguém perto de mim. Somente Sara, a minha amiga, morava neste andar. Como era fim de semana, foi visitar seus pais. Ela me chamou e não aceitei, pois ajudaria dona Benita no restaurante.

Atravessei o corredor para abrir a porta, que já estava destrancada. Tremi, parando. Meu corpo gelou de medo. Olhei para todos os lados e não vi ninguém.

Seria obra dos mesmos homens que me perseguiram essa noite? Eu não ficaria para descobrir, mas não podia sair correndo e fugir dali.

Alguém entrou na minha casa, merda! Quem era? Estariam lá esperando por mim?

— Oh, meu Deus, April… — Sara ia deixá-la no meu apartamento antes de viajar. E se tivessem feito algo com ela? Talvez até Sara estivesse ali… Temia que os caras houvessem encontrado as duas lá dentro.

Não gostava de me apegar a nada, não desde que meus pais se foram. Tentei mudar isso quando me mudei para os Estados Unidos, ao conhecer Sara, Jerry, Matt e David. E, há pouco tempo, Evelyn. Com eles ao meu lado, comecei a querer mais do que um dia tive vontade: encontrar um cara e me apaixonar perdidamente por ele; ser amada como papai amou a mamãe.

Expirei, não pensaria nisso agora, porque não aconteceria. O homem por quem me apaixonei jamais iria me querer de forma alguma.

Entrei na sala escura, tateei perto da porta à procura do interruptor e acendi a luz. Corri os olhos pelo lugar; não havia ninguém. Talvez minha cachorrinha estivesse no quarto.

— April! — chamei, não querendo entrar muito na casa e dar uma chance para um bastardo qualquer me pegar e acabar comigo.

Ela saiu correndo de baixo do sofá, na minha direção. Dei graças a tudo por ela estar bem.

Não seria necessário entrar para saber se Sara se encontrava ali: peguei o telefone no meu *top* e liguei para ela. Era tarde, mas pretendia garantir sua segurança.

— Jamile? O que foi? Aconteceu alguma coisa para ligar a esta hora?

— Soou preocupada, acho que devido ao horário.

Meu peito se aliviou ao ouvir sua voz. Não desejava assustá-la com nada, então dei a desculpa de que queria agradecer por ela ter ficado com April.

— Obrigada mesmo por cuidar dela.

— Não foi nada. Uma pena você não estar aqui para nos divertirmos — disse.

— Eu sei, da próxima vez eu vou, prometo. Quando você chegar, vamos marcar um dia só de garotas, o que acha?

Ela riu.

— Topo. Assim que eu voltar, marcaremos.

Eu me despedi, agora aliviada. Olhei ao redor e não vi ninguém. Não queria passar a noite ali. Como Sara não estava, fui à sua casa, ela me dera uma cópia da chave. No dia seguinte, chamaria Jules, e ele checaria meu apartamento sem envolver a polícia, pois isto traria Alexei até mim em segundos.

Era estúpida, deveria só me afastar, assim não teria com o que me preocupar amando Matteo. Talvez um oceano de distância ajudasse… Mas sentiria saudades dos outros também, meus amigos estavam em Chicago, e eu não podia deixá-los. Teria de superar minha paixão por ele de uma maneira alternativa.

Eu ia ligar para Evelyn, contudo, não queria que ela se envolvesse nessa bagunça, tampouco Jerry e meus demais amigos. Manteria todos longe o quanto pudesse, não deixaria os caras que estiveram no meu apartamento entrarem em contato com eles ou os terem em sua mira.

Sentei-me no sofá e fiquei com April no meu colo, evitando largá-la.

— Só queria que esta noite acabasse — sussurrei. — E que a dor fosse embora.

Matteo

— Como ela está? — perguntei ao Samuel, do lado de fora do apartamento de Sara, a amiga de Irina.

— Estava acordada até pouco tempo, agora dormiu, acho, porque tudo ficou em silêncio lá dentro — disse.

— Tomarei conta dela. — Dei um passo à porta e depois olhei para ele. — Se quiser ir resolver o problema com quem vendeu Lis, tem o meu apoio.

Ele aquiesceu.

— Sim, farei isso. Ah, Irina esteve chorando, só para o senhor saber — avisou.

Suspirei com pesar e logo entrei no apartamento. Era igual ao de Irina, apenas um pouco mais claro e cheio de rosas. As luzes da sala estavam acesas, acredito que por ela temer ficar no escuro sozinha.

Meu coração se apertou ao saber que Irina sofrera pelas suas

lembranças. Eu, como o fodido que era, não devia ter tocado nela, e sim ficado ao seu lado. Em vez disso, a abandonei. Compensaria voltando à sua companhia e não saindo por nada.

Fui ao quarto rosa. Não reparei ao redor porque a vi deitada na cama, enrolada em posição fetal e soluçando dormindo. Xinguei-me mentalmente; parte disso era minha culpa.

April veio correndo em minha direção, latindo e pulando, toda animada por me ver.

— Shhh, fique quietinha, vai acordar a mamãe. — Sorri com o termo que Irina usou para referir-se a si mesma naquela noite. Eu me agachei e a peguei nos braços, alisando seus pelos. — Já comeu?

Ela latiu baixinho, o que me fez rir de novo. Devia estar ficando louco falando com um animal. Eu a levei para a cozinha, onde havia um balcão na forma de U. Procurei ração e não encontrei, então lembrei que essa era a casa de Sara, não de Irina. Provavelmente, a ração estava no apartamento dela.

— Vamos lá buscar sua comida. — Levei April comigo, toda animada. Aproveitei para averiguar o lugar: não parecia ter sido arrombado. Supus que o bastardo do Flin era bom em entrar nas casas sem deixar rastros.

Depois de alimentá-la, fui para o quarto de Sara e sentei na beira da cama, vendo Irina dormir. Ela, às vezes, soluçava durante o sono. Seus cabelos loiros se espalhavam na cama, formando uma cortina. Linda. Como

eu poderia amar alguém inalcançável para mim? Sabia que ela me amava, porém, se sua família descobrisse a verdade, a coisa ficaria feia. O pior era que Irina sofreria, e eu não podia fazer nada para mudar isso.

Ela se mexeu assim que deitei ao seu lado. Piscou, assustada, notando que não estava sozinha.

— Matteo… — sussurrou, focando no meu rosto e suspirando aliviada.

— Durma um pouco. — Queria passar a noite inteira ao seu lado, olhando para ela em seu sono. — Não quis acordá-la.

— Achei que você não viria… Foi embora e mal olhou para mim — murmurou, encolhida nos travesseiros.

— Sempre virei para você, Irina. — Alisei seu rosto. — Só tinha de resolver uns problemas.

Sentou-se na cama. Vestia uma camisola transparente, mostrando seu belo corpo.

— Foi procurar o Sírios? Matou o velho miserável? Saiba que não reclamaria, até agradeceria.

Sorri, acariciando seus cabelos. Ela estremeceu, como se estivesse com dor.

— O que é?

— Nada, bati a cabeça na perseguição.

Eu arfei.

— E você não me disse antes? Porra, Irina, nós transamos no carro, como me deixou tocá-la estando ferida? — recriminei.

Ela se encolheu.

— Eu só queria… — Sua voz falhou no final.

— Tudo bem — cortei-a, porque vi a dor nos seus olhos. Não queria despertar sentimentos ruins, então deixei quieto. Xinguei-me por dentro por não ter notado antes de tocá-la. Maldição, como pude ficar com ela e não reparar?

— Matteo, não é nada, estou bem — assegurou.

Estreitei meus olhos e me aproximei, averiguando o ferimento. Havia uma gaze perto de sua orelha.

— Deixe que eu decido isso.

Fez uma careta.

— Arranjei um curativo, é pequeno o corte. — Ela me olhou de lado.

Eu a ignorei e chequei o machucado, tirando a gaze: havia um galo grande ali. Não parecia grave, mas como bateu a cabeça, poderia haver uma concussão mais séria.

Eu me levantei, fui até o armário e peguei um sobretudo marrom, entregando-o a ela.

— O quê?

— Vamos ao hospital fazer exames para ver se não há danos maiores.

Ela me encarou de olhos arregalados.

— Não precisa, Matteo, é um exagero…

— Só o médico pode afirmar isso. Agora se vista.

— Mas…

Coloquei-a de pé na minha frente, tentando não focar em sua camisola fina, que mostrava a pele exposta. Não era o momento.

— Vista esse sobretudo, porque se alguém a enxergar assim, eu o matarei — falei.

Ela sorriu. Eu amava seu sorriso.

— Está com ciúme? Quem diria que o *capo*, chefe da máfia, fosse capaz disto — provocou, abotoando o casaco.

Sacudi a cabeça, não querendo pensar em ciúme. Já o senti quando gostava de Evelyn, mas nada como por Irina. Ela veio para me fazer cair de joelhos.

— Pois é, até os mais fortes têm um ponto fraco. — Peguei sua mão e a puxei para fora. — Agora vamos.

Ela assentiu.

— Eu vou com você, apesar de não ser necessário. Tomei um remédio e a dor passou — disse ao entrarmos na sala.

— Dor? Merda, Irina! Nós…

Ela me cortou, beijando meus lábios de leve.

— Não reclame, pois foi uma boa foda.

— O que tivemos nunca foi só foda, Irina, sempre foi mais do que isto. — Aprofundei o beijo, interrompido pelo latido de April.

Irina se afastou, sorrindo e pegando a bolinha de pelos.

— Minha lindinha, você atrapalhou eu e o seu… — Cheirou a cachorrinha.

— …papai? — Ergui as sobrancelhas.

— Como sabe…

— Que você a considera uma filha, e eu o pai? — Revirei os olhos, divertido. — Você me disse quando bebeu.

Ela piscou e sorriu para mim.

— Devo ter falado um milhão de besteiras, não é? Alexei sempre reclama que tagarelo muito quando bebo. — A garota já ia sair pela porta com April.

— Não pode levar ela a um hospital, é proibida a entrada de animais…

— Não a deixarei sozinha, não sabe o medo que tive quando cheguei e topei com a porta do meu apartamento aberta, temi que tivessem machucado minha fofinha. — Sua voz tremeu. Apertou a cachorrinha nos braços.

— Os caras não retornarão, já cuidei de tudo. Jurei que a protegeria e o farei com a minha vida, se for preciso. Pode confiar, nada vai acontecer com a nossa filha. — Sorri por usar tal termo ao me referir a um animalzinho.

— Promete? — Ainda estava em dúvida.

— Sim, não diria isso se não fosse verdade. Se quiser, envio um dos meus homens para tomar conta dela…

Irina gargalhou.

— Um cara da máfia tomaria conta de uma cachorrinha? Eles aceitariam? — indagou, incrédula.

— Fazem o que eu mando. Se eu ordenar, obedecerão — argumentei.

Ela pensou um segundo e levou April para a cozinha. Após, foi até mim.

— Não vamos deixar isso para seus homens, embora adoraria ver suas caras ao descobrir. — Sorriu, travessa. — Confio em você quando diz que estou segura e que não vão voltar.

— Sim, eles não virão, prometo. Agora vamos.



Levei-a ao hospital e fizemos os exames. Graças aos céus, não constataram alteração. Foi apenas uma lesão, nada grave.

— Falei que estava boa, não tinha necessidade de ir ao hospital. — Entramos de volta no apartamento.

— Preferia checar com um profissional para ter certeza. — Sorri amarelo, indo para o quarto. — Vou tomar um banho.

— Ficará aqui? — inquiriu, vulnerável.

Olhei para ela, que parecia frágil.

— Só se não quiser, aí irei embora. — Não desejava isto, mas o faria, se fosse sua vontade.

— Não sei, é só que a gente sempre fode, e no dia seguinte você some sem dar notícias — sussurrou com a voz fraca. — Não entendo, em uma hora se preocupa, cuidando de mim bêbada e me levando ao hospital, depois parece uma geleira sombria.

Fui até ela e a puxei para os meus braços, beijando sua testa.

— Lamento que tenha sofrido por minha causa. Farei o possível para que não aconteça de novo — jurei. — Quanto ao sexo, se não quiser, não precisamos fazer, não até que esteja pronta.

— Vai só dormir comigo, sem nada a mais? — sondou.

— Sim, prometo me comportar. — Trisquei seu nariz e fui para o toalete tomar um banho gelado. Precisaria de um para dormir ao lado dela e não fazer nada.

Deitei na cama ao sair do chuveiro.

— Matteo…

Puxei-a para mim, aconchegando-a nos meus braços.

— Durma, Irina, está tarde e você bateu a cabeça hoje. O médico aconselhou descanso, lembra?

— Tudo bem, mas…

— Estarei aqui amanhã. Se precisar sair, avisarei você, prometo.



Capítulo 14

Irina

— Vamos nos divertir! — gritou Evelyn, me levando para dançar na festa dos MCs.

Soube que eles *ficavam* ali, na frente de todos; até agora estava calmo. Também… e se ficassem? Adoraria ver sexo ao vivo. Ultimamente, isto não saía da minha cabeça: tinha sonhos eróticos toda noite com Matteo.

No dia seguinte ao que me levou ao hospital, Matteo me disse que surgiu algo que precisava resolver, mas logo voltaria para mim. Já se passara uma semana sem notícias dele. Também não fui procurar saber o que andava fazendo.

Era fraca em relação a ele, minhas forças viravam uma maldita gelatina quando se aproximava. Matteo carecia de uma lição; se pensava que poderia brincar comigo, estava muito enganado.

Esqueci-o e foquei no agora. O clube se encontrava cheio de homens lindos… Como sempre, não quis nenhum deles.

O ambiente se resumia a um salão grande, com cadeiras, sofás arrastados para o canto e duas mesas de sinuca.

— É isso aí! — respondi, bebendo cerveja e rebolando com minha amiga.

Ela usava uma saia e um *top*, que combinavam com seu corpo foda e *sexy*. Não me surpreendia o Shadow não tirar os olhos dela nem por um segundo.

— Tem algo acontecendo? — sondou, me avaliando.

— Não, por quê?

— Você está diferente esses dias, não sei dizer o que é, mas está — comentou.

Parei de dançar e fiquei na frente dela, que me encarava com uma expressão séria.

— Não tem nada de errado — menti.

Não queria trazer problemas para Evy ou preocupá-la. Assim que contasse, todos ali saberiam… ou talvez não. Depois do meu apartamento ser invadido, não falei a ninguém, só a Jules, que reforçou a segurança do lugar. Nem precisava, já que Matteo garantiu ter cuidado disso. Voltei para o meu apartamento no dia seguinte com April, confiando em Matteo. Ninguém foi atrás de mim de novo, ou de dona Benita.

Não seria uma pessoa boa se eu mentisse para minha amiga, então resolvi revelar a verdade.

— Tudo bem, mas não aqui. Podemos ir aonde não há homens? —

pedi.

Ela estreitou os olhos.

— Você nunca ligou em falar qualquer coisa na frente de um cara.

Eu ri. Todavia, esses MCs não poderiam saber de nada, não do que houve comigo e do meu lance com Matteo.

— Tem razão, mas vamos para lá. — Indiquei uma mesa num canto, puxando sua mão. Nela, havia algumas mulheres de motoqueiros. Uma delas era Mary, loiraça com um sorriso lindo, esposa de Hush. Isabelle também estava ali. Michael estava com outros amigos dele, porém, seus olhos não deixavam a mulher.

Eu me sentia mal por ficar no meio desses casais apaixonados, embora feliz por eles. Não seria uma estraga-prazeres só porque não tinha sorte no amor. Não sabia bem em que pé estava meu lance com Matteo, mas não poderia continuar assim. Se significava mais para ele do que demonstrava, o *capo* precisaria tomar uma atitude.

— Nossa! Você está linda. Se não fosse por seus irmãos, eu tentaria algo — disse Tripper, um dos motoqueiros. Tinha a minha idade, mais ou menos; era alto, forte e lindo. Usava um brinco e, na mão direita, um bracelete preto com pingentes de metal, parecidos com dentes.

— Desencane, Tripper, já basta o Nasx apaixonado pela namorada do Dark, não preciso de você arrastando as asas para a irmã dele — rosnou

Shadow.

— Espere… o quê? — indaguei de olhos arregalados. — Nikolai está namorando?

Não me lembrava do meu irmão jamais ter namorado, apenas ficava sem compromisso. Tanto ele como Alexei eram mulherengos. Será que Nikolai foi domado? Ao sair dali, ligaria para descobrir o que estava acontecendo.

Antes que alguém respondesse, Matteo entrou no salão do clube e foi até Shadow. Eu o ignorei. Evelyn mencionara, logo que cheguei, que ele tinha uma reunião com os MCs. Acho que por isso eu estava nervosa. Depois fiquei com raiva, porque ela sabia que ele viria, enquanto eu não fazia ideia de onde Matteo se encontrava.

Precisava contar o que houve comigo para as meninas, mas não queria ficar perto de Matteo. Se ele não me dava bola, então eu faria o mesmo.

— Sim, eu a conheci, seu nome é Samira, uma morena exuberante. Também conheci Nikolai — disse Evelyn. — Ele chegou na sede do MC em Nova York querendo acabar com Nasx, pensando que os dois estavam juntos.

— Não estavam? — sondei.

— Não, ela parece gostar de Nikolai, e ele dela. Mais uma do meu clube que domou um fodão.

Eu ri.

— Puta merda! — Estava tão embasbacada com essa notícia que não vi a hora em que Tripper apareceu na minha frente, sorrindo para mim todo *sexy*.

O garoto era de cair o queixo. Vestia roupas frouxas ornadas com correntes e tinha anéis nos dedos e um *piercing* na língua.

— Se seu irmão deixar, ficamos juntos. Garanto que eu seria um santo. — Piscou.

Gargalhei, despertando a atenção dos outros.

— Não aconselho pedir a meus irmãos, eles são muitos protetores — afirmei, brincando: — Mas se quiser podemos apenas foder, o que acha?

Desta vez ele riu, indo na minha direção. Shadow o chamou, parecia ter urgência em seu tom.

— *Tripper*.

Olhei para cima e vi a expressão mortal de Matteo. Certo, já o notara sombrio antes, mas igual estava enxergando naquele instante? Nunca, parecia um assassino em série. Podia jurar que estava doido para pegar suas adagas e atirá-las em Tripper, a quem seu olhar mortal se direcionava.

Eu estava brincando sobre ficar com Tripper, sempre fazia isto e não mudaria meu jeito de ser só porque esse cara reagia assim. Em um momento, se importava comigo, e no outro me ignorava; sentia-me um zero à esquerda. Já me cansara.

Tripper assentiu, alheio ao que acontecia. Shadow viu tudo, não fui a única. Evelyn e Sara franziram as testas.

Eu fitei Matteo, implorando com o olhar para ele não machucar ninguém.

— O que foi, chefe? — perguntou Tripper, indo até Shadow.

Gelei e rezei mentalmente para que o *capo* não fizesse nenhuma cagada.

Shadow pediu para ele pegar algo no quarto e depois lançou um olhar curioso para mim e Matteo. Após, os caras se dirigiram a uma sala com uma porta de madeira.

— O que está acontecendo, Jamile? — indagou Sara. Ela e meus outros amigos não sabiam que eu me chamava Irina, exceto Evelyn e os MCs.

— O que foi isso? — Evelyn estava de boca aberta, olhando onde todos os motoqueiros entraram com Matteo e Samuel, que estava com ele.

— Bom… — comecei.

— Do que vocês estão falando? — inquiriu Isabelle.

— Tem algo acontecendo com Matteo e Jamile, vocês não viram o clima pesado? — falou Evelyn.

— Sim, parecia que Tripper logo seria morto pelo *capo*. — Mary me olhou. — Vocês estão juntos?

Isabelle ofegou.

— O quê? Se você estava com o *capo*, por que falou que transaria com Tripper? — Soou enraivecida e preocupada. — Ele é como um irmão para mim, não quero que seja ferido ou algo assim.

Eu suspirei. Não podia mais esconder a verdade delas, e, também, que sentido tinha? Éramos amigas. Algumas conhecera hoje, outras naquele dia na boate de Shadow, quando fiquei bêbada.

— Não tem nada rolando entre mim e Matteo, então eu não estava sendo uma cadela com Tripper, embora também não fosse ficar com ele. Só brinquei. — Tomei uma bebida mais forte.

— Tem, sim, o cara reagiu igual ao Nikolai quando Samira veio aqui com Nasx. Ele sentiu ciúmes, assim como Matteo — disse Evelyn, sorrindo. — Não acredito que ele…

— …esqueceu você? — Dei um riso forçado. — Ele pode me querer, sim, mas a ama, Evelyn. Não temos nada um com o outro.

— Você gosta dele, não é? Por isso anda estranha ultimamente? — perguntou Sara. — Por que não me contou?

— O que eu ia dizer? Que estou apaixonada por um homem que ama a minha amiga?

— Mas eu não o amo — lembrou Evelyn. — Só Dom importa para mim, até já falei com Matteo.

Aquiesci.

— Eu sei, a vida é realmente injusta — murmurei com um suspiro. Sabia que Matteo tinha sentimentos por mim, apenas não entendia se estes se limitavam ao sexo ou a algo mais. — Não quero falar sobre ele.

— Vocês transaram? — Sara arregalou os olhos. — Não acredito que ficou com Matteo Salvatore.

Evelyn estava prestes a dizer algo quando meu telefone tocou. Salva por meu celular.

— É meu irmão, vou atender — falei e me afastei delas. — Depois conversamos mais.

— Jamile… — reclamou Sara.

— Amanhã discutiremos.

Caminhei para fora do clube antes que elas reclamassem de minha hesitação. Nem sabia direito o que estava acontecendo entre nós dois. Assim que soubesse, esclareceria às minhas amigas.

— Ora, quem é vivo sempre liga! — falei ao Alexei e me escorei no meu carro, mirando o céu cheio de estrelas.

— Não é “sempre aparece”? — Riu.

— Bom, você não aparece muito, então já me surpreendo por ligar. Aconteceu alguma coisa? — Minha voz soou urgente no final. Não via meus irmãos há alguns meses.

— Não, liguei para dizer que sinto saudades e que, em alguns dias, irei

visitá-la.

— O quê? — a pergunta saiu mais alta que o normal.

Ele ficou em silêncio uns minutos, depois disse:

— O que está acontecendo, Irina? Até parece que não me quer aí — comentou, confuso.

— É claro que eu quero, seu bobo, só achei estranho… — apressei-me em explicar, assim ele não desconfiaria de que estava com problemas. Sim, considerava um problema grave amar um *capo* idiota.

— Estranho eu querer visitar minha irmã caçula que quase não vejo? — Magoou-se.

Ele tinha toda a razão. Eu estava esquisita porque amava um *capo* e por me meter com Sírios. Esperava que Matteo tivesse acabado com ele e seus malditos homens.

— Me diga uma coisa, Nikolai está namorando? Tipo, ele está realmente apaixonado? — Decidi mudar de assunto para um rumo menos complicado do que a minha vida.

Deu um suspiro frustrado.

— Nosso irmão foi nocauteado, agora não faz mais nada, só pensa nela. — Sua voz apresentava um tom cômico de raiva, praticamente um grunhido. — Tentei convencê-lo a deixar essa mulher, mas ele parece cego.

Ri ao imaginar meu irmão domado por uma garota, uma que era muito

importante para ele.

— Agora só falta você — provoquei. — Não vejo a hora disso acontecer.

— Vire essa boca para lá, Irina — rosnou, fazendo-me rir. — Não sei o que ele viu nela. É sem graça, não tem estilo e, porra, com ela virá…

— O quê? — sondei, pois ele se interrompeu.

Entrei no carro. Era melhor ir embora do que enfrentar um interrogatório das meninas, ver Matteo de novo e correr o risco de cair em tentação.

Alexei suspirou.

— Nada.

Eu sabia que ele estava escondendo alguma coisa, apenas não descobrira o quê. Tinha certeza de que era relacionado à máfia.

— Preciso ir. Antes, me fale: como soube que Nikolai está apaixonado por aquela…

— Cuidado, irmão, não devemos cuspir para cima, pode cair na cara. — Liguei o carro. — Ouvi de uma menina que namora o Shadow.

— Você conhece os MCs? — Aparentou surpresa e preocupação.

— Sou amiga da Evelyn, namorada de Dom — falei a verdade. — Agora tenho de ir, não posso dirigir estando ao telefone. Vou esperar você. Nikolai virá também?

— Não, ele tem algumas coisas para fazer. — Seu tom era azedo no começo, e depois doce ao se despedir: — Eu a amo, menina.

— Eu também. — Desliguei e mandei uma mensagem às garotas, avisando que iria embora e outro dia contaria tudo a elas sobre mim e Matteo.

Começava a chover, portanto, dirigi com rapidez. Não queria ficar presa em um temporal, sozinha, no meio da noite. Além disso, aquela estrada era a única para o centro de Chicago, ou seja, Matteo passaria por ela. Se o visse, o fritaria.

Faltava pouco para sair da via e entrar na cidade quando a Mercedes de Matteo apareceu na minha visão.

— Merda! — rosnei, tentando ignorar o carro, talvez assim ele passasse sem parar. Não seria a primeira vez que Matteo não ligaria para a minha presença.

Uma parte de mim queria que ele parasse e me explicasse a sua reação ao Tripper naquela hora. Outra desejava que me deixasse em paz, pois eu não dispunha de forças para me afastar.

Continuei olhando para frente. Seu carro ultrapassou o meu, seguindo adiante. Comigo dividida entre o alívio e o pesar — um misto de sentimentos nada bom —, a Mercedes parou e Matteo saiu. Não pude continuar, pois seu automóvel fora atravessado no meio da rua.

— Filho da puta! — rugi. Desconsiderei os chuviscos e saí do veículo,

fuzilando-o. — Que porra está fazendo? Tire o seu maldito carro da frente. Preciso passar, seu imbecil.

A Mercedes partiu, acredito que Samuel estava dirigindo. Matteo permaneceu na minha frente, na estrada.

— Você tem uma boca muito suja, poderia usá-la de forma mais criativa — comentou com os olhos estreitos.

— O quê? Chupando seu pau? — grunhi. — Já fiz isso, lembra?

— Sim, lembro muito bem. — Chegou até mim, tocando meu rosto. — Malditos lábios que me assombram.

Poderia fugir dele, entrar no carro e ir embora, deixando-o sozinho. Creio que Matteo pensou que seria fácil ficar comigo.

— Bom… se eles o assombram, talvez devesse partir e me deixar em paz — retruquei.

Ele riu.

— Você não tem ideia, não é? — grasnou. — Continua a me desafiar.

— Eu não fiz nada — murmurei. — Você que não para de brincar comigo, neste jogo de gato e rato. Aparece quando quer, depois some.

— Você vai me levar à morte, Irina. — Puxou meu cabelo para trás de leve, fazendo minha coluna arquear. — Não sabe o quanto me controlei para não acabar com aquele garoto!

— Tripper? Estávamos brincando e, mesmo se não estivéssemos, por

que isso incomodaria você? — rosnei. — Decida o que quer, Matteo. Assim não dá para ficar.

— Você… — Seus olhos eram órbitas negras. Ele me empurrou para que eu me sentasse no capô do meu carro. — Você me deixa louco.

Ele me deixava igual, era isso que eu temia: não conseguir ficar longe. Não seria capaz de resistir a esse homem.

— O sentimento é recíproco — cuspi.

— Irina… Avisei que tinha negócios para resolver. — Tentou encostar em meu rosto, mas me esquivei.

— Oh, sim, aonde foi nesta semana? No fim do mundo, onde não tinha um maldito celular para me ligar? — Empurrei seu peito para sair de perto de mim.

— Não posso falar sobre meus negócios…

— Quem disse que quero saber, porra?! — gritei na cara dele. — Custava avisar que estava bem? Que o que nós temos é verdadeiro, e que logo voltaria?

Ele me avaliou por um segundo, com uma expressão difícil de ler.

— Está com raiva porque não liguei e conversei sobre ficarmos juntos? Achei que tivesse sido claro quando saí aquele dia cedo, com meu pau dentro de você.

— Não sou um maldito objeto ao seu dispor sempre que desejar, para

depois sumir do mapa, não dando um sinal de vida. E nosso relacionamento, onde fica?

— Relacionamento? Nós estamos em um?

Eu me enfureci e voei nele, querendo quebrar sua cara.

— Seu desgraçado! Como ousa perguntar isso? Solte-me, seu imbecil. — Puxei minhas mãos assim que ele as prendeu ao lado do meu corpo. — Não quero ver você nunca mais.

— Jesus, Irina, se controle, não falei por mal. — Escondeu o rosto no meu pescoço. — Não sou bom em relacionamentos, não achei que precisaria ligar, se tinha certeza de que estava bem…

— Mas eu não… — Não sabia o que fazer com Matteo. Parecia impotente, ou sei lá, frágil. — Queria ter ouvido sua voz, nem que fosse um "oi". Não preciso conhecer todos os seus passos, só gostaria de ouvir…

— …minha voz — terminou, expirando. — Estou passando por uma barra, às vezes não penso direito, mas também queria vê-la ou ouvi-la. — Afastou-se e tocou meu rosto. — Irina, quando digo que é minha, não estou falando como um objeto, e sim que você é a única coisa boa que tenho.

— Pode me dizer que dificuldade está enfrentando? Casais conversam, Matteo, passeiam, jantam juntos, namoram… Não é só sexo. Por mais que seja bom, há coisas mais valiosas para fortalecer um namoro.

— Sexo comigo é apenas "bom"? Então acho que preciso melhorar

mais, não é? — Sorriu torto para mim.

Eu expirei.

— Matteo… — Queria ser levada a sério.

— Eu sei, Irina, só preciso de você agora. Não sabe como foi assistir à cena com Tripper, o que eu quis fazer… — Havia demônios nos olhos dele, como nunca antes. — Depois jantaremos e contarei o que posso. Por ora, quero apenas…

— Não diga nada, vamos aproveitar — sussurrei, beijando seu pescoço e traçando-o com minha língua. Puxei seus cabelos também, trazendo sua boca para a minha.

Esquadrinhou meu corpo com as mãos e rasgou minha calcinha, mas não entrou em mim. Senti seus dois dedos ali, ágeis entre minhas pernas, enquanto mordia meu lóbulo, me fazendo gemer e clamar por ele.

Desejava ter momentos assim para sempre com Matteo, seu toque, seus beijos, suas carícias, seu prazer.

— Goze em meus dedos, minha linda — sussurrou, rouco, e circulou meu clitóris, me fazendo ir para a borda. — Adoro ouvir esses sons que saem de sua boca.

— Matteo… Quero você dentro de mim — pedi, porque estava louca sem ele essa semana, então gostaria de aproveitar.

— Quer meu pau? — Abriu minhas pernas. — Ou minha boca?

— Tudo de você — consegui dizer.

Ele me deitou no capô, abriu mais minhas pernas e logo estava me degustando, lambendo cada canto de minha boceta. Sua língua circulava meu clitóris, me levando a um êxtase transbordante. Eu olhava para o céu escuro e para os pingos de chuva caindo em meu rosto, enquanto gritava por ele. Sentia-me quente pelo seu toque e gelada com a água do temporal.

— Linda, quero seu gozo em minha língua. — Deu um puxão em meu clitóris, me fazendo gritar na escuridão.

Minhas mãos apertavam sua cabeça, desejando mais dele, que entrasse em mim. Não foi preciso pedir duas vezes: me preencheu e devorou minha boca. Consumia não somente meu corpo, como minha alma também.

— Irina… — A cada estocada forte e prazerosa, ele chamava meu nome.

— Estou aqui e permanecerei para sempre — jurei, alisando seu rosto e encontrando seus olhos. A única claridade do ambiente provinha das luzes acesas do carro.

Ele não respondeu, não parecendo acreditar em mim. Senti haver algo que eu desconhecia.

— Estou falando sério, Matteo. Enquanto me quiser, estarei ao seu lado. — Beijei seus lábios. — Peço que me deixe entrar, não me exclua da sua vida.

— Não irei, prometo. — Apertou-me mais contra seu corpo, como se quisesse me colocar dentro dele.

Confiei em Matteo. Ele era complicado, às vezes frio, mas não mentia. Ademais, ouvi a verdade em sua voz. Deixei-me levar pelos sons dos nossos gemidos e das estocadas dele, com nossos corpos sincronizados.



Capítulo 15

Irina

— Não acredito que me trouxe para jantar. — Sorri assim que entramos no restaurante italiano.

O lugar era grande e aconchegante, repleto de cadeiras de madeira com mesas forradas por toalhas de linho branco. Ele queria me levar a um restaurante russo, porque eu amava a comida de lá, porém, não nos agradava correr o risco de dar de cara com algum homem do meu irmão, que tinha vários negócios por toda a cidade de Chicago. Então optei pela cozinha italiana, cuja culinária também era saborosa.

— Não disse que íamos jantar hoje? Já estive aqui antes — falou casualmente, fazendo meu sorriso sumir ao pensar nas mulheres que levou para passear.

— Claro que já. — Deixei o asco na minha voz soar evidente.

— Nunca acompanhado de garotas, Irina. Tive jantares de negócios com homens. Não trato disso com nenhuma mulher.

Sim, ele só as fode, pensei, amarga. Não podia acusá-lo por seu passado; eu também dispunha de um.

— Este lugar é bem legal, nunca tinha vindo aqui. — Mudei de assunto.

Depois de nós termos ficado na estrada, passamos no meu apartamento antes de ir ao restaurante. Troquei de roupa, já que estava molhada devido à chuva. Matteo vestiu um terno que eu tinha de Alexei. Ficou lindo em seu corpo, aliás, ele era maravilhoso de qualquer jeito.

— É sim, amo o local, é como se eu estivesse em casa. — Olhou ao redor e para mim.

— Quantos anos tinha quando se mudaram para os Estados Unidos? — Ficava curiosa para saber mais sobre ele.

— Não sei ao certo. Lembro de adorar o clima, a fazenda, o campo, o ar livre da Itália… Eu era pequeno, mas recordo bem. Dalila também amava quando íamos para lá. Era para nós termos visitado a Sicília, e não a Rússia, quando Dalila sumiu. — Suspirou.

— Sumiu? Ela não foi…

— …morta? Eu pensava que sim… Descobri há pouco tempo que minha irmã está viva. — Parecia feliz e triste ao mesmo tempo.

Arfei, de olhos arregalados.

— Viva? Isso que está afligindo sua alma…

— Minha alma é sombria, Irina, não vai querer saber o que há nela. Acho que por isso Dalila não retornou.

— Não entendo… Não era para ficar feliz ao saber que ela está viva?

— Deveria estar com ela no dia em que desapareceu. Mamãe disse que minha irmã tinha morrido, logo, não procurei saber mais. Como não achamos um corpo, poderia ter desconfiado, mas ela contou que tinha encontrado suas roupas perto do rio, na Rússia.

— Você não teve nenhuma culpa, e sua irmã também não acha isso, garanto. — Peguei sua mão e alisei seus dedos. — Sabe onde ela está?

Evelyn me contou alguma coisa sobre a irmã dele; não muito, só que tinha morrido. Apenas não disse onde.

— Talvez. Fico feliz que ela esteja viva, a queria comigo, mas, neste momento, não é possível — murmurou.

— Por quê? Qual é o problema, Matteo?

— *Enzo* — cuspiu o nome.

— Seu tio? Você não manda nele? É só despachar o velho.

Ele riu, sacudindo a cabeça. Em seguida, ficou sério.

— Poderia, mas somente na hora certa. O que consigo dizer a você é que Dalila tem uma vida lá fora, longe deste mundo. Se eu me aproximar dela agora e trazê-la para nós, seria acusada de traição. É uma coisa que não posso mudar, nem como *capo*.

— Por que não deixa ela decidir o que quer? Voltar para ficar ao seu lado ou continuar com a vida longe da máfia? Se sua irmã o ama de verdade,

ela retornará.

— Dalila deve estar com medo de voltar, afinal, provavelmente desconhece as mudanças recentes. Imagino que pense que, se retornar, logo estará casada. Ela sempre odiou tal ideia, pedia para não a obrigarem a se casar antes de completar dezoito anos. — Bebeu um gole maior de seu vinho italiano.

— Não pode mudar essa lei?

— Não, o que consegui foi adiar os casamentos até as meninas serem maiores de idade — informou.

— Lamento dizer por Lorenzo ser o seu pai, mas ele merecia estar morto — grunhi com raiva.

Ele sorriu torto.

— Concordo, apenas não farei isso até que Dalila o veja. E se ela quiser, claro, o que duvido muito.

Bebi um gole do vinho também.

— Se fosse meu pai a fazer essa barbaridade, nunca mais olharia para a cara dele. — Coloquei o copo na mesa. — Sei que ele não era santo, longe disso, porque neste nosso mundo não existem homens plenamente bons… Contudo, o que Lorenzo fez é imperdoável.

— Como soube disso? — Arqueou as sobrancelhas.

— Evelyn me contou — disse. Após, sorri. — Viu? É assim que

funciona uma conversa normal.

Assentiu, sorrindo, e me abraçou. Eu estava ao seu lado.

— Achei que eu fosse normal. — Não vi acusação ali.

— Claro que você é. — Beijei sua bochecha. — Mas para um relacionamento dar certo, é preciso diálogo. Ameniza o fardo que carregamos nos ombros. O seu, por ser chefe, deve ser grande.

— Sim, é. Obrigado por torná-lo mais leve. — Beijou-me. Naquele instante, esqueci onde estava e o que fazia. Ali, só existia Matteo e seus lábios nos meus.



Uma semana com Matteo era como um sonho, estávamos namorando sério, ele me levava para jantar e para almoçar sempre que podia, já que tinha negócios. Eu dormia na sua casa, e ele, no meu apartamento.

Conheci Zaira, uma senhora meiga e maravilhosa que Matteo chamava de *madre*. Almocei com os dois e amei a sua simpatia. Seus olhos ficavam estranhos, às vezes, olhando de mim para o seu *bambino*, como se dirigia a ele.

Estava de saída para encontrar ela e Matteo quando meu telefone tocou. Era Jules.

— Olá, sumido — atendi.

— Quem desapareceu foi você, não eu — informou. — Anda

namorando demais, esquecendo dos amigos.

— Não é verdade, o vi há dois dias. Se estiver sentindo tanto a minha falta, podemos nos encontrar na próxima semana.

— Irina, tem algo que preciso lhe contar. Não sei como…

Gelei.

— Meus irmãos estão bem? — Minha voz sumiu na sala, fazendo April latir.

— Não aconteceu nada com ninguém. É só que estou no clube de BDSM, e não vai acreditar em quem vi aqui. — Enraiveceu-se.

— Quem?

— Matteo. E, Irina? Ele não está sozinho.

Tudo em mim se desfez. Matteo não podia agir assim comigo, não após prometer que estaria sempre ao meu lado. Como ousava brincar com meus sentimentos?

Caí de joelhos no chão com os olhos molhados. Minhas entranhas doíam tanto que isso me impediu de respirar por alguns segundos. Não, ele não podia ter me traído…

— Traiu, e estou me segurando para não quebrar sua cara — respondeu a uma pergunta que eu não sabia ter proferido em voz alta. — O que planeja?

Tinha duas opções: ficar chorando por ser ferida por um cara que eu amava ou ir até lá, confrontá-lo, olhar em seus olhos e saber por que o filho

da puta me trocou.

— Me passe o endereço e não faça nada. Estou indo aí. — Desliguei e fui me arrumar, agora com roupas ao estilo de um clube. Mostraria o que ele perdeu.

Vesti uma saia curta de couro colada no corpo e um espartilho que prendia meus seios, deixando-os mais *sexy*. Soltei meus cabelos e me maquiei conforme o ambiente. Uma vez, fui a um clube desses só por curiosidade, para ver como funcionava. Se Matteo gostava de sexo assim, poderia ter dito, que faríamos igual.

Não permitiria que tivesse acesso a mim novamente. Não cairia em tentação com ele. Não podia. Não me fazia bem, afinal, eu o amava, enquanto ele devia sentir só prazer. Ou talvez nem isso mais; se sentisse, não teria procurado outra mulher.

Entrei no clube de BDSM, onde as garotas se submetiam aos seus homens. Era o que ele queria? Uma submissa?

Havia caras com chicotes em suas mãos, usando-os em suas parceiras, prostradas de joelhos diante deles. Outras, eram presas e suspensas no teto, expostas para o público. Muitas vestiam espartilhos, assim como eu. Eu calçava sandálias de sete centímetros; algumas ostentavam saltos bem mais altos que os meus.

Ao entrar, fui tomada pela onda de prazer reinante no ar. Nunca joguei

assim, porém, gostaria de fazer um dia; claro que com uma pessoa específica, a qual decidiu procurar outra para isto.

Ninguém deveria se sujeitar a amar o homem errado. Matteo não era certo para mim. Fiquei semanas com ele e sempre ouvi que adorava me foder, passear e outras coisas, mas nunca disse que me amava. Já para Evelyn… Não falamos a respeito disto. Ele apenas jurou que não a amava mais. Eu duvidava.

Enquanto ele não esquecesse Evelyn, Matteo não seria feliz. E eu também não, se não lutasse para tirá-lo da minha vida, de dentro de mim. Precisava ver com meus próprios olhos sua traição, assim deixaria de ser idiota e me controlaria para não correr para ele, como sempre fazia.

Jules estava alguns metros à minha frente com uma cara séria. Parecia querer matar alguém. Segui seu olhar e vi Matteo no canto com dois homens diante de si, e, ao seu lado, uma morena linda. A sanguessuga tocava seu peito, só faltava subir em seu colo e montá-lo.

Doeu demais. Ele não ligava muito para ela, mas também não fez nenhuma menção de pará-la ou tirar suas patas de cima de si. Naquele momento, decidi que o arrancaria de uma vez por todas da minha vida.

Eu já sabia que Matteo gostava de fodas ousadas, as nossas foram alucinantes. Todavia, não tinha conhecimento de que frequentava lugares como esse, submetendo mulheres à sua vontade. Bem, pensando direito, era

isso que me tornei para ele, não? Bastava Matteo chegar perto de mim e me tocar para eu cair de joelhos à sua frente, fazendo tudo que ordenasse.

Se ele me mandasse agir à semelhança dessas mulheres, eu teria obedecido. No entanto, Matteo nunca tocou no assunto, e em vez de me procurar, recorreu a outras. Significava que ele desistiu de mim, ou talvez nunca se interessou. Foi só sexo para ele, ao contrário de mim, que lhe dei o meu coração por inteiro.

Foco, Irina, não desmorone na frente dele, você é mais mulher do que isso, mentalizei.

Era hora do troco. Pensei em ir até lá buscar satisfação e perguntar seus motivos para me trair, mas não me rebaixaria. Não ficaria em casa chorando, sem comer, implorando a um homem para continuar comigo.

Voltei a andar, ignorando Matteo e a garota carrapato. Fiz meus pés seguirem para onde Jules estava me esperando.

Julian era um amigo que valia ouro, um cara com quem eu adoraria me casar, caso não fosse apaixonada pelo mafioso italiano, e Jules não fosse um mulherengo de carteirinha.

Antes de levar meus olhos para longe de Matteo, vi sua mandíbula apertar e a fúria estampar seu rosto ao reparar que eu ia na direção de Jules.

Ele foi com outra mulher a um lugar desses e ainda ficou com raiva por eu estar com Jules? Não liguei para o que pensava, aliás, que se explodisse.

Sorri para o meu amigo ao me aproximar. Ele me puxou para seus braços, logo afastando-se e assoviando por entre os dentes, me avaliando de cima a baixo.

— Mulher, você está um maldito avião. — Piscou. — Não que antes não fosse…

— Só não queria ficar diferente delas. — Apontei o queixo discretamente às garotas ao redor. — Chegou a hora.

— Ficou magnífica — comentou e foi sussurrar em meu ouvido: — O que pensa em fazer agora? Independente do que seja, a ajudarei.

Sofri por ver Matteo com outra, entretanto, superaria. Eu me afastei e sorri; o gesto não atingiu meus olhos. Era só fachada, como antes de eu ir para os Estados Unidos e conhecer Matteo.

— Há um quarto neste lugar em que possamos ficar sozinhos? É o momento de Matteo ter seu troco.

— Sim. — Avaliou-me por um segundo e me levou a uma sala fechada. Abriu a porta para eu entrar; evitei ofegar com o que encontrei.

Havia uma cama redonda no meio do ambiente, uma cruz de Santo André perto da parede e correntes no teto, acredito que para deixar as mulheres presas, além de outras coisas. Deparei-me ainda com um vidro que dava para um salão, onde várias pessoas fodiam e brincavam de BDSM com cintos e demais aparatos.

— Oh, meu Deus! — sussurrei.

— Acho melhor não chamar Ele neste lugar. — Piscou para mim.

— Todos podem nos ver aqui? — sondei, notando o vidro que pegava a parede inteira.

— Não, foi feito para a sala VIP assistir ao *show* que tem toda sexta à noite, ao vivo.

— Você costuma fazer isso com as mulheres? — Com um chicote de montaria, um cara açoitava uma garota. Ela parecia gritar (não tinha certeza, pois o som não chegava até nós). Felizmente, era de prazer.

— Sim, às vezes. É maravilhoso ver uma mulher submissa na sua frente, podendo dar e sentir prazer — comentou. — Só nunca fiz diante dos outros.

— Interessante acompanhar uma cena dessas. Ainda mais sem ser pela TV.

— Sim. — Aproximou-se do vidro fumê. — Não podemos ficar aqui muito tempo, só um pouco. Depois, iremos embora o mais rápido possível. — Virou-se para mim com uma expressão um pouco preocupada.

— Por quê? Pelo Matteo? Garanto que ele não se importa com isso — murmurei num tom seco. — Parece estar muito bem.

Jules franziu a testa e sacudiu a cabeça com descrença.

— Você é cega? O cara só faltou me matar. Se seus olhos fossem uma

bala… Ou pior, adagas. Não sei como ainda não entrou neste quarto. Mas não me refiro a ele; falo de Alexei.

— Alexei? — indaguei, distraída. Não acreditava que Matteo se importasse comigo. Ele me tinha como um objeto. Enquanto isso, ficava com todas.

— Sim, seu irmão tem uma reunião aqui hoje, mais tarde.

Eu sabia que Alexei visitaria Chicago, ele mesmo me informou. Contudo, não disse nada sobre chegar nessa noite. Penso que queria fazer uma surpresa.

— Se ele souber que a ajudei e a trouxe aqui, aparecerei morto antes de o sol raiar. E o que pretende fazer? Você estava com aquele olhar de vingança agora há pouco.

Atônita, enxerguei um homem alto ficando com duas mulheres. Uma morena fazia um boquete, e a outra, loira, tinha os dedos do cara dentro de si.

Merda, isso era excitante.

— Sim, é mesmo — respondeu ele a um pensamento que não percebi enunciar.

— Você já fez algo assim? Quero dizer, um *ménage*? — Era melhor conversar do que focar na minha dor.

Por mais *sexy* que fosse, eu não sentia vontade de transar com outra pessoa. O único que eu queria estava lá fora com uma qualquer, fazendo sei

lá o quê. Ou melhor, eu sabia: com certeza, a fodia.

Por que não podia ficar com Jules? Dada a traição, me julgava solteira e desimpedida. Esqueceria Matteo, o que seria mais rápido caso me relacionasse com meu amigo. Se me considerassem uma vadia por isso, dane-se. Nunca fui santa.

Jules era um deus grego de homem, *sexy*, divertido e um bom amigo, capaz de levar qualquer mulher a esquecer o próprio nome.

— Sim, já fiz e faço direto. — Sorriu, provocando. — Quer experimentar?

— Quero — falei no tom mais firme que consegui, ou ele não me tocaria.

Seu sorriso lindo sumiu.

— Irina…

— Preciso disso, Jules. Só hoje, por favor — quase supliquei. Desejava me libertar do que sentia por Matteo. Se esse era o único caminho, por que não?

— É por causa dele? Porque está com outra mulher? — Trincou os dentes, apontando o queixo na direção da porta de madeira.

Eu me encolhi, não querendo pensar no que Matteo devia estar fazendo naquele instante.

— Por favor, vamos ficar juntos — sussurrei. — Dizem que podemos

esquecer alguém transando com outro.

Não lembrava quem me contou isso, nem sabia se era verdade. *Não custa testar*, pensei, esperançosa.

Ele suspirou.

— Pode não ser como você planeja, Irina. Não gostaria que nossa amizade acabasse porque transamos. — Ficou de frente para mim. — É tudo por vingança?

Pensei sobre isso: não era vingança. Cogitei apenas continuar no quarto para levar Matteo a supor que estávamos juntos, meu amigo e eu. No entanto, agora precisava de Jules, não tinha força para tirar Matteo de dentro de mim.

— Não será estranho, eu prometo. Você é lindo, *sexy* e gostoso, acho que vou conseguir — tentei soar brincalhona e, ao mesmo tempo, séria. — Não é por vingança.

Ele me avaliou um segundo e maneou a cabeça para o teto. Por fim, assentiu.

— Preciso dar uma saída; já volto. Enquanto isso, tire a saia e o espartilho, fique só de *lingerie* ali. — Apontou para perto da cruz. — Sente-se em seus calcanhares e coloque as mãos sobre os joelhos.

Arregalei os olhos para o lugar indicado. Em seguida, foram dele para a porta fechada.

— E se alguém entrar e me enxergar nessa posição? — perguntei. Eu

não era tímida, claro, mas daí a ficar nua na frente de estranhos? Não conseguiria. Jules me veria assim só porque transaríamos, então era outra história.

Ele riu e alisou meus cabelos.

— Não vai, este quarto é fechado com senha, somente quem o aluga a possui. Ficará segura, apenas eu posso entrar. Serei rápido, só preciso resolver uma coisa. Faça o que mandei, seja minha submissa hoje. Feche os olhos e não os abra até eu ordenar.

Aquiesci, pois sabia que podia confiar em Jules cegamente. Não queria ficar com ele para esquecer Matteo, porém, era minha única esperança para dar fim ao amor pelo *capo*.

Tirei a saia e o espartilho — mas não os sapatos, pois ele não pedira —, posicionando-me onde mandou. Ser submissa não estava nos meus planos ao entrar naquele lugar, mas tudo bem.

Ao cerrar meus olhos, ouvi a porta se abrindo e se fechando, bem como passos na minha direção. Não entrei em pânico, confiava que ninguém além de Jules entraria ali.

Não falou nada ao se aproximar. Talvez fizesse parte do fetiche. Eu respirava irregular, esperando por suas ações. Tentei não ficar nervosa por estar exposta na frente do meu amigo. Apertei minhas mãos nas minhas coxas e não abri os olhos.

Ao senti-lo perto, experienciei o mesmo de quando Matteo se aproximava, e me xinguei por dentro por pensar nele agora.

Ouvi-o se abaixar à minha frente e senti seu hálito quente de menta e charuto banhar meu rosto.

Minha respiração ficou presa na garganta. Esse cheiro másculo, esse aroma… Eu o reconheceria entre milhões. Não podia ser ele, e sim uma coincidência ou obra da minha consciência.

Abri os olhos e me deparei com órbitas negras me fuzilando num rosto duro feito pedra.

— Matteo…

Sua mão foi para o meu cabelo e deu um puxão para trás, me fazendo ofegar, não de dor, e sim de prazer. Merda! Cadê a raiva que estava sentindo alguns segundos atrás?

— Queria ser fodida por ele? — rosnou, mortal. — Você é minha, nunca ouse deixar alguém tocar no que me pertence. — Aproximou o rosto de mim. — Agora vou lhe mostrar o que faço com quem me provoca.

Senti um arrepio na espinha; não de medo, porque sabia que ele não me machucaria jamais. Matteo estava falando de outra forma de castigo, como um dom.

— Matteo…

— Entendeu o que eu disse, Irina? — Deu mais um puxão de cabelo, ao

que gemi. — Responda quando falo com você.

— Sim. — Minha voz era falha devido ao meu corpo pegando fogo.

— Quer ser fodida? — Soava rouco, com um tanto de ira.

— Sim — repeti, me remexendo nos calcanhares, incomodada com seu toque.

— Por mim? Porque não há a mais remota possibilidade dele tocá-la. — A boca foi para o meu ouvido, ao que estremeci. — Antes, cortaria a garganta do maldito.

Afastei o rosto com o corpo tremendo, tanto pelo seu toque como por suas palavras taciturnas.

— Você não é…

— …capaz? — terminou a frase com dureza. — Se soubesse da besta que habita meu interior, correria para as montanhas sem olhar para trás.

Sua mão tremia em meu cabelo, e a outra em meu braço. Havia algo incompreensível nos olhos dele. Parecia esconder uma fera lá dentro.

Toquei seu rosto, suas bochechas, seus lábios e seus olhos escuros como ônix, alisando-o com delicadeza para acalmá-lo.

— Você é incapaz de me machucar. — *Pelo menos fisicamente*, pensei. Emocionalmente, estava apto a me esmagar.

Acheguei-me devagar a ele, sem nunca desviar os olhos dos seus, e beijei sua face em ambos os lados, tentando tranquilizar o animal perigoso.

Ele pegou meus ombros. A princípio, achei que fosse me afastar; pelo contrário: me puxou para seu colo e escondeu o rosto no meu pescoço.

— Eu estive tão perto… — Sua voz saía grossa e rouca ao mesmo tempo.

Um gelo desceu por minha espinha. Fiz menção de me distanciar, mas ele não deixou.

— De quê? — Tinha medo da resposta, no entanto, precisava ouvi-la.

— De matar seu amigo. — Expirou. — Ainda mais agora, ao ver você nessa posição.

— Você não…

— Não toquei nele, mas minhas lâminas estavam em sua garganta…

— Matteo!

— Ele me disse o que pretendia fazer para me esquecer. — Beijou meu ombro, me arrepiando. — Você não pode me abandonar. O que viu agora lá fora não é o que pensa…

— Não? Você ficou com outra mulher, Matteo, enquanto estávamos namorando. Se gosta de sexo assim, poderíamos ter feito, não precisava vir aqui…

— Acha que eu foderia outra? — indagou, amargando as palavras.

— Por que não? — Afastei o meu rosto do dele. — Você não sente o mesmo por mim. — *Porque ama a Evelyn,* lembrei, só não disse em voz alta.

Já era insuportável pensar, imagine falar?

— Eu sinto, é este o problema. — Fechou os olhos por um segundo e depois me fitou. — Há algo que, se eu lhe contar, você me odiará para sempre.

— O que é? — Temia a resposta.

— Queria poder falar… Juro por tudo no mundo que não toquei em ninguém além de você. Jamais a trairia, Irina, nunca. — A verdade se mostrava evidente em sua expressão. — Só estava ao lado daquela mulher porque o cara à minha frente a jogou para mim. Como carecia de algumas informações, não a tirei, mas não a toquei.

— Acredito em você.

Eu podia insistir para que me contasse naquele momento o que queria descobrir desse tal homem. Deixei para mais tarde, pois desejava Matteo dentro de mim. Estava aliviada com o que falou sobre sentir o mesmo que eu. Sua reação demonstrava que realmente gostava de mim, a despeito de, algumas vezes, parecer frio. Era o seu jeito, e eu o amava desta forma.

No dia seguinte conversaríamos acerca do assunto que, supostamente, me faria odiá-lo. Nem se ele ficasse com várias mulheres isso seria possível, então não conseguia pensar em nenhum motivo. Se me traísse de verdade, não o odiaria, apenas não voltaria para ele.

Coloquei meus braços em seu pescoço e o beijei com uma fome capaz

de devastar o planeta. Suas mãos alisaram meu corpo, me fazendo estremecer de prazer. Era como se há décadas não sentisse seus beijos, seu gosto, seu toque e seu cheiro.

Gemi ao experimentar os dedos do *capo* dentro de mim; rebolava em sua mão como uma louca. Só queria que ele matasse esse desejo ardente que me consumia.

Carregou-me nos braços e me depositou na cama, sem tirar sua boca da minha. Meus lábios ficaram doloridos pela força do beijo. Estávamos desesperados um pelo outro, a princípio; após um segundo, o beijo se tornou lento, embora eletrizante. Era como se ele tivesse todo o tempo do mundo.

— Matteo… — Queria gritar para andar logo e entrar em mim.

Ele não disse nada, só tirou meu sutiã e abocanhou meu seio, apertando o bico do meu peito com a língua, me levando a gemer e gritar, não ligando para quem ouvisse.

Sugou um e depois o outro, ao passo que sua mão direita ia para entre minhas pernas, enfiando dois dedos em mim. Circulou meu clitóris, me fazendo clamar pelo seu nome.

— Isso, princesa, goze para mim — rosnou, dando uma última estocada de dedos, me trazendo à borda do orgasmo. Explodi.

Minhas mãos foram para sua camisa, não queria nada nos separando. Precisava sentir sua pele na minha.

— Pode tirar, sou todo seu, Irina. — Seu olhar era quente ao dizer isso.

A escuridão se fora, restando somente chamas abrasadoras que me deixavam mais e mais necessitada. Além do desejo, parecia que ele me amava e me queria, e não a outra pessoa.

Assenti, o despindo; o terno que vestia já fora tirado, talvez na hora em que entrou no quarto. Tão logo a camisa sumira, passei a apreciar seu peito lindo e malhado. Notei sua pele coberta de tinta: não eram tatuagens normais, e sim letras do primeiro nome de alguém. Não me cansava de admirá-las.

Fiquei curiosa para perguntar sobre o significado desses escritos. Como não eram muitas letras, não poderiam ser de pessoas que matou; já tinha ouvido que alguns mafiosos faziam isso, colocavam os nomes na pele. Então Matteo me disse, como se lesse minha mente, que eram as iniciais das meninas que o pai dele sequestrou e manteve presas em cativeiro.

Beijei cada tatuagem com carinho, sem desviar de seus olhos.

Ele prendeu o fôlego; enxerguei emoção ali. Suas pálpebras se fecharam por um segundo, como se rezasse. Em seguida me fitou, encantado.

— Irina… — Sua voz estava grossa, tomada de sentimentos.

Adorei ouvir o clamor nela. Empurrei-o para a cama de costas, o montei e passei minhas unhas vermelhas em sua barriga, ao que tremeu.

— Você está me provocando… — grasnou.

Arqueei as sobrancelhas.

— Estou? Nem comecei ainda… — Tirei seu cinto, sua calça e sua cueca, expondo-o em toda sua glória, que eu adorava, duro e brilhante com pré-sêmen.

— Quer ir para esse lado? Porque eu sempre ganho. — Mirou meus olhos.

— Sim, ganha mesmo — concordei. O *capo* possuía meu coração, meu corpo e minha alma. E quanto aos dele? Eu estava perto? Matteo disse que sim. Seria amor?

Suspirei, me controlando, não querendo estragar o momento.

— Irina? O que foi? — perguntou, me rodopiando e pairando em cima de mim. Tocou meu rosto. — Não suporto que fique triste. — Beijou-me.

— Não estou, só pensava no que disse a respeito de gostar de mim. Parece surreal — comentei. Não era um “eu a amo”, todavia, por enquanto, serviria.

— Só quero você, Irina, ninguém mais.

Beijou minhas pálpebras com carinho enquanto entrava em mim. Achei que fosse me foder com força, como sempre fez, contudo, movimentava-se devagar. Seus beijos eram apaixonados.

Então, com emoção em meu peito, percebi que ele estava fazendo amor comigo pela primeira vez. Já não desejava mais nada na vida, só a continuidade desse instante, com aquele homem em meus braços. Entrei no

clube pensando tê-lo perdido, e sairia sabendo o quanto gostava de mim.

Eu o amo, Matteo.



Capítulo 16

Matteo

HORAS ANTES

Localizei a minha irmã depois de ver uma foto sua no celular de Nasx. Mesmo passado tanto tempo, a reconheceria em qualquer lugar. Cheguei a Nova Jersey, onde Dalila vivia há três anos. A mulher que a adotou na Rússia se chamava Lucy. Após sua morte, minha irmã foi embora de lá para a cidade na qual morava agora.

Eu tinha muitas perguntas para Lucy: como adotou Dalila? Onde conheceu minha mãe? Eram questões sem resposta, já que as duas faleceram.

Lucy tinha uma filha, Lúcia, que vivia na Rússia. Além disso, descobri que minha irmã passara a ser conhecida por Samira e levava uma vida comum em Trenton. Trabalhava em uma boate como garçonete e estudava na faculdade de artes, área que sempre amou; pelo jeito, isto não se perdeu.

Encontrava-me em uma galeria onde estavam expostas algumas de suas obras — bem intensas, devo acrescentar. Foi um amigo dela que conversou com o dono para deixá-las em exibição ali.

Dalila sabia sobre nós, eu podia ver através dos quadros que pintou. No fundo, pensei que ela tivesse perdido a memória ou algo assim, pois nunca voltou para as nossas vidas (ou à minha, melhor dizendo).

Quando nós dois éramos crianças, não nos separávamos. Claro que fiz de tudo para esconder uma grande parte do nosso mundo sombrio dela. Porém, quanto ao casamento com menores, não podia impedir. Por um lado, fiquei feliz por ela ter ido embora, assim não se submeteu àquela barbaridade.

Dalila, desde criança, queria fugir para longe, não ser forçada a nada. Nem eu, nem mamãe aceitávamos que nossa menininha tímida fosse obrigada a casar. Nós sempre odiamos isso tudo.

As imagens mostravam os rostos de crianças cabisbaixas, parecendo carregar um fardo em suas costas. As faces eram atormentadas, tomadas de dor.

Em outra, uma mulher, de costas, segurava a mão de uma garotinha de cabelos negros em um parque. Eu a reconheci, e também a mulher ao seu lado.

— O que você fez? — perguntei a ninguém em particular.

Giulia decerto forjou a morte de Dalila. Chegou até nós e disse que a mataram, pior, estupraram… Merda! Tudo poderia ter sido evitado, ou talvez não. Quem saberia apontar com certeza?

— Lindas obras, não? — exprimiu um cara chegando ao meu lado,

observando os quadros também.

Assenti sem tirar os olhos das artes. Uma delas consistia em várias mãos presas em um poço ou algo assim, querendo sair.

— Sim, são belíssimas e um pouco diferentes — comentei, não querendo aparentar estranheza ou melancolia ao encarar os quadros. — Exatamente como eu gosto.

— Ela tem talento, aposto que se as pessoas certas vissem isso, poderia ir longe. Estou estudando se consigo algo — disse o senhor com um suspiro sonhador.

— Quem é a artista? — Fingi não saber, para ninguém desconfiar de nosso parentesco, não antes de falar com Dalila. — É daqui da cidade?

Aquiesceu e tocou em um quadro onde uma garotinha se sentava sobre uma pedra, fitando um oceano imenso e azul. A saudade e a dor eram visíveis em seus olhos.

— Sim, Samira. É muito habilidosa. Um amigo dela me convenceu a deixar suas obras aqui. Romulo é um cara gente fina. Na hora em que falou, considerei não concordar. Tudo mudou quando vi os quadros.

Sim, com certeza são magníficos, pensei. Muito tristes também, porque neles residia sua alma repleta de perdas. Ao menos foi isso que detectei nas obras.

Algumas retratavam momentos que viveu conosco; outras eram novas,

com ela longe de mim, da nossa família. Um quadro em especial despertou minha atenção.

Parei na frente dele, curioso e confuso. Havia um homem de terno. Por estar de lado, não mostrava o rosto; reconheci-o pela tatuagem em sua mão — ou melhor, na minha. Tatuei uma aranha viúva-negra aos dez anos; gostava da espécie por ser venenosa e letal.

Ela me desenhou? E quem era esse outro cara diante de mim, me confrontando? Examinei o segundo homem atentamente e vi algo que me fez arfar. Em seu dedo, usava um anel onde se lia “chefe” em russo. Conhecia muito bem o apetrecho de Dark. Será que eram próximos? Precisava averiguar isso também. Talvez fosse coincidência.

— Interessante essa arte — o cara falou. — Representa o poder, a meu ver. Acho que são pessoas que ela conhece. Estou indo procurá-la para uma oferta grande, Samira se encontra um tanto ocupada agora. Acredito que, assim que eu contar que pretendo investir nela, ficará feliz.

Dalila tinha uma vida. Do passado, restaram apenas lembranças ruins, como as dessas imagens. Precisava deixá-la seguir seu rumo.

Queria tanto tê-la ao meu lado, todavia, mais cedo descobrira que meu tio estava empenhado em identificar a localização de minha irmã. Precisava saber seus motivos. Por amor não seria; o cara era um tremendo sádico filho da puta que não amava nem mesmo Luca.

Dalila estaria segura nesse lugar, tinha amigos que se preocupavam com ela, como o tal de Romulo. Por que lhe roubaria isso, para correr perigo com Enzo?

Se meu tio quisesse fazer mal à minha irmã, daria um jeito de destruí-lo, apenas não sabia de que maneira ainda.

— Comprarei todas as obras dela — informei.

Ele arregalou os olhos, sorrindo.

— Samira vai ficar muito feliz. Quem devo dizer que as adquiriu?

— Matteo Salvatore. E, por gentileza, entregue este bilhete a ela por mim. — Dei um pequeno pedaço de papel para ele.

Lily,

Você não sabe o quanto sofri pensando que estivesse morta, mas, graças a Deus, descobri que está viva. Olhando para essas telas, eu vejo o que pensa do nosso mundo e do que passou nele. Prometo que a manterei segura, não deixarei que ninguém saiba que está viva, assim não precisará voltar.

Sinto sua falta e espero que um dia eu possa reencontrá-la pessoalmente para dizer tudo que não pude durante todos esses anos, após Giulia afirmar que você estava morta. Ela disse que os Dragons a mataram, e por isso papai os assassinou, mas no final você está viva e bem.

Eu a amo para sempre, minha irmã.

MS

Eu a queria comigo, mas teria paciência e torceria para voltar a abraçá-la. Por esta razão, deixei o bilhete e mencionei os Dragons, caso ela tenha conhecido o Dark. Assim saberia que não devia se aproximar dele ou de alguém de sua família.

Era egoísta por pensar isso, já que desejava a irmã dele. Contudo, os Dragons poderiam usá-la para se vingar se descobrissem o que Lorenzo fez.

Nem queria cogitar que eles já soubessem e estivessem se aproximando de Dalila propositalmente. Não faria sentindo, certo? Pois já correriam atrás de nós, querendo vingança.

Antes de pegar o voo e ir embora, não resisti e fui vê-la. Eu a acompanhei entrar na galeria: Dalila se tornou uma mulher linda; sempre foi, mas agora estava deslumbrante, com a pele branca e os cabelos escuros, parecidos com os meus e os de mamãe.

Queria me aproximar e abraçá-la. Segurei a vontade. Agora ataria as pontas soltas. Esperava mesmo que minhas suspeitas fossem infundadas, que não existisse nada entre ela e Dark.

Todos pensavam que eu estava na Itália, resolvendo negócios. Na verdade, fui à procura de minha irmã. Após, me concentraria em resolver os

problemas pendentes, começando pelo Enzo.

A caminho do aeroporto, liguei para Luca.

— Então, como foi? — perguntou ao atender. — A pestinha está bem? Trará ela com você ou descobrirá primeiro o que meu pai quer?

— Não posso buscá-la até entendermos o que está acontecendo.

— Ao menos a contatou? Abraçou-a e disse que estou louco para rever aquela sapequinha? — Riu.

— Ainda não, farei isso quando puder levá-la para casa. Deixei um bilhete dizendo que eu estive à sua procura. Você precisava ver as imagens que pintou… O que me deixou um pouco chocado e preocupado foram aquelas sobre a máfia. — Suspirei.

— Espere, o quê?

— Tinha um quadro de Dark comigo, como se estivéssemos nos confrontando ou algo assim. Não mostrou nossos rostos, só o reconheci pelo anel de chefe.

— Você acha que Dark sabe o que Lorenzo fez e foi até Dalila para descontar nela?

— Para descobrir, precisarei dos serviços de Daemon. — Peguei minha bagagem e me sentei, esperando meu voo. — Veja o que ele consegue arranjar de informações. Também necessito de uma pessoa de fora da máfia, que seja de confiança, para ficar de olho em Dalila por um tempo, até ter

certeza de que ela está segura.

— Posso checar com Shadow se conhece alguém para o serviço. E você está bem? Estava tão animado para ver a Dalila, ou melhor, Samira.

— Para mim, ela sempre será Lily — respondi com convicção. — Logo a verei, só preciso resolver esse problema, ou problemas. Antes, era apenas com meu tio que tinha de me preocupar. Agora fiquei mais nervoso com o negócio do Dark.

— Talvez ela tenha desenhado por desenhar, já que viveu uma boa parte de sua vida na Rússia, e nós estejamos nos preocupando à toa, não é? Com meu pai, acho que é mais sério. — Bufou. — Encontrei o cara que o informou sobre Dalila estar viva. Aparecerá hoje à noite no clube de BDSM. Talvez ele saiba o que meu pai quer de Dalila.

Torcia para Luca ter razão e eu estar preocupado demais sem motivo, vendo algo que não existia. Dark vivia na Rússia, jamais iria a algum lugar em Trenton. Mas ele até tinha uma boate por lá, a Prisma.

— Encontro você no clube. — Desliguei, ansioso para desenrolar logo isso e poder ter Irina e Dalila ao mesmo tempo. As duas mulheres da minha vida.



Entrei no clube de BDSM, onde me encontraria com o cara que conhecia os motivos de o meu tio querer Dalila e não dizer nada a mim. Ou,

pelo menos, eu esperava que de fato Zaul Felix soubesse de algo para eu poder usar contra Enzo.

Não queria encontrar ninguém em um lugar desses. Não por preconceito, já o frequentara e gostava de usar meu lado dominador, porém, agora só uma mulher importava para mim.

Era para eu deixá-la seguir com sua vida, ter outros relacionamentos nos quais ninguém lhe esconderia um maldito segredo, mas pensar em alguém a tocando me enraivecia.

A única mulher que eu desejava mais do que tudo era Irina. Precisava estar ao lado dela e dizer toda a verdade: que era a garota que eu queria para sempre.

Depois dessas semanas ao seu lado, entendi que não poderia mais me manter longe. Resolveria meus problemas, ficando livre para ir até seus irmãos e abrir o jogo. Arriscaria uma guerra, mas, pelo menos, não mentiria mais. Revelaria a ela primeiro e depois conversaria com Dark e Alexei. Era mais provável me matarem a deixarem Irina ser minha. Apesar de tudo, batalharia com unhas e dentes. Fora completamente domado, não havia escapatória.

O lugar estava lotado quando entrei. Fui direto a Zaul, sentado em um sofá no canto, olhando ao redor para os homens e suas submissas.

— *Capo*, prazer em revê-lo por aqui — cumprimentou, tão logo me

sentei e apertei sua mão.

De onde eu me encontrava, enxergava a entrada. A cada segundo, mais pessoas cruzavam a porta, loucas por diversão.

— Vamos direto ao ponto: você sabe por que Enzo quer minha irmã? E como ele descobriu que estava viva? — perguntei, avaliando-o. — Você o ajudou?

Ele engoliu em seco.

— Não sei…

— Não minta para mim, ou isto acabará muito mal — avisei, mortal. — Estamos tendo uma conversa civilizada, mas podemos ir por outro caminho.

Ele acenou para uma mulher alta com cabelos negros, que se sentou ao meu lado e começou a tocar meu peito, numa tentativa frustrada de me distrair para fugir do assunto.

Antes de eu tirá-la de cima de mim, vi Irina entrando no lugar.

Ela estava magnífica, com uma saia curta, um espartilho e os cabelos presos. Linda, mesmo coberta de maquiagem.

Por um momento, fiquei com raiva por enxergá-la vestida assim para se encontrar com alguém. A ira tomou conta de mim ao descobrir quem ela pretendia ver.

Em um breve segundo, nossos olhos se encontraram. Ignorou-me e se dirigiu até seu amigo, ou seja lá o que esse cara era. Se ele ousasse tocá-la,

acabaria com o maldito.

Ambos sumiram em um corredor de quartos, que eu sabia servir para foder e ver *shows* ao vivo também.

Eu me perdi, saí de onde estava com Zaul e os segui. Na mesma hora, Luca chegou e segurou meu braço.

— Controle-se, Matteo — pediu.

Tentei me esquivar do meu primo sem machucá-lo, o cara era um bom lutador.

— Saia da minha frente — rosnei com os dentes trincados, punhos cerrados e gosto de sangue na língua.

— Não vou deixar você ir lá dentro fazer uma besteira da qual se arrependerá. — Forçou o aperto, me mantendo prensado na parede. — Alexei aparecerá por aqui em algumas horas. Se tocar em um deles, estaremos com problemas.

O clube pertencia ao Vlad, que não era de lado nenhum, ficava em cima do muro. Portanto, o local se tornara um ponto neutro de encontro entre máfias e gangues.

— Se ele tocar nela, juro que o mato. Não vou ligar para nada.

— Ela é sua? Vai dizer a verdade à Irina? Senão, Matteo, desista. A garota morreria por sua causa… — interrompeu-se com Jules saindo porta afora e me fuzilando com o olhar.

— De fato. Está tão apaixonada que fica com você a despeito de achar que ama outra pessoa — rosnou Jules.

Saí dos braços de Luca e me lancei para ele, colocando a adaga em sua garganta. A lâmina estava tão perto, era só puxar e atravessar.

— Se encostou nela…

— Acha que eu fiz isso, porra?! — esbravejou na minha cara. — Ela pediu para transarmos, assim o esqueceria. Não disse com todas as letras, mas deu a entender. Foi você quem colocou a dor nos olhos de Irina. Se não a ama, não devia enganá-la saindo com outra. — Travei minha mão, tentando me controlar. — Ela sabe que ama a mulher de Shadow e, ainda assim, dorme com você. Já pensou o quanto isso é desprezível? Seu merda, dê valor à garota naquele quarto! — rugiu.

— Você não sabe de nada, porra!

O menino tinha colhões de me enfrentar, ignorando a arma apontada para si.

— A única coisa que eu sei é que se você não entrar ali agora e disser a ela que acabou, juro que lhe contarei tudo que Lorenzo fez, e também aos outros Dragons. Não será bonito. Se não a quer, apenas termine.

Deveria me preocupar com sua ameaça, no entanto, não ligava. Queria entrar no quarto e esclarecer essa bagunça toda.

Deixei os dois ali e o fiz. Ela estava sentada sobre seus calcanhares, de

calcinha e sutiã. Sua respiração se mostrava irregular, parecia nervosa.

Nunca pensei que a veria assim, submissa, muito menos para outro cara. Arrependi-me por não tê-lo matado quando tive a chance.

Eu também era culpado por colocar o nosso relacionamento em segundo plano. Ela deveria ser a prioridade na minha vida.

Provaria o que Irina significava para mim. Por ela, seria capaz de tudo: matar, esquartejar e até arriscar uma guerra que não queria ao ir de encontro a Nikolai. Não deixaria as coisas como estavam, fazendo a mulher que amo sofrer ao pensar que a desejava por uma mera foda.

Eu amo Irina Dragon, a filha do homem que meu pai matou.



Capítulo 17

Irina

Acordei cedo com um corpo sarado e forte colado em mim. Sentia seu calor abrasador. Eu me virei e olhei para o homem lindo ao meu lado: seu rosto era sereno, embora suas pálpebras tremessem de leve, como se sonhasse.

Alisei a bela face que eu amava, lembrando da nossa noite.

Depois que ficamos no clube, eu fui para a sua casa com ele. Já se passara uma semana desde então. Não queria ficar um segundo longe, até porque não terminamos de conversar, ele não me contou sobre o segredo que me faria odiá-lo. Pensando nisto, não conseguia achar nada em minha mente que tornaria tal sentimento possível.

Matteo nunca foi tão carinhoso comigo como durante essa semana, com seus beijos, suas carícias e seu amor. Não disse que me amava com todas as letras, contudo, afirmou gostar de mim, e eu sentia exatamente isto quando me tocava.

Alexei não pôde me visitar. Não sabia se ele chegou a ir ao clube para a reunião que teria lá, pois não falávamos de negócios de máfia. Havia algo que

meus irmãos não queriam me contar. Esperava que tudo se resolvesse.

Jules estava calmo esses dias, não vi acusação por não termos ficado juntos no clube. Apenas experienciei uma vibração estranha na tarde anterior, quando apareceu no meu apartamento e Matteo estava lá. Não iam com a cara um do outro.

Soube que Sírios fora preso e se tornara uma alma caridosa, entregando os contratos das pessoas que venderam seus estabelecimentos no porto.

Fiquei feliz, havia dedo de Matteo nisso. Ele não disse nada, e eu não perguntei de que modo conseguiu. Não reclamaria, independentemente das medidas utilizadas.

Esqueci tudo isso e foquei no homem dormindo. Curvei-me e fui beijá-lo para despertá-lo, porque combinamos de tomar café juntos antes de eu ir para a faculdade.

— Evy…

Assim que esse nome saiu da sua boca, foi como se meu coração estivesse sendo esmagado e um balde de água fria tivesse sido jogado em minha cabeça, me fazendo esquecer tudo que vivemos essa semana. Não só fodemos como fizemos amor, várias e várias vezes, depois até assistimos a um filme, *Diário de uma paixão*.

Ele me disse que precisava revelar algo que me faria deixá-lo para sempre. Será que admitiria seus sentimentos pela Evy?

Todo conto de fadas encontrava seu fim, e o meu chegara. O sonho virou pó. Seus gestos denotavam amor, e suas palavras negavam, tal qual nesse momento.

Travei a centímetros de sua boca. Seus olhos se abriram num rompante e ele congelou no lugar ao notar o que fez, enxergando a dor em mim.

— Irina…

Cerrei as pálpebras por um segundo e me afastei. Ou tentei.

— Não devia me surpreender. — A angústia era evidente em minha voz; aliás, estava em todo o meu corpo, se apossando do meu ser.

Ele me pegou antes de eu sair da cama e pairou em cima de mim, não me deixando ir.

— O quê?

— Você nunca vai esquecer a Evelyn… — Meus olhos já estavam molhados. Não queria desmoronar na frente dele, mas Matteo não me soltava.

— Esquecer a Evelyn?

Eu pisquei.

— Deixe-me ir, Matteo — implorei, quase gritando.

— Porra! — Ele parecia ter dificuldade para respirar. — Acha que eu gostava dela?

— Não gostava, ainda a ama — sussurrei, lutando contra ele, que por ser mais forte colocou minhas mãos acima da minha cabeça.

— Eu a amo? Está louca? Quem estou fodendo todo esse tempo? Quem eu olho em adoração toda vez que gozo? — Sua voz saiu dura e com raiva.

— Eu, mas só porque não pode tê-la.

Riu com amargura.

— Pensa que eu estava tendo sonhos com Evelyn?

— Você chamou o nome dela enquanto eu o tocava.

— Eu estava tendo um pesadelo, Irina.

— Você a ama. — Falar isso arranhou minha garganta, porém, precisava que assumisse. — Diga a verdade, Matteo.

— Sim, é verdade, mas…

Senti como se ele me desse um soco no estômago… Bem, um soco doeria menos. Pressionei-o para que contasse, mas, no fundo, tinha esperança…

— Saia de cima de mim. — Não queria falar dos sentimentos dele por outra estando nua.

— Não acredito nesta porra! — Soltou-me e sentou na cama. — Depois de tudo que tivemos, acha que estou apaixonado pela Evy?

— Você acabou de confirmar — rosnei, me cobrindo com o lençol e me escorando na cama o mais distante que pude.

Se eu fosse uma pessoa normal, teria corrido para bem longe, assim meu coração não seria mais despedaçado do que já fora. Não sabia por que

não partira, talvez estivesse chocada e me sentindo dormente com sua revelação.

— Eu me importo com ela tanto quanto você se importa com Jules. — Suspirou com os punhos cerrados.

— Sim, mas não estou apaixonada por ele — afirmei com a voz fraca.

— E nem eu pela Evelyn. — Passou a mão direita nos cabelos. — Quer a verdade?

Assenti, ignorando seu tom duro como rocha. O que havia mais para dizer além dele amar minha amiga?

— Há três anos, descobri o que meu pai fazia com aquelas meninas. Evelyn estava presa em uma maldita cruz, um lugar onde os homens de Lorenzo colocavam as meninas que desobedeciam. — Olhou-me de lado. — Você conhece a Evy, ela não se rebaixa para ninguém.

Sim, a ruiva era um fenômeno da natureza; não a invejava, afinal, agia de forma similar. Às vezes, me perguntava se foi por isso que Matteo se aproximou de mim…

— Evy tem garras, foi o motivo para ter gostado dela logo que a conheci.

Tentei não pensar nele apaixonado por minha amiga, muito menos no quanto Evelyn sofreu. Dava vontade de eu mesma acabar com Lorenzo.

Sabia que ela tinha passado por maus bocados, contudo, ser espancada

e presa? Quanta crueldade! Que esse monstro ardesse no fogo do Inferno assim que partisse — e logo, eu esperava.

— Admiro que, mesmo estando naquele lugar, Evy era uma guerreira, lutava para libertar não só a si própria, como também as outras meninas. — Suspirou. — Não sei por qual razão gostei dela, acho que por sua tenacidade sem filtro. Ela morreria por aquelas meninas, se fosse preciso. Passei a lutar e fazer alianças para tirar todas de lá.

— Primeiro salvou a Evy. — As palavras saíram sem que eu pudesse controlá-las. Eu estava feliz por minha amiga ter sido libertada daquele lugar horrível.

— Não foi pelo fato de eu gostar dela, se é isto o que pensa, e sim porque ela era importante para eu fazer uma aliança com os MCs.

— Por ser irmã do Kill…

— Sim, descobri sobre Kill algum tempo atrás, Evelyn falava muito nele, e Kill também o fazia. Ele moveria o Céu e a Terra pela segurança da irmã e das demais meninas. Confiava nisso, então tinha de resgatá-la.

Permaneci calada, esperando-o terminar sua história ruim, cujo final seria feliz para a minha amiga.

— Ela estava penando por sua família ter morrido, até pensava que Kill estivesse morto também. Depois que foi presa e chicoteada, decidiu que precisava substituir uma dor por outra pior do que a que sentia por perder

todos que amava. — Expirou pesadamente, angustiado. — Ela me pediu para acabar com seu sofrimento…

Meu coração deu um solavanco ao imaginar o quanto foi difícil para ele. Não conseguia vislumbrar Matteo machucando alguém, muito menos a Evy.

— O que você fez? — sondei, preocupada com a tristeza em seus olhos e sua voz.

— Era aniversário de morte dos pais dela, a data mais complicada. Com pessoas normais, eu aconselharia um psicólogo, e é claro que fiz isto, mas ela não quis ouvir. Disse que, se não a ferisse, ela mesma arranjaria encrenca e iria para o castigo de novo, onde a açoitariam — sussurrou. — Eu poderia ter feito algo, menos o que ela me pediu…

— Matteo… — comecei a dizer. Minha voz enfraqueceu, não soube como continuar. Estava chocada demais ao descobrir que ele a machucou.

— Eu bati nela…

Não sabia o que sentir em relação a isso, porque custava a acreditar que Matteo faria algo assim.

— Sim, mereço esse seu olhar aterrorizado. Mereço desprezo, raiva e até a morte.

— Você não fez isso porque quis, Matteo. Foi ela quem pediu, não é?

— Não muda nada. Devia ter impedido de alguma forma. — Fechou os

olhos por um segundo. — Foi uma cintada, mas pareceram milhares. Até ouço seus gritos, eles me atormentam.

— Foi este seu pesadelo?

— Sim. Sou um monstro, Irina, que diferença há entre mim e o meu pai? — Seus olhos negros se abriram e me fitaram. — Nada. Tal pai, tal filho.

— Estuprou alguém? Acredito que não. Seu pai sequestrava meninas, as mantinha prisioneiras e as entregava aos seus homens, que as matavam. — Demonstrei firmeza. — Você só fez isso com Evelyn porque ela pediu, o que foi estúpido.

Coloquei o lençol de lado e me apressei em abraçá-lo por trás. Matteo se esquivou de mim.

— Você não deve me tocar, não devia sequer ficar ao meu lado ou me amar. Fuja enquanto pode. — Lançou-me um olhar triste. — Quando um humano vê um leão, ele corre para bem longe.

— Está dizendo que é perigoso? Não há a mais remota possibilidade de um humano escapar de um leão, ele acabaria…

— …devorado. E acontecerá com você, caso fique comigo.

— Pode ser — concordei, pegando uma camisa dele e vestindo. — Mas apenas por não me amar, e não pelo que fez com Evy. Você não é um assassino.

Seu olhar estava entre a dor e o pesar.

— É isso que acha? Que eu não a amo?

— Eu sei que gosta de mim, mas também…

Ele me cortou:

— Posso ter gostado dela, contudo, amor eu só senti por você, Irina. Evelyn me perguntou se eu transava com outras mulheres, na época em que eu pensava estar apaixonado por ela. E eu o fazia. A partir do momento em que conheci você, não quis mais ninguém.

Arregalei os olhos.

— Você me ama? — Prendi a respiração com essa notícia, que me deixou exultante. Era a primeira vez que ele dizia isso claramente.

— Sim, a amo com cada fibra do meu ser.

— Isso não parece deixá-lo feliz — sussurrei, melancólica.

— Eu estou… Irina, é só que… Existe algo pior que fará você querer se afastar…

— O que é? Está me deixando nervosa. — Trêmula, pensava no pior.

— Primeiro, saiba que não vou permitir que se distancie. Concederei o tempo que quiser, mas nunca consentirei que se afaste de mim. Não posso perdê-la, não por causa disso. — Seu olhar era intenso.

— Que coisa tão terrível é essa? — Meu peito se apertou, tentando imaginar. E se fosse algo pelo qual não poderia perdoá-lo? Que não aceitaria? Minha mente estava em branco. — Só fale de uma vez, Matteo.

— Quando a conheci, fiquei louco querendo você. Não sabia quem eram seus irmãos…

— Não quis se aproximar de mim por eu ser uma Dragon? Você é inimigo deles e não me contou nada? Por acaso me usou por uma vingança ou algo do tipo? — Minha voz se elevou.

Ele piscou.

— O quê? Não, jamais faria um negócio assim — apressou-se em dizer. Senti nervosismo e preocupação ali, só desconhecia o motivo.

— Então o que é, Matteo? — Eu me senti aliviada, apenas não o bastante para me tranquilizar.

— Quando soube quem era e que estava apaixonado por você, lutei contra o que eu sentia, porque sabia que você ia sofrer no final, assim que eu revelasse o que aconteceu. — Suspirou e apontou para a cama. — É melhor você se sentar.

Obedeci, pois seu tom demonstrava a seriedade do assunto. Segurei minha ansiedade. Não gostava de me sentir desse modo. Da última vez que mandaram eu me sentar, foi para dar a notícia da morte dos meus pais, há doze anos.

— Por favor, Matteo, diga logo.

— Você sabe quem assassinou seus pais? — perguntou de repente.

— Nikolai e Alexei não falam sobre ele, mas sei que se chamava

Andrey Jacov, chefe de uma máfia russa. Foi morto em uma emboscada em Manhattan, quase dois meses atrás.

— Eles lhe contaram ou você descobriu de outro jeito?

— Que esse monstro desgraçado foi morto? Vi pela internet. Descobri que foi ele o mandante da morte dos meus pais após ouvir uma conversa de Nikolai e Alexei, alguns anos antes. Nikolai buscava vingança contra ele, por isso se tornou chefe. — Franzi a testa. — Por que estamos falando disso?

Ele suspirou.

— Porque não foi Jacov quem matou sua família. Andrey assassinou a mãe biológica de Nikolai, mas não os seus pais, como todos pensavam. — Respirava meio irregular, prestes a revelar algo difícil e doloroso.

— Não foi? Então… — interrompi-me com assombro. Não, não podia ser…

— Lorenzo…

Uma onda gigante me dominou, sendo lançada contra meu peito, incapacitando meus pulmões.

— Não, não é verdade! — exclamei, chorosa, me pondo de pé com os punhos cerrados.

Ele expirou ao ver a dor em meus olhos.

— Sim… Lorenzo pensava que seus pais tinham arquitetado a morte e o estupro de minha irmã, Dalila…

— Não! Eles podiam ser tudo, criminosos e mafiosos, mas nunca assassinariam uma criança, muito menos… — Sacudi a cabeça. — Meus pais jamais teriam matado ela ou qualquer um desse jeito, ou apoiariam algo assim. E você disse que sua irmã está viva…

— Sim, ela está. Minha mãe forjou a morte de Dalila para ela não ser condenada a essa vida da máfia. Fez isso para proteger minha irmã.

— E meus pais morreram de graça — desdenhei. — Você mentiu para mim.

— Sinto muito, não queria fazer isso. Não contei temendo a guerra que se instauraria entre nossas famílias, você sofreria. Estou vendo agora a dor em seus olhos — murmurou, vindo na minha direção.

Eu me afastei dele, evitando seu toque. Vesti minhas roupas às pressas.

— Irina…

— Não posso ficar aqui. — Chorava, encaminhando-me para a porta. Ele pegou meu braço. — Por favor, Matteo…

— Eu disse que daria seu tempo, Irina, mas que não permitiria que me abandonasse. Não posso ficar sem você, não posso perdê-la por algo que meu pai fez — disse com ferocidade. — Se houvesse uma guerra, não queria você metida nisso.

— Não era sua decisão. No momento em que soube de minha origem, devia ter me contado a verdade. Como acreditarei em você? Não posso, só

quero ficar sozinha.

Respirei fundo, limpando as lágrimas que desciam pela minha bochecha. Matteo não tinha culpa, todavia, sua mentira ainda doía demais. Amava o filho do homem que matou meus pais.

— Lamento muito que esteja sofrendo, queria protegê-la e não pude — falou à meia-voz, comigo já na porta. — Amo você como nunca amei na minha vida, Irina, e jamais desistirei de nós dois.

“Amo você”: estas palavras eram tudo que eu queria ouvir dele antes dessa merda de bomba cair sobre mim e destruir a minha vida.



Capítulo 18

Irina

UM MÊS E MEIO DEPOIS

Dias após eu saber o que Matteo escondeu, continuava chorando por ele ter mentido para mim. Pode parecer loucura, mas me sentia culpada por amá-lo, pois meus pais não aprovariam. Por isso fui para a Rússia. Bom, também para ficar um tempo longe de Matteo. Via seus homens me seguindo; seu primo, para ser exata. Não queria correr o risco de ir procurá-lo, precisava de tempo. Logo completaria um mês e meio sem vê-lo, e treze anos da morte dos meus pais. Não ficaria sem visitar seus túmulos.

Esses dias foram turbulentos, era como se eu fosse um maldito robô: me movimentava, conversava e andava sempre fora do meu corpo, como um zumbi.

Meus irmãos estavam mais nervosos com uma guerra chegando. O que me deixava aliviada era que não seria contra os Salvatores. Não contei a verdade a ninguém. Poderia estar longe de Matteo agora, mas não queria que nada acontecesse a ele ou a alguém de sua família, apenas pelo que o

miserável do seu pai fez. Matteo não era e nunca foi como o pai, inclusive derrubou a sujeira e a quadrilha do velho asqueroso.

Foquei no presente: Nikolai me pediu para fingir que estava na cama com ele, de modo a magoar a sua namorada. O que eu não sabia era que a garota era filha de Lorenzo, ou seja, irmã de Matteo. Chamava-se Samira atualmente. Primeiro achei que ela tinha feito algo errado, que traíra meu irmão, contudo, foi só um plano porque um cara chamado Vladimir estava de olho em nossa casa, com pessoas suas infiltradas ali. Ou seja, se descobrissem a proximidade de meu irmão com uma mulher, ela poderia sair ferida. Custou muito ao Nikolai dizer as palavras duras que a destruíram:

— Você precisava sofrer tal qual eu sofri. Sabe o sacrifício que foi ficarmos juntos? Dormir e transar com a filha do homem que matou meus pais? Nem com todas as mulheres com quem estive depois eu consegui fazer sumir seu toque repugnante e poluído — dizia entredentes, mas era tudo mentira. — Não entende minha repulsa ao tocá-la. A raiva de vê-la todos os dias e não a matar.

Meu irmão a amava, notei assim que Samira foi embora correndo da minha casa. A dor em seus olhos era visível, ainda mais quando soube que ela estava grávida dele.

Fiquei olhando meus irmãos irem atrás dela, que tinha pegado o carro de Alexei e fugido. Não havia nada que o deixasse mais furioso do que

mexerem em seus automóveis.

Tremia por dentro, perdida quanto aos meus sentimentos. Fui culpada de ajudar a ferir a irmã de Matteo, não queria isto. Não o odiava para fazer mal a ele ou à sua família. Se soubesse quem ela era, não teria auxiliado Nikolai naquela atuação, que não valeu para nada: descobrimos que Vladimir sabia que fora armado, havia câmeras por todos os lados.

Após tudo isso, dois dias se passaram com Nikolai sumido, procurando Samira, que também havia desaparecido. Esperava que conseguisse encontrá-la. Depois teria de me desculpar pelo que fiz a ela.

— Senhorita Irina, podemos ir? — indagou o motorista.

Encaminhava-me ao cemitério para ver meus pais. Sempre que voltava à Rússia, ia quase direto. Era uma forma de ficar perto deles.

— Alguma notícia de Nikolai e Alexei? — perguntei a Liam, um dos homens do meu irmão.

Ele era alto, forte e de olhos claros.

— Estão chegando hoje, senhorita, já devem estar pousando aqui com o *capo* Salvatore.

Meu coração deu um solavanco tão alto que poderia ser ouvido a quilômetros.

— Matteo está com meus irmãos?

— Sim — respondeu, me avaliando. — Algum problema, senhorita?

Todos os homens dos meus irmãos me chamavam assim. Insisti que mudassem seu jeito, mas alegavam que era por respeito ao chefe.

— Vão lutar pelo que o pai dele fez aos nossos? — Tremia, preocupada com os três.

— Parece que fizeram uma aliança…

— Aliança? — Arquejei, então pensei melhor: Samira era Dalila, irmã de Matteo, e Nikolai a amava tanto que fazê-la sofrer o atormentou.

No final das contas, se aliariam por ela? Deveria minha gratidão à Samira por toda a minha vida, afinal, não queria que o cara que eu amava brigasse com meus irmãos. Isso me destruiria.

— Sim, pela felicidade da namorada dele, a irmã do *capo* — disse com um suspiro.

Assenti e fiquei em silêncio todo o caminho até o cemitério onde meus pais foram enterrados. As lápides deles eram feitas de mármore preto. Ademais, havia uma estátua dos dois. Alexei se parecia com meu pai, e eu com a minha mãe.

Ajoelhei-me em frente aos túmulos para deixar as flores que trouxera: rosas, as preferidas de mamãe. Ela tinha uma estufa pela qual até hoje Nikolai zelava, como se isto fosse manter nossos pais e sua avó vivos.

Nikolai era filho de Sebastian Ruiz, um chefe do cartel mexicano que o abandonou em um hospital quando meu irmão era bebê. Andrey Jacov matou

a mãe de Nick, e então Sebastian só quis vingança, não ligou para mais nada.

Meus pais o adotaram e o amaram como um filho biológico, não importando se não tinha o mesmo DNA. Com certeza, eles estariam felizes com o que meu irmão se tornou.

— Mamãe, papai, o que faço? Estou tão apaixonada por Matteo que não suporto mais ficar um dia longe dele — sussurrei. — Ele é um homem honrado, disse que me daria o meu tempo e deu, não me obrigou a escolher.

Alisei o anel com que me presenteou antes de me revelar toda a verdade. Por alguma razão, não consegui devolvê-lo; precisava apenas de tempo, e o tive com meus irmãos, na minha casa.

— Lamento, não posso esquecê-lo. Manter distância esses dias foi difícil, como se cada parte de mim tivesse sido despedaçada e esvaziada. Como posso viver assim? Sei que o monstro do pai dele matou vocês, mas Matteo não tem culpa, nem sua irmã. — Suspirei. — Queria tanto que estivessem aqui.

Limpei as lágrimas.

— Eu amo vocês demais…

Fui interrompida com uma mão puxando meu braço.

— Senhorita, vamos rápido!

Ouvimos tiros sendo direcionado a nós — a mim, Liam e mais alguns homens do meu irmão ao nosso redor.

— O que está acontecendo?

— Não devíamos ter vindo aqui!

Foi um sacrifício convencer meus irmãos a me deixarem sair de casa. Só permitiram porque era um dia que considerava importante, o dia em que sempre visitava meus pais. Eles também teriam ido, contudo, precisavam correr atrás da Samira, Dalila ou seja qual fosse o nome pelo qual a irmã do Matteo queira ser conhecida.

Antes que eu contra-argumentasse, tudo ficou escuro ao sentir uma pancada.



Abri os olhos e busquei informações no meu entorno, querendo saber onde estava. Parecia um galpão ou algo assim. Minha cabeça doía.

— Liam — chamei, tentando me mexer. Minhas mãos estavam amarradas.

Não o vi em lugar nenhum. Meu coração se acelerou e apertou, temendo tanto pela minha vida quanto pela dele.

Se eu tivesse ouvido meus irmãos, não me encontraria em tal situação, raptada por um desconhecido. Fui enganada uma vez por Enzo, mas não considerava aquilo um sequestro. Agora, sim, fora nocauteada e trazida para um lugar bizarro, aposto que para conseguirem alguma coisa de Nikolai e Alexei.

Esperava que Samira estivesse bem, que não houvessem chegado até ela, afinal, carregava um bebezinho na barriga.

— Vamos ver o quanto ele vai aguentar, talvez ainda esteja vivo — disse uma voz na minha frente.

Vi um homem forte, de barba grande, vestido com terno. Havia outro do seu lado, loiro e de cabelos curtos.

— O chefe mandou você para degustarmos. — Seu olhar para o meu corpo me fez arrepiar de medo.

— Dark escolherá a sua mulher, por isso ele nos deu você e foi para ela…

— Samira? Vocês estão com a minha cunhada? — perguntei, simultaneamente grogue e enraivecida.

— A putinha do Dark? Oh, ela está agora com o chefe.

— O chefe o fez escolher entre você e a garota dele. A que não quisesse, viraria nossa diversão — comentou o barbudo.

O loiro riu.

— Vamos adorar a possuir. Parece que até o seu irmão Alexei desistiu de você e foi com Nikolai.

Evitei estremecer ante aquelas palavras. Nenhum deles mencionou Matteo, apenas meus irmãos indo atrás de Samira. Sabia que jamais me deixariam se algo fosse acontecer comigo. Decerto mandaram Matteo me

encontrar.

Torcia mesmo para estar certa, não podia morrer sem ver o *capo* mais uma vez. Era o homem da minha vida, o cara com quem queria passar o resto dos meus dias.

— Meus irmãos virão — falei, tentando não pensar em Matteo.

O barbudo riu após ler uma mensagem. Lançou-me um sorriso de gato prestes a comer um canário.

— Como disse, o filho da puta do Dark fez uma escolha.

— E não foi você… — cantarolou o loiro, gargalhando.

Nunca imploraria por minha vida, não a um bando de idiotas assassinos. O que faria caso Matteo não chegasse a tempo? Não poderia ser tocada por esses monstros, preferiria a morte.

— Ele virá — sussurrei para mim mesma. Não perderia a fé em meu amor.

— Não ouviu, vagabunda? Dark escolheu a outra cadela, não você! — O barbudo veio em minha direção.

Meu coração gelou. Fechei os olhos, não querendo ver o que estava prestes a acontecer. Oh, céus, nunca senti tanto pavor.

— Matteo… — balbuciei.

Desejava mandar todos se foderem, porém, tremia demais, com medo das consequências.

Ouvi um baque de algo caindo no chão. Não abri os olhos, ainda assustada. Mãos encostaram nas minhas e comecei a gritar.

— Não me toque!

— Irina, sou eu — disse uma voz que eu reconheceria entre milhões. Abri os olhos, me deparando com sua expressão mortal. — Você está bem?

Suspirei aliviada ao vê-lo ali, e os homens mortos com adagas em suas cabeças. Então os tiros começaram por todos os lados.

Matteo desatou as cordas e me abraçou forte, como se quisesse me manter consigo para sempre.

— Estava com tanto medo…

— Eu sei, querida, estou aqui agora — garantiu, me puxando. — Vamos embora.

Enxerguei Nasx, um dos caras mais fodas que já conheci, emputecido com a situação. Hunter estava junto, com vários homens lutando e atirando.

Matteo me puxou para o fundo do galpão e me levou na direção do carro.

— Liam…

— Ele vai ficar bem — assegurou, colocando-me no banco de trás.

Eu me aconcheguei ao seu lado, inalando seu cheiro delicioso.

— Matteo…

— Oi, querida. — Seu tom estava diferente, um pouco rouco, numa

tentativa de controlar sua raiva.

— Fiquei com medo de que fosse morrer sem dizer a você que o amo. — Olhei nos olhos dele. — Que não ligo para o que seu pai fez, você não é ele e jamais será. Amo você porque é corajoso, forte, fiel à sua palavra. Me deu tempo, mesmo sofrendo em relação a isto. Você queria me procurar, e, como prometeu a mim, manteve-se afastado.

Ele franziu o cenho.

— Falou com Luca?

Eu conversava com Luca direto, precisava saber como Matteo estava. Seu primo disse que me dar espaço se mostrara muito custoso ao *capo*.

— Sim, desculpe, eu só…

— Eu sei, princesa. — Beijou meus cabelos.

— Você me perdoa? — sussurrei. — Ainda me quer?

Ele me afastou, e eu me encolhi.

— Perdoar você? Irina, você não fez nada. Precisava daquele tempo, o que eu disse não foi fácil. — Beijou minhas pálpebras. — E quanto ao que sinto? Mudou…

— Oh! — murmurei, mordendo os lábios para não chorar.

— Está cada vez maior, tanto que não sei como mensurar. — Deu-me um beijo casto. — Alguém sabe quantas estrelas há no céu, ou quantos grãos de areia existem no mar? Impossível. É o mesmo que eu sinto, tão forte que

não sei viver sem você, minha pequena pacificadora.

Subi em seu colo, ignorando que tínhamos uma plateia: Samuel. Ouvi o som de um vidro subindo, a divisória que ficava entre o motorista e o banco do passageiro foi colocada. Estávamos só nós dois. Eu o beijei, faminta.

— Irina… você…

— Eu o quero, mais do que tudo. Não desejo pensar em nada do que houve hoje, preciso focar em nós dois aqui — sussurrei, desesperada por seu toque. — Por favor.

Ele gemeu e suas mãos foram para o meu vestido, levantando-o, rasgando minha calcinha. Logo eu estava montada em Matteo, e seu pau me preenchia centímetro por centímetro.

Seus beijos eram fortes e urgentes, enquanto eu rebolava em seu colo. Tentei fazer o mínimo de barulho possível, mas estava difícil; queria gritar, tamanho era o prazer.

— Eu amo você, Matteo — murmurei nos lábios dele, fitando-o intensamente.

— Não mais do que eu a amo. — Puxou meus cabelos, me fazendo gemer. — Não vou deixá-la se distanciar de novo. A partir deste momento, você é minha mulher.

— Nem eu pretendo fugir. — Alisei seu rosto com as pontas dos dedos. — Você é tudo que eu quero na minha vida: casar, ter filhos e ser sua para

sempre.

Há muito tempo eu esperava por isso, ouvir essa declaração com todas as letras saindo de sua boca. Demorou um pouco, mas consegui ter o amor desse homem.

— Sempre. — Selou nosso juramento com um beijo enquanto nos amávamos.



Capítulo 19

Irina

UMA SEMANA DEPOIS

Matteo queria falar com meus irmãos sobre nós, mas Nikolai levou dois tiros e quase morreu, então pedi que esperasse até ele ficar melhor. Matteo, como sempre, concordou, o que me fez amá-lo mais do que nunca.

Fiquei feliz por meu irmão estar bem; levou tiros para salvar Samira. Heroico da sua parte. Ele faria qualquer sacrifício por aqueles que amava. O medo passou assim que soube que sobrevivera.

Eu me encontrava na sala. Matteo e Alexei conversavam com uns homens que chegaram à nossa casa. Não os conhecia.

Nikolai estava no hospital ainda, e ótimo, graças aos Céus. Se estivesse conosco, seria pior controlar três caras, já bastava Alexei e Matteo.

— O que vocês querem? — perguntou Alexei, frio.

Eu espiava a discussão, para não os deixar sozinhos, embora não pudesse lutar com esses mal-encarados.

— Pietro Petrova nos mandou vir aqui para propor uma aliança entre

nossas famílias — disse um homem alto, moreno, que usava óculos.

Alexei fechou a cara e cerrou os punhos.

— Não faremos aliança com aquele miserável de modo algum. Volte e informe isto a ele.

Eu não estava contente com o rumo da conversa. Qualquer coisa, chamaria Kriger, ele resolveria tudo. Todavia, acho que nem precisaria, já havia homens o bastante ali, tanto dos meus irmãos quanto de Matteo.

— Pense bem, podemos nos aliar, o chefe tem uma filha, ela seria sua esposa ou do Dark, e sua irmã se casaria com Pietro.

Tremi por dentro. Não, meus irmãos não me obrigariam a me casar com qualquer um… Óbvio que precisaria casar algum dia, mas seria com Matteo, só ele importava para mim.

— Ela não vai se unir àquele desgraçado — rosnou Matteo, com os dentes trincados.

O barbudo o encarou de lado.

— Não estou falando com você, *capo*. Afinal, o que faz aqui? Pensei que estivesse sequestrando crianças para estuprar. — Sorriu. — Não sou contra, adoro um broto virgem. O chefe gostará da garota Dragon, com certeza…

Eu estava a ponto de responder, mesmo indo contra meu irmão na frente dos seus homens e desses capachos sem escrúpulos — principalmente

aquele verme que desrespeitou um *capo* —, mas Matteo se lançou para o merda, o derrubando no chão. Começou a socá-lo com toda a fúria. Armas foram apontadas, dos sete homens do cara e também dos de meu irmão.

Meu sangue gelou. Corri para fora e fui na direção do Matteo, chamando pelo seu nome. Não consegui chegar perto dele, porque Alexei me pegou e puxou para longe.

— Acalme-se, por favor — em italiano, pedi ao meu amor.

Adoraria ver o maldito morto, contudo, ele estava no território dos meus irmãos, e Pietro poderia acusá-los e contra-atacar. Não desejava isso, afinal, foi uma guerra que levou Nikolai para o hospital; não queria que mais ninguém se machucasse.

— Matteo! — chamei, lutando contra o aperto de Alexei, que estava calado, vendo tudo sem fazer nada.

Ao som da minha voz, ele parou e ficou ali, de joelhos, onde socava o cara. Respeitou minha vontade, expirando e se afastando. Seus punhos estavam sujos de sangue. O homem parecia desacordado.

Ele olhou para mim; a sombra escura dominava suas feições, o tornando mortal. Mexi os lábios em um “Amo você” sem som algum, para Alexei não ver nada, apesar de acreditar que meu irmão já desconfiava.

Matteo virou as costas e saiu rumo ao seu carro. Pretendia dar um passo na sua direção, mas Alexei segurou meu braço.

— Deixe-me falar com ele, Alexei.

— O que está acontecendo? Você viu? Aquilo em seus olhos são demônios. Acha que vou permitir que se aproxime?

Ri, amarga.

— Quando você mata pessoas não fica assim? — retruquei. — Preciso falar com ele antes que vá embora, não posso deixá-lo partir deste modo.

— Irina…

— Alexei, *por favor* — supliquei.

Meu irmão amaldiçoou e me soltou. Corri até Matteo e fiquei na sua frente, antes de ele entrar no carro.

— Matteo, espere…

— Irina… — A dor era evidente na sua voz e nas íris negras como ônix.

— Não! — urrei. — Fiquei quase dois meses longe de você, não vou permitir que se afaste de mim.

— Eu sou um monstro — afirmou, sombrio.

— Pode haver partes escuras em você, mas não é um monstro, sabe por quê? — Não o esperei responder. — Porque nenhum monstro faz o que você fez por aquelas meninas que salvou, nenhum monstro arriscaria a vida por uma mulher, nenhum monstro seria capaz de amar como você me ama.

Matteo enfiou a mão em meus cabelos e me puxou para ele, colando

sua testa na minha, sem tirar os olhos dos meus.

— Lamento pelo que presenciou agora há pouco — sussurrou.

— Não me importo com isso, aliás, estou triste que não tenha matado o filho da puta. — Forcei um sorriso para tranquilizá-lo. — Amo você, tanto seu lado sombrio quanto o carinhoso. Ambos fazem parte de quem é. Espero que um dia consiga arrancar pelo menos um terço dessa escuridão.

— Também a amo, minha princesa. — Sorriu, afastou-se e piscou para alguém atrás de mim. — Alexei.

— Têm dois segundos para dizer que porra aconteceu aqui e por que estão juntos. — Fuzilava Matteo.

— Não é da sua conta. Matteo já está de saída — falei, empurrando-o para o carro e ficando de frente para meu irmão. — Nós conversaremos depois, assim que Nikolai sair do hospital.

— Temos que falar agora — retrucou.

Olhei para os homens de Pietro, que iam embora com o cara todo arrebentado e sangrando.

— Alexei, sei que tem muitas perguntas, responderei a todas, só não é o momento.

Samira estava no carro no qual Matteo pretendia entrar. Meu amor apenas fora se despedir de mim antes de aqueles homens aparecerem e estragarem tudo.

— Alexei tem razão, Irina, preciso conversar com ele. Depois falo com Dark — disse Matteo.

Eu não queria, porém, os dois se afastaram de mim e ficaram na varanda.

Olhei para Samira, meio tristonha, decerto por causa do Nikolai. Sentei-me no carro, ao seu lado.

— Nikolai ficará bem, não se preocupe — garanti com firmeza, assim ela não desmoronaria, nem eu.

— Eu sei, ele é um homem forte, poderoso e, sobretudo, magnífico. Confio que tudo dará certo. — Ela se parecia demais com Matteo: pele branca, cabelos escuros e olhos também negros, tornando-a mais bela. — Eu sinto muito — emendou num sussurro.

Pisquei e a fitei de lado. Não entendia por que se desculpava, sendo que fui eu quem fingiu estar na cama com Nikolai.

— O quê?

— Estou falando sobre o que Lorenzo fez… É por causa dele que os seus pais não estão vivos, e por minha culpa também, de certa forma.

— Tudo bem — balbuciei, encolhida. — Não foi sua culpa, ou de Matteo. Jamais o acusei, nem perto disso.

— Então por que ficou esse tempo longe dele? Matteo me contou tudo, que está apaixonado por você. Ele achava que você o odiava para aceitar

ajudar Nikolai na mentira.

— Não foi por isso, meu irmão pediu e faço o que ele manda, não por ser chefe, mas porque o amo. Não sabia quem você era até que ele disse no quarto aquelas palavras. Espero que o perdoe, ele não vive sem você. Nikolai a ama e jamais a enganaria com ninguém.

— Eu sei, só tenho medo… Não dá para evitar — comentou.

— Meu irmão beija o chão em que você pisa. Nunca achei que alguém seria capaz de penetrar a armadura que ele tinha dentro de si, contudo, você entrou e a derrubou — murmurei, impressionada. — Não precisa temer nada, ele jamais arriscaria a própria vida se não fosse por alguém que amasse. Nikolai a adora. Ele não ligou para quem era, o amor falou mais alto.

Ela suspirou e olhou para Matteo e Alexei, conversando com seus homens ao redor.

— Não queria ter nascido na máfia, fugi deles até quando pude. Ao ficar sabendo que Nikolai era mafioso, tudo em mim dizia para me afastar, mas não consegui, o meu amor e desejo por ele falaram mais alto. Por seu irmão, eu enfrentaria tudo: a máfia, a dor, o medo. Até mesmo as abominações que tanto odiava — sussurrou, encolhida.

— Eu soube do que aquele monstro fez — comentei. — As crianças… Jesus, até Evelyn foi raptada. Não critico você por ter ficado longe deles, eu também ficaria.

— Queria falar com ela, sei lá, saber o que pensa, se sente raiva de mim por ter sido tirada de sua infância com sua família… — Sua voz falhou.

— Por que não faz isso, então? — sondei, curiosa, já suspeitando do motivo.

— Tenho medo de que ela não me perdoe. Vocês duas têm sérias razões para me odiarem por toda a minha vida.

— Não odeio você, e acredito que Evelyn também não. — Sorri tristemente. — Devo mencionar que, assim que soube quem você era, fiquei balançada, mas após perceber o quanto ama meu irmão, superei. Você não teve culpa.

Ela sorriu.

— Obrigada — disse e piscou, vendo o anel que eu rodava no dedo. — Quem deu esse anel a você? Matteo?

Assenti, fitando Matteo, que não tirava os olhos de nós duas; havia um brilho intenso neles. E, por incrível que pareça, os dois estavam se entendendo. Bem, pelo menos não lutavam.

— Sim. Antes de me dizer o que o pai de vocês fez com os meus — murmurei.

— Lorenzo pode ter meu sangue, mas hoje não é mais meu pai. Eu abomino pessoas como ele, e se aquele monstro matou minha mãe, então seus dias na Terra estão contados. — Seu tom era amargo. — E o que houve

depois? Meu irmão não daria esse anel a ninguém que não significasse muito para ele. Pertenceu à minha avó, mamãe tinha ciúmes dele e fez Matteo prometer que o daria à sua esposa só se estivesse apaixonado.

— Espere… sua mãe? Eles a mataram? — indaguei, sufocada e com raiva.

— Vladimir comentou… Talvez disse isso para me ver sofrendo. Agora, quero me concentrar em Nikolai ficando bem. Gostaria de estar ao lado dele, mas o verme do meu tio foi me buscar no hospital e me tirou de lá.

— Vai dar tudo certo — assegurei. — No começo, fiquei confusa e com remorso por me apaixonar pelo filho do homem que matou os meus pais. Porém, nenhum de vocês dois têm culpa daquele sádico ter feito o que fez.

Matteo chegou até nós e me abraçou forte. Antes de ir embora, senti que ele queria fazer mais que apenas abraçar, contudo, meu irmão estava à espreita, como um falcão, com cara de poucos amigos.

Perguntei o que conversaram. Ele falou que não poderia compartilhar, então deixei quieto — não por opção, e sim porque o tio dele ligou, apressando-o para pegar o voo para a América; Matteo estava com raiva de Enzo.

Os dias foram ruins sem o meu *capo*, porém, eu não podia retornar ainda, tinha de tomar conta de Nikolai.

A recuperação de meu irmão foi bem difícil. O homem não parava quieto nem um segundo, parecia uma criança de quem eu tinha de cuidar. Obrigava-o a tomar os remédios na hora certa, mesmo sem ele querer.

Após uma semana na Rússia, depois de Matteo e Samira irem embora, conseguimos voltar aos Estados Unidos. Isto porque o velho do tio do Matteo estava querendo arrumar um casamento para Samira, o que deixou Nikolai desnorteado, para não dizer furioso.

— Tudo correrá bem — garanti a ele assim que pousamos em Chicago.

Alexei, Nikolai e eu fomos para uma casa gigante que Nick comprou; ficava perto da de Matteo. Acredito que fez isso para deixar Samira próximo à sua família quando eles se casassem e viessem passar um tempo na cidade.

— Estou ficando louco sem saber dela. — Havia impotência em sua voz, algo que raramente acontecia.

— Há seguranças com Sam, não se preocupe — falei, convicta.

Nikolai não respondeu. Eu esperava mesmo que nada de ruim ocorresse com Samira — ela pediu que a chamássemos assim, embora o seu irmão a tenha ignorado e se referisse a ela como Dalila.

Mais tarde naquela noite, chegamos à festa. Nikolai sentia dor pelos ferimentos recentes. Já era para estar melhor, todavia, o cabeça-dura não parava quieto um segundo. Em especial depois de saber o que se dera com os Salvatores. Devo dizer que não estava preparada para a revelação bombástica

que tivemos na ocasião.

Tudo esplêndido, a sala imensa com estilo italiano estava decorada agora para um baile a rigor. Pessoas elegantes e bem-vestidas se espalhavam por toda a parte, sorrindo falsamente. Cansei de ostentar sorrisos parecidos nas festas que meus irmãos davam.

Finalmente, veio à tona o grande segredo: Enzo arquitetou a morte de Giulia. Os vídeos que a mulher filmava para seus filhos comprovaram tudo. Ela gravou vários, como um diário, após deixar Samira na Rússia. No último, o maldito do Enzo a surpreendeu e a matou, fazendo parecer que Giulia se suicidou. O pior foi que também assassinou a mãe de Luca, tempos antes.

— Nunca imaginei que seria capaz de alcançar esse ponto! — rosnou Luca, enfurecido. — Você matou minha mãe também. Por quê? Só para se casar com Dalila e ter um maldito cargo?

Parecia que Enzo pretendia forjar uma união de Samira com um servo dele, mas apenas de fachada. Na realidade, o bastardo a tomaria como esposa e teria o poder de *capo* depois de matar Matteo e tomar posse.

— Ela era uma inútil, e estava me atrapalhando na conquista do trono, meu por direito.

— Trono? Seu desgraçado de merda! — Luca se lançou contra Enzo e o socou no rosto, fazendo o velho cair para trás feito uma abóbora madura.

— A reunião acabou! Samuel? Prenda todos os capangas desse homem

— Matteo rosnou, olhando para o tio como se ele fosse um inseto que logo esmagaria.

— Vamos, Irina. — Alexei pegou meu braço.

Matteo virou-se para Samira, furiosa ao lado de Nikolai.

— Pode ficar com Nikolai esta noite? Só confio nele ou nos MCs.

As pessoas saíram aos poucos da casa. Nikolai se foi com Samira, andando meio torto devido à dor, que insistia em não demonstrar diante dos outros.

— Irina… — Alexei chamou novamente.

— Não posso deixar ele sozinho. Eu preciso ficar — falei ao meu irmão.

Matteo e Luca, assim como alguns de seus homens, saíram levando Enzo para um corredor do lado de fora da casa; provavelmente o porão. Nem queria imaginar o que aconteceria lá. Não ligava: Enzo merecia.

— Não confio em ninguém aqui.

— Ficarei bem. Você não tinha um compromisso depois da festa? — Soltei um suspiro. — Sou maior de idade e vacinada.

Ele fez uma careta.

— Irina, não me provoque.

— Por Cristo, Alexei, só me dê um segundo sozinha. Veja como Matteo saiu… Ao voltar, estará mil vezes pior do que quando bateu naquele

cara lá em casa. Preciso disso. — Peguei suas mãos. — Por favor, eu amo o *capo*.

— Ficarei até que ele venha. Sei que não falamos sobre isso, mas não quero que você tran…

— Pelo amor de Deus, não pretende falar de sexo agora, não é? Além disso, vou me casar com ele. — Meu tom era decisivo, logo isso aconteceria.

— Ao se casarem, vocês…

Virei as costas para ele e fui até a cozinha, me deparando com Zaira sentada à mesa.

— Oh… oi — cumprimentei baixinho e me sentei ao seu lado, tudo para fugir da conversa sobre sexo com meu irmão. Não era o momento.

— Oi, menina. — Sorriu de modo triste. — Está esperando o meu *bambino*?

— Sim, ele não vai sair feliz lá de dentro — sussurrei, olhando na direção para onde foram.

— Ainda bem que Matteo tem você. Já o menino Luca não poderá contar com ninguém. — Seu tom era melancólico. — Amo esses dois como meus filhos, não gostaria que sofressem.

Para passar o tempo, ela narrou algumas coisas que aconteceram quando Matteo, Luca e Dalila eram crianças. As aventuras, embora poucas, no meio de uma família condicionada por regras duras.

Antes que eu falasse ou perguntasse algo mais, escutei Alexei conversando com Matteo.

— Onde está Irina?

Corri para a sala e o vi parado ali, com a roupa suja de sangue e as mãos machucadas, como se tivesse socado muito…

Merda! A sombra em seus olhos era evidente, quase palpável.

Alexei não queria ir embora, mas a dona Zaira disse que não sairia de perto de mim e que tudo ficaria bem.

Peguei a mão de Matteo e o levei para o seu quarto. Fomos direto para o banheiro.

— Irina… — começou.

— Shhh, eu vou cuidar de você. — Tirei suas roupas sujas de sangue. Não perguntei o que houve, não desejava saber o que aconteceu com aquele traste do Enzo.

— Ele matou a minha mãe…

— Não pense nisso agora, querido. — Direcionei-o para debaixo do chuveiro. — Concentre-se em minhas mãos tocando sua pele. Estarei sempre ao seu lado.

Peguei o *shampoo* e coloquei em seus cabelos, lavando todo sinal de sangue que havia nele. Esperava um dia limpar a escuridão da sua alma. Se já existia previamente, imagine agora, que ele fez algo contra seu próprio tio,

sua família.

Matteo fechou os olhos e expirou.

— Sinto-as, são macias feito uma pluma, tão suaves quanto o vento — comentou.

— Isso, continue assim, só pense em mim. Arrastarei essa maldita dor para longe. — Alisei seu rosto e o beijei de modo doce. — Ignore o resto, foque no fato de que o amo.

Seus olhos se abriram. Tinha algo diferente ali: ternura, adoração.

— Também amo você. — As mãos foram para o meu vestido. Puxou as tiras, fazendo-o virar um retalho no chão.

Pus minhas pernas à sua volta e os braços em seu pescoço, beijando-o enquanto ele me preenchia. Senti minhas costas na parede. Matteo estocava cada vez mais forte dentro de mim.

— Isso, querido, me coma bem assim — pedi, puxando seus cabelos. — Adoro seu pau, estava com saudades dele.

Rosnou, apertando mais minha bunda e acelerando os movimentos. Suas mãos se firmaram em mim, desesperadas, como se me impedindo de fugir.

Não demorou muito e ele gozou. Eu o segui, sentindo cada textura de sua pele na minha, e nossos movimentos sincronizados.

— Achei que estivesse com saudades de *mim*. — Beijou meu pescoço,

me fazendo tremer ainda mais.

— Não posso estar louca por ambos? — Eu me remexi, dando ênfase ao que dizia.

Ele riu. O som aliviou meu coração apertado, porque o fiz esquecer o que o atormentava.

Fitei seus olhos e alisei suas pálpebras com um toque suave.

— Eu a amo. Com você aqui, tudo fica suportável, natural e confortável.

Eu sorri.

— Bom saber que posso alegrá-lo com uma foda. Lembrarei disso depois do nosso casamento. Serei bem caprichosa e intuitiva. — Puxei seu cabelo. — Vamos aproveitar cada segundo, meu querido.

— Com certeza — concordou, me beijando.



Epílogo

Irina

CINCO MESES DEPOIS

Estava nervosa porque aquele era o grande dia; falo “grande”, pois era praticamente um milagre um homem como meu futuro marido estar apaixonado por mim.

Não digo isso por ser feia (não era), e sim devido ao fato do cara gritar poder e, às vezes, ser um tanto frio. Notei que ele agia diferente com quem conhecia, como com a Evelyn e comigo; era só Matteo se acostumar e gostar da pessoa.

Eu não sentia mais ciúmes da Evelyn. Além dela estar com Shadow, Matteo me amava, ficava nítido na forma com que me olhava, repleta de adoração e fervor. O mesmo modo como Nikolai fitava Samira.

O relacionamento deles estava indo às mil maravilhas, os dois se casaram não havia muito tempo. Agora ela morava na Rússia, mudou seus estudos para lá e expunha suas obras em uma galeria em Moscou.

Sentia-me feliz pelos dois, eles mereciam, após tanto sofrimento. O

amor superava tudo. Sempre ouvi isto e não achava possível, mas era verdade. O amor superou o preconceito e a raiva que Nikolai sentia pelos Salvatores, ou seja, Samira, já que ela era uma deles.

Eu também exemplificava tal fato, de certa forma, mas a mudança veio de Matteo. Ele me disse que o meu amor tinha a capacidade de trazê-lo para a luz, de afastar qualquer escuridão que quisesse se apossar dele, principalmente à noite, quando vinham os pesadelos. Embora eu ainda o pegasse acordado de vez em quando, nestas ocasiões, lhe dava o meu carinho para ajudá-lo a esquecer o que fez com Evelyn e outras coisas que o atormentavam. Estava lá sempre que precisava de mim.

Nesse período de calmaria, conheci melhor a irmã de Nikolai, Tabitta, mulher forte e guerreira. Ela enfrentou muitas coisas por causa do seu pai, que morreu com Andrey Jacov no navio em Manhattan. Suspeitava que foi Nikolai quem acabou com os dois, embora não tivesse certeza disto e não pretendesse perguntar.

Tabitta era uma loira linda, a cara de Nikolai, casada com Jason Falcon. Eu havia visto lutas dele na TV antes de se aposentar, com apenas vinte e sete anos. Tinham dois filhos, uma menina de nove anos, a cara de Jason, de cabelos castanhos e olhos cor de chocolate, e um bebezinho. A garota se chama Emily, e o garotinho, Miguel.

Encontrava-me na sala da casa de Matteo, em frente ao espelho, me

olhando com meu vestido branco com uma alça do lado direito, pérolas sobre as conchas onde ficavam os seios, modelado em minha cintura fina e rodado até os pés. Meus cabelos estavam presos em um coque perfeito, com alguns fios soltos ao lado do meu rosto.

— Não acredito que vou me casar com ele — sussurrei para mim mesma.

Comigo na salinha estavam Evelyn, que usava um vestido prata; Sara, num vestido cinza, de uma manga só; Tabitta, em um de cetim vermelho; e Samira, com um tomara que caia salmão. As quatro ficaram maravilhosas.

— Meu irmão beija o chão em que você pisa — informou Samira sorrindo, alisando sua barriga enorme. Faltavam poucas semanas para meu sobrinho nascer.

— Eu sei, só estou nervosa. Sabe quando você tem algo tão bom que custa a acreditar ser real, mesmo vendo e tocando?

— Também me sinto assim às vezes em relação ao Nikolai, mas sei que ele é meu de corpo e alma — declarou Samira, segurando sua aliança.

— Todas nos sentimos dessa forma, mas nossos homens são reais e nos amam muito — disse Tabitta.

Bateram à porta. Tabitta foi olhar e veio sorrindo.

— Kriger está aqui para levar você ao altar — avisou.

Nikolai e Alexei queriam fazer isso, mas como não conseguiria

escolher entre os dois, decidi ir com Kriger, de quem gostava como um segundo pai. Infelizmente, nesse tempo vivendo em Chicago, mal consegui vê-lo. Independente disto, eu o amava demais.

Assenti e fui para o corredor. Antes, dei uma última checada no espelho e vi meus olhos azuis brilhantes, empolgados com o meu para sempre ao lado do homem que amava.

Kriger vestia um terno preto e tinha barba grande. Sorriu assim que cheguei perto dele.

— Você está tão linda! — sussurrou, emocionado. Pegou meu braço e se posicionou para me levar para fora da cozinha, porque o casamento seria na rua.

— Obrigada.

Queria ter meus pais ao meu lado, que papai me levasse ao altar, mas isto era impossível devido ao monstro do Lorenzo. Que apodrecesse no Inferno, era o lugar para pessoas como ele. Morrera alguns meses atrás; não me fazia falta nenhuma, e garanto que para ninguém.

— Seus pais adorariam estar aqui, se fossem vivos. Eles apreciariam o noivo que você escolheu.

— Eu sei — balbuciei. — Matteo é alguém para amar, tive uma baita sorte.

Encaminhamo-nos a um corredor improvisado. Ali, fui tomada pelo

cheiro de flores que vinha das guirlandas à minha volta. Muitas pessoas me encaravam, tanto conhecidos dos meus irmãos como de Matteo, das máfias russa e italiana.

Jules e dona Benita também apareceram no casamento. Jerry veio com uma garota loira, fiquei feliz por ele estar se alicerçando e por ter me esquecido. Talvez nunca tenha me amado como mulher, só como amiga.

Não liguei para os rostos ao redor, apenas para o homem que me encarava com um olhar apaixonado e cheio de adoração, um que nunca me cansaria de ver.

Matteo estava vestido com um terno preto, o cabelo ligeiramente penteado e uma postura séria. Eu o conhecia bem o bastante para saber a emoção por trás daquela fachada. A máfia e suas regras de não demonstrar sentimentos na frente dos outros… Um absurdo, por sinal, eles não eram robôs, e sim pessoas com sentimentos, pelo amor de Deus. Mas quem era eu para mudar algo? Ainda mais as regras da máfia de Matteo — a despeito de que, em breve, seria uma Salvatore.

Seguia cada passo tranquila. Nada estragaria a minha felicidade de logo ter esse homem ao meu lado para sempre.

Matteo

No altar, esperava minha futura esposa, que estava no quarto se arrumando.

Muitas coisas aconteceram nesses dias. O mais importante: meu tio Enzo foi morto por Luca. Torcia para que apodrecesse no Inferno. Por culpa dele, fiquei meses assombrado. Eu já suspeitava que o bosta era responsável pela morte de mamãe, contudo, quando vi o vídeo e o que houve, a cegueira da raiva se apossou de mim.

Felizmente, contava com Irina para salvar minha mente fodida. Aquela mulher tinha esse poder, era uma luz no meio da imensa escuridão que me cercava. Sentia-me sortudo por achar alguém como ela, que me amava reciprocamente.

— Como estão as coisas com Alexei e a garota de Pietro? — perguntei ao Nikolai do meu lado.

Alguns meses atrás, Pietro requisitou uma parceria com Dark, que a rejeitou até o dia do casamento dele. Então o maldito verme do Pietro morreu e deixou sua filha sob nossa proteção. Rayssa era o nome dela.

— Nem me fale, todo dia reclama que a menina é petulante e não faz nada do que ele manda — comentou com um suspiro, fitando o irmão.

— O que ele esperava? Uma serva submissa? A garota é filha de quem é, claro que vai contestar tudo.

Nikolai sorriu.

— Também acho. O bom é que, até agora, ela está coberta.

— Alguma notícia de Patrick Petrova? — sondei.

Eu estava muito envolvido em meu casamento nos últimos dias e não prestei atenção em nada. Só queria dar esse tempo à minha linda noiva. Nunca fui tão feliz quanto ao lado dessa mulher magnífica. Como não amar alguém assim? Ela estava lá nos meus piores momentos, tomando conta de mim, não me deixando afundar mais.

Ele suspirou.

— Não, tudo em silêncio, acredito que ele esperará a poeira baixar para fazer sua jogada, ou que a esteja procurando por debaixo dos panos.

— Não tem chance de Patrick chegar nela, certo? — chequei.

— Não, Rayssa está fortemente protegida — disse e apontou para o irmão. — Ele é bom em deixar alguém no escuro. Alexei só saiu hoje porque era o casamento de nossa irmã.

— Não é ideal ele ser visto em nosso meio, vai que alguém esteja de olho?

— Sim, logo que acabar aqui ele voltará — concordou. — E quanto ao garoto?

Pablo estava sentado com Zaira na fileira da frente. Eu o mantivera seguro de meu pai e meu tio. Agora que os dois estavam no Inferno, Pablo poderia sair do esconderijo.

— Irá para a Itália viver com a sua família — eu disse a Nikolai. A decisão me deixou feliz.

— Que bom, o menino ficou muito tempo trancado, agora precisa de liberdade. Continuará trabalhando para você?

— Sim, não posso simplesmente deixá-lo partir, afinal, ele sabe demais. Concordamos que há coisas que Pablo pode fazer na Itália.

Ele sorriu.

— Acho que chegou a hora.

Segui seu olhar e vi Tabitta caminhando até nós com um sorriso de orelha a orelha.

— Ela já está vindo, tão linda que parece um sonho — sussurrou com os olhos molhados.

Eu sabia que minha garota era linda, sempre foi a coisa mais preciosa do meu mundo inteiro. A forma como me fitava e sorria, ou até mesmo me provocava…

Ela estava ao lado de Kriger, o cara que a tirou do carro no dia em que seus pais foram mortos. Agradecia a ele por salvar a criança que seria minha mulher no futuro.

Irina estava perfeita, toda de branco e com um sorriso que me deixou de pernas bambas.

O ministro falou as palavras, mas eu mal ouvia. Focava somente na deusa maravilhosa à minha frente, que logo seria a minha fortaleza, o meu refúgio… meu tudo. Aliás, tornou-se isso a partir do momento em que me

apaixonei por ela.

Quando chegamos à parte na qual dizia que ela era minha nas leis dos homens e de Deus, quis gritar feito um doido pela emoção que senti.

— Aceito — respondeu com o rosto umedecido.

— Para sempre — jurei.

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva — anunciou o ministro.

Ela sorriu. Enxerguei travessura em seus olhos lindos, da mesma cor do céu sobre nossas cabeças.

Toquei seu rosto com delicadeza, como se fosse frágil, e o trouxe para o meu, roçando meus lábios nos dela. Irina jogou os braços à minha volta e me beijou com fervor.

— Gosta de me provocar, meu marido? — sussurrou em meu ouvido. — Vamos ver quem acabará caindo no final.

Eu ri baixinho.

— Estou contando com isso, querida. — Agora teríamos uma vida inteira juntos. Nem sempre seria tudo um mar de rosas, mas estaríamos unidos.

Naquele momento, só queria viver o presente e não pensar no meu mundo, principalmente se uma guerra estivesse no horizonte. A única certeza que tinha era de que ninguém tocaria na minha família.

O sorriso dela e o amor que via em seus olhos… Não, ninguém lhe encostaria, nem que para isso eu matasse todos aqueles vermes imundos antes de nos atacarem.

— Amo você — declarou.

— Também a amo com a minha vida. — Beijei-a de novo, selando meu juramento eterno.



Bônus 1

Irina

Eu tinha acabado de me casar com Matteo, o homem da minha vida. Observando-o, custava a acreditar que estivéssemos juntos.

Não sabia aonde iríamos, mas confiava nele de olhos fechados para transformar esse momento em algo único para nós dois.

Sentia-me a mulher mais feliz do mundo, pois mesmo com o que os pais de Matteo fizeram à minha família, os meus irmãos o aceitaram, entendendo que ele não teve culpa. Claro, graças à ajuda de Samira, irmã do meu *capo* e esposa de Nikolai. Isso amenizou o baque e a ira do meu irmão contra os Salvatores. Quanto a mim, na época, não fiquei com raiva, só magoada e ferida pela omissão de um segredo tão importante.

— Onde está essa cabecinha linda? — Matteo me resgatou de meus devaneios.

— Só imaginando que, por pouco, não estaríamos aqui — disse em voz baixa.

Ele apertou a minha mão, colocando um dos braços em volta de mim. Samuel dirigia o carro.

— Verdade, mas nunca mais deixarei ninguém chegar tão perto de você. — Sua promessa estava em cada palavra.

Não mencionei que não era a respeito disso que pensava, mas sim sobre o seu pai. Após a morte de Enzo, notei que Matteo se tornou mais precavido e letal; acho que foi um baque saber o que seu tio fez. Por mais que pertencêssemos à máfia, ainda seguíamos algumas regras, como um voto sigiloso.

— Irina… — chamou meu marido, preocupado. — Você prefere voltar para casa?

Não queria perder sequer um momento a sós com ele. Sacudi a cabeça de modo a espantar essas memórias. O velho morto não valia nenhum dos meus pensamentos, e muito menos enfurecer Matteo em nossa lua de mel com lembranças desagradáveis. Decidi focar naquele instante e nas coisas boas que tinha.

— Não, estou ansiosa para descobrir aonde iremos. — Quicava, entusiasmada.

— Como não podemos viajar, planejei fazermos uma coisa que quero faz tempo. — Aproximou-se de mim e sussurrou em meu ouvido: — Aposto

que vai se divertir.

Pela forma como falou, me deixou quente. Só Matteo tinha esse poder, e ele era todinho meu. Agora eu me sentia mais louca para chegarmos logo ao lugar.

Sorri e respirei fundo, constrangida. Samuel estava conosco, então me controlei ou o pegaria ali mesmo, não ligando para ninguém.

Finalmente, paramos perto do clube de BDSM, no qual estive uma vez. Lembrei que, após vê-lo ali com uma mulher, supus que estivessem juntos. Por pouco não fiquei com meu amigo para me vingar; Matteo entrou na sala e impediu que acontecesse. Afinal, sou dessas, olho por olho, dente por dente. Mas não passou de um mal-entendido, quase cometi a maior burrada da minha vida.

Voltei ao presente, ao meu marido maravilhoso. Seus olhos eram escuros e, mesmo assim, ao olhar para eles, eu me sentia perto do próprio sol.

Corei quando saímos do carro e Samuel veio nos acompanhar. Era um homem muito legal, braço direito de Matteo — à semelhança de Luca. Gostava dele.

— O que faremos aqui? — Não imaginei que passaríamos nossa lua de mel ali; talvez fosse encontrar alguém primeiro.

O *capo* arqueou as sobrancelhas, como se a resposta estivesse na minha

frente. Recordei-me dele dizendo se interessar por esse fetiche de Dom e submissa no quarto.

Entramos no lugar apinhado de pessoas se divertindo. Samuel ficou na porta, acompanhado de alguns seguranças, checando cada canto.

— Então me trouxe neste clube para comemorarmos? — comentei. Estávamos sozinhos na sala equipada com diversos itens. Não era a mesma da ocasião anterior, mas dispunha de apetrechos similares.

— Vamos dar uma boa memória ao lugar, já que na última vez que estive aqui, por um triz não matei seu amigo — rosnou e tocou meu rosto. — A vontade que tive de derramar seu sangue…

Estremeci, pensando em Jules. Ainda bem que Matteo não o machucou.

— Sou sua para sempre — declarei, beijando-o para amenizar sua expressão sombria. — Só amo *você*, meu marido.

Sorriu e me puxou para seus braços.

— Gostei da palavra “marido” saindo de sua boca linda. — Mordeu de leve meus lábios, me fazendo gemer. — Confio em você, Irina. — Havia adoração ali, como se eu tivesse lhe dado a notícia mais maravilhosa do mundo.

— Meu marido gostoso, adorarei ser sua esta noite, amanhã e para o

resto dos meus dias — afirmei, contente. — Estou ansiosa para ter uma vida ao seu lado.

— Prometo que sempre a farei se sentir realizada. — Apontou para o quarto. — Quer se divertir um pouco? Achei que fosse gostar de repetir a brincadeira daquele dia.

— Gostar é pouco, amei. Pena que não fizemos mais vezes. — Sorri e me distanciei. — Como devo chamá-lo, mestre?

Uma sombra escura perpassou sua face. Assumi que ele devia estar pensando no maldito pai e nas meninas presas, forçadas a se referir a Lorenzo e seu bando de estupradores como mestres.

— Acho que devemos encontrar outro nome — sugeri, mordendo os lábios. — Que tal “marido”? Parece ser algo que gosta de ouvir, se entrosará mais assim.

— Não preciso disso para me envolver com você. — Conduziu-me para uma cama grande situada no meio do quarto. — Adorarei fazer tudo o que desejo com esse corpinho lindo.

— Só quero ver do que *meu marido* é capaz — enrolei a língua em um sotaque russo.

Enfiou as mãos nos meus cabelos e puxou-os para trás, aproximando nossos rostos.

— Menina obediente, deverá cumprir minhas ordens direitinho. — Beijou-me, feroz, aumentando meu tesão. Varreu meu corpo com o olhar e sentou-se na cama. — Agora vá até aquele *pole* e dance para mim. Lembro da forma como dançou na boate e me deixou bem puto com todos os homens babando por você.

Sorri, sacudindo a cabeça.

— Você é muito ciumento. — Parei e olhei o que eu vestia, começando a desabotoar a minha camisa. — Não acho que consiga dançar com tanta roupa.

Suas íris se tornaram ainda mais escuras. Eu me sentia emocionada e agradecida por ter um homem como ele. Apesar de ser um mafioso, me daria o mundo se pudesse.

— *Strip tease*, gostei. — Sua voz saiu rouca, então pigarreou para manter a compostura.

— Vou deixá-lo louco.

Claro que nossa vida sexual era boa, mas não fazíamos aquilo com frequência. Mal iniciamos, e eu já tinha a intuição de que iria querer mais.

Da última vez, não praticamos um sexo tão pesado. Fora a sua raiva anormal, o resto lembrava a nossa transa cotidiana. Seria bom variar de vez em quando — *Hoje é o momento ideal para começarmos*, pensei.

Ele seguia cada movimento meu, e eu me permitia ser embalada pelo momento. Rodopiando, joguei a camisa em Matteo, que a pegou com habilidade. Após, mordi os lábios de forma provocadora, levei minhas mãos ao botão de meu short e o abri. Virei de costas para ele, abaixando a calça até o chão e arrebitando a bunda em sua direção. Quase ri da forma que prendeu o fôlego.

— Porra, Irina, assim eu gozo antes de ter meu pau em você — rosnou baixo.

Sorri, porque me preparara para a ocasião. Óbvio que não imaginava dançar, muito menos ir a um clube de BDSM, mas o resto, sim. Por debaixo da roupa, vestia um fio dental vermelho e um espartilho. Ao tirar o short, também o joguei nele e fiquei na sua frente com o escasso pedaço de pano cobrindo minha bunda.

— Esta é a visão que mais admiro na vida — sussurrou com dificuldade.

Meu coração balançava forte com seus elogios. Nunca me cansaria de ouvi-los.

— Então vai gostar do que virá a seguir. — Parei e olhei para ele por cima do ombro. — Coloque uma música e aperte aquele botão para vermos as pessoas lá fora, da outra vez foi divertido.

— Da outra vez, estava com seu amigo — grunhiu com os dentes cerrados, mas foi fazer o que pedi.

Evitei pensar no que poderia ter acontecido com Jules se Matteo não aparecesse.

Voltei-me ao vidro transparente, através do qual via algumas meninas dançando e outras tocando seus homens. O modo como uma delas estava presa me fascinou, despertando a vontade de imitá-la. Olhei ao meu redor e avistei no quarto o que procurava.

— Tendo alguma ideia? — provocou com um sorriso. — Gosto do que pensou, mas primeiro a dança.

Assim que a música tocou, peguei no poste e fechei os olhos um segundo, apreciando a sensação. Balancei-me conforme a melodia e coloquei em prática movimentos que vi nos filmes — assistira a alguns com Sara e Evelyn. Fiz um em que segurava minhas mãos e abria as pernas, em uma dança sensual. A esse, seguiram-se outros.

A música parou e concluí o show já ofegando. Encarei-o sentado. Antes de ir até onde Matteo estava, virei para conferir o que rolava fora da sala. Havia uma garota amarrada chupando um cara enquanto um segundo homem tinha a boca entre suas pernas.

— Gosto de ver essas coisas, me deixam com mais tesão por você. —

Sorri para ele e indiquei a cruz de Santo André. — Podemos ir ali? Parece interessante.

Riu, sacudindo-se e levantando. Notei sua calça inchada.

— A dança o excitou? — perguntei, nas pontas do pés. Beijei seus lábios de leve — Acho que vou me aprimorar mais para garantir a satisfação do meu marido.

— Oh, querida, não tem como não me sentir satisfeito com uma mulher como você. — Pegou minha mão e me levou para a cruz. — Sou muito sortudo de tê-la só para mim.

— Meu esposo lindo é possessivo… — Gostava desse seu lado. Coloquei-me na posição da cruz, abrindo as pernas e os braços. — Gosta de me ver presa, né? — indaguei quando pôs as algemas nos meus pulsos e tornozelos.

— Não imagina o quanto. Saber que está a minha mercê… — Segurou meus cabelos, dando outro puxão leve e me olhando vidrado. — Adoro ver essa sua fome.

— Sim, pode fazer o que quiser comigo… — gemi.

Baixou a cabeça, passando a língua em meu pescoço. Antes que eu pudesse apreciar mais de seu toque, se afastou e foi a uma das gavetas que havia ali. Pegou uma venda vermelha e se virou para mim.

— Vou colocá-la em você para aumentar o seu prazer. — Inspirou meu cheiro, como de costume. — Amo esse aroma de morangos e estou louco para sentir seu gosto.

Vendou-me. Um metal frio contra a minha pele me arrepiou; supus que era a sua lâmina. Meu fio dental se foi.

— Linda demais… — Voltei a identificar sua adaga. — Não se mexa, não quero machucá-la.

Cortou meu espartilho, então fiquei nua diante dele. Juro que podia sentir seu olhar a queimar minha pele, mesmo estando vendada.

— Matteo…

Um líquido quente tocou meu corpo. Meu *capo* começou a me massagear, me fazendo lutar contra as correntes que me prendiam. Seguiu com os dedos em minha barriga e ao sul dali. Assim que o óleo tocou meu clitóris, me vi subindo pelas paredes.

— Isso, querida, quero ver você implorando.

No final, agi justamente como ele pretendia. Cada toque seu me levava às nuvens.

— Uma visão que é só para mim — afirmou, apaixonado.

Gritei com sua boca em meus seios.

— Merda, tão bom… Preciso que me toque… — conseguir dizer pelo pouco fôlego que tinha.

— Quem é o chefe aqui? — Mordiscou meu peito. Puxei ainda mais as algemas. — Deve *me* obedecer.

— Não ligo, contanto que eu goze logo — rosnei, e ele riu.

— Amo isso em você. É uma mulher forte e decidida, não se rende a ninguém nem na hora do sexo. — Senti seu hálito quente entre minhas pernas. — Agora vou provar do meu alimento, estou faminto demais.

Com sua boca em meu clitóris, clamei de alegria por ter essa sensação, a melhor que já experienciei. Amava o sexo com ele, mas o oral era tudo. Matteo, experiente, sabia disso.

— Puta merda! — Queria minhas mãos livres para enfiar mais sua cabeça, tamanha a necessidade.

— Isso, goze para mim. — Puxou meu nervo com os dentes, redefinindo a expressão “me levou ao céu”. De novo, eu flutuava devido ao orgasmo alucinante.

Quando parei de tremer, sua boca sumiu, e logo me beijou.

— Eu a soltarei, mas continue vendada, ainda não acabei com você. — Soava rouco.

Matteo me deixou com somente uma mão algemada. Entretanto, eu não podia ficar de pé, tinha perdido as minhas forças, então ele me pegou nos braços e me atirou na cama — sei porque senti o colchão sob minhas costas.

— Vou algemá-la de novo para aproveitar mais esse corpinho. Agora abra sua boquinha linda.

Ouvi o som de um zíper e senti seu pênis ali, trabalhando intensamente, duro e com pré-semen. Eu adorava aquilo.

— Amo seu gosto, esposo — comentei, abocanhando todo ele ou o que conseguia, afinal, não era pequeno.

Sua respiração se descontrolava conforme eu sugava. Com a mão na minha cabeça, não me forçou a tomar mais de si, só seguia meus movimentos para cima e para baixo.

— Essa boquinha foi a minha ruína e agora é a minha redenção. — Saiu de mim, ao que protestei. — Faminta, não?

Mal respirava, tomada de sensações maravilhosas.

— Sim, adoro seu pau grosso na minha boca — falei, lambendo a ponta de sua cabeça.

— Não gozarei ainda. — Estendeu-se sobre mim e tirou a venda. — Quero ver seus olhos comigo dentro de você.

Pisquei, focando em seu rosto.

— Também gostaria de ver os seus.

Fazíamos isso sempre. Desconhecia sua motivação, mas a minha envolvia agradecê-lo por estar em minha vida. Um chefe da máfia corre mais perigo que uma pessoa comum; todo dia que voltava em segurança, eu comemorava.

Matteo se encaixou entre as minhas pernas e entrou com força.

— Amo você — declarei, arqueando meu corpo, pedindo mais.

Trancei as pernas à sua volta para que me penetrasse mais fundo. Sua boca se apossou da minha, devorando-a com tamanho vigor que decerto incharia depois. Não liguei.

— Também a amo.

Gozamos juntos e ficamos ali, respirando de maneira desigual até que ele saiu e retirou as algemas.

— Precisamos de uma que não machuque seus pulsos — disse, alisando-os onde estava vermelho.

Coloquei minha cabeça em seu peito e o encarei.

— Não sou de vidro, posso lidar com um pouco de dor, especialmente se for você a causa. — Pairei em cima dele. — Ainda falta me mostrar muitas

coisas de que gosta.

— Não parece ser só eu que gosto de sexo assim. — Alisou meu rosto. — Temos a noite toda.

— Sim, temos — concordei e apontei para o quarto. — Há muitos brinquedos para usarmos. Acha que consegue, esposo? Afinal, está um pouco velho — provoquei.

— Não muito mais velho que você — grunhiu, beijando meu pescoço. — Vou provar que sou capaz de fazê-la se sentir realizada antes mesmo que termine a noite. Amanhã, você não conseguirá nem andar.

— Não duvido disso. — Esquadrinhei seu rosto. — E você já me deixa realizada.

— Por você eu mataria e morreria, Irina — jurou. — Derrubarei todos se tentarem machucá-la.

Poderia desejar um caminho diferente, com meus pais do meu lado, mas, apesar de tudo, era grata a Deus por me enviar Matteo. Estando com meu marido, não sentia vontade de abandonar a vida na máfia. Enfrentaria o que viesse se isso significasse tê-lo para sempre.



Bônus 2

Samuel

Meu sangue fervia ao enxergar aqueles miseráveis na minha frente. Por tantos anos tive de ficar impotente devido ao velho asqueroso do Lorenzo. Não podia ajudar nenhuma daquelas meninas, já que só cumpria ordens. Enfim minha vingança chegara; poderia não ter aqueles que eu queria, mas esses serviriam.

Sorri com frieza vendo todos os homens presos e nus diante de mim, seus medos eram meu alimento. Alguns diziam que eu não tinha alma; nessas horas, quando estava eliminando homens, acreditava neles.

— Você não sabe com quem está mexendo — sibilou John. Ele era casado com uma menina de doze anos e passava informação para governadores, senadores, políticos de alto escalão conhecidos por todos.

Alguns dias atrás, descobri onde seria a reunião que o mercado negro teria com seus convidados. Falei com o *capo* e apreendi o grupo inteiro.

— Estão todos aqui? — perguntou Matteo.

Havia uns cinquenta naquele galpão, amarrados em cadeiras, e outros em um local diferente. Precisei dividir, alguns foram mortos no processo.

— Todos, fora os que morreram durante a emboscada — respondi.

Um cara riu com frieza.

— Seus vermes, ainda falta o pior de nós, até mais do que você! — rosnou o senador Miles para o *capo*.

— Acredito que vá me dizer o nome, não é? — Matteo se aproximou dele com uma expressão mortal.

Merda, se faltou um, isso não ficaria bem, ainda mais após acabarmos com toda a quadrilha de bandidos estupradores.

— Samuel… Luca e eu cuidaremos destes aqui. Você e Frank dão conta dos que estão na outra sala, faça-os sofrer antes da morte — disse meu chefe, tirando suas adagas do bolso e posicionando-se na frente do senador.

— Sim, senhor — respondi e me virei. Antes de sair, ouvi os gritos. Olhei a tempo de enxergar o *capo* enfiando sua adaga na barriga do verme, deixando um imenso buraco pelo qual suas tripas logo cairiam.

Matteo era um bom torturador, assim como eu. E mesmo com toda a escuridão que eu via nele, hoje também enxergava luz quando estava perto de sua esposa, Irina. Aquela mulher veio para trazer uma paz que antes o *capo*

não tinha.

Cheguei ao galpão repleto de homens que eliminaria. Ali estavam todos que eu queria ver sofrer por machucarem mulheres e crianças. Eu era um bastardo de coração frio, sim, porém, tinha minhas regras: não curtia estupro e pedofilia, por isto amaria acabar com esses monstros.

— Por favor, nos deixe ir, prometo que não vou mais a lugares como aquele — implorou um gorducho.

Eu o ignorei. Peguei galões de gasolina e a joguei em cada um.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou um cara apavorado, cuspindo o líquido.

Sorri de modo sinistro.

— Mandando todos para o Inferno. Vocês não merecem uma bala, isto não os faria sofrer. Terão uma morte com muita dor, seus malditos. Igual fizeram com algumas mulheres, não é?

— Não! — gritou quando acendi o isqueiro e joguei-o em uma poça.

— Você também vai para o Inferno, seu miserável, posso ver o brilho em seus olhos por nos matar! — urrou outro, vendo o fogo se aproximando. — Patrick Petrova vai acabar com você, fique ciente disto.

— Sim, então nos veremos em breve. — Sorri, assistindo às labaredas

subirem e chegarem até eles. Podia ser um demônio de coração frio, mas não ligava. Esses homens mereciam coisa pior que morrerem queimados.

— Ele dizimará todos que você ama…

Virei as costas assim que o fogo começou a arder no lugar. Ignorando os gritos dos merdas, saí de lá, fechando a porta, embora nenhum deles fosse conseguir fugir.

Patrick Petrova? Bosta! Isso ficaria feio, ele era o chefe da máfia e estava à procura de uma garota chamada Rayssa, a mesma que Alexei protegia. A guerra se aproximava.

Precisava ver Lis, ninguém poderia tocá-la. Derrubaria quem ousasse entrar em meu caminho. Meu peito se apertou pensando nela correndo perigo de novo. Por mais que eu a quisesse comigo, não permitiria. Havia chegado a hora do adeus.

IVANI GODOY

O PROTETOR

PRÍNCIPES DA MAFIA



Sinopse

Alexei Dragon recebeu uma missão: proteger a filha do chefe da máfia Petrova. Entretanto, acostumado a situações extremas — vermelho-sangue sempre foi a sua cor preferida —, ele agora precisa aprender a domar o seu impulso assassino para cuidar de Rayssa e toda a sua doçura. Afinal, desta vez, lidaria não com um lobo, mas com uma cordeirinha.

Rayssa Petrova não escolheu carregar o peso da sua origem nos ombros, tampouco a missão de assumir um cargo pelo qual não pediu. Sua convivência com Alexei também não ajudava em nada, porque seu corpo e seu coração tornavam-se um só assim que ele se aproximava. Era desconfortável a maneira como ele a fazia se sentir.

O que acontecerá quando a verdade vier à tona? Alexei terá coragem de assumir os novos sentimentos? Rayssa será forte o suficiente para enfrentar as adversidades?



Capítulo 1

Alexei

Não acredito nessa porra! Tantas pessoas para protegerem a garota, homens-feitos, que executariam o trabalho sem reclamar, e Nikolai enviara justamente a mim? Ali estava eu servindo de babá para a filha de Pietro Petrova.

Fiquei vigiando-a de longe por quase sete meses, mas com o perigo se aproximando, há quatro meses, eu tive de aparecer na faculdade e me tornar seu colega. Ao total, eu cuidava de sua proteção havia um ano.

Rayssa fazia aulas de balé e também era voluntária, aos sábados, em um restaurante para os sem-teto; tudo isso nas horas vagas da faculdade e do trabalho.

A menina tinha uma maldita energia, estudava de dia e à noite trabalhava em uma boate chamada Lotus, servindo mesas até as duas da manhã, em dias intercalados.

Permanecer em Dallas durante todos aqueles meses como uma babá, no começo, foi um tédio. Contudo, depois que comecei a conhecê-la um pouco melhor, vi que não era em nada parecida com o pai. Gostava das coisas

certas, não brigava, não fumava e também não bebia nenhum tipo de álcool — só uma vez a vi com uma cerveja; deu somente dois goles.

Não queria estar ali tendo de protegê-la, mas sim fazendo o que fazia de melhor: torturando filhos da puta mafiosos. Eu era um algoz, e não uma babá!

Com ela trabalhando na boate, precisei me infiltrar lá também. O dono do lugar venderia a Lotus, e Rayssa ficaria sem serviço. A garota precisava da grana, o que provou que ela não tinha mexido em um centavo da conta que Pietro fez em seu nome desde que a mãe faleceu — ou melhor, foi assassinada pelo pai.

Eu a enxerguei chorando na semana anterior, quando soube do fechamento da boate, porque talvez o novo dono não quisesse mais ficar com os funcionários antigos.

Entretanto, as coisas mudaram e me levaram a agir. Não era uma pessoa qualquer que compraria o lugar, mas o *capo* da Itália, da máfia Destruttore, Alessandro. Isso dificultaria a proteção da Rayssa. Quem sabe fosse por isso que ele estivesse interessado na boate (ou seria só na cidade?).

A máfia deles era muito poderosa; controlava quase metade da Itália e uma boa parte da América e Espanha. Embora não ficássemos para trás, pois tínhamos a área que nos pertencia, o bastardo aparentava ser mais ganancioso. Nunca encontrava o seu limite; acho até que não existia tal

palavra no dicionário dele.

Liguei para Nikolai assim que soube e falei que tínhamos de adquirir o maldito estabelecimento antes, isto foi há duas semanas. E compramos, mas gerou repercussão com Alessandro, que não gostou nada.

Por isso estávamos no escritório da boate esperando os dois, ele e Stefano, seu irmão. Luca também estava lá, tinha chegado com Nikolai. Aguardávamos os outros dois para começarmos a reunião.

Matteo achou necessário mandar Luca para amenizar a fúria de Alessandro. Eu não me importava com eles, só queria manter Rayssa longe. Quando pensava em alguém a machucando, o meu estômago chegava a dar nós. Não entendia a sensação, talvez fosse porque era minha obrigação protegê-la e sempre levei a sério tudo que fazia.

Fosse o que fosse que eu estivesse sentindo, me deixava com raiva e inquieto, ainda mais quando ia dormir com o seu sorriso e a sua voz meiga na cabeça… Tornava-se pior a cada dia que eu permanecia perto dela.

— Isso é tão… — as palavras fugiram devido à minha raiva. Como não podia entender e lutar contra o que estava sentindo, acusava Nikolai, responsável por ter me colocado naquela merda.

Ele apareceu ali tanto para conversar com o *capo* Alessandro quanto para se apresentar como o dono da boate. Uma vez que eu não poderia dizer a todos que comprara o local, Nikolai assumiu o papel de comprador e deu o ar

da graça.

Após saber que Patrick, o tio de Rayssa, estava à sua procura, e que acabou se apresentando para fazer alianças com algumas máfias, tal como Tríade, Rodins e outras, eu acreditava que era tudo para vir ali nos atacar e pegar a sobrinha. Certamente ele já sabia que eu a estava vigiando.

Foi quando Nikolai mandou que eu me apresentasse à Rayssa e me tornasse seu amigo, assim poderia ficar ao lado dela com mais facilidade, em vez de só protegê-la de longe. O bom era que, durante aqueles quatro meses sendo seu colega, eu estava gostando; apenas não me agradava o sentimento de querer tocá-la e beijá-la. Esse era o motivo da minha raiva.

— Inovador? — Sorriu para mim.

Trinquei os dentes, querendo esmurrar sua cara. Nikolai não era meu irmão de sangue, mas sentia como se fosse, desde que meus pais o adotaram ainda bebê.

Ele assumiu o cargo de chefe aos dezessete anos. Como eu não queria isso na minha vida, passei a função para ele após a morte dos meus pais.

Pensar neles já era suficiente para uma dor forte se apossar do meu peito, quase me tirando o ar, então mudei de assunto. Era melhor a raiva do que as lembranças dolorosas.

— Cale a boca — rosnei com os punhos cerrados. — Devia ter mandado Hunter cuidar dela, não eu.

A sala em que estávamos tinha um vidro através do qual víamos a boate inteira, todavia, era escuro para os de fora enxergarem o que acontecia ali. Eu a identifiquei servindo mesas. O lugar estava lotado; todos se divertiam, e eu lá, infiltrado, apenas para proteger uma garota.

Nikolai sentou-se no sofá do canto, perto do vidro e da mesa com os monitores exibindo as imagens das câmeras da boate. Ali era onde o dono ficava de olho, no caso de alguém buscar encrenca, apesar de haver seguranças no lugar também. Isso dava mais proteção para quem viesse festejar. Faríamos o mesmo para a segurança da Rayssa, afinal, alguém a mando do tio dela poderia aparecer.

Lá eu estava de novo, me preocupando com ela. Isso me tirava do sério.

— Você devia ficar aqui no meu lugar. — Apontei para o Luca, sentado na poltrona perto da porta.

Fiquei na frente dos dois e com a minha atenção nas câmeras… nela.

Merda!

Ele suspirou.

— Tenho negócios a realizar, não posso vigiar ninguém. Muito menos uma pessoa como ela, com as coisas apontadas na sua direção — falou, indicando Rayssa.

Ela usava um vestido meio folgado em seu corpo e tinha os cabelos presos num coque, com alguns fios escapando do penteado. Tudo na garota

gritava fragilidade. Não deveria estar trabalhando em um lugar como aquele; ela nasceu para ser uma rainha.

— Como andam as coisas com o Alessandro? — perguntei ao Luca. Já que não teria como sair daquilo, mudei de assunto.

— Indo. — Foi sua resposta curta e grossa.

Algum tempo atrás, Alessandro entrou em contato com o *capo* Matteo, marido da minha irmã e chefe da máfia Salvatore. Ele ofereceu um acordo entre os Salvatores e os Destruttores, além de ter dado a mão da própria irmã ao Luca, menina que atendia pelo nome de Jade.

O casamento seria dentro de alguns meses, na Itália. Depois os dois voltariam a morar em Chicago. Talvez fosse isso que estivesse deixando Luca com o humor pior do que o normal.

Após a morte do pai dele e a descoberta de que este assassinou sua mãe, ficou destruído, tornando-se apenas a sombra de um homem. Ou quem sabe sempre houvesse sido desse jeito — eu não o conhecia o bastante para definir.

No nosso mundo, ninguém era santo, longe disso: matávamos, torturávamos e mutilávamos, sem nos arrepender de nada (pelo menos, eu não). Eu conhecia exatamente o que era e não pretendia mudar nunca. Mas uma coisa de que não gostava era do compromisso de ser um chefe, por isso cedi o cargo ao Nikolai. Ele era um ótimo líder.

Logo, relutei em ir lá executar aquele serviço; ter a responsabilidade de uma vida em minhas mãos, como a da Rayssa, era um porre.

— Como andam os preparativos para o casamento? — perguntei com um sorriso. — Terá uma grande lua de mel, porque a garota é uma gata. Isso se os irmãos dela deixarem e não forem junto só para acabar com você.

Pelo que soube dos irmãos da Jade, os três eram muito protetores. Alessandro ocupou o lugar do pai após matá-lo. O velho queria dar suas filhas aos Rodins, os homens mais cruéis de que eu já ouvira falar. Foi merecido o filho ter matado o pai fodido.

Rafaelle era o executor dos Destruttores e braço direito do *capo*. Stefano, o caçula entre os homens, matava mais que os irmãos, e o fazia sorrindo e ouvindo música.

Os três protegiam as suas duas irmãs, mais do que eram capazes. Tal qual fazíamos com Irina (e Nikolai também com a irmã dele, Tabitta).

Fora isso, aqueles caras eram frios, acho que pelo fato de terem sido criados por um pai horrível. Não sentiam nenhum remorso, como se não tivessem sentimentos. Somente ao vê-los ao lado das irmãs percebia-se alguma parte de humanidade neles.

— Nosso casamento é uma aliança e não envolverá nada íntimo — comentou, bebendo uísque.

Eu ri.

— Vai ter que usar muito as mãos, porque se pular a cerca, acredito que um deles o castraria e o faria comer seu pau — ressaltei a verdade. — Eu faria isso com o seu *capo* se ele traísse minha irmã.

Quando Irina contou que amava Matteo, pensei em mandá-lo com passagem só de ida para o Inferno. No entanto, ela o amava demais, e eu só queria sua felicidade, mesmo que significasse a deixar viver com o filho do homem que matou meus pais.

Às vezes, eu ainda pensava nisso, ficava com raiva por não poder eliminar aquela família — Matteo e Samira, pelo menos. Aos poucos, esse sentimento estava passando. Impossível querer vingança se Matteo era importante para Irina, e Samira (ou Dalila) para Nikolai. Até eu gostava da sua esposa. Ela viveu longe da máfia com outro nome até pouco tempo. Depois de conhecer Nikolai e se apaixonarem, retornou para a vida que não queria.

O que me deixava furioso era não ter feito Lorenzo pagar por eliminar meus pais. Foi tudo por nada: o velho nos culpava por matarem e estuprarem Dalila, e no final, descobriu-se que a mãe dela, Giulia, deu a menina para outra mulher para que ficasse longe da máfia e pudesse ser feliz.

Em certo ponto, eu a entendia por ter lutado pelo bem da filha. A lei dos Salvatores era rigorosa, mesmo para alguém como eu. Lorenzo tinha muito dinheiro no bolso para encobrir o casamento de meninas de dez anos.

Matteo estava fazendo uma limpa em pessoas assim no seu mundo. Muitos caras corretos deixavam as garotas se tornarem maiores de idade para tocá-las, mas outros não.

Luca o ajudava, pelo que fiquei sabendo. Talvez fosse esse mais um dos motivos para seus olhos parecerem tão sem vida. Na máfia, fazíamos ou víamos coisas que nos levavam a perder um pouco de nós mesmos. Eu não me importava com as minhas ações. Houve uma época, quando criança, em que sim, mas não mais. Eu adorava o que fazia. A máfia era minha família; por eles, eu morreria.

— Sem sexo, hein? — provoquei.

Ele deu de ombros, mas não respondeu, e apontou para a tela da TV com as câmeras.

— Essa menina é um cordeiro, olhe para ela… Não parece nem notar alguns caras a secando. E se ela nota, não demonstra — disse Luca com o cenho franzido.

Rayssa estava servindo a mesa de um grupo da faculdade. Ignorava todos e apenas fazia seu trabalho, concentrada. Ou, tal qual Luca comentou, não ligava.

Os garotos a olhavam como se quisessem despi-la ali mesmo.

Rayssa não era feia, nem de longe, só não se arrumava como eu estava acostumado a ver. Não ligava para a moda e as marcas boas de grife.

Entretanto, era linda, muito para o meu bem.

— Ela não parece se importar com nenhum deles — observou Nikolai.

Desde que comecei a cuidar dela, não vi Rayssa com ninguém. Não soube nem se teve namorado ou paquera no passado. O único com quem sempre saía era um amigo, um cara que parecia ter uma queda por ela. Houve rumores de que ficaram juntos, contudo, não encontrei nenhuma prova de que fosse verdade. Também ouvi boatos de que ele era gay. Nada contra sua sexualidade, cada um faz da vida o que quer. Eu até preferia isso à certeza de que ele houvesse lhe tocado.

— E aquele cara sentado no bar observando ela há horas? — apontou Nikolai.

— Simon Smith, é o nome do infeliz — grunhi com gosto amargo na boca ao pensar nele com as mãos nas dela, igual vi mais cedo. — Já chequei tudo sobre ele e sua família. O garoto mora aqui desde que nasceu e tem uma oficina mecânica. Tudo limpo.

Dois pares de olhos se fixaram em mim, tanto os azuis do meu irmão quanto os negros de Luca.

— O que é isso? Ciúme? — O tom de Nikolai não podia ter soado mais incrédulo.

Ciúme? Nunca tive e não passaria a ter por alguém como Rayssa. A garota não tinha nada do que eu gostava e com que estava acostumado.

Adorava mulheres altas, loiras e experientes, e não as que nunca haviam sido tocadas. *Nem mesmo deve saber beijar*, pensei.

— Desconheço esse sentimento — menti e esforcei-me para esconder minha expressão. Nikolai me conhecia muito bem, mais do que eu mesmo. — Mas é bom que não se envolva com ninguém, porque podem se aproximar dela para levá-la ao Patrick Petrova.

— Isso não acontecerá. Você precisa eliminar todos que tentarem e esconder os rastros. — Nikolai não tocou no assunto anterior, porém, seus olhos eram como os de um falcão.

Sorri amarelo.

— Matar é o que faço de melhor; não precisa nem pedir.

Meu irmão assentiu e olhou para a câmera. Ele fazia aquilo com frequência, acho que para checar se os Destruttores estavam chegando.

— Estão aqui. — Suspirou, finalmente.



Capítulo 2

Alexei

Alessandro e Stefano entraram pelo corredor após passarem pelos seguranças que estavam com Nikolai.

— Acha que ele vai entender por que compramos esta boate ou teremos outra guerra? — Não queria que nenhum deles olhasse na direção de Rayssa.

— Não haverá guerra, por isso Luca está aqui, para apaziguar as coisas — disse.

Uma sombra escura atravessou seu rosto.

— Como se aquele *ghiaccio* ouvisse alguém — grunhiu Luca, secando o seu copo de bebida.

Pela fama do *capo* dos Destruttores, o homem era a epítome da frieza. Inexistia sequer uma foto dele sorrindo em qualquer lugar. A única emoção que enxergava em seus olhos aparecia quando olhava para as irmãs, e isto porque eu era bom em ler pessoas e não deixei passar, mas ficava pouco visível aos olhos dos demais.

Sabia que por ser *capo* e chefe tinha que tomar seu lugar e não mostrar emoções, mas aquele cara? Acredito que poderia ser comparado a uma

geleira.

Antes que comentasse algo, os dois entraram na sala, como se fossem reis. Evitei bufar com a cena.

O *capo* era alto, de cabelos castanhos curtos, barba aparada, com cerca de trinta anos e olhos verdes mortais, vazios. Stefano era um pouco mais baixo, com íris castanhas. Os dois se pareciam bastante.

Os olhos de Stefano passaram pela sala e pousaram em Luca, ainda calado no sofá.

— Reunião interessante, Dark. Eu não achei que precisasse da ajuda do meu cunhado. — Sorriu de forma provocativa, zombando disso.

Nikolai estava de pé, com uma expressão que faria qualquer pessoa normal correr para as montanhas.

— Não preciso da ajuda de ninguém para eliminar você — falou de modo frio.

A presença de Luca não se dava por medo, Nikolai era apenas precavido, fazia de tudo para evitar uma guerra — até porque uma com Patrick estava no horizonte.

— Stefano — alertou o *capo*, sem expressão, como se tivesse sido esculpido em gelo.

O irmão do *capo* suspirou, mas ficou calado.

— Temos assuntos a tratar — disse Alessandro com gravidade na voz,

esquadrinhando a sala. — Cadê o Danilo?

Danilo era o antigo dono da boate. Era bom que ele não estivesse ali ou a coisa não seria nada boa.

— Não achei necessário mantê-lo aqui — devolveu Nikolai, no mesmo tom.

— Claro que deveria, afinal de contas, o bastardo vendeu a vocês o que era para ser nosso — grunhiu Stefano. — Não cederemos o Texas a ninguém.

— Não quero o Texas, isso fica para você e Miguel, já que ele possui parte desta região — informou Nikolai.

Miguel era o chefe do cartel dos Lobos Solitários, e pelo que eu sabia, ele tinha relação com o *capo*, eram aliados.

Notei uma leve contração na face de Alessandro; levei isso como um estreitar de olhos.

— Não quer? Então por que motivo comprou a boate nesta área?

— A filha de Pietro Petrova trabalha aqui, mas acho que vocês já devem saber disto — observou Nikolai. — Fiz uma promessa a ele de que tomaria conta dela no caso de acontecer algo com o homem. Assim que o trabalho estiver feito, a boate será toda sua.

— Por isso Alexei está aqui — interveio Luca.

Todos olharam para mim e minha roupa, a camiseta com o nome do lugar.

— Oh, vejo que você foi rebaixado de cargo, de executor se tornou um atendente de bar. — Stefano sacudiu a cabeça com um sorriso de comedor de merda.

Cerrei os punhos para não voar na sua cara, e o teria feito se não fosse uma batida leve na porta.

Samuel entrou. Ele era o braço direito do *capo* da máfia Salvatore.

— A bebida chegou — falou, ficando de lado, então Rayssa surgiu com uma bandeja com copos e uma garrafa de uísque.

Os olhos de chocolate dela varreram o lugar, esquadrinhando cada um ali. Senti sua tensão e vi suas mãos tremerem, embora tentasse não demonstrar.

Depois, eles pousaram no meu rosto, ficando aliviada. Veio para perto de mim como se eu fosse protegê-la caso alguém quisesse machucá-la.

Nós conversávamos no serviço e na faculdade; eu tentava puxar assunto, mas, às vezes, ela corria de mim e das minhas perguntas. Não de forma mal-educada, só envergonhada.

Não entendi o sentido do aperto em meu coração com o fato de ela buscar minha proteção, não sabia nem se a própria tinha notado isto.

— Coloque na mesa — ordenou Nikolai.

Ela assentiu e deu um passo, logo estacando, porque para colocar na mesa teria de passar por todos eles.

Stefano estava com cara de quem queria prová-la.

— Eu boto lá para você. — Peguei a bandeja, mas assim que meus dedos tocaram os dela, quase deixei a maldita coisa cair pela corrente elétrica que se apossou do meu corpo.

Porra! Que merda foi isso? Eu precisava transar, já fazia meses desde a última vez que fiz sexo, só estava tomando conta de Rayssa.

Ela mordeu os lábios em forma de coração, talvez com medo de que eu chegasse perto dos caras também. Quase ri disso. O pior foi que me deu vontade de beijar aquela boca; me segurei para não o fazer.

Ignorei o sentimento, coloquei a bandeja sobre a mesa e voltei para perto dela.

— Vamos? — chamei, querendo tirá-la dali. Não gostei da forma como Stefano a mirava. Para não enfiar minha faca em sua garganta, correndo o risco de iniciar uma guerra, achei melhor sair com ela.

Rayssa concordou, aliviada. Nós já estávamos na porta, e Stefano chamou:

— Espere, menina.

O desgraçado a encarava. Não sabia o motivo, mas não gostei nada daquilo.

— Meu nome é Rayssa — informou de forma educada. Ela sempre era assim. — Deseja algo mais? — Parecia confusa.

— Quanto você cobra?

Rayssa franziu a testa.

— O quê?

— Para ficar comigo. Quanto você cobra? — Seu sorriso me lembrava o de hienas.

Na hora, eu vi vermelho, tudo em mim gritava querendo esquartejar o bastardo.

— Vou adorar enfiar minha faca em sua garganta e esculpir um sorriso nela. — Me lancei para ele com rapidez, tamanha era minha fúria. Antes de acertá-lo, ela entrou na frente, impedindo que eu tocasse no desgraçado.

— Por favor, Alex — pediu, com um aperto firme em meus braços.

Esse nome integrava meu disfarce. Não queria que ela puxasse meu nome verdadeiro e descobrisse quem eu era.

Rayssa suspirou assim que parei de lutar. Não mostraria minha real faceta ao matar o filho da puta.

Ela o fuzilou.

— Não sou uma prostituta, só atendo as mesas. — Trincou os dentes. — E mesmo se fosse, eu jamais ficaria com alguém como você.

A menina era pequena, quase podia embalá-la em meus braços, e ainda assim era valente. Essa foi a primeira vez que a vi com tanta determinação e raiva.

— Duvido. — Sorriu ele, sem se abalar com o que ela disse ou com a minha fúria.

— Podem sair os dois — ordenou Nikolai. Acho que fez isso para evitar o massacre, porque era o que eu pretendia.

Antes de sair com ela, eu me virei encarando o grupo. Foi quando me dei conta de que havia sido tudo armação, certamente para me aproximar mais de Rayssa.

Vou matar você, fulminei meu irmão, esperando que ele lesse a ameaça evidente em meus olhos.



Capítulo 3

Rayssa

— Ray, vamos para a casa da fraternidade amanhã? — chamou Simon.

Ele era meu melhor amigo havia três anos, desde que vim morar em Dallas, após sair do colégio interno. Fui enviada à escola depois que minha mãe foi assassinada pelo homem que dizia ser meu pai — eu não o considerava um, pois por Pietro só sentia fúria. Por culpa dele, eu perdi minha mãe e fui mandada ao internato de garotas até ficar maior de idade e vir para a faculdade, longe de tudo.

Evitaria pensar nisso ou estragaria meu humor, e precisava dele para trabalhar. Já bastava a máscara que tinha de simular na frente das pessoas, ser alguém que não era realmente.

Simon e eu estávamos indo para a boate em que eu trabalhava. Pietro fizera uma poupança em meu nome, contudo, dele eu não queria nenhum centavo, ainda mais sabendo que provinha de meios ilegais.

Pelo que eu descobri, Pietro era de uma gangue, andava armado e cheio de homens ao seu lado. Morava na Rússia, foi o que ele disse da última vez que apareceu ali, há mais de um ano.

— Não posso, sabe que não curto muito essas coisas. — Eu e festa na mesma página não combinávamos.

— Antissocial — reclamou.

Revirei os olhos.

— Além disso, hoje será anunciado o novo dono da Lotus, acho que Nikolai alguma coisa, não sei o sobrenome.

Eu estava preocupada, porque o novo dono poderia me demitir, o que seria muito ruim. Como pagaria minhas contas? Meu aluguel e minha faculdade? Tinha o dinheiro da venda dos modelos de carros que eu fazia, mas investira grande parte dos proventos para construir o meu próprio automóvel, o qual montava na garagem do pai de Simon.

— Então tudo bem. Eu vou com o Luciano. — Animou-se.

Luciano e Simon saíam havia alguns meses, mas ainda não tinham contado sobre sua orientação sexual a ninguém. Quem os conhecia já notava, só suas famílias não. Queriam ganhar tempo antes de revelar.

— Faça um bom aproveito. — Sorri e suspirei. — Espero que o novo dono seja bom como o Danilo.

O antigo dono da Lotus era a epítome da gentileza, nunca o vi tratar alguém de forma ruim, apenas de maneira educada.

— Ninguém é gentil como ele, pena que pretende vender a Lotus. — Pegou minha mão para sair do carro. — Se tivesse dinheiro, você poderia

comprar, né? Seu pai não lhe deixou uma boa grana?

Bufei.

— Aquele dinheiro é ilegal, e sabe-se lá quantas vidas se perderam por causa dele! Não, já basta o que ele pagou no meu colégio interno. Estou economizando para devolver tudo a Pietro. — Passei os dedos nos cabelos e olhei nossas mãos juntas. — Você sabe que não precisa vir me trazer aqui no serviço e ficar tomando conta de mim. Não necessito de um guarda-costas. Mesmo assim, fico grata por isso, meu amigo. — Apertei-o, mostrando meu agradecimento.

— Serei seu protetor, encaro armas e facas por você. — Sorriu travesso. Eu sabia que ele realmente o faria.

Ri, sacudindo a cabeça.

— Acho que você anda jogando muito Xbox. — Não pensei que aquilo pudesse acontecer caso Pietro aparecesse, como fez na última vez, em que tentou me levar com ele. Finquei o pé e falei que não sairia dali viva, e que a única forma de ele me pegar seria me matando, então ele se afastou.

No fundo, Pietro agia como o pai que um dia foi, aquele de quem eu tinha uma vaga lembrança quando criança, me protegendo. Agora o fazia à sua maneira.

Estremeci, porque não queria Simon no meio daquilo. Aliás, quanto mais longe dele o meu pai ficasse, melhor.

— Vamos só entrar e esquecer a decapitação. — Forcei um sorriso.

Eu era boa em esconder o que sentia na frente das pessoas; tive que aprender a mascarar meus sentimentos e minhas emoções, ou não pararia de chorar. Enlouqueceria de raiva por tudo que foi tirado de mim, pelo único homem que um dia amei com todo o coração. Hoje não restava nada, a não ser o rancor.

Somente Simon sabia de toda a minha vida, e nele podia confiar cegamente, porque jamais me trairia. Revelei tudo. Meu pai apareceu e tentou matá-lo, pensando que éramos namorados. Nesse dia, tive medo de ele ser assassinado ou não me perdoar por ter arriscado sua vida. Tive que explicar ao Pietro que éramos só amigos. Foi quando soube que Simon gostava de homens, porque ele declarou isso na hora. Eu não ligava para quem ele gostava ou deixava de gostar, apenas desejava que meu amigo fosse feliz.

Pietro não fazia nenhuma falta. Que Deus me perdoasse, mas se ele morresse seria bom. Pagaria pela morte de minha mãe.

Tinha dez anos quando ele a matou. Eu ainda me lembrava dela, como se o tempo não tivesse passado, e isto me comia viva, me destroçando por dentro. Todos falaram que foi enfarto, mas descobri que lhe deram um remédio que fez o coração dela parar. Só podia ter sido ele, pois estava lá naquele dia.

Pietro me jogou no colégio e desapareceu. Soube dele alguns anos

depois, ao aparecer me dizendo que eu tinha uma poupança e que me protegeria dos seus inimigos. Fugi de Nevada para Dallas, mas o infeliz me encontrou há um ano e meio, aproximadamente.

Eu tinha me tornado metade de uma mulher, ninguém me conhecia por dentro, além de Simon.

— Acho que o Adônis veio hoje. — Piscou Simon, indo sentar no bar.

O lugar não tinha sido aberto ainda, mas todos os funcionários estavam ali.

Cristina e Natalie faziam com os clientes mais do que servirem mesas. Eu não criticava, pois as vidas eram delas para agirem como quisessem. Todavia, eu jamais seria assim. Quando o sexo acontecesse, eu queria que fosse por amor, tal como lia nos livros, um amor capaz de tudo. Aquilo que minha mãe não teve com meu pai.

Lá também estava Igor, meu supervisor, que ficava abaixo de Danilo, e Alex, a quem eu chamava de Adônis.

Alex se mudou para a faculdade há quatro meses, depois conseguiu um trabalho ali. Simon falava que ele estava a fim de mim, mas eu não acreditava. Um homem como aquele olharia para uma garota que não liga muito para a moda? Ao menos eu já não usava mais óculos, troquei por lentes de contato.

Ele era loiro, com os cabelos um pouco grandes, e olhos azuis como o

céu de verão. Tinha um corpo que faria até os queixos de atletas caírem, bem como uma boca que levava as mulheres ao delírio, inclusive eu. Fora as calcinhas que o homem deixava molhadas apenas com o sorriso.

— O que está acontecendo, Alex? — sondei ao ver todos reunidos.

Ele sorriu de modo tão *sexy* que me deixou de pernas bambas. O cara era a versão masculina de Afrodite.

Toda vez que eu chegava perto dele, era como se uma corrente elétrica me tomasse dos pés à cabeça, mas sem me ferir. Evitava ficar do seu lado por isso, só me aproximava quando não tinha jeito. Sem contar os sonhos eróticos… Ao enxergá-lo, eu me lembrava e corava.

A maioria das mulheres era louca para ficar com o cara, até já vi algumas lhe dando seus números, e Alex aceitando. Isso me fez ficar longe, porque não negava o alerta de coração partido com quem se envolvesse.

Há muitas coisas na minha cabeça para me preocupar, em vez de namorar, era o que eu dizia a mim mesma, apesar de que o queria e não era pouco.

Deveria me concentrar para arranjar minha própria loja de automóveis, tudo construído com meu dinheiro; levaria anos, mas não ligava. Enquanto isso, eu estava me esforçando para me tornar advogada, uma capaz de conseguir provas contra Pietro para colocá-lo na cadeia.

— O dono acabou de chegar — falou Alex, me trazendo ao presente.

Ele apontou para a entrada, e dela surgiu um homem loiro. Através da luz do lugar, pude ver que seus olhos eram azuis e vestia um terno escuro.

— Nossa! Ele deve ter a minha idade e já é dono de uma boate? Ou será que é o outro? — sussurrei só para Alex, que estava do meu lado. Dessa vez não quis ficar longe dele e evitar sua presença, que me provocava sensações novas. — Para que tantos guarda-costas? — Do lado do loiro tinha um de cabelos escuros e olhos da mesma cor; não só pela tonalidade das íris, mas havia um abismo neles. Logo atrás, mais cinco homens, todos com ternos escuros. — Será que são mafiosos? — sussurrei encolhida.

Não queria ficar no mesmo ambiente que eles, já me bastava Pietro, um homem fora da lei. Se aqueles caras também fossem, eu teria que buscar outro lugar para trabalhar.

Alex abaixou a cabeça e murmurou perto do meu ouvido:

— E se fossem? Acha que nos matariam? — Tinha algo de divertido em sua voz.

O seu calor próximo à minha pele me provocou arrepios na espinha.

— Não, mas eu teria que arrumar outro trabalho. — Me afastei para ter coerência ao falar.

Algo mudou na expressão de Alex; foi breve, e eu, incapaz de decifrar. Então ele sorriu, triscando o dedo na ponta do meu nariz.

— Você imagina demais — brincou e bufou, olhando para o loiro. —

Toda essa pose de fodões deve ser só de fachada para nos impressionar. Fique tranquila, Cordeirinha.

Será? Os ternos escuros talvez escondessem armas, ou quem sabe eu realmente estivesse me preocupando demais.

Franzi o nariz por ele ter me chamado de Cordeirinha. Estava a ponto de retrucar e dizer que tinha nome, um que ele sabia qual era, contudo, Danilo falou antes:

— Esse é Nikolai Dragon, o novo dono da boate, como vocês sabem. — Já tinha nos alertado. Até fizemos uma despedida para ele na semana passada.

— Não queria que tivesse vendido para ninguém. — Virei na sua direção.

Ele sorriu.

— Já estou velho, criança, preciso descansar um pouco. Nenhum dos meus filhos quer ocupar meu cargo e tomar conta, então não tenho escolha. — Depois olhou para o novo dono. — Vamos para a sua sala?

Nikolai assentiu. Antes, ele parou perto de nós e, em seguida, olhou para mim, o que me fez endurecer, porém permaneci no lugar. Após, se concentrou em Alex.

— Traga bebidas para nós — ordenou, e se virou para seguir Danilo.

— Respire, Rayssa — disse Alex, tocando minha testa.

Era a primeira vez que ele dizia meu nome, porque sempre me chamava de Cordeirinha. A todo o momento arrumava um jeito de me tocar, mesmo não intencionalmente.

Pisquei, vendo Nikolai e o de cabelos negros entrando no corredor e subindo para a sala que ficava do lado esquerdo. De lá dava para ver todo o salão, só que os vidros eram escuros.

— Ele é intenso… — consegui dizer.

— Viu a aliança em seu dedo? Não acho que ligue para alguma de nós — comentou Cristina. — Que pena.

— Uma aliança não impede um homem de trair sua esposa — apontou Natalie. — Ficaria com ele com certeza.

Sacudi a cabeça, sentindo os olhos estreitos de Alex em mim, não sabia se esperando minha resposta. Dei uma mesmo assim:

— Não falei isso com interesse, só parece que emana poder — comentei. Alex esboçou um sorriso. — Acho melhor ir levar a bebida deles ou podem demiti-lo.

Ele assentiu e foi fazer o que falei.

Depois as pessoas começaram a chegar, e a boate lotou. Embora trabalhando, estava preocupada com Alex. Fazia quase meia hora que ele fora levar as bebidas e até então não havia retornado. Será que o novo dono pretendia demiti-lo? Alex não fez nada! Por que não tinha voltado?

— Olha só, se não é a mosca morta? — provocou Britany. A garota cursava algumas disciplinas comigo. Uma patricinha mimada que já ficou com praticamente todos os garotos da faculdade (pelo menos foi o que ouvi falar).

Ela estava cercada de jogadores e líderes de torcidas.

— Será que algum de vocês transaria com essa virgem? — questionou outra menina, cujo nome desconhecia. — Com certeza não deve saber deixar um homem realizado.

Já ouvi coisas piores sem me incomodar. Às vezes, sentia vontade de revidar, mas não queria replicar a violência que Pietro exercia nas pessoas.

Não ligava para ser considerada antissocial, como Simon dizia. Era melhor, no caso de precisar ir embora dali; deste modo, não deixaria pessoas que amasse para trás. Por isso, no início, não queria aceitar a amizade de Simon. Ao final, ele insistiu tanto que não pude resistir à sua vibração positiva.

— Britany, você é uma cadela, claro que eu ficaria com ela sim — exprimiu um cara cheio de brincos e com um *piercing* na língua. — Posso ensinar muitas coisas.

— Não, obrigada. Tenho namorado — menti e saí dali antes que dissessem algo mais.

Ignorei todos e continuei meu serviço, servindo as mesas. Não daria

motivos para o novo dono me demitir.

Chegaram mais dois homens e entraram na sala também. Não deu para ver direito, mas eram sombrios como os outros.

Depois de esperar alguns minutos sem sinal de Alex, resolvi ir procurá-lo e ajudar no caso de o tal Nikolai estar fazendo alguma coisa com ele.

Peguei a mesma bebida que Alex levou antes. Não sabia como ele conhecia o gosto dos homens, só escolheu o uísque e o levou.

Cheguei onde os seguranças estavam, vigiando a porta.

— Oi, vim trazer uma bebida — falei com a bandeja nas mãos.

Um dos caras com expressão sombria me encarou.

— Ninguém pediu nada.

Estava a ponto de suplicar para me deixarem entrar, no entanto, não demonstrei meu medo. E se aqueles homens fossem bandidos de verdade?

— Deixe a moça entrar — disse outro deles, aproximando-se. Tinha cabelo castanho e um ar um tanto mortal, como a maioria.

Ele abriu a porta e ficou de lado para que eu passasse.

— A bebida chegou — anunciou.

A sala estava repleta de homens. Nikolai se sentava no sofá, junto ao de cabelo escuro. Os que entraram há pouco se encontravam de pé. Um era alto, com uma cara de quem já matou mil pessoas; lindo, mas letal. Seus olhos, apesar de verdes, eram um abismo de pedra. O que entrou com ele era mais

baixo, e com um sorriso endiabrado. Alex estava na sua frente, como se quisesse matar o menor — que se não fosse da minha idade, era mais novo.

Examinei-o e vi que estava bem. Isso me deixou aliviada, porque temia o pior. Fui ficar mais perto dele e longe dos outros homens da sala.

— Coloque na mesa. — Nikolai indicou o local.

Dei um passo, então parei, não querendo passar por eles. Estava louca para sair dali e levar Alex comigo.

— Eu boto lá para você — ofereceu meu colega de trabalho, pegando a bandeja.

Juro que assim que nossas mãos se tocaram quase desfaleci, como acontecia quando ele encostava em mim.

Não queria que Alex fosse lá, temendo que algum daqueles caras o machucasse. Ele pôs na mesa e veio segurar meu braço. Senti que estava tão louco quanto eu para sair dali.

— Vamos? — chamou.

Estava a ponto de respirar aliviada, mas o garoto me chamou.

— Espere, menina.

Franzi a testa, confusa pela forma como me olhava, quase me despindo. Segurei-me para não falar algumas verdades.

— Meu nome é Rayssa — declarei, fazendo força para ser educada. — Deseja algo mais?

— Quanto você cobra? — perguntou.

Quando ele disse que me pagaria para dormir com ele, achei que estava participando de uma pegadinha ou algo assim. Vi a fúria de Alex, então percebi que o maldito fedelho falava sério.

— Vou adorar enfiar minha faca em sua garganta e esculpir um sorriso nela. — Alex foi para cima do garoto, pronto para matá-lo. Eu não queria que isso o fizesse ser demitido, ou pior, preso, e o segurei para impedi-lo.

Já estava acostumada com o fato de as pessoas pensarem que, por ser garçonete, andava dando para todos os caras.

— Por favor, Alex — supliquei, torcendo para que ele me ouvisse. Em seguida, encarei o idiota. — Não sou uma prostituta, só atendo as mesas. E mesmo se fosse, eu jamais ficaria com alguém como você.

Nikolai nos mandou sair do lugar, evitando a continuidade da briga.



Capítulo 4

Rayssa

— Vou acabar com aquele desgraçado — rosnou Alex com os punhos cerrados, encarando a câmera, certamente querendo entrar no local.

Peguei seu braço, passei pelos seguranças e o levei para a dispensa, o único lugar sem câmeras, apesar de que o dono pôde nos ver entrando.

Eu precisava falar com Alex. Ele me seguiu sem reclamar.

— Você está bem? — sondou, verdadeiramente preocupado.

Pisquei, me sentindo gelada.

— Eu que pergunto, por que foi se meter com aquele cara? Viu os seguranças que vieram com ele? E se algum deles resolvesse acabar com você? E por que estava demorando tanto?

Ele me avaliou e tocou meu nariz.

— Estava preocupada comigo? — Alex sempre fazia isso quando conversávamos, e eu me derretia ainda mais por ele.

— Claro que estava, por que demorou tanto lá dentro? Esse Nikolai vai demiti-lo?

— Não, só queria checar algumas coisas, mas falei que era novo e que

deveria perguntar ao Igor, já que é o gerente, né?! — Deu de ombros. — Estou bem, só não gostei da forma como aquele *patife* a tratou.

— Não falou nada que já não ouvi antes. Sei lidar com pessoas assim. — Suspirei. — A maioria pensa que, por trabalharmos aqui, somos putas. Estão errados, servir mesas é um serviço decente como outro qualquer.

Alisou meu rosto, arrepiando minha pele.

— Se alguém mais disser isso a você, acabarei com o infeliz, seja quem for. — Parecia falar sério. — Eu devia voltar lá e matar o maldito.

Ri para romper a tensão.

— Não pode assassinar alguém só por dizer uma besteira. Vamos esquecer que aquele fedelho existe. — Sorri. — Mas agradeço por me defender, mesmo correndo o risco de perder seu emprego.

— Não podia deixar ninguém lhe tocar ou a insultar. — Abaixou a cabeça, ficando com os olhos na altura dos meus.

Ele tinha um metro e oitenta, mais ou menos, enquanto eu só tinha um e cinquenta e cinco. Sentia-me uma anã perto dele.

— Não podia? — Minha voz estava fraca. A intensidade dele me deixou mole, e minhas pernas começaram a tremer.

— Não. — Chegou com o rosto perto do meu, como se fosse para me beijar. Estava tentada a deixar, porém, não iria.

— Alex, eu…

— Não quer? Vejo o desejo e a fome em seus olhos. — Beijou meu rosto, seguindo para o canto dos meus lábios. — Quero isto. Quero você, Cordeirinha.

Resistir àquele homem era como um drogado declinar ao seu vício.

— Não posso dar o que você espera. — Afastei-me sem vontade.

— O que eu espero? — Cheirou meus cabelos e meu pescoço. — Incrivelmente bom.

Sentir seu toque na minha pele me fez perder todo o meu autocontrole. Temia que saísse machucada no final. Seu cheiro me inebriava, me deixando zonza demais, como se estivesse bêbada sem ter ingerido álcool.

Minhas mãos seguraram sua cintura. Puxei-o para mim, não tinha mais forças para aguentar. Seus lábios se uniram aos meus, me consumindo — era a melhor palavra exata para descrever o que eu sentia.

Suas mãos passeavam por todo o meu corpo. Colocou minhas costas na parede e me imprensou, moendo sua intimidade com a minha. Eu estava pegando fogo dos pés à cabeça.

Minhas pernas foram parar na sua cintura. Ao apertar minha bunda, juro pelos céus que achei que explodiria ali mesmo. Meu centro doía de desejo por aquele homem. A fome me dominava, como se seus beijos não fossem o bastante.

No fundo da minha mente, tinha certeza de que devia parar, pois não

podia fazer isso ali. No entanto, ser tocada por ele era algo com que sempre sonhei. Após tê-lo, não conseguiria ficar longe, mas precisava. Aproximar-me de Alex estraçalharia o meu coração. Não sabia se era um presságio ou só o óbvio, com um homem como ele. Lindo e *sexy*, uma tentação.

— Alex…

Ele se afastou piscando, parecendo sair de um transe, depois sorriu e me deu mais um selinho, colocando minhas pernas no chão.

— Não posso ficar com você aqui. — Apontou para o depósito de bebidas. — Você merece mais.

Eu buscava alguma coerência, forçando-me a ignorar minhas pernas bambas. Meu coração parecia que explodiria por sua preocupação comigo. *Será que ele quer mais do que sexo?*, perguntei-me.

— Precisamos voltar ao trabalho — sussurrei sem fôlego.

— Tem razão, vamos retornar. — Afastou-se, porém, enxerguei a fome naqueles olhos lindos. — Mas depois você será minha. Estou louco para tê-la em meus braços.

Acreditei em Alex, porque também ansiava por ele, e não era somente sexual, e sim algo mais. Esperava vivermos aquilo juntos.

Voltei às mesas, e ele também, afinal, faltava muito para a noite acabar.

— O que houve lá? — perguntou Simon, assim que fui servir a mesa dele. Apontou na direção onde Nikolai continuava com os homens em uma

reunião.

— Nada, só fui levar bebidas. Depois um idiota disse uma asneira, e Alex quis matá-lo.

Contei o que ocorrera.

— Imbecil — rosnou Simon. — Quem são eles? Parecem mafiosos, acha que são?

— Não sei e não vou perguntar, já que não quero ficar perto de nenhum.

— Mas aconteceu mais alguma coisa, posso ver que algo incomoda você. — Ele me lia bem, era como se nos conhecêssemos a vida inteira. — É por causa dele? — Indicou Alex com o queixo, que servia a mesa de uma mulherada. O grupo sorria como se ele fosse o melhor presente do mundo. O bom era que ele não retribuía a atenção.

— Não quero falar sobre isso agora. Ao sairmos daqui, conversaremos. Não darei motivos para o dono me demitir. — Sorri. — Se preferir ir embora, pode ir. Eu pego um táxi para casa.

— Não adianta insistir, eu trouxe você e vou levá-la…

Simon fazia isso havia anos. Sempre tentava convencê-lo do contrário, mas nunca me ouvia.

— Sério. Se você quiser me deixar aqui, tudo bem, eu posso lhe ligar e você me pega de volta. Enquanto isso aproveite para sair com seu namorado,

que também precisa da sua companhia. — Luciano o convidara para um encontro, vi na mensagem que ele estava olhando quando levei sua bebida.

Ele fez um bico.

— Não quero a abandonar.

— Consigo tomar conta de mim, você sabe disso. — Eu o abracei. — Amo seu jeito protetor comigo.

— Você faria o mesmo por mim se fosse um cara. — Riu e se afastou.

Bufei.

— Agora vá e pegue seu homem, ou outro o fará. Prometo que ligarei perto do meu horário de saída.

Assentiu e se foi. Eu voltei a trabalhar.

— Não entendo a relação de vocês — falou Alex, chegando perto de mim no bar.

— Somos quase irmãos — declarei, assim não pensaria que eu tinha algo com meu amigo. — Mesmo não tendo o mesmo DNA.

— Para serem irmãos, não se precisa de sangue. Eu também tenho um do tipo, meus pais o adotaram quando bebê — contou com tanto amor em sua voz que fiquei comovida.

— Quantos anos ele tem? Depois de grande é a mesma coisa? Nunca tive um irmão, sou filha única. Ou, pelo menos, espero que sim, não gostaria que outra pessoa tivesse um fardo como o meu. — Limpei o balcão.

Ele franziu a testa.

— Não se dá bem com seus pais?

— Meu pai é só um doador de esperma, nada mais — rosnei. — Desculpe, não gosto de falar sobre ele.

Alex assentiu.

— Tudo bem. Eu tenho uma irmã caçula e um irmão mais novo que eu.

— Se você é o mais velho, deve ser protetor com eles, não é? — inquiri.

— Sou, às vezes, mas não acho necessário, eles sabem se virar. — Sorriu.

Alguém pediu uma bebida, e fui até sua mesa levar. Em seguida, voltei ao bar, de onde Alex ria para mim. Algo nele dizia que me desejava, mas logo a sensação desaparecia. Era como se o cara lutasse contra. Seria isso? Eu também lutava, porque temia me apaixonar. Ele estava fazendo o mesmo? Via-me confusa, com medo de me machucar. Porém, se não me jogasse fundo nisso, como saberia o que poderia acontecer? Talvez nos déssemos bem, não é?

Meu sorriso e meus devaneios sumiram ao ficar de frente com o garoto do escritório.

— Nos encontramos de novo — falou, pegando um copo da bandeja. — Quero uma bebida.

Trabalhando naquele lugar, eu aprendi a ignorar a música alta, assim prestava mais atenção no pedido das pessoas e as escutava bem através do barulho.

Fui passar por ele, entretanto, segurou meu braço e falou em meu ouvido:

— Diga ao seu namorado que se ele permitir que escape, eu irei atrás de você e deixarei a minha marca. Garanto que nunca me esquecerá. — Então se afastou e colocou um papel em meu bolso, na frente do vestido. — Meu celular, caso mude de ideia.

Antes que eu abrisse a boca para mandá-lo para o Inferno, ele levantou o copo para alguém atrás de mim, deu um gole e foi embora sem mais nenhuma palavra.

Alex apareceu, querendo ir até o garoto.

— Fique calmo, ele não fez nada, apenas me deu um recado para passar a você. — Sacudi a cabeça. — O cara pensa que somos namorados.

Seus olhos se estreitaram.

— O nome dele é *Stefano* — cuspiu a palavra. — O que ele disse?

Repeti o recado com um suspiro.

— Viu? Não é nada, já que não estamos namorando. — Peguei o papel. — O telefone para eu ligar…

Nem terminei de falar; ele pegou o papel e rasgou com certa raiva,

provavelmente querendo fazer o mesmo com o tal Stefano. Não me importei com o número, até gostei, porque pareceu que Alex estava com ciúmes.

— Se ele se aproximar de você, basta me dizer. — Seu olhar voltou a ser intenso. Nesse momento, eu me esqueci do meu nome e até do lugar onde estava.

Sorri.

— Vai ser meu protetor? — Passei por ele, voltando ao bar. — Sabe que não precisa, Simon já faz isso.

— Estou falando sério, Cordeirinha. Se precisar, basta me chamar. — A seriedade na sua voz me fez olhar para ele.

— Tudo bem, eu farei isso — prometi, assim o deixaria mais tranquilo.

Meu coração dava pulos. Se o Adônis não tinha gostado de ver um cara interessado em mim, significava que ele estava?

Eu não queria ser mais uma, almejava ser mais do que isto, mais do que uma ficada de uma noite. Alex poderia me dar tanto?



Capítulo 5

Rayssa

Já passava das três da manhã quando terminou meu turno. Troquei de roupa no banheiro e estava prestes a sair, mas ouvi um diálogo no corredor:

— Sou boa no que faço — disse uma garota.

— Aposto que é — respondeu uma voz que eu conhecia muito bem.

Parei, olhando na direção de onde a conversa vinha, e o vi segurando a mão da menina, que pretendia levá-la até sua calça.

Ali estava a garota ideal, o tipo que ele gostava; uma que faria tudo sem reclamar sobre querer mais do que sexo. Quase ri por pensar naquilo com um homem como Alex. Como imaginei que estivesse interessado? Talvez estivesse, mas também queria o resto da mulherada. Isso não era para mim; eu não compartilhava.

Ofeguei alto. Os dois se viraram. Parada, encarava-os de olhos arregalados.

— Rayssa… — Vi sua boca se mexer.

Virei e corri, evitando sentir-me mais humilhada. Ele tinha me beijado havia pouco tempo e agora já estava com outra.

Passei pela porta da frente, trombando em um corpo duro. Teria caído se ele não tivesse me segurado.

Olhei para cima e me deparei com um par de olhos negros. Era o homem que estava mais cedo com Nikolai, o que entrou com ele.

— Desculpe. — Fiquei ereta.

Ele não estava sozinho, Nikolai vinha logo atrás, olhando de mim para alguém às minhas costas.

— Rayssa! — Alex me chamou. — Posso explicar, não é nada do que pensa.

Ignorei-o, ou certamente voaria em seu pescoço. Estava furiosa comigo mesma, não só com ele, por meus sentimentos confusos, tudo devido ao Alex.

— Você está bem? — o cara indagou.

— Sim, só preciso sair daqui. — Me virei para sair, mas segurou meu braço.

— Como vai embora?

Viera de carona com o Simon e acabei me esquecendo de ligar para ele. Merda.

— Um amigo meu me buscará — menti.

Seus olhos se estreitaram.

— Se quiser, eu posso levá-la.

— Ela não vai com você, Luca — rosnou Alex, chegando até nós. — Rayssa vai comigo.

Eu não iria, mas não queria incomodar o amigo do chefe, e muito menos o novo dono.

— Vou com ele — tornei a mentir.

Escondi minha expressão, porque aquele Luca aparentava saber ler perfeitamente as pessoas.

— Tudo bem — disse, avaliando eu e Alex do meu lado. Depois, virou e entrou num carro preto, com Nikolai perto de si. Os veículos dos seguranças os seguiram.

Fiquei sozinha com Alex, tudo o que não desejava naquele momento.

— Vou pegar o carro, então poderemos conversar. — Foi na direção do estacionamento.

Não falei nada, apenas virei na rua e corri o mais rápido que pude. Minha casa se situava a dez quadras dali. A pé, eu cruzava um beco, era o caminho mais curto. Não gostava de ir por lá, por ser perigoso. De carro, eu faria outro trajeto, já que ele não passava na rua estreita.

Alguém buzinou de um automóvel. Sabia que era ele, contudo, não parei, só continuei correndo. De repente, braços fortes me pegaram.

— Rayssa…

— Que porra, me solte! — exclamei. — Ou juro que vou gritar.

— Pode gritar, ninguém passa neste lugar. — Suspirou. — Só preciso que me ouça antes de tomar uma decisão.

Se ouvi-lo o motivasse a me deixar em paz, por que não? Parei de lutar em seus braços. Ele se afastou, e eu o encarei com os olhos estreitos.

A rua tinha um poste; fora isto, estava escura.

— Não é o que você pensa…

Sacudi a cabeça.

— Não importa, você é livre e desimpedido, não me deve explicação. — Peguei meu celular e mandei uma mensagem ao Simon, dizendo que já tinha ido embora da boate. Foi mais uma desculpa para não encarar Alex.

— Que droga, Rayssa! Eu estava a ponto de tirar a mão dela de mim quando você nos viu. — Exasperou-se.

Levantei meus olhos para ele com o cenho franzido.

— Por que interromperia algo que você queria? — retruquei com um suspiro duro.

— Que eu queria? Agora está dentro de mim para saber o que sinto? — ironizou.

Ele tinha um ponto.

— Não, mas sei que você gosta do que elas fazem, está só à procura disto, e não sou dessas. — Falei a verdade. — Quero um cara gentil que me leve a encontros, não apenas por sexo, como muitos fazem. Se é o que está

procurando em mim, não terá.

— Corações e flores? É disso que está falando?

Dei de ombros.

— Sim, então só me deixe em casa e volte para terminar o que ia fazer com ela… — sussurrei.

Ele riu, amargo.

— Você é muito teimosa. — Colocou o rosto perto do meu, deixando-me sem ar e surpresa. — Vou esclarecer, espero que entre nessa cabecinha linda: não quero aquela garota e nem qualquer outra. Só você.

— Você me quer? Mas…

— Estava pronto para pedir que fosse a um encontro comigo, então a garota apareceu e estragou meus planos. — Ele trincou os dentes.

Fiquei tonta com o que acabara de ouvir. Alex pretendia me chamar para sair? E eu, como uma idiota, fugi.

— Um encontro comigo? — Foi como se um peso saísse do meu peito.

Sorriu e beijou minhas pálpebras.

— Sim, eu irei aonde quiser. Não é só pelo sexo, mas por você, Cordeirinha. Se precisar lhe dar rosas e passear com você, por que não? — Pareceu falar consigo mesmo no final.

As batidas do meu coração eram tão fortes que me colocaram de pernas bambas.

Sorri em expectativa.

— Podemos fazer um piquenique no parque.

Riu também.

— Piquenique, hein? — Ele me puxou para o carro dele. — Gosto de como isso soa.

Sentia-me uma adolescente, contando as horas para que o encontro chegasse logo.

— O que veio fazer aqui? — sondei para romper o silêncio no carro.

Ele riu.

— Aqui em Dallas? Bom, eu morava em Chicago com meu tio, o dono de uma empresa de tecnologia.

Franzi a testa.

— Então você é rico? — Estava em choque. — Desculpe, só pergunto pois trabalha em um clube.

Ele deu ombros, pegando a rua que dava para o campus da faculdade. A casa onde eu morava ficava perto de lá, tal como a dele.

— Meu tio queria que eu ocupasse o lugar dele nos negócios, mas recusei. Não gosto de responsabilidade, evito a qualquer custo. Agora é meu irmão quem está tomando conta de tudo, e ele é muito bom. — Sorriu, parecendo realmente amá-lo. — Depois disso, eu me mudei para Dallas.

— Você está sendo responsável trabalhando em um clube, então conta.

— Sou um adulto, não preciso da ajuda de ninguém para viver.

— E quanto a seus pais, onde eles estão? — perguntei, e logo me arrependi, porque sua expressão foi de pura dor. — Desculpe, não precisa responder se não quiser.

— Não, tudo bem. Eles morreram há treze anos. — Desviou o olhar, encarando a janela escura.

— Sinto muito. — Peguei sua mão assim que parou em frente à sua casa, do lado da minha.

Assentiu.

— E quanto aos seus? Você parece não gostar do seu pai. — Não era uma pergunta.

— Pietro não foi um exemplo paterno. Tenho algumas lembranças positivas dele comigo na minha infância, e outras negativas, já mais velha, com ele indo embora. As memórias ruins acabaram com todas as boas. — Incluindo o fato de assassinar minha mãe. — Mamãe morreu quando eu tinha dez anos.

Não podia falar daquele assunto com ninguém. Aos doze, comentei com uns policiais, e no dia seguinte eles apareceram mortos. Não foi coincidência. Não queria que meu pai aparecesse ali e se intrometesse na vida de Alex.

— Lamento por sua mãe. — Parecia sincero.

Assenti e mudei de assunto, evitando me lembrar de memórias dolorosas.

— Você realmente pretende ir a um encontro comigo? — Me sentia como se estivesse em um sonho, com prazo de acabar o encanto.

— Claro. Ou você não quer? — Beijou meu pescoço. — Então?

— Não mudei de ideia, estou ansiosa por isso.

Ele se afastou com um sorriso.

— Ótimo, agora precisa entrar, pois já está tarde.

Meu desapontamento foi grande quando saí do seu carro. Pensei que Alex fosse me beijar. Eu devia ser mais atirada e tomar uma atitude.

Ele pegou meu braço e me imprensou na parede da garagem, sorrindo.

— Precisa pedir, querida, só assim o farei. — Sua voz estava grossa devido ao desejo.

— Por que eu teria que pedir? — sondei, curiosa.

— Prometi que não faria nada que não quisesse. Peça, e eu farei qualquer coisa. — O seu hálito quente banhou meu rosto. — Quer que eu a beije?

— Sim, estou louca por isso — consegui dizer.

Sua boca devorou cada canto da minha. O planeta poderia terminar, e eu não teria notado. Suas mãos eram firmes em minha cintura ao me levar contra a parede. Coloquei minhas pernas à sua volta, sentindo a força da

necessidade dele, similar à minha.

— Alex… — comecei a suplicar, sem saber o que queria. Só desejava que aquele fogo fosse controlado e saciado.

— Você é tão saborosa. — Ele parecia em êxtase e inebriado.

Suas mãos estavam em minha bunda, moendo meu centro com o dele. O calor entre minhas pernas me levava à loucura, mesmo que uma parte de mim me mandasse parar, dado o lugar em que estávamos.

— Não posso fazer isso assim, querida. — Freou o beijo, deixando-o lento, e parou com a testa na minha. — Estou tentando ser bom.

Parecia bem-humorado, como se rindo de alguma piada particular.

— Acho que não quero você bom. — Suspirei com meu cérebro frito. — Seja mal para mim. Apenas hoje.

Ele gargalhou e me colocou no chão, quase me fazendo cair.

— Comporte-se e me ajude. — Esquadrinhou minha face. — Farei as coisas direito, não quero estragar nada.

Expirei algumas vezes até meu cérebro voltar a funcionar com clareza. Gostei do fato de ele ter tido mais força do que eu para parar antes que fizéssemos uma besteira no meio da rua.

— Agora entre, amanhã lhe ligo — prometeu.

Assenti e corri para a varanda da minha casa. Antes de entrar, eu me virei para checar se ele continuava ali ou se desaparecera como num passe de

mágica.

Não foi um sonho, eu estava realmente acordada e vivi aquilo com Alex, o cara mais cobiçado entre as mulheres, um com quem eu sonhava havia meses.

Torci para que o amanhecer chegasse logo.



Capítulo 6

Alexei

— Merda, que porra eu estou fazendo? — Isso era para ser somente um trabalho, e não um maldito encontro.

Vi a dor nos olhos dela quando me enxergou com a garota que me cercou na boate.

Tinha acabado de falar com Nikolai. Depois de sair da sala dele, eu pretendia encontrar Rayssa e dar uma carona para ela. A coisa então desandou.

Já estava grilado com o fato de Stefano fazer investidas nela; não era somente interesse, tinha algo mais ali, e eu iria descobrir. Após isso, o Luca lhe ofereceu uma carona, ou seja, minha raiva atingiu o limite — tanto deles quanto de mim, por desconhecer tal sentimento.

Claro que sabia sobre o ciúme, apenas nunca tinha sentido, não com pessoas. Tinha ciúme dos meus carros, os quais eu colecionava. Até quis acabar com Samira quando ela explodiu um deles, jogando-o de cima de um penhasco. Por sorte, Nikolai me deu outro.

Nunca senti nada parecido por uma mulher, isto era novo para mim.

Sabia que estaria perdido caso a beijasse. No momento em que a toquei, porra, fui arrebatado. Já beijei e fodi muitas mulheres, mas nunca me senti daquele jeito, nem perto disso.

Tinha batido uma foto dela mais cedo enquanto atendia as pessoas. Seu sorriso meigo era inebriante. Onde no passado havia imagens dos meus carros, agora estava a dela.

“Nos encontraremos amanhã, às onze horas, no Jardim Botânico”, li a mensagem que me enviou.

— O que está fazendo? — sondou Nikolai, olhando a foto de Rayssa no meu celular.

— Droga! Quando entrou? — perguntei com um suspiro duro.

Ele se sentou na cama.

— Você se distraiu e não me viu chegar. Um erro, porque se fosse um dos homens de Patrick, já estaria morto — criticou.

— O que faz aqui? — Me virei para ele.

— Vai a um encontro com ela? Resolveu aceitar o que falei?

Quando fui ver Nikolai mais cedo na boate, ele me mandou conquistar Rayssa, fazê-la se apaixonar por mim, e ficarmos juntos para unir nossa raça. Na hora, eu quis esmurrar a cara dele, porque não gostei daquilo.

— Não vou usá-la — rosnei de novo, já indo pegar um uísque. Precisava beber.

— Não precisa usá-la, é uma aliança, Alexei. Vocês se casarão para unirmos nossas forças assim que Patrick for dizimado. — Pegou um copo da bebida também.

— Aliança se faz quando as duas partes concordam. Ela nem sabe que é herdeira da máfia e que tem monstros à sua procura — grunhi. — Como vou fazer isso? Rayssa não merece.

— Você gosta dela.

— Isso não pareceu uma pergunta. — Olhei para a câmera e a vi deitada, rolando de um lado ao outro. Seria ansiedade pelo dia seguinte? Se eu deitasse naquele instante, também não conseguiria dormir.

— Confirmei por ter visto a forma como reagiu contra o Stefano mais cedo.

— Qual o lance dele indo para cima dela? — Trinquei os dentes. — O cara está querendo o poder dos Petrovas?

— Não, ele só o fez porque eu pedi. — Bebeu um gole, me avaliando.

— Por que raios? — Cerrei os punhos, realmente querendo esmurrar sua cara.

Estava chocado comigo. Nunca quis machucar meu irmão como naquele momento; éramos família, e eu morreria por ele.

— Você quer me bater. — Sua voz não podia ter soado mais incrédula.

— Não sabe o quanto. Agora me diga: por que fez isso? — Controlei-

me e foquei na tela onde ela aparecia, assim ficaria mais calmo.

— Precisava saber o que você sentia por ela. Não posso obrigá-lo a se casar com alguém de quem não goste. Alexei, se não fizer isso, outros o farão, e pude ver que ela gosta de você. Entrou na sala preocupada com sua segurança e chorou ao encontrá-lo com aquela garota.

Estreitei os olhos.

— Aquilo foi obra sua também? Por que não pergunta em vez de ficar me analisando? Virou algum psiquiatra ou psicólogo?

— Queria ver o que ela sentia. Vocês realmente desejam um ao outro. Seu casamento pode vingar — assegurou.

— Desde quando se tornou frio assim? — Fiquei na frente dele. — Samira sabe disso?

Ele fez uma careta.

— Isso não tem nada a ver com ela. Droga, Alexei! O conselho se reuniu e chegou à conclusão de que precisamos ter o patrimônio dos Petrovas, nos aliar para conquistar a outra parte da Rússia. Se não quiser ser o cara a fazer isso, eu terei que arrumar outro…

Foi interrompido quando me lancei sobre ele e o imprensei na parede com a mão agarrando sua camisa.

— Se alguém falar com Rayssa ou sequer chegar perto dela, eu juro que mato o desgraçado, Nikolai. Não importa quem seja — sibilei com fúria.

— A ameaça vale para Stefano; não me importarei com uma maldita guerra.

Nikolai não se desvencilhou do meu toque, só me encarava. Em seguida, colocou uma mão em meu peito, em cima do meu coração.

— Sei que está bravo e confuso, mas é preciso. Descobri que alguns homens foram enviados para conquistá-la. Pode ter certeza, eles aparecerão. Você não a enganará ou algo do tipo, afinal, já tem sentimentos por ela há algum tempo.

Pietro era chefe da máfia russa, mas foi morto pelo seu irmão, Patrick Petrova, que tinha vários homens nas mãos, mas não o dinheiro e o poder da máfia. Isso pertencia à Rayssa, por ser filha legítima de Pietro.

Cada máfia tinha suas leis. Na dos Petrovas, a herança ficava para os filhos, contudo, Rayssa só poderia ter direito legalmente ao se casar e participar de um ritual deles, onde lutaria e mataria uma pessoa, selando seu comando.

Não acreditava que Rayssa teria coragem de assassinar alguém. A mulher estava se formando em Direito, o que me dizia que ela desejava colocar os bandidos na cadeia, e não matá-los.

Por isso Patrick a queria, para colocar as mãos nos milhares de dólares que estavam seguros em nome de Rayssa, mesmo que ela não soubesse ainda.

— Você não entende o que sinto.

— Faz quanto tempo que não fica com uma mulher?

Ri, frustrado, e o soltei.

— Agora tomará conta da minha vida sexual também? Vou ter que relatar tudo que faço?

— Não, mas conheço o sentimento. Quando amamos, não queremos outra pessoa. Por isso você não ficou com ninguém durante esses meses em que esteve com ela. — Pegou minha mão. — Não lute contra o sentimento, é em vão. Tentei uma vez, e Samira ficou ainda mais sob minha pele.

— Não posso machucá-la. Se Rayssa descobrir suas intenções, ela não vai me perdoar — sussurrei.

— Ela não precisa saber. Você não a está conquistando em prol disso, mas porque gosta da garota, mesmo que lute contra. — Colocou a mão no meu ombro. — Pense bem. Agora preciso voltar para Chicago e pegar minha mulher. Não gosto de deixar ela e Nikolas longe com tudo o que está acontecendo.

Assenti com um peso em meus ombros e no peito.

— Mande Stefano se afastar, ou não responderei por mim — alertei. — Desculpe por ter atacado você, é só que…

— Tudo bem, eu entendo suas razões e o medo de perdê-la, já passei por isso. No meu caso, lutei contra o que sentia pela filha do assassino de nossos pais, mas no final, é uma batalha que não podemos ganhar.

— O que acontecer entre Rayssa e eu será porque quero, nunca por um

negócio. Diga isso a Kriger e ao resto do conselho. — Respirei fundo.

Na nossa máfia, o conselho, cujos membros chamavam-se *dubrov*, eram indivíduos que estavam na família havia séculos, logo, respeitados. Cumpriam ordens do chefe, mas, na ausência de um, auxiliavam na função de eleger um novo. Kriger era um deles, e também era como um pai para nós, Nikolai, Irina e eu.

Ele assentiu e foi para a porta, mas parou e me encarou.

— Se planeja encontros com ela, sugiro que a leve para jantares em bons restaurantes e organize coisas divertidas. Samira adora zoológicos, por exemplo; é só checar o que Rayssa prefere. — Acrescentou quando eu ia abrir a boca: — Não digo isso pelo negócio, e sim por você. As mulheres gostam de sentir que fizemos algo apenas para elas.

Não respondi. A minha mente não estava em um bom lugar, desconhecendo o que aconteceria dentro de algumas horas.



Capítulo 7

Rayssa

Acordei com uma batida na porta; estava sonhando novamente com Alex. Ele me amarrava na cama e colocava sua boca em mim… Fiquei ainda mais louca para o nosso encontro dentro de poucas horas.

Levantei meio trôpega, já que demorei a pegar no sono durante a madrugada. No relógio, indicava dez da manhã. Através do olho mágico, vi Simon, então abri a porta.

— Oi, você está bem? — sondou, me checando dos pés à cabeça.

Franzi a testa, conferindo meu corpo para ver se tinha me esquecido de pôr calças ou algo assim.

— Sim, por quê? — Saí do caminho para que ele pudesse entrar.

— Estou ligando desde cedo, mas você não atendeu, portanto vim checar. — Franziu a testa. — Como voltou ontem? Só me enviou a mensagem dizendo que tinha ido embora.

— Não vim sozinha, o Alex me trouxe — falei, encaminhando-me ao banheiro para escovar os dentes.

— Alex? O bofe loiro de olhos brilhantes? — Ele quase gritou.

— Quer um microfone? — critiquei, checando minhas olheiras pelo espelho.

Ele ficou na porta me encarando com um sorriso.

— Então vocês dois…

— Não transamos, se é isso que está pensando.

Escovei os dentes e penteei os cabelos.

— Que pena. — Ele se desanimou. — Será que tenho uma chance com ele?

Sacudi a cabeça, sabendo que estava brincando. Ele gostava muito do namorado.

— Comporte-se e se concentre em Luciano. Eu cuido de Alex. Só não quero uma transa rápida, desejo mais do que isso com ele.

— E o Adônis aceitou? Isso prova que gosta de você. — Sorriu, batendo palmas. — Estou muito feliz pelos dois!

— Também estou, não vejo a hora de sairmos. — Enviara uma mensagem a ele de madrugada, antes de pegar no sono, marcando o local do encontro.

“Estarei lá” foi sua resposta. Na hora que li, achei-o seco demais. Depois pensei que estava imaginando coisas. Sempre buscava problemas que não existiam, com medo de que tudo virasse pó.

— Que horas vocês marcaram? — inquiriu, animado, vindo ajeitar

meus cabelos e os prendendo em um rabo de cavalo.

— Daqui a uma hora, no Arboreto. Começaremos por lá. — Estava eufórica enquanto ia para a cozinha. — Vou preparar o piquenique.

— Jardim Botânico? Boa, é romântico. — Sentou na cadeira ao meu lado. — Por que não vão juntos?

Fiz os sanduíches de frango e coloquei na cesta, junto com sucos, bolos e tortas.

— Ele ia resolver alguma coisa de família, disse que me encontraria lá.

Nunca tinha feito um piquenique ou ido em um encontro com um garoto. Apenas uma vez aceitei o convite de um menino, logo que cheguei à cidade; saí com ele e fomos a um restaurante. No dia seguinte, o cara desapareceu, e quando me via agia como se eu tivesse uma doença contagiosa. Pelo medo em seus olhos, sabia que tinha o dedo de Pietro nisso, ou de alguém que trabalhava para ele. Também tive outro, porém, ele bebeu demais e quis me beijar a força, na noite em que conheci Simon. O garoto amanheceu morto. Coincidência? Desconhecia tal palavra, tendo um pai criminoso.

— Agora vou terminar de me arrumar — falei e parei na porta do banheiro. — Pode me dar uma carona até lá? Assim volto com ele.

— Não precisa nem pedir, garota.

Após tomar banho, eu me vesti com jeans e blusa de alça, já que estava

calor. Era um bom dia para um piquenique e um encontro ao ar livre, em especial com um homem igual ao Alex. Eu sentia como se tivesse ganhado na loteria, e isto só com um encontro; imagine se namorássemos?

— Você está feliz. Desde que a conheci, nunca a vi desta forma. — Simon me olhou de lado, dirigindo para o lugar marcado. — Seja o que esse cara estiver fazendo com você, estou contente com isso.

Estava alegre. Torcia para que meu pai não aparecesse e fizesse o Alex sumir como os outros. Um fugiu com medo depois de ter marcado comigo e não ir, o outro deu em cima de mim por semanas, até que resolvi aceitar, então o esperei no meu apartamento, mas ele não apareceu, e não o vi mais.

Claro que não era apaixonada por nenhum, logo, não me importei. O que me incomodou foi o fato de Pietro ter feito aquilo. Ele mesmo confessou que não me deixaria namorar até encontrar o cara certo. Não sabia o motivo de se dar ao trabalho de se incomodar comigo.

— Espero que Pietro não estrague tudo — comentei com um suspiro.

— Já faz algum tempo que ele sumiu. — Simon estremeceu. — Aquele homem me dá calafrios na espinha.

— Sabe quando você está tão animada com uma coisa, que tem medo de que isso acabe, como um encanto se quebrando? — sussurrei.

— Não vamos pensar naquela cobra venenosa. — Pegou minha mão ao pararmos no Arboreto, próximo ao lago. — Só vá lá e agarre aquele homem

como uma pantera. — Simon rangeu os dentes e imitou uma fera com as unhas.

— Verdade, chega de viver com medo, é hora de permitir que a felicidade entre na minha vida. — Sorri para ele e saí do carro com minha cesta na mão. — Obrigada por me trazer.

— O que precisar. Morda aquele bofe lindo. — Deu uma piscadela, me fazendo rir.

Segui para perto do lago. Coloquei a manta e a cesta no chão, sentando-me para esperar por Alex.

Enquanto aguardava, olhei ao redor e vi algumas pessoas ali: um casal de namorados de mãos dadas, e outro se beijando e tirando fotos. O amor estava no ar. Eu queria algo assim; esperava conseguir com meu Adônis.

Já se passara dez minutos, e Alex ainda não chegara. Não devia tirar conclusões precipitadas, mas algo apertava meu coração.

Peguei meu celular e chequei se havia alguma mensagem; não vi nenhuma.

Era mais de onze e meia, e nada, então fui enviar: “Oi, onde você está?”. Escrevi, mas acabei deletando. Por que mandaria um recado se ele não se incomodou em avisar que não viria?

Deitei-me na toalha e olhei para o céu azul, tentando ignorar as pontadas no coração. A dor estava ali, a dor de ter sido abandonada sem

nenhuma satisfação.

Podia ver a piedade nos olhos das pessoas que passavam e me enxergavam sozinha. Isso acabava comigo, não suportaria ficar nem mais um segundo ali.

Alex não era o cara certo para mim. Eu não sabia se um dia conheceria um que fosse, mas, com certeza, ele não me deixaria plantada feito uma idiota num encontro.

Estava a ponto de me levantar quando senti alguém se deitando ao meu lado. Era ele, podia sentir seu calor. Não me movi.

— Rayssa. — Sua voz soava estranha, como se estivesse com dor.

Esperei que dissesse algo mais, porém, isso não aconteceu. Ele apenas alisou meus cabelos e tirou minha mão do meu rosto. Permaneci com os olhos fechados e a face molhada.

— Olhe para mim, Cordeirinha — pediu, beijando minha testa. — Lamento tanto.

Expirei para me controlar, porque precisava ouvir o motivo por ter se atrasado. Talvez tivesse acontecido algum imprevisto. Controlei-me por mais alguns minutos, então abri os olhos e me deparei com o rosto dele perto do meu.

— O que houve? — Pigarreei, recompondo-me. Sentei e virei a cabeça na sua direção. — Se por acaso mudou de ideia, basta dizer. — Ele foi me

abraçar, mas me afastei. — Só acabe com isso, Alex, não precisa sentir pena de mim — sussurrei.

Seus olhos se estreitaram.

— Acha que estou com pena? Só tive medo… — Encarou o lago, envergonhado ao admitir aquilo.

— Medo? De quê? — sondei, confusa.

Alex suspirou.

— Nunca namorei ou pensei no assunto, e também nunca fui a um encontro, não assim. Com as outras era só sexo, mas com você tem algo mais, uma coisa que jamais senti. — Ele encolheu os ombros. — Isso dá medo. Não sei como agir.

Franzi a testa. Ele temia seus sentimentos? Fiquei chocada pelo cara nunca ter ido a encontros. Eu deveria ter suspeitado, o homem era um deus grego e chamava a atenção de todas.

— Poderia ter desmarcado e pensado mais no assunto. — Mordi os lábios. — Se está com medo, vamos seguir sendo amigos.

Alex me olhou como se eu estivesse louca.

— Não posso ser só seu amigo, é tarde demais para isso. — Colocou a mão nos meus cabelos e puxou meu rosto para o dele. — Você enfeitiçou meu corpo, e teria enfeitiçado minha alma também, se eu tivesse uma.

Pisquei, chocada por ele pensar algo assim.

— É claro que você tem alma, Alex, uma que é pura e boa, capaz de ajudar os amigos. Você me auxiliou na boate ao me defender do Stefano, e garanto que faria de novo. — Peguei suas mãos. — Se quiser continuar com este encontro, eu estarei aqui para você, mas se necessitar de um tempo, eu o darei também.

Abraçou-me, escondendo o rosto na curva do meu pescoço, e expirou.

— Vou lidar com o que vier, não vou mais ficar longe de você. Também farei o que puder para que não chore mais por mim. — O selo da promessa estava em cada palavra.

Sorri, agora com o peso saindo do meu corpo e do meu peito.

— Vamos aproveitar esta tarde. Se um dia tiver medo, por favor, não fuja, basta vir até mim, e eu o ajudarei. — Beijei sua boca, saboreando cada canto.

Tentei me lembrar de que estava num lugar público e que não poderia agarrá-lo como gostaria.

— Hummm, se for me ajudar assim, irei procurá-la sempre — falou nos meus lábios. — Agora vamos ao nosso encontro.

Almoçamos e fomos passear no Jardim Botânico; as cores eram tão vivas. Andamos de mãos dadas e tiramos algumas fotos, tudo que tinha visto as pessoas fazendo antes de Alex aparecer.

O meu primeiro encontro foi mais do que perfeito. Torcia para que

tivesse muitos mais com aquele homem.



Capítulo 8

Rayssa

UM MÊS DEPOIS

Ao longo do mês após nosso primeiro encontro, Alex e eu fomos a vários outros; jantamos em restaurantes e também visitamos o zoológico. O que mais amei foram os peixes que vimos na nossa ida ao Aquário Mundo de Dallas. Tão vibrantes!

— Você parece gostar deles. — Alex apontou para os animais brilhantes.

Sorri.

— São lindos. Quando pequena, eu queria ser veterinária, adorava cuidar dos bichinhos. Até achava gatos machucados na rua, levava para casa e tratava-os. Isso deixava minha mãe louca. — Sacudi a cabeça.

— Por que não está se formando nessa área então, em vez de Direito?

— Não sei dizer. Acho que a vontade se perdeu no caminho, depois que fui para o colégio interno. — Dei de ombros.

Ele assentiu.

— E por que faz trabalho comunitário no restaurante? — Bateu uma foto bem na hora que beijei o peixinho através do vidro.

— Sabe sobre isso?

— Sim, já a vi lá algumas vezes, tenho um colega que mora perto — disse, indo ficar do meu lado nos tanques dos crocodilos. — Parece indefeso, mas é um predador.

Ele falava do crocodilo, mas algo em sua voz conferia novas nuances à palavra. Talvez eu estivesse enganada, como sempre.

— O mundo está cheio de predadores. A maioria busca os mais fracos para dar seu bote — comentei com um suspiro. — Por isso, eu faço o que posso para ajudar; se pudesse, faria mais. Quero proteger aqueles necessitados do mundo, mas…

— …você não pode — terminou por mim, com a voz um pouco grossa. — É um gesto nobre.

— Não é nobreza, e sim o que todos deveriam fazer: ajudar quem carece de auxílio. Eu poderia trabalhar como médica, mas tenho pavor de sangue. — Estremeci.

Dessa vez, ele riu.

— Não suporta ver sangue? — Parecia divertido com aquilo. — Não conheço ninguém assim.

— Está me conhecendo agora. — Peguei sua mão e seguimos nosso

tour.

— Mas por que deseja se tornar advogada? — Ele me avaliou, ainda confuso. — Acho que sei, apenas quero ouvir sua resposta.

Nunca falei sobre aquilo, exceto com Simon. Não tinha amizade o bastante com ninguém mais para compartilhar tanto. Ajudava no abrigo e restaurante, mas mantinha certa distância para não criar laços. A única com quem conversava era Daniela, a gerente do lugar. Ela até lutava para me convencer a interagir com mais pessoas, mas era melhor não. Eu já tinha perdido muito. Uma sombra sempre me perseguiria, por isso ficava longe de todos.

— Como não posso ser médica, arrumei outro jeito de fazer algo por aqueles que precisam. Tipo colocar um assassino na cadeia e tirar os inocentes que estão presos injustamente.

A expressão dele mudou. Por um breve segundo, pensei ter visto pesar, porém, rapidamente se transformou em diversão.

— Será uma ótima advogada — afirmou. — Se um dia precisar de seus serviços, eu aviso.

Bufei.

— Espero que nunca precise. — Quando me formasse, a primeira coisa que faria seria buscar provas contra Pietro. — E não admitirei que me comprem, como muitos por aí, andando com os bolsos cheios por

trabalharem para os bandidos.

Ele triscou meu nariz com a ponta do dedo.

— Terá muitos inimigos, senhorita Rayssa Delacurt. Não se preocupe, eu protegerei você — jurou.

Eu ri, mas meu peito se aqueceu com sua resposta, embora não quisesse que ele fizesse nada por mim, porque poderia sair ferido no final.

— Bom saber. — Andamos de mãos dadas até chegarmos ao tanque dos tubarões. — Então me conte sobre você. Faz intercâmbio comigo, mas pelo que vi, cursa disciplinas relacionadas à advocacia e a finanças. Para quem disse que não liga para os negócios da família, é um tanto contraditório.

Ele suspirou.

— Apenas gosto. — Foi bastante evasivo. Eu pretendia retrucar, no entanto, prosseguiu: — Gosto de aprender, mesmo que não siga a profissão. Me chame de persistente. E seu *hobby*, qual é? Pelo que eu soube, você faz balé.

— Está muito bem informado a meu respeito. Anda me espionando, James Bond?

Revirou os olhos lindos.

— Já vi você naquela roupinha apertada. — Ele me puxou para os seus braços. — Tive que tomar um banho gelado quando cheguei em casa. Menina má.

Ri alto. Um casal olhou para nós, e abaixei a voz.

— Posso colocar para você depois — cochichei. — Já que não farei mais aula.

— Por quê? Mas é bom, aqueles caras só ficavam de olho; me impede de matar todos — grunhiu, enciumado.

— Não é meu *hobby*, só entrei porque o Luciano tem aula lá, e Simon o queria. Eles já começaram a namorar. Continuei só por fazer… O que amo mesmo são carros, passei a gostar depois que conheci Simon e o senhor Smith, eles me ensinaram tudo a respeito. Até estou montando um com a ajuda do pai de Simon. — Animei-me. Adorava falar de automóveis. — Mais tarde, se você quiser, eu o levo lá. Fica na oficina do senhor Smith. Ainda está incompleto, falta algumas peças.

— Então é isso que faz na casa do seu amigo? — disse, sorrindo de lado. — Podemos ir ver? Adoro carros também. Tenho uma coleção na minha casa.

Franzi a testa.

— Sua casa?

Ele respirou fundo; pareceu ter falado demais.

— Tenho uma onde meu tio mora, e vários dos meus carros está lá. Quer ver? — Pegou o celular, agora ansioso e contente. — Olhe, aqui estão todos eles.

Peguei o aparelho e arfei vendo as fotos dos veículos em um galpão: Bugatti, Ferrari, W Motors Lykan Hypersport, Lamborghini Veneno e outros. Praticamente uma concessionária.

— Koenigsegg? Merda! Eu sou apaixonada por esse carro, ele tem acabamento exterior feito de fibra de carbono e diamantes, além do motor 4.8 V8 biturbo de 1.018 cv e 110 kgfm de torque. — Pisquei, eufórica. — Foram feitas apenas três unidades que serviram de adeus para o CCX. Você ficou com uma delas?

Ele sorriu, brilhante.

— Também o adoro. — Olhou para a tela.

— Como você tem tantos assim? Esses são os mais caros do mundo.

— Herança dos meus pais. Além disso, mesmo não chefiando as empresas, como meu tio queria, sou sócio-proprietário, já que eram da minha família — explicou. — Então você realmente ama carros?

— É uma paixão. Estou juntando dinheiro para ir a uma feira em Genebra. Presto serviço para uma fábrica de automóveis, e eles me chamaram para ir lá. Estou me preparando para ver os lançamentos; já que não posso comprar um, pelo menos os confiro. — Entreguei o telefone a Alex. — Vendo meus desenhos a eles para fazer uma grana e ver algum carro que fiz nas ruas. Dois deles já estão no site da loja e foram comercializados na Rússia e na Espanha. Não são famosos como os dessas marcas grandes, mas é

tudo que amo e pretendo fazer, isso e me tornar advogada.

— Você desenha? — Surpreendeu-se.

Sorri.

— Sim, desenhava no internato, já que não tinha muita coisa para fazer, mas desenhos de carros mesmo, eu passei a criar quando vim para cá e conheci Simon e seu pai. Ajudo na oficina, então vi aquelas máquinas, e posso dizer que foi amor à primeira vista.

— Você é diferente de qualquer pessoa que já encontrei. — Beijou meus lábios de leve. — Se quiser, posso levá-la ao salão de Genebra — propôs Alex, me puxando para sair do aquário.

— Não aceitarei o seu dinheiro, mas se quiser ir comigo, eu adoraria. — Quiquei, animada. — Acho que vou parecer uma criança entrando numa fábrica de doces, eufórica e maravilhada.

Ele riu, beijando minha cabeça.

— Marcado, iremos juntos — prometeu. — Agora vamos checar o seu projeto.



Chegamos à oficina do senhor Smith. Ele estava trabalhando em uma moto.

— Oi, menina, veio mexer no seu carro? — Parecia com um Simon de

idade avançada.

Balancei a cabeça, negando.

— Não, eu só vim trazer o… — Virei para Alex, não sabendo como o chamaria na frente das pessoas.

Nesse último mês saímos quase todos os dias, bem como nos beijávamos e andávamos de mãos dadas na faculdade e nos encontros. Porém, nunca falamos sobre namoro de verdade.

Alex sorriu para o senhor Smith.

— Sou o namorado dela — informou com orgulho. — Ela me falou que está construindo o carro com você, então vim ver.

O senhor o avaliou, agora como um pai ao conhecer o namorado da filha. Pela sua expressão, ele foi com a cara do Alex, e aquilo me aliviou.

— Namorado, hein? — Limpava as mãos em um pano, sem tirar os olhos de Alex. — Vou deixar vocês dois, mas garoto? Se machucar minha menina, acabarei com você. Ela é como uma filha para mim.

Minha garganta se fechou, não sabia que ele me considerava assim. Fiquei feliz. Achava que já estava na hora de deixar as pessoas entrarem na minha vida. Se Pietro aparecesse, eu lidaria com ele.

Fui até o senhor Smith e o abracei, pegando-o desprevenido. Nunca abraçava ninguém, além de Simon.

— Obrigada por tudo — falei a verdade, emocionada. — Por me

aceitar na sua família durante todos esses anos.

Ele pigarreou e devolveu o abraço.

— Ah, garota, não vá me fazer chorar… Sou velho para essas coisas. — Virou-se para Alex. — Cuide bem desta menina, é uma joia rara.

— Sei disso. Prometo que tomarei conta dela — garantiu.

O senhor me deixou sozinha com Alex, mas nos convidou para a janta.

— Ele gosta de você. O que não entendi foi por que pareceu surpresa com isso — comentou, caminhando em direção ao meu carro.

Passei as mãos nos cabelos.

— Mantive as pessoas longe a minha vida inteira. Temia que algo acontecesse a eles caso se aproximassem.

— Você não é assim com Simon. E por que se distanciar? De quem tem medo? — Apertou minha mão.

— Vamos dizer que meu pai não é flor que se cheire. É um bandido que mantém as pessoas afastadas de mim. Para a proteção de todos, eu fico longe — sussurrei. — Tive que implorar ao Pietro para que não levasse Simon ou fizesse coisa pior.

— Seu pai é um idiota — grunhiu com raiva.

— Concordo com você, por isso temo que isto acabe. — Apontei o dedo entre nós. — Que ele chegue e estrague tudo, como sempre faz.

Alex me puxou para os seus braços e beijou minha testa.

— Não irei a lugar algum — jurou.

Assenti, confiando nele, mesmo que a insegurança estivesse ali. Até quando eu viveria assim? Em breve teria de enfrentar meu pai, porque daquele jeito não dava para continuar. O medo era uma maldição.

Puxei o plástico que cobria o carro inacabado. Peguei o desenho que fiz e entreguei-o ao Alex.

— Espero que, um dia, ele fique assim. Vai demorar um pouco, já que precisa de umas peças caras. — O veículo era preto, com linhas vermelhas chamuscadas como fogo na lataria e nos aros.

— Puta merda! Isso é fantástico — disse, estupefato. — Assim que estiver pronto, eu posso andar nele?

Sorri de lado.

— Só se me deixar andar em seu Koenigsegg primeiro — barganhei.

Ele riu.

— Fechado. Saiba que ninguém nunca andou nos meus carros com a minha autorização, nem meu irmão. Eu tenho mais ciúmes deles do que de qualquer outra coisa. — Mirou as demais ilustrações. — Os modelos são lindos. Poderia montar sua própria marca.

Gargalhei, sacudindo a cabeça.

— Alex, eu faço isso por *hobby* e por amor. Quero ter uma profissão que vá beneficiar a muitos, não somente a mim. E seria muito dinheiro para

investir, coisa que não tenho. — Isso era mentira, porque minha conta tinha mais do que eu era capaz de contar. Todavia, jamais usaria aquele dinheiro sujo. Devolveria a Pietro se isso não fosse provocar uma briga com ele.

Ficamos ali por longas horas, apenas falando de carros, uma coisa de que eu não enjoava nunca. Muitas garotas prefeririam conversar acerca de moda e roupas de grife, mas cada um com seus gostos; eram os automóveis que eu amava de verdade. O bom era que ele não me achava estranha, como outros homens. Alex parecia bem animado.

Naquela noite, cercada por pessoas que realmente se importavam comigo, eu me senti realizada. Senhor Smith, Simon e Alex estavam ao meu lado.

— Deveríamos fazer isto mais vezes — disse o pai do meu amigo, levantando uma taça de vinho.

— Iremos, sim — jurei, erguendo o copo também, e olhando para Alex.

— Prometo que sempre estaremos juntos. — Havia intensidade nos seus olhos. Não falávamos mais de jantares com amigos.

— Que bom, porque se mentir ou machucar minha amiga… — disse Simon com uma faca na mão e um sorriso sinistro. — Isto aqui cortará outro tipo de carne.

Ri para romper a tensão.

— Alex jamais mentiria para mim — falei, evitando aquela conversa.

— Confio nele. E pare de ameaçá-lo, vamos aproveitar a noite.

Após o episódio com Simon, Alex não disse mais nada durante o jantar. Talvez tivesse ficado com medo, mas meu amigo estava apenas brincando. Amava a proteção de Simon, mas chegara a hora de eu ter asas e voar. Tudo isso só seria possível por causa de Alex aparecendo em minha vida.



Capítulo 9

Rayssa

Não tive notícias de Alex por quase duas semanas, ele parecia ter desaparecido do mapa. Não estava indo à faculdade, nem ao trabalho. Até a sua casa, onde fui procurá-lo, fora esvaziada. Pensei que estávamos na mesma página, mas com seu sumiço, vi que não.

Por um momento, fiquei preocupada com ele, achando que Pietro talvez tivesse mandado ele me deixar, como sempre fazia. Mas, naquela noite, recebi uma mensagem onde ele terminava tudo: “Sinto muito, mas não posso mais continuar”. O que tivemos durante aquele mês não passara de um sonho; o encanto se quebrou.

Isso me levou a vir à Blitz, uma boate situada perto de casa. Precisava espairecer de alguma forma. Não era muito boa com festas, contudo, pretendia mudar algumas coisas em mim, porque estava cansada de viver dentro de um casulo. Já era hora de sair, mesmo que Alex não estivesse ali.

Não chore, pedi repetidamente a mim mesma, como um mantra. Não deixaria que um homem me deprimisse.

— Se um dia eu voltar a vê-lo, acabarei com ele — falou Simon. —

Farei bom uso daquela faca.

Sorri tristemente.

— Não pode me proteger de um coração partido, Simon — comentei, sentando-me no bar e pedindo uma bebida.

Eram raras as vezes em que bebia, mas aquela era uma noite em que necessitava muito de uma. Não pretendia me embebedar, apenas me divertir.

— Vamos esquecer isso e dançar. — Peguei sua mão e fui para a pista.

A bebida começou a fazer efeito, logo estava alegre. Dancei algumas músicas com Simon, bem sensual. Se ele não gostasse de homem, estaríamos nus em algum lugar. Bem, obviamente que era só um pensamento, porque eu sabia que não ficaria com ninguém. Somente um cara me interessava, embora não soubesse até quando continuaria sendo desse modo.

— Acho que preciso me sentar, dancei demais. E ir ao banheiro — disse ao Simon.

— Vou acompanhar você…

Sacudi a cabeça.

— Não precisa, Simon, estou bem e sóbria. Vá se divertir, leve Luciano para dançar, ou ele ficará com ciúmes por você passar tanto tempo comigo. — Beijei seu rosto. — Não precisa ser minha babá.

Ele não queria, mas me virei e fui ao banheiro primeiro. Olhei para o espelho, para a mulher refletida à minha frente. Não tinha nada de mim ali,

ou tinha?

Cabelos soltos e olhos de chocolate, com sombra realçando-os, vestido justo e preto. Apesar da beleza, a expressão estava vazia. Não só ela, como também meu peito, oco por dentro.

— Seja forte, esqueça esse homem — entoei a mim mesma ante o espelho.

Saí na intenção de voltar para onde Simon estava com seu namorado, mas acabei esbarrando em alguém.

— Desculpe — pedi.

Tinha um cara alto, de cabelos castanhos e sorriso encantador na minha frente.

— Não foi nada, eu também não estava prestando atenção por onde andava. Sou Nathan, e você? — Estendeu sua mão.

Fiquei tentada a não responder, mas não era mal-educada.

— Rayssa, é um prazer conhecê-lo. — Peguei a sua mão, e logo em seguida a soltei. — Agora preciso ir.

Voltei para onde Simon estava com Luciano. Ele era alto e de cabelos escuros.

— Ela chegou, não precisa mais se preocupar — Luciano disse, sorrindo, sem acusação alguma.

Devolvi o gesto.

— Devia fazê-lo relaxar e ir dançar, não sou uma criança que precisa ser protegida pelo irmão. — Olhei para meu amigo. — Vá se divertir. Ficarei bem.

— Vamos, Simon, deixe a garota respirar um pouco. — Luciano o puxou e me empurrou uma garrafa de água. — Água ajuda na bebedeira, evita a ressaca no dia seguinte.

Fiquei comovida com o fato de se preocupar comigo.

— Obrigada. — Permaneci ali algum tempo após eles saírem, mas não tinha fundamento. Não estava animada, só queria ir para casa. Se avisasse ao Simon que partiria, ele deixaria seu namorado para me levar, apesar de a boate não se localizar longe de onde eu morava.

Saí para a rua, deparando-me com uma noite tão escura quanto meu peito. Nada faria aquilo passar. Bebi um gole da água, tentando não pensar nele…

— Não é perigoso ficar aqui sozinha? — Ouvi uma voz atrás de mim ao deixar a boate. Olhei para cima: Nathan ostentava um sorriso no rosto. — Oi, nos encontramos de novo. Resolveu fugir?

Ao nosso redor, não vi ninguém.

— Estava me seguindo? — O medo dominou meu corpo, fazendo com que eu me afastasse dele.

— Você é uma menina difícil de encontrar — comentou com um

sorriso que lembrava o de leões famintos.

— Quem o enviou? — Minha cabeça começou a girar. Não tinha bebido muito; por que, então? Olhei a água na minha mão e, com pavor, entendi que fora drogada.

— Tomarei conta de você antes de levá-la ao chefe — disse ele, vindo na minha direção.

Corri, mas não fui longe. Tive que me segurar em uma árvore para não cair.

— Por favor, não me toque — pedi, assim que braços me cercaram.

Com a visão embaçada, sabia que logo seria o meu fim. Não conseguiria resistir.

— Ninguém nunca irá tocá-la — jurou uma voz no meu ouvido.

Alex? É você? Queria perguntar, entretanto, a escuridão se apossou de mim e me deixou à deriva.



Capítulo 10

Alexei

Ficar longe de Rayssa durante aquelas semanas foi um verdadeiro tormento; podia vê-la nos lugares através das câmeras, mas ela estava distante, e teria que continuar desta forma.

Meus dias com ela foram os mais felizes da minha vida. Cada momento daqueles encontros inesquecíveis se tornou tudo para mim.

No jantar com seus amigos, notei sua confiança em nosso relacionamento; a forma como afirmou que eu nunca mentiria para ela. Porra, aquilo foi pior do que uma facada no estômago.

No nosso primeiro encontro, eu desisti de aparecer, justamente para que ela não sofresse depois que soubesse de tudo. Com a dor que presenciei, aquilo parecia tê-la quebrado.

Lutei para não magoá-la, mas, no final, se eu ficasse seria mil vezes pior quando ela descobrisse quem eu realmente era, e o motivo para protegê-la, além dos planos de Nikolai para que eu a conquistasse.

Nas últimas semanas, mantive distância, e continuaria assim, se não fosse por aquele seu amigo idiota convencê-la a ir na Blitz se divertir. Ela

gostou da ideia e aceitou.

Assim que Rayssa entrou no lugar, todos aqueles bastardos olharam para ela. Como sempre, a menina não reparou.

Trinquei os dentes ao vê-la dançar de modo sensual com seu amigo. A garota estava um pouco alegre demais, acho que pela bebida que tomou minutos antes.

Segurei tudo de mim para não matar Simon, mesmo que isso fosse fazê-la sofrer. Sorte que ele não gostava de mulher, ou suas mãos seriam a primeira coisa que cortaria por tocarem naquele corpinho lindo.

Namorá-la, sem transarmos, me fez descobrir quanto autocontrole eu tinha; resistir até que a Cordeirinha estivesse pronta era uma tortura.

Decidi segui-la ao banheiro, porque não queria deixá-la sozinha. Rayssa tinha bebido um pouco, e alguns homens a olhavam como se quisessem comê-la.

Permaneceu no banheiro por mais tempo que previ. Fiquei tentado a entrar, mas não desejava que ela me pegasse ali, vigiando-a.

Ao sair com a cabeça baixa, um cara que estava parado na porta havia alguns minutos — até achei que esperasse alguém — fingiu esbarrar nela. Decerto trabalhava para Patrick.

Ninguém era tão certinho assim. A forma como lhe olhava… era um assassino, conhecia um quando o via. Ou eu poderia só estar com ciúmes por

Rayssa ter oferecido um sorriso para ele e até ter lhe falado seu nome. O ciúme era um sentimento que ainda me deixava sem controle. Observaria primeiro; se ele ousasse se aproximar, então eu o mataria.

Não era por ter me afastado que eu deixaria alguém fazer uma investida nela e roubar o que era seu por direito.

Voltei a segui-la. Rayssa resolveu ir embora, e o cara a acompanhou. Antes, ele trocou um olhar com o namorado de Simon. *Que porra foi isso?*

Fiquei a uma distância segura, longe da visão dos dois, nos quais adoraria enfiar minha faca lentamente.

Peguei meu celular e liguei para Nikolai.

— Resolveu voltar com Rayssa? Estou segurando as pontas aqui, mas você precisa decidir — falou, assim que atendeu.

Suspirei.

— Não, só estou ligando para avisar que vou matar alguém. — Trinquei os dentes.

Ele amaldiçoou do outro lado da linha.

— Não é Stefano, é? Porque não estou com paciência para essa merda. — Não vi Stefano depois que ele deu em cima de Rayssa a pedido de Nikolai. — Me diga que porra está acontecendo ou vou chutar sua bunda — rosnou, usando o tom de chefe.

Devia retrucar, mas conhecendo Nikolai, ele arrumaria um jeito de vir

até mim, mesmo estando na Rússia.

— Não é ele, e sim alguém que resolveu mexer com a pessoa errada. — Desliguei e deixei o aparelho no silencioso, não querendo ser incomodado no momento.

Os vermes a drogaram e pretendiam levá-la embora. Cheguei antes para impedir que acontecesse.

— Por favor, não me toque — suplicou com os olhos vagos. Segurei-a firme.

— Ninguém nunca irá tocá-la.

Essa promessa eu não quebraria; derrubaria qualquer um para cumpri-la.

— Estava indo levá-la para casa — disse o suposto Nathan. Duvidava que aquele fosse realmente seu nome. — Ela bebeu demais.

Estreitei os olhos para ele. Não respondi, apenas carreguei Rayssa até meu carro.

— Ei, ela é minha, não vou deixar você pegá-la. Fui contratado para isso. — O maldito veio atrás de mim.

Coloquei a menina no banco e encarei o desgraçado, que seria morto de forma bem torturante.

— Estou falando com você! — Pegou meu braço; na outra mão, tinha uma faca. — Essa putinha é minha.

Estava pensando em demorar com ele, mas com aquelas palavras, fiquei cego. Enfiei minha adaga em seu peito, ao que arquejou.

Não parecia ser muito experiente, porque se fosse, teria tentado me matar antes que eu tocasse em Rayssa.

— Agora o escutei. Farei você pagar por ter tocado em algo que é meu. — Puxei a lâmina e enfiei de novo na sua barriga, sem tirar os olhos do filho da puta. — Apodreça no Inferno.

Matar, para mim, era algo fácil, como andar de bicicleta. Eu não sentia nada. Nunca esquecia, e também não queria, porque isto se tornou parte do meu ser.

Uma vida definhava em minhas mãos, mas meu único arrependimento era de não ter demorado como gostaria, à semelhança dos demais homens que eliminava. Com uns, levava quase dois dias em busca de informações; com outros, apenas horas.

Puxei a faca para fora e o deixei cair no chão, desfalecido aos meus pés. Pulei para trás, porque não queria sujar ainda mais minhas roupas escuras.

— Vejo que alguém o irritou. — Luca surgiu do meu lado.

Não notara sua presença antes. Alguém até poderia ter visto o assassinato, mas na hora não me importei.

— Anda me seguindo? — reclamei, limpando a faca nas vestes do

morto.

— Dark soube que eu estava na cidade e pediu que viesse aqui para impedir que fizesse o que acabou fazendo. — Apontou para o defunto. — Cheguei tarde.

— Ele a drogou e ia levá-la. — Guardei a faca às minhas costas. Depois que comecei a namorar a Rayssa, deixei de carregar armas comigo no coldre, afinal, ela poderia descobrir.

— Fez bem, pena que não demorou mais com o infeliz.

— Estava sem tempo. — Olhei para Rayssa. — Preciso levá-la embora.

— Pode ir. Eu tomo conta de tudo aqui. — Deu um tapa no meu ombro, em sinal de camaradagem.

— Obrigado, Luca. — Entrei no carro e a levei para a minha casa.

Assim que cheguei, carreguei-a no colo até meu quarto. Tirei seu vestido e seus sapatos. Para não deixá-la nua, eu a vesti com uma camiseta minha. Evitei olhar a beleza daquele corpinho que ela tanto escondia em roupas folgadas.

— Durma, Cordeirinha. Agora você está segura. — Coloquei a coberta sobre ela e dei um beijo na sua testa.

Era hora de ir atrás do outro cara que a drogou. Fosse qual fosse o motivo de Luciano estar com Simon, tinha a ver com Rayssa, sem dúvidas. Eu faria o maldito sangrar por suas ações. Com ele, demoraria e descobriria

quem era o mandante.



Capítulo 11

Rayssa

Acordei com um corpo forte e quente do meu lado. Juro pelos céus, o calor que se apossou de mim foi abrasador, quase me fez gritar por mais. Forcei-me a controlar meus atos e não tocar a pele macia, o que estava tremendamente difícil.

Então me lembrei de que o garoto que conheci na boate na noite anterior tinha colocado algo na minha bebida. Não sabia como fora possível, porque tomei tanto cuidado; certamente me distraí em algum momento. Isso quase ocasionou algo pior, por exemplo, me levar para qualquer lugar e fazer o que quisesse comigo.

Luciano me deu a garrafa de água. Será que era nela que estava a droga? Só podia ser. Mas foi ele quem colocou ou alguém se aproveitou de sua desatenção? Não sabia, mas descobriria. Esperava que não tivesse sido Luciano, porque isso destruiria meu amigo.

Entretanto, eu teria que lidar com algo primeiro. Recordava-me, através da névoa das minhas lembranças, de ouvir a voz de Alex. Não sabia se ele fora ao meu socorro ou se estava perto naquela hora. Ademais, não me

lembrava de nada; era como se uma neblina invadisse minha mente.

Eu vestia só camiseta e calcinha.

Alex, relaxado em seu sono, estava tão lindo que precisei me segurar para não o tocar.

Olhos azuis da cor do mar me fitaram. Perdi meu fôlego por um segundo, mergulhando dentro deles. Meu coração trovejava.

— Como vim parar aqui? — sussurrei com a mão na cabeça, que doía como se estivesse de ressaca. Seria o efeito da droga?

Ele suspirou e uma sombra atravessou suas feições.

— Um cara drogou você. Por sorte, cheguei a tempo. — Trincou os dentes. — Por que saiu sozinha de uma boate?

Estreitei meus olhos.

— Sei de meus deslizes, não preciso que me julgue — rosnei, deixando a cama, e apontei para o meu corpo. — Por que estou de camiseta? Cadê minhas roupas?

— Quem deveria estar furioso sou eu, afinal, a salvei. — Havia um brilho escuro em sua expressão.

Ele se levantou, somente de cueca e sem camisa, expondo seu corpo lindo: pele branca, embora bronzeada, com tintas sobre o peito duro e a barriga chapada com gominhos. Fiquei de boca aberta e seca. A maior parte das tatuagens era de dragões, mas tinha mais se misturando, como frases em

russo e latim. Não entendia o que diziam, já que não falava nenhum outro idioma, apenas o meu.

Um belo desenho pegava seu tórax e seguia até a pélvis…

Já nos beijáramos antes, mas não vira aquelas cores lindas, pois todas as vezes em que ficávamos, ele estava vestido.

— Meus olhos estão aqui em cima, e não no meu pau — disse com uma pontada de diversão.

Pisquei.

— Não olhei para o seu… — Pigarreei com raiva. — Só estava admirando as artes.

Pretendia perguntar o motivo de sumir durante todo aquele tempo sem me dar notícias e, simplesmente, aparecer para me salvar de um cara que tentou me levar ao chefe dele.

— Sei, mas se quiser olhar, fique à vontade — provocou, meneando a cabeça de lado. — Todas as mulheres que tive gostaram também.

O que sentia em meu corpo por ter visto o seu se apagou, como se um balde de água fria fosse jogado em meu rosto. A dor se apossou de mim, deixando-me sem ar.

Virei as costas para ele, porque assim não veria a minha decepção. Acabara de me comparar às mulheres com quem ficou; significava que eu era igual a elas, insignificante para ele. Alex nunca namorou ou teve vontade, ao

menos até me conhecer. Não entendi o motivo de ter se aproximado de mim.

Não liguei, só continuei a minha procura. A casa dele era do tamanho da minha.

— Onde estão as roupas? Preciso me vestir e ir embora — falei o mais tranquilamente que pude.

Não permitiria que notasse meu sofrimento, ocasionado por suas palavras e sua ausência. Ele partiu, deixando para trás um grande vazio, e agora voltava e me tratava daquela maneira?

Alex não disse nada, apenas apontou para a lavanderia. Fui até lá, peguei meu vestido e corri para o banheiro sem olhá-lo de novo.

Tirei sua camisa, tomada pelo seu cheiro, que antes eu adorava sentir, em especial depois de ter dormido ao seu lado.

— Idiota, estúpida — rosnei para mim mesma pelo espelho. Era isso que eu estava sendo.

— Está se xingando? — perguntou Alex.

Arfei ao enxergá-lo escorado no batente da porta, de braços cruzados. Forcei-me a não olhar para o seu corpo, ou ele usaria isso a seu favor.

— Que porra está fazendo aqui? Estou me vestindo — gritei, colocando a toalha na minha frente.

Ele não se moveu. Esse não era o comportamento normal de Alex. Não entendi, ele estava diferente, frio, como se tudo que tivemos não significasse

nada — bem, talvez fosse verdade. Tão distinto daquele cara carinhoso e alegre de uma semana atrás. Era como se fossem duas pessoas em uma só.

— Já vi tudo ontem à noite. Não sei por que você usa aquelas roupas folgadas, escondendo toda essa perfeição.

Fitei-o, irritada.

— Não deveria ter olhado. Um cavalheiro não o faria. — O aço estava na minha voz.

— Um cavalheiro, não. Mas não sou um. — Seu sorriso mudara para um forçado e duro.

Expirei, tentando controlar o choque e a raiva.

— Suma e deixe eu me vestir. — Fui empurrá-lo, já que não queria sair.

Ele segurou meus braços, sem tirar os olhos dos meus. Por um segundo, vislumbrei o Alex de antes.

— Saio depois que me disser por que ficou daquele jeito quando falei sobre as mulheres que tive… — Pela forma como me olhava, percebi que não deixaria quieto.

Ele estava falando sério? *Depois de tudo entre nós, ainda pergunta?*

— Não foi pelas mulheres com quem ficou, mas por ter me comparado a elas, me chamando de vadia.

— Exatamente *quando* a chamei de vadia? — Exasperou-se. — Não

gosto das pessoas me acusando de algo que não fiz.

— Você não se importou com nenhuma delas, nunca namorou e nem quis. Aliás, não sei nem por que saiu comigo. Mostrou que também sou igual a todas, descartável para você. — Puxei meus braços, os quais ele segurava. — Me solte.

Pareceu um tanto ferido.

— Você não sabe de nada para me julgar. — Ele não me largou.

— Não, eu não sei. Você simplesmente sumiu após me levar a pensar que estávamos bem, então eu fiquei me perguntando: o que eu fiz? Falei algo errado? Por que me deixou? Não fui suficiente? — esbravejei em seu rosto. — Agora chega aqui com essa frieza capaz de congelar tudo. Foi por eu não transar com você? O sexo era tudo no final?

— Espere, o quê? Primeiro: você não fez nada de errado. Segundo: tive meus motivos para deixá-la. Terceiro: você é mais do que suficiente. Quarto: estou tentando protegê-la ao ficar longe. E não fui embora pelo sexo, com você nunca foi só isso, é mais — disse com ferocidade.

— Me proteger de quem? — Por fim, me dei conta. — Meu pai o procurou?

Ele suspirou e saiu do banheiro, me abandonando ali de boca aberta e com raiva de, mais uma vez, Pietro se meter. Com os outros, eu não liguei, já com Alex, sim. Tudo em mim doía tão fundo que me impedia de respirar.

Tranquei a porta, assim ele não invadiria de novo. Fiquei lá segurando a raiva pelo meu pai e por Alex aceitar que uma ameaça nos separasse.

Vesti-me rápido e saí do banheiro, encontrando-o com meu telefone na mão.

— Que droga está fazendo com meu celular? — Corri para pegá-lo.

O bom foi que ele estava vestido, cobrindo sua beleza masculina que tanto me afetava.

— Seu amigo ligou — disse, entregando-o a mim. — Mandei uma mensagem a ele ontem.

Franzi a testa, olhando para o recado: “Estou bem, já fui embora, então pode aproveitar sua noite”.

— Você fez isso para que ele não ficasse preocupado? — Eu me comovi.

Riu, azedo.

— Não me importo com ele, só o fiz para que não viesse atrás de você e a visse da forma que estava. E também, se eu o encontrasse, acabaria o matando.

Ofeguei.

— Por que o machucaria? Simon não fez nada!

— Falei que o mataria, e não que o machucaria. O cara deixou você sozinha para ficar com o namorado. — Agora seu tom era sério, não mais

provocativo.

— Por que se preocupa? O que acontece comigo não é assunto seu ou de Simon. Não é obrigação de nenhum de vocês me proteger. Consigo tomar conta de mim — rugi.

— Como ontem, sendo levada por um miserável que tinha a intenção de feri-la? — Cerrou os punhos. — Devia ser mais cuidadosa.

Ele tinha razão quanto a isso, mas eu não admitiria.

Esperava que, ao denunciar o imbecil do Nathan, a polícia o prendesse. Isso se meu pai não aparecesse, e logo o cara surgiria boiando num rio qualquer. Queria que aquele garoto pagasse, mas ser morto?

Não entendi a faísca mortal a brilhar nos olhos de Alex.

— Obrigada pelo que fez por mim ontem. — Fitei-o. — Lamento que tenha dado ouvidos ao meu pai para ficar longe de mim. Ainda assim, é a coisa certa a se fazer. Ficará seguro, porque quem enfrenta Pietro se dá mal.

— Acha que ligo para o seu pai? — Enfiou as mãos nos cabelos num gesto exasperado.

— Pensei que sim. É outro motivo que o impede de estar comigo? Só abra o jogo, Alex, não fique em cima do muro com medo de viver.

Assenti quando ele não disse nada e fui em direção à porta. Antes que saísse da casa, escutei sua voz grossa:

— Espero que seja feliz, e lamento ter magoado você — sussurrou.

A fachada de gelo caiu, cedendo espaço para o tormento e pesar. Não entendi a razão daquilo. Eu queria que ele se abrisse comigo, somente deste jeito poderia ajudá-lo.

Fui até Alex, colocando as mãos em sua cintura, beijando sua bochecha e me afastando.

— Obrigada por tudo.

Segurou firme em minha cintura, buscando força.

— Rayssa… — A voz era falha e rouca.

O calor se apossou de mim ao reparar no carinho presente em seus olhos.

— Desculpe-me. — Fui me afastar, no entanto, ele não permitiu. Levou uma de suas mãos aos meus cabelos, aproximando meu rosto do seu; senti seu hálito quente. — O que está fazendo?

Alex não respondeu. Em sua expressão, notei a vontade de me beijar.

— Por favor, não faça isso — pedi. — Só se tiver certeza de que ficará comigo e não irá mais embora. — Resistir àquele homem era impossível, chegava a doer por dentro. Mas eu não podia me deixar levar, ou aquilo me destruiria. Imagine se eu permitisse, e depois ele partisse de novo? — Não vou ser mais uma em sua lista, totalmente descartável. Preciso de mais do que isso. Você deve se abrir comigo e conversar, para que eu possa tentar ajudá-lo. Se meu pai o ameaçou, me diga.

— Ele não fez isso. Eu nem o conheço — comentou baixo.

Tremi.

— Então por que partiu e terminou tudo? — A dor estava presente em cada palavra.

Esquadrinhou meu rosto com as pontas de seus dedos. Pude ver que ele queria continuar, contudo, algo o impedia de me tocar. A fome estava em cada linha de seu rosto, então por que insistia em se afastar?

Piscou, saindo de um transe. A expressão sombria como uma tempestade reapareceu.

— Você tem razão. Seria apenas mais uma. — Endureceu e, em seguida, rumou ao banheiro e bateu a porta com uma força exagerada.

Fiquei ali por alguns segundos, me recuperando do choque e do aperto insuportável em meu peito. A coisa doía tanto que, num gesto impensado, coloquei as mãos no intuito de tirá-la de lá. Ouvir aquilo foi pior do que tudo de ruim que já senti algum dia. Eu sabia disso desde o começo, mas me deixei levar. Não passava de mais uma das muitas que sonhavam com um homem como ele.

Saí do seu apartamento correndo, tal qual quem foge de um incêndio. Perto da minha casa, o meu celular tocou.

— Simon…

— Não venha, Rayssa! — Seu tom de voz me fez ofegar,

imediatamente me esquecendo de todos os meus problemas.

— Se você não vier, o seu amigo aqui terá um fim bem difícil — um homem me ameaçou.

— Quem é você? — Coloquei a minha dor de lado. — Por favor, não o machuque!

Tirei os meus saltos e corri, sem nem me lembrar de pegar o carro. Simon morava a três quarteirões dali.



Capítulo 12

Alexei

Resistir à Rayssa instantes antes foi uma tortura. Dizer aquelas palavras doeu em mim, ainda mais quando vi a dor em seus olhos. Se ela soubesse da verdade, seria pior.

Rayssa não era apenas mais uma, e sim a única; precisava me manter longe. Intencionava protegê-la, e o que viesse além disso seria errado. Repetia isso a mim mesmo a todo o momento.

Ouvi a porta bater; ela tinha ido embora. Era o que eu queria, não? Então por que parecia ter sido esfaqueado ou estar com sérios problemas cardíacos?

— Porra! — Direcionei os punhos ao espelho, espatifando-o em milhões de pedaços. Não liguei para a maldita dor que senti com as feridas na mão; a de meu coração era pior.

Meu telefone tocou. Pensei em não atender, mas foi o toque de Nikolai, ou seja, uma ligação que eu não podia rejeitar.

— Que porra você fez? — gritou do outro lado, tanto que tive de afastar o aparelho do ouvido.

Sabia o motivo de ele estar furioso: porque matei aquele desgraçado na noite anterior ao ousar tocar em Rayssa. Se não fosse por mim, ele teria feito muito mais. Ao pensar nisso, enfurecia-me por não ter levado meu tempo com ele, como normalmente fazia.

Tinha ido atrás de Luciano horas antes; ele era um estudante da faculdade, e apenas recebeu dinheiro para fazer o que fez. Tirei seu extrato e vi que uma quantia de cinquenta mil fora depositada em sua conta. De qualquer modo, era um idiota por ter aceitado — ninguém fazia um trabalho para os Rodins e Patrick e ficava por isso mesmo. Ele seria eliminado em breve, por isso o procurei antes de acontecer. Como o merda estava com Simon, resolvi esperar mais um pouco. Não podia matar alguém na frente do amigo de Rayssa, ou ela nunca me perdoaria.

— Ele mereceu — grunhi, lavando minha mão suja de sangue.

— O que esse cara fez? — Soltou um suspiro duro. — Poderia ter feito isso em algum lugar menos público. Já pensou nas testemunhas ou câmeras ao redor do campus?

— Cuidei das câmeras, e Luca limpou tudo para mim, não há vestígio de nada que possa nos trazer problemas. Não se preocupe.

— Impossível. Quando no passado você fez algo sem pensar, que envolva matar alguém no meio da rua, sem ligar para nada? — criticou.

— Foi você quem me enviou para tomar conta dela, não se esqueça

disto — lembrei-o. — Aquele cara a drogou e ia levá-la com ele, o que queria que eu fizesse? Deixasse que fosse embora?

— Que droga, Alexei! Não estou reclamando por você ter matado o maldito, e sim por não planejar direito — pontuou com ar recriminador.

Nikolai era um chefe exemplar, seguia à risca a lei interna dos Dragons, não fazia nada por impulso. Claro, coisas pequenas, sim, mas não matar alguém dessa forma, sem ao menos checar se havia testemunhas. Não consegui ver aquilo e deixar para mais tarde.

— Não teremos consequências — garanti. — Sou um *hacker*, lembra? Apaguei todas as filmagens.

Horas atrás, enquanto Rayssa dormia, entrei nas câmeras ao redor da boate e apaguei as imagens em que eu aparecia matando o cara.

— Da próxima vez, pense antes de agir. Ninguém viu nada, mas poderiam ter visto — falou e suspirou. — Uma sugestão: imobilize o inútil e o carregue para um lugar longe de tudo, depois faça o serviço.

Funguei, porque era sempre eu a dar conselhos. Ensinei muita coisa a Nikolai, e não o contrário. Tinha errado, e certamente ouviria aquilo por muito tempo.

— Pode deixar — prometi, enquanto entrava na sala de computador. Dali, eu vigiava todos os passos de Rayssa. — Apesar de não me arrepender, exceto por não ter demorado com o filho da puta.

— Como ela está depois de ontem? — sondou.

Ainda bem que meu irmão mudou de assunto.

— Ela não se lembra de muita coisa. — Isso era um alívio, assim não descobriria o que fiz. — Puxei a ficha de Nathan. Não descobri muito, mas tenho cem por cento de certeza de que alguém o mandou. — Aquilo estava me deixando inquieto, porque não gostava de lutar com quem não via. Sempre queria estar um passo à frente do meu inimigo.

— Claro, você o matou antes de arrancar as informações — retrucou.

Pela câmera em frente à minha residência, acompanhei-a correr em direção à casa de Simon. O GPS mostrava o mesmo.

Ignorando Nikolai, fui checar as imagens do quintal. Achei melhor do que segui-la em cada canto. Entretanto, as câmeras não estavam funcionando. Um mero erro seria improvável, duvidava disto. Alguém as quebrou… Talvez Luciano ou quem o contratou.

— Porra! — rosnei, correndo para a porta de saída. — Preciso ir.

— O que está acontecendo, Alexei? — perguntou Nikolai. — Houve algo aí? Quer que eu mande auxílio?

— Não precisa, eu resolvo tudo. — Desliguei, ou ele me encheria a paciência, e eu estava ansioso demais para qualquer outra coisa.

Eu já tinha sido obrigado a proteger algumas pessoas, mas nunca senti o medo que estava sentindo naquele momento. Temia que alguém chegasse

perto dela e a machucasse, como aquele cara pretendia na noite anterior, se eu não houvesse chegado na hora. Não gostava daquelas sensações, mas não tinha como lutar contra; tentei e não tive um maldito resultado positivo.

Corri o mais rápido que pude com meu SUV. Ansiava por dirigir um dos meus carros mais velozes, mesmo que a casa do garoto não fosse tão longe dali.

Ao estacionar, ouvi gritos lá de dentro, não só dela, como do seu amigo também, mas os únicos sons que importavam eram os de Rayssa. Apressei-me sem me importar em fechar a porta do carro; nem ligava se alguém estivesse armado.

Enxerguei-a caída no canto, com um homem em cima, lhe batendo. Vi vermelho e fiquei cego. Rumei na direção deles e o arranquei de cima de Rayssa, socando-o com força. Queria matar e mutilar o miserável.

Dois homens em dois dias seguidos ousaram machucá-la, e agora feriram seu amigo também.

Não desejava parar de esmurrá-lo até que ele estivesse sem vida, só que não podia fazer aquilo, porque precisava de informações. Merda! Imaginá-lo com as mãos sobre ela fazia meu sangue ferver tanto que não conseguia parar…

Rayssa me interrompeu e pediu que não o matasse, porque isso poderia trazer problemas para mim. Eu não me incomodava de ir para a cadeia,

apesar de que não aconteceria; faria qualquer coisa por ela, até entrar na frente de uma maldita bala.

Não acreditava que tinha pensado naquilo. Nikolai protegera Samira assim uma vez. Esperava nunca precisar fazer algo similar, odiaria ver Rayssa numa situação dessas.

Depois de checar se ela estava bem, eu a mandei embora com a desculpa de que não a queria ali envolvida com a polícia, pois poderia atrair seu pai. Mal sabia a garota que nunca mais o encontraria: Pietro estava morto, deixando-nos encarregados da proteção dela.

Rayssa partiu, e eu chequei o ambiente para conferir o que precisava ser limpo depois.

A sala era pequena e tinha algumas coisas quebradas, como mesa e sofá. Simon, parado na porta do seu quarto, olhava para dentro.

— Maldição! — praguejei ao ver outro corpo lá, caído no chão perto da cama.

Era Luciano, o verme que colocou a droga na bebida de Rayssa. Não sentia pena, somente raiva de não ter feito eu mesmo o serviço.

— Esse cara matou Luciano — sussurrou ele, encolhido.

O garoto parecia prestes a cair em prantos. Eu não precisava daquela merda agora, e sim encontrar respostas: o homem fora enviado apenas para eliminar o garoto morto ou estava atrás de Rayssa?

Joguei para Simon as chaves do carro dele, que vi na mesinha, e as da minha casa.

— Vá para a minha casa e não saia de lá até eu chegar — pedi.

Ele piscou e me encarou.

— O que fará com eles? Não vou permitir que enfrente os policiais sozinho.

Sacudi a cabeça.

— Conheço um tira amigo meu. — Era parte da verdade: contava com alguns na folha de pagamento. — Pode ir que cuido de tudo.

Ele acreditou, porque estava meio desorientado. Esperava que não entrasse em choque ali, pois eu precisava ficar sozinho com aquele cara desacordado e fazê-lo falar.

Assim que Simon foi embora, olhei para o bosta no chão, desacordado. Amarrei-o numa cadeira da cozinha. Depois, peguei álcool e o fiz inalar até acordar; dei alguns tapas na sua cara também. Sentei-me numa cadeira à sua frente, esperando que ele estivesse verdadeiramente desperto para eu buscar uma explicação.

Piscou, varrendo o ambiente ao redor, então pousou os olhos em mim, estreitando-os.

— Que porra acha que está fazendo? — perguntou, querendo se soltar.

Sorri, pegando a faca em minha bota e apontando para ele enquanto

falava:

— Você tocou em algo que não deveria. Ninguém faz isso e permanece vivo. — Meneei a cabeça de lado. — Como soube das câmeras? Por que desinstalou?

— Acha que vou dizer algo a um moleque? Solte-me agora e posso deixá-lo viver — falou com aço na voz. — Só me entregue a garota, e estaremos quites.

Ri, zombeteiro.

— Isso é impossível, já que a segurança dela é tudo para mim. — Fiquei de pé à sua frente, mexendo a faca, louco para enfiá-la em sua garganta. Mas Nikolai tinha razão, precisávamos de respostas, e eu as teria de um jeito ou de outro.

Ele franziu o cenho.

— Agora me responda: quem o contratou para matar a Rayssa? — fui direto.

Patrick não deveria ser, já que ele precisava da garota viva para obter o poder da máfia Petrova.

Esperava que Rayssa e Simon não chamassem a polícia, porque precisava terminar aquela merda antes.

Ele riu.

— Matar? Não a quero morta, recebi ordens para levá-la viva. —

Mexeu suas mãos. — Não vou dizer mais nada, e guarde essa faca antes que se machuque.

Admito que tiraria o chapéu para ele, por se mostrar mais firme do que pensei, embora eu nem tivesse começado a trabalhar ainda. Seria bom elucidar quem eu era realmente.

Por quase um ano, eu só fiquei focado em proteger Rayssa e não tive nenhuma ação; aquilo me matava de tédio. A única diversão foi com Nathan. Felizmente, aquele ali iria para o Inferno também.

— Se Patrick o enviou aqui para levá-la, eu devo mencionar que você não retornará com ela, mas fará companhia ao Diabo. — Sorri, indo até ele e rasgando sua camisa com a faca, deixando seu peito livre. — Agora vamos brincar. Você tem um segundo para me dar o que quero.

Como ele não abriu a boca, enfiei a faca em seu abdome e girei, fazendo-o gritar como um porco sendo abatido.

— Vai me responder agora ou precisa de mais incentivo? — perguntei, puxando a faca para fora. — Estou ficando sem paciência.

— Você não é aluno da faculdade — percebeu, ofegante. — Tem algo sombrio nos seus olhos… Não é a primeira vez que faz isso.

Assenti.

— Verdade. Contudo, aqui a conversa não é sobre quem eu sou, mas sobre quem o enviou. Quero nomes e motivo. — Empurrei a faca na sua

perna por não responder.

Torturar agora era fácil, entretanto, no início, com treze anos, eu vomitava as tripas. No meu mundo, porém, inexistia outro jeito de se obter informações. Não me arrependia por isso. Esse era quem eu me tornara, e não mudaria por nada ou ninguém.

Uma parte de mim perguntava o que Rayssa pensaria se soubesse a verdade a meu respeito. Ainda mais depois de saber que estava se formando em Direito para colocar os assassinos na cadeia — ou seja, eu. Ela se enojaria ou me aceitaria, como Samira com Nikolai, e minha irmã com Matteo? Os dois eram homens letais, à minha semelhança.

— Porra! — gritou. — Acha que eles não vão fazer pior caso eu abra a boca?

— Tem razão. Já que meus métodos não estão nem lhe dando cócegas, preciso aprimorar o incentivo. — Fui até a cozinha e liguei o fogão, esquentando minha faca.

O cara começou a gritar e a espernear.

— Não deveria amordaçá-lo? Algumas pessoas podem passar na rua e ouvir os gritos de mulherzinha — disse uma voz divertida na direção da porta.

Virei para o lado, me deparando com Stefano de braços cruzados.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, girando a faca para que

esquentasse mais.

— Seu irmão ligou para o meu. Fui enviado para ver o que estava acontecendo. — Avaliou a situação. — Mas acho que está se dando bem.

Suspirei; ignorar as chamadas de Nikolai dava nisso. Ele me enviou uma babá.

— Vai tentar me impedir de acabar com esse verme? Adoraria lutar com você, mas não tenho tempo para isso. — Peguei a faca já vermelha.

— Na verdade, eu trouxe algumas coisas com as quais poderemos brincar. Mais eficazes do que uma faca quente — zombou Stefano.

— Não peguei equipamento de tortura porque a polícia pode chegar a qualquer momento. Preciso ir direto ao assunto e obter minhas respostas. — Curvei-me na direção do homem. — Seu nome e quem o enviou?

— Vá para o Inferno — cuspiu.

— Ele tem bolas, eu devo dizer. — Riu Stefano, indo até a mesa e espalhando algumas coisas nela. — Soube que você gosta de abusar de garotos, que é sua especialidade… Então o que sentirá quando *isto* entrar na sua bunda?

Será que ele chegou a tocar no amigo de Rayssa? O garoto estava meio catatônico, não sabia se pelo fato de o namorado ter morrido ou porque aquele filho da puta chegou a machucá-lo.

Stefano segurava um ferro na forma de um bastão de basebol e sorria

como uma hiena.

— O que acha? Vou esquentá-lo também, assim fará o trabalho com fogo, não é? — Foi na direção do fogão aceso.

Ignorei e foquei minha atenção no bastardo que estava resistindo. Eu só não sabia até quando.

— Vocês são loucos — berrou assim que coloquei a faca em seu peito, num zigue-zague com a ponta da lâmina.

— Vai me dar as informações de que preciso?

Levei mais de uma hora para conseguir. Não foi o pessoal de Patrick, e sim dos Rodins. Seres da pior espécie desejavam colocar as mãos na minha garota.

Depois do que aconteceu e dos perigos se aproximando, eu não ficaria longe dela, nem queria. Ela era minha e sempre seria.

— Rodins? Maldito seja! — praguejei quando o meliante contou quem estava por trás daquilo.

Ele riu em meio ao sangue e chegou a se engasgar. Após, caiu por sua barriga vermelha.

— O chefe vai matar todos vocês, seus miseráveis… — sibilou e tossiu.

Trabalhamos muito com ele, até teria gostado de fazer com Gildo tudo o que queria, e sozinho, sem ajuda, mas temia que Rayssa retornasse à

procura de seu amigo — ela nunca agia conforme o esperado.

Stefano era insano ao torturar alguém, já tinha ouvido falar de seus métodos, embora eu não ficasse atrás. Só que ele fazia tudo com um sorriso e assoviando, quase dançava vitorioso.

Depois que eu tirava a vida de uma pessoa, não pensava mais no assunto. Sem remorso, focava na ideia de que um ser foi enviado para o Inferno com passagem só de ida, como o maldito chefe dos Rodins iria também.

— Vamos acabar com todos que vierem atrás de Rayssa, tal fizemos com Nathan e você. — Passei a lâmina em sua garganta, rasgando de fora a fora.

— Nem me deixou fazê-lo comer o próprio pau — lamentou Stefano.

— Não tenho tempo para isso. Rayssa pode aparecer a qualquer instante, e não quero que ela veja ou saiba do que houve aqui.

— Estraga-prazer… Quando torturo, demoro dias, faço transfusão de sangue só para não deixar a vítima morrer cedo. — Parecia uma criança resmungando por ter perdido o pote de doce.

Sacudi a cabeça para não discutir; tinha mais o que fazer.

— Você é louco. Agora preciso limpar esta merda e checar a Rayssa. Não quero mais ninguém perto dela. — Com um pano, tirei o sangue das minhas mãos e da faca.

— Estou adorando Dallas, espero haver mais desses merdas para mutilar. Da próxima vez, farei tudo que faço quando torturo um maldito filho da puta — disse com um sorriso endiabrado.

Peguei meu celular para ligar para Nikolai e explicar o que aconteceu, a despeito de supor que já sabia, pois foi ele mesmo quem mandou Stefano até ali.

— Pode ir cuidar da sua garota, que ajeito tudo aqui. Chamarei a equipe de limpeza — falou Stefano.

Fitei-o.

— O que vai querer em troca? Não gosto de dever nada para ninguém.

Sorriu e olhou do cadáver a mim.

— Você me permitiu participar quando não precisava, já que a garota é sua. Estamos quites.

Deixei-o ali para resolver tudo e fui à minha casa ver Simon. Tinha certeza de que Rayssa devia estar lá com ele. Já era quase meio-dia.

Assim que cheguei, corri para dentro. Rayssa não estava, somente seu amigo, meio catatônico ainda. Sabia que ele passara por muita coisa, mas deveria ser mais forte do que isso, em vez de se deixar abalar.

— O que aconteceu lá? — Andava de um lugar a outro com as mãos nos cabelos, desequilibrado.

Peguei uma injeção que guardava para dopar algumas pessoas. Não

poderia ficar ali e dar conselhos, nunca fui bom nessa porra. Apliquei-a, e logo ele estava dormindo.

Tirei a camisa suja de respingos de sangue para colocar outra e ir atrás de Rayssa. Desconhecia a razão de ainda não estar com seu amigo. Eu não deveria ter demorado tanto na tortura…



Capítulo 13

Rayssa

HORAS ANTES

Depois que recebi a ligação do homem que estava com Simon, corri para o seu encontro.

Simon era um amor de pessoa e sempre me protegeu de todos que se colocaram no meu caminho. Eu também era capaz de fazer qualquer coisa por ele.

Ao chegar, ouvi os gritos de dor de Simon, como se estivesse apanhando. Não pensei muito e apenas entrei correndo. A sala estava bagunçada, indicando uma luta. Os gritos vinham do quarto.

— Não gosta de dar a bunda, sua *bicha?* Agora vou lhe ensinar uma lição. — Escutei uma voz grossa de homem. — Farei o mesmo com a putinha da Rayssa antes de levá-la ao chefe.

— Você é um monstro! Matou o Luciano — gritou Simon.

Luciano? Ele estava morto? Depois de tanto pensar, eu cheguei à conclusão de que tinha sido ele a me dar o sonífero, só podia, mas não

contaria ao Simon, porque seria pior.

Peguei o taco de beisebol — meu presente de aniversário para ele — que ficava no canto e agi, segurando o cabo com firmeza. Entrei no quarto e ofeguei com a cena diante de mim.

Luciano estava no canto, caído, com a cabeça lavada em sangue. Simon se encontrava na cama, de bruços, a cueca puxada para baixo, nu.

Em uma situação normal, desmaiaria ante todo aquele sangue, mas naquela não: Simon era mais importante que minha crise.

Não precisava ser um gênio para saber o que ele pretendia fazer com meu amigo.

— Maldito seja! — exclamei, correndo até ele e batendo o taco contra suas costas com todas as minhas forças.

O bandido gritou e caiu de lado. Não perdi tempo, peguei a mão de Simon. Ele estava em choque, e ficou pior ao pisar no sangue de Luciano.

— Vamos embora. — Seguia em piloto automático, agindo sem parar para pensar. Sentia-me fria.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo: antes de chegar à porta da sala, fui pega pelo cabelo e jogada ao chão.

— Sua puta desgraçada! — Subiu em cima de mim. — Você é mais gostosa do que um cara.

— Solte ela, seu assassino — Simon berrou, quebrando uma garrafa na

cabeça do homem, que ficou meio tonto. Aproveitei para chutá-lo no meio das pernas, fazendo-o rugir mais ainda.

— Vou matar você, sua cadela… — Foi interrompido por um corpo que se lançou sobre ele.

Arregalei os olhos ao ver Alex com os punhos na cara do homem, espancando-o tão forte que o sangue espirrava. Nunca vi uma expressão tão mortal em uma pessoa, exceto uma vez no meu pai, quando ele matou aquele rapaz que tentou me forçar a ficar com ele.

O semblante assassino de Pietro se assemelhava ao de Alex, que pretendia dizimar aquele cara. Uma parte de mim gostava da ideia, mas a outra não. Eu não queria que estragasse sua vida.

— Alex, não! — Corri até ele e segurei seu braço, já preparado para dar mais um soco no homem desacordado. — Por favor, pare, você vai matá-lo.

Alex estacou subitamente, sua carne tremendo. Parecia custar muito para ele fazer aquilo. Não entendi. Seu lado mortal me assustou.

— Merece morrer por tocá-la. — Virou-se para mim com fúria nos olhos. — Quero acabar com ele de forma lenta.

Toquei seu rosto numa tentativa de acalmá-lo.

— Por favor, não posso aceitar que seja preso por minha culpa — sussurrei. — Venha comigo, me deixe limpar esse sangue em suas mãos, não quero que fique traumatizado.

Com isso, um sorriso se levantou no canto de seus lábios, como se escutasse uma piada interna.

— Obrigado, mas seu amigo precisa mais de você. — Observou Simon, à porta do quarto, olhando para dentro.

Pisquei e corri para ele, abraçando-o forte.

— Você está bem? — Sabia que era uma pergunta idiota, mas não desejava que entrasse em choque.

— Esse cara matou o Luciano — sussurrou, abalado.

— Eu sei, Simon, vamos chamar a polícia e dar um jeito para esse miserável nunca mais sair da cadeia. — Não pude contar o que Luciano fez. Por que diria, se feriria Simon ainda mais?

Ele assentiu e olhou para si mesmo de cueca.

— Preciso de um banho antes que eles cheguem aqui.

Foi ao banheiro, me deixando sozinha na sala com Alex, que fitava o homem no chão, com seu celular na mão.

— O que você está fazendo?

Alex não respondeu de início, apenas digitava algo no telefone. Após alguns minutos, comprimiu-o contra a orelha.

— Descubra tudo sobre esse cara — falou no celular com alguém. — Só o faça, depois explico.

— Alex, quem é? Para quem enviou a foto desse traste? — perguntei.

— Um amigo meu. Agora quero que vá embora antes que a polícia chegue aqui.

Sacudi a cabeça.

— Não vou deixar Simon em um momento assim, preciso ficar com ele. — Olhei para a porta do banheiro. — Vai ser difícil de superar isso.

— Ele conseguirá se recuperar. Você precisa ir, não quer estar aqui quando os policiais chegarem. Isso atrairia seu pai.

Já ia abrir a boca dizendo que Simon não ficaria nada bem, mas meu amigo se adiantou:

— Ele tem razão, Ray, se você se envolver com a polícia, Pietro aparecerá de novo. — Simon retornara à sala, de banho tomado e vestido.

— Simon…

— Não, Ray, eu quero assim! Depois você pode ir para a casa do meu pai, ficarei lá até tudo se desenrolar.

Não queria deixá-lo, mas se Pietro colocasse os pés em Dallas, algum corpo surgiria boiando no rio. Não gostava dele envolvido na minha vida.

— Irei embora. Logo que terminar, você pode me chamar que vou ao seu encontro. E se for contar ao seu pai, eu estarei com você. — Peguei sua mão. — Somos amigos, faço qualquer coisa por você, até mesmo enfrentar meu pai.

— Obrigado. — Beijou minha testa.

Saí da casa dele e fui para a minha. Sentia-me inquieta, porque queria estar com Simon. Ele deveria estar em choque, como fiquei na primeira vez que vi uma cena dessas por causa de Pietro. Surtei por quase um dia, e se não fosse por Simon, não sabia o que teria sido de mim.

Já estava tarde, e ele não tinha retornado ou me respondido, não entendi o porquê. Resolvi ir até a casa do senhor Smith.

Estranhei quando vi o pai dele na oficina do lado de sua casa trabalhando.

— Oi, menina, como está indo?

Não parecia saber o que acontecera com seu filho. Eu não contaria, porque não tinha certeza se era a intenção de Simon dizer a ele ou não, embora desconhecesse como pretendia esconder, já que havia um corpo e um homem ferido no seu apartamento. Os policiais, com certeza, interrogariam o pai de Simon, mesmo que ele fosse maior de idade.

— Bem. Estou procurando por Simon. — Dei o sorriso mais amplo que pude.

— Simon? Ele não veio aqui hoje, me ligou mais cedo e disse que ficaria na casa de um amigo este final de semana — falou, limpando a mão suja de graxa. — Ele não comentou com você? Isso é estranho.

— Oh, ele deve ter deixado uma mensagem. — Fingi ver o meu celular, assim não suspeitaria de nada. Aquilo era algo para o Simon revelar,

e não eu. — Ah, sim, ele me avisou; estava no silencioso.

O senhor riu.

— Por que não fica e aproveita para trabalharmos no seu carro? Chegaram as peças que pediu.

— Depois, agora estou com um pouquinho de pressa. Venho amanhã, prometo. — Saí antes que fosse forçada a mentir para ele de novo. Não gostava de fazer isso, mas não tinha muita escolha.

Estava tentada a ir até a casa de Simon, mas não sabia se os policiais continuavam lá, então segui para a de Alex. Não podia ficar preocupada com meu amigo; deixei-o com o Alex, ou seja, Simon devia estar com ele.

Não pensei que fosse voltar ali depois do que Alex me falou, mas me sentia grata por ele ter me salvado em dois dias seguidos. Teria que parar, só não sabia como.

Nem cheguei a bater à porta: ela foi aberta por Alex, de calça jeans e sem camisa, pondo-me a cobiçar sua beleza. Evitei olhar demais, ou ele poderia usar isso para caçoar de mim.

— Onde ele está? — Passei por Alex, checando cada canto do lugar até ir ao quarto de hóspedes. Com a porta aberta, pude ver lá dentro.

— Olá para você também. — Ouvi-o dizer, mas não liguei, porque enxerguei Simon dormindo na cama. — Tive que dar um calmante para ele, estava um pouco histérico.

Sentei-me perto de meu amigo e toquei seu rosto adormecido, tão sereno.

— O que houve? Fui na casa do pai dele, e o senhor Smith não sabia de nada. — Virei a cabeça na sua direção. — O que aconteceu com os policiais e o corpo? Aquele bandido foi preso, não é?

— Tudo foi resolvido.

— Como assim resolvido? Que porra isso quer dizer? — Me levantei e fiquei na sua frente.

Ele deu um suspiro e se virou, saindo do quarto e indo para o dele. Segui-o para escutar sua explicação.

— Um homem apareceu e disse que cuidaria de tudo, e que se nós contássemos a alguém, eles nos matariam.

— Um homem? Quem? — Não poderia ser Pietro, ou poderia? Tanto tempo mantendo meu pai longe para ele aparecer agora?

— Não fiz perguntas, porque tinha armas apontadas para mim e seu amigo. — Ele me encarou. — Se eu não fosse embora, aquele cara mataria Simon.

— E quanto a você? Não pensou nisso ou só não liga para as consequências? A forma como lutou com aquele desgraçado era letal demais, como se quisesse matá-lo.

— E queria, por ele ter tocado em você. — A verdade estava em cada

palavra. Seus olhos se estreitaram. — Por que não está em choque?

Suspirei.

— Fiquei, mas…

— Você já viu aquela cena, não é? Por isso não entrou em pânico na hora, mesmo tendo medo de sangue.

— Vamos dizer que tenho um pai um tanto…

— Protetor?

Ri com um gosto amargo.

— Proteção e Pietro não existem na mesma página. Ele só… é complicado. — Fui até Alex e peguei sua mão. — Obrigada por ter cuidado de Simon hoje.

— De nada. Saiba que o fiz por você — garantiu, tocando meu rosto.

— Não o entendo. Por que por mim? — Queria e não queria me desvencilhar do seu toque.

— Sua pele é tão macia… — Chegou o rosto perto do meu e beijou minha face com delicadeza.

— Alex, por favor, não inicie algo que não será capaz de terminar…

Ele não respondeu, apenas agarrou minha cintura com uma mão, colocando a outra em meus cabelos e seus lábios nos meus, tão macios e intensos. Nessa hora, eu não queria mais nada entre nós.

Meus dedos seguiram seu peito e sua barriga dura e chapada; senti-me

sem fôlego.

Sua língua acompanhava cada canto da minha de forma abrasadora, quase me derreti. Alex era o próprio sol.

— Não vou mais lutar contra, perdi essa batalha há muito tempo — declarou. — E olha que não sou de perder uma luta.

— Está falando sério? Não vai mais me deixar?

— Como posso viver sem o meu coração e o que restou da minha alma negra? — Mordiscou minha boca.

Gemi devido ao prazer, molhada como nunca antes. Nesse momento, eu me esqueci de tudo, dos meus problemas e de mim mesma, só existia nós dois ali.

Senti minhas costas no colchão. Alex pairou em cima de mim, entre minhas pernas, sua necessidade junto à minha.

A boca dele seguiu para o meu pescoço, me dando espaço para respirar de modo desigual.

— Estou com fome deles há eras. — Puxou minha blusa e meu sutiã para baixo. Quis gritar quando chupou meus seios, mas me segurei, para que Simon não acordasse e a vizinhança também. — Maldita coisa boa. Me pergunto se sua boceta é igual, tão viciante.

— Oh, Deus! Isso é excelente! — Empurrei-os para oferecer maior acesso a eles e tracei minhas pernas na sua cintura, como se tivessem vida

própria.

Uma de suas mãos desceu entre nós e foi para dentro da minha *legging*, puxando minha calcinha de lado.

Seus dedos esfregaram meu clitóris, e meu grito foi abafado por sua boca. Cravei as unhas em suas costas de um modo que o fez estremecer, mas não reclamou. Adorava ser tocada por aquele homem.

Cada movimento seu no meu nervo sensível me levava a ponto de explodir.

— Goze em meus dedos, linda — disse nos meus lábios de forma faminta.

Sua ordem foi direto ao meu centro pulsante. Obedeci.

— Voltou para a Terra, minha doce Cordeirinha? — Beijou minhas pálpebras com ternura. — Tão linda que eu seria capaz de ficar a noite inteira só olhando para você.

— Você é bom nisso. — Sorri, tocando seus cabelos e esquadrinhando sua face. — Me pergunto no que mais… — Levei minha mão para sua calça, louca para dar prazer a ele também, contudo, Alex me impediu. — O que foi?

Os olhos dele estavam iguais a antes. Será que se afastaria de novo? Seria ainda pior, porque deixei que me tocasse como ninguém nunca fez.

— Não quer? — Não gostei da forma como minha voz soou tão pequena. — Você jurou que ficaria comigo, que não deixaria o medo

controlá-lo.

— Claro que quero. — Beijou meu rosto e meus lábios. — Eu estou louco por isso desde o dia em que a conheci.

Eu me cobri, sentindo-me nua não só fisicamente, mas por dentro também. Não gostava de me sentir tão vulnerável.

— Então por que não…

— Porque se me tocasse, eu não iria querer só sua mão… exigiria mais, e não acho que esteja pronta para isso. — Cheirou a reentrância do meu pescoço, me arrepiando. — Tão tentadora como Afrodite. Lamento que tenha ficado longe, juro que não a abandonarei mais.

Não queria esperar, se no final fosse ter o Alex. Aguardava isso havia muito tempo.

— Estou mais do que pronta. — Mirei seus olhos verdes. — Quero você.

Ele beijou minhas pálpebras.

— Faremos amanhã, se não mudar de ideia. Agora, só fique aqui, perto de mim. Jamais senti tanto medo como hoje, ao imaginar que pudesse ter chegado tarde demais. — Me embalou em seus braços. — Odiaria viver aquilo de novo.

— Por que me deixou? Doeu demais… — Inspirei seu cheiro. — Também não quero passar por aquilo novamente.

— Juro pela minha vida que não vou fazer mais. Tive alguns problemas… Conto mais tarde, eu prometo. Hoje só desejo segurá-la nos meus braços e agradecer por estar bem e viva — falou, desenhando círculos em cima do meu coração.

— Foi Luciano quem me drogou ontem — comentei baixo.

— Vai contar ao Simon?

Respirei fundo.

— Não sei, não quero que ele sofra mais do que já está — murmurei. — Acha que é errado esconder?

— Há segredos que é melhor manter escondidos para proteger quem amamos — afirmou.

Ponderei o que ele disse. Estaria Alex se referindo ao seu motivo para se distanciar?

— Obrigada por ficar comigo. Não sei como aguentaria se você não estivesse aqui. — Tracei seu coração, imaginando se um dia pertenceria a mim.

— Tudo bem, Cordeirinha, descanse um pouco, eu a acordarei se o Simon despertar — assegurou, certamente notando a minha preocupação.



Capítulo 14

Rayssa

Não fui trabalhar na noite anterior, dei a desculpa de que estava doente. Fiquei com Simon de tarde e de noite. Quando ele acordou, já estava escurecendo, mas não disse muita coisa, também não perguntei; na hora certa, ele falaria comigo.

Simon não foi para casa, pediu para ficar na minha, então Alex ofereceu a dele, porque não queria tirar os olhos de mim.

Devo dizer que meu coração balançou com isso. Senti que ele gostava de mim pela forma que me beijava e me olhava, embora precisássemos conversar sobre os motivos de sua partida.

Naquele momento, porém, minha única preocupação era a recuperação de Simon.

Despertei de madrugada e fui vê-lo. Deitei ao lado dele, que ainda estava acordado, e o abracei.

— Vou estar sempre com você — jurei, beijando sua testa.

— Foi Luciano que a drogou na boate? Lembro-me de ele ter lhe oferecido água. — Sua voz era só um sussurro. — Lamento, Rayssa, eu não

tinha ideia de que estivesse me usando para chegar a você.

— Como soube disso? — sondei, olhando para ele.

— Ouvi sua conversa com o Alex.

— Não foi sua culpa. Sinto que tenha descoberto; não disse nada porque queria protegê-lo.

Ele beijou minha testa.

— Eu sei… Mudando de assunto, vocês estão juntos de novo? Alex realmente se importa com você, Rayssa, e seja qual for o motivo que o fez ficar longe, deve ter sido algo sério, não acho que faria aquilo por fazer.

— Sei que ele gosta, espero que me deixe entrar em seu coração e que, juntos, possamos lidar com tudo — sussurrei com os olhos pesados de sono.

— Deveria voltar para a cama dele. Não acho que o cara vá gostar de acordar e encontrá-la aqui comigo. — Riu baixo.

— Fico feliz que isso o faça rir. — Ajeitei o cabelo bagunçado dele.

— Descobrir o crime de Luciano amenizou minha culpa por ele ter morrido no meu apartamento. Mas vai demorar um pouco para curar as feridas. Com o tempo, ficarei bem, ainda mais com uma amiga como você.

— Somos cada um a metade de um todo — afirmei, fechando os olhos. Estava contente porque ele ficaria bem.

— Durma, querida. — Foi a última coisa que ouvi.



Eu parecia flutuar em cima de um fogo abrasador. Gemi, então abri os olhos, achando que estava sonhando com Alex de novo, mas agora sentindo sua língua em minha boceta. Era real.

— Uma ótima forma de despertar — consegui dizer e mordi os lábios para evitar gritar.

Ele mordiscou de leve meu clitóris, mas percebi que ria. Isso me arrepiou toda. Também notei que dormi na cama de Simon e amanheci na de Alex.

Fechei os olhos; estava tão perto… E sua boca sumiu.

Fitei-o, pois me encarava com os olhos estreitos.

— Por que parou? — critiquei. — Estava muito bom.

— Fico feliz que goste da minha boca, mas não estou nada contente que tenha ido dormir nos braços de outro homem. — Pairou em cima de mim com a face colada à minha. — Eu me pergunto se merece um orgasmo…

Sorri, deixando escuros seus olhos azuis.

— Na minha defesa, eu mereço, sim, afinal, dormi na cama de um amigo, quase um irmão. E garanto que ele pensa igual. — Remexi-me, sentindo-o duro como rocha, ao que gemeu. — Ele não ficaria assim por mim, e eu também não ficaria molhada por ele. — Peguei seus cabelos e

puxei-os. — Sou inocente. — Beijei seu rosto. — Lamento pela cena.

Uma de suas mãos foi parar entre minhas pernas.

— Entendo que seja seu amigo, mas não curti vê-la nos braços dele. — Beijou meus lábios, me fazendo sentir meu próprio gosto. — Para que Simon continue respirando, peço que não repita isso.

— Você fica lindo quando está com ciúmes. — Ri, mordiscando seu lábio.

Ele fez uma careta excepcional.

— Não sei lidar muito bem com isso, então vamos evitar, ok? — falava enquanto enfiava um dedo em mim. Estremeci com a intrusão. — Desculpe, vou pegar leve… você é apertada.

Meus olhos ficaram vidrados assim que movimentou o indicador e o polegar em meu clitóris.

— Oh, merda! Isso é bom demais. — Agarrei suas costas firmes e abri mais as pernas.

A cada estocada de seus dedos, eu me sentia no limite. Somente seus lábios me impediam de gritar ao me desmanchar.

— Tão doce — sussurrou com ardor.

Peguei seu pau após abaixar sua *boxer* e o senti duro, grosso e quente. Movimentei para cima e para baixo em um ritmo lento a princípio, acelerando diante de seus gemidos. Empurrei-o para se deitar de costas e subi

em cima dele.

— Agora chegou a minha vez de prová-lo, e checar se também é doce. — Joguei a cueca para longe, aproximando o rosto de seu pênis ereto, que endureceu ainda mais quando passei a língua na sua cabeça inchada.

— Tentadora como o demônio — rosnou com a voz rouca.

— Não sou experiente — avisei, pensando nas mulheres que teve. — Embora me considere uma ótima aprendiz.

Ele puxou minhas pernas na direção de sua cabeça e colocou a boca próximo à minha intimidade latejante.

— Sou o cara mais sortudo da porra deste mundo, o primeiro e o último a tocá-la — sussurrou e abriu minhas pernas. Gemi com sua língua novamente em mim, me devorando como antes.

Engoli seu pré-sêmen, abocanhando o que conseguia; o homem era grande. O que não fui capaz de colocar na boca, peguei com a mão. Traçava a ponta com a língua e apertava com os lábios. Pelos sons, percebi que estava gostando.

— Querida, se não quiser que eu goze na sua boca, precisa tirar agora. — Sua voz era pesada de luxúria, enquanto consumia cada canto da minha vagina.

Não tirei e só acelerei mais os movimentos. Então eu o senti no fundo da minha garganta, seguindo-o logo atrás, vendo uma maldita constelação

inteira.

O gosto era um pouco diferente de tudo que já provei, nada que fosse ruim; faria de novo.

Ele me puxou para seus braços e beijou minha boca.

— Tão *sexy* — declarou com um sorriso. — Você é perfeita.

Corei.

— Obrigada.

— Se não estiver pronta, eu posso esperar até estar.

— Estou mais do que pronta para você. — Alisei seus cabelos loiros.

Ele começou a me beijar e pairou sobre mim, mas antes de continuar, o seu telefone tocou. Achei que fosse ignorar para que prosseguíssemos, contudo, ele se afastou.

— Preciso atender — falou.

Senti que ficou tenso após ouvir a pessoa do outro lado da linha.

— Irina? Onde você está? — perguntou, nervoso. — Maldição, o que faz aqui?

Ele conversava com a mulher enquanto vestia suas roupas e pegava as chaves do seu carro na mesinha. Alex ia sair para se encontrar com outra pessoa? Ele me deixaria ali sozinha de novo?

Aquilo foi um grande golpe ao meu coração. Não teria como me sentir mais humilhada que isso.

— Estou a caminho, não saia daí. — Desligou e suspirou, me encarando ainda sentada na cama com um lençol que puxei para me cobrir. — Tenho que dar uma saída.

Eu estava chocada e revoltada demais para oferecer qualquer resposta coerente, então só assenti.

— Rayssa, não é o que você pensa. Quando chegar, eu lhe conto tudo. Prometo. — Ele me deu mais um selinho antes de sair da casa.

Não sabia no que acreditar, afinal, ele já tinha ido embora antes e permanecido fora por longos dias. Só apareceu porque tentaram me matar. Ouvi a forma como pronunciou o nome dela, parecia que a amava… Então o que eu significava para ele? Uma foda?

Lembrei as palavras de minha mãe: “Homens vão se aproximar de você em busca de apenas uma coisa, então tenha cuidado, minha menina”. Foi o que meu pai fez com ela, só que no caso da mamãe, ela se apaixonou por ele e me teve no processo. Uma mulher forte que se tornou uma casca vazia, vagando pelas ruas. Seria isso minha sina? Não, eu não permitiria, não me envolveria com um cara que me deixava para ir procurar outra garota. Se ele queria aquela mulher, que ficasse com ela. *Não dou a mínima*, pensei, amarga.

Vesti minhas roupas e sentei na cama com as mãos no rosto.

— Por que está chorando, Rayssa? — Ouvi a voz de Simon perto de

mim, preocupado.

Senti-me uma vadia por ter agarrado Alex, sendo que deveria estar com Simon devido ao que aconteceu com ele. E o idiota me largou para ir atrás de outra.

— Como está se sentindo? — insistiu.

Eu não notara que estava chorando, então limpei as lágrimas traiçoeiras. Não faria aquilo de novo, não por Alex.

— Ray…

— Estou bem — menti.

— Não parece bem. Cadê o Alex? — perguntou, olhando ao redor e depois a mim, apontando para o meu corpo. — Foi ele que a deixou assim?

— Não quero falar sobre isso, por favor — supliquei. — Vamos enfrentar tudo juntos. — Fui firme. — Queria perguntar uma coisa: meu pai apareceu lá? Alex disse que um cara cuidou de tudo, e que os ameaçou caso contassem a alguém. Foi o Pietro?

Simon franziu a testa.

— Alex me mandou vir para cá, garantindo que resolveria o problema. Não sei quem apareceu. Foi seu pai?

Estranho… Será que Alex mentiu para mim? Ele tinha um toque misterioso. Eu não sabia se era isso que me fazia querê-lo de verdade. Poderia estar trabalhando para Pietro?

— Oh, meus Deus! — Ofeguei de pavor com aquele pensamento.

— O que foi?

— Precisamos ir embora daqui. — Peguei sua mão. — Acho que Alex é capanga do meu pai.

Teria Pietro o enviado para me proteger? Ou para eu me apaixonar, como ele fez com minha mãe, matando-a no final?

— Oh, merda! — exclamou Simon, me puxando da casa. — Se for verdade, você precisa ficar longe dele. Seu pai me dá arrepios.

Se ao menos Pietro causasse *apenas* arrepios…

Caso fosse verdade, eu não queria ver Alex nunca mais. Senti como se tivesse levado um soco no estômago. Quando voltasse a encontrá-lo, eu o confrontaria.



Capítulo 15

Alexei

Não conseguia tirar a dor que vi nos olhos de Rayssa assim que saí para ir ao encontro de Irina.

Minha irmã ligara aos prantos dizendo que se encontrava no aeroporto de Dallas. Como ela soube que eu estava ali? Descobriria sua fonte e acabaria com o fodido. Não a queria na cidade, em especial com tantos homens enviados para atacar Rayssa.

Mataria Matteo se ele tivesse feito minha irmã chorar.

Não me agradava deixar Rayssa sozinha em casa, mas não poderia evitar. Pelo menos lá ela estaria segura, havia câmeras por todos os lados, e Cielo poderia me avisar caso acontecesse algo.

Cielo era um dos nossos fiéis homens, trabalhava para nós havia bastante tempo. Confiava minha vida a ele, e a de Rayssa também.

Cheguei ao aeroporto de Dallas e vi Irina sentada em uma cadeira encarando o horizonte. Seus lindos olhos azuis, iguais aos meus, estavam vermelhos.

— Será que vou ter de matar um *capo* e iniciar uma guerra contra os

Salvatores desta vez? — perguntei, ficando na frente dela. — Por que está assim?

Irina levantou a cabeça loira. Havia dor em sua expressão, o que me fez querer assassinar o responsável por aquilo.

— O que está acontecendo, Irina? Você não podia ter vindo aqui.

Ela não respondeu, apenas pulou nos meus braços e começou a chorar mais. Deixei que o fizesse até se acalmar, mas eu estava inquieto, sem entender o motivo de seu estado deplorável.

— Irina!

Ela expirou um segundo, depois me encarou, limpando os olhos.

— Desculpe por ter vindo, sei de seu disfarce, mas não tinha para onde ir. Aqui é mais perto que a Rússia — sussurrou, encolhida.

— O que houve? — Sentei-me na cadeira e a puxei para o meu lado.

— Matteo e eu brigamos…

— Acho difícil. — Aquele cara morria de amor pela minha irmã, isto era visto de longe. Ele não escondia o que sentia na frente dos outros. Foi isso que me manteve controlado ao saber do lance dele com a Irina.

Esperei que ela prosseguisse e me contasse o que a afligia.

— Evy teve um filho. — Um sorriso lindo apareceu em seus lábios.

Evelyn era a mulher de Shadow, do MC Fênix de Chicago. Não entendi. Por que aquilo seria motivo para ela chorar e vir até mim?

— Qual é o problema? Me ilumine, estou confuso aqui, Irina.

— Já tem algum tempo que quero filhos, até cheguei a comentar com Matteo. Ele disse que não podíamos agora, por causa dos inimigos e da tal guerra…

— Com os Rodins e Patrick. Sim, é verdade. Um confronto não deve estar muito longe. — Especialmente considerando os homens que enviaram para levar Rayssa.

Irina fechou a cara.

— Não dou a mínima para a guerra, só quero ter meu bebê e desejo que Matteo também o queira. Nós podemos protegê-lo. — A confiança era muita em sua voz.

Avaliei a postura dela: uma mão na barriga, como se já o resguardasse.

— Você está grávida? E Matteo não aceitou? — Trinquei os dentes. — Será que vou acabar tendo minha vingança no final? Terei a cabeça do *capo*?

Por anos pensei que tinha sido Andrey Jacov a matar meus pais, no entanto, o real culpado era Lorenzo Salvatore, pai de Matteo e Samira. Isso estragou meus planos, não pude cumprir minha vingança.

— Não pode assassinar o pai do meu filho, eu o amo!

Arregalei os olhos.

— Então engravidou mesmo? Isso quer dizer que…

Cortou-me:

— Matteo não sabe. Era para eu estar tomando anticoncepcional para evitar engravidar agora, mas não consegui deixar meu desejo para depois. Interrompi o uso. — Apertou minha mão.

— Se Matteo não sabe, por que está aqui aos prantos? — indaguei, meneando a cabeça de lado.

Ela encolheu os ombros.

— Tenho medo. E se quando ele souber não aceitar nosso bebê? Eu não acho que posso conviver com isso, ver a acusação na cara dele. Provavelmente me mataria… — Estremeceu. — Assim que o médico disse que estou esperando um bebê, corri para falar com você.

— Deixe-me ver se entendi: você queria filhos, mas Matteo não, e sem conversar com ele, não tomou o anticoncepcional e engravidou? Conseguiu o que queria e veio falar comigo, em vez de ir até ele e dizer a verdade? — Empurrei sua cabeça. — Isso não parece você. Cadê aquela menina que enfrenta tudo, não ligando para o que ninguém pensa?

— Matteo não é ninguém, ele é meu marido — retrucou. — Só não sabia o que fazer.

— Como descobriu onde eu estava? — perguntei; já tinha minhas suspeitas.

— Matteo me contou algum tempo atrás, quando o confrontei. Ele me revelou sobre os problemas que andam enfrentando e que você tinha vindo

proteger a filha de um mafioso — soava preocupada, ficando ainda mais ao enxergar as contusões em meus dedos. — É perigoso para você aqui?

Sorri.

— Estou bem, é só um trabalho. — *Matteo deveria ficar de boca fechada*, pensei. Teria uma palavrinha com ele sobre isso.

Um ano ali, protegendo Rayssa, e não fora descoberto. Quando resolvi dar as caras e aparecer para ela, as dificuldades vieram à tona. Esperava resolvê-las depressa.

O telefone de Irina tocou, entretanto, não atendeu. Eu sim.

— Por Deus, Irina, por que está em Dallas? Estou vendo no GPS! — Matteo demonstrava nervosismo.

Tive pena do cara.

— Sou eu. Ela apareceu aqui agora há pouco, chorando. Levarei minha irmã de volta e teremos uma conversa séria. — Coloquei-me de pé.

— Chorando? Ela está bem? — Sua voz se elevou, então abaixou: — Me deixe conversar com ela.

Avisei à Irina:

— Ele quer falar com você. — Ela sacudiu a cabeça, negando. — Ela não quer…

Matteo amaldiçoou e chamou-a de teimosa em italiano. Quis rir, mas me solidarizei com o *capo*. Irina era muito teimosa, disso eu sabia; puxara à

mamãe.

— Proteja nossa garota e a traga de volta. Eu soube que um ponto de Alessandro foi invadido essa noite aí em Dallas. Tenho minhas suspeitas de que seja coisa dos Rodins, pela forma que deixaram o lugar. — Deu um suspiro duro. — Não quero Irina no meio disso.

Praguejei; não podia sair e deixar Rayssa desprotegida. Claro que dispunha de Cielo, mas somente ele não seria suficiente caso viesse mais gente à procura dela. Só me restava uma pessoa que poderia chamar para tomar conta da menina, contudo, antes, eu precisava saber:

— Acha que posso confiar em Stefano para cuidar de Rayssa enquanto levo Irina? — perguntei, checando ao redor para ver se alguém nos seguira.

O *capo* suspirou.

— Pode confiar, sim. Se ele aceitar, então a protegerá bem. Só não deixe Irina sozinha.

Assim que desliguei, telefonei para Stefano.

— Necessito de sua ajuda agora — fui direto, não tinha tempo para saudações.

— Ora, que rápido, mal acabei de limpar a sujeira. — Stefano riu. — Temos mais desmembramentos?

— Não, só quero que tome conta de Rayssa para mim, porque preciso ir a Chicago.

— *Tomar conta daquele docinho*? — pronunciou as palavras com uma ênfase desnecessária, para me irritar. — Faço com todo o prazer. Será que ela dorme só de calcinha ou pelada?

Fechei a cara, querendo que ele estivesse na minha frente para rasgar sua garganta e tirar seu sorriso maldito, nítido na sua voz.

— Se ousar tocá-la, juro que o farei sangrar e vou amar cada momento — sibilei. — Não me importarei com guerra nenhuma.

Sua risada parecia excitada, não ligando para o meu tom. Mas era verdade, eu acabaria com aquele fodido…

— Ela ficará segura comigo — garantiu, rindo. Desligou antes que eu dissesse algo.

— Filho da puta! — grunhi com os punhos cerrados, louco para socar alguma coisa, ou melhor, ele.

Minhas mãos estavam tão apertadas no celular que achei que fosse quebrá-lo.

— Se não fosse causar uma guerra, eu juro que mataria esse cara — cuspi.

— Oh, meu Deus! — gritou Irina.

Olhei para ela imensamente preocupado, mas minha irmã sorria, tão brilhante como o sol lá fora.

— O que foi? Por que a risada? — Algumas pessoas pararam e olharam

para nós.

— Não acredito que está com ciúme de uma garota! — Sua voz se elevou no lugar, enquanto seus olhos se arregalavam. — Puta merda.

Sacudi a cabeça.

— Não fale besteira, não tenho ciúme de ninguém — menti e depois rosnei: — Só não gosto de Stefano.

— Não? — Sacudiu a cabeça, ainda sorrindo. — Meu irmão, você parecia querer matar o Stefano apenas por pensar nele com essa Rayssa. Me diga uma coisa, eu posso conhecê-la?

Fiz uma careta, andando com Irina na direção do balcão da recepção do aeroporto.

— Não, já tenho que protegê-la, e você não pode ficar aqui com o perigo rondando Dallas. Não tenha ideias.

Ela me abraçou, animada. Pelo menos aquilo serviu para tirar a dor de seus olhos, acho que acabou se esquecendo do motivo de ter vindo.

— Promete para mim que, assim que tudo der certo e esses perigos acabarem, você a levará para me conhecer? — pediu, quicando de entusiasmo.

— Não pense o que não há — apontei, triscando a ponta do seu nariz. — Você é muito intuitiva.

— Só vejo como age, ou vai me dizer que não liga se Stefano jogar

suas cantadas ou até mesmo levá-la para a cama? Já o vi uma vez, o cara é gostoso. — Gargalhou assim que rosnei com a ideia daquele imbecil tocando Rayssa. — Viu? Sua expressão é como a de um assassino em série.

Abaixei-me e cochichei para ela:

— Lembra que de fato sou um, minha querida irmã?

Ela bufou.

— Você sente algo por ela, Alexei, eu posso ver. Estou tão contente! Sempre pensei que você não seria capaz disso, já que é frio com todas as mulheres, mas vejo que não.

Sua alegria me emocionou.

— Mamãe adoraria vê-la casada e com um bebê a caminho — comentei para fugir do assunto de Rayssa.

Queria viver tudo o que estava sentindo para depois contar algo à minha família. E isso se, após eu revelar o motivo de ter me aproximado dela, Rayssa me perdoasse. Torcia para que sim, caso contrário, eu não saberia o que fazer.

— Verdade, mas garanto que ela ficaria ainda mais feliz ao constatar que uma mulher o domou. — Riu com um revirar de olhos. — Desde novo era um mulherengo e dizia que nunca se casaria.

— Ei, eu não falei nada de me casar, então pare de besteira. Vamos pegar o avião e voltar para o seu marido. — Segurei sua mão e fomos em

direção à aeronave.

Ela se encolheu, e na mesma hora eu quis retirar o que falei, porque não gostaria de voltar a vê-la triste. Se sua alegria dependia de saber que eu tinha alguém, focaria nisso.

No entanto, Irina precisava enfrentar seus problemas; era uma mulher casada e tinha suas obrigações. Com certeza necessitava amadurecer, estando grávida.

Não acreditava que minha irmã caçula se tornara uma grande mulher. No começo, quando ela foi morar nos Estados Unidos, longe da Rússia, eu me opus. Temia que algo acontecesse a ela, claro, mas a razão principal era a saudade que sentiria. Todavia, notava o modo que reagia ao nosso mundo, ela não almejava fazer parte dele, desejava ser uma pessoa normal. Não precisava ser um gênio para notar.

— E se ele não…

Interrompi-a:

— Aquele homem morre por você, garanto que até entraria na frente de uma bala. Se não fosse assim, eu jamais teria permitido que casassem.

Ela sorriu um pouco.

— Sei que Matteo me ama, não duvido disso, só que na hora eu tive medo.

— Vai dar certo. E se o *capo* lhe olhar torto, acabarei com ele, mas

duvido. Matteo é o genro de que todo sogro e toda sogra necessitam. É leal com sua irmã, com sua raça, os livrou de um pai assassino… — Não criticava Lorenzo por ser assassino, pois eu também era, e sim por ter destruído famílias; não só a minha, como a de muitos outros.

Quando soube do que o antigo *capo* Salvatore fizera com meus pais e com algumas meninas sequestradas e levadas a cativeiros, quis ir até lá para interferir, mas não era da nossa conta limpar toda a sujeira das máfias que não seguiam regras. O bom foi que o próprio filho dele interveio e acabou com a escória que participava daquele antro de perdição.

Já vi muita merda fodida na minha vida, mas como aquilo? Nunca. Se precisava de vingança, eu ia atrás dos culpados, e não de inocentes. Como quis fazer com Samira no começo, antes de descobrir que ela era a mulher por quem meu irmão tinha se apaixonado — até levou um maldito tiro para protegê-la.

— Matteo é um homem íntegro, na medida do possível em nosso mundo, já que não há nenhum santo na máfia. Mas fora dela tem seres piores, não é? — Apontou discretamente à janela e às pessoas ao redor. — Ele está fazendo de tudo para limpar a sujeira de Lorenzo, porém, às vezes, eu acho que vai além. Existe gente que não é dos Salvatores envolvida nessa merda.

— Creio que sim, é a lei da vida. Não podemos purificar o mundo, não somos Deus. O que podemos é tomar conta dos nossos e protegê-los com

tudo que temos. — Alisei sua mão com a aliança, depois sua barriga. — Assim como faremos com vocês dois. Nada irá atingi-los, eu prometo.

— Sei que não, sou grata por nascer neste mundo onde estou hoje; tive meus pais, mesmo que por pouco tempo. Eles estavam lá, me amando, embora eu não merecesse nada disso…

Levantei a cabeça e olhei para ela, não entendendo aonde queria chegar.

— Do que está falando? Você sempre merecerá. Eu faria o mesmo — declarei.

— Eu matei nossos pais…



Capítulo 16

Alexei

— Que porra está dizendo? De onde isso saiu? — Arfei, imaginando que devia ter ouvido errado.

Ela se encolheu.

— Naquele dia em que estávamos no parque, eu vi dois homens nos observando. Podia ter dito ao papai, mas queria continuar brincando com um garotinho, estava tão legal interagir com pessoas de fora do nosso mundo que não quis dizer nada. Então mais tarde, a caminho de casa, nós fomos emboscados… — A dor na voz dela partiu meu coração.

— Irina, você era uma criança…

Riu, amarga.

— Foi minha culpa, Alexei, e há muito tempo isso me consome, não há como mudar. — Limpou as lágrimas.

— Se vamos colocar a culpa na mesa, também tenho meu papel nisso. — Não gostava de falar sobre o assunto, porque era algo que doía fundo.

Ela piscou.

— O que você quer dizer? — Sua voz estava rouca devido ao choro.

Expirei para me controlar. Tomei um gole da bebida que a aeromoça servira minutos antes.

— Papai tinha um compromisso naquela tarde, mas como não queria desmarcar com você, ele me chamou e me mandou levá-la. Eu falei que também agendara algo e que não poderia faltar. Ele sempre acreditava em mim, mas eu menti nesse dia… Papai acreditou…

— Alexei…

— Sabe que compromisso era? — Não esperei que respondesse. — Mulheres. Nem sabia os nomes. Isso me corrói. Era para eu ter levado você, e não os nossos pais. Se eu tivesse ido, talvez continuassem conosco.

— Você também era um menino, Alexei. Um garoto de dezessete anos não enfrentaria um exército — sussurrou, apertando minha mão.

— Sei que poderia perder, mas tentaria, porque fui treinado para isso, Irina. Pelo menos, eles estariam vivos. — A dor me apossava, tirando meu ar.

Ela deu um suspiro duro.

— Não adianta nos acusarmos, porque ninguém pode mudar o passado, apenas temos que conviver com isso. De qualquer forma, a mamãe teria ido conosco, e se nos atacassem, ela nunca deixaria você enfrentando tudo sozinha, assim como fez com o papai. Kriger me levou para a floresta, mas ela não quis ir conosco, porque não queria deixá-lo. Ela o amava.

— O amor não deveria nos fazer capazes de morrer pela pessoa amada.

Mamãe poderia ter se salvado…

Irina sorriu, triste.

— Hoje entendo o que ela fez, porque eu faria o mesmo por Matteo, não saberia viver sem ele. — Tocou sua aliança.

— Isso é loucura, não quero que nada aconteça com você se ele se machucar. É um risco que se corre sendo um líder como ele ou Nikolai.

— Por isso você não queria ser chefe e deu o cargo ao Nikolai? — sondou.

— Posso dizer que sim, mas não somente. Não sou chegado à responsabilidade, e teria uma nação nas costas. Nosso irmão faz isso muito bem, o cara é ótimo, e nunca me arrependi de ter escolhido ele. Sacrifica-se pelos seus sem ao menos hesitar. Eu não sei se teria coragem de fazer isso, se não fosse por você ou por ele. Por vocês dois, eu morreria.

— E pela Rayssa? O que faria por ela? — Olhou-me de lado. — Se ela estivesse na mira de uma arma, e você tivesse segundos para impedir, como agiria? Ficaria parado assistindo à bala atingi-la?

A mera possibilidade já me fez sentir doente. Visualizar Rayssa sendo ferida… não podia nem pensar nisso. Ela ficaria bem, eu cuidaria para que isso acontecesse.

— Dói imaginar isso, não é? É como se seu coração estivesse sendo rasgado ao meio — disse ela, observando minha reação.

Poderia ter escondido minha expressão, mas nunca fiz isso com meus irmãos. Eles me conheciam como ninguém.

— Ninguém encostará um dedo nela — declarei com a voz firme. — Nem em você ou no meu sobrinho ou sobrinha.

— Você realmente gosta dessa mulher. — Não era uma pergunta.

Não via fundamento em mentir. Ela era minha irmã, eu revelaria a verdade.

— Não sei o que sinto, mas de uma coisa tenho certeza: ninguém vai tocá-la, ou juro que o mato. — Era a porra de uma promessa.

— Parece que já fez isso. — Alisou algumas contusões nos meus dedos.

— Ele teve o que mereceu. — Beijei sua testa. — Obrigado por nunca me julgar por ser como sou.

Ela estreitou os olhos.

— Acha que essa garota fará isso, Alexei? — perguntou, curiosa.

Suspirei.

— Rayssa foi criada odiando o nosso mundo por culpa de seu pai, que era um maldito. Se ela soubesse quem sou, não me olharia como agora. — Aquilo estava me deixando inquieto demais. Por isso a tinha deixado na semana passada, mas era inútil tentar viver sem ela.

Já enfrentei lutadores, homens armados com facas e revólveres,

contudo, nunca me senti daquela forma, com tanto medo. Temia a ideia de perder a única mulher pela qual me interessei. Eu enfrentaria todos eles novamente só para não ter que ver a acusação nos olhos dela.

— Se Rayssa realmente o amar, jamais deixará que parta, independente de quem seja ou do que faça, Alexei. O amor supera tudo, as desavenças e até mesmo o que é feito no nosso mundo.

— Você não acusa o Matteo pelas vidas que ele tirou? — falei o último trecho em russo, assim não correria o risco de alguém ouvir o que não deveria, e eu ser obrigado a eliminá-lo.

— Nunca faria isso. Eu vou dizer a você o mesmo que disse ao Shadow algumas semanas atrás, quando ele pensava que perderia Evelyn.

A mulher de Shadow foi atacada e parou no hospital. Fiquei sabendo que os dois estavam bem, ela e a criança.

— O que disse? — Estava curioso e com esperança de que meu segredo não a empurrasse para longe.

— Quando nós, mulheres, amamos de verdade, não ligamos para a escuridão na alma do parceiro. Apenas queremos ajudar, tirá-lo de algo que o atormenta, ser sua rocha inabalável, sua luz, dissipando a sombra à sua volta. Matteo é assim para mim. — Em russo, prosseguiu: — Se essa garota realmente o amar, ela não vai ligar que você seja da máfia.

Não escondíamos quem éramos, não era segredo, mas considerávamos

melhor encobrir alguns detalhes. Caso alguém quisesse se aproveitar, isto acabaria muito mal.

— Vamos ver. Por enquanto, minha obrigação é protegê-la.

— Quando terminar simplesmente vai embora? Sem dizer nada? — Sacudiu a cabeça. — Não acredito nisso.

— Não acho que posso deixá-la, mesmo que fosse para o bem dela, para ter uma vida longe do meu mundo. Não sou altruísta a esse ponto. — Tomei mais um gole da bebida. — Vou largar você com Matteo e voltar, as coisas em Dallas não estão bem.

Já estávamos quase pousando em Chicago, mas eu não pretendia ficar, pegaria o primeiro voo de volta para Rayssa. Por mais que confiasse em Stefano em relação à segurança dela, não confiava nas intenções dele; com certeza cantaria minha garota. E se ela quisesse ficar com o maldito? Essa merda que nunca senti me deixava puto.

— Lamento por ter aparecido lá sem avisar. Eu queria falar com você ou Nikolai, mas ele estava no voo que vem da Rússia e chega hoje… Precisava conversar com um dos meus irmãos — murmurou.

— Sempre que quiser falar comigo, é só chamar que venho correndo para cuidar da minha irmã caçula. — Sorri, beijando sua testa.

Uma mulher avisou que o avião pousaria e que era para afivelarmos os cintos.

— Eu o amo, Alexei. Estou feliz por você ter encontrado essa Rayssa e contando os dias para conhecê-la.

— Também a amo, mana. Não corra mais dos problemas, enfrente-os de cabeça erguida. Não quero você fugindo e alguém a sequestrando. — Encolhi-me. — Não sabe o medo que senti quando Vladimir a pegou para ter o Nikolai, achei que fosse perdê-la. Não aceito passar por aquilo de novo.

— Sinto muito, prometo ligar antes e não sair mais às escondidas.

Desembarcamos do avião. Como ela veio fugida, não tinha bagagem. Logo estávamos na frente do aeroporto de Chicago, rumo à casa de Matteo. Pretendia deixar minha irmã protegida.

Matteo avisou por mensagem que enviaria um carro, mas não havia ninguém nos aguardando.

— Tem alguma coisa errada — comentei, checando os lugares que deveriam estar ocupados por homens de Matteo. Nenhum sinal deles.

— Alexei, o que foi?

Peguei o braço dela, entrando novamente no aeroporto e ligando para o *capo*.

— Irina está bem? — perguntou ele ao atender. — Não a deixe fora de suas vistas.

— O que aconteceu? Seus homens não estão fora do aeroporto.

Ele amaldiçoou em italiano.

— Eu sei, já ia telefonar para avisar que eles foram cercados a caminho daí. Atacaram a Square hoje, resultando em seis mortos e alguns feridos. Esses meliantes simplesmente jogaram uma bomba no lugar.

Podia ouvir a fúria na voz do *capo*, tinha até pena dos bastardos quando colocasse as mãos neles.

— Porra! Eles estão fechando o cerco — praguejei, checando todos os lugares.

— Alexei, o que houve? — perguntou Irina, preocupada.

Não queria deixá-la mais nervosa, mas não tinha certeza se poderia protegê-la disso. Era até bom; ela ficaria mais esperta e não fugiria de novo.

— Estou a caminho com o meu pessoal — disse Matteo.

Suspirei.

— Venham rápido, porque estou desarmado, já que peguei um voo comercial. — Se nos atacassem, a coisa não ficaria bonita.

— Deixe-me falar com Irina — pediu o *capo*.

Dessa vez, ela aceitou conversar com seu marido, por compreender a gravidade da situação. Só esperava ser capaz de protegê-la. Se o lugar de Matteo havia sido atacado, os Rodins deviam saber de Irina e aguardavam para dar o bote.

— Sinto muito, Matteo, por ter saído sem falar com você — sussurrou com os olhos molhados.

Avistei dois homens à direita, um no piso superior do lugar, e outro à frente. Eles estavam nos cercando.

— Maldito seja! — Puxei Irina para o pilar que nos esconderia da visão deles.

Eram os Rodins, pude ver pela tatuagem de serpente nos seus braços.

— Idiotas — rosnei, sacudindo a cabeça. A polícia do local logo se envolveria e os levaria presos, se não tivessem comprado os desgraçados.

Eles puxaram armas, atirando para cima, no intuito de fazer as pessoas se dispersarem, facilitando o acesso a nós.

— Irina, se abaixe. — Empurrei-a para um canto, antes que uma bala a atingisse.

Ela gritou quando um tiro pegou no pilar, ecoando no lugar, que virara um pandemônio, com pessoas gritando e correndo para todos os lados.

— Oh, meu Deus, eu não posso morrer antes de ter meu bebê — choramingou Irina, encolhida.

— Droga! — Eu estava me sentindo impotente, como um coelho em uma toca. — Não vou deixar ninguém machucar você, minha irmã.

A ligação continuava ativa. Peguei o telefone da mão de Irina. Mesmo acima do barulho do lugar, o desespero de Matteo era evidente.

— Onde estão? — perguntei, puxando-a mais para o fundo, na direção dos banheiros.

— Na porta da entrada. — Sua voz se elevou. — Irina está grávida?

— Sim, ela está — falei, respirando fundo quando uma bala bateu na parede, acertando pedaços de gesso em nós dois.

— Alexei, por favor, não deixe que nada aconteça a ela — suplicou Matteo.

Para ele era difícil implorar por algo. Com esse gesto, teve meu respeito. Era sinal de que era louco por minha irmã e não ligava para quem soubesse.

Claro que nem precisasse pedir: faria qualquer coisa para ver Irina segura.

— Se apresse, pois estamos encurralados. Vamos para o banheiro feminino. — Coloquei Irina para dentro depois de examinar cada cabine e assegurar que não tinha ninguém ali. Levei-a para a última, de forma a tirá-la do fogo cruzado caso nos atacassem. — Esconda-se aqui e não saia por nada, ouviu? — pedi, só esperava que ela ouvisse.

— Alexei… — Pegou minha mão, como se quisesse me manter ali para sempre; as dela estavam geladas. — Eles vão nos matar?

Abracei minha irmã por um segundo, então me afastei e a fitei:

— Não, querida, logo estará com seu marido e protegida.

— Não quero perder você. — Chorou.

— Não vai, eu prometo. — Limpei as suas lágrimas. — Fique aqui, eu

já volto.

Fechei a cabine onde estava e me escondi na entrada, atrás da porta. Se alguém abrisse, não iria me ver até que eu o atacasse e o desarmasse.

Não demorou muito; alguns minutos mais tarde, a porta se abriu. Esperei e chequei quem era antes de atacar, assim não machucaria um inocente. Reconheci a tatuagem.

Ele entrou com a arma, e eu o soquei na cara, levando-o a cambalear e perder o equilíbrio. Não deixei que recuperasse o fôlego, ataquei-o e fiz seu revólver cair no chão.

Chutei sua cabeça, deixando-o desacordado. Estava tão envolvido na luta que não vi até ser tarde demais: senti um tiro no lado direito do peito. Dei alguns passos para trás e enxerguei o responsável. O cara estava a ponto de atirar de novo, mas me abaixei e peguei a arma do outro homem. Em seguida, o atingi entre os olhos.

O homem no chão começou a gemer, acordando.

— Que se fodam as perguntas — rosnei, segurando meu peito que sangrava sem parar.

Escorei-me na parede perto da cabine de Irina e me sentei no chão, de olho na porta de entrada. Tinha pegado a outra arma, do cara que me acertou. Estava com duas, pronto para atirar em quem entrasse. Esperava não morrer de hemorragia.

Tirei minha camisa e pressionei o ferimento com uma mão; na outra, carregava uma arma.

— Maldição! — Sentia-me fraco, não demoraria a desmaiar. Não podia perder a consciência e deixar Irina desprotegida.

— Alexei, você está bem? Ouvi tiros… Posso sair?

Expirei, escorando a cabeça na parede.

— Não, fique aí até o Matteo chegar. — Peguei a outra arma e empurrei por debaixo da porta da cabine. — Quero que atire caso alguém passe por mim… — Ofeguei com a dor.

— Alexei? — Como sempre, ela não ouviu e saiu, vendo meu estado, banhado de sangue. — Oh, meu Deus! Por favor, não…

Tentei sorrir, mas acho que não saiu direito.

— Estou bem…

Ela correu até mim e se sentou ao meu lado, mas a coloquei escondida da visão da entrada.

— Você está sangrando tanto… — começou a gritar pedindo ajuda. — Vou ver se encontro alguém.

— Não ouse sair daqui. — Tentei segurar seu braço, mas estava sem forças. — Por favor… — Acho que me esforcei para dizer, mas a minha visão ficou turva. — Irina? — Foi tudo que consegui balbuciar antes que a escuridão se apossasse do meu corpo.



Capítulo 17

Alexei

Achei que estivesse em um pesadelo, sem poder acordar. A dor me tirava o ar. Mas aquilo era verdade, foi real o que aconteceu comigo.

Meus olhos se abriram assim que pensei no que Irina pretendia fazer antes que eu desmaiasse.

— Irina…

— Estou aqui. — Uma cabeça loira apareceu no meu campo de minha visão, seus olhos vermelhos.

— Você está bem? — Pigarreei. Meu peito parecia ter um tijolo sobre ele.

Ela piscou.

— Eu que deveria perguntar, já que você levou um tiro. — Pegou minha mão. — Estava tão preocupada que não arredei os pés daqui durante esses cinco dias; isso deixou Matteo louco.

— “Louco” seria subestimar a situação — falou Matteo, de pé perto da porta.

Olhei para o quarto branco de hospital. Um aparelho barulhento

mostrava meus batimentos cardíacos, e havia uma agulha enfiada em meu braço.

Nikolai estava próximo do *capo*, pesaroso e preocupado.

Não fazia ideia dos estragos ocasionados pela invasão no aeroporto. Com certeza, não foram poucos. Esperava que nenhum inocente tivesse saído ferido, e que os infelizes apodrecessem no Inferno, que era o lugar deles.

Então uma coisa que Irina disse me bateu, deixando-me mais tonto do que já estava. Se eu passei todos aqueles dias ali, o que acontecia em Dallas? Como estava Rayssa? Prometi que voltaria logo… Decerto ela já pensava que eu não a queria mais — uma ideia absurda; por aquela mulher, eu era capaz de tudo.

— Estou apagado há cinco dias? — Arfei, indo me erguer, mas minha cabeça rodou como um ventilador.

— Fique quieto, não pode se levantar — reclamou Irina, segurando meu ombro bom.

Olhei para Nikolai, que dera um passo para mais perto de onde eu estava. Acho que ele entendeu o motivo da minha agonia e do meu medo.

— Rayssa…

Meu irmão estreitou os olhos, me avaliando.

— Ela está bem, Stefano e Cielo estão protegendo a garota para que nada aconteça — tentou me tranquilizar, mas falhou. Exasperei-me; não a

abandonaria.

— Preciso ir para Dallas. — Eu me sentei na cama, ignorando as dores que sentia.

Irina fechou a cara.

— Não vai a lugar nenhum — rosnou. — Precisa descansar e se curar, não enfrentar mais ataques.

— Cielo e Stefano podem tomar conta dela até você se recuperar, Alexei — disse Nikolai. — De qualquer forma, não poderá protegê-la ferido.

Desconsiderei toda a preocupação comigo e coloquei os pés para fora da cama. Naquele momento, eu estava mais interessado no bem-estar de Rayssa. Ela me odiaria por não ter voltado como prometi.

— Vou para Dallas e tomarei conta de Rayssa eu mesmo. — Fiquei de pé, segurando meu ombro enfaixado e tirando o acesso do soro de minha veia.

Parecia um inválido. Sabia que não poderia protegê-la estando machucado, mas tentaria, pelo menos não ficaria longe dela.

— Alexei… — começou meu irmão, ao que o cortei, resoluto:

— Eu prometi que não iria deixá-la, Nikolai. Não será uma maldita bala que provocará isso.

Ficou calado por um segundo, me encarando. Eu estava sem paciência para adivinhar seus pensamentos. Tinha apenas um objetivo em mente: ver

Rayssa.

— O que essa garota é para você? — inquiriu, meneando a cabeça de lado.

— Tudo! — respondi sem hesitar. Ela era a porra do meu mundo inteiro.

Irina olhava de mim para Nikolai, ciente de que não conseguiria me convencer a ficar.

— O médico tem de liberá-lo — insistiu, exasperada, e se virou para o nosso irmão: — Obrigue-o a se curar aqui.

Fui até ela, andando meio torto. Puxei-a para o meu braço e beijei sua testa, fazendo o possível para que não tocasse na ferida.

— Não se estresse, querida, só cuide de você e do seu bebê. — Toquei seu rosto. — Vocês dois estão bem? — Olhei de Matteo para ela.

Ela sorriu.

— Mais do que bem, estou completamente feliz — disse com um suspiro. — Entendo suas razões para querer ir até a mulher por quem se apaixonou.

Não ia negar, amava Rayssa, e logo diria a ela toda a verdade. Esperava que, no final, ela não me odiasse e me pedisse para ficar longe, porque isto eu não poderia fazer. Primeiro, pois não queria, e segundo, porque ela corria perigo.

— Espere, o quê? Você se apaixonou pela filha de Pietro Petrova? — indagou Matteo. — Porra.

— Acho bom que tenha resolvido ficar com ela, porque isso facilita muita coisa — comentou Nikolai.

Fuzilei-o.

— Não estou com ela para beneficiar nosso povo, e sim porque a quero para mim — declarei, convicto.

Nikolai me conhecia, sabia que eu jamais desistiria de ir a Dallas. Não apenas pela sua proteção, porque eu sabia que estava segura, mas isso não significava que não estivesse com raiva de mim.

— Preciso ir agora. — Dei mais um abraço em Irina e depois olhei para Matteo. — Tome conta dela.

— Não se preocupe, ela ficará bem. — O selo da promessa estava em cada palavra.

Sorri e fui na direção da porta, ainda caminhando meio torto.

— Irei com você — Nikolai avisou. — Tenho assuntos a tratar com Alessandro. Precisamos fechar o cerco para atacar os Rodins e Patrick. Eles nos atingiram em Dallas e aqui, não vou deixar por isso mesmo.

— Tudo bem.

Em vez de irmos num voo comercial, fomos no nosso jatinho.

— Então você realmente se apaixonou pela filha de Pietro, não é? Fico

contente, e não falo por garantirmos o controle do que é dela, mas porque desejo sua felicidade.

— Não cante vitória antes do tempo. Eu prometi que voltaria logo e fiquei muitos dias fora, isso sem contar que terei de dizer a verdade. Ela pode não me perdoar. — A dor no meu peito foi pior do que a bala que me atingiu.

— Você tem a opção de não dizer nada, ela nunca descobriria.

Franzi a testa.

— Esconderia algo assim da Samira? — perguntei num suspiro cansado.

Ele sorriu.

— Entendo seu ponto. Já escondi, e isto só nos fez sofrer mais. — Respirou fundo. — No final, se ela o amar, irá perdoá-lo.

Falando parecia tão simples, mas a coisa era mais complicada que isso. Rayssa não se abria facilmente, pude ver por seu histórico: não fazia amizades por onde passava, o único que conseguiu chegar perto foi Simon, e agora eu. Durante todos aqueles meses em que convivi com ela, até antes de defendê-la na boate, a garota estava se esforçando para deixar as pessoas entrarem.

Toda essa distância se devia ao seu pai. Se aquele imbecil não estivesse morto, eu mesmo o mandaria para o Inferno por afastar todos em volta dela.

— Você ficou com Rayssa? — questionou, sentado do meu lado na

poltrona do jatinho.

— Se eu transei com ela? Não, mas a toquei. Juro que nunca me senti assim, é como se eu não tivesse sido…

— …saciado? — terminou a frase. — Agora você entende o que senti quando encostei em Samira.

Mesmo sabendo o verdadeiro nome de Samira, ele não a chamava de Dalila, só pelo nome que a conheceu.

Ri, mas me arrependi, porque doeu. Tive que segurar o ferimento em uma tentativa de aliviar, o que não aconteceu.

— Nunca mais vou zoar você. — Olhei para ele com um sorriso.

— Nem acredito que foi domado, meu irmão. — Tomou sua bebida. — Na semana passada, em que ficou longe dela, eu sabia que estava lutando contra o que sentia, mas também sabia que perderia. Quando esse sentimento vem, não há para onde fugir ou se esconder.

— Não estava lutando — destaquei. — Já tinha aceitado, só que ela acredita que eu nunca mentiria, a ouvi dizer exatamente isso, então eu me perdi…

— Você a salvou de ter sido levada depois que foi drogada, tanto que nem ligou para quem visse quando matou o cara. — Ainda tinha um pouco de acusação ali.

— Não ser visto era o menor dos meus problemas na hora, fiquei

furioso demais para me controlar. E descobri as informações com o outro, não precisa reclamar.

— Não estou reclamando, só apontando que, mesmo que se preocupe, nós devemos pensar antes de agir.

— Falou quem queria matar Nasx por se apaixonar por Samira.

Ele fez uma careta ao se lembrar do vice-presidente do MC Fênix, que outrora teve uma paixão nada recíproca por Samira. Ela não retribuía porque amava meu irmão.

— Graças a Deus ele se casou e parece feliz. De qualquer forma, não existia competição, sei dos sentimentos de Samira por mim. Ela só se sentia mal com tudo.

Coloquei a mão no ombro novamente para ver se aliviava um pouco as pontadas. Já levara tiros antes; era uma verdadeira merda.

— Tome os remédios. — Ele pegou uma sacolinha com os medicamentos que o doutor passou.

Irina não me deixou sair de lá sem as drogas, foi a única forma de tranquilizá-la. Para não aborrecê-la, eu as peguei, mas não tinha a intenção de tomá-las agora.

— Essas malditas coisas me deixam dopado, não quero isso, não antes de conversar com Rayssa… — Expirei no intuito de relaxar os músculos.

— Custo a acreditar que chegou o dia de ver você preocupado com uma

mulher. — Ele riu, sacudindo a cabeça.

— Não suporto a ideia de alguém a tocando. — Encolhi-me. — O que vamos fazer? Não gosto de me sentir assim, impotente… Prefiro estar um passo à frente dos meus inimigos.

— Teremos uma reunião daqui a dois dias na mansão de Alessandro em Dallas. É uma fazenda fortemente vigiada, ninguém nos atacará lá.

Olhei para ele.

— O que se aplica à reunião?

— A aliança. Estamos organizando uma grande, assim atacaremos Patrick primeiro, depois vamos para os Rodins. Preciso da situação resolvida com os Petrovas para que sua garota fique livre, sem pessoas a querendo como um troféu. Você terá de dizer que se casará com ela e que tomará conta de tudo.

— Nikolai…

— Alexei, eu sei que as coisas estão indo rápido demais, mas não temos tempo. Se não fizer isso, outro tentará, e você irá matá-lo. Quer passar a vida inteira a protegendo? Não prefere que ela ande sem se preocupar com sequestros?

Trinquei os dentes.

— Como se isso fosse possível no nosso mundo. Temos que proteger nossas mulheres a todo o tempo, porque são consideradas um ponto fraco.

— Isso é verdade, mas mesmo assim são as nossas rochas. Por Samira, eu sou capaz de tudo.

— Só quero encontrar Rayssa e conversar com ela. Nem sei se ela vai me perdoar por ter mentido. — Peguei a bebida dele e tomei um gole; era melhor do que analgésicos que me dopariam.

— Ela vai, você verá. Somente precisará de tempo para digerir. Faça com que veja as coisas como realmente são, caso não aceite ficar com você. — Virou-se para mim. — Rayssa precisa estar na nossa reunião, tomando posse do que agora está nas mãos de Patrick; do que é dela por direito.

— Um direito que pretendemos controlar, não é? — O gosto amargo estava na minha boca.

Ele deu um suspiro duro.

— Aproximou-se dela por isso? Porque me lembro de contar há pouco, quando você já tinha sentimentos pela garota. Não se culpe, você não mentiu quanto a isso.

Escorei a cabeça no encosto do banco, evitando imaginar o pior. Ficar longe dela seria uma tortura. Entendia o ponto de vista de Nikolai, mas Rayssa veria da mesma forma? Não sabia. O meu peito estava apertado, temendo que me deixasse.

— Quem estará na reunião? — Eu precisava saber para puxar tudo sobre eles caso quisessem de alguma forma ter a Rayssa.

— Alessandro, *capo* da Itália; Miguel, chefe do cartel do México; e alguns outros aliados dos Salvatores e Destruttores. Dimitri Slovak, da máfia russa…

— O que os Saints farão lá? — Logo quando cheguei em Dallas, eu soube que o filho de Dimitri, Yuri, estava disfarçado na faculdade onde Rayssa estudava. Na hora pensei em buscar uma justificativa, mas ele fazia isso havia algum tempo e não a levou para Patrick. Depois puxei sua ficha e descobri que os Saints queriam Rayssa no poder e eram contra o seu tio. Seria por isso que estariam na reunião?

— Garantirão que ela assuma o poder depois que eliminarmos o Patrick — disse Nikolai. — Vamos ver como tudo se desenrola nesse lugar. Não fique nervoso, todos são aliados. Matteo não poderá ir, mas enviará o Luca.

— O *capo* não quer deixar Irina sozinha, não é? Ele tem o meu respeito.

— O meu também. Irina não podia ter escolhido homem melhor. Vamos vencer no final, Alexei. Nossa família ficará segura.

— Como estão Nikolas e Samira? Sinto falta deles.

Um sorriso iluminou a expressão do meu irmão.

— Nunca imaginei que ser pai fosse tão gratificante. — Alisou sua aliança. — Às vezes, eu não acredito que tenho a sorte de ser feliz neste nosso mundo, de ter pessoas como ela e meu filho. Claro que eu era feliz com

você, Irina, Tabitta e nossos pais, mas me tornei ainda mais. Ser capaz de amar e de ter sentimentos como esses pelos dois, é surreal, em especial quando vejo Nikolas sorrir. — Mudou bruscamente, agora letal: — Ninguém tocará neles. Reforcei a segurança lá em casa.

— Sim, não pode repetir o que houve com a empregada disfarçada enviada a mando de Vladimir — grunhi. — Preciso levar Rayssa a um lugar seguro, não acho que Dallas seja a melhor opção.

Ele concordou.

— Sim, eles sabem onde a menina está, e todos próximos a ela correm perigo, podem ser pegos no meio do fogo cruzado.

— Um namorado do amigo dela foi pago para colocar o sonífero em sua bebida. Ia cuidar dele, mas os Rodins fizeram o trabalho por mim. — Não gostei daquilo, de se infiltrarem entre os conhecidos dela.

— E aquele amigo de Rayssa? É confiável?

— Simon? Sim. Faria qualquer coisa por ela, a ligação entre eles é praticamente como a nossa, de família. — Ajeitei-me no banco numa posição mais confortável. — Devemos eliminar os problemas, isso já demorou demais.

— Nós vamos, mas primeiro faremos essa reunião e partiremos dali. Enquanto isso, eu checarei onde é seguro para levar você e Rayssa. — Me encarou por um segundo e depois o vidro do jatinho. — Estamos pousando.

Onde ficará?

— Preciso ir até Rayssa. Que dia da semana é hoje? Minha mente está em um turbilhão. — Olhei as horas no relógio de pulso. Já eram quase sete da noite.

— Sábado — respondeu, franzindo a testa. — Por quê?

Ao pousarmos, peguei meu celular para checar as câmeras da casa dela. Não a vi em nenhum lugar. Isso me fez ficar com medo.

— Porra, onde ela está? — praguejei.

Nikolai mirou as imagens.

— Cielo deve saber, falei para que não tirasse os olhos dela. — Pegou o seu celular e ligou para ele. — Qual é a localização de Rayssa? Espere, o quê?

Não gostei nada daquilo.

— Onde foi? — gritei, inquieto, no limite após os últimos acontecimentos.

Ele desligou e me encarou.

— Acho que essa menina definitivamente não é filha de Pietro. Não tem como ser. — Realmente parecia aturdido.

— Desembuche. — Não estava com humor para adivinhações e preliminares.

— Está em um restaurante onde oferecem comida a pessoas sem teto.

Dá para acreditar nessa merda?

Tinha me esquecido, com tanta coisa na cabeça. Sábado era o dia do seu trabalho comunitário. Eu a adorava por isso, pela bondade em seu coração. Era até um crime trazê-la para o meu mundo.

— Ela faz isso todos os sábados à noite. — Nem precisava dizer que já estive lá uma vez. Até fiz uma doação para ajudar a instituição.

— Essa menina não pode ficar em um lugar público assim, é um alvo fácil, qualquer um consegue se aproximar disfarçado. — Sacudiu a cabeça, grilado. — Cielo devia levá-la embora.

— Ela não irá a lugar algum com estranhos. Vamos para lá, darei um jeito nisso. — Entramos no carro que nos esperava.

— Você não vai ficar se esforçando, pode estourar os pontos. — Apontou na direção do meu peito. — Nem era para estar aqui.

— Olha quem fala… Assim que acordou após ter levado dois tiros protegendo Samira, ficou louco e não parou em hospital nenhum para se curar. Não me venha com essa merda.

Minutos mais tarde, Nikolai estacionou o carro em frente ao restaurante movimentado. Dava para ver através da vidraça do lugar todo o ambiente lá dentro.

Estava quase saindo do carro quando ela deixou o estabelecimento e foi para trás dele, em um beco escuro.

Cielo a seguiu, a alguns passos de distância.

— Que porra ela está fazendo? — rosnei, os acompanhando.

Ouvi Nikolai praguejar perto de mim. Não dei a mínima, só apressei meus passos, ignorando as pontadas em meu peito.

Sabia que Cielo a protegeria, mas vi uma lâmina na mão dela, aposto que uma faca. Para que a garota carregava uma? Com quem se encontraria?

— Onde ele está? — escutei-a gritar.

Corri, parando ao virar a esquina e a enxergar com a faca na garganta de Cielo. Ele estava escorado na parede, as mãos em punhos ao lado do corpo, louco para se libertar daquela situação. Permaneceu imóvel e calado.

— Responda! Para onde meu pai levou o Alex? — Sua mão tremia com a faca ao apertá-la rente ao pescoço dele.

Ela pensava que Pietro me sequestrara? Enfrentava um estranho, que tinha a capacidade de matá-la sem ao menos piscar, apenas para saber onde eu estava?

— Se Pietro o machucou, vou acabar com ele e com você — sibilou.

Cielo, a ponto de desarmá-la, me viu e continuou quieto. Sabia que ele podia tomar a faca sem machucar Rayssa.

— Estou aqui, Cordeirinha. — Cheguei mais perto deles.

Sua cabeça se virou subitamente na minha direção.

— Alex? — Correu até mim e pulou nos meus braços.

Droga! Naquele momento, senti felicidade por estar com ela e também uma dor terrível no meu peito devido ao impacto, que me deixou sem ar por um segundo. Parecia me rasgar inteiro.

— Tive tanto medo de machucarem você… — sussurrou no meu ouvido.

— Estou bem… — Tremia, perdendo as forças.

Ela se afastou e me encarou, mas minha visão ficou turva.



Capítulo 18

Rayssa

HORAS ANTES

Passaram-se cinco dias desde que Alex saiu ao receber aquele telefonema. Disse que logo voltaria, mas não retornou como prometeu.

Entretanto, dessa vez foi diferente, porque ele me deixou na cama, nua, após eu ter permitido que me tocasse, e foi ao socorro de outra mulher. A única coisa que sabia era que ela se chamava Irina; desconhecia a garota e seu relacionamento com ele. E se fossem amantes? Alex me contou que nunca teve namoradas… Seria verdade? Será que havia me usado?

Os dias daquela semana foram ruins; me fizeram ficar a maior parte do tempo chateada e com raiva por ter sido usada. Eu estava furiosa, sentindo-me traída por ele ter me abandonado por uma mulher que eu não conhecia. Acreditei que tivesse quebrado sua promessa de novo. Não seria a primeira vez que saiu sem dizer nada.

Não apareceu mais na faculdade e nem no trabalho — na verdade, antes disso também não estava indo; certamente, quando voltasse, o novo dono o

demitiria. Igor perguntou o motivo do sumiço de Alex, então menti, dizendo que estava doente. Não sabia se ele acreditou em mim. Por que fiz isso?

Na noite anterior, porém, eu recebi uma mensagem de voz, não dele, mas de uma mulher: “Oi, sou Irina, a irmã de Alexei, só quero dizer que ele foi…”. Então um homem a interrompeu: “Que merda acha que está fazendo?”. A mensagem se encerrou antes que ela completasse a frase.

Suas últimas palavras podiam ser interpretadas de vários jeitos. Ele foi embora? Ele foi levado? Ele foi baleado? Ele foi morto?

Irina o chamou de Alexei. Seria este o seu nome, e Alex só um apelido? Ou ele mentiu quanto a isso?

Alex (ou Alexei) sempre foi reservado com tudo, misterioso. Estaria escondendo algo? Mas por quê? Ou talvez somente sua irmã o chamava assim.

Questionamentos à parte, a voz dela na mensagem me chamou atenção. Parecia verdadeiramente preocupada com o irmão, era como se estivesse chorando. Se Alex foi sequestrado, machucado ou morto, eu só conhecia uma pessoa capaz disso.

Não consegui pregar o olho pensando no que Irina tentou dizer no final daquela frase. Não podia continuar com aquela dúvida, precisava saber a verdade, então teria que ir aonde a irmã dele estava para perguntar.

Será que Pietro o levara? Em Dallas, ele não parecia estar; era como se

tivesse sumido do mapa.

— Vai ao restaurante do abrigo hoje? — perguntou Simon, me trazendo ao presente.

Notei que ele andava melhor, mesmo que, às vezes, se culpasse pelo que Luciano pretendia fazer comigo. Eu garanti que não era sua culpa, ninguém previu isso. O bom foi que aquele pivete idiota não teve êxito no que queria.

Embora ainda visse a dor nos olhos de Simon, eu estaria com ele sempre, e esperava que um dia se curasse.

— Não posso faltar, a outra ajudante não irá hoje, eles precisam de mim. — Todos os sábados eu ajudava no restaurante do abrigo, onde dava comida para os menos favorecidos.

— Levarei e buscarei você — informou ele. — Não a quero andando sozinha por aí, ainda mais depois de dois ataques na mesma semana.

Antes, sua proteção comigo se dava por medo do meu pai aparecer e me levar com ele. Agora, sua aflição era com quem queria me sequestrar. Talvez fossem pessoas que não gostavam do meu pai e queriam se vingar dele me atingindo.

Estava me arrumando para ir trabalhar, com Simon sentado nos pés da cama.

— Você acha que Pietro levou o Alex? Devemos chamar a polícia?

Sacudi a cabeça.

— Não, o que eu ia falar? Que acho que meu pai sequestrou o garoto de quem gosto? Talvez nem tenha acontecido, mas preciso checar, não posso ficar nesta dúvida para sempre. Já tentei ligar para o número dessa tal Irina, que ficou registrado, mas ninguém atende, só dá na caixa de mensagem. Por isso resolvi procurá-la para acabar com o aperto em meu peito.

— E se seu pai quiser levar você embora? — inquiriu, temeroso. — Não permitirei.

Não desejava que minhas suspeitas estivessem certas. Odiaria ir embora, e não podia deixar Alex com Pietro, caso tivesse mesmo o sequestrado, ou talvez… Não, não pensaria no pior. A polícia estava fora de questão, a fim de evitar alguém sendo morto por minha causa.

Onde procurar minhas respostas? Algo acontecera com Alex, escutei na voz embargada de Irina.

Eu não estava com cabeça para trabalhar, mas se não fosse, enlouqueceria sem conseguir ver uma luz no fim do túnel.

— Ele pode não ter sido levado, e sim ido embora de novo, já pensou nisto? — sondou Simon. Caminhávamos em direção ao carro.

Não era possível… Deixei que ele me tocasse de uma maneira que nunca ninguém fez. Ele me queria e gostava de mim, senti isto.

— Poderia, mas ouvi a dor na fala da irmã dele. Aconteceu alguma

coisa com Alex, sei pelo aperto em meu peito também. Não consigo explicar, mas acho que houve um problema.

— Temos que nos assegurar de que seu pai está envolvido. Mas por que ele iria querer matá-la? Aquele cara que a drogou, e depois o invasor da minha casa, não queriam só levar você, e sim machucá-la. — Ele não falou em Luciano, não tocava mais no nome dele. Se isso era uma forma de se curar, eu faria o mesmo. Inclusive me ajudaria a não me lembrar daquele traste que fez meu amigo sofrer tanto.

— Pietro pode ser um assassino frio, mas ele não me machucaria. Mesmo com sua mente doentia, ainda me protege, o fez muitas vezes. Acredito que seja alguém desejando se vingar dele.

Ele franziu a testa.

— Por isso não o odeia.

Fiz uma careta.

— Claro que odeio. Mesmo que ele tentasse se redimir, não muda o fato de que matou minha mãe, nunca mudará; jamais o perdoarei. — Afirmei, depois me encolhi. — Se Pietro estiver com Alex, vou acabar com ele. O meu medo maior é que sejam os inimigos do meu pai que o tenham levado.

— Precisamos descobrir, ou você vai enlouquecer. — Ligou o carro, e partimos rumo ao restaurante.

Sentia-me impotente, de mãos atadas, sem um sinal claro. Evitava

pensar que Alex tivesse sido morto ou machucado, era mais fácil assumir que fora levado. Neste caso, os sequestradores estavam atrás de algo, ou seja, eu. Sim, eu aceitaria ser capturada em seu lugar para salvar sua vida, faria qualquer coisa por ele. Até preferiria que tivesse somente me deixado, era melhor do que lidar com ele aprisionado.

— Acho que sei um jeito, conheço alguém que talvez possa nos ajudar. — Olhou-me de lado, estacionando no lugar cheio de gente.

Arregalei os olhos.

— Quem? — Eu quicava no banco.

— Um colega meu, ele é bom. Yuri rastreia números e outras merdas, o cara é fera nessas coisas. Só vamos torcer para que o telefone não seja descartável.

— Esse Yuri não é aquele que estava dividindo o quarto com você? Achei que tivesse viajado.

— Sim, chegou há duas noites, assim que soube que me mudei de lá. — Ele tinha se mudado para um lugar mais perto de mim. Não conseguia ficar na casa após o que aconteceu. — Vou ligar para ele.

Fiquei ali, calada e ouvindo a conversa dos dois. Às vezes, Simon pigarreava como se estivesse nervoso. Passou o número a ele. Pelo menos saberíamos o que realmente houve quando encontrássemos a irmã de Alex.

Simon suspirou e desligou. Em seguida, virou-se para mim, me

deixando mais ansiosa do que nunca.

— Descobriu? Por favor, diga que sim.

— Sim, mas teve um preço. Eu tenho que ir a um encontro com ele — disse, dando de ombros.

— Se não quiser, eu posso pagar em dinheiro…

Ele riu com humor.

— Querida, ele é filho de um magnata, já nada em dinheiro. — Respirou fundo. — Tenho uma boa e uma má notícia. Qual quer ouvir primeiro?

O solavanco foi forte em meu peito. Controlei-me, não pensando no pior.

— A boa — pedi.

— O bom foi que ele localizou o número, veio de Chicago — falou em voz baixa.

Chicago era enorme, seria como procurar uma agulha no palheiro.

— A má notícia agora. Quer ouvir? — A preocupação estava em cada palavra, isso me pôs precavida.

— Sim. — Engoli em seco. — Pode mandar.

— Disse que o número provém de um local que pertence à máfia Salvatore.

Arfei.

— À máfia? Puta merda! Será que eles…

Ele sacudiu a cabeça.

— Yuri está descobrindo mais. O que fará agora? Não pensa em ir lá, não é? São assassinos!

Seriam inimigos do meu pai? Ou trabalhavam para ele? Achava que Pietro era de uma gangue… E se fosse um mafioso? Meu pai tinha poder demais para ser somente um marginal. Como nunca pensei nisso?

Pietro disse que morava na Rússia. Mentiu quanto a isso? *Não seria a primeira vez*, lamentei em pensamento.

— Assim que sair do restaurante, eu vou para Chicago. Não posso mais me esconder dele. Se for Pietro, eu irei enfrentá-lo…

— E se não for? — Havia medo na voz do meu amigo. Eu também sentia: por mim, por Alex, por Simon e pelas demais pessoas com quem me importava. — Eu irei com você — disse, apertando minha mão.

— Não pode, é perigoso demais… — comecei, mas ele me cortou:

— Acha que vou deixá-la enfrentar tudo sozinha? Sou seu amigo e vou junto. Prepararei tudo. Podemos sair agora ou depois que terminar aqui. — Apontou para o restaurante.

Expirei fundo, me controlando, a despeito de tudo dentro de mim tremer. Queria mantê-lo fora disso, mas conhecendo Simon, sabia que não ficaria.

— Entenderei se preferir permanecer longe, não aceito que corra perigo como naquele dia. Pessoas da máfia são capazes de tudo. — Abracei-o. — Não quero perder você também. Não deixarei que o machuquem mais uma vez por minha culpa.

— Não foi culpa sua, querida. — Alisou meus cabelos. — Você não vai enfrentar sozinha essa porra. Se eu ver seu pai, eu mesmo vou matá-lo.

Ri para romper a tensão e me afastei.

— Amo você, Simon, por isso não quero que enfrente nenhum deles. São letais, não perderiam uma noite de sono por tirar uma vida. — Saí do carro e olhei para ele. — Vou esperá-lo aqui quando acabar, aí vamos a Chicago. Pergunte a Yuri se sabe algo sobre Alex Ferrer; talvez esteja em algum lugar, já que o tio dele é um homem importante, assim como a família do seu amigo.

— Verei o que descubro.

Após Simon ir embora, entrei no restaurante apinhado, me esforçando para não temer o que esperava por mim em Chicago. Não sabia como deixar Simon de fora. Se eu fosse escondida, ele iria atrás de mim.

— Oi, bom que apareceu. A Eliana não veio, então estou sozinha — disse a senhora Daniela.

Ela era a diretora e organizadora daquele trabalho comunitário maravilhoso.

— Tudo bem, é um prazer ajudar.

— Hoje estou muito feliz. Há alguns dias recebi uma grande ajuda, tanto para cá quanto para o abrigo. — Ela parecia eufórica.

— Uma doação? — Fiquei imensamente contente, mas então um pensamento veio à minha cabeça.

— Sim, estaremos bem pelo resto do ano! — exclamou, indo atender mais pessoas que entraram.

Não podia ser… Pietro não era de ajudar pessoas de fora do seu círculo. Bem, talvez eu estivesse desconfiada de tudo — claro, tinha meus motivos para isso.

Por instinto, como sempre fazia, eu percorri a multidão. Pietro apareceu ali certa vez, e eu quase tive uma síncope. Agora, não o via, mas outro homem. Era diferente do restante; em vez de roupas maltrapilhas, usava jaqueta escura, prestando atenção em todos, especialmente em mim.

Chega, pensei. *Acabarei com esta merda já, não vou deixar que controlem minha vida*.

Peguei uma faca na mesinha e saí do restaurante com ela em minha mão. Assim que virei à esquina, notei que estava me seguindo. Eu era idiota por ficar à mercê de um bandido, mas estava sem respostas, não perderia aquela chance.

Alex poderia estar correndo perigo, enquanto eu continuava sem fazer

nada.

Segurei meu medo e tomei o cuidado de não adentrar demais no beco. Parei a poucos metros da rua principal e ouvi que seus passos também cessaram. Tudo em mim gritava para correr, mas me controlei. Virei e me lancei contra ele, imprensando-o na parede.

Coloquei a faca em sua garganta. Não sabia se o tinha pegado de surpresa ou se o cara não podia me machucar — mais provável que fosse a segunda opção. Um homem daqueles era experiente no que fazia, via não só pelos seus músculos, como pelo ar sombrio em seus olhos escuros. Independente do motivo, eu aproveitei.

— Onde ele está? Responda! Para onde meu pai levou o Alex? — Minhas mãos tremiam de raiva. — Se Pietro o machucou, vou acabar com ele e com você.

Estava blefando, não era assassina, mas precisava de respostas. Ele não abriu a boca. Apenas me fitava com os olhos vazios e mortais.

— Estou aqui, Cordeirinha. — Ouvi a voz de Alex perto de mim. Olhei na sua direção, enxergando-o lá, perfeito.

— Alex? — Parecia estar sonhando. Corri e pulei nos seus braços. — Tive tanto medo de machucarem você… — Minha voz falhou.

Deveria perguntar onde ele esteve e o motivo de ter sumido, mas ficara contente demais por vê-lo a salvo.

— Estou bem…

Afastei-me após notar seu tom estranho, como se sentisse dor.

— Alex?

Ele segurava meu braço e, de repente, seus olhos ficaram vagos. Desmaiou, caindo em cima de mim.

— Oh, Deus, não! — Toquei seu rosto desacordado e seu torso. Senti algo molhado na região do peito; tirei minha mão e vi sangue. — Alex, por favor, você não pode morrer…

As lágrimas desciam em tanta abundância que mal o enxergava. Tudo em mim doía pelo medo de perdê-lo.

— Socorro!

— Não grite — falou o cara que me seguiu.

Fuzilei-o.

— Vá para o Inferno — rosnei, pegando meu telefone para chamar ajuda.

— Sem ambulância. — Ele tomou o celular da minha mão. Encaminhou-se até Alex com a intenção de tocá-lo.

Levantei a lâmina na sua direção.

— Não chegue perto dele, ou eu juro que vou enfiar esta faca em você — sibilei.

— Quero ajudá-lo.

— Não se aproxime — rugi. Não sabia como proteger Alex. Uma arma não seria suficiente para lutar contra aquele homem. Fui idiota por pensar diferente. — Vá embora e diga a Pietro que não irei a lugar algum com ele. E se pensar em se aproximar de mim de novo, chamarei a polícia.

— Pietro? Não trabalho para ele — respondeu o cara.

Não acreditei. Se trabalhasse para o mesmo homem que me drogou, eu já estaria morta ou pior. Mas esse cara, apesar de perigoso, não parecia ser como Nathan.

— Cielo, deixe comigo — disse uma voz do meu lado direito.

Encarei o homem e o reconheci como o dono da boate.

— Você? — Voltei a faca na sua direção. — Não chegue perto de nós!

— Precisamos cuidar da ferida. — Ele me avaliava. — Deixe-me fazer isso?

— Por quê? Com certeza deve ser um dos homens do meu pai e só quer terminar o que começou. Por que confiaria em você? — Minhas mãos tremiam. Estava à mercê deles, não tinha para onde fugir.

— Sei que não me conhece, exceto como o dono da boate, mas vou cuidar dele, não temos muito tempo. Alexei pode morrer — falou, parecendo ter toda a paciência do mundo.

Pisquei.

— Você o chamou de Alexei? Como a irmã dele… — Então os dois se

conheciam? Por que ele não me contou?

Subitamente, lembrei que Alex foi chamado à sala de Nikolai na boate, e que ficou lá muito tempo. Preocupei-me à toa.

— Irmã?

Não contaria mais nada, para não perseguirem Irina.

— Não importa, só desejo que Alexei fique bem. — Se fosse para mantê-lo seguro, eu faria qualquer sacrifício. — Irei com vocês e deixarei que o levem, contudo, apenas se me derem uma arma. — Limpei as lágrimas, encarando-o de frente.

Nikolai me avaliou por um segundo.

— Sabe usar uma? — sondou. Após, suspirou. — Tudo bem. — Gesticulou para Cielo. — Entregue a sua para ela.

Não contei, mas sabia usar, sim. Fiz aulas de tiro ao alvo após Pietro aparecer ali. Precisava me proteger caso fosse atacada, mas não consegui comprar uma arma, não queria me tornar como meu pai.

— Sim, chefe — respondeu Cielo, me entregando o revólver. Não reparei na marca ou no calibre; atirando já bastava.

Nikolai se abaixou para pegar Alexei, e por instinto, eu levantei a arma.

— Tudo ficará bem — garantiu, sem temer a pistola apontada contra ele.

— Se fizer algo para machucá-lo, eu vou atirar — afirmei.

Ele assentiu.

— Acredito em você. — Parecia orgulhoso.

Não me importei. A única coisa que queria no momento era que Alex acordasse, e se para isso tivesse de me aliar a estranhos, que assim fosse.



Capítulo 19

Rayssa

Passei a madrugada em claro. Não queria deixar Alexei sozinho com aqueles homens.

Na noite anterior, Nikolai o levou a uma clínica, certamente clandestina, porque não vi ninguém quando entrei, exceto um senhor de cabeça branca, que tomou conta de Alex, cuidando dos pontos que haviam estourado em seu peito.

Era um ferimento de bala. Onde aquilo aconteceu? Quem atirou nele? O tal Nikolai não foi, já que o salvou.

Tinha muitas perguntas ao Alex ou Alexei, fosse qual fosse seu nome, porém, no momento, eu só precisava que acordasse e dissesse que estava bem.

Não vi Nikolai ou Cielo depois que trouxeram Alex até ali, longas horas atrás. Só se apareceram enquanto eu cochilava, porque me vi esgotada demais; tentei segurar, mas não consegui.

Senti dedos em meu rosto, esquadrinhando-o. Era como se eu estivesse em um sonho, se assemelhava ao toque de Alex. Então me lembrei do que

aconteceu.

Abri os olhos, despertando do sono e me ajeitando na cadeira ao lado da cama dele.

— Rayssa? O que está fazendo com isso? — Ele foi pegar a arma da minha mão. — Me deixe ficar com ela.

Olhei ao redor para ver se estávamos sozinhos, e para meu alívio, estávamos. Autorizei que pegasse a arma.

— Meu Deus! Fiquei tão preocupada com você. — Abracei-o, fazendo o possível para não machucar seu peito enfaixado. Beijei-o antes que pudesse me controlar.

— Oh, se for preciso levar tiros para que me beije assim, preciso me ferir mais vezes — gracejou nos meus lábios, com um sorriso no canto da boca.

Encolhi-me. Eu sabia que ele estava tentando me tranquilizar, no entanto, era impossível não me assustar com a possibilidade.

— Não diga isso nem brincando, não sabe o medo que senti vendo você lá… — Comecei a chorar.

Ele me apertou em seus braços e estremeceu, mas não deixou que eu me afastasse.

— Desculpe, Cordeirinha, eu não quis dizer o que disse. — Beijou-me com tanto… *amor*.

Amor? Estaria imaginando coisas? De qualquer forma, aproveitei cada toque carinhoso que tanto adorava. Precisava fazer diversas perguntas, mas queria aproveitar ao máximo aquele instante, esquecendo de onde estávamos e do que enfrentaríamos.

— Tão doce… — Mordeu meus lábios, ao que gemi.

Senti-o ofegante. Sabia que devia pensar nele e na sua ferida, entretanto, ser tocada daquela maneira me fazia esquecer tudo, meus ossos viravam gelatina.

Esforcei-me e me afastei dele.

— Não faça isso. Estou com fome de seus beijos — declarou.

Acariciei seu cabelo loiro bagunçado.

— Por mais que deseje prosseguir, eu não quero que se machuque. — Escorei-me na cadeira, tentando ter alguma coerência. — Precisamos conversar.

Ele suspirou e assentiu, olhando ao redor.

— Sei que tem muitas perguntas, e vou responder a todas. Antes, me diga: por que estava com uma arma?

— Não seguiria aqueles homens se não tivesse como me defender caso quisessem ferir você. — Embora ciente de que não faria muita diferença caso almejassem mesmo nos machucar.

Seus olhos se arregalaram em descrença.

— Pensava em lutar contra eles? — Sua voz se elevou, então tossiu: — Merda.

Toquei seu rosto.

— Fique calmo, não se estresse. Você precisa se recuperar. — Suspirei. — Agora me diga: o que você tem com aquele dono da boate? Por que não disse que o conhecia?

— Nikolai? O que ele lhe contou? — Parecia nervoso.

— O que teria para me dizer? Você foi embora ao receber a ligação de uma mulher, depois falou que voltaria logo, mas demorou dias. No começo, eu achei que tinha me deixado, afinal, não seria a primeira vez. Então recebi a mensagem de Irina e descobri que ela não era sua amante, e sim sua irmã. Isso me fez parar de xingá-lo e querer decapitá-lo.

Ele pareceu aturdido.

— Irina lhe mandou uma mensagem? — sondou, pigarreando. — O que ela disse?

— Aqui. — Compartilhei a mensagem com ele, que ouviu atentamente. — Após escutar isso, tive certeza de que não estavam juntos. Aí veio a pergunta: o que ela quis dizer com “ele foi…”? Pensei em várias coisas. Concluí que você tinha sido sequestrado, a julgar pela preocupação em sua voz. E só conheço uma pessoa que faria isso com quem está próximo demais de mim. — Porém, vendo Alex ferido, tudo indicava que ela quis dizer que

ele havia sido baleado.

Ele franziu a testa.

— Pensou no seu pai? Por isso saiu do restaurante e foi para o beco, sabia que Cielo a vigiava e achou que fosse um homem de Pietro…

— Achei que ele estivesse com você. Agora, eu pergunto: onde estava? Simon e eu planejávamos ir para Chicago hoje, porque soube que a ligação veio de lá, de uma área que pertence à máfia. Assumi que eles o tivessem mantido preso.

Sacudiu a cabeça, descrente e enraivecido.

— Deixe ver se entendi: você fica braba comigo por não ter voltado como prometi (o que só não fiz pois levei um tiro e apaguei por dias), então recebe a ligação da minha irmã e descobre quem ela é, depois pensa que seu pai me levou, e como não sabia onde me achar rastreou o telefone de Irina, soube da máfia e pretendia ir de encontro a ela? — Sua voz subiu duas oitavas. — Ficou louca? E se a machucassem? Já pensou nisto?

Franzi a testa.

— Por que está com raiva? Pensei que tivesse sido sequestrado. Eu iria ao fim do mundo para ter você de volta! Agora vai me dizer por que o chamam de Alexei? E também como conhece esse Nikolai? Ele é o líder dessa máfia Salvatore?

— Como descobriu sobre os Salvatores? — Aparentava ter comido

limão ao evitar as perguntas.

— Um amigo de Simon… — comecei, mas vi que ele estava sentando e removendo o acesso ao soro. — Ei, o que está fazendo? Não pode tirar isso sem falar com o médico.

— Não preciso desta merda. — Retomou o assunto: — E se eles fossem assassinos que matam a sangue frio?

— Claro que são assassinos, são mafiosos! Não me importei, contanto que resgatasse você, assim como não liguei de seguir Nikolai. Eu enfrentaria tudo se, no final, você se curasse. Também achei que fosse pessoal do meu pai, e ele jamais iria me machucar.

Alex riu, amargo, sentando-se na cama com os pés no chão. Sua atenção estava em mim.

— Seu pai também é um chefe da máfia? Um assassino? Já pensou que ele poderia ter matado você? Ou não se importa com a sua vida?

— Para mim, ele era um gângster até ontem. Hoje tenho quase certeza de que trabalha nessa máfia também, talvez seja chefe desse tal de Nikolai…

Interrompi-me com um pensamento: e se não fossem homens do meu pai, mas os que me procuravam para atingi-lo? Fui dopada e, meu amigo, atacado, tudo para que me usassem. E se no final eu tivesse caído em uma armadilha? Caso verdade, o que Pietro fizera para eles me quererem? Não entendia por que salvaram Alex. Bom, talvez por quererem algo de mim; se

Alex morresse, eu não colaboraria.

— Rayssa — chamou, mas mal ouvi. Estava pensando em como toda aquela merda aconteceu, se era verdade ou só coisa da minha cabeça. — Por Deus, Rayssa! — Senti meus braços sendo sacudidos. — Respire fundo, você está em choque.

Antes que respondesse, eu ouvi a porta sendo aberta. Não pensei, apenas agi: peguei minha arma na mesinha onde Alex a tinha deixado. Apontei-a na direção do intruso.

Nikolai franziu a testa para nós dois.

— Nem mais um passo ou eu atiro — rosnei com os dentes cerrados.

Ele não me escutou e continuou a caminhar, então atirei na parede. Fez aquilo para checar minha coragem, por pensar que eu não cumpriria a ameaça. Deixei claro do que eu era capaz.

— Rayssa! — exclamou Alex.

Nikolai parou no lugar sem tirar os olhos de mim.

— Você é um mafioso — grunhi. — Assim como Pietro.

Ele meneou a cabeça de lado, sem medo da arma apontada para si.

— Sou o chefe da máfia russa — respondeu com a voz neutra.

— Conhece Pietro Petrova? — Precisava das minhas respostas, não permitiria que saísse dali sem tê-las.

Ele não respondeu a princípio. Olhou para Alex, que estava calado.

— O que significa tudo isso?

— Responda a porra da pergunta — gritei, dando um passo na direção dele.

— Sim, conheço.

— Trabalha para ele? Por isso está me ajudando? — Respirei fundo.

— Não trabalho para ele, mas prometi que a manteria a salvo. Estou fazendo isso. — Algo brilhou em seus olhos, mas foi tão breve que não pude ler.

— Quanto ao cara que me drogou e ao que matou Luciano, foi você quem cuidou deles? — A minha voz estava falha, logo, pigarreei e repeti: — Foi você?

— Precisava manter a minha promessa — disse simplesmente.

De supetão, a ficha caiu: se meu pai pediu que cuidasse de mim… O solavanco em meu peito poderia ser ouvido à distância.

— Isso quer dizer que ele está… — Não consegui terminar. Ele o fez por mim:

— …morto.

Não entendia o motivo de meu coração ter ficado tão apertado e doído ao saber daquilo. Achei que não gostasse mais dele, após tudo que me fez.

— Pietro morreu? — A minha voz parecia tão vazia como o próprio vácuo.

— Achei que odiasse seu pai. — Nikolai me avaliou. — Pelo jeito, estava errado quanto a isso.

Não respondi à sua especulação, afinal, também imaginei que me sentisse assim. Quem sabe fiquei mal somente porque minha vida, nos últimos meses, virou de ponta-cabeça.

— Você o matou? — Segurei firme a arma.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— E se tivesse feito? Como reagiria?

— Eu o mataria agora — respondi a verdade, preparando o revólver.

Nikolai riu.

— Com certeza estávamos errados ao pensar a abateriam se fosse pega pelos inimigos do seu pai. — Sorriu. — Parece que sabe cuidar de si mesma.

— Matou ou não? — rugi, no entanto, a pistola sumiu da minha mão.

Arregalei os olhos para Alex.

— O que está fazendo? — indaguei, enquanto ele abaixava a arma.

— Você poderia atirar nele sem querer. Não desejo que nenhum dos dois se machuque. — Guardou-a em suas costas.

— Você realmente o conhece!

— Nikolai, me deixe sozinho com Rayssa — ordenou.

Por que ele falaria assim com um chefe da máfia? Além disso, nem armado estava.

— Tem certeza? Essa garota se transformou de cordeiro em uma leoa, pronta para o ataque. — Não foi um insulto, até aparentava orgulho.

— Só vá embora. — Alex suspirou, passando as mãos nos cabelos, sem tirar a atenção de mim.

Estava parada ali quase com medo do que sairia da sua boca, mas carecia da verdade.

Nikolai nos deixou a sós.

— Alex, o que está acontecendo aqui? — perguntei estupidamente.

Ele expirou de modo dolorido.

— O que direi vai machucá-la, mas fique ciente de que isto nunca foi a minha intenção.

— Do que está falando? — sussurrei. Algo me dizia que a coisa não seria bonita.

— Há quase um ano e meio, Pietro nos procurou na Rússia para propor uma aliança. Ele estava com problemas com o irmão dele, Patrick Petrova. Havia uma rixa entre eles, e Pietro sabia que seu fim estava próximo. Por isso, pediu que, se morresse, nós tomássemos conta de você, para que ficasse segura.

— Mas… — Dei um passo para trás, até que senti minhas costas na parede.

— Nikolai é o chefe da máfia russa. Antes que pergunte: há várias

máfias no país, com chefes distintos. Seu pai era um deles, e quando faleceu, deixou seu legado para você…

Sacudi a cabeça com tudo girando dentro dela.

— Para mim? — consegui balbuciar.

— Patrick não ficou feliz por ser você a herdeira. Assim, enviou aqueles caras para drogá-la, e outro para concluir o serviço quando Nathan falhou. — Suas mãos estavam em punhos.

— O que houve com eles? Você falou que apareceu um homem e cuidou de tudo, ameaçando você e Simon caso contassem a alguém. Já Simon disse que você o mandou embora… Mentiu sobre isso? Sobre tudo? — Tentei controlar a dor. — Foi você quem os matou?

— Eles a tocaram, não podia deixar por isso mesmo.

— Nikolai tinha que me proteger, então o enviou…

— Sim.

Com assombro, percebi tudo que ocorreu ali: fui uma peça no jogo da máfia.

— Se me vigia há um ano, por que apareceu só cinco meses atrás? — Não podia deixar a dor me apossar, e sim a raiva; com ela seria melhor de lidar do que com aquela bomba jogada sobre mim.

— O cerco estava se fechando. Nikolai me mandou aparecer e me tornar seu amigo, para levá-la a um lugar seguro sem levantar suspeitas,

evitando usar a força. — Expirou com pesar.

— Como se isso fosse um problema para a máfia. — Ri com amargura.

— Sei que está com raiva…

— Raiva? — esbravejei. — Você se aproximou de mim e me fez… — Sacudi a cabeça novamente. — Como pude ser tão idiota? Como se um dia um homem igual a você teria algo comigo sem querer nada em troca…

Sentia-me descartável, usada, um lixo sem serventia. O pior foi que achei que ele realmente gostasse de mim… Só ficou comigo por conta de uma maldita promessa feita ao meu pai. Eu era um caso de caridade. Ou pior: ele também estava interessado no poder da máfia de Pietro.

— Que porra quer dizer com isso? — grunhiu, a angústia evidente em sua expressão. Entretanto, a minha era pior, tudo por causa dele e de suas mentiras.

— Você me usou! Fez com que eu me apaixonasse, me entregasse pensando que sentia o mesmo. O quê? Também queria a porra desse título que meu pai me deixou? Seu desgraçado, filho da puta! — Cerrei os punhos para não voar em cima dele.

— Quer a verdade? Começou como só mais um trabalho. Conforme o tempo, eu a vi sorrir e toda a sua doçura, logo, passei a gostar de você. — Ele se encolheu. — Nikolai sugeriu que eu me aproximasse e a fizesse se apaixonar por mim, porque assim uniríamos nossa linhagem, os Dragons aos

Petrovas. Por já gostar de você, não aceitei, por isso fui embora naquela semana…

— Pelo visto, mudou de ideia — desdenhei. — A máfia tem tanto poder assim para obrigá-lo a me usar desta forma? — Não queria chorar na frente dele, mas as lágrimas desciam pela minha bochecha. — Não desejo nenhum título. O que Pietro deixou… pode ficar com tudo.

— Rayssa, eu amo você e por isso voltei…

Eu o cortei:

— Não acredito em nada que saia dessa sua boca mentirosa. — Respirava com dificuldade. — Você brincou comigo, sabendo do que eu sentia por você.

Ele ficou de pé.

— Só me ouça… — Veio na minha direção.

— Fique bem longe de mim — rosnei. — Não quero mais vê-lo na minha frente, nem sua maldita proteção.

— Cordeirinha, por Deus, me ouça — repetiu em desespero, segurando o seu ombro machucado.

— É por essa razão que me chama de cordeira? Porque fui idiota ao cair na sua maldita lábia? Porque todos vão me devorar e serei abatida? — lamentei. — Você me destruiu, matou tudo que restava dos meus sonhos.

— Rayssa…

Não ouvi mais nada, me virei e saí correndo daquele lugar, abandonando o que pensava ser real. Tudo não passou de uma mentira. Fui usada pela porra da máfia.



Capítulo 20

Rayssa

— Rayssa, reaja, minha querida — disse Simon, sentando-se na cama ao meu lado e tocando meu rosto. — Não suporto ver você desta forma.

No dia anterior, o meu mundo desabou. Estava ali, destruída, sem saber se me recuperaria. Nunca me senti assim, salvo quando ele desapareceu para ver Irina. No entanto, agora era pior, pois descobrira o verdadeiro motivo para que se aproximasse de mim. Tinha me dado por inteira a ele e fiquei despedaçada.

— Não quero reagir, só me deixe continuar aqui até a dor passar… — gemi.

— Não vou deixá-la se afundar por causa de um idiota que a machucou. — Pegou minha mão e apertou-a.

Estava no canto da cama, encolhida, sem ânimo para nada e com nenhuma vontade de sair dali.

Não conseguia ir para casa, então fiquei no apartamento de Simon.

— Levante-se e se arrume, pois vamos a um lugar — disse, tirando o cobertor de cima de mim.

— Não quero me arrumar, e muito menos sair. — Não tinha para onde ir ou o que fazer.

— Lembra da semana passada, quando eu estava na mesma posição, e você me ajudou a me levantar? Agora é minha vez — falou com confiança.

Sim, o que houve com ele fora mais sério do que o que aconteceu comigo — uma mulher sendo enganada pelo homem que ama ocorre sempre na vida. Esperava um dia superar a dor que Alexei deixou em meu peito.

Pesquisei sobre Alexei Dragon e vi muitas fotos dele nas revistas da Rússia, e até nas dos Estados Unidos, algumas com mulheres altas, loiras e bem elegantes. Eu era nada em comparação: baixa, de cabelos castanhos e não ligava para roupas de grife. *Ficar comigo deve ter sido um sacrifício para ele*. O pensamento me tirou o fôlego por um segundo.

Uma voz masculina me acordou de meus devaneios:

— Garota, você quer ficar aí deitada nessa cama enquanto seu futuro está sendo decidido por um bando de mafiosos? É fraca agora? Por que não levanta e vai enfrentá-los como uma princesa da máfia?

Voltei-me ao rapaz na porta, de braços cruzados. Tinha cabelos loiros e íris claras.

— Yuri? — Sentei-me, estreitando os olhos.

— Sim, sou eu, o cara que rastreou o telefone da irmã de Alexei Dragon. — Sorriu e apontou para mim. — Pretende continuar aí sentindo

pena de si mesma ou vai colocar um vestido e um salto para entrar naquela reunião arrebentando?

Pisquei, chocada. Com tudo o que houve, meu cérebro estava mais lento.

— Que reunião? — perguntei, não gostando daquilo. Yuri estava certo: quem eles pensavam que eram para se meterem na minha vida?

— Está acontecendo hoje, vão decidir o que farão para protegê-la. Buscam alianças para lutar contra Patrick. Entre eles, estão Santiago Marques, da máfia espanhola; Miguel, do cartel dos Lobos Solitários, do México; Alessandro, *capo* da Destruttore; Matteo Salvatore, outro *capo* da máfia italiana, e mais gente. Incluindo, como deve saber, o irmão de Alexei, o chefe da máfia russa. — Ele entrou no quarto.

— Estão procurando alianças para uma guerra? Não entendo, falei a… — respirei fundo para pronunciar o nome dele; mesmo assim, arranhou minha garganta — *Alexei* que era para ficarem com tudo. Eu não quero nenhum poder de máfia alguma.

Yuri riu.

— Não é tão simples, querida. Se fosse, nenhum deles teria vindo atrás de você. Na máfia dos Petrovas há uma hierarquia que nem mesmo Patrick pode colocar de lado. O chefe de tudo controla as pessoas e o dinheiro, mas há um poder maior, os Saints. São uma organização feita para estabilizar as

coisas caso ocorra algo como o que acabou acontecendo; seguem à risca as ordens do chefe. Com a morte de Pietro, ele não deixou o irmão no poder, mas você, então tudo que pertence à máfia dos Petrovas agora é seu. — Ele me olhou de lado. — Os Saints querem você na Rússia para que ocupe o cargo e faço os rituais de acessão ao título.

— Por isso esse Patrick tentou me matar? Para ter o poder para ele? — Fiquei com mais raiva do meu pai. Como ele pôde me enfiar nessa enrascada?

— Ele não pode matá-la, pois precisa que tome posse do cargo primeiro. E tudo que é seu pertenceria ao seu marido também, então ele necessita de você…

Ofeguei com asco.

— Meu tio quer se casar comigo? — Certamente vomitaria se tivesse algo no estômago.

Não conheci nenhum parente do meu pai, nem sabia desse tio até ele ser mencionado.

— Ele não se importa com isso, não liga se é considerado errado o casamento entre parentes. — Bufou com desgosto. — Soube que Alexei está puto, louco para matar o Patrick, por isso a aliança de hoje.

Meu coração balançou com o fato de, mesmo eu não querendo mais ficar com ele, Alexei se preocupar que eu caísse nas mãos daquele louco

fodido. Tanto que estava arrumando uma aliança para ir à guerra contra Patrick.

— Como sabe sobre esse assunto? *Hackeou* eles? — Arregalei os olhos.

Sorriu.

— Não, quem faz isso acaba boiando em um oceano e vira comida de tubarão. Eu sou filho de Dimitri, um dos membros dos Saints.

Ofeguei e encarei Simon.

— Sabia disso? — Não queria que outro cara usasse ele só para me ter por perto.

— Não escondi nada de Simon quando ele procurou ajuda. Claro que não disse quem era quando o conheci, há um ano. Fui enviado para ficar de olho em você, na mesma época em que Pietro morreu e mandaram Alexei — disse Yuri. Voltou-se a Simon. — Precisava ver qual era sua verdadeira intenção; se fosse atingir Rayssa, eu teria que prestar contas, e os Saints interviriam.

Olhei para Simon, inquirindo:

— Como está com tudo isso?

— Bem, eu fiquei chocado no início, mas Yuri explicou direitinho. Entendi sua obrigação. Se ele a protege, é meu amigo — respondeu, calmo.

— Então? Ainda vai ficar aí? — Yuri apontou para a cama. — Ou quer

ver o que eles estão falando sobre você? Pretendem fazê-la se casar.

Fechei a cara.

— Eles não são ninguém para decidir minha vida. — Levantei-me com os dentes cerrados. — Não vou deixar que façam essa merda.

Ele sorriu. O menino era verdadeiramente bonito — “menino” entre aspas, sendo forte e trabalhado em músculos; acreditava que deveria ter minha idade.

— É isso aí! Tome um banho, depois a levarei à reunião. Só quero ver a cara de choque de todos, já que nenhum deles a espera lá. Até desejavam que comparecesse, mas Alexei não a queria por perto. — Revirou os olhos. — Aquele cara é ciumento.

— Tudo bem, mas antes, só mais uma coisa: se sabia que Alexei me vigiava, por que não contou ao Simon ou veio até mim? — Isso me enraiveceu.

— Porque ele estava fazendo um bom trabalho, eliminando quem quisesse machucá-la — disse com um suspiro e olhou o relógio. — Temos que ir logo.

Tinha mais perguntas e as responderia na reunião.

Eu me arrumei e saí do banheiro vinte minutos mais tarde, encontrando os dois de pé, perto um do outro. Trajava um vestido justo com costas nuas e decote em V entre os seios. Meus cabelos estavam soltos.

— Puta merda! — Piscou Yuri, vindo em minha direção e me entregando um anel de ouro traçado com diamantes. — Este é o anel da posse do trono da máfia. Quem é o chefe tem que usar, seu pai o mandou antes de ser morto.

— Não quero ser chefe da máfia. São assassinos, e estou me formando em Direito — sussurrei, vendo o anel que foi do meu pai.

— Você não tem escolha, querida. Se Patrick controlar os Petrovas, não sobrará nada dos Saints e de muitos inocentes no meio dessa merda toda. Quer que paguem por algo que pode ser evitado? O seu reinado será melhor do que o deles.

Desconhecia se aquilo era verdade ou não. O que fazer com toda essa informação? Necessitava de um tempo para respirar um pouco, mas certamente não seria possível.

— Vamos? — chamou ele.

Não queria pensar em guerra naquele momento, embora uma estivesse no horizonte. Como faria para impedir que houvesse uma luta? Seria forte o bastante? Capaz de tomar conta de uma máfia?

Merda, quando pensava que minha vida já era fodida com um pai assassino, não imaginava que me tornaria herdeira de algo assim, responsável por tudo.

— Uma guerra nunca acaba bem, como posso fazer para evitá-la? —

indaguei mais para mim mesma. Estávamos a caminho do estabelecimento onde ocorreria a reunião.

— Não tem como. Você não pode dar o poder a Patrick, seria o nosso fim, aquele homem é um monstro. Já ouvi histórias sobre o que ele faz. — Yuri sacudiu a cabeça, estremecendo. — Pietro tinha uma fama igual, mas a dele se pautava em boatos; jamais faria tanto quanto o irmão.

— Eles não podem simplesmente ir para a guerra, não quero que Alexei ou qualquer pessoa se machuque por minha causa — murmurei, encolhida no banco.

Simon alisou minha cabeça.

— Vamos na reunião para mostrar que você é forte. E seja o que for, estarei ao seu lado — declarou.

— Não, Simon, eles são da máfia, você precisa se distanciar de tudo isso. — Apertei sua mão, com medo de perdê-lo.

— Vou ficar bem. Onde você for, irei junto — prometeu.

Queria dizer que não podia, mas conhecendo Simon, sabia que ele não me ouviria. Eu arrumaria um jeito de protegê-lo, não só a ele, mas Alexei também. Não importava que não estivéssemos mais juntos, eu gostaria que ele ficasse bem.

— Sabe como Alexei se feriu? Com tudo o que houve e o que descobri dele, eu não tive a chance de perguntar. — Pensar nele atingido doía meu

coração, tanto que o sentia parando aos poucos.

Yuri pegou a saída da cidade.

— A irmã dele veio para Dallas, não sei o que houve, mas ela não devia ter saído da proteção dos Salvatores. Irina é casada com Matteo, o *capo*. Alexei a levou embora, porém, foram emboscados no aeroporto e, para protegê-la, ele levou um tiro. Passou cinco dias desacordado em um hospital e teve que ser operado para tirar a bala. — Virou em uma estrada de chão batido. — Assim que despertou, veio direto ao seu encontro. Aquele homem morre por você.

Então Alexei se feriu para salvar a irmã? Meu coração se apertou com o pensamento dele passando tão perto da morte. Não sabia no que acreditar. Será que ele se apaixonou por mim como disse? Tinha medo de confiar e acabar me machucando mais.

— Não gosto de pensar nele se arriscando por mim… Quem os atacou no aeroporto? Foi Patrick?

— Não, os Rodins, uma organização dos piores seres da história, vão de tráfico humano a tráfico de órgãos. São aliados de Patrick, que pretende usar quem está próximo a você, então é melhor se precaver. Essa aliança de hoje lhe dará cobertura, assim espero. — Yuri me olhou pelo retrovisor. — Fique perto de mim na festa, ou de Alexei, sei que ele irá protegê-la.

— Ela pode confiar nele? Afinal de contas, o maldito a deixou com um

coração partido. — Simon trincou os dentes.

— Alexei é um homem leal à família, cumpre ordens. Não era para ser assim. Quando os pais dele foram assassinados, era para ele ter assumido o cargo de chefe, mas por alguma razão, passou para Nikolai, e por muitos anos foi tachado de fraco. No entanto, o homem é um verdadeiro executor, e braço direito do irmão — Yuri explicou. — Teve seu caminho até chegar aqui, tornou-se impiedoso. Ele não queria tomar conta de você; acho que, no fundo, já sabia que, após esse trabalho, não seria o mesmo homem, por isso lutou contra.

— Você parece conhecer todo mundo. É amigo deles? — Se Alexei não queria o trabalho, eu começava a entender sua hesitação em ficar comigo no início. Mas saber a verdade não significava que doía menos.

E os pais dele foram assassinados… Quando conversamos, disse apenas que sofreram um acidente.

— Sou amigo de Stefano, o irmão caçula da máfia Destruttore, e de Luca, o primo do *capo* Salvatore. Também sou um bom pesquisador quando quero descobrir algo, os Saints têm ouvidos em todos os lugares. — Piscou para mim e parou na frente de uma mansão.

Já eram quase sete da noite, as luzes do lugar estavam acesas, refletidas no lago ao fundo da propriedade. Uma visão deslumbrante.

— Uau! Isso que é casa! De quem é? — Simon, maravilhado, tirou as

palavras da minha boca.

— Alessandro, o *capo* dos Destruttores. — Desligou o carro e olhou para mim no banco de trás. — Está pronta para enfrentá-los?

Não achava que sim, mas não tinha muito tempo para me preparar.

— Só mais uma coisa: se você segue ordens desses Saints, por que não me leva direto a eles, em vez de me trazer aqui? — A organização trabalhava para os Petrovas, sendo encarregados de cuidar do chefe, ou seja, era para ele estar louco para que eu tomasse posse logo.

Yuri suspirou.

— Os Saints estarão aqui e participarão da sua proteção também, além de se oferecerem para cuidar da sua ascensão. Espero que aceite isso, porque será bom para todos da nossa raça. Agora vamos entrar. — Ele saiu e veio abrir a porta para mim. — Hoje serei seu namorado.

Arregalei os olhos.

— Espere, namorado? — Virei minha cabeça para Simon. — Não posso.

— Relaxe, vai dar tudo certo. — Simon pegou minha mão. — Só não deixe que Alexei o mate. Não estou hiperbolizando… Ele é um executor, tomem cuidado.

Um assassino da máfia… Fazia sentido ele me falar que não tinha alma. Mesmo com isso em mente, eu acreditava que tivesse uma, ou ele não teria

me protegido.

— Que bom que se preocupa comigo. — Yuri sorriu e foi até Simon. — Saiba que tudo o que eu fizer com sua amiga, será pensando em você.

Antes que Simon abrisse a boca, Yuri o beijou por um segundo, pegando-o desprevenido. Depois, afastou-se, fazendo Simon corar.

— Vamos entrar. — Yuri segurou minha mão para seguirmos.

Franzi a testa.

— Simon não vem?

— Ele não pode. Só quem pertence à máfia tem como entrar, é a regra que Alessandro impôs.

— Mas…

Simon caminhou até mim e me abraçou.

— Ficarei bem, não se preocupe. — Dirigiu-se a Yuri: — Não deixe ninguém pisar na minha garota, ou juro que acabo com eles. — Sua ferocidade me comoveu. Não queria abandoná-lo, mas não possuía escolha.

Entramos na casa. Para tanto, precisei mostrar o anel que pesava em meu dedo mais do que chumbo, e Yuri uma tatuagem de caveira trançada com alguma espécie de corda ou cipó.

Adentramos uma sala imensa e branca, com um lustre enorme no teto.

— Ela devia estar aqui — disse uma voz desconhecida. — A garota precisa ocupar o cargo ou…

— Ou o quê? Meça as palavras antes que eu o faça comer sua língua — replicou Alexei.

Respirei com dificuldade ao ouvi-lo tão furioso.

— Não ia desrespeitá-la, só estou dizendo que ela deve fazer a ascensão logo, como ditam as regras da máfia deles — interveio o cara num tom tranquilo.

— Você não entende. Ela não é uma assassina, não poderá lutar com os convocados e matá-los para ocupar o cargo de direito — exasperou-se Alexei.

Arfei, e foi alto, porque todos no lugar viraram a cabeça na minha direção.

Havia uma mulher loira de olhos azuis perto de Alexei. Ela segurava seu braço, como se para controlar sua fúria. Não sabia quem era, mas, naquele instante, se tornou o menor dos meus problemas.

— Rayssa… — Li seus lábios.

Olhei ao redor pelo local repleto de homens com ternos e mulheres em vestidos elegantes.

— Pessoal, eu tenho o prazer de apresentar a vocês Rayssa Petrova, a princesa da máfia, a primeira mulher a tomar conta de um legado Petrova — disse Yuri, apertando minha mão.

Estava chocada demais para falar algo, depois do que ouvi ali. Matar?

Não faria aquilo, não me tornaria uma assassina como meu pai.

— Essa é a garota de Pietro? — comentou um cara alto, me avaliando ao se aproximar. Meu corpo endureceu. Acho que ele viu a reação, porque parou. — A menina não servirá para reinar.

Estreitei meus olhos, despertando do choque.

— E você serve? — retruquei, não ligando para quem ele era. — Não conheço nenhum de vocês, assim como não me conhecem. Ninguém aqui sabe de nada para me julgar. Não têm o direito de decidir minha vida sem falar comigo. — Cerrei os punhos. — Faço dela o que bem entender.

— Você é bocuda! Não aceito sequer uma palavra vinda de uma mulher. — Sorriu um cara que tinha uma cicatriz no rosto. — Vadias como você só têm um propósito: manter a cama do seu marido quente. Espero que eu seja esse cara para lhe ensinar a respeitar um homem.

— Ele já era — ouvi Yuri dizer.

Antes que me recuperasse da ofensa, um Alexei furioso se lançou contra o indivíduo e o derrubou no chão com um soco que o deixou sem ar.

— Vou mostrar a você quem é a vadia que vai aquecer sua cama. — O asco e a fúria eram evidentes em sua voz. Puxou uma faca das costas e passou na garganta do homem, espalhando sangue para todos os lados ao pegar o objeto de volta.

Eu estava em choque e com os olhos arregalados. Armas foram

apontadas, nem deu tempo de gritar para impedir que algo ruim acontecesse.

— Tem mais alguém aqui que pensa como Frizer? Se tiver, eu vou adorar mandá-lo para o Inferno também. — Alexei se levantou cheio de sangue nas mãos e, provavelmente, na roupa preta (devido à cor escura, eu não saberia afirmar com precisão).

Surpreendi-me com a coragem dele diante de várias armas prontas para disparar. Eu estava chocada por vê-lo naquela posição de assassino, mas o fizera para me defender de um idiota machista que achava que uma mulher só servia para foder.

— Abaixem as armas — ordenou um cara de cabelos pretos e olhos escuros. — Falei que Frizer acabaria morrendo por sua boca grande. — Ele olhou para Alexei. — Não vou atacá-lo agora, entendo seu lado; defendeu sua mulher.

Ia dizer que não era mulher de Alexei, contudo, resolvi deixar quieto, ou ele acabaria matando de novo por minha causa.

Enxergar tanto sangue no chão me fez estremecer e minha cabeça girar.

— Haverá uma ascensão ainda hoje, está pronta para isso? — perguntou um homem de cavanhaque e bigode.

Meus olhos ficaram grandes.

— Rayssa não vai matar ninguém, Dimitri — rosnou Alexei, limpando sua faca na roupa do defunto. Não vi arrependimento nos olhos dele, mais

escuros ao fuzilar o homem. — Eu farei por ela.

— O quê? — Minha voz saiu estrangulada.

Não respondeu, apenas encarava o tal Dimitri e mais três homens atrás dele.

— Vocês são os Saints, isto é, responsáveis pelo novo chefe dos Petrovas. Não querem Patrick no comando, e sim Rayssa, mesmo sabendo que ela não conseguirá levar uma nação nos ombros. Logo, terão uma escolha: livrem-se dessa regra de assassinato para usufruir do poder…

— Não faremos isso. Regras são regras, não podem ser quebradas — falou Dimitri.

Alexei assentiu.

— Então terão de me aceitar como o marido dela, que governará os Petrovas, porque não há a mais remota possibilidade de eu deixar que mate alguém.

Dimitri o avaliou. Acho que ele era o chefe.

— Podemos aceitar, sim. Mas o que estaria disposto a sacrificar por ela? Se você só se casar, poderá opinar, no entanto, todas as decisões pertinentes aos negócios serão de Rayssa, que usará o anel. Porém, se fizer a ascensão, você governará tudo. Mas, para isso, precisamos que seja leal a nós.

Sacudi a cabeça, aturdida.

— Alexei…

— O que preciso fazer? — Ignorou-me.

— Conseguiria dar adeus à sua origem? — Dimitri apontou para Nikolai e a loira. — Quem importa mais para você? Sua família ou a herdeira?

Os olhos dele se arregalaram.

— Você está dizendo que, para eu cuidar de Rayssa e representá-la na ascensão, terei de abandonar quem eu sou?

Dimitri assentiu.

— Sim, o seu nome. Eu não posso deixar que uma pessoa que não seja um Petrova tome conta de nossa herdeira e ascenda à posição de chefe. Sua lealdade precisará estar conosco, e não com outra máfia.

Alexei arfou e mirou sua família. Enxerguei a dor estampada em seu rosto.

— Não posso dar esse cargo a alguém? Como você. — Olhei para Dimitri, e depois a Yuri. — Ou você?

— Não, a chefia é intransferível. Mas seu companheiro poderá tomar decisões em seu lugar.

Não aceitaria que Alexei aceitasse aquilo; ele amava sua família. Eu teria que fazer o impensável, não podia fugir. Como eu lidaria com o fato de tirar uma vida?

— Tudo bem, eu faço — dizer essas palavras foi como matar quem eu era. Não sabia se seria capaz de cometer um assassinato para tomar conta de uma máfia.

Dimitri sorriu.

— Ótimo…

— Espere… — falou Alexei, dando um passo na minha direção.

— Alexei, não faça isso — ouvi Nikolai ordenar.

Ele parou e sorriu para o irmão.

— É preciso! Eu não posso deixar que ela o faça.

— Alexei, não! — Fui até ele e peguei sua mão.

Sorriu para mim; após, voltou-se aos demais:

— Podem marcar a data e a hora — disse com confiança.

— Amanhã, ao raiar do dia. — Dimitri assentiu. — Deixarei tudo preparado.



Capítulo 21

Rayssa

Eu ainda estava em choque pelo que Alexei teria de renunciar por mim.

Ele me puxou para um quarto após falar com os Saints e seu irmão. Não impedi que me levasse, porque não queria; ali, percebi o que ele sentia e o que era capaz de fazer para me ajudar. Não fora fingimento para conquistar o poder. Desobedeceu até Nikolai!

Pelo que descobri e Yuri me contou, Alexei era um homem que amava sua família, inclusive se feriu por sua irmã. E não me referia só à de sangue, como à máfia também. Era imenso o sacrifício que faria ao renunciar ao seu nome.

Não reparei no quarto e na mobília quando entrei com ele, mas sabia que era elegante, já que tudo ali gritava luxo.

— Alexei, você não pode renunciar à sua vida por mim — sussurrei, encolhida.

Ele me olhou.

— Não estou renunciando à minha vida, porque ela é você. — Notei que ele não se aproximou, mas podia sentir o cheiro de sangue em sua roupa,

do homem que matou para me proteger. — Você vale qualquer sacrifício, andaria em brasas se significasse manter sua alma pura.

Fiz uma careta.

— Minha alma não é pura. Você não pode protegê-la disso que Pietro me impôs, e eu não posso deixar que desista de tudo que é importante. Não permitirei que mate em meu lugar.

— Lembra quando você me disse qual era seu sonho? Proteger todos, ser advogada e colocar os bandidos na cadeia? Sabe o que é para uma pessoa que pensa assim tirar uma vida? O trauma que acarretaria? — Ele sacudiu a cabeça, indo para o banheiro. — Farei tudo para impedir que a escuridão entre em você.

Ri sem emoção, indo atrás dele.

— Não é sua obrigação. — Parei na porta do banheiro, vendo-o sem camisa. Havia sangue em seu peito. Corri até ele. — Você está bem?

— Estou. O sangue não é meu, mas daquele imundo que está no Inferno agora. — Observava minhas mãos na sua pele. — Você não surtou com o sangue e nem com o que eu fiz… Deveria ter controlado meu impulso, mas não consegui, não depois do que aquele filho da puta disse sobre você.

— Acho que você devia fazer ioga; ouvi dizer que ajuda. — Sorri. — Deixe-me limpá-lo.

Ele concordou.

— Há panos na gaveta de baixo. Vi Irina mexendo ali.

— Irina é aquela loira de olhos azuis? — Havia mais mulheres lá, mas reparei apenas nela, que estava perto dele.

Ele sorriu, amoroso.

— Sim, a minha irmã caçula. — Sentou na cadeira enquanto eu olhava para a cicatriz, onde antes havia os pontos; agora, o local estava apenas rosado.

— Foi tão perto daqui… — Segui a linha do peito, bem acima do coração. — Você poderia…

Ele tocou meu rosto.

— Está tudo bem — falou tranquilamente. — Tudo dará certo.

— Não está nada bem, você não pode lutar assim, ferido — murmurei. — Deixe-me fazer…

— Não estou ferido. Já melhorei. E você não fará o que eles querem. — Seu tom foi decisivo. — Vou lidar com a tarefa, seja ela qual for. Não mancharei sua alma, Cordeirinha.

— Não iria manchar nada — menti. Ele sorriu, sem acreditar em mim. Resolvi mudar de assunto. Eu daria um jeito de impedir que ele se machucasse e aquela guerra acontecesse. — Por que me chama de Cordeirinha? É por me achar frágil e acreditar que me amava, sendo que você conseguiria ter todos os tipos de loiras elegantes e lindas?

Arqueou as sobrancelhas.

— Pesquisou a meu respeito? — Sua voz se tornou aguda.

— Sim, e foi muito ruim. Vi os tipos de mulheres que teve. Não entendi por que ficou comigo, se sou tão diferente delas. — Evitei fitar seus olhos ao passo que fazia o trabalho.

— Primeiro: chamo você de Cordeirinha porque é linda e tem uma alma pura, por isso a amo. Segundo: eu poderia sim transar com várias mulheres, mas nenhuma delas é você. Rayssa, eu me apaixonei desde que a conheci, mas nos tornarmos amigos e convivermos foi o que me fez amá-la. Você se tornou minha vida inteira. — Ele colocou a mão sobre a minha, então encontrei seus olhos. — Dimitri me perguntou o que sacrificaria por você… Não podia responder no meio dos outros, pois seria um gesto de fraqueza… Mas eu sacrificaria tudo.

— Demonstrar seus sentimentos é fraqueza? — Bufei. — Acha que sou fraca também? Todos naquela sala pensam isso, apenas por eu ser uma mulher.

— Eles são uns idiotas, não ligue. Eu não acho você fraca. Na verdade, você é bem forte. Perdeu sua mãe e continuou lutando, trabalha para não precisar do dinheiro do seu pai, pensa nos outros para depois pensar em você; isto é uma coisa maravilhosa. Farei de tudo para que não perca esse seu lado. Você é uma mulher apaixonada, uma que deixa todos de joelhos — declarou

com afinco. — Até um monstro como eu.

— Você não é um monstro. — Fui firme. — Monstros não salvam pessoas, eles as destroem. Monstros não amam, eles odeiam. Monstros não se sacrificam por ninguém.

Terminei de limpar o sangue no peito e depois fui para a sua barriga.

— Eu mato pessoas, espanco, mutilo, faço qualquer coisa pelo meu povo e não me arrependo de nada. Nunca me arrependi, desconheço este sentimento. — Expirou, como que para se controlar. — Poderia me arrepender de ter me aproximado de você como uma tarefa no começo, mas se conseguisse voltar atrás, eu faria tudo de novo, ou nunca a teria conhecido e me apaixonado perdidamente.

De uma coisa eu tinha certeza, a despeito da confusão de sentimentos me invadindo: não seria capaz de ficar longe dele, mesmo que fosse o certo. Talvez pudéssemos ter aquela noite como despedida.

Despedida… Pensar em tal palavra abalava meu peito.

— Se me ama, por que não foi atrás de mim? Eu saí daquele hospital e você não me procurou. Caso eu não tivesse vindo aqui, não o veria de novo? — Minha voz falhou.

— Porque ouvi meu irmão. Ele é casado, tem mais experiência do que eu em se tratando de relacionamentos. Nikolai disse que era para eu lhe dar um tempo para digerir tudo que descobriu. — Levantou-se com as mãos na

minha cintura. — Poderia dizer que não queria você neste meu mundo, que a deixaria seguir sua vida sem mim, mas sou egoísta demais para isto.

Quem sabe devesse ficar grilada por esse seu pensamento, mas, na verdade, adorei descobrir que ele não queria me deixar escapar. Na hora estava com raiva, mas passei a entender seu lado, e o que ele faria no dia seguinte mostrava o quanto me amava.

— Você diz que não tem capacidade para sentir remorso e fazer sacrifícios…

— É verdade, exceto com Irina e Nikolai — disse. — Mas, com você, eu sinto tudo: culpa por feri-la, medo de perdê-la, dor quando a vejo chorando…

— Então realmente gosta de mim. — Segurei sua cintura também.

— A palavra “gostar” subestima o que sinto. — Beijou minha bochecha. — Eu amo você como nunca pensei ser capaz de amar alguém.

O meu coração parecia querer explodir com aquela declaração, batia tão forte que quase daria para ouvir a quilômetros. Joguei meus braços em volta do seu pescoço e o beijei com um prazer faminto.

— Estava com saudades de seus beijos, de tudo em você. — Sua língua acompanhou cada canto da minha.

Gemi e devolvi à altura, mas então me lembrei que ele tinha sido baleado há uma semana.

— Você está bem para isso? Se quiser, eu posso esperar até ficar cem por cento curado. — Comecei a me afastar, mas Alexei não deixou.

Sorriu.

— Oh, espero que me cure. — Seu hálito quente banhou meu rosto.

Podia sentir sua excitação, similar à minha. Estava louca para matar aquele desejo que só ele causava em mim. Parecia fazer anos desde a última vez que ficamos juntos, e não uma semana.

— Alexei, eu estou falando sério…

— Estou bem, agora só quero você nua onde eu possa devorar todo esse corpinho lindo. Vou degustá-la com prazer. — Puxou-me para o quarto. Ficou atrás de mim, beijando a minha pele e tirando o meu vestido. — Não sabe a minha vontade de cortar as mãos de Yuri por terem tocado no que é meu. — Puxou meu cabelo para trás. — Você é minha.

Respondi com fervor, entre gemidos:

— Cada pequena parte.

Beijou meu pescoço, acelerando minha pulsação. Terminou de tirar meu vestido, que caiu no chão, me deixando nua.

Alexei me examinava. Juro pelos céus: seus olhos eram como um *laser*; onde pegavam, me incendiavam.

— Nua? Só espero que não tenha vindo assim para outro cara — grunhiu.

— A calcinha marcaria o vestido. — Ri do ciúme dele; não entendia, mas gostava. — O único homem que quero que me veja assim está aqui na minha frente.

— Fico lisonjeado por ser o único a ver essa obra de arte. — Aproximou-se e depositou um beijou em ambos os meus seios.

O calor encheu minhas bochechas.

— O segundo — destaquei.

O olhar quente dele foi substituído por algo letal, então me apressei em explicar:

— Uma vez, eu estava tomando banho quando vi uma aranha. Na hora gritei, então Simon entrou no banheiro e a matou. — Dei de ombros. — Não é como se tivesse algum efeito nele, já que ele gosta da mesma coisa que eu. — Comi seu corpo com os olhos.

A sombra sumiu de sua face, e logo um sorriso brotou em sua boca linda.

— Então você tem medo de aranhas? — Parecia divertido. Gostava de vê-lo assim.

Estremeci.

— Sim, são peludas e cheias de pernas. — Alisei seu peito, descendo os dedos na direção da calça social. — O ciúme também é novo para você.

Já tínhamos conversado sobre aquilo antes, ao me ver dormir na cama

de Simon.

Ele foi desabotoar a sua calça, mas tirei sua mão e fiz o trabalho. Isso o levou a rir.

— Uma das piores emoções que já senti — confessou. — Seja como for, estou adorando cada segundo, porque tenho você.

Beijei seu peito, acima da cicatriz rosada, agradecendo a Deus por tê-lo salvado da morte.

— Rayssa. — Engoliu em seco.

— Comigo não precisa ter ciúme, sou somente sua e serei até morrer…

— Ninguém nunca lhe causará mal, porque eu a protegerei com a minha vida. — A verdade estava em cada palavra.

Aquele era o meu medo, pois estava ciente de que Alexei o faria. Até iria para a guerra, uma que eu pretendia evitar.

Parei de pensar naquilo e foquei no momento. Fui ficar de joelhos na frente dele, contudo, segurou meus braços, impedindo-me.

— O quê?

Alexei me puxou para a cama. Deitei-me sobre ela, ainda comovida com o que dissera. Nu, colocou-se ao meu lado. Do seu pênis saía pré-sêmen, me deixando faminta de volúpia.

— Por mais que adore a ideia de ter sua boca linda em volta do meu pau, isto vai ter de esperar. Agora só quero saborear esse corpo que tanto

adoro. — Pairou em cima de mim e beijou meus seios com ternura a princípio, depois os lambeu e os chupou com uma fome que me fez gritar.

— Alexei, por favor… — clamei, querendo mais dele do que apenas sua boca.

— O que deseja, minha linda? — Mordiscou meu peito, ao que gritei. Então me lembrei de onde estávamos e de quem poderia me ouvir, e segurei um gemido.

Gritar com a casa cheia de mafiosos assassinos não era bom. Eu devia me preocupar com isso, mas o pensamento se perdeu quando a boca dele foi parar entre as minhas pernas.

— Puta merda… — Arqueei o corpo, querendo mais. Como não era o suficiente, minhas mãos foram para sua cabeça e o prensei em meu sexo latejante.

Trinquei os dentes para não berrar enquanto sua língua devorava cada canto de mim, me levando às nuvens. Sexo oral com aquele homem era arrebatador.

— Quero ouvir seus gritos, mas vou me contentar com os gemidos. Eles são música para os meus ouvidos. — Enfiou dois dedos em mim e, com o polegar, circulou meu clitóris, me trazendo outro orgasmo.

Antes que eu recuperasse o fôlego, me beijou.

— Está sentindo este gosto? Não posso mais ficar sem ele — rosnou,

colocando a camisinha e se posicionando entre minhas pernas. Senti a cabeça de seu pau na minha entrada. — Se não estiver pronta, eu posso parar.

Por isso eu o amava, seu cuidado comigo. Estava pronta.

— Alexei, eu quero tudo com você. — Beijei-o, mostrando o que sentia e não conseguia expressar em voz alta.

A cada centímetro adentrado era como se estivesse tomando minha alma, me completando e me preenchendo de júbilo. Por aquele homem, eu seria capaz de tudo, então aproveitaria ao máximo. Estar em seus braços e sentir o seu amor eram experiências das quais eu me lembraria para sempre.

— Nunca me senti tão feliz como neste instante. — Alisei seu rosto, memorizando cada detalhe.

— O primeiro de muitos — assegurou.

Queria poder dizer o mesmo, mas não conseguia, não quando precisava evitar uma guerra e impedir que Alexei se machucasse por minha causa.

A última noite… Pensar naquilo fazia meu coração sangrar.

Esqueci meus problemas pelo resto da madrugada e aproveitei cada segundo. Nossos corpos se movimentavam em sincronia, me levando à beira do orgasmo. Ele falava em russo palavras suaves e comoventes.

— Meu mundo, minha alma. Por você, eu derrubaria e enfrentaria o Céu e o Inferno — declarou nos meus lábios. — Eu a amo.

Isso era o que temia, pois sabia ser verdade. E justamente por esta

razão, partiria para uma vida cheia de solidão longe dele. Pela primeira vez, não queria que o amanhã chegasse.



Capítulo 22

Alexei

Dizer a verdade à Rayssa era a coisa certa a se fazer; não podia deixar que aquela situação de mentiras prosseguisse. Então revelei tudo, com a esperança de que, no final, ela me perdoasse. Entretanto, não saiu como o planejado. Ela foi embora sem ao menos me ouvir. Teria ido atrás assim que saiu, mas escutei Nikolai, que me falou para dar um tempo. Foi o que fiz.

Olhando para ela ali, dormindo nos meus braços, após tê-la ontem à noite da forma que sonhei há muito tempo, percebi que ela valia à pena. Eu até desistiria do que era importante para mim.

Na hora em que Dimitri, o membro dos Saints, me disse o que eu precisava fazer se quisesse integrar a máfia dos Petrovas e comandá-la, para evitar que Rayssa o fizesse, eu não tive nenhuma dúvida, embora doesse fundo, pois Nikolai e Irina, assim como os outros da nossa família, sempre foram tudo para mim.

Todavia, Rayssa era meu princípio, meio e fim, da qual não podia viver longe, muito menos deixar que matasse alguém para participar da iniciação. Isso a destruiria.

Quando eliminei Frizer por falar demais, até pensei que ela fosse me olhar torto e não aceitar a minha verdadeira origem. Entretanto, no final, eu a tive em meus braços e agora não a deixaria escapar.

Alisei seu rosto, esquadrinhando a pele macia que tanto adorava. Ainda custava a acreditar que ela estava ali e que a teria para sempre.

Já fiquei com várias mulheres, ouvi que elas me amavam, mas eu nunca pude corresponder, porque não sentia isso, aliás, desconhecia tal sentimento até conhecer Rayssa. Não foi o calor do momento. Era o que estava dentro dela que me fez dizer que a amava. Foram palavras verdadeiras, e eu que queria tê-las ouvido de volta.

No entanto, após abrir meu coração, Rayssa não respondeu conforme o esperado, mesmo que eu sentisse que ela me amava. Não teria como mentir, podia ver nos seus olhos. Mas, então, por que não se permitiu compartilhar comigo?

Senti que havia algo acontecendo com ela… Seria pelo que eu era? Pelo que eu fizera, matando aquele cara na sua frente? Seus sentimentos por mim bastariam para que me aceitasse como um mafioso?

O meu coração doía, parecia ter levado um soco, pior que a bala que recebi em meu peito. Torcia para que aquilo fosse só coisa da minha cabeça.

Estava quase amanhecendo. Eu não pegaria no sono de novo, porque me sentia inquieto e inseguro. Isso me deixava louco.

— Achei que as coisas tinham se resolvido entre vocês, já que sumiram para o quarto e não voltaram à reunião — disse Nikolai, sentando-se do meu lado na varanda dos fundos.

A reunião acabara, mas não liguei muito para o resultado, porque deveria ter saído conforme os planos, do contrário, meu irmão arrumaria um jeito de me dizer.

— Tem algo acontecendo com Rayssa. — Entornei um gole grande da bebida.

— Errado? O que você quer dizer? Ela está doente? — Parecia confuso.

— Me declarei a ela esta noite — falei enquanto olhava o lago. Não foi a primeira vez, porque também tinha dito quando revelei a verdade, mas hoje mais cedo foi diferente, já que estava dentro dela.

— Merda! Acha que Rayssa não sente o mesmo? Vi como ela ficou quando estava machucado, isso ali era amor, Alexei.

Sabia que Nikolai tinha razão, sentia isso com ela, mas queria ouvir da sua boca.

— Eu sei que ela me ama também, mas tenho a sensação de que algo aconteceu… — Respirei fundo. — Isso está me deixando louco.

Ele assentiu e ficou calado por um segundo.

— Mudou de ideia quanto à cerimônia de ascensão?

Teríamos de falar sobre isso em algum momento: primeiro, porque

tomei a decisão sem conversar com ele; e, segundo, porque não mudei de ideia.

— Não, por ela faço tudo. Lamento não tratar com você antes, não posso deixar que ela lute com assassinos e os mate. Acabaria com Rayssa. — Suspirei. — Ela trabalha de voluntária em abrigos, porra, como uma pessoa assim seria capaz de matar alguém?

— Verdade, eles bem que poderiam abandonar essa coisa toda. Rayssa já é uma Petrova, deveria só assumir o cargo — disse Nikolai. — Mas Alexei, você está ciente do que irá renunciar? Todos na Rússia são contra, porque pensam que você está saindo da nossa família para sempre, tudo por causa… — Virei para ele com os punhos cerrados. — São palavras deles, não minhas — apressou-se em explicar. — Faria o mesmo por Samira.

— Me casar com ela é um sinal de fraqueza? Não são aqueles merdas que queriam que eu me aproximasse de Rayssa para formar uma aliança? — rosnei.

— Sim, para uma aliança, mas não para assumir seu lugar na ascensão, matando por ela — interveio. — Vou para a Rússia hoje, ver o que o conselho tem a dizer.

— Seja qual for a decisão, eu quero saber. Não posso deixar que nada a atinja…

Se algum deles ousasse tocá-la, dizimaria todos.

— Você precisa ir junto e mostrar seu lado. Kriger estará esperando por nós. Não posso fazer nada se você não estiver lá para elucidar suas razões.

— Não deixarei Rayssa…

— Então a leve conosco, mas você precisa estar lá, Alexei — reforçou, enfiando as mãos nos cabelos. — Arrume uma desculpa sem ser por amor.

— Os velhos deveriam cuidar da vida deles, em vez de se meterem na minha. Não bastou perseguirem você? Agora vieram para mim só porque decidi ser um Petrova? — Passei a mão no rosto, frustrado.

— Vamos lidar com isso juntos, como sempre. — Nikolai levantou o copo. — Defendendo um ao outro.

— Sempre — jurei. — Irei com você e mostrarei a eles a minha fraqueza. Não quero que Rayssa fique sabendo das consequências da minha decisão.

— Tudo bem. — Pausou, reflexivo. — Quem diria que hoje estaríamos aqui falando de nossas mulheres? Se alguém cogitasse isso no passado, eu morreria de rir.

— Teria feito a pessoa engolir as palavras, isso se não agisse de modo pior. — Ri, sacudindo a cabeça. — Até um tempo atrás, eu o acusava por me meter nisso, mas agora não consigo pensar assim. Nunca me arrependerei de Rayssa.

— Penso o mesmo de Samira, e, no seu lugar, também a protegeria —

disse. — Poderia revelar o que está arriscando por ela… Aposto que seja lá o que estiver incomodando a menina, isto passará.

Sacudi a cabeça.

— Não, Rayssa não pode saber que meu povo considerará uma traição eu me tornar um membro da família dela. — Expirei para me controlar. — Lidarei com tudo sem que ela descubra e se preocupe.

— Como quiser, estarei do seu lado — prometeu. — Agora o que fará em relação à sua garota?

Sorri, amargo.

— Estava esperando você me dizer, afinal, tem uma esposa, então entende melhor as mulheres.

Nikolai riu.

— Sei o que Samira quer, é a única que importa para mim. Não realizo desejos alheios. — Tocou meu ombro. — Acho que o tempo é bom, dê isso à Rayssa.

— Merda! O mundo deve estar girando ao contrário. Estou aqui pedindo um conselho ao meu irmão caçula… — Bufei, secando meu copo de bebida e me levantando.

— Se realmente o amar, ela aceitará quem você é — garantiu-me.

— E se Rayssa não conseguir? — Não podia pensar naquilo no momento. Não estava gostando da vulnerabilidade na minha voz. — Agora

vou vê-la. — Saí da varanda, mas antes de entrar na casa, eu olhei para o meu irmão. — Estarei do seu lado quando enfrentar o conselho, não deixarei que se prejudique por minha causa. — Isso era verdade. Meu irmão fez muito por mim e ainda faria se fosse preciso, assim como eu por ele.

Entrei no quarto, louco para ficar ao lado de Rayssa e contar que precisávamos ir à Rússia — claro que não diria o que realmente faríamos lá. Não obstante, me deparei com uma cama vazia.

Essa merda não estava boa! Não podia viver com medo de ela ir embora a qualquer instante. Se eu arriscaria o meu pescoço, precisava ao menos saber que ela valeria o esforço. Queria que me deixasse entrar.

Fui ao banheiro e não a enxerguei. *Ela foi atrás de mim ao acordar e não me viu ali*, pensei. Era melhor supor isso, mas meu peito pulava e palpitava como um tambor.

Estava a ponto de ir atrás dela, porque não queria que ninguém fizesse algo que me obrigasse a matar de novo, mas antes de sair, eu vi uma folha em cima da cama.

Minhas mãos tremiam quando peguei aquilo, como se fosse veneno e pudesse me ferir com um mero toque. Independente do que estivesse escrito, algo dentro de mim prenunciava que não gostaria do conteúdo.

Segurei a *coisa* como se queimasse minha mão.

Alexei,

Sou péssima com despedidas, por isso, resolvi escrever. Achei melhor do que sumir sem dar qualquer explicação, assim como você fez uma vez — não é uma acusação, porque isto já passou.

Agora entendo seus motivos para se manter longe, você apenas queria que eu não sofresse. Preciso que saiba que, a despeito disso, sou eu quem não consegue o deixar triste.

Se você se machuca, eu sinto a sua dor; se chora, eu tenho vontade de chorar também; e se estivesse indo para a morte, eu definitivamente não permitiria.

Por isso, vou embora, porque o amo e não quero que sofra ficando longe da sua família ou tendo que matar por mim. Isso sem contar a guerra que enfrentaremos caso fiquemos juntos.

Tudo que fiz foi por você, e mesmo estando longe, eu desejo que seja feliz. Lamento não estar ao seu lado, como seria a minha vontade.

Peço que não me procure, que viva sua vida em segurança e sem guerra. Ficarei escondida onde não me acharão para que não me usem contra você. Sinto muito.

Eu o amo hoje e amarei para sempre.

Lendo aquelas palavras, foi como se uma maldita bala acertasse meu peito. A dor me perfurou, quase me fazendo cair de joelhos. Não sei bem o que aconteceu depois, só que estava destruindo o quarto. Ouvia vozes, uma

especificamente perto demais do meu rosto.

— Controle-se, porra! — ordenou na minha cara.

Pisquei ao enxergar Nikolai na minha frente, segurando meus ombros. Via Irina chorando perto de Samira, que estava igualmente triste. Havia outras pessoas, mas não liguei para ninguém.

Saí dos braços de Nikolai e corri para fora.

— Alexei… — começou Nikolai. — Vamos encontrá-la.

Com toda a fodida certeza eu a encontraria nem que fosse no fim do mundo. Mas não disse isso em voz alta enquanto desaparecia atrás dela, da única mulher que amei e que partiu para um lugar desconhecido. Descobriria onde estava e a traria de volta para mim.



Capítulo 23

Rayssa

HORAS ANTES

Acordei e vi que Alexei não estava na cama. Dormi pensando em deixá-lo, mas após aquela noite, quando o senti dentro de mim e fui sua completamente, eu resolvi ficar. Era egoísta, pois o melhor a se fazer seria partir, mas não queria me manter longe dele.

Fui procurá-lo, assim conversaríamos sobre tudo. No entanto, ao chegar à varanda do lado oeste da casa, ouvi um trecho do diálogo dele com seu irmão:

— Não, Rayssa não pode saber que meu povo considerará uma traição eu me tornar um membro da família dela. Lidarei com tudo sem que ela descubra e se preocupe.

Me preocupar? Isso era subestimar a situação. O meu mundo caiu aos meus pés. Como deixaria aquilo acontecer depois de ouvir tudo a respeito da guerra e da traição ao seu povo? Ser acusado disso seria o fim para Alexei.

Saí dali sem que percebessem que eu estava espionando; aproveitaria

sua ausência para ir embora. Não poderia fazer aquilo sozinha, precisava da ajuda de Simon. Talvez pudesse recorrer a Yuri também, já que o cara era bom em sumir com rastros e trabalhava para os Saints.

Fugir às escondidas de uma casa cheia de mafiosos não era uma boa ideia, nem sabia se me deixariam partir.

Liguei para Simon, que atendeu meio grogue.

— Rayssa? Aconteceu alguma coisa? — perguntou preocupado.

Suspirei.

— Preciso de sua ajuda. Cadê o Yuri? Está com você? — sondei, ansiosa e com o coração doendo. Temia que Alexei voltasse, e eu não conseguisse sair.

— O que foi? Sim, ele está aqui comigo — falou, confuso. — Você está bem?

Não achava que ficaria tão cedo, longe de Alexei, meu grande amor. Pelo menos, sentia-me feliz pela alegria do meu amigo, tendo uma chance para seguir em frente depois do Luciano.

— Preciso sair desta casa sem ser notada. — De cima da cama, peguei um casaco de Alexei. Seu cheiro me tonteou por um segundo. Dormente, me esforcei para não deixar aquilo me dominar, ou desmoronaria e não teria forças.

— Rayssa…

— Depois explico tudo, agora estou sem tempo — cortei-o, ignorando sua preocupação.

Simon ficou em silêncio um segundo. Após suspirar, falou com Yuri algo que não entendi — eu estava olhando para fora, onde conseguia ver Alexei ainda sentado, conversando com o irmão.

Parecia preocupado, mas como não ficaria? Ser acusado de desertor pela sua família não seria fácil. Ele certamente estava sofrendo, mas o mais importante era sua segurança.

— Está no viva-voz. — Ouvi Yuri respirar fundo. — Se quer mesmo escapar daí, então pegue o carro de Alexei. Veja se ele largou a chave em algum lugar, os carros dos membros mais importantes de cada máfia não são confiscados na saída, e Alexei é considerado um entre os Dragons.

Algo que mudaria se corresse o risco de virar um traidor, pensei, amarga.

— Tem certeza? — Não podia perder minha chance. Se não fosse naquele momento, não iria nunca mais, mesmo que uma parte de mim quisesse me impedir. — E as câmeras do lugar?

— Dentro da casa não há câmeras, só do lado de fora. Darei um jeito de sumir com sua imagem, pode sair — falou. Eu o escutei teclar do outro lado.

Corri e peguei a chave no criado-mudo. Antes de sair, escrevi uma carta para Alexei. Pôr no papel todas aquelas palavras quase me matou, mas

precisava que ele não me procurasse, ou meu esforço seria em vão.

Fiquei de encontrar Simon e Yuri em uma casa no extremo oposto da cidade, bem longe. Longe de Alexei, o homem que se tornou meu tudo. Ignorei a dor a me sufocar, me deixando sem ar, como se meu coração estivesse com problemas.

Saí de fininho para não ser vista por ninguém. Alguns tinham ido embora mais cedo, outros ainda dormiam, já que o sol mal nascera.

Peguei o caminho da cozinha, na área leste da mansão, torcendo para que Yuri me ajudasse a não ser descoberta. Se eu visse Alexei, não conseguiria partir. Pensar em sua dor me abalava fundo. Esperava que, um dia, ele me perdoasse por ir embora sem dizer nada.

Entrei no seu carro e fechei a porta. Para a minha sorte, os vidros eram escuros. Gelei quando passei por homens armados à espreita de qualquer perigo. Um deles, que eu conhecia muito bem, ficou encarando o carro: Cielo. *Por favor, que ele não me faça parar aqui*, pedi mentalmente.

Não me parou. Suspirei aliviada ao cruzar a estrada, pegando a rodovia. Olhei mais uma vez para a casa, mas as lágrimas atrapalhavam minha visão.

— Seja forte para o bem dele — entoei a mim mesma.

Não só o bem dele, mas de sua família, de Simon e do senhor Smith também. Todos correriam perigo se eu ficasse por perto. Antecipara que algum dia isso aconteceria, mas não pensei que seria tão cedo e doeria tanto.

Cheguei ao local marcado e expirei para me controlar, não deixaria meus sentimentos me dominarem, precisava ser forte para fazer o certo.

Era uma casa pequena. Não reparei muito no lugar, minha mente parecia nebulosa.

— Rayssa? O que houve para estar nesta situação? — Simon me avaliou tão logo entrei. Acho que minha expressão denunciava minha angústia, porque o enraiveceu. — Ele machucou você?

Não, eu que estava machucando-o de uma forma que chegava a ser criminosa.

— Ele não fez nada. — Limpei as minhas lágrimas. — Eu só preciso desaparecer.

— Espere, o quê? — quase gritou, pegando minhas mãos. — Pode me contar o que houve?

Sacudi a cabeça para não pensar no que fiz, focando nas próximas ações necessárias.

Simon me levou para o sofá e ficou ali segurando a minha mão.

— Na reunião, falaram de uma guerra contra Patrick… E para eu realmente deter o direito do que me foi dado, preciso lutar com algumas pessoas e matá-las. Alexei disse que assumiria essa responsabilidade em meu lugar.

Simon arregalou os olhos.

— Isso é bom, não é? Você não mataria uma mosca.

Suspirei com tristeza.

— Não, se Alexei o fizer, o povo dele vai acusá-lo de traição, então sua família o desertará…

— O que quer dizer? Pretende fingir que ele não existe? — indagou Simon.

— Na verdade, quando alguém deserta da máfia, sua punição é a morte — interveio Yuri. — Não tem como Alexei sair dessa, ainda mais se motivado por uma mulher. É um sinal de fraqueza, algo que eles não admitiriam, mesmo que Alexei seja um membro legítimo da linhagem dos Dragons.

— Esses mafiosos e suas regras machistas fodidas — grunhiu Simon. — Não entendo, qual a diferença entre se casarem ou ele matar alguém por você? Queriam que se casasse com Alexei, não é?

— A diferença é que um casamento consolidaria uma aliança, as raças se uniriam, e Alexei continuaria sendo um Dragon. Mas se ele lutar e matar por Rayssa, só para que ela não o faça, renunciará ao seu sobrenome e à sua família, passando a liderar os Petrovas — explicou Yuri. — Lembra o que eu disse sobre Alexei ter dado o cargo de chefe ao irmão? Isso o fez fraco aos olhos dos demais. Ele lutou muito para recuperar o respeito de todos. É um filho da puta cruel quando precisa, então…

— …protegê-la o tornaria fraco de novo, porque renunciaria ao sobrenome assim como renunciou ao cargo certa vez — Simon terminou a frase.

— Não posso deixar isso acontecer. Alexei ama a sua família e os seus irmãos. Eu jamais pediria para que escolhesse entre mim e eles — sussurrei e fiquei de pé. — Preciso sumir para não ser encontrada.

— Rayssa…

Abracei-o, chorando.

— É o certo, mas dói tanto deixá-lo, como se minha alma estivesse se desfazendo.

— Oh, minha amiga. — Alisou meus ombros. Eu não podia ficar ali aos prantos, precisava sair de Dallas o quanto antes. — Vou com você.

Sacudi a cabeça, me afastando dele.

— Não pode, preciso fazer isso sozinha. Se for comigo, eles machucarão seu pai para nos encontrar — alertei, suplicante.

— Não precisa fugir, podemos protegê-la — disse Yuri. — Mesmo se partir, ele não vai deixar barato, aquele homem é capaz de ir ao Inferno para procurá-la. Alexei morreria por você.

Encolhi-me ao me deparar com as palavras “morreria” e “Alexei” na mesma sentença.

— Deixei uma carta pedindo para que não viesse atrás de mim…

Yuri riu, triste.

— Acha que Alexei vai ouvir? — Sacudiu a cabeça. — Vejo que está decidida, então farei com que ninguém a encontre. Posso colocar um rastreador em você. Será como uma injeção na pele, que me proporcionará sua vigilância através de um determinado dispositivo, sempre saberei onde está. Assim, se tiver problemas, eu irei ajudá-la.

— Mas isso não acarretará problemas para você com seu pai? Ele me parece um tanto letal. — Lembrei-me do homem, o chefe dos Saints, que certamente não concordaria com minha fuga.

— Meu pai não ficará feliz, vai acusá-la de traidora e fraca.

— O que há com a máfia e traição? Ela está tentando evitar uma guerra entre eles — retrucou Simon.

— Toda máfia tem sua hierarquia, a nossa também. Era para você ir até lá para enfrentá-los, nenhum deles liga que seja mulher, se tiver coragem de derrubá-los.

Sacudi a cabeça.

— Não partirei por medo, e sim para que Alexei não seja odiado por sua raça.

— Eu sei, o amor para eles é uma fraqueza. Valorizam o casamento, mas consideram errado elencar o amor em primeiro lugar. — Suspirou. — Seja como for, se quiser mesmo ir, eu vou cobri-la. Tenho um programa

chamado Ônix que é capaz de esconder qualquer pessoa das câmeras, até em aeroportos. Vamos monitorá-la aonde quer que vá, e nem mesmo Alexei, fera em computadores, saberá seu paradeiro. Também lhe entregarei um telefone novo; se houver problemas, basta me acionar.

Estava realmente com medo de sair por aí sem um rumo certo, correndo o risco de me encontrarem. Se eu usasse aquele chip e fosse monitorada, significaria que estaria segura, então por que não?

— Tenho documentos em um cofre no centro, meu pai deixou para mim, mas nunca fui buscar, aliás, nem o dinheiro dele eu uso. Mas acho que o conteúdo do cofre pode ser útil. — Não queria depender disso, mas lembrei que meu pai disse que ninguém descobriria que eram documentos falsos.

— Vai ficar segura, certo?

Olhei para Simon.

— Sim, eu vou. — Peguei suas mãos, torcendo para que acreditasse em minha promessa. — Se um dia nos vermos de novo, espero que esteja bem e feliz. Prometa que não irá me procurar, mesmo sabendo onde estou.

Simon me abraçou forte por um segundo, depois se afastou e limpou minhas lágrimas.

— Sim, prometo. Serei feliz e quero que você também seja. — Beijou minha testa. — Isto não é um adeus, nós nos veremos em breve.

Adoraria poder dizer que ele estava certo, mas não funcionaria desta

forma. Era um caminho sem volta para uma vida de solidão e tormento. Mas o faria sem pensar duas vezes, se assim todos que eu amava ficassem bem.



Capítulo 24

Alexei

UM MÊS E MEIO DEPOIS

Levou mais tempo do que pensei para localizar Rayssa. Sempre que checava uma pista, no final era falsa. Eu já tinha ido a não sei quantas cidades dos Estados Unidos. Pensei que minha busca duraria dias ou horas, mas nenhuma das câmeras de Dallas conseguiu pegá-la. Era como se ela tivesse evaporado. Tive algumas pistas de mulheres que se pareciam com ela, mas todas sem um resultado conclusivo.

Um mês e meio se passou, ao longo do qual eu mal dormia, comia ou descansava. Estava esgotado, mas só desistiria depois de morto. Não me importava onde estivesse, eu precisava localizá-la.

Soube por Nikolai, que voltara para a Rússia, que Patrick tinha atacado uma de nossas instalações lá e outra na Sibéria.

— Precisa deixar as precauções e ir à guerra, Nikolai. Sei que é contra isso, mas, às vezes, não temos escolha — falei.

Estava dentro da minha casa em Dallas, não a do campus, mas outra

que possuía no centro da cidade. Ali, colocara os melhores computadores do mundo, capazes de localizar quem eu quisesse — exceto Rayssa, aparentemente. Após tantas viagens e investigações, voltei para Dallas com a intenção de ir para a Espanha logo depois.

A única coisa boa era que eu sabia que nem os Rodins, nem Patrick estavam com ela. Isso me aliviava.

— Eu sei, vamos atacar amanhã. Queria você comigo, mas…

— Não posso, preciso achá-la ou ficarei louco. — Eu vasculhara cada canto do país, e nada. Não só eu, mas o meu pessoal também. Ninguém teve êxito.

— Entendo… No entanto, o conselho mandou que você deixe Rayssa de lado. Agora que fugiu, os Saints concluíram que ela não seria uma boa chefe. Estão a chamando de fraca. — Sua voz saiu dura pelo celular.

— Verão quem é fraco quando eu enfiar minha faca na garganta deles — rosnei, tentando entrar através do servidor para localizá-la. Já usara todos que conhecia, porém, nenhum me mostrou nada. Não tinha como alguém desaparecer dessa forma.

— Eles deviam tomar cuidado com o filho do Dimitri, ouvi que Yuri invadiu os computadores de Patrick, e isto o deixou furioso. O inacreditável é que Patrick não sabe quem o fez — disse Nikolai. — O garoto pegou informações secretas e enviou ao FBI. Não se fala de outra coisa na Rússia.

— Como você descobriu? — Entrei em um servidor, assim como fiz nos outros, mas neste estava tendo um pouco de dificuldade.

— Por nosso informante. Ele disse que isso era coisa dos Saints, porque foi tirado tudo relacionado a eles e Pietro, jogaram apenas o que incriminava Patrick. E só tem uma pessoa capaz disso…

— Yuri — constatei, então pisquei com uma suspeita. — Merda! Só pode ter sido ele. Não tinha como ela sumir do mapa assim, a não ser que alguém apagasse seus rastros. Filho da puta! Eu vou matá-lo.

— Do que está falando? — perguntou com urgência.

— Desde ontem tento entrar em um programa chamado Ônix e não consigo, ele bloqueia quando tento rastreá-la. Talvez porque Yuri esteja cobrindo Rayssa. — Minha voz fervia de ira com aquela suspeita.

— Ele não faria isso… Por que iria contra o próprio pai? — ponderou Nikolai.

Era o que eu pretendia descobrir.

— Onde ele está? — sondei, entrando no servidor de Yuri. Só confirmou o que suspeitava: o maldito a escondeu. Mas por quê? Não fazia sentido.

— Aí em Dallas. Não tive nenhuma notícia dele vindo para a Rússia.

— Deve ter apagado a imagem de Rayssa das câmeras. Ninguém mais o faria com tanta habilidade. — Trinquei os dentes, saindo da minha casa. —

Vou aonde ele mora. E juro: se aquele idiota fez isso, eu o matarei.

— Pense bem, Alexei, não se precipite, não estou a fim de outra guerra, já basta a batalha de amanhã. — Deu um suspiro exasperado.

Não respondi, e Nikolai amaldiçoou. Eu não prometeria o que não seria capaz de cumprir.

Ultrapassei alguns limites de velocidade até chegar à casa de Yuri, não ligando muito em trancar o carro ao descer. Apenas corri e bati forte na porta dele.

— Alexei? — Simon tentou fechar a porta, mas não conseguiu. Derrubei-a com um soco, fazendo com que ele quase caísse.

Após Rayssa sumir, eu não liguei para os dois, apenas foquei em encontrá-la. Viajei pelos Estados Unidos; não fui para fora do país porque chequei os aeroportos e não encontrei nada, então presumi que ela tivesse saído de ônibus ou carro.

— Onde Yuri está? — esbravejei na cara dele, ao que se encolheu.

— Aqui — respondeu o garoto, saindo de um corredor. Não reparei na casa, só tinha uma coisa em mente: me vingar daquele pivete. — Agora deixe o Simon. Sei não o matará, ou jamais receberá o perdão de Rayssa.

Fechei a cara e me afastei, porque ele tinha razão.

— Mas isso não vale para você. — Dei um sorriso frio e fui na sua direção. — Já que ela mal o conhecia.

Sorriu também.

— Pagaria pra ver? Rayssa não quer mortes, por isso foi embora.

— Para onde? — Cerrei os punhos com força, louco para esmurrá-lo.

— Não sei…

Lancei-me contra ele, que caiu no sofá. Eu o peguei pela camiseta e levantei meu punho, pronto para socar sua cara.

— Vai me contar onde ela está, ou terei de mostrar o meu verdadeiro eu? Aposto que não gostaria. Faço homens grandes pedirem misericórdia. — Segurei-o com uma mão e, com a outra, peguei a faca e a levei em sua garganta. — Sei que não a mandaria para longe sem proteção, então me diga como localizá-la ou vou estripá-lo por tê-la escondido de mim e me mandado pistas falsas, ocupando-me durante todo esse tempo só para que eu não percebesse que tinha sido você a ajudá-la com essa merda.

— Ela está segura — gritou Simon do meu lado, pegando meu braço. — Achou melhor não nos falarmos, porque assim ninguém descobriria sua localização.

Ri com frieza.

— Eles podem estar com ela agora ou indo ao seu encontro, seus imbecis. Fale como encontrá-la, Yuri, ou o obrigarei a fazê-lo.

— Aqueles homens podem localizá-la? — Senti o medo na voz de Simon. — Você garantiu que ela estaria segura, Yuri!

O filho de Dimitri suspirou.

— Ela tem um rastreador no braço… Também há um aparelho não rastreável do qual Rayssa pode me ligar se estiver correndo perigo. — Apontou para a direita, a uma tela imensa com a imagem da Terra, produzida via satélite. Nela, havia um ponto de luz vermelho em algum lugar do oceano, só não mostrava o local exato, mas aquilo seria fácil de resolver.

Deixei-o e fui para o seu computador. Depois acertaria minhas contas com aqueles idiotas.

— Tentei encontrá-la através do servidor do Ônix, mas você colocou um escudo nele, tornou impossível de ser rastreado — grunhi, mexendo nas teclas. — Com o computador certo, conseguirei achá-la e trazê-la para mim.

— Não pode ir atrás dela removendo o escudo. — Segurou minha mão para me impedir. Antes que eu o matasse, ele prosseguiu: — Se fizer isso, outras pessoas a encontrarão também.

— O que você quer dizer? — Aquela era uma pergunta besta para um *hacker*, mas minha cabeça não estava muito boa no momento. Eu só queria Rayssa comigo.

— Há dois dias, alguém tentou invadir o servidor, e agora você. Eles não conseguem entrar, a não ser que eu deixe, o que não farei.

— Pelo que vejo, ela parece estar em uma ilha. Basta abrir o *zoom* e então descobrirei a localização exata. Preciso ir até Rayssa, não vou esperar

nem mais um dia. Sou capaz de fazer isso sem chamar a atenção de ninguém.

Espere, Rayssa, logo estarei aí, pensei, ansioso demais para vê-la e lhe oferecer motivos para nunca mais desejar fugir.



Capítulo 25

Rayssa

— Não pode ser, doutor, isto é impossível! — Fiquei em choque com a notícia que acabara de receber.

Já fazia alguns dias que eu estava passando mal, então decidi realizar uns exames. Isso ocorreu após desmaiar no lugar em que trabalhava. O dono me mandou ir ao médico para ver o que havia de errado.

Até achei que fosse por não me alimentar direito, então não dei muita importância. Eu não sentia fome diante de toda dor causada pela falta de Alexei.

— Você está grávida — repetiu. — Não há nenhum engano quanto a isso.

— Mas não transei sem camisinha! — Corei ao dizer aquilo a um homem.

— As camisinhas servem para a prevenção de doenças também, mas não são cem por cento eficazes como contraceptivo se não forem utilizadas em conjunto com outro método — explicou.

Passei a não ouvir mais nada, acho que o médico pensou que eu fosse

doida ou que não quisesse meu bebê, mas era o contrário, eu o queria e muito.

Era um tormento viver longe de Alexei; onde quer que eu olhasse, o via, estava enlouquecendo. Sentia-me como se dentro de um sonho, no qual, de repente, tudo virava pó. A angústia em meu peito era a única lembrança de que ele havia sido real. Mas com a chegada de meu filho, eu poderia ter mais forças para seguir em frente. Existia um futuro ali.

Estava vivendo em Oahu, nos Estados Unidos, situada no Pacífico Central e integrante da cadeia de ilhas do Havaí. Escolhi o local não pela beleza — até porque, mesmo em meio ao azul brilhante do céu e do mar, só enxergava a escuridão —, e sim pois uma ilha seria o último lugar em que pensariam em me procurar. Torcia para que achassem que eu estava na França, Espanha, Itália ou qualquer outro país distante.

Arranjei uma vaga de garçonete em um restaurante lotado, que me dava a chance de observar os rostos dos turistas, antecipando a possível presença de alguém suspeito. Já deixei tudo preparado para o caso de precisar sair da ilha às pressas. Tinha um barco perto da casa que aluguei, facilitando uma fuga urgente, embora rezasse para que ninguém viesse me procurar. Paradoxalmente, queria que Alexei aparecesse. Era difícil conciliar os dois desejos.

Agora, com a gravidez, eu não podia deixar Alexei no escuro e viver

ali, fingindo que não carregava um filho seu. Ele tinha o direito de saber que se tornaria pai. Não conversáramos sobre filhos. Seria difícil trazer um bebê ao mundo com toda essa merda em vista, mas o mais importante era que eu já o amava. Não abriria mão dele nem se Alexei exigisse — algo quase impossível, por ser fruto de nosso amor.

Vagar pelas ruas olhando acima dos meus ombros, atenta a cada movimento suspeito, era uma porcaria. Aquilo não era vida para uma criança. Não! Eu precisava arrumar uma forma de ficar com Alexei e resolver os problemas sem colocar meus amigos em perigo.

Até tentei durante aquele tempo, mas viver — ou melhor, sobreviver — se transformara em uma tarefa árdua. Meu filho carecia de um lar estável. Quem sabe, eu poderia negociar com os Saints, aceitando suas demandas sob a condição de aguardarem até o nascimento do bebê. Assim ficaria com Alexei, torcendo para ganharmos a guerra.

— Maya, você pode atender aquela mesa para mim? — perguntou Sandro, um rapaz muito gente fina. Ele trabalhava no restaurante comigo.

Trabalhar vinha sendo difícil, não pelo serviço (me acostumara a isto), porém, nos últimos dias, eu não me sentia bem. Agora sabia a razão por trás dos enjoos e do mal-estar.

Era meu último dia ali, só fui porque prometera à dona do lugar. Assim que acabasse o turno, eu voltaria para Dallas. Precisava da ajuda de Yuri,

queria que me auxiliasse a ir para a Rússia sem ser notada. Certamente, ele conseguiria isso e muito mais.

Via-me como um robô, levantando cedo para trabalhar e voltando somente à noite, quando me deitava e tentava dormir. Os pesadelos e o buraco em meu peito estavam sempre ali para me assombrar. Esperava que a situação chegasse ao fim depressa.

Fui atender a mesa de cabeça baixa, como sempre, o corpo pesado pelo desânimo.

— Oi, o que posso trazer para você… — comecei, mas travei no lugar ao identificar quem estava sentado ali com uma expressão de poucos amigos. Pensei em correr para longe, depois para cima dele e o abraçar, mas travei no lugar.

— Enquanto eu me descabelava à sua procura por um mês e meio, você estava nesta ilha. — Fuzilou-me, enraivecido. — E colocou seus amigos nisso! Com a ajuda de Yuri, ficou escondida durante todo esse tempo.

— Alexei… — sussurrei. Ele expirou como se estivesse com falta de ar.

— Quase dois meses, Rayssa! — Sua voz se elevou, e todos do lugar olharam para nós.

Doía ver a mágoa da traição no seu rosto.

— Eu sinto muito. — Encolhi-me por dentro; era verdade, sentia

mesmo.

Aqueles dias foram uma tortura. Ao enxergar Alexei, a despeito da culpa, um grande peso saiu de minhas costas. Meu coração foi preenchido de amor, me fazendo respirar tão leve quanto o vento.

— Você sente muito? Sentiu quando foi embora e me deixou como se eu fosse nada?

Estremeci com sua raiva, mas sabia que se um dia me achasse seria assim que me receberia. Estava a ponto de dizer que pretendia voltar para ele, explicando o motivo da minha partida e sobre a gravidez, mas fui interrompida.

— Algum problema aqui, Maya? — perguntou Sandro, aparecendo do meu lado.

Alexei o fuzilou como se quisesse matá-lo. Ficou de pé, sua atenção no rapaz. Não precisava dizer o que estava para ocorrer com aquele cara, se metendo na conversa por achar que eles me incomodavam.

— Não tem problema nenhum. — Peguei o braço de Alexei e supliquei com os olhos para que fosse embora comigo sem causar confusão.

— Maya, se precisar de ajuda, é só dizer — insistiu Sandro, fitando Alexei.

Queria mandar que calasse a boca, porque ele não sabia do perigo que corria. Meu homem seria capaz de assassiná-lo sem nem mesmo se

incomodar com nada.

— Por favor, Alexei — supliquei para que fosse comigo. Apertei mais meu domínio em seu braço e o puxei dali para a porta da frente, que dava para o estacionamento.

Para o meu alívio, ele foi comigo sem responder. Eu sentia seu corpo rígido como pedra.

— Quem é aquele cara? Parece muito interessado em você — cuspiu, venenoso.

Sacudi a cabeça.

— Só trabalha comigo. E ele estava tentando me proteger, já que você aparenta querer matar alguém.

— Sim, eu quero matá-lo por ousar supor que um dia eu a machucaria. Mesmo que não tenha pensado em mim ao fazer o que fez. — Ele se afastou do meu toque, magoando-me.

— Por favor, me deixa explicar… — iniciei, mas Alexei me cortou:

— Explicar? O que mais tem a dizer? Que fez tudo isso para me proteger? Não preciso da porra da sua proteção. — Colocando daquela maneira, me remeteu a quando me ignorava e dizia coisas que me feriam para me manter longe.

As lágrimas desciam em abundância pelo meu rosto. Eu mal o enxergava ali, todo perfeito como sempre foi.

— Não tive escolha. Não podia deixar que você fosse acusado de traição contra seu povo — murmurei.

— Não ia ser acusado de nada — replicou com frieza.

— Claro que ia! Eu ouvi sua conversa com seu irmão.

— Ouviu? Por que não esperou para conversarmos pessoalmente? Decidiu sair sem deixar rastro, me abandonando…

Cortei-o:

— Acha que eu tive escolha? Faria tudo de novo se, no final, você ficasse seguro.

— Seguro? E quanto a você? Não liga para a sua segurança aqui sozinha e desprotegida? — grunhiu, vindo na minha direção.

— Não queria partir. Eu precisava. — Abracei-o, respirando seu cheiro e chorando mais. Certamente, além de estar fragilizada pela saudade, o choro tinha a ver com a notícia que recebi mais cedo. A gravidez pode deixar as mulheres sentimentais.

— Rayssa…

— Senti tanto a sua falta. — Beijei seu pescoço. — Se não estivéssemos em um lugar público, eu o agarraria com mais fervor. Amo você para sempre.

Ele expirou e controlou sua raiva. Logo senti seus braços na minha cintura.

— Não gosto que chore, querida. — Beijou meus lábios, salgados pelas lágrimas. — Por mais que eu queira continuar saboreando sua boca, nós precisamos sair desta ilha antes que seja tarde demais.

Arfei.

— Tarde demais para quê? — sondei, preocupada. Ele não respondeu. Apenas pegou minha mão e me levou para um carro escuro. Em seguida, me colocou ali e entrou. — Alexei? Você está me deixando louca! O que houve? — Tive que alterar a voz para fazer com que me escutasse.

— Alguém pode ter me seguido. Tomei cuidado, mas não vou arriscar sua segurança por nada. — Em sua voz, havia um medo que eu já notara antes, mas agora se mostrava maior.

— Alexei, se eu voltar, você perderá tudo que ama na sua vida — sussurrei.

Ele tocou meu rosto.

— Quem eu mais amo está aqui na minha frente. Todo esse tempo sem saber do seu paradeiro quase me enlouqueceu. — Beijou-me. — Não faça isso nunca mais. Independente do problema, lidarei com ele ao seu lado.

Meu coração balançou. Seja o que tivesse de acontecer conosco, eu não conseguiria mais me distanciar dele. Aquele período foi horrível.

— Tudo bem, eu não tenho mais forças para ficar longe de você.

— Espero que sim, ou precisarei algemá-la na cama.

Fomos para a casa onde eu estava morando. Não me surpreendi por Alexei já saber o endereço. *Com certeza fez o trabalho completo*, pensei. Peguei sua mão e a apertei, agradecendo silenciosamente por sua presença.

— Então você mora aqui? — Ele checou cada canto. Não pareceu apreciar.

A casa era pequena, com sala, cozinha e quarto na mesma peça. Tudo bem simples.

— Sim. Nós viemos para buscar minhas coisas? — Quando fugi, eu não levei nada, tive de comprar roupas novas.

Sorriu, me pegando pela cintura.

— Estou faminto, não consigo esperar até irmos embora. — Puxou minha blusa, jogando-a longe. Após, me atirou sobre a cama. — Agora vou me alimentar.

— Achei que estava com pressa. — Tirei a camiseta dele, e logo estávamos nus. Pude tocar seu corpo novamente, algo com que tanto sonhava.

— Temos tempo para *isto*. — Alexei entrou em mim, me fazendo agarrar suas costas com mais força. Cravei minhas unhas em sua pele, mas ele não reclamou, só gemeu. — Você é tão perfeita! Ansiei por isso…

As estocadas foram suaves no início; depois, se tornaram urgentes. Estávamos sedentos um pelo outro.

— Não acredito que está em meus braços. Sonhei com este momento todos os dias — declarou com fervor.

Sorri nos lábios dele.

— Se for um sonho, não quero acordar jamais — gemi, traçando minhas pernas em sua cintura e o fazendo ir mais fundo.

— Não vou deixar que acabe. Nunca! — jurou com intensidade.

— Acredito em você — confidenciei e fechei os olhos assim que ele fez um certo movimento, me enlouquecendo. — Mais forte, Alexei…

— Isso, Cordeirinha, grite pelo meu pau. — Ele tirou tudo, deixando só a cabeça, depois estocou com força. — É disso que gosta?

— Puta merda! Bom demais… — Meus olhos reviravam nas órbitas, tamanho o prazer.

Ele saiu de mim de novo. Grunhi em crítica, ao que sorriu.

— Deseja todo o meu pau, querida? — indagou, me virando de costas e me colocando de quatro. Puxou meu cabelo quando não respondi por estar sem fôlego. — Diga o quanto o quer… Estava faminta por ele?

— Quero todo. Quero você inteiro. — Empurrei minha bunda na sua direção.

— Um dia, quando tivermos mais tempo, vou querer esta sua bundinha linda. — Seu membro triscou ali, mas prosseguiu mais abaixo. — Outra hora, você será toda minha.

— Já pertenço a você de corpo e alma — afirmei.

Alexei me possuía integralmente. Não me arrependia de tê-lo conhecido, mesmo após o que passamos.

— Diria o mesmo, se eu tivesse uma alma… Mas tudo que tenho é seu. Minha vida, meu coração, o que há em mim. — Beijou meu pescoço e mordiscou minha orelha. Levou a mão entre minhas pernas e triscou meu clitóris. — Goze no meu pau.

Sua ordem foi direto ao meu centro. Vi milhares de estrelas, soltando um grito. Alexei me seguiu com uma última estocada.

— Magnífica! — Caiu em cima de mim e me beijou com amor. — Amo você.

Sorri e me virei de lado, me livrando do seu peso, porque não queria machucar minha barriga. Chegara a hora da verdade.

— Tem algo que eu quero dizer, mas não sei como você vai reagir. — Até eu fiquei chocada quando descobri. — Espero que entenda e continue ao meu lado — sussurrei, encolhendo os ombros.

Franziu a testa.

— O que é? — Sentou-se na cama, me encarando.

Expirei e me controlei.

— Estou grávida — murmurei. — Sei que usamos preservativo, mas o médico disse que, às vezes, a camisinha fura e acontece.

— Grávida?

Seus olhos se arregalaram. Ele sacudiu a cabeça, mas sua expressão não mostrava se tinha aceitado ou não. O silêncio me deixou nervosa. Fiquei com medo de Alexei achar que o filho não era dele.

— Querido, o bebê é seu…

— Não tenho dúvidas quanto a isso. Só estou chocado, nunca me imaginei tendo filhos algum dia. Um *filho* — falou a última palavra como se a digerisse. Então, uma sombra cruzou seu rosto. — Pensava em me dizer caso eu não aparecesse aqui? Ou continuaria escondida nesta ilha?

— O quê? Não! Iria à sua procura para revelar a notícia, mas você veio antes. Jamais esconderia algo do tipo.

— Acredito em você. Nunca imaginei que sentiria isto… — Sentou-se e colocou a mão na minha barriga. — Meu peito está pulsando mais rápido, me sinto feliz por alguém que acabei de saber que está a caminho. É normal? — Parecia falar consigo mesmo.

— Também fiquei feliz. — Sorri, alisando seu cabelo. — Apesar de tudo o que está acontecendo, do perigo…

Sua expressão se tornou séria.

— Ninguém irá machucá-los — jurou. — Tomarei conta de vocês dois. Derrubarei o Céu e o Inferno, se necessário.



Capítulo 26

Alexei

— Alexei, por que estamos aqui? — Rayssa estava deitada na cama.

Viajamos quase cinco horas de barco até a Costa, onde pegamos o jatinho para Houston. Podíamos ter saído da ilha de helicóptero, mas não era seguro ficar lá esperando, então viemos de barco.

Ela chegou cansada e vomitando muito, o que me deixou bastante preocupado.

— Ela está bem, doutora? Nunca a vi desta forma — perguntei, ansioso.

A médica loira era amiga de Hunter. Veio checar Rayssa, a meu pedido.

— Estou, Alexei. — Rayssa pegou minha mão.

Aguardei a doutora responder.

— Ela só precisa descansar agora. — Ajeitou o soro no braço da minha Cordeirinha. — O soro a manterá saudável, mas recomendo comida de verdade, se possível.

— Vou providenciar que coma, não se preocupe. — Alisei os cabelos

de Rayssa e encarei a médica: — E não há risco para o bebê?

Após vê-la pálida e enjoada a caminho de Houston, eu entrei em pânico e temi pelo pior. Graças aos céus, ela estava bem e continuaria, eu esperava.

— Nenhum — disse a doutora com um sorriso gentil. — Agora já vou. Qualquer problema, pode me ligar.

— Ligarei, sim. Torço para não precisar…

— Protetor, não é? — Rayssa sorriu, assim que a médica foi embora.

— Com vocês? Demais. Não suportaria que acontecesse algo aos dois. — Beijei sua testa e acariciei a sua barriga pequena. — Estou ansioso para vê-la grande.

— Jura? Quando eu estiver do tamanho do continente ainda pensará assim?

Eu ri e a beijei.

— Sempre será linda. Preciso resolver uma coisa lá em cima, e você, senhorita, não saia daqui. — Não queria deixá-la, mas era necessário.

De repente, ela ficou preocupada.

— O que há? Por que estou neste quarto que mais parece um cofre debaixo do chão?

— Não vou mentir. A qualquer hora, poderemos ser atacados. Não quero você exposta, ninguém a encontrará aqui. — *Teriam que passar por mim primeiro*, pensei.

— Então não posso permitir que vá… — Apertou minha mão com firmeza.

— Ficarei bem, querida, não a deixarei desprotegida. Ninguém passará por mim e por meus homens — jurei.

— Alexei, eu não posso perder você. — Sua voz era fininha e sonolenta.

Certamente o remédio e o soro fizeram efeito.

— Descanse, pense no nosso bebê e fique boa logo — pedi.

— Volte rápido para mim.

Sorri.

— Sempre.

Deixei-a dormindo na cama e fui para a sala. Hunter e Cielo estavam ali, mas eu queria checar por mim mesmo.

— Como estão as coisas? — perguntei ao entrar no lugar.

— Acabaram de invadir as instalações de Patrick. Dark está no viva-voz, ligou para avisar que o merda não está lá, mas aqui — disse Hunter.

Franzi a testa.

— Nikolai? — chamei meu irmão.

— Escute, Alexei, Patrick foi atrás de você e de Rayssa. Mandei alguns dos nossos homens para ajudá-lo, mas tome cuidado. Eles vão demorar um pouco para chegar — disse Nikolai.

— Não posso deixar que se aproxime de Rayssa, muito menos agora. — Sabia que seríamos atacados, contudo, pensei que apenas pelos servos do Patrick, não por ele próprio.

— O que você quer dizer com isso? — indagou.

— Rayssa está grávida — falei a verdade, com minhas mãos na cabeça

— Grávida? — A voz de Nikolai subiu duas oitavas.

— Fiquei feliz com essa notícia — respondi.

Não me arrependia. Estava um pouco chocado, mas muito emocionado.

— Pelo menos uma coisa boa no meio disso tudo. Agora se prepare. Não acredito que ele conseguirá entrar aí, essa casa é mais protegida que o Fort Knox.

— Sim, estou preparado. Por isso vim com ela para cá, não queria correr o risco de ser perseguido em um avião.

— Nossos homens chegarão daqui a quatro horas. Nem pense em encarar sozinho todos os caras de Patrick.

— Houston pertence aos Destruttores, não é? Vou ligar para o Alessandro e pedir ajuda. Afinal, é o território dele que será invadido. — Respirei fundo. — E a situação aí? Acha que conseguirá vencê-los? Você vai ficar bem?

— Sim. O pior acontecerá do seu lado, porque os Rodins podem estar junto com Patrick. — Nikolai deu um suspiro duro. — Maldição!

— Vou ficar bem — assegurei. — Agora preciso ir. Quando esta porra acabar, eu ligo para você.

Não gostava de deixar Rayssa sozinha, ainda mais neste momento. Se ela corresse qualquer perigo, eu acabaria com todos.

Olhei para o Cielo.

— Proteja Rayssa, não deixe ninguém se aproximar.

— Ela estará segura comigo — jurou, indo ao encontro da minha Cordeirinha.

Antes que fizéssemos qualquer coisa, escutamos algo explodindo do lado externo. Chequei as câmeras e vi que fora o portão, então tiros começaram a soar.

— Derrubem qualquer um que passar pela porta — gritei para os meus homens. — Deem cobertura ao Cielo. — Fitei Hunter. — Por favor, me cubra.

Segui na frente, pela cozinha, parando atrás de um pilar que nos mantinha escondidos.

— Tem dois na entrada — falou Hunter. — Os demais estão lá fora.

Assenti, atirando na testa de ambos. Rapidamente, outros apareceram. Parecia que quanto mais eu abatia, mais homens surgiam.

— Maldição! — praguejou com os dentes cerrados. Hunter falava com os seus subordinados pela escuta no ouvido. — Espere, quem?

— O que foi? — sondei.

— Alessandro está a dois minutos daqui. Vamos cercá-los.

— Então por que xingou? Isso é bom, não? — inquiri. — Estamos em menor número.

— Nikolai quer o Patrick vivo, e não acho que Alessandro concorde. O homem é mais de atirar antes e perguntar depois.

Disso eu sabia, o *capo* Destruttore era realmente uma força incomparável. Parecia feito de gelo, ou melhor, de granito, porque o gelo ainda derrete, mas o granito? Alessandro se comportava assim, irredutível.

— Não ligo que esse maldito Petrova morra, ele quer a minha mulher. Por mim, seria ótimo se a vida dele fosse ceifada agora. Mas eu pretendo ser o responsável.

Ninguém colocaria as mãos em Patrick. Eu estava louco por isso.

Demorou meia hora para fecharmos o cerco e contermos todos os invasores. Alguns foram mortos; outros, rendidos e desarmados.

Cheguei perto do local onde outrora se situava o portão.

— Rayssa deveria ter sido minha… Governaríamos a nossa família juntos. Mas você tinha que se meter nisso, seu miserável.

Patrick se parecia com o meu irmão, mas com olhos azuis e barba por

fazer. Estava ereto, com seus capangas abatidos aos seus pés. Atrás dele, havia tanto homens meus quanto de Alessandro. E o próprio *capo* se encontrava ali, ao lado de seu irmão, Stefano.

— Dificilmente, primeiro porque Rayssa não pertence a ninguém, é uma mulher independente. E, em segundo lugar, ela me escolheu como seu companheiro — rosnei, ficando na frente dele. — Lutarei com você para impedi-lo de tocar na sua sobrinha.

— Meu irmão tinha isso de lutar, por isso perdeu — desdenhou. — Fracos que cedem tudo para o amor não podem governar neste mundo.

Sacudi a cabeça, enraivecido.

— Quem é você para julgar alguém? E desde quando Pietro era fraco? Ele dizimou milhares só para alcançar seus objetivos — cuspi.

Patrick riu com asco.

— A fraqueza de Pietro era a mãe dessa cadela que você escondeu…

Eu me lancei sobre o imbecil, socando sua cara.

— Olhe como fala da minha mulher, ou o mato antes da hora. — Precisava de algumas respostas que somente ele poderia me dar, então peguei leve.

— Você é como aquele idiota. Eu soube do que queria fazer, renunciar tudo por Rayssa. — Limpou o sangue da boca e cuspiu no chão, rindo com desgosto.

— Espere, Pietro não amava Lídia. Ele a assassinou — apontei.

Patrick sacudiu a cabeça. Gargalhando, mirou o relógio. Acho que aguardava alguém. Mas quem? Os Rodins? Ou formara alianças com outros?

Troquei um olhar com Hunter e Alessandro, mas não demonstraram nada.

— Lídia era o ponto fraco do meu irmão, um que ele não conseguiria destruir, então tentei fazê-lo. Pietro interferiu, nós lutamos, e ele me expulsou da máfia, embora dissesse a todos que eu morrera. Foi a escolha que me deu: ir embora ou ser executado. Como sabe, escolhi a primeira opção, mas sempre tive a intenção de voltar e recuperar o que deveria me pertencer, o poder dos Petrovas. — Havia aço na sua voz. — Ele ligava mais para o sangue do que para qualquer outra coisa, inclusive comigo. Tirei vantagem e o derrubei.

Franzi a testa.

— Onde Lídia se encaixa nisso? Pietro até mencionou que ela engravidou de Rayssa para extorquir dinheiro. — Lembrei-me da conversa que tivemos quando ele propôs uma aliança conosco.

— Meu irmão jamais a mataria. — Bufou. — Voltei depois e a levei para longe. Seria um desperdício assassiná-la com tanta beleza que podia me proporcionar muito dinheiro e destruir Pietro ao mesmo tempo, então a vendi no mercado negro, já que era jovem e bonita. Meu irmão soube mais tarde.

Livrou-se da filha e foi procurar Lídia, mas nunca a encontrou.

Pisquei, estupefato.

— Você está dizendo que a mãe da Rayssa continua viva em algum lugar? Onde?

A fúria dominou seus olhos.

— Estava até o dia em que matei meu irmão. Ela apareceu, e eu a eliminei na frente dele. Assassinei os dois, tudo o que eu ansiava havia muito tempo.

Explicava o fato de Pietro não ter fugido; me perguntei isto quando eles foram emboscados na casa dele na Rússia.

Como alguém era capaz de fazer isso com seu próprio sangue? Nikolai nem compartilhava do meu, mas eu morreria por ele.

— Você matou meus pais, seu maldito? — gritou Rayssa.

Virei e a vi na porta da sala com uma arma apontada para Patrick. Porra, como Cielo deixou aquilo acontecer? Seu rosto úmido pelas lágrimas cortou meu coração. Corri na sua direção.

— Desculpe, chefe, ela fingiu que estava passando mal e me acertou — explicou Cielo, com o revólver em sua mão mirando Patrick também. Posicionou-se na frente de Rayssa, cobrindo-a da visão de seu tio.

Patrick, em retorno, apontava sua arma para Rayssa e Cielo.

— Abaixe a arma e se entregue, Patrick — ordenei. — Todos os seus

séquitos foram mortos ou se renderam.

— Nunca.

— Você não terá opção — disse Nikolai, surgindo atrás dele. — Os Rodins não vão ajudá-lo, estão mais preocupados com a luta contra os Destruttores. Você é nosso, já que resolveu vir aqui para machucar minha família. — Voltando-se aos homens que o acompanhavam, mandou: — Prendam-no.

Nikolai não estava na Rússia? Por que disse aquilo, se aparecera ali? Será que temia que alguém ouvisse? Não tinha como, tomei cuidado para não haver traidores perto de Rayssa.

— Você destruiu o que é meu e pagará por isso. Não deixarei que fique com ela — rosnou Patrick. — Essa cadela vai morrer, à semelhança de seus pais.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo. Armas foram levantadas, Cielo protegeu Rayssa, e Patrick caiu morto antes que pudéssemos reagir. O tiro veio dela, pude ver suas mãos trêmulas segurando a pistola.

Peguei o braço da Cordeirinha, ignorando o cadáver de Patrick em uma poça de sangue.

— Você está bem? — Chequei cada parte de seu corpo. Graças aos céus, não tinha sido atingida. Tomei a arma da sua mão, temendo que atirasse em si mesma sem querer devido ao nervosismo.

Rayssa começou a gritar. De repente, atentei-me para o corpo ensanguentado de Cielo. Ela se abaixou e segurou o homem atingido em seus braços, lamentosa.

— Querida, nós precisamos ir… — Quis evitar que aquilo acontecesse, e, no final, ela acabou matando alguém e presenciando um dos nossos sendo baleado.

— Não o deixarei aqui, ele foi atingido para…

— …protegê-la, eu sei. Nós cuidaremos de Cielo. — Ajudei-o a ficar em pé, mas suas pernas amoleceram, então o carreguei para dentro. — Chamem um médico! — exigi, deitando-o no sofá.

— Ele vai ficar bem? — O medo de Rayssa era evidente.

— Estou ok… — disse Cielo, segurando o ferimento.

Não queria que ela passasse por aquilo. Agora minha mulher estava ali, aos prantos, irremediavelmente quebrada.

— Ele vai morrer por minha causa… — Sua voz falhou.

— Não morrerei, senhorita, já fui atingido pior do que isto e sobrevivi — Cielo a tranquilizou.

Lancei um olhar de gratidão a ele por tentar acalmá-la.

— Vamos precisar ir embora agora. Dark cuidará de Cielo e dos demais feridos. — Peguei a mão de Rayssa.

— Ir embora? Para onde? — Seus olhos estavam molhados ao me

encarar. — Não quero mais fugir, não posso. — Alisou a barriga num gesto protetor.

— Não fugiremos, vamos para Moscou. Tomarei conta dos dois — jurei.

— Pode ir, senhorita. Eu ficarei mais calmo com você estando segura na Rússia — disse Cielo, vendo a preocupação de Rayssa.

Depois de conversar com Nikolai, levei Rayssa para o nosso jatinho particular. Embora uma guerra contra os Rodins nos esperasse em um futuro próximo, eu estava confiante de que ganharíamos. Dispúnhamos de vários aliados e de grandes amigos. E, o mais importante, eu tinha motivos pelos quais lutar e vencer: minha família, tanto a antiga quanto a que agora formava com minha Cordeirinha e nosso filho.



Capítulo 27

Rayssa

DUAS SEMANAS DEPOIS

Meu coração doeu tanto durante essas semanas que mal conseguia assimilar. Não tive tempo de digerir os acontecimentos daquele fatídico dia. Na ocasião, era para ter esperado por Alexei no quarto, mas não consegui ficar no escuro. Fingi passar mal e atingi Cielo nas bolas. Não queria fazer isso, mas não podia permanecer naquele quarto à prova de som temendo pelo pior, ainda mais depois de escutar tiros ao abrir a porta. Não pensei em nada, só corri e peguei uma arma no arsenal.

Quando ouvi que aquele ser abominável tinha matado meus pais, senti muita raiva. Passei a vida inteira odiando Pietro, assumindo que ele assassinara minha mãe, mas, na verdade, meu pai a amava. Como duvidei disso? Agora, convivia com as consequências das minhas escolhas.

Olhei para o quarto onde Cielo descansava. Fui até ali sem falar com Alexei, porque havia dias que estava tentando vê-lo, mas Alexei não deixava, dizendo que eu precisava descansar.

Não estava doente, só passara mal por conta da batalha. E enquanto não visse Cielo, eu não sossegaria. Odiava pensar que ele levara um tiro por mim. Não ligava se era sua função ou não, ninguém deveria vivenciar isso.

Bati à porta, mas não houve resposta.

— Estou entrando. — Tapei meus olhos. — Posso?

Sabia que Cielo estava ali, porque o ouvi suspirar.

— Sem problemas — respondeu.

Abri meus olhos e o enxerguei tentando se erguer enquanto gemia. Corri até a sua cama.

— Não pode se levantar. — Assim que toquei seu braço, ele endureceu no lugar, como se transformado em gelo. — O que foi? Machuquei você?

De repente, eu fiquei preocupada e comecei a chorar — em parte pela culpa, e de resto pelos hormônios da gravidez; andava chorona demais.

— Merda! — praguejou.

— Sinto muito por você ter levado um tiro por mim. — Abracei-o, tomando cuidado para não aumentar sua dor.

O homem se retesou. Achei que, mesmo evitando, acabara o machucando.

— Esta não é uma cena que eu gostaria de ver — disse Alexei, nada divertido.

Levantei a cabeça e olhei para ele. Tão logo notou minhas lágrimas,

veio correndo me encontrar.

— Rayssa, meu amor… — Tocou meu rosto. — Você está bem?

Suspirei, pois estava. Minha dor não era física, mas mental.

— Chefe, eu não tive culpa. Ela chegou chorando… — começou Cielo com um pigarro.

Franzi a testa, me afastando e avaliando os dois. Alexei estreitara os olhos, enciumado. Já Cielo parecia nervoso, então entendi sua reação ao meu abraço: ele temia meu namorado.

— Precisava saber como ele estava — sussurrei.

— Eu disse que Cielo estava bem — retrucou.

Depois do que houve, Alexei manteve uma proteção cerrada, não por medo de que eu fugisse, mas pelos eventos dos últimos dias.

— Alexei, eu estou grávida, não inválida. Pare de exagero — reclamei.

— De forma alguma. Não posso lutar contra isso.

Deixei quieto e sorri para Cielo.

— Como está sua ferida? Precisa que eu o ajude com algo? Posso…

— Ele já tem os cuidados da enfermeira, não necessita dos seus — grunhiu Alexei.

— Desde quando é egoísta? — Fuzilei-o.

— Em relação a você tocando em outro homem? Desde sempre. — Pegou minhas mãos.

— Mas só ajudaria Cielo com seus curativos como uma forma de agradecimento!

— Ele já sabe que sente muito.

— Por que você não o deixa responder? — Trinquei os dentes.

Alexei bufou, mas ficou calado.

— Estou bem, não se preocupe, senhorita Petrova.

— *Rayssa*. Sem essa coisa de “senhorita” — pedi.

Ele olhou para Alexei como se buscasse sua permissão. Poderia me incomodar com isso, mas entendia que Cielo era um homem dele. Eu não brigaria com meu mafioso na frente de nenhum dos seus subordinados, embora merecesse.

— Tudo bem, Rayssa — respondeu, pois Alexei assentiu.

— Se precisar de qualquer coisa, basta me chamar. Não ligue para Alexei.

— Impossível não ligar, já que ele é meu chefe. — Cielo sorriu. O homem era realmente forte e bonito, em especial agora, parecendo menos letal que o normal.

Saí dali antes que o pai de meu bebê fizesse uma besteira.

— Você deveria praticar ioga, ajudaria muito. — Sacudi a cabeça. — Como sabia que fui ver Cielo?

— Um palpite, já que não achei você no quarto.

Estávamos na casa de Nikolai na Rússia. Não sabia bem o que seria de mim e Alexei, com a história de eu liderar os Petrovas e tal, mas Dimitri marcaria de nos encontrar. Alexei tinha organizado isso há pouco, mas não me contara detalhes a respeito. Mudei o assunto para esse tema:

— E no que resultou o encontro com Dimitri? Não quero que mate alguém por minha causa — sussurrei. — Nem que sua família o expulse.

Considerei lutar eu mesma para Alexei não precisar renunciar aos Dragons, porém, estando grávida, não poderia.

— Temos uma reunião com Kriger agora. Ele e alguns outros são nossos *dubrov*, formam um conselho similar aos Saints, cuidando da máfia Dragon. Dimitri e os seus estão lá também. — Puxou-me para a escada, rumando ao andar de baixo. — Seja o que for que eu disser a eles sobre nós, não acredite. — Aproximou os lábios à minha orelha, me fazendo estremecer. — Tenha em mente que eu a amo. Sempre será a primeira na minha vida.

— Não quero que seja dado como um traidor ao lutar em meu nome…

— Não vou, confie em mim.

Acreditava nele de corpo e alma. Não precisava questionar o significado de suas palavras a seguir, porque eu sabia quais eram as verdadeiras.

Assim que entramos, ele soltou minha mão. Eu me senti vazia, mas demonstrar intimidade e afeição em público era errado, um sinal de fraqueza.

Bando de idiotas, pensei.

Na sala estavam Dimitri, Nikolai e alguns homens que eu não conhecia. Ao total, com Alexei e eu, éramos onze.

— Kriger — Alexei cumprimentou um homem de idade e depois o pai de Yuri: — Dimitri.

— Que bom que chegaram. Vamos começar — disse Kriger, apontando para uma mesa grande.

Todos foram se sentar, apenas eu fiquei em pé, porque o lugar vago se situava próximo a um senhor com expressão mortal.

— Está com medo de mim, criança? Garanto que não tocaria em você — falou, suavizando sua face. — Eu me chamo Ari, sou um dos Saints.

Suspirei e olhei para Alexei, que assentiu. Ele não me deixaria perto de alguém que fosse fazer mal a mim e ao nosso bebê.

— Ótimo — Kriger iniciou. — Como já havíamos tratado, é incabível um membro dos Dragons colocar qualquer pessoa acima da nossa família.

— Queríamos sim que você, Alexei, se casasse com Rayssa Petrova, mas como uma aliança por meio da qual controlaria uma nação inteira, sem perder seu sobrenome — disse um cara de cabelo escuro. — O que não toleramos é a fraqueza demonstrada ao se oferecer para lutar no lugar de sua esposa, abandonando a sua família no processo.

Kriger assentiu.

— Andrew tem razão. Quando Alexei renunciou ao cargo que lhe pertencia, nós aceitamos, porque sabíamos que Dark daria um ótimo líder. Contudo, hoje, se autorizarmos o que você pretende, Alexei, os fracos seríamos nós, os *dubrov*. — Em seguida, dirigiu-se a Dimitri e quatro homens loiros: — Vocês têm suas regras inquebráveis, e também temos as nossas.

Dimitri balançou a cabeça.

— Concordo, mas não podemos flexibilizar nossas leis. Acho válido que façamos uma aliança, caso Rayssa cumpra o necessário, mesmo que tenha fugido, se tornando vulnerável aos olhos de todos. Mas deve ser ela a realizar a ascensão. Como é uma mulher, podemos deixar que a luta seja contra pessoas do mesmo gênero, e vamos treiná-la para que vença e mate a oponente, ou será acusada de traição e condenada à morte.

— Eu… — Queria mandá-los se danarem com suas regras fodidas, no entanto, Alexei me cortou:

— Posso ter a palavra antes de ser firmado qualquer veredito?

— Sim — respondeu Kriger.

— Que motivo seria forte o suficiente para que eu assumisse a obrigação de Rayssa sem necessitar dar as costas à minha família?

Os Saints e os *dubrov* trocaram olhares. Então Dimitri encarou Alexei:

— Se ela estivesse inapta a lutar, ou seja, doente.

— Mas isso não é o caso, já que ela goza de grande saúde — apontou

Ari.

Alexei assentiu. Eu o conhecia bem para saber que Dimitri respondera conforme ele almejava.

— Valorizo minha família, ela vem em primeiro lugar. Pelos Dragons, eu luto e mato. E o faria igualmente por Rayssa, mas não por amor, e sim porque ela está grávida, não pode lutar. Ou vão me dizer que filhos não são valorizados na família de vocês? Que devo arriscar o meu primogênito? — Cada pergunta levantada trazia um peso de censura. — Sei que a gravidez não é uma doença, contudo, envolve cuidados. Lutar é uma coisa que Rayssa não terá como fazer por um longo tempo.

Não tínhamos revelado publicamente sobre eu estar grávida, contamos apenas para nossos amigos e familiares próximos. Entendi por que guardou o segredo até aquele momento.

Todos os olhares se voltaram a mim, me deixando vermelha com tanta atenção.

— Grávida? — sondou Andrew com o cenho franzido.

— Aqui estão os exames. — Alexei colocou-os na mesa. — Mas, se preferirem, poderão solicitar outros.

Ficaram em silêncio por um segundo, conferindo os papéis. Eu estava nervosa com a ideia de que me obrigassem a lutar mesmo assim. *Não podem mandar na minha vida e na do meu filho*, pensei, irada.

— Acredito em você, Alexei. Nunca houve motivos para não acreditar — assegurou Kriger.

Alexei não mentiu acerca da gravidez, mas não disse sua verdadeira razão para desejar ocupar meu lugar naquela merda toda.

— Então posso lutar sem ser considerado um traidor? — perguntou aos *dubrov*.

— Sim, mas não poderá mudar seu nome — interveio Andrew. — Se quiser casar, aceitaremos a aliança com o maior prazer. Todavia, sem que renuncie ao nome do seu pai.

Apesar da expressão impassível de Alexei, eu conseguia enxergar a sua raiva. E quando ele ficava brabo, alguma coisa acontecia.

Perguntou aos Saints:

— E quanto a vocês? Autorizam que eu ocupe o lugar da minha esposa sem que precise mudar o meu nome?

— Posso ter uma palavra? — pedi, imitando o que Alexei falou antes.

O grupo me encarou. Estreitei meus olhos para Alexei, que sacudiu a cabeça de modo quase imperceptível. Será que ele estava pensando que eu diria uma besteira como, por exemplo, mandar todos ali pastarem? Vontade não me faltava, mas não o prejudicaria.

— Claro, minha jovem. O que tem a nos dizer? — Kriger mandou que eu prosseguisse.

Pigarreei, focada:

— Estou pensando aqui… Quando casamos, a mulher é submetida às vontades do marido… — soltei isto grunhindo. Aqueles mafiosos agiam como se tivessem nascido no século passado.

Kriger arqueou as sobrancelhas.

— Você parece se opor — observou.

Claro que era contra, não seria a favor de machismo, pensei.

— Isso não vem ao caso. O que estou tentando dizer é que Alexei governará tudo que é meu por direito, na posição de meu marido. Não entendo nada dos negócios da máfia e terei um filho para cuidar. — Encarei Dimitri e alguns outros que presumi serem os Saints. — Mentiria se prometesse me tornar a rainha do crime, mas juro estar ao lado de Alexei para tudo.

— Por amor? — destacou um dos Saints.

Dei de ombros.

— Pode ser. Não fui criada como vocês. — *Isto é, incapaz de sentir tal sentimento,* pensei, mas não verbalizei. — Só consigo prometer ser leal a Alexei e à família Petrova.

Não queria isso; era um destino do qual eu não podia correr, ainda mais com Alexei fazendo parte dele.

— Se, um dia, tiver de escolher entre seu povo e seu marido, o que

fará? — Dimitri perguntou.

Neutralizei minha expressão diante daqueles homens com visão de águia. Minha lealdade sempre residiria com Alexei.

— Escolherei o lado certo. É tudo que posso antecipar agora. — Achei melhor alegar isso do que mentir.

Dimitri sorriu.

— Se quiséssemos dizimar uma aldeia inteira, você nos apoiaria?

— Se fosse uma aldeia de assassinos e estupradores, sim. Caso se tratasse de inocentes, eu os impediria com toda a certeza. — Pude ver admiração nos olhos de Alexei. — Eu não sou meu pai, jamais serei. — Meu coração doía quando pensava nele. — Se vocês querem que eu assuma o lugar dele, precisam me deixar fazer do meu jeito. Confio que Alexei não trairá os Petrovas, ele é um homem leal; governará muito bem o meu povo.

Os Saints responderam que careciam de alguns minutos para tomar sua decisão. Reuniram-se no canto da sala, conversando em russo e em tom baixo. Alexei e Nikolai estavam de testas franzidas, então deveriam estar entendendo. Eu não, já que não falava o idioma.

Por fim, concluíram e vieram até nós.

— Alexei, você poderá lutar no lugar de Rayssa, uma vez que a garota está impossibilitada. Aceitamos que se case com ela sem abdicar do seu sobrenome, não obstante, se nos trair, sua sentença será a morte. — Ari olhou

entre nós dois. — Se concordar com nossos termos, damos o assunto por encerrado.

Ofeguei e já ia retrucar, mas Alexei falou antes e suplicou com os olhos para que eu me acalmasse.

— Aceito as condições. Se eu trair Rayssa e o seu povo, que também será o meu, vocês têm a minha autorização para me matar.

A verdade em suas palavras findou meu medo. Naquele instante, confirmei que Alexei jamais me trairia.

Kriger acenou positivamente.

— Tudo bem. Você pode aguardar lá fora, senhorita. Preciso ter uma palavrinha com Alexei e Nikolai — disse ele.

Não queria deixar Alexei sozinho, mas era tolice me preocupar. Meu futuro marido seria capaz de lidar com tudo.

Eu saí e fiquei no corredor, à sua espera. Queria sondar se eles estavam mudando de ideia ou não. O que tinha para ser dito que não podia ser tratado na minha frente? Liguei para Simon enquanto isso. Como estava nervosa, precisava falar com alguém.

Depois de atirar em meu tio, inicialmente, foi difícil lidar com meus sentimentos. Com o passar dos dias, porém, aceitei a ideia de que o verme merecia a morte, tendo assassinado meus pais. Entretanto, não era fácil apagar o fato de que tirei uma vida. Pedi ao Alexei que não contasse nada ao

Simon, mas Yuri não aguentou e falou tudo. Quando dei por mim, o meu amigo já estava na Rússia para me acalentar.

Simon ficou comigo até a semana anterior. Ele era um irmão valioso, mesmo que não compartilhássemos laços sanguíneos.

— Oi, como está minha flor do dia? Melhor? — sondou.

Fui em direção à varanda para me sentar, ansiosa demais.

— Bem… — sussurrei.

— Não me parece bem. Se quiser, eu volto para Moscou agora mesmo. — Sabia que era verdade.

— Não precisa. Só fiquei angustiada porque os mafiosos estão numa sala decidindo sobre a minha vida.

— Eles não a obrigarão a matar alguém, não é? Alexei disse que não deixaria isso acontecer. — Sua voz saiu alta do outro lado da linha.

— Não, eu confio nele. Só não gosto de mandarem tanto em mim. Pietro sempre o fez. — Olhei para um senhor que se aproximava. Desconhecia o seu nome, mas sabia que ele trabalhava para os Dragons.

— Deseja algo, senhorita? — perguntou.

— Um suco, por favor — pedi. Retomei a conversa com Simon: — Como andam as coisas com você e Yuri? — Evitava falar a respeito do que estava acontecendo lá dentro, pois não tinha a menor ideia.

Como não conseguia parar quieta, segui pelo corredor, saindo da

varanda e indo para o fundo da casa, até que cheguei a uma estufa. As flores ali eram lindas demais, me deixaram de queixo caído. Alexei contou que seu irmão construiu aquilo em homenagem à avó dele, a mulher que o pai biológico de Nikolai, Sebastian Ruiz, matou. Agora, o próprio assassino também estava morto.

— Tudo anda bem, querida, exceto pelas saudades de você — disse com um suspiro. — Já decidiu quando será o casamento? Antes ou depois de o bebê nascer?

— Não sei, não falamos sobre isso ainda. Você acha que Alexei quer se casar? — Ele não parecia ser esse tipo de homem, mas também nunca havia namorado antes de mim. Além disso, se desesperou quando fui embora para evitar uma guerra (que ocorreu de qualquer jeito; para a nossa sorte, saímos vencedores, com pouquíssimas baixas do nosso lado).

— Você endoidou? Aquele homem é louco por você — disse com veemência. — Se não fosse, eu não a teria deixado aí.

Sorri, pegando uma rosa vermelha e apreciando seu aroma.

— Ele me ama, né*?* Tudo aconteceu tão de repente, Alexei e os problemas que me afetaram… Eu me tornei uma pessimista, dado o contexto.

— Não pense assim, querida. Seja o que for que decidirem, Alexei não aceitará que faça nada que não queira — garantiu Simon. — É o único homem a quem confiaria sua segurança.

Por isso eu amava meu amigo: se importava tanto comigo que seria capaz de enfrentar um bando de mafiosos por mim, embora não precisasse; eu acreditava em Alexei.

— Sei que ele inclusive mataria só para me proteger — murmurei. — Queria poder impedir essa luta.

— Seu namorado é um assassino, lembra? Já matou na sua frente. Não há como proibir que continue fazendo isso, seja na luta de ascensão ou depois.

— Eu sei…

O senhor que me abordara minutos antes trouxe uma bandeja com bebidas e doces. Agradeci.

— Antes que me esqueça, eu já ia ligar para dizer que encontramos o local em que sua mãe foi enterrada. Ou melhor, Yuri encontrou.

— Onde? — Meu coração retumbava.

— No Canadá. Enviarei o endereço, mas não quero que vá sozinha. Iremos juntos — ofereceu.

Sentei-me em uma mesa.

— Não vou, eu prometo. — Não tinha como sair a qualquer canto sem que Alexei soubesse. Ademais, preferiria estar com ele em um momento desses.

— Tudo bem, minha flor, agora preciso ir. Nos veremos em breve. —

Despedidas feitas, desligou.

Passei tantos anos pensando que minha mãe estivesse morta… Agora, pelo contrário, custava a crer que ela realmente partira para sempre.

Peguei um suco de uva para tomar, mas o líquido sumiu da minha mão antes que chegasse à boca.

— Não pode beber vinho estando grávida — ralhou Alexei.

Olhei para ele com o cenho franzido.

— É só um suco, seu bobo. E onde aprendeu sobre isso?

— Nikolai me emprestou um livro que comprou quando Samira engravidou. — Deu de ombros. — Li a respeito. Agora me diga: quem a deixou triste?

Nikolai adquiriu um livro que trata de gravidez? Quem diria, hein?, surpreendi-me em pensamento. Em nada lembrava o assassino frio que conheci.

— Yuri descobriu onde minha mãe foi enterrada — sussurrei.

— Vou acabar com aquele idiota por ter lhe dado essa notícia assim, sem preparo. — Veio até mim e me abraçou. — Você está bem?

Suspirei. Com os braços dele à minha volta, eu me senti um pouco reconfortada.

— Vou ficar um dia. Gostaria de ir lá para vê-la.

— Vamos juntos, eu prometo. Mas, antes, precisamos nos casar. Eles

marcaram a cerimônia para daqui a um mês. — Afastou o rosto para me olhar.

— Um mês? O quê!? — questionei. Minha mente estava fraca para raciocinar.

— Porque teremos um bebê, precisamos fazer isso antes que a barriga cresça. Não quero ter de matar alguém que ouse falar mal de você. Samira casou grávida, e meu irmão assassinou muitos que a insultaram por isso — explicou com um suspiro. — Acha que o prazo é curto para organizar tudo?

Não estava chocada com o tempo escasso, e sim por ele parecer ansioso.

— Não ligaria se nos casássemos em Vegas hoje mesmo. Contanto que seja com você, ficarei feliz — declarei.

Alexei riu.

— Vegas, hein? Acho que Kriger surtaria. Mas adoraria que me pertencesse o quanto antes.

— Eu me tornei sua a partir do momento em que o conheci, Alexei.

— Então, senhorita Petrova, aceita ser minha esposa? Prometo amá-la e protegê-la enquanto eu viver. Digo isto cercado destas rosas, que você sempre receberá de mim, junto a corações, chocolates e, principalmente, amor. Será eternamente minha primeira escolha, acima, inclusive, da minha família.

Naquele momento, eu soube que enfrentaríamos tudo unidos: as dificuldades, os imprevistos e o que mais aparecesse.

— Sim, mil vezes sim. — Sorri e o beijei.



Capítulo 28

Alexei

Menti para Rayssa que a luta seria no dia seguinte, pois não queria que presenciasse a cena. Tranquilo, subi em uma arena onde se encontravam os assassinos treinados, dois estupradores de crianças — aliados de Patrick, inclusive, uns dos poucos que sobraram. Mereciam a morte.

No entanto, os malditos dos Saints trouxeram minha futura esposa, argumentando que, no mínimo, ela deveria assistir ao ato. Se eu pudesse matar todos eles, o faria sem perder uma noite de sono. Infelizmente, não podia, porque em breve nos tornaríamos família.

— Ainda pode mudar de ideia — ela disse, mordendo os lábios.

Sorri para acalmá-la.

— Ficarei bem. Minha única preocupação é por não querer que veja nada, gostaria de evitar isso. — Sentia vontade de beijá-la, mas estávamos cercados de gente, então me controlei. — Não saia de perto de Nikolai.

— Certo.

— E seja forte. Sei que já viu o pior de mim, mas talvez ficará mais impressionada com o que acompanhará hoje. Saiba que amo você.

— Também o amo. Nada nos afastará. Estarei sempre do seu lado.

Encarei os homens que logo assassinaria.

— Vamos para a ascensão — disse Dimitri. Em seguida, falou algumas palavras sobre ancestrais e toda essa merda, mas não ouvi muito bem, porque estava ocupado intimidando os vermes.

Quando pretendia matar alguém, eu os olhava de frente. Gostava de mostrar quem era e por que os eliminaria.

— Hora do show — murmurei para mim mesmo. Nunca fugi de uma luta contra um inimigo.

Dimitri nos mandou começar. Estávamos desarmados por enquanto, então soquei um e depois o outro. Claro que levei alguns socos, mas nada sério. Eu era bom, afinal, lutava de vez em quando nos ringues de Moscou. Contudo, era o esporte favorito de Nikolai, não o meu.

— Esperava arregaçar aquela putinha, filha do porco do Pietro — disse um dos caras, cuspindo no chão. Riu e mirou Rayssa.

— Adoraria enfiar meu pau em cada buraco dela — provocou o segundo.

Sorri de modo sinistro. Bom, adoraria matar aqueles imundos, ainda mais com a raiva crescendo dentro de mim ao ouvir aquilo.

— Vou ensiná-los a respeitar minha mulher. — Soquei o primeiro na boca, fazendo o sangue espirrar. Lancei-me sobre o outro, que veio na minha

direção.

Queria ter mais tempo com eles, mas tudo estava cronometrado para acabar em vinte minutos. Era o prazo imposto por Dimitri. Eu amava cada segundo, meu lado assassino vibrava.

Demorei dez minutos para matá-los; a minha raiva ajudou a adiantar as coisas, após os insultos contra minha mulher.

— Mostrarei a você quem é o fraco aqui. — Peguei o pescoço do último e destronquei.

Nas arquibancadas da arena, havia poucos expectadores, alguns Petrovas e Dragons. Achei bom, só, realmente, gostaria de ter impedido que Rayssa visse, mas não pude. Não conseguia encará-la depois de matar os caras, temendo sua reação ao meu lado sombrio.

Eu não pensava em mudar, então precisava que ela me aceitasse sabendo que, embora eu matasse, nunca veria essa minha faceta dentro de casa.

Estava sujo com o sangue deles e um pouco do meu, porque também fui acertado. Isso não me incomodava, mas poderia assustar minha futura esposa.

Observei-a indo para o banheiro, decerto para vomitar, porque a cena saiu do controle quando esmaguei a cabeça de um. Deveria ter pegado mais leve, mas sentia raiva demais por se atreverem a ofendê-la.

Merda! Queria ir correndo para ela, porém, tive medo da rejeição. O meu peito se apertou, quase me deixando sem ar; doía em demasia.

— Bem-vindo à família — disse Dimitri.

Adoraria mandá-lo ir se foder com suas regras. Por causa delas, Rayssa jamais me veria da mesma forma.

— Você será o novo chefe — falou Ari, me entregando o anel que pertencera a Pietro, o qual me garantiria o controle dos Petrovas.

Obviamente, não fiz nada pelo poder, mas por Rayssa.

— Que fique registrado aos presentes: de hoje em diante, Alexei Dragon governará a máfia Petrova. — Dimitri encarou a multidão, depois se voltou a mim. — Amanhã, eu o apresentarei a todos em uma reunião na mansão dos Petrovas, em São Petersburgo. Você e Rayssa, é claro, devem comparecer. Onde ela está?

— Enjoos da gravidez — explicou Ari. — E a cena foi pesada para uma pessoa criada longe de nosso mundo.

Recebi parabéns gerais pelo trabalho eficiente e fui tomar um banho, aproveitando a oportunidade para conferir como Rayssa estava. Eu poderia ser um cara bom e desejar que ela não se envolvesse com alguém da máfia, mas era egoísta demais para mantê-la distante — mesmo se dispusesse desse poder, o que não tinha.

Olhei para as minhas mãos enquanto a água caía sobre mim, deixando o

chão vermelho. Seria suficiente para afastá-la? Ela me viu matando aquele imundo do Frizer, entretanto, o que aconteceu minutos atrás foi pior. Perdi o controle.

— Porra! — Dei um soco na parede.

Ouvi a porta se abrir. Não olhei para cima, devia ser meu irmão. Estava a ponto de socar a parede de novo quando senti mãos pequenas na minha cintura.

— Por favor, não se machuque mais. Não suporto isso, é como se doesse em mim — sussurrou Rayssa, encolhida.

Segurei suas mãos e me virei para encará-la. Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Não sabia o que fazer, se a abraçava ou lhe dava um tempo. A verdade era que temia que ela corresse. Nunca me faltou coragem, não antes de ela entrar na minha vida e tomar posse do meu mundo.

— Rayssa…

— Não tenho medo de você, jamais terei. Seu irmão assumiu isso, mas, como disse, nada me fará ficar longe. — A voz dela, apesar de fraca, era firme.

— Sou um assassino…

Ela sacudiu a cabeça.

— Não ligo.

— Então aceita minhas falhas? — Precisava ter certeza, pois, no fundo,

estava inquieto com sua resposta.

— Não me importo que mate bandidos, se não machuca inocentes e nem tocaria em mim e no nosso filho. — Sua confiança aqueceu meu peito.

— Isso eu posso jurar com a minha vida. — Toquei seu rosto, molhado pela água do chuveiro ainda ligado sobre nós dois. — Não gosto que chore por mim…

— Odiei vê-lo se machucar. — Seus dedos brancos e frágeis tocaram um corte na minha testa e uma marca arroxeada na região da barriga. — Queria ir até lá e acabar com eles, mas seu irmão não deixou e me puxou para o banheiro.

A imagem me fez rir.

— Achei que a luta a assombraria demais. — Tirei seu vestido, jogando-o longe. Em seguida, apalpei seus lindos seios.

— Não, ver sangue já não me faz mal, me acostumei para não abrir mão de você. Seria como ficar sem respirar, eu morreria. — Levou a mão ao meu pau e o apertou, me fazendo gemer.

Tive sorte de encontrar alguém como ela… Se acreditasse em Deus, afirmaria que Ele a enviou para mim. Fosse quem fosse o responsável, eu agradecia. Talvez Ele até existisse, mas nunca ajudaria uma pessoa como eu, me concedendo um milagre desses.

Fui me abaixar, mas minhas costelas estavam doloridas por culpa de

um dos malditos que me acertou com um chute.

— Fique parado, tomarei conta de você — disse, pesarosa. — Mas acho que precisa ver um médico.

— A única pessoa que quero me tocando é você. — Merda, se ela não fizesse aquilo, certamente eu gritaria.

Deu o sorriso que eu tanto amava. Um anjo perfeito, enviado para me tentar.

Aproximou-se com os olhos em mim, colocou os lábios no meu peito e desceu para a minha barriga, até que se ajoelhou à minha frente.

— Linda demais, uma visão da qual nunca vou me cansar. — Peguei seus cabelos molhados, mas não a forcei.

Ter sua boca em mim era como ser arrebatado; toda vez que a língua passava em volta da cabeça do meu pau, labaredas me consumiam. Claro que já recebi boquetes antes, mas nunca envolvendo tantos sentimentos, calor e amor. Com as outras era só prazer, Rayssa trazia muito mais. Veio para me domar. Por ela, eu faria qualquer coisa: mataria, mutilaria e destruiria apenas para que ficasse bem.

— Querida, estou perto. Se prefere que eu não goze na sua boca, tire agora. — Os enjoos dela andavam bem difíceis, e eu não queria ser a causa de sua piora.

Como não parou e só gemeu, eu a puxei para cima e a beijei, me

enterrando em seu corpo. Suas pernas foram parar à minha volta, me fazendo entrar mais fundo.

Eu me sentia no Céu. Não liguei para a dor nas costelas, porque apenas Rayssa importava naquele cenário, com seu cheiro de lavanda e sabor de mel. Tudo nela me deixava mais apaixonado a cada segundo. Não entendia como aquilo ainda era possível…

Tentei me controlar para não a machucar, afinal, ela carregava em seu ventre o fruto de nosso amor.

— Não abandonarei você nunca, mesmo sendo a coisa certa a se fazer. Não a mereço… — falei, assim que gozamos juntos.

— O importante é que não posso e nem quero viver sem você — declarou. — Eu o amo, Alexei, com a minha vida.

— Também amo você, de uma forma que nunca pensei ser capaz — afirmei, beijando ambas as bochechas dela. — Com esse diamante em seu dedo, logo se tornará minha esposa e a terei para sempre.

— *Sempre* — enfatizou. — Acha que consegue de novo? Esta gravidez me deixa louca por sexo.

Sorri.

— Estou amando cada segundo disso. — Com ela, sempre estaria preparado. — Precisarei manter você grávida por muitos anos, teremos vários filhos.

Revirou os olhos.

— Dois, no máximo. — Remexeu-se, ao que endureci. — Seja como for, eles serão amados.

— Sim, vocês serão. — Beijei-a, esforçando-me para mostrar que ela era a razão da minha existência.

Alguns minutos mais tarde, saímos do vestiário. Rayssa estava corada.

— Não precisa ter vergonha, você é minha noiva.

— Fácil dizer. Esses homens querem viver como na pré-história, acreditam em mulheres submissas e esposas virgens, principalmente dos chefes. — Bufou, sacudindo seus cabelos úmidos. — Estamos no século vinte e um, pelo amor de Deus.

— Quem liga para o que aqueles idiotas pensam? — Beijei seu rosto. — Nenhum deles ousaria lhe dizer nada.

— Só porque têm medo de você — destacou, ajeitando o vestido. — Mas, com certeza, devem pensar.

Não podia impedir que alguém pensasse algo ruim dela, já que não lia mentes, mas se a olhassem torto, eu certamente os mandaria para o Inferno.

— Você é perfeita, Rayssa. Pare de se preocupar. — Puxei sua mão rumo ao grande salão onde ficava a arena. — Não acho bom ver o que está lá.

— É tarde para isso. — Olhou-me de lado com suas íris brilhantes. — Não me incomodarei mais, eu prometo.

Ouvir aquilo me alegrou, apesar de que tentaria não matar na sua frente — não queria lhe provocar pesadelos. Só desejava que cuidasse de nosso filho e seguisse o seu sonho de se tornar uma advogada.

Depois que saímos do banheiro, Dimitri pediu para conversar com Rayssa. Eu fiquei esperando perto de Nikolai, mas minha atenção estava nela e, ao mesmo tempo, nas pessoas ao redor.

— Acho que você terá problemas com ele — disse meu irmão, checando Anthony, um dos Saints.

Tinha visto a forma como ele encarava Rayssa, com um misto de raiva e desdém.

— Bom, deixe que tente fazer algo, assim o derrubo. Também descobrirei tudo a seu respeito.

— Se precisar de mim, basta dizer. — Falou baixo, para que somente eu ouvisse: — Ainda somos uma família, independente do que fez hoje.

Assenti e vi Anthony indo na direção de Rayssa, que caminhava até mim.

— Depois nos falamos, agora vou tomar conta da minha mulher. — Dei as costas a Nikolai e fui de encontro à Rayssa. Cheguei antes de Anthony, que estacou e me fuzilou.

— Vamos embora, querida? — Peguei sua mão e comecei a puxá-la, mas antes, eu parei na frente de Anthony, cumprimentando-o: — Como vai?

— Só queria dar os parabéns a você e à filha de Pietro — disse, estendendo a mão para ela.

Rayssa estava a ponto de tocá-lo, porém, eu segurei primeiro a mão do cara e apertei um pouco mais forte do que deveria.

— Ficamos gratos por nos receber, Anthony. — Escondi meu desprezo.

Seus olhos se estreitaram e sua expressão piorou ao mirar o anel em meu dedo. *Tome essa, babaca. Fico no aguardo de qualquer deslize seu para enfiar minha faca em sua garganta*, pensei.

— Alexei, vamos? Estou exausta… — Puxou meu braço em uma súplica silenciosa.

Soltei a mão de Anthony após um último aperto, elucidando que estaria ali assim que mostrasse sua verdadeira cara.

— O que foi aquilo? — perguntou Rayssa, indo para o carro. — Você pareceu querer marcar seu território ou algo similar. Ele não é um dos Saints?

— Não sei ao certo — menti. — Uma coisa eu prometo: tudo ficará bem. Jamais permitirei que algo a atinja. — Mudei de assunto para distraí-la: — Então, quer dirigir?

Ela sorriu, animada.

— O seu Koenigsegg? — quase gritou. — Não acredito que vou andar em um!

Gostei de ver a felicidade em seus olhos. Faria de tudo naquele reinado

para garantir que aquilo acontecesse sempre.

— O que é meu é seu, Cordeirinha. Como ainda não terminou o carro em que estava trabalhando, posso muito bem deixá-la dirigir o meu por enquanto — propus.

— Preciso ir a Dallas para finalizar…

Cortei-a:

— Não há a mais remota possibilidade de você ficar longe de mim. Darei um jeito de trazer seu carro. — Suspirei ao entrarmos no veículo. — Depois, nós poderemos montá-lo juntos.

Ela arregalou os olhos.

— Desde quando sabe consertar carros? Nunca me contou. — Rayssa ligou o Koenigsegg e partiu. — Minha nossa! Isto é um sonho.

— *Você* é um sonho — declarei. — Minha vida, vá com calma, não queremos que se machuquem. — Coloquei a mão em sua barriga. — Nenhum dos dois.

Ela assentiu e desacelerou.

— Tem razão, mas eu não ia capotar. — Sorriu para mim. Parou o carro debaixo de uma árvore em um parque e veio me beijar. — Quero você…

— Não podemos estacionar aqui, querida. Vamos para casa… — falei entre os seus lábios. Negar algo à Rayssa era quase impossível. Com os

vidros escuros, não dava para ver nada do lado de fora, mas eu não ficaria com ela ali. Encontrei um meio-termo: — Dirija e vire à direita em duas quadras, aí aproveitaremos. A praça é perigosa.

Mesmo acabando com Patrick, pelo que vi mais cedo com Anthony, o homem tinha alguns seguidores ao seu lado, assim como os Rodins, que continuavam soltos. Então evitaria qualquer risco.

Ela fez o que eu pedi.

— Ainda corremos perigo? — sondou, preocupada.

— Não, só estou sendo cauteloso. Agora entre naquele hotel — pedi.

Rayssa virou à esquina e adentrou o estacionamento.

— Um arranha-céu? Nossa, é muito chique — observou, nervosa.

Tinha adquirido o lugar há alguns anos, mas nunca estive em nenhum dos quartos, embora fossem bem luxuosos. A fachada era composta por paredes brancas e grandes janelas de vidro, com uma vista deslumbrante.

— Peguei um dos apartamentos em uma dívida, então comprei o prédio todo depois. — Segurei minha Cordeirinha e a beijei, levando-a para um dos quartos com lençóis claros. — Aqui, nós poderemos ficar o resto da noite.

— Alexei, eu devo me preocupar com quem você trouxe a este quarto antes? — Sua voz denotava vulnerabilidade.

Sorri.

— Nunca tinha sequer entrado no prédio. Mas adorei vir com você.

Ela sorriu e tirou minha camisa.

— Então vamos aproveitar, estou faminta. — Gostava do fogo e do amor em seus olhos.

Tirei suas roupas e pairei em cima dela.

— Minha garota está sedenta, hein? Resolverei este problema. — Levei minha mão ao seu clitóris e esfreguei-o. Gritou quando entrei na mesma hora, adorando cada momento. Nunca vi nada mais lindo no mundo.

Ela cravava as unhas em minha pele, me enlouquecendo. Não conseguiria colocar em palavras a felicidade que eu sentia de saber que aquilo era apenas o começo: teríamos uma vida pela frente, ao longo da qual eu faria de tudo por minha mulher.



— Você não fica nervoso? — perguntou Rayssa. Estávamos no quarto da mansão em São Petersburgo.

Fomos mais cedo para a reunião que teríamos à noite com todos da máfia Petrova, os homens que eu governaria. O dia inteiro, notei uma forte tensão na garota, que cresceu ao chegarmos.

Ri, beijando sua testa e seu pescoço em uma tentativa de fazê-la relaxar.

— Cordeirinha, eu já me acostumei a nadar entre tubarões. Os homens

de hoje serão apenas mais alguns na fila.

— Estou com medo de que algo de errado aconteça… De que alguém se oponha à nossa união — sussurrou.

Aquilo era novo para ela. Mesmo que seu pai tivesse sido o chefe, ela jamais conseguiria lidar com a vida na máfia — ou talvez conseguisse, mas eu não queria que isto lhe acarretasse traumas. Desejava que, embora vivendo naquele mundo, ela mantivesse o brilho inocente de quando a conheci, meses atrás.

Rayssa ainda sofria com pesadelos por matar o maldito Patrick. Eu nunca perdoaria minha lentidão em impedi-la. Era eu quem deveria ter puxado aquele gatilho.

— Sabe o que é isto? — Levantei o anel no meu dedo. — Esta joia me dá o poder de matar qualquer um que a desrespeite. Se alguém fizer isso na minha ausência, basta me dizer.

Ela suspirou.

— Mesmo se você não fosse o chefe, não deixaria acontecer, não é?

— Protejo quem eu amo. — Passei o dedo em seu decote. — Está magnífica com este vestido.

Era um vestido longo e prata, com alças finas.

— Obrigada, Alexei, sei que posso confiar em você de olhos fechados. — Deu-me um tapinha na mão enquanto eu a tocava. — Vamos descer ou

jamais sairemos do quarto. E já estamos atrasados. — Ajeitou minha gravata. — Está lindo, *chefe*. — Sorriu.

Ri, adorando que seu receio diminuíra. Rayssa não estava errada: algo aconteceria, mas eu faria o impossível para que não fosse diante dela.

Descemos para o salão da mansão. Entre os convidados estavam tanto membros dos Petrovas quanto dos Dragons.

— Mantenha a calma e lembre-se de esconder suas emoções. Esses homens são lobos, cheiram um cordeiro de longe. Não saia de perto de Irina e Samira.

— Por que não posso ficar com você? — inquiriu, me olhando de lado. — Sei que não devo ser medrosa, mas são tantos…

— …assassinos juntos? — terminei sua frase. — Rayssa, minha querida, terei que me reunir com os homens, você ficará com as mulheres. Cielo, Samuel e alguns dos meus subordinados as vigiarão.

— Mas Cielo nem se recuperou ainda…

— Ele já está bem. — Guiei-a através das pessoas.

Irina veio correndo na minha direção.

— Não acredito que finalmente estou conhecendo a famosa Rayssa. — Ela abraçou minha futura esposa. — Fico feliz por ter domado o meu irmão.

Agradeci que tivesse dito isso baixo. Irina sabia de todos os protocolos da máfia.

— Oi, é um prazer conhecê-la também. — Sorriu, menos angustiada.

— Irina, você pode tomar contar de Rayssa por um segundo? Preciso conversar com os Saints e os *dubrov*. — Voltei-me à Cordeirinha: — Divirta-se, meu amor, não fique tão ansiosa. Tudo dará certo.

— Pode deixar. — Apertou minha mão e pretendia me beijar, como de costume

— Mais tarde, querida — prometi.

Assim que ela foi com Irina para onde se situavam as esposas dos Saints, dos *dubrov* e de outros chefes das máfias, eu busquei Nikolai. Encontrei-o junto a Matteo e Alessandro.

— Está ciente do que vai acontecer? — perguntou meu irmão, à guisa de um cumprimento.

Eu ligara para ele mais cedo, relatando o que havia descoberto de Anthony e outros membros dos Petrovas. Minhas suspeitas foram comprovadas.

— Sim, pronto para o que der e vier. Mostrarei quem manda aqui. Já falei com Dimitri, ficamos de contar aos outros hoje. — Peguei uma vodca na mesa e bebi antes de virar a cabeça para encarar os Saints.

— Que bom que chegou, Alexei! Estávamos esperando por você para começarmos a reunião — disse Ari. — Por aqui.

Descemos para uma sala no subterrâneo. Ali tinha um armário,

correntes e uma mesa imensa, mas ninguém se sentou.

— Do que se trata a reunião? — perguntou Bóris, um dos traidores. — Geralmente, nos informam o assunto antes.

Controlei minha raiva.

— Como todos sabem, eu assumi o posto de chefe dos Petrovas, então vou esclarecer alguns pontos. Uma coisa que odeio são os ratos; hoje, me livrarei de cinco deles. — Olhei para cada um dos traidores desprezíveis.

Bóris já ia puxar o seu revólver, mas fui mais rápido, apontando o meu.

— Desarmem todos. Quero que tenham uma morte lenta. Vou adorar cada segundo. — Peguei um *pen drive* e dei para Yuri, que o colocou no computador. As provas exibidas na tela eram conclusivas: todos trabalhavam para Patrick e traíram Pietro, levando-o à morte. — De joelhos — ordenei.

— Você não passa de um verme imundo! Não aceitou ser o chefe de seu povo, dando o cargo a *ele* — Bóris apontou para Nikolai —, mas nos governará? O cargo deveria ser passado a um *verdadeiro* Petrova.

Tirei meu paletó e arregacei as mangas da camisa.

— Acredita que seria um bom chefe? E faria isso desrespeitando as regras impostas por sua própria máfia, as quais *eu* estou seguindo? — Peguei minha faca, já imaginando sua resposta.

— Se para governar os Petrovas bastasse foder algumas vezes a *princesinha* de Pietro, adoraria enfiar meu pau naquela…

Chutei seu peito, fazendo com que caísse no chão.

— Respeite a minha noiva. — Coloquei meu joelho sobre ele, que arfava devido ao impacto. — Ninguém fala dela e sai vivo.

— Você é louco — gritou, lutando comigo.

Sorri de modo sinistro.

— Definitivamente. Agora, comerá seu pau. — Algemei suas mãos e rasguei-o com uma faca, não para matá-lo, afinal, eu almejava que sofresse.

Depois que o prendi em correntes dispostas na sala, deixei-o de pé.

— Seu miserável!

— Evite falar; precisará de fôlego para gritar — rosnei, rasgando suas roupas com a lâmina.

— O que pensa que está fazendo? Tire suas mãos de mim. — Olhou para os Saints. — Eu faço parte de seu povo. Ele é um intruso, um maldito Dragon. A família precisa permanecer unida!

Dimitri mantinha uma expressão gélida. Cuspiu:

— Exato. Portanto, deveriam ter ficado do nosso lado. E você, Bóris, foi quem encontrou Lídia. Pietro confiou no seu trabalho, mas então você o traiu, entregando-a ao Patrick. É uma vergonha para a nossa família.

— Como chefe, Alexei pode fazer o que quiser dentro das regras — reiterou Ari. — Uma delas envolve exterminar quaisquer ratos.

— Pagarão por nos trair — emendou Dimitri.

— Agora vamos ao que interessa. Quem mais compactuou com Patrick? — perguntei a Bóris. Quando não respondeu, enfiei a faca mais fundo.

— Eu não sei, mas o Anthony sim — gritou, ofegante. — Por favor, me mate depressa…

Sorri.

— Oh, eu nem comecei direito…

Demorei algum tempo para acabar com Bóris, aproveitando a diversão. Conforme o prometido, eu o fiz se engasgar com o próprio pau antes de morrer.

Coberto de sangue, me virei para os outros. Se fossem pessoas normais, certamente já estariam aterrorizados; contudo, eram assassinos.

— Chegou a vez de vocês. — Puxei a arma, atirando na testa de três dos traidores, deixando Anthony por último.

— Serei seu aliado. Darei as informações que deseja — prometeu, tão logo comecei a trabalhar nele. Mirou os outros Saints, suplicante: — Tenham misericórdia…

— Eles não podem ajudar, sou o chefe agora. E desconheço o significado de misericórdia com homens como você.

Após um processo propositalmente demorado, peguei a lista dos traidores em um *pen drive* que Anthony carregava consigo.

No final, curvei sua cabeça para trás, colocando a faca em sua garganta. Olhei para todos enquanto o matava, urrando:

— Isto é o que acontecerá a quem nos trair ou ousar desrespeitar minha mulher. — Murmurei para os Saints: — Reúnam os nomes desta lista e os matem.

— Antes do raiar do dia, serão eliminados — Ari avisou. — Podemos enviar como um recado aos demais.

— Enviem esses também. — Apontei para os mortos no chão. — E vou querer homens de confiança para tomarem conta da minha mulher, homens que arriscariam suas vidas por ela se fosse preciso, como Cielo fez. Por ser um Dragon, ele ficará com Nikolai; preciso de um Petrova.

— Tenho dois para isso. Meu filho, Yuri, que já supervisionava a garota, e Oleg Galkin — respondeu Dimitri.

— Yuri? — Franzi a testa. Era um garoto ainda, mas, de fato, confiaria a segurança de Rayssa a ele. Ninguém sabia que Yuri a ajudara a fugir; os Saints o acusariam de traição e o condenariam à morte.

— Não há motivos para ele continuar morando na América, se Rayssa viverá aqui — respondeu Dimitri.

Assenti.

— E quando a esse Oleg? — Procurei entre os homens ali, que me olhavam com respeito.

— Sou eu, chefe, o filho de Ari — respondeu um rapaz alto de cabelos claros. — Estou aqui para servir.

— Peço que o restante saia para eu ter uma palavrinha com Oleg e Yuri. — Tirei minha camisa cheia de sangue e fui lavar minhas mãos na torneira do banheiro adjacente à sala.

— Sim, aguardaremos lá fora — disse Ari. — E há roupas novas no armário do canto, se desejar trocar as suas. Este local foi planejado antecipando tais… *ocorrências*.

Depois que saíram e eu me limpei, vestindo uma camiseta preta, fitei os dois que tinham ficado.

— Minha mulher está grávida, necessita de segurança redobrada, vinte e quatro horas por dia. Vocês devem se revezar. Estariam dispostos a matar e a morrer por Rayssa? Acima de tudo? — perguntei.

— Sim, senhor — prometeu Oleg.

— Eu também — disse Yuri.

— Sabem o que acontecerá caso me traiam, não? — Apontei para os defuntos. — Isso aqui e muito mais, se ela for ferida.

— Nós juramos, chefe — Oleg reforçou.

— Tudo bem, podem ir.

Estavam quase saindo quando chamei Yuri.

— Sim? — Encarou-me, fechando a porta.

— Como resolveremos sua situação com Simon? Não posso deixar que namore um cara que não pertence à máfia. Esta é uma regra inquebrável, para a proteção de ambos.

— Eu sei. — Suspirou. — Não direi para esconder isso ou aceitar. Só preciso de tempo. Falei com Simon, ele pretende fazer um intercâmbio aqui na Rússia. Quer entrar para a máfia.

Surpreendi-me.

— Por você?

— Não só por mim, mas por Rayssa também. Ele não tem vontade de ficar longe dela — respondeu. — Eu o treinarei.

— Certo. Deixe que todos pensem que o que há entre vocês é apenas uma aventura, ou terei de tomar decisões difíceis para mim. Odiaria dar fim ao melhor amigo de Rayssa só para cumprir uma lei.

— Farei isso. Não diga nada a Rayssa, por favor, Simon contará quando der tudo certo.

Não gostava de mentir para a Cordeirinha, embora determinados assuntos eu não pudesse compartilhar, de modo a protegê-la.

Agora, eu me encontraria com a minha noiva, porque estava louco para tê-la em meus braços e sentir seu cheiro que tanto amava.



Capítulo 29

Rayssa

— Não acredito que minha princesa linda vai se casar com o homem mais cobiçado da Rússia — disse Simon.

Estava em um quarto da mansão em São Petersburgo. Moraria ali após a cerimônia.

— O segundo. Meu marido é o primeiro. — Sorriu Dalila. Passei a chamá-la assim, por seu nome verdadeiro, diferente de Nikolai e Alexei, acostumados a se referir a ela como Samira.

— Meu irmão é lindo mesmo. — Sorriu Tabitta. Ela era uma loira de olhos verdes, irmã biológica de Nikolai e casada com Jason Falcon. Já assisti a lutas dele, inclusive me considerava uma fã; Tabi ficou de pegar um autógrafo para mim.

— Todos são divinos, mas ninguém se compara ao Alexei — declarei.

— Vamos parar de falar em homens lindos? Está me dando calor, e isto não pega nada bem. — Simon se abanou.

Ele e Yuri estavam juntos, mas não os via de mãos dadas ou coisa assim, era como se não pudessem. Perguntei o motivo, mas sua resposta foi

evasiva. Depois descobriria o porquê.

— Certo, meninas, vamos na frente. Chamarei o senhor Smith para entrar e levar Rayssa ao altar — disse Irina. Veio até mim e pegou minha mão. — Desejo que seja feliz ao lado do meu irmão. Sei que, às vezes, ele age como um idiota, mas, no fundo, é um amor.

Sorri.

— Obrigada. — Olhei para todas ali. — Fico contente que estejam comigo neste momento lindo e mágico da minha vida.

— Nós que nos alegramos por você entrar na família. Ao menos eu não continuarei sozinha aqui na Rússia — falou Dalila.

Todas saíram. Eu me olhei no espelho mais uma vez e expirei fundo. Usava um vestido branco com decote em V, nada sensual, mas belo. Na região da barriga (não muito grande ainda) estava um pouco frouxo, para disfarçar. Não sentia vergonha por isso, afinal, já amava a vida ali dentro, e por ela faria qualquer coisa. Mas as leis da máfia eram uma porcaria, autorizando o desrespeito a mulheres grávidas antes do casamento… Poderia mandá-los longe, entretanto, se eu escolhera esta vida por Alexei, seria melhor começar a vivê-la.

— Nossa! Magnífica — elogiou o senhor Smith, beijando minha testa. — Está feliz, filha?

Eu não tinha meu pai comigo. Felizmente, o de Simon veio a Moscou e

se ofereceu para me levar ao altar. Sua atitude me emocionou.

Encontrava-me junto a ele no corredor, pronta para o meu casamento com o homem mais lindo do mundo. Sentia como se tivesse ganhado na loteria por ter seu amor.

— Sim, completamente — declarei com firmeza enquanto andávamos até o quintal enorme da mansão Petrova.

Ele sorriu, exultante. Guiou-me pelo corredor da igreja, repleto de rostos desconhecidos e alguns familiares, como Luca e sua esposa, Jade, uma mulher de cabelos escuros — formavam um casal lindo. Matteo, *capo* dos Salvatores e casado com Irina, irmã de Alexei, também comparecera. Ele se parecia bastante com Luca, pois eram primos.

O local fora enfeitado com guirlandas de flores. As pessoas se levantaram de suas cadeiras logo que entrei.

Andando na direção do meu futuro marido, eu só conseguia focar nele, de preto no altar, com os cabelos loiros e olhos azuis brilhantes. Todos no salão sumiram, restando apenas nós dois.

Seu rosto demonstrava seriedade, o que eu entendia: não poderia exibir afeto na frente dos outros. *A máfia e suas regras idiotas!*, xinguei em pensamento. Já eu não me importava, estava contente e não ligava que vissem.

O senhor Smith deu a minha mão ao meu noivo. Senti o toque de

Alexei como uma corrente elétrica tomando conta do meu corpo dos pés à cabeça.

— Estou entregando a minha filha a você. Mesmo que não seja de sangue, eu a considero assim. Tome conta de Rayssa com a sua vida, se for preciso — o pai de Simon (e, agora, igualmente meu) pediu.

Notei alguns dos membros das máfias trocando olhares, como se o que o senhor Smith tivesse dito fosse um absurdo. A despeito disso, Alexei assentiu.

— Eu prometo, senhor — disse num tom neutro. Subentendi o juramento através das palavras.

Meu segundo pai foi se sentar perto de Simon. Alexei e eu ficamos de frente para o reverendo.

— Está deslumbrante — sussurrou para que somente eu ouvisse.

— Preto combina com você — afirmei no mesmo tom de voz.

O ministrante pronunciou um discurso curto, e chegou a vez dos nossos votos, um tanto diferentes daqueles proferidos em casamentos comuns.

— Rayssa Petrova, eu prometo zelar por você. — Reparei que ele queria dizer mais, incluindo palavras sobre nosso filho. — Com você, eu me caso; e com você, eu me uno. Com sangue é gerado e com sangue é concebido. Recebo você, minha mulher. Uma vez que esta união foi selada, só será rompida com a morte.

Não quis pensar em morte naquele momento, só em viver feliz para sempre com Alexei do meu lado. Não houve nenhuma declaração de amor em seus votos, entretanto, eu conhecia seus sentimentos reais.

— Eu sei que muitos de vocês não demonstram o que sentem na frente das pessoas — falei em russo, pois não queria que meus amigos, em especial Simon e o senhor Smith, compreendessem. Memorizei aquele texto, porque meu russo ainda era precário, contudo, Alexei me ensinava bem. — Mas não ligo. O amor pode ser uma fraqueza no nosso mundo, porém, ele também nos deixa fortes, fornecendo mais motivos para lutarmos. Acredito que todos aqui têm alguém que amam e por quem matariam ou dariam suas próprias vidas. Isso não deveria ser motivo de vergonha, e sim de admiração.

Os convidados me encaravam em silêncio, alguns sem expressão, outros com os olhos estreitos ou arregalados.

Virei para um Alexei impressionado.

— Alexei Dragon, você entrou na minha vida como uma tempestade que levou tudo, mas não fiquei à deriva, porque o tenho. É o homem que me ensinou a lutar por meus sonhos e a não temer nada — declarei, agora no meu idioma. — Diante de todos aqui, diante do mundo inteiro, afirmo que o amo. — Respirei fundo. — Conhecer você mudou minha vida. Não tenho vergonha de dizer o que sinto. Por você, eu andaria em brasas, se no final chegássemos a este momento. Com você, eu me caso; e com você, eu me

uno. Com amor é gerado e com amor é concebido. Recebo você, meu esposo perfeito. Uma vez que esta união foi selada, só será rompida com a morte, mas acredito que irá além dela.

Meus rosto estava molhado; se antes eles me achavam fraca, agora pensariam ainda pior. Não dava a mínima, só me interessava por Alexei. Esperava não ter extrapolado em demasia os limites com tudo que falei.

De repente, ele me pegou pela cintura e me beijou de modo apaixonado, sem esperar que o homem nos declarasse marido e mulher. Rodou-me, me levantando do chão.

Naquele momento, eu estava no Céu, com um anjo um tanto sombrio me segurando.

— Nunca imaginei que pudesse ser mais feliz do que hoje — admitiu baixinho no meu ouvido. — Quer que eu grite para todos o que sinto?

Sorri, afastando o rosto do dele. Alexei não precisava dizer nada, eu sentia e via nos seus olhos.

— Pode falar quando estivermos sozinhos em nossa lua de mel.

Ele riu.

— Estou contando com isso.

Do altar, recebemos as felicitações de nossos amigos e nossa família.

— Meus parabéns, querida. — Irina me abraçou, deixando o seu marido, que felicitava Alexei.

Depois foi a vez do casal Dalila e Nikolai.

— Nossa! Eu me sinto imensamente feliz por ter uma irmã comigo. — Apertou-me, beijando meu rosto.

— É recíproco. Uma pena que não vamos morar na mesma cidade. — Eu me afastei, sorrindo.

— Seja bem-vinda à família — disse Nikolai.

A fila começou a andar: Jade — com um vestido em tom salmão, destacando sua bela pele e seus olhos verdes —, Luca, Alessandro, Stefano…

— Você escolheu errado. Se tivesse ficado comigo, teria aproveitado mais — brincou Stefano, indo pegar minha mão.

A fúria emanada de Alexei não era pouca. Ele não apreciava muito piadas que me envolvessem.

— Stefano, *limites*. Vá caçar alguém para foder — rosnou o *capo* Alessandro.

Jade retornou do nada, decerto notando a tensão.

— Venha dançar comigo, Stefano. Agora. — Pegou o seu braço. Para a minha surpresa, não foi a ordem de Alessandro, irmão mais velho dele e seu chefe, que o fez parar, mas o pedido de Jade, sua irmã. Os olhos de Stefano brilhavam com carinho para ela.

Os dois saíram para uma pista de dança no canto da mansão, em uma plataforma que foi montada ali para isso. Irina e Dalila organizaram o

casamento, com a minha ajuda, claro. Amei o resultado.

Alessandro trocou um olhar com Alexei e saiu. Não me pediu desculpas, acho que não era da sua natureza.

— Alexei, fique calmo… — implorei baixinho, porque ele fuzilava Stefano.

— Já matei por menos, Rayssa. — Expirou e estava pronto para prosseguir, então Jason Falcon chegou com Tabitta.

Cumprimentei-os efusivamente, sendo minha primeira oportunidade de conversar com Jason. Eu e Simon adorávamos assistir às suas lutas. Provavelmente por se tratar do cunhado de Nikolai, Alexei não se incomodou com o meu entusiasmo.

— Passaremos esta semana na cidade, podemos marcar um jantar antes de voltarmos para Manhattan — sugeriu Tabitta. Adorei a ideia.

Após as felicitações, Alexei me levou para a pista. Segundo a tradição, eu deveria dançar com todos ali, mas depois do episódio de ciúme, decidi deixar de lado. Só não escapei de Dimitri, o que até foi legal, e de Nikolai. Senti o líder dos Dragons tenso ao me segurar — nesse meio-tempo, Dalila e Alexei dançaram juntos.

— O que houve no altar com Stefano? Estava conversando com algumas pessoas e não vi, soube agora — começou Nikolai.

Suspirei.

— Não foi nada. Alexei não gostou de uma provocação de Stefano… No final, deu tudo certo.

Ele riu.

— Alexei é uma bomba-relógio quando envolve você. — Não parecia uma acusação. — Ele não raciocina direito, ainda bem que se controlou. Conversei com Alessandro, Stefano foi enviado para os Estados Unidos há pouco.

— Por quê?

— Stefano é impulsivo. Assim como Alexei, faz e diz o que pensa, por isso os dois se chocam. Com Alexei liderando os Petrovas, além de ser um Dragon, e Stefano pertencendo à Destruttore, o assunto se agrava, porque pareceria fraqueza se meu irmão deixasse barato. — Suspirou. — Fico contente que seu pai nos enviou para cuidar de você, agora está aqui se casando com esse cabeça-quente.

— Também me sinto em êxtase por conhecer Alexei. — Encontrei seus olhos e sorri. — Eu o amo com todas as minhas forças.

— Isso me alegra.

A música acabou. Alexei veio na minha direção com sua atenção centrada em mim.

— Licença, posso ter minha *esposa* de volta? — questionou com certa ternura ao me chamar se sua mulher. Pelo visto, a raiva tinha acabado, graças

aos céus.

— Toda. — Sorriu Nikolai. — Vou procurar a minha.

— Então se acalmou? — indaguei. Puxou-me para um quarto. — Ou não…

— Estou calmo, mas ansioso para tê-la só para mim. Não quero dividir você com mais ninguém. — Imprensou-me na parede.

— Alexei, sabe que amo apenas você, não é?

Beijou-me com fome.

— Nunca tive dúvida quanto a isso, Cordeirinha. Mas não muda o fato de eu querer estraçalhar aquele filho da puta!

Ele me virou e ficou às minhas costas. Os botões voaram e meu vestido foi arrancado do meu corpo. Tirou suas roupas e pegou minha bunda, rasgando minha calcinha.

Senti um fogo abrasador me tomar pela forma que Alexei me tocava, repleto de desejo. Minhas pernas foram parar à sua volta, então ele me preencheu. Cada estocada furiosa me levava à loucura. O que impedia as pessoas de ouvirem meus gritos eram seus lábios nos meus. De qualquer forma, eu não ligava se escutassem.

— Você me enlouquece, sabia? — grunhiu, mordiscando minha boca.

— O sentimento é mútuo — consegui dizer. Gritei logo que atingiu meu ponto G. — Nossa! Isso foi fascinante. Se preciso o enfurecer para

transar dessa maneira, o farei mais vezes — brinquei, beijando-o com um sorriso.

Desta vez, ele riu.

— Você é a única pessoa capaz de anular minha vontade de matar Stefano.

— Fico lisonjeada, *marido*. Sempre que necessitar, eu estarei aqui. — Alisei seu rosto com barba por fazer. — Adorei todo esse fogo. Seja o que for que estiver passando por sua cabeça, daqui em diante, pode me procurar.

Alexei sorriu.

— Você é a luz em meio à escuridão, Cordeirinha, e será minha para sempre.

— Sim, eu serei.

UMA SEMANA DEPOIS

Coloquei a rosa em frente à lápide da minha mãe, ao lado da de meu pai.

Quando soube onde ela estava enterrada, eu quis ir ao Canadá, mas Alexei disse que a traria para a Rússia, local em que Pietro também descansava, assim eles ficariam juntos. Então esperei a ascensão e o

casamento passarem.

— Queria ter estado com você, mamãe, e impedido que aquele monstro a matasse — sussurrei com os olhos molhados.

Alexei, ao meu lado, me dava força.

— Não diga isso… Se estivesse com ela, Patrick a mataria também. — Ele se encolheu com o pensamento. Pegou um telefone em seu casaco. — Dimitri me entregou este vídeo que foi enviado a ele. Achei melhor lhe mostrar aqui, neste lugar.

Estava com medo do conteúdo, mas precisava conferir. Segurei o celular e apertei o *play*.

Pietro apareceu, alto e de cabelos claros. Sentava-se em uma sala qualquer. Ao fundo, se escutavam tiros.

— *Oi, pequena. Não queria que as coisas acabassem assim, lamento pelas mentiras. Deveria ter lhe contado que sua mãe não morreu, mas era para a sua própria segurança. — Parou de falar por um segundo, depois prosseguiu: — Se você soubesse que eu não a assassinei, não sossegaria até encontrar nós dois. Não sou um pai perfeito, contudo, a sua proteção sempre foi prioridade na minha vida. Busquei a aliança com os Dragons para que cuidassem de você; têm uma política diferente da nossa, mas sabia que podia confiar neles.* — Pigarreou. — *Espero que, ao ver esta mensagem, esteja feliz e a salvo. Recomendo que se case com um dos Dragons. Odiaria obrigá-*

la a isso, mas é para sua segurança. O líder deles, chamado de Dark, cujo nome verdadeiro é Nikolai, já está comprometido, mas seu irmão mais velho, Alexei, não. É um homem decente, não a machucará. — Sorriu e tirou o anel de seu dedo. — *Os Saints lhe entregarão este anel, fique com ele. Compreendo que não queira participar deste meu mundo, mas não há escolha. A alternativa seria Patrick, seu tio, e ele destruiria tudo com sua crueldade; mesmo dentro do que fazemos, é necessário termos limites. Se pudesse, eu nunca imporia esse reinado a você, mas é preciso, outras pessoas dependem disso. Acima de tudo, tente ser feliz, minha pequena princesa.*

Meu coração se acelerou; uma parte de mim entendia seus motivos. O vídeo foi encerrado, me deixando tão tonta que só não caí por causa dos braços de Alexei à minha volta.

— Ele esperava que nos casássemos — sussurrei. — Será que ficaria alegre por estarmos juntos?

— Pietro sempre foi conhecido por não ter coração, mas acredito que até os monstros possuem um. Ele amava você e sua mãe, lutou por sua felicidade.

Olhei para a sua lápide.

— Papai, eu sou extremamente feliz. Alexei é o homem certo para mim. O pai do meu filho, do seu neto. — Não tinha certeza se mortos podiam

ouvir. Seja como fosse, achei melhor compartilhar com ele.

— Agradeço ao seu pai por ter aparecido naquele hospital e me pedido para protegê-la. Agora, tenho você em meus braços. — Beijou minha cabeça.

Levantei as sobrancelhas.

— É mesmo? Porque eu me lembro de você lutando muito contra o que sentia por mim.

Ele sorriu.

— Estava sendo um idiota. O bom é que, no final, acabamos aqui. Tive uma puta sorte por ter retribuído meu amor.

Alexei me conduziu para fora do cemitério. Antes, olhei mais uma vez para as lápides, pensando que logo voltaria a vê-los de novo, tanto meu pai quanto minha mãe. Eram uma lembrança muito importante na minha vida, e eu os amaria sempre.

Agora, viveria o futuro que me aguardava. Observei nossas mãos juntas e enxerguei o caminho que seguiria até o fim do mundo, com Alexei e nosso filho.



Epílogo

Alexei

DOZE ANOS DEPOIS

— Está indo bem, Aristov — falei. Para homenagear o meu pai, demos ao nosso filho o seu nome.

Treinava ele havia alguns meses. O garoto mandava muito bem.

— Sério? — Seus olhos brilhavam toda vez que eu o elogiava. — Quero ser um bom chefe um dia, assim como você, pai.

Nunca me cansava de agradecer por ter minha família, uma que foi dada a mim por Pietro ao me conectar à sua filha.

— Você será ainda melhor. E espero que também encontre um amor tão grande quanto o que sinto por sua mãe.

Ele sacudiu a cabeça loira. Era como eu na aparência e, pelo visto, também na personalidade.

— Não vou querer amar, só curtir — disse, acertando minha barriga com um soco.

— Bom. — Sorri. — Vamos de novo.

Costumava pensar como ele. Se alguns anos atrás alguém me dissesse que eu casaria com o amor da minha vida, riria na cara da pessoa. Conhecer Rayssa foi a melhor coisa do mundo. Ela me deu meus outros dois amores, Aristov e Lídia, a nossa filha caçula.

— Neste momento, eu só quero treinar muito para ser um chefe leal, capaz de ajudar nosso povo. Sei que não serei nenhum santo, mas não ligo, contanto que eu faça um trabalho eficiente.

Nós já tínhamos conversado sobre isso. Eu desocuparia o posto dali a quinze anos, e ele tomaria o meu lugar. Precisaria estar preparado até lá, não apenas sabendo lutar, mas aprendendo a matar sem permitir que isto afetasse sua mente.

— Vou lhe contar uma coisa, Aristov. Quando eu era da sua idade, fui treinar com meu pai. Eu lembro que, naquele dia, tirei minha primeira vida. Depois, não conseguia esquecer, me atormentou por um tempo considerável. — Necessitava que ele conseguisse se defender sozinho, sem a minha ajuda, porque eu nem sempre estaria por perto, não se sua luta fosse interna.

Aristov faria doze anos em breve, no entanto, era um garoto forte, tão alto quanto eu, e logo teria um corpo similar. Eu lhe ensinara a atirar. Mostrava-se bom nisso e na luta.

Depois dos treinos, haveria a segunda etapa: levá-lo comigo nos acertos de contas, apresentá-lo de verdade ao nosso mundo, no qual mataria um

depois do outro, até se aperfeiçoar.

— Como lidou com tudo? — Já lhe contara várias histórias do meu pai, explicando como transformou Nikolai e eu.

— Quando for matar alguém, tenha em mente que aquele homem fez algo que não deveria, portanto, terá o seu castigo. Pense que jamais machucará inocentes ou fará algo que realmente o atormente. Quero que você, filho, siga nosso exemplo, e entenda que, mesmo vivendo na escuridão, sempre existirá uma luz para guiá-lo. — Suspirei. — Talvez essa luz não envolva um amor romântico, mas o carinho por seus familiares ou amigos. Foi ao que me apeguei inicialmente. Assim, me tornei quem sou, e não mudaria por nada.

— Então conhecer minha mãe não alterou a sua essência — apontou, me lançando uma voadora.

— Pode não ter mudado minha personalidade, mas Rayssa me fortaleceu, me dando novos motivos para lutar. Ainda mais quando tivemos você e Lídia. — Esquivei-me de seu chute. — No mês que vem, eu terei que levá-lo aos nossos cassinos e clubes. Colocarei você por dentro de como tudo funciona.

Durante meus anos chefiando os Petrovas, aumentei nossos lucros em milhões. Também limpei a máfia dos imundos que se opunham a mim e às minhas regras. Mostrei quem mandava.

— Ouvi que prometeu à mamãe que não me deixaria matar até o último segundo. — Ele parecia confuso. — Depois de todos os treinos e de conhecer os negócios, o outro passo seria esse, não é?

— Se mudar de ideia e encontrar uma mulher, aprenda: nunca lhe diga toda a verdade. Seja leal, mas omita o que a machuca. Não por não gostar dela ou não se importar, é justamente o contrário. Procure mantê-la de fora para protegê-la. — Passei uma rasteira nele, derrubando-o no chão do ringue. Aristov arfou, virando de lado. — Você está bem? A atenção é fundamental. Não se distraia, mesmo se estiver conversando. — Estendi minha mão a ele. — Segure-se e se levante.

— Porra! — praguejou, ficando em pé, meio torto. — A mãe vai surtar quando me ver assim.

Chequei suas costas. Não parecia ter quebrado nada, só se machucou.

— Se quiser ir num médico… — ofereci.

— Não está tão ruim. Fale para a mamãe que fui, ou ela me obrigará. — Suspirou.

— Tudo bem, chega por hoje. Da próxima vez, fique atento, porque qualquer distração poderá levá-lo à morte, tanto em um ringue quanto armado nas ruas.

Sim, prometera à Rayssa que não o machucaria, mas isto, em uma luta, era quase impossível. Como o treinaria e lhe ensinaria tudo que aprendi se

não fosse do pior jeito possível? Estava pegando leve até. Comigo, meu pai foi mais rigoroso; eu enfrentava três homens de uma vez.

— Continuaremos amanhã.

Aquela seria nossa vida. Faria o que estivesse ao meu alcance para não deixar Aristov se perder como alguns da máfia, contra os quais já precisei lutar.

Rayssa

— Como estão as coisas, Simon? — perguntei ao telefone.

Aproximadamente doze anos antes, Simon apareceu na Rússia e disse que entrou na máfia. Na hora, eu fiquei em choque, mas entendia o motivo: Yuri. Seu relacionamento era sério, até viviam juntos. Felizmente, não havia preconceito dos Petrovas com relação a isso, só não era possível se relacionar com alguém de fora.

No início, me senti braba por Alexei não me contar. Eventualmente, Simon o defendeu, revelando que pedira sigilo até que fosse aceito.

— Maravilhosas! Vim na casa do meu pai, ele perguntou quando você passará por aqui. Disse que está com saudades.

O senhor Smith ainda morava em Dallas, mas nos visitava com frequência. Ele adorava meus filhos, que o chamavam de avô.

— Falei com ele ontem. — Sorri. — Diga que logo estarei aí. Alexei tem que ir a Chicago, aproveitarei a viagem.

— Mamãe! — chamou Lídia, nossa caçula. Seu nome homenageava minha mãe.

— Essa é a minha garota? Mande um abraço e vários beijos a ela. Ah, e avise que vou levar o que pediu.

Antes de perguntar ao que ele se referia, Lídia entrou na cozinha. A copa era decorada em estilo americano, com uma ilha no meio, fogão de inox e armários de chumbo.

— O papai não quer me deixar lutar — reclamou. — Só deixa o Aristov.

Durante aquele tempo, nós só tivemos dois filhos, um menino de quase doze anos e Lídia, que faria dez.

— Preciso ir, depois nos falamos. — Desliguei e encarei minha filha. — Você não precisa lutar, meu amor — comecei, enquanto colocava o almoço na mesa da cozinha. — Já conversamos sobre isso.

Ela sacudiu a cabeça.

— Mas eu gosto! Até o Nikolas concorda comigo — replicou.

Nikolas era o filho de Nikolai e Dalila. Tinha quase quinze anos e se

mostrava apaixonado por lutas, assim como o pai.

Lídia herdara uma parte de mim e outra Alexei, com cabelos castanho-claros e olhos verdes. Já Aristov era a cara de meu marido.

— Nikolas deveria cuidar dos afazeres dele e não encher sua cabeça com ideias — disse Alexei, entrando na cozinha acompanhado do nosso filho.

— Ela falou que vai namorar ele, papai, até o alertei dizendo que quebraria a sua cara se ousasse se aproximar da minha irmã. — Aristov soava veemente ao proteger nossa garota.

Sua personalidade se assimilava à do pai, isto me assustava um pouco. Alexei prometeu que protegeria os dois e não os deixaria fazer nada que os consumisse. Um dia, Aristov governaria os Petrovas, e não chegaria lá sem matar alguém. Contudo, meu esposo afirmou que adiaria este momento o quanto pudesse. Claro, eu não era idiota; sabia que, no final, acabaria acontecendo. Era o preço de se viver na máfia.

Por muitos anos, a lembrança de ter tirado uma vida me atormentou. Não queria aquilo para meus filhos, embora não estivesse ao meu alcance, nem ao de Alexei. Aristov precisaria de força para assumir a liderança. Se meu marido conseguia, então meu filho também seria capaz. Não havia ninguém mais forte que meu pequeno, porque puxou ao pai.

Alexei encarou Lídia com os olhos estreitos.

— Namorar? — inquiriu com dureza. — Quantos anos você pensa que tem?

Lídia fez uma careta.

— Não namoramos, ele só me ensina a lutar, porque o senhor não quer. — Cruzou os braços. — Mas, quando eu crescer, Nikolas poderá se tornar meu namorado.

Caso isso acontecesse, não seria errado, tecnicamente: Alexei e Nikolai não eram irmãos de sangue. Contudo, sendo apenas crianças, não deveriam pensar naquilo ainda.

Notei que Alexei se enfureceu com a possibilidade. Aproximou-se dela, ameaçador — não me preocupei, pois jamais agiria de modo violento com nossos filhos.

— Ele a ensina a lutar?

Como uma menina decidida e corajosa, Lídia não se moveu.

— Sim. Uma garota da escola me chamou de *nerd* e puxou meu cabelo. — Lídia também usava óculos, tal qual eu antes de Alexei aparecer na minha vida. — Nikolas me viu chorando e falou que não podia bater em mulheres, mas que me ensinaria a me defender — explicou.

Isso abrandou a expressão do meu marido.

— Por que não me contou, querida? Teria ido reclamar na escola. — Fui para perto dela.

Encolheu os ombros.

— Não sou uma chorona, sou forte como meus pais. — Exibia a determinação de Alexei ao falar. — Posso lidar com elas.

— Lutar nunca é bom, meu amor — Alexei disse por fim com um pigarro, emocionado. — Vou ensiná-la a se defender. Mas se houver brigas na escola, você precisa nos chamar. Eu e sua mãe resolveremos tudo.

Ela piscou com os olhos brilhantes.

— Vai me ensinar? — Lídia o tinha como um herói, e Alexei fazia tudo que ela pedia.

— Sim, eu vou, contanto que não treine com Nikolas. Terei uma palavrinha com ele mais tarde — grunhiu.

Ela gritou, animada.

— Eu amo você. — Pulou nos braços dele. — É o melhor pai do mundo!

— Também a amo, princesa.

Minha menina saiu correndo da sala, exultante. Decerto foi falar com Sandy, a filha de Irina e Matteo.

— Sabe que nossa filha tem você no dedo mindinho e sempre consegue o que quer, não? — apontei com um sorriso.

Alexei me encarou; seus olhos eram quentes.

— Como a mãe dela — disse, vindo me abraçar e me beijar.

— Acho que vou vomitar — Aristov falou com diversão na voz.

Com Alexei era sempre assim, um toque seu e eu flutuava. Isso não mudou, mesmo após anos de casados. Ousava acreditar que ficou até mais forte.

Voltei ao presente. Olhei para Aristov, que saía mancando da cozinha.

— O que foi? Ele se machucou? — perguntei preocupada, recriminando Alexei.

— Cordeirinha, eu prometi que não o feriria *muito*, mas para se aprender a lutar, é necessário levar alguns socos até conseguir se defender — disse para me tranquilizar.

— Estou bem, mãe, caí no ringue. — Aristov evitava demonstrar sua dor. — Só preciso de um banho quente.

— Eu vou ajudar você — ofereci.

Ele fez uma careta.

— Sou grande para tomar banho com a ajuda da minha mãe. — Sacudiu a cabeça e olhou para o pai em busca de auxílio.

— Deixe o menino crescer, ele não é mais uma criança — argumentou.

Aristov sorriu com orgulho.

— Obrigado, pai. — Caminhou até o quarto.

Queria ir atrás dele e protegê-lo, mas meu garoto não permitiria. Ademais, no mundo da máfia, a criança não poderia ser boba ou mole, ou os

inimigos a engoliriam viva. Alexei tomaria conta dele enquanto pudesse, e eu igualmente, mas, no futuro, Aristov ocuparia um grande cargo, ou seja, precisava se preparar.

— Quando isso aconteceu? Parece que ainda ontem ele estava *aqui*. — Coloquei a mão na barriga, hoje pequena.

— Aristov é um garoto bom, aprende rápido. E garanto que estou pegando leve. O mundo lá fora não brinca em serviço, ele tem que saber lidar com seus problemas.

— E Lídia… — Não gostava de pensar nela sendo ferida daquela forma. Se eu não podia impedir Aristov, que nasceu menino, com um legado pela frente, pelo menos faria o possível para ajudar minha filha. As razões eram machistas, não negava (e discordava de tudo), mas se no fim significassem a segurança dela, eu as usaria a meu favor.

— Confia em mim? — Virou-me para encará-lo. — Jamais a machucaria. Além disso, conversarei com a diretora da escola sobre não olhar o que anda acontecendo lá.

Confiava nele com a minha vida e a de nossos filhos.

— Sei que protegerá os dois. — Botei a mão em sua cintura. — Amo você.

Sorriu e me beijou.

— Eu a amo mais.

— Agradeço a Deus todos os dias por enviá-lo, me dando esta família linda e o seu amor incondicional por mim e por eles. — Alisei a aliança no seu dedo. — Nem acredito que hoje faz doze anos desde que nos casamos.

— Doze anos de realizações e felicidade. Mas foi bem antes disso que a vi pela primeira vez, toda doce e inocente… Ainda bem que isto não se perdeu, amo o seu jeito. — Beijou meu pescoço.

Em certos momentos, achei que eu mudaria, mas com Alexei do meu lado, pude me encontrar de volta.

— Graças a você, um mafioso lindo que me fez cair de joelhos.

Ele riu.

— Quem sabe comemoramos no quarto…

— Mamãe? Podemos ir comprar roupas de luta? — chamou Lídia da escada. — Não consigo achar nenhuma boa o bastante.

Alexei gemeu.

— Vou me arrepender disso. — Afastou-se sem vontade.

Ri, sacudindo a cabeça.

— Veja por este lado: melhor você do que Nikolas.

— Se aquele pivete se engraçar pela minha filha no futuro, eu vou chutar a bunda dele — rosnou, me levando a gargalhar.

— Mamãe! — Lídia gritou de novo.

Aquela era a vida que escolhi. Jamais me cansaria de agradecer aos

céus por tê-la, e, de certa forma, ao meu pai, por enviar Alexei para mim.

— À noite, eu farei valer à pena.

— Melhor mesmo, Cordeirinha. Aguardarei ansioso por isso.

Sim, nosso “para sempre” estava apenas começando.

FIM



Bônus

Irina

Ser casada com um *capo* que governava com pulso firme um império e muitos homens tinha o seu lado ruim. Um líder não podia demonstrar fraqueza. Ademais, a sua esposa deveria ser forte e aturar o que viesse; ser sua âncora, dar forças ao seu companheiro, como eu fazia com o Matteo. Então por que eu desistiria de algo que queria muito? Estava cansada de ser uma esposa perfeita aos olhos de todos, quando, na verdade, gostaria de focar no meu sonho: ser mãe. Enfrentava tudo ao lado do *capo*, mas também almejava que ele realizasse o meu único desejo.

“Deixe que o tempo passe, Irina, não podemos ter um filho com uma guerra no horizonte”, argumentou meu marido há algumas semanas, pois insisti no assunto.

Porra! Nós éramos da máfia; nunca haveria um dia de paz, não nesta vida. Não era pessimista, apenas via o óbvio. Precisaria abandonar um sonho para ter outro? Não considerava justo.

Amava Matteo com cada fibra do meu ser e, por ele, fazia tudo, mas

também queria um bebê. Sabia que meu marido nos protegeria.

Olhei para o exame que dizia “positivo”. Dias atrás, eu passei mal, então fui ao médico. Não pensava estar grávida, já que tomava anticoncepcional, só parei há duas semanas, e ali constava que eu estava de oito.

Por algum tempo, eu gelei pela realidade, uma em que Matteo não queria filhos tão cedo, mas nosso bebê já estava a caminho; um ser vivendo dentro de mim, fruto do nosso amor.

Temia pela sua reação, porque parei de tomar os comprimidos sem consultá-lo. Não era como se fosse para segurá-lo pelo golpe da barriga, eu apenas desejava um filho. Fui egoísta em não buscar a opinião de Matteo… Se conversássemos, ele diria não, como sempre. Estava cansada de ouvir esta palavra vindo dele.

Quando recebi os exames, eu pirei e fui parar em Dallas, onde meu irmão, Alexei, estava. Matteo nunca me tocaria, mas poderia não aceitar a gravidez; escutar isto seria pior que apanhar.

Sabia que não deveria ter procurado Alexei, visto que ele estava disfarçado tomando conta da filha de um chefe de uma das máfias russas. Meu irmão já tinha problemas demais, e eu não ajudava correndo para ele.

Só queria, de algum modo, ter os braços de Alexei à minha volta para

sentir algum conforto. No fundo, foi bom aparecer lá, pois conversamos sobre nossos pais, o acidente que sofreram. Ou melhor, acidente não: eles foram assassinados pelo pai de Matteo.

Nunca pensei que Alexei se culpasse pelo que aconteceu; disse que era para estar no lugar deles aquele dia, mas não foi, porque escolhera ficar com mulheres aleatórias. A dor em seus olhos ao me contar isso quase me tirou o fôlego. Chorei em seus braços ao relembrar e sentir saudades de mamãe e papai.

Descobri também que meu irmão se apaixonou pela garota que protegia. Alexei sempre disse que nunca se apaixonaria, mas ali estava ele com ciúmes de Stefano, o irmão do *capo* Destruttore.

— Eu o amo, Alexei. Estou feliz por você ter encontrado essa Rayssa e contando os dias para conhecê-la — falei, assim que ele me trouxe de volta para Chicago.

— Também a amo, mana. Não corra mais dos problemas, enfrente-os de cabeça erguida. Não quero você fugindo e alguém a sequestrando. — Ele se encolheu. — Não sabe o medo que senti quando Vladimir a pegou para ter o Nikolai, achei que fosse perdê-la. Não aceito passar por aquilo de novo.

— Sinto muito, prometo ligar antes e não sair mais às escondidas.

Depois que conversei com meu irmão, eu pude perceber que fiz uma

burrada ao fugir de Matteo. Recebera muitas ligações dele, que foram parar na caixa postal.

— Tem alguma coisa errada. — Alexei soou preocupado observando cada canto do aeroporto.

— Alexei, o que foi? — sondei, nervosa, também checando o lugar, mas não vi ninguém.

Puxou-me de volta para dentro e ligou para alguém.

— O que aconteceu? Seus homens não estão fora do aeroporto — rosnou à pessoa do outro lado da linha. Depois, amaldiçoou em italiano. — Porra! Eles estão fechando o cerco — grunhiu com os dentes trincados.

— Alexei, o que houve? — perguntei.

— Venham rápido, porque estou desarmado, já que peguei um voo comercial — disse ao telefone.

Entendi que falava com Matteo. Ele tinha ligado quando ainda estávamos em Dallas, mas eu não quis conversar, precisava de tempo.

Meu irmão me passou o celular.

— Sinto muito, Matteo, por ter saído sem falar com você. — Chorei, pensando que talvez… Não, não podia focar nisso.

— Querida, você escolheu uma hora ruim para fugir, nos atacaram a

caminho daí. Também jogaram uma bomba na Square hoje.

Eu me senti mal por minha decisão equivocada, por não enfrentar meu marido e dizer o que realmente me incomodava; que estava grávida, e poderíamos proteger nosso bebê de tudo.

Alexei me arrastou para um pilar que nos esconderia da visão dos inimigos. Atiraram para cima no intuito de dispersar a multidão, facilitando o acesso a nós.

— Irina, se abaixe. — Meu irmão me empurrou, escondendo-me dos ataques.

Uma bala quase me atingiu, me fazendo gritar. O lugar virou um pandemônio, com pessoas berrando e correndo para todos os lados.

— Oh, meu Deus, eu não posso morrer antes de ter meu bebê. — Chorei, colocando a mão na barriga para protegê-lo.

Estava encolhida no chão enquanto Alexei nos escondia; o ouvi conversando com Matteo, acho que fiquei em choque com tudo o que aconteceu.

— Se apresse, pois estamos encurralados. Vamos para o banheiro feminino. — Ele me levou após examinar cada cabine e se assegurar de que não tinha ninguém ali. — Esconda-se aqui e não saia por nada, ouviu? — pediu ao me enfiar na última cabine. Após me jurar que me manteria segura,

Alexei fechou a porta e ficou de fora.

Escutei barulhos de luta, mas obedeci meu irmão, permanecendo escondida e calada. Já fizera cagadas suficientes fugindo de Matteo e terminando alvejada por bandidos.

Com o estampido de um tiro, estremeci e coloquei a mão na boca para não gritar. Alguém gemeu, e meu irmão praguejou.

— Que se fodam as perguntas — rosnou. Em seguida, escutei outro tiro. — Maldição!

— Alexei, você está bem? Ouvi tiros… Posso sair? — pedi, ansiosa.

— Não, fique aí até o Matteo chegar. — Por debaixo da porta, me empurrou uma arma. — Quero que atire caso alguém passe por mim…

— Alexei? — Senti que algo dera errado, sua voz parecia falha. — Oh, meu Deus! Por favor, não…

Abri a porta. Ele estava escorado na parede, com uma arma em uma mão. O que afundou meu coração foi o sangue em seu peito.

Alexei tentou me tranquilizar, mas não conseguiu, porque tudo aquilo era culpa minha.

— Você está sangrando tanto… Vou ver se encontro alguém.

Comecei a gritar, ignorando seu pedido para ficar escondida. Não

permaneceria ali, parada, vendo meu irmão morrer. Saí correndo do banheiro à procura de ajuda, mas quando virei à esquina, eu me deparei com um cara armado.

— Ora, se não tenho sorte, a prostituta do *capo* — disse o homem coberto de tatuagens com um sorriso que gelou a minha alma.

— Sou *esposa* dele, não uma prostituta — rosnei. Deveria me calar e fugir, mas temia levar um tiro pelas costas.

Precisava sair desta… Como? Seria capaz de matá-lo? Na máfia, os homens faziam isso e não perdiam uma noite de sono. Eu conseguiria?

Olhei para a arma na minha mão, a que Alexei me entregou. Por ele, eu faria tudo, inclusive matar. Levantei-a, porém, eu tremia e meus olhos estavam molhados.

— Vai atirar em mim? — zombou, indicando minhas mãos inquietas.

O homem não fez menção de erguer a sua arma. Decerto, supunha que eu não teria coragem. No fundo, tudo dentro de mim me mandava atirar. Por que meus dedos não respondiam? Não poderia ser baleada, Alexei e meu bebê careciam de proteção.

Antes que eu puxasse o gatilho, o homem caiu no chão com uma adaga na cabeça. Seu sangue manchou o piso branco. Olhei para de trás dele e vi um Matteo mortal, todavia, ligeiramente agitado. Corri e pulei em seus

braços, chorando.

— Por Deus, Irina, não sabe o medo que senti com esse cara… qualquer erro ali seria fatal. — Sua voz falhou, me apertando em seus braços. — Agora não estão mais sozinhos.

Sabia que ele se referia a mim e ao nosso bebê, acho que me ouviu gritando pelo telefone. Mas não era o momento para esta discussão.

— Alexei! — Afastei-me. — Ele foi baleado e está inconsciente.

Matteo falou com um cara ao seu lado. Não reparei quem era, apenas a saúde de meu irmão importava.

— Não posso perder Alexei… — A culpa me corroía. Se eu não tivesse fugido, nada disso teria acontecido. Ele estaria com a garota que amava, e não ferido.

— Seu irmão ficará bem, meu amor. — Beijou minha cabeça, estreitando os braços ao meu redor. — Você e nosso filho também. Ninguém nunca tocará em nenhum dos dois. — O selo de promessa estava em cada palavra, não duvidei dele nem por um segundo.

Fui idiota por pensar que Matteo diria algo diferente disso em relação ao nosso bebê. O prazer que experienciei ao ouvi-lo falar “nosso filho” não tinha preço.



— Irina, você precisa ver um médico também — disse Matteo, sentando-se ao meu lado na sala de espera do hospital. — Está muito pálida.

— Estou bem. — Repetira várias vezes a ele, mas meu marido não aceitava.

— Deixe que o médico diga isso. Ou você se arrasta até lá, ou vou levá-la sobre meus ombros — grunhiu, cruzando os braços.

— Mas Alexei…

— Eles concluíram a cirurgia, Alexei passa bem, só está sedado, vai dormir por um tempo. Vamos lá fazer os exames. — Pegou minha mão. — Depois a trago de volta.

Assenti. Antes de sairmos, Nikolai entrou ensandecido na sala. Veio até mim e me puxou para os seus braços, preocupado.

— Maldição, Irina! — Ele parecia estar com falta de ar, como se tivesse corrido muito.

— Estou bem, lamento por ter saído dessa forma — sussurrei.

Eu me sentia mesmo culpada por minha estupidez; agora estava ali, esperando meu irmão baleado acordar.

— Porra, Irina, o que poderia ter acontecido… — Sacudiu a cabeça, expulsando os pensamentos ruins. Depois, fulminou Matteo. — Como descuidou tanto da segurança dela? Deixei-a ficar nos Estados Unidos contanto que a protegesse.

O rosto de Matteo se transformou em pedra. Ele deu um passo na direção do meu irmão, que fez o mesmo na sua.

— Não grite comigo — sibilou Matteo, cerrando os punhos. — Ela fugiu do consultório médico, então rastreei o seu telefone.

— Não dou a mínima para como fugiu. Se não consegue mantê-la segura, eu a levarei de volta.

A fúria se expandia do peito dos dois, como um tsunami e um tornado se enfrentando. Não sabia quem venceria, mas não deixaria que acontecesse.

— Ela é a *minha* esposa. Você a levará só sobre o meu cadáver.

— Posso resolver isso — desdenhou Nikolai.

— Por favor, parem! — Samira surgiu, fuzilando ambos, o marido e o irmão.

Meu Deus, o que eu fiz? Coloquei as mãos em seus peitos e fitei-os.

— Não podem machucar um ao outro… — Um breve mal-estar me tonteou. Minha visão ficou turva. Ouvi gritos assustados.

— Irina! — exclamou Nikolai. — O que ela tem?

Matteo me aparou. O seu cheiro me inebriava, eu o amava demais. Forcei-me a abrir meus olhos.

— Ela está grávida — Samira disse, enraivecida. — E vocês brigando, deixando Irina ainda mais nervosa e correndo o risco de perder a criança.

Arfei.

— Matteo, eu não posso perder o nosso bebê. — Apertei meus braços à sua volta.

Ele beijou a minha testa.

— Não vai. — Carregou-me pelo corredor, chamando um médico.

— O que aconteceu? — uma mulher perguntou.

— Ela desmaiou por um segundo. — Sua voz se mostrava alterada. — Minha esposa está grávida. Nada pode acontecer com nenhum dos dois.

Ainda sentia tudo girando na minha cabeça, acho que minha pressão caiu.

— Só o pai pode entrar — disse, provavelmente, para a Nikolai, pois o ouvi rosnando.

— Nikolai, deixe sua irmã ser examinada. Vamos aguardar lá fora — Samira falou.

— Estarei na sala de espera. — Senti dedos no meu rosto. — Descanse.

— Amo você — reafirmei, acrescentando: — Eu não posso ficar longe do Matteo…

— Não vai, linda. Agora só se cuide — meu irmão respondeu. Alegrei-me por ele aceitar; viver sem Matteo não era uma opção.

Meu marido me pôs na cama.

— Precisa se afastar para que eu possa examiná-la — exigiu a médica. — Por que não espera lá fora, junto com o irmão?

— Ninguém me tirará desta sala — rosnou e se distanciou um pouco. Seu tom deixava claro que não iria a lugar algum.

— Tudo bem. — A mulher de cabelos escuros me examinou. — De quantas semanas você está?

— Oito. — Meu bebê seria bem-vindo e muito amado.

— Nervosismo em excesso pode ter provocado o desmaio. Como andam as coisas? Farei uma ultrassonografia para averiguar o quadro clínico. — Mexeu em alguns aparelhos.

Contei a ela, em parte, o que acontecera, omitindo os segredos da máfia e a briga entre Matteo e Nikolai.

— Meu irmão está no hospital também, acho que foi isso — falei um

terço da verdade.

— Nos primeiros meses você precisa de bastante tranquilidade. A chance do estresse levar ao aborto é pequena, mas pode causar uma sensação de mal-estar. — Levantou minha camisa, colocando um gel frio na barriga exposta. — Cuide-se mais.

— Ela ficará bem, garantirei isso — disse Matteo com o rosto sombrio.

Encarei-o e estendi a mão para ele, que a pegou e deu um aperto delicado. Após, virei para a doutora.

— Dá para ver o sexo? — Estava animada por isso. Quando falei com o médico que entregou os meus exames de sangue, não ouvi muito, pois saí de lá em pânico.

— Ainda é cedo, acredito que dentro de cinco ou seis semanas conseguirá descobrir.

De repente, um som de *tum, tum* invadiu o quarto. Escutando o coraçãozinho do meu bebê, eu soube que moveria Céu e Terra por sua segurança.

Os olhos de Matteo estavam cheios de emoção; alguém de fora não perceberia, mas eu o conhecia bem. Sua reação quase me tirou o fôlego.

— Está tudo bem com o bebê, mas acho que você deve ficar aqui em

observação.

— Eu não…

— Se isso ajudá-la a melhorar, será feito — Matteo impôs.

Não retruquei, pois não queria prejudicar minha gravidez, nem irritá-lo. Ele enfrentara diversos problemas por minha causa.

A doutora saiu, nos deixando a sós.

— Você se colocou em perigo hoje — começou com a respiração irregular.

— Sou tão idiota, Matteo… Achei que ficaria brabo comigo, pois você não queria filhos, e eu parei de tomar a pílula sem conversarmos primeiro…

— Eu não disse que não queria filhos, Irina, só que não era o momento. E interrompeu o uso do contraceptivo? — Ele não demonstrou raiva; provavelmente, porque tentava não me estressar.

— Sim, mas para a minha surpresa, eu engravidei tomando anticoncepcional; parei há apenas duas semanas, não teria dado tempo. Lamento tanto, agora meu irmão… — meu choro me impediu de concluir.

Matteo se sentou comigo e beijou a minha testa.

— Seu irmão está bem, logo acordará.

— Isso não ameniza a minha culpa. Meu irmão foi ferido porque sou

fraca…

— Você não é fraca, Irina, nunca foi, só cometeu um erro ao fugir. Espero que isto não se repita, nossa situação atual é ruim. Poderá ser capturada tanto por meus inimigos quanto pelos de seus irmãos. — Tocou minha barriga. — Não sei o que faria se algo acontecesse a vocês…

Meu coração se apertou.

— Juro por você e pelo bebê que enfrentarei tudo ao seu lado. — Toquei seu rosto. — Amo vocês.

Beijou meus lábios.

— Também os amo. Obrigado por me fazer pai, sempre quis ser um, mesmo com o que estamos passando. Manterei vocês seguros. — Eu acreditava em sua promessa.

Por mais que a máfia se envolvesse em guerras, eu sabia que não representava só isso, havia felicidade também, uma que eu tinha ao lado da minha família e do meu marido. Com eles, sentia-me realizada em todos os sentidos. Ainda mais com um membro novo crescendo dentro de mim. *Nosso* filho.



Bônus

Samira

Fazia quase dois anos que eu estava com o Nikolai; sabia que havíamos passado por muitas coisas juntos, mas com muito custo superamos tudo e, eu estaria do seu lado para qualquer coisa. Ser casada com chefe da máfia tinha um peso, embora por mais que tivesse experimentado o perigo e os problemas depois que conheci o Nikolai, eu não me arrependia de nada. Entretanto as coisas estavam difíceis demais por causa de tanta perseguição; Alexei foi ferido, e Irina quase seqüestrada, ou pior... morta. Só não aconteceu nada a ela, porque o irmão dela a protegeu.

Matteo a levou para consultar depois que passou mal e Nikolai ainda estava estressado com tudo. Então quando ouvi a pergunta da boca dele se eu sabia que Irina iria fugir, foi demais. Como pôde duvidar de mim? Como ele pôde pensar que eu saberia de algo assim e não teria dito nada a ele?

Sabia que os Rodins e Patrick estavam deixando ele atormentado e estressado, mas eu não tinha nada a ver com isso. Se ele estava furioso que não descontasse em mim, pensei amarga.

Estar no mundo real era bom e, eu gostava bastante, mas tudo mudou depois que conheci Nikolai; obviamente que deveria ser forte e, eu era até certo ponto; meu filho e Nikolai eram tudo na minha vida. O meu mundo inteiro.

Viver cercada de medo não era bom; temia pela vida dele e do Nikolas. Às vezes me dava uma vontade de sumir, mas o mundo lá fora não teria sentido sem Nikolai e minha família, não mais. Por mais que estivesse magoada com ele não podia deixar que isso me abalasse.

Por causa dele, eu tinha a pessoinha que mais amava na vida; mas isso não queria dizer que não estivesse magoada por ouvir aquilo da boca do homem que eu amava. Com todos esses anos juntos, ele deveria confiar em mim e saber que eu jamais faria algo assim.

Entrei no banheiro feminino e lavei meu rosto molhado, precisava me recompor e ir lá me fazer de forte, contudo ser forte era bom, mas engolir coisas assim não; só não disse nada, porque o entendia; ele estava passando por muita coisa.

Ouvi a porta abrir e fechar, não precisei olhar para saber que era ele; quando Nikolai se aproximava de mim, eu me sentia aquecida por dentro, era algo que eu só sentia com ele.

— Esse é o banheiro feminino, não deveria estar aqui. — Terminei de secar meu rosto.

— Coelhinha — se aproximou de mim e me puxou para seus braços — Não duvido de você, jamais duvidaria. Minha cabeça está tão cheia — escondeu o rosto no meu pescoço — Alexei, Irina, Nikolas e você, não sei o

que fazer para protegê-los... e também tem todos os outros. Sinto-me impotente, não gosto de me sentir assim.

Expirei, e passei os braços a sua volta.

— Sei que tem coisa demais acontecendo, mas...

— Fui um cretino, lamento tanto, coelhinha. Juro que não direi nada assim de novo; não importa como me sinto com tudo — pediu baixinho.

Respirei fundo.

— Tudo bem. Sei que não queria ter dito isso. Mas eu juro Nikolai que, se soubesse de Irina, eu jamais esconderia algo assim de você e do meu irmão. — Suspirei. — E se voltar a dizer algo assim de novo e começar a duvidar de mim, eu pego o Nikolas e vou embora.

Seu corpo ficou duro e ele afastou o rosto do meu, e me olhou ensandecido.

— Se perder vocês dois, eu perco tudo. — Tocou meu rosto. — Não suporto a ideia de perdê-la; é como ficar sem respirar, não iria sobreviver.

A dor e o desespero em seu rosto levaram embora toda a mágoa que eu estava sentindo com suas palavras; não ia fazer isso uma tempestade com tudo o que estava acontecendo. Afinal, ele pediu desculpas e isso vindo de alguém como ele já era muita coisa. Um mafioso letal.

— Não vai nos perder, só quero que saiba que estou aqui do seu lado. Só não falei sobre a gravidez da Irina, porque ela me ligou cedo para dizer, mas não mencionou fugir. Estava esperando você chegar aqui para dizer, já que estava em um avião vindo da Rússia. Depois veio o ataque no aeroporto e agora aqui estamos nós. Eu omiti, não por que escondo as coisas, mas porque houve muito acontecimentos ao mesmo tempo. — Apertei sua cintura.

— Obrigado, linda. — Beijou de leve meus lábios. — Amo você demais.

— Também amo, agora vamos lá saber como está a Irina e o Alexei. — Tinha consciência de que deveria contar a ele sobre eu estar grávida, mas não era o momento, já que não tinha a confirmação ainda, apenas os sintomas. Fiz os exames que sairiam no dia seguinte; assim diria a ele que nossa família teria mais um membro a proteger. Sabia que Nikolas mal tinha cinco meses, mas não ia me arrepender de engravidar, afinal era uma benção ser mãe de novo. Nikolai teria notado a forma que eu andava esgotada ultimamente e mal conseguindo comer, mas como andava preocupado e viajando entre a Rússia, Chicago e Dallas não notou as mudanças.



Alexei acordou após quase cinco dias apagado por causa dos remédios;

ele abriu os olhos, e mesmo ferido foi para Dallas para cuidar de Rayssa, a filha de Pietro Petrovan, um homem que morreu e deixou a segurança da filha para Nikolai. Então Alexei tomava conta de sua proteção há anos, e no final se apaixonou por ela.

Alexei merecia; no começo, ele me odiava pelo que Lorenzo fez a sua família, mas com o tempo passamos a nos dar bem. Eu só queria que ele fosse feliz com essa garota. Se Rayssa realmente o amasse, o aceitaria como ele era.

Alexei estava fazendo tudo para conseguir proteção a Rayssa; entendia seu lado ao descobrir sobre ele ser da máfia e aliado do pai dela, mas esperava que o amor dela fosse suficiente para ver além das dificuldades.

— Você não entende. Ela não é uma assassina, não poderá lutar com os convocados e matá-los para ocupar o cargo de direito — exasperou-se Alexei.

Todos queriam que Rayssa matasse alguém para ocupar o cargo de direito; não entendia o porquê só não ocupava. Máfia e suas regras absurdas. Antes que alguém comentasse algo, a Rayssa entrou na sala ao lado de Yuri, o filho de Dimitri, um homem dos Petrovan. Ele apresentou a garota como a Rainha da máfia, mas a vi fazendo uma careta ao ouvir o nome.

— Essa é a garota de Pietro? — comentou um dos Petrovan, ele era um

dos anciões ou coisa assim, aquele que escolhia e orientava o líder deles. — A menina não servirá para reinar.

Queria ir ajudá-la, mas Nikolai apertou a minha mão.

— E você serve? — grunhiu ela. — Não conheço nenhum de vocês, assim como não me conhecem. Ninguém aqui sabe de nada para me julgar. Não têm o direito de decidir minha vida sem falar comigo. Faço dela o que bem entender.

— Você é bocuda! Não aceito sequer uma palavra vinda de uma mulher — disse um cara que tinha uma cicatriz no rosto. — Vadias como você só têm um propósito: manter a cama do seu marido quente. Espero que eu seja esse cara para lhe ensinar a respeitar um homem.

Merda! Isso não ia prestar, pois pude ver na hora que Alexei se lançou contra o homem e o derrubou no chão com um soco.

— Vou mostrar a você quem é a vadia que vai aquecer sua cama. — Puxou uma faca das costas e passou na garganta do homem, espalhando o sangue dele para todos os lados ao pegar o objeto de volta.

Pisquei, chocada com o sangue; sabia que não era o momento, mas ver aquilo me deu vontade de vomitar. Deixei o Nikolai e corri para o banheiro, mas antes ouvi a voz mortal e fria de Alexei:

— Tem mais alguém aqui que pensa como o Frizer? Se tiver, eu vou

adorar mandá-lo para o inferno também.

Após vomitar, eu lavei meu rosto e tentei recuperar o fôlego para amenizar a ânsia. Temia voltar para a sala e tudo piorar. Nikolai não veio me checar, com certeza achando que isso era ânsia pelo sangue ou por eu ter presenciado a morte daquele homem. Sabia que devia ter dito a ele que esperava um bebê, mas ele estava viajando tanto ultimamente, além de ainda ter aquela maldita guerra com os Rodins, que estavam atacando todo o canto. Não tive como contar; estava esperando o momento certo; queria poder contar mais tarde, mas após tudo que aconteceu, não sabia o que fazer.

— Você está bem? — sondou Irina ficando do meu lado.

— Não muito, apenas enjoada. — Ela sabia da gravidez e me entendia por não ter dito ainda. — Veio fugir da cena sangrenta na sala?

— Sim, não queria vomitar também. Acho que alguns estômagos fracos também saíram de lá — expirou. — Meu irmão realmente ama aquela garota, você viu como ela é linda?

Sorri.

— Sim, ela é muito bonita. Eles fazem um par bonito. — Alisei a barriga. — Essa gravidez está acabando comigo, não consigo manter nada no estômago, já emagreci alguns quilos. Você não parece estar sofrendo com isso.

Sacudiu a cabeça.

— Não, estou tranquila, e ainda custo a acreditar que vou ser mãe. — Suspirou. — Queria tanto estar aproveitando essa gestação como queria, mas então acontece tudo isso, meu irmão indo lutar e matar por Rayssa correndo o risco de se tornar um traidor.

— Traidor? Alexei é teimoso e tudo mais, mas isso ele não é e jamais será.

— Parece que se ele só se casasse não teria problemas, embora pudesse opinar no legado, mas quem tomaria as rédeas seria a Rayssa onde mandaria executar tudo. — Irina sacudiu a cabeça — Aquela garota não mataria uma mosca; vi o medo nos olhos dela, e Alexei também. Porém se meu irmão fizer a ascensão, ele irá usar o anel e governará o reino dos Petrovan. Mas para isso, eles precisam que seja leal a eles acima de tudo. Inclusive dar adeus a sua origem...

Arfei.

— O quê? Por que precisaria dar adeus ao nome dele? Isso não vogaria nada, não é? — Sacudi a cabeça.

— Parece que os anciões não podem deixar alguém que não é um Petrovan tomar conta de tudo e assumir à posição de chefe. E meu irmão precisará estar com eles, e não conosco, a sua família.

— Alexei aceitou?

Ela sacudiu a cabeça.

— Sim, eles dois foram para o quarto conversar, parece que tudo está bem entre eles; vi a forma que olhava o meu irmão, ela o ama demais, acho que estava só magoada por ele ter escondido tudo dela.

— Quem não ficaria? — suspirei — Nikolai deve estar louco com tudo isso, vou lá ver como está. Ele adora o irmão.

— Sim, ele adora — concordou.

Saí do banheiro e fui à procura de Nikolai; o achei na sala, mas o lugar estava limpo e não havia nenhum morto. Estremeci, esse era um lado da máfia que eu não ia me acostumar nunca.

Ele falava ao telefone com Kriger, uns dos Dubrov ou anciões como o Dimitri.

— Meu irmão não é traidor — rosnou quase esmagando o telefone e desligou. — Porra!

Fui até ele e peguei sua mão.

— Está tarde, vamos para o quarto descansar. Vai dar tudo certo. — Me deixou levá-lo para o quarto.

— Os anciões dizem que se Alexei aceitar ele não será mais parte da

família; o colocarão como traidor, ou seja, sua sentença será... — ele não conseguiu terminar, só sentou na cama parecendo derrotado.

— Esses mafiosos gostam de complicar as coisas, por que simplesmente não deixam e pronto? — grunhi.

Ele me pegou pela cintura e escondeu o rosto no meu peito.

— Só você para alegrar esse momento — disse me abraçando e foi me beijar, mas logo senti ânsia e me afastei. — O que foi?

Não consegui dizer e só corri para o banheiro e joguei o que não tinha no estômago para fora; não saía nada, apenas um liquido, acho que da água que tomei. Era a única coisa que conseguia manter.

— Samira? — Veio para o meu lado, alterado. — Precisa que chame o médico?

Ele me ajudou a levantar e dei a descarga, então lavei meu rosto e escovei a boca na esperança de isso ajudar com o meu mal estar.

— Por Deus, Samira! Me diz o que está havendo — pediu com a voz grossa tocando meu rosto. — Você está muito pálida e perdendo muito peso.

— Notou? — Tentei brincar, mas ele ficou sério.

— Está doente? É algo sério?

Respirei fundo e voltei para o quarto, pois precisava me sentar.

— Não estou doente é só... — olhei para ele — Estava querendo te contar, mas então acontece uma coisa atrás da outra; primeiro Alexei foi baleado, depois os ataques dos Rodins e Patrick, e agora isso com seu irmão, então não queria estressá-lo com mais nada.

— Samira!

— Estou grávida — soltei a bomba.

Ele piscou de olhos arregalados.

— O quê?

— Sei que Nikolas está pequeno, e não era para isso ter acontecido, mas com toda essa tensão que está passando, eu também estou e acabei me esquecendo de tomar o anticoncepcional algumas vezes — sussurrei.

Nikolai ficou de pé ali parecendo petrificado. Estava começando a achar que ele não queria mais filhos; não falamos mais sobre isso depois que Nikolas nasceu. Sabia que ele amava o filho, apesar de que com tudo acontecendo não era o melhor momento, mas se engravidei acreditava que era uma benção, porque filhos sempre são.

— Não planejamos ter mais e nem sei se você...

Ele me cortou, caindo de joelhos na minha frente e colocando o rosto no meu colo, isso me pegou de surpresa.

— Derrubarei o mundo para proteger vocês três. — Me abraçou. — Só você que me faz ser feliz em momentos assim.

— Então está feliz com nosso filho que vai vir? — sondei, colocando a mão em seus cabelos.

— Nunca me senti assim, só quando soube que ia ser pai de Nikolas. Estou em êxtase. — Nosso outro filho ficou com Zaira em Chicago, não queríamos ele ali cercado de alguns inimigos. — Minha vontade é contar aos quatro cantos que vou ser pai de novo, mas isso deve ficar em segredo.

Franzi a testa.

— Por quê?

— Não os quero trazendo o foco para você. Se souberem que pode ficar assim frágil e grávida podem querer atacá-la... — sacudiu a cabeça e alisou minha barriga — Só mais algum tempo; espero resolver todos esses problemas em breve.

— Confio em você que nos manterá seguros — declarei. — Mesmo com tudo que passamos, eu jamais me arrependi de ter conhecido você, pois graças a isso tenho Nikolas e agora esse aqui. — levei minha mão acima da sua na minha barriga.

— Amo você demais Samira — declarou com fervor me beijando. — Por vocês, eu moverei céu e inferno para deixá-los seguros.

Se alguém podia fazer isso era ele.



SEIS MESES DEPOIS

Após todos os problemas resolvidos com Patrick, que foi morto, os Rodins pareceram sumir depois disso. Alexei se casou com Rayssa, e ele não foi acusado de traição, já que ocupou o lugar dela na ascensão por ela estar grávida, e também acho que acreditaram no meu cunhado. Estava tudo em seu devido lugar.

— Força, empurra — pediu a médica.

Estava dando a luz a Wendy, a nossa filhinha querida. Mesmo sentindo dores como essa valia à pena só para ver o rostinho lindo de um filho. De repente ouviu-se um choro fininho na sala que me encheu de júbilo.

Nikolai estava do meu lado, segurando minha mão; fazer forças me deixou mole e esgotada, mas nada tirava a alegria desse momento. Mesmo assim a médica me deu minha filha enrolada em um pano.

— Tão linda como você. Terei que dobrar minha proteção — disse

Nikolai tocando o rostinho pequeno da nossa princesa.

Sorri como uma mãe boba; me senti assim quando tive Nikolas, acho que uma mãe podia ter 10 ou 20 filhos que sempre teria essa reação maravilhada no rosto; pelo menos eu teria a mesma sensação sempre.

— Não acredito que fomos abençoados com algo tão preciso assim. Wendy e Nikolas vieram para me fazer um homem realizado. — Beijou a testa dela e depois a minha. — Tudo isso graças a você, a mulher da minha vida, a mãe das minhas duas razões de viver.

O momento era perfeito, e agradeci aos céus ou quem quer que tenha me enviado esse homem e me dado uma família que eu amava demais. O nosso feliz para sempre estava apenas começando.

IVANI GODOY

O EXECUTOR

PRÍNCIPES DA MAFIA



Sinopse

Luca Salvatore era um executor; mais do que isso, ele cresceu sendo forjado na mais densa escuridão. Embora tivesse inimigos à espreita e, por todos os lados, a sua própria mente acabou se tornando o pior deles, quase como uma maldita prisão, visto que seus traumas o impediam de vivenciar o amor com a única mulher que fora capaz de tocar seu coração.

Jade Morelli nunca soube o que era liberdade; criada sob o jugo de um pai autoritário e chefe da máfia italiana, ela teve pouco da mãe, e sequer entendia o motivo de tanto tormento em sua vida. Apesar de ter o amor e cuidado dos irmãos, ela ansiava por mais; Jade desejava ser amada como mulher e tinha um alvo em mente. Contudo, o alvo em questão era um homem quebrado em todos os sentidos.

Luca conseguiria ultrapassar as barreiras que o impediam de ser feliz ao lado da mulher que amava? Jade conseguiria provar a Luca que os dois poderiam ser felizes, juntos?

Descubra nessa trama recheada de ação, romance e drama.



Prólogo

Jade

Estava correndo para casa da árvore depois que meu pai me bateu por estar chorando. Mamãe acabou de morrer e era para eu estar chorando, mas ele não deixou.

‘’Lágrimas significam fraqueza, e você deve ser forte’’ então desceu um tapa na minha cara quando respondi:

‘’Eu tenho um coração, ao contrário do senhor.’’

Sabia que havia sido a coisa errada para dizer a um Capo.

Eu o odiava e o queria morto, até falei isso para a mamãe, mas ela me fez jurar que eu nunca mais repetiria tal coisa. Por mais cruel que a pessoa seja, nós não devemos desejar o mau.

‘’Prometa, Jade, prometa que nunca vai deixar a escuridão desse mundo controlar você, e que jamais tirará uma vida. Também jure que não deixará a Luna fazer isso’’ Foram as palavras que ela disse antes de morrer...

‘’Não posso proteger os seus irmãos, mas posso fazer isso por vocês duas’’

Então ela se foi para sempre. Mas eu farei de tudo para cumprir essa

promessa.



Capítulo 1

Jade

Mal conseguia ver para onde estava indo devido às lágrimas quando topei em algo duro que me fez cair para trás, ou quase, porque mãos fortes seguraram os meus braços.

Olhei para cima e me deparei com um rosto desfigurado como se alguém tivesse socado muito, definitivamente, o fez. Deduzi disso, porque já tratei os meus irmãos no mesmo estado. Rafaelle, Alessandro e Stefano.

Não gostava desses treinos, porque eles voltavam lavados em sangue e machucados.

O reconheci das festas que meu pai fazia com algumas famílias da máfia; esse era o Luca Salvatore onde todas as meninas da escola queriam fisgá-lo, um rapaz que eu também sonhava em namorar. Entretanto nunca tive chance, porém isso não me deixou parar de pensar nele todos os dias, ainda mais depois que me ajudou uma noite que fugi para tentar me divertir e ser livre nem que fosse por algumas horas. Nunca fiz nada assim, mas uma adolescente andar sozinha não era bom; na volta uns caras me cercaram e se

não fosse por Luca aparecer não sei o que teria sido de mim.

Tudo culpa do monstro do meu pai que não nos deixava fazer nada; se permitisse, eu não precisaria fugir, além disso, a sua segurança era uma merda; parecia até que seus homens nos deixavam fazer o que quisesse por ordem dele. Acreditava que não se importava com que acontecesse conosco, já que odiava minha existência e a de Luna, a minha irmã.

— Luca? — pisquei, atônita por vê-lo naquele estado. — Oh meu Deus, o que aconteceu?

— Por que está chorando? — avaliou o meu rosto com um dos olhos, meio bom, embora também inchado. — Alguém machucou você?

Ignorei sua pergunta, porque não queria falar sobre mim com ele estando tão machucado dessa forma.

— Você está ferido demais. Precisa ir ao hospital — falei, me recuperando.

Quem será que fez isso com ele? Seria o seu pai? O meu fazia o mesmo com os meus irmãos.

— Sem hospital. Preciso de um lugar para ficar hoje. — Ele oscilou para frente quase caindo em cima de mim, mas pareceu se recuperar.

Olhei para o lago e depois para minha casa que não ficava muito longe; se fosse ajudá-lo, eu não poderia fazer sozinha.

— Espere aqui, já volto. — Corri até minha casa e fui direto ao quarto

de Luna onde estava assistindo: Um milagre da fé.

— Sabia que esse filme mostra a grande fé de uma mãe para com seu filho... — parou de falar assim que me viu — O que houve? Parece que viu um fantasma.

Éramos diferentes na aparência, enquanto eu tinha cabelos negros e olhos verdes, minha irmã era uma ruiva de cabelos cacheados como da *moranguinho* e tinha olhos azuis.

— Preciso que venha comigo. — A puxei para me seguir e ela o fez sem reclamar. Assim que chegamos ao lago, eu apontei onde Luca estava deitado no chão. Devia ter deitado devido às dores.

Luna arregalou os olhos e já ia gritar aos seguranças incompetentes do meu pai, mas cobri sua boca.

— Shiii, ele é o Luca — anunciei para tranquilizá-la. — Depois explico, só preciso que fique de vigia enquanto o levo para a casa da árvore e vejo suas feridas.

Após convencer a minha irmã, eu fui até Luca.

Sabia que não era correto, uma menina ficar assim com um rapaz, sozinhos, mas não sabia explicar a conexão que tive com Luca, simplesmente, não poderia vê-lo arrebentado e deixá-lo sozinho.

Sempre cuidava das feridas dos meus irmãos. Odiava quando Marco os machucava.

— Tenho a casa da árvore, não é alta. Consegue subir? — anunciei, apontando para a casa a três metros do chão, feita em cima de uma árvore.

— Consigo, não vou morrer ainda. — Deu alguns passos na direção da árvore. Não o ouvi gemer, só grunhir. — Uma casa da árvore? Não está grande para essas coisas?

Demorou mais do que uma pessoa normal para subir na casa da árvore. Assim que entrou, ele checou o lugar. Tinha uma cama de solteiro com uma colcha rosa e o carpete peludo que mamãe me deu.

Riu e estremeceu.

— Merda! Não acredito que vou me deitar nessa cama com essa cor — disse e tirou a camisa, jogando longe, e depois se deitou parecendo suspirar.

— Rosa é bonito — destaquei e depois acrescentei no caso de ele pensar que ainda era criança por ter uma casa de árvore, se antes não tinha chance, agora muito menos. — Para todas as idades. Apesar de meu irmão ter feito quando eu era pequena. Venho aqui quando quero ficar sozinha.

Fechou os olhos.

— Vai me dizer por que estava chorando? — sondou, meio ofegante, acho que devido às dores.

Fui até a mesinha que tinha ali e peguei alguns medicamentos e gazes.

— Hoje faz oito anos que mamãe morreu, e gostaria de ir ao

cemitério, mas meu pai não deixou relatando ser perigoso — grunhi. — Porra, ele nem se preocupa comigo, não dá a mínima. Isso é só por que ele é cruel demais. — Ele riu e depois gemeu.

— Vejo que está com raiva, os pais tendem a ser idiotas e cruéis demais. — Suspirou com gosto amargo ao pronunciar a palavra pai — É perigoso fazer o que está fazendo, meninas como você são presas fáceis. — Ele falava com dificuldade.

Minha mãe dizia a mesma coisa, mas eu queria ser diferente de todos na máfia que só pensavam em título e pessoas falsas. Sou que sou e não pretendia mudar.

— Sei que não vai me machucar, porque teve muita chance para isso aquela noite que me salvou daqueles homens. Tome isso. — Dei comprimidos a ele, que pareceu em dúvida. — Não se preocupe, porque não é letal. Meus irmãos se machucam muito, então tenho um estoque aqui para isso.

— Se eu apagar, eu não quero que você me toque enquanto estiver dormindo, tudo bem? — pediu ele.

— Pensa que vou molestar você? — provoquei.

Riu e depois grunhiu.

— Você tem uma boca esperta, mas estou falando sério, posso acabar machucando-a sem querer.

— Então me deixe cuidar de você para ficar bom logo. — Alessandro tinha o mesmo problema de não gostar de ser tocado enquanto dormia.

Ele não respondeu, então olhei na sua direção e vi que estava apagado.

Como não podia limpar as suas feridas, então joguei o lençol sobre o garoto por quem eu tinha uma queda. Sua pele, bastante machucada, embora ainda linda, era cheia de tatuagens onde pude ver cicatrizes através das tintas. Cabelos lisos um pouco grande. Esse rapaz me fez esquecer até da minha dor e tristeza por um momento.



Dois dias se passou desde que trouxe Luca para a minha casa da árvore; ele voltava e apagava durante esse tempo, mas as horas em que esteve lúcido, eu dei medicamentos para os seus ferimentos.

Meus irmãos que conseguiram os remédios, algum tempo atrás, para o caso de precisarem; então eles me pediam para tomar conta deles e de seus machucados. E, eu cuidava com o maior prazer. Naquele momento, os tais remédios vieram a calhar para outra pessoa.

Meu sonho era ser médica um dia; poder ajudar pessoas que precisassem. Até queria ser voluntária em uma clínica veterinária, já que não podia em um hospital por ainda ter só 16 anos, mas dizer isso ao meu pai seria como dar um tapa em sua cara. Para ele, nós não deveríamos ter sonhos

realizados só ficar em casa enquanto ele fazia de tudo.

— Por que está triste? — sondou Luca, me vendo encolhida no sofazinho que tinha no canto.

Ele acordou há alguns minutos; ainda haviam machucados inchados em sua pele, mas seu rosto já estava ficando bom, apesar de haver alguns roxos.

— Não estou triste, estou puta da vida. — Fiquei de pé no pequeno lugar e rosnei: — Quem ele acha que é para dizer que não devemos sofrer? Que devemos deixar os mortos no túmulo? Porra, se eu pudesse o mandaria para o maldito espaço.

— Se quiser, eu posso matá-lo para você — ofereceu e foi se sentar, mas arfou.

Arregalei os olhos pensando ter ouvido errado, mas ele parecia ter falado sério. Isso podia resolver todos os meus problemas, porque meu pai era da máfia; um homem frio e calculista e, que em nenhum momento pensava em seus filhos. Mamãe foi enterrada quando morreu, mas Luna e eu não fomos autorizadas a ir ao funeral, e não era por sermos crianças, era ruindade dele.

— Não posso aceitar essa oferta. Na igreja, nós aprendemos que devemos fazer o bem; ajudar aqueles que estão com frio e, feridos, além de não matar. Esse é um dos mandamentos, não posso fazer algo assim. Não

quero ser parecida com o meu pai. — Corri até ele.

— Você é como um anjo, é até um pecado ter nascido nessa vida — disse.

Fiz careta.

— Agora que está acordado, eu posso cuidar de seus ferimentos? — sondei. — Até pensei em fugir dessa vida, mas...

— Deixa que faço, eu não quero suas mãos de porcelana manchadas com isso. — Tinha um gosto amargo na voz dele. Bufei.

— Sou acostumada, já falei que meus irmãos se machucam muito. — Peguei as gazes e o remédio para aplicar. — Além disso, eu posso aprender. Assim que for médica, eu já saberei de algumas coisas.

— Então por que não fugiu ainda? Tem medo dos predadores que há nesse mundo? Tem uns piores que nós, acredite — disse, enquanto eu tratava dele.

— Não tenho medo disso — apesar de ter me dado muito que pensar. — Foi pelos meus irmãos, eles são tudo na minha vida. Rafaelle com seu jeito calado; Alessandro com seu jeito frio, mas protetor e Stefano com seu jeito impulsivo e feroz. E minha irmã com sua doçura onde pensa que o mundo é rosa. Por eles sou capaz de tudo até de aturar alguém como meu pai.

— Alguém da sua família sabe que estou aqui? — perguntou ele.

— Você ainda está respirando, não é? — brinquei, mas era sério, se

meu pai soubesse acaba comigo e com o Luca. — Mas Luna sabe. Ela vigia quando venho aqui.

— Obrigado por tomar conta de mim — disse com um suspiro.

— Isso foi um treino ou enfrentou pessoas erradas e ficou machucado?

Riu baixo, o som rouco, mas muito bonito.

— Treino, do sádico do meu pai. Ele mandou alguns dos seus homens para me nocautear dizendo ser treinamento.

— Isso é desumano!

— É a máfia, querida. — Piscou com um sorriso — Não se preocupe, os caras estão debaixo do chão ou sendo comida para os tubarões.

Tinha uma escuridão nele, mas acreditava que poderíamos nos dar bem.



Um mês depois

Estava atrasada para a minha aula de dança, que a muito custo consegui convencer o meu pai a me deixar dançar. Na cabeça dele, mulheres foram feitas para tomar conta de casa e aquecer as camas dos maridos, enquanto o homem fica com amantes.

Marco nunca amou a minha mãe, porque quem ama não faz o que ele fazia antes de ela morrer, deixando a mamãe doente e indo para festas. Teve

uma vez que o vi beijando a sua amante, nem se preocupou que minha mãe estivesse doente na época.

Quando eu me casasse e meu marido e filhos estivessem doentes, eu ficaria ao lado para tudo, iria cuidar com todo o meu amor. Não seria um ser como o meu pai. Garotas da minha idade não deviam pensar em casamento tão cedo, mas no meu mundo as coisas são assim; temia, porque dentro de dois anos, quando fosse maior de idade, eu seria dada a algum monstro, amigo do meu pai e não poderia fazer nada.

Por isso, eu insisti em dançar e fazer tudo o que desejasse na vida. Tive que dizer que era um estilo de dança solo e que era para dançar para o meu futuro marido quando me casasse. Meu pai riu como o doente que era.

Deus! Eu queria desaparecer desse mundo; fugir para qualquer lugar, assim como disse uma vez ao Luca.

Após os três dias em que ficou na minha casa da árvore, se recuperando, ele foi embora para Chicago, mas estávamos sempre nos comunicando.

‘’Como tem passado?’’ Todos os dias, ele me perguntava isso. Nesse dia, nós ficamos nos falando por mensagem até tarde da noite.

‘’Bem, hoje vou fazer aulas com um dançarino, finalmente meu pai liberou’’ Escrevi enquanto saía do carro do segurança. Ele não entrava no salão de dança, ficava na porta como se fizesse o seu trabalho bem feito.

Poderia dizer ao meu pai que esse segurança não valia nada, mas isso estragaria meus planos de sair com Luca, assim que ele voltasse a Veneza.

‘’Dançarino? Desde quando dança com um homem?’’

Eu sabia que antes de cuidar de Luca, eu já tinha uma queda por ele, e ainda tinha, mas ele não parecia me olhar dessa forma; era como se eu fosse sua irmã mais nova. Sempre que pensava nisso algo torcia em meu intestino.

‘’Jade, nós precisamos conversar.’’

‘’O que é?’’ Entrei no salão pequeno; não era de gostar de coisas glamuorosas e extravagantes. *‘’Já te ligo’’*

— Desculpe-me pelo atraso — saudei o meu companheiro de dança.

— Está tudo bem. — Sorriu meigo. Otavio tinha cabelos claros e, sardas. Bonitinho. — Acabei de chegar também. Pode ir se trocar.

Fui ao banheiro e tirei minhas roupas normais. jeans folgado e camisa de flanela e coloquei uma legging e um top. Prendi meus cabelos no alto da cabeça, mas deixei um rabo de cavalo.

Estava tentando ligar para o Luca, mas não consegui, então enviei uma mensagem. *‘’Onde está? Estou tentando te ligar e não atende’’* Deveria estar em alguma reunião, pensei.

Voltei para a sala esperando ver o Otavio, mas em seu lugar se encontrava Luca alto, musculoso, de cabelos escuros, olhos profundos e escuros como ônix. Vestia um terno preto que combinava com ele.

— Luca? — sondei, confusa.

— Achei que ficaria contente por eu estar de volta. — Deu um passo, avaliando o lugar com vidros nas paredes.

— Claro que estou, eu liguei para você, mas não atendeu. — Peguei sua mão e o levei para um quartinho nos fundos para quando o segurança aparecer pensar que eu estava no banheiro. — Como entrou aqui sem ser visto?

Riu.

— Sou bom em entrar em lugares e não ser visto. — De repente, eu me dei conta de que estava faltando algo. Não me lembrava de tê-lo visto ao puxar Luca para cá. — Cadê o Otávio? — Será que foi ao banheiro? Mas era o nosso ensaio.

Luca deu de ombros.

— Foi embora. Ele não vai ser o seu parceiro de dança — falou em um tom firme.

Otávio não fazia parte da nossa família; quando me refiro a família estou falando da máfia. Ele era só um rapaz normal. Eu gostava de ficar ao lado de pessoas assim, pois queria ser normal também.

— Você o ameaçou? — indaguei, sem entender. — Preciso dançar, não pode expulsá-lo. — De repente fiquei irritada — Não tem nenhum direito sobre isso, já me bastam os meus irmãos se metendo na minha vida.

Alessandro deixou claro o que iria acontecer se caso o Otavio me tocasse, só não disse nada, porque se retrucasse o papai saberia e, eu não poderia continuar fazendo o que gostava, que era dançar.

Deu de ombros sem se importar com a minha fúria.

— Não gostava de ver as mãos dele no seu corpo — grunhiu, apontando ao falar.

Sabia que meu corpo já era formado com curvas nos lugares certos, embora comesse de tudo, talvez fosse genético.

— Por que você se importa que ele me toque? Porra, se Otávio quiser fazer, eu não vou impedir. — Sabia que estava sendo uma cadela, eu e minha boca grande, mas não deixaria que mandasse em mim, já bastavam o meu pai e meus irmãos. — Você nunca me deu uma hora do dia, aposto que têm muitas das mulheres para aquecer sua cama.

O olhar que cruzou em Luca era letal e me lembrava um buraco negro capaz de absorver tudo e não deixar nada.

— Ele não vai tocá-la e nenhum outro homem, ou eu juro que mato. — Seu tom deixava isso muito claro. — Acredite, Jade, isso não será bonito.

— O que foi? Você não é o meu dono e nem vai ser o meu marido para tomar conta de mim — expirei para me controlar ou gritaria. — Nos conhecemos há um mês e nos falamos por mensagens é só, então pare de me dizer o que fazer.

Notei que ele não me desmentiu sobre as mulheres aquecerem sua cama. Então era verdade o que ouvi dele na escola. O homem era um tremendo mulherengo.

— Ainda não sou, mas quando você fizer 18 anos, eu vou me casar com você. Então até lá, você é minha e vai ser assim — disse, seguro.

Desatei a rir. Nós nunca tínhamos discutido com nada, mas alguém querer mandar em mim já era demais.

— Oh sim, então enquanto isso, eu fico trancada e imaculada em casa, e você sai por aí fodendo todas. É isso? — Meu tom saiu com asco.

Deu de ombros de novo. O que me fez querer esmurrá-lo.

— Pode ser uma coisa que não gosta, mas é assim que é e não fui eu a criar essa regra. Não vou tocá-la, Jade, enquanto é menor de idade, eu posso assegurar isso. — O senti dar uma leve contração como se a mera ideia de fazer isso o repudiasse. — Enquanto isso, nós podemos ser amigos. — No final tinha algo vulnerável em sua voz, embora a escuridão vincasse em seus olhos. — Serei um amigo leal, e quando nos casarmos, daqui a dois anos, eu vou ser fiel a você.

— Podemos ser amigos sim, mas não noivos, por que jamais vou noivar com um homem que não pode manter as calças fechadas. De homem traidor e prostituto, já basta meu pai — rosnei, saindo de perto dele. — Tão certo como a merda que não vou me casar com você. — Precisava controlar

minha raiva e a dor que estava em meu peito ao pensar nele com outras mulheres. Não entendia o sentido de doer.

— Jade — pegou meu braço e me virou para ele — O que foi? Pensei que gostaria da ideia de eu ser o seu marido ao invés dos homens que seu pai irá sugerir, pelo menos nunca a tocaria se não quisesse.

No fundo, eu preferia o Luca como marido a alguns dos amigos do meu pai, pois todos eram feios, e não falava só de beleza exterior, mas eles também eram cruéis. Sabia que quando ficasse maior de idade, ele me entregaria a alguém. Poderia dizer que também ficaria com garotos. Tinha consciência de que no mundo moderno, algumas adolescentes, já deviam ter até filhos. Mas isso não se aplica ao meu mundo; se uma garota ficasse grávida antes do casamento, esta seria levada a uma praça e vista por todos como uma prostituta.

Acho injusto que as mulheres não têm direito iguais aos homens que, possuem até amantes como meu pai tinha ao ser casado com a mamãe. O que ela sofreu para aturar tudo isso, calada? Não seria dessa forma.

Embora não fosse sair por aí fazendo sexo, pois nem se pudesse, eu faria tal coisa. Por que o único garoto que fazia minhas pernas ficarem moles e, meu coração palpitar era o Luca, o que acabou de dizer que ia ser o meu noivo, mas que ia foder por aí.

— Se quiser ser o meu amigo, eu topo, e não falamos mais em

noivado. Se eu tiver com um garoto, você não opina, assim como não opino com as mulheres que fode. — Me livrei do seu toque e ia sair da sala quando ele me puxou e me prendeu na parede.

— Ninguém toca em você, Jade, ou eu juro que os mandarei para o inferno com passagem só de ida. — Suspirou e colocou a testa na minha. — Se fará você se sentir melhor e, aceitar o noivado, eu prometo que não tocarei em mais ninguém.

Pisquei.

— Sério? Posso confiar em você? Não conheço muitas pessoas confiáveis na máfia — sondei em duvida.

Beijou minha testa. Um arrepio me apossou e me fez tremer, tanto que queria colocar minhas mãos nele e beijá-lo, mas me controlei ou tentei. Essa ideia de não me tocar por eu ser menor de idade... poderia conseguir convencê-lo do contrário?

— Posso ter feito tudo, mas uma coisa que eu prometo a você é que jamais vou mentir mesmo que signifique magoá-la para isso. E agora juro que não vou traí-la de forma alguma. — A promessa estava em cada palavra.

Devia estar louca por pensar nisso? Mas quer saber? Por que não podia ser o Luca sendo que o conhecia e era meu amigo? Pelo menos ele me protegeria ao invés de outro marido qualquer que meu pai iria querer arrumar para mim quando eu fizesse 18 anos.

— Tudo bem, dessa forma, eu aceito. Mas se mentir para mim, eu não vou perdoá-lo — avisei.

— Não vou — prometeu se afastando. — Podemos ir comer alguma coisa? Há uma lanchonete a alguns quarteirões daqui. Eu preciso falar com você — pediu com as mãos no bolso da calça social.

Assenti, curiosa, sobre o quê ele queria conversar comigo. Esperava que o que ele estivesse prestes a dizer não fosse nada ruim.

— O segurança está lá fora... — de repente, eu arregalei os olhos — Wolf com certeza conhece você.

— Sim, vem comigo. — Pegou minha mão e me puxou pelos fundos. — A proteção do seu pai é uma merda, se eu fosse um bandido teria levado você por aqui sem eles saberem.

Bufei com asco.

— Meu pai não liga para nós, Luna e eu. Ele queria que tivéssemos nascido meninos, então somos o erro que ele não pode se livrar. — Sacudi a cabeça, indo para o beco com ele. — Aposto que ele dançaria uma dança caso fôssemos sequestradas.

— Seus irmãos se importam. — Não parecia ser uma pergunta.

— Sim, mesmo assim, eles não podem ir contra o meu pai para me proteger ou a Luna. — Isso era verdade, uma coisa que eu gostaria de ajudá-los.

Andamos algumas quadras a pé e logo chegamos à Cafeteria e Doceria.

— Adoro vim aqui, mas só o Alessandro e Rafaelle que me trazem, apesar de que sempre que vão para casa me levam esses doces de leite. — Fiquei perto da vitrine de doces, lambendo meus lábios só de imaginar comê-los.

— Vejo que ama doces — observou, sacudindo a cabeça. Olhou para a moça e pediu alguns para mim e café puro para ele.

Sentamo-nos em um canto, escondido da entrada.

— Me jure duas coisas — pedi assim que sentamos. Limpei a minha mão suja de doces no guardanapo e coloquei na sua frente virada para cima.

— Tudo bem, o que deseja? — Ele colocou a sua mão sobre a minha. Tão grande e macia.

— Ótimo. Primeiro, eu quero que me prometa que quando nos casarmos, você será fiel a mim, não quero ter que viver imaginando-o com outras mulheres. Sei que prometeu que não tocaria em ninguém, mas isso também se aplica após nos casarmos? — Suspirei.

Faria de tudo para não ter um casamento como o da minha falecida mãe. Se Luca fosse igual ao meu pai, eu não aceitaria.

Poderia fugir para um lugar longe dessa hierarquia de merda, que julgam mulheres que ficam com outros homens fora do casamento, seguindo

o antigo testamento onde uma adultera era apedrejada. Mas e quanto ao mandamento: não matarás? Não roubarás? E o de não praticar a iniquidade? Nenhum deles dá a mínima para seguir as leis após a vinda de Cristo, que mudaram nos dando o direito de nos arrependermos para sermos redimidos.

Só não sumia devido aos meus irmãos. Nenhum deles podia fazer tal coisa, como me seguir, pois isso seria a morte, afinal estariam dando as costas para a máfia. Preferia então viver ali e sonhar para que no futuro eu tivesse um final feliz.

O padre Drew me disse para nunca perder as esperanças, e ali estava o Luca. Seria ele o meu destino? Temia o pior quando me casasse; cada dia que ficava mais velha me dava arrepios, porque sabia que estava perto do pior acontecer. Mas e agora?

Sorriu.

— Juro que farei isso, eu não vou traí-la com ninguém. — Assentiu, apertando minha mão. — Qual o outro pedido?

Suspirei.

— Se um dia for embora você vai ao menos deixar uma carta ou mensagem explicando os motivos por partir. Porque se partir e não me explicar, eu não o perdoarei nem que se ajoelhe implorando — apontei.

Riu, mas depois parou.

— Você é uma menina rancorosa. — Sacudiu a cabeça. — Prometo

que farei. Embora pretenda ficar aqui por um tempo. Terei que fazer algumas viagens para os Estados Unidos com frequência, mas não vou perder o contato.

— Outra coisa: se vamos ser amigos, ninguém poderá saber ou os meus irmãos vão esquartejá-lo e meu pai me trancar em casa. Podemos nos encontrar na casa da árvore ou em algum lugar sossegado sem muita testemunha.

— Posso manter a nossa amizade em segredo, também não quero que meu pai saiba de você...

Fiquei magoada, por isso puxei a minha mão, mas ele não deixou.

— Você não entendeu, não é que eu tenha vergonha, mas meu pai é um homem ruim, e minha família é toda torta. Eles aceitam casamentos com meninas de dez anos, então com certeza me daria você. — Estremeceu com asco na voz. — Eu não deixaria acontecer, sou mais me capar a tocar em uma garota menor de idade. Espero que um dia o meu primo e eu consigamos derrubar o meu pai e meu tio, o atual Capo.

— Tudo bem, fechado. — Sorri. — Amigos em segredo, hein?

Sorriu e bagunçou os meus cabelos como se eu fosse uma criança.

— Dizem que tudo com segredo é melhor — apontou. — Então por que dançar? Não sabia que gostava disso.

— Não pretendo virar dançarina ou coisa assim. Só quero fazer o que

sinto vontade, entende? Quis dançar e vim, não sei se é por ser presa demais e não poder fazer tudo o que me motiva. Fiz uma lista de coisas que pretendo fazer antes de me casar, porque depois ficarei presa...

— Prometo que não tirarei nada de você, não a deixarei trancada — disse com um sorriso. — Mas o que tem na lista? Posso te ajudar a fazer.

Acreditei nele sobre não me impedir de fazer as coisas que quero.

— Dançar, andar de Jet Ski, esquiar na neve, subir no monte Everest e gritar que sou livre, pelo menos por um dia. Ir ao cinema com meu namorado, beijar...

— Ou, ou, vamos recapitular aqui: todas as outras nós podemos fazer, como andar de Jet Ski; esquiar na neve será um pouco difícil, já que não neva em Veneza com frequência; subir no Monte Everest também, a não ser que eu a sequestre, apesar de seu pai não ligar, os seus irmãos sim. — Bebeu o seu café. — Agora ir ao cinema, nós podemos, além de dançar. Agora namoro e beijo só quando fizer dezoito, aí nos casamos e fazemos o resto da lista.

— Estava aprendendo a dançar, isso dá para fazer, não é? — Fechei a cara para ele. — Mas você fez o favor de expulsar o garoto que me ensinava.

— Se quiser, eu posso te ensinar — ofereceu.

Arregalei os olhos.

— Você?

— Claro, por que não? Ou então peça para alguma mulher te ensinar. Não há hipótese de outro homem tocar em minha futura esposa.

Franzi a testa.

— Por que chegou aqui e me disse que vai se casar comigo? Interessado em mim não está, já que deixou claro que não tocaria em uma garota menor de idade. Por que então?

— Há meses a observo nas festas; posso estar interessado em você, mas não a tocaria assim, só quando fizer 18 anos. Outra, eu ouvi uma conversa do seu pai onde ele dizia que pretendia dar você a um homem chamado Benzola e, confie em mim, ninguém quer estar sob o poder dele. — Uma sombra cruzou o seu rosto.

— Ele já está procurando alguém para me casar? — rugi. — Maldito seja.

— Não se preocupe, cuidaram dele. Então você estará livre por um tempo, e como eu disse: meu pai não pode saber que a conheço nem os meus planos, ou acredito que como o seu pai seja doente é capaz de me obrigar a casar com você antes da hora. — Suspirou. — Vou lidar com tudo até fazer dezoito. Mas uma coisa, eu posso garantir: você não casará com ninguém, além de mim.

Senti-me tão aliviada que até a raiva que estava sentindo passou; eu não era de guardar mágoa, mas pelo meu pai, eu tinha muita, era como se ele

estivesse contando os dias nos dedos para se livrar de mim logo.

— Ouviu algo sobre a Luna? Meus irmãos não falam disso comigo.

— Não, mas acho que ele disse que primeiro casaria você e depois ela. Mas não se preocupe, acredito que seu irmão Alessandro não quer que vocês se casem, porque eliminou Benzola em sua mansão em Lisboa.

Ofeguei com um novo medo.

— Meu pai... se ele souber... — minha voz falhou.

— Ninguém sabe, seu irmão é bom em esconder rastros. Eu só soube, porque fui fazer o mesmo, mas Alessandro já tinha feito. — Olhou seu relógio no pulso. — Preciso ir, mas te encontro depois. Pode ser no lago perto da sua casa da árvore?

Nunca conheci ninguém que me protegesse sem serem os meus irmãos. Agora tinha o Luca que decidiu se casar comigo só para que eu não fosse dada a algum outro maníaco como o meu pai. Poderia recusar e esperar um príncipe encantado em armadura brilhante, mas teria que lidar com o cavaleiro negro. Não poderia escolher seguir um relacionamento normal, tipo, namorar e aproveitar, depois noivar e casar e filhos. No nosso mundo, já ia para o noivado e casamento. Embora pudesse ter tudo com Luca, já que disse que não me negaria nada e nem me manteria presa.

O abracei forte.

— Obrigada por tudo. — Tentei ignorar a sensação que seu toque me

provocava, a pele arrepiava e meu estômago se enchia de borboletas.

— Amigos servem para isso. — Beijou meus cabelos e estreitou os braços a minha volta. — Fique bem, depois quero saber mais sobre lista.



Capítulo 2

Jade

UM ANO DEPOIS

‘’Onde está?’’ escreveu Luca na mensagem. *‘’Estou no lago, mas não está aqui.’’*

Esse ano ao lado de Luca me fez sentir uma plena felicidade na máfia, uma que sempre odiei. As únicas coisas boas que tirava disso eram meus irmãos e Luca.

Luca se tornou tão importante para mim que eu não sabia o que faria se o perdesse. Durante esse tempo, nós saímos em encontros de amigos e em nenhuma vez ele foi desrespeitoso comigo; claro que até algum tempo atrás, eu sentia uma paixonite, mas então as coisas foram mudando com o tempo. Não sabia dizer quando foi que comecei a amar o Luca, mas aconteceu, e isso estava me deixando nervosa, porque teria que dizer a ele. Embora suspeitasse que Luca já soubesse, pois era um bom leitor e, eu não sabia esconder nada

dele.

Por isso como era o meu aniversário de 17 anos, nós iríamos comemorar e, eu pediria um beijo.

Sabia que pelas coisas erradas que a máfia Salvatore vinha fazendo, ele queria ser diferente, mas que mal há num beijo nisso? Ele não estava me obrigando; eu queria isso com ele.

Sempre que eu vinha para o lago, minha irmã ficava de vigia em casa no caso de meus irmãos chegarem; ela soprava um apito e, isso era a minha deixa para voltar. Esperava que não fizesse tão cedo hoje.

O Sol estava se pondo na mata ao redor do lago, a brisa leve beijando minha pele de maneira suave. Mesmo assim a cada passo que dava, eu me sentia mais nervosa pelo que faria.

Nós já fomos jantar em um restaurante na cidade vizinha há algumas semanas e esse dia foi maravilho, era uma das coisas que estava na minha lista. Jantar fora e ser normal. Bom, na minha lista estava passar um dia sendo normal, já o jantar, ele acrescentou. Meu pai tinha viajado e meus irmãos com ele, embora tivesse deixado os guardas nos olhando.

Eu era boa em fugir, dei sonífero para todos em suas bebidas e, eles dormiram, então aproveitei a minha noite, e levei a Luna comigo. Nunca me senti tão realizada.

Hoje, ao invés de sair, eu queria comer na beira do lago, ele topou,

sem reclamar. Uma coisa que descobri sobre o Luca, é que também não gostava de tanta multidão, mesmo que já houvesse saído em revistas, uma vez sondei isso. Ele me disse que era só fachada, nada dali era real.

Ele estava de costas para mim encarando o lago, vestia calça jeans e camiseta. Tão lindo! Braços tatuados e fortes.

— Está pensando em dar um mergulho? — Consegui achar a minha voz.

Ele se virou e seus olhos escuros varreram o meu corpo; notei que ficaram aquecidos antes de mudar sua expressão. Sabia que ele gostava de mim também, pois podia ver a forma que não conseguia desviar os olhos, mas não fazia nada.

Eu estava com um biquíni e um vestido de tecido fino de crochê por cima, mas dava para ver o meu corpo.

— Merda, Jade! Você está pegando pesado. — Desviou os olhos do meu corpo e apontou para um lençol forrado na grama com uma cesta por cima. — Deseja comer algo?

— Nesse momento? Sua boca — declarei, caminhando até ficar na sua frente.

Ele respirou fundo como se estivesse com dor.

— Jade...

— Só um beijo, Luca, como presente de aniversário. Sei que me

deseja, mas não quer me tocar, porque pensa que será considerado um pedófilo como tem no seu povo, mas não é.

Sacudiu a cabeça.

— Você não entende, Jade, eu tenho 24 anos e, você 17. O que faz de mim se a tocar? Seria como eles. — Tocou meus lábios. — Tão perfeitos!

— Não seria, e não estou pedindo para transar. É só um beijo. — Toquei seu rosto que estava com a barba espetando.

Puxou-me para seus braços, beijando minha testa.

— Com você, eu não pararia em um beijo apenas, Jade. — Com seus dedos, ele tocou os meus lábios que se separaram com seu toque. — Seria muito mais, não sei se seria capaz de parar. Posso ir para o inferno com tudo o que fiz e faço no nosso mundo, mas não posso ser condenado por tocá-la. — Fechou os olhos, beijando minhas pálpebras. — Só mais um ano, por favor, espere.

Um ano para que me tocasse, seria muito tempo. Eu não podia condená-lo por me tocar, sabia que ele pensava que iria para o inferno, e na máfia todos eram assassinos. Não podia dizer que seria salvo, mas não queria que pensasse que ao me beijar seria condenado por isso.

Esperei até agora, então poderia esperar mais um pouco.

— Sei que não entende o meu lado... — deu um suspiro duro.

— Entendo sim, você não vai me tocar e, eu aceito isso, apesar de o

meu coração doer quando penso em você com outras mulheres... sei que comentou que não ficaria, mas já passou um ano, e ainda falta mais um. Vai conseguir esperar todo esse tempo? — Minha voz falhou.

Ele me puxou para a toalha.

— Prometi e farei, e não sou tão louco por sexo assim.

— São dois anos sem. Será que consegue? — Me sentei na toalha e o fitei diante de mim.

Riu e se sentou ao meu lado.

— Estou há um ano sem, então posso ficar mais um. Sou treinado para ter um ótimo autocontrole. É claro que, às vezes, preciso de ajuda, ainda mais quando se trata de você. — Triscou meu nariz. — Como não posso oficializar o nosso compromisso para nossa família, vamos fazer só nós dois. — Ficou de joelhos a minha frente e pegou um anel no bolso dele. — Era da minha mãe, e foi da minha avó. Sei que mamãe não foi feliz em seu casamento com meu pai antes de morrer, mas a vovó sim, e espero que sejamos felizes juntos. Aceita se casar comigo daqui a um ano? Serei fiel e prometo cuidar e protegê-la e também amá-la até o dia do meu último fôlego nessa Terra.

Pisquei.

— Você me ama?

— Só prestou atenção nisso? — Sacudiu a cabeça com um sorriso

doce. — Se não amasse, eu não teria ido a encontros às escondidas, e meu peito não pareceria explodir sempre que você sorri para mim. Também não estaria disposto a esperar anos para tê-la de verdade, não só na minha cama, mas em todas as áreas. — Sorriu com os olhos brilhantes. — Uma mulher que me faz cruzar o Atlântico todo o final de semana só para vê-la, se isso não é amor, então o que é?

Ele morava em Chicago com a sua família, e só podia vir num fim de semana sim e outro não. Isso me fazia sentir uma baita saudade dele.

Meu coração se aqueceu e estendi a minha mão.

— Aceito ser a sua noiva e logo mais a sua esposa. — Assim que foi colocado o anel em meu dedo, eu pulei em seus braços fazendo com que caísse para trás e, eu em cima dele. — Obrigada, saiba que também o amo e nunca me senti mais feliz desde que apareceu na minha vida.

Beijou minha testa, apesar de querer que o beijo fosse em meus lábios.

— Já que não vai ter nenhum beijo ou amassos, vamos tomar banho? — Saí de cima dele. — Você pode ter um autocontrole de ferro, mas eu já não posso dizer o mesmo.

— Você tem razão. — Tirou a camisa me fazendo babar por suas tintas.

— Cada vez que vem me visitar tem uma tatuagem diferente. — Tirei

o meu vestido e as toquei no peito duro dele.

Ele segurou a minha mão.

— Estou tentando Jade, mas me tocando assim será difícil — Sua voz estava rouca.

Suspirei e me afastei. Em seguida, pulei no lago e o vi logo atrás de mim. Apreciamos bastante naquela tarde até que fiquei com frio dentro da água. Rimos e conversamos sobre o nosso futuro juntos.

— Vamos comer o bolo agora — disse, saindo da água, eu estava logo atrás dele.

Antes que eu respondesse uma voz me fez gelar os ossos da espinha.

— Então é aqui que você vem toda a semana? Cruza o maldito país por um pedaço de boceta?

O homem era alto, parecido com Luca, mas aparentando ter uns 45 anos ou mais.

Luca endureceu a postura e ficou na minha frente para impedir que os olhos do monstro me comessem, mas de fúria.

— Jade se veste e vai embora. — Luca pediu com a voz grossa e letal.

Nunca o vi assim. Vivendo ao lado dele e o vendo sorrir, eu acabei me esquecendo de que mundo ele era e o que fazia. Um assassino frio. Era nisso que os homens da máfia se tornavam, não tinham outra escolha.

Não discuti, pois aquele homem, que reconheci como sendo o pai de

Luca, me dava arrepios.

— Pegue a minha camisa. — Peguei e vesti. Ela ficou quase um vestido em mim. Sabia que o meu era transparente por isso ele me pediu para usar sua camisa.

Antes que dissesse algo um apito soou a distância relatando que meus irmãos ou o meu pai chegaram.

Virei-me para Luca sem saber o que dizer.

— Vá — ordenou.

Então, eu fui embora antes que meus irmãos chegassem e dessem por minha falta, mas meu único pensamento era Luca. O que seria de nós agora que seu pai descobriu?

Após o pai de Luca aparecer no lago estragando toda a comemoração do meu aniversário, eu não o vi mais. Até tentei mandar mensagens, mas o telefone dele dizia que o número era inexistente. Teria o pai dele tomado o seu celular?

Sabia que no mundo moderno homens da idade de Luca não faziam o que o pai queria e mandava, mas na máfia sim, meus irmãos seguiam a risca tudo o que Marco ordenava.

Como entrar em contato com Luca para saber o que estava acontecendo? Não tinha coragem de ir a sua fazenda, pois podia encontrar

Enzo lá... só de pensar nisso me dava calafrios na espinha.

Uma semana depois de Luca ter partido, acho que para os Estados Unidos, o meu telefone tocou. Eu estava contando que ele viesse nesse fim de semana como sempre vinha.

Olhei a mensagem que tinha chegado.

‘’Deixei uma carta na cama da casa da árvore’’ depois outro bipe. *‘’Por favor, faça tudo o que pedi nela’’*

Tentei ligar, mas o número deu desconhecido; disse que não existia.

Só corri para a casa árvore.

— Onde é o incêndio, Jade? — ouvi Stefano perguntar.

Não entendia, mas algo em meu peito estava apertado temendo o conteúdo que estivesse na tal carta. Ele não estava lá, porque senão não deixaria uma carta, Luca diria a mim.

Cheguei ofegante por te corrido e vi o papel no meio da cama. Peguei a folha e abri ignorando a forma que meu coração trovejava no peito, aquele aperto me sufocando.

Respirei fundo e li:

Jade

Não sei como escrever uma carta, então vou escrever o que sinto. Primeiro, eu quero me desculpar, porque não vou poder cumprir a promessa

que fiz a você.

Lamento tanto! Sei que vai sofrer agora, mas é melhor assim, pois logo se esquecerá de mim e seguirá sua vida como sempre sonhou.

Não posso me casar com você, então estou terminando o nosso noivado.

Porra, isso machuca! Saiba que para mim está sendo difícil ainda mais imaginá-la seguindo a sua vida com outro. Não precisa ter medo, se o seu pai noivá-la com alguém que não a merece, eu irei eliminar o problema. Ninguém vai tocá-la se você não quiser, porque eu cuidarei disso.

Só peço uma coisa: não me procure ou venha atrás de mim, pois têm pessoas do meu lado piores do que tudo que possa imaginar e, eu temo só de imaginar algum deles tocando em você. Sei que é pedir muito ficar longe.

Se quando fizer 18 anos e não se apaixonar por mais ninguém durante esse tempo, e eu tiver terminado a bagunça que está a minha família, eu irei a você, e vamos ver se será capaz de me perdoar por deixá-la agora. Saiba que estou deixando-a, não porque não a amo, porque eu a amo com cada fibra do meu ser, mas para protegê-la.

Deixar você será o maior sacrifício que já fiz por alguém na vida.

Uma vez, você me disse que eu era luminoso, mas isso só é possível estando ao seu lado. Só peço que guarde o anel com você, e se um dia amar outro homem, eu irei buscá-lo, mas se não se apaixonar e ainda continuar

tendo sentimentos por mim, eu irei colocá-lo em seu dedo de novo e nesse dia será para sempre. Amo você e sempre irei amá-la. Adeus, e seja feliz.

LS



Capítulo 3

Jade

UM MÊS APÓS A PARTIDA DE LUCA

Encarei o monstro na minha frente, um que devia ser o meu pai e me proteger, não me punir ordenando para um homem me tocar... um dos seus homens.

Sempre imaginei ser tocada pelo homem que eu amava e sonhava desde meus 16 anos; um que me deixou quebrada e, destroçada. Depois disso, ele desapareceu para a América e nunca mais o vi, até... hoje cedo.

O meu castigo foi, porque fugi para vê-lo. Soube que Luca estaria em Veneza, então fugi da escola para ir procurá-lo. Aproveitaria que meus irmãos não estavam na cidade, pois foram para Milão.

Sabia que Luca me pediu na carta para não ir atrás dele, mas eu

precisava vê-lo nem que fosse uma última vez. A saudade estava me matando, mas não consegui chegar perto dele, já que fui capturada pelos homens do meu pai, um deles estava ali na minha frente.

Embora tivesse visto uma breve silhueta de Luca, ele estava forte e mortal, tinha algo do garoto que conheci ainda, embora parecesse mais letal e mortal. Como poderia ter mudado tanto em um mês?

Passei tantas semanas chorando e querendo encontrá-lo, que quando tive a chance não pude, tudo graças a esse ser asqueroso na minha frente com um olhar sombrio e raivoso.

— Por favor, papai — implorei, não ligando para o meu orgulho.

Na máfia, nós não devemos implorar por nada nem mesmo por nossas vidas, se faz isso é gesto de fraqueza em sua lei, só que eu não dava a mínima.

Meu pai mandou um cara me tocar intimamente, seus dedos estavam dentro de mim, onde ninguém tocou antes. Eu não queria que fizesse, não aquele monstro de olhos frios.

O pior dessa barbaridade era que meu pai estava na sala presenciando tudo, como um sádico fodido que era. Como se eu fosse uma prostituta e não a sua filha.

Maldito filho da puta! Odiava ele com todas as minhas forças.

Não sabia quem era aquele homem em cima de mim no sofá, mas

parecia estar gostando de me tocar. Tinha fome em seus olhos e ignorava as lágrimas rolando nos meus, tanto de dor, raiva e humilhação.

Temia que fizesse mais do que isso e, eu não podia deixar que isso acontecesse, pois somente um homem queria assim, mas ele tinha partido para me proteger do seu inferno, não sabendo que eu já tinha ficado em um.

Poderia lutar e xingar, mas já fui espancada pelo meu pai por minha boca dura, e hoje não fazia mais a não ser que desejasse ter algumas costelas quebradas e coisa pior, apesar de que mais do que estava acontecendo, impossível.

— Se afasta dela agora — ordenou o papai.

O homem que me tocava com suas mãos imundas parecia não querer me soltar e sim prosseguir no que estava fazendo. A porra do cara estava excitado, com a minha dor.

Não dor por ter seus dedos asquerosos intrusos em mim, mas aquela dor de não querer aquilo; eu não desejava aquele toque, sentia nojo dele.

Eu estava deitada no sofá onde fui jogada antes e aquele homem pairava em cima de mim; o bom que ainda estava vestido, só esperava que papai parasse por ali, ou eu surtaria se ele mandasse aquele homem tomar algo que eu não queria dar.

Puxei meu vestido, ajeitando-me e cobrindo as minhas pernas assim que se afastou de mim.

Cerrei os meus punhos com raiva e envergonhada, embora não fosse minha culpa. Eu ainda sentia os dedos asquerosos em mim...

Um pai de verdade coloca seus filhos de castigo no quarto, ou tira algo deles, falo de objetos e não de algo que não pode ser consertado. Ainda bem que não rolou mais do que isso, pois só com os dedos, eu já me senti suja, imagina se acontecesse algo mais?

— Tem sorte que quero você e sua irmã virgens para fazer alianças com os meus aliados — disse papai a mim. — Se você disser a seus irmãos o que houve aqui, Luna será a próxima, Fora a parte de matar os seus irmãos caso me enfrentem por você. Isso é tudo por ser malcriada e por ter me desobedecido.

Malcriada? Controlei a ponta da minha língua para não mandá-lo ir para o inferno, porque isso não valeria de nada, só ficaria pior.

Como coisa que eu me casaria com algum desumano dos seus amigos. Se não fosse por Luna, eu já teria fugido dali. Tentar me esconder da máfia era quase impossível, mas eu podia ir para uma ilha qualquer e ficar lá para sempre. Mas também tinha os meus irmãos, os amava demais para deixá-los. Por eles, eu aturaria tudo aquilo.

O gelo se apossou de mim ao imaginar alguém tocando em Luna. Faria de tudo para evitar que algo desdenhoso assim acontecesse a ela.

Juro que nunca pensei em me matar, amava a minha vida demais para

isso, mas se um dia me casasse com alguém desprezível assim, seria melhor estar morta.

Embora Luca houvesse deixado claro que eu não me casaria com quem não quisesse e, que se isso acontecesse, ele eliminaria o problema, acredito que o mataria.

Será que papai castigava a mamãe assim? Não duvidava, já que ele não possuía um coração, devia ter uma pedra em seu peito, pois sequer ligava para seus filhos.

Recordava-me que, às vezes, eu pegava a mamãe chorando, isso antes de ela morrer. Lembro-me que meu pai nem ficava em casa ao lado dela em seu estágio final.

Maldito demônio. De hoje em diante, eu passaria a lutar e treinar; não deixaria mais ninguém me tocar. Não me importava se morresse tentando lutar contra o meu pai, mas faria de tudo para não desobedecê-lo, não por mim, mas por Luna. Por ela e meus irmãos sou capaz de tudo.

Luca

Há quase 13 anos, a minha tia Giulia fingiu a morte de Dalila, e a

deixou com uma família, onde seguiu sua vida com o nome de Samira. Depois conheceu o Nikolai e se apaixonou.

Tia Giulia fez isso para que minha prima pudesse ter uma vida longe da máfia; as leis, antes de Matteo tomar o cargo de Capo, eram severas e desdenhosas, onde homens se casavam com menores de idade. Eu repudiava isso, então não podia criticá-la por mandar a filha para longe. Agora as leis são outras com o Matteo no poder.

Apesar de que com isso, o tio Lorenzo houvesse ficado furioso e matou os Dragon, os pais de Irina, a mulher por quem o meu primo era apaixonado. O pior foi que Lorenzo sequestrou crianças e depois as entregava a homens como forma de uma vingança distorcida. O bom que ele morreu e agora estava no inferno.

Há alguns meses, eu descobri que Dalila estava viva e fomos procurá-la. Agora a trouxemos de volta para nossas vidas.

Logo cedo, minha prima me procurou dizendo que suspeitava que Enzo tivesse matado a mãe dela, Giulia. Vladmir mencionou isso quando Dalila foi presa pelo mafioso russo, no intuito de atrair o Nikolai.

Dalila tinha preparado uma reunião na casa de Matteo para desmascarar o meu tio e, eu fiquei encarregado de descobrir o vídeo que provava o ser desumano que ele era.

Enzo pensava em matar o meu primo, pois assim se casaria com a

Dalila e ocuparia o cargo de Capo. Meu pai estava cego, porque isso não seria possível, mesmo se o Capo morresse. Tudo seria da Dalila e Nikolai, já que estavam juntos.

Dalila nunca ia querer se casar com o tio dela, além de ser doentio e, nojento, ela tinha Nikolai, o chefe da máfia russa. Enzo jamais venceria, também não deixaria que acontecesse.

Parecia que Enzo estava forjando unir a Samira com um servo dele, mas quem soltaria as rédeas seria o meu pai. O bastardo se casaria com ela e teria o poder de *Capo*, após matar o Matteo e tomar a posse do trono.

O que ele não contava era que Nikolai aparecesse na festa para reivindicar o que era dele por direito. Ele tinha sido baleado há algum tempo para salvar a minha prima.

Parece que todo o ano, a tia Giulia gravava mensagens a Dalila, acho que era uma forma de lidar com a dor ao estar longe da filha; e em uma dessas gravações, Enzo apareceu e ouviu, e depois a matou, guardando o celular na boate durante todo esse tempo. Não era um assassino esperto no final. Bom para nós.

Havia alguns vídeos salvos nele. Cliquei em um para iniciá-lo e, de repente, o rosto da minha tia apareceu; Dalila se parecia com ela, cabelos escuros. Eram vídeos para a Dalila.

— Minha filha amada, se você estiver assistindo a isto é porque meu

plano falhou, e eu não estou mais ao seu lado, bambina*. Dalila, você pedia tanto para que eu a tirasse desta vida, mas eu nunca tive coragem.*

— Eu também odiava a vida na máfia. Casei-me com dez anos, mas tive a sorte de ser com seu pai, que pretendia esperar até que eu fosse adulta para ficarmos juntos. Ninguém sabia, este segredo era nosso. Mas quando fiz 15 anos, os pais dele exigiram netos, então não tivemos mais opções. Felizmente, eu já o amava. — Ela limpou as lágrimas.

Isso me pegou de surpresa, o fato de Lorenzo ter sido bom, apesar de que teve uma época em que tive momentos bons com ele, ia direto para casa dele e assim escapava de apanhar do meu pai. Mas então ele perdeu a Dalila e a coisa desandou.

— Mas aquele homem bom está indo embora. Posso ver a cada dia a sombra dele andando por aí, fazendo coisas que nunca fez, coisas que irão me assombrar para sempre. — Giulia olhou para a porta, depois para a câmera. — Acabei de presenciar algo horrendo. O seu pai, junto ao seu tio, sequestrou crianças e as levou a um lugar afastado daqui. Eu os vi pegando uma jovem à força... Seu pai simplesmente entregou-a aos homens, como se a garota não valesse nada. Pergunto-me: para onde foi à humanidade dele?

— Eu me arrependi brevemente por tê-la abandonado para a sua salvação, minha filha, e eu quero que me perdoe. Sei que não mereço, mas quando ouvi a armação de seu tio Enzo, não consegui deixar passar —

sussurrou. — *Ele se aliou a Pablo Zachur, que seria seu noivo apenas em aparência, porque o seu tio se tornaria o seu marido. Por isso, eu a deixei naquele parque e ameacei a Lucy, uma mulher trabalhadora, para tomar conta de você. Preferi vê-la fora da minha vida a ser esposa daquele monstro. Ele matou a minha irmã, Liliane, e eu presenciei tudo. Para a sua proteção e a de Matteo, eu fui forçada a não abrir minha boca. Agora esse ser asqueroso quer casar com você para ocupar o trono... Acredito que eliminaria o seu pai e o Matteo antes.*

Minha mãe? O chão pareceu se abrir na minha frente como terremoto e, eu caí no abismo sem direito a sair. O meu peito doía como se estivesse sendo cortado por milhões de facas afiadas. Ele a matou.

Sabia que Enzo nunca foi pai, aquele homem não sabia o que era isso.

No nosso mundo, os pais são encarregados de treinar os filhos, mas ele nunca me treinou, mas sim me torturou mandando seus homens me baterem até o ponto de quebrar os meus ossos; me comparava a um gado no matadouro, apesar de que, nesses casos, o gado morre rápido. Comigo? Isso não seria assim. Hoje, a dor fazia parte de mim, pois aprendi a lidar com ela.

No começo, eu chorava, gritava e implorava, mas isso só o deixava mais selvagem e furioso. Tudo isso durou até os meus 13 anos, então nunca mais implorei e passei a lutar da mesma forma. Matar foi a parte complicada, demorou meses com mais algumas torturas vindo dele, até que matei o meu

primeiro com um tiro na testa. Lembro-me de ter vomitado as tripas. Com o tempo isso passou.

Hoje, eu sentia que a morte fazia parte de mim, e neste momento, sentia que podia acabar matando alguém, o meu pai.

O assassino mataria o próprio mestre. Parecia clichê, mas era a realidade, e o faria sangrar muito.

— Tenho provas contra ele, estão escondidas em um cofre. A senha é a sua digital, e só você terá acesso, podendo fazer o que eu não pude quando viva. Após presenciar as atrocidades dos líderes Salvatores, não posso mais aceitar. Pretendia expor tudo, mas seu pai me trancou em casa. Agora ele saiu, então estou fazendo este vídeo com seu antigo celular, já que ele confiscou o meu. Não sei até quando aguentarei viver assim.

A única prova que Enzo receberia hoje seria a morte e, de preferência, com uma enorme quantidade de dor até não restar mais nada. Sofri calado durante anos com a forma dele me disciplinar, não queria que a mamãe soubesse das atrocidades que cometia comigo, mesmo antes da idade de treinar, embora pensasse que ele se importava com ela e, no fundo, ele a matou.

Tinha mais vídeos ali, mas neste momento, eu estava cego quando entrei na mansão dos Salvatores. A fúria me consumia ao me lembrar de cada palavra de Enzo proferida a Giulia. Minha tia foi morta por ele, e para não

bastar, ele acabou assassinando a minha mãe, anos antes.

— O que você quer dizer? Quem da nossa família o Enzo matou? — A voz de Matteo saiu mortal.

— A tia Giulia e a minha mãe... — consegui dizer pelo pouco de fôlego que parecia ter em meus pulmões assim que entrei na sala.

— Meus amores, este vídeo é para dizer que amo os dois. E Matteo? Quero lhe pedir que, se acontecer algo comigo, proteja a sua irmã, pois ela está viva e tenho fé de que feliz, longe deste antro de atrocidades que se tornou a nossa família...

— Quer dizer que a puta da sua filha não morreu? — Enzo interrompeu Giulia. O celular caiu, mas vimos o rosto dele.

— Enzo, você é um monstro! Como ousa bolar um plano para ter a sua sobrinha como noiva? Só para um dia ser Capo? Mesmo se casando com Dalila, Matteo é o eleito! — gritou ela, chorando.

— Darei um jeito de aquele moleque ser morto ou considerado inútil. Ele não nasceu para liderar; eu, sim. Muito menos Lorenzo, um fraco controlado por sua família. Só depois do que houve com a cadela da filha de vocês é que ele virou homem! — rosnou Enzo com fúria e bateu em Giulia, que tombou.

— Hoje, eu forjarei a sua morte para que pareça um suicídio, por você se sentir culpada com tudo o que aconteceu à sua preciosa filha. E

quando encontrar Dalila, eu quebrarei todos os seus frágeis ossos.

Eu e Matteo, o meu primo e Capo, estávamos buscando provas para eliminar o Enzo de uma vez por todas, só não contava que fosse matá-lo por dar fim a minha mãe.

O meu sangue fervia com cada palavra que saía de sua boca ao ter assistido ao vídeo de Giulia que gravou a sua morte.

Queria ter descoberto isso antes de a minha mãe estar morta, do monstro que realmente era, assim ela estaria ali, e ele no inferno com o demônio.

— Nunca imaginei que seria capaz de alcançar esse ponto. — Eu estava enfurecido. — Você matou a minha mãe também. Por quê? Só para arranjar um casamento com a Dalila e adquirir um maldito cargo?

— Ela era uma inútil, e estava me atrapalhando na conquista do trono, meu por direito.

— Trono? Seu desgraçado de merda! — Soquei Enzo no rosto, que caiu com o impacto.

— A reunião acabou! Samuel? Prenda todos os capangas desse homem. — Matteo rosnou.

Assim que foi esvaziada a sala.

— Leve-o para o porão — ordenou o Capo.

Samuel o jogou no chão sujo do porão sem fazer cerimônia, mas me

perdi e comecei a socá-lo.

— Seu desgraçado — rugi, o espancando com força tanto que perdi o controle e meu primo interveio.

— Pare — repetiu Matteo.

Todo o meu instinto dizia para eu não me afastar e continuar, mas eu obedecia às ordens do Capo, e respeitava o meu primo. Éramos mais que amigos, éramos irmãos, só por isso, eu me afastei. Sabia que ele também tinha contas a acertar.

— Preciso ter a minha chance com ele — disse com a voz dura ao fuzilar Enzo caído no chão, sangrando e gemendo.

— Você matou a minha mãe e tia, e hoje farei com que pague com a sua vida medíocre. — Podia sentir a fúria e dor na voz do meu primo, acredito que estivesse como eu no momento.

Tudo em mim doía, não porque confiava em meu pai, pois sabia do monstro que ele era, mas matar a minha mãe? Uma mulher que sempre esteve ao lado dele, uma que o amava. A raiva era de mim por não ter suspeitado de nada, por não ter visto o que ele fazia com a minha mãe, talvez até batesse nela. Não duvidava de nada, afinal fez o mesmo comigo.

— Vocês dois são fracos e não merecem tomar conta de um império como esse — cuspiu sangue no chão.

Cada soco de Matteo não era suficiente, Enzo merecia mais do que

isso.

— Você não tinha o direito de matá-las para ter o cargo de Capo, por que não veio até mim? Me enfrentar como um homem de verdade? — rugiu o Capo, enfiando a faca na barriga de Enzo que guinchou.

— As mães de vocês mereciam ser mortas, principalmente, a sua — me fuzilou — Não prestava nem para foder, aquela puta...

Suas palavras foram cortadas assim que me lancei sobre ele e me perdi devido às ira que sentia. Tanto que a cabeça de Enzo só virou geleia no chão. Eu teria continuado se não fosse Samuel e Matteo me tirarem de cima.

A fúria era tanta que minha carne tremia, sentia que a escuridão tinha me consumido mil vezes pior do que antes.

— Acabou, ele está morto — disse Samuel.

Matteo olhou do Enzo no chão e depois para mim, coberto de sangue, e ali, eu vi escuridão, a mesma coisa que estava comigo e me acompanharia para sempre.

— Luca... — começou, mas só virei às costas e saí dali. Eu precisava ficar sozinho.



O ar me faltava; pelo menos achava que era isso, o meu peito pulsava, mas não era só sangue bombeando no meu coração, era a dor que estava ali

me consumindo. Mas havia outra espécie de dor ali.

Olhei para a mulher debaixo de mim que eu estava fodendo no intuito de limpar a minha mente. Foi então que notei que o que doía ali eram as suas unhas enfiadas em meu peito, e não tinha nada a ver com prazer, mas sim por eu a estar sufocando.

Minha mão estava em volta de seu pescoço a impedindo de respirar, tanto que estava começando a ficar roxa.

Afastei-me dela como se estivesse com fogo em seu corpo, não no termo bom, a coisa estava feia, eu estava fodido que nem transar podia mais.

Minhas costas bateram na parede e foi quando senti o ar voltando em meus pulmões e a mulher se afastou, lutando para recuperar o ar que eu tinha tirado dela.

Ela me olhou, assombrada, e saiu correndo de mim como se eu fosse o próprio Satanás, e, ela não estava errada.

Nunca em minha vida machuquei uma mulher assim, ainda mais quando as fodia. Certamente eu tinha ficado fora de mim que mal vi o que aconteceu.

Nesse dia não só o meu pai foi morto, mas eu também fui.



Capítulo 4

Jade

CINCO MESES DEPOIS

Fui chamada pelo meu pai, mas de repente me recordei de quando ele me chamou na sala dele e deixou o Gael me tocar; depois soube do nome do traste. Esse era um dia que eu não podia me esquecer, pois me assombrou por muito tempo.

Muitas vezes, eu quis contar aos meus irmãos, mas então pensava em Luna e tive medo, fora que a parte de imaginar alguém morrendo por minha causa me fazia estremecer.

Antigamente eu ia à igreja todos os domingos e acreditava em Deus, sabia que ele estava lá em cima olhando por nós, pelo menos, eu acreditava. Mas então fui tocada e ninguém apareceu para me salvar daquela tortura. Mesmo assim, eu ainda não queria que alguém fosse morto por minha causa.

Então, eu decidi esquecer e pensar que aquilo nunca aconteceu, e

funcionou por vários meses, até hoje.

O bom que no momento, eu estava na igreja, então não acreditava que meu pai fosse dar-me a mais alguém. Não entendia o porquê a máfia ia à igreja, já que eles eram assassinos da pior espécie; deviam ser considerados impuros para colocar os pés ali. Um lugar santo.

Eu não desobedeci ao meu pai, então não entendia o motivo de ter sido chamada. Mal falava com ele, só quando necessário, e isso era raro. Também não deixava a Luna sozinha, ela até dormia comigo. Apenas ela sabia o que houve, e supliquei para que não contasse aos nossos irmãos. Se algum deles soubesse, isso viraria uma tragédia.

O bom era que não vi mais o Gael depois do acontecido, acho que foi tomar conta dos negócios do meu pai nos Estados Unidos, então estava bem longe da Itália. Esperava não vê-lo mais.

Apesar de que, uma semana depois do acontecido, teve uma festa na mansão do meu pai, e Gael foi; ele até pediu desculpas e disse que foi obrigado a fazer aquilo, não respondi, só fiquei com a Luna e não saí das vistas dos meus irmãos até ele ir embora. Não acreditei nele em nenhum momento, por isso estava feliz com o fato de ele ter desaparecido e não pensei mais no que houve. Estava grata por não ter acontecido mais nada.

Olhando para essa igreja, onde frequentava direto, eu vi que foi errado parar de vir, porque Deus me ajudou na ocasião, me protegeu de não ter

acontecido o pior, pois eu seria destruída de vez. Fui egoísta por me afastar? Acredito que sim, pensei.

Tentei controlar o medo quando vi a igreja lotada, e não eram de fiéis a Deus, mas de assassinos. O meu pai estava no púlpito como se fosse o padre, embora não tivesse nada de santidade ali, só crueldade.

Alguns me olharam com pena e pareciam zombeteiros, outros com expressão vazia; eu me senti entrando em uma jaula cercada de leões. Recordava de uma passagem bíblica onde Daniel, um homem temente a Deus, foi jogado na cova dos leões e o Senhor os protegeu. Esperava que fizesse o mesmo comigo ali, pensei.

No altar da igreja estava o Capo, e dois homens com barba grossa como um árabe ou algo assim, mas os dois eram sinistros. Crueldade gritava neles. Tanto que estremeci.

O medo me apossou ainda mais ao ver Luna perto de um dos homens do meu pai, Sage, o mesmo pelo qual a minha irmã tinha uma paixão não correspondida.

O único alívio que senti ali foi ver os meus irmãos perto de onde o Capo estava. Não consegui ler as expressões de nenhum deles, eram como pedra.

Merda, o que estava acontecendo ali? Esperava que não acontecesse nada conosco, confiava em meus irmãos e sabia que jamais deixariam nada

acontecer conosco; acreditava que eles iriam até contra o nosso pai.

Fui para Luna, mas antes de chegar lá o velho falou com um tom de orgulho:

— Finalmente chegou. — Seu tom era de desaprovação no final. — Estou farto de sua provocação e desobediência.

Não me atrasei, porque quis, estava treinando, e como ele não podia ficar sabendo, eu estava fazendo isso um pouco longe do nosso território, com o Stefano.

Enquanto falava comigo, ele veio na minha direção, e antes que eu pudesse pedir desculpas a sua mão foi parar no meu rosto e me deu uma bofetada que chegou a virar.

Pelo canto do olho, eu vi Stefano dar um passo na minha direção, mas Rafaelle o deteve. Nenhum deles podia me salvar do nosso pai, pois o velho seria capaz de bater neles também.

Não choraminguei ou chorei, porque não daria esse gostinho a ele, não mesmo. Seja o que for que estivesse planejando, eu sairia dessa, porque não havia a mais remota possibilidade de deixar alguém me tocar de novo, nem que para isso, eu lutasse com eles. Agora, eu sabia me defender e não ficaria lá parada deixando que me tocassem; sabia que não poderia vencer, mas preferia a morte a deixar que fizessem o pior comigo e Luna.

— Cansei de vocês duas, não devia ter tido filha mulher. — Ele

olhava de Luna para mim. — Deviam ter nascido homens como os seus irmãos. — Seu sorriso era sinistro. — O bom que agora isso deve servir para as negociações.

Olhei-o indignada por ter dito tudo aquilo, mas não era nenhuma surpresa que ele nos odiasse apenas porque nascermos mulher. Como se tivéssemos culpa disso, pensei amarga.

— Capo, do que se trata a negociação? — Ouvi Stefano perguntar. Ele escondeu o ódio, embora pudesse ver em seus olhos negros.

— Fechei uma aliança com Chavez sobre a encomenda que preciso, e ao invés de dinheiro, eu vou dar as suas irmãs — falou como se tivesse dito que daria os sapatos dele ou algo assim.

Vi que a mandíbula de Alessandro tremeu, mesmo que seu rosto fosse pedra. Rafaelle e Stefano tinham as mesmas expressões, embora Stefano mostrasse o que sentia e agora estava furioso.

Ofeguei e Luna choramingou, encolhida, ao meu lado, ainda mais quando encarou os homens que sorriam como se estivessem se preparando para um banquete.

Queria embalá-la em meus braços, mas temia que isso fizesse o meu pai machucá-la.

— Jude e Truper vão treinar vocês duas, eles são os homens de Chavez. — Sorriu como se tivesse nos dado um presente. — O chefe dos

Rodins vai saber apreciar.

O que eu sabia dos Rodins era que eles eram um grupo de bandidos e criminosos da pior espécie. Obviamente que a máfia também era, mas os Rodins faziam todo o tipo de coisa.

— Por favor, pai não... — fui cortada com outro tapa, mas esse foi mais forte, pois caí no chão.

Luna se abaixou ao meu lado.

— Vocês não respondem mais a mim — disse o Capo. — Agora vocês são deles.

O medo se apossou de mim de uma forma que eu quis correr dali e fugir, e também por Luna que rezava ao meu lado, agora em silêncio.

Poderia rezar também, mas temia fechar os olhos ao lado de tantos tubarões. O que eu fiz para merecer isso? Fomos criadas para não implorar por nossas vidas, e mesmo assim, eu implorei, o que me levou a apanhar do meu pai.

Precisava arrumar um jeito de sair dessa, porque não ia com aqueles homens de modo algum. Preferia me matar; sabia que era pecado tirar a própria vida, mas não teria outro jeito, porque de toda forma, eu estaria morta nas mãos daqueles homens.

Mesmo que implorasse por minha vida e a de Luna, as coisas não sairiam como eu queria; ela não merecia isso, minha irmã era bondosa e

sensível demais para àquela vida.

Olhei para Alessandro, não sabia o porquê, mas só podia implorar a meus irmãos. Meu pai me bateria de novo, provavelmente, isso se não fizesse algo pior.

Seus olhos estavam cheios de fúria, era como olhar para o inferno em chamas.

Claro que já li na bíblia que o fogo de lá era muito quente, pior que um fogo normal, e agora meu irmão estava dessa forma, mas com uma fúria homicida.

Ele deu um leve contraste de cabeça na direção de Luna e acenou para o chão, acredito que para nos abaixarmos e depois para um banco da igreja.

Seja o que for que estava planejando fazer, eu não pensei duas vezes em não obedecê-lo, só fiz o que meu irmão pediu. Logo depois, eu ouvi praguejamentos em Italiano e Inglês, também em Espanhol. Não dei a mínima para eles, só queria que Luna ficasse bem e meus irmãos também.

— Vai ficar tudo bem, querida. — Tentei tranquilizar Luna, porque ela tremia bastante e chorava.

Eu também estava com medo, e quis chorar, mas uma coisa que aprendi era que não desistiria sem lutar, e confio em meus irmãos para nos manter seguras.

Confiava em Alessandro, o meu irmão mais velho, se ele entrou em

ação era por que sabia que não perderia, não queria nem pensar se acontecesse algo com eles...

Ele não iria contra o nosso pai para morrer no final, né? Se perdesse o Stefano com toda a sua alegria contagiante, Rafaelle com seu ar quieto e Alessandro com a sua frieza... não... eles ficariam bem, os três e nós duas.

Após a morte da mamãe, só restou nós cinco contra o mundo e o nosso pai, embora não pudéssemos revidar, já que a lei da máfia não permitia; e os três, assim como nós duas, tínhamos que obedecer as ordens dele. Mas hoje o Marco cometeu um erro ao confrontar o Alessandro, ele subestimou o nosso laço de irmãos e família. Esse laço era inquebrável até pelo Capo.

— Jade? O que vai acontecer com nossos...

A cortei:

— Os três vão ficar bem, não se preocupe. — A puxei, agachada, para irmos a uma porta fechada que tinha ali. — Vamos para os fundos em um cômodo e nos trancar lá.

— Jade... — choramingou.

— Força, Luna — a incentivei — Vai dar certo, querida, logo estaremos fora desse lugar.

— Todos ali estão se matando dentro da igreja, um lugar santo. — Ela parecia falar consigo mesma.

Sabia que ela tinha razão, e se eu fosse o padre não deixaria isso barato, mas muitos ali conheciam a minha família, e temiam. Por isso não diziam nada.

— Eu sei, querida, mas não tinha outra forma, afinal, ou era isso ou seríamos dadas como carne para aqueles homens sanguinários... — estremeci com a ideia de que isso acontecesse.

— Somos filhas dele, como pôde fazer isso? — Senti asco em sua voz.

Apenas a puxei assim que chegamos ao final do corredor; era ali onde aconteciam as reunião com os coroinhas e alguns jovens que o padre trazia para ensinar o caminho correto a seguir. Não o vi, com certeza meu pai devia tê-lo expulsado dali com ameaças, isso era óbvio.

Entrei na sala com ela, não reparando ao redor, só fechei a porta, ou estava a ponto de trancar quando ela foi chutada. Corri para o outro canto mais longe da porta e coloquei a Luna atrás de mim, que gritou assim que viu o homem.

Ele era gordo e barbudo e sorria com seus dentes amarelos. Jude ou Truper, só não sabia qual dos dois era ali.

Podia lutar com ele, não era tão boa quanto Stefano e nem letal, mas podia tentar ao menos. Peguei um taco que vi ao meu lado.

— Vai me bater com isso? — zombou, dando um passo na minha

direção.

Luna me segurava tão firme que senti suas unhas em minha pele, acho que ela nem notou.

— Não se aproxime, seu maldito verme — gritei, me preparando para colocar o treinamento que tive com Stefano em ação.

— Vou adorar entrar em todos os buracos de vocês, suas putinhas — riu, zombeteiro. — Chavez vai fazer bom aproveito das irmãs Morelli.

— Eu também vou fazer proveito de você, Truper — sibilou Stefano, se lançando contra ele. Meu irmão era alto, cabelos curtos e olhos escuros como Onix. Ele deu um chute nas costas do cara fazendo com que o mesmo cambaleasse e caísse no chão.

Ele não teve tempo para se levantar antes que Stefano avançasse e pegasse suas armas nas costas, uma em cada mão e, em seguida, atirou em cada joelho do canalha, que rugiu.

Truper pegou a sua arma e ia apontar para meu irmão, mas dei um chute em sua mão fazendo a arma cair longe.

— Sua puta...

Stefano agora segurava dois punhais, um em cada mão e se lançou para o cara, que tentava se levantar com os joelhos cheios de sangue.

— Vou ensinar você a respeitar as minhas irmãs. — Ele estava mortal e com a expressão como se tivesse saído do inferno louco para matar a

população do mundo, ou apenas os bandidos. Suas roupas eram puro sangue, então deduzi que deveria ter tido muita ação lá fora, o bom era que ele não parecia machucado.

Claro que sabia que nenhum dos meus irmãos eram santos ou que teriam misericórdia algum dia, mas não ligava para isso, só os queria seguros. Por que nesse nosso mundo, você não podia ser mole ou os tubarões engoliriam a todos.

Na máfia era necessário ser um bom assassino, e fazer coisas que deixassem você na escuridão; eu queria poder fazer algo contra isso, mas não podia, só o que podia era amar os meus irmãos e mostrar que ainda éramos uma família e estaríamos sempre juntos contra tudo e todos.

— Jade, feche os olhos, assim como a Luna e não os abra até que eu mande, ok? — pediu Stefano, com um sorriso lunático encarando o homem, que respirava com dificuldade no chão

Luna ainda estava com a cabeça escondida atrás de mim, ela não suportava violência e tinha medo da crueldade desse mundo, apesar de que com o passar dos anos, eu a via se fortalecendo a cada dia. Poderia demorar um pouco, mas acreditava que chegaria lá.

Não consegui desviar os olhos, mesmo tentando, pois não queria ver o meu irmão caçula matando alguém assim; sabia o tanto de sangue que tinha em suas mãos devido às vidas que tirou. Bandidos sim, mas seres humanos,

né?

Estava petrificada no lugar, certamente porque vi que Stefano sorriu de modo sinistro ao enfiar as duas facas no peito de Truper, que estava se arrastando para longe, mas estava ferido demais para tal coisa.

Puxou a faca do peito do homem para baixo como se estivesse cortando uma carne em um açougue. Os gritos do cara eram de furar os tímpanos.

— Vou fazer você comer o seu pau por ousar pensar em tocar em minhas irmãs — cuspiu Stefano. — Ninguém ousa tocar nelas e sai vivo.

O homem não teve chance de responder ao ser abatido como um porco. Tinha consciência que meus irmãos eram assassinos, mas ver aquela cena me deixou petrificada por um segundo.

Não tive medo dele, claro, só me assustou um pouco vê-lo coberto de sangue, mais do que quando entrou e o sorriso de modo perverso como se gostasse daquilo.

Só não vomitei, porque não tinha nada no estômago devido a tanto sangue ao vê-lo cortar o pênis do cara e fazê-lo comer. Nessa parte, eu tive que desviar os olhos, pois não queria passar mal ali, ainda bem que Luna não olhou, ou ela surtaria.

— Porra — praguejou Rafaelle entrando na sala. Ele tinha cabelos loiros e olhos da cor do céu em um dia de verão, embora agora parecesse

chamas por causa da raiva.

Pisquei, chocada.

— Stefano, eu falei para tomar cuidado para que elas não vissem nada — rosnou.

Stefano parou o que estava fazendo e me olhou, perdendo o sorriso.

Tentei me recuperar não querendo que ele pensasse que eu estava com medo dele, mas só fiquei chocada, no fundo aliviada... olhei para Rafaelle.

— Alessandro... — um medo diferente me atingiu — Me diz que ele está bem.

Rafaelle suspirou, e notei que não tinha uma gota de sangue nele.

— Estou bem — disse Alessandro, entrando na sala e fechando a porta.

Chequei-o dos pés a cabeça; pele bronzeada, cabelos castanhos claros e olhos da cor de esmeralda; o bom que não parecia ter nenhum arranhão, graças aos céus por isso. Pulei nos braços dele.

— Estava tão preocupada com vocês — sussurrei e me afastei olhando cada um deles, tanto os olhos negros de Stefano. Os olhos azuis de Rafaelle e os olhos verdes de Alessandro.

— Luna, querida, não abra os olhos agora. — Havia dor na voz de Stefano.

Rafaelle tinha ido até Luna e a puxou para seus braços.

— Acabou. — Assegurou a ela.

Luna tinha medo de sangue, quando criança ela viu um cachorro ser atropelado e depois surtou com o sangue. Ela entraria em colapso se visse aquela cena ali. Até eu me senti enojada de tudo, não do meu irmão, claro.

Virei para Stefano e fui em sua direção e me joguei em seus braços, querendo tirar um pouco da escuridão que possuía, mas não podia. Então pelo menos, eu mostraria o quanto significava para mim, e não me importei com o sangue que estava nele.

— Jade, eu estou... — começou, mas então colocou os braços ao meu redor.

— Estou muito feliz por estarem bem, os três. Fiquei louca de preocupação — falei, e depois mais baixo só para ele. — Nunca terei medo de você, não importa o que faça, eu o amo demais para tal sentimento.

Seus braços apertaram ao meu redor.

— Jade. — Sua voz estava grossa, embora parecesse emocionado e feliz.

Afastei-me e olhei para Alessandro.

— O que houve lá fora? — Ele não estava cheio de sangue como Stefano, pelo que notei o meu irmão tinha um jeito estranho de matar alguém...

Estremeci, pensando que papai viesse nos procurar ali e, nos dar um

castigo.

— Vencemos — disse Alessandro, franzindo a testa para o morto. — Precisávamos dele vivo, mas que droga, Stefano! Por que não se controla?

Ele deu de ombros.

— O canalha mereceu por falar aquelas coisas para elas, ninguém fala mal delas. — Limpou suas adagas na roupa do morto, onde não tinha sangue e, em seguida, as guardou na bota.

Custava a acreditar que meu irmão tinha crescido, estava com 21 anos, já era um homem formado.

Alessandro sacudiu a cabeça.

— Que bom que deixei o outro vivo — comentou Rafaelle. — Sabia que esse já era, assim que Stefano veio para ajudá-las quando Truper as seguiu para cá.

Stefano era impulsivo desde criança, já levou muita surra do meu pai por não controlar o seu gênio. Falava o que queria e fazia o que dava na telha. Acho que nós dois éramos parecidos.

— Papai? — Não sabia como ainda o chamava assim depois de tudo o que me fez. Acho que por costume, mas não o tinha como um pai, ainda mais depois de ter tentado nos vender como gados.

— Morto. — Não tinha emoção na voz de Alessandro.

Não senti nada com suas palavras, até devia, já que matar era

considerado pecado nas leis de Deus, e prometi a mamãe que nunca tiraria uma vida. Esperava nunca precisar.

Aquele homem morreu para mim há muitos anos; e só o seguia por respeito e por não ter escolha: ou fazia, ou seria espancada.

Marco não existia e, eu deixei de gostar dele após ver que ele batia na minha mãe; cansei de vê-la chorar depois de aquele crápula tocá-la; ela me pedia para não contar a ninguém, e nunca contei.

Luna escondeu o rosto no peito de Rafaelle e chorou.

— Lamento, princesa, mas não podíamos deixar que levassem vocês duas. — Beijou sua testa. — Ele ultrapassou todos os limites dessa vez.

— Eu sei — sussurrou — Ele não gostava de nós.

— Na máfia não é permitido amar, isso era sua palavra — disse Stefano com tom frio.

— Não ligo para o que ele e a máfia dizem, ou pensam, porque amo cada um de vocês. — Olhei, incisivamente, para cada um deles. — Vocês três enfrentaram o nosso pai, o Capo, para nos proteger, isso é amor, é o que uma verdadeira família faz. Não um título nomeado pela máfia.

— Serei o novo Capo, e juro pela minha vida que ninguém nunca tocará em vocês duas, nunca mais — prometeu Alessandro.

Se alguém podia fazer isso era ele, o meu irmão mais velho.



Capítulo 5

Jade

DIAS ATUAIS

Após a morte do antigo Capo, nós fomos para a China, pois queríamos aproveitar a liberdade que nunca tivemos. Nesse meio tempo, eu aproveitei para treinar. Queria ficar independente e saber me defender.

Insisti bastante ao Alessandro para podermos ir à China, Luna e eu. Claro que os guarda costas vieram juntos, Sage e Wolf. Eles eram os seguranças mais letais e confiáveis que meus irmãos tinham.

Nenhum deles nunca fez gracinha nem se interessou ou demonstrou algo. Até mesmo Sage, o cara por quem minha irmã tinha uma paixão há anos, mas ele não ligava.

Homens leais assim jamais iriam contra meus irmãos, um cara para enfrentá-los teria que amá-la muito, por isso sabia que ele não a amava, porque se amasse enfrentaria os três. Não falo de morte, mas de dizer o que

supostamente sentia por ela.

Luna era ingênua, boa e frágil demais; merecia alguém que lutasse por ela, que enfrentasse todos em prol dela. Se Sage não fazia isso, então era porque não sentia nada.

Por isso, eu nunca fui atrás de Luca, não foi só pelo seu pedido na carta, porque no fundo, eu pensava que se eu fosse importante, ele teria vindo para mim, mas não veio.

O problema era que agora as coisas mudaram e, eu não podia ficar parada sem fazer nada, meus irmãos precisavam de provas contra Luca, aliás, contra os Salvatore para ameaçá-los a fazer uma aliança. Mas eu soube que ninguém ameaçava um Salvatore. Então teria que procurar outra forma de fazer essa aliança.

Alessandro mandou uma stripper e prostituta do clube deles em Veneza, para Chicago, de modo a se infiltrar e se envolver com um homem chamado Dormas, esse homem era um cafetão assim como o seu comparsa, um cara chamado Stiles. Era com ele que Bruna estava transando.

Não julgava o que as pessoas faziam por dinheiro, mas algumas não pensavam no perigo assim como ela correu apenas para pegar um *pen drive* para entregar aos meus irmãos.

Agora eu estava ali em um beco esperando Bruna aparecer para levá-la embora antes que os Salvatore colocassem as mãos nela.

Bruna enviou o vídeo a eles pelo computador, agora estava pegando o original.

— Acho que estou com problemas — disse Bruna entrando no carro, quase correndo.

Pensei que talvez os cafetões soubessem o que ela fez e estivessem vindo atrás dela. Apesar de que foi difícil convencer meu irmão ao dizer que eu podia lidar com isso; fiquei encarregada de pegar Bruna enquanto os seus homens davam conta dos caras de Dormas no território do cafetão.

— Depressa, nós precisamos sair daqui logo — disse com certa urgência. Ela jogou uma bolsa no banco de trás.

Estreitei meus olhos.

— O que é isso? — perguntei, apontando para a mochila que parecia cheia, mas não de roupas.

Ela suspirou.

— Só dinheiro meu — disse, mas parecia estar mentindo, e eu estava a ponto de exigir que me explicasse onde ela o conseguiu e se era mesmo dela.

Não conhecia a garota para saber que tipo era, mas conhecia quando alguém estava mentindo, e ela estava ao falar que o dinheiro era dela.

Uma coisa que Stefano me disse era para tomar cuidado com a Bruna, que era louca por dinheiro, mas meus irmãos confiavam que eu dava conta

dela, afinal, eu tive vários treinos na academia de luta na China e me aperfeiçoei.

Não era nenhuma mulher maravilha, mas dava conta de enfrentar homens também, tanto na luta quanto na minha arma. Tinha umas agulhas chinesas na forma de pulseira onde tinha alguns venenos, tranquilizante e antídoto; o que precisasse em uma luta, eu aplicava e meu alvo seria imobilizado. Até o momento, eu não matei ninguém; só imobilizei com tranquilizante. Esperava nunca aplicar alguns venenos mortais.

Homens atacaram o carro com paus, acho que uns cinco ou mais, estava um pouco escuro ali, eu estava a ponto de dirigir e partir, mas na direita, eu vi um garoto, acho que da minha idade, e lutava com alguns homens, os mesmo que estavam atrás de mim.

Com muito custo, eu consegui convencer o meu irmão, porém apareceram aqueles homens sendo que não era para estarem ali, afinal os homens dos meus irmãos estavam atacando o pessoal de Dormas, nesse exato momento. Mas por causa dessa vadia interesseira e gananciosa que roubou dinheiro de alguém, esses homens estavam na minha cola. Precisava arrumar um jeito de sair dali logo, mas ao ver o garoto, eu paralisei.

— Foge logo — gritou para nós duas.

Franzi a testa.

— Quem é ele? — perguntei, ligando o carro, ainda encarando o

garoto.

— Noah, o irmão da minha colega de quarto — respondeu ela, tensa demais.

O garoto chamado Noah, lutava com um homem que estava com um taco na mão e o menino não tinha nada.

— Vamos embora logo — pediu com urgência vendo os vários homens ali, uns, indo em direção à Noah e outros tentando abrir o carro, mas não conseguiram.

Claro que além de gananciosa, ela era covarde também, como se eu tivesse a capacidade de ver alguém precisando de ajuda e, simplesmente, desaparecer com o rabo entre as pernas. Fechei a cara.

— Você vai ficar aqui e não ouse sair daqui. — Estava perdendo a paciência com a frieza daquela mulher. Como podia ir embora e deixar o garoto dar conta de todos eles? Se eu não soubesse lutar, tudo bem, eu poderia até correr, mas eu dava conta deles, claro que não de todos. Pelo que vi, o Noah mandava muito bem nas lutas.

Saí do carro, abatendo um dos homens que estava querendo abrir a porta, e antes que ele me acertasse com o taco, eu me defendi. Estranhou-me o fato de nenhum deles estar armado, mas então me lembrei que tinha uma delegacia no quarteirão de baixo, com certeza não queriam atrair expectadores para eles. Imbecis.

— Devolva o que é nosso, sua puta — gritou um deles para a Bruna.

Peguei uma das agulhas de tranquilizantes e apliquei na luta, ele nem notou, mas alguns minutos e, ele já estava caído sem se mexer. Para que não me confundisse na hora de aplicar as agulhas, eu as diferenciava por cor; as azuis eram venenos; a verde o antídoto do veneno; vermelhas eram tranquilizantes e a de cor preta era a anestesia onde te deixa imobilizado da cabeça para baixo. Tinha o antídoto dela também, que era branco, ou poderia esperar vinte quatro horas para o efeito acabar. Adorei descobrir sobre isso na China, uma das muitas proezas de lá.

Meu capuz escondia o meu rosto impedindo de alguém me reconhecer; não queria trazer problemas para meus irmãos. Alguém podia usar isso contra eles. O bom que não parecia ter câmeras por ali.

Peguei minhas estrelas ninjas e joguei nos homens, acertando suas pernas e braços no intuito de inutilizá-los e não matá-los, afinal, eu não era assassina; temo só de me imaginar matando alguém. Uma promessa era uma promessa, apesar de que no fundo, eu não fazia isso não apenas por que prometi a mamãe, mas por mim mesma.

Os homens com que lutei corpo a corpo, eu apliquei as agulhas fazendo-os cair inconscientes; o garoto também abateu alguns, seus socos faziam os homens caírem desacordados também.

Ele abateu cinco de uma vez, me deixando de queixo caído; e eu

achando que ele precisava de ajuda, mas vi que não precisava, pois Noah mandava muito bem nas lutas.

Ele era alto, forte e tinha cabelos claros. Encarei-o por um segundo assim que estavam todos no chão.

— Oi, quem é você? — perguntou, assim que dei as costas para ele e fui voltar para o carro.

— Não sou ninguém. — Era melhor ele se manter longe de mim ou as coisas poderiam se complicar.

— Você é uma boa lutadora. — Ele segurou o meu braço e por instinto, eu fui dar um soco nele, que se defendeu, mas não me atacou.

— Ei! Eu não quero lutar com você. — Levantou a mão como se estivesse se rendendo. — É só que a sua amiga roubou o dinheiro da minha irmã e, ela precisa devolver.

Ele cruzou os braços.

— Porra — praguejei baixo, querendo estrangular a Bruna.

Dei um suspiro duro, porque não podia demorar ali; corria o risco de mais caras chegarem ali, isso sem contar que eu tinha sido golpeada na barriga. Outra, os homens dos meus irmãos podiam aparecer e acabarem matando o Noah por estar na hora errada e no lugar errado.

Fui até o carro e peguei uma das bolsas com o dinheiro que mantinha ali. Em seguida, voltei e entreguei a ele. Não andava muito com dinheiro,

mas precisava para pagar a Bruna. Alessandro me deixou encarregado disso. Vim mais por que temia que eles matassem a Bruna por saber demais, embora pela sua frieza, eu não soubesse se tinha valido a pena ser ferida como fui.

— Aqui. Isso deve ser suficiente para manter sua boca fechada; finja que nunca me viu na sua vida. — Ainda bem que fui eu a estar ali, ou não sabia o que seria da vida dele. Aposto que seja quem for que viesse eliminaria as pontas soltas.

Noah arregalou os olhos ao ver tanta grana. Mas não fiquei ali, pois tinha pressa de sair dali.

— Vá logo embora daqui, ou poderão chegar mais homens aqui. — Tanto do Dormas ou seja lá de quem mais tenha roubado a grana e do pessoal do meu irmão.

Corri para o carro, pisando fundo no acelerador.

— O que deu a ele? — perguntou Bruna, enquanto a levava para fora da cidade, em uma pista particular.

Ignorei a dor em minha barriga devido ao corte que um dos homens fez. A roupa era preta, mas sentia o sangue sair.

Logo depois vi um carro preto, então o meu telefone tocou. Ignorei, então as luzes do veiculo que me perseguia piscaram, mas sabia que era Wolf. Então fiz a mesma coisa com as luzes do meu. Não entendi por que não

chegou antes.

— Parte da grana que eu ia te dar. — Estava sem paciência para falar com aquela garota. — Agora pegue a outra parte e suma; vá para bem longe para que o Capo dos Salvatores não encontrem você.

Parei onde o avião estava na pista que tinha ali.

— Volte para a Itália e, eu resolvo o resto. Mas antes: cadê o *pen drive*?

— Esse não foi o combinado. — Ela parecia não querer entregar o *pen drive*.

— Pegue esse valor ou nada. Mas de qualquer forma, eu terei o que quero, e é melhor me entregar por bem, ou eu terei que tomar e, você não vai gostar nada disso — falei. — Teria tudo se não tivesse roubado daquele garoto sendo que já ia receber bastante dinheiro. Tem sorte de eu não acabar com você.

Não gostava de ameaçar, mas, às vezes, precisava fazer; aprendi a ser forte e decidida após tudo o que me aconteceu.

— Pegue a bolsa e vaza. Ou vai querer que eu chame os meus irmãos? — Estava querendo ver a profundidade do corte em mim, porque começou a doer bastante, já que meu corpo estava esfriando. Antes a adrenalina estava me impedindo de sentir dor, agora que passou a coisa estava me tirando o fôlego.

Ela estremeceu com a hipótese de lidar com um dos meus irmãos, isso não seria bom; sabia que eles não bateriam nela, mas fariam com que ela pagasse de algum modo.

Bruna entregou o *pen drive* e nessa hora vi que valeu à pena o sacrifício que fiz até ali, mesmo sabendo que levaria a bronca de Alessandro, por não ter ido embora assim que estava com Bruna. Mas não podia deixar Noah enfrentar aqueles caras sabendo que nós dois daríamos conta. Esperava que não ficasse tão furioso comigo assim que soubesse o que eu fiz.

— A senhorita está bem? — Wolf veio até onde eu estava assim que Bruna entrou no avião. — Parece pálida.

— Acho que estou ferida. — Fui dirigir, mas ele entrou no banco do motorista, amaldiçoando alto.

— Deixe-me fazer isso. — Dirigiu para a casa que meus irmãos tinham ali em Chicago. Luna e eu estávamos morando nela, assim como Alessandro e Stefano. Rafaelle ficou em Veneza para tomar conta dos negócios no lugar do Capo.

Wolf estacionou na frente da casa, e saí antes que me impedisse, já sentindo um pouco de tontura devido à perda de sangue. Sabia que deveria ir ao hospital, mas não fui, pois isso iria atrapalhar as coisas para meus irmãos.

— Senhorita?! — ouvi Wolf me chamar.

— Jade, que bom que chegou! — disse Luna com um suspiro.

Ela parou de falar ao avaliar o meu estado.

— O que houve? Você está bem?

Levantei um pouco a camisa para mostrar minha barriga coberta de sangue.

— Estou tonta, acho que vou desmaiar — falei, me segurando na parede. — Levei uma facada.

Wolf me pegou nos braços e me levou para dentro.

De repente, Luna gritou vindo até mim. Poderia ter rido, já que ela tinha medo de sangue, mas parece que se esqueceu disso no momento.

— Alessandro!

— Vai me deixar surda — sussurrei.

— Merda! A senhorita devia ter me dito tinha levado uma facada. — Wolf parecia exasperado e com medo.

De repente, eu vi homens armados em todos os lugares, e Alessandro apareceu com Stefano do seu lado.

— Que porra está acontecendo? — Stefano perguntou aos rapazes ali do nosso lado.

Alessandro me examinou nos braços de Wolf, então viu o corte cheio de sangue, porque eu não tinha abaixado a blusa.

— Wolf, você tem um segundo para dizer o que houve e por que minha irmã está ferida. — O tom de Alessandro faria qualquer um sair

fugindo para as montanhas.

— Fomos atacar os homens do Dormas, e tudo estava ocorrendo como o planejado.

Enquanto Wolf explicava, o meu irmão veio até mim com preocupação vincada em sua testa. Examinou o corte.

— Vai precisar de pontos. — Virou para o Sage — Chame o médico.

— Quem ousou tocar em você? — O tom de Stefano era mortal e afiado como uma faca.

— Não era para acontecer isso, era só para a senhorita pegar a garota e sair de lá, mas elas foram atacadas...

A cabeça de Alessandro levantou na sua direção. Ele me pegou dos braços de Wolf e me colocou no sofá.

— Achei que estavam lidando com o pessoal do Dormas — acusou com aço na voz.

— A puta da Bruna roubou de alguns cafetões, e um homem chamado Said enviou seus homens a ela, foi eles que atacaram. Assim que soube, eu fui correndo, mas a senhorita já tinha lutado com eles deixando-os inconsciente e a segui até o avião.

Alessandro foi para tirar minha blusa, então levantou a cabeça.

— Todos fora. Assim que o médico chegar mande-o entrar — ordenou. E depois para Wolf: — Volte aos homens e prenda-os. Depois terei

uma conversa com eles, e também com Said.

— Sim, senhor — respondeu.

Todos os seus homens saíram ficando apenas a Luna e o Stefano.

— Ela vai ficar bem? — choramingou Luna.

— Pegue panos na cozinha, pois preciso estancar o sangue até o doutor chegar para dar os pontos — disse Alessandro, mas eu podia ver que ele estava com raiva.

— Lamento por não ter saído com a Bruna logo que vi os homens chegando, mas eu precisava... — expirei, assim que pressionou minha ferida com o pano que Luna trouxe.

Seus olhos verdes ficaram escuros, como Jaspe verde.

— Por que droga foi lá se tinha a chance de ter fugido sem lutar? Estava tão desesperada para entrar em ação que não pensou nos riscos? — Puxou minha blusa para cima perto do sutiã, deixando minha barriga livre e, em seguida, limpou um pouco do sangue. — Sabe o que poderia ter acontecido?

— Não foi nada...

— Nada?! — rugiu, me fazendo encolher, então respirou fundo e colocou sua mão direita em meu coração.

Meu irmão não demonstrava seus sentimentos, às vezes, via o deslumbre de algo, mas era pouco, como agora, senti se que se arrependeu de

gritar comigo. Como ele não sabia pedir desculpas, então a sua forma era essa, tocar em meu coração em uma forma de expressar o que sentia.

Alessandro nunca foi assim; teve uma época quando criança que ele sorria e brincava, então passou a mudar a partir do momento que foi treinar com o nosso pai quando tinha 13 anos, e nunca mais voltou a ser o mesmo. Eu sabia que ele nos amava, e podia ver isso, meu irmão só não sabia dizer.

Em momentos assim que gostaria de não ter nascido na máfia, e sempre quis isso, até conhecer Luca e saber que ele também é, de qualquer forma não era algo que pudesse mudar, não posso trazer meus irmãos para a vida fora da máfia. E como não posso viver longe deles, então fico ao seu lado, e também de Luca, por eles sou capaz de tudo. Mesmo que Luca não estivesse comigo.

— Eu sei. — Coloquei a minha mão em cima da sua, querendo deixar claro que o entendia. — Lamento, mas ela roubou de um garoto da minha idade, ele apareceu e estava lutando, então não podia deixá-lo sozinho, por isso lutei para ajudá-lo.

Ele suspirou.

— Vai ficar tudo bem. Eu não devia ter metido você nisso, então é minha culpa também — disse e, eu ofeguei com a dor. — Cadê a porra do médico? Se ele não aparecer aqui agora, eu vou fazer com que nunca veja o maldito sol de novo.

Bem na hora o doutor apareceu e Alessandro brigou com ele pelo seu atraso fazendo-o se encolher.

— Houve um acidente no caminho para cá. — Sua voz falhou.

— Está tudo bem — falei antes de Alessandro ou Stefano, que já estava abrindo a boca para dizer algo.

O médico aplicou a injeção para anestesiar a dor, e antibióticos. Então me costurou.

— Não foi fundo, mas como sangrou bastante, você vai precisar repor o sangue, qual o seu tipo sanguíneo? — sondou o doutor após me costurar.

— “O” positivo — respondeu Alessandro antes de mim. — Tem aí? Senão pode pegar o meu.

O doutor assentiu, parecendo surpreso com a oferta do meu irmão, mas eu sabia que os três fariam tudo por nós, Luna e eu. Eles realmente fizeram.

— Sim, tenho, agora quer ficar aqui ou ir para o quarto? Esses medicamentos vão te derrubar por enquanto, mas vai ficar tudo bem, não perfurou nenhum órgão vital. — Levantou e me olhou e depois aos meus irmãos. — Precisará de repouso.

— Ela terá. — Afirmou Alessandro e veio para me pegar no colo. — Vamos para o quarto, lá vai ficar mais confortável.

— Não precisa me carregar, eu posso andar — falei, mas ele me

ignorou.

Assim que o soro e o sangue foram aplicados em minhas veias, o doutor saiu e foi falar com Alessandro lá fora. Enquanto fiquei com Luna e Stefano.

— Quem fez isso com você vai pagar. — Ele tocou meu rosto esquadrinhando-o.

Sorri.

— Dei uma surra em alguns e apliquei tranquilizantes, já devem estar acordando agora...

— Todos foram presos. — Alessandro entrou no meu quarto branco.

Meu instinto dizia que ele não estava se referindo a cadeia.

— Wolf rastreou as câmeras do lugar e viu o garoto que lutou junto com você. — Ele mostrou o vídeo no celular para mim onde eu lutava com os caras e Noah me ajudava, o bom que não mostrava o meu rosto.

— Merda. — Arregalei os olhos. — Por favor, Alessandro não o machuque, ele foi procurar a Bruna que tinha roubado dinheiro da irmã dele.

— Então deu o dinheiro a ele para calar sua boca — disse como declaração.

Assenti.

— Por favor... — fui me sentar, mas a merda doeu, acho que a anestesia estava passando.

Ele suspirou.

— Não vou tocá-lo, acalme-se. A irmã dele é namorada de um dos MC Fênix e eles são aliados dos Salvatore. Vou apurar a situação, pois preciso dessa aliança com eles, qualquer coisa para destruir os Rodins.

O sono estava chegando, acho que os antibióticos estavam fazendo efeito.

— Obrigada. — Levantei a minha mão direita. — Estaremos sempre juntos, não importa o que aconteça.

— Não importa o que aconteça. — Stefano colocou a mão sobre a minha, e assim fez a Luna.

Olhei para Alessandro com olhos de cachorrinho.

— Deixa de lado esse seu jeito frio, e toca aqui, mano velho — provoquei com um sorriso.

Bufou, mas ele pareceu divertido.

— Certo. — Fez o que pedi por um segundo e depois tocou o meu rosto. — Agora descanse. Terei que sair, mas volto logo.

Assenti e peguei o *pen drive* no bolso.

— Se está indo atrás da Bruna para pegar o que queria, eu já fiz isso. — Entreguei a ele.

Alessandro franziu a testa.

— Por que insistiu para ir lá? Saiba que isso não vai acontecer

novamente, não vou deixá-la se envolver em nossos negócios, as coisas poderiam ter saído do controle hoje, aqueles homens podiam estar armados...

— Não quero me meter em seus negócios. — Estremeci, pensando no que eles faziam. — Mas fiz por Luca, mas não era risco algum, a Bruna que foi uma gananciosa por roubar dinheiro dos cafetões de lá e da garota que morava com ela. No fundo, eu estava preocupada que no final, vocês a eliminassem, sabe? Queima de arquivo ou coisa assim.

Ele arfou, assim como Stefano.

— Aquela puta vai pagar por ter arriscado a sua vida assim — sibilou Stefano e depois franziu a testa. — O que Luca tem a ver com isso?

— Desde quando se importa com o Luca? Porque não acredito que se conheçam a esse ponto.

— Conheci o Luca quando tinha 16 anos e morávamos na fazenda em Veneza, lembram? — Encarei os dois, até que assentiu. — Teve uma noite em que fugi de casa, pois queria me divertir, sei lá ser livre por um segundo. Então apareceram uns caras quando eu estava vindo para casa e tentaram me agarrar, mas antes que fizessem algo como vi nos olhos deles que fariam, Luca apareceu e os mandou vazar, bom, teve uma luta e Luca ganhou e me levou em segurança para casa. — Pensei no quanto ele estava lindo lutando; pensar nisso a saudade apertou o meu peito. — Depois disso, eu me lembro de estar chorando por ter pedido para ver o túmulo de nossa mãe, naquele dia

faria oito anos que ela tinha morrido. Mas o desgraçado do nosso pai não permitiu. Então corri para a casa da árvore, mas antes que chegasse lá, eu vi Luca todo machucado e cheio de sangue. Consegui com sua ajuda subir com ele na casa da árvore, mas assim que subiu, ele desmaiou.

— O que houve depois? — sondou Stefano.

— Cuidei dele por três dias... depois ficamos nos falando por mensagens por um tempo, então ele apareceu, e convivemos por um ano. — Peguei a correntinha que tinha o anel. — Ele me deu esse anel como um compromisso de noivado. — Lágrimas saíram dos meus olhos.

— Noivos? — A voz de Alessandro soou como se ele tivesse engolido vidro. — Ele a tocou?

Ri com tristeza.

— Não. Nós ficamos amigos e, eu me apaixonei por ele. E no meu aniversário de 17 anos fomos comemorar no lago... estávamos felizes e, eu quis que ele me beijasse, mas ele não quis...

Stefano me cortou, perplexo:

— Não quis?

— Não é questão de não querer, mas ele disse que não queria ser como os homens da sua família, pois parecia que, na época, os Salvatores mexiam com crianças. Luca disse que ia ser condenado ao inferno por coisas que fez e faz, mas não por me tocar — expirei.

— Como terminaram, já que não a tocou? — sondou Alessandro.

— Na minha comemoração no lago, o pai dele apareceu; depois disso, o Luca me mandou ir embora, notei que não me queria ao lado de seu pai.

— Enzo era a porra de um sádico, se tivesse colocado as mãos em você... — Stefano sacudiu a cabeça como se fosse para expulsar os pensamentos da cabeça. — Espera, ele entrou em nossas terras? Onde estavam os guardas que vigiavam o lugar?

— Nosso pai não ligava para a nossa segurança, só deixava um segurança conosco e ele mal nos acompanhava pela propriedade.

— Quando penso nisso, eu me sinto mal por não ter matado ele eu mesmo — sibilou Stefano.

— Uma semana depois, o Luca me deixou essa carta. — A peguei no meu bolso da calça, não andava longe dela. Um lembrete de sua promessa.

Stefano leu e praguejou; depois Alessandro.

— Ele sabia sobre o que você fez com o pretendente que papai arrumou para mim; também foi lá para matá-lo, mas você já tinha feito — encarei Alessandro.

Toda vez que ele ia a Veneza, eu aparecia para pelo menos vê-lo, mas nunca tive coragem de chegar nele. Devia ficar brava e ressentida por ele ter ido embora deixando só uma carta de adeus, dizendo que fez tudo àquilo por mim e que era para eu ser feliz.

— Jade...

— Alessandro, nessa reunião com o Capo Salvatore, não o ameace, eles não aceitarão isso muito bem, apenas dê a minha mão em forma de...

— Isso nunca! — Seu tom era cortante.

— É só com ele que eu me casarei. — Fui firme.

Seu olhar se tornou quase uma tempestade.

— Se Luca realmente a amar, ele terá que fazer o seu caminho e provar que a merece sem ser por uma aliança — rosnou. — Não vou entregá-la como...

— Não é assim — tentei argumentar.

— Ele tem razão, Jade. — Stefano suspirou. — Isso é uma aliança de máfia, entregar a sua mão em troca disso nos faria como nosso pai e, isso não vai acontecer.

— Mas quero isso. Eu quero me casar com Luca.

— Então ele que trate de lutar por isso, para provar que pode amá-la e protegê-la. Ou nada feito. — Alessandro saiu, batendo a porta com força.

Encolhi-me, porque não sabia se Luca ainda me queria, afinal de contas, eu estava a um mês em Chicago e, ele não veio me procurar.



Capítulo 6

Jade

Após ser ferida na semana passada, eu tive que ficar de repouso, ou seja, não sabia o que estava se passando com as negociações da aliança com meus irmãos e a máfia Salvatore.

Então mais cedo, quando descobri da reunião, eu pedi ao Alessandro que me levasse com eles nas negociações.

— Não Jade — disse, assim que eu estava na sua frente. — Olha o que aconteceu da última vez que deixei você participar de alguma negociação minha.

— Juro que vou ficar quietinha lá no bar, e vou estar protegida; você e Stefano vão estar lá, não é? — Passei o braço a sua volta. — Preciso vê-lo nem que seja um pouquinho, por favor.

A dor estava em meu peito me sufocando por dentro, não sei o que seria de mim e de Luca, mas de uma coisa, eu sabia: não podia viver sem ele. Foi tão difícil ficar longe em todos esses anos e ainda pior sabendo onde Luca estava, mas não podendo ficar perto dele.

— Jade — suspirou e passou a mão em meus cabelos — Não gosto de vê-la assim por causa de um homem que parece não se importar o bastante ao vir a sua procura. Minha vontade é de...

Encolhi-me por dentro.

— Não pode tocá-lo, por favor. — Me afastei, suplicante. — Poderia aceitar a aliança de casamento. — Uma sombra cruzou suas feições duras, e belas. Seu furinho no queixo e barba por fazer deixava um charme a mais nele.

— Não! Como disse, se ele quiser casar com você terá que vir a mim ou nada feito. — Seu tom era decisivo. — Vou levá-la, mas se prometer não se intrometer em meus negócios e esqueça essa história de aliança de casamento. Ou se casará por que ambas as partes estejam de acordo ou nada feito.

Achei que só podia receber isso dele, então deixei quieto.

— Obrigada, vou ser uma santa. — Levantei minha mão em sinal de juramento.

Bufou e sua boca arqueou com um meio sorriso, bom, do jeito dele.

— Eu adoro você Jade, mas tenho até medo de como nos têm em sua mão. — Riu Stefano vindo me abraçar. — Juro que nada como isto vai acontecer de novo. — Sua mão foi para minha barriga onde estava uma cicatriz pequena, ainda dolorida.

— Confio em vocês. — Sorri e fui para a porta e me virei para eles. — Amo vocês. Agora vou me arrumar para vê-lo.

Parecia uma adolescente querendo estar com o namorado; sei que não era mais uma garotinha para ficar sonhando, então seria melhor acabar com tudo isso; colocaria Luca contra a parede. Pelo que soube os Salvatores arrumaram as coisas erradas que o antigo Capo fazia; o tio dele, isso foi a mais de um ano e seu pai foi morto na época. Todos diziam que foi Luca que fez depois que soube que foi o pai que matou a mãe dele.

Pelas notícias que eu tive, o dia que ele matou o Enzo foi bem na época em que me deixou em Veneza, logo depois que foi embora. Então por que nunca voltou sendo que estava tudo resolvido? Talvez significasse que eu não era mais quem ele queria. Eu precisava tirar isso a limpo nessa noite, mas meus irmãos não me deixariam fazer.

O meu coração estava ansioso demais ao esperar os meus irmãos que entraram na sala de reunião no clube Square dos Salvatore há um tempo.

— O que deseja beber? — perguntou o cara do bar com um sorriso galanteador.

— Cosmopolitan — pedi, ainda checando a entrada onde eles estavam.

O ambiente estava lotado, cheio de feromônios no ar, mas não liguei e só reparei que na entrada havia dois homens que não reconheci. Onde eles

estavam não dava para ver, porque era meio escuro.

Sabia que prometi ao meu irmão que não me meteria, mas e se eu provasse que poderia lidar com tudo? Talvez quando me visse, Luca falasse com meu irmão e pedisse minha mão em casamento. Não ia desistir, precisava dizer aos meus irmãos que era para propor a aliança com o casamento comigo e Luca. Isso ajudaria mais do que ameaçá-los, não seria um bom ponto, meu irmão deveria saber disso, mas nunca iria propor minha mão aos Salvatores.

Soube de algumas boates que foram atacadas e, que algumas pessoas se machucaram. Os Rodins estavam fechando o cerco, então isso serviria, essa aliança.

Alessandro disse que Luna e eu poderíamos escolher com quem quiséssemos nos casar, e eu queria só o Luca, embora acreditasse que não seria fácil convencê-los.

Ele queria que Luca o procurasse e, eu não sabia direito o que tinha acontecido com Luca, mas parece que ele estava diferente, as sombras estavam ali em suas feições. Iria nessa reunião e checaria se ainda me queria, e porque não voltou para mim. Dependendo da resposta, eu tentaria convencer o Alessandro a me deixar casar.

Tomei minha bebida e segui rumo às portas dos fundos onde estava acontecendo a reunião. Sorri, me aproximando dos homens ali. Um de

cabelos escuros e outro loiro. Vi Wolf não muito longe, mas estava prestando atenção em uma garota, não sei por que, mas esse cara não parecia fazer seu serviço bem feito, aliás, nunca fez nem quando meu pai era o Capo.

Peguei duas agulhas de sonífero nas mãos e me aproximei deles.

— Oi, meninos, eu preciso entrar na reunião que está acontecendo lá dentro — falei.

Os dois me olharam de forma idêntica, com suspeita, tanto que um pegou o meu braço e me levou para dentro, no corredor, e me imprensou na parede roubando o meu ar.

— Quem é você? — perguntou o de cabelos escuros. — Como sabe da reunião?

Aproveitei para aplicar as agulhas neles sem que notassem, mas o de cabelos escuros notou e foi me nocautear pensando que eu era inimiga, mas me defendi até que o efeito do que apliquei começou.

— Lamento por isso, mas se encostar um dedo em mim os meus irmãos matam você. — Isso era verdade. Soube que Alessandro e Stefano eliminaram todos que estava no beco, os bandidos, claro. Menos Noah, já que não tinha nada a ver com isso.

Não gostava que alguém morresse por minha causa, porque sentia como se eu tivesse puxado o gatilho, mesmo não sendo de fato. Evitaria isso se eu pudesse, só não pude o dia que levei uma facada. Era como se estivesse

quebrando a promessa que fiz a mamãe.

Os dois homens caíram desacordados e, eu suspirei aliviada, embora ainda doesse meu peito com o impacto e aposto que meu braço teria hematomas.

Segui para o fundo do corredor, prestando atenção nas salas ali; não vi mais nenhum guarda, acho que estavam mais fora da boate e misturados com os outros no salão; esperava chegar na sala primeiro, antes que viessem atrás de mim.

Parei assim que ouvi vozes na última porta.

— Acha que vou fazer uma aliança a base de ameaça? — sibilou o Capo Salvatore. — Se fosse em troca de favores, tudo bem. Mas com ameaças não há aliança.

Sabia que isso iria para esse caminho, esperava que pudesse consertar as coisas antes que eles se matassem.

— Pode entregar a fita às autoridades, porque eu não ligo. — Agora ouvi uma voz grossa e sexy que reconheci como sendo de Luca. — Estou disposto a ir para a cadeia.

Oh, isso não está acontecendo, pensei. Ouvir sua voz fez o meu coração pular que até temi que fosse ouvido do outro lado; eu amava tudo nele; a forma que rosnava; que me olhava e até sorria. Sentia falta de tudo isso.

— Ah, claro, eu não acho que vocês são tão fortes assim para fazer tal coisa e saírem ilesos da cadeia. — Agora era Stefano. — Inclusive, nós temos provas de que tem alguém dos seus homens agindo pelas suas costas, catando crianças.

— O quê? Como soube disso? — A voz de Matteo soou como o gelo do Pólo Norte.

— Isso não é só uma ameaça, porque somos fortes, e podemos ser mais ainda, mas precisamos da ajuda de vocês — disse Rafaelle. — A organização dos Rodins está crescendo, e nós precisamos eliminá-los de uma vez por todas.

Rafaelle? Nem sabia que ele estava ali, pois da última vez que conversei com ele estava em Veneza. Ele veio me ver depois que levei a facada, não foi fundo, porque só levei dois pontos, mas ele não perdeu tempo vindo me ver. Amava os meus irmãos.

— Temos um inimigo em comum — disse Alessandro. — Devemos nos concentrar nele.

Ouvi um suspiro, mas não soube de quem.

— Pode ser, mas só tem uma forma para podermos fechar essa aliança — começou Matteo.

— Como? — Ouvi Alessandro sondar.

— Uma aliança de casamento como a de Nikolai com Dalila —

continuou Matteo.

O Capo Salvatore foi esperto em propor isso, porque não havia aliança mais forte entre famílias do que casamentos.

— Porra! Não vou me casar — ouvi Stefano dizer como uma criança emburrada.

— Casamento é um vínculo que temos, onde unimos nossas forças, isso gera confiança, isso é uma aliança e não uma ameaça — apontou Matteo.

Não tivemos um modelo de pai para nos ensinar tal coisa; nem sabia como ainda amávamos um ao outro, meus irmãos e eu.

Nesse ponto o Capo Salvatore tinha razão, mas dizer aos meus irmãos que podiam dar a minha mão era como bater na cara deles. Amava a proteção deles, mas nesse momento não era necessário, pois afinal, eu gostava dessa ideia. Só me casava com o Luca e não outra pessoa.

— Quem sugere? — inquiriu Alessandro. — Tem alguma prima sua em mente?

— Você não está falando sério! — indagou Stefano.

— Stefano! — advertiu Alessandro em tom de Capo.

Meu irmão deu um suspiro, mas ficou calado. Nenhum dos dois, tanto Stefano como Rafaelle desobedeceriam ou falariam algo na frente dos outros, pois isso o deixaria fraco.

— Não, as primas que tenho são casadas ou estão noivas, mas tenho o

Luca, e ele pode se casar com uma de suas irmãs...

Matteo mal terminou de falar e, eu ouvi um reboliço lá dentro e som de armas sendo engatilhadas.

O sangue saiu do meu rosto. Era hora de entrar e não ficar ouvindo atrás da porta. Era hora de entrar ou alguém poderia fazer alguma besteira que viesse se arrepender depois.

Bati na porta antes de entrar, arregalando os olhos com a cena diante de mim.

— Minhas irmãs não são putas para negociar — sibilou Alessandro para o Capo Salvatore.

— Temos um inimigo grande lá fora, e vocês ficam se pegando como machos alfas ao invés de unirem suas forças?

Rafaelle e Stefano vieram até mim como se tivessem me protegendo das armas apontas ali.

— Jade o que faz aqui? — perguntou Rafaelle com tom duro.

Suspirei e prestei atenção em uma pessoa, agora ele não era meu irmão, mas o Capo, e o trataria como tal.

— Capo, eu posso ter uma palavrinha a sós com você? — expirei e me controlei. Tinha chegado a hora de convencê-lo; sabia que ficaria bravo, mas era o certo a fazer.

Ignorei a presença de Luca não muito longe, ou tentei, ele estava mais

forte e lindo como sempre. Senti tanta falta dele que desejei pular em cima dele, mas também estava puta com ele, por não ter entrado em contato comigo.

Alessandro se afastou de Matteo e veio até mim com os olhos estreitos, com certeza me censurando por desobedecê-lo, mas não estava de fato, afinal o chamei para que pudesse falar a sós com ele.

— Espero que tenha uma boa razão para não ter feito o que mandei. — Seu tom saiu seco, achei que estava tentando se controlar para não atacar o Capo Salvatore.

Assenti e o segui para fora da sala para o corredor, onde Wolf estava chegando até nós.

— Desculpe chefe, ela escapou — disse ele ao meu irmão.

Alessandro olhava os caras desacordados não muito longe de nós.

— Parece que se divertiu. — Virou para mim, acenando para Wolf nos deixar a sós.

Encolhi os ombros.

— Não quis desrespeitar você ao entrar aqui, mas preciso dizer...

— O que seria importante a ponto de interromper a reunião?

— Não estava acontecendo muita coisa, foi bom, impedi de dois Capos serem mortos. — Estremeci com isso e pigarreei: — Me dê uma chance de provar que Luca me ama e que estarei segura com ele.

— Jade, eu não farei aliança com base em seu casamento...

Interrompi chegando até perto dele:

— Por favor, me deixe tentar, não estaríamos juntos a base de aliança, nosso casamento só reforçaria ela — supliquei.

— Pode ser que ele não sinta nada, acha que vou deixar que se case assim? — Tinha um gosto amargo na sua boca.

Expirei e controlei meu coração, que batia forte em meu peito.

— Se ele não corresponder o mesmo que eu, não falo mais em casamento, eu juro — peguei sua mão — Só preciso ter certeza de que sente o mesmo que eu, ou não. E pode dizer que luto com ele, porque sei que o Luca do passado preferia cortar um membro de seu corpo a me machucar. Só deixe-me tentar.

Ele ficou em silêncio um segundo, acho que ponderando o assunto.

— Tudo bem, mas se eu notar que ele não corresponde aos seus sentimentos, eu não irei aceitar nada, entende? E se corresponder, eu aceitarei o casamento, mas por que vejo que gosta daquele cara.

— Não gosto, eu o amo com tudo de mim. Mesmo furiosa com ele por ter estado longe, eu ainda me sinto assim. — Respirei fundo. — Obrigada Alessandro, te daria um abraço, mas alguém pode ver. — Sorri. — Mas saiba que amo você, e vou dizer algumas coisas naquela sala ao Luca, mas será mentira, apenas vou provocá-lo ao ponto de fazê-lo querer ter uma hérnia.

Assentiu e pude ver um brilho em seus olhos.

— Então vamos colocar seu plano em ação.

— Vamos começar o show. — estava ansiando por isso. Chegou a hora de saber se tinha que desistir de Luca de uma vez por todas e seguir em frente, ou que teria uma boa razão por ficar longe.



Capítulo 7

Luca

Há algumas semanas, eu conheci Tracy, uma garota que sofreu bastante devido a sua mãe que não valia nada, assim como o meu que também não prestava.

Não entendia o que me levou a ajudá-la; acho que sua boca esperta, ou, porque eu sabia que seu passado era tão fodido quanto o meu, só não imaginava que fosse tanto.

Tracy era a garota de Nasx, um dos MC Fênix, um moto clube que tinha ali em Chicago, e nossos aliados. E a respeitava, assim como ele.

Então me surpreendeu quando ela apareceu na minha porta pedindo ajuda. Tracy foi injustiçada por sua colega de quarto, que roubou de um cafetão, assim como também roubou algo meu, bom, onde fui filmado fazendo negócios com Dormas. Ele era um cafetão da pior espécie; obviamente que eu não era santo, mas não obrigava as mulheres a fazerem sexo na minha boate, elas estavam lá, porque queriam e não eram obrigadas.

Entretanto, eu armei, fingindo fazer negócios, porque precisava

descobrir uma carga de garotas que estava sendo trazida da Tailândia para os Estados Unidos. Também precisava tirar Dormas de cena, não só ele, mas o cara que trabalhava junto com ele, o Chavez, chefe do Rodins. Esse era nosso objetivo.

Então a garota nos filmou e agora estávamos atrás dela, que fugiu levando o *pen drive*, além de ter roubado a Tracy, deixando os cafetões atrás dela.

Dei uma escolha a Tracy: ou ela ficava com o Nasx, ou comigo, até recuperar o que Bruna roubou, porque talvez elas estivessem juntas, embora duvidasse disso. Aquela menina não era esse tipo de gente, jamais se envolveria com pessoas daquele jeito. E comprovei assim que a vi no banheiro, sem camisa.

Ela chegou toda molhada e chorando muito, parece que teve uma briga com Nasx, e como não podia ficar fora das vistas do MC ou da Máfia, Tracy veio para cá. Deixei-a no banheiro e fui buscar uma camisa minha para ela; eu a chamei antes para entregar, mas não ouvi resposta, então, eu entrei. Foi quando vi as marcas em suas costas, coincidindo com as minhas, embora as dela parecessem ter sido feito com cacos de vidros, diferentes das minhas que foram feitas por arame farpado e lâminas afiadas de facas. Tudo graças à tortura que meu pai me deu.

Tracy não quis dizer o que houve, mas vi o medo que ela tinha por

pensar que o Nasx não quisesse ficar com ela por causa das suas cicatrizes. Pelo que pude ver dele, o cara não ia desistir dela tão cedo.

Agora estava ali na frente do loiro, que parecia um surfista; veio à procura de sua garota, e como tinha previsto, ele a amava.

— Você não tinha uma reunião? — Nasx olhou para o irmão dele, que veio junto, com certeza para controlar o Nasx de me matar, porque ele tinha chegado ali furioso. Os dois eram parecidos, mas enquanto o cabelo de Nasx era grande, o do irmão batia na orelha.

Vlad era dono de um clube de BDSM ali em Chicago, às vezes, ele conseguia garotas para trabalhar no meu clube como stripper.

— Sim, mas acho que será adiada, já que o *Capo* está aqui — disse Vlad indicando na direção de Matteo, que estava ali na sala, já há alguns minutos.

— Marquei com o Miguel para fazê-la dentro de uma hora aqui mesmo, na Square — respondeu meu primo. — Ela está viva, porque se encontra em um lugar que não podemos acessar.

Agora a pouco Nasx tinha perguntado da Bruna, se nós tínhamos achado ela ainda.

— No inferno? Porque não há lugar aonde vocês não vão. — Nasx apontou o dedo para nós.

Eu ri.

— Bom saber que somos muito bem conhecidos. — Indiquei para a tela. — Essa é a sede da máfia Destruttore.

Quando Matteo entrou aqui há alguns minutos, nós colocamos um *pen drive* onde aparecia um vídeo com os irmãos Morelli; e estávamos assistindo antes de a minha mente parar para pensar no caso de Tracy com Nasx.

Tinham vários homens que apareciam na imagem em uma igreja. Entre eles havia um de idade, cerca de sessenta anos, alto e de cabelos grisalhos. Usava óculos de grau.

— Esse é Marco Morelli, antigo chefe deles. Foi morto há seis meses. — O conheci quando eu tinha 23 anos em uma das reuniões de Capos na Itália; foi nessa festa que conheci a menina mais linda que já tinha visto, tão formosa e doce. Foi uma noite longa, pois a via na minha frente e não poderia fazer um movimento. Mas então soube sua idade e tudo que sentia passou, ou tentei, mas seja como for fiquei longe, jamais tocaria nela. O tempo passou e em determinado momento, eu estava saindo de uma boate e a vi sozinha onde alguns caras queriam machucá-la; na hora dei uma surra neles, mas naquela noite matei os três que confessaram que queriam violentá-la; os garotos faziam isso sempre e saiam impunes por serem filhos de gente poderosa, mas não dei a mínima. Ainda assim, eu fiquei longe dela depois.

Entretanto após levar uma surra dos homens do meu pai, onde fiquei todo arrebentado. Era 5 contra um, então não tinha como vencer e sair ileso,

apesar de tê-los matado; só queria ter feito com Enzo também. Como estávamos na fazenda em Veneza, eu saí para a floresta para não matá-lo, mas estava sangrando. Foi onde me deparei com a menina que atormentava meus pensamentos. Não era de ficar apegado à mulher, para mim era só foder e pronto, mas com essa garota não sabia dizer o que me levou a pensar nela e não conseguir ficar longe. Depois disso, eu soube do homem que Marco estava arrumando para a Jade. Não podia deixar que acontecesse e, se precisasse me casar com ela, eu casaria. A menina não merecia o tipo de homem que era o Benzola.

Viajei para eliminá-lo, mas o irmão dela o fez primeiro, então pude perceber que ela não estava sozinha, os irmãos dela a protegeriam. E eu também.

Sei que prometi que me casaria com ela quando fosse maior de idade, e teria feito, porque me apaixonei perdidamente, nem sabia se era capaz disso, mas fui.

No entanto, o meu pai apareceu, e vi a forma que a olhava, então fui obrigado a deixá-la, ainda mais quando disse que se eu não ficasse longe faria com que o pai dela a desse para ele, não duvidava que o velho fizesse isso. O pai de Jade era um ser da pior espécie.

‘’Faça isso Enzo e você vai conhecer o monstro que criou’’ falei naquele dia com a minha faca em sua garganta.

Deixá-la foi como se cortasse uma parte do meu corpo, acho que doeria menos. Agora vendo a sua foto e me deparando com a mulher de cabelos escuros e olhos da cor de Jade, assim como era o seu nome.

Nesse tempo longe eu me peguei muitas vezes querendo ir até ela para saber o que estava fazendo e o que pensava de mim. Será que me odiava? Me aceitaria de volta se eu voltasse? Entretanto, eu me mantive distante quando meu pai estava vivo pela sua proteção, e após a morte dele, que aconteceu no mês seguinte após deixá-la, a minha mente ficou fodida, então achei melhor manter distância, não querendo trazer complicação para ela.

— Morto? Por quem? E como, no meio de tantos caras, conseguiram chegar até ele? — sondou Nasx, me trazendo ao presente.

— É aí que a coisa fica interessante — indicou Matteo com o queixo. Ali na outra foto estava Alessandro com os cabelos castanhos e curtos, barba por fazer, mas aparada. Seus olhos verdes como os de Jade, só que os dele eram mortais, vazios.

— Alessandro Morelli, filho mais velho de Marco. Ele matou o pai e tomou o seu lugar.

— Mesmo? — Nasx parecia perplexo. — O que essa máfia faz?

— Quando Marco governava, iam do mercado negro à prostituição infantil. — Na foto apareceu o rosto do antigo líder. — Já Alessandro tem

regras. Não mexe com crianças.

— Então fez bem matando o pai — rosnou Vlad.

— Creio que sim. Porém, não foi por bondade — explicou Matteo com dureza.

— Por que então? — Nasx inquiriu, confuso.

— Por isso. A de cabelo escuro é Jade, tem 18 anos. A ruiva, de 17, é a Luna. São irmãs de Alessandro — falei.

Vendo a foto de Jade me deu muita saudade de estar perto dela; soube que ela estava ali em Chicago. Ia todas as noites onde quer que estivesse. Mas não me aproximava. Vê-la de longe e não poder tocá-la estava se tornando um tormento; sabia que estava lutando em vão, era uma luta que perderia; era só uma questão de tempo.

— O líder matou o pai para proteger as duas meninas? De quem? E de onde são? Nunca ouvi falar deles. — Nasx suspirou.

— Da Itália. Lideram a maior parte de Veneza, Roma, Milão, Verona e Florença, e uma grande parte do sul da América — comentei.

— Uau! Embora vocês não fiquem atrás. — Nasx sorriu para mim.

— Pode ser. — Matteo deu de ombros. — Esse na próxima foto é Rafaelle Morelli, tem 24 anos, é irmão, executor e braço direito de Alessandro.

Era um loiro de olhos azuis.

Passou para a imagem seguinte. Esse tinha cabelos castanhos e olhos escuros.

— Stefano é o caçula dos homens. Mesmo com 21 anos, já matou quase tanto quanto Rafaelle. E o bastardo o faz sorrindo.

— O que isso tem a ver com Alessandro assassinar o pai? — Nasx franziu o cenho.

— Soube por uma fonte que o velho Marco queria entregar suas filhas aos Rodins como parte de uma negociação. Alessandro e os irmãos não aceitaram bem a notícia, pois elas não durariam nas mãos do chefe dos Rodins, o Chavez.

Quando fiquei sabendo disso, eu corri para Veneza, mesmo que fossem dois dias depois do acontecido, mas quando vi Jade saindo da igreja abraçada com sua irmã. Ela parecia tão magnífica e sorridente, então soube que estava a salvo, e fiquei contente que seus irmãos tivessem impedido que alguma atrocidade acontecesse a ela e sua irmã. Não sabia do que eu seria capaz se alguém algum dia tocasse em Jade, acho que o inferno realmente se abriria. Entretanto, eu não me aproximei dela como gostaria.

— Rodins? Miguel não tinha acabado com eles por causa do tiro que um dos caras deu em Emília? — falou Nasx.

Miguel era chefe do cartel dos Lobos Solitários. Soube que os Rodins tinham invadido o território e ferido a irmã de Miguel e esposa de Daemon, o

outro MC.

— Ele eliminou os que estavam no seu território, mas a organização dos Rodins é grande e poderosa no mercado negro. O líder deles se aliou a Patrick Petrova, chefe de uma das máfias russas, então, com certeza, está mais poderoso. Pietro, irmão de Patrick, conseguiu essa máfia há alguns anos, matando muitos, antes de ser assassinado pelo próprio irmão. Agora Petrova é dono de quase metade da Rússia e um pedaço da América — respondi. — Mas isso não vem ao caso. O que posso dizer é que não há ninguém mais protegida que essas duas meninas.

Achei bom saber que elas eram protegidas, porque ao contrário, eu estaria com Jade agora e a protegeria ou morreria tentando.

A morte era algo que já aceitei, e não ligava se acaso viesse morrer, só que antes as pessoas que eram importantes para mim deveriam ficar seguras e protegidas, e faria qualquer coisa para isso acontecer, nem que precisasse derrubar cada um dos malditos Rodins.

— Esses três irmãos Morellis não dão a mínima para nada, a não ser as duas. Sempre seguiram os passos do pai e nunca quebraram nenhuma regra ou foram contra as suas ordens, mas, assim que Marco fez o acordo de entregar suas filhas, tudo mudou, e houve uma rebelião. Alessandro ganhou. — Matteo olhou para mim. — Por isso estou aqui hoje.

Franzi o cenho. Será que tinha acontecido algo com a Jade? Matteo

sabia quem ela era para mim, e que muitas vezes fui a Veneza visitá-la, mas a observava de longe, pois não podia me aproximar; poder até poderia, mas como dizer que o homem que ela se apaixonou não existia mais? Que era um assassino antes, mas que estava pior e louco por sangue tanto que perdia o controle? Como dizer isso a ela?

— O quê? — Senti algo incômodo no meu peito, isso era medo? Não... Jade está bem, pensei.

— Alessandro entrou em contato comigo, marcando um encontro amanhã. Quer falar conosco — informou.

Antes que eu comentasse alguma coisa Nasx falou, parecendo com medo, e eu sabia muito bem o porquê.

— Eles não querem a Tracy? Ou essa reunião é por causa dela?

— Eles não a querem — garantiu Matteo. — Bruna foi enviada para Stiles no intuito de conseguir informações. Tracy foi só um peão no meio do jogo. Alessandro queria encontrar provas contra nós para forçar uma aliança. O *pen drive* está com ele agora.

— Por que vocês estavam trabalhando com Dormas?

— Era um plano arquitetado. Eu precisava de nomes e do lugar onde uma carga de garotas traficadas ia chegar, então fingi ser aliado deles. Foi em uma dessas reuniões que fomos gravados. Apesar de tudo, não conseguimos localizar as meninas. — Tomei mais um gole da minha bebida.

— Por que não tira a informação de Dormas? — Nasx apontou para a foto dele na TV. — Você é um executor, pode muito bem fazer isso.

— Há gente mais poderosa que Dormas implicada no esquema. — Objetei, pensando nos Rodins.

— Alessandro disse que tem os nomes de todos os envolvidos e quer entregar a nós — falou Matteo.

— Então é uma aliança? — chutou Nasx.

— Só amanhã para sabermos de tudo. — Matteo rodava seu anel no dedo.

Ele se casou com Irina, a irmã de Nikolai e Alexei, não fazia muitos meses.

— E quanto à Tracy? Ela está livre de Dormas? — Nasx parecia esperançoso com isso, de certa forma, eu também.

— Nos deixe participar da reunião amanhã com Alessandro. Se eu conseguir o que quero por meio de um trato com ele, poderei acabar com Dormas. Tem peixe grande para pegarmos, e Dormas é só a isca no anzol.

— Tudo bem. — Ele disse a Matteo, mas depois emendou: — Precisam de ajuda?

— Não, na reunião que terei com Miguel e Nikolai, tocarei nesse assunto. — Matteo suspirou. — Não quero vocês, MCs, envolvidos, porque algo me diz que isso não vai ser bonito.

— Certo. Se precisar, é só chamar. — Ele assentiu e olhou para Vlad. — Vou ficar com Tracy agora. Você vai participar da reunião aqui e depois volta para o clube?

— Sim. Qualquer coisa, eu ligo para você. Darei conta por hoje — garantiu Vlad.

Não sabia do que eles estavam falando, mas também não me importa, agora que fiquei sabendo dessa reunião do dia seguinte, eu estava bem preocupado, porque dependendo de como as coisas sairiam nesse encontro com os Destruttore, isso podia acabar mal, e não queria tocar nos irmãos de Jade, pois ela jamais iria me perdoar por isso. Mas se não tivesse jeito teria que ser feito.

— Durma aqui com ela, no quarto. Amanhã vocês vão. Terei que sair e montar uma estratégia para encontrar os irmãos Destruttore. — Fiquei de pé.

— Acho que eles escolheram um nome perfeito para sua máfia — pensou Nasx indo para o quarto onde Tracy estava dormindo após dar um calmante a ela. A garota não parava de chorar. Depois ele se virou para Matteo e eu.

— Falo sério, se precisarem, o MC Fênix está com vocês. E, Luca? Obrigado por tomar conta dela.

— Se a machucar, eu machuco você. Gosto dela. Não são muitas

mulheres que me enfrentam e dizem que preferem ser torturadas a ficar comigo. — Quando Tracy disse isso me pegou de surpresa após falar para ela escolher sobre o poder da máfia ou dos MC, pelo menos até descobrir onde estaria a Bruna. Ela escolheu os MCs, agora entendia o porquê; a garota amava o Nasx.

— Espero que esse “gostar” seja amigável — rosnou.

Sorri, porque não sentia esse tipo de coisa por ela, mesmo Tracy sendo linda, eu respeitava a mulher de outro, não era desses caras.

Quando Tracy estava no banheiro chorando e falei aquelas coisas dando em cima dela, foi para Nasx ouvir, por isso liguei para ele na hora deixando-o saber o que perderia se não viesse atrás dessa mulher para explicar seja o que for que houvesse acontecido.

— Não tenho um coração para amar. — Dei de ombros. Não era capaz disso, fui há muito tempo, quando achei que tinha o direito de ser feliz com alguém, com Jade. Mas vi que não devia ter qualquer benção como ela.

Prometi que quando nós estivéssemos noivos, eu não tocaria em mais ninguém, então tive que deixá-la; fiz de tudo para ficar longe; prometi que não ficaria com outras mulheres, então aconteceu a coisa com Enzo e tive que ficar para me esquecer e controlar a raiva, o que foi um erro, pois quase matei a mulher.

Isso me atormentou por muito tempo, já que pensei que tinha me

transformado no meu pai, por isso fiquei longe da pessoa mais importante na minha vida. Como alguém tomado de luz igual a ela poderia ficar comigo que estava envolto em trevas?

Assim que Nasx entrou no quarto onde estava Tracy, eu me virei para o meu primo e Vlad.

— O que aconteceu para ela chegar aqui nesse estado? — Fui até a TV e desliguei.

Vlad suspirou.

— Não quero me meter nisso, mas meu irmão jamais faria nada de propósito que pudesse machucar a Tracy — respondeu e depois suspirou. — Então acha que a reunião de amanhã vai ser produtiva para vocês?

Descemos para a Boate Square que fica do lado da minha casa, para a reunião.

— Não sei ainda, mas espero que tudo dê certo, embora saiba que não serei ameaçado, se essa for a intenção dele com o vídeo — disse Matteo entrando na sala de reunião da boate. Nela já estava Nikolai e o Miguel.

Arqueei as sobrancelhas para ele.

— Achei que não viesse, já que Alessandro e você são amigos — destaquei. — Se quisermos eliminá-lo o que faria?

Miguel bufou.

— Ficaria bem complicado, porque sou aliado de vocês e deles,

embora se os irmãos Morelli morressem as irmãs deles ficarão para tomar conta do legado. — Sorriu de modo provocativo. — Talvez, eu me case com a Jade...

Ele foi cortado quando me lancei sobre ele dando um soco na sua boca. O ódio que senti ao ouvir sobre isso foi tão forte que não pude me controlar, e não era de perder o controle fácil assim.

— Fica longe dela, ou...

Ele sorriu, limpando a boca que saiu sangue.

— Ou o quê? Sei de suas idas para vê-la em Veneza. — Sentou-se na cadeira. — E só para constar, eu vou deixar passar esse soco dessa vez, mas se fizer de novo terá o troco.

Não dei a mínima para isso, só me importava com Jade e que esse... trinquei os dentes, furioso. Estava com raiva de mim por sentir tal sentimento, descontrolado. Sabia que tinha falado para ela se apaixonar, mas no fundo, eu não queria que acontecesse; era egoísta por querer aquela mulher só para mim?

— Luca se controla — disse Matteo e olhou para o Miguel. — Vamos deixar as provocações de lado. Só quero dizer que se o Capo Destruttore quiser me ameaçar e chantagear as coisas não vão ficar bonitas.

Miguel suspirou.

— Estou do lado de vocês e deles, então vou fazer uma sugestão boa

para beneficiar os dois lados e se pegar minha sugestão será bom para ambos. — Ele deu de ombros. — Apesar de que os irmãos Morelli vão ficar furiosos com isso, mas eles vão ver a razão.

— O que seria isso? — sondei com os olhos estreitos.

Seu sorriso era provocativo, e levou tudo de mim para não estourar sua cara com um tiro.

— Aliança de casamento com você e a irmã deles...

Pisquei, chocado.

— Pelo que sei só tem duas delas, uma de 17 anos e outra com 18 — disse Nikolai, me encarando. — Acho que a ruiva...

O sorriso de Miguel sumiu e seu rosto se tornou mortal.

— Luna está fora dos limites. — Seu tom saiu duro e apontou o dedo para mim. — Já que tem um lance com a Jade pode ser ela.

Arqueei as sobrancelhas. Pelo visto, ele tinha um lance como me disse pela irmã caçula dos Destruttore também.

Nikolai riu.

— Casamento? Porra, isso é um bom começo para evitar uma guerra, teremos os Destruttore como aliados, porque convenhamos, nós vamos precisar deles na luta contra Patrick Petrova e os Rodins — disse Nikolai, agora sério.

Olhei para o meu primo e vi que ele estava ponderando sobre o

assunto.

— Não, merda... — estava fodido demais para tal coisa, como poderia me casar sendo que nem conseguia dormir com alguém em uma cama? Ou tocá-la da forma que Jade merecia?

Ele suspirou.

— Se não for você, Luca, vou ter que sugerir outro dos nossos primos. — Matteo me avaliava e as minhas mãos, que se fecharam em punhos com a ideia de Jade se casando com outro.

Céus, só de imaginar isso uma fúria me consumia, tanto que mataria qualquer um. Entendia que não fazia sentido isso, já que não falava mais com a Jade há um ano, mas nunca deixei de me preocupar nem de ter sentimentos por ela e jamais deixarei de ter.

— Pelo visto terá que ser você, por que posso ver que os mataria, não é? — Ele não esperou a minha resposta, meu primo me conhecia bem demais. — Miguel? Acha que os Destruttore vão aceitar isso? Pelo que soube aqueles três irmãos não ligam para nada, só para aquelas duas garotas. Alessandro matou o próprio pai só para não entregá-las aos Rodins.

Miguel assentiu.

— Sim, mas convenhamos: vocês não têm nada a ver com os Rodins, mesmo com tudo o que Lorenzo fez, vocês dois jamais compactuaram com o ato, e eu sei, assim como Alessandro e os irmãos dele sabem que vocês não

forçam as mulheres, então sua irmã estará segura com Luca. — Virou a cabeça na minha direção. — E acredito que você não tocaria nela sem sua vontade e a protegerá, posso ver isso. Só por isso, eu aceito, porque gosto delas como irmãs.

Quase bufei, duvido disso, pensei. Não com a ruiva, pelo menos.

Eu protegeria a Jade com a minha vida, mas me casar? Esse era um sonho que tive há anos, mesmo quando era errado por se menor de idade, mas então tudo desencadeou e parti. No fundo, eu tinha esperança de voltar para ela, mas então matei o Enzo e fiquei fodido demais para qualquer mulher, ainda mais alguém especial como ela.

Porra, eu estava ferrado.



Capítulo 8

Luca

Após saber sobre o pedido de encontro dos Destruttore, eu sabia que eles pediriam aliança, afinal os Rodins estavam pegando pesado com eles, embora conosco também.

A máfia Destruttore tinha poder demais, em vários países, mas os Rodins tinham ganhado força, assim como a praga do Egito, e se demorássemos a derrotá-los teríamos um grande problema.

E isso pedia para nos unirmos, quanto mais aliança melhor e, eu acreditava que era isso que Alessandro desejava fazer conosco, afinal tínhamos bastante aliança, inclusive com os russos.

Passei a noite inteira orquestrando um plano para me levar a não me casar com a Jade. Entretanto, eu não consegui encontrar nenhuma forma de sair dessa.

Se fosse em outro momento, eu apreciaria o meu casamento com ela, amaria a notícia, mas não agora, não depois que quase matei uma mulher ao fodê-la. Depois disso, eu não toquei em mais nenhuma mulher, já fazia um

ano; temia perder o controle. E se isso acontecesse quando eu tocasse Jade? Não, ela não poderia ser machucada. Também não sabia dormir acompanhado com alguém, sem acordar esmurrando ou querendo matar quem estivesse do meu lado. Jade só seria infeliz em nosso casamento. Ela merecia mais. Agora que estava livre e seus irmãos não a obrigariam a se casar, ela poderia encontrar alguém melhor, até quem não fosse mafioso, já que as leis deles não eram como as nossas onde não se podia se relacionar com alguém fora do nosso mundo.

Agora estamos ali discutindo sobre a aliança e, eu não cheguei a nenhuma conclusão, estava fora de questão dar um dos meus primos a ela, isso não aconteceria.

Sabia que os irmãos Morelli chegaram ali nos ameaçando e, isso não é símbolo de confiança para uma aliança, Matteo viu isso também, então não disse nada, deixei isso para ele, já que era o Capo.

Acreditava que a máfia Destruttore não sabia muita coisa sobre isso, afinal foi criada por Marco Morelli, um dos piores homens que existiu, incluindo Enzo; eu só não fiquei como ele por causa de Matteo e minha mãe, e também Zaira, a mulher que foi nossa Ama, assim como a chamava, pois foi ela que nos criou, Matteo, Dalila e eu. Nossa mãe postiça. Hoje, ela vivia na casa de Matteo, às vezes, ficava comigo.

Esses caras ali não davam a mínima para nada, só para suas irmãs.

Elas eram suas relíquias, então estava contando com o que aconteceu agora, assim que Matteo sugeriu que eu me casasse com uma delas.

Alessandro se lançou sobre Matteo com a mão em sua garganta, e meu primo não ficou atrás, com sua faca na garganta do Capo Destruttore.

Levantei minha arma, e assim fizeram todos na sala de reunião. Samuel e alguns dos meus. Rafaelle e Stefano do lado de Alessandro. Assim também fez o Nikolai.

Essa merda ia feder se um dos Capos se ferissem.

— Minhas irmãs não são putas para negociar — sibilou Alessandro no rosto de Matteo com tom gelado.

A expressão do meu primo estava semelhante a do outro Capo, mortal e letal.

Antes que qualquer um reagisse à tensão na sala, a porta se abriu.

— Temos um inimigo grande lá fora, e vocês ficam se pegando como machos alfas ao invés de unirem suas forças? — disse uma voz com repicar do vento.

Não precisava me virar e olhar para porta para saber quem estava ali. Jade. Da última vez que a vi pessoalmente, ela já tinha um corpo fabuloso que me dificultava de tocá-la na época.

Agora seu corpo curvilíneo era tudo o que um homem podia sonhar, ainda mais do que antes; cabelos perto da bunda. Ficou mais perfeito com ela

estando vestida com uma calça de couro preta justa e, um espartilho deixando seus seios arrebitados com um decote que eu adoraria passar a língua.

Porra! O que eu estava pensando nesse momento? Notei uma correntinha entre os seios. Nem sabia se ela me perdoaria por eu não ter ido a sua procura.

Armas foram para direção a dela, mas ela não pareceu ligar, sua atenção estava nos dois Capos, ainda encarando um ao outro. Rafaelle e Stefano foram para frente dela, a cobrindo com seus corpos, das armas ali; tínhamos mais pessoal ali do que eles.

Pensei que os irmãos Morelli eram rochas frias, mas essa cena ali? Não pareciam tanto assim, embora eu soubesse que eles reagiriam assim só por suas irmãs. Por isso, eu fiquei longe sem me preocupar com Jade estando correndo perigo, eles a protegeria de todo perigo.

— Jade o que faz aqui? — perguntou Rafaelle com tom duro. Ela virou para mim por um segundo e parecia com raiva, então deveria estar com ressentimentos pelo fato de eu ter partido sem me despedir. Claro que deixei uma carta, mas não tive coragem de dar adeus pessoalmente, pois temia não conseguir partir.

Olhando para ela na minha frente, pensei que talvez quisesse se casar comigo como uma vingança, sabia que algumas mulheres eram boas nisso, embora não houvesse nada que ela pudesse fazer para me atingir, exceto se

Jade se machucasse e me odiar.

Sua atenção agora estava no Capo.

— Capo, eu posso ter uma palavrinha a sós com você? — pediu ela.

Não podia imaginar que Alessandro, o deus da frieza, ficasse mais frio do que já era, mas vi suas costas ficarem rígidas quando se afastou de Matteo para encarar a irmã.

— Espero que tenha uma boa razão para não ter feito o que mandei. — Sua expressão severa e mortal faria qualquer pessoa normal correr, mas Jade só assentiu e saiu da sala com ele.

Que porra foi isso? Antes que eu perguntasse o que estava havendo ali, Stefano me fuzilou.

— Você é um filho da puta que machucou minha irmã e a iludiu todos esses anos, e agora está querendo ela como uma maldita aliança? Não foi homem suficiente em pedir a mão dela como merece, mas agora quer tê-la como um objeto? — rosnou dando um passo na minha direção, mas Rafaelle pegou seu braço.

Guardei minha arma e trinquei os dentes e falei através deles:

— Você não sabe de nada, e só não vou derrubá-lo agora, porque Jade sofreria, mas nunca ouse pensar que ela foi ou é um objeto para mim.

A sua ira era palpável; podia ver que ele queria me matar ali e dançar em cima do meu cadáver como um louco; eu era um bom leitor para saber

disso.

— Se você realmente se importa com ela como diz, então assim que ela voltar, como sei que minha irmã vai voltar, você vai dizer que está tudo acabado seja o que for que Jade pensa que tem entre vocês. E dane-se essa merda de aliança.

— Stefano! — avisou o irmão.

— Não! — ferveu Stefano. — Não precisamos dele, não vou deixar que machuque a nossa irmã, mais do que já fez. Não vou deixá-la ser sua puta...

— Nunca se refira ela assim, porra! — Fervi com uma fúria capaz de incendiar o mundo, e me lancei para ele que fez o mesmo, e logo estávamos com a faca na garganta um do outro; ouvi maldições distintas, mas nesse momento não pensei muito devido ao que estava sentindo.

Matar, esquartejar e mutilar estava na minha mente para fazer tudo isso com esse garoto; sentia o sangue pulsando como uma locomotiva impressionante. O monstro da morte estava querendo sair para consumir e destruir tudo o que estava na minha frente.

Antes que nós dois matássemos um ao outro, uma voz me trouxe das profundezas da escuridão que estava ali me consumindo.

— Luca! — Essa voz tinha a capacidade de me trazer de volta do inferno que estava a minha mente. — Por favor, não mate meu irmão.

Pisquei, tentando clarear minha cabeça e vi Stefano no chão e minha faca em sua garganta onde corria uma linha de sangue. Seus irmãos com as armas apontadas para mim; Matteo segurando meu braço.

Mas nenhum deles me importava e sim ela com os olhos banhados em lágrimas nos braços do Alessandro que, a segurava firme com uma mão e a outra com uma arma na minha direção.

Algo em meu coração rachou ao ver suas lagrimas de dor, e tudo por minha causa. Tudo que gostaria de evitar aconteceu. Olhei para os olhos escuros do garoto debaixo de mim que parecia estar me checando como se visse os demônios ali; só um para ver o outro. Pude ver que ele não temia a morte.

— Por favor, solte a faca. — Vê-la suplicar pela vida do irmão a um monstro como eu acabava comigo.

Soltei a faca como se tivesse queimado minhas mãos e saí de cima de Stefano e me virei tentando recuperar os meus sentidos e não fazer a besteira que quase acabei fazendo, e acredito que teria feito se não fosse ela...

— Você está bem? — a ouvi perguntar, provavelmente para o irmão dela que quase foi morto por minhas mãos.

— Sim, nada que não tenha lidado antes — ouvi Stefano dizer.

— Que porra aconteceu aqui? — ouvi Alessandro rosnar.

Expirei fundo tentando me controlar e virei para ver Stefano ao lado

de Jade, Alessandro; olhando entre os dois irmãos.

— Checando uma coisa — disse Stefano, tocando o pescoço onde tinha uma linha de sangue e sorriu para mim.

Estreitei meus olhos.

— Você me provocou sabendo o que eu iria fazer? — expirei tentando controlar meus nervos.

Ele deu ombros.

— Se você se importasse com a minha irmã com certeza iria defendê-la mesmo que fosse de mim. — Tinha orgulho em seu tom.

Cerrei meus punhos.

— Você é louco? Eu quase matei você! — Queria pegar esse garoto e chutar sua bunda, agora minha raiva estava mais controlada. Ele se importava com a irmã a ponto de se colocar em perigo só para saber o que eu sentia por ela. Poderia apenas ter perguntado, pensei.

— Uma possibilidade. — Sorriu, provocante. — Embora não fez, porque minha irmã trouxe você de volta, te livrando das garras dos demônios que estão aí — apontou para minha cabeça.

— Você está doído? — Jade começou a bater no peito dele. — Como ousa? Sabe o que seria de mim se ele o matasse? Como seria perder os dois?

Nesse ponto soube que ela não me perdoaria caso o matasse, mas que mulher perdoaria? Senti-me aliviado por Jade ter me impedido de fazer uma

besteira, por que não haveria coisa pior no mundo do que o ódio da mulher da minha vida.

Stefano amaldiçoou e a abraçou.

— Foi preciso *la mia principessa* — depois falou algo baixo em seu ouvido que não ouvi, mas foi algo que a tranquilizou.

Assentiu e depois se virou para mim e veio na minha direção, mas Alessandro deu um passo como se fosse levá-la para longe de mim.

Algo em meu peito se apertou como se quisesse puxá-la para longe do Capo Destruttore, mas me segurei. Pude ver que ele queria fazer o mesmo.

Ela chegou perto dele e colocou a mão em seu coração.

— Confie em mim — pediu sem tirar os olhos dos dele. — Isso é tudo o que peço.

Algo nos olhos dele mudou, parecia como um indício de calor, embora houvesse sido breve a leitura que tive. Alessandro era indecifrável, um enigma para quem gostava de desvendar.

Ele não respondeu, apenas colocou dois dedos, o médio e o indicador, na testa dela.

Jade sorriu e assentiu, então notei que aquele toque era uma forma de comunicação entre eles.

— Tenho certeza — garantiu.

Alessandro se virou para mim com a expressão assassina, mas ele

sempre a teve, só que agora era pior, como um demônio solto na Terra pronto para exterminar a população do mundo, e o primeiro seria eu.

Bom, então éramos dois, pois eu vivia no inferno todos os dias, e estava louco querendo sair, embora o monstro em mim não pudesse sair ou todos seriam mortos. Como quase aconteceu agora com Stefano.

Se Alessandro me atacasse, eu não responderia por mim; não era complacente como Matteo que evitava lutas e guerras a todo custo. Ele tinha isso parecido com Nikolai.

Entretanto, eu já não dava a mínima; se ele viesse para cima de mim, eu o derrubaria e ele seria morto. Esperava que nenhum dos irmãos me provocasse de novo, já que estava no limite da minha sanidade.

— Se a machucar ou tocá-la de algum modo pode apostar que será morto e, eu terei o maior prazer nisso. — Não duvidava nenhum pouco que não fizesse isso.

Não ligava para suas ameaças, poderia até dizer que não me casaria, mas nunca desobedeci às ordens do meu Capo e não seria agora que faria tal coisa. Outra, eu não aceitaria que outra pessoa tomasse o meu lugar, se fizesse, eu não sabia se conseguiria controlar a fera em mim.

Jade fez uma careta, mas não disse nada a ele, só veio em minha direção e ficou na minha frente. Notei que os três irmãos Morelli estavam se segurando para não a tirar dali e escondê-la em um cofre. Eu era um bom

leitor, mesmo através das fachadas que tentavam passar.

A fúria me encheu, tanto que expirei para não fazer uma besteira, como decapitar esses irmãos Morelli. Jade jamais iria me perdoar ou olhar na minha cara.

— Jamais tocaria em uma mulher ou a forçaria a alguma coisa. — Segurei a vontade de puxar o gatilho contra eles.

Alessandro levantou as sobrancelhas, foi só um movimento, mas foi isso.

— Não?

— O que está insinuando? — cuspiu Matteo, já perdendo a paciência.

Será que ele sabia sobre a garota que quase matei? Não a estuprei, ela veio, porque quis e, eu não a estava machucando e nem jamais fiz algo com uma mulher, mas naquele dia nem vi quando comecei a sufocá-la.

Nunca me arrependi de nada, só de três coisas: deixar a Jade seguir sua vida sem mim. Ter matado o meu pai rápido demais, pois perdi o controle; devia ter ficado mais com ele. Outra coisa foi ter tocado nessa garota quando a escuridão me apossou.

Remorso era algo novo e me incomodava muito, apesar de que quando matava um assassino ou o torturava, eu não sentia nada.

— Sabemos que sua família tem um histórico de abusar de crianças e maltratar mulheres — disse Alessandro.

Matteo ficou tenso com sua indireta.

— Está nos acusando? Porque os culpados de tudo estão mortos. — Sua voz fervia.

— Nem todos ao que parece. — Rafaelle pegou um *pen drive*. — Aqui estão nomes e fotos de alguns em ação.

— Para a minha irmã casar com Luca, vocês precisam se livrar deles, não há a mais remota possibilidade de eu deixá-la viver com você, não na sua casa e em seu território e alguns deles a tocar — disse Alessandro. — A porra de Chicago se tornaria um verdadeiro apocalipse. Não queremos isso, não é?

Sabia que estávamos nos livrando de gente ruim e sem escrúpulos que estavam na nossa máfia, pois seguiam ao meu pai e ao Lorenzo, mas quando pegava os miseráveis que tocavam em crianças, eu me divertia bastante com eles. Os fazia suplicar e aqueles sons eram músicas para meus ouvidos.

— Não gosto que me ameace — rosnou Matteo, letal.

— Não é uma ameaça, mas um aviso — apontou o Capo Destruttore. — Tenho certeza de que faria o mesmo por sua irmã, estou errado?

Matteo derrubaria tudo por Dalila. Depois de pensar que sua irmã estivesse morta, isso o destruiu, mas agora ela estava viva e voltou para casa, embora casada com o chefe da máfia Russa, Nikolai.

— Se isso for verdade, eu vou me livrar de todos — sibilou meu primo.

— Ótimo. — Rafaelle jogou o *pen drive* ao Matteo, que pegou com habilidade. — Tudo está aí. Se precisar de ajuda, nós estamos aqui.

Stefano sorriu, doente.

— Com certeza. Pelo menos teria uma ação de verdade, já que não conta a que tive agora a pouco, não é? — Virou para mim, ainda sorrindo.

— Isso é assunto de família — disse Matteo. — Cuidaremos deles. Posso jurar que quando Jade estiver ao nosso poder nada acontecerá a ela.

Por um momento, eu achei que meu primo não me ofereceria para um casamento com aquela perfeição de mulher.

— Não disse que ia casar. — Não podia ir contra Matteo, mas como conseguiria fazer a Jade feliz? Tudo em mim estava envolto por trevas; eu podia senti-las em minha mente, então seria até um crime ficar com ela.

Ela se virou para mim e pude ver a dor em seus olhos, o que fez com que seus irmãos viessem a me fuzilar.

— Tudo bem, não vou obrigá-lo a se casar. — Pegou a corrente e puxou do pescoço e ali estava o anel, então jogou para mim, que a peguei. — Não vou precisar mais disso então, — se virou para Matteo, que estava me encarando com os olhos estreitos — Já que Luca não vai se casar comigo, pode arrumar o casamento com Lucian Salvatore.

Não fui o único a arfar, o bom que seus irmãos também, menos Alessandro que a observava. Eles não diriam nada sobre ela querer se casar

assim?

Lucian era meu primo, não tão próximo como Matteo, mas éramos família e só de imaginá-lo tocando nela...

— Isso não vai acontecer — rosnei, apertando o anel, e ignorando a sensação que fez meu coração pulsar forte no peito assim que ela me jogou ele, foi como se levasse um soco no estômago.

Fuzilou-me.

— O quê? Não me quer, mas também não me quer casada com outro. É isso? — Cerrou seus punhos.

— Nunca disse que não a queria, mas que não pensava em me casar com você — falei com um suspiro.

— Oh, isso deveria me deixar feliz? Você é um idiota que me deixou quebrada e não ousou aparecer uma única vez. Nem para dizer como estava, senhor Salvatore. — Ela grunhiu, parecendo com raiva. — Como ousou deixar aquela maldita carta dizendo que estava partindo e que era para eu seguir em frente e anular os juramentos que fizemos. — Cada vez que falava parecia estar com mais raiva, embora sentisse dor ali.

— O que queria que eu fizesse? Enzo me viu com você, e falou que se eu não me afastasse pediria sua mão para se casar com ele. Conhecendo o doente do seu pai, obviamente ele teria aceitado. O fiz acreditar que você era só um divertimento, ou as coisas iriam para um rumo que não teria volta. Se

meu pai soubesse que eu tinha criado um laço com você, ele a cortaria e da pior maneira possível. — Se fez com o meu cachorro quando eu era pequeno o que não poderia ter feito com ela? Temia só de pensar.

Sua risada foi de desdém.

— Sei cuidar de mim, e não pedi nada disso, você devia ter sido homem e ido me procurar para dizer a verdade. Não preciso que ninguém se sacrifique por mim ou para minha maldita segurança.

Tinha a noção de que os irmãos dela estavam se divertindo com isso, apesar de que por um breve momento, eu conectei o meu olhar com o de Alessandro, vi respeito ali, acho que por eu ter me sacrificado para manter sua irmã segura.

— Seu pai morreu há um ano, logo após você me deixar, e você não foi me procurar, isso significa que não sente mais o que disse que sentia? Não sou nada para você, não é? — cuspiu. — Chegou a vez de dizer a verdade, se não sente, eu não me caso com você, mas com um dos seus primos...

Se ela soubesse o que passei e o quão foi difícil me manter longe não diria isso.

— Nenhum deles viveria para tal ato — respondi. — Pode não aceitar o que fiz, mas foi para sua segurança. Após a morte do meu pai aconteceram muitas coisas que foderam a minha cabeça. Você merece alguém melhor do que eu, mas não sou capaz de vê-la com outro e o deixá-lo vivo.

Ela sorriu, toda linda. Essa mulher era uma arma mortal onde deixava até um monstro de joelhos. Gostosa como o pecado, uma tentação, como o fruto proibido. Uma mulher que seria a minha esposa.

Jade jogou os cabelos para trás e balançou os olhos para mim, tanto que fiquei ali feito bobo. Evitei gemer devido à sensação do que isso trouxe em meu corpo.

Ela chegou tão próximo que ficou quase da minha altura com seus saltos altos e falou em meu ouvido. Estava deslumbrado com sua boca vermelha e carnuda, onde me segurei para não beijar, então piorou ao sentir seu hálito em minha orelha.

Lembrava-me que na época em que nós estávamos juntos na casa da árvore ou no lago, eu sentia vontade de beijá-la, era como o fruto proibido. Nesse momento, eu queria fodê-la de forma tão enlouquecida que ela não andaria por dias.

— Não vejo a hora de ser sua esposa e possuir esse corpo. Adorarei se fodida por você — sussurrou só para que eu ouvisse.

Evitei gemer, mas logo depois ela se afastou, e supliquei mentalmente para que ninguém olhasse para minhas calças aonde me viriam duro. Ela se virou e sorriu deslumbrante.

— Quando me salvou daqueles homens, eu sabia que era diferente, e pelo jeito não mudou. Por mais que tente. — Me avaliava. — Sei que preciso

provar que estarei segura ao seu lado, até pensava em lutar com você, mas após se afastar de Stefano... Aposto que não foi pela ameaça do meu irmão, porque você não é homem para temer a alguém ou a alguma coisa, eu pude ver ao atacar Stefano. — Se encolheu. — Alessandro e Rafaelle ameaçaram atirar se não se afastasse e você não pareceu ligar, só parou quando pedi.

Também pensava que não temia a nada ou a ninguém, mas isso mudou após ela entrar na minha vida, e agora toda formosa como uma Afrodite me testando com esse corpo perfeito que eu adoraria passar horas tocando.

— Não estava na minha mente naquele momento — comentei baixo. — Como disse, eu estou fodido como acabou de ver agora quando quase matei o seu irmão, ainda assim vai aceitar se casar comigo?

— Todos nós temos demônios em nossas vidas Luca, mas, às vezes você precisa lutar contra eles ou será um fantoche a vida toda. Nesse caso é melhor colocar uma corda no pescoço e se matar — disse, se encolhendo com a última palavra. Não sei, mas ela parecia entender; estava a ponto de sondar como ela entendia sobre o assunto, então sorriu e falou em um tom doce. — E vou ajudá-lo com isso depois que nos casarmos; irei levar os demônios para longe.

Jade foi até o Alessandro e colocou a mão em seu peito como fez antes. Eu fiquei chocado com a determinação dela ali. Será que ela seria

capaz de me fazer feliz e esquecer toda a merda que passei? Acreditava que sim, quando estava ao seu lado meu coração acelerava de uma maneira que não acontecia há muito tempo, não quando estava longe dela. Era como se eu estivesse morto e de repente voltasse à vida. Essa mulher me fazia ter essa sensação.

— Vou esperar no bar enquanto termina a reunião de vocês — Sorriu para cada um e saiu.

Evitei olhar a perfeição da bunda dela naquela calça justa.

— Essa é a minha irmã. — Stefano sorriu, parecendo orgulhoso.

Rafaelle e Alessandro ficaram calados, embora suspeitasse que estivessem orgulhosos dela. Eu também estava ao ver a mulher forte que se tornou.

— Marque o noivado para daqui a algumas semanas. — Alessandro apontou para minhas calças, ainda bem que meu pau não estava mais trabalhando intensamente por Jade. — Acho melhor deixar isso guardado, porque se trair a minha irmã, eu farei de você um *Eunuco*.

Poderia retrucar e mandá-lo se foder, mas entendia que estivesse tomando conta de sua irmã. O problema era que talvez eu nem pudesse transar com Jade também; ter um casamento e não consumar seria uma verdadeira catástrofe, ainda mais ao ouvir aquelas palavras saindo da boca dela quando disse que estava contando os minutos para me ter.

Merda! Depois de ter machucado a garota e quase matá-la, eu não fiquei com outras mulheres, pois temia voltar a fazer o mesmo. Será que eu conseguiria tocar em Jade sem machucá-la? Seria uma tortura resistir àquela mulher.

Era como um viciado resistir ao seu vício. Impossível até para um homem controlado como eu.



Capítulo 9

Jade

Meu coração estava apertado com o que vi; meu irmão quase sendo morto pelo homem que eu amava. Na hora que entrei na sala e vi Luca com aquela faca na garganta de meu irmão achava que não conseguiria trazê-lo de onde estava sua mente, não parecia ser ele ali, mas outra pessoa, um sombrio e mortal.

Agradeci aos céus por tê-lo feito me ouvir, por trazê-lo de volta da escuridão que ele se encontrava. Pude ver que ali havia demônios, ele achava que não me merecia, mas Luca estava errado. Quando vi os demônios em seus olhos, eu quis ajudá-lo, e faria de tudo para que acontecesse.

Não o deixaria se afastar de mim de nenhuma forma, pois já fiquei longe dele tempo demais.

— Ora se não é a garota das adagas voadoras — disse uma voz divertida.

Virei para o lado e vi o jovem do beco, vestido com uma jaqueta escura. Ficou bem em seu rosto bonito de bebê.

— Oi, meu nome é Jade, e o seu é Noah, certo? — Sorri para ele, enquanto tomava a minha bebida. — Quero me desculpar pelo que Bruna fez, não era para ela ter pegado nada de vocês. Espero que tenha aproveitado o que dei a você e a sua irmã.

— Minha irmã não aceitou o dinheiro, então deu ao namorado para que devolvesse. Mas acho que não devolveu, pois não deve ter encontrado você — disse. — Mora aqui em Chicago?

Estava a ponto de dar uma resposta quando ouvi uma voz que veio de trás de nós.

— Jade? — A voz de Miguel saiu grossa e sexy, mas apesar de lindo, ele não fazia meu coração bater como Luca.

Miguel era alto, forte e olhos sombrios, governava com pulso firme o cartel dos lobos solitários no México. Ele era o melhor amigo de Alessandro a anos, e um dos caras que o meu irmão mais confiava no mundo, e olha que ele não era de confiar em muita gente com a nossa segurança.

Noah se virou, olhou para o Miguel e sorriu.

— Oi, Miguel, de onde se conhecem? — O garoto era realmente educado.

Miguel sorriu para mim vindo beijar meus cabelos como se eu fosse uma criança.

— Sou amigo do irmão dela.

— Oh, então sabe como ela é boa em luta? — Noah contou a ele sobre minha forma de lutar, só não disse sobre os bandidos, embora Miguel devesse saber.

Uma mulher de cabelo estilo Chanel chegou até onde estávamos. Do seu lado tinha um rapaz forrado em tatuagem, com brincos na orelha e *piercing* no nariz. Um motoqueiro a julgar por suas roupas, cabelos escuros e olhos caramelos.

— Oi, sou Emília, e você é? — Sorriu, olhando Miguel e depois para mim ao lado dele. No final sua voz se elevou. — Por acaso você é namorada do meu irmão?

Então essa era a irmã de Miguel? Soube que ela tinha sido sequestrada quando criança e que ele se uniu ao cartel somente para poder localizá-la, e no final ele achou.

Ouvi Stefano dizer que ela foi criada por um homem que abusou dela e a engravidou de sua filha Emma.

Logo chegaram mais motoqueiros. Um de olhos verdes, outro de olhos azuis e cabelos compridos como os de um surfista.

— O que está havendo aqui? — sondou o de olhos verdes avaliando cada um e depois Miguel que fez uma careta para sua irmã.

Emília sorriu para mim.

— Acho que é a namorada...

— De Luca. — Miguel terminou a frase.

— Luca? Ele tem namorada? — Uma garota de cabelos claros piscou.

De repente vieram mais garotas, uma loira de olhos azuis que reconheci sendo Irina, a esposa de Matteo; a outra do seu lado tinha cabelos escuros, a irmã de Matteo, Dalila. Tinha mais ali, mas eu não conhecia.

Não era a única de olhos arregalados; Emília também estava como se fosse impossível Luca estar noivo. Também achava que fosse impossível conseguir que se casasse comigo, e no final, ele aceitou, só esperava que continuasse assim.

— Na verdade, noiva — destaquei.

Emília sorriu.

— Podemos ficar na sala vip, afinal viemos aqui para nos divertir, um dia de mulher, apesar de os homens não nos deixarem sozinhas. — Olhou para o cara de olhos caramelos.

— Não podemos deixar vocês desprotegidas — informou ele, dando de ombros.

Ela bufou.

— Só a Evelyn que não veio hoje, já que está perto de ganhar neném. Podemos ficar juntas e beber a noite toda. Estou precisando. — Tinha uma pontada de dor na voz dela, isso não passou despercebido pelo Miguel.

— O que houve? — perguntou, olhando dela para o cara de olhos

caramelos. — Será que preciso matar alguém hoje?

Ela suspirou.

— Não precisa matar ninguém, ele já foi morto — sussurrou. — Só preciso beber.

Sorri, estava prestes a dizer sim, mas fui interrompida:

— Jade, vamos embora — ouvi meu irmão chamar.

Nós estávamos perto, por isso ouvi, embora a música tocasse no fundo. Ele estava ao lado de Stefano que sorria.

— Alessandro. — Saí de perto das garotas ali e fui até ele. — Posso ficar aqui? Elas me chamaram.

Fazia tempo que eu não tinha amiga de verdade, acho que nunca tive, a maioria das meninas em Veneza tinham medo do meu pai, então se mantinham longe de nós. Sempre foi Luna e eu e meus irmãos. Só podíamos contar conosco.

Talvez quando me mudasse para cá, depois de me casar com Luca, eu poderia ser amiga dessas garotas, já gostei delas.

Alessandro não respondeu, apenas olhava para os motoqueiros fortes ali; sabia que seria difícil convencê-lo a me deixar ficar. Percebi também que a postura dos MCs ali mudou e ambos ficaram sem expressão. Como se quisessem medir quem seria o maior Macho alfa dessa boate.

— Tenho uma reunião, não dá para ficar agora — disse, voltando sua

atenção para mim e fazendo minha expressão cair.

— Mas quero ficar, fazer amigas aqui. Vai ser bom — pedi.

Virou a cabeça para Miguel.

— Vai ficar aqui muito tempo?

— Pode ficar tranquilo, eu posso tomar conta dela essa noite, e a levarei para sua casa depois. — Miguel não demonstrou nada, como se tivesse sido esculpido em pedra. Ele e Alessandro eram parecidos nas expressões frias, embora a do meu irmão fosse pior.

Meu irmão assentiu e se virou para mim.

— Vou deixá-lo tomando conta de você, pois nesse momento ele e seu noivo são os únicos em quem confio com você e Luna. — Olhou para cima na direção de um vidro grande que dava em uma sala. Nela estava Luca de braços cruzados observando o movimento.

Ele poderia pelo menos descer e ficar um pouco comigo, mas nem se deu ao trabalho.

— Tudo bem, pode deixar a Luna também, assim ligo para ela e o Sage pode trazê-la — pedi.

— Luna é menor de idade — disse.

Sorri.

— Para as leis das boates eu também sou, já que o normal aqui nessa cidade é 21 anos, e não vejo nada de errado em quebrar uma regra — pedi

com doçura. Esse era minha tática de conseguir algo do meu irmão.

— Certo, agora preciso ir — virou-se para Miguel — Confio as duas a você.

— Tomarei — disse.

Sorri toda animada batendo palmas e pulei em seus braços.

— Obrigada, amo você — quiquei no seu ouvido, depois me lembrei que estava mostrando afeição ao Capo em público e me afastei.

Ele assentiu e tocou meu coração mostrando que sentia o mesmo. Depois saiu.

— Você é uma pestinha. — Stefano me puxou para seus braços. E disse baixinho: — Não deixe a frieza e distância dele vencerem; se soubesse que ele não a amasse, eu não teria aceitado, mas vi em seus olhos atormentados e mortos que aquele homem a ama.

Percebi que estávamos falando de Luca e me afastei com um sorriso.

— Desistir sem lutar não faz parte do meu vocabulário. — Isso era verdade, a única forma de eu desistir é descobrir que Luca não me quer mais.

Ele sorriu para mim e para as meninas ali com brilho nos olhos.

— Têm muitas mulheres lindas aqui, pena que preciso ir.

— Se comporte, pois todas têm namorados ou maridos; duas delas são esposas do Capo Salvatore e Nikolai. — Fiz careta. — Acho que já se arriscou muito essa noite, não acha?

Bufou, mas riu e, em seguida foi para onde Alessandro trilhou.

Assim que meus irmãos saíram, eu me virei para as meninas ali de olhos arregalados.

— Seu irmão é... — as palavras de Dalila morreram — Não é à toa que é o Capo Destruttore.

O nome era bem diferente, tinha que admitir.

— Eu sei, mas o bom é que ele me deixou ficar aqui. — Mandei uma mensagem para Luna a convidando e dizendo que Alessandro deixou.

— Vamos nos divertir enquanto sua irmã não chega aqui — disse Irina. — Preciso disso agora.

Seu olhar foi para a sala acima, onde Luca estava, mas agora Matteo estava do seu lado. Depois virou para a pista de dança.

Miguel foi se sentar em uma mesa não muito longe da pista de dança.

Dançamos por alguns minutos ou horas, não sabia, mas logo vi Luna ali do nosso lado. Estava com uma saia justa e top mostrando mais pele do que deveria.

— Aproveitou que eles não podem ver?! — Sorri e me virei para as meninas. — Essa é a Luna, a minha irmã.

— Oi, sou Isabelle — disse a baixinha e apontou o nome de uma loira que se chamava Mary, e depois para as esposas dos Capos, inclusive para o chefe dos MCs. Sabia quem eram os chefes que possuíam Chicago.

Chicago era formada por quatro donos. O Leste pertencia à máfia Russa, Nikolai. O Oeste à máfia Salvatore, Matteo. O Sul ao MC Fênix, acho que Shadow era o presidente. E o Norte pertencia aos meus irmãos. Pelo que entendi todos eram parceiros.

— Agora vamos beber...

Cortou Miguel:

— Você pode beber Jade, está liberada pelos seus irmãos, mas a Luna não.

Ela cerrou os punhos e o fuzilou.

— Eu posso e vou — rosnou. — Faço o que eu quiser, e você não manda em mim.

Era difícil alguém tirá-la do sério, só Miguel que parecia muito mandão. Acontecia essa desavença entre eles sempre que estavam no mesmo espaço.

Miguel sorriu para ela. Meu, esse sorriso faria qualquer mulher cair de joelhos na sua frente, acho que até eu se não tivesse loucamente apaixonada por Luca.

— Oh, cachinhos, você não devia dizer isso. — Ele se levantou e chegou mais perto dela fazendo com que ela engolisse em seco. — Agora você vai sentar lá e tomar refrigerante ou alguma merda sem álcool, ou posso levá-la embora, você escolhe.

Não sei, mas ele parecia ter uma queda pela minha irmã, mesmo que nunca tivesse feito nenhum avanço, talvez fosse só impressão minha. No fundo, eu gostaria que ele fosse a sua alma gêmea; Miguel era frio e duro, às vezes, e até mandão, mas nos protegeria contra tudo e todos, principalmente, a Luna.

Ela grunhiu e saiu de perto dele como se não quisesse correr o risco de socá-lo, não era preciso ler mentes, conhecia minha irmã muito bem.

— Vamos esquecer que esse idiota está aqui — disse com um fuzilar de olhos para ele.

Ao invés de deixar o homem com raiva, isso só o fez se divertir mais.

A puxei pelo braço para nos sentarmos logo ou ela perderia sua mente com ele. Todo esse tempo o Sage observava os dois sem expressão, nenhuma vez disse nada. Sim, definitivamente não merecia minha irmã.

Uma moça entregou bebidas a nós e refrigerante para Luna, que fechou a cara para Miguel, mas ele só sorriu e piscou, levantando sua bebida como se estivesse brindando com ela.

— Jade me dá uma dessas suas agulhas para espetar naquele cretino. Quero fazê-lo ficar paralisado. — Ela pegou o copo de refrigerante e apertou como se fosse para se controlar, ou apenas quisesse jogar na cara de Miguel.

Ri, sacudindo a cabeça.

— Então é noiva de Luca? — A garota de cabelos castanhos riu

também. — A propósito, eu sou Sloane, mas todos me chamam de Tracy, sou namorada de Jonathan. — Apontou para o loiro de cabelos grandes.

Ele estava junto com os outros na mesa de Miguel, que toda hora nos olhava.

— Sim, eu sou, mas nossa relação é complicada. — Peguei meu copo e bebi um gole longo. Queria que ele viesse até mim; queria ver se até a hora de eu ir embora se Luca não aparecesse para falar comigo. Poderia ir lá, mas meus irmãos não iriam gostar.

Tracy deu um suspiro.

— Ele é bom, me ajudou em um momento ruim da minha vida.

Fiquei interessada em saber mais sobre Luca; no passado passeamos e jantamos em vários lugares, mas ele nunca falou o que o pai fazia com ele; sabia que o batia e que uma dessas surras foi quando cuidei dele, mas as coisas deveriam ter aumentado, já que soube que Enzo era como o meu próprio pai. Chegou ao ponto dele o matar, embora houvesse sido por saber que o velho matou a mãe dele.

— Pode me contar o que aconteceu? Se não puder, tudo bem, eu só queria saber mais sobre ele, pois parece que mudou muito desde a última vez que o vi há um ano. — Bebi um gole do meu cosmopolitan que estava saboroso. — Apesar de que no nosso mundo as suas mãos estejam cheias de sangue e a alma envolta de escuridão, mas no fundo, eu ainda consigo ver

uma luz.

Essa luz vinha de sua preocupação comigo e com os seus; mesmo cercado de trevas ainda havia uma luz que brilhava e que o fazia ser humano no fundo. Meus irmãos eram assim.

— Luca tem — assegurou Tracy. — Quando era criança o meu pai tentou me jogar de cima de uma clarabóia que caiu e um dos vidros fez um corte profundo nas minhas costas.

Ofeguei.

— Oh, Deus!

— Eu era pequena, e foi difícil na época. A queda ocasionou em várias sequelas nas minhas costas, e isso me dificultou de ter amigos — expirou. — Minha mãe e padrasto eram uns monstros que gostavam de me deixar pra baixo, fora a parte de me fazerem saco de pancada.

— Às vezes seria bom se nós nem tivéssemos pais — murmurei.

— Também acho, a única coisa boa que tive foi o meu irmão nisso tudo. Depois de tanto sofrimento, nós fugimos para cá, e foi onde conheci o Jonathan. — Sorriu, olhando para o seu marido. — Tivemos altos e baixos, e em um desses aconteceu ontem, tanto que fui ficar na casa de Luca.

Ela contou que sua colega de quarto tinha roubado dela deixando uma Orla de cafetões na sua cola, além disso, a garota também tinha roubado da máfia, e com isso Tracy teve que ficar protegida pela máfia ou pelos MCs;

ela escolheu os motoqueiros por causa do Jonathan. Na noite anterior, ela fugiu depois de pensar que Jonathan houvesse a traído e decidiu ir atrás do Luca.

— Ele viu as minhas costas... já que eu estava no banheiro. — Ela tomou um gole da sua bebida.

Arfei.

— Você transou com o Luca? — Minha voz se elevou, mas foi bem numa passagem de troca de música e algumas pessoas perto ouviram, incluindo a mesa dos motoqueiros, que fecharam a cara.

— O quê? Não! — piscou. — Só foi difícil, chorei muito, e ele foi me levar uma camiseta dele. Mas o que quero dizer é que ele também sofreu muito, tem muita sequela, não só no corpo dele, mas na sua alma também.

Lembrei-me de quando nadávamos no lago, as contusões estavam ali debaixo das tatuagens.

Foi bom saber mais sobre o Luca; só queria estar ao seu lado agora e confortá-lo quando tivesse momentos ruins. Como me disse uma vez que eu era a luz dele, pois levava a sua escuridão embora.

— Quero me desculpar em nome dos meus irmãos. Eles a mandaram para se infiltrar com esse Dormas e conseguir provas que colocassem Luca contra a parede. Bom, o que quero dizer é que não foi pedido para que ela roubasse nenhum dinheiro, até dei ao Noah, mas acabei de falar com ele. —

Olhei para ele, que estava junto com os MCs e Miguel.

— Tudo bem, Jonathan explicou os motivos. — Sorriu Tracy. — Por um ponto foi bom, pois fez com que eu me aproximasse mais do meu namorado.

— Então vamos dançar. Quero esquecer que Matteo se recusa a me engravidar — rosnou Irina do lado da minha cadeira olhando onde seu marido estava antes.

— Por que ele não quer filhos? — sondei curiosa.

Ela suspirou.

— Ele acha que devido aos inimigos se aproximando, teme não nos proteger, como se não pudéssemos proteger o nosso futuro filho ou filha.

— Você pelo menos pode engravidar, já eu? Nem sei. Faz muitos meses que estou tentando e nada — apontou Emília com um suspiro triste.

— Ânimo Emília e Irina, vocês duas conseguirão engravidar em breve — disse Dalila se levantando. — Vocês estão depre hoje, então vamos nos divertir.

— Sim, vamos nos divertir e esquecer os problemas. — Fiquei de pé, e fiz uma nota mental de que até o final da noite não pensaria em nenhum problema.

Luca

— Vai conversar com ela ou ficar aí a noite toda olhando a Jade da janela? — falou Matteo checando uns papéis.

Estava observando Jade se divertindo com as mulheres dos MCs; na hora que pediu ao irmão para ficar, eu vi a animação dela que até pulou nos braços dele. Lembrava dela me dizendo uma vez que gostaria de ser livre; de poder fazer o que quisesse... agora ela podia seguir os sonhos, mas estava ali, ainda tendo sentimentos por mim. Um homem que não a merecia, embora não tivesse nenhum outro que a merecesse.

— Olha quem fala, a sua esposa também está lá, dançando muito com homens a cercando — falei.

Ele ficou de pé e veio checar e piscou, e não era o único.

Jade estava dançando, não só ela, mas as outras garotas também, inclusive Irina e minha prima Dalila; elas pareciam grudadas, dançando de forma sensual.

Arregalei os olhos, porque até seria sexy ver duas mulheres dançando juntas se uma delas não fosse a minha prima e a outra a mulher do meu primo.

Nem acreditava que me casaria com essa mulher; a forma que Jade

rebolava, era tão perfeito, me deixava excitado demais. Sentia-me agradecido por saber que a teria em meus braços todos os dias e noites. Dalila tinha ido para a Emília.

Enquanto Jade ficou com a Irina, seu corpo colado ao dela; de repente, ela puxou sua irmã a colocando na frente e empinou sua bunda perfeita na direção da irmã dela, que pareceu sorrir.

Cada macho ali estava fazendo a mesma coisa que eu, assistindo-as dançarem daquela forma. Depois todas se reuniram fazendo um sanduíche grande.

— Vou acabar com essa palhaçada de merda. — Matteo se virou e saiu, e eu o segui, pois também queria tirar a Jade dali. Se não tivesse um bando de urubu perto, eu não ligaria, mas estava cheio deles.

Avistei Nasx, Shadow, Daemon e Miguel em uma mesa no canto perto de onde as salas VIP ficavam.

Caminhei até eles enquanto Matteo foi atrás de Irina no salão lotado. Pareceu dizer algo em seu ouvido e a puxou para seu escritório, a mulher estava muito bêbada, pois ria e quase caiu no chão se Matteo não a segurasse.

— Acho que vai gostar disso — disse Shadow.

— Porra, isso é tão sexy que estou até duro — ouvi Nasx dizer, parecendo rouco.

Virei a cabeça a ponto de quebrar a sua cara, mas ele só tinha olhos

para Sloane, que dançava junto com as meninas. Os outros ali também olhavam suas esposas.

Shadow riu. Ele era o único que estava sozinho, mas não vi nenhum desejo ali, o homem só tinha olhos para sua mulher, a Evelyn, que não estava ali.

Uns caras foram até elas.

— Hora de mostrar a quem elas pertencem — disse Nasx, dando um tapinha nas costas de Daemon.

— Com certeza. — Eles saíram para suas esposas.

— Não matem ninguém — ouvi Shadow dizer e se levantou. — Preciso ir para a minha mulher.

As outras foram para seus maridos, e apenas Dalila ficou dançando com Isabelle, os caras foram para as duas, mas elas mostraram suas alianças, então se afastaram. Os malditos foram para Jade e Luna, que estavam dançando juntas.

Logo Jade teria uma aliança e, eu queria ver quem se atreveria a dar em cima dela.

Miguel se levantou fulminando os homens que estavam cercando Jade e Luna. Também fui fazer o mesmo com Jade, mas de repente, eu não a vi mais. Corri até Luna dançando com as mãos para cima e olhos fechados.

A garota realmente não enxergava o tanto de predador que estava a

cercando como um abutre, a menina só tinha 17 anos, mas já era uma mulher formada.

Miguel foi até Luna e a puxou para os braços dele e disse algo aos caras que quase saíram correndo devido a sua expressão. Ele era um cara mortal quando queria, tanto quanto Alessandro e eu e muitos da máfia.

Tinha certeza que Miguel não investiria em Luna mesmo querendo; certamente ele estava esperando que ela se tornasse maior de idade, por isso a protegia, afastando todos os homens que chegavam nela. Fiz isso com a Jade, e agora ela era toda minha.

Antes de interromper sua dança, eu avistei a Jade me encarando, então deu as costas para mim e foi em direção ao banheiro.

Fui atrás dela e peguei o seu braço fazendo com que me olhasse com os olhos magoados. Ver a dor em seus olhos foi como receber um soco no estômago.

— O que você quer? Ficou a noite toda só olhando e não veio sequer me dizer uma palavra. — Ficou de braços cruzados.

— Você parecia animada com suas amigas, então não quis atrapalhar. — disse um terço da verdade. Sabia que não era por isso; temia me aproximar e perder o controle, tocar nela, mas porra, se eu desse a mínima, ainda mais depois da forma que estava dançando.

— Eu queria você — disse e depois olhou para a pista onde Kill e

Hush tinham ido até suas mulheres, acho que deviam ter acabado de chegar, com certeza souberam o que estava acontecendo ali. Suas danças sensuais. — É bom ter amigas.

— Amigas? Você acabou de conhecê-las. — Levantei uma sobrancelha.

Ela riu e me deu um tapinha, notei que estava um pouco bêbada, não tanto quanto Irina, mas estava.

— Nunca tive amigas, vai ser bom ficar com elas assim que me mudar para cá depois que me casar com você... — de repente ela parou de falar e me checou — Ainda sou sua noiva ou voltou atrás? Não quero outro homem só você.

A puxei para meus braços e a teria beijado se ela não tivesse bebido.

— Vai ter casamento, jamais deixaria que escapasse de mim de novo. — Coloquei a mão em seu rosto. — Sonhei com isso muito tempo, o dia em que seria minha.

Ela perdeu o fôlego.

— Então me deixa entrar e te ajudar; não tente me afastar pensando ser o melhor para mim, porque não é. Você é tudo que desejo e amo Luca. — Foi me beijar, mas me afastei e ela franziu a testa. — O quê? Não quer?

Sorri.

— Não querer você? Só se eu estivesse louco. Mas você bebeu um

pouco e não vou me aproveitar.

Ela riu, sacudindo a cabeça.

— Não foi muito, só alguns goles. Então podemos dançar? Você me deve uma dança, lembra? Falou que ia me ensinar, mas nunca fez de fato, tive que arrumar uma professora mulher para ensinar.

— Não gosto da mão de outro homem nesse corpinho lindo. — Abaixei meus lábios e trisquei sua orelha. — Você é só minha Jade, só eu posso tocar.

Suas mãos apertaram minha cintura firme.

— Você ainda vai ser só meu? — sondou.

— Sempre. — sabia que teria que consertar algumas merdas que descobri do meu povo, alguns traidores. Quando colocasse minhas mãos neles, eu mostraria o verdadeiro inferno na Terra. Mas não pensaria nisso ainda; só aproveitaria a companhia da minha futura noiva, um pouco embriagada.



Capítulo 10

Luca

Demorou uma semana para que colocássemos as mãos nos crápulas que estavam agindo pelas nossas costas; nós fomos checar as fotos e provas que eles nos deram, e todas se provaram corretas.

Tinha uns trinta dos nossos, e todos de Chicago, envolvidos com pedofilia. Onde desobedeceram às ordens do nosso Capo; agora, eu estava ali e os faria pagar.

Assim que entrei no lugar, eu vi todos amarrados em correntes, e tinha um líder entre eles, o que orquestrava tudo, sentado na cadeira, amarrado.

— Devino. Por que não estou surpreso? — Ele era irmão de uns dos caras que tinha se casado com uma menor. O Dários tinha tocado nela e não aceitou quando a tiramos de seu poder, com isso foi eliminado. Agora o irmão ia pelo mesmo caminho.

— Seu desgraçado, você vai morrer — zombou, querendo se lançar para mim. — Os Rodins vão acabar com todos vocês no final.

— Ah, então além de ser um abusador de menor, ainda é um traidor? — Fui até a mesa onde tinha meu alicate. — Vamos ver o que descubro.

Samuel e Matteo estavam comigo, já que eram muitos deles.

— Vamos derrotar os Rodins e assim quem estiver com eles — rosnou Matteo com suas adagas nas mãos. — Quero saber quem mais está aliado com o inimigo.

— Você está — rugiu Paolo preso na corrente e seus olhos estavam em mim enquanto eu me aproximava de Devino. — Você se aliou aos malditos Destruttore, acha que eles são santos? Deram a putinha da irmã para ser fodida em troca de aliança.

Deixei Devino e me lancei para Paolo socando o seu estômago e o fazendo grunhir.

— Sabe, eu até ai matá-lo de forma rápida, mas você ousou falar sobre a minha noiva, e agora vai desejar ter morrido rápido, mas não vou deixar. — Rasguei sua camiseta e joguei o alicate fora pegando minha faca.

— Seu maldito, tire suas mãos de mim agora — gritou com fúria.

— Chefe, eu vou deixar Devino para você, porque este aqui será meu. — Tentei controlar o monstro em mim, assim não perdia a cabeça, mas ele saiu e, eu vi a fome que estava de matar.

Peguei minha lâmina e enfiei em seu peito, puxando para baixo e o rasgando como um porco no matadouro. O sangue ensopou minhas roupas,

mas não liguei e só continuei o meu trabalho ignorando os seus gritos até que suas tripas e órgãos caíram no chão aos meus pés.

Afastei-me do cadáver e encarei os outros ali de olhos arregalados me encarando como se eu fosse o próprio demônio.

— Vocês escolhem: ter uma morte rápida com um tiro certeiro só nos contando o que queremos saber, ou se alguém ousar falar sobre a minha noiva terá uma morte pior do que essa, pois sou criativo quanto a isso. — Apontei para o morto.

Devino nos disse que estava aliado com a organização dos Rodins, porque lá eles podiam fazer tudo o que quisessem, não era privado de nada. Também descobrimos que ele colocou gente infiltrada nas nossas boates e Cassinos, além dos Destruttore. Mas nenhum sabia quem eram eles.

— Acho que você precisa de um banho — disse Matteo, me olhando dos pés a cabeça onde estava coberto de sangue.

Dei de ombros.

— Vou me lavar. Mas você não está muito melhor. — Fui na direção dos chuveiros que ficava na sala do lado.

Samuel ficou de dar fim nos outros com um tiro de misericórdia.

Matteo me seguiu.

— Você está bem? — sondou ele.

Bufei, enquanto ligava o chuveiro e deixava o sangue ir ralo abaixo.

— Não vou enlouquecer por matar alguém, pois isso é quem eu sou e não pretendo mudar. — Suspirei. — Apesar de não deixar de pensar que desejaria meu pai vivo só para ter minha vez com ele de novo.

— Luca, Enzo pagou pelo que fez, então não se martirize dessa forma.

— Pagou? Uma morte rápida não paga nada; ele merecia sofrer por dias e depois murchar com uma maldita flor — sibilei, lançando um soco na parede.

— Mas que droga Luca! Se toda vez que executar alguém você ficar dessa forma, eu terei que tirar você desse posto e te dar outra função — disse Matteo.

Desliguei a água e o olhei de forma dúbia.

— Não está falando sério?! — Enrolei-me na toalha e saí do chuveiro.

— Sim, estou. Toda vez que tortura alguém, você fica desse jeito, precisa deixar o passado ir ou nunca vai ser livrar de Enzo, porque de qualquer forma parece que ele está vivo ainda o atormentando. — Ele já tinha vestido.

Deixamos roupas ali para o caso de acontecer o que houve, minutos atrás.

De repente, eu me lembrei do que Jade me disse, sobre deixar os demônios me controlarem e ser fantoche; decidi lutar contra isso.

— Não precisa me tirar do que faço, porque vou lidar com essa merda. — Vesti um short jeans e camiseta. Minhas calças de estilo social tinham acabado ali, então só tinha de Matteo que era mais baixo que eu e não servia.

— Que bom. — Deu um tapinha nas minhas costas. — Agora preciso ir, Irina não está em um humor muito bom.

— Ainda querendo ter filhos? Por que apenas não faz um nela? — Já havia algum tempo que Irina estava louca para engravidar, mas Matteo não queria agora.

— Merda, cara! Você viu o que passamos hoje? Isso é só a ponta do iceberg, e tem mais por aí que eu desejo colocar minhas mãos, e fora os Rodins e Patrick fechando o cerco sobre nós. — Passou a mão direita nos cabelos. — Preciso descobrir quem é que está infiltrado no meu estabelecimento.

Caminhei para fora do vestuário rumo à saída.

— Deve ser alguém novato ou alguém com dívidas que foram quitadas recentemente, quem é comprado sempre deixa um rastro. Coloque Samuel nisso, ele é bom em descobrir traidores. — Virei para o meu primo. — E quanto a sua mulher, podemos dar conta disso, protegê-la e ao seu bebê caso decida engravidá-la.

— Não, tem muita coisa acontecendo e Irina é nova demais, ela só

quer engravidar, porque Evelyn vai ter um filho logo. — Passou a mão no rosto num gesto frustrado.

Meu primo salvou Evelyn do cativeiro do pai dele, e a levou para os MCs; lá, ela se apaixonou pelo presidente do lugar, o Shadow. Agora os dois estavam felizes e teriam um filho.

Estava a ponto de dizer que ele estava sendo muito duro, afinal de contas, nós estávamos ali e poderíamos lidar com os problemas que viessem. Mas parei quando o meu telefone tocou, número não identificado.

— Alô? — Franzi a testa para Matteo e pedi um segundo. — Quem é?

— Oi, sou eu. Pensei que ficaria feliz em sair com sua noiva para a praia, faz tempo que não o vejo desde a boate.

— Praia? — indaguei.

— Olha como o dia está lindo, e você está perdendo de passar protetor solar em meu corpo. Mas se estiver ocupado demais, deixa, só queria você comigo — sussurrou.

Um som de mensagem me fez olhar. Ali tinha a foto de Jade com um biquíni azul deixando seu corpo todo exposto para alguns homens cobiçarem, podia ver dois no fundo da foto.

— Jade...

— Tudo bem, se mudar de ideia, eu estarei perto do píer — disse e desligou.

— O que está acontecendo para você querer quebrar o telefone dessa forma? — sondou Matteo.

Sacudi a cabeça, essa mulher queria me tirar do sério, e minha mente não estava muito boa para me provocar.

— Nada. Eu só preciso ir à praia buscar uma diabinha provocadora — rosnei, dando as costas para ele.

Ouvi-o rir, mas estava furioso demais e seria capaz de fazer uma besteira.

Assim que cheguei à praia, eu estacionei o carro e fui procurar por ela; estava muito calor e o local estava apimentado de gente para todos os lados.

Disquei seu número e chamei.

— Onde você está? — sibilei.

— Perto de uns garotos jogando vôlei — respondeu e a ouvi falando com alguém do outro lado da linha.

— Quem é?

— Os garotos que mencionei. Eles estão me chamando para jogar com eles — respondeu.

— Jade você é minha noiva, não pode ficar saindo por aí com caras. — O ciúme era uma maldição.

Quando ia vê-la em Veneza e a via conversando com alguns garotos,

na hora, eu queria ir matá-los, mas sabia que não podia, então me mantive longe para não fazer nenhuma besteira, afinal, ela não me pertencia, mas agora sim. Eu derrubaria qualquer um que tocasse naquele corpo.

— Não estou indo ficar com ninguém. — Ela parecia magoada. — Eu só queria passar um tempo com você, mas não quero incomodar, já que deve ter muita coisa para lidar.

Não fui atrás dela na última semana, porque precisei caçar os ratos em vários lugares; colocar uma ratoeira e pegá-los. Hoje os eliminei, só estava tentando clarear minha cabeça para ir vê-la, porque estava com saudades.

— Estou aqui na praia e não acho você. — Tinha tirado os sapados e tinha andado à procura dela, mas não a encontrei.

— Você está aqui? — Sua voz parecia chocada. — Estou deitada em uma cadeira perto de uma rede onde tem pessoas jogando vôlei.

Chequei o lugar e andei mais alguns metros, então a vi ali deitada de bruços com a tanga escondendo pouca coisa dela. A menina sabia que era perfeita, tudo nela era.

Mas não era só eu que estava babando por aquele corpinho divino, todos os homens ao redor também. Isso me deu tanta raiva que eu quis matar todos eles.

Cadê os idiotas dos irmãos dela que não vêem isso? Olhei para a direita e vi um cara de terno que se estava se aproximando, mas viu que era

eu, então manteve distância.

Idiota, por que não fez nada com todos ali babando por ela como se não tivesse visto mulher na vida, claro que não uma perfeição assim.

— Vocês não têm mais nada para fazer ao invés de ficarem cobiçando a mulher dos outros? — rugi para todos ali.

Na mesma hora os idiotas sumiram e ela se levantou, arfando com minha chegada abrupta.

— Luca! — Seus olhos estavam grandes, então sorriu, esse sorriso provocou uma palpitação em meu coração.

Esse biquíni dela estava me dando muito que pensar, mas eu não era o único. Peguei seu short e joguei para ela. Notei que tinha uma cicatriz rosada em sua barriga, foi ali que ela recebeu a facada? Soube que ela tinha sido atingida quando lutou com os homens do Said ao ir pegar Bruna, a garota que me filmou. No momento que eu soube do perigo que Jade correu, eu quis colocá-la em meus joelhos e bater em sua bunda. Fui para matar os malditos, mas seus irmãos já tinham feito o trabalho.

— Vista isso.

Ela estreitou os olhos diante do meu tom.

— Não preciso de um irmão, já tenho três que não me deixam fazer nada divertido. — Ficou na minha frente com os punhos cerrados.

A peguei pela cintura levando minha boca em seu ouvido.

— Pode acreditar que o que estou sentindo não é nada de irmão. — A senti estremecer. — Agora vista a porra do short antes que eu mate alguém, e acredite em mim, já fiz isso hoje e não vou pensar duas vezes.

Suas mãos foram parar em minhas costas onde apertou suspirando em meu pescoço. Levei tudo de mim para não a jogar ali e fodê-la até os miolos.

— Tanto que sonhei com você aqui nos meus braços, agora tudo isso é meu. — Senti seus lábios no meu pescoço.

— Sim, eu sou. E você é só minha e essa bunda é minha, assim como sua boceta onde só eu posso ver e comer. — Mordisquei sua orelha a fazendo gemer. — Esse som é só para meus ouvidos e de mais ninguém.

— Luca...

Afastei-me, sorrindo.

— Agora vista o bendito short, porque a minha mente não está em um bom lugar hoje. — Tentei recuperar e estabilizar o meu pau duro, já que não queria dar um show às pessoas ao redor.

Ela assentiu, meio catatônica, notei que ela era tão sensível ao meu toque como eu era com o dela. Isso não mudou nada.

— O que houve hoje? — sondou, vestindo o short jeans curto deixando as coxas torneadas à mostra.

— Não quero falar sobre isso, vamos embora.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não vou embora, porque quero me divertir com você. — Passou a mão no meu rosto. — Olhe ao redor, todos estão sorrindo e se divertindo. Vamos fazer o mesmo.

Seus lábios me hipnotizaram, assim como os seus olhos verdes.

— Tudo bem, mas continue com o short, não estou a fim de decapitar mais ninguém hoje. — Esse final, eu falei baixo, só para ela ouvir.

Ela gritou e pulou nos meus braços, agora parecia a mesma de quando eu presenteava no passado; a sua felicidade era contagiante, levava qualquer escuridão para longe, assim como fazia naquela época, eu senti que tinha o mesmo efeito.

— Obrigada, gatinho. — Se afastou e pegou na minha mão. — Vamos pular na água.

— Gatinho, hein? — Ri, sacudindo a cabeça enquanto a seguia para a margem da praia.

Aquela sombra e vazio que estavam em meu peito tinham desaparecido, e tudo graças a essa mulher ali.

— Lembra de quando nos banhávamos no lago da fazenda?

— No começo, você estava com medo de entrar na água pensando que tinha cobras nela. — A água ali estava morna e boa.

Morava ali há muitos anos, mas nunca estive na praia, não me divertia com frequência, já que não tinha muitos motivos para isso. Mas agora? A

peguei nos braços.

— Não ouse me jogar na água.

—Por quê? Não é você quem estava louca para dar um mergulho? — Entrei mais no fundo e a joguei.

— Seu idiota — gritou, assim que voltou a superfície e nadou até mim.

Eu estava rindo.

— Vou fazê-lo engolir esse sorriso. — Foi tentar me pegar, mas não conseguiu.

— O que pensa que está fazendo? — Achei bonitinho o fato de ela querer me pegar. — Sabe quantos quilos eu tenho? — A peguei pela cintura e trouxe o seu rosto para o meu.

Olhos negros e verdes se encarando, a fome estava estampada ali assim como estava nos meus.

— Luca...

Afastei-me dela mesmo não querendo, mas porra, como poderia dar esperança para ter algo a mais em nosso relacionamento se no final, eu não poderia fazer nada?

— Luca você quer me beijar, então por que está hesitando tanto? Tem medo dos meus irmãos ou não sente desejo por mim? Agora sou maior de idade. — Ela pareceu respirar fundo. — Por que se for assim precisa me

dizer, não vou obrigá-lo a se casar comigo, pode deixar que eu lido com o Alessandro.

Virei-me e a vi, com os olhos úmidos, e não tinha nada a ver com a água ali. Eu podia deixar que pensasse assim, mas só a mera ideia de machucá-la já me deixava doente; fiz isso em todo esse tempo quando fiquei longe, e sequer entendia como ela não tinha ódio de mim; mas no coração de Jade não havia espaço para rancor. Nem dos inimigos que mereciam morrer, ela jamais sentiria. Eu amava isso nela, só provava que sua alma era pura.

Ela foi atacada no beco, e lutou com eles, mas não os matou, e Jade poderia ter feito com aqueles venenos nas agulhas dela, mas apenas os deixou adormecidos. Seus irmãos que os mataram.

Jade vai à igreja e realmente para rezar e não como muitos dos nossos que entram lá se fingindo de santo, mas era o diabo.

— Você ficou doida? Acha que não sinto nada ao tocá-la? — Cheguei mais perto dela e a puxei para meus braços. — Meu pau duro que sentiu mais cedo e agora aqui mostra o que sinto; a fome e o desejo de comê-la.

Ela gemeu.

— Então me beija. — Colocou a mão direita em meus cabelos. — Sonho com isso desde os meus 16 anos.

Colei meus lábios nos dela consumindo-a de forma faminta; nunca um beijo me fez sentir como se tivesse sido arrebatado, olha que isso nunca

aconteceria. Se eu morresse, sabia para onde iria e aceitava isso, mas adorei a forma que sua língua andava pela minha boca, e pude ver que ela não tinha experiência no beijo e, isso só podia significar uma coisa.

Tinha consciência de que precisava me afastar, pois estávamos em público e a forma que a agarrava não era correta, já que Jade não era qualquer uma. Mas suas pernas envolveram minha cintura e, eu a senti ali exposta e tão perto...

— Será que vou ter que matá-lo por agarrar minha irmã dessa forma dando um show para todos aqui? — sibilou Stefano em italiano.

Ela pulou dos meus braços antes que eu pudesse afastá-la com delicadeza e caiu na água.

Stefano estava na margem da praia com um olhar assassino e faminto para matar, e sua presa era eu. Bom, isso se ele pudesse fazer.

— Estava filmando a gente? — Apontei para a câmera em sua mão.

Controlei a acidez em minha voz, ou arrancaria a cabeça desse garoto.

Jade respirou fundo e foi para a margem com os punhos cerrados.

— Stefano...

— Vocês fizeram um grande show, inclusive tinha alguns fotógrafos observando o Luca, e tiraram as fotos, eu as tomei para destruí-las. — Apontou para a câmera. — Wolf está vendo se tinha mais.

— Só estávamos tendo um encontro e nos beijando, isso não é coisa

de outro mundo — retrucou, pegando a câmera da mão do irmão.

Fiquei na frente de Stefano, que tinha levantado uma sobrancelha.

— Isso é diferente Jade, pelo menos para Luca. Se alguém visse que o executor dos Salvatores tem uma fraqueza — ele se virou para ela — Você estaria em problemas.

— Não ligo — disse, distraída e sorriu. — Nossa, o seu sorriso aqui está tão lindo.

Fui até Jade e vi as fotos onde eu estava olhando para ela, a forma que a observava e me divertia com o que dizia. Nem imaginava que tinha esse brilho nos olhos de novo; me sentia assim quando ainda tinha a minha mãe e ela no passado. Uma se foi para sempre e agora tinha Jade de novo e não a deixaria ir.

— Posso ficar com as fotos? — sondou, ainda admirada. Depois virou a câmera na minha direção e clicou.

— Jade...

— Não se preocupe, pois só eu sei o seu ponto fraco. — Ela parecia orgulhosa disso.

Bufei.

— Tem seu irmão. — Apontei, passando o braço ao redor dela.

— Stefano? — Virou para ele, que nos observava. — Meu irmão preferia arrancar um membro dele a me machucar.

Ele não negou, mas não disse nada a respeito. Sabia que nenhum deles jamais deixaria alguém machucá-la.

— Vamos embora agora Jade — falou, sério.

— Mas nem nos divertimos muito — reclamou. — Quero ter um encontro de verdade.

— Outra hora. Houve um ataque no clube Hits, por isso vim buscá-la, quero você e Luna seguras até nós sabermos o que está acontecendo — disse.

Um solavanco atingiu meu peito, estava tão absorto ali com a Jade que me esqueci de proteger a nossa retaguarda. E se alguém tivesse nos seguido? Poderia ter colocado a vida dela em risco.

— Jade...

— Para onde vai? — Ela perguntou a mim.

— Preciso me reunir com o seu irmão, vou discutir negócios. — Toquei sua testa como seu irmão fez na sala de reunião. — Vou ligar para você e se as coisas estiverem bem, nós podemos jantar em um restaurante, você escolhe. Mas antes... você vai querer aquele antigo anel no noivado? Ou posso comprar outro...

— Quero ele. — Ela me cortou, eufórica. — Ainda se lembra do que me disse na carta?

— Sim, que quando eu o colocasse em seu dedo, seria para ficar até que eu desse o meu último suspiro. — Isso era a porra de uma promessa.

Seu sorriso era como o sol, tão perfeito que me deixou sem ar por um segundo.



Capítulo 11

Jade

Já passou três semanas de pura perfeição ao lado de Luca; jantamos em um restaurante Italiano três vezes; também fomos ao Field Museum onde vi um dinossauro e outras coisas. Nunca tinha ido lá, pois não passeava muito quando meu pai era vivo, e depois só fui para a China, mas lá também não passeamos; tivemos um lugar para ficarmos e a coisa era vigiada.

Então fazer tudo isso, já era bom, e ficou melhor ainda ao lado de Luca.

Apesar de que o momento mais feliz mesmo fosse o dia da praia, porque foi mágico, onde tive Luca nos meus braços pela primeira vez. Olha que eu estava farta de ser ignorada, e segui o conselho de Luna de fazer ciúmes em Luca, ou mostrar o que ele perderia se acaso mudasse de ideia.

Deu certo, porque ele apareceu lá furioso e com ciúmes de me ver só de biquíni, embora não ligasse para quem olhasse, pois só ele me importava. Naquela noite, nós jantamos juntos.

Tinha perguntado sobre o ataque, mas tanto ele quanto Alessandro

disseram que a situação estava controlada. Acreditei, por isso aproveitei.

Hoje, depois de três semanas de felicidade completa, seria o meu noivado com Luca. Não havia momento mais maravilhoso do que esse, o único problema de nossos encontros era que ele não avançava mais, além dos beijos.

Sabia que por ir à igreja como ia no passado, eu não podia transar antes de me casar, embora não achasse que fosse errado, já que o amor provem de Deus, não é? Entretanto Luca nem seguisse nenhuma religião, então por que estava hesitando? Será que não sentia nada? Não, porque eu podia sentir a forma que Luca ficava quando me beijava. O desejo era evidente, não tinha como mentir sobre aquilo.

Queria esse homem como nunca quis ninguém, só ele. Luca foi o único que fez o meu coração balançar e, minha pele formigar de desejo, amor e prazer, ele foi o único que me tocou fundo.

O noivado estava acontecendo em um hotel no centro, no salão que foi reservado para que acomodasse perfeitamente os vários convidados dos meus irmãos e dos Salvatores.

Estava de frente para ele, que se encontrava sério. Uma fachada para muitos ali, eu sabia, mas podia ver através dela. O olhar quente, ainda mais quando colocou o anel que foi de sua mãe e avó em meu dedo onde ficaria para sempre.

— Agora você é minha. — Beijou meu rosto.

— Nunca seria de mais ninguém — assegurei indo beijá-lo, mas um pigarro me interrompeu.

Franzi a testa para Luna.

— Desculpe, achei melhor eu vir aqui interromper esse momento do que Alessandro. — Sorriu para ele. — Meu irmão está te chamando.

Luca assentiu e virou para Alessandro, que estava conversando com uns homens que eu não conhecia. Nunca vi tanta gente em uma noite só, era raro participar de festas, papai não deixava muito, mas certamente que aquilo tivesse o dedo de Alessandro.

— Já volto. — Apertou minha mão. Sentia que ele queria me beijar, mas demonstrar fraqueza não era bom.

Assenti e o vi caminhando até meus irmãos. Conheci Zaira, uma senhora muito educada e que cuidou de Luca desde criança. Ela que preparou a festa de noivado.

— Obrigada por fazer tudo isso. — Agradeci, assim que cheguei próximo a ela. Luna estava do meu lado.

— Eu que agradeço por meu menino ter encontrado alguém, achei que após saber que o pai matou a mãe dele, que o menino Luca não conseguiria se reerguer, mas estou feliz que conseguiu, você é muito boa para ele — disse e beijou ambas as minhas bochechas. — Obrigada de novo.

Assenti.

Ele me contou uma noite sobre sua mãe no passado, a forma que disse parecia amá-la. Então Enzo a matou. Ainda bem que o monstro se foi.

No fundo, eu entendi o motivo de Luca ter ficado longe de mim; tudo que aconteceu acabou com ele, a escuridão o apossou, e acho que ele pensou que não merecia ser feliz, por isso ficou longe. Apesar de agora ver que estava mudado ou seguindo por esse caminho. Via que tinha um novo brilho em seus olhos, diferente de quando pareciam estarem mortos.

— Está feliz? — sondou Luna.

Estávamos no banheiro onde tinha vindo para retocar a minha maquiagem, porque chorei com a dor que Luca deve ter sentido ao saber como sua mãe morreu. Agora estava mais calma, mas precisava me recompor antes de Luca aparecer atrás de mim.

— Nunca senti nada assim. — Essa era a verdade. — Toda vez que o vejo ou que ele me toca é como se meu coração fosse sair da boca.

Luna riu. Seus cabelos ruivos estavam soltos nas costas com seus cachinhos ruivos. Só o Sage que era cego por não enxergar essa garota exuberante.

— Luca é realmente lindo. Tem certeza de que ele vai ser fiel? Ouvi falar que era bastante mulherengo. — Me checou dos pés a cabeça.

Houve um aperto em meu peito ao pensar nele com outra mulher.

Teve uma época em que prometeu me esperar até ser maior de idade, mas então terminou comigo e, eu não era idiota para assumir que me esperou, tinha certeza que não. Não falamos disso ainda e, no fundo, eu não achava que queria saber a resposta, só sabia de uma coisa, que agora estávamos juntos e ele não seria infiel; uma coisa que amava em Luca era a sua sinceridade, não era de mentir.

— Não sei, mas se tocar, eu não deixarei que me toque. — Isso era verdade. Eu era a favor da fidelidade, não o deixaria pisar em mim. Depois falaria isso com Luca de novo. Não toleraria o que meu pai fez com minha mãe, não me importava se fossem homens mafiosos.

Olhei no espelho grande na parede. O vestido azul turquesa se ajustava bem em meu corpo, era um tomara que caia com decote nos seios que se parecia com conchas. Cabelos em um coque, mas com mexas soltas na minha face e nas costas. A maquiagem realçou meus olhos.

— Está tão linda. — Ficou atrás de mim e seu olhar era triste. — Quando se casar, eu vou sentir a sua falta.

Olhei para ela pelo espelho.

— Você vai morar comigo, não a deixarei longe das minhas vistas. — Não queria que o mesmo que houve comigo acontecesse com ela. Apesar de que não fui encurralada por algum homem do meu pai, ele mesmo mandou seu servo fazer o trabalho, que até hoje sentia arrepios de nojo.

— Vai contar a verdade aos nossos irmãos? Antes, você não podia dizer, porque temia a ira de nosso pai, mas agora nós não temos mais ele, e nossos irmãos não deixarão que nada nos aconteça. Alessandro pode fazê-lo pagar. — Ela suspirou. — Seria a única forma de explicar o fato de eu morar com você e Luca.

Não contei, porque nesse meio tempo, desde a morte do nosso pai, nós fomos para a China e me envolvi em treinar; agora quando cheguei, Luca entrou na minha vida e acabei me esquecendo, mesmo que o assunto fosse sério. Não queria me dar ao luxo de pensar em Gael, ele não merecia meus pensamentos bons ou maus. Embora fosse contar após o noivado para meus irmãos e Luca, eles mereciam saber da verdade.

Mas naquele instante, não era para pensar no traste, mas sim, no meu noivo lindo que deveria estar me esperado.

— Depois do noivado, eu conto a verdade, não quero me casar escondendo algo de Luca — garanti.

Ela assentiu.

— Tudo bem, agora, nós temos que voltar, ou acharão que aconteceu algo. — Saímos do banheiro para ir em direção ao salão.

Nosso noivado estava acontecendo ali em Chicago, mas o casamento seria em Veneza. Embora não ligasse para onde, pois podia até ser debaixo de um viaduto, que eu estaria feliz, porque seria com Luca, o homem que sonhei

há muito tempo.

— Jade, tem uma coisa que quero dizer. — Ela parecia com raiva.

Parei no corredor e olhei para a minha irmã.

— O que é?

— Soube que Gael vai ser promovido. Ele se tornará o chefe do Cassino Royal aqui de Chicago. — Luna trincou os dentes. — Precisa dizer o que ele fez com você. E se ele violentou mais garotas, além de você?

Nunca tinha pensado nisso dessa forma, porque ele me tocou, porque foi obrigado pelo meu pai, apesar de que vi em seus olhos que gostou. E se Gael continuou a fazer isso com inocentes só por que não abri a minha boca?

Antes que respondesse ou comentasse algo sobre não deixar que Gael vencesse, que havia chegado a hora de ele cair, eu vi uma sombra atrás de Luna.

Arfei ao ver a fúria nos olhos de Luca.

— Repete? — A ira era evidente em sua voz, assim como no rosto.

— Luca... — comecei, mas ele me cortou.

— Jade, eu não vou perguntar de novo. — Seu tom era duro como aço.

Tanto que gostaria que ele não fizesse o que acabaria fazendo; sabia que assim que abrisse a minha boca, eu sentenciaria Gael à morte. Eu queria que ele pagasse, ainda mais se fez com outras, mas a ser morto por minha

causa?

Aprendi a lutar e gostava disso, mas matar? Isso ia contra tudo o que ouvia na igreja, fora que mamãe pediu que eu nunca me sujasse a esse ponto, não eu e Luna. Ela não podia proteger os nossos irmãos, mas nós duas sim e, eu cumpriria.

Sabia o que meus irmãos faziam e mesmo assim, eu os amava, porque eles não podiam deixar essa vida, nem eu ou a Luna.

No fundo, o resultado era sempre o mesmo; nosso pai morreu por minha causa e de Luna, os homens no beco também morreram por minha causa e agora Gael. Sentia-me como se estivesse puxando o gatilho.

Não devia sentir esse sentimento, deveria desejar a morte dele com bastante sofrimento, então por que era diferente?

Uma parte de mim temia que após dizer isso Luca não me visse mais com os mesmos olhos. Se ele pensasse que eu era uma perdida? Se Luca não quisesse mais se casar comigo?

Sabia sobre as leis dos Salvatores ao valorizar o casamento com uma virgem, e agora eu era assim. Gael não chegou a tanto, mas ele tirou algo de mim que não teria como pegar de volta.

As leis do nosso povo também eram rigorosas, e se soubesse o que houve iriam me levar à praça pública, bom, teria acontecido isso se meu irmão não fosse o Capo, então disso, eu não tinha medo, mas e quanto aos

Salvatore?

— Luca...

— Por Deus, Jade, me fale, ou eu vou perder a minha mente — rosnou no meu rosto. Nunca o vi assim tão furioso. — Vocês duas estavam falando que Gael Lax a estuprou?

Estremeci com a palavra saindo da boca dele.

— Não, mas... — como diria isso ao homem com quem me casaria?

— Jade. — Percebi que ele estava perdendo a paciência.

— Meu pai o obrigou a me tocar... com os dedos... — fechei os olhos por um segundo querendo tirar a lembrança da minha cabeça.

Seu cheiro desdenhoso, suas mãos nojentas... Sempre que pensava nisso a dor em meu peito era tão forte que me deixava sem ar.

A respiração de Luca ficou agitada me fazendo olhar para ele, e sua expressão era de um assassino em série.

Ele não disse nada, apenas se virou para sair, mas eu sabia onde ele estava indo.

Corri atrás dele.

— Luca, por favor, não faça...

Ele se virou, subitamente, fazendo com que eu esbarrasse nele.

— Você quis que ele a tocasse? — A voz dele me lembrou a um trovão seguido por um tornado.

Ofeguei.

— Não! Por Deus, não! — Eu quase gritei.

— Seus irmãos não sabem. — Não era uma pergunta e sim uma afirmação. Devia ter chegado a conclusão, já que Gael ainda estava vivo.

— Só não queria que mais ninguém morresse por minha causa.

— Por sua causa? Esse filho da puta não merece respirar nesse mundo — cuspiu. — Hoje, ele vai morrer por tê-la tocado.

Fiquei parada ali em choque vendo-o sair como uma tempestade na direção da sala, então quem estava no salão não viu nada.

— Jade. — Quase não ouvi a minha irmã, pois ela ficou em silêncio durante todo o episódio com Luca.

— Oh, Deus Luna, ele vai matá-lo — choraminguei.

— Você se importa com o Gael? — Seu tom era incrédulo. — Ele a tocou.

Sacudi a cabeça.

— Não é isso, é que sempre que Luca mata alguém, é como se ele entrasse em seu próprio abismo e, eu não quero isso — reparei no dia da praia. Luca me falou que tinha executado e que sua mente não estava em um bom lugar. Há alguns dias, aconteceu de novo quando fomos jantar, ele me beijou e falou que eu afastava a escuridão que estava nele. Depois soube que ele pegou quem tinha colocado fogo em um dos galpões dos Salvatore.

Não pensei, pois queria impedir que acontecesse isso, então me virei e corri para o salão do lado esquerdo da sala onde todos estavam me esperando, acho que por isso Luca veio me procurar.

— Chegou a noiva... — Irina, a mulher do Capo, se interrompeu ao ver meu rosto — Aconteceu alguma coisa?

— Será que terei que matar o noivo antes do casamento? — disse Stefano, mortal.

Respirei fundo e olhei para Alessandro e meus outros irmãos tentando criar coragem ao que precisaria dizer.

— Posso falar a sós com vocês? — Minha voz saiu aguda como se tivesse caco de vidro.

Alessandro estreitou os olhos e estalou os dedos; de repente todos saíram dali e o lugar ficou vazio, exceto por nós, Matteo e Samuel.

Alessandro virou para ele.

— Vou ficar se tiver algo a ver com Luca. — Matteo virou a cabeça na minha direção. — Tem?

— Jade por que está assim? — sondou Alessandro, dando um passo até mim.

— Luca fez alguma coisa? Cadê ele? Eu não vejo há alguns minutos. — Rafaelle franziu a testa em um tom nada amigável.

— Nada. — Me apressei em explicar. — Mas ele vai matar o Gael...

— O quê? — A expressão de Matteo ficou confusa. — Me ilumine Jade, porque Luca jamais tocaria em um membro de outra família sem que eu desse a ordem, e não dei.

Abaixei a cabeça, envergonhada, não sabia o motivo, já que não foi minha culpa e sim do monstro do meu pai que estava morto e no inferno.

— É que Gael... quando eu tinha 17 anos, o papai o mandou me... tocar — lágrimas caíram de meus olhos. Tanto pelo que houve comigo quanto por magoar meus irmãos, pois sabia que eles se sentiriam culpados pelo que aconteceu, esse foi um dos motivos por não ter revelado nada.

A temperatura na sala caiu para quase zero, então vi Alessandro dar um passo para trás como se eu tivesse o socado no estômago.

Encarei os três ali; Rafaelle, que estava com os olhos ensandecidos, assim como os outros dois.

— Sinto muito por não ter dito nada antes. Eu só não queria que vocês matassem mais por minha causa. — E para impedir que visse a culpa que estava vendo agora nos olhos dos três, a impotência. Queria ter evitado isso, mas não pude.

— Você entende o que eu sou? — cuspiu Rafaelle. — Sou a porra de um executor, matar está no meu sangue e não me arrependo de nada do que já fiz.

— Eu sei. — Chorei mais. — Só não queria que se sentissem

culpados por não terem conseguido me proteger do nosso pai.

— Oh, eu vou esquartejá-lo — rugiu Stefano, chutando a mesa que chegou a virar derrubando a comida. Então se virou e saiu como uma tempestade.

— Luca ouviu a Luna falando sobre isso e me obrigou a contar tudo, então ficou louco de raiva e disse que o mataria — sussurrei com a voz rouca.

Alessandro sempre foi controlado desde criança, então quando se virou e lançou o seu punho contra o espelho, me pegou surpresa.

— Rafaelle vá atrás de Stefano e Luca, não deixe com que o matem ainda, até eu chegar lá. — Senti que ele estava tentando se controlar. — O Capo pode ir com você, já apareço lá.

Suas mãos estavam na parede e de costas para mim, sua respiração estava desigual.

— Luna, avise a todos que a festa acabou. — Seus ombros estavam rígidos.

— Sim — respondeu ela e saiu, mas não sem antes me lançar um olhar de força.

Matteo saiu com Samuel, deixando Rafaelle, Alessandro e eu no salão.

Me matava ver a traição nos olhos dos dois, mesmo que Alessandro não estivesse me encarando, eu sabia que sua expressão era igual a de

Rafaelle.

— Você me decepcionou Jade. Nós somos uma família, e tinha que ter confiado em nós para resolver tudo.

Estremeci com o ressentimento em sua voz.

— Sinto muito.

Ele veio até onde eu estava e esquadrinhou o meu rosto limpando as lágrimas.

— Vamos resolver isso, aquele desgraçado pagará por ter... — o senti encolhido.

— Vá logo Rafaelle — ordenou Alessandro.

Ele beijou a minha testa e saiu.

Agora chegou a hora de enfrentar as consequências; para uma garota normal, eu teria apenas escondido a verdade dos meus irmãos, mas ali, eu ocultei algo sério do Capo também, onde devia respeito e fidelidade.

— Você omitiu isso do seu irmão e do seu Capo. — Alessandro se virou, e o que vi nos seus olhos me fez encolher; foi como se tivesse levado um soco.

Seus olhos verdes pareciam estar queimando em uma fornalha.

Nunca o vi assim, não depois que mamãe morreu. Não tivemos luto por ela, porque meu pai não nos deixou chorar, disse que isso era para os fracos; lembrava-me que Alessandro estava triste, então meu pai o esmurrou

que chegou a quebrar o seu queixo. Ele já era grande na época. Depois disso nunca mais o vi demonstrar sentimentos. Mas hoje?

O meu coração doeu fundo, pois parecia que estava sendo esmagado.

— Papai ameaçou matar vocês e fazer a mesma coisa com a Luna se eu contasse algo. — Cerrei minhas mãos para não tremer, embora não houvesse surtido efeito, estava como vara verde.

— Mesmo assim, você devia ter dito. — Respirou fundo.

— Ele teria batido em você até a morte, ou em Stefano e Rafaelle. Aquele homem era um monstro.

— Mas eu também sou! — esbravejou. — Porra, Jade! Se ele disse para não nos dizer, é por que ele nos temia, não podia nos controlar, não quando o assunto era vocês duas. Se tivesse dito, eu teria matado o Gael antes, e Marco não teria feito nada comigo ou com Rafaelle e Stefano.

Sabia que eles eram homens grandes, mas no nosso mundo o filho tinha que obedecer ao pai até morrer ainda mais quando ele era o Capo.

— Lamento por ter escondido algo assim de vocês. Mas juro que não vou fazer mais. — Fui até ele e o abracei. — Vou fazer de tudo para não ver essa mágoa e traição nos olhos de vocês como vi hoje.

Ele expirou fundo e passou os braços a minha volta.

— Eu vou cancelar o casamento... — começou, mas eu me afastei de olhos arregalados.

— O quê? Não! Por favor, Alessandro, eu sonho em me casar com o Luca há anos. — Contava tanto com isso que não podia nem imaginar a hipótese de não acontecer.

Ele assentiu.

— Devia ter matado o Marco mais cedo. — Tinha raiva em sua voz. — Mas estou falando sério, Jade, se não quiser se casar, você pode me avisar que eu cancelo, não ligo para as consequências ao voltar atrás com minha palavra.

Peguei suas mãos.

— Por favor, se ele ainda quiser se casar comigo, então não o impeça — murmurei.

Senti dedos no meu queixo e o ergueu para encarar o seu olhar.

— Por que ele não iria aceitá-la? — Tinha um gosto amargo em seu tom — Se você pensa que é por... — ele fechou os olhos por um segundo e expirou fundo, mas estremeceu como se doesse — Se ele desistir, então não é o homem certo para você, além disso, eu irei matá-lo.

— Alessandro me prometa... se ele não quiser se casar comigo, você não vai matar o Luca ou mandar alguém fazer e nem irá obrigá-lo a ficar comigo — supliquei.

— Sabe o que está me pedindo? — Sua mão foi para meus cabelos e pegou um mexa colocando atrás da orelha.

— Sim, eu sei. Mas não quero um casamento forçado; sei que se Luca não quisesse se casar nem o Capo dele poderia obrigá-lo. Então ele realmente quis, e vi isso após essas semanas onde nos conhecemos melhor.

— Não vou obrigá-lo a ficar com você, mas conheço o Luca, ele não é desse tipo que liga nessas coisas. — Beijou minha testa como fez Rafaelle assim que saiu. — Agora preciso ir.

— Desculpe desapontá-lo. — Beijei seu rosto. — Amo você.

Ele colocou a mão em meu coração como se estivesse dizendo que também me amava e acreditava em mim.

Assenti, mas não conseguia deixar de pensar em Luca; na forma em que saiu furioso dali. Só esperava que no final ficássemos juntos de novo. Perder Luca uma segunda vez não era uma opção.



Capítulo 12

Luca

Culpa.

Não gostava dessa palavra, pois já estava sentindo-a por demais. Mas não da forma que sentia agora. Não pude cumprir a promessa que fiz a Jade. Jurei que a manteria segura, pois pensava que o único monstro era o meu pai, mas o pai dela também era um cretino, assim como Enzo.

Meu sangue fervia nas veias; a fúria me consumiu tanto que achei que fosse explodir, e de fato faria isso com aquele animal filho da puta.

No momento em que soube que alguém tocou em Jade sem sua permissão, eu vi vermelho, não pensei em nada e só fui atrás do maldito para fazê-lo pagar de forma bem lenta dessa vez, não como fiz com Enzo. Dessa vez, eu me controlaria e teria o que realmente queria. Fazer o Gael pagar.

Atravessei alguns limites de velocidade, mas não dei a mínima; só precisava chegar até aquele canalha estuprador. Pelo que eu sabia, o Gael estava no cassino Royal, seria sua estreia como gerente do lugar.

Não dei a mínima por estar invadindo uma área que não me pertencia,

e o significado que teria quando o matasse ali. Poderia ser traição matar alguém do clã Destruttore, mas não me importava, só sabia de uma coisa: eu o faria pagar com juros.

Assim que entrei no cassino notei que estava mais controlado, embora a fúria estivesse em minha corrente sanguínea, só que mais amena; precisava disso ou perderia o controle e faria igual a Enzo, e isso não poderia acontecer.

O lugar estava cheio de jogadores, era um sábado, então isso era normal. Gael devia estar alucinante com a promoção que teve dos irmãos da garota que ousou tocar. Será que ele achava que isso nunca viria á tona? Um dia Jade contaria a verdade, não é? No fundo, eu entendia o motivo de ela nunca ter dito aos irmãos, ela era boa e não gostava de mortes, ainda mais por sua causa. Mas agora não seria culpa dela, e sim de Gael, que ousou tocá-la.

— Luca! Que bom que veio aqui hoje — falou um dos caras de Alessandro, acho que Morrys ou algo assim.

Como não tinha tempo para falar, eu fui direto ao assunto.

— Onde está o Gael? — perguntei.

Morrys ficou confuso com o meu tom ríspido, mas não liguei, nesse momento, eu só queria colocar minhas mãos em Gael e tomar o meu tempo com ele.

— Na sala dele no final do corredor. — Assim que me disse onde ele estava, eu fui naquela direção com os punhos cerrados.

Antes que pudesse abrir a porta, eu ouvi vozes lá dentro, mas não foi isso que me parou ali para ouvir.

— Só não enfiei o meu pau naquela boceta virgem, porque Marco Morelli me mandou colocar só os dedos — disse a voz de um homem. Reconheci sendo Gael.

— Aquelas garotas Morelli são gostosas demais, sorte sua ter ficado mais próximo do Capo até ser promovido — ouvi outra voz, mas essa não reconheci.

Eles pareciam divertidos, isso me deu mais raiva, mas me controlei, pois não podia perder a porra do controle, precisava ouvir mais e depois o forçar a dizer tudo o que precisava.

— Lamentei não ter podido enfiar meu pau naquela morena atrevida. — Gael riu — Agora quem vai comer aquela boceta é o fodido do Luca.

— Talvez ele até a estupre, já que o pai e o tio faziam isso. — O outro cara riu.

Cada minuto que ouvia aquela conversa, eu me enchia de asco e ia ficando cego pela ira.

Chutei a porta, que se abriu com um baque. Com um sorriso cruel, eu entrei.

— Quem ousa entrar... — Gael se interrompeu, levantando da mesa — Luca?

— Oh, eu também vou adorar estripá-los com a minha faca. — Estava com duas facas, uma em cada mão.

O outro homem com uma cicatriz de cruz no rosto arregalou os olhos.

— Interessante fazer amizade com pessoas de Ramirez. — Voltei minha atenção a Gael, ainda parado ali. — Seu Capo sabe disso? Aposto que não. O quê? Aproveitou que estavam ocupados hoje para formar esse encontro?

— Podemos explicar. — Os dois se entreolharam e, eu soube no momento seguinte que estava pensando em puxar suas armas para me silenciar.

Atirar ali seria um erro, porque não morreria hoje, não antes de me casar com a Jade. Jamais quebraria outra promessa que fiz a ela.

Dei um chute no peito do cara com a cicatriz de cruz fazendo-o perder o fôlego.

— Se fosse você, eu ficaria fora disso — cuspi. — Minha história é com esse cretino.

O homem assentiu e tirei suas armas e fui em direção de Gael, que ia puxar sua arma, mas joguei minha faca acertando sua mão e a arma caiu no chão.

Me lancei sobre ele e soquei sua boca fazendo-o cair no chão e comecei a socá-lo bem mais.

— Você colocou suas patas imundas na minha noiva, por isso vai morrer. — Cada soco era uma palavra carregada de ira.

Gael tentou lutar, mas apertei a faca em seu ombro e rodei-a fazendo-o gritar como uma mulherzinha.

— Você fez pior. — Sorriu com os dentes vermelhos de sangue.

Não me senti insultado por alguém me chamar de estuprador só por que Enzo e Lorenzo tinham a casa cheia de garotas sequestradas e as mantinha em cativeiro para benefício dos pedófilos fodidos.

— Oh, eu faço sim, mas com homens como você. — Sorri mortal.

Sabia que minha raiva estava intensa e minha vontade nesse momento era matá-lo, por isso engoli sua provocação para não fazer isso tão rápido; o faria sofrer como nunca sofreu.

Ouvi um movimento atrás de mim, já estava a ponto de virar, então um tiro soou na sala, como não senti dor, olhei para trás e vi Stefano que estava em cima do cara surrando-o e parecendo um louco que acabou de sair do hospício.

Acho que Jade resolveu contar a verdade aos seus irmãos no final.

— Você estava com o Gael quando ele tocou a minha irmã, seu desgraçado? — rugiu ele.

O medo era evidente nos olhos do cara.

— Não, eu juro...

— Pode não ter estado lá, mas vocês pareciam divertidos falando sobre ela quando cheguei aqui. — O fulminei. — Você parecia animado por Gael ter colocado as mãos sobre Jade.

Stefano lançou a ele um sorriso sinistro.

— Oh, você vai morrer, e depois cuidarei de Gael — enfureceu ele. — Todos vão para o inferno hoje.

— Só vim fazer negócios...

— Veja por esse lado, o único negócio que fará é morrer. — Stefano enfiou a faca no peito do homem, que tentou lutar, mas não teve jeito, já que tinha sido atingido com um tiro na barriga também.

Stefano era muito jovem, embora letal como uma serpente.

Tão mortal com relação a matar; fiquei sabendo a forma que esquartejou o homem de Ramires que tinha morrido algum tempo atrás, pelas mãos de Axel, um dos MCs. Embora soubesse que outro homem tomou o lugar de chefe de cartel, no lugar de Ramires.

Vendo a cena de Stefano matar o verme, me lembrei da última vez que perdi o controle assim quando matei o meu pai.

— Stefano — chamei, mas ele não ouviu, então Rafaelle apareceu na porta e praguejou.

— Stefano, porra! — Puxou seu irmão, que furava o homem já morto.

Ele suspirou e ficou de pé e se virou na minha direção coberto de

sangue e com uma ira do tamanho de um tsunami; a minha estava igual quando matei o Enzo, e me arrependi depois por ter feito rápido, isso não aconteceria de novo, com esse, eu ia demorar.

Se Stefano colocasse as mãos em Gael, seria o fim; também queria ele morto, mas com sofrimento e bem lento de preferência, e não rápido.

A dor que vi nos olhos de Jade merecia que Gael pagasse muito caro, e ele pagaria mais do jeito que Stefano queria. — A boceta de sua irmã era apertada demais, chegava a espremer meus dedos — provocou Gael, debaixo de mim.

Meu joelho prendeu seu peito no chão e a faca ainda estava ali fincava fundo. Mexi mais fazendo com que a lâmina entrasse mais fundo.

— Pena não ter enfiado meu pau nela...

A provocação de Gael teve efeito em Stefano, que pegou a arma e apontou. Também fiquei com raiva, mas me controlei e não entrei no seu jogo.

— Sai da frente Luca, ele precisa morrer — rosnou.

Rafaelle segurou o seu braço.

— O Capo mandou não matá-lo até ele chegar aqui — avisou ao irmão.

— Não dou a mínima — sibilou.

Stefano era conhecido por ser impulsivo, perdia o controle com

facilidade, diferente dos irmãos dele. Rafaelle ficou calado, um silêncio, embora letal. Não conseguiria convencer ao irmão, então tentei outro jeito.

— Ouça Stefano, esse desgraçado não merece uma morte rápida, ele precisa sofrer muito antes disso. — Tentei colocar a razão na cabeça dele.

— Fala o homem que massacrou o próprio pai — interveio Gael.

Coloquei minha mão em sua garganta e o sufoquei até que ele desmaiou, não o deixaria provocá-lo para escapar da morte lenta.

Olhei para Stefano.

— Falo isso por experiência própria, não sabe o quanto me arrependo de não ter feito Enzo sofrer por dias ou semanas, era essa a minha vontade, mas enlouqueci pela ira, e no final, eu fiz o que ele quis. — Suspirei. — Acha que esse cara merece uma morte assim após tudo o que fez?

Após o que houve com Enzo, eu fiquei mais controlado, embora ainda perdesse o controle ao matar querendo que fosse Enzo. Certamente tinha chegado a hora de voltar a ser quem eu realmente era. Um executor que só tinha uma meta. Matar.

Minha vontade era fazer o que Stefano queria, mas me controlei e esperava que ele também visse a razão.

— Vamos levá-lo ao porão e fazê-lo pagar do jeito certo — Me levantei, mas fiquei na frente do miserável impedindo que fosse atingido caso Stefano não desse ouvidos.

— Stefano, ouça o Luca. Também obedeça às ordens do seu Capo, pois ele está a caminho — disse Rafaelle. — Isso é a porra de uma ordem, então abaixe essa arma.

Stefano demorou um pouco, hesitando, acredito que estava com raiva demais, então abaixou a arma e respirou fundo.

Rafaelle foi até a porta que estava aberta e falou com alguém do lado de fora.

— Luigi leve-o daqui para o porão e o acorrente — ordenou ele.

Um homem alto de cabelos escuros pegou o Gael, inconsciente, ainda com a faca no peito dele e o levou ao final do corredor para uma escada.

— Faça-o acordar, nós vamos descer — mandou Rafaelle ao Luigi, depois se virou para mim. — Se não quiser ficar aqui, pode ir. Nós cuidamos de tudo, o faremos pagar.

Estreitei meus olhos e fui para perto dele.

— Prometi uma coisa a Jade e não pude cumprir — expirei. — De agora em diante, eu não vou quebrar nenhuma promessa que faço a ela.

O remorso me incomodava, só senti isso poucas vezes, uma foi por não ter feito nada pela minha mãe e ter eliminado o Enzo na época. Poderia ter arrumado alguma forma para morrer como em um acidente ou outro modo. Depois, foi quando tive a chance de ter minhas mãos nele, mas perdi o controle.

Outra vez foi quando machuquei aquela garota. Não a vi depois disso, mas Matteo deu dinheiro a ela para ficar calada, embora isso não mudasse o que fiz.

Agora isso... sabia que me mantive longe de Jade temendo que Enzo a machucasse de alguma forma, achei que estivesse fazendo o bem me mantendo longe, mas não pude protegê-la do pai dela. Tudo em mim era sombrio demais para uma garota como ela, e no final o destino a trouxe para mim.

— Sim, ela nos falou o que fez, e o porquê a deixou. — Suspirou Rafaelle. — Entendo seus motivos por não tê-la deixado contar nada a nós. Marco não era um pai de verdade, ainda mais depois de saber disso.

— Uma maldição que não posso trazer ele de voltar à vida para poder eliminá-lo de novo — sibilou Stefano, saindo da sala.

Rafaelle tocou o seu braço.

— Não comece com ele, vamos esperar o Capo. — Os dois trocaram um olhar, e Stefano assentiu, mesmo parecendo não gostar.

Queria ter tido minha chance com o velho, como não poderia, eu aproveitaria ao máximo o miserável que ousou tocar nela.

Descemos para o porão onde foi feito para torturar quem não pagava suas dívidas de cassino.

Também tínhamos um em nosso cassino, já torturei muitos naquele

lugar. Olhei ao redor no lugar sujo e fedido a sangue; nas mesas tinha várias armas, não falava de fogo, mas objetos de tortura. Estar em um lugar desses era o paraíso para mim.

Sorri para o Gael, já acordado e pendurado em correntes com as mãos para cima e nu com seu pau fodido e mole a vista. O medo era evidente em sua expressão.

— Quero ver se você ainda vai cantar de galo, se achando o máximo por ter tocado em algo que me pertence. — Fui até uma das mesas e chequei os objetos, então peguei duas soqueiras com metal fino e cortante nelas, e me virei, sorrindo. — Vou me divertir enquanto o Capo na chega.

— Você é um bastardo de coração frio, acha que é diferente de mim? Teria feito o mesmo — provocou Gael. — Vai me dizer que não estuprou aquelas meninas que seu pai e tio mantinham presas?

— Sou contra estupro. Pegar uma mulher a força não é comigo. — Soquei sua barriga e rosto. — Homens como você, eu dizimo e ainda durmo a noite inteira feito um bebê.

O único pesadelo que tinha era matando o Enzo, mas quando acordava via que tinha sido apenas um pesadelo. Na realidade eu não podia trazê-lo de volta.

Rafaelle se aproximou e fiquei de escanteio para dar a vez para ele.

— Você falava com aquele membro do cartel que tocou a minha irmã.

— Rafaelle puxou a faca que ainda estava enfiada em seu peito, mas não era no coração. — Com quem falou? — A enfiou na perna dele. — Quero os nomes de todos.

Não demorou muito para conseguirmos os nomes de quem sabiam de tudo, com certeza eram traidores dos Destruttore e talvez até estivessem por dentro dos ataques nas boates.

Rafaelle praguejou e se virou para Luigi.

— Reúna o Viper e Rabel e tragam todos aqui. Chegou a hora da festa começar — rosnou. — Esses ratos serão o banquete que ofereceremos.

— Sim, farei isso. — Ele saiu.

Encarei o homem quebrado e sua sentença estava apenas começando. O monstro em mim não estava satisfeito, ele só queria massacrar a minha presa.

Matteo entrou na sala, junto com Samuel. Meu primo varreu os olhos sobre mim sondando se eu tinha perdido o controle. Lembrei-me da expressão de Matteo ao saber que quase matei uma mulher.

Prometi a mim mesmo que não deixaria o meu Capo daquele jeito de novo.

Assenti com a cabeça dizendo que estava bem e que não tinha surtado. Algum tempo atrás, ele ia me tirar do cargo de Executor, porque todos que eu matava, eu perdia o controle querendo que fosse o Enzo.

Hoje, eu percebi que deveria deixar o Enzo lá no inferno onde ele estava.

— Estou me divertindo bastante, já que atrapalhou a minha festa de noivado — Voltei a socá-lo com força.

— Me mata logo — gritou Gael.

— Oh, agora está desesperado para morrer? — Uma voz soou como trovão vindo da escada, assemelhava-se a um tsunami, onde passava destruía tudo.

A cada passo que Alessandro dava, Gael ficava mais pálido.

Podia matá-lo eu mesmo por ter tocado na minha noiva, mas deixaria esse papel para seus irmãos que confiaram nesse desgraçado, mas Gael os traiu da pior forma possível tocando na joia mais preciosa deles.

— Sabe o que Jade estava fazendo para ter ganhado esse castigo do pai? — Gael cuspiu sangue. — Tinha ido atrás de você quando soube que estava em Veneza, mas não conseguiu chegar a tempo. Então, eu a levei para ele e sugeri esse castigo, o velho aceitou.

Senti uma dor em meu peito, como se alguém tivesse me batido com uma marreta. Então ela tinha ido atrás de mim? Porra! Expirei, me controlando, não era hora de perder a cabeça; ele pagaria com juros.

Soquei suas bolas fazendo-o arfar e gritar.

— Estou deixando a minha marca — declarei, agora controlado, ou

um pouco melhor. — Pena não ser eu a matá-lo, mas vou adorar ver sua dor. — Passei por Alessandro. — Faça-o pagar bem lento, ou eu farei.

Alessandro não disse nada, só encarou Gael, sem expressão.

— Você me traiu, e como sabe, eu faço os traidores sofrerem. — O aço era evidente na sua voz. — Rafaelle e Stefano o quebrem, mas não o matem. Eu quero demorar dias com ele, o sangue está a caminho para a transfusão. — Ele se virou para mim — Se quiser ir embora e voltar mais tarde, ele ainda vai estar aqui. Agora acho que precisa ver a Jade, ela acha que depois do que soube não vai mais ter casamento. — No final das suas palavras havia uma ameaça ali. — Espero que não faça isso, ou terei que acabar com você.

Estreitei meus olhos.

— Não dou a mínima para as suas ameaças — rosnei de modo frio. — Vou me casar com Jade e não há nada que possa impedir que isso aconteça, nem mesmo ela.

Seus olhos tiveram uma leve contração, pensei ter visto respeito ali. O homem era difícil de ler, uma pedra de concreto.

Nós conversamos enquanto Rafaelle e Stefano faziam o trabalho com Gael. O bom que o lugar era a prova de som, assim ninguém ouviria os gritos.

Se não fosse por Jade, eu não teria deixado de participar ou observar a

tortura, ainda mais de um ser imundo desse maldito que ousou tocá-la.

Entretanto, eu não gostava de Jade pensar que eu não ficaria com ela só por que alguém a tinha tocado, pois isso não foi vontade dela. E mesmo se fosse eu não a julgaria.

Me casaria com ela, e não seria apenas por obedecer às ordens do Capo, mas sim, porque a queria como minha esposa. Mesmo se nunca puder tocá-la, pois só de me imaginar fazendo com ela o que fiz com aquela mulher, eu me sentia doente.

Isso não aconteceria enquanto eu vivesse; eu a protegeria mesmo que fosse de mim mesmo.



Capítulo 13

Luca

Estava indo para o hotel de Alessandro pensando no que Jade podia estar pensando. Estaria ela com medo de que eu a deixasse? Uma coisa que não iria acontecer. Ou estava tentando se esquecer de quem a tocou? Uma coisa que eu não poderei era fazê-la esquecer, embora quisesse.

Lembrava de quando apanhava de Enzo com fios e arame farpado, e até de seus homens onde muitas vezes quebraram os meus ossos, costelas. Foram tempos difíceis.

Uma coisa, eu tinha certeza: quando tivesse filhos, eu jamais faria isso; sabia que teria que pegar pesado, mas nunca iria torturá-lo como fui. Jade também me mataria. Uma mulher que tinha garras para enfrentar qualquer um pelos seus, imagina o que não faria pelos filhos se tivesse?

O telefone tocou, me tirando fora da minha mente.

— Matou o filho da puta? — perguntei, assim que atendi o Alessandro.

Tinha acabado de chegar em frente ao hotel, parecia bem

movimentado, não sei se era por terem cancelado a festa e o alvoroço de tudo o que ocorreu.

Então ouvi gritos no fundo da linha. Pelo visto ainda não, pensei.

— Não, ele terá uma morte longa e bem dolorosa — soou frio, mas isso não era novidade, ele sempre era.

— Ouvi dizer que têm alguns que não querem você no poder — comentei.

— Estou cuidando disso no momento, então estou designando você a cuidar de Jade, e Miguel a Luna. Nesse momento, eu não confio em mais ninguém com elas. — Um grito soou no fundo, esse parecia diferente.

Os irmãos Morelli teriam uma noite agitada.

— Só hoje? Não acho que limpe isso em uma noite. — Acreditava que levaria tempo.

— No máximo uma semana. Falei com Matteo, elas vão ficar na casa dele, mas quero você com elas, não confio nos homens dele também.

Quase ri e disse que ele não confiava em ninguém com suas irmãs. Pelo visto só em mim e em Miguel.

— Por que confia em mim? — sondei, curioso. Sabia que ele e Miguel eram amigos há anos, mas eu nem tanto.

— Você se enfureceu e arrebentou o Gael por ele ter tocado em Jade, se fosse como eles não ligaria para nada e só aproveitaria. Além disso, ficou

ao lado dela por um ano e não a tocou. — Tinha respeito em seu tom. — Isso não significa que deva tocar em Jade antes do casamento.

Resolvi engolir uma resposta, porque entendia seu lado.

— Jamais tocaria em Jade se ela não quisesse. — Achei melhor deixar claro, afinal de contas, não fazia nada que me mandassem, muito menos ele. E se a Jade quisesse, eu não negaria.

Ouvi alguém o chamando no fundo, acho que por isso não retrucou o que eu disse.

— Cuidarei delas, não se preocupe — garanti. — Derrube todos os ratos.

Também derrubamos vários traidores que deveriam respeitar a nossa família, mas não todos, alguns traíram e foram para o lado dos Rodins, onde era tudo liberado.

Estávamos montando uma armadilha para pegarmos todos eles de uma vez por todas, acreditava que fosse isso que Alessandro estivesse fazendo também com o seu pessoal.

Entrei pelo salão, mas não vi nenhuma delas, perguntei ao Wolf que me informou que estavam na suíte com Sage e Miguel a vigiando.

Bati na porta que, alguns minutos depois Sage abriu.

— Onde as duas estão? — perguntei.

— No quarto — respondeu Miguel.

Assenti.

— Alessandro disse que só confia em nós dois com suas irmãs, como preciso ter uma conversa com Jade a sós, você pode levar a Luna para a casa de Matteo? — falei ao Miguel.

— Tudo bem, já falei com o Alessandro. — Apontou o dedo para o quarto. — Ela estava chorando, espero que resolva as coisas.

Assenti e fui para o corredor e já ia bater quando ouvi a voz de sua irmã.

— Foi bom ter revelado a verdade a eles, embora não dessa forma, lamento ter mencionado sobre o Gael. — Era a voz de Luna. — Sou uma idiota, não devia ter tocado no assunto hoje, bem no seu noivado.

Eu merecia saber a muito tempo, aliás, se não tivesse ficado longe isso não teria acontecido, ou se tivesse descoberto antes, eu teria matado o Gael.

— Você fez bem, pois precisava dizer de qualquer forma, só queria que Luca não tivesse ouvido dessa forma. — A voz de Jade estava quebradiça.

— Jade não chore, por favor — pediu Luna.

Meu coração rachou, não suportava que sofresse; queria poder tirar isso dela, mas o que Gael fez não poderia ser desfeito. De repente, eu me lembrei de ela falando que todos tinham demônios, e que se deixasse eles nos

controlaria; agora entendi, ela conhecia a sensação de perto.

— Sou uma idiota mesmo, podia ter dito logo. Stefano saiu doido daqui. Rafaelle magoado e Alessandro traído. Não suporto isso.

— Eles vão perdoar você, só dê tempo a eles — pediu sua irmã.

Bati na porta e, em seguida abri, e as duas me olharam.

— Luna, eu posso falar com Jade um minuto? — pedi.

Ela assentiu e olhou para a irmã.

— Vou esperar na sala...

— Miguel vai levar você para a casa de Matteo — informei a ela e fui até a Jade.

— Por que vamos para lá? — perguntou Luna.

— Miguel vai explicar. — Ela fez uma careta com isso a saiu.

Jade ficou de pé me olhando com seus olhos lindos e úmidos. Cortava meu peito vê-la dessa forma.

— Eu sei o que vai dizer. — Sua voz saiu um pouco falha. Apontou o dedo para mim. — Vou facilitar as coisas para você...

— Você vai? — Sabia o que ia dizer, mas esperei que falasse o que estava em sua mente.

Balançou a cabeça.

— Sim, terminamos — chorou.

Aproximei-me dela e toquei seu rosto lindo e molhado.

— Não aceito isso. — Afirmei com convicção. — Nós vamos nos casar.

— Vamos? — Vi esperança ali naqueles olhos verdes, tão lindos que eu podia mergulhar neles.

— Sim, agora, vem comigo, pois preciso levá-la a um lugar. — Pretendia passar esse resto da noite com ela, então a levaria para passear e diverti-la, claro que não tinha ideia de fazer nada com ela nesse estado. Só precisava esclarecer algumas coisas. Peguei sua mão.

— Aonde vamos? — limpou as lagrimas enquanto me seguia.

— Por que estava chorando? — sondei, embora já soubesse. Saímos do prédio e entramos em meu carro, não vi Luna em nenhum lugar e nem Miguel, então deduzi que deveriam ter saído.

— Só estava com medo...

— De que eu a deixasse? Como pode pensar que sou capaz de tal ato? — Peguei sua mão, enquanto dirigia. — É por isso que estava chorando?

— Em parte. Estou confusa, porque passei tanto tempo querendo me casar com você, agora que nós estamos noivos, eu sinto que é errado... — sua voz falhou.

Ela parecia nervosa.

— Como errado? — Queria entendê-la de alguma forma.

— Não quero que faça algo que não quer Luca; se vamos nos casar,

eu quero que seja espacial, não quero casamentos fracassados como o da minha mãe, sei que não é um monstro como meu pai, mas quero algo real, entende? — Ela me olhou de lado. — Quero saber o que gosta e tem vontade de fazer.

Nesse momento? Fode-la, ainda mais pela forma linda que ela estava. Aquele vestido dela naquele corpinho estava me deixando louco.

— Jade se não quisesse me casar, eu teria dito ao meu primo, e ele teria achado outra saída. Mas não deixaria acontecer, porque a mera ideia de você se casando com outra pessoa sinto vontade de matá-lo. — Beijei seus cabelos. — Sei que há burocracias na minha família sobre o fato de se casar com virgens e essas merdas, mas não dou a mínima para isso e, além disso, você ainda é virgem, não é? Porque ele não a tocou dessa forma. Mesmo se não fosse, eu jamais viraria as costas para você.

— Na adolescência, eu tive minha paixonite por você, e até achei que passaria, mas isso não aconteceu. Sempre ia vê-lo quando estava na Itália, mas você estava sempre acompanhado pelo seu pai ou Lorenzo, então permanecia longe. — Suspirou. — Deveria ter ignorado o seu pedido de ficar longe para a minha segura...

— Não podia me aproximar Jade, e lamento por isso, pois pensei que estivesse protegendo você do meu pai, mas não pensava que o seu era um monstro capaz de tal coisa, se soubesse... — expirei — Foi em uma dessas

escapadas suas para me ver que o seu pai descobriu, né? E obrigou aquele... queria ter feito algo para protegê-la de todos... isso é algo que vou me arrepender para sempre.

Ela riu, triste.

— Você não poderia ter feito nada Luca, nem os meus irmãos podiam, ou talvez pudessem, mas fui covarde em esconder as coisas deles. — Ela se escorou em mim e expirou como se adorasse o meu cheiro. — Então estamos noivos ainda?

— Sim, e seja o que for que acontecer entre nós, eu quero que seja um casamento real como o de Irina e Matteo. Quero viver tudo de bom com você. — Sabia que precisava revelar a verdade sobre mim, que não sabia se poderíamos ficar juntos. Queria muito isso, e faria de tudo para lidar com esse meu problema. Nem que precisasse procurar um psicólogo, quase ri com a ideia.

Quando que um executor precisaria de ajuda de psicólogos? Se falasse o que fiz a um especialista, eles me chamariam de assassino, psicopata e outros nomes.

— Desejo ser feliz com você Luca — disse. — Esperei muito tempo por isso.

Não precisava me apaixonar, pois acreditava que já estava há muito tempo, porque um homem que não sentia nada não cruzaria o país para ir vê-

la como fiz muitas vezes. Agora tinha a chance de tê-la em meus braços e jamais a deixaria ir.

Estava a ponto de dizer isso quando ouvi sons de tiros, ricocheteando nos vidros. Do lado direito estava um carro escuro nos alvejando de balas.

Quando que fiquei descuidado assim? Sempre via o ataque antes, ainda mais quando estava sendo seguido. Hoje só estava focado em meu problema com a Jade, e em nossos sonhos, que sequer reparei.

Parei de pensar e acelerei o carro; como não podia chegar à casa de Matteo, que estava do outro lado, fui para o meu apartamento. Peguei minha arma no porta-luvas e pensei em abaixar o vidro para atirar, mas corria o risco de uma bala deles atingir a Jade; e dirigir e atirar ao mesmo tempo não era bom.

— Luca, eles estão... — ela olhou para fora na direção do carro.

— Vai ficar tudo bem, vou protegê-la. O vidro é blindado, estou indo para a boate. — Liguei para o Samuel. — Onde está?

— Na boate, checando algumas coisas...

— Prepare todos aí, porque eu estou sendo atacado. Quando eu estacionar na frente mete balas neles, limpe tudo, não quero ver nenhum cliente lá.

— Sim — respondeu e desliguei e me foquei na estrada.

Liguei para o Miguel.

— Aconteceu alguma coisa?

— Fomos atacados, então quem está atacando estava nos vigiando em nosso território, por isso liguei. Leve Luna para o clube do MC Fênix, fique com ela, ligue para Matteo, Alessandro e Nikolai, o meu celular está descarregando. Assim que chegar ao meu apartamento, eu ligo de novo. — Amaldiçoei quando a porra ficou preta.

Virei para Jade.

— Onde está o seu celular?

— Ficou em casa. — Ela se encolheu com outra rajada de balas.

Virei a esquina a 140kmh, quase fazendo a gente capotar.

— Porra! — Quando nos aproximamos da boate, eu vi que eles desaceleraram. Peguei minha arma e me virei para Jade — Fique no carro e não saia por nada, tudo bem?

Piscou, parecendo chocada, então jogou os braços a minha volta e me beijou. No começo foi simples, então a peguei pela cintura e aprofundei o beijo quase me esquecendo de onde estávamos e o que precisava fazer.

Ela gemeu, então me afastei sem querer e ofegante, um resultado que só vinha dos beijos e toques dessa mulher.

— Fique seguro — pediu, sorrindo, também ofegante. Bom pelo menos não era só comigo a dificuldade de respirar.

— Prometo. — Me afastei e saí do carro, entrando em ação. Meus

homens estavam ali me dando cobertura.

Demorou dez minutos para controlar a situação, isso com a ajuda de Matteo, que apareceu na hora, então os cercamos.

Eram três homens em um carro e dois no outro, quatro foram mortos e deixamos um para pegar informação. Ele foi tentar se matar, mas o impedi, tomando sua arma.

— Sem chance do inferno de você morrer rápido assim. — Soquei seu rosto deixando-o inconsciente.

— Que porra foi isso? — Matteo checou os braços onde tinha a serpente, então era o pessoal dos Rodins.

— Malditos Rodins — grunhi.

— Luca? — ouvi a voz fraca de Jade.

Praguejei em voz baixa.

— Vou levá-la para o meu apartamento — falei ao Matteo.

— Cuidado! — Sabia o que ele estava querendo dizer, mãos para mim mesmo.

— Ela vai estar segura comigo, meu telefone descarregou, então deixe Alessandro a par de tudo sobre o que houve aqui. Luna está na sede dos MCs.

— Eu sei, Nikolai e Miguel estão lá, e eles vão levá-las para a casa do Nikolai.

— Alessandro aceitou deixar a Luna ir para lá? — Pisquei.

— Não sozinha, só sobre a supervisão de Miguel. — Bufou. — Apesar de que não reclamo de sua proteção depois de tudo.

— Assim que ela adormecer, eu vou para o porão — avisei, e fui onde Jade me esperava, perto da porta do carro.

— Está tudo bem agora? Quem são eles? — De repente ela pareceu alterada. — Como está a Luna?

— Esses homens eram dos Rodins. — Peguei sua mão para ir em direção a entrada do meu loft. — E Luna está bem. Hoje, ela vai ficar na casa de Nikolai, e Miguel vai ficar lá a pedido de seu irmão.

A levei para o meu apartamento enquanto ela observava cada canto. A sala era espaçosa e aconchegante.

— Vou levá-la ao seu quarto, pode ficar nele hoje à noite.

Ela assentiu e me seguiu.

— Você vai pra lá torturar o cara? — sondou, não demonstrando nada.

Olhei de lado para ela querendo entender o que se passava em sua mente.

— Eles não vão precisar de mim, não quero deixar você sozinha. — Só esse final era verdade.

Ela mordeu os lábios. Fui até ela e coloquei dois dedos em seu queixo fazendo com que olhasse para mim.

— Jade, eu sei que não é hora para termos essa conversa, mas você sabe o que eu sou, não é? O que faço? Sou um executor, e não vou mudar isso, nunca. Não vou mentir para você, por isso quero que me diga se é isso que está a incomodando. — Esperava que não fosse.

— Não é isso, mas quando você mata alguém, você fica sombrio...

— Jamais a machucaria...

Ela me cortou.

— Não entende? Não tenho medo disso, só que dói aqui — colocou a mão no peito — Quando vejo você naquele abismo. Hoje, você não está, porque aposto que meus irmãos estão demorando com Gael.

— Me deixa te dizer algo... eu não ficava assim, porque não queria matar ou a consciência me impedia Jade, porque não tenho isso quando o negócio é matar. Mas sim, porque sempre que mato uma pessoa, eu penso ser o meu pai e perco o controle, pois nessa hora, eu o queria vivo para poder eliminá-lo de novo e novo. — Embora acreditasse que depois de hoje, passou, pelo menos lutaria para acreditar que sim.

Seus olhos ficaram grandes.

— Isso só faz mal para você. — Tocou meu rosto. — Não me importa quem seja e o que faz, sempre que precisar de mim, eu estarei aqui para você.

A puxei para meus braços, beijando-a novamente, e coloquei minhas mãos em seus cabelos saboreando aqueles lábios que eram o meu alimento.

Precisei de tudo de mim para me controlar e não pegá-la ali e jogá-la na cama, e então me apossar do seu corpo gostoso.

— Jade... — sussurrei nos lábios dela. — Preciso parar.

Estava tão excitado com os beijos dela, mas sabia que não podia continuar, hoje foi um dia ruim, só queria ficar ao lado dela e sentir o seu cheiro. No dia seguinte conversaríamos mais.

— Por mais que eu adore os seus beijos, você precisa dormir um pouco. — Me afastei e peguei um conjunto de pijama.

— Você guarda roupas de suas amantes aqui? Não vou vestir isso. — Ela parecia com raiva.

Ri, sacudindo a cabeça.

— É da minha prima, às vezes, ela vem e fica aqui. — Entreguei a ela. — Mas gostei do seu ciúme.

— Não tenho ciúmes — retrucou. — Pode deitar comigo até eu pegar no sono?

Vi que ela mordia o lábio.

— Posso sim, linda. — No dia seguinte, eu contaria sobre mim e a complicação que nosso relacionamento poderia ter.

Ela se trocou no banheiro enquanto me deitei na cama e ela veio na minha direção com um conjunto de pijama de seda. E colocou a cabeça em meu peito.

— Obrigada.

— Pelo quê? — sondei, confuso.

— Por me proteger e nunca desistir de mim. — Beijou meu coração, me fazendo arfar. — Por sempre me carregar aqui dentro...

Adorei a forma que meu coração pulsou ao ouvir isso, estava a ponto de falar que não iria desistir dela nunca, nem se o céu e a Lua desabassem e que ela sempre seria a coisa mais linda do meu mundo, mas ela adormeceu antes.



Capítulo 14

Jade

Abri meus olhos checando para ver se tinha sido apenas um sonho que tive com Luca me beijando e as coisas que ele disse. Então me lembrei da fuga e dos bandidos atirando em nós dois.

Nesse tempo imaginei como seria se fosse uma pessoa normal; sem viver na máfia ou ver tantas coisas ruins, mas aí pensava nas pessoas no mundo lá fora da máfia, onde também tinha alguns assassinos ou até pior.

De qualquer forma, eu jamais ficaria longe da minha família para trocar por uma vida normal; meus irmãos eram tudo na minha vida, e Luca... sentia que nos daríamos bem, pois gostava do cuidado e da proteção dele.

Na noite anterior, eu senti pela forma que me beijou que estava com fome. Vi nos olhos dele que foi tão difícil para não seguir em frente... fiquei imaginando o que teria acontecido se caso prosseguisse.

Levantei-me, e percebi que ainda estava meio escuro lá fora, então tomei um banho e fui procurar algo para vestir. No guarda roupas que pertencia à prima dele — que não recordava o nome, mas sabia que morava

na Itália — tinha muitos vestidos, saias e shorts jeans; então peguei uma saia justa e uma blusa leve de alça. Também tinha conjunto de roupas intimas, ainda com a etiqueta, da Victoria Secrets, de todas as cores. Peguei uma vermelha.

Sorri, sozinha, no quarto, me lembrando de como ele me protegeu e tomou conta de mim; ele ficou na minha cama até que eu dormisse e se comportou mesmo que eu não quisesse que se segurasse, já que queria mais de seu toque.

Se não tivesse acontecido tudo aquilo, talvez Luca tivesse me tocado, algo que eu sonhava há muito tempo, bom desde que ganhei hormônios e entendimento sobre o que era um homem.

Fui à cozinha fazer um café; estava a ponto de tomar quando ouvi um som estrangulado vindo de uma porta na frente da minha, acreditava ser o quarto de Luca.

Não pensei e só corri para lá pensando ter acontecido algo com ele.

— Luca? — Ele estava só de calção de dormir e suado demais, o seu peito cheio de tatuagem, mas vi as cicatrizes ali, que me fizeram perder o fôlego e doer meu peito.

Será que foi seu pai que fez isso com ele? Ouvi dizer que Enzo era sádico como o meu era. O bom que nenhum dos dois estava ali nesse momento. Isso não significava que os pesadelos foram embora com eles.

Precisava acordá-lo de seu pesadelo, então toquei seu braço chamando o seu nome.

— Luca acorde, você... — fui interrompida com um grito agudo assim que suas mãos pegaram meu braço e ele me jogou na cama pairando em cima de mim. Uma de suas mãos foi parar em minha garganta impedindo-me de respirar.

O meu coração batia forte em meu peito temendo que ele me matasse, porque seus olhos negros estavam vagos e distantes, me lembrando a uma pedra dura de Ônix ou um abismo, onde não se podia ver o final dele.

Sabia que por estar sem ar, eu só teria alguns segundos antes de cair na inconsciência. Levantei minhas mãos e esquadrinhei seu rosto tentando chegar ao fundo do abismo. A outra mão foi para o seu coração onde batia em um ritmo acelerado. Fazia isso sem tirar os olhos dele, então aos poucos seu aperto foi afrouxando e me ajudando a respirar.

— Lu... ca... so..u eu... — tentava dizer pelo pouco fôlego que tinha.

Então piscou e saiu de cima de mim me deixando tossindo na cama.

— Porra! — ouvi algo sendo quebrado no quarto e depois sua voz que parecia quebradiça, como vidro. — Jade, mas que droga! Por que foi me tocar assim?

Expirei, recuperando o ar e me levantei ficando na sua frente. Seus olhos foram para meu pescoço e uma sombra escura se apossou ali.

— Eu devia ter te chamado de longe, não foi sua culpa... — tentei tranquilizá-lo, mas só pareceu que isso o fez ficar mais louco do que já estava ao ver o meu pescoço, que com certeza tinha a marca de seus dedos.

Notei que o espelho estava quebrado e sua mão sangrando e pingando no chão.

— Você está machucado, deixa-me olhar. — Dei um passo na sua direção.

— Quem liga para a porra da minha mão? Você quase foi morta, olha como sua voz está?! Até rouca. — Ferveu indo olhar para a janela.

Arregalei os olhos vendo as cicatrizes em suas costas, eram piores que as da frente; mesmo com as tatuagens, eu podia discerni-las ali, como se alguém tivesse o batido demais. Meus irmãos também tinham ou se não pior.

— Estou bem, já disse que fui a errada de me aproximar assim, já fiz isso uma vez com Alessandro e fui arremessada na parede, fiquei alguns dias dura, devia ter me lembrado disso. — Apesar de achar que pudesse acordá-lo sem ele querer me matar pensando que eu fosse a pessoa de seu pesadelo.

Ele não respondeu, então com cuidado, eu fui à sua direção e toquei suas costas, o sentir se encolher, mas não se afastou do meu toque.

— Nunca gostei de mortes ou de desejar a morte de alguém, mas queria poder matar quem fez isso com você. — Minha garganta inchou devido às lágrimas no meu rosto.

Ele se virou e viu minhas lagrimas e riu com amargura.

— Eu quase a estrangulo e a mato e você não chora, mas chora ao ver as minhas cicatrizes? — Sacudiu a cabeça, descrente. — Não se preocupe, ele está morto.

— Não parece, não na sua mente. — Apontei.

— Você não sabe de nada, porra — rugiu na minha cara me fazendo dar um passo para trás, e depois saiu do quarto batendo a porta.

Na hora, eu fiquei em choque e solidária com a situação, mas me deu raiva, porque ele estava arrumando um jeito de colocar distância em nós dois, sentia isso.

Fui atrás dele, encontrando-o na sala com seu telefone na mão, mas o peguei.

— Mas que porra! — Olhou para mim. — Me dê ele de volta.

Não entreguei, só escondi entre minha saia e calcinha fazendo com que piscasse.

— Não, enquanto não me ouvir. Eu estou cansada de ter que ficar implorando por sua maldita atenção; eu acordei feliz, pois achava que estávamos nos dando bem, agora vem você colocando a porra da muralha da China entre nós e me jogando para longe?! — Fui pra cima dele batendo em seu peito.

— Droga, Jade! — Ele segurou meus braços e, eu comecei a chutá-lo

com as pernas, pena estar descalça e não com o meu salto agulha. — Vai acabar se machucando.

— Quer saber? Dane-se! — Puxei minhas mãos dele e fui em direção a saída.

— Você não vai sair daqui — ouvi seu rosnado atrás de mim.

O fulminei.

— Você não manda em mim, então me esqueça — rosnei com os punhos cerrados.

— Isso é impossível, já que vamos nos casar — disse o final com gosto amargo.

Isso doeu em meu peito, mas não ia obrigá-lo a fazer o que não queria, talvez quisesse, só que Luca não queria dar o braço a torcer para ficarmos juntos e deixar o que tínhamos florescer.

— Eu desmancho o nosso compromisso, já que você repudia a ideia de ficar comigo. — Virei para ir embora, mas sua mão segurou o meu braço.

— Mas que maldição Jade, eu quase a estrangulei... — estremeceu e sacudiu a cabeça como se fosse para expulsar os pensamentos ruins.

Dei um safanão nele puxando o meu braço.

— Já disse que eu que fui errada, em chegar daquele jeito e tocá-lo...

Me cortou com uma risada sombria.

— Me diz: E quando nos casarmos? Nós vamos dormir em camas

separadas? Porque é isso que vai acontecer, já que todas as noites, eu tenho esse maldito pesadelo querendo matar o meu pai de novo. — O veneno estava ali na sua voz, mas contra o seu pai e ele mesmo pelo que percebi.

Pisquei, chocada, não pensei sobre isso dessa forma. Se nos casarmos, eu teria que dormir sozinha? Como faria para ajudá-lo a superar?

Já vi pessoas ter pesadelos com o medo de que alguém voltasse e o machucasse, mas igual a Luca? Que pensava e sonhava querendo matar o pai de novo?

— Viu? — Apontou com gosto amargo. — Nosso casamento vai ser um fracasso total, e não vou poder dar tudo o que desejo que tivesse.

— O que eu desejo? — Lembrei-me do que disse a ele sobre querer ter um casamento abençoado. Claro que sugeri o casamento, mas foi para a aliança dos meus irmãos com os Salvatore, embora no fundo quisesse Luca de toda forma, esperava que ele também.

— Você quer ter um casamento realizado e o nosso não vai ser assim...

Interrompi.

— Por quê? Só por ter perdido o controle? No fundo, você voltou a si quando toquei em seu rosto e coração; vi o reconhecimento surgindo, então podemos trabalhar nisso, mas fica difícil ajudar enquanto me empurra para longe — expirei, controlando o meu estado.

— Não é só dormir Jade, é sobre o sexo também, nós não vamos poder fazer isso.

Olhei-o de forma dúbia.

— Você por acaso gosta de homem? Por que me lembro de você cercado de mulheres, então por que sexo seria um problema? Era fachada? — Mas o beijo que tivemos na noite anterior mostrava que ele me desejava também.

Riu, sombrio.

— Não é esse o problema, o meu beijo com certeza mostrou isso a você, a fome que senti ao beijá-la. — Seus olhos foram para minha boca. — A última vez que fiquei com uma mulher, eu quase a matei, como você hoje, mas era enquanto a fodia. Já me imaginou fazendo isso com você? Não posso deixar acontecer, então...

— Você está querendo dizer que quando casarmos, nós não vamos dormir juntos e também não vamos transar? — Minha voz se elevou com essa notícia bombástica.

Dei as costas para ele indo para a cozinha precisando de algo gelado.

Ouvi seus passos atrás de mim, mas precisava organizar os meus pensamentos antes de encará-lo. Certo, poderia me casar com um homem, todo dia vê-lo nessa situação todo nu e resistir? Merda, seria como um viciado resistir ao seu vício.

Então surgiu uma ideia e me virei para ele, escorado no batente da cozinha com os olhos estreitos.

— Você tem algemas? — sondei. Claro que tinha, afinal era um mafioso.

Apontou para o quarto, mas franziu a testa, com certeza se perguntando o que eu ia fazer. O bom que a sombra escura de seus olhos estava sumindo, parecia o abismo, gostava mais de ver o Sol refletido neles.

Passei por ele tentando não olhar para o seu peito cheio de músculo onde enchia minha boca de água. Resistir a isso? Impossível, então precisava arrumar um jeito de conseguir fazer com que superasse isso; tentaria essa minha ideia antes, ou sabia que precisaria de uma ioga ou ter um maldito autocontrole para não pular em cima dele como um macaco aranha.

— Onde?

— Na gaveta. Vai me dizer o que vai fazer? — ouvi impaciência em seu tom.

Ignorei seu tom e peguei as algemas de prata e me virei para ele com um meio sorriso.

— Deita-se na cama. — Apontei para ela.

Seus olhos negros ficaram grandes, mas vi calor com minhas palavras.

— Vai me algemar? Por que isso faria o pesadelo ir embora? —

zombou.

— Por que não cala a boca e se deita para que eu mostre? — rosnei.

Ele suspirou.

— Isso não vai resolver de nada. — Sacudiu a cabeça, mas foi se deitar no meio da cama. E me ofereceu os punhos.

— Pare de ser pessimista ou pensa em virar um monge? — Fechei as algemas e me curvei em cima de sua cabeça para prendê-las na cabeceira da cama.

Ele riu.

— Uso muito bem as minhas mãos. — Parecia com a respiração irregular olhando para meus peitos.

Nunca fui tímida, claro que não fiquei com ninguém, mas isso não tinha nada a ver com isso, mas sim, porque só pensava em Luca. Também não sairia transando por aí, pois não fazia parte da lei da minha família, já que a forma que as mulheres eram julgadas era severa, nem sabia se Alessandro poderia mudar tal coisa.

O mundo era egoísta, aliás, a máfia era; os homens podiam fazer tudo que nada era errado, mas a mulher se saísse da linha ou se acontecesse algo como me aconteceu, não era mais bem vista pela sociedade, sendo que nem tive culpa. Se as leias dos Salvatore não vissem isso, então eram todos hipócritas.

Tirei minha blusa e saia fazendo-o gemer assim que me viu só de conjunto de lingerie de renda. Peguei o seu celular e coloquei na mesinha, deixando-o no silencioso, já que não queria que ninguém nos interrompesse nesse momento.

— Você está querendo me torturar, é isso? — rosnou com os olhos quentes, remexendo as algemas em seu pulso.

Sorri e levei minhas mãos em seu short.

— Você faz isso muito bem. Agora vamos ver como reage quando a situação é com você sendo a presa — provoquei.

— Merda Jade, o que pensa em fazer? — Sua voz era rouca com desejo e luxuria.

Gostei do som disso, por isso tirei o short dele com sua cueca e me deparei com um pênis duro, grosso e muito impressionante.

— Me alimentar, pois estou faminta. — Mordi os lábios.

Claro que já vi um nas revistas e em sites de pesquisa, mas isso? Era formidável e chegou a me dar água na boca.

— Merda! Isso me mata, sabia? Ver o desejo em seus olhos, querendo meu pau, você o quer nessa sua boquinha linda? — remexeu-se deixando seu membro mais rígido.

Nunca coloquei, mas vendo-o ali me deu muita vontade e curiosidade. E, eu era daquelas mulheres que se quisesse algo lutava por aquilo; Luca era

meu e não deixaria que sua escuridão me impedisse de tê-lo.

Sentei-me em seu quadril fazendo-o gemer mais. Curvei e beijei o seu rosto. Queria fazer isso mais íntimo ao invés de ser puro sexo; queria a proximidade e teria.

— Sabe o que pensei? — Fiquei ali montada nele e o fitei para que entendesse o meu plano. — Você tem medo de me atacar na hora do sexo e na hora de dormir também, então pensei, por que não algemá-lo? Isso o ajudaria a se acostumar comigo e com o meu cheiro e toque, tanto no sexo quanto na hora de dormir, por isso vou dormir com você todas as noites.

Seus olhos desviaram dos meus seios e foram para o meu rosto, agora parecendo estar com medo. Sua máscara séria tinha sumido desde quando fiquei perto dele, aquela que ele colocava para todos enxergarem apenas o homem cruel e impiedoso que era.

— Jade...

— Me responda uma coisa: Já dormiu com uma mulher antes? Não falo de sexo, mas sim na mesma cama? Acordar juntos e essas coisas? — Sabia que no fundo, eu não queria saber disso, mas para o bem de nossos treinos, eu precisava saber.

— Não, nunca dormi com ninguém, mas soquei o Matteo e Samuel quando foram me acordar algumas vezes, — Seu olhar foi para a marca no meu pescoço e vi a culpa ali.

— Tudo bem — comecei, antes que dissesse algo, como para me parar. — O que penso é que talvez você não esteja acostumado a ter gente do seu lado na hora de dormir, isso facilita o surto quando alguém toca em você. Mas podemos fazer assim, até o dia do nosso casamento, nós dormiremos na mesma cama e poderemos algemá-lo; pode ser desconfortável no começo, mas acredito que isso vá amenizar as coisas para que comece a sentir o meu toque e minha presença ali.

Ele ficou calado, acho que digerindo o que falei.

— Podemos tentar isso, ou você terá bolas azuis por muito tempo, porque se eu souber que me traiu, eu aplico um desses venenos aqui em você. — Levantei meu pulso para a pulseira que tinha as drogas, tranquilizantes e venenos.

Com isso, ele riu.

— Não fico com ninguém há quase um ano, desde a última vez que quase matei a garota que estava. Sei que prometi me manter fiel a você e fui por um tempo, mas assim que matei meu pai, eu precisei esquecer e tirar a raiva de tudo. Foi só essa vez e me arrependi de ter feito. — Suspirou.

— Sei disso, e não vamos pensar no passado, afinal nem tínhamos nos tocado na época, mesmo ansiando por isso. O bom é que agora tenho você todinho para mim.

— Tudo bem, vamos tentar. Mas um pesadelo e algemas não serão

muito bons no começo.

Sorri e beijei seus lábios e ele aprofundou mais o beijo enquanto as minhas mãos passeavam pelo seu corpo.

— Não tocar em você está sendo uma tortura, sabia? — rosnou na minha boca.

— Bom, já é o começo, porque assim você pensa nisso e não em outras coisas que o faz surtar. — Trilhei um caminho de beijo até seu peito e peguei o bico com os dentes, mas não apertei. — Quando isso vier pense nessa sensação que está sentindo agora, o fogo, a minha língua e o desejo que sente.

Minha língua desceu, trilhando seu abdômen sarado e cheio de cicatrizes; eu beijei cada uma delas querendo tirar as lembranças que elas traziam a ele.

— Jade...

— Shiii, só aprecie cada toque meu. — Coloquei meus lábios na coroa de seu pau e senti o pré-semem saindo dali e por incrível que pareça gostei da sensação.

— Porra, isso é bom — ouvi o tilintar das algemas. — Tire a calcinha e traga a sua boceta aqui para eu lamber também, estou sonhando com isso há muito tempo.

Minha boceta estava latejando tanto com suas palavras como por eu

tocá-lo intimamente como estava fazendo. Afastei-me e tirei a calcinha e sutiã e olhei para ele não sabendo como fazer.

— Coloque essa boceta aqui no meu rosto para eu lambê-la e você coloque o meu pau nessa boquinha maravilhosa.

Ajeitei-me na posição que me orientou, me sentindo arrepiada.

— Espero que não surte e coma a minha boceta, pois aí terei que fazer o mesmo com as suas bolas — ameacei, e gemi com sua risada entre minhas pernas.

— Vou comê-la sim, mas de outra forma. — Abri minhas pernas para ele e o senti ali, a sua língua quente e expert.

Coloquei seu membro duro e saboroso mais fundo na minha boca, embora não tudo, já que o homem era grande. O que não consegui, eu coloquei minha mão e movimentei da mesma forma que minha boca.

Luca enfiou sua língua em mim e depois puxou meu clitóris me fazendo estremecer.

— Adoraria ter minhas mãos livres parar enfiar os dedos aqui. — Voltou a lamber e chupar meu clitóris tanto que tive que empurrar-me mais em sua direção e acelerei mais o meu trabalho nele. — Jade se não parar agora, eu vou gozar na sua boca... já faz tempo...

Não parei e só apressei meus movimentos e o senti tenso, então logo o senti bater no fundo da minha garganta e não parei até não restar mais nada;

explodi logo em seguida, mas o que me impediu de gritar foi o seu gozo.

— Puta merda, você me deixou mole, mulher. — Deu um beijo de leve em minha boceta.

Fiquei deitada ali por um segundo tentando recuperar o fôlego depois de um sexo oral fenomenal.

— Está aí? — ouvi diversão em sua voz.

Sentei-me e me curvei em cima dele para tirar as algemas, então gemi assim que ele pegou um dos meus seios na boca, já que estava no seu rosto.

— Estava louco para senti-los. — Assim que suas mãos estavam livres, ele me colocou de costas na cama e pairou em cima de mim, me beijando. — Amei seu gosto na minha boca, parece mel e, eu amo mel.

Coloquei minhas mãos em seus cabelos.

— Não sei onde tirou o surto que quase machucou a garota. — Franzi os lábios. — Há quase um ano? Não foi quando o seu pai morreu?

Suspirou e colocou a testa na minha com os olhos fechados.

— Tinha acabado de matá-lo; deixei a fúria me consumir e não tive com ele o suficiente, isso me faz ficar vendo seu sorriso zombando de mim por ter aliviado a sua morte e não tê-lo feito sofrer como merecia — expirou. — Ele merecia ter ficado dias sofrendo, e não ter morrido daquele jeito.

— Luca. — Esperei-o abrir os olhos. — Talvez você não tenha crise com o sexo, foi só naquele dia, já que aconteceu tudo e você ficou furioso e

isso extrapolou e acabou dando um surto, mas não quer dizer que vá acontecer de novo.

Ele pareceu pensar por um segundo.

— Acho que você está certa; não deveria ter tocado em ninguém aquela noite, o bom que a garota não morreu. — Beijou meus lábios. — Vou treinar com você sobre dormir juntos. Isso é real e bem sério, meu pai enviava homens dele para me baterem enquanto eu estava dormindo, sua resposta *‘’Fique sempre preparado.’’*

— Seu pai era um filho da puta doente, mas o meu também era. — Me encolhi pensando no que ele fez.

Alisou o meu rosto.

— Lamento pelo que houve, prometo que de hoje em diante ninguém voltará a tocar em você — expirou o meu cheiro. — Quando os seus irmãos pediram uma reunião, eu quase fui a sua procura, porque sabia que eles pediriam uma aliança, então a veria sempre. A garotinha que cuidou de mim com as costelas fodidas.

Sorri, aliviada.

— Você é o mesmo...

— Poderia ter ido atrás e ajudado você de alguma forma com o seu pai.

Fiquei entristecida por ele pensar assim.

— Ninguém iria contra o meu pai, pois quem fosse morreria. — Toquei seu rosto com barba por fazer. — Mas valeu, o bom foi que ele não obrigou o Gael a prosseguir com o castigo...

— Ele ainda está pagando pelo que fez até hoje, acredito que desejaria ter sido morto, mas não cometi o mesmo erro que fiz com o Enzo, com esse, eu controlei, embora houvesse sido difícil, ainda mais ao imaginá-lo te tocando.

— Quer tentar agora sem estar algemado? — Me remexi na cama e o senti pronto de novo.

— Adoraria... — foi cortado com um alarme na porta e, depois uma batida na porta do quarto. — Porra!

Pulou da cama, vestindo seu short e jogando o lençol para mim.

— Será que são os meus irmãos? — Peguei minhas roupas e fui para o seu banheiro.

— Não. — Olhava seu celular. — Maldição! Quarenta chamadas do meu primo. Deve ser ele. Enquanto converso na sala, você toma um banho.

— Luca? — Parei na porta do banheiro. — Estamos bem?

Ele sorriu.

— Mais do que bem, agora que tive um gostinho de você, eu sempre irei querer mais. — Beijou meus lábios e saiu.

Entrei no banheiro e dei pulinhos, feito uma adolescente ao realizar o

seu desejo. O bom era que o meu não tinha prazo de validade, assim torcia.



Capítulo 15

Luca

Na minha frente estava Enzo, que sorria de forma cruel.

‘’Você é um inútil e não presta para nada, tão igual à vadia da sua mãe.’’ Era sempre assim que ouvia.

Entretanto dessa vez, eu ouvi uma voz diferente, além das ameaças de Enzo que me enchia de fúria.

— Luca, por favor, acorde, é um pesadelo. — A voz parecia distante, mas a ouvi me chamando mais a cada segundo. Tinha um barulho no fundo.

Sabia que estava sonhando, era sempre assim, o via me provocando e então acordava ofegante e furioso.

Mas agora tinha algo preso nos meus braços, porque sentia uma dor aguda, então abri meus olhos e puxava as algemas, embora a visão estivesse embaçada. Devagar, eu fui ganhando foco notando que estava no quarto da casa de Matteo. Então recordei o motivo de estar algemado.

— Luca, sou eu. — A voz me chamou de novo.

Pisquei e vi a Jade, sentada na cama, ao meu lado, e notei que o

barulho era meus próprios rugidos e gritos.

Ela estava de olhos arregalados.

— Você está bem? — avaliei cada parte dela para checar se não a tinha machucado de alguma forma.

Ela riu.

— Você surta e se machuca, mas ainda pergunta se estou bem? — Sacudiu a cabeça e apontou para as algemas. Pegou a chave e as abriu.

Segui para onde estava olhando e vi que meus pulsos estavam em carne viva.

— Merda! Eu estava gritando? Como ninguém apareceu aqui? — Suspirei, averiguando-os. Nas últimas três noites que estávamos fazendo isso não foram tão feias como essa, acho que foram devido às suas palavras usando o nome da minha mãe. Bom, no sonho, porque os mortos não vinham para nos assombrar, não acreditava em reencarnação e essas merdas.

Jade se levantou e foi até o banheiro, em seguida, veio com a caixinha de primeiros socorros.

— Falei para eles não se preocuparem, pois estava tudo sob controle. Mas da próxima vez que algemá-lo vamos ter que pegar aquelas com protetor para não machucar seus pulsos. — Sentou na minha frente. — Da outra vez, você não surtou tanto a esse ponto.

— Sob controle? Merda, eu não sei como não acharam que eu estava

matando você. — Me encolhi com essa última palavra.

— Talvez estejam pensando que estamos tendo um sexo quente. — Piscou com um sorriso, mas depois ficou séria. — Falando sério, está bem agora?

As lembranças se foram, embora ainda sentisse a escuridão me cercando; eu deixaria isso ir, só precisava me acostumar com tudo. Por Jade, eu faria tudo.

— Estou bem — falei, assim que ela terminou o serviço. Toquei seu pescoço onde tinha machucado antes, ainda estava meio escuro, embora colocasse maquiagem para que ninguém notasse. — O bom que não a machuquei.

Sorriu.

— Vai dar certo, você vai ver, logo vou dormir ao seu lado e não vai ter nenhuma crise, você só irá pensar em mim e me acordar com sua boca em meu corpo. — Beijou meus lábios.

Aprofundei mais o beijo com um gemido, e teria aprofundado mais e aproveitado, mas uma batida na porta me interrompeu.

— Temos que ir Luca — disse Samuel.



Sabia que era para eu passar essa semana treinando — dormir ao lado de Jade — mas precisei ir para Dallas.

Nosso primeiro treino foi ruim, mas o bom foi que não a machuquei; e continuaria fazendo isso só para... temia só de me imaginar deixando alguma marca em sua pele linda; sentia muita raiva por ter essa merda. Tudo graças ao maldito Enzo.

Lembrei-me de Jade dizendo que me ajudaria a resolver isso, e com certeza ela o faria; não havia nada que minha garota não fizesse.

Ri, sacudindo a cabeça.

— Você vai ser morto — avisou Samuel me avaliando. — Merda! O que vi aqueles irmãos Morelli fazendo com o Gael até me senti um santo, e olha que isso, eu não sou e jamais serei.

Naquela manhã, há três dias, que estava com Jade e perdi as ligações de Matteo, ele ficou furioso, ainda mais quando percebeu que eu tinha tocado a Jade, só não sabia o que fiz, afinal, eu não ia discutir isso com ele.

Os Rodins fecharam o círculo atacando um dos nossos cassinos e uma das boates de Nikolai e Alessandro. O maldito fechou o cerco.

Antes de deixar a Jade dormindo naquela noite, depois que fomos atacados a caminho da boate, eu tinha decidido e feito o meu trabalho torturando, aquele membro dos Rodins e descobri onde alguns estavam.

O chefe deles estava na Espanha, e se aliou ao Patrick Petrovan, o irmão de Pietro Petrova, chefe da máfia Russa. Pietro tinha deixado a filha dele para ser protegida pelos Dragon, Alexei, que ficou encarregado disso.

Patrick queria a garota, já que tudo que era do seu pai pertencia a ela.

Estávamos no jatinho agora indo para Dallas a fim de resolver o problema, pois Nikolai comprou uma boate que os Destruttore queriam, e para apaziguar as coisas, Matteo me enviou a essa missão, já que serei o cunhado deles.

— Você gosta de mexer com fogo — continuou Samuel, assim que não respondi.

Nos conhecíamos há muitos anos, e viemos de pais fodidos também; ele não teve uma vida fácil, pelo que me contou ia na igreja e gostava, então teve idade para se tornar um homem de luta e seu pai pegou pesado com ele para ensinar tudo sobre como ser um guerreiro, mas o monstro como Enzo e Giovanny, o pai dele, não sabia o que era ensinamento, era somente espancar.

Já vi Samuel em seu pior estado quando era novo, com costelas e ossos saindo da carne, e tudo graças a seu pai. Hoje, eu não via mais aquele garoto devoto de uma igreja, mas sim um que levava um rosário para onde ia, enrolado em seu pulso, e quando matava alguém, com o próprio rosário, ele entregava a alma da vítima ao inferno. Bizarro, eu sei.

— Não quero nem saber o que está pensando — disse com um suspiro. — O passado deve ficar lá, enterrado, Luca, pensar nele é um desperdício de tempo.

O homem era bom em ler expressão, certamente deixei a minha

fachada cair, mas não gostava de conversar sobre Jade com ninguém, agora a queria só para mim.

Eu não pensava muito no passado, só, às vezes, que surgia a vontade de ter mais uma chance com o Enzo e estraçalhar o maldito de forma lenta.

— Acredito nisso também, mesmo que, às vezes, eu me pegue pensando no que poderia fazer, as coisas que gostaria de ter feito com Enzo se não tivesse deixado o meu autocontrole se esvair. — Bebi um pouco da bebida.

— Também pensava isso com o Giovanny, a forma que ele matou os meus irmãos e minha mãe. — Sacudiu a cabeça. — Depois se matou. Ele não merecia uma morte assim, mas hoje penso diferente, já que não podemos mudar ou voltar no tempo.

— O que levou você a não pensar nisso para não ter pesadelos? — Não achava que podíamos chamar isso de pesadelo, já que eu não gritava com medo, mas rosnava de fúria por não ser real e não poder decapitar Enzo.

— A Liliane entrou na minha vida, e hoje não penso em nada disso. Claro que penso em minha família que se foi, mas não fico me culpando pelo que houve como fiz por anos. — Ele circulou uma corrente no pescoço.

Lis foi uma das meninas mantidas em cativeiro pelo Lorenzo, mas com ela não chegamos a tempo, foi bem quando soubemos do que acontecia; Matteo a salvou depois que 20 homens fizeram fila para violentar a garota,

ela quase morreu e ficou sobre os cuidados de Samuel e sua avó Matilda. O único homem que a garota não repelia era somente ele. De fato, isso era uma coisa profunda que deixava marcas em uma adolescente, com certeza cheia de sonhos, e que foram roubados dela.

Uma parte de mim se enchia de alívio ao saber que Jade não teve isso; não teve sequela por toque, e não falava isso só porque desejava o seu toque como desejava. Acreditava que ninguém merecia tal coisa.

— Como ela está?

Sorriu. Os únicos que me fazem ser eu mesmo era Samuel e Matteo. O que não era diferente deles também; não nos escondíamos com expressão dura.

— Bem, fomos almoçar semana passada, e ela não surtou como muitas vezes acontecia quando alguém esbarrava nela sem querer. — Suspirou. — Dizem que o tempo cura tudo, então estou esperando.

— Esperando para pedir que se case com você? — chutei.

— Sim, mas não vou deixá-la saber as minhas intenções até ela estar pronta para um relacionamento. — Passou a mão no cabelo. — Sinto que ela gosta de mim, só tem medo pelo que houve.

— Cinco anos? Mostra como se sente a ela, pequenos gestos e essas coisas que mulher gosta; faça com que ela saiba que sente o mesmo, talvez isso a faça superar e você poderá ajudá-la com isso — falei.

— Está tentando fazer isso com Jade ao dormir com ela no quarto? Vi que estava com ela em seu quarto, fora a parte dos gritos. — Seus olhos bateram nos meus pulsos enfaixados por causa das marcas de algemas.

Tentamos algumas noites fazer o que ela falou, até tive pesadelo de novo no início, mas ao sentir o cheiro dela a neblina nebulosa da minha mente foi se dissipando. Embora de manhã houvesse sido pior. Sabia que levaria tempo para que eu ficasse cem por cento, mas chegaríamos lá, acreditava nisso.

— Sim, pela primeira vez na vida, eu dormi algumas horas de sono. Isso leva tempo, mas como vou me casar e ela quer um casamento real, então preciso superar. — Nunca fui de desistir por aquilo que queria, só fiz isso uma vez quando não fui atrás dela. Embora fosse para sua proteção.

— Se Liliane se afastar depois de dizer o que sinto? — Deu um suspiro duro. — Nunca me senti assim com medo da resposta de alguém; sou mais mil vezes enfrentar 30 homens no mano a mano do que esperar por essa resposta. Mas assim que chegar, eu vou falar com ela.

Dei um tapa no seu ombro.

— Vai nessa, cara, você podia usar esse rosário que carrega e começar a rezar ao invés de enviar as almas dos assassinos ao inferno — brinquei.

Bufou.

— Não acho que Deus ouviria alguém como eu a pedir um milagre assim, para que Liliane viesse a ter o mesmo sentimento que eu. Já para enviar as almas dos criminosos pode me ouvir. — Deu de ombros. — Seja como for, não é por isso que tenho um rosário e uso quando alguém morre ou eu mato.

— Não? Então por que faz isso se acredita que Deus não ouvirá criminosos como nós? — Fiquei curioso com isso.

Sorriu e sacudiu a cabeça.

— Só revelo isso à mulher que for dividir a minha cama, e cara, você não faz meu tipo.

Os únicos que brincavam dessa forma, livre, éramos nós dois e Matteo, isso quando não tinha ninguém por perto.

Revirei os olhos.



Chegamos a Dallas e fui ao meu encontro na boate que Nikolai comprou, a que Rayssa, a filha de Pietro trabalhava.

Estava sentado na poltrona da sala ouvindo Alexei reclamar por não querer olhar a filha de Pietro.

— Você devia ficar aqui no meu lugar — disse.

Suspirei.

— Tenho negócios a realizar, e não posso ficar vigiando alguém.

Muito menos uma pessoa como ela, com as coisas apontadas na sua direção. — Olhei para Rayssa, através das câmeras que estavam instaladas ali, nos computadores para checar a boate e o movimento.

Ela usava um vestido meio folgado em seu corpo e tinha os cabelos presos num coque, com alguns fios escapando do penteado. Tudo na garota gritava fragilidade.

— Como andam as coisas com o Alessandro? — perguntou, ignorando o meu comentário.

— Estão indo. — Não menti quanto a isso, a data do casamento seria dentro de dois meses na Itália.

Fingi estar aborrecido, embora não fosse fingimento, já que era para eu estar com ela agora, e ali estava eu.

— Como andam os preparativos para o casamento? — Sorriu Alexei. — Terá uma grande lua de mel, porque a garota é uma gata. Isso se os irmãos dela deixarem e não forem junto só para acabar com você.

— Nosso casamento é uma aliança e não envolverá nada íntimo. — Não ia falar sobre Jade com ninguém, afinal isso não era assunto dele e nem de ninguém. Haveria muita intimidade, assim esperava. Só de pensar nela, eu ficava duro, e isso não era nada bom sendo que o irmão dela estava para chegar ali.

— Vai ter que usar muito as mãos, porque se pular a cerca, acredito

que um deles o castrará e o fará comer seu pau. — Riu Alexei. — Eu faria isso com o seu *Capo* se ele traísse a minha irmã.

Matteo trair a Irina? Isso nunca, meu primo adorava o chão que aquela mulher pisava.

— Sem sexo, hein? — continuou, assim que eu não disse nada.

Dei de ombros, e apontei para a tela da TV com as câmeras.

— Essa menina é um cordeiro, olhe para ela... Não parece nem notar alguns caras a secando. E se ela nota, não demonstra. — A garota estava servindo a mesa de um grupo da faculdade.

— Ela não parece se importar com nenhum deles — observou Nikolai. — E aquele rapaz sentado no bar observando ela há horas?

— Simon Smith, é o nome do infeliz — grunhiu Alexei. — Já chequei tudo sobre ele e sua família. O garoto mora aqui desde que nasceu e tem uma oficina mecânica. Tudo limpo.

Alexei tinha caído pela garota, isso estava em seu rosto, mesmo querendo lutar contra.

— O que é isso? Ciúme? — Nikolai perguntou, incrédulo.

Enquanto Nikolai e Alexei conversavam, eu tomei minha bebida querendo que tudo isso passasse logo para poder ir até a Jade; a vi hoje cedo e já estava com saudade.

— Acha que ele vai entender por que compramos esta boate, ou

teremos outra guerra? — ouvi Alexei perguntar.

Conhecendo Alessandro, eu não duvidava de nada.

— Não haverá guerra, por isso Luca está aqui, para apaziguar as coisas — disse Nikolai.

— Como se aquele *ghiaccio* ouvisse alguém. — Alessandro era conhecido por sua frieza. Claro que éramos frios e tínhamos que ser ou seríamos considerados fracos diante de nossos inimigos, mas ele era gelo puro. Inexistia sequer uma foto dele sorrindo em qualquer lugar. A única emoção que enxergava em seus olhos aparecia quando olhava para as irmãs.

Os olhos de Stefano pousaram em mim por um segundo.

— Reunião interessante, Nikolai. Eu não achei que precisasse da ajuda do meu cunhado. — Stefano sorriu de forma provocativa, zombando disso.

— Não preciso da ajuda de ninguém para eliminar você — falou Nikolai de modo frio.

Aqui tinha tubarão contra tubarão, não sabia quem era o mais feroz deles, acho que Alessandro.

— Stefano — alertou o *Capo*, sem expressão, como se tivesse sido esculpido em gelo.

— Temos assuntos a tratar — apontou Alessandro, esquadrinhando a sala. — Cadê o Danilo?

Danilo era o antigo dono da boate.

— Não achei necessidade de mantê-lo aqui — devolveu Nikolai, no mesmo tom.

— Claro que deveria, afinal de contas, o bastardo vendeu a vocês o que era para ser nosso — grunhiu Stefano. — Não cederemos o Texas a ninguém.

— Não quero o Texas, isso fica para você e Miguel, já que ele possui parte desta região — informou Nikolai.

Depois começaram a discutir sobre Rayssa e seus motivos por ter comprado essa boate; deixei que conversassem e enviei uma mensagem a Jade.

‘’Oi, está aí?’’

Esperei que respondesse, ansioso, não estava entendendo como me sentia em relação a ela. Será que poderia fazer alguém como ela, feliz? Lutaria para que isso acontecesse.

— Por isso, o Alexei está aqui — entrevi e vi quando chegou uma resposta dela. Ignorei a provocação de Alexei e Stefano; dentro de pouco tempo, eles sairiam nos socos.

‘’Um mafioso enviando mensagem para sua noiva?’’ Abaixo tinha um coração pulsando.

‘’Só envio para você; estou sentindo sua falta’’ escrevi logo quando

Samuel entrou.

— A bebida chegou. — O conhecia para dizer que parecia se divertir, não entendi. Mas então Rayssa entrou com uma bandeja nas mãos.

A menina parecia um gato assustado e ficou pior ao ver todos os homens na sala, imagina se soubesse que todos ali eram assassinos? O pior é que ela foi ficar perto de Alexei como se estivesse aliviada por estar ali ou por ele estar bem, a vi checando-o.

‘’*Também estou sentindo sua falta’’* Antes que escrevesse, ela mandou outra: ‘’*Quando vai voltar?*’’

Queria poder ligar e ouvir sua voz, porque seria melhor do que presenciar Alexei com ciúmes de Stefano dando em cima de Rayssa.

‘’*Daqui a alguns dias, não sei ainda’’* Mandei e depois enviei outra: *‘’O que está fazendo?’’*

Já passava da hora de dormir em Chicago. Será que estava com seu pijama ou de calcinha?

— Vou adorar enfiar minha faca em sua garganta e esculpir um sorriso nela — esbravejou Alexei para Stefano.

Mas Rayssa o puxou para longe e saíram da sala depois de dizer algumas verdades a Stefano, que estava sorrindo sem ligar para a cena. Nunca imaginei Alexei com ciúmes. O Russo loiro de olhos azuis era cercado de mulheres antes de conhecer essa menina.

— Não sou uma prostituta, só atendo as mesas. — Trincou os dentes. — E mesmo se fosse, eu jamais ficaria com alguém como você.

Nikolai mandou os dois saírem e ergui a sobrancelha para ele.

— O que foi isso?

— Pedi ao Stefano para dar em cima da garota para checar o que Alexei sentia por ela. — Nikolai se sentou e pegou um copo de uísque.

— Você é casamenteiro agora? — evitei bufar com isso.

Revirou os olhos.

— Não, mas o conselho exigiu que Alexei se casasse com a Rayssa assim uniremos as famílias, já têm muitos por aí pensando a mesma coisa. — Olhou para Stefano. — Está pensando o mesmo? Por que não gostaria de ser inimigo de vocês.

— Fora a parte de o Alexei fazê-lo de sardinha — falei.

Stefano bufou.

— Nunca serei amarrado por ninguém, e casamento é uma forca, é melhor você colocar uma corda no pescoço e se matar antes. — Foi beber também.

Vi Nikolai revirar os olhos.

— Alexei pensava assim como você, e hoje tentou te matar por causa dela. Antes disso, ele só morria e matava por uma mulher, a Irina. — Ele fitou uma câmera onde Rayssa e Alexei entraram e uma porta do outro lado

corredor. — Acredito que por ela também. Isso facilita as coisas.

— Meu pau nunca terá uma dona — grunhiu.

Mudei de assunto e olhei para Alessandro.

— Resolveu as coisas com os traidores? — Se passou três dias após o Gael ser capturado e morto.

— Estou resolvendo isso, vou fazer a armadilha daqui a alguns dias na Itália, uma reunião geral. Precisarei de você. — Apontou para mim. — Já que será meu cunhado, quero que alguns dos meus homens o conheçam como tal.

Itália? Será que poderia levar a Jade comigo? Éramos noivos, então poderíamos andar juntos. Quase ri. Lembrei-me dela dizendo que gostaria que agíssemos como tal. Um passeio a Itália contaria como um encontro, né?

Assenti e me virei para Nikolai.

— E quanto ao Patrick, alguma notícia dele? — ouvi um apito de mensagem.

— Até agora nada, mas ele não vai ficar sem fazer avanço com a garota — disse Nikolai.

— Se não for precisar de mim aqui, eu posso ir lá embaixo? — Virou-se para o irmão dele.

Alessandro assentiu.

— Ótimo, vou ver se acho uma gata para foder. — Saiu da sala.

Os dois começaram a falar de negócios; sabia que deveria estar prestando atenção, mas estava curioso com a mensagem que me foi enviada.

‘’*Estou aqui agora me tocando e pensando em você*’’ Um *emoji* de língua.

Merda! Segurei um gemido ou teria que explicar isso a seu irmão.

‘’Ganhei isso da Irina’’ Um bonequinho sorrindo, seguido de: *‘’Devo usar?’’*

Depois uma foto dela de lingerie e um pênis de borracha na cama.

— Puta que pariu! — falei antes que pudesse me segurar. E levantei os meus olhos onde encontrei os olhos azuis de Nikolai e os verdes de Alessandro me encarando.

‘’Não se atreva ou essa bundinha linda ficará vermelha de palmadas assim que a ver. O único pau que terá será o meu.’’

— Essas mensagens devem ser importantes, já que está quase meia hora aí escrevendo — apontou Nikolai.

Suspirei e pensei em mentir, mas eles dois sabiam que eu estava conversando com alguém, e com certeza deduziram que fosse uma mulher, e não queria Alessandro pensando nada que não existia.

— Jade quer um relacionamento sério, namoro, encontro e essas coisas, então estamos nos falando por mensagens e espero que quando formos para a Itália que ela possa ir conosco. Acho que isso seria um...

encontro? — No final pareceu mais uma pergunta.

Nikolai sorriu.

— Sim, mulheres adoram viagens. — Uma batida na porta nos fez olhar.

Uma mulher entrou; ela tinha cabelos longos e muita maquiagem.

— Estou aqui, porque fui chamada — disse, avaliando cada um de nós.

Deixei-os conversando; parecia que Nikolai queria fazer com que a Rayssa visse Alexei com essa mulher. Como para provar o que ela sentia assim como fez com o irmão dele.

‘’Para mim só existe você, só vou querer o seu pau e o de mais ninguém’’

‘’Não escreva palavras assim enquanto estou longe e não poder devorar esse corpinho.’’

— Que tal você parar de fazer sexo com a minha irmã por telefone? — rugiu Alessandro, fazendo com que a garota saísse correndo da sala.

Mas antes de ela sair, eu a ouvir dizer. ‘’Vou fazer, senhor Dragon’’

Ergui as sobrancelhas.

— Não estávamos fazendo nada disso — menti. Claro que ele não caiu nessa.

— Espero que a respeite da forma que ela merece, ou as coisas não

ficarão bonitas para você.

Estreitei meus olhos.

— Não me importo com suas ameaças e não tenho medo delas, apesar de que jamais iria matá-lo por uma única razão, isso destruiria a Jade. — Fiquei de pé e de frente para ele. — Me diga, estou tentando fazer isso certo, quero que ela seja feliz e você também deseja isso. Então me verá abraçando a sua irmã e beijando-a, porque eu quero assim e ela também. Não vou ser frio com ela, e jamais vou ameaçá-la ou machucá-la de nenhuma maneira, não intencionalmente. Quero que esse casamento dê certo e vou amá-la ou o que posso sentir com meu coração negro e morto.

Alessandro me avaliou por um segundo, mas pensei ter visto respeito em seus olhos. Às vezes, eu tinha que prestar atenção para ver isso.

— Ótimo, nos veremos depois. — Saiu da sala.

— Esse cara é... — as palavras sumiram da boca de Nikolai.

— Embora seja assim controlado, como uma estatua de gelo, ele se preocupa com aquelas duas meninas. Respeito isso, apesar de que não vou deixá-lo ditar o que devo ou não fazer. — Também saí para o corredor e Nikolai ficou na sala.

— Já vai embora? — Alexei ia entrando na sala.

— Vou esperar o seu irmão, assim que ele terminar de conversar a sós com você.

Já era bem tarde, e eu só queria ir para casa e bater uma pensando na Jade e em suas palavras. Liguei para ela, assim que saí da boate.

— Achei que estivesse dormindo ou fazendo outra coisa. — Tinha algo na sua voz que não entendi.

— Oi, não respondi antes, porque seu irmão estava aqui; ele ficou bravo ao notar que estávamos falando sobre sexo — falei baixo.

Ela arfou.

— Você ainda está vivo? — Ela parecia preocupada, o que me fez sorrir.

— Está preocupada comigo?

— Com vocês dois. Eu não quero que briguem. — Sua voz soou com tremor.

Parei de sorrir.

— Posso prometer que não vou brigar com os seus irmãos, pelo menos não começarei nada, até falei isso para Alessandro hoje. — Suspirei. — Mas mudando de assunto, estou indo para o apartamento agora e posso te chamar pela chamada de vídeo. Quero ver como está dormindo.

Ouvi-a rir, parecendo aliviada.

— Pode me chamar que vou vestir algo bem sexy, ou posso não estar usando nada.

— Não sabe a força que essas palavras me fazem — gemi, baixinho.

— Quero ver como deixarei você mais tarde — provocou.

Nikolai me chamou.

— Tenho que ir, assim que chegar em casa, eu te chamo. — Desliguei e fui à direção de Nikolai, mas acabei me esbarrando em Rayssa, que saiu correndo após pegar a menina dando em cima de Alexei. Até me ofereci para levá-la embora, mas pela fúria de Alexei, ele iria resolver o problema. Ela aceitou ir com ele.

— Pelo jeito o seu plano deu certo — falei ao Nikolai que estava sentado do meu lado no banco de trás e Samuel dirigindo.

— Sim, agora basta eles ficarem juntos — comentou com um suspiro.

Para acontecer isso, eles precisariam enfrentar muita coisa, inclusive Alexei dizer a verdade a ela, quem ele realmente era. Mentiras em um relacionamento nunca é um bom caminho, digo isso pelo Matteo, que escondeu de Irina que o pai dele matou os pais dela e, no final, quase a perdeu.

Por isso abri o jogo com Jade desde o início, não escondi nada dela; ela sabia quem eu era e o que fazia. Agora estava ali enviando mensagens a uma garota. A minha noiva e, em breve, futura esposa.



Capítulo 16

Luca

Há dois dias, eu ajudei Alexei a se livrar de um cadáver que ele matou após o sujeito tentar dopar a Rayssa e levá-la com ele. O salafrário teve ajuda do namorado do amigo dela. Alexei nem conseguia pensar direito, pois eliminou o homem na frente de uma casa de fraternidade. Depois passei a quantidade de câmeras no local, assim ele apagaria todos os rastros dele.

Hoje tinha vindo a um dos negócios dos Destruttore e estava saindo quando Stefano apareceu.

— Acho que vou ficar em Dallas, porque parece que a trilha de homens para ser morto será bem grande com a menina bonita de Alexei sendo procurada. — Sorriu para mim.

— O que faz aqui? Achei que estivesse com Alessandro no Cassino de vocês.

— Vim te buscar, o Capo precisa de você em Veneza, amanhã cedo, então vocês vão pegar o avião.

— Não posso, preciso ir a Chicago antes. Então aí vou com ele. —

Tinha negócios a tratar com Matteo.

— Se for pela minha irmã, ela acabou de chegar...

Cortei:

— Como assim chegar? Não é perigoso ela ficar aqui? — Estava se tornando tremendamente difícil ficar longe dela esses dias. Sentia uma falta danada daquela pequena provocadora.

— Wolf e Viper estão com ela, e alguns outros. Ninguém seria louco de atacar a mansão que temos aqui. — Ele parecia ter certeza.

— Os Rodins não parecem ligar para lugares protegidos ou a vista de todos. Para eles é só um problema que precisam se livrar, então toda a proteção é pouco. — Entrei em seu bugatte veron de cor preta.

— Eu sei, mas acho que ela queria te ver, então insistiu ao Capo que a trouxesse. E convenhamos nenhum lugar é seguro com os Rodins nos nossos encalços — disse, dirigindo em uma velocidade que me fez segurar no banco.

— Está louco para sofrer um acidente de carro? Por que corre como um louco? — apontei com um suspiro. — E não estou a ponto de morrer em um maldito acidente.

Ele riu, provocativo.

— Como espera morrer então? Assassinado? Com balas na cabeça ou torturado?

Bufei.

— Tem outro tipo de morte no nosso mundo? — retruquei com ceticismo. — Apesar de eu não pretender com nenhum dos dois.

Revirou os olhos.

— Pode ser, embora não escolheria outro mundo, a minha vida é essa. — Agora ele deu um suspiro, parecendo sério. — Valeu cunhado por não me deixar matar aquele crápula do Gael; espancá-lo aos poucos foi mais divertido.

Ele parecia uma criança cercada de doces, uma cobra pronta para dar o bote. Tão novo e letal.

— Sei que somos assassinos uma boa parte de nossas vidas, mas não precisa ser um em todas as horas do dia — falei. — Não devemos levar isso para casa.

Ele meneou a cabeça de lado para mim.

— Acho isso bom, não gostaria de batizar a casa de você e da minha irmã com o seu sangue. — Deu um sorriso de hiena.

Antes que eu comentasse algo, o seu telefone no painel do carro tocou e Stefano atendeu.

— Onde está? — ouvi a voz de Alessandro.

— Estou no viva-voz com o nosso cunhado — disse ele. — Estou levando Luca pra aí.

— Não venha para cá, fomos atacados e está cheio de tiras aqui, vão

para a boate Hilts e chequem tudo lá, pois vai chegar uma mercadoria. — Alessandro deu um suspiro duro. — Os malditos Rodins estão furiosos, pois peguei o Charles.

Charles era o primo do chefe dos Rodins, e o pegamos no Ginásio em Chicago, algum tempo atrás. Tive que marcar uma luta entre o garoto Noah, irmão de Sloane, a mulher de Nasx; o garoto lutava muito bem, vi o vídeo dele com a Jade — embora não mostrasse o rosto dela — só sabia que era ela, porque ele disse e os caras foram mortos pelos irmãos dela, também o fato de Jade ter saído ferida naquele dia.

O vídeo da luta vazou e chegou a várias casas de lutas, inclusive os Rodins que ficaram interessados no garoto Noah, então usamos isso. Embora tivesse que levar a irmã dele para fazê-lo lutar, no final dei a ele a diversão que o deixou satisfeito. Os homens que machucaram a irmã dele. Nasx também se divertiu matando os imundos.

— Por que precisa de mim nessa boate? — perguntei, louco para ir embora e ver Jade.

Toda a noite, nós namorávamos por chamada de vídeo, a coisa era boa, vê-la se tocar... mas não era como estar nos braços dela e sentir seu cheiro, seu gosto. Estava louco para estar dentro dela, agora que sabia que jamais a machucaria, eu estava contando nos dedos para tê-la.

— Por quê? Tem alguma outra coisa que precisa fazer? — perguntou

Alessandro.

Sim, transar com sua irmã, embora não pudesse dizer isso a eles, pois certamente seria linchado, bom, eles tentariam me matar, mas não iriam conseguir.

Estava a ponto de inventar uma mentira, mas meu telefone tocou com o nome de Jade.

— Um segundo — disse a eles. — É a sua irmã.

— Jade, eu estou com seus irmãos, e...

— Por favor, Luca me ajude, não sei o que fazer... — choramingava.

Um gelo desceu pela minha espinha me fazendo endurecer no banco.

— O que... — levantei o dedo para silenciar o Stefano.

— Jade, por Deus! O que houve com você? — Tentei não alterar a minha voz para não deixá-la pior. — Respire fundo e me diga o que aconteceu.

— Porra, me diz o que está havendo com a Jade — gritou Stefano para mim.

Queria quebrar seus dentes por gritar comigo, mas Jade era mais importante. Coloquei no viva-voz, assim todos ali ouviriam a conversa.

— Estava na sala de casa indo ligar para você, então houve tiros e fomos atacados; Wolf e Viper lutaram, mas alguns entraram e atingiram o Viper que desmaiou, mas está respirando mal. Wolf ia me levar pra cima, no

quarto enquanto a luta acontecia lá fora com os outros guardas. Mas fomos atacados na sala e lutei com alguns e apliquei o meu sonífero neles — a ouvi fungar — Em dois deles, eu tive êxito com o uso de tranquilizantes, mas em outro deles, eu apliquei veneno sem querer, agora ele está lá... agonizando.

— Cadê o Wolf? Já estamos indo pra aí — falei e assenti para Stefano dirigir, mas nem precisou, ele já estava em ação.

— Tentei dar o antídoto ao cara, mas Wolf me trancou em um quarto parecido com cofre e saiu. O antídoto caiu em algum lugar da sala. — Sua voz era baixa. — O que faço?

Tudo dentro de mim estava pulsando, temendo que algo acontecesse a ela. Nunca me senti tão impotente assim na minha vida.

— Fique onde está e não saia por nada, tudo bem?

— Mas e o homem envenenado? Se eu não der o antídoto, ele morre... — sua voz falhou — Não quero ser uma...

— Mesmo se ele morresse, você não seria uma assassina Jade, já que foi um acidente. — Tentei tranquiliza-la.

— Não entende, eu prometi a mamãe que jamais tiraria uma vida, e agora eu...

— Não vai tirar a vida dele. Você disse que a agulha do antídoto caiu na sala, certo? Vou encontrá-la e dar a ele, só fique no quarto, já estamos chegando aí.

— Iremos cuidar de tudo, e nenhum sangue estará em suas mãos, posso prometer isso — disse Stefano com convicção. — Agora ouça o Luca e faça o que ele mandou.

— Tudo bem. — Ela parecia aliviada.

— Já estou chegando e tudo ficará bem. — Esperava mesmo poder cumprir essa promessa a ela, e a mim mesmo.

— Certo, vou esperar aqui, se cuidam vocês dois — disse ela. — Amo vocês. — Desligou.

— Luca... — tinha algo na voz de Alessandro, era como se ele quisesse suplicar, mas via que isso não era da natureza dele. Então o ajudei.

— Prometo que cuidarei dela — prometi.

— Estarei com ele — assegurou Stefano. — Pode cuidar dos policiais e dos problemas daí.

Não demorou cinco minutos até que Stefano estacionou em frente a mansão de estilo italiano. Embora não parecesse haver tiroteio. Tinha homens mortos na frente, alguns pareciam ser de Alessandro e outros eram Rodins.

— Filhos da puta. — grunhiu Stefano checando os seus. — Mortos.

Corri para dentro da casa com minha arma na mão enquanto checava cada parte.

— Não parece ter mais nenhum inimigo. — Stefano olhava ao redor e depois digitou algo no telefone. — De qualquer forma, eu deixei mensagens

para nossos homens darem uma olhada. Apesar de que possa ter mais lá em cima.

Entrei na sala onde tinha alguns corpos. Dentro tinha duas escadas, uma na direita e outra na esquerda.

— Você vai pela esquerda, enquanto subo pela escada a direita. Se tiver alguns bandidos lá, nós vamos fechar eles, mas precisamos de um vivo para informações — alertei, já conhecendo seu gênio explosivo.

O meu alívio era saber que Jade estava segura, no quarto; agora estava puto e cansado de tanto ataque desses desgraçados.

Cheguei ao final da escada em silêncio, e avistei um dos homens de Rodins, a tatuagem no braço era sua marca. Ele estava lutando com Wolf, mas virou a cabeça assim que me aproximei, foi tempo suficiente para que fosse nocauteado por Wolf. Levantei a minha arma e atirei fazendo com que cambaleasse para trás batendo na parede. Depois, eu atirei, mirando em suas pernas que o fez cair no chão.

— Filho da puta, você está morto matando os nossos. — O cara rugiu para mim, Stefano e Wolf.

— Oh, eu vou adorar ter minha vez com você — rosnou Stefano, chutando as bolas do homem, que rugiu. Depois olhou para Wolf. — Jade?

— Protegida. — Deu um suspiro ao lado dele, mas não o vi com sangue nas mãos ou em qualquer parte do corpo.

— Vá até o Viper e veja como está — mandou Stefano.

— Sim. — Então saiu enquanto Stefano eu e levamos o homem para uma escada que dava para o porão. Ajudei Stefano a amarrá-lo em uma cadeira.

Stefano pegou uma fita e colocou na boca do homem.

— Não é hora de falar ainda, vou me divertir primeiro.

Peguei meu telefone e fui checar os cômodos da casa.

— Você está segura Jade? — Precisava ter certeza antes de fazer o meu trabalho, o que fazia de melhor. Executar um maldito miserável.

— Luca, eu estou bem. E aí com vocês? — Suspirou.

— Bem também, agora vou cuidar das coisas aqui. Assim que terminar, eu vou até você, mas não saia daí até a hora que eu for. — prometi.

— E o cara? — Senti algo na sua voz, parecia medo.

— Apliquei o antídoto — menti. — Mas, querida? Ele vai morrer de qualquer jeito.

Ela pareceu suspirar de novo.

— Eu sei, é só...

Não tinha uma gota de maldade nela, nem com os homens maus como esses que entraram ali. Se tivessem a chance nenhum deles pensaria duas vezes antes de fazer algo pior do que matá-la.

Prometi que logo estaria lá, e desliguei o celular, e fui cuidar das

coisas. Após fazer uma checagem, eu vi os dois homens apagados na sala, eles eram os únicos que não tinham balas em seus corpos. Dei um tiro em cada um, entre os olhos e fui à procura do outro, além de procurar a agulha dela que caiu, afinal menti que apliquei, então ela ia querer saber onde estava. Não demorou muito e a encontrei.

— Matou os outros? — disse, socando o homem e depois parou e me olhou. — Achou o cara que foi envenenado? Não vejo ruídos algum.

— Só falta a cozinha. — fui na cozinha e passei pela ilha e o vi caído no chão com sangue na boca, e ouvido. Ele estava morto, então o antídoto não serviria mais. Ele devia ter se arrastado até ali, pensei — Porra!

— Deixa que eu cuido dele. Para todos os efeitos, nós o matamos — disse Stefano do meu lado. — Se Jade souber que foi ela que o matou, isso vai destruí-la. — Suspirou. — Jade e Luna foram criadas indo na igreja, assim como nós, mas ao contrário dos meus irmãos e eu, que não dávamos a mínima para que o padre falava, as duas seguiam isso, gostavam de tudo o que era pregado. Matar alguém é uma coisa que extrapola tudo o que elas acreditam. Nós fizemos tudo para nosso pai, para que ele não as quebrasse e mantivesse boa parte das coisas sombrias do nosso mundo longe delas. Sei que elas entendem e sabem o que fazemos, mas é diferente quando você aplica isso com suas mãos. — Pegou a faca tirando de sua bota e abaixou perto do cadáver. — Esse segredo será nosso, cunhado, e devemos levar para

o túmulo.

Esse garoto esquentado possuía o meu respeito, pensei.

— Não direi nada. Enquanto resolve aí, eu vou cuidar do vivo e buscar quaisquer informações que precisamos. Estou farto de ser atacado.

Demorei meia hora para ter todas as respostas que precisava. Soube que eles queriam se vingar de Alessandro por ter matado Charles, o primo de Chavez. Nós estávamos aliados a ele, então por isso veio atrás de seus aliados.

Fiz o máximo para não me sujar, não sujar as minhas roupas; estava furioso por eles terem tocado na minha garota.

— Ligou para o Alessandro? — perguntei ao Stefano.

A equipe de limpeza dos Destruttore estava a caminho para limpar todo o lugar.

— Sim, ele já resolveu o problema com os tiras. — Assentiu. — Está vindo para cá, vou esperar a equipe de limpeza e o Capo, e assim que chegarem vamos lá ver minha irmã.

— Certo, vou até Jade. Espero vocês lá. — Saí o mais rápido dali, pois estava louco querendo ter a Jade em meus braços; precisava tirar o sentimento de impotência que senti assim que ouvi sua voz ao telefone.

— Jade? — Bati na porta. Era uma daquelas feitas para serem abertas só por dentro.

A porta foi aberta, e ela pulou nos meus braços e beijou o meu rosto.

— Você está bem? — perguntou entre beijos.

Ri, para aliviar a tensão.

— Você é atacada, e pergunta se eu estou bem? — Peguei-a nos braços e fechei a porta.

Suas pernas envolveram a minha cintura; com ela assim, eu me sentei no sofá com Jade montada em mim.

— Estava com medo de que mais deles aparecessem e o machucassem. — Afastou a cabeça do meu pescoço e arregalou os olhos. — Stefano não estava com você? Ele...

— Está bem, só esperando o Alessandro para resolver alguns negócios. — Alisei suas costas, enquanto pegava do bolso a agulha. — Aqui, acho que isso é seu.

— Sei que pareço boba, porque sou da máfia, e nela fazem coisas... — estremeceu — Mas tirar uma vida... não sei se saberia lidar com algo assim. E prometi a mamãe. Não posso fazer muita coisa, mas pelo menos isso, eu farei.

— Não vai precisar fazer nada, vou proteger você. Temo só de pensar que alguém pode colocar as mãos em você. Deixa que eu mato por nós dois. — Toquei seu rosto.

Escondeu o rosto entre o meu pescoço.

— Faz tempo que não o vejo, também estava sentindo sua falta.

— Eu sei. — Beijei seus lábios. — Estava com saudades de você.

Queria jogá-la nesse sofá e possuir cada polegada desse corpinho lindo, mas tinha que ter em mente que os irmãos dela chegariam a qualquer momento.

Coloquei meus dedos em seus cabelos e devorei seus lábios de forma faminta e, desesperada, a outra mão apertava sua bunda moendo seu centro em meu pau.

Tinha consciência de que não era o momento, afinal, ela tinha acabado de ser atacada, mas minha mente estava fraca demais, impossibilitando-me de pensar direito.

— Jade... — freei o beijo, e expirei para me controlar; depois coloquei minha testa na dela e ficamos assim um minuto para recuperar o fôlego. — Seus irmãos vão chegar aqui a qualquer momento. E sua mente deve estar a mil pelo que passou.

— Com você do meu lado tudo fica suportável, e acreditei que iria me salvar. — A sua confiança em mim amoleceu o meu peito.

Houve uma batida na porta antes que eu pudesse dizer algo.

— São eles? — Ela parecia com medo.

— Sim, tínhamos limpado tudo lá, aliás, os homens de seus irmãos são bons. — Eles perderam muitos, mas também tinha pegado, praticamente,

todos os Rodins que invadiram o local.

Eram os seus irmãos. O bom era que a situação em minhas calças já tinha se normalizado; falar com eles de pau duro por sua irmã não era seria agradável.

Alessandro entrou e passou por mim indo até a Jade e a puxando para seus braços.

— Não devia ter deixado você vir aqui — informou com um suspiro e se afastou.

— Eu insisti e todos os lugares não são seguros, você não pode nos trancar em uma torre de marfim até que tudo se resolva — sussurrou ela.

Ele pareceu se controlar e colocou a mão no coração dela.

— Todos eles sabem onde me atacar; conhecem o meu elo de fraqueza. — Sua voz estava diferente de tudo que já ouvi antes. Parecia estar em um completo martírio. — Você e Luna são a minha fraqueza e, eu vou fazer de tudo para protegê-las. Luna está segura com o Miguel, e você também estaria se não tivesse vindo aqui. O que eles poderiam ter feito...

Ela o abraçou.

— Lamento por ter insistido para vir, mas esses caras atacariam de qualquer jeito, aqui ou lá. Eu só queria ver o Luca — ouvi a verdade em sua voz, que aqueceu meu coração. Beijou seu rosto. — Amo vocês. — Seus olhos pousaram nele e por fim em mim.

Não sei se isso foi uma declaração para mim, mas o meu coração apertou. Essa sensação de como se eu fosse explodir me deixou nas nuvens. Nunca me senti a ponto de querer gritar para o mundo e dizer que meu coração, que eu pensava ser morto, estava vivo e amando essa mulher.

— Não posso ficar com o Luca onde ele estiver, até tudo isso passar? Ele pode me proteger — suplicou.

Alessandro me encarou por um segundo; sabia que ela estaria segura comigo, morreria antes que alguém a machucasse.

— Tudo bem, nós estamos indo para Veneza, temos uns negócios lá — disse Alessandro.

— Vou precisar ir a Chicago ainda hoje, pois preciso discutir um assunto com Matteo, o meu Capo antes, depois vou para Veneza — informei a ele. E sorri para Jade. — E você vem comigo.

Ela deu gritinhos e sorriu pulando nos meus braços.

— Obrigada.

Nesse momento, eu me vi feliz por ter essa mulher só para mim e, estava contando os minutos para aproveitarmos a ida em Veneza. Nada e ninguém nos atrapalhariam nem os malditos Rodins.



Capítulo 17

Jade

Nós dois estávamos voltando para Chicago, tinha ido ficar com ele, o que me levou a quase ser morta em um ataque de bandidos na mansão dos meus irmãos. O pior... quase tirei uma vida; o bom que Luca deu o antídoto. Claro que sabia que o homem morreu, mas fiquei aliviada que não tinha sido eu a fazer o trabalho.

Notei que a cada segundo, Luca olhava para trás como se fosse aparecer alguém ali.

— O que foi? — De repente me preocupei. — Por acaso corremos o risco de sermos atacados aqui? Merda, eu estou cansada disso.

Ele suspirou.

— Não vamos ser atacados — disse e relaxou, segurando minha mão.

— Então por que fica olhando para trás toda hora? — Se eu não estivesse no canto iria olhar para ver o que era. Era curiosa, e como ele era protetor talvez não quisesse me deixar saber que tinha bandidos ali.

Suspirou.

— Irina fugiu depois que soube que estava grávida, e foi para o irmão

dela em Dallas. Agora o Alexei está trazendo ela de volta. — Sacudiu a cabeça. — Não sei por que ela pensou em uma estupidez dessas, sem saber do perigo que correu indo até lá.

Franzi a testa.

— Por que ela faria isso se o seu sonho era ter um filho? — Pisquei. — Irina disse que o marido dela não queria engravidá-la, será que ele não aceitou o bebê? Se for isso, então ele é...

Luca me interrompeu:

— Meu primo morre pela sua esposa; tenho certeza que há uma explicação tola para o que fez, ele não me contou muito, mas está louco, porque com os Rodins atacando de todos os lugares as coisas não estão boas para ficarem desprotegidas.

Entendia sua aversão ao que a Irina fez, afinal ela parou de tomar anticoncepcional só para engravidar. Nós conversamos muito quando fiquei na casa dela. Ela era uma mulher maravilhosa. Não disse nada sobre isso, porque Irina não estava fazendo para segurar um marido, era só por que ter filhos era o sonho dela.

— Eles estão nesse voo? — sondei curiosa querendo ir até a Irina para falar com ela.

— Sim, mas vamos manter distância, não vamos deixarem saber que estamos aqui — disse.

— Por quê?

— Pode ter gente de olho nela desde que saiu, sou a cobertura deles. — Deu um suspiro duro. — Só não queria você no meio disso.

Franzi a testa.

— Então era isso o que tinha que fazer com o seu Capo? Falou que tinha que ser hoje e nesse voo.

— Ele me ligou mais cedo enquanto eu ia para o clube do seu irmão, mas era para avisar que Irina tinha fugido e que não sabia onde estava, depois você correu perigo e não consegui pensar em muita coisa, mas Matteo ligou depois e me informou que Irina estava com Alexei e ia trazê-la de volta. Ele só me disse para pegar o mesmo voo e ficar de olho.

Pediram para que apertássemos o cinto, porque já estávamos pousando em Chicago.

— Vamos esperar que desçam primeiro e depois nós vamos segui-los — disse.

Assenti e os vi saindo e após alguns minutos, nós o seguimos.

— Me sinto estranha seguindo-os. — Irina sorria com os braços em volta do irmão. Achei bonita a relação deles; eu era assim com os meus irmãos, não dava a mínima se as pessoas vissem isso como fraqueza, pois eu chamava isso de força do amor.

— Só pare de olhar para eles, observe ao redor e aproveite o

momento. — Sorriu para mim me abraçando de lado.

Fiz isso; só desfrutei do momento que estava tendo ao lado dele. Mas o vi ficar tenso, então parou e puxou o meu capuz e o dele, porque antes de virmos para cá insistiu que vestíssemos moletons, agora entendia o porquê.

— O que...

Antes que eu sondasse o que estava acontecendo, o telefone dele tocou.

— Sim? — ouviu alguma coisa, então amaldiçoou checando ao redor. — Vejo eles, porra! Matteo essa merda não vai ser bonita. Eles estão armados, não ligando para nada.

Arregalei os olhos para onde ele encarava e ofeguei ao ver uns homens com armas nas mãos como se estivessem prestes a metralhar todos ali.

— Estamos cercados. Bom, eles estão, o bom que parece não saberem sobre nós, o foco está em sua esposa... — ele se interrompeu — O que eu quero dizer é que posso deixar Jade em um lugar seguro, e dar cobertura se a merda feder, o problema é que não estou armado, já que viemos no voo comercial.

Ele falava com Matteo enquanto Alexei puxava Irina para dentro de volta, e pela sua expressão parecia preocupado.

— Espere, o quê? — Sua voz se elevou e começou a falar em italiano,

parecia que a boate deles foi explodida e houve mortes.

Esses homens têm que ser detidos. Como podem jogar uma bomba em um clube lotado de pessoas?

Luca terminou a ligação e me puxou dali querendo me esconder, mas não fomos longe, porque tiros soaram para todos os lados, então o alvoroço de pessoas foi geral, correndo em direções opostas.

Segurava firme nas mãos de Luca, pois não queria perdê-lo no meio da multidão. Ele virou em uma esquina onde tinha um jarro de planta, e me colocou ali longe da visão de todos.

— Se abaixe e não saia daqui. Se correr no meio das pessoas pode acabar se machucando, então fique aqui. — Me fez ficar escondida ali como uma criança.

— Aonde vai? Não pode ir lá ou vai acabar se machucando, já que está desarmado. — Fiquei preocupada que se machucasse, não gostava de pensar na ideia de perdê-lo.

— Vai ficar tudo bem, só fique aqui e não saia por nada, agora preciso ir. — Me deu um beijo e saiu.

Espiei através da brecha ali e notei o lugar vazio, embora os gritos das pessoas ainda pudessem ser ouvidos ao longe. Devia ter saído correndo para fora. O meu peito pulsava tão forte que era como se eu tivesse corrido muito, mas agora o medo estava agindo, temendo pela Irina que poderia acabar

perdendo o seu tão sonhado bebê. Sabia que mulheres grávidas não podiam passar susto ou correr esse risco.

Também estava com medo de algo acontecer com Luca ao ir tentar salvar Irina e Alexei que não fazia muito tempo que tinha seguido na direção de um banheiro. Dali dava para ver o banheiro, e virei à esquerda onde Luca aparecia de trás de um homem e dava uma chave de pescoço no homem deixando-o desacordado, estranhei que não o matou, acho que devido às câmeras do local. Esses Rodins eram loucos de pedra em atacar um aeroporto cheio de pessoas e guardas, que não deviam estar longe.

Luca estava lutando com outro, então não viu um que estava indo para o banheiro, onde Irina estava, mas Alexei devia estar tomando conta dela; o problema que logo depois ouvi tiros vindo de lá me fazendo colocar a mão na boca para não gritar.

Queria ficar escondida, mas e se algo acontecesse a Irina? Sabia lutar, mas eles estavam armados. Então o que fazer?

Estava a ponto de gritar para avisar o Luca sobre o tiro, embora achasse que ele devesse ter ouvido, mas estava ocupado lutando mano a mano depois que desarmou dois deles.

Irina saiu correndo do banheiro gritando que seu irmão tinha sido baleado e que era para ajudá-la. Mas um homem apareceu segurando uma arma, embora Irina também, mas nenhum deles apontou.

— Ora, se não tenho sorte, a prostituta do Capo — ouvi o homem dizer a ela.

Não estava longe deles, então pude ouvir. O foco dele era a Irina, já que não parecia ter conhecimento que eu estava ali.

— Sou esposa dele, não uma prostituta — ela disse com raiva.

Irina tinha um gênio forte, e ficar ali com aquele bandido ia acabar matando-a, não só ela, mas seu filho também. Mas o que eu podia fazer? Olhei para minhas mãos, daria tempo de eu chegar perto e aplicar o sonífero? Só não podia pegar o veneno de novo.

Merda, o que fazer? Irina tinha um bebê a caminho, podia ver uma de suas mãos na barriga temendo o pior. A outra mão que portava a arma foi levantada na direção do homem, vi o medo ali e não era só medo do monstro atirar, mas vi que ela estava fazendo aquilo por não ter opção. Era seu medo de matar alguém, a entendia, pois sentia isso também.

— Vai atirar em mim? — zombou ele vendo o medo dela, embora não levantasse a sua arma. Esses homens eram animais treinados e detectavam o medo de sua presa de longe.

Não podia ficar ali parada sem fazer nada, talvez pudesse atingi-lo nem que fosse um pouco para deixá-lo nocauteado.

Fiquei de pé decidindo me arriscar e ir lá, talvez distraí-lo, afinal Irina iria ser mãe logo. Isso daria tempo de Luca aparecer e ajudá-la.

Antes que eu saísse e fosse lá uma mão cobriu minha boca me fazendo sentir um arrepio de medo na espinha tão forte que fiquei paralisada por um segundo, mas antes que pudesse entrar em ação, a voz soprou:

— Sou eu — disse Luca com a voz grossa como se quisesse se controlar. — Que porra pensava em fazer?

Pisquei vendo a fúria em seus olhos.

— Irina... — me virei na direção dela, mas ela estava nos braços de Matteo e o homem já estava morto no chão com uma faca no cérebro.

— Ela está bem. Se não estivesse, eu não estaria aqui, estava tudo sob controle. Matteo o matou, mas você... — sacudiu a cabeça para afugentar os pensamentos ruins — O que tinha na cabeça?

— Só não queria que nada acontecesse a ela e ao bebê — murmurei encolhida e escondi o rosto no peito dele. — Desculpe preocupá-lo, não foi essa a minha intenção.

Ele respirou fundo.

— Tudo bem, agora vamos embora antes que alguém mais saiba que está aqui. — Me puxou dali.

— Mas ouvi que o irmão dela foi baleado...

— Matteo vai cuidar disso; eu preciso deixá-la segura e checar algumas coisas antes de irmos para Veneza.

Sacudi a cabeça.

— Não vou ficar escondida, preciso saber se Irina está bem depois de tudo que o que aconteceu — reclamei assim que estávamos no carro.

— Jade...

— Luca, irmos para o hospital não vai fazer mal, pelo menos até saber que eles estão bem. Depois vou para onde quiser — prometi.

— Tem noção do que aconteceria se os Rodins soubessem que estava ali? A situação seria mil vezes pior por ser irmã do Capo Destruttore. — Sua voz ficou baixa. — Temo só de imaginar isso...

Apertei sua mão.

— Estou bem, só preciso saber como eles estão. Não acho que esses homens vão atacar após tudo o que houve; aposto que um monte deles deve estar sendo preso depois que levantaram fogo em um lugar cheio de pessoas.

— Matteo tem alguns policiais na folha, e esses vão apagar a nossa estadia naquele lugar deixando os Rodins com sua bagunça para limpar. — Suspirou. — Tudo bem, eu vou levá-la ao hospital, mas depois a quero em um lugar seguro.

Sorri.

— Obrigada. — Beijei seu rosto. — Estou feliz por não ter se machucado lá.

Não demorou muito para chegarmos ao hospital, mas o pior foi que fiquei mais de meia hora tentando tranquilizar os meus irmãos.

— Estou bem. — Estava na entrada do hospital tentando convencer o Alessandro que ia ficar bem, só precisava saber se Irina estava bem.

— Para saber disso, você não precisa estar no hospital — rosnou ele.

— Só vou ver como está ela, e Luca vai me levar embora. — Se não dissesse isso, ele não me deixaria ficar. — Amo vocês, e vou ficar bem, prometo.

Depois disso, ele pediu para falar com Luca fazendo-o jurar que me levaria embora.

— Juro que se esse cara não fosse o seu irmão, eu o mataria — respondeu ele com um suspiro duro ao desligar o telefone.

Passei o braço a sua volta.

— Esse é o jeito dele de mostrar que me ama e se preocupa comigo — suspirei.

Ele me puxou para subir, já que fazia muito tempo que Alexei e Irina vieram para cá, mas como tive que tranquilizar uma fera antes, eu não pude entrar. Entendia meu irmão por se preocupar conosco.

Chegamos à sala de espera e vi Irina sentada em um sofá com seu marido ao seu lado.

— Irina, você precisa ver um médico também — disse Matteo — Está muito pálida.

— Estou bem. — disse ela, encolhida e com seus olhos vermelhos.

— Deixa que o médico diga isso. Ou você se arrasta até lá, ou vou levá-la sobre meus ombros pelo corredor do hospital — grunhiu.

— Alexei...

— Eles fizeram uma cirurgia no Alexei, mas está bem, agora só está dopado de remédios, então vai dormir por um tempo. Vamos lá fazer os exames e deixar a médica responder como você está. Depois a trago de volta.

Cirurgia? Então estava tentando convencer os meus irmãos a várias horas, e não meia hora como pensava, afinal tive que falar com os três.

Estava a ponto de ir onde ela estava e sondar como estava, acho que Matteo estava certo, ela precisava passar pelo médico só para checar seu estado. Nikolai entrou antes que eu pudesse abrir minha boca. Nem sei se ela me notou ali devido ao seu estado de choque. Ele foi até onde ela estava e a puxou para seus braços.

— Maldição, Irina! — Ele parecia ensandecido.

— Estou bem, lamento por ter saído dessa forma — Sua voz saiu baixa.

Olhando para a preocupação de Nikolai, eu vi e entendi meus irmãos ao se preocuparem comigo e Jade. Não queria no rosto deles o que estava vendo na expressão do irmão de Irina.

— Porra Irina, o que poderia ter acontecido... — sacudiu a cabeça. Depois fulminou o Matteo — Cadê a maldição da sua proteção sobre ela? A

deixei ficar, contanto, que ficasse segura.

Não achei possível que o Capo Salvatore pudesse ficar com o rosto mais duro do que já estava com tudo o que aconteceu. Ele deu um passo na direção do mafioso russo.

— Merda! — ouvi Luca praguejar baixo.

— Não grite comigo — sibilou Matteo. — Ela fugiu do consultório médico, então rastreei o seu telefone, e deu que estava em Dallas.

— Não dou a mínima de como ela fugiu, porque a sua função é mantê-la segura, ou juro que a levo de volta. — Era como dois tubarões se enfrentando ou duas serpentes venenosas capazes de estraçalhar um ao outro.

— Ela é a minha esposa, e você não vai levá-la de mim, pois para fazer isso só se eu estiver morto. — O capo trincou os dentes.

— Posso resolver isso — desdenhou Nikolai.

— Por favor, parem os dois — rosnou Samira.

Para ela era difícil ver o homem que amava e o irmão se enfrentando; o mesmo valia para Irina.

— Não podem machucar um ao outro. — Irina entrou no meio dos dois, mas então oscilou caindo, mas antes que acontecesse Matteo a pegou nos braços.

— Isso é o que dá vocês ficarem discutindo depois do que ela passou hoje — falei com um suspiro.

— Irina! — gritou Nikolai. — O que ela tem? — Ela piscou tentando nos ver enquanto Matteo a carregava chamando pela médica.

— Ela está grávida. — Samira sibilou com raiva — E vocês dois brigando e a deixando mais nervosa do que já está, correndo o risco até de perder a criança.

— Matteo, eu não posso perder o nosso bebê — chorou.

— Não vai. — Ele a beijou na testa.

A doutora chegou e olhou para Irina ali, encolhida no braço do marido.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Ela desmaiou um segundo. — respondeu ele com um tom quebradiço. — Minha esposa está grávida. Nada pode acontecer com nenhum dos dois.

Ela apontou para uma sala, mas assim que Nikolai ia entrar, a médica disse:

— Só o pai pode entrar.

— Nikolai, deixa sua irmã ser examinada. Vamos esperar lá fora — Samira o puxou para fora do cômodo.

— Vou esperar na sala de espera. — Ele tocou no rosto dela. — Fique boa e descanse.

— Amo você — disse ao irmão. — Eu não posso ficar longe do

Matteo...

— Não vai linda, agora só se cuida — pediu Nikolai.

Então a médica fechou a porta deixando todos nós ali na sala de espera.

— Ela ficará bem, não se preocupe com nada — falei ao Nikolai.

— Obrigado. — Colocou as mãos nos cabelos. — Não sabia que ela estava grávida. — Virou-se para a esposa. — Você sabia?

Samira se encolheu com o ressentimento na voz do marido.

— Ela pediu que eu não dissesse nada, pois estava com medo de contar ao Matteo...

— Então sabia que ela ia fugir?

Samira piscou.

— O quê? Claro que não! Se soubesse disso não deixaria que fizesse. — Ela parecia magoada. — Não acredito que tenha pensado que eu seria capaz disso.

— Samira...

Ela sacudiu a cabeça.

— Vou procurar saber como Alexei está. — Saiu, ignorando quando Nikolai a chamou.

— Porra! — praguejou frustrado. — Juro por Deus que se eu pegar os Rodins e Patrick vou esquartejá-los um por um, estou farto dessa merda.

Então saiu da sala na direção que sua esposa foi.

— Espero que eles fiquem bem — sussurrei, me virando para Luca calado do meu lado.

— Vão ficar. Se para nós que não somos chefes já é uma merda ver quem amamos correndo perigo, imagina para eles? Nikolai, Matteo e seu irmão? Eles não têm só o peso de sua família, mas de uma nação inteira. Por isso entendo sua frustração. — Deu um suspiro. — Por isso nunca aceitei ser chefe de nada, e não pretendo ser.

Arregalei os olhos.

— Foi nomeado chefe de algum lugar? — perguntei.

Ele veio até onde eu estava.

— Sim, mas como disse, eu não aceitei. — Pegou minha mão. — Vamos embora? Prometi que trazia você e depois a levaria embora.

— Só vamos ver se Irina está bem, aí depois vamos. — A doutora nos informou que Irina estava bem, mas que ficaria em observação por enquanto.

Esperava que ela e o bebê ficassem bem, assim como o irmão dela.



Capítulo 18

Jade

Era para termos vindo para Veneza há dois dias, mas como aconteceu o ataque nas boates dos Salvatores, Luca teve que ficar para resolver os problemas com o seu Capo.

Não pegamos um voo comercial, viemos no jatinho de Alessandro dessa vez, pois isso evitaria ataques em aeroporto de novo, palavras dele.

Apesar de não ter ficado ao lado do meu noivo, e sim em um quarto que tinha na aeronave. Luca estava em uma reunião com Alessandro e Stefano.

Como para passar o tempo, eu me deitei na cama e coloquei uma mão entre os seios no decote do meu espartilho e bati uma foto sexy, depois enviei ao Luca.

‘’Eu aqui toda espalhada em uma cama, e você discutindo negócios’’ escrevi com um sorriso.

Não demorou muito e logo ouvi o som de uma mensagem chegando.

‘’Você está sendo má, muito má por mandar essa foto com seus irmãos aqui perto de mim.’’ Antes que pudesse mandar outra, ele enviou de

novo. *‘’Vai me pagar depois, essa sua bundinha vai ficar toda vermelha’’*

Um fogo atingiu entre minhas pernas ao ler isso, não senti medo de suas palmadas, mas me vi ansiando por isso.

‘’Promessa, e mais promessas, senhor Salvatore’’ provoquei.

‘’Vou ter que provar a você assim que estivermos sozinhos; farei o que eu quiser com esse corpinho perfeito’’

Remexi-me na cama.

‘’Está duro? Estou sentindo falta dele na minha boca, e ansiando para tê-lo dentro de mim.’’

De repente alguém bateu na porta e, e eu fui abrir, e ali estava Stefano sacudindo a cabeça, e não Luca, como pensei que seria.

— Você é uma diabinha provocadora — disse de braços cruzados.

— Não sei do que está falando. — Sabia que Luca jamais deixaria alguém ler as mensagens, só supus que meu irmão devesse ter notado o estado dele ao ler o que escrevi. Isso me fez engolir um sorriso.

— Sei quando um homem fica todo excitado com mensagens sensuais, e Alessandro parece querer jogar o telefone de Luca, que apita a cada segundo, pela janela. — Suspirou. — Estamos tentando bolar um plano para pegar os nossos traidores que estão com os Rodins.

De repente, eu fiquei séria; devia deixar os meus desejos com Luca para depois. Desde que voltamos, nós não tivemos nenhum momento a sós,

pois esses idiotas estavam atacando direto; quando o ataque não era contra os Salvatore, eram contra os russos ou meus irmãos.

— Vou me comportar, não mandarei mais mensagens. — Peguei sua mão e fomos para onde Alessandro e Luca estavam sentados em uma mesa, discutindo a melhor forma de atacar. Na tela do laptop na mesa estava Rafaelle.

— Podemos atrair todos para uma armadilha... — Luca parou de falar assim que cheguei perto deles. Seus olhos eram como brasas, direcionadas a mim.

— Prometi que vou me comportar, pode voltar aos negócios. — Peguei uma taça de champanhe na mesa. — Finja que não estou aqui.

Alessandro estreitou os olhos e assentiu.

— Então será assim: pego os ratos que estão conosco e deixo a notícia se espalhar que tenho os nomes certos, e que estou indo atrás deles. Os que têm culpa no cartório vão querer fugir. Posso levar os homens para a ilha na Sicília, onde estarei sozinho...

— Não conseguiríamos pegar todos os ratos, só os que estão no país. Mas tendo esses em mãos podemos ir atrás dos outros e assim eliminar tudo — concordou Alessandro. — Apesar de que irá demorar um pouco até eliminar todos os ratos.

Arregalei os olhos para Rafaelle na tela, pensando no quanto seu

plano era arriscado. Mas então o que fazer? O que poderia ser feito para reunir todos de uma vez? O que os monstros tanto ansiavam? Então uma ideia se formou na minha cabeça, agora só esperava que Alessandro aceitasse.

— Isso é loucura, arriscado demais para o Rafaelle ir sozinho nessa armadilha, além disso, nem irá pegar todos. — Me vi dizendo fazendo todos olharem para mim.

— Jade, isso é assunto de negócios...

Cortei Alessandro:

— Tenho uma ideia que irá reunir todos os traidores de uma vez. — Bebi mais um gole da bebida. — Vocês precisam dar o que eles querem, o que iria destruir o Capo.

Deixei que minhas palavras entrassem em suas cabeças, então ouvi o ofegar distinto de todos eles.

— Espero que não esteja falando em usar a si própria como isca. — A voz de Alessandro faria qualquer pessoa estremecer ou sair correndo.

— Essa porra não irá acontecer — rosnou Luca.

E assim Rafaelle e Stefano também começaram a praguejar.

— Por que os quatro não param de dar chilique e me escutam? Não disse para me usar, mas sim o que o Gael fez comigo...

Os músculos de testa de Alessandro enrijeceram.

— Só por cima da porra do meu cadáver — rugiu.

— Do meu também, não silenciamos quem sabia por nada, o que aconteceu não pode vazar ou as pessoas vão querer manchar o seu nome, fora a parte de querer obrigar o Capo a levá-la em praça pública como... — Stefano estremeceu — Porra, acho que massacro todos eles.

— Pense bem, Alessandro. Você poderá enviar um dos seus homens para vazar a notícia do que houve comigo, e que o Capo não vai fazer nada para me castigar por ser sua irmã. Então o homem disfarçado diz que está reunindo todos os que estão a favor de derrubar o novo Capo, e marca um encontro dizendo que vai me levar para me lincharem ou algo assim, como em um leilão, mas ao invés de me venderem, eu seria dada para fazerem o que quisessem e assim se vingariam de você por ter matado o Marco. — Assim que terminei, eu vi que nenhum deles estava concordando em fazer isso.

Porra! Ter o nome manchado na boca de todos não era bom, mas isso ajudaria meus irmãos a conseguirem encontrar quem estava traindo eles e derrotar os inimigos; isso nos ajudaria também, afinal ficar constantemente com medo não era nada bom.

— Não! — falou decisivo.

— Definitivamente não! — disse Luca.

— Mas Alessandro...

— Jade, eu sei que quer ajudar, mas vou resolver tudo sem jogar seu nome na lama — disse com um olhar duro.

Sei que eles não aceitariam, os quatro pensavam igual, embora pudesse ver que eles gostaram do plano, só não em manchar o meu nome. Claro que não perdi a virgindade, e Gael me tocou pelas ordens do meu pai, mas isso não importava para nenhum deles; as mulheres sempre teriam culpa. Mundo injusto, porque não tínhamos um maldito pênis.

— Tudo bem, foi só uma ideia, já que não querem seguir... — dei de ombros, fingindo desinteresse.

Eles voltaram a discutir o plano original, um que não seria tão bom quanto o meu. Sabia que eles queriam me proteger, mas isso não deveria ser função deles. Precisava fazer isso, mesmo que meus irmãos ficassem com raiva de mim.

Inclinei-me na mesa e peguei o telefone de Alessandro fazendo-o segurar a minha mão.

— Preciso falar com Luna, o meu descarregou. — Ergui as sobrancelhas. — A não ser que tenha algo aqui que eu não possa ver, como fotos e vídeos pornô. O celular do Stefano é cheio.

Fingi estremecer não dando sinal de que estivesse prestes a aprontar em suas costas. E só seria possível com o celular dele, e mais ninguém. Nunca o desobedeci, mas dessa vez, eu precisava fazer, já que não me

ouviria.

Stefano riu.

— Não mandei ficar bisbilhotando o meu celular. — apontou.

— Não estava, eu vi, porque uma garota postou fotos dela... — sacudi a cabeça, não querendo me lembrar da mulher nua. Olhei para Alessandro. — Só vou conversar com a Luna; prometo não mexer em nada.

Alessandro assentiu e soltou minha mão, evitei suspirar de alívio. Fui até ele e passei o braço em seu pescoço por trás e beijei seu rosto.

— Amo você. — Sorri para todos na ali. — Aliás, vocês todos.

— Acho melhor não beber mais — apontou Luca, pegando a taça da minha mão.

— Não estou bêbada — retruquei. Depois fui para o sofá e me sentei, em seguida, disquei a mensagem que queria, escrevi o plano, o que meus irmãos não queriam fazer. Sabia que esse homem estava há muito tempo ao lado de Alessandro. Luigi.

O conheci a alguns anos nas festas que meus irmãos promoviam na sociedade da máfia. Um homem letal e fiel.

‘’*Tem certeza, chefe?*’’ Se fosse uma pergunta seria uma feita em confusão, acho que todos conheciam meus irmãos e o que fizeram por nós. Uma fraqueza como ele mesmo apontou, então, eu podia muito bem usar isso para pegar os inimigos.

‘’*Se não tivesse, eu não estava mandando!*’’ Tentei escrever como meu irmão diria. ‘’*Agora vá fazer o que mandei!*”

‘’*Sim, senhor*’’ escreveu de volta. ‘’*Desculpe*’’

Deletei as mensagens enviadas para o caso de meu irmão checar, o que fiz na hora certa.

Procurei no registro o número de Luna e liguei para ela, e nos falamos por uns quinze minutos. Ela me disse que gostaria de ter vindo junto, mas estava sendo vigiada, 24 horas pelo Miguel, que tinha se tornado um carrapato.

— Ele é quente, só aprecie a vista. — Sorri, colocando o pé na mesa.

— Quem é quente? — ouvi uma voz nada amigável atrás de mim.

Engasguei-me mesmo sem ter nada na boca.

— Luca...

— Garanto que não sou eu, já que falou para sua irmã apreciar a vista. — Seu tom era mortal.

Sorri.

— Você fica lindo com ciúmes — anunciei, ficando de pé e me despedi de Luna, que riu.

— Jade!

— Tudo bem. — Fiz beicinho. — É só que o Miguel está sendo um tanto quanto protetor com ela, então pedi para que apreciasse a vista. —

Coloquei meus braços a sua volta. — Só falei para ela relaxar.

Tinha algo letal nos olhos dele, às vezes, eu me esquecia quem ele era realmente; sempre era assim com Luca.

— Miguel está fazendo o certo, protegendo-a — disse Alessandro e fechou a cara para mim. — Não a mande ter ideias em relação a ele, Luna é jovem demais para tal coisa.

— Eles formam um par lindo, melhor do que Sage, que tem medo de vocês três, garanto que Miguel enfrentaria todos pela Luna se fosse preciso, ela precisa de alguém assim. — Suspirei.

O olhar de Alessandro se tornou mais sombrio que já era.

— Vamos parar de falar sobre isso, até ela ficar maior de idade. E se ainda gostar do Sage ou Miguel e quiser se casar com um deles, eu não vou me opor. — Ele estendeu a mão para mim e pediu o celular.

Entreguei a ele, me dando um calafrio e torcendo para que nenhum deles ligasse ainda, não até estarmos em terra firme. Sabia que eles não me machucariam, mas a raiva deles seria capaz de fazer o avião cair, pensei exageradamente.

Assim que abriu a tela do aparelho, ele levantou uma sobrancelha para mim, o que me fez rir.

— Combina mais do que nada nela. — Tinha colocado uma foto de nós cinco na tela do celular, que tirei há alguns anos. — O dia que se

apaixonar por uma mulher aí você tira, e coloque a foto dela no lugar.

Antes que eu estivesse terminado de falar, o Stefano desatou a rir.

— Alessandro apaixonado? Só quando o inferno congelar — disse entre risadas.

— Não seja tão duro, ele é lindo com esses olhos verdes e ar sombrio. Garanto que será logo. — Sorri para ele, que sacudiu a cabeça, mas não disse nada em relação a isso.

— Por que não para de arrumar casamento para os outros e foque no seu daqui a alguns meses? — disse, enquanto checava seu celular. — Vamos sentar, pois estamos prestes a pousar.

De repente, eu fiquei preocupada, porque não sabia fazer muita coisa, esse negócio de organização de festa quem fazia era minha mãe, mas ela não estava mais entre nós. Passei tanto tempo sonhando com Luca que não tinha parado para pensar na minha mãe, de que ela não estaria nesse dia tão feliz da minha vida.

— Jade? — ouvi Luca me chamar. — O que houve? De repente ficou triste.

— Se não quiser se casar, nós podemos...

Cortei Stefano:

— Está louco!? — Minha voz se elevou, o que o fez rir, e não foi o único. — Não é isso, só que vou me casar e mamãe não vai estar aqui para

ver.

— Ela ficaria feliz por você ter escolhido alguém que fará qualquer coisa para protegê-la — disse Stefano, indo se sentar. Colocou o cinto, assim fizemos todos.

— Eu sei. — Peguei a mão do Luca, que se sentou ao meu lado. — É só que, eu não sei preparar festas.

Ainda mais depois da bomba estourar com o meu nome pipocando entre as facções; teria que ter bastante autocontrole para não esmurrar alguém ao me dizer algumas besteiras.

Tinha consciência de que meus irmãos mudaram muita coisa em seis meses, por isso tinham muitos inimigos que não aceitaram as novas regras; acho que eles poderiam mudar também o fato de eu ser humilhada em praça pública.

— Zaira é ótima em organizar festas; só não falei nada, porque achei que iria querer fazer tudo. Podemos falar com ela depois — disse Luca.

— Obrigada, vamos falar sim. — Virei e coloquei a mão em seu peito e fui beijá-lo, mas antes que meus lábios chegassem aos dele, eu ouvi um grunhido felino.

Suspirei e encarei Alessandro.

— Vou torcer para que arrume uma mulher logo. — Estava irritada por ele não me deixar aproveitar meu noivo. Por Deus! Não ia tirar as roupas,

seria só um beijo.

— Tenho mulheres — pareceu um grunhido.

— Não uma para só aquecer sua cama, mas também isso aí. — Apontei para o seu coração.

Sacudiu a cabeça.

— Não tem nada aqui dentro para ninguém — respondeu, dando de ombros.

Bufei.

— Papo furado — Embora torcesse mesmo que meus irmãos, um dia, encontrassem a felicidade deles, assim como eu encontrei a minha.



Capítulo 19

Jade

Tínhamos chegado em Veneza a alguns minutos; Luca me trouxe para a fazenda em que nos conhecemos, e Alessandro e Stefano foram se encontrar com Rafaelle.

Sabia que não ia demorar muito para o que eu tinha planejado vir à tona, então tinha que aproveitar com Luca, ainda mais que estávamos sozinhos. Fazia tempo desde a última vez que nos tocamos.

Estava prestes a tomar banho na suíte em meu antigo quarto, onde estava ficando, enquanto Luca ficou no de hóspedes. Então pensei que podia muito bem fazer companhia a ele. Enrolei-me na toalha e fui ao se quarto, ouvindo barulho de água no chuveiro.

Deixei a toalha cair e entrei, abrindo o Box, então ele se virou para mim e me senti aquecida com seu olhar ao varrer o meu corpo.

— Jade... — sua voz grossa e rouca foi cortada quando eu pulei em seus braços e o beijei, passando a mão por todo o seu corpo.

— Estamos sozinhos Luca, quero aproveitar cada segundo que tenho ao seu lado. — Estava mais do que ansiosa por ter essa chance.

— Não quer esperar até o casamento? — sondou, parecendo hesitante.

Franzi a testa.

— Qual é o problema? Não está interessado em mim? — Tentei soar normalmente, mas minha voz falhou.

— O quê? — Pegou meu rosto entre suas mãos. — Não há nada que eu queira mais; nós só fizemos oral até agora, e se eu...

— Não vai, eu prometo, agora vem aqui. — Desliguei a água e nos secamos, em seguida, o puxei para cama. Sem nunca tirar os olhos dele, eu me deitei na cama e o puxei para mim.

Seu corpo duro e malhado coberto de tatuagens magníficas, que traziam uma beleza a mais em sua pele. Estava faminta para ter esse homem há muito tempo. Então não ia desperdiçar o tempo que pudéssemos ter.

Olhos escuros, embora quentes como o Sol, me aqueceram e me fizeram ficar toda arrepiada. Sim, valeu a espera, porque agora o tinha todinho para mim.

— Você é tão linda! — falou com ardor indo me beijar. — Promete que se eu surtar, você aplicará uma das suas agulhas em mim? Eu não suportarei a ideia de machucar você.

Alisei seus cabelos.

— Não vai, juro para você. — Tinha muita certeza disso. A outra vez

foi só por que ele estava em um momento difícil e sombrio da sua vida.

No momento, eu podia ver que aquela escuridão não se apossava mais dele; podia ver a mudança assim que entrei em sua vida de novo.

— Amo você, pense nisso e tudo dará certo — sussurrei em seus lábios. — Mal posso esperar para você ser o meu primeiro e o último. Agora quero sentir o seu pau gostoso dentro de mim me preenchendo.

Ele gemeu, capturando meus lábios e me beijou duro me fazendo ansiar mais dele; fui desprovida disso por anos, claro que antes era menor de idade, mas não quer dizer que nunca senti nada, já que assim que soube o que era amor, eu passei a querer este homem.

Uma de suas mãos passeava por todo o meu corpo esquadrinhando-me e, um de seus joelhos abriu minhas pernas e seu quadril se encaixou ali me fazendo cortar o ar que me restava.

Meu centro latejava necessitando mais dele.

— Por favor... — não sabia o que estava implorando — Preciso de você, minha boceta está queimando.

Rosnou e se afastou um pouco e pegou os meus peitos em suas mãos, que couberam perfeitamente.

— Minha Jade está com tesão? Está molhada para mim? — Sua mão foi parar entre minhas pernas sem nunca tirar os olhos de mim, algo escuro passou neles. — Se em algum momento o meu toque a incomodar, nós

podemos...

Coloquei dois dedos em seus lábios.

— Não penso nisso, para mim aquilo nunca aconteceu, só esse momento aqui onde sinto o seu corpo, e logo vou ter seu pênis em mim. — Sorri e depois gemi assim que dois dos seus dedos entraram em meu canal.

— Você vai ser fodida; eu farei você gritar o meu nome. — A sensação de seus dedos em mim, me fez segurar em seus braços e me empurrar mais em sua direção.

Quando Gael me tocou, eu só senti repúdio, mas com Luca me senti realizada, feliz por finalmente tê-lo em meus braços e me amar.

— Sim, Luca. — Fechei os olhos ao sentir seu toque em meu clitóris.

— Porra, eu preciso prová-la, posso ver o quão molhada está. — Seu dedo sumiu, mas antes que eu reclamasse por ele ter se afastado, sua língua ocupou o lugar. Cada sugada da sua língua me levava ao limite.

Gritei seu nome com a intrusão de língua, sem ligar se os seguranças ouvissem alguma coisa.

Minhas mãos foram parar em sua cabeça querendo mais de sua boca, então ele me deu.

— Oh, merda, essa sua boca é maravilhosa. — Consegui dizer através dos meus pulmões sem fôlego.

Ele riu, juro que o som vibrou a minha boceta e quase gozei só com

isso.

— Bom saber que gosta da minha boca lambendo essa deliciosa e suculenta boceta. Então mordiscou o meu clitóris.

— Puta merda! — De repente, o meu corpo foi arqueado me levando a um êxtase transbordante, mas ele não parou de me provocar, até que peguei em seus cabelos e puxei, mas sem machucá-lo.

— Luca, eu quero você dentro de mim. — Estava ansiando isso há muito tempo.

Agora chegou a hora e, eu já estava pronta desde que me apaixonei por esse homem. Logo que voltamos a namorar, as perseguições e perigos atrapalharam um pouco, mas estávamos seguros ali.

Tínhamos vindo para a mansão dos meus pais, e como estávamos sem os meus irmãos ao redor era melhor aproveitar, ou não teríamos mais oportunidade.

— Achei que quisesse mais da minha boca maravilhosa — brincou com um sorriso na voz e se afastou. Em seguida, veio me beijar. — Sente o seu gosto? Já não posso mais viver sem ele.

— O bom é que temos um futuro juntos onde poderemos fazer isso todos os dias — declarei com emoção ao pensar que teria esse corpo e tudo nele todos os dias e noites.

— Não trouxe camisinha comigo, já que não sabia que haveria

oportunidade de tê-la assim, não com os seus irmãos por perto. Mas deve ter alguma nos quartos deles, vou ver se acho — disse.

— Acho que você só vai encontrar no de Stefano, os outros são reservados em relação a isso — falei, remexendo-me e fazendo seu pau ereto quase entrar em mim.

— Jade. — Sua voz saiu rouca.

Sacudi a cabeça.

— Como estamos juntos e você não ficou com ninguém em algum tempo, então podemos fazer sem, além disso, eu estou tomando anticoncepcional. — Evitei pensar nele com outras mulheres, pois era passado, um que não tinha como voltar. Eu só queria viver ao lado dele e pensar em nosso futuro juntos.

— Sempre será só você. — Me beijou enquanto me penetrava aos poucos, acredito para não me machucar.

— Estou bem Luca, pode ir de uma vez — pedi.

— Não quero machucá-la.

— Não tem como evitar que doa, mas vai de uma vez que será melhor. — Alisei seu rosto e voltei a beijar os seus lábios.

Então ele fez o que pedi, me fazendo arfar.

— Você está bem? — sondou, parecendo preocupado.

— Sim, só me dê um minuto. — Recuperei o fôlego enquanto ele

beijava o meu pescoço, descendo para os seios.

Com os carinhos dele, logo a dor foi esquecida e me senti ansiando que ele se movesse. Remexi-me ali pedindo para continuasse, porque estava pronta.

Assentiu e começou de forma lenta, mas tão intenso como o Sol.

A sensação dele em mim me estocando não havia nada melhor, os seus beijos me fizeram sentir querida e amada, e com certeza eu era, logo estava implorando por mais dele.

— Tão apertada. — Fez um movimento no quadril que me fez gritar.

— Isso. Faz de novo. — Consegui dizer, quase subindo pelas paredes, e não queria dizer por metáfora.

Cada estocada me levava à porta do orgasmo, e tracei minhas pernas a sua vota fazendo com que entrasse mais fundo em mim.

— Puta merda! — grasnou, colocando uma de suas mãos nos meus cabelos e me beijou duro, acelerando mais os seus movimentos.

— Estou tão... — minhas mãos apertavam suas costas, tamanho era o meu desejo.

— Isso, goza para mim, Jade. — Seus dedos se colocaram entre nós para tocar o meu clitóris me fazendo arquear e explodir clamando o seu nome.

— Goze no meu pau, quero senti-lo em mim — disse nos meus

lábios, então rosnou e o senti tenso. — Sinta o meu gozo bater no fundo dessa bocetinha gostosa.

Olhei seu rosto e vi que não havia nada mais lindo que esse momento, onde me tornei mulher nos braços dele. Eu seria dele para sempre.

Ficamos ali, ofegantes, por um segundo. Senti-me mole e sonolenta.

— Nossa! Não achei que sexo fosse tão bom assim, se soubesse poderia ter feito mais cedo... — beijei seu peito ao sentir que ficou rígido. — Mas com você Luca, sempre será só você que eu desejo e amo.

— Fico feliz em saber disso. Mas você sabe o motivo de eu não ter te tocado antes. — Beijou minha testa e saiu de mim me fazendo estremecer. — Desculpe, está muito dolorida?

— Não, está tudo bem. — O tranquilizei, apesar de ter adorado a sua preocupação. — Acho que preciso de um banho, mas estou com sono, foi uma longa viagem.

Ele se afastou e pegou o lençol com manchas da minha virgindade, e me limpou com a área limpa e levou para o cesto depois veio com uma toalhinha molhada para me limpar melhor.

— Acho que posso me acostumar com esse cuidado após o casamento. — Sorri, assim que terminou o serviço.

Sorriu também.

— Para você sempre. — Beijou minhas pálpebras de leve. — Durma

um pouco.

— Fique comigo, quero seus braços a minha volta.

— Não estava pensando em ir a canto algum. — Deitou do meu lado e jogou a colcha sobre nós. — Acho que temos tempo para um cochilo antes de seus irmãos aparecerem aqui.

Coloquei minha cabeça em seu peito e suspirei, realizada.

— Amo você Luca. — Fechei meus olhos.

— Também amo você, pequena e vou amá-la para sempre. — Sua declaração foi a última coisa que ouvi antes de pegar no sono.



Ouvi um rosnado não muito longe, parecia furioso demais. Será que meus irmãos chegaram?

Abri meus olhos e me deparei com um Luca me olhando com fúria.

— O que está acontecendo? — sondei, preocupada, e segurei o lençol.

— O que tinha na cabeça? — rosnou.

Merda! Eu deveria ter descoberto o que fiz com Luigi, mas esperava que conseguisse controlar a fera. Luca era apenas o primeiro que enfrentaria, ainda teria mais três, sendo que um deles era o Capo, pois fui contra suas ordens.

— Posso explicar. — Me levantei e vesti sua camiseta e fiquei de frente para ele.

— O quê? Eu sei que você agiu pelas costas de seu irmão! Que se passou por ele e mandou um dos seus homens fazer algo que o Capo não ordenou. — ferveu. — Já pensou o que poderia ter acontecido com o Luigi?

Um gelo desceu por minha espinha.

— Por favor, me diz que Alessandro não... — minha voz falhou, corri para o meu quarto para pegar o meu telefone e ligar para meu irmão, mas antes que chegasse lá, eu ouvi um estrondo de algo explodindo.

De repente Wolf e Luca estavam sobre mim.

— Que porra está acontecendo? — rugiu Luca.

— Estamos sendo atacados, eles querem a senhorita ou vão atirar em todos nós aqui — disse Wolf.

— Vou me vestir e já volto. — Corri para o quarto e vesti um short sem me importar em pegar uma calcinha. Peguei minhas adagas e voltei para onde Luca estava com sua arma engatilhada na direção de Wolf.

— Responde agora, porra! — rosnou Luca.

— O que está acontecendo? — perguntei, atônita pela cena diante de mim.

— Ninguém sabia que estávamos nesse lugar, foi informado a todos que íamos para a mansão, pois esse era o plano. Então quem abriu a boca? — Luca perguntou de modo frio.

— Não sou traidor — grunhiu Wolf.

— Sei que alguém nos traiu e como sei que não foram os irmãos dela só pode ter sido você. — Apontou sua arma. — Agora me dê o seu telefone.

— Não vou dar nada, não obedeço às suas ordens — cuspiu ele.

Luca o olhou como se fosse um inseto.

— Posso ter minha a resposta por bem ou o farei falar. A escolha é sua — disse tom frio. E depois para mim — Jade, ligue para o Alessandro e informe do que está acontecendo aqui.

Assenti, confusa com tudo ali, mas me sentindo traída.

— Jade, nós estamos indo para aí. Depois teremos uma conversa sobre lealdade — falou meu irmão de modo duro.

Meu coração rachou.

— Só fiz o que achei certo, por favor, me diz que Luigi está...

Ele cortou:

— Tinha que se preocupar com os outros, né? — Suspirou. — Ele está bem, afinal viu o erro antes, desconfiou que não tivesse sido eu e me esperou chegar.

— Como...

— Por Deus, Jade — interrompeu Luca, quase rosnando.

— Por que ele está falando assim com você?

— Desculpe, só que estamos sendo atacados, houve uma explosão acho que nos portões, e para não bastar o Luca está suspeitando que o Wolf

nos delatou... — minha voz falhou — Isso é possível?

O telefone sumiu da minha mão antes de Alessandro responder.

— Chefe, eu não tenho nada a ver com isso...

— Quem sabe que estamos aqui, além de vocês, Wolf, Jade e eu? — Ele ouviu o que meu irmão disse. — Há alguma chance de ser o Miguel? — ouviu de novo e assentiu. — Ótimo, eu vou descobrir, espero que se apresse ou as coisas não vão ficar bonitas. Pelo visto estamos cheios de ratos.

Desligou e fuzilou Wolf, que parecia branco.

— Não fui eu. — Cerrou os punhos.

— Estranho, porque parece que só sobrou você. O seu Capo disse que não há qualquer possibilidade de Miguel o trair, então só me resta você. — Luca atirou em suas pernas, me fazendo ofegar. — Jade entre no quarto e não saia de lá. Agora, eu vou buscar a informação que quero.

Não consegui imaginar que Wolf, um homem que estava conosco há anos fosse um traidor, mas não poderia interromper as ordens do meu irmão de novo, e também não houve tempo. De qualquer forma pensando em todas as vezes que ele me vigiava, algumas das suas atitudes pareciam suspeitas; lá no beco quando ele chegou depois que fui machucada; na mansão de Dallas o Viper se feriu no braço e outros se machucaram de maneira mais grave enquanto ele não teve nada. Como não pude juntar as coisas?

— Sei que está aí dentro Luca Salvatore, não queremos guerra com a

sua família, só queremos a puta que está com você — disse uma voz masculina vindo na direção da porta da frente.

Senti o sangue sair do meu rosto, como se tivesse sido drenado e arfei.

— Entregue-a para eles e nós ficaremos bem — disse Wolf, o que fez meu coração murchar.

— Isso terminou de sentenciá-lo a morte. — Luca levantou a arma e deu um tiro na sua barriga. Em seguida, pegou a faca e começou a torturá-lo, mas me virei e fui para o quarto dos meus pais, pois era o mais seguro da casa. Também não queria ver nenhuma tortura ou execução de ninguém.

Em geral deveriam ser os quartos dos filhos os mais seguros da casa; pelo menos seria assim com os meus. Certamente meu pai não pensava na segurança da minha mãe, só na dele.

— Não queremos o Alessandro como Capo, pois ele não deu o castigo cabível a você que ficou com homens antes de casar — gritou alguém, parecia que estava num alto-falante.

— Vamos estuprá-la e depois matá-la, sua cadela e enviar os pedaços ao fodido do Capo — disse outra voz.

Tentei ignorar suas vozes, e os gemidos de Wolf, acho que Luca cobriu a boca dele, algo que eu não queria pensar.

— Vocês não precisam fazer isso — gritei, e eles ouviram.

— Não fale conosco, vadia — rugiu o cara que falou que ia me matar.

Precisava ganhar tempo até meus irmãos chegarem ali.

— Lamento, mas não cometi nenhum erro. Vocês não podem me usar para atingir os meus irmãos, seus vândalos malditos, não são homens suficientes para enfrentá-los cara a cara? Seus covardes! — gritei com todo o ar dos meus pulmões e raiva.

— Cutucando a onça com vara curta? — ouvi Luca dizer ao entrar no quarto, comigo e fechar a porta. Não vi sangue em suas roupas.

— Você é uma cadela que se insinuou para o Gael, agora meu irmão está morto e da pior forma possível — esbravejou o homem que me ameaçou de estupro.

— Eu não fiz nada, ele foi o único que ousou me tocar. — Ergui minha voz a ele e depois fui até Luca que parecia mortal. — Estou ganhando tempo.

— Você está provocando-o e, eu vou ter minha chance com esse verme. Vou ensiná-lo a não dizer essas coisas a minha mulher. Iria lá, mas têm uns 30 caras aqui, e eu sozinho não vou conseguir.

— Vou fazer tudo o que fizeram com ele, em você; depois mandarei os pedaços a seus irmãos — O homem continuou as ameaças.

— Ninguém vai tocá-la. — Luca alisou o meu rosto, o dele estava tenso e preocupado. Depois ligou de novo para Alessandro. — Onde vocês estão?

Houve uma explosão na porta da frente.

— Puta que pariu! — Abri a porta do quarto para ver o que estava acontecendo, o que foi idiotice e Luca me puxou.

— Ficou maluca? Poderia ter levado um tiro — exasperou.

Pisquei.

— Viu aquilo? Incendiaram a sala. Querem nos matar queimados — sussurrei, então a lembrança me abateu. Uma vez quando pequena, eu vi minha mãe doente e me deparei com ela apontando para o sótão que ali embaixo, dizendo que se um dia nós fôssemos atacadas era para pegar Luna e fugir por ali. Era uma lembrança distante, mas veio na hora certa.

Virei e fui até o armário na última gaveta, se tudo ali seria destruído, então eu ficaria com as joias. Não dava a mínima por serem joias, mas mamãe as amava e se pegassem fogo, ela poderia ficar zangada lá do céu e, eu não queria isso.

Coloquei a caixinha na cama e fui até o criado-mudo; peguei o álcool e joguei nas cortinas ao redor do quarto e na cama.

— Jade. — A voz de Luca estava grossa e tensa com tudo o que estava acontecendo.

— Puxe o tapete, há um túnel ali, vamos sair por ele. — Corri até gaveta do criado-mudo e achei um isqueiro, Marco fumava. — Vamos colocar fogo em tudo.

Ele me olhou como se eu fosse louca.

— Luca confie em mim. Colocar fogo aqui, juntando com o que eles colocaram na sala, logo a casa inteira virará cinzas. — Olhei para ele. — Esse ataque veio a calhar, posso usá-lo para forjar a minha morte. — Abri a tampa do isqueiro e joguei faíscas nas cortinas.

— Porra, Jade! — Ele pegou o meu braço e me puxou para o alçapão onde tinha um túnel no fundo. — Me diz o que se passa ou vou ficar louco.

Poderia chorar por queimar essa casa, mas ali só tive desgosto e tristeza; meu pai trouxe isso.

— Aqui dentro estão todos os traidores. Está certo que eu pretendia fazer com que aparecessem em algum momento dentro do plano que fiz, mas somente como uma armadilha, mas alguém fez antes de mim, porém comigo estando no lugar.

— Wolf e alguns infiltrados planejavam usar você para atacar o Alessandro.

— Por isso, muitos estão próximos deles, podem acabar machucando-os. Meus irmãos poderão usar isso e dizer que irão atrás de todos como vingança, quem for culpado e esperto vai fugir ou entrar em contato com os Rodins a procura de proteção. Será quando meus irmãos pegarão todos eles — falei, enquanto andava com a minha caixa nas mãos.

— Vai esconder isso de todos? — sondou.

— Não, vamos dar um jeito de entrar em contato com eles. — Não podia deixar meus irmãos pensando que eu estivesse morta, pois isso poderia destruí-los. — Mas como vamos fazer isso se eles estão cheios de infiltrados? Isso está parecendo aquele filme dos Infiltrados com Leonardo di Cáprio e Matt Damon.

— Alessandro é esperto e vai saber que não morremos, vai entrar em contato — disse.

— Sei que eles precisam se livrar desses ratos, como vocês dizem, ou poderão acontecer mais ataques como esse. Isso precisa parar. Vamos fazer isso e vai dar certo. — Apertei sua mão enquanto andávamos por aquele pequeno túnel que me lembrava a uma mina abandonada de ouro, embora ali não tivesse isso.

— Juro que nada vai acontecer com você, Jade. — Afirmou assim que saímos do túnel.



Capítulo 20

Jade

Saímos do túnel que dava para o outro lado da fazenda.

Ninguém sabia sobre ele, só meus irmãos e eu, porque mamãe nos disse. O meu pai queria guardar só para ele, maldito velho, egoísta. No final acabou morrendo.

Ouvi tiros ao longe e vimos uma grande camada de fumaça; de onde estávamos era um ponto alto, então podíamos ver a distância. Esperava que meus irmãos soubessem que eu estava viva; que não morri na casa em chamas.

Não havia dor pior no mundo do que saber que estariam sofrendo nesse momento, só esperava que eles pensassem que me lembrei do túnel e fui para ele.

— Será que eles estão pensando que estamos... — não consegui terminar.

Luca tinha jogado o meu celular e o dele no fogo, assim não correria o risco de sermos rastreados.

— Jade, não vai ser por muito tempo, Alessandro é esperto e vai saber

o que fizemos. — Me puxou para seus braços. — Não chore, querida.

— Espero que sim, não posso imaginá-los sofrendo dessa forma...

Houve um movimento a direita nos arbustos e Luca apontou a arma na direção e me escondeu atrás dele, então depois suspirou. Então abri os meus olhos e os arregalei assim que vi quem estava ali na minha frente.

O rosto de Rafaelle estava duro como pedra, mortal, e suas mãos estavam com uma faca suja de sangue e na outra jazia uma arma com o silenciador na ponta.

— Rafaelle? — Pisquei com os olhos molhados e corri para os seus braços.

— Ei, pequena vai ficar tudo bem agora. — Ele tentou me tranquilizar enquanto eu chorava. — Eu vou te levar para um lugar seguro.

Expirei, o bom que agora ele sabia que eu estava viva; se Rafaelle apareceu ali, então logo Alessandro viria também.

— Não posso, todos lá pensam que morri no incêndio, não é?

— Pode ser, mas pegamos todos, e se sobrou algum deve estar pensando isso. Mas você está viva. — Sua mão apertou o meu braço como se para comprovar que eu estava ali.

— Pense Rafaelle... com a informação da minha falsa morte na mídia, todos vão achar que vocês irão atrás de vingança por isso.

— Com certeza iríamos. — Ele franziu a testa. — O que está tentando

me dizer?

Contei meu plano a ele, que ouviu tudo atentamente.

— Alguns podem querer fugir ou atacar. — Me encolhi com isso. — Vocês três precisam ficar seguros, e a Luna...

— Miguel está protegendo-a, não se preocupe. — Colocou a mão no meu rosto. — O plano é bom. — Depois estreitou os olhos. — Estava pensando em fugir?

— Não, esperava que suspeitassem que eu me lembrei do túnel, mas de qualquer forma, Luca me disse que depois Alessandro arrumaria um jeito de entrar em contato. — Coloquei minha mão em cima da sua, no meu rosto. — Fique bem.

Ele assentiu e olhou para o Luca, que estava calado do meu lado.

— Vamos fazer isso, afinal temos alguns infiltrados; agora mesmo Alessandro e Stefano estão lidando com todos os traidores. E quanto a sua família? Você confia a ponto de dizer que está vivo?

— Meu Capo, confio nele com a minha vida — disse e suspirou. — Quanto tempo isso vai demorar?

— Não sei, espero que logo. — Rafaelle apertou minha cintura, mas sem tirar sua atenção de Luca. — A proteja com a sua vida se for preciso.

Luca assentiu e estendeu a mão para mim.

— Precisamos ir antes do pôr do Sol — disse, assim que pegou a

minha mão.

— Precisa de algo para desaparecer? — Rafaelle perguntou ao Luca.

Luca sacudiu a cabeça.

— Não, tenho o lugar certo para ir e tudo que vou precisar está lá.

Meu irmão olhou para mim, e depois para ele.

— Aonde vão?

— Melhor não saber, mas saiba que Jade ficará segura comigo. — O juramento dele estava em cada palavra.

— Luna?

— Não podemos dizer a ela por enquanto — disse Rafaelle, percebendo o meu medo. — Como Wolf foi um dos traidores, pode ser que Sage também seja.

Sage? Ele estava tomando conta de Luna, assim como Miguel. Se por acaso fosse um traidor, a Luna ficaria arrasada, e eu nem estaria lá para ela.

— Se ela souber de mim isso irá destruí-la. — Me encolhi por dentro.

— Me deixa cuidar disso, vou falar para o Miguel levá-la para algum lugar onde não pegue nada de Internet. — Meu irmão me tranquilizou.

O abracei mais uma vez, colocando a caixinha de lado.

— Amo você e fale aos outros que também os amo — declarei.

— Me deixe segurar isso. — Luca pegou a caixa da minha mão.

— Você a pegou antes... — Rafaelle me olhou de lado com as

sobrancelhas erguidas.

— Sim, nossa mãe amava esse porta-joias, foi a única coisa que pude pegar antes de tudo ser destruído — sussurrei

Ele assentiu.

— Agora se apressem para sair daqui. Há alguns quilômetros vai ter um carro. — Ele jogou as chaves para o Luca, que pegou com habilidade. — Vão. Eu vou esperar até estar limpo e vou até os outros para bolar um plano com o Capo.

Luca me puxou na direção da mata; não sabia para onde estávamos indo, só esperava que tudo acabasse bem para nós e meus irmãos, pois já estava farta de fugir.

Desde que voltei com o Luca, nós não tivemos um momento só nosso para aproveitar um ao outro; havia sempre alguém lá, um bandido atacando um dos nossos ou deles.

— Está tudo bem? — sondou Luca após dirigirmos horas depois de sair de Veneza.

Mal vi o tempo passar, já que estava preocupada com os meus irmãos e todos no caso de serem atacados. Devia estar em choque com tudo o que aconteceu, mas quem vivia na máfia deveria estar preparado para qualquer coisa.

— Estou bem — menti, franzindo a testa, sem acreditar, então

acrescentei: — Vou ficar, não se preocupe comigo. Onde estamos indo?

— Lucca. Nós ficaremos cobertos lá por um tempo, depois vamos para uma ilha onde esperaremos lá até tudo desenrolar. — Ele pegou minha mão. — Vai ficar tudo bem, só curta esse momento como férias.

Assenti e abri o porta-joias onde uma bailarina dançava enquanto a música tocava.

— Minha mãe adorava essa caixinha com essa dançarina de balé, era seu sonho antes de se casar com o meu pai — grunhi. — Para ele, as mulheres não deveriam ter sonhos, só tomarem conta de casa enquanto o homem pode fazer tudo o que deseja.

— Seu pai era um imprestável — falou com aço na voz e depois suspirou: — Sua mãe não pôde realizar seu sonho, mas você poderá ser médica. Assim que tudo se resolver, você pode entrar na faculdade.

Olhei para ele.

— Posso mesmo? Poderei seguir meu sonho e me formar em medicina?

Assentiu.

— Te falei uma vez no caso de se casar comigo que não a impediria de seguir os seus sonhos; se tornar-se uma médica é um deles, então por mim tudo bem. — Piscou de lado. — Talvez venhamos a precisar de uma médica algum dia na máfia.

Sacudi a cabeça.

— Cuidar de pessoas feridas de balas e facadas? — Estremeci. — Não mesmo, quero ser pediatra, criança é melhor de lidar do que com macho alfa.

Ele riu.

— Pediatra, hein? — Fixou o olhar na estrada, mas o canto de sua boca estava levantado em um sorriso. — Você será uma médica excelente, Jade.

— Espero que sim. — Fui fechar a caixa quando vi um papel debaixo das joias da minha mãe. Franzi a testa, pegando 5 cartas, direcionadas a cada um dos meus irmãos e eu.

— Que cartas são essas? De quem? — sondou Luca.

— Parecem ser cartas da minha mãe, é a letra dela. — Arregalei os olhos. — Parecem estar direcionadas aos meus irmãos e eu, e para abrir no dia dos nossos casamentos.

— Vai abrir?

Peguei a que era direcionada a mim, e guardei as dos meus irmãos.

— Sim, eu preciso saber o que está escrito aqui, quais são os pensamentos dela e pedidos, e por que as guardou aqui. Posso ler, já que iremos nos casar em breve.

Depois entregaria as cartas para meus irmãos; certamente ela escreveu

antes de morrer e deveria ter dito o que nós significávamos para ela.

Sempre fui a mais próxima da minha mãe; claro que os outros também eram, mas meus irmãos eram cheios de obrigações com as ordens do meu pai, e ficávamos Luna e eu em casa com ela. Minha irmã era pequena demais, apesar de saber que Luna se lembrava dela.

A dor por perdê-la foi esmagadora para mim, e para eles, certamente que sua morte pegou cada um de nós de forma diferente. Alessandro se fechou para o mundo, assim como Rafaelle, já Stefano ficou descontrolado e querendo matar direto; Luna não falava sobre, como se apenas tocar no assunto fosse doloroso, e com certeza era, mas esquecer-se seria pior, não? Precisava me lembrar de cada momento que estive ao seu lado.

Respirei fundo e abri a carta. Meu coração martelava fundo no peito. A data escrita ali era de um dia antes de ela ter partido para sempre.

A dor da saudade era tão forte que fiquei sem respirar por um segundo, mas precisava ler o que ela me deixou; algo que foi de seus últimos pensamentos:

Jade

Minha joia preciosa; hoje, eu estou aqui escrevendo essas palavras, porque não vou durar muito. Se você está lendo no dia do seu casamento é por que não estarei mais com vocês.

Queria dizer que esse é um momento especial, pois é seu casamento, espero que seu futuro marido a ame e a respeite como você merece, minha querida.

Faço um pedido, não sei se será possível, mas faça com que o seu noivo se apaixone por você, assim como foi com os seus avós; até tentei fazer o mesmo com o seu pai, mas ele não tinha um coração para tal coisa.

Espero e tenho fé em Deus que o seu noivo terá um pouco de humanidade e que se apaixonará por você, e a tratará da forma que merece.

Nunca deixe que a quebre, não apague esse brilho em você; essa forma cheia de vida, ou que destruam os seus sonhos, não desista por nada nesse mundo. Sei que é pedir demais no nosso mundo, pois as mulheres não têm uma palavra.

Espero e creio que você terá a sua tão merecida felicidade e ter filhos que sei que amará, assim como amei vocês cinco; nunca me arrependi de nada em relação a vocês. Posso ter sofrido na minha vida e chegar a um ponto de me arrepender de ter me casado, mas nunca de ter tido vocês.

Você, com toda a sua garra de sonhadora. Luna, com a sua doçura. Stefano, todo esquentado e impaciente. Rafaelle, meu menino calado. Alessandro, com o seu jeito frio, mas com os irmãos e comigo, eu vejo esse mesmo gelo se derreter e se transformar em brasa.

Amo cada um de vocês, meus amores, e creio que serão felizes.

Queria poder tê-los levados para longe de nosso mundo, mas fugir da máfia é perigoso e a sentença é a morte. O que posso fazer é rezar para que tudo se resolva na vida de vocês, meus filhos.

Jade, meu amor, desejo toda a felicidade ao lado de seu marido. Espero que esse dia seja tudo o que sempre sonhou.

Amo você para sempre.

Sua mãe.

Assim que terminei de ler, vi que meus olhos estavam banhados em lágrimas.

Luca parou o carro e me puxou para seus braços me reconfortando.

— Queria tanto ela comigo. — Chorei, escondendo o rosto em seu pescoço.

— Lamento, querida, por não poder realizar isso para você. — Ele estava tentando me tranquilizar.

Sim, nesse momento, eu soube que as preces da minha mãe foram ouvidas, porque eu não poderia encontrar pessoa melhor no mundo do que Luca.

— Ela sabia que ia... — minha voz falhou — Por isso escreveu as cartas para nós.

Poderia ter me dito naquela noite antes de morrer, mas acho que ela

pensou que eu era nova demais para entender as coisas.

— Pelo menos a sua mãe teve tempo de escrever algo para se despedir, já eu não posso dizer o mesmo da minha, pois sua vida foi ceifada por quem ela mais amava. — A sombra que cruzou seu rosto me lembrou a de uma tempestade.

Sabia que não tivemos pais bons, o meu era um demônio desalmado, mas não matou a minha mãe. O pai de Luca fez. De qualquer forma, os dois eram monstros.

Meu coração doeu pelo que Luca teve que passar nas mãos dele. Tinha até presenciado um momento assim ao ver como ficou todo machucado.

— Sinto muito por isso, querido. — Isso era verdade. Queria poder tirar a sua dor, mas não podia, só o que podia fazer era mostrar o meu amor por ele.

— Está tudo bem, agora vamos embora. — Sua voz soou grossa no final, mais do que já era.

Olhei ao redor, assim que voltou a dirigir, então reconheci a cidade, não tinha estado ali antes, mas conhecia.

Ri, sacudindo a cabeça.

— Uma cidade com o seu nome. — Tinha muitas torres nessa cidade. O verde era formidável ao ladear o lugar. — Podemos ficar nela?

— Não podemos, não agora. Mas se quiser vir, nós faremos em nossa lua de mel. — Tinha um gosto bom quando falou Lua de mel.

Ele saiu da cidade e pegou uma estrada rural no sentido da montanha.

— Vamos ficar em uma fazenda?

— Não chega a ser uma fazenda, já que não tem gados. É mais como um chalé nas montanhas — disse com um sorriso. — Minha mãe adorava esse lugar, foi o lugar onde nasci, por isso escolheu o meu nome.

Pisquei.

— Nasceu em Lucca? — Virei no banco para ver a cidade que estava desaparecendo atrás das árvores.

— Sim, ficar na cidade é arriscado agora, nossos rostos podem estar na TV. Precisamos ficar seguros e fora dos olhos e ouvidos dos outros. Não estou a fim de eliminar nenhuma ponta solta. — Andamos mais alguns quilômetros em uma subida e curva ao declive, que me fez ter medo só de olhar a altura do lugar.

Então chegamos ao topo de uma montanha. Deparei-me com um chalé feito de pedra, arquitetura toda linda como se tivesse saído da TV.

— Puta merda. — Meu queixo caiu, mas o mantive no lugar. Não era grande o lugar, mas o mesmo era formado de jardins de flores coloridas; de um lado tinha a floresta vasta e do outro uma piscina grande e, no fundo a vista de toda a cidade.

Descemos e fui até uma cerca que separava a casa e o penhasco abaixo.

— A vista da cidade desse lugar é deslumbrante — falei, aturdida e me virei para olhar para ele do meu lado. — De quem é esse lugar?

Fui ao jardim e peguei uma flor, cheirando a pétalas dela.

— Uau.

Ouvi sua risada atrás de mim, então me virei e o vi de braços cruzados. Fiquei feliz que minha animação o tenha feito esquecer a sua dor, e levado a escuridão para longe.

Eu não ia ficar triste, mamãe queria que eu fosse feliz e, eu seria ao lado de Luca.

— Parece que ama o lugar, isso por que não viu o resto da casa. — Pegou a minha mão e levou para a casinha bonita.

Dentro era aconchegante com sofás e mesinhas com vasos de flores sobre elas. A cozinha ficava a direita, toda bonitinha.

— De quem é o lugar? — sondei de novo, já que não respondeu antes.

— Meu, comprei há alguns anos. Estamos seguros aqui, um caseiro toma conta do lugar.

— É lindo demais, parece ter saído de um conto de fadas — sussurrei, pasma. — Quando nos casarmos, nós poderemos morar em um lugar como esse? Seria maravilhoso ter uma casa assim.

— O que você desejar. Nós poderemos construir da forma que quiser — disse.

Assim que entramos no pequeno quarto aconchegante, eu fui me deitar.

— Estou morta. — Estava um caco, tanto fisicamente quanto emocionalmente. Como a adrenalina da minha quase morte passou, eu comecei a me sentir esgotada. — Essa semana foi muito cheia, só esperava que acabasse logo.

Luca sentou-se ao meu lado.

— Descanse um pouco, foi um dia longo demais. — Tocou meu rosto.

— Como será que meus irmãos estão? — Estava preocupada com eles.

— Com certeza bem. — Suspirou. — Já não posso afirmar o mesmo de quem ficar contra eles.

— Só espero que Luna não acredite sobre o que quer que esteja aparecendo na TV sobre nós. — Notei que ali não tinha televisão.

— Não vai, Miguel vai garantir isso. — Beijou minha testa. — Quer tomar um banho? Deve ter algumas roupas no guarda roupas. Pedi aos caseiros que comprassem algumas roupas para nós.

— Quando falou com eles sendo que não ouvi nada? E você jogou

nossos celulares no fogo. — Franzi a testa.

— Tinha um celular pré-pago no carro, acho que não ouviu, porque estava imersa em seus pensamentos. Te chamei algumas vezes, mas estava distante. — Esquadrinhou meu rosto. — Passou por muitas coisas esses dias e hoje, então é melhor dormir.

— E você?

— Preciso checar algumas coisas antes, depois chamo você para comer algo. — Beijou meus lábios de leve. — Amo você.

— Eu também. Me chama se acontecer algo?

— Sim, eu prometo, agora descanse.

Fechei meus olhos, torcendo para que todos estivessem bem. Queria que todos esses problemas fossem resolvidos logo para eu poder desfrutar a felicidade ao lado de Luca e minha família.



Capítulo 21

Jade

UM MÊS E MEIO DEPOIS

Estávamos nessa ilha há muito tempo; depois de ficarmos três dias no chalé dos sonhos viemos para essa ilha magnífica; com a natureza da floresta e o azul brilhante do oceano.

Nesse lugar tinha muita diversão, tanto para esquiar quanto para fazer trilha. No começo, eu não aproveitei nada disso, não até falar com Alessandro e saber que tudo estava indo bem; eles estavam conseguindo pegar os inimigos.

Depois disso, eu comecei a aproveitar o tempo como se fossem férias ao lado de Luca; me senti em lua de mel, mesmo não tendo casado de fato.

Nesse tempo ali, nós aproveitamos para treinar — dormir ao lado um do outro. No começo foi difícil, pois Luca surtou em algumas noites, mas ao decorrer das semanas, eu vi que ele não estava mais se incomodando tanto em acordar e estar acompanhado e algemado; acreditava que não ia demorar

muito para tirar as algemas. Luca só precisava acostumar-se em dormir com alguém do seu lado e isso era uma questão de tempo. Sabia que teríamos um processo a fazer, e eu estaria ao lado dele para tudo.

— Poderíamos nos casar aqui ou em um lugar igualmente paradisíaco. O que acha?

Nós estávamos em uma lancha que, para minha surpresa também era dele; o cara tinha coisas em cada canto, como chalés, lanchas e casas em ilhas. Ter tudo isso e não usufruir parecia um tanto errado; o bom que agora como sua esposa, nós poderíamos ir sempre que pudéssemos. Sabia que ele era ocupado demais, mas poderíamos dar um jeito de nos divertir.

Luca estava pilotando a lancha, então parou ali do outro lado da ilha onde estávamos. Ele falou que queria me mostrar a beleza do lugar.

Nunca me cansava de olhar para esse homem perfeito ali na minha frente, vestido apenas de short deixando seu corpo sarado à mostra para minha cobiça. Tive dele muito nesse tempo, conosco estando sozinhos ali, e aproveitei cada segundo, mas nunca era o suficiente.

— Está gostando da vista? — provocou com um sorriso na voz.

Mordi os lábios olhando para os seus olhos brilhantes.

— Com você nunca é o suficiente, sempre irei querer mais — declarei.

Sorriu, sacudindo a cabeça.

— Digo o mesmo, minha querida noiva. Até poderíamos nos casar em uma ilha, mas sua família tem a tradição de realizar casamentos em igreja, então ficaria difícil. — Veio em minha direção.

— Posso tentar convencer o meu irmão, agora que ele é o Capo pode fazer tudo, apesar de que me casar na igreja também seria bom, talvez pudéssemos ir para uma ilha em nossa lua de mel — Minha língua enrolou com a última frase.

Puxou-me para seus braços e me beijou faminto como se não tivesse se alimentado há dias.

— Está sentindo o meu pau duro? Isso nunca vai parar; você me faz ansiar por essa boceta a todo o momento. — Apontou para um sofá de couro no convés. — Agora fique de quatro e segure no sofá.

Um arrepio me apossou ao ouvir suas palavras, mas fiz o que pediu, aliás, estava ansiando.

— Luca, eu estou necessitando de você. — Apertei uma perna na outra tentando tirar o atrito.

— Você está molhada para mim? — ouvi-o se abaixando atrás de mim.

— Sim, pode colocar o dedo e checar, estou louca para ter o seu pau — falei com a voz rouca.

— Não quer meus dedos e minha boca primeiro? — provocou com

um sorriso.

— Não dou a mínima, contanto, que me toque, porque eu juro que vou gritar. — Balancei a bunda na direção dele. — Você vai me comer, ou não?

Ele rosnou, feroz.

— Você gritará sim, e muito hoje, com minha boca em você e depois com o meu pau te preenchendo tanto até o toco. — Tirou os laços da calcinha do biquíni e o vi jogar longe.

Acreditava, pois se alguém podia fazer isso era ele, o meu futuro marido.

— Lembra-se de quando falei, hoje cedo, que ia bater nessa bundinha linda? — Então senti uma palmada que me fez ofegar, mas não de dor, mas de desejo. Estava ansiando por mais tanto que me senti mais molhada.

— Merda, eu não vejo isso como um castigo, porque é bom demais. — Mais cedo, na praia, eu fiquei de biquíni, ignorando seu pedido para não tirar o short, e fiz, porque todos estavam trajes de banho.

Gostava da possessão de Luca, embora sua fúria nem tanto; depois vesti o short, ou ele acabaria matando alguém da pequena ilha.

Outro tapa, agora um pouco mais forte, embora também prazeroso.

— Agora me diz, por que está sendo castigada? — Outro tapa e depois massageou.

Engoli em seco.

— Porque tirei o meu short na praia — gritei, porque meu corpo estava tomado pelo prazer, e ofeguei ao sentir seus lábios em minhas nádegas.

— Isso, querida, o problema foi que você me disse que esse corpinho lindo é só para meus olhos vêem, desfrutar e saborear. Não foi isso que disse? — Colocou um dedo me fazendo empinar mais em sua direção. — Sou possessivo com o que é meu.

Senti que minhas nádegas foram abertas e um dedo passou em meu buraco enrugado me deixando tensa; não sabia se poderia fazer isso, ou podia? Nunca tive amigas para conversar sobre isso. Mas era Luca ali, então faria tudo com ele.

— Relaxa, um dia isso vai ser meu, pois quero você todinha. A terei de todas as formas que desejo. — Beijou minhas costas e começou a movimentar o dedo dentro de mim.

— Se eu quiser agora? — Olhei para ele, por cima do ombro, que sorriu.

— Vou pensar nisso depois, mas agora, nesse momento não, eu só quero prová-la; provar aquele mel que sai de você que tanto adoro. — Colocou outro dedo.

Queria retrucar dizendo que estava tudo bem e que poderíamos fazer

o que queria, pois só fiquei tensa, porque fui pega de surpresa. Estava a ponto de dizer, então sua língua me invadiu chupando meu clitóris.

— Merda, isso é...

— Como se sente ao ser comida aqui nesse oceano? — rosnou.

Olhei para frente, vendo a ilha; não estávamos muito longe, e se tivesse alguém na margem poderia estar tendo um grande show.

— Alguém pode ver. — Consegui dizer através das sensações que seus dedos estavam me proporcionando.

Sua risada vibrou a minha barriga.

— Você não parece muito preocupada — observou com divertimento na voz.

A razão poderia falar mais forte ali me mandando ter compostura, mas quer saber? Não dava a mínima para tal coisa. Idiotice, eu sei, mas não ligava.

— Não dou a mínima, só quero que você me foda — pedi, empinando a bunda em sua direção.

— Deseja minha língua ou o meu pau? — falou e senti o seu calor em minha boceta me fazendo remexer.

— Os dois, Luca, eu só quero que se apresse — rosnei. — Ou terei que fazer eu mesma?

Ouvi sua risada em minha pele me fazendo arrepiar.

— Eu gostaria de ver isso em algum momento, adoraria vê-la satisfazendo a si mesma. — Depois sua boca voltou a me consumir e cada intrusão da sua língua me fazia gritar mais alto, chamando seu nome.

Minhas mãos seguravam o braço do sofá com força enquanto movimenta o corpo em sua direção tamanho era o desejo que estava sentindo.

Seus lábios puxaram meu clitóris enquanto me fodia com os dedos até que explodi em sua boca.

— Tão saboroso esse suco, fenomenal, porra! — Antes que me recuperasse, ele me preencheu com cada centímetro delicioso dele me levando ao êxtase.

— Formidável, droga! — grunhiu a cada estocada que me dada. — Tão apertada essa minha boceta, toda minha.

Não sei se era uma pergunta ou não, mas respondi mesmo assim:

— Eu sou toda sua, Luca... — minha voz falhou e fechei os olhos apreciando a sensação de plenitude.

Suas mãos eram firmes em meu quadril cada vez que entrava em mim, tanto que logo explodi tão forte que achei que estava flutuando. Então fiquei mole e desabei no sofá em uma posição nada ajeitada, e ele pairou em cima de mim.

Alisou minha bunda.

— Está muito dolorida? — sondou, parecendo preocupado por causa

dos tapas.

Ficou de pé e me levantou com ele tocando meus lábios e, em seguida, me beijou.

— Não, está tudo bem, gostei bastante desse castigo. Acho que posso ser uma menina muito desobediente em nosso casamento para receber isso de novo — provoquei, descendo minha mão em seu peito.

Pegou minha mão e beijou.

— Por mais que eu ame ter uma segunda rodada, temos que ir de encontro a Rafaelle.

Pisquei, voltando à realidade.

— Vamos embora? — sondei, enquanto pegava a calcinha no chão e o vi assentir.

— Sim, acabou tudo, graças aos céus. Por isso, eu não gosto de andar com um olho aberto e outro fechado. — Olhou para minhas pernas. — Acho que precisa tomar um banho antes.

Vi que seu esperma estava descendo entre minhas pernas.

— Tudo bem.

— Depois vista um short — pediu, levantando sua bermuda e pegando uma camisa ali no sofá e colocando-a.

— Por quê? Estamos no oceano, e vamos encontrar o meu irmão.

— Olhe a sua bunda, ela está toda vermelha, e se seu irmão ver isso

vai saber o que aconteceu. — Deu um tapinha de leve na minha bunda.

Fiz careta; amava meus irmãos, mas eles saberem que algo assim aconteceu seria demais até para mim, que não era uma mulher tímida.

Tomei banho, enquanto Luca nos levava ao nosso destino e estava contando os minutos para ver logo o meu irmão; me sentia aliviada que tudo isso passou.

— Onde estamos indo? — sondei, vendo que nós não estávamos perto de nenhuma ilha.

Seu olhar vagou pelo meu corpo, que estava vestido como ele me pediu e vi um brilho ali.

— Bom que ouviu o meu conselho — disse e depois suspirou e apontou a frente. — Olha lá.

Não muito longe surgiu uma ilha.

— Rafaelle já deve estar lá nos esperando — disse com um suspiro.

— Alguma notícia de Alessandro e Stefano? Por que não vieram juntos?

— Os dois estão nos Estados unidos, acabaram com a guerra entre Patrick Petrova que acabou sendo morto. Os Rodins que estavam aliados a eles foram mortos e alguns fugiram. Seus irmãos eliminaram os traidores que estavam com os Rodins.

— Eles eliminaram o chefe? — perguntei, curiosa e louca para que

tudo acabasse logo, para não sermos atacados mais.

— Não, Chavez ainda está comandando tudo. — Passou uma mão no rosto em um gesto frustrado.

Franzi a testa.

— Não entendo, se ele ainda está por aí, por que vamos voltar? — sussurrei.

— Jade, para derrubar uma organização dessas não é assim, em meses, exige tempo e planejamento. Apesar de que Alessandro eliminou todos os seus infiltrados tanto aqui na Itália quanto nos Estados Unidos.

— Isso é tão... — não consegui pensar, não entendia por que não atacavam logo e assim eliminarem o problema. Quase ri, eu desejando o mal de alguém? Devia ter ficado louca, mas eles eram tão malvados que não pensariam duas vezes antes me machucar da pior maneira possível.

— Me diz uma coisa: Quando matamos uma galinha o que precisa acontecer antes de prepará-la? — Virou de lado enquanto me observava.

Pisquei.

— Arrancar as penas — indaguei.

— Sim. Alessandro, Matteo e Nikolai estão juntos nisso para derrubar os negócios dos Rodins, para depois, enfim, chegar até eles para matá-los.

Sacudi a cabeça a cabeça, atônita.

— Deviam chegar lá e eliminá-los de uma vez — espantei-me comigo

mesma por dar esse conselho.

— Se Chavez ser morto agora, entrará outro no lugar e assim por diante. Nós precisamos cortar o mal pela raiz de uma vez por todas para que mais ninguém substitua esse maldito na organização. Além disso, os federais estão em cima deles com a coisa de Patrick Petrova. Se eliminar o verme agora, nós ficaremos no radar do FBI, e isso não aconteceu nem quando Lorenzo fez aquelas atrocidades, então não vai ser agora. Tem um ditado que diz: a vingança é um prato que se come frio — disse.

— Então não estamos libertos dos perigos — murmurei.

— Querida, somos da máfia, nunca ficaremos libertos de fato, você sempre será vigiada, e vou procurar alguém de minha inteira confiança para isso, já que o seu segurança era um traidor. — Meneou a cabeça de lado. — Estou dizendo, porque a Irina fugiu quando soube que estava grávida. Isso fez com que fosse atacada no aeroporto quando Alexei a trouxe de volta, por pouco não foi capturada ou pior. E o irmão dela levou um tiro tentando salvá-la. — Sacudiu a cabeça. — Não consigo nem cogitar algo assim acontecendo com você.

Lembrei-me de Irina contando sobre o seu sonho de ser mãe, e que Matteo não estava querendo. O bom que soube que eles estavam se dando bem depois do susto que passaram; que tudo estava certo entre eles e o bebê.

Cheguei perto dele e coloquei a minha mão em seu coração, onde

pulsava irregular.

— Juro que não serei capturada por nenhum inimigo, tanto dos meus irmãos quanto de vocês, Salvatore. — Isso era uma promessa que cumpriria.

— Esses ataques foram fodidos em todos esses meses, espero que acabe, agora com a morte de Patrick. Foi o desgraçado que convenceu os Rodins a atacarem, mas se deram mal, porque agora estão sobre os olhos dos tiras.

— Ficaremos juntos de verdade agora? — sondei. — Podemos nos casar em paz sem sermos atacados e eu fazer a faculdade?

— Vai sim, apesar de que terá segurança constantemente. Mas não vou privá-la de fazer as coisas que deseja, e vou tomar conta de sua proteção.

— Não ligo para eles, já que me seguiam por muitos anos. — Apertei sua mão. — Contanto que esteja comigo, eu não ligo.

— Sempre estarei.

Assenti, confiando em sua promessa. Saímos da lancha e fomos a um bote até a praia onde tinha um helicóptero e Rafaelle vestido com um terno escuro.

Corri para os braços do meu irmão, assim que pisei na areia branca.

— Você está bem? — sondou, me checando dos pés a cabeça e avaliando-me.

— Sim, estou bem. Luca me manteve protegida — garanti com

firmeza.

Seu olhar agora era questionador entre nós dois.

— Vocês...

Cortei, já sabendo o que ia dizer. Com certeza estava se perguntando se Luca me tocou em todo esse tempo, sozinhos.

— Estamos bem, obrigada. — Agradeci.

Ele estreitou os olhos, fuzilando o Luca.

— Falei para não tocá-la. — Se lançou para Luca, mas me coloquei na frente, embora não por muito tempo, já que Luca me escondeu em suas costas.

— Prometi que não a tocaria se ela não quisesse — disse Luca.

Rafaelle estava pronto para dizer algo ou apenas querer matar o Luca.

— Vamos nos casar, então pare de ser assim. — Segurei o braço do meu irmão. Mudei o assunto para um rumo menos perigoso. — Luna e os outros estão bem?

Ele respirou fundo.

— Todos bem, não se preocupe. — Pegou minha mão. — Chegou a hora de ir para casa.

Concordei, adorando a ideia de voltar para casa e ter minha felicidade ao lado de Luca.



Epílogo

Luca

Hoje era o grande dia em que Jade seria minha; onde receberia meu sobrenome e minha aliança. Custava a acreditar que fui privilegiado dessa forma com algo tão bom. O que me fez sentir realizado foi que todos esses quatros meses de treinamento com a Jade, finalmente sentia que poderia ser o marido que ela precisava. Onde poderia estar toda noite ao seu lado sem temer que a machucasse.

Há uma semana estávamos dormindo juntos sem algemas, e às vezes, eu me assustava ao sentir seu toque quando acordava, mas logo passava; bastava sentir seu cheiro maravilhoso me inebriando, a sua voz. Essa mulher era capaz de me tirar do fundo de um abismo caso estivesse em um. Estava confiante que um dia dormiria ao seu lado sem medo.

— Como vão as coisas? — perguntei ao Matteo.

Estávamos nós dois e Nikolai perto do púlpito esperando a minha mulher chegar.

Após a fuga de Irina há algum tempo, onde eu só soube um mês e meio depois, meu primo só não quis deixar minha cabeça mais cheia do que

já estava.

— Estão normais por enquanto, acredito que Chavez pegou a nossa dica quando enviamos só os membros dos seus, como aviso, além de nossa invasão em seus negócios. O aviso foi claro: se aproxima de nós e nós vamos ferrar com tudo, fique longe e vamos deixá-los em paz.

Arqueei as sobrancelhas.

— Os Destruttore concordaram com isso? — Nikolai suspirou. — Sei que uma batalha assim geraria muitas mortes e temos que pensar antes de agir, os Rodins não têm nada a perder, mas nós temos.

Seu olhar vagou até a extremidade do salão todo decorado e florido, com vários vasos de flores. Minha prima Dalila estava com Nikolas nos braços, conversando com a Irina. O garotinho deles tinha dois anos e era muito esperto; e minha prima estava esperando outro bebê, parecia ser uma garotinha agora. Irina também esperava por uma garota.

Também queria ter filhos um dia, mas não agora, afinal Jade ainda era nova e iria se formar em medicina; eu queria que ela se focasse nisso, aí quando tivesse realizado todos os seus sonhos poderíamos ter alguns bebês.

— Sim, os irmãos Morelli sabem disso também, por isso concordaram, apesar de deixarem claro que se vissem alguns deles em seu território abriria as portas dos infernos e jogariam lá todos os Rodins. Alessandro deu dois tiros entre os olhos dos guardas que tomavam conta da

segurança de Chavez. Embora o sentisse com raiva por não ter matado o chefe dos Rodins. — Suspirou Matteo. — O bom foi que ouviram o nosso plano, que é deixá-lo para lidar com o FBI. Assim que estiver mais fraco, nós atacaremos, e assim teremos certeza que os nossos não serão feridos, só do lado dele. Além disso, não quero o FBI no meu pé.

— Jeito bom de dar um recado — apontou Nikolai com um bufo. — Deixar a poeira abaixar é bom, aqueles idiotas levaram os federais até eles depois que lançaram fogo no aeroporto cheio de civis. Vão acabar cometendo um erro, então o pegamos depois.

— Foi bom que Chavez ouviu, ele não quer chamar a atenção; foi na ideia de Patrick e agora está na linha de frente dos federais — disse meu primo. — Não acredito que farão nada, entretanto não vou abaixar a guarda, se atacarem, nós estaremos prontos.

— Sim — concordou Nikolai. — Alexei vai assumir os negócios dos Petrovan, então haverá poucas opções para os Rodins se aliarem e ganharem forças, além disso, nós temos infiltrados lá dentro, qualquer ação vamos saber.

Teve uma reunião logo quando fomos à Itália, para buscar aliança para a proteção de Rayssa; era para eu estar lá, mas como não podia, Matteo foi e me deixou a par de tudo; nesse dia, a garota fugiu acreditando que seria para a proteção de Alexei.

— Então Alexei vai fazer a ascensão? — Para que Rayssa tomasse posse do trono que o pai deixou, ela precisaria lutar em uma batalha e matar seus oponentes. Mas o problema que a menina era como a Jade, não conseguia eliminar uma cobra venenosa querendo o seu mal.

— Sim, seria uma traição se Alexei fizesse sem um motivo, já que o amor não conta. Ele tomar o lugar dela para que a mesma não matasse ninguém seria um gesto de fraqueza. — Nikolai sacudiu a cabeça. — O bom foi que Rayssa ficou grávida e agora há um motivo para não lutar. Fora a parte que acreditou que Alexei seria um bom governador dos Petrovan.

Alexei não aceitou ser Capo dos Dragons quando os pais dele morreram, então deixou o cargo para o Nikolai. Agora que se apaixonou e sabia que Rayssa não poderia governar uma máfia, decidiu assumir esse cargo. O que o amor não faz? No seu lugar, eu faria o mesmo se fosse a Jade, embora não pensasse em governar nada.

— Falando nisso, eu conversei com o Alessandro e queria falar com você, Luca. — Meu primo se virou para mim. — Sei que não é o momento.

— Do que se trata? — Franzi a testa.

— Sei que você é importante aqui comigo e esteve do meu lado em momentos difíceis, mas agora chegou a hora de dar o cargo que precisa...

— Oh, merda. — Já sabia o que seria, desde que Matteo assumiu o cargo de Capo, ele vinha tentando me convencer a aceitar um cargo de chefe

em uma das cidades da Itália. Mas eu sempre rejeitava.

— Pense Luca, a sua noiva está acostumada a viver na Itália e não ficaria longe de sua irmã. Alessandro deixou claro que a irmã caçula dele não vai sair de suas vistas. — Matteo bufou. — Poderia sentir-me indignado com isso, mas o entendo, após saber o que houve com Jade, a proteção dessa menina será cerrada.

— Isso não é motivo para receber esse cargo...

Matteo sorriu.

— Que tal esse? Irina me contou que Jade foi aceita em uma das melhores faculdades de medicina em Milão, ela tinha enviado a carta antes de tudo isso acontecer, pelo menos foi o que a Irina disse. Mas o pior é que a Jade está pensando em não aceitar, já que você mora em Chicago. — Suspirou Matteo. — Vai deixá-la desistir de seu sonho só por que não quer aceitar o cargo de chefe de Milão?

Ergui as sobrancelhas.

— Vou ser chefe dos seus negócios ou do Capo Destruttore? — Meu peito pulsava e não tinha nada a ver com o sangue bombando ali, mas sim por estar orgulhoso que minha menina tivesse sido aceita para fazer algo que ela amava.

— Dos nossos, claro. — Ele me olhou como se eu fosse louco, então ri.

— Matteo, eu sei que usar a minha mulher não é coisa boa, apesar de que não deixarei a Jade desistir de nada por mim. — Suspirei. — Aceito o cargo.

Matteo sorriu.

— Parte de Milão é de Alessandro, então vocês vão se dar bem trabalhando juntos, já que são cunhados.

Bufei.

— Me dar bem com aquele *ghiaccio*? — Sacudi a cabeça vendo Rafaelle e Stefano no fundo conversando com dois dos seus homens. Alessandro ficou de trazer a Jade.

Irina veio até nós com o seu vestido salmon mostrando uma pequena protuberância da gravidez.

— Por que não param de falar em negócios? — acusou com um olhar feio direcionado a nós três. — Jade está chegando e não vai gostar de ver que estão falando de coisas fúteis e não pensando nesse momento.

Matteo pegou o seu braço, e pude ver que ele queria puxá-la para um abraço, mas isso seria considerado gesto de fraqueza, então se controlou.

— Já acabamos, só estava informando ao Luca sobre o seu novo posto de chefe de Milão, então ele se mudará para lá com a sua futura mulher — disse Matteo a ela.

Ela sorriu.

— Vou sentir sua falta, mas Jade ficará feliz ao lado da irmã, elas nunca se separaram. — Deu um tapinha no meu ombro. — Você é bom, Luca.

— Nenhum assassino é bom, mas tudo bem. — De qualquer forma, eu não me arrependia de ser quem eu era. Um executor. E continuaria sendo, embora como o chefe.

Parei de pensar nisso, porque a mulher mais linda do mundo apareceu na entrada da igreja. Por ela, eu seria capaz de tudo, até de me mudar para um país que pensei não me mudar tão cedo, muito menos como um chefe lá.

Contudo, eu estava feliz, pois teria uma vida ao lado dessa mulher deslumbrante que era a minha razão de respirar nesse mundo.

Jade

Estava ansiando tanto por isso que agora não sabia que decisão tomar. Luca morava em Chicago e, eu sabia que não ia mudar por nada, ou talvez fosse, não sei. Embora também não quisesse desistir do que tanto sonhei.

— Não era para estar feliz? — sondou uma voz atrás de mim que eu reconhecia muito bem. Stefano.

— Se quiser desistir de se casar chegou a hora — disse Rafaelle.

— Nada impede de o fazer — acrescentou Alessandro.

Todos os três estavam ali, assim como Luna; eu os chamei, porque tinha chegado a hora de entregar algo que pertencia a eles.

— Desistir de Luca? Nunca faria tal coisa, pois seria como ficar sem respirar. — Suspirei, vendo os olhos arregalados dos três e o sorriso de Luna. — Só estava pensando na carta de aceitação da Universidade. Como posso ter os dois sem desistir de um? Amo Luca e também o meu sonho é ser médica, por que não posso ter os dois?

— Quem disse que não pode ter? — disse Rafaelle.

— Luca mora em Chicago, e sendo braço direito do primo, eu não acho que se mudará para Milão — murmurei.

— Isso já está resolvido, vocês dois vão morar lá, assim como nós. Preciso ampliar alguns negócios lá — disse Alessandro. — Assim vocês duas não ficarão separadas. Sei o seu medo de deixar Luna sozinha, mas ninguém a tocará, eu prometo isso a você.

Assenti. Se alguém podia fazer isso era o meu irmão.

— Confio em você, mas como vamos para Milão? O Luca...

— O Capo dele o promoveu a chefe de Milão, e Luca aceitou a oferta.

Pisquei.

— Jura? — Recebi a carta mais cedo, então não tive tempo de contar

a ele. Claro que contaria assim que nos casássemos. — Você teve participação nisso?

— Acha que ele faria o que eu mandasse? — Alessandro sacudiu a cabeça. — Mas por você, Luca faria tudo, isso é bom, pois sei que será protegida sem me preocupar com nada.

Sei que faria, pensei.

— Acha que ele vai se acostumar a viver em Milão e a ser chefe? Afinal, o cargo é diferente do anterior.

— Jade, Luca terá que fazer o que sempre fazia, mas na função de chefe, embora não tanto quanto antes, pois para isso terá homens — disse Rafaelle.

Senti-me aliviada em saber disso, apesar de que fazia algum tempo que não via mais escuridão nele depois que matava alguém como acontecia no começo. Acreditava que tivesse aceitado que o pai dele morreu e o deixou lá onde está.

— Obrigada aos três por tudo o que fizeram por mim. — Abracei cada um deles e me afastei indo até a mesinha para pegar o que queria e me virei para eles. — Isso é para vocês.

Stefano franziu a testa.

— Carta? Por que está nos dando isso se vamos ficar na mesma cidade?

Entreguei a cada um deles.

— Achei no porta-joias da mamãe. Foi direcionada a cada um de nós para abrirmos quando fôssemos nos casar. A minha, eu já abri — expirei.

Piscou Stefano.

— Merda! Como nunca vou me casar, então não saberei o que está escrito? — Ele parecia em conflito.

— É a letra dela. — Rafaelle virou o envelope.

— Não acredito que tenho algo dela — sussurrou Luna, colocando o envelope no peito.

— Sei que devem estar confusos, mas ela as escreveu uma noite antes de morrer; são seus desejos mais profundos. Mamãe rezou para que eu encontrasse alguém que realmente me amasse e faria tudo por mim e, eu encontrei o Luca. — Olhei para cada um. — Seja o que for que ela desejava a vocês quatro, eu acredito que se realizará também.

Antes que alguém comentasse algo, uma batida na salinha me fez virar. Irina entrou com um sorriso, ignorando a expressão chocada dos meus irmãos.

— Está na hora. Os demais podem ir se sentar e deixem para conversar depois. — Sorriu para mim. — Hoje é o seu dia especial onde ficará recordado para sempre.

Rafaelle e Stefano saíram; eu até queria poder ajudá-los com isso,

pois sabia que nenhum pensava em casar um dia, e isso poderia mudar. Rezaria para que acontecesse e eles encontrassem uma boa mulher que os aceitasse como eram.

Luna também saiu com a Irina, me deixando a sós com o Alessandro.

— Você está bem? — sondei.

— Por que não estaria? — Guardou a carta no bolso e mudou de assunto. — Você está linda.

Deixei quieto, se ele não queria falar sobre a mamãe, tudo bem, entendia que doía.

Como não podia olhar o espelho, costume da Itália. Encarei o vestido de gola V que realçava o meu decote de um jeito sexy, pegando minhas curvas, então se arrastava até os pés em uma saia rodada. Cabelos presos no alto da cabeça com fios soltos em ambos os lados do rosto.

— Obrigada. — Me virei para ele, pegando o seu braço estendido.

Seguimos para o corredor e parei na entrada da igreja para esperar o momento certo.

— Não fique nervosa, e pare de olhar para os lados — pediu, apertando o meu braço que estava tremendo.

— Impossível não ficar nervosa, temo que algo aconteça para impedir a minha felicidade. Sabe quando estamos nas nuvens como em um sonho, mas logo acorda e vê que não é real? Eu me sinto assim. — Respirei fundo.

— Mas é real, tudo isso é realidade e não um sonho Jade. — Tocou meu coração. — Nada ou ninguém vai atrapalhar esse dia, então pode ser feliz à vontade.

Sorri.

— Te amo muito. — expirei, assim que a música começou a tocar. — Acho que é a minha deixa.

— Tudo dará certo, só viva feliz. E se isso é ao lado dele, então por mim, tudo bem.

Entramos na igreja toda decorada e cheia de pessoas, mas não liguei menos, já que meu foco estava em Luca todo de preto e perto do altar.

Nesse momento todas as inseguranças sumiram, não que eu tinha com ele, claro, mas com tudo a nossa volta. Com Luca do meu lado, eu seria feliz.

Alessandro me guiou pelo corredor enfeitado e com um carpete vermelho cheios de pétalas de rosas.

— Faça ela feliz, ou vou te mostrar o verdadeiro significado do inferno na Terra antes de mandá-lo para o mundo dos mortos — disse Alessandro em tom baixo, só para que Luca ouvisse e, eu, claro.

Estava preparada para que Luca retrucasse.

— Farei a minha esposa feliz — comentou.

Alessandro assentiu, evidentemente, satisfeito e ficou perto do púlpito de olho em nós dois.

— O que foi isso? — Não podia retrucar o Capo na frente de toda igreja, por isso deixei.

— Veja por esse lado, ele me ameaçou de fazê-la feliz ou me enviaria ao inferno. Só não liguei, porque isso é algo que eu estava pensando em fazer. Fazê-la feliz é a minha meta de marido — sussurrou só para mim. — Vou deixar passar dessa vez.

O padre chamou nossa atenção e nos viramos para ele.

— Estamos aqui para celebrar a união do casal Luca Salvatore e Jade Morelli. — Assim o padre ministrou as nossas falas e nos perguntou se aceitávamos um ao outro.

— Sim — respondeu, mas notei que gostaria de gritar aos quatro cantos.

— Mil vezes sim. — Queria dizer tudo que ele significava para mim, mas como estava entre um monte me mafiosos ridículos, que pensava que o mundo girava em mulheres submissas e nada mais, eu peguei leve. De qualquer modo, eu teria a minha lua de mel com Luca e mostraria tudo o que sentia por ele.

Luca se abaixou e me beijou, e falou nos meus lábios só para mim.

— Sei o que deseja dizer, e apreciarei muito em ouvi-la quando estivermos sozinhos e nus na cama; depois iremos fazer as outras coisas que faltam em sua lista. Agora você é minha e não deve satisfação a ninguém. —

A sua voz me prometia muita diversão.

Apertei minha mão a sua volta, agradecendo aos céus e a minha mãe por ter rezado para que eu tivesse um homem como Luca. No final, Deus ouviu suas preces e a minha.

Teria a vida toda ao lado de Luca onde podia mostrar como eu amava.

Ali começaria o nosso para sempre, e ai daquele que se metesse em nosso caminho.

FIM

Conheça meus outros trabalhos:

Oi meu amor, vou deixar aqui meus livros que são intercalados. Caso queira ler todas as séries em ordem, siga a listagem abaixo. Ainda, nada impede que os livros sejam lidos fora de ordem, ou que as séries sejam lidas separadamente, mas é necessário esclarecer que todos os personagens de todas as series estão de alguma forma relacionados, mesmo que a historia individual de cada casal comece e termine no mesmo livro. ????

?? SHADOW (MC Fênix 1)

?? Kill (MC Fênix 2)

?? VINGANÇA (Príncipes da máfia 1)

?? LOUCO POR VOCÊ (Série Dilacerados 3)

?? MARCAS DA ESCURIDÃO (Série Dilacerados 4)

?? DAEMON (MC Fênix 3)

?? A ESCOLHA (Príncipes da máfia 2)

?? NASX (MC Fênix)

?? O PROTETOR (Príncipes da máfia 3)

?? REDENÇÃO (MC Fênix SPIN OFF)

?? E O ÚLTIMO (O EXECUTOR) Príncipes da máfia 4)

Série Dilacerados
Série MC Fênix
Série Destinos

Série Máfia Destruttore

Siga-me nas redes sociais:

Facebook página: fb.com/EscritoraRomances

Instagram: @autoraivanigodoy

Facebook Grupo:
https://www.facebook.com/groups/667264337406677/

Wattpad: @IvaniGodoy

---

[1] A Koenigsegg é uma marca responsável por fabricar alguns dos mais rápidos e exclusivos superdesportivos do mundo.

[2] Kremlin é uma fortaleza situada no centro da capital russa. Inclui cinco palácios, quatro catedrais e uma muralha com torres. Serve como residência oficial do Presidente da Federação Russa.